U.PORTO

DOUTORAMENTO

ARQUITECTURA: TEORIA, PROJECTO, HISTÓRIA

A igreja na cidade, serviço e acolhimento, arquitectura portuguesa 1950-1975

João Luís Marques

D

2017

volume I

volume 1

Doutoramento
Arquitectura: Teoria, Projecto, História

A igreja na cidade, serviço e acolhimento, arquitectura portuguesa 1950-1975

João Luís Marques

Orientadora
Professora Associada Marta Maria Peters Arriscado Oliveira

Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2017

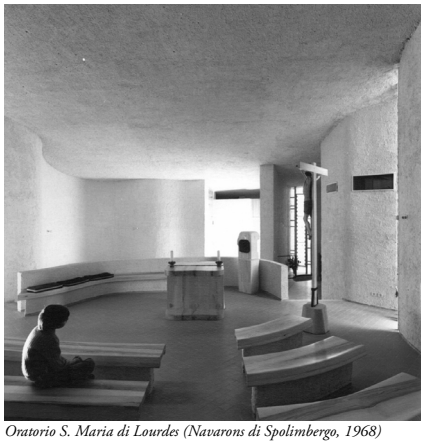
Este trabalho foi desenvolvido com o apoio de bolsa de Doutoramento atribuída pela FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia (referência SFRH/BD/76479/2011)

Por decisão, o autor não escreve segundo o novo Acordo Ortográfico.



Seminário da Boa Nova (Valadares, 1966-1969)

Fernando Abrunhosa de Brito
(1934-2016)



Oratorio S. Maria di Lourdes (Navarons di Spolimbergo, 1968)

Glauco Gresleri
(1930-2016)

AGRADECIMENTOS

À professora doutora Marta Oliveira o meu agradecimento pela partilha generosa do conhecimento, pela imensa capacidade de escuta, pela procura constante da maior clareza de pensamento, pela disponibilidade. Agradeço ainda a confiança, a exigência, a motivação, bem como o gozo do confronto de ideias e partilha de descobertas.

À Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, pela oportunidade de, paralelemente ao desenvolvimento do trabalho de tese, ter acompanhado os alunos na componente prática da unidade curricular História da Arquitectura Portuguesa entre 2012 e 2014. A todo o corpo docente da escola, mas em particular ao do perfil ATPH, agradeço o estímulo constante na investigação em arquitetura na pessoa dos professores doutores Alexandre Alves Costa, Madalena Pinto da Silva, Pedro Alarcão, tal como, Manuel Mendes e João Pedro Xavier, bem como, aos investigadores do Centro de Estudos de Arquitectura e Urbanismo. Agradeço também o acolhimento do Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra, aquando a minha passagem por ali no primeiro ano do doutoramento, destacando o papel do prof. dr. José Fernando Gonçalves, bem como, na período final da tese, do Centro de Estudos de História Religiosa da UCP nomeadamente do professor doutor Paulo Fontes. Estendo também este agradecimento aos colegas do programa de doutoramento da FAUP por tantas conversas e troca de experiências, em especial Alberto Lage, Carla Garrido, Catarina Sampaio, Elisa Pegorin, Sónia Salgueiro e Daniela Sá, Sílvia Ramos e Maria Sofia Santos. Aos alunos, reconheço os desafios que a sua curiosidade me colocou, em particular a Helena Peixoto e Tiago Maciel, em cuja orientação de mestrados participei.

Aos arquitectos Diogo Lino Pimentel e Fernando Abrunhosa de Brito, agradeço a amizade construída ao longo desta tese. Muito obrigado por não se terem cansado de repetir e esclarecer memórias, pelo olhar atento ao tempo presente. Aos dois muito obrigado pelo testemunho de vida.

Aos arquitectos Glauco Gresleri e Giuliano Gresleri agradeço a crença na arquitectura e na história que contaremos dela. Aos companheiros de caminhada que me mostraram aquela outra Bolonha que desconhecia e que, decerto, marcou o percurso de cada uma das nossas teses. Aos arquitectos investigadores estrangeiros que abriram ao trabalho em rede sobre estas temáticas, em particular Claudia Manenti, Esteban Cóbian e Sven Sterken. Partes deste presente trabalho foram realizadas em encontros e visitas ao exterior, nomeadamente a Bolonha para uma semana no 'Dies Domini – Centro studi per l'architettura sacra e la città' (Jun. 2013).

No contexto nacional, em que esta tese radica, reconheço o contributo dos arquitectos com quem tive a oportunidade de conversar. Recordo a generosidade, com que reviveram memórias passadas, por vezes quase esquecidas, lançando novas pistas à investigação. Porventura esquecendo alguém, recordo Albano Seara Moura, Álvaro Siza, António Madureira, Carlos Carvalho Dias, Eduardo Hilário, Fernando Seabra, Filipe Mário Lopes, João Hermenegildo Pestana, José Quintão, Luiz Cunha, Nuno Portas.

Agradeço igualmente os depoimentos recolhidos junto de familiares e amigos de arquitectos com quem já não tive oportunidade de privar, Alfredo Moreira da Silva, António Barbosa de Abreu, António Corte Real, Armando Alves Martins, Fernando Távora, Mário Morais Soares, Raul Lino, Vasco Regaleira – a todos muito obrigado por lembrarem a forma apaixonada com que viviam a prática de atelier, o gosto pela arquitectura e pelas artes. Aos familiares de Agostinho Ricca, Octávio Lixa Filgueiras (filhos Miguel e Carlos Filgueiras) e Raul Lino um especial obrigado. Lembro o desafio estimulante que foi a preparação das comemorações do centenário do nascimento do arquitecto Agostinho Ricca, que merece ser aqui recordado. À Helena Ricca e a toda equipa, muito obrigado.

Recordo o trabalho em arquivos, depositários de património de valor essencial à preservação da memória e à nossa investigação, bem como as pessoas que, de forma simpática e generosa, ali nos acolheram. Em particular a FIMS (dra. Paula Abrunhosa e eng. João Ferreira Alves, pelos desenhos e escritos de Fernando Távora e Marques da Silva); o CDFAUP (dra. Teresa Godinho e a visita guiada aos fundos de Manuel Vicente, Viana de Lima, Januário Godinho, Celestino Castro, Mário Abreu, e dos trabalhos escolares); o Arquivo da FBAUP (dra. Isabel Barroso, pela orientação na consulta do arquivo da ESBAP das décadas de 1950 e 1960); o CD25ABRIL (drs. Natércia Coimbra e José Carlos Patrício, pela transcrição digital da fita magnética que nos revelou a voz e o pensamento de Fernando Távora e Hermann Baur, em 1958); a Casa da Imagem da FML (Inês Azevedo e Joana Mateus, pela disponibilização dos registos fotográficos de Teófilo Rego para a presente tese); os arquivos municipais de Lisboa e Porto (dra. João Paulo Lopes e Helena Gil Braga e orientação do arq. Luís Aguiar Branco) e também de outros concelhos (Cascais, Vila Nova de Gaia, Oeiras, Chamusca, Entroncamento, Penafiel, Santo Tirso) onde encontrámos tantos dos projectos que suportam e ilustram a tese. Neste contexto há que relevar a importância dos arquivos da Igreja, centrais para esta investigação, onde encontrámos muitos projectos que não chegaram às instâncias municipais; em particular o SNIP, mas também os do Patriarcado de Lisboa e das dioceses de Santarém (dra. Alexandra Xisto) e Setúbal, tal como, da do Porto (dr. João Carlos Paz e Belmiro da Costa Pinto); no Porto, devo ainda referir o d'A Voz Portucalense e (em particular do testemunho dos drs. João Alves Dias e Teixeira Coelho). Reconheço também os contributos isolados que enriqueceram o material recolhido nesta tese.

O trabalho de investigação e estudo passou por diversas outras instituições. Recordo a amabilidade com que sempre fui recebido nas bibliotecas da FAUP (dr. Nuno Martins, Pedro Moreira, Susete Maia e Anízio Aguiar), Municipal de Torres Novas, dos Seminários Maiores de Coimbra e do Porto, Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, Biblioteca da Universidade Católica Portuguesa, Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian.

Um agradecimento geral é devido a todos os leigos, párocos e congregações religiosas que no périplo pelas muitas capelas, igrejas, salões, centros paroquiais e sociais visitados nos receberam, por vezes com surpresa, mas sempre disponíveis para dar a ajuda possível. Neste âmbito não posso esquecer o apoio recebido nas paróquias cujos edifícios são casos de estudo desta tese. A D. Manuel Clemente, D. Manuel Martins e D. António Azevedo agradeço a disponibilidade e interesse pelo temas, manifestado nas

conversas tidas. A todos aqueles com quem me cruzei partilhando o entusiasmo por estas matérias, e aos que contribuíram para o trabalho que aqui se apresenta, obrigado.

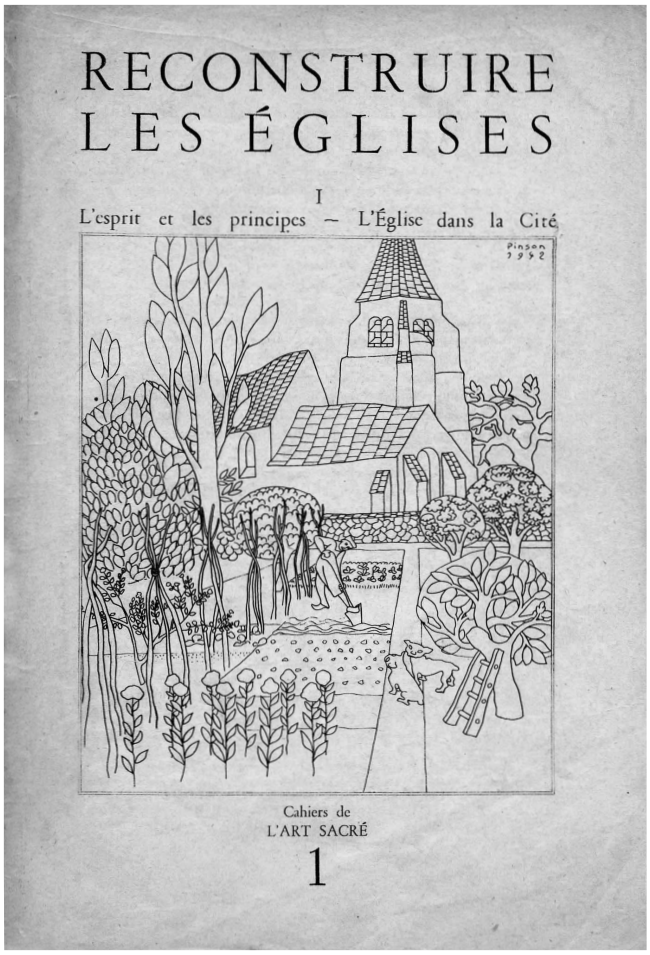
À Helena, ao Pedro e à Joana pela ajuda na edição do trabalho, em cuja revisão colaboraram também o João, o Zé Carlos e o Rui. À Conceição e ao Miguel agradeço o auxílio nas traduções.

Aos amigos de longa data e aos mais recentes, aos do Bairro e aos do Átrio, pelo apoio e pela presença na minha ausência.

Aos compadres e à família, um agradecimento sincero, pelo suporte e pela ajuda.
Aos meus pais e à Maria Rita, por tudo.

À Ana, por me mostrar uma visão mais humana da vida.
À Madalena e Maria, pela vida que não cabe em cada um nós!





a.

a. 'O espírito e os princípios - A Igreja na Cidade', revista *L'Art Sacré*, nº1, (Jul.Set.1945).

ÍNDICE

volume 1

AGRADECIMENTOS iii

ÍNDICE vii

RESUMO **xv**
ABSTRACT

INTRODUÇÃO **xix**

1. ARTE VIVA

1.1. O pedido **7**
Pastoral sobre Arte Sacra (1953)
1.1.1. 'Ser uma igreja, ser uma igreja moderna, ser uma igreja moderna bela' 15
1.1.2. Da reprovação da 'arte falsa' à 'arte viva' 21
1.1.3. A presença urbana da Igreja – ser realmente e 'parecer evidentemente' 26
1.1.4. Cristianizar a paisagem 27
Monumento a Cristo Rei
1.1.5. 'Coerência com o ambiente, com a cultura, com o sentimento popular' 33
1.1.6. Unidade 'renascimento contemporâneo da liturgia' 35
1.1.7. Simplicidade e sobriedade 39
1.1.8. 'Modernidade e Tradição' 41
1.1.9. Novidade e estagnação 45
1.1.10. A obra construída 47

1.2. O grito **52**
Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea (1953)
1.2.1. 'Pureza, Verdade, Pobreza e Paz' 55
1.2.2. Aprender com a arquitectura 59
Igreja da Sagrada Família (Entroncamento, 1937-1940) Ruy de Andrade 62
1.2.3. 'Novos dados da vida, da técnica e do pensamento' 69
1.2.4. 'Atropelos à ética da arquitectura' – a denúncia 71
Convento de Cristo Rei (Porto, 1950-1954) arqs. Eduardo Martins e Manuel P. Júnior 78
1.2.5. Arte moderna e funcionalismo litúrgico – a resistência 83
Revista Flama
1.2.6. Experiências internacionais 93
1.2.7. Primeiros projectos de renovação em Portugal 102

1.3 A 'vida' e a 'verdade' – um encontro na renovação da arte e arquitectura **110**

volume 1

2. FORMAR COMUNIDADES

LISBOA

2.1. Da arte viva à cidade: 117
do centro às periferias

2.1.1. Enaltecer a identidade nacional de matriz cristã 121
Exposição do Mundo Português (1940)
VIII Centenário da Tomada de Lisboa aos Mouros (1947)

2.1.2. 'Deus, Pátria e Família' – igreja, escola e casa: 125
memória de práticas urbanísticas e vivências urbanas
Lisboa de hoje e de amanhã (1948)
Quinta das Furnas | Quinta da Calçada | Alvalade | Encarnação

2.2. (re)Construir o Patriarcado 136

2.2.1. Os problemas identificados 137
Ajuda e Bairro da Liberdade
Centro Social do Alto da Serafina (Lisboa, 1957-1961) arqs. Nuno T. Pereira e João B. Reis 140

2.2.2 'A tua decisiva protecção' 143
Amadora e Feijó

2.3. Conhecer a população: 146
a primeira sondagem à prática dominical do Patriarcado (1955)

2.3.1 Fortes movimentos migratórios do campo para a cidade 149
e o abandono das zonas centrais

2.3.2 Assistência e o poder atractivo das 'igrejas novas' 153

2.4. Redesenhar limites: 159
a remodelação paroquial de Lisboa (1957-1959)

2.4.1. Dimensionamento 161

2.4.2. Delimitação 165

2.4.3. A localização das igrejas 169

2.4.4. Património existente e proposto 173
Santa Apolónia | Arripiado

2.4.5. O centro nos estudos preliminares 177
S. Domingos – 'confessionário e púlpito' nas zonas centrais
S. Nicolau – anexos e extinção de paróquias
Sagrado Coração de Jesus – o novo centro de escritórios

2.4.6. Paróquias recentes - o desdobramento social 185
'Igrejas modestas' e 'igrejas esmeradas'
Santo Condestável - S. João Bosco
Santo António de Campolide - S. Vicente de Paulo
São Francisco Xavier - Restelo Sul [Pontinha] | Caselas e Caramão da Ajuda
Benfica | Quinta das Furnas |Belavista e Calçada

2.4.7. Centros cívicos 194
São Francisco de Assis | Santa Clara
Restelo | S. Sebastião | Olivais Sul

2.4.8. O programa - visto no plano de dimensionamento 199
Santa Isabel | Senhora do Amparo de Benfica
S. Sebastião da Pedreira | Santos Reis Magos
Arroios | Sagrado Coração de Jesus

2.5.	**'Presença cristã na metrópole portuguesa'**	**208**
	Chiesa e Quartiere (1960)	
2.5.1.	A igreja nos bairros da periferia à imagem das cidades satélites	213
	Portela de Sacavém | *Nova Oeiras* | *Vale de Algés* | *Carnaxide*	
	Centro Cívico da Urbanização SOLÁTIA (Oeiras, 1963-1965) arq. Ruy Jervis Athouguia	222
	DEBATE INTERNACIONAL	
2.6.	**Da 'alma' ao 'core' da cidade**	**231**
	L'Art Sacré | *CIAM 8* | *Dieci anni di architettura sacra in Italia*	
	PORTO	
2.7.	**As paróquias nas zonas de crescimento:**	**245**
	a provisão de igrejas nas zonas residenciais e industriais	
	SS. Sacramento | *Senhora da Conceição - Marquês* | *Santo António - Antas* | *Carvalhido*	
	Campo Alegre e Marechal Gomes da Costa | *Rebordães e Ramalde*	
2.8.	**Unidades de vizinhança e igrejas:**	**250**
	Plano Regulador da Cidade (1952)	
2.9.	**Relação Igreja-Município**	**251**
2.9.1.	'Catedral humana'	259
	Bairro das Sobreiras (Out. 1955)	
2.10.	**Cidades dentro da cidade**	**263**
2.10.1.	A igreja na periferia industrial	263
	Senhora da Hora	
	Igreja paroquial Senhora da Hora (Matosinhos, 1953-1963) arq. A.Barbosa de Abreu	268
2.10.2.	A igreja no centro	272
	São Martinho de Cedofeita	
2.10.3.	A igreja na universidade	279
	Campo Alegre e S. João	
2.11.	**Pensar a cidade:**	**281**
	Plano Director da Cidade do Porto (1962)	
2.11.1.	A proposta de remodelação pós conciliar	286
	Conventos, igrejas e casas de comunidades religiosas na cidade	
	Nossa Senhora da Boavista | *Cristo Rei* | *Areosa* | *Amial*	
	Nossa Senhora de Fátima | *Firmeza* | *Foz*	
	Pequenas comunidades	
	Francos | *Viso*	
	Senhora do Porto | *Amial* | *Azevedo*	
2.11.2.	Da capela do bairro à 'paróquia sob a rajada do urbano'	295
	Nossa Senhora da Ajuda	
	Capela P [Bairro da Pasteleira] (Porto, 1963-1965) arq. Vasco Mendes	300

volume 1 **3. EQUACIONAR PROGRAMAS**

3.1. Dimensões do serviço assistencial **309**
3.1.1. 'Construção modesta' 311
Centro Social da Sé (1963) e do Barredo (1961)
3.1.2. 'Catedral social' 316
Centro de Caridade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro (1962-1970)

3.2. Salão Paroquial – promover encontro: da componente recreativa e lúdica, à vida comunitária **323**
3.2.1. 'Centro de vida para a comunidade' 329
Centro Paroquial de Matosinhos (1956-1962)
3.2.2. 'Atitude de humildade do arquitecto' 333
Salão paroquial dos Remédios (1956)

3.3. Casa da comunidade – 'grande lar cristão' **335**
Da Confraria à Casa Paroquial do Carvalhido (1950-1952)

3.4. 'Programa de uma igreja paroquial nova' **339**
S. João de Brito e o cruzamento de experiências europeias (1955)

3.5. Da igreja e seus anexos ao centro paroquial **345**
Exigências da Paróquia Moderna (1954)
A publicação das 'Directivas' litúrgicas alemãs (1955)

3.6. Crítica ao 'Programa-Tipo' à luz do Concílio **351**
Do concurso do Sagrado Coração de Jesus (1958-1962)
aos estudos para S. Sebastião da Pedreira (1967-1971)
Centro Paroquial S. Sebastião da Pedreira (Lisboa, 1967) *arqs. Nuno T. Pereira e Nuno Portas* 356

3.7. A divulgação nacional de modelos e propostas **367**
Campanha 'Novas Igrejas do Patriarcado'
Capelas provisórias
Capelas salão e igrejas
Adaptação de igrejas existentes
Igrejas em edifícios de habitação
Igreja de Cristo Rei de Algés (Oeiras, 1969-1977) *arq. António Flores Ribeiro* 390
Descentralização das estruturas paroquiais

4. DEBATE – PUBLICAÇÕES E CONCURSOS **volume 2**

4.1. Projecção internacional do debate arquitectónico português: 403
Chiesa e Quartiere (1968) e ***ARA*** (1970)

4.1.1. 'arquitectura que é possível fazer' fruto da 'compatibilidade circunstancial' 415
Ensaio crítico 'Programas e Arquitectura' de Pedro Vieira de Almeida

4.2. Concursos de esbocetos para novas igrejas: 434
Damaia (Amadora, 1968) **e de Olivais Sul** (Lisboa, 1970)

4.2.1. A cidade não planeada, o centro improvisado – Damaia 435
A proposta vencedora de *Nuno San Payo*

4.2.2. Os centros, a previsão dos equipamentos – Olivais Sul 447
'Do realismo das nossas incertezas'
Concurso: premissas e programa
As propostas concorrentes
Filipe Mário Lopes
Germano Lopes Venade
Fernando Abreu Marques da Fonseca
Manuel Vicente
'Arquitectura-para-a-apropriação' – A proposta de *Pedro Vieira de Almeida* 471

5. ESCOLA – ATELIER – IGREJA E CIDADE

PERCURSOS

5.1 Carlos Ramos 490

5.1.1. II Exposição Magna ESBAP (Out.1953) 493
Afurada | Barredo

5.1.2. Exposição de homenagem a Marques da Silva (Dez.1953) 503

5.2. Agostinho Ricca 508

5.2.1 Do percurso académico 508

5.2.2. Estudos para o Campo Alegre 511

5.2.3. Do contacto internacional ao regresso à Escola 513

5.2.4. Monte da Virgem: a primeira encomenda religiosa 517

5.2.5. Parque Residencial: Nossa Senhora da Boavista 523

5.3. Fernando Távora 530

5.3.1. Estudos para a Marechal Gomes da Costa 531
Um dos primeiros trabalhos na CMP

5.3.2. O arquitecto e professor, no MRAR e na Escola 537
Exercícios de projecto e encomendas reais
Características da arquitectura religiosa meridional (1958)

5.3.3. Trabalhar com a comunidade 548
O Barredo e a Obra Diocesana de Promoção Social

volume 2

5.4. Octávio Lixa Filgueiras **557**

5.4.1. Dos trabalhos académicos 559
O exercício de São Martinho de Cedofeita

5.4.2. Os primeiros trabalhos, do 'urbanismo rural' à encomenda real 560
CODA, CIAM e as pequenas obras

5.4.3. O início da actividade pedagógica 571
O exercício da igreja de Várzea do Douro (1959-1960)

5.4.4. Concursos e provas 581
Testemunhos de um júri e de um concorrente
Concurso a lugar de professor (1962)

5.5. Fernando Abrunhosa de Brito **591**

5.5.1. Do período de formação 592

5.5.2. Primeiros trabalhos 593
Inquérito em Cedofeita e as remodelações de igrejas

5.5.3. A aproximação ao Padrão da Légua 595

5.5.4. A capela provisória
A garagem adaptada a capela 601

5.5.5. O eco do Padrão no MRAR e SIR – dinâmicas partilhadas 602
Uma exposição

5.5.6. Da 'unidade de promoção social' à 'casa comum' 613
O projecto da prova CODA

CONSIDERAÇÕES FINAIS **625**

ANEXOS

Documentos da hierarquia eclesiástica

1 Pastoral sobre Arte Sacra (8.Mar.1953) 635
D. Manuel Gonçalves Cerejeira

2 O grave problema das igrejas no Patriarcado de Lisboa (15.Dez.1959) 639
D. Manuel Gonçalves Cerejeira

3 A grande chaga do nosso tempo, que é proletarismo, temos de a curar. (Set.1955) 647
D. António Ferreira Gomes

4 Homília (28.Jan.1973) 650
D. António Ferreira Gomes

Documentos MRAR

5 Conferência 'Paróquia e Urbanismo' (10.Jun.1955) 653
arqs. Nuno Teotónio Pereira e José Pedro Martins Barata
transcrição de manuscrito
Arquivo FCG-MRAR

6 Conferência 'Características da arquitectura religiosa meridional' (3.Jan.1958) 657
arq. Fernando Távora
transcrição de áudio
Arquivo SNIP/ CD25ABRIL

7 Conferência 'A arquitectura religiosa cristã e a sua evolução' (3.Jan.1958) 667
arq. Hermann Baur
transcrição de áudio
Arquivo SNIP/ CD25ABRIL

8	Artigo 'Programas e Arquitectura' (1968) arq. Pedro Vieira de Almeida *para a revista Chiesa e Quartiere, não publicado* *Arquivo SNIP*	672	**volume 2**
9	Cronologia MRAR	681	
10	Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea *Arquivo FCG-MRAR*	697	
	Documentos SNIP		
11	Estatutos do Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado SNIP (1961)	708	
12	Programa de construção de Novas Igrejas (1966)	710	
13	Campanha 'Novas igrejas do Patriarcado' (1968-1974)	714	
	Outros		
14	Diapositivos		
	'Espírito na Arquitectura' (1935) arq. Raúl Lino	720	
15	Filmes		
	'Lisboa de Hoje e Amanhã' (1948) António Lopes Ribeiro	723	
	'Cristo sobre o Tejo' (195-) Armando da Silva Brandão		
16	Listagem de obras	729	
17	Projectos		
	Igreja Santo Condestável (1946-1951) arq. Vasco Regaleira - *Arquivo AML*	742	
	Igreja S. João de Deus (1950-1955) arq. António Lino - *Arquivo AML e SNIP*	744	
	Igreja S. João de Brito (1951) arq. Vasco Regaleira - *Arquivo AML*	746	
	Igreja S. João de Brito (1960-telas finais) arq. Vasco Regaleira - *Arquivo AML*	748	
	Capela provisória I (c.1960) *Arquivo SNIP*	750	
	Capela provisória II (1965) arq. Diogo Lino Pimentel - *Arquivo SNIP*	751	
	Concurso Igreja da Damaia (1968) arq. Filipe Mário Lopes - *Espólio Particular*	752	
	Centro S. Sebastião (1970) arqs. Nuno Teotónio Pereira e Nuno Portas - *Arquivo AML*	753	
	Seminário Seráfico dos Frades Menores Capuchinhos (1969-1972) arq. Joel Santana – *Arquivo AML*	754	
18	Freguesias e paróquias de Lisboa, divisão paroquial (1959)	756	
19	Artigos do autor publicados		
	«The church in the city: The churchyard in Parish Church Complexes - 3 Case Studies» *6º European Symposium on Research in Architecture and Urban Design EURAU 12* (Porto: 2012).	758	
	«Entre lo provisional y lo definitivo: Experiencias de las capillas-salón del Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado de Lisboa» *Actas del Congreso Internacional de Arquitectura Religiosa Contemporánea 3*, (Sevilha: 2013).	771	
	«Senhora da Boavista, a Church by Agostinho Ricca for the 21st Century Lisboa» *14th Internacional DOCOMOMO Conference Proceedings*, (Lisboa: 2016).	781	
	CRÉDITOS DAS IMAGENS	**787**	
	REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS	**799**	

LISTA DE ACRÓNIMOS

ARA revista Arte Religioso Actual
CADC Centro Académico de Democracia Cristã
CIAM Congresso Internacional da Arquitectura Moderna
CCC Cineclube Católico
CML Câmara Municipal de Lisboa
CMP Câmara Municipal do Porto
CCNSPS Centro Caridade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro
CODA Concurso de Obtenção do Diploma de Arquitecto
Ch+Q revista Chiesa e Quartiere
DGEMN Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais
DGT Direcção Geral do Território
EPUL Empresa Pública de Urbanização de Lisboa
EARC Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea
EBAL | ESBAL Escola (Superior) de Belas Artes de Lisboa
EBAP | ESBAP Escola (Superior) de Belas Artes do Porto
FCG Fundação Calouste Gulbenkian
GTH Gabinete Técnico de Habitação
IARP Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa
ICAT Iniciativas Culturais Arte e Técnica
JEC Juventude Estudantil Católica
JOC Juventude Operária Católica
JUC Juventude Universitária Católica
MOP | MOPC Ministério das Obras Públicas (e Comunicações)
MRAR Movimento de Renovação da Arte Religiosa
OA Ordem dos Arquitectos
ODAM Organização dos Arquitectos Modernos
RIBA Royal Institute of British Architects
SAAL Serviço de Apoio Ambulatório Local
SIR Secretariado de Informação Religiosa
SNA Sindicato Nacional dos Arquitectos
SNI Secretariado Nacional de Informação
SNIP Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado

Arquivos | Espólios

ADP - Arquivo Diocesano do Porto
ADS – Arquivo Diocesano de Santarém
ADUP - Arquivo Digital da Universidade do Porto
AMC - Arquivo Municipal de Cascais
AMG - Arquivo Municipal de Vila Nova de Gaia
AML - Arquivo Municipal de Lisboa
AML-RJ, Ruy Jervis Athouguia
AMO - Arquivo Municipal de Oeiras
AMP - Arquivo Municipal do Porto
AR - Arquivo Agostinho Ricca
CD25ABRIL - Centro de Documentação 25 de Abril da Universidade de Coimbra
CDFAUP - Centro de Documentação Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto
CDFAUP-CC, Celestino Castro
CDFAUP-VL, Viana de Lima
FAB - Espólio Fernando Abrunhosa de Brito
FCG - Fundação Calouste Gulbenkian
FCG-CS, Cristino da Silva
FCG-MN, Mário Novais
FCG-MRAR, Movimento de Renovação da Arte Religiosa
FCG-RL, Raul Lino
FIMS - Fundação Instituto Marques da Silva
FIMS-FT, Fernando Távora
FIMS-MSMS, Marques da Silva- Moreira da Silva
OLF Espólio Octávio Lixa Filgueiras
FML Fundação Manuel Leão
FML-TR, Teófilo Rego

RESUMO

'A igreja na cidade, serviço e acolhimento,
arquitectura portuguesa 1950-1975'

Perante as transformações no tecido urbano e social no terceiro quartel do século XX, procura o presente estudo problematizar a presença 'da igreja entre os homens', integrando a produção das variadas expressões e programas da arquitectura religiosa católica moderna em Portugal na discussão da construção de uma cidade mais justa e humana.

Arte Viva - Formar Comunidades - Equacionar Programas é o alinhamento que propomos para o estudo. Partimos do modo como a Igreja se apresentou e se fez representar no espaço público procurando ir, cada vez mais, ao encontro das pessoas e das diferentes comunidades, urbanas e rurais. O forte crescimento das duas maiores cidades, Lisboa e Porto, conduziria ao redimensionamento e à criação de novas paróquias, processos que, não sendo alheios à personalidade dos destacados líderes religiosos e a sua diferente postura face à arte, ao poder político e ao entendimento da questão social, acompanharam o debate disciplinar da revisão do movimento moderno. Face às carências identificadas, e à constante problematização, ainda hoje actual, da função da 'igreja na cidade', encontramos um património arquitectónico, construído ou não, de experiências diversificadas mas pouco consideradas no campo da história da arquitectura que procuramos com a presente tese recuperar. *'Debate – Publicações e Concursos'* e *'Escola – Atelier – Igreja e Cidade'* revela casos de estudo capazes de dar, conjuntamente, uma panorâmica bastante completa do modo como a discussão da arquitectura religiosa, para lá das questões litúrgicas e pastorais, se faz articular com o desenho urbano e com a participação das comunidades.

Sublinhe-se a importância da rede alargada de relações entre os protagonistas do debate, que identificamos também nas relações entre as próprias obras ou propostas. Deste estudo ressaltam características marcantes da arquitectura religiosa do período em análise, seja a elevada qualidade conseguida até em soluções simples e económicas, pensadas tantas vezes como temporárias, mas que permanecem a desafiar o tempo e a servir, seja a evolução de uma visão de igreja-templo, a afirmar a presença da Igreja na Cidade, ou a alternativa de espaço quase doméstico, quase familiar, também ele ao serviço das comunidades, da cidade.

ABSTRACT

'The church in the city, service and welcome,
Portuguese architecture 1950-1975'

The aim of this study is to discuss the role of the church in the city in the context of Portugal's mid-twentieth century urban and social transformations by showing how various modern Roman Catholic church architecture buildings and programs have contributed to the debate toward a more just and humane society.

The study is divided into three main chapters: *Living Art – Building Communities – Equating Programs*. It starts by articulating how the Catholic Church has acted in the public space, trying to meet the needs of individuals and different urban and rural communities. The strong growth of Portugal's two main cities, Lisbon and Porto, has led to both the resizing and building of new parishes. Not only were these two processes not alien to outstanding religious leaders and their approach to art, political power and the social question debate, but they were also influenced by the debate on rethinking the modern architecture movement. Despite the identified deficiencies and the (still) ongoing discussion on the function churches play in cities, there is a legacy of diverse buildings and projects which have rarely been considered in the history of architecture. The present study seeks to recover this legacy. Sections '*Debate – Publications and Competitions'* and '*School – Office – Church and City*' reveal case studies which combined give quite a broad view on how, beyond liturgy and pastoral, religious architecture interacts with urban design and community involvement.

Particularly noteworthy is the wide network of relationships not only amongst protagonists but also amongst buildings and projects themselves. The architecture's most striking features are its high quality, even in simple and economical solutions which keep defying time despite their once temporary intent; its evolution beyond the 'church as temple' notion of claiming presence in the city to an almost domestic, familiar space to serve communities and the city itself.

Introdução

"Vemos, ouvimos e lemos
não podemos ignorar."
Sophia Mello Breyner (1968)[1]

O presente estudo "A igreja na cidade, serviço e acolhimento, arquitectura portuguesa 1950-1975" procura contribuir para o conhecimento da produção de arquitectura religiosa católica moderna em Portugal, integrando-a na discussão da cidade e da revisão do movimento moderno. O trabalho abrange o terceiro quartel do século XX, um período de transformações profundas tanto na política e sociedade portuguesas, como na própria Igreja.

Os estudos anteriores que até há pouco tempo compunham o estado da arte propunham uma leitura global em que a arquitectura religiosa moderna realizada no nosso país apenas pontualmente aparecia, sobretudo associada a obras isoladas de qualidade excepcional. Essas realizações, encaradas como expressão e reflexo do seu tempo, estavam preferencialmente ancoradas em referências estrangeiras modernas ou eram afirmações de uma nova arquitectura sensível ao contexto do lugar, num quadro alternativo aos modelos mais divulgados durante o Estado Novo.[2] A proximidade da Igreja ao regime não facilitava a leitura do edificado religioso como motor de transformação dos novos quadros urbano e social, sendo-lhe atribuída pouca relevância no campo de estudo que tratamos.

A publicação resultante do Inquérito à Arquitectura do Século XX em Portugal[3] reforçava esta nossa convicção, uma vez que, em relação a estudos académicos contemporâneos e que são dos mais significativos nesta área[4], pouco avançava na divulgação de património religioso de expressões diversas.

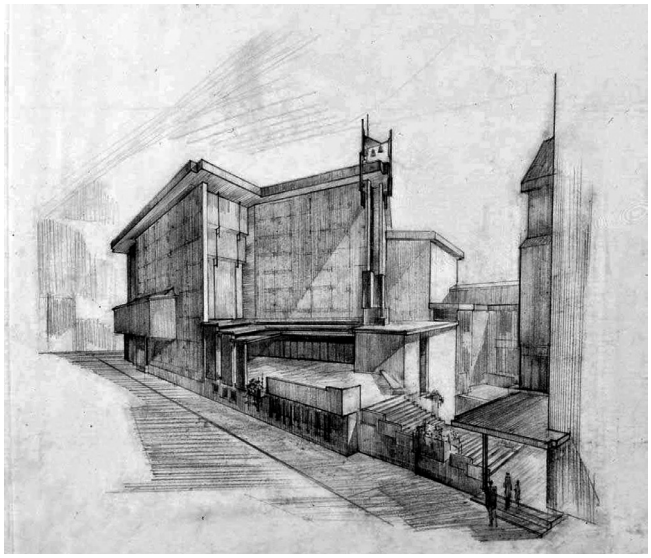
---

[1] Verso redigido por Sophia para a Vigília da Paz celebrada na igreja de S. Domingos a 31 de Dezembro de 1968. O poema então redigido foi musicado por Francisco Fanhais – 'Cantata da Paz'.

[2] Ana Tostões, *Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50* (Porto: FAUP publicações, 1997).
José Manuel Fernandes, «Arquitectura religiosa», em *A Igreja e a Cultura Contemporânea em Portugal*, ed. Manuel Braga da Cruz e Natália Correia Guedes (Universidade Católica Editora, 2000), pp.11-41.

[3] *IAPXX - Inquérito à Arquitectura do Século XX em Portugal* (Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2006).

[4] Alberto Jorge Estima, «Arquitectura Religiosa em Portugal na Época Contemporânea: 1936-1996 [Tese de Doutoramento em História da Arte, FLUP]» (Universidade do Porto, 2005).
Elisário Miranda, «Arquitectura e Liturgia em Portugal (1926-1974), [Provas de aptidão pedagógica e capacidade científica, EAUM]» (Universidade do Minho, 2005).





b.

b. Sagrado Coração de Jesus (Lisboa,1962), *Arquivo MRAR*
Reunião do MRAR (1958) José Escada, *Arquivo MRAR*
Madalena Cabral, Flórido de Vasconcelos, José Maya Santos, Diogo Lino Pimentel,
António Freitas de Leal, António Lino, Nuno Teotónio Pereira, Manuel Cargaleiro e José Escada.

Excepção seja feita para o contributo do Movimento de Renovação da Arte Religiosa, por todos reconhecido, cujo trabalho vem sendo alvo de sucessivos estudos[5]. O MRAR tem vindo a despertar o interesse da historiografia que, no âmbito do estudo alargado da obra de protagonistas seus, como Nuno Teotónio Pereira[6], João Correia Rebelo[7], Luiz Cunha[8], a que poderíamos ainda juntar Nuno Portas[9] e Fernando Távora[10], vem colocando em relevo o contributo desses autores no campo da arquitecura religiosa. A recente tese de doutoramento "O MRAR e os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal no século XX" de João Alves da Cunha (FAUTL, 2014), aprofundou o conhecimento sobre a dinâmica do movimento e do debate por ele gerado, enquadrando o MRAR na teia de movimentos ou organismos europeus congéneres, procurando dar visibilidade a obras de outros membros para além dos acima nomeados. O trabalho de João de Almeida, António Freitas Leal, Diogo Lino Pimentel, Erich Corsépius mereceu ali especial destaque, a par de um conjunto de obras dispersas de diversos autores que foram objecto de trabalho e discussão no espaço daquele movimento.

De forma complementar a tese de doutoramento "Liturgia e Arquitectura - pensar um lugar para a liturgia: o aggiornamento como programa" de Bernardo Miranda (FAUP, 2014) procurou, a partir de experiências internacionais, relevar a importância e originalidade da experiência cristã, tão trabalhada pelo movimento litúrgico, para a organização contemporânea de novos espaço para o culto.

---

[5] José Carlos Pereira, «O Movimento de Renovação da Arte Religiosa – O complexo paroquial do Sagrado Coração de Jesus, », *Revista Arte e Teoria*, nº1, 2000, pp.111-131.
José Carlos Pereira, «O Movimento de Renovação da Arte Religiosa e o papel artístico e pastoral do seu Boletim», *Lusitania Sacra*, 2ª série, nº12, 2000, pp.431-438.
Octávio Carmo, «Movimento de Renovação da Arte Religiosa: o espírito de uma experiência inovadora [Dissertação de Licenciatura, FTUCP]» (Universidade Católica Portuguesa de Lisboa, 2002).

[6] Ana Tostões (coord), *Arquitectura e Cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira,* (Lisboa: Quimera, 2004).

[7] João Paulo Martins, «A renovação da arquitectura religiosa», em *João Correia Rebelo um arquitecto moderno nos Açores* (Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano de Cultura, 2002), pp.53-69.

[8] Paulo Miranda (coord), «Luis Cunha, Arquitecto/Artista/Professor – Architect/Artist/Professor», *Archinews*, edição especial 03, 2012. Publicação realizada por ocasião da entrega do seu espólio de arquitectura ao ISCTE-IUL.

[9] *Ser urbano no caminho de Nuno Portas* (Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2012).

[10] José Bandeirinha, ed., *Fernando Távora Modernidade Permanente* (Guimarães: Casa da Arquitectura, 2012).
Manuel Mendes, ed., *Sobre o «projecto-de-arquitetura» de Fernando Távora* (Porto: Reitoria da Universidade do Porto, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva, 2015).

No contexto português há ainda que considerar as investigações no campo da História Religiosa Contemporânea que, focando-se nas relações Igreja-Estado, vêm reconhecendo as tensões internas dentro da Igreja, nem sempre consentânea com a política ditatorial, como força motora e pré-democrática na transformação da sociedade moderna.[11]

A tese que agora se apresenta não surge assim como trabalho isolado, mas ante tem em conta essas múltiplas abordagens procurando, a partir do estudo da arquitectura portuguesa, contribuir para a reflexão mais alargada sobre a expressão da presença da Igreja entre os homens.

O nosso programa de trabalho apresentado em 2011 para esta tese propunha "retraçar a relação igreja-cidade, a partir da evolução do 'complexo paroquial', destacando os principais centros de reflexão e produção da arquitectura religiosa da Europa e Portugal na segunda metade do séc. XX. A par da renovação litúrgica, a criação do complexo paroquial é também recuperação da '*domus ecclesia*', expressão de serviço da comunidade religiosa à cidade. A nova monumentalidade, a humanização da arquitectura e o sentido comunitário, temáticas abordadas pela disciplina nos anos 50, ecoariam de múltiplas formas nestes equipamentos participantes da construção física e social da cidade."

As primeiras pesquisas acerca dos complexos paroquiais, motivadas por participações em congressos, conduziram ainda nesse ano ao Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado (SNIP), cujo arquivo corrente reunia peças desenhadas e escritas de mais de 250 processos relativos ao trabalho de planeamento, construção e adaptação de igrejas em paróquias da actual diocese de Lisboa.[12] A consulta, acompanhada e orientada pelo arquitecto Diogo Lino Pimentel, antigo membro do MRAR e responsável do SNIP desde a sua fundação em 1961, tornaram possível uma entrada

[11] Paulo Oliveira Fontes, «O Catolicismo português no século XX: da separação à democracia», em *História Religiosa de Portugal - Religião e secularização (vol.3)*, ed. Carlos Moreira Azevedo (Círculo de Leitores, 2002).
Manuel de Pinho Ferreira, *A Igreja e o Estado Novo na obra de D. António Ferreira Gomes* (Porto: Fundação SPES, 2004).
João Miguel Almeida, *A oposição católica ao Estado Novo 1958-1974* (Edições Nelson de Matos, 2008).
Irene Flunser Pimentel, *Cardeal Cerejeira - o Príncipe da Igreja* (Lisboa: A Esfera dos Livros, 2010).

[12] O trabalho do SNIP iniciado em 1961 cobria as actuais áreas das dioceses de Lisboa, Santarém e Setúbal.

progressiva naquele universo de projectos. Nas muitas visitas e conversas que se sucederam foram-se abrindo pastas. Primeiramente as dos projectos mais conhecidos da cidade; depois, progressivamente, dos 'também interessantes', dos curiosos, dos experimentais, dos 'sem especial graça' e até daqueles de que já não havia lembrança – fossem os projectos na capital, na região saloia, na lezíria ou na margem sul do Tejo. Este longo processo, pontuado pela organização dos 'Passeios pelas igrejas do Patriarcado' (2013 e 2014) e das 'Jornadas de Arte e Liturgia' (2015 e 2016) foi possibilitando uma visão cada vez mais alargada da documentação cujo conhecimento se revelaria essencial para a selecção dos temas que estudámos e agora apresentamos.

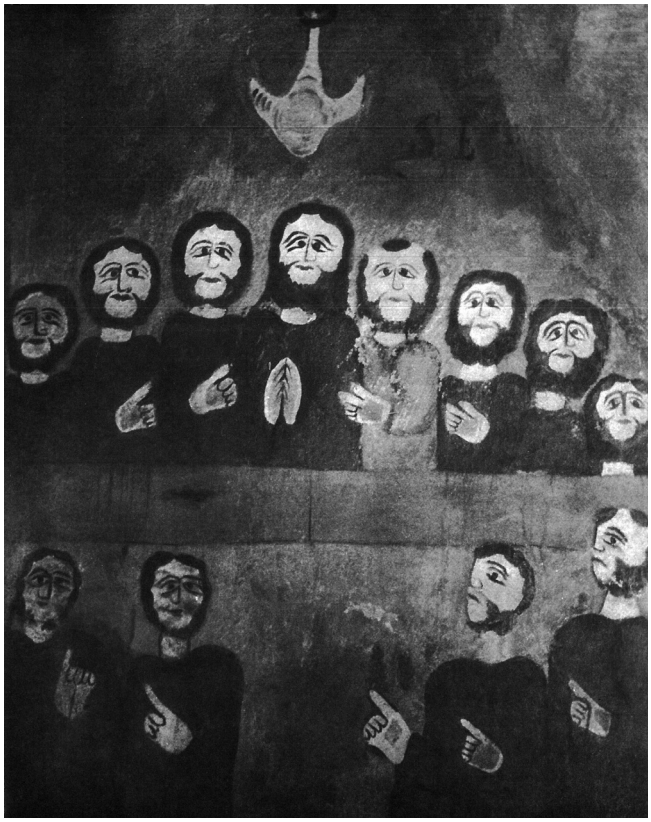
Também a participação em congressos internacionais dedicados ao estudo e debate da arquitectura religiosa permitiria alargar o conhecimento acerca da produção europeia e da investigação em curso. As visitas de estudo a Itália (2011), Suíça e França (2012) e Holanda (2013), realizadas no âmbito desta investigação, proporcionaram, por sua vez, o contacto directo com obras construídas nas periferias das cidades que encontrávamos nas publicações de referência das décadas de 1950 e 1960 que guiavam o nosso estudo[13]: *L'Art Sacré*[14], *Chiesa e Quartiere*[15] mas também a *L'Architecture d'Aujourhui*.[16]

[13] Na fase preparatória da elaboração da presente tese foi feito um trabalho exaustivo de levantamento dos conteúdos de arquitectura religiosa presentes em revistas estrangeiras e também portuguesas, procurando perceber quais as principais obras de referência. Do conjunto de publicações analisado destacamos a publicação francesa *L'Art Sacré* uma das principais referências do MRAR. O conjunto de temas nela abordados (identificados num trabalho preparatório da tese) foram os mesmos discutidos e publicados pelo movimento português, vejam-se as incursões de ambos sobre a arquitectura, pintura, escultura, música e paramentaria sacras.

[14] No âmbito da nossa investigação relevamos alguns números mais significativos da *L'Art Sacré*: 'L'esprit et les príncipes, L'Église dans la Cité', nº1, (Jul.-Set.1945), 'Le plan de l'Église et du Centre Paroissial', nº4, (Jan.-Abr.1946); 'Formes de l'architecture religieuse moderne', nº10, (Dez.1946); 'L'Église des apôtres', nº7-8, (Mar.-Abr.1958); 'Détruisez le Temple… le próbleme des églises provisoire', nº9-10, (Mai.-Jun.1958); 'Il a planté sa tente parmi nous. Le probléme des églises économiques', nº11-12 (Jul-Ago.1958), 'L'Église dans la Cité', nº5-6, (Jan.-Fev.1959), 'Où prierons-nou demain?', nº3, (Jul-Set.1968).

[15] Cf. Glauco Gresleri, M. Beatrice Bettazzi, e Giuliano Gresleri, *Chiesa e Quartiere - storia di una rivista e di un movimento per l'architettura a Bologna* (Bolonha: Editrice Compositori, 2004).

[16] Da revista *L'Architecture d'Aujourhui* destacamos os números monográficos do tema em estudo: 'Architecture Religieuse. Salles de Spectales', nº71, (1957), 'Architecture religieuse', nº96 (1961); 'Architectures Sacrées' nº108, (1963); 'Architecture Sacrée', nº125, (1966).



c.

"A nova Jerusalém, a cidade santa (cf. Ap 21, 2-4),
é a meta para onde peregrina toda a humanidade.
É interessante que a revelação nos diga que a
plenitude da humanidade e da história se realiza numa cidade.
Precisamos de olhar a cidade a partir de um olhar contemplativo (...).

[A]s transformações destas grandes áreas e a cultura que exprimem são hoje,
um lugar privilegiado da nova evangelização.
Isto requer imaginar espaços de oração e de comunhão com características inovadoras,
mais atraentes e significativas para as populações urbanas.
Nas grandes cidades, pode observar-se uma trama em que grupos de pessoas
compartilham as mesmas formas de sonhar a vida e ilusões semelhantes,
constituindo-se em novos sectores humanos, em territórios culturais, em cidades invisíveis.
(...) A Igreja é chamada a ser servidora de um diálogo difícil.
Enquanto há citadinos que conseguem os meios adequados para o desenvolvimento da vida
pessoal e familiar, muitíssimos são também os 'não citadinos', ou os 'resíduos urbanos'.
A cidade dá origem a uma espécie de ambivalência permanente (...)"

"A Igreja 'em saída' é uma Igreja com as portas abertas.
Sair em direcção aos outros para chegar às periferias humanas
não significa correr pelo mundo sem direcção nem sentido.
Prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas,
a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças.
Não quero um Igreja preocupada com ser o centro (...)."

Papa Francisco, A Alegria do Evangelho. Exortação Apostólica - *Evangelli Gaudium* - sobre o anúncio do Evangelho no Mundo actual, (Roma, 2013).

c. 'Ceia' (Capela de Vale da Castanheira, Chaves) fotografada pela equipa da Zona 2 do IARP.

O interesse crescente pela experiência de Bolonha levou-nos a revisitar aquela cidade em 2013, numa viagem marcada por trabalho de investigação na Fondazione Lercaro, mas igualmente pelo calcorrear da periferia da cidade à procura das novas igrejas e, sobretudo, pelo reencontro com os arquitectos Glauco e Giuliano Gresleri[17]. Memórias vivas do período de renovação profunda das décadas de 50 e 60, transmitiram-nos eles, entusiasticamente, testemunhos dessa 'revolução' liderada pelo cardeal Lercaro, atento à periferia da cidade e ao papel da arquitectura ao serviço da liturgia, do Homem e das comunidades, respondendo às necessidades e aspirações das populações carenciadas que surgiam das migrações massivas campo-cidade e da urbanização crescentes. A Carta Encíclica de Papa Leão XIII *Rerum Novarum* (1891), que reflectia no final do séc.XIX os problemas da condição operária, fazendo um apelo à transformação do mundo e ao empenho dos cristãos na construção de uma sociedade mais justa e fraterna, constituiu-se ponto de partida para uma longa série de documentos que hoje constituem a 'Doutrina Social da Igreja'. Nas preocupações de Lercaro reconhecemos o enraizamento profundo nesta linha de pensamento que permanece ainda hoje actual, e é mesmo central na acção da Igreja, como bem ilustra a exortação apostólica *Evangelii Gaudium* (2013). Perceber o eco destas preocupações no contexto português com base num estudo que procurasse ler a 'igreja e o bairro' a partir da experiência do SNIP em Lisboa, herdeira do MRAR e do Ufficio Diocesano Nuove Chiese de Bolonha, apresentava-se como ponto de partida possível e pertinente para o trabalho.

Mas se, por si só, a experiência de Lisboa era válida como campo de estudo, o trabalho de investigação paralelemente desenvolvido, ainda numa fase inicial da preparação desta tese, sobre o espólio de Agostinho Ricca, motivado pelo interesse em estudar o complexo paroquial por ele concebido no Porto, abriu outras hipóteses de trabalho. Foi especialmente importante o envolvimento nas comemorações do centenário do nascimento daquele arquitecto (2015)[18] que permitiram conhecer outras

[17] O primeiro contacto com os irmãos Gresleri data de Maio de 2011, por ocasião de uma viagem de estudo e posterior participação no congresso internacional 'ARS Liturgica - a arte ao serviço da liturgia' (Mosteiro Ecuménico de Bose, 2-4.Jun.2011).

[18] Comemorações do Centenário de Nascimento do Arquiteto Agostinho Ricca, coord., *Agostinho Ricca - arquitectura, obra, desenho* (Porto: Uzina Books, 2015).
Integraram a comissão organizadora: prof. dr. Jacinto Rodrigues e os arquitectos Cláudio Ricca, Domingos Júnior, Helena Ricca, Helena Peixoto e João Luís Marques.

encomendas religiosas anteriores que, tal como o complexo paroquial, eram alheias ao círculo do MRAR. No Norte foram também objecto do nosso estudo inicial os trabalhos desenvolvidos pelos arquitectos Fernando Távora[19] e Fernando Abrunhosa de Brito, cujos percursos se cruzaram com a história do MRAR e do SNIP, o último com quem ainda privámos e discutimos aspectos tratados na presente tese.

Em 2015, o desafio lançado pela preparação da conferência 'A igreja na cidade do Porto 1950-1975'[20], levaria a sistematizar o conhecimento e tomar consciência das semelhanças e diferenças entre os percursos da arquitectura religiosa nas duas cidades, que se tinham materializado afinal em respostas tão diferentes aos problemas crescimento da população da cidade, dos modos de presença e dos programas das várias edificações religiosas e do lugar das comunidades nesses processos. Também no Porto surgiam obras religiosas de valor arquitectónico – estranhamente pouco conhecidas embora merecedoras de reconhecimento – em processos associados à criação de novas paróquias ou resultantes de dinâmicas sociais que envolveram a própria Escola Superior de Belas Artes, conforme exploraríamos mais tarde na nossa investigação. Tratava-se duma história impossível de retraçar apenas a partir da documentação avulsa existente nos arquivos da Diocese e da Câmara Municipal, e só um longo trabalho de campo, que exigiu contacto directo com arquitectos envolvidos nos processos (ou seus descendentes) e com as instituições, permitiria recolher informação essencial à melhor compreensão dos casos de estudo que selecionámos e apresentamos. No final daquele ano organizámos uma actividade de disseminação – visita a obras e conferências 'Arquitectura Religiosa Moderna na Diocese do Porto'.[21]

A pesquisa afastara-se conscientemente do 'complexo paroquial' aproximando-se, curiosamente, da proposta mais global que encabeçara desde o início o projecto de tese, "A igreja na cidade", resultando inequívoca a necessidade de incluir a dimensão do

[19] Investigação realizada no âmbito da Figura Eminente da Universidade do Porto 2013. O trabalho foi coordenado pelo prof. dr. Manuel Mendes.

[20] A nossa comunicação (26.Mai.2015) integrou o ciclo de conferências 'Compreender o Porto' organizado pelo prof. dr. José Quintão.

[21] Obras visitadas: Santuário de S.º António (Vale de Cambra ,1986-93) arq. Agostinho Ricca; igreja paroquial (S. João de Ver, 1959-2008) arq. Fernando Távora; Seminário da Boa-Nova (Valadares, 1967-1969) arq. Fernando Abrunhosa de Brito; Centro paroquial (Matosinhos, 1956-1962) arq. Álvaro Siza; Centro Caridade Perpétuo Socorro (Porto, 1962-1970) arq. Luiz Cunha; Complexo paroquial N.ª S.ª da Boavista (Porto, 1974-1999) arq. Agostinho Ricca.

"serviço e acolhimento" tão presente nas estratégias de acção e nos programas construídos. A discussão dos temas da tese ganhavam um sentido abrangente, onde era reconhecida a importância da teia de relações e dos circuitos das ideias.

A partir da arquitectura religiosa moderna em Portugal propomos esclarecer de que modo se apresentou e se fez representar a Igreja no espaço público, e como este processo acompanhou e contribuiu para a revisão do movimento moderno, procurando responder a comunidades, não só no consolidado centro urbano como em territórios da periferia e do mundo rural, desafiando à problematização, ainda hoje actual, sobre a função da "igreja na cidade".

Estrutura do documento

Em traços gerais, em *'Arte Viva'* (cap.1) o estudo centra-se na discussão das formas e representações da Igreja na cidade na primeira metade da década de 1950, colocando em confronto os diferentes pontos de vista. Por um lado o pensamento do Cardeal Cerejeira partilhado na 'Pastoral sobre Arte Sacra', por outro o dos jovens organizadores da 'Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea', que pouco depois se organizariam no MRAR. Procuramos assim cobrir o debate a partir de posições que exprimiam as preocupações de quem fazia a encomenda, por um lado, e, por outro, de quem a ela respondia – os arquitectos e artistas. A análise da carta pastoral e do conteúdo expositivo procura identificar cruzamentos e influências externas que mais contribuiriam para a afirmação de uma arte ao serviço das pessoas e comunidades.

Procuramos de seguida, em *'Formar Comunidades'* (cap.2), perceber como respondeu a Igreja ao crescente fluxo migratório de população que chegava à cidade, procurando identificar as ferramentas de que se socorreu para ler as transformações no quadro urbano e social. Damos especial atenção aos diferentes processos de planeamento e reorganização das comunidades nas cidades e nas periferias de Lisboa e Porto que revelam, na especificidade de cada contexto, a importância do urbanismo e das ciências sociais. Analisamos os critérios que presidiram ao dimensionamento e delimitação das paróquias, assim como à localização de novas igrejas, fossem eles

ajustados ou não com as entidades municipais. A problemática das novas comunidades e do lugar da igreja nelas, leva-nos a percorrer momentos do debate internacional na revisão do movimento moderno, a partir da discussão do 'Core' no CIAM 8 (1951). Os projectos de arquitectura e urbanismo associados à encomenda religiosa tratados nesse capítulo procuram ilustrar o debate de ideias que acompanhou a formação de novas comunidades. Esse debate, ora se faz à grande escala, da cidade e da metrópole ou região, ora se reduz, traduzido em respostas locais concretas, sejam elas situações de emergência, o planeamento de novos bairros, a construção de uma igreja definitiva, ou de uma que se previa temporária.

A diversidade de soluções retratadas justifica a problemática abordada no terceiro capítulo, *'Equacionar Programas'* (cap.3). Nele procuramos acompanhar a evolução da discussão sobre as funções da igreja ao longo do nosso período em estudo, apercebendo-nos da progressiva tomada de consciência que o programa não se esgota na sua componente litúrgica, alargando-se a toda a acção pastoral ajustada à circunstância e ao tempo em que se insere. Para lá da passagem da igreja ao centro paroquial, ou seja da 'casa de Deus' à 'casa do povo de Deus', procura-se identificar outras formas de presença alternativas ao programa-tipo de igreja paroquial, conforme seria trabalhado em 1966 pelo SNIP. Dá-se destaque a um conjunto diversificado de obras posteriores – das capelas-salão, às igrejas instaladas no rés-do-chão de blocos habitacionais – resultantes da reflexão, ainda hoje actual, em torno do novo lugar da igreja no Mundo conduzida pelo Concílio Ecuménico Vaticano II.

Ao longo dos três capítulos que acabámos de caracterizar surgem, intercaladas, fichas de projectos de arquitectura e urbanismo resultantes duma investigação que revelou trabalhos relevantes e curiosos, pouco divulgados no meio académico. Compõem estas fichas materiais diversos reunido em diferentes arquivos e espólios particulares. Procurámos reproduzir fotografias das obras, desenhos de projecto, e sempre que possível, excertos das memórias descritivas, donde destacámos a negrito, palavras dos autores que mais caracterizam a encomenda e melhor justificam as escolhas realizadas.

Na segunda parte da tese, analisamos casos de estudo de Lisboa e Porto que espelham diferentes aproximações às temáticas abordadas.

Em *'Debate - Publicações e Concursos'* (cap.4) focamos a discussão em torno do debate arquitectónico português que ganhava projecção internacional, no final da década de 1960 e início de 1970, graças ao interesse na publicação de obras de natureza religiosa nacionais em revistas estrangeiras da especialidade, nomeadamente *Chiesa e Quartiere* e *ARA*. 'Programas e Arquitectura' é o título do ensaio crítico redigido por Pedro Vieira de Almeida que analisamos neste capítulo. São ainda objecto de estudo os processos de dois concursos de novas igrejas na capital, Damaia (Amadora, 1968) e Olivais Sul (Lisboa, 1970).

'Escola-Atelier-Igreja e Cidade' (cap.5) agrega experiências diversas do percurso de cinco arquitectos com ligação à E(S)BAP – um mestre, Carlos Ramos; três discípulos, Agostinho Ricca, Fernando Távora, Octávio Lixa Filgueiras; um aluno, Fernando Abrunhosa de Brito. Projectos académicos, práticas pedagógicas e trabalhos encomendados são exemplo do seu contributo, mais ou menos directo, resultante da interacção da Escola com a prática profissional, para a renovação da arquitectura religiosa mas, e acima de tudo, para a construção de uma Cidade mais justa e humana.

Depois das *'Considerações finais'* apresentamos como complemento à tese um conjunto documental de anexos, maioritariamente inéditos, organizados pelas seguintes categorias: hierarquia eclesiástica[22], MRAR[23], SNIP [24] e outros documentos[25].

---

[22] Incluímos nesta secção textos da autoria do cardeal patriarca de Lisboa D. Manuel Cerejeira e de D. António Ferreira Gomes, bispo do Porto, por conterem reflexões espaçadas no tempo que fundamentam o pensamento destas duas figuras centrais consideradas neste trabalho.

[23] Reúne um conjunto de textos inéditos resultantes da transcrição de manuscritos e de registos áudio de conferências de Nuno Teotónio Pereira e José Pedro Martins Barata, Fernando Távora e Hermann Baur, promovidas por aquele movimento, que nos ajudam a melhor conhecer o debate em Portugal na década de 1950. Complementam esta secção, para além do artigo preparado por Pedro Vieira de Almeida para a revista *Chiesa e Quartiere*, que é objecto no capítulo 4.1.1, uma detalhada cronologia das iniciativas promovidas pelo MRAR assim como a transcrição dos conteúdos dos painéis presentes na Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea.

[24] Estatutos deste organismo (1961), o programa-tipo (1966) e a reprodução dos boletins da Campanha Novas Igrejas do Patriarcado publicados entre 1968 e 1974.

[25] Publica-se a colecção integral dos diapositivos preparados por Raúl Lino para a Conferência "Espírito na Arquitectura" (Rio de Janeiro, 1935). Seguem-se transcrições parciais dos guiões do documentário "Lisboa de hoje e de Amanhã" (1948) e "Cristo sobre o Tejo" (195-). Publicamos também uma selecção de desenhos de projectos. Terminamos os anexos com artigos já publicados resultantes da participação em congressos internacionais, realizados no âmbito da presente investigação.

Por razões diferentes mas que resultarão evidentes na leitura, cada um dos escassos casos aqui selecionados é significativo por si só. Não sendo exemplos únicos, são certamente capazes de dar, conjuntamente, uma panorâmica bastante completa, tanto da reflexão sobre a arquitectura religiosa em Portugal no período em análise, como das práticas (dos processos que foram seguidos) para a implantação das obras. Como tal, serão certamente úteis como exemplo de tantos dos aspectos mais relevantes que fomos identificando ao longo da tese: significantes quer da teoria, quer da prática, da relevância dos dirigentes/responsáveis/promotores, como da participação das pessoas anónimas das comunidades que os edifícios visavam servir, da discussão acerca da funcionalidade, como das respostas às necessidades e preocupações das comunidades - tudo condicionalismos que moldaram a implantação das novas construções religiosas em Portugal no terceiro quartel do séc. XX e, com isso, contribuíram para a definição do que é hoje a igreja na cidade.

Maquete da igreja no cortejo de oferendas para a sua construção, Aveiras de Cima (11.Fev.1952)
Espólio Grandela Aires - publicada na Vida Ribatejana (Mar.-Abr.1952), p.s/n.

capítulo 1
Arte Viva



No capítulo 1, **'Arte Viva'**, começamos por colocar em confronto dois acontecimentos do ano de 1953, a Pastoral sobre Arte Sacra – *O pedido* (1.1) e a Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea – *O grito* (1.2). Procurando identificar em cada uma destas manifestações pontos chave da reflexão e crítica que contribuiriam para a renovação da arte sacra em Portugal. O primeiro corresponde à divulgação dum texto redigido pelo cardeal D. Manuel Gonçalves Cerejeira e o segundo a exposição organizada pelo grupo de sete jovens que estariam origem ao Movimento de Renovação da Arte Religiosa.

'Ser uma igreja, ser uma igreja moderna, ser uma igreja moderna bela' (1.1.1) introduz-nos ao debate da arquitectura religiosa moderna a partir da encomenda da primeira igreja paroquial católica inaugurada na capital depois da primeira República, cruzando com outras encomendas suas contemporâneas.

Da reprovação da 'arte falsa' à 'arte viva' (1.1.2) introduz a análise da carta de 1953, onde foi reclamada uma arte viva em linha de continuidade com a tradição. *A presença urbana da Igreja – ser realmente e 'parecer evidentemente'* (1.1.3) coloca em debate a identidade do edifício sacro e o seu lugar de excepção na cidade. Na sequência levantamos questões associadas ao *Cristianizar a paisagem* (1.1.4), ao ser monumento.

'Coerência com o ambiente, com a cultura, com o sentimento popular' (1.1.5) põe em evidência a problemática de uma arte inteligível, ao encontro da comunidade. Serve o subcapítulo para estabelecer pontes com o pensamento de Raul Lino, Pio XII e Gideon. *Unidade 'renascimento contemporâneo da liturgia'* (1.1.6) centra o estudo na liturgia participada, na experiência da comunidade e no valor da unidade da assembleia celebrante, reflectindo o aprofundar das reflexões do movimento litúrgico em Portugal.

Simplicidade e sobriedade (1.1.7), *'Modernidade e Tradição'* (1.1.8) e *Novidade e estagnação* (1.1.9) dão nome a subcapítulos onde se analisam valores (e contra valores) presentes na reflexão do cardeal Cerejeira, cruzando com o pensamento de Emil Steffann, Paul Valéry e também de arquitectos portugueses como Fernando Távora.

Em *A Obra construída* (1.1.10) encontramos a leitura do cardeal sobre as três novas igrejas construídas na cidade de Lisboa, respostas ao 'pedido' da arte viva ao serviço das comunidades e, como tal parte integrante da construção da cidade.

A segunda parte do primeiro capítulo, *O grito* (1.2), dedicamos ao estudo detalhado dos conteúdos apresentados na Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea (1953). Partindo da estrutura própria do projecto expositivo, procurámos enriquecer a análise introduzindo pontos de vista complementares sobre a selecção das obras apresentadas e outras suas contemporâneas. Desta forma procuramos fazer uma leitura enquadrada, alargada e crítica daquele 'grito' português, à semelhança de outros apelos lançados no estrangeiro em prol dos valores de *Pureza, Verdade, Pobreza e Paz* (1.2.1) ao serviço da renovação da arte religiosa moderna.

Aprender com a arquitectura (1.2.2) percorre diferentes períodos da história, mostrando a diversidade de soluções exploradas no espaço sagrado e a constante procura da unidade das artes – uma tradição com diferentes expressões, atraiçoada pela cópia de modelos no séc. XIX, conforme era declarado na exposição.

'Novos dados da vida, da técnica e do pensamento' (1.2.3) leva-nos a visitar as primeiras igrejas modernas da Europa, em França, Alemanha e Suíça, bem como, as experiências portuguesas.

'Atropelos à ética da arquitectura' – a denúncia (1.2.4) propõe um olhar sobre as então mais recentes igrejas da capital dando voz aos autores que as conceberam e que foram objecto de dura crítica na exposição de 1953. Crítica aliás extensível e aplicável a igrejas dispersas por todo o país, fossem elas mais conservadores ou apenas superficialmente modernas.

Segue-se *Arte moderna e funcionalismo litúrgico' – a resistência* (1.2.5), um subcapítulo dedicado a dois temas centrais da exposição, em que, partindo de alguns exemplos apresentados na exposição, traçamos o modo como vinham sendo (e como foram) apresentados e discutidos fora dela com base na partir da imprensa generalista. Relevamos assim o alargamento do debate a meios, plataformas e pessoas, fora do círculo de acção dos organizadores da exposição.

Em *Experiências internacionais* (1.2.6) relevamos a importância atribuída às obras alemãs e suíças, apresentadas na exposição e inspiradoras de trabalhos em Portugal – obras em que a arte moderna e a liturgia se encontravam. Destaca ainda este sub-capítulo a importância da revista *L'Art Sacré*, fórum principal debate internacional, tão evidente como verdadeiro fio condutor da exposição.

Primeiros projectos de renovação em Portugal (1.2.7) apresenta uma selecção de igrejas e capelas que apontavam possíveis caminhos de reencontro com a tradição. Expomos aqui outros projectos contemporâneos, terminando com o de uma igreja às portas da cidade de Lisboa.

A 'vida' e a 'verdade' – um encontro na renovação da arte e arquitectura (1.3) procura estabelecer pontos de encontro e complementaridade entre as posições defendidas pelo cardeal Cerejeira e os temas tratados pelos organizadores da exposição que dariam origem ao Movimento de Renovação da Arte Religiosa.

1.1. O pedido

Pastoral sobre Arte Sacra (1953)

Por conter uma reflexão profunda e com implicações directas no campo da arquitectura, a carta 'Pastoral sobre Arte Sacra'[1] da autoria do cardeal Manuel Cerejeira, publicamente lida na inauguração da igreja de S. João de Deus (Lisboa) a 8 de Março de 1953, é merecedora de um estudo pormenorizado. Este documento,

> "atesta a consonância do cardeal patriarca com a actuação da Santa Sé, também ela abraçando, desde Pio X [*Tra le Sollecitudini*, sobre a música sacra, de 1903], a vontade de 'digerir' a arte moderna. Saindo em defesa do documento 'Instruções sobre Arte Sacra', dado à estampa, no ano anterior, pela Congregação do Santo Ofício, o texto do patriarca português prima pela aceitação e defesa de um moderno 'inteligível', onde a modernidade e a tradição se conjuguem para fazer da arte sacra 'arte viva'."[2]

Pouco considerado na história da nossa disciplina, este documento permite compreender a actualidade de pensamento daquele que representou o maior 'cliente' de arquitectura religiosa portuguesa do século XX, e que liderou a Igreja em Portugal durante mais de quatro décadas, de 1928 a 1971, acompanhando a evolução da Arte e de transformações políticas e sociais de um país, e em particular da capital, durante a ascensão e declínio do Estado Novo.[3] Para além da cumplicidade que o unia ao Presidente do Conselho, Dr. António Oliveira Salazar, juntamente com o silêncio comprometedor, a historiografia recente tem vindo a recolocar este personagem

---

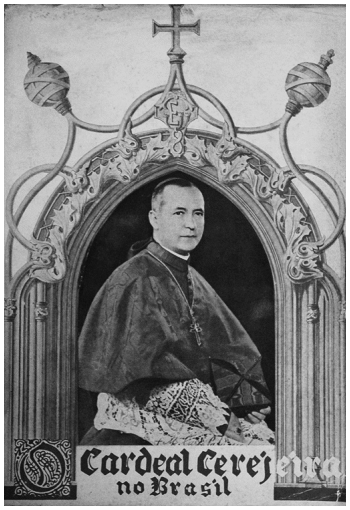
[1] D. Manuel Gonçalves Cerejeira, «Pastoral sobre arte sacra (8.Mar.1953)», em *Obras Pastorais, quarto volume 1948-1953* (Lisboa: União Gráfica, 1954), pp.121-132.
A carta pastoral divide-se nas seguintes partes: que é uma igreja?; princípio basilar, valores permanentes, valores modernos, modernidade e tradição, o prejuízo da novidade, tradição estagnação, arte viva. A complexidade e importância deste escrito do cardeal Cerejeira e a análise detalhada que fazemos neste capítulo levou-nos a reproduzi-la na íntegra. [ver anexo 1].

[2] Joana Costa Brites, «Construir a História: a sede do CADC de Coimbra», *Lusitania Sacra*, nº19-20, 2007-2008, pp.152-153.

[3] Manuel Gonçalves Cerejeira (1888-1977) foi ordenado presbítero no seminário conciliar de Braga em 1911. Estudou na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e aí doutorou-se em 1919 com a tese 'O Renascimento em Portugal – Clenardo". Em Coimbra estabeleceu amizade com Oliveira Salazar no Centro Académico de Democracia Cristã – CADC. Em 1928 foi nomeado arcebispo de Mitilene. À morte de D. António Mendes Belo, patriarca de Lisboa, sucedeu-o. Foi elevado a cardeal em 1929, no mesmo ano que o cardeal Pacelli – futuro Papa Pio XII. À data da sua elevação era o mais jovem cardeal da Igreja Católica. Esteve à frente do Patriarcado de Lisboa de Nov.1929 a Mai.1971.

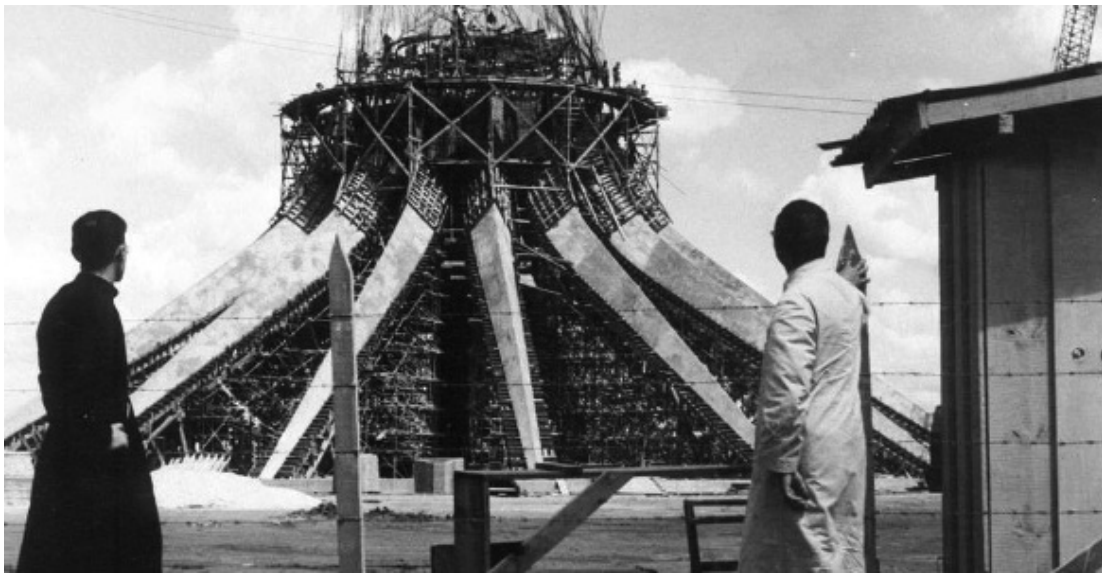
> "O facto de, além de cardeal, Cerejeira ser também patriarca de Lisboa, ou seja, um bispo não só da Igreja universal, mas também da nacional e da maior diocese do país, fez com que Cerejeira fosse considerado o chefe da Igreja portuguesa. Por isso, surgiu sempre, ao longo dos anos, em inúmeros actos públicos e em solenes comemorações estatais ao lado dos governantes."

Irene Flunser Pimentel, *Cardeal Cerejeira - o Príncipe da Igreja* (Lisboa: A Esfera dos Livros, 2010), p.167.





a. b.



c.

1. Viagens do Cardeal Cerejeira

a. Livro "O cardeal Cerejeira no Brasil" (1935)

O gosto neo-manuelino na capa que relata a visita ao Brasil no regresso do Congresso Eucarístico de Buenos Aires (1934).

b. Catedral de Lourenço Marques (1944) arq. Freitas e Costa

O cardeal viajou no paquete Serpa Pinto parando em Cabo Verde, São Tomé e Principe, Angola e Moçambique onde inaugurou a catedral de Lourenço Marques (4.Ago.1944).

c. Catedral de Brasília - em construção (1960) arq. Oscar Niemeyer

Cerejeira presidiu à missa campal noturna celebrada na Praça dos 3 poderes, na noite de inauguração de Brasília (21.Abr.1960). À data estavam em funcionamento a capela do Palácio da Alvorada e a de N.ª S.ra de Fátima (1958), projectadas por Oscar Niemeyer.

influente e complexo como um "bispo moderno"[4], viajado e conhecedor do mundo, para lá da Europa. As diversas viagens que realizou ao estrangeiro contribuíram para uma cultura informada, nomeadamente as intercontinentais à Argentina, por ocasião do Congresso Eucarístico de Buenos Aires (1934)[5] e, as realizadas em representação da Santa Sé a Moçambique na sagração da Sé de Lourenço Marques (1944), à Índia nas comemorações do IV centenário da morte de S. Francisco Xavier (1950) e, em particular, ao Brasil na inauguração da moderna capital projectada por Óscar Niemeyer e Lúcio Costa - Brasília (1960).[6]

Sensível aos temas da Arte, Cerejeira revelou a profundidade de pensamento também naquele domínio:

> "(...) esforçava-se por combinar 'realidades tradicionalistas', com 'aspirações progressivas', ao condenar tanto os que pretendiam 'amarrar a Igreja ao velho regime como se pudesse fazer-se parar a História', como aqueles que arvoravam 'dentro da barca de Pedro a bandeira revolucionária de uma classe'."[7]

No campo arquitectónico "(...) essa facilidade ilusória de ser moderno e antigo ao mesmo tempo, esse convencimento de se poder ser simultaneamente do século XX e da Idade Média, levou a erros irreparáveis – porque erros irreparáveis são todas as obras de arquitectura fracassadas."[8] Assim se referia Nuno Teotónio Pereira no jornal *Comércio do*

---

4 "[António] Matos Ferreira afirmou que 'Cerejeira era um bispo moderno' - fazendo questão de, logo a seguir, esclarecer que isso não significava que fosse 'um bispo revolucionário'. 'Nos anos cinquenta, em França, Cerejeira era considerado um cardeal progressista. E cada vez que visitava Paris fazia questão de visitar um grupo de padres operários', explicou. A igreja e a cultura francesas eram, de resto, 'algumas das suas referências'.

António Matos Ferreira citado por José Pedro Castanheira, «Cerejeira foi 'um bispo moderno'», *Expresso*, (10.Mar.2010).

A notícia foi publicada por ocasião do lançamento do livro *Cardeal Cerejeira - o Príncipe da Igreja* (Lisboa: A Esfera dos Livros, 2010) fruto do trabalho de investigação académica de Irene Funster Pimentel.

5 No regresso do Congresso Eucarístico de 1934 Cerejeira deslocou-se ao Rio de Janeiro onde conheceu o Cristo Redentor no Corcovado, inaugurado em 1931. A visita ao monumento foi promovida pelo Ministério das Relações Exteriores e acompanhada por Silva Costa, um dos autores do projecto. O fascínio despertado por aquela obra inspiraria a construção de uma réplica em Lisboa, o monumento a Cristo-Rei inaugurado em 1959. Da visita de Cerejeira ao Corcovado, ficou relatado no livro comemorativo da viagem:

> "O dr. Silva Costa começou a explicar, em seguida, ao Sr. Cardeal Patriarca como executar a obra de arte monumental. Apontou-lhe detalhes, falou-lhe das suas dimensões e do seu peso formidável.
> - Que lindo! – exclamava Sua Eminência. – Que maravilha! Só a fé faz destes milagres."

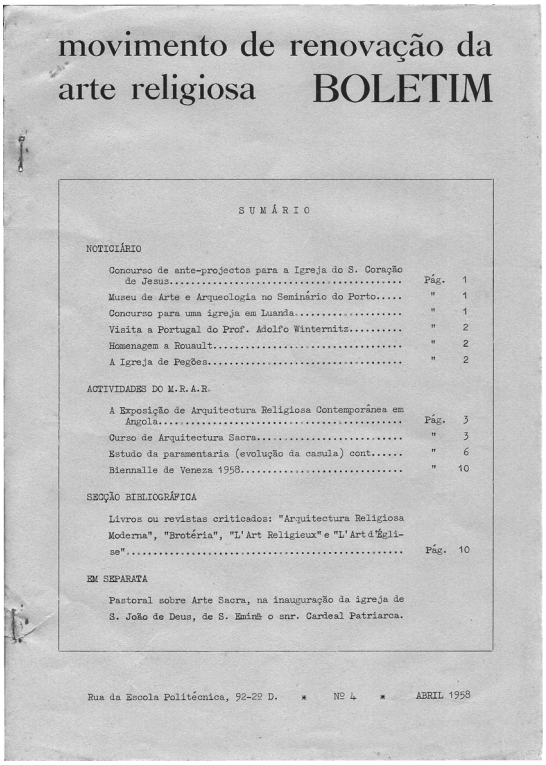
Alfredo Guimarães, *Cardeal Cerejeira no Brasil*, Federação (Rio de Janeiro: Editorial Alba Limitada, 1935), p.48.

6 Cf. «Brasília nasceu Cristã», *Boletim de Informação Pastoral*, (Mar.-Mai.1960), pp.4-5.

7 Irene Flunser Pimentel, *Cardeal Cerejeira - o Príncipe da Igreja* (Lisboa: A Esfera dos Livros, 2010), p.174.

8 Nuno Teotónio Pereira, «Arquitectura religiosa», *Comércio do Porto*, (8.Dez.1953), p.6.

O artigo foi escrito após a passagem da exposição itinerante Arquitectura Religiosa Contemporânea na



movimento de renovação da arte religiosa BOLETIM

SUMÁRIO

NOTICIÁRIO

Concurso de ante-projectos para a Igreja do S. Coração de Jesus..... Pág. 1
Museu de Arte e Arqueologia no Seminário do Porto..... " 1
Concurso para uma igreja em Luanda..... " 1
Visita a Portugal do Prof. Adolfo Winternitz..... " 2
Homenagem a Rouault..... " 2
A Igreja de Pegões..... " 2

ACTIVIDADES DO M.R.A.R.

A Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea em Angola..... Pág. 3
Curso de Arquitectura Sacra..... " 3
Estudo da paramentaria (evolução da casula) cont..... " 6
Biennalle de Veneza 1958..... " 10

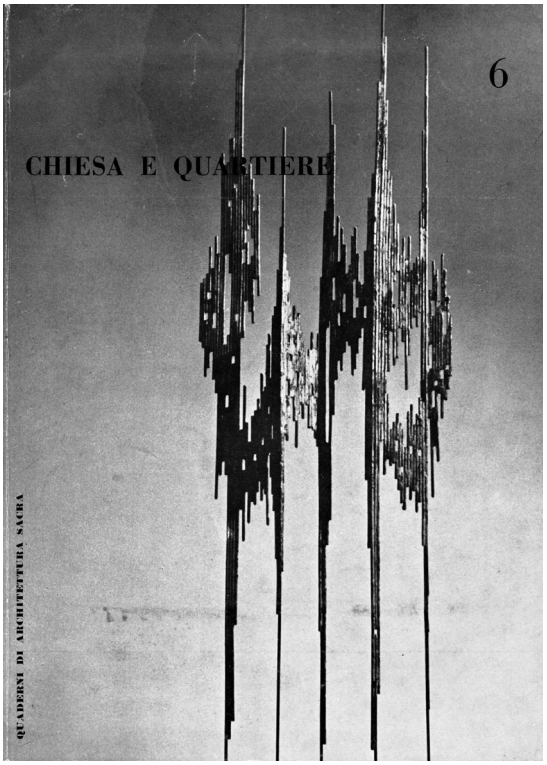
SECÇÃO BIBLIOGRÁFICA

Livros ou revistas criticados: "Arquitectura Religiosa Moderna", "Brotéria", "L'Art Religieux" e "L'Art d'Église"..... Pág. 10

EM SEPARATA

Pastoral sobre Arte Sacra, na inauguração da igreja de S. João de Deus, de S. Eminª o snr. Cardeal Patriarca.

Rua da Escola Politécnica, 92-2º D. * Nº 4 * ABRIL 1958



a. b.

2. Escritos do Cardeal Cerejeira divulgados nos circuitos nacionais e internacionais

a. Boletim do Movimento de Renovação de Arte Religiosa MRAR nº4, (Abr.1958). *Arquivo FCG-MRAR* em separata.

b. Chiesa e Quartiere (Jun.1958). *Arquivo FCG-MRAR*

Porto relativamente às igrejas construídas na capital atestando a 'tremenda desorientação artística' daquela época que se fazia sentir um pouco por todo o país e que era extensível a outros campos da arquitectura. Apesar de nomear diversos 'erros irreparáveis' cuja encomenda provinha do Patriarcado[9], Teotónio Pereira dava também nota, no mesmo artigo, da importância da carta pastoral redigida pelo cardeal patriarca pois juntamente com as instruções da Santa Sé

> "chamam a atenção para o perigo de uma aceitação incondicional da novidade, aconselham claramente a adopção de uma arquitectura seriamente integrada no espírito e no carácter do nosso tempo."[10]

A importância deste documento divulgado pela imprensa nacional[11], escrito num país periférico, distante do centro da Europa que se destacava na renovação da arte religiosa impulsionada pelo movimento litúrgico e pela reconstrução pós II Guerra Mundial, foi reconhecida pela sua publicação em periódicos internacionais: *L'Observatore Romano* da Cidade do Vaticano, *La Croix* de Paris e *Four Quarters* de Filadélfia, conforme dá nota a antologia dos seus escritos.[12] A sua escrita é contemporânea do lançamento das "Directivas do Episcopado alemão para a construção de igrejas 1952-1953" e antecedeu o surgimento do "Uffizio Diocesano Nuove Chiese" (1955-1968) de Bolonha – experiência de referência para acção do Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado (SNIP) organismo criado pelo cardeal Cerejeira em Janeiro de 1961.

Em 1958, os documentos do cardeal português e do episcopado alemão foram publicados, a par de escritos de Le Corbusier e diversos artigos no campo da sociologia

---

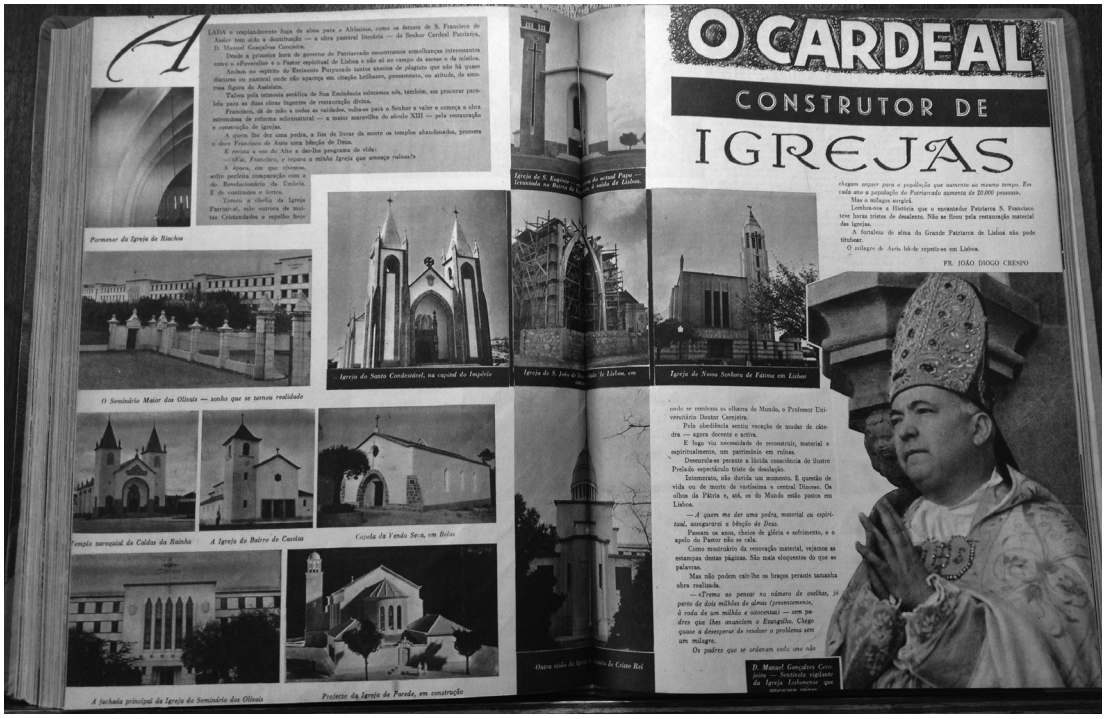
Escola Superior de Belas Artes do Porto. Na mesma página da secção "A Arte Moderna em Portugal" escreveu a poetisa Natércia Freire "O templo destruído", em que abordou a polémica capela de Vence de Matisse e a construção da nova igreja de Póvoa de Santa Iria, e Sena de Silva "A decoração do templo contemporâneo", a partir da análise do trabalho de Almada Negreiros da igreja N.ª S.ra de Fátima de Pardal Monteiro.

[9] No artigo Nuno Teotónio Pereira enumerou as igrejas de St. Condestável, de S. João de Brito, de S. João de Deus (Lisboa), de N.ª S.ra da Conceição (Caldas da Rainha) e, fora do Patriarcado, a de N.ª S.ra da Conceição (Porto) – exemplos apresentados na Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea. [ver anexo 10, painel *EARC* nº28 e 31].

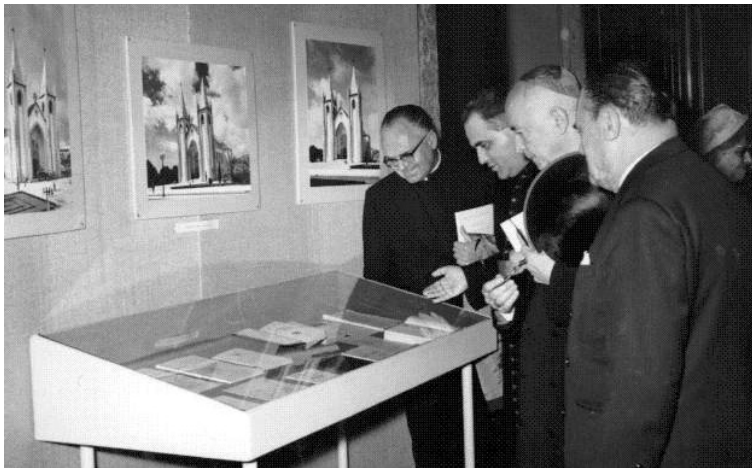
[10] Ibid. p.6.

[11] D. Manuel Gonçalves Cerejeira, «Pastoral sobre problemas de arte sacra - Cada igreja significa e realiza a unidade do povo católico», *Novidades*, ano LXVIII, nº187, (8.Mar.1953).
D. Manuel Gonçalves Cerejeira, «Pastoral sobre Arte Sacra», *Lumen, revista de cultura para o clero*, vol. XVII, fasc. V, (1953).

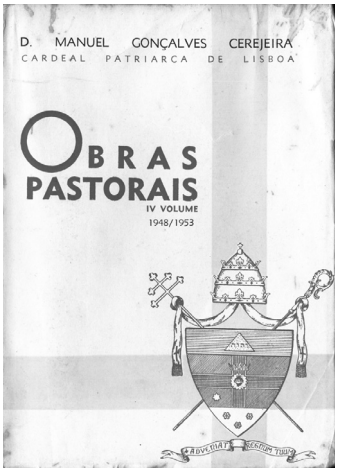
[12] Cerejeira, «Pastoral sobre arte sacra (8.Mar.1953)», p.121.


O CARDEAL
CONSTRUTOR DE
IGREJAS
FR. JOÃO DIOGO CRESPO
Pormenor da Igreja de Rinchoa
O Seminário Maior dos Olivais — sonho que se tornou realidade
Templo paroquial de Caldas da Rainha
A Igreja do Bairro de Caselas
Capela da Verdelha, em Belas
A fachada principal da Igreja do Seminário dos Olivais
Projecto da Igreja de Paredes, em construção

a.



b. c.



3. O legado construído e escrito

a. "O Construtor de igrejas" revista *Flama* (Nov.1951)

"necessidade de reconstruir, material e espiritualmente, um património em ruínas"

Seminário dos Olivais. Igrejas na capital: N.ª S.ra de Fátima, Santo Condestável, S. João de Deus (em construção), Santo Eugénio (Bairro da Encarnação), Caselas. No restante Patriarcado: capela em Belas, igreja de Paredes (em projecto) e Caldas da Rainha.

b. Exposição "O Patriarcado de Lisboa" (Nov.-Dez.1968). *Arquivo AML*

Cardeal Cerejeira no Palácio das Galveias - Lisboa, na parede fotografias da igreja de Santo Condestável.

c. Obras Pastorais

Reune em sete volumes os escritos do cardeal. Na investigação arquitectónica têm especial interesse as cartas pastorais, os discursos em inaugurações, os prefácios de livros, entre outros.

religiosa[13], num dos primeiros números da revista italiana, *Chiesa e Quartiere*.[14] No mesmo ano, o Movimento de Renovação da Arte Religiosa (MRAR) publicara a carta pastoral do cardeal em separata no seu Boletim.[15]

A somar ao seu legado escrito deixou em particular no Patriarcado de Lisboa uma obra construída vasta e diversificada, eclética até – um conjunto de obras e programas de acção que espelham as pesquisas no campo da arquitectura e do urbanismo, da liturgia e da pastoral, de serviço e de acolhimento. A ela se referiu, "o cardeal construtor de igrejas" [16], quando por fim resignou:

> "Mas ele [problema financeiro da diocese] oferece-me ensejo a enaltecer aqui, nesta hora derradeira, a generosa dedicação e munificência de tantos fiéis, obreiros (...) da obra, perdoe-se-me que me contemple nela ao entregá-la ao meu sucessor, da obra de restauração e renovação do Patriarcado de Lisboa. E repito, eis aí aquela a que eu chamei a minha esposa amada. Olhai-a; seminários, igrejas, institutos religiosos, colégios, casas de retiros, residências paroquiais, monumento a Cristo-Rei, Universidade, e tudo aqui que só se vê com os olhos da alma; olhai-a bem e dizei-me se não é bela. É obra vossa. Alegrai-vos!"[17]

---

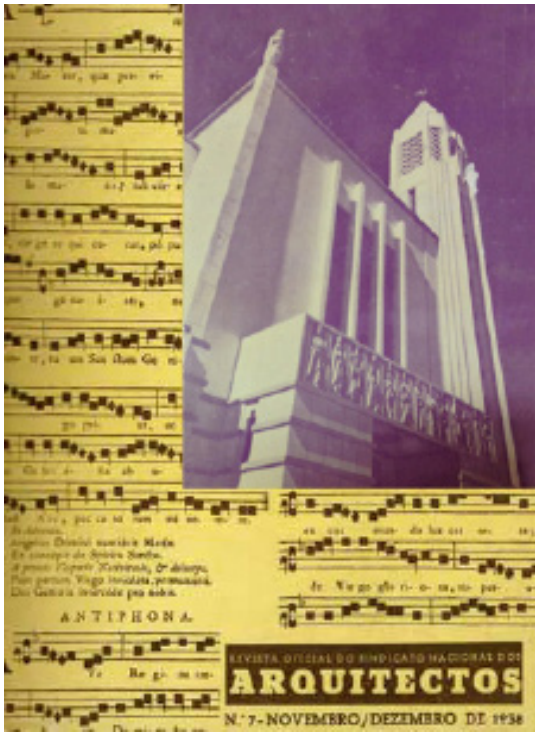
[13] Foram eles: "Il discorso di Ronchamp" de Le Corbusier e "Les conséquence religieuse d'un encadrement paroissial insuffisant des villes" de Winninger, "L'Homme des villes, l'urbanisme et la région" J. Labbens, "L'aménagement religieux des territoires urbains" Houtart. Em 1960 Cerejeira publicou uma vez mais naquela revista. A Pastoral sobre Arte Sacra deu lugar ao tema da pastoral urbana, que naqueles anos tinha sido fortemente impulsionada pelo trabalho de "Remodelação Paroquial da Cidade de Lisboa"(1959). [ver cap.2.4].
Cf. D. Manuel Gonçalves Cerejeira, «Architettura e Liturgia, pastorale sull'arte sacre», *Chiesa e Quartiere*, nº6, (Jun.1958), pp.23-28. «Presenza Cristiana nella metropoli portoghese», *Chiesa e Quartiere*, nº13, (Mar.1960), pp.21-30.

[14] A revista *Chiesa e Quartiere* foi publicada pelo *Centro di Studio e Informazione per l'Architettura Sacra* organismo associado ao *Uffizio Diocesano Nuove Chiese* de Bolonha, criado pelo cardeal Lercaro após a realização do congresso Internacional de Arquitectura Sacra (1955). Foram correspondentes da revista Luigi Figini, Ludovico Quaroni, entre outros. Foi publicada entre 1956 e 1968.
Cf. Glauco Gresleri, M. Beatrice Bettazzi, e Giuliano Gresleri, *Chiesa e Quartiere - storia di una rivista e di un movimento per l'architettura a Bologna* (Bolonha: Editrice Compositori, 2004).

[15] Cf. D. Manuel Gonçalves Cerejeira, «Pastoral sobre Arte Sacra», *Boletim - movimento de renovação da arte religiosa*, 1ª série, nº4, (Abr.1958), suplemento.
A publicação da pastoral sobre Arte Sacra (Abr.1958) coroa o processo de aproximação que vinha sendo feito entre a direcção do MRAR e a estrutura eclesiástica portuguesa. A Pastoral sobre Arte Sacra foi um dos três documentos eclesiais publicados como suplemento à 1ª série do boletim do MRAR (1957-1958), juntando-se aos trazidos de Itália e da Alemanha, reunidos e traduzidos por sócios do movimento. Em Maio de 1957, o MRAR difundiu o discurso do Cardeal Lercaro proferido na abertura do Congresso de Arquitectura Sacra em Bolonha (1955), traduzido pelo pintor António Lino que nele tinha participado. Em Dezembro do mesmo ano foram publicadas as Directivas do Episcopado Alemão para a construção de Igrejas (1952-1953) trazidas por João de Almeida.

[16] Já em 1951 era reconhecido o espírito empreendedor do cardeal Cerejeira em "reconstruir, material e espiritualmente, um património em ruínas" conforme documentavam as estampas das duas páginas dedicadas à "renovação material em curso" por impulso [d] "O cardeal construtor de igrejas".
Cf. Frei João Diogo Crespo, «O cardeal construtor de igrejas», *Flama revista semanal de actualidade*, ano VIII, nº195, (30.Nov.1951), pp.12-13.

[17] D. Manuel Cerejeira, «Na Hora da despedida, a minha herança», *Arquivo Cardeal Cerejeira,* [PT/AHPL/PAT14-SP/X/03/068], (29.Jun.1971), p.6.



a.


b.

4. 'Ser uma igreja moderna bela' - igreja Nossa Senhora de Fátima (Lisboa, 1933-1938) arq. Pardal Monteiro

a. Revista oficial do sindicato nacional dos Arquitectos (Nov.-Dez.1938)

Número dedicado à Igreja de N.ª S.ra de Fátima.

b. Exposição comemorativa dos 20 anos de carreira profissional de Pardal Monteiro (Lisboa - Instituto Superior Técnico, Nov.1938)

Ministro das Obras Públicas e Presidente da Câmara de Lisboa - eng. Duarte Pacheco, Presidente - gen. Oscár Carmona

Ministro da Educação - António Carneiro Pacheco com Pardal Monteiro junto à maquete da igreja N.ª S.ra de Fátima.

1.1.1. 'Ser uma igreja, ser uma igreja moderna, ser uma igreja moderna bela'

Ecoa na Carta Pastoral o mesmo desejo já antes expresso no texto que publicara na revista *Arquitectos*, em 1938, quando reclamou para Lisboa uma obra de arquitectura dedicada a Nossa Senhora de Fátima que obedecesse a "três condições: ser uma *igreja*, ser uma igreja *moderna*, ser uma igreja moderna *bela*"[18], ou seja, 'igreja' que respondesse às questões litúrgicas, em primeiro lugar; 'modernidade' que se expressasse na actualidade das técnicas e das expressões artísticas integradas no edifício, que não comprometessem e os seus 'carácter sacro e finalidade cultural'; 'beleza' que, necessariamente, seria 'autêntica beleza'. Portanto sendo a igreja pela sua natureza e destino obra de arte, a ela estariam associados valores de 'majestade, grandeza, dignidade, unção'.[19]

Tudo isto desejou para a primeira igreja realizada no seu pontificado, na cidade de Lisboa, cujo projecto ficou a cargo do arquitecto Porfírio Pardal Monteiro. Cerejeira correu o risco e expôs-se, juntamente com a obra encomendada, à contestação, ao protesto e à crítica, conforme ele próprio admitira no texto de 1938. Contestação de quem estava preso na "admiração estática das igrejas que de meninos conheceram"[20] e, possivelmente, também daqueles que não frequentariam igrejas, porque a construção da igreja tem impacto e presença na cidade até para os que não partilham de uma mesma confissão. Antecipou o cardeal o protesto inerente a todo processo de transformação no tempo, criticou a cópia cega de "formas artísticas doutras épocas" classificando de "arqueologia artística", a antítese da "obra viva de arte" – a "arte falsa", caracterizada pelo excesso de pormenorização, pelo exagero decorativo que encobria a "ausência de inspiração" ou abafava a "eloquência das linhas".[21]

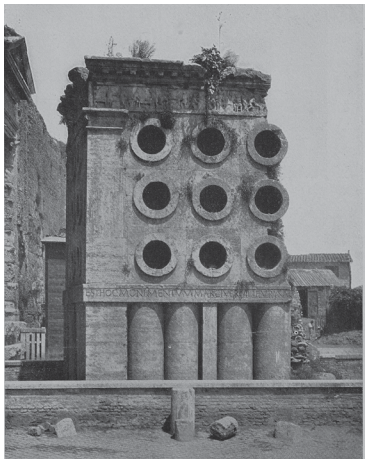
Alertou ainda para o perigo da trivialidade em que se poderia cair ao buscar os 'princípios de simplicidade e sinceridade'. Cerejeira reclamava a modernidade, e fê-lo a partir da sua condição de homem das letras e da cultura recorrendo às palavras de Horácio 'laudatores temporis acti', de Manzoni 'la magnifica semplicità della porpora', de S. Tomás de Aquino 'esplendor da verdade', para justificar a obra, aquela que a seu

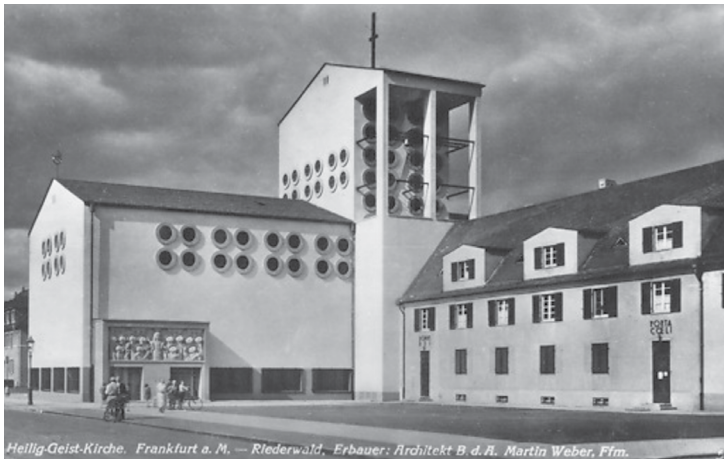
[18] D. Manuel Gonçalves Cerejeira, «Sua eminência o cardeal patriarca», *revista oficial do sindicato nacional dos Arquitectos*, nº7, (Nov.-Dez.1938), p.185.

[19] Cerejeira, «Sua eminência o cardeal patriarca», p.186.

[20] Ibid. p.185.

[21] Ibid. p.186.





a. b.



c.

5. Arquitectura Moderna 'Caixa com buracos'
a. Monumento a Marco Virgilio Eurisace (Roma, Itália c.30 a.C.)
b. Igreja Heilig-Gheist (Frankfurt Riederwald, 1930-1931) arq. Martin Weber
c. Cardeal Cerejeira, Oliveira Salazar e General Carmona na inauguração da Exposição do Mundo Português, junto ao pavilhão da Vida Popular (Lisboa, 23.Jun.1940) arqs. Veloso Reis Camelo e João Simões. *Arquivo FCG-MN*

ver ficaria no "património da Religião e da Arte" a par de outras igrejas modernas que então se construíam na América, na França, na Bélgica e Itália, conforme referiu.[22] Era uma igreja que respondia a requisitos específicos, 'os nossos propósitos' – o da construção de uma 'igreja litúrgica' que traduzisse 'na concepção arquitectónica, a vida sacramental'.[23] Pardal Monteiro contara com a colaboração do beneditino belga, D. Martin Martin osb.[24], acérrimo defensor da arte moderna, ou por outras palavras das 'caixas com buracos'[25].

Cerejeira escrevia em 1938 que não tinham sido iludidos os propósitos daquele projecto. Desta forma deixava claro que a modernidade e a beleza pretendidas eram, em primeiro lugar, mais um pedido do requerente do que a simples vontade dos artistas que tinham realizado a obra, a quem nunca cortara 'as asas da inspiração'. De facto a liberdade no campo da produção da arquitectura religiosa era muitas vezes limitada – recorde-se a manifestação pública de desagrado expressa por Cottinelli Telmo quando,

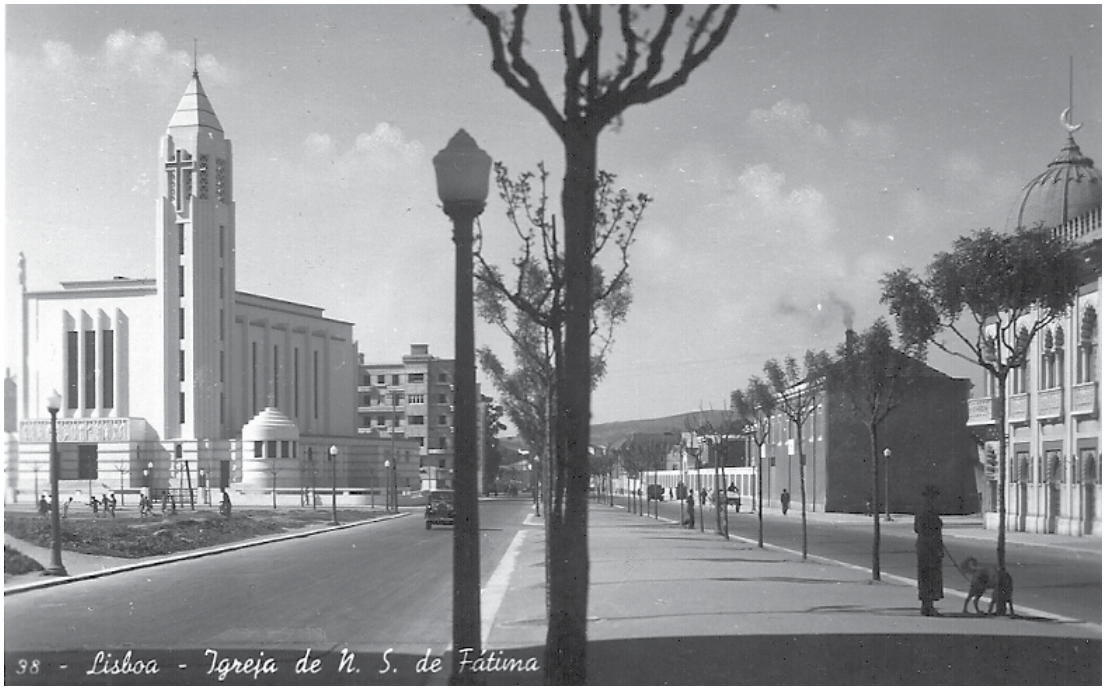
---

[22] Relevamos o facto de o cardeal destacar a produção da arquitectura religiosa destes países. Na década de 1950 será a Europa Central um dos principais centros de produção, nomeadamente a Alemanha e Suíça, que se notabilizaram na (re)construção pós II Guerra Mundial.

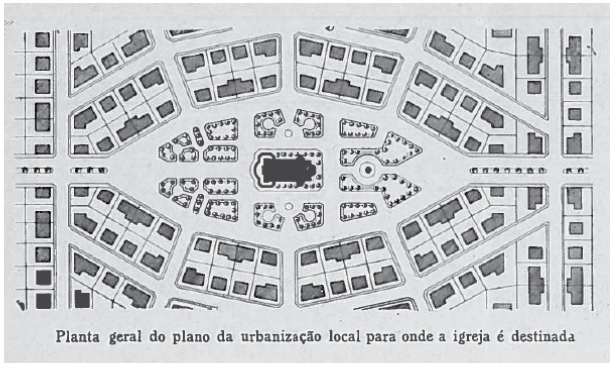
[23] "Em nenhuma outra igreja até hoje construída entre nós, se traduziu tão marcadamente (que saibamos), logo na concepção arquitectónica, a vida sacramental.
Cremos ter-se aqui realizado, com felicidade, o que ousaríamos chamar uma igreja litúrgica, se todas o não devessem ser."
Ibid. p.185.

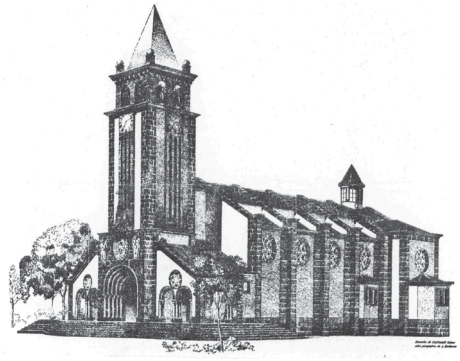
[24] D. Martin Martin osb. (1889-1965) natural de França, professou (15.Jan.1914) e foi ordenado (30.Dez.1923) na abadia de Mont César, em Lovaina na Bélgica. Dedicou-se à Ourivesaria sacra – razão pela qual visitou Portugal pela primeira vez em 1931. Esteve por diversas vezes em Portugal até que ingressou no mosteiro beneditino de Singeverga (27.Abr.1950). Escreveu com regularidade artigos dedicados à arte sacra na revista *Ora et Labora.*

[25] "(...) lembro-me de que, nessa altura, um venerando Cónego, distinto, bondoso e cheio de ditos espirituosos, quando se falava da arte moderna, respondia de repente: Arte moderna? 'Caixa com buracos!'
Os mais fortes argumentos a favor duma arquitectura adaptada às necessidades e à sensibilidade visual da nossa época não conseguiam convencê-lo. Então acrescentava eu um exemplo típico que me parece ainda actual para muitos: 'Existe na Roma antiga um monumento bastante original de Marco Vergílio Aurisaco, rico padeiro e adjudicatário dos fornecimentos ao exército. Um envasamento sobre o qual assenta um quadrado com nove aberturas circulares, aproximadas umas das outras de modo a formarem também um quadrado, cercadas duma larga guarnição lisa. É rematado por um friso em que se encontra representado tudo quanto se refere a um adjudicatário de pão. Esta a fachada. Nela se lê esta inscrição: 'Est hoc monumentum Marci Vergili pistoris redemptoris'. Este monumento, algum tanto pesado como muitas outras construções da arte romana, é um testemunho da Arte popular do século de Augusto.
'Caixa com buracos' diríamos, sim. Mas o que é certo, é que é uma bela caixa com belos buracos. Aqui é que está. Deve dizer-se que a harmonia daquela fachada resulta duma perfeita proporção das aberturas da superfície. Gostava muito de falar destes assuntos com o Eminentíssimo Senhor Cardeal Patriarca."
D. Martin Martin, «Igreja Nossa Senhora de Fátima em Lisboa - elaboração do projecto, construção e a sua importância na Arte moderna (conferência 24.Mai.1963)», em *Igreja de Nossa Senhora de Fátima em Lisboa 75 anos* (Lisboa, 2013), p.142.



a.


Planta geral do plano da urbanização local para onde a igreja é destinada



b. c.

"Uma igreja de cimento armado?
Sem rosáceas, sem ogivas, sem talhas douradas, sem vitrais?
Impossível!
É preciso que não faltem estes elementos
– é possível que ela nasça já velha,
pedras patinadas pelo tempo, com heras, musgo, bolor."

José Ângelo Cottinelli Telmo, «Projecto duma igreja»,
A Arquitectura Portuguesa, (Fev.1933), p.12.

6. Entre a tradição e a modernidade

a. Postal da igreja de Nossa Senhora de Fátima (Lisboa, c.1940)

O confronto de diferentes linguagens arquitectónicas contemporâneas na Avenida de Berna.
A igreja modernista e o edifício de gosto neo-mourisco.

b. c. Estudos para a igreja do Entroncamento (1932) arq. Cottinelli Telmo

Um igreja neo-românica implantada no centro de um possível bairro operário. Perspectiva exterior.

convidado, escreveu na revista *Arquitectura Portuguesa*, corria ainda o ano de 1933, o mesmo ano em que Pardal Monteiro desenvolvera o ante-projecto para a igreja à Avenida de Berna. Nesse artigo dedicado à igreja do Entroncamento (1932), após elogio da redacção pela faculdade do arquitecto trabalhar em "qualquer dos estilos clássicos que sabe interpretar sem cair na imitação servil dos padrões"[26], Cottinelli Telmo introduziu a memória descritiva onde deixava clara toda a hesitação e problemática daquele período:

> "Os meses passaram e o projecto hoje, não nos fala ao coração... Mas onde existe essa obra verdadeiramente de liberdade, quando, sem que esta seja negada, temos a certeza de não vir a ser compreendidos?
> Esta igreja, a fazer-se, será mais uma como tantas outras, razão porque não fazemos descrições (...)"[27]

Neste contexto, percebe-se o ânimo com que foram acolhidas pelas correntes ditas mais progressistas as palavras dirigidas aos arquitectos em 1938 pelo cardeal Cerejeira reivindicando a modernidade, a beleza autêntica e o respeito pela liberdade dos artistas, ao mesmo tempo que condenava toda a falsidade e arqueologia artística.[28]

Menos conhecido mas igualmente divulgado, inclusivamente pela propaganda do Estado Novo[29], o texto proferido na homilia da inauguração da igreja de N.ª S.ra de Fátima aprofundava o pensamento em torno da autenticidade, modernidade e tradição, antecipando o conteúdo que Cerejeira desenvolveria em 1953 em torno da Arte Viva – expressão recuperada daquela homilia:

---

[26] «Projecto duma igreja», *A Arquitectura Portuguesa*, ano XXVI, 4º ano da 2ª série, nº2, (Fev.1933), p.12.

[27] José Ângelo Cottinelli Telmo, «Projecto duma igreja», *A Arquitectura Portuguesa*, ano XXVI, 4º ano da 2ª série, nº2, (Fev.1933), p.12.

> "[Cottinelli] servia-se dessa oportunidade [de publicar na revista] para partilhar as suas inseguranças e as dúvidas com que então se debatia.
> Guadet e Raúl Lino serviam-lhe de referência numa reflexão sobre as relações entre a tradição e a modernidade, sobre a opção entre as duas e a possibilidade de as conciliar. Lucidamente, Cottinelli enumerava as alternativas, analisava os riscos implícitos, denunciava a sua própria autocensura."

João Paulo Martins, *Cottinelli Telmo 1897-1948, a obra do arquiteto (dissertação de Mestrado em História de Arte Contemporânea)* (Faculdade de Ciências Sociais e Humana - Universidade Nova de Lisboa, 1995), p.173.

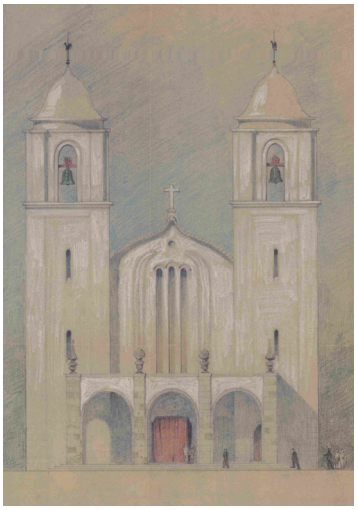
[28] Encontramos citações parciais deste texto na memória descritiva da igreja das Antas - Porto (CODA de Fernando Tudela, Porto: 1944) e na Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea (Lisboa: 1953).

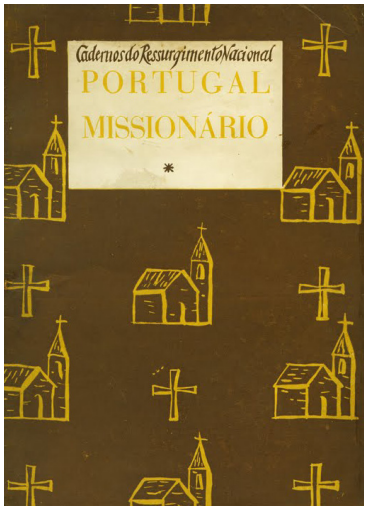
[29] A frase "A obra de arte autêntica tem sempre *algo de religioso*, enquanto é *esplendor da natureza* que é obra de Deus" lia-se na parede da exposição 'Construção Colonial' promovida pelo Ministério das Colónias realizada no Instituto Superior Técnico (Lisboa, Nov.1944). Na sala dedicada à 'Religião' eram apresentadas fotografias e maquetes de obras de projectos de diferentes autores como a catedral de Lourenço Marques (eng. Freitas e Costa), a de Nampula (arq. Raul Lino) e a de Nova Lisboa (arq. Vasco Regaleira) – não construída.
Cf. «A exposição de construção colonial», *A Arquitectura Portuguesa e a Cerâmica e Edificação*, ano XXXVII, 3ª série, nº117, (Dez.1944), pp.8-9.



a.







b. c. d.

" (...) é consolador verificar que a nossa Pátria
não desfalece em seus propósitos de fidelidade ao meritório passado (...)
construindo magníficas obras públicas e de fomento e monumentos religiosos (...)
que não temem confronto com os similares das mais ricas e progressivas colónias
estrangeiras, ombreando mesmo com os das metrópoles civilizadas."

António de Almeida, «O significado de uma exposição»,
A Arquitectura Portuguesa, nº117, (Dez.1944), pp.8-9

" (...) Missões: as suas igrejas são de uma
indigência constrangedora - o que não admira;
não passam pelas mãos do arquitecto.
E note-se bem que a qualidade da arquitectura
nada tem de ver com a penúria
de recursos materiais. Com os materiais pobres
do mato, poderiam fazer-se admiráveis templos."

Nuno T. Pereira, «Arquitectura religiosa»,
Comércio do Porto (8.Dez.1953)

7. 'Obra autêntica tem sempre algo de religioso' - consolo e constrangimento
a. Exposição de Construção Colonial (Lisboa - Instituto Superior Técnico, 1944)
b. Catedral de Lourenço Marques, maquete (1944) arq. Vasco Regaleira
c. Catedral de Nampula (1942) arq. Raul Lino. *Arquivo FCG-RL*
d. Cadernos do Ressurgimento Nacional - Portugal Missionário, SNI (c.1945-1949)
Publicação ilustrada com fotografias das igrejas das Missões Católicas.

"A obra de arte autêntica tem sempre *algo de religioso*, enquanto é *esplendor da natureza* que é obra de Deus.
Esta igreja, como obra de arte, louva o Senhor pela *sinceridade* virginal com que todos os seus elementos se adaptam à finalidade do conjunto.
É obra da *humildade da matéria* servindo a Deus sem afectação nem artifício;
é obra de *respeito pela natureza do material* que se não desfigura nem encobre, mas se acha digno de servir ao culto de Deus de verdade que o criou;
é obra de *verdade na expressão* que toma, não repetindo fórmulas usadas quanto já falhas de sentido.
Igreja moderna pois quer servir a Deus, 'Beleza eterna, sempre velha e sempre nova, na linguagem artística do nosso tempo.'
Aliás sempre foram modernas todas as formas artísticas do passado em relação ao seu tempo;
e nunca foram introduzidas sem protesto as formas novas de uma arte viva, sujeita como tudo o que é humano às fatais transformações do tempo."[30]

1.1.2. Da reprovação da 'arte falsa' à 'arte viva'

Passada uma década e meia sobre o texto de 1938, um período tão marcado pelo peso da cultura do Estado Novo e das Comemorações Centenárias, Cerejeira, já com 65 anos, retomaria publicamente o debate em torno da arte sacra. Em março de 1953, ao inaugurar a "terceira monumental igreja" de Lisboa, a de S. João de Deus à avenida de Roma (dois anos depois da dedicada ao S.to Condestável, obra chave da coesão político-religiosa-historicista do regime)[31], o discurso de Cerejeira ganhou um novo tom - um pedido sussurrado aos artistas por uma arte viva.

Fê-lo de um modo diferente daquele com que se pronunciara em 1938, a propósito da igreja de N.ª S.ra de Fátima. Cremos que a densidade da carta é reveladora quer da maturidade, quer da diplomacia com que reclamou de novo a modernidade na construção das igrejas. O texto revela conhecimento vasto e esclarecido das correntes

---

[30] D. Manuel Gonçalves Cerejeira, «Na inauguração da igreja de Nossa Senhora de Fátima (13.Out.1938)», em *Obras Pastorais, segundo volume 1936-1942* (Lisboa: União Gráfica, 1961), pp.155-156.

[31] "Numa cerimónia impressionante de significado e vibração patriótica, as relíquias sagradas de S. Frei Nuno foram solenemente transportadas para a igreja que Portugal ergueu em honra do seu nome glorioso. (...)
A alocução do Senhor Arcebispo de Mitilene foi a expressão eloquente e sedutora da ideia cristã bem vincada no nosso tempo. (...)
– Cristãos, estamos aqui para quê? Para assistir à inauguração duma igreja? Bastava, então, sermos simples homens e portugueses para estarmos aqui.
– Já alguém disse que as igrejas eram necessárias às paisagens geográficas; as igrejas são mais necessárias às paisagens da alma."
«Templo-Monumento ao Santo Condestável», *Flama revista semanal de actualidade*, ano VIII, nº181, (24.Ago.1951), p.3.



a.





b. c.

8. Igreja de Santo Condestável (Lisboa, 1946-1951) arq. Vasco Regaleira
a. A igreja isolada na praça ajardinada, junto ao mercado do bairro de Campo de Ourique
b. c. Lançamento da 1ª pedra (Lisboa, 27.Mai.1948). *Arquivo AML*
Parada militar, natureza comemorativa da celebração.



a.





b. c.

9. Igreja de São João de Deus (Lisboa, 1950-1953) arq. António Lino

a. A igreja isolada na praça de Londres

A proposta inicial do plano de urbanização propunha uma igreja em cruz, envolvida por blocos [ver anexo 17]

b. c. Inauguração da igreja (Lisboa, 8.Mar.1953). *Arquivo AML*

Cerimónia em que foi lida a Pastoral sobre Arte Sacra. Aspecto interior de uma das naves.

internas da Igreja – vejam-se as citações do Direito Canónico, da Carta Encíclica *Mediator Dei* sobre a Sagrada Liturgia (Pio XII, 1947) e da, então mais recente, Instrução da Suprema Congregação do Santo Ofício para a Arte Sacra (30.jun.1952). A crítica à 'corrupção do senso artístico' ainda está presente, mas de forma subtil e que facilmente passa despercebida, justificada pelo abandono da vivência litúrgica.[32] Da reprovação da 'arte falsa' que marca o discurso de 1938 passa em 1953 à apologia e defesa de uma 'arte viva':

> "Nasceria morta a arte que se limitasse a contrafazer este ou aquele estilo, a copiar qualquer forma, seja já usada e gasta, seja com nota de modernidade.
> Arte viva, a respeito duma igreja católica, significa senti-la em todas as suas dimensões; realizá-la com humildade de modo racional, na linguagem adequada e com estilo próprio, submetendo-se às exigências materiais, funcionais e espirituais; é pensar dentro de si o mistério cristão, e procurar a expressão mais clara para o traduzir plasticamente, com verdade, respeito e devoção."[33]

Ora o 'mistério cristão' que deve ser pensado pelo artista,[34] de que Cerejeira fala ao rematar a carta, é aquele que no início dela procurou caracterizar – mistério que "quotidianamente se renova, reproduz, continua"[35]. Ora, Cerejeira desafia a que a produção da obra autêntica partilhe deste mistério e, para isso, aponta um caminho de renovação em continuidade com a história, com racionalidade, adequação e em 'estilo próprio'.

Para tal, não podia a Arte Viva ignorar três outros preceitos consagrados pela história clássica, que vão para lá do 'mistério cristão'. Preceitos que Cerejeira reconhece serem caros aos mais tradicionalistas: os valores de "estabilidade, utilidade, antiguidade" Estas palavras que recordam Vitrúvio, '*Firmitas, utilitas e venustas'*, são palavras transversais à Carta Pastoral, palavras que Cerejeira traduziu em "exigências materiais, funcionais e espirituais". Ele defenderia uma renovação que não pedisse constante substituição. Para ele o caminho de progresso estava "no constante recomeçar", como enunciava no início da carta pastoral:

---

32 "As igrejas de Lisboa não estão isentas desta corrupção do senso artístico e cristão. Introduziu-se com o progressivo abandono da vida litúrgica. É fruto duma religião superficial, toda feita de devoçõezinhas, sem corrente viva de Fé e Comunhão com Cristo."
Cerejeira, «Pastoral sobre arte sacra (8.Mar.1953)», p.131.

33 Ibid. p.132.

34 O requisito que é feito ao artista que trabalhe para a Igreja, e que pense o mistério cristão. A escolha do verbo 'pensar', num texto em que as todas palavras são criteriosamente escolhidas, revela uma atitude de abertura à universalidade do génio criativo que não se quer limitado ao universo dos crentes.

35 Ibid. p.122.

> "Igreja nova, igreja velha? Se é obra viva de arte, há-de ter necessariamente de uma e outra coisa. Do velho, as raízes vivas de uma tradição, que significa experiência adquirida, hábitos consagrados, sentimentos veneráveis, leis permanentes, princípios estabelecidos. De novo, tudo o que exige a expressão mais verdadeira, mais pura, mais bela (...)."[36]

Neste pequeno excerto apercebemo-nos da introdução clara de um tema – a tradição.[37] Cerejeira alargou o campo de debate sobre a modernidade, ultrapassando as questões da verdade e da beleza, já lançadas em 1938 quando, na inauguração da igreja. enunciara publicamente o ponto de vista: "Beleza eterna, sempre velha e sempre nova, na linguagem artística do nosso tempo."[38]

Porque havia que repensar a igreja na tensão entre a tradição e a modernidade sendo necessário começar pela pergunta mais simples e complexa – "O que é uma igreja?", qual o seu "princípio basilar"? – lançou ele a resposta – edifício dedicado ao culto e às reuniões dos fiéis, conforme declarava o Código de Direito Canónico – logo acrescentando que "uma igreja católica é verdadeiramente 'casa de Deus'. Deus habita pessoalmente nela"[39]. O templo católico era portanto algo mais do que as, vazias, igrejas protestantes. Consequentemente, uma igreja não podia ser simples "casa utilitária", nem "museu, para ostentação morta de obras de arte" ou "lugar de ensaios arrojados de vanguardismo".[40] A igreja tinha de ser arte e convocar a ela todas as artes, na construção e na decoração, gerando um cântico uníssono, imagem de unidade.

Como princípio basilar identificou as preocupações funcionais e racionais que a arquitectura é chamada a responder. A propósito da funcionalidade alertou para o perigo da corrente materialista que esvaziava a igreja do seu 'conteúdo espiritual-religioso'. Havia então que buscar a beleza, uma exigência para toda e qualquer igreja. Beleza conquistada na sinceridade, na unidade e na simplicidade do projecto.

---

[36] Ibid. p.122.

[37] Ponto que desenvolveu na secção "Modernidade e Tradição" na mesma carta.

[38] D. Manuel Gonçalves Cerejeira, «Na inauguração da igreja de Nossa Senhora de Fátima (13.Out.1938)», em *Obras Pastorais, segundo volume 1936-1942* (Lisboa: União Gráfica, 1961). p.156.

[39] Cerejeira, «Pastoral sobre arte sacra (8.Mar.1953)», p.122.

[40] Ibid. p.123.

1.1.3. A presença urbana da Igreja – ser realmente e 'parecer evidentemente'

> "No caso duma igreja, ela só será bela se for realmente e parecer evidentemente uma igreja. Mas uma igreja não é apenas problema de geometria; é também problema de fé, problema de cultura, problema de história."[41]

De facto, 'ser' e 'parecer' eram pontos delicados na discussão, pontos que perduram, ainda hoje, no debate em torno da identidade do edifício sacro. Se o 'ser' igreja era explicado de forma clara e sumária, no ponto 'o que é a igreja', o 'parecer' mais facilmente levantava divergência de opiniões. Isto porque ao 'parecer' está associada a imagem, a expressão plástica do edifício. Cerejeira avançou no discurso de forma cautelosa, dizendo "Todos os estilos o têm tentado, e nenhum está excluído" e portanto "o estilo novo (...) [n]ão tolhe a evolução, defende os valores autênticos de toda e qualquer igreja. Numa palavra, assegura a funcionalidade."[42] Ora expressar a natureza do edifício, para lá de responder às necessidades do programa, era também problema funcional a que os arquitectos teriam de responder. Por sua vez a aceitação do 'estilo novo' reivindicado por Cerejeira ia ao encontro do apelo à aprovação da 'arte do nosso tempo' já lançado em 1947 por Pio XII.

> "O que dissemos da música, se aplica às outras artes e especialmente à arquitectura, à escultura e à pintura. (...) é absolutamente necessário dar livre campo também à arte moderna, se esta serve com a devida reverência e a devida honra aos sagrados edifícios e ritos; de modo que ela possa unir a sua voz ao admirável cântico de glória que os génios cantaram nos séculos passados a fé católica." [43]

Exigia a carta pastoral de 1953 que a igreja expressasse com clareza a 'Fé e o Culto católicos', não podendo portanto ignorar o carácter sagrado do edifício – valor permanente e primeiro. Independentemente da expressão artística ditada pela época em que fosse construído, o edifício teria de distinguir-se do todo envolvente, pois "cristianiza a paisagem, eleva e espiritualiza as (...) povoações"[44]. Ou seja, a igreja tinha

---

[41] Ibid. p.124.

[42] Ibid. p.125.

[43] Pio XII, *Encíclica Mediator Dei*, 1947.
A expressão "arte moderna" presente nas versões portuguesa e italiana desta encíclica é resultado da tradução da expressão "nostrorum temporum artem", conceito mais lato que o de "arte moderna". No livro "Arte Moderna e Arte da Igreja" (Coimbra: 1959), p.61, Manuel Atanásio recorre a uma forma mais comprometida "deixar livre campo à arte do nosso tempo".

[44] Cerejeira, «Pastoral sobre arte sacra (8.Mar.1953)», p.125.

ainda uma outra função: para lá de ser casa de Deus, casa de oração e de reunião, a igreja tinha de o parecer, ser disso sinal na cidade – presença urbana era consequentemente outro requisito que não se podia descurar.

Como sublinhar então a distinção da envolvente? Pela nobreza, dignidade, espiritualidade e beleza da obra – os outros valores identitários expressamente identificados, retomados do texto de 1938. Valores que deviam ser buscados, não isoladamente ou de per si, mas antes procurados na "verdade, harmonia e justeza" de tudo o que compunha a unidade da obra.

1.1.4. Cristianizar a paisagem

Monumento a Cristo Rei

Se em tempos a construção de igrejas pontuadas por torres eram marca da presença da Igreja na cidade; num momento em que a cidade crescia a um ritmo acelerado com novas tipologias habitacionais desenvolvidas em altura, a construção do monumento nacional a Cristo-Rei (1950-1959), contemporâneo da escrita da Pastoral sobre Arte Sacra, expressa, para além do cumprimento de uma promessa, o desejo de cristianizar a paisagem, neste caso em particular, edificando um marca religiosa no estuário do Tejo bem visível de Lisboa.

> "A monumentalidade surge da eterna necessidade humana de criar símbolos para os seus actos e para o seu destino, para as suas convicções religiosas e sociais.
> Todas as épocas sentiram necessidade de erigir monumentos, que conforme o significado da palavra latina são qualquer coisa que 'lembra' qualquer coisa, que deve ser transmitida à geração seguinte."[45]

Assim escrevera Sigfried Giedion em "Acerca de uma Nova Monumentalidade", um texto introdutório aos "Nove pontos sobre monumentalidade, uma necessidade humana" (Nova Iorque, 1943), documento redigido em conjunto com Josep Lluís Sert e Fernand Léger. Em 1940 o episcopado português comprometia-se na construção de um monumento que evocava a protecção divina da Nação em período de guerra mundial, conforme fora expresso na Cova de Iria.[46] Dois anos antes, em Agosto de 1938, já o

[45] Sigfried Giedion, «Acerca de uma nova monumentalidade», em *Arquitectura e Comunidade* (Lisboa: Livros do Brasil, 1955), p.31.

[46] Cf. «Pastoral colectiva sobre o voto do Episcopado Português pela paz em Portugal», em *Obras*





a.

10. Cristinizar a paisagem - Monumento a Cristo-Rei
(Almada, 1959) arq. António Lino, esc. Francisco Franco e eng. Francisco de Mello e Castro

a. "Portugal, aos pés de Cristo-Rei" (1959) *Mello e Alvim (coord.)*

A capa da brochura assume a universalidade da proposta, a reinterpretação do monumento ao Redentor do Rio de Janeiro.
As páginas centrais procuram a coesão social e religiosa do país traduzido na construção de "Símbolo da devoção de Portugal a Cristo-Rei" - um monumento e uma ponte unindo duas margens, Lisboa e Porto.

b. O monumento erguido no vazio domina a cidade (1959). *Arquivo FCG-MN*

c. Fotogramas do filme de propaganda "Cristo sobre o Tejo" (195-)

A herança - os mosteiros de Alcobaça, Batalha e Jerónimos; a torre da capela real da Ajuda e o pedestal na margem sul - paralelismo; as fundações - a construção em betão armado; o pedestal - recorda arquitectura racionalista italiana. [ver anexo 15]



b.



c.

"Foi à sombra da cruz que Portugal se fez independente e sonhou alargar-se em corpo e alma, no espaço e no tempo,
construir catedrais, moradas de Deus e baluartes do espírito (...)
E pouco a pouco, pedra a pedra, dia a dia o monumento foi alçando o seu perfil sobre o Tejo das naus.
Cada bloco de cimento representa a colaboração de milhares de portugueses, numa obra feita de obscuros e silenciosos sacrifícios.
Nessa obra audaciosa, de ambição e de técnica, impera afinal o mesmo espírito de fé que semeou Portugal de rústicas ermidas.
No monumento a Cristo-Rei reflectir-se-á o mesmo cristão atrevimento (...)"

Cristo Sobre o Tejo (195-)

arquitecto António Lino visitara o terreno estudando a possibilidade de ali implantar tal monumento. O Cristo-Rei, que tardaria quase vinte anos a ser inaugurado, foi erguido graças ao trabalho de equipa multidisciplinar que reuniu mestres da escultura, arquitectos e engenheiros.[47] Artistas que acompanharam o amadurecimento da técnica construtiva em betão armado que permitiram elevar os 110 metros de altura do monumento, erguidos num terreno vazio conferindo-lhe grande protagonismo na paisagem.[48] Aquele lugar, criteriosamente escolhido, pontuava toda a cidade de Lisboa a partir da outra margem do Tejo. Tal como o sobranceiro monumento a Cristo Redentor no Corcovado fascinara e motivara Cerejeira em 1934[49], também o Cristo Rei era uma marca no território e na cidade.[50]

A construção de um símbolo nacional cuja empreitada foi suportada parcialmente por fundos recolhidos em peditórios realizados por todo o país, seria uma marca deixada pela Igreja portuguesa no séc. XX – um monumento a juntar-se aos mosteiros de Alcobaça, da Batalha, dos Jerónimos, da basílica da Estrela, conforme enunciava o filme de propaganda 'Cristo sobre o Tejo', por aqueles anos realizado.[51] Aquele novo monumento associar-se-ia ainda a outros dois existentes na capital que, com menos de duas décadas de diferença, apresentavam linguagens arquitectónicas tão diversas como antagónicas: o seminário dos Olivais (1932-34) de Pardal Monteiro e a igreja de Campo

---

Pastorais, segundo volume 1936-1942 (Lisboa: União Gráfica, 1961), pp.141-152.
O filme "Cristo Rei sobre o Tejo" de Amândio Alves reproduz imagens e gravação áudio daquele voto expresso pelo cardeal Cerejeira a 20.Abr.1940 na Cova de Iria. [ver anexo 15].

47 A construção do monumento envolveu: arq. António Lino, eng. Francisco de Mello e Castro e mestres-escultores Francisco Franco e Leopoldo de Almeida, entre tantos outros.

48 "[7] Um monumento, que compreenda o trabalho do arquitecto, do pintor, do escultor e do urbanista exige estreita colaboração de todos os participantes.(...) [8] [Nas] zonas livres, a arquitectura monumental encontrará o seu lugar adequado. Então as construções monumentais poderão espraiar-se, porque como as árvores e plantas, elas não podem ser comprimidas. (...) [9] Materiais modernos e novas possibilidades técnicas estão à nossa disposição."
Sigfried Gideon, Fernand Léger, Josep Lluís Sert, «Nove pontos sobre monumentalidade, uma necessidade humana (Nova Iorque, 1943)», em *Arquitectura e Comunidade* (Lisboa: Livros do Brasil, 1955), pp.43-44.

49 "D. Manuel Cerejeira percorreu, em seguida, todos os pontos daquele mirante do céu, de onde o panorama que se avista é imenso e deslumbrante (...) – Bem certo estava eu quando ontem, dizia ao representante do 'Diário Português' que o Rio era a região paradisíaca do mundo moderno (...) Estou fascinado! E daqui em diante quando alguém me perguntar onde fica o Paraíso, eu não terei dúvidas em responder: na cidade de Guanabara."
Guimarães, *Cardeal Cerejeira no Brasil*, pp.48-49.

50 Em Lisboa, para além do monumento religioso que, simbolicamente, reforçou a união das margens há que considerar a ponte posteriormente ali construída – duas iniciativas independentes, ambas inauguradas com fausto e pompa da Igreja e do Estado. [ver anexo 15].

51 Armando da Silva Brandão, *Cristo sobre o Tejo* (Portugal: Ulyssea Filme, 195-). [ver anexo 15].

de Ourique (1948-1951) de Vasco Regaleira – ambas desenvolvidas por arquitectos de mérito reconhecido, formados em escolas diferentes, ambos da confiança do cardeal Patriarca.

> "O que pedimos aos artistas, qualquer que seja a sua escola, é que nos deem uma igreja e não um exercício de arquitectura. Uma igreja é mais que um problema técnico, embora seja técnico: é ainda um problema espiritual. Tem de nascer, não só da régua e do compasso, mas também e primeiro da Fé, da Liturgia, da Esperança e da Vida católicas."[52]

Vasco Regaleira assumira publicamente em reunião camarária de 1954 a vontade de envolver a cidade na construção de mais um monumental empreendimento religioso associando-se ao programa de recristianização patriótica. À possibilidade de erguer uma escultura comemorativa contrapôs com a ideia da realização de um concurso, aberto a jovens arquitectos,[53] para a construção de uma igreja – a nova Sé Patriarcal:

> "(...) a cidade da nossa época também deverá, para não atraiçoar o exemplo da fé dos nossos maiores, ficar marcada e coroada por um grandioso templo, que seja Monumento da nossa geração à Padroeira. Para a execução desta ideia, duas hipóteses surgiram no seu espírito: Monumento a Nossa Senhora – estátua dominando – ou Igreja Monumental dedicada à Padroeira. Logo lhe pareceu, porém, que era preferível a segunda fórmula. De facto, se a estátua-monumento era sem dúvida uma consagração visível e adequada, quando mais o não será a Igreja, com a vantagem da possibilidade da celebração do culto. E então ocorreu-lhe que essa igreja-monumento fosse também a grande Sé Patriarcal, que Lisboa espera desde os tempos do Senhor. D. João V."[54]

---

[52] D. Manuel Gonçalves Cerejeira, «As igrejas novas do Patriarcado (2.Out.1955)», em *Obras Pastorais, quinto volume 1954-1959* (Lisboa: União Gráfica, 1960), pp.223-224.

[53] A sugestão de Regaleira, vereador da CML, para um concurso aberto às novas gerações de arquitectos parece-nos uma resposta à crítica que tinha sido dirigida um ano antes, na Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea (1953). [ver cap.1.2]

[54] Vasco Regaleira citado na «Acta nº213 reunião da Câmara 22.Jul.1954» (Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1954), pp.2-3.





a. b.

"E agora – o exemplo de uma pequena igreja há pouco construída em Portugal:
que encanta pela sua simplicidade, pelo carácter meridional que soube guardar, pela graça
inteligente com que se avizinhou dos velhos ciprestes, casando-se com sua linha meditativa,
e – sobretudo – pelo espírito verdadeiramente cristão da sua fisionomia. É uma construção
simples, natural, graciosa e modesta ao mesmo tempo, como pode ser a alma de qualquer
cordeirinho do rebanho de Deus, e que nada tem dos ouropéis de pretensão estilística, nem
tampouco daquele género fácil de formas vasadas no cimento armado –
espécie de gíria profissional ao alcance de qualquer jóvem desenhador.
Não, quem isto desenhou não falseou o espírito da sua tarefa."

Raul Lino, «Espírito em arquitectura (30.Mai.1935)»,
em *Auriverde Jornada* (Lisboa: Valentim de Carvalho, 1937), p.194.



c.

11. Coerência com o sentimento popular - um debate a partir de exemplos da conferência 'Espírito na Arquitectura' (1935)

a. b. Igreja Evangélica Alemã (Lisboa, 1934) arq. Otto Bartning com Tertuliano Lacerda. *Arquivo DELK*
Uma igreja que seguia o modelo considerado, pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros de Berlim, digno de figurar na Exposição Internacional de Chicago, conforme refere a Memória Descritiva no *Arquivo AML*.

c. Igreja Protestante (Roterdão, 1929) arq. J. P. Oud
A única igreja que integrou a exposição "Modern architecture : international exhibition" (Nova Iorque - Moma, 1932).

1.1.5. 'Coerência com o ambiente, com a cultura, com o sentimento popular'

Depois de, na Pastoral sobre Arte Sacra, constatar o valor urbano da igreja passou para a observação do seu significado humano, manifestando a atenção a todos aqueles que procuravam na igreja "a tranquilidade, a segurança e a estabilidade". Parece subjacente que daí havia que tirar ilações para os projectos de arquitectura. Era mais uma função à qual a arquitectura era chamada a dar resposta, cabendo aos arquitectos criar ambientes que respondessem às necessidades e anseios concretos das pessoas. Era necessário equilíbrio entre as propostas dos artistas e os requisitos do povo:[55]

> "(...) são para o público cristão as igrejas novas, e não para um pequeno grupo hermético de artistas. Poderiam estes ter razão, antecipando-se ao tempo; mas as igrejas novas estariam funcionalmente erradas se o povo não as pudesse compreender. O cristão não vai à igreja para gozos de arte; vai para rezar, para chorar talvez, também para cantar. A arte aqui é serva do culto."[56]

Encontramos aqui, no discurso de Cerejeira de 1953, paralelismo com algumas ideias expressas por Raul Lino no Rio de Janeiro, em 1935, publicadas no livro "Auriverde Jornada".[57] Na conferência "Espírito em Arquitectura" proferida na Escola Nacional de Belas Artes revelou grande conhecimento sobre a produção da arquitectura religiosa europeia daquele período, fosse ela católica ou protestante.[58] Mostrando obras de Dominkus Böhm, J. P. Oud, Otto Bartning, juntamente com outras de autores menos conhecidos, sem nunca revelar o nome dos seus autores, problematizou a teoria

---

[55] Neste discurso a igreja ainda é vista como pertença exclusiva do povo cristão. Não se antevê qualquer sinal de abertura aos não crentes como se sucederá anos mais tarde.

[56] Cerejeira, «Pastoral sobre arte sacra (8.Mar.1953)», p.126.

[57] Raúl Lino, «Espírito em arquitectura (30.Mai.1935)», em *Auriverde Jornada* (Lisboa: Valentim de Carvalho, 1937), pp.165-235.
Sobre aquela conferência escreveu anos mais tarde:

> "Há uns quinze anos tive o gosto de no Brasil, dar público testemunho da minha admiração por meia dúzia de igrejas contemporâneas de vários países da Europa, em que aliás não se apontava uma ogiva nem qualquer outro elemento medieval, e entre as quais, no entanto, nenhuma não carece de unção religiosa e espírito cristão – apologia que logo depois foi publicada entre nós em letra de forma."

Raúl Lino, «Igrejas Modernas», *Diário de Notícias*, (21.Mai.1951), p.1.
Não foi possível aferir a existência da publicação "Auriverde Jornada" na biblioteca particular do cardeal Cerejeira por se encontrar em tratamento o arquivístico, à data da investigação. Contudo é evidente a partilha e afinidade de pensamento.

[58] No âmbito da pesquisa de doutoramento foi realizada a digitalização dos diapositivos de vidro apresentados por Raúl Lino na conferência de 1935 e parcialmente publicados no livro "Auriverde Jornada". A identificação das obras e a sua referenciação ao texto permite reconstituir aquela conferência associando agora imagens a cada um dos temas tratados. [ver anexo 14]

e prática da arquitectura, tal como fez com as igrejas de Molenbeck (Bruxelas, Bélgica) e Eltham (Londres, Inglaterra)[59]:

> "Uma das grandes bênçãos que assistem o verdadeiro crente, aquela pela qual ele é muita vez até pelos maiores ateus, está na felicidade que lhe dá a fortaleza da sua fé, a segurança no seu credo, e aquela certeza íntima com que encara a vida futura. Este sentimento de tranquilidade espiritual e satisfação deve ser considerado pelo autor duma igreja e, por assim dizer, sublimado nas disposições da sua arquitectura.
> Ora que segurança nos oferece este interior? (...) Parece um tecto a desabar!"[60]

> "Em qualquer caso vemos aqui a materialização duma ideia bem definida: a igreja cristã, pronta a acolher no seu seio todo aquele que for assaltado pela dúvida (...)
> Com a introdução de algum pormenor imitativo de castelo ou fortaleza, o artista teria facilmente caído aqui em deslize de mau gosto, resvalando para a cenografia pueril."[61]

Cerejeira fechou o tópico dos valores permanentes, falando da desejada "coerência [da igreja] com o ambiente, com a cultura e com o sentimento popular"[62]. A linguagem da Arte deveria ser inteligível ao público cabendo ao artista "ter mais em conta as exigências da comunidade cristã, que o seu juízo e gosto pessoal"[63]. Desta forma Cerejeira colocou a primazia nas comunidades, que as exigências de uma arte viva deviam respeitar e não trair, uma vez mais na linha de Pio XII.

> "Não se devem desprezar e repudiar genericamente e por preconceitos as formas e imagens recentes, mais adaptadas aos novos materiais com os quais são hoje confeccionados; mas, evitando com sábio equilíbrio o excessivo realismo de uma parte e o exagerado simbolismo de outra, e tendo em conta as exigências da comunidade cristã, mais do que o juízo e o gosto pessoal dos artistas" [64]

Valerá a pena recordar os escritos de S. Giedion a propósito da aceitação popular à obra impar que Le Corbusier propôs para o Notre Dame de Ronchamp (1955) – obra

---

[59] Esta igreja anglicana St. Saviour Eltham (1932-33) projectada por Welch & Lander e N.F. Cachemaille-Day foi publicada na revista portuguesa "Arquitectura" sete anos mais tarde.
Cf. «igrejas», *Arquitectos - revista oficial do sindicato nacional dos arquitectos* (Lisboa, Set.1942), p.31.

[60] Lino, «Espírito em arquitectura (30.Mai.1935)». pp.181-182.

[61] Ibid. p.187.

[62] Cerejeira, «Pastoral sobre arte sacra (8.Mar.1953)», p.126.

[63] Ibid. p.127.

[64] Pio XII, *Encíclica Mediator Dei.*

de referência internacional que não passou despercebida em Portugal graças, também, ao grupo de renovação da arte religiosa[65]:

> "'Qual a opinião do povo em relação a esta obra?' – perguntámos-lhe.
> 'A princípio', – respondeu ele – 'eram 90% contra ela; agora, são 90% a favor'.
> Não é o povo que põe os obstáculos, mas aqueles que acham que é mais fácil governá-lo, contentando a sua sensibilidade vulgar. Geralmente, não é o povo que é contra – como disse certa vez um arquitecto suíço – mas os que 'não querem'."[66]

1.1.6. Unidade 'renascimento contemporâneo da liturgia'

No ponto dedicado aos 'valores modernos', voltou a falar-se da valorização da comunidade a propósito da participação nos actos litúrgicos, fruto do 'renascimento contemporâneo da liturgia', o que haveria de implicar uma revisão arquitectónica do espaço celebrativo, aproximando do altar a assembleia dos fiéis.[67] Este foi, e continua a ser, o mote para diversos projectos de igrejas que exploram os conceitos de unidade e convergência.

Cerejeira era conhecedor da corrente de renovação que germinava na Europa Central e que, timidamente, entrava em Portugal. A visibilidade conquistada pelo movimento litúrgico no país na primeira metade do século XX muito se deveu aos contributos do Monsenhor Pereira dos Reis (1879-1960), do seminário dos Olivais de Lisboa, e de D. António Coelho osb. (1892-1938), a partir do mosteiro de Singeverga em Santo Tirso.[68] Ambas as instituições construíram novas instalações no século XX

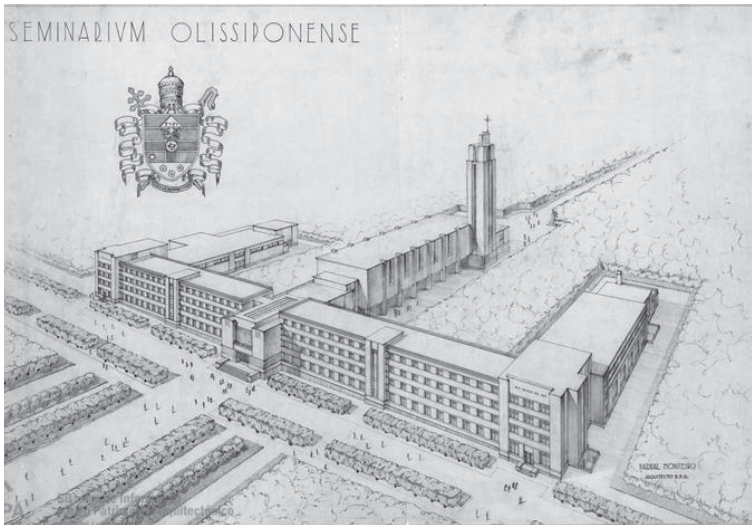
---

65 Sobre a recepção de Ronchamp em Portugal na imprensa escreveram Nuno Portas na revista *Encontro* (1956) e Luiz Cunha na revista *Miriam* (1956). No ano seguinte Nuno Portas dava conta na revista *Arquitectura* da discussão protagonizada por E. Rogers e Giancarlo de Carlo na revista italiana *Casabella* motivada pela paradoxal obra de Le Corbusier em Ronchamp. Nos livros "Arquitectura Religiosa Moderna" (Luiz Cunha, 1957) e "Arte Moderna e Arte da Igreja" (Manuel Mendes Atanásio 1959) encontram-se depoimentos escritos pelos autores portuguese após terem visitado aquela obra.
Cf. João Alves da Cunha, «MRAR e os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal no século XX - a ação do Movimento de Renovação da Arte Religiosa nas décadas de 1950 e 1960» (Universidade de Lisboa, 2014), pp.57-60.

66 Sigfried Giedion, «A re-formação da consciência colectiva», em *Arquitectura e Comunidade* (Lisboa: Livros do Brasil, 1955), p.142.

67 "O renascimento contemporâneo da liturgia veio chamar a atenção para a necessidade de traduzir melhor na arquitectura das igrejas as realidades da vida cristã. E logo surgiram, entre outros, estes dois valores: o altar e a assembleia dos fiéis. (...) Daqui a preocupação moderna de, por um lado, dar toda a importância e relevo ao altar (com o sacrário), fazendo dele realmente o centro vital da igreja, e, por outro lado, aproximá-lo da assembleia dos fiéis e esta dele."
Cerejeira, «Pastoral sobre arte sacra (8.Mar.1953)», p.127.

68 [Sobre o movimento litúrgico] Cf. Bernardo Miranda, «Liturgia e Arquitectura - pensar um lugar para a

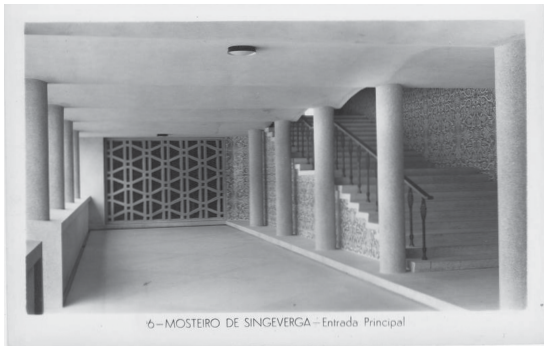




a. b.


2—MOSTEIRO DE SINGEVERGA—Fachada Principal


5—MOSTEIRO DE SINGEVERGA—Vista exterior da Sala do Capítulo


6—MOSTEIRO DE SINGEVERGA—Entrada Principal


8—MOSTEIRO DE SINGEVERGA—Claustro (Galeria Central)

c. d.
e. f.

12. Dois centros da renovação litúrgica em Portugal
a. b. Seminário dos Olivais (Lisboa, 1932-1937) arq. Pardal Monteiro
c. d. e. f. Mosteiro de Singeverga (Santo Tirso,1958) arq. Alberto da Silva Bessa

segundo projectos de Pardal Monteiro e Alberto da Silva Bessa[69], respectivamente. Foi o Monsenhor Pereira dos Reis quem apresentou ao cardeal Cerejeira aquele que seria, mais tarde, o conselheiro litúrgico da primeira igreja moderna da capital, D. Martin Martin osb.[70] Uma tal escolha revelava o reconhecimento por parte da hierarquia católica portuguesa da importância da abadia belga de Mont-César, em Lovaina, como um dos "principais centros propulsores do Movimento litúrgico no princípio do século XX"[71] por onde passaram os protagonistas da renovação litúrgica em Portugal. [72]

A liturgia participada em volta de um só altar foi também tema abordado por Cerejeira na Pastoral sobre Arte Sacra, chamando a atenção para a importância do duplo sentido de unidade que a arquitectura era chamada a significar e realizar no espaço da igreja: "união de todos com Cristo" e "unidade do povo católico". Aproveitou ainda para criticar igrejas nas quais era dado lugar à "dispersão e distância", onde muitos não viam o altar nem se viam uns aos outros. Esta leitura de algumas igrejas abriria portas à experimentação de novas tipologias arquitectónicas que, ao contrário, tornariam evidente o valor da comunidade reunida em torno do altar. Ali mesmo onde professou estas palavras, na igreja de S. João de Deus, o 'altar avançado' dava mais um pequeno passo no sentido da convergência e unidade da assembleia. Só com a igreja de Santo

---

liturgia: o aggiornamento como programa?» (Universidade do Porto, 2014).
[Sobre o movimento litúrgico em Portugal] Cf. João Alves da Cunha, «MRAR e os anos de ouro da arquitetura religiosa (...) 1950 e 1960» (Universidade de Lisboa, 2014), pp.24-26.

[69] «Singeverga, um mosteiro novo que se funda», *Flama revista semanal de actualidade*, ano XV, nº537, (20.Jun.1958), pp.14-15.

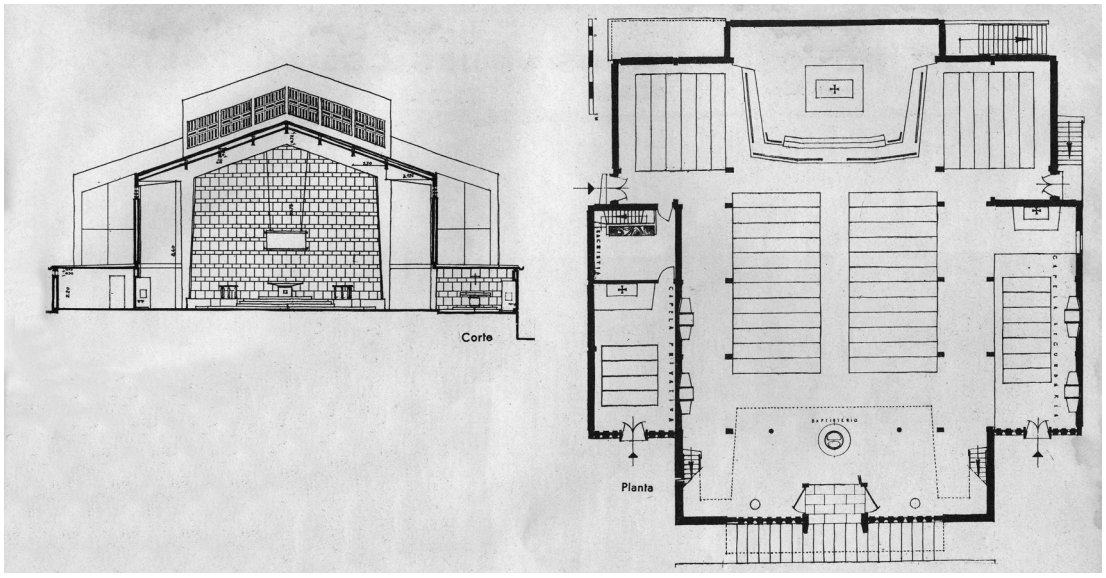
[70] A sua primeira estada em Portugal remonta a Março de 1931, conforme recordou:

> "Esta primeira viagem proporcionou-me a honra e o favor de ser apresentado a Sua Eminência o Senhor Cardeal Cerejeira, jovem Patriarca de Lisboa, que me expôs o seu desejo de estabelecer o Seminário Maior na propriedade dos Olivais. (...) Os caminhos que conduziam à propriedade, então isolada, eram estreitos e muito empoeirados. Hoje o acesso é fácil e as construções multiplicam-se em bairros e fábricas (...) Sua Eminência ouvia opiniões, avisos concordantes ou não, de prelados e pessoas interessadas na obra. Não se tratava dum edifício sem grande importância, pelo contrário; tratava-se duma construção que devia marcar definitivamente para Sua Eminência, para o Patriarcado e para o escol mais judicioso, uma realização perfeitamente conforme à época da história da Igreja e da Arte em Portugal."

D. Martin Martin, conferência «Igreja N.ª S.ra de Fátima - elaboração do projecto, construção e a sua importância na Arte moderna» (Lisboa, 23.Mai.1963).

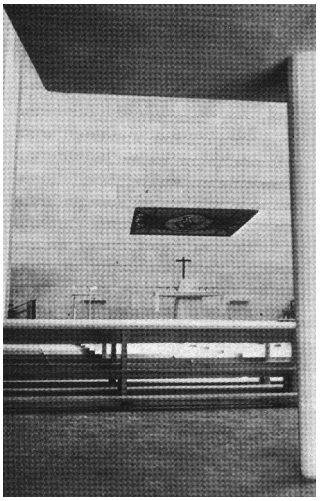
[71] Bernardino Costa, «O Movimento litúrgico e a redescoberta da qualidade teológica da liturgia. António Coelho e a dimensão teológica do Mistério celebrado», *didaskalia xl*, 2010, p.139.

[72] A formação de D. António Coelho osb,. impulsionador do movimento litúrgico em Portugal, passou pela abadia belga de Mont-Cesar que acolheu o 1º Congresso Litúrgico (1910) e diversas semanas de estudo durante o período da sua permanência ali. Também Mons. Pereira dos Reis, futuro reitor do Seminário dos Olivais, frequentemente aí se retirava no Verão.
Em 1926, o bispo D. João Evangelista de Lima Vidal convocou o 1º Congresso Litúrgico (Vila Real), que contou com a presença de D. António Coelho osb. e do Mons. Pereira dos Reis.



a.





b. c.



d.

13. Novas organizações do espaço litúrgico
a. b. c. Igreja de S.to António Moscavide (Loures, 1953-1956) João de Almeida e arq. António Freitas Leal
d. Igreja Heilig-Gheist (Frankfurt Riederwald, 1930-1931) arq. Martin Weber

António de Moscavide, inaugurada no final de 1956, seria realmente testado o altar avançado associado à disposição em T da assembleia paroquial, primeira experiência em Portugal, 25 anos após a experiência pioneira alemã explorada por Martin Weber.[73]

1.1.7. Simplicidade e sobriedade

Ao valor moderno da 'funcionalidade, associado ao "aprofundamento da noção de igreja"[74] estava também ligado o da 'simplicidade', já referido por Cerejeira em 1938. Contudo na Carta Pastoral de 1953 avança na tentativa da sua definição, dizendo:

> "Simplicidade não é equivalente de pobreza, de nudez, de carência, como se poderia julgar por certas igrejas que parece não foram ainda acabadas.
> A simplicidade resulta da justeza, da pureza, da unidade. Só se consegue por esforço humilde de selecção, de renúncia, de purificação. Repugna-lhe a afectação, o artifício, a grandiloquência."[75]

A palavra pobreza, tema caro aos fundadores do MRAR logo no início da década de 1950, aparece uma vez só no discurso de Cerejeira na forma acima citada. Ao contrário do MRAR, Cerejeira não apelou à busca de uma arte pobre de natureza evangélica, tal como vinha sendo trabalhada por artistas e arquitectos na reconstrução de igrejas pós II grande guerra, nomeadamente na Alemanha onde obras de referência eram suportadas por uma amadurecida reflexão teológica:

> "Pauvreté, simplicité 'Non pas, nous écrit [Emil] Steffann, la pauvreté comme une nécessité subie, mais la noblesse cachée en elle. La simplicité lui est étroitement liée. Le même mot, en allemand – *Einfalt* – la confond avec celle des 'innocents'. Nous avons grand besoin, dans la multiplicité de notre civilisation moderne, toujours plus compliquée, de cette simplicité qui n'est donnée qu'aux vrais pauvres dans le besoin. Le Royaume des Cieux est à eux – aux vrais Pauvres.'"[76]

---

[73] Segundo o estudo de Wolfgang Stock a Heilig-Geist-Kirche (Frankfurt-am-Main, 1931) foi a primeira igreja onde o altar foi envolvido pela assembleia. O autor do projecto, Martin Weber, tal como Rudolf Schwarz, acompanhou e participou no movimento de renovação litúrgica alemã.
Wolfgang Jean Stock, *European Church Architecture, 1900-1950* (Prestel Publishing, 2006). p.16.

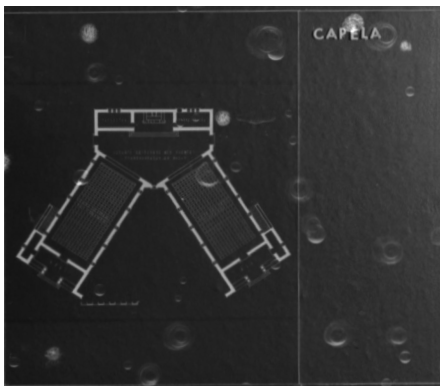
[74] Cerejeira, «Pastoral sobre arte sacra (8.Mar.1953)», p.127.

[75] Cerejeira, «Pastoral sobre arte sacra (8.Mar.1953)», p. 128.
Cf. [ver anexo 10, painel *EARC* nº32].

[76] «Emil Steffan», *L'Art Sacré*, Allemagne 1950, nº3-4, (Nov.-Dez.1950), p.21.

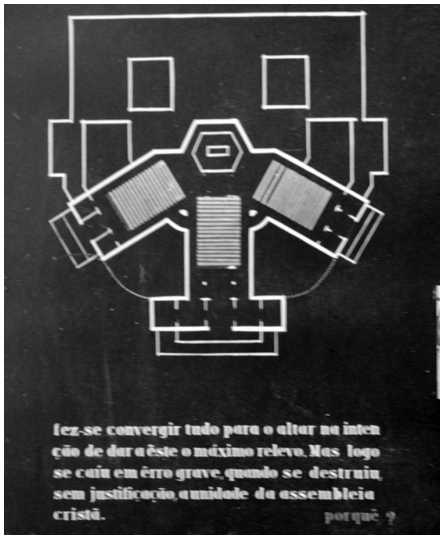






a.
b. c.





d. e.

14. A convergência
a. b. c. Capela do Hospital-Colónia Rovisco Pais (Tocha, 1947) arq. Carlos Ramos
d. e. Igreja S. João de Deus (Lisboa, 1950-1953) arq. António Lino

Da 'simplicidade' que não é pobreza, Cerejeira passou à defesa da 'sobriedade' que, nas suas palavras, valia pela 'nobreza'. A 'sobriedade' enquanto valor procedente da 'simplicidade', e por isso tantas vezes com ela confundida, tinha uma outra natureza, que apelidou de 'aristocrática', exigindo por isso do artista 'apuramento, purificação, ascética'. Nas palavras de Cerejeira podemos ler abertura a uma nova arte sacra, simples e sóbria, que não fosse pobre mas que de algum modo já não tinha de ser monumental.

1.1.8. 'Modernidade e Tradição'

Havia também que encontrar o equilíbrio na aparente contradição 'Modernidade e Tradição' e, para tal, era importante considerar "limites impostos pela natureza das igrejas"[77], natureza a que não estava associado um estilo oficial único. Ora o estilo resultava do "ambiente cultural, da técnica e do material" e era, por isso mesmo, mutável. "Não só ela [Igreja] não condena o moderno, mas o acolheu em todos os tempos. Pois não foram modernas em seu tempo as obras consagradas do passado?"[78] Desta maneira Cerejeira recuperava em 1953 a mesma ideia, já expressa em 1938:

> "Quanto ao ser moderna, não compreendemos sequer que pudesse ser outra coisa.
> Todas as formas artísticas do passado foram modernas em relação ao seu tempo."[79]

Tal como Fernando Távora escrevera em 1952 por duas vezes, nas revistas *Panorama*[80] e *Lusíada*. Lia-se neste último texto:

> "Em matéria de Arquitectura e Urbanismo, modernidade significa integração perfeita de todos os elementos que podem influir na realização de qualquer obra, utilizando todos os meios que melhor levem à concretização de determinado fim. A modernidade manifesta-se na qualidade, na exactidão das relações entre a obra e a vida. Sendo diferentes as condições serão diversas as soluções – mas deve ser comum a natureza das relações. As grandes obras de Arquitectura e de Urbanismo foram sempre modernas na medida em que traduziram exactamente, isto é,

[77] Cerejeira, «Pastoral sobre arte sacra (8.Mar.1953)», p.129.

[78] Ibid. p.129.

[79] Cerejeira, «Sua eminência o cardeal patriarca», p.186.

[80] Fernando Távora, «O Porto e a Arquitectura moderna», *Panorama - revista portuguesa de arte e turismo*, II série, nº4, (1952), p.s/n.

> segundo uma relação perfeita, as suas condições envolventes. Há uma grande verdade comum em todas essas obras – a sua modernidade."[81]

Também Raul Lino escrevera sobre a modernidade das igrejas reflectindo sobre as consequências da afirmação de Cerejeira quanto ao 'ser moderno em relação ao seu tempo'. Fê-lo na primeira página do *Diário de Notícias* em 1951, num artigo que certamente não terá passado despercebido às entidades eclesiásticas e aos arquitectos interessados por aquele tema. Raul Lino escreveu sobre a "fobia das formas tradicionais", o "respeito pela tradição", alertou para o erro que representava a assimilação superficial de "invenzione" e "bonitezas", apelando a procura de valores permanentes. [82]

Cerejeira reconhecia em 1953 a 'fadiga dos motivos envelhecidos', das 'formas artísticas doutras épocas' que já tinha rejeitado em 1938. Havia que encontrar e introduzir 'formas novas', como sugeria na Instrução sobre Arte Sacra. Contudo tais introduções deviam ser devidamente ponderadas, pois o verdadeiro valor artístico do novo e do moderno não se devia confundir

> " (...) com directivas efémeras, modas passageiras, atitudes polémicas, exercícios habilidosos, extravagâncias de escândalo. Sobretudo numa igreja, que não é «atelier» de ensaios."[83]

---

[81] Fernando Távora, «A lição das constantes», *Lusíada - revista ilustrada de cultura*, vol.1, nº2, (Nov.1952).

[82] "Dizem que elas [igrejas novas] precisam de traduzir – embora respeitando o carácter sacro e a finalidade especial da obra – expressões da técnica e Arte contemporâneas. E há quem julgue taxativo o propósito de nada se admitir nestas construções que não seja bem do género a que chamam moderno, alegando que todas as formas artísticas do passado foram modernas em relação ao seu tempo, e sustentando que todas as soluções serão anacrónicas e contrárias às próprias leis tradicionais caso não se cinjam aos mais recentes processos técnicos de construir.
Isto poderia passar por lógico raciocínio se não revelasse lastimável confusão a par de uma fobia das formas tradicionais com que os tiranos costumam aniquilar e destruir tudo quanto possa fazer lembrar os émulos seus antecessores.
Se há classes de edificações em que o respeito pela tradição se impõe, é na arquitectura religiosa, nomeadamente na Igreja Católica, Apostólica, Romana.
(...) O autor de uma igreja, quando de entrada se propõe dar-nos amostras das ultimas *invenzione*, de todas as bonitezas que nos acolhem (símbolos à parte) nos modernos locais de divertimento, ataca o problema de maneira errada. Eu compreenderia antes que ele nos dissesse: Quero fazer uma igreja que, nos tempos agitados de incerteza que estão correndo, possa estimular no ânimo da gente a renovada confiança nos ensinamentos da Igreja; um templo que seja como a afirmação da doutrina que ali dentro se vai pregar; um edifício sugestivo que incuta nos crentes o sentimento de fortidão e inalterabilidade que as palavras de Cristo exprimem:
'*Tu es Petrus, et super hanc petran aedificabo Ecclesiam meam*'."
Lino, «Igrejas Modernas», p.1.

[83] Cerejeira, «Pastoral sobre arte sacra (8.Mar.1953)». p.129.

Foi aliás sob a égide do cardeal Cerejeira que dentro do Secretariado das Novas Igrejas foram realizados alguns 'exercícios habilidosos', graças ao espaço privilegiado em que se transformou o pequeno gabinete de projectos do SNIP, verdadeiro 'atelier de ensaios'.[84]

Em oposição à 'moda passageira' Cerejeira propôs o caminho da renovação, condição inerente à obra viva de arte.

Uma renovação assente na tradição que obrigatoriamente conserva a "experiência das gerações anteriores" que é entregue e "confiada aos novos" para estes a desenvolverem e enriquecerem. Era pois necessário conhecer e estudar a história evitando cair em "trabalhos de arqueologia, sem data certa, sem lugar marcado no tempo, sob pena de ofender a maioria".[85]

> "Quando se fala de tradição na arquitectura das igrejas modernas, não quer dizer que se deva contrafazer este ou aquele estilo histórico, estas ou aquelas formas usadas em outras épocas; – tradição quer dizer procurar a expressão mais própria, mais evidente, para comunicar catolicamente o que há de fundamental e eterno na religião que se professa. Tradição aqui quer dizer que assumimos uma atitude inspirada na fé que nos ilumina e que a procuramos materializar da maneira mais imediatamente compreensível para toda a gente.
> Ao povo é preciso falar claro, e não está certo que o induzamos em confusão (...) Na construção das igrejas, nada haverá de menos ortodoxo, de menos cristão que o prurido da originalidade a todo o custo, do exibicionismo e do desligamento fanático do que é tradicional. (....) Nesta obra o arquitecto convicto empregará a linguagem que lhe for corrente, desde que seja sincera, apropriada claramente compreensível e traduzível."[86]

Cerejeira, naturalmente sensível às vozes dos seu tempo, tinha também a perfeita noção do contributo necessário de uma nova geração, talvez por isso tivesse sugerido a

---

[84] Recordem-se as experiências piloto na segunda metade da década de 1960 no sentido da polivalência e multifuncionalidade do espaço de culto – capelas-salão e igreja integrada em prédios de habitação. Mais tarde, na década de 1980, foi já o cardeal D. António Ribeiro a idealizar a primeira capela num centro comercial. [ver cap.3.7]

[85] "O 'programa' [igreja] tem-se mantido quase inalterável através dos séculos, e o peso da tradição é tal que é quase certo cair-se num trabalho de arqueologia, sem data certa, sem lugar marcado no tempo, sob pena de ofender a maioria (...)
(...) ainda que os séculos tenham fixado disposições arquitectónicas resultantes de rituais estabelecidos, ao arquitecto pertence o resto, e desde que tenha sabedoria e liberdade, poderá afirmar a sua emancipação sem ser pela estravagância propositada e rebuscada.
E conclui: 'Devemos condenar-nos à esterilidade, ao parasitanismo? Não – mas com uma condição: quando sobre esse belo programa tivermos ocasião de fazer obra de liberdade, mostremos que soubemos merecer essa liberdade: estudemos para estar aptos. Conheçamos o passado e não o copiemos: será essa a diferença entre nós e aqueles que o copiam sem o conhecer'."
José Ângelo Cottinelli Telmo, «Projecto duma igreja», *A Arquitectura Portuguesa*, ano XXVI, 4º ano da 2ª série, nº 2, (Fev.1933), p.12.

[86] Lino, «Igrejas Modernas», p.1.

partida para Paris do jovem João de Almeida[87], de 22 anos, aluno de Pintura e de Arquitectura da Escola de Belas Artes de Lisboa, que vivia naquele período um momento de discernimento vocacional. Sugeriu o cardeal que naquele entretanto investisse no estudo da Arte Sacra, junto dos dominicanos responsáveis pela publicação da revista *L'Art Sacré*. O cardeal apostava assim naquele seminarista, nascido no seio de uma família que cultivava o gosto pela arte, a quem entregara o projecto da nova igreja de Moscavide na vizinhança do seminário dos Olivais.

De facto o posicionamento de Cerejeira perante a ideia de tradição-modernidade ia ao encontro do exposto na revista *L'Art Sacré* em 1945. No número intitulado "O Espírito e os princípios – A Igreja na Cidade" era defendida a natureza tradicional da Igreja, sendo a tradição entendida como princípio renovador e de progresso, conforme relatava o artigo escrito por um colectivo de artistas – eclesiásticos e críticos familiarizados com o debate da arte sacra – com a aprovação do cardeal Suhart.[88] A ideia de continuidade havia já sido expressa por Pio XI, na inauguração da nova Pinacoteca Vaticana em 1932.[89] Nessa ocasião o Papa expressou o desejo para que a nova arte sacra obedecesse às leis canónicas vigentes, não fechando as portas ao desenvolvimento, ao progresso e à excelência, dando continuidade à tradição artística cristã que vinha espelhando a diversidade de ambientes e condições sociais e étnicas onde era criada, originando um leque inextinguível de soluções diversificadas capazes de inspirar outras novas formas, geradas no génio e fé dos artistas.

---

[87] João de Almeida tornou-se um pilar na renovação da arte religiosa portuguesa, primeiramente junto do clero em formação no Seminário dos Olivais e na fundação do MRAR, o Movimento de Renovação da Arte Religiosa, e, posteriormente, no desempenho de responsabilidades dentro do Secretariado das Novas Igrejas e na Comissão Diocesana de Arte Sacra do Patriarcado de Lisboa.

[88] "Il ne s'agit certainement pas de répéter les anciennes formes de style. (...) Faut-il entendre par 'ces formes reçues de la tradition chrétienne' les dispositions générales, les différents plans d'églises qui furent adoptés dans le passé? (...) La Tradition est plus profonde que toutes les traditions qui apparaissent à fleur d'histoire. Dans l'ordre de l'art, la fidélité aux 'formes reçues de la tradition chrétienne' doit s'entendre d'un Esprit. (...) La tradition, ainsi comprise, est principe de renouvellement et de progrès."
«Reconstruire les églises I - L'esprit et les principes, L'Église dans la Cité», *Cahiers de L'Art Sacré*, nº1, (Jul.1945), p.5.

[89] "(…) che tale arte [nuova arte sacra] non sia ammessa nelle Nostre chiese e molto più che non sia chiamata a costruirle, a trasformarle, a decorarle, pur spalancando tutte le porte e dando il più schietto benvenuto ad ogni buono e progressivo sviluppo delle buone e venerande tradizioni, che in tanti secoli di vita cristiana, in tanta diversità di ambienti e di condizioni sociali ed etniche, hanno dato tanta prova di inesauribile capacità di ispirare nuove e belle forme, quante volte vennero interrogate o studiate e coltivate al duplice lume del genio e della fede."
Pio XI, «Abbiamo poco», *Inauguração da nova Pinacoteca Vaticana*, (27.Out.1932).

1.1.9. Novidade e estagnação

A Pastoral sobre Arte Sacra, depois de abordar na generalidade a questão "modernidade e tradição", dedicou os dois subtemas seguintes a cada um dos pólos da questão – por um lado "o prejuízo da novidade", por outro a "tradição e estagnação".

No primeiro subtema alertava para o perigo do "gosto da novidade pela novidade", dando eco a "certo autor francês" falando da "parte mortal das coisas" e da novidade que "opera como certos venenos excitantes":

> "Le nouveau est un de ces poisons excitants qui finissent par être plus nécessaires que toute nourriture; dont il faut, une fois qu'ils sont maîtres de nous, toujours augmenter la dose et la rendre mortelle à peine de mort.
> Il est étrange de s'attacher ainsi à la partie périssable des choses, qui est exactement leur qualité d'être neuves.
> Vous ne savez donc pas qu'il faut donner aux idées les plus nouvelles je ne sais quel air d'être nobles, non hâtées, mais mûries ; non insolites, mais existantes depuis des siècles ; et non faites et trouvées ce matin, mais seulement oubliées et retrouvées." [90]

Cerejeira introduzia assim na Pastoral sobre Arte Sacra (1953) as reflexões do início da década de 1930, que identificamos serem de Paul Valéry, autor de "Eupalinos ou L'architecte" (1921). [91]

Cerejeira apelou à busca da "novidade autêntica" que é "originalidade profunda, criação sincera e harmonia viva" razão pela qual uma obra de um verdadeiro artista nunca se repete. Sobre esta temática voltaria a escrever anos mais tarde o Cardeal Cerejeira, por ocasião da abertura da exposição itinerante "Novas Igrejas da Alemanha", apresentada na Sociedade Nacional de Belas em 1964, numa breve nota a propósito da ascese necessária a uma obra que se quer fiel à "função, unidade e harmonia". Referindo-se às obras projectadas por Oscar Niemeyer e Lúcio Costa na cidade que conhecera e que havia inaugurado em representação da Santa Sé, escreveu:

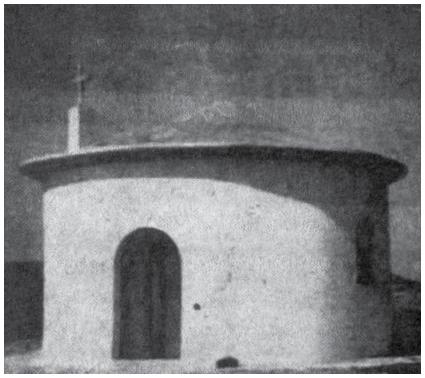
> "Há certamente uma novidade que se procura a si mesma: a arte pela arte, o culto do inédito. Dela se diz libertado o arquitecto criador de Brasília; e confessa que é mais difícil a obra humildemente realizada com inteira e sóbria fidelidade à função, à unidade e à harmonia. Uma igreja católica dos nossos dias exige esta ascese."[92]

---

[90] Paul Valéry, «Aphorismes», *La Nouvelle Revue Française*, (Set.1930), p.292.

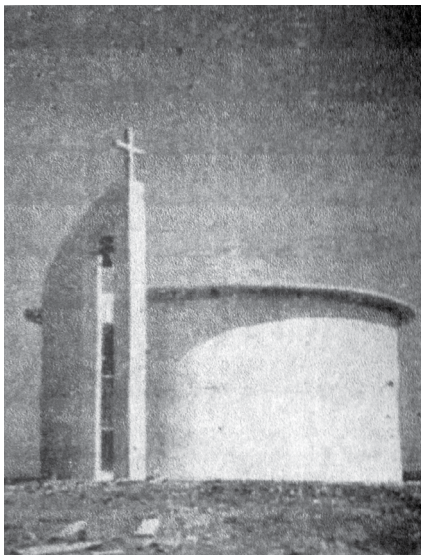
[91] Esta obra de Paul Valéry (1871-1945) integrou a biblioteca de Fernando Távora em 1946.
Cf. Vitor Silva apresenta «Eupalinos. L' Âme et la Danse. Dialogue de l'Arbre de Paul Valery», *'os meus livros', Fernando Távora – dos livros, das leituras, da coleção*, Biblioteca FAUP (6.Jun.2013), p.s/n.

[92] D. Manuel Gonçalves Cerejeira, [Prefácio], em *Novas igrejas na Alemanha* (Munique-Zurique: Editorial

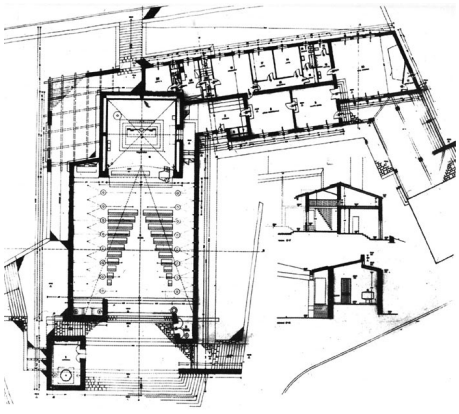


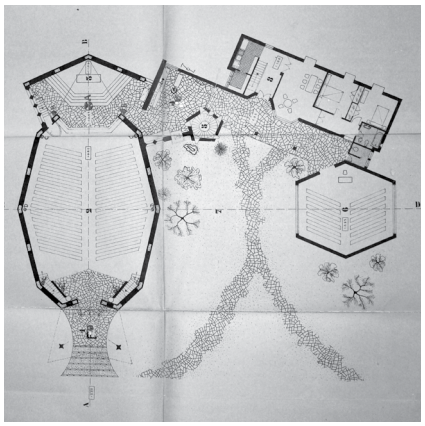
a.





b. c.





d. e.

15. Ideias e formas em movimento
a. c. Capela Nossa Senhora de Fátima, Alimonde (Bragança, 1962) arq. Nadir Afonso
b. Capela do Palácio da Alvorada (Brasília, 1957-1958) arq. Oscar Niemeyer
d. Igreja de La Martella (Matera, 1953) arq. Ludovico Quaroni
e. Igreja Furadouro (Ovar, 1964) arq. Januário Godinho

A humildade, condição pedida aos criadores de arte viva "que não se ouvem a si próprios", foi tópico abordado no início do segundo subtema, "tradição e estagnação". Cerejeira deu eco ao documento da Instrução sobre Arte Sacra e, citando Pio XII, criticou a arte falsa ao serviço do culto. Em tom crítico, reconheceu a fragilidade de cultura artística da comunidade que liderava, cujas igrejas não estavam isentas da "corrupção do senso artístico e cristão (...), fruto duma religião superficial, toda feita de devoçõezinhas". Se por um lado o cardeal defendia que a arte sacra deveria ser 'inteligível' e procurar a 'coerência com a comunidade dos fiéis', reconhecia por outro o papel pedagógico duma arte sacra que devia também educar e ajudar as comunidades na vida litúrgica, encaminhando-as para as 'fontes puras', sugerindo e facilitando a 'purificação dos sentidos'.

1.1.10. A obra construída

A fechar a carta, tal como no início, as considerações de Cerejeira voltavam a referir igrejas na cidade de Lisboa. A coerência que reclamou encontrava-a nas três igrejas inauguradas na capital. Ainda que todas respondessem ao programa de uma igreja paroquial, eram todas diferentes, obras de arte viva que, portanto, nunca se poderiam copiar.

> "Toda a obra verdadeira 'viva' é sempre nova. O artista, se tem génio, é semelhante ao Criador: tira-a do nada, dá-lhe o nome, imprime-lhe a linguagem adequada, fá-la viver por si. Cada obra é única, por mais que se repita (excluo: que se copie) o artista. Única e una, de uma unidade interior que tudo equilibra, harmoniza, vivifica."[93]

De facto as propostas dos arquitectos Pardal Monteiro, Vasco Regaleira e António Lino para as igrejas paroquiais da avenida de Berna, Campo de Ourique e praça de Londres eram naturalmente diferentes umas das outras procurando, cada uma à sua maneira ser espaço de acolhimento. O cardeal Cerejeira pronunciou-se publicamente sobre elas no início da carta pastoral. Eram igrejas novas, e portanto traduziam o "espírito da época, do local de implantação, do material empregado, da técnica

---

Schnell & Steiner, 1964), p.s/n.

[93] Cerejeira, «Pastoral sobre arte sacra (8.Mar.1953)», p.122.

seguida".[94] Simultaneamente, exprimiam também o perfil de cada um dos oragos a que eram dedicadas.

Desta forma a igreja de Nossa Senhora de Fátima procurou o equilíbrio entre a linguagem modernista de uma igreja integrada num quarteirão[95] e o perfil da "virgem" – "Igreja nova, clara e simples (...) fala de silêncio, oração, mistério".

Em Campo de Ourique, apesar da obra ter sido alvo de duras críticas – os "efeitos de um goticismo totalmente desvirtuado"[96] da igreja-monumento isolada em jardim público que assegurava ao "novo templo o adequado ambiente"[97], harmonizavam com os prédios torreados de fachada português suave, fronteiros à igreja dedicada ao guerreiro Santo Condestável – "Monumento que evoca o seu titular [Nuno Álvares Pereira](...) que ele ali nos aparece com a sua cota de armas e o seu burel de frade, guerreiro na dureza nua das grossas paredes e monge nas agulhas místicas."[98]

A igreja na praça de Londres integrava um estudo de conjunto, que previa envolvê-la por blocos habitacionais que não chegaram a ser construídos. Assim era no plano de urbanização de Faria da Costa (1946)[99] que sugeria uma igreja cruciforme, e ainda no ante-projecto para a própria igreja (António Lino, Abr.1950), já de três naves. Na igreja de S. João de Deus, o "santo da caridade" transmite – "(...) o calor do seu coração, a doçura da sua humildade, a paz da sua alma", traduzidos numa organização interna de três naves convergentes sobre o altar, que assim garantia a visibilidade e

---

94 Ibid. p.122.

95 Recorde-se que Pardal Monteiro lamentou a situação urbana em que foi implantada a igreja, quarteirão de uso misto – habitacional e equipamento urbano de uso colectivo.
Cf. Pardal Monteiro, «A igreja de Nossa Senhora de Fátima», *revista oficial do sindicato nacional dos Arquitectos*, nº7, (Nov.-Dez.1938), p.189.

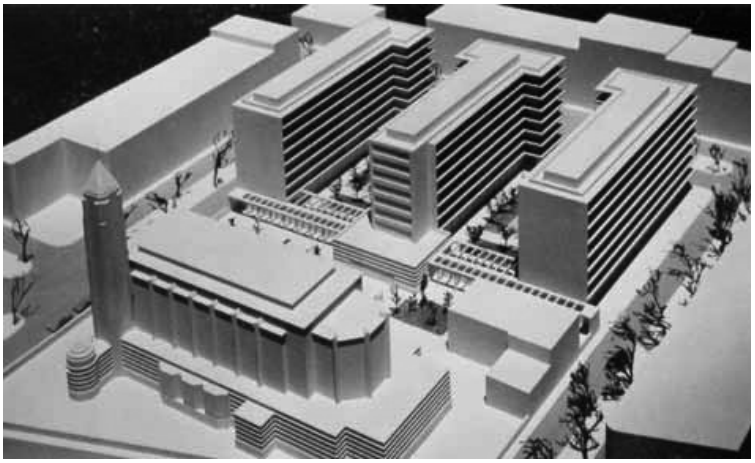
96 "Na Igreja do Santo Condestável (…) fez-se cenografia em vez de arquitectura. Produziu-se, deste modo, uma obra que pretende ser um moderno temperado com efeitos de um goticismo totalmente desvirtuado do seu mais profundo e verdadeiro espírito"
Flórido de Vasconcelos, «A nova Igreja do Santo Condestável – uma obra impura», Cidade Nova, nº5 , (Mai.1951), pp.309-310.

97 "A nova igreja, como se indica na junta cópia da planta nº4065, ocupará a frente central do talhão limitado pela Rua Saraiva de Carvalho e pelas ruas projectadas A, B e C (prolongamento da Rua Francisco Metrass) e deverá ser circundada por um jardim público que assegure ao novo Templo o adequado ambiente."
Álvaro Salvação Barreto - presidente da CML, [Carta dirigida ao Cardeal Patriarca], *Arquivo AML*, (4.Mar.1946).

98 Cerejeira, «Pastoral sobre arte sacra (8.Mar.1953)», p121.

99 Plano de "Urbanização da zona compreendida entre a alameda Afonso Henriques e linha férrea de cintura" e "Ante-projecto para a Igreja de S. João de Deus em Lisboa" [ver anexo 17]



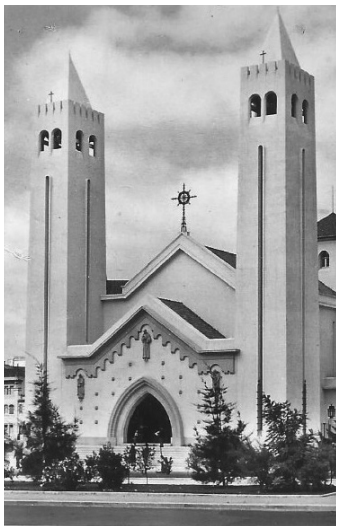


a. b.





c. d.





e. f.

16. Do objecto à integração urbana - 3 igrejas na capital
a. b. Nossa Senhora de Fátima (Lisboa,1932-1938) arq. Pardal Monteiro
c. d. Santo Condestátvel (Lisboa,1946-1951) arq. Vasco Regaleira
e. f. São João de Deus (Lisboa, 1950-1953) arq. António Lino

"Em devido tempo sugeri à Câmara Municipal que pelos seus serviços técnicos fosse encarada a possibilidade de se defender o local com o estudo e a construção duma pequena rua (...) dividindo em dois o grande quarteirão, rua que teria a vantagem de levar à construção de prédios com frente para a igreja evitando-se assim o espetáculo vergonhoso de ficarem a servir de fundo à igreja as traseiras dos prédios construídos (...)."

Pardal Monteiro, «A igreja de Nossa Senhora de Fátima»,
Arquitectos - revista oficial do sindicato nacional dos arquitectos, nº7, (Nov.-Dez.1938), p.189.

"(...) assim ao elaborar o presente ante-projecto procurámos inspirar-nos no Período de Arquitectura Sacra que decorre de 1389 e 1431 época em que viveu Frei Nuno de S.ta Maria.
(...)
Fixadas assim as características dominantes e sem decalcar obra feita procuramos estabelecer as directrizes para a criação de um Neo-Gótico Flamejante Português.
Não se coligiram elementos existentes agrupando-os ou proporcionando-os por forma a se integrarem na nossa composição, formando um conjunto arqueológico; não, pretendemos mais, o presente trabalho é como que a síntese do Gótico Flamejante no ante projecto junto."

Vasco Palmeira Regaleira, «Memória descritiva do ante-projecto da igreja do Santo Condestável»,
Arquivo AML, (Set.1946)

"Como que a agravar o problema apresenta-se o da localização do edifício a erigir numa praça de forma indefinida, onde os acessos se apresentam assimétricos em relação a um eixo determinado para a Igreja em continuação ao do ginásio do Liceu e alheio à concepção da Praça.
(...)
A criação de três naves convergentes ao altar-mor permite-nos um aspecto exterior de agradável enquadramento ao local formando três frentes distintas sobre a mesma face, como que abraçando todo o desenvolvimento da longitudinalidade da forma preponderante da Praça."

António Lino, «Memória descritiva e justificativa da nova egreja de S. João de Deus na praça de Londres, em Lisboa»,
Arquivo AML, (Abr.1950).

proximidade dos fiéis, ideia fortemente do agrado do cardeal.[100] Reconhecemos na forma tridente encontrada por António Lino uma certa linha de continuidade com a já experimentada, por Carlos Ramos, na pequena capela de duas alas convergentes do Hospital-Colónia Rovisco Pais (Tocha, 1947).

O discurso de Cerejeira evidenciava o carácter diferenciado de cada uma das igrejas da capital, como se cada uma procurasse propor à cidade um diferente ambiente. Subjacente ao seu discurso, podemos ler a tese de que a unidade da igreja era possível de ser encontrada na diversidade de propostas, na diversidade de formas construídas na adaptação a cada lugar e contexto.

O problema da integração da igreja na cidade começava a ser revelado e a Arte Viva, autêntica e verdadeira, era chamada a participar neste processo. Pouco a pouco as questões urbanas levantar-se-iam com maior evidência. Passados apenas dois anos, em 1955, o discurso de Cerejeira, na inauguração da igreja de S. João de Brito em Alvalade, revelaria mudança. A discussão da Arte Viva de serviço à Igreja dava lugar à discussão do programa da igreja e da sua implantação no território. Em Dezembro de 1959, estas preocupações tomaram a forma de Carta Pastoral – O grave problema das igrejas do Patriarcado.[101] Ainda que nela a integração da igreja na cidade pareça ser um assunto à parte da discussão da renovação da arte sacra, ele mais não é do que a extensão desse mesmo problema. Uma renovação profunda de Arte Sacra exigia ir para além do debate da arte moderna ao serviço da liturgia, exigia pensar o papel e lugar da igreja na construção da cidade.

---

100 "Vê-se na planta que foi realizada, não com a preocupação de originalidade, mas sim com a preocupação de conseguir suprir defeitos consequentes da existência tradicional do transeptum e das naves laterais, prejudiciais à visibilidade conveniente e à desejada aproximação dos fiéis (...) Sua Eminência muito contribuiu, animando-me para levar a cabo a ideia das três naves convergentes"
A. Lopes de Oliveira, «A obra do arquitecto António Lino na nova igreja de S. João de Deus», *Novidades - Letras e artes*, (8.Mar.1953), p.4.

101 Cf. D. Manuel Gonçalves Cerejeira, «O grave problema das igrejas no Patriarcado de Lisboa (15.Dez.1959)», em *Obras Pastorais, quinto volume 1954-1959* (Lisboa: União Gráfica, 1960), pp.63-90.
[ver anexo 2] Esta Carta Pastoral (Dez.1959) antecedeu a criação do SNIP (Jan.1961).

1.2. O grito

Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea (1953)

Um mês depois da inauguração da igreja de S. João de Deus, em Março de 1953, abriu na baixa de Lisboa um espaço cultural associado à igreja paroquial de S. Nicolau – uma galeria de exposições numa das paróquias de elite da cidade, que era liderada por uma figura de referência do círculo intelectual próximo do cardeal Cerejeira, o pe. Gustavo de Almeida[102], recordado por Cerejeira por ter namorado "a novidade (...) sem jamais a tomar como a portadora da verdade", por ser dos que "gritam e rugem por amor, contra toda a mesquinharia, e fraqueza, e duplicidade e conformismo, e traição".[103] Era este o perfil do pároco que inaugurou a galeria de S. Nicolau, espaço versátil para uso pastoral, com uma exposição organizada por um grupo de sete jovens activistas provenientes do círculo católico da Escola de Belas Artes de Lisboa: Nuno Teotónio Pereira, João de Almeida, António Freitas Leal, João Correia Rebelo, José Maya Santos, Henrique Albino e João Braula Reis com a colaboração da secção da JUC da ESBAL e da União Noelista, que se tinha lançado na realização de exposições de Arte Sacra Moderna (não descurando a Arquitectura), desde meados da década de 1940.[104]

---

[102] O pe. Gustavo de Almeida (1903-1965) oriundo do clero diocesano da Guarda foi pároco de S. Nicolau (Lisboa) entre 1947 e 1965. A partir de Novembro de 1954 escreveu no diário católico do episcopado português *Novidades* a coluna 'Pastoral e Sociologia Religiosa', sob o pseudónio 'Parochus X', onde defendeu a necessidade de uma reforma pastoral suportada pela sociologia religiosa.

[103] "Não era do seu estilo a palavra meditada , serena, medida, nem o alinhamento silencioso e passivo sem paixão. Pertencia à linhagem dos Léon Bloy, que gritam e rugem por amor, contra toda a mesquinharia, e fraqueza, e duplicidade e conformismo, e traição. (...)
E é isto que no-lo faz agora admirar e amar mais: a sua rude inteireza, em que punha tudo, nervos, coração e alma. Namorou a novidade, é certo, como homem do último livro, sem jamais a tomar como a portadora da verdade. O que ansiava era a renovação e vida na fidelidade. Todo ele era sacerdote ardente de Cristo(...) Morreu como viveu: num arrebatamento."
D. Manuel Gonçalves Cerejeira, «Dr. Gustavo de Almeida para a revista *Natal* Junho 1965», em *Obras Pastorais, sétimo volume 1964-1970* (Lisboa: União Gráfica, 1970), pp.316-318.

[104] A União Noelista tinha realizado três edições de Exposições de Arte Sacra Moderna na capital: no Palácio das Galveias (Mai.1945), na Galeria Instanta (Dez.1947) e no Palácio Foz com o SNI, (Jan.1949).
Cf. António Manuel Ribeiro Pereira da Costa, «Museologia da Arte Sacra em Portugal 1820-2010 – Espaços, Momentos, Museografia.» (Universidade de Coimbra, 2011), pp.160-163.
Por ocasião da 1ª Exposição escreveu Maria José de Mendonça, futura sócia-fundadora do MRAR:
"Julga-se oportuno iniciar entre nós as exposições de arte sacra moderna. O material existente justifica a sua apresentação em certames independentes, para que o público conheça um aspecto da actividade dos nosso artistas que, de certo modo tem passado despercebido. É também da maior conveniência despertar no meio católico o interesse por um movimento do qual depende, em grande parte, a beleza e a dignidade do culto das nossas igrejas."
Maria José de Mendonça, *1ª Exposição de Arte Sacra Moderna [catálogo]* (Lisboa: União Noelista Portuguesa, Mai.1945), p.s/n.

Os organizadores da exposição de S. Nicolau, jovens católicos de espírito inconformado, eram já conhecidos do cardeal Cerejeira que os recebera em audiência em Julho de 1951, com a pretensão de contestar o projecto da igreja do bairro de Alvalade, projectado por Vasco Regaleira – arquitecto formado pela RIBA.[105] Nos 15 minutos de audiência Cerejeira apelara ao respeito pela tradição e cautela da novidade, sem lhes dar oportunidade de contestar.[106] Posteriormente reconheceria publicamente o mérito do arquitecto autor da igreja de Campo de Ourique[107], inaugurada em 1951. Tais atitudes exigiam novas formas de acção e contestação por parte do grupo. Nuno Teotónio liderou um abaixo assinado em protesto da nova igreja de S. João de Brito[108]

Na secção dedicada à arquitectura foram apresentadas sete projectos: dois construídos – N.ª S.ra de Fátima de Lisboa (Pardal Monteiro) catedral de Lourenço Marques (eng. Freitas e Costa) e cinco em estudo e/ou construção, a saber – igrejas Riachos (Inácio Peres Fernandes); S. Pedro do Estoril (João António de Aguiar), a catedral de Nampula (Raúl Lino) e catedral de Nova Lisboa e Sé de Bissau (Vasco Regaleira). Esta selecção recuperava projectos apresentados na 'Exposição Mundo Colonial' (1945) e antecipava outros que integrariam a 'Exposição dos 15 Anos de Obras Públicas' (1948), ambas realizadas no Instituto Superior Técnico de Lisboa.

105 O grupo recebido pelo cardeal, a 21 de Julho de 1951, era semelhante ao que organizou a exposição, mas, em vez de José Maya Santos, estiveram presentes José Pedro Martins Barata (filho do pintor Martins Barata) e o assistente da JUC pe. António dos Reis Rodrigues.

106 "O Cardeal disse que não podia mudar, que o projeto já tinha sido aceite. Com o Cardeal Cerejeira acontecia sempre o mesmo, dizíamos o que queríamos e ele desviava a conversa. Era um grande conversador. Nunca conseguíamos nada."
Nuno Teotónio Pereira, «Depoimento (4.Fev.2009)», em *MRAR e os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal no século XX [Volume II - anexos] de João Alves da Cunha* (Lisboa: FAUTL, 2014), pp.81.

107 Vasco Regaleira (1897-1968). Segundo fonte familiar, sendo órfão de pai, emigrou com 14 anos para Londres, juntamente com os seus dois irmãos. De acordo com o artigo que antecedeu a entrevista e apresentação do projecto para a Igreja de S. João de Brito (*Novidades* 26.Ago.1951), Regaleira fora aluno de desenho dos mestres Renan e [António Tomás da] Conceição e Silva. Emigrado para Inglaterra, iniciou os seus estudos na Modern School. Posteriormente, foi aluno de W.[William Herbert] Hodbay e Owen Cary Little na School of Arts, onde concluiu o ensino preparatório. Licenciou-se pela Architectural Association no curso do Royal Institute of British Architects, em 1926. Regressado a Portugal iniciou uma profícua actividade com expressão significativa no território colonial (onde se deslocou por diversas vezes) e no continente:
"Mas onde na verdade a obra de Vasco Regaleira atinge a culminância artística e até do êxtase é na arte sacra onde todo o seu cristianismo é vivido e sentido."
A. Lopes de Oliveira, «O sentido arquitectural português na obra de Vasco Regaleira», *Novidades – Letras e Artes*, (19.Ago.1951), p.4.
Em 1934-1935 Vasco Regaleira sucedeu a Tertuliano Lacerda Marques na presidência do Sindicato Nacional de Arquitectos, antecedendo a Porfírio Pardal Monteiro. À data da encomenda da igreja de Alvalade era vereador da Câmara Municipal de Lisboa e acumulava perto de 30 anos de experiência profissional com um conjunto significativo de obras no campo da arquitectura religiosa, as primeiras das quais publicadas pela revista *Arquitectura* na década de 1920: a ermida N.ª S.ra de Fátima no Lobito, encomendada pelo seu irmão (Fev.1927, p.21-22), e a capela particular da Quinta de Santo António da Serra de Sintra (Mai.1929, p.2).

108 "Todos nós reconhecemos que a arquitectura da nova igreja de S. João de Brito, pelo seu aspecto, se não coaduna nem com os tempos que correm nem com o ambiente geral do Bairro de Alvalade. Verificamos que o seu corpo não tem a dignidade simples, a elevação espiritual, o encanto religioso que ambicionamos para a casa de Deus que desejamos frequentar. Parece-nos que, a manter-se a



A igreja de S. João de Brito

Novidades

26 DE AGOSTO DE 1951

Uma torre de 50 metros dominará o aglomerado urbano

«A Igreja de S. João de Brito — diz-nos o sr. Arquitecto Regaleira, virá completar um conjunto urbanístico de interesse — o do Bairro de Alvalade.

Não foi fácil a ideação do seu projecto.

Havia, por um lado, que ter em conta que no bairro predominam as habitações, mas, por outro lado, um templo não pode ficilmente ser concebido na horizontal.

Triunfou o princípio da verticalidade que, aliás, vem completar a horizontalidade da zona urbana.

Como se disse, a igreja terá uma torre central de 50 metros de altura, ladeada por quatro torres mais pequenas.

Lembremos que é tradição das nossas aldeias e aglomerados urbanos a torre do campanário dominar todo o casario e representar como que uma chamada da atenção do homem para as alturas, para Deus.

Fachada grandiosa

O pórtico terá 7 metros de largura. Toda a igreja foi ideada em vastas proporções.

Sobre o pórtico haverá um lintel de cantaria, tendo, a eixo, um baixo-relevo de 7,5 metros com a figura de S. João de Brito, o patrono do novo templo. Os pés do Santo assentam sobre um escudo com as suas armas. O conjunto é suportado por dois pilares encimados pelas armas de Portugal e de Lisboa.

E o Sr. Arquitecto continua no mesmo à vontade, descrevendo-nos o novo templo.

O interior do templo

— Entra-se na nova igreja, por um nártex.

A igreja terá uma só nave, abobadada, que comportará lugares para 4000 pessoas sentadas. A nave remata por um transepto, no qual se abrem três capelas, a capela-mor, central de Santo Padroeiro, e duas capelas laterais.

Um dos pontos característicos do novo templo está na elevação do Altar da Capela-mor, em relação à igreja.

O altar-mor da igreja de S. João de Brito elevar-se-á num plano acima de 13 degraus.

Da porta poderá ser visto logo e bem por quem entrar, assim como de qualquer ponto da nave.

E o Sr. Arquitecto acrescentou:

— Aflige-me as igrejas em que a multidão se acotovela para poder ver o que se passa no altar-mor. Entendo que o altar-mor, pela sua dignidade e pela sua importância na liturgia, há-de ficar bem à vista de todo o público, que deve seguir com atenção e consciência os ofícios divinos.

Qual o estilo?

Perguntámos:

— Qual o estilo a que obedeceu o novo templo?

— É difícil dizer-lho. Em boa verdade, não tem um estilo definido. Era preciso harmonizar o antigo e o moderno e, além disso, ter em conta a época de S. João de Brito. No entanto, penso ter conseguido uma composição de forte expressão espiritual, num traçado que se integra no explícito moderno do bairro.

Ficará muito dispendiosa a construção do novo templo?

— Essa construção não pode deixar de ser dispendiosa; todavia, há muitos gastos que se evitam, pois, vão ser aproveitadas na igreja de S. João de Brito, cantarias, altares, imagens e até paramentos da demolida igreja de Nª. Sª. da Conceição. Êstes objectos transitam para o novo templo, criando-se assim um primeiro exemplo de aproveitamento de obras que podem voltar a ter vida.

Esta ideia muito deve ao Senhor Cardeal Patriarca e ao Sr. Ministro das Obras Públicas, Eng. Frederico Ulrich.

Dependências da igreja

O sr. Arquitecto Regaleira fala-nos agora das construções que ficarão na parte de trás da igreja que deita para a Avenida da Princesa Santa Joana, perpendicular à Avenida do Aeroporto e no seu subsolo.

Em volta da capela-mor ficarão as sacristias para os sacerdotes e para os sacristães, um cartório e ainda uma sala-dispensa e um vestiário.

No subsolo, em plano alto, na fachada oriental, haverá um salão paroquial, sob a capela-mor, uma capela mortuária, no lado esquerdo e, no lado direito, salas para reuniões das associações católicas, masculinas e femininas.

Ainda nas traseiras do edifício ficarão um presbitério, para o pároco e quatro coadiutores, um posto médico e uma sala de tratamentos, um lactário a cargo de uma instituição religiosa feminina, com instalações próprias, uma escola infantil com duas salas de aula, e residências para guardas e criados.

Como se vê, é todo um mundo que aí vai surgir, devidamente acomodado.

Nas dependências do templo tratar-se-á da saúde espiritual e corporal dos paroquianos.

A entrevista estava a terminar.

O sr. Arquiteceo Regaleira acrescentou ainda um pormenor interessante:

— Pode dizer que, na minha maneira de ver, um projecto não é uma coisa que se tenha de cumprir rigidamente.

Um projecto é uma primeira ideia da construção, ideia que se vai modificando e retocando, à medida que a construção avança.

Também aqui, no caso da igreja de S. João de Deus, pode ser que algumas coisas se venham a modificar, que alguns aperfeiçoamentos possam ser introduzidos no plano geral.

a.

"Qual o estilo a que obedeceu o novo templo? - É difícil dizer-lho, em boa verdade, não tem estilo definido. Era preciso harmonizar o antigo e o moderno e, além disso ter em conta a época de S. João de Brito. No entanto, penso ter conseguido uma composição de forte expressão espiritual, num traçado que se integra no explícito moderno do bairro."

"Um projecto é uma primeira ideia de construção, ideia que se vai modificando e retocando à medida que a construção avança. Também aqui, no caso da igreja de S. João de Brito, pode ser que algumas coisas se venham a modificar, que alguns aperfeiçoamentos possam ser introduzidos no plano geral."

«O que vai ser em Lisboa a igreja de S. João de Brito – Ouvindo o arquitecto Vasco Regaleira», *Novidades – Letras e Artes*, (26.Ago.1951), p.4.

17. 'Não tem estilo definido. Era preciso harmonizar o antigo e o moderno'

a. "O que vai ser em Lisboa a igreja de S. João de Brito ", *Novidades* (26.Ago.1951). *Arquivo FCG-MRAR*

Artigo que motivou a redação do abaixo assinado redigido por Nuno Teotónio Pereira. Para lá das questões da integração urbana e da linguagem arquitectónica a entrevista a Vasco Regaleira revelava a atenção dada aos temas do funcionalismo litúrgico *"Afligem-me as igrejas em que o público se acotovela para poder ver o que se passa no altar-mor. Entendo que o altar-mor, pela sua dignidade e sua importância na liturgia há-de ficar bem à vista de todo o público, que deve seguir com atenção e consciência os ofícios divinos"* e à renovação do programa da igreja paroquial - *"Nas dependências do templo tratar-se-ão da saúde espiritual e corporal dos paroquianos".*

enviado ao cardeal que, contudo, nunca teve resposta institucional. As tentativas de mobilização junto das entidades eclesiais pareciam não ter eco eficaz. O pequeno grupo redefiniu a estratégia e o público alvo – se a Igreja não dava eco às suas preocupações, havia que mobilizar a sociedade e com ela exercer força no seio da Igreja. O espaço dos movimentos da Acção Católica, onde se moviam aqueles jovens progressistas foi, naquele momento histórico, um espaço privilegiado para a aprendizagem da democracia, da participação, um espaço onde a liberdade era possível... Ali ecoava a mesma luta já reclamada no 1º Congresso de Arquitectos de 1948, conforme escreveu Cottinelli Telmo, então presidente do Sindicato:

> "E se algum voto devemos emitir, na ocasião e no lugar que podem tornar mais duradouros os seus protestos de agradecimento e satisfação, vendo-se pública e oficialmente dignificado, é o de que aqueles que lhe podem dar asas ou permitir-lhes maiores voos lhe permitam também que, à semelhança do que se passa pelo Mundo fora, se lance pelos caminhos novos que a sua ansiedade procura, pelas expressões resultantes da sua necessidade de apurar-se e depurar-se, na sua linguagem privativa, de tudo o que seja preconcebido, fruto de má herança ou inconsistente devaneio, de tal modo que, ainda que a História possa vir classificar a sua obra de decadente – ou de florescente, quem sabe? – nela fique reflectida uma época – não com artifícios dourados, mas com o esplendor da Verdade – e a acção do arquitecto possa timbrar-se da nobreza e limpidez de um apostolado." [109]

A exposição patente na galeria da igreja de S. Nicolau, destinada ao grande público, foi a forma escolhida para a luta por uma arquitectura autêntica – a exposição de arquitectura religiosa foi um grito.

1.2.1. 'Pureza, Verdade, Pobreza e Paz'

O recente estudo realizado sobre o Movimento de Renovação da Arte Religiosa (MRAR) revelou o conteúdo apresentado na "Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea" [110] montada por grupo informal que procurava reivindicar "o

---

estrutura projectada, a mesma ficará como um corpo sem alma, perdida a elevação que sonhamos para a morada terrena da dignidade do Senhor."

Nuno Teotónio Pereira citado em José Carlos Francisco Pereira, «O Movimento de Renovação da Arte Religiosa e o papel artístico e pastoral do seu Boletim», *Lusitania Sacra*, 2ª série, nº12, (2000), p.433.

[109] Cottinelli Telmo, «A arquitectura e as obras públicas», em *15 Anos de Obras Públicas (1932-1947) - 1º volume* (Lisboa: Ministério das Obras Públicas e Comunicações, 1949), p 28.

[110] Cf. Cunha, «MRAR e os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal no século XX - a ação do Movimento de Renovação da Arte Religiosa nas décadas de 1950 e 1960». [MRAR: História pp.155-167].

reencontro da arquitetura com o seu processo histórico (...) O problema era (...) o de uma expressão plástica que não estava nem funcionalmente nem construtivamente de acordo com os meios e necessidades do tempo"[111], uma luta que encontrava razão na leitura que os jovens faziam das igrejas construídas naquele período, onde era "esquecido o espírito do Evangelho"[112] e que, por isso, impunha como disseram no manifesto da exposição, "uma acção de esclarecimento e uma revisão de conceitos, para que a arquitectura possa mostrar ao mundo de hoje a verdadeira face da Igreja de Cristo."[113]

A arquitectura, e em particular a arquitectura religiosa, teria de se reencontrar com valores de "pureza, verdade, pobreza e paz", valores expressos na passagem das Bem-Aventuranças e ilustrados nos primeiros painéis expositivos, recorrendo a pequenas igrejas, ermidas da costa e capelas do interior de Portugal[114], a ambientes austeros de abadias cistercienses – fosse a abóbada do refeitório de Alcobaça ou o interior despojado da nave da igreja de Sénanque. O despojamento da arquitectura cisterciense alimentava então também a inspiração de outros arquitectos modernos, recorde-se, por exemplo, a importância da visita de Le Corbusier à abadia de Thonoret quando projectava o convento dominicado de La Tourrette, no mesmo ano de 1953. A propósito da sugestão de tal visita, escreveu o pe. Couturier op. a Le Corbusier:

> "Je espère que vous avez pu aller au Thoronet et que vous aurez aimé ce lieu. Il me semble qu'il y a là l'essence même de ce que doit être un monastère à quelque époque qu'on le bâtisse, étant donné que les hommes voués au silence, au recueillement et à la méditation dans une vie commune ne changent pas beaucoup avec le temps." [115]

---

111 Ibid. p.156

112 Nuno Teotónio Pereira, [et.al.] «Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea (Folheto)» (Lisboa, Abr.1953).

113 Ibid.

114 [Painel 2] Pureza: capela do Espírito Santo no Fundão, séc. XVI, ermida N.ª S.ra de Guadalupe em Vila do Bispo, séc. XIII; [Painel 3] Verdade: tecto do refeitório do mosteiro de Alcobaça, fachada lateral da igreja românica S. Pedro de Rates, séc. XII e XIII ('verdade' profundamente recuperada pela DGEMN nos anos 1930 e 40, que a procurou restabelecer ao estado original da igreja, conforme as teorias do restauro vigentes à época. Esta obra foi realizada sobre direcção do arq. Rogério de Azevedo); [Painel 4] Pobreza: igreja S.ta Maria da Graça em Setúbal, ermida de S.to Estevão no Baleal e igreja de S.ta Margarida de Peroguarda; [Painel 5] Paz: ermida de S.to Estevão no Baleal, Abadia de Sénanque, França.
[ver anexo 10, painéis *EAR*C nº2-5].

115 pe. Couturier op., «carta dirigida a Le Corbusier (28.Jul.1953)», em *Le Corbusier Le Couvent de La Tourette* (Marselha: Éditions Parenthèses, 1987), p.12.

Os primeiros painéis da Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea, fugiam aos mais conhecidos monumentos da história da Arquitectura religiosa portuguesa, mostrando obras marcadas pela simplicidade, pelo acolhimento traduzido numa escala não monumental. A arquitectura tradicional começava a despertar o interesse daquele grupo, vejam-se, por exemplo, as fotografias da ermidas do Baleal e da capela de Peroguarda (1955-1960), lugares que seriam revisitados por alguns dos membros daquele grupo, envolvidos no Inquérito à Arquitectura Regional.

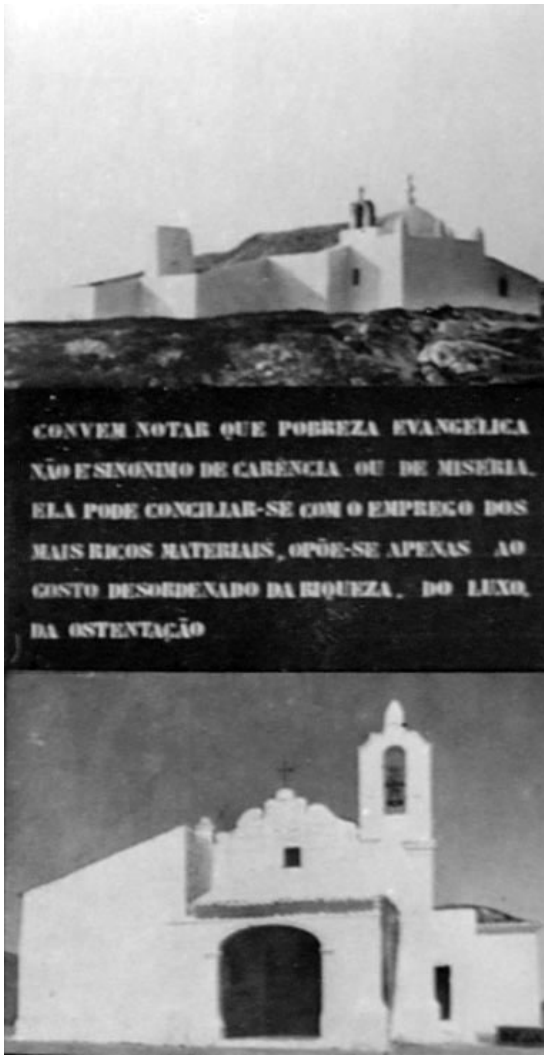
Interessou-lhes a ideia de a essência – da Pureza, da Verdade, da Pobreza e da Paz – se encontrar nas coisas simples e, simultaneamente, na natureza. Por isso, com sensibilidade, cruzaram as imagens das obras construídas, com a 'pureza' expressa nas flores, a 'verdade' de tronco de árvore, a 'pobreza' de um solo árido e a 'paz' de uma copa de árvore ao vento. Os valores que procuravam para a arquitectura, estavam presentes na natureza e havia que reencontrá-los traçando o caminho de renovação que propunham. Daqueles quatro valores destacados da passagem das bem aventuranças, chamamos a atenção para os da 'verdade', tão presente nos discursos de Cerejeira, e da 'pobreza', como vimos quase ausente das suas palavras. Talvez por isto dos quatro painéis tenha sido o dedicado à 'pobreza', o único a integrar uma nota explicativa que procurava esclarecer o termo – pobreza evangélica[116], que não era carência nem miséria e se opunha à riqueza, ao luxo e à ostentação.

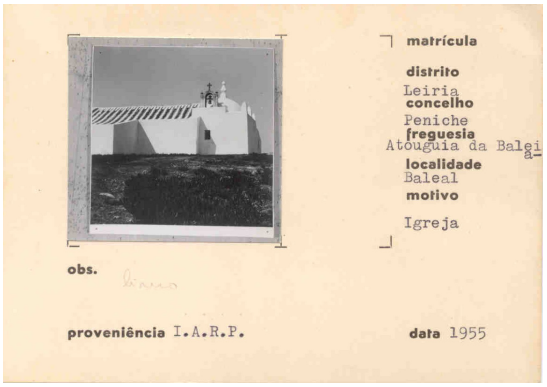
A escolha do sermão da Montanha era reveladora da identidade do grupo. O texto, considerado um convite à 'libertação do homem' e à sua felicidade, viria aliás a ser referido na aula jubilar pelo Cardeal Cerejeira, na Universidade de Coimbra.[117] Ora é exactamente essa liberdade, num momento da história em que ela não imperava em Portugal, que aqueles jovens reclamaram para a arquitectura – liberdade criativa. As exigências do evangelho ditavam afinal princípios aos projectos de arquitectura, ao invés de limitarem a criatividade. Como eles próprios escreveram "não fixam a arquitectura do

---

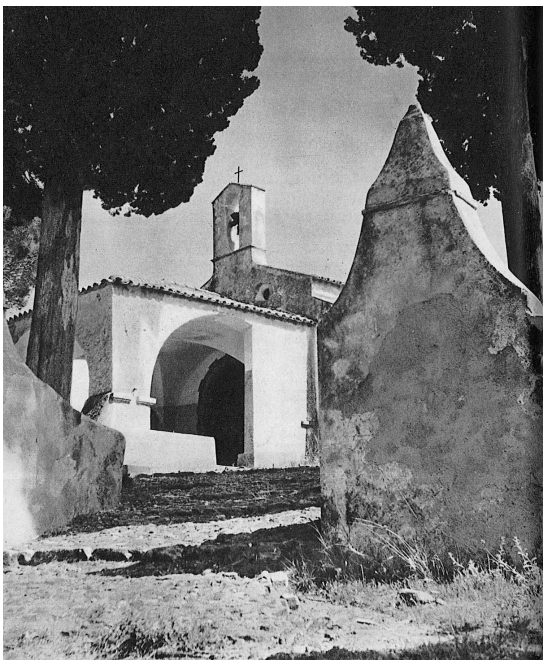
116 Cf. «La pauvreté évangélique», *L'Art Sacré*, Reconstruire les églises IV - l'exemple de la Suisse Alémanique, nº1-2, (Jan.-Fev.1947), p.20 .
«Chroniques Toujours la Pauvreté)», *L'Art Sacré*, Allemange 1950, nº5-6, (Nov.-Dez.1950).
A crónica foi ilustrada com uma fotografia da igreja de St. Michaels (Basileia) de João de Almeida, que colaborara naquele projecto de Hermann Baur.

117 "É esquecido, se não menosprezado, o Evangelho das 'bem-aventuranças' que faz parte primeira e essencial do anúncio do reino de Deus. (...) As bem-aventuranças impõem-se como o mais alto ponto de libertação do homem das coisas perecíveis."
D. Manuel Gonçalves Cerejeira, «A condição de cristão na construção histórica do Mundo (29.Nov.1958)», em *Obras Pastorais, quinto volume 1954-1959* (Lisboa: União Gráfica, 1960), pp.321 e 323.





a. b.



c.

"Dans la plupart de nos vieux pays, l'église rurale, loin de marquer une rupture ou même un sommet, se fond dans le village, ne fait qu'un avec lui. Elle garde avec les demeures qui l'entourent un accord parfait, un lien organique et vivant. En général les matériaux, les méthodes de construction, les formes mêmes sont semblables. Parmi les maisons des hommes, l'église n'affirme la présence divine ni par sa splendeur ni par sa puissance, mais par sa dignité exemplaire et sa noblesse familière. Le témoignage de cette modestie pleine de ferveur et d'amour nous semble mieux adapté aux nécessités de notre temps que l'enthousiasme sincère mais un peu tapageur des cathédrales."

M. R Capellades, «L'église dans la cité», *L'Art sacré*, nº5-6, (Jan.-Fev.1959), p.6.

18. O interesse crescente pela arquitectura Popular

a. Excerto do painel nº5 da Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea (1953). *Arquivo FCG-MRAR*
Ermida do Baleal e Capela de Peroguarda (1953).

b. Ficha de inventário do Inquérito à Arquitectura Popular - Ermida do Baleal (1955). *Arquivo OA*

c. Imagem na contra capa de revista *L'Art Sacré* (1945)

templo em formas determinadas: pelo contrário deixam-lhes plena liberdade na sua invenção."[118]

1.2.2. Aprender com a arquitectura

Portanto, respeitando a liberdade eram válidas todas as pesquisas experimentadas ao longo da História um pouco por toda a parte, fosse a planta centrada (como a de S. Vital, em Ravena) ou a longitudinal (como a da basílica de S. João de Latrão, em Roma).[119]

O grupo reconhecia ao longo da história um valor de modernidade constante, traduzida na actualidade em todas as formas artísticas produzidas em épocas passadas. Reforçaram a ideia citando Cerejeira[120] e demonstraram-na recorrendo a uma colecção de imagens de obras de arquitectura monumental e não anónima que, de certa maneira, faziam o contraponto aos primeiros painéis da exposição. Revelaram algumas igrejas-monumentos nacionais, das românicas às barrocas – as sés de Coimbra e de Lisboa, a igreja da Graça (Santarém), os mosteiros de Alcobaça, dos Jerónimos e de São Vicente de Fora (Lisboa), os conventos de Bom Jesus de Valverde (Mitra, Évora), de Cristo (Tomar), a basílica da Estrela (Lisboa), a igreja dos Clérigos (Porto). Procuraram ilustrar a "sobriedade e harmonia do Românico", a "elegância do Gótico", a "exuberância decorativa do Manuelino" e as formas e harmonias do Renascimento até ao abandono dos cânones clássicos no Barroco. A história da arquitectura dava simultaneamente a lição da unidade das artes e, portanto, ainda que aquela fosse uma exposição de arquitectura, dava ainda destaque às artes ditas menores. Assim, foram introduzidos naqueles painéis fotografias de pequenos detalhes: dum fresco, dum vitral, de baixos relevos, duma escultura e dum pormenor de talha[121], cada um dos elementos associado a

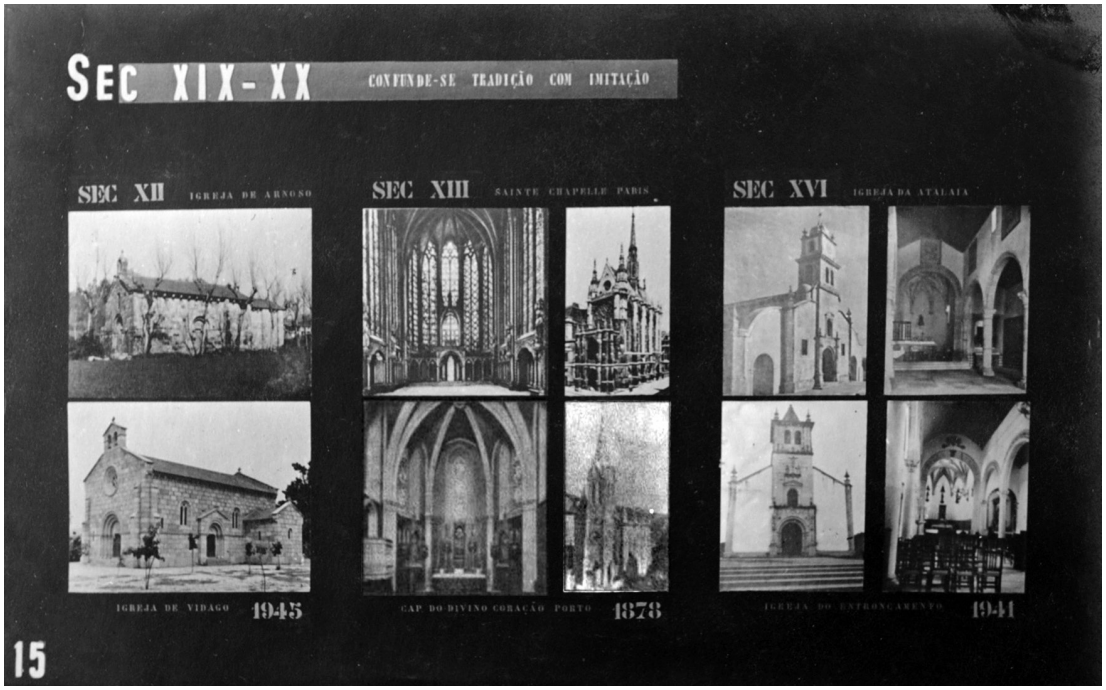
---

118 [ver anexo 10, painel *EARC* nº7].

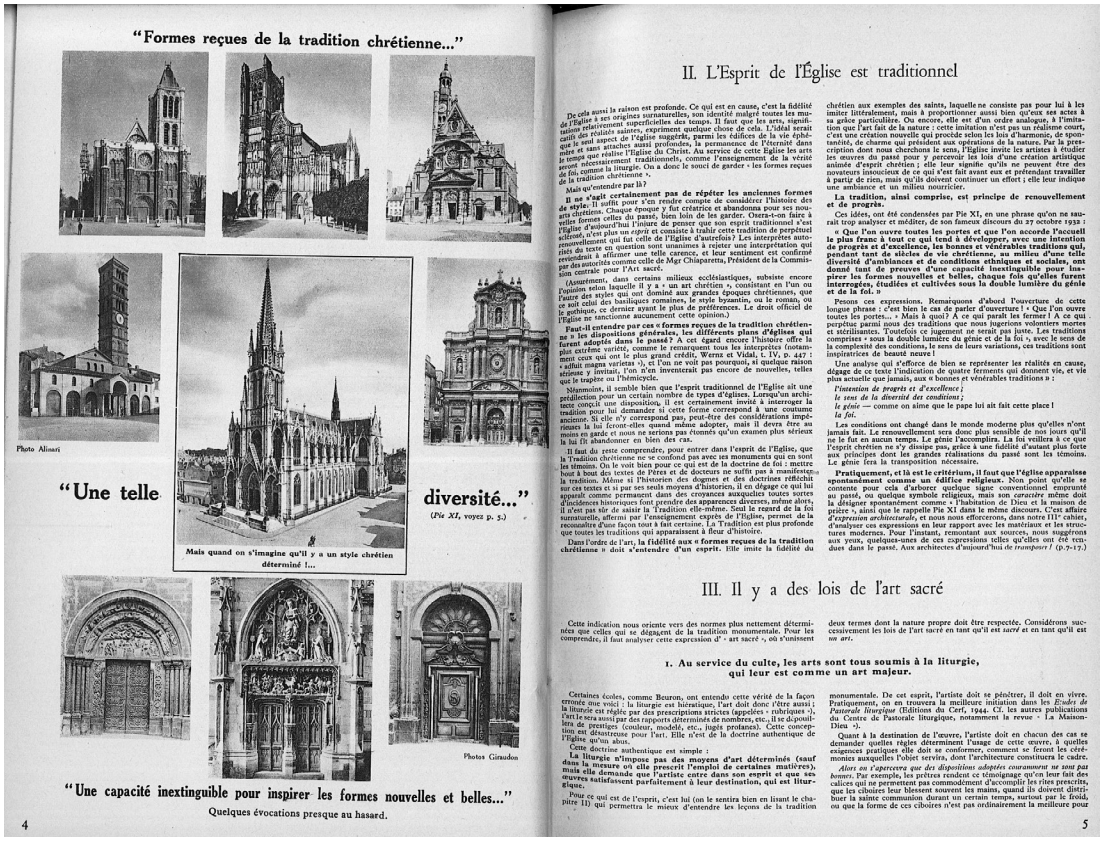
119 Para além destas obras compunham o painel as plantas da igreja barroca da Falperra, Arles, S.ta Cristina de Lena (Oviedo), Catalunha, entre outras. [ver anexo 10, painel *EARC* nº8].

120 "Todas as formas artísticas do passado foram modernas em relação ao seu tempo"
D. Manuel Gonçalves Cerejeira, «[A igreja e a arte moderna] Sua eminência o cardeal patriarca», *revista oficial do sindicato nacional dos Arquitectos*, nº7, (Nov.-Dez.1938), p.186.

121 O pormenor pertence ao retábulo da capela-mór da Igreja dos Paulistas(Lisboa) publicado por Robert Chester Smith, «A arte barroca de Portugal e do Brasil », *Panorama - revista portuguesa de arte e turismo*, II série, nº38, 1949, p.s/n. [ver anexo 10, painel *EARC* nº14].



a.



b.

19. Tradição e imitação

a. 'Confunde-se tradição com imitação' (1953). *Arquivo FCG-MRAR*

b. 'L'Esprit de l'Église est traditionnel' - 'Mais quand on s'imagine qu'il y a un style chrétien déterminé!...' revista L'Art Sacré (1945)

diferente período da história de arte. Como que a sublinhar as relação das artes com o Homem e com a sociedade ao longo do tempo, o fresco românico francês[122] realçava o valor da construção comunitária, apresentando a edificação da cidade e torre cujo cimo atingiria os céus - Torre de Babel, enquanto medalhão esculpido com busto do portal da igreja da Atalaia[123], relevava a corrente antropocentrista do renascimento. Comunidade e indivíduo eram dois temas considerados na exposição – temas que alimentavam o debate internacional.[124]

A modernidade não podia ignorar os ensinamentos da arquitectura. A imitação, contudo, não era o caminho da tradição – erro que reconheceram presente em tantas obras nacionais dos séculos XIX e XX. Assim acontecera por toda a Europa, conforme testemunhou Hermann Baur na conferência que proferiu em Lisboa, cinco anos após a realização da exposição de S. Nicolau:

> "(…) on a parlé toujours des formes seulement, de l'extérieur, de développer des formes extérieures - les colonnes, les cimaises et ces chose-là, les corniches, etc. - le résultat a très bien montré qu'un art vivant et authentique, une architecture authentique, ne peut pas naître quand on ne fait pas des fondations plus basses. Ça était un peu en évidence pour tout le monde qu'on ne pouvait plus continuer cette chose du 19ème siècle. (…) nous avons beaucoup discuté avec des gens pour les persuader que la tradition n'est pas une chose de formes extérieures, mas plutôt une chose de l'esprit, une chose intérieure et que la tradition (…) ne dispense pas de l'obligation de recommencer toujours complètement de nouveau."[125]

Na exposição, no painel intitulado "confunde-se tradição com imitação"[126], foi colocada em evidência a cópia cega de modelos, fazendo corresponder a igreja de Arnoso (séc. XII) à de Vidago (1945), a Saint Chapellle – Paris (séc. XIII) à capela do Divino Coração – capela dos Pestanas (Porto, 1878), a igreja da Atalaia (séc. XVI) à do

---

122 Fresco representando a construção da torre de Babel existente na abóbada da igreja da abadia de Saint-Savin-sur-Gartempe (França, séc. XI). [ver anexo 10, painel *EARC* nº10].

123 A autoria do portal é atribuída a João de Ruão (séc. XVI). [ver anexo 10, painel *EARC* nº13].

124 "Mas uma igreja cristã não serve apenas de local de reunião, litúrgica ou extra-litúrgica, da comunidade; mas também de lugar de devoção individual dos fiéis."
«Directivas para a construção das igrejas segundo o espírito da liturgia romana», *Novellae Olivarum - revista dos alunos do seminário de Cristo Rei - Olivais*, ano XIII, nº121, (Lisboa, Jan.1955), p.1.

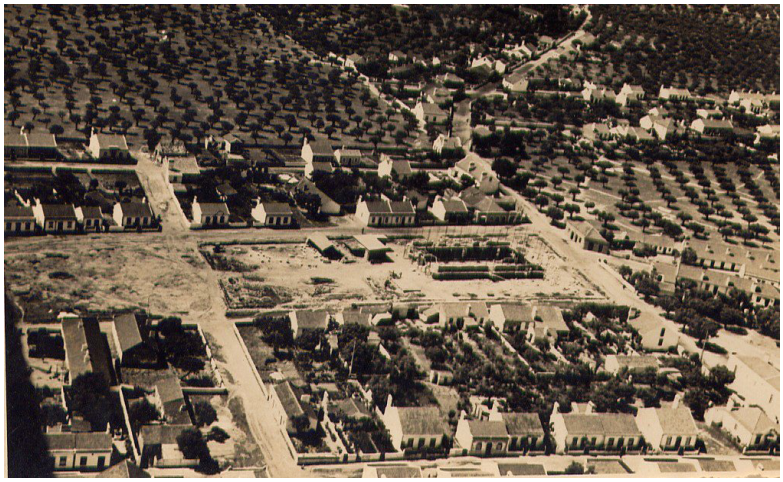
125 Hermann Baur, «A arquitectura religiosa cristã e a sua evolução - conferência», *Curso de arquitectura sacra, Movimento de Renovação da Arte Religiosa*, (3.Jan.1958). [ver anexo 7].

126 [ver anexo 10, painel *EARC* nº15].





a. b.





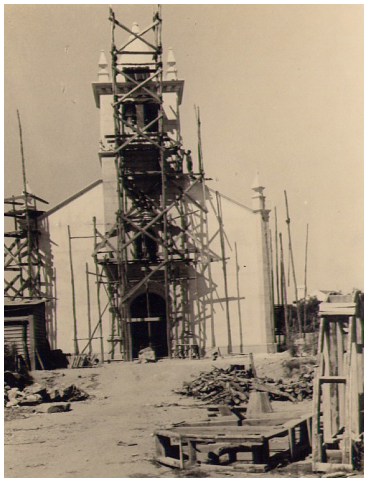
c. d.

"O terreiro, de austero aspecto monacal, separa a Igreja do boliço profano por dupla sebe viva de cedros, talhada em túnel e em arcadas abertas para o interior; destaca-se em dois planos, no mais alto assenta o monumento, no outro brilha o lago, acompanhdo de quatro cedros em pirâmide. O Espírito Santo diz pela boca de David no Psalmo XXV: ' Domine dilexi decorem domus tuae. Senhor agrada-me a beleza da tua casa!'."

Corporação Fabriqueira do Entroncamento,
[desdobrável para angariação de fundos], (Nov.1937).

20. Igreja da Sagrada Família (Entroncamento, 1937-1940) Ruy de Andrade
a. Maquete da igreja, executada na Quinta da Cardiga. Postal da angariação de fundos
b. Cardeal Cerejeira na inauguração da igreja (1940)
c. Fotografia aérea durante a construção
d. Arranjo exterior do adro, vedado por sebes.











e.

e. Álbum fotográfico. *Espólio da Quinta da Cardiga reunido por Luís Baptista*
Vista aérea, missa celebrada no estaleiro da igreja,
visita de Ruy de Andrade e família à obra, cortejo no adro vedado por sebes,
vistas do interior, molde em gesso do medalhão do pórtico da igreja.

Entroncamento (1940), a última reclamada por Cerejeira corria, ainda, o ano de 1935.[127] No painel seguinte, os jovens citariam uma vez mais palavras de Cerejeira de 1938, palavras escritas dois anos antes da inauguração daquela igreja no Ribatejo, de gosto revivalista, cuja cerimónia de primeira pedra e inauguração foi presidida pelo próprio cardeal.[128] Ora esta última situação particular, porque dependente de influências de poderosas forças locais sensíveis a outras correntes arquitectónicas nomeadamente no campo do restauro, comprometia o cardeal pois denunciava o desfasamento claro entre o seu discurso e a prática, entre a desejada 'obra viva de arte' e a 'arqueologia artística' que proliferava de norte a sul do país.[129]

A construção da igreja do Entroncamento, meio ferroviário hostil à prática religiosa, contou desde o primeiro momento com o interesse do cardeal, que se envolveu na angariação de fundos. À semelhança de outras igrejas foi implantada num terreno doado e construída graças a significativos donativos particulares e apoios estatais, conforme ficou expresso na lápide existente na parede posterior do presbitério:

> "Ergueram esta Casa de Deus com donativos, trabalho e dedicação o Estado Novo, Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca D. Manuel II, a Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, as Quintas da Ponte de Pedra e da Cardiga e muitos outros generosos benfeitores."

O projecto foi idealizado por Dr. Ruy de Andrade (1880-1967)[130], agrónomo, monárquico, amante das artes, filho do arquitecto e pintor radicado em Itália, Alfredo

---

127 Cf. D. Manuel Gonçalves Cerejeira, «Carta Pastoral sôbre o problema do Clero (8.dez.1935)», em Obras Pastorais, primeiro volume 1928-1935 (Lisboa: União Gráfica, 1936), pp.161-162.

128 Entre os maiores donativos contam-se o das famílias Falcão Trigoso e a Falcão de Sommer da Quinta da Cardiga (família da mulher de Ruy de Andrade). A Companhia de Caminhos de Ferros Portugueses disponibilizou o transporte ferroviário gratuito da mercadoria para aquela construção. À data da construção da igreja do Entroncamento, a vizinha igreja Atalaia ainda não tinha tido intervenção dos monumentos nacionais O acompanhamento da obra ficou a cargo de António Lino, que ao mesmo tempo desenvolvia o projecto da igreja de S. João de Deus.
Cf. Luís Baptista, «Alguns elementos para a história da igreja no Entroncamento», em *Comemorações 50º aniversário da igreja da Sagrada Família do Entroncamento* (Entroncamento: Paróquia do Entroncamento, 1990), pp.32-41.

129 "Copiar cegamente formas artísticas doutras épocas será fazer arqueologia artística não seguramente fazer obra viva de arte"
D. Manuel Gonçalves Cerejeira, «[A igreja e a arte moderna] Sua eminência o cardeal patriarca», *revista oficial do sindicato nacional dos Arquitectos*, (Nov.-Dez.1938), p.186.
A ilustrar o painel surgiam fotografias do santuário de Santa Luzia em Viana do Castelo (1899) Miguel Ventura Terra, e das igrejas de S. Tiago de Amorim (1922) e N.ª S.ra da Ajuda de Espinho (1930-5-) projectadas por Adães Bermudes. [ver anexo 10, painel *EARC* nº16].

130 "Foi arquitecto amador, tendo demonstrado plenamente as suas extraordinárias qualidades com a construção, restauro ou simples direcção de obras em castelos, palácios e templos. As igrejas do Entrocamento, Arripiado e Alvide foram por ele concebidas e mandadas construir. A capela de

de Andrade (1839-1915) referência no campo do restauro. O tradicional processo construtivo em alvenaria de pedra foi respeitado tendo Ruy de Andrade instalado na Quinta da Cardiga (propriedade da família da sua mulher), o estaleiro dos moldes para as peças de cantaria. Esta igreja surgiu após o abandono do projecto encomendado, pela Companhia de Caminhos de Ferro Portugueses, a Cottinelli Telmo no início da década de 1930.

Uma leitura de diferentes processos permite-nos reconhecer o poder exercido pelo gosto do cliente benemérito, por vezes mecenas, proprietário ou industrial, que no século XX patrocinou a construção de igrejas e capelas abertas ao público, espaços de serviço à população, um pouco por todo o país.[131] Recordamos em particular a igreja de Águas de Penamacor, também ela fruto de encomenda privada. [132]

A escolha do projecto da igreja de Riba de Ave[133] desenhada por Manuel Amoroso, e construída por vontade testamentária[134] de Narciso Ferreira e esposa, filantropos industriais, assume particular relevância neste contexto. Inaugurada pelo cardeal Cerejeira em 1950 não fez parte das obras mostradas na Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea.

> Font' Alva foi concebida e construída por suas mãos ao longo de vinte e dois anos, sem excluir pinturas, modelações e esculturas."

«Ruy de Andrade», *A Hora*, nº55-56, 1968, p.s/n.

131 Dentro das encomendas particulares encontramos espalhadas pelo país obras de partidos estéticos bem diferentes como a capela de Barranco do Velho (Loulé, 1944) de António Reis Camelo, a da Rinchoa (Sintra, 1950) de João Braula Reis e a das Caldas da Saúde (Santo Tirso, 1965) de Mário Abreu.
Desta série apenas a capela de João Braula Reis construída numa quinta particular da Rinchoa foi publicada na revista *Arquitectura* (Fev.1951) e apresentada na exposição "Arquitectura Religiosa Contemporânea" (Lisboa, 1953).

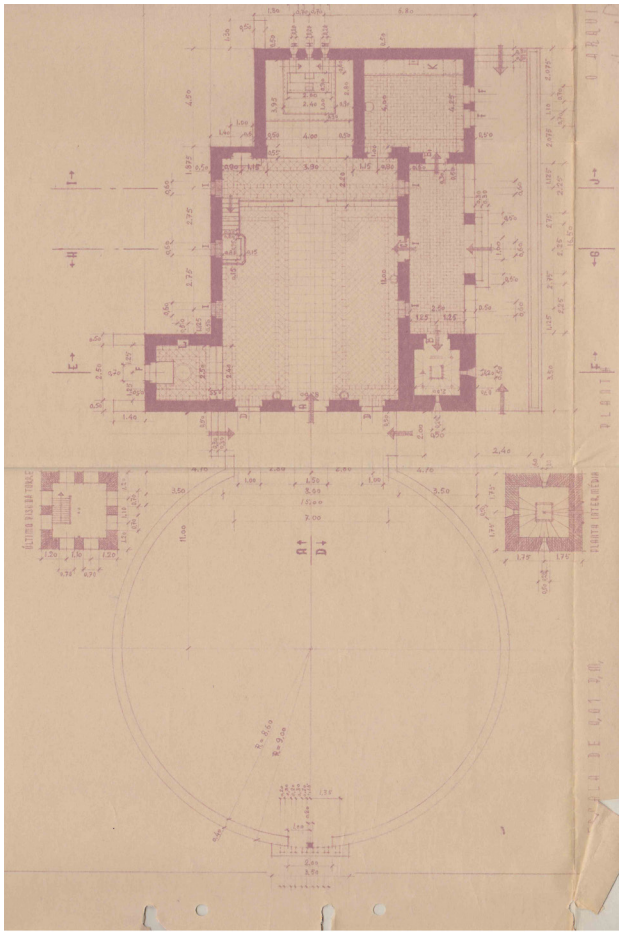
132 Se nalguns casos os pedidos e gostos dos clientes foram respeitados, noutros os arquitectos a custo conquistaram a modernidade tal como aconteceu na igreja de Águas de Penamacor:

> "Os Megre ainda tentaram convencer Teotónio Pereira a desenhar arcos no interior, à semelhança das igrejas mais antigas. Mas o arquiteto não cedeu 'e lá se foram convencendo'. Cedências só mesmo nas imagens dos altares laterais, que receberam Nossa Senhora de Lourdes, São Domingos e de São José. Estas últimas foram uma homenagem ao irmão e ao pai das irmãs Megre. No exterior foi também abandonada a ideia de colocar os promotores da obra na pedra, substituída pela frase 'Ide em Paz. O Senhor Olha pelo Vosso Caminho'.

José Furtado, «Penamacor: A igreja que os Megre deram ao povo de Águas - semanário regionalista da Beira Baixa», *Reconquista*, (1.Jun.2016).

133 Delfim Ferreira encomendou ao colectivo *ARS* um estudo para a igreja de Riba de Ave.
Cf. Duarte Morais Soares, «ARS – Arquitectos» (ESAP Escola Superior Artística do Porto, 2004).

134 "Uma Igreja em construção, que, além de satisfazer às necessidades espirituais da assistência poderá servir de templo paroquial, para o que terá anexo residência paroquial. O templo abrigará, de harmonia com as normas que a autoridade da diocese determinar, os restos mortais do patrono da instituição e de sua mulher Eva Rosa de Oliveira Ferreira, a fim de as suas almas serem piedosamente lembradas pelos fiéis que nele vierem a reunir-se para renderem culto a Deus"
Estatutos da Fundação Narciso Ferreira (1945)









a.

21. Capela particular de Barranco do Velho (Loulé, 1944) arq. Veloso Reis Camelo

a. Desenhos e fotografias. *Espólio Família Frade Pereira*

Situada na serra do Caldeirão junto à estrada nacional 2, a capela integra um projecto de conjunto que inclui duas habitações de veraneio para os casais promotores: Manuel Ventura Frade e Beatriz Conceição Pereira Ventura Frade, Manuel Pereira Júnior e Sara Rocha Sá da Costa Pereira - proprietários agrícolas e industriais de conservas.

A capela de nave única com sacristia e alpendre é complementada por um adro fronteiro à fachada principal dominada pela torre sineira. Naquele pequeno cume de serra algarvia surge uma capela aberta à população, com um espaço de reunião de forma circular, murado e pavimentado em tijolo, pontuado por um cruzeiro que reforça o carácter e natureza daquele lugar.









a.

22. Capela particular Nossa Senhora do Carmo (Caldas da Saúde, 1963-1965) arq. Mário Abreu

a. Album fotográfico. *João Luís Marques*

Capela mandada construir pela família Miguel Soares dentro da propriedade da antiga Fábrica de Indústria Têxtil ATMA. A capela, integrada num jardim planeado, está separada da casa da família, também ali construída anteriormente, pelo mesmo arquitecto. O adro, com espelho de água, antecede a capela de planta em leque convergente sobre o altar de invulgar geometria. Para além do desenho cuidado, a obra contou com os contributos de Gouvea Portuense e do escultor Arlindo Rocha. A via sacra foi concebida por fr. Capela mandada construir pela família Miguel Soares dentro da propriedade da antiga Fábrica de Indústria Têxtil ATMA. A capela, integrada num jardim planeado, está separada da casa da família, também ali construída na década de 1930, pelo mesmo arquitecto. O adro, com espelho de água, antecede a capela de planta em leque convergente sobre o altar de invulgar geometria. Para além do desenho cuidado, a obra contou com os contributos de Gouvea Portuense e do escultor Arlindo Rocha. A via sacra foi concebida por fr. Geraldes Coelho. osb. A capela foi benzida pelo arcebispo de Braga D. Francisco Maria da Silva a 16.Jul.1965.





a. b.



c.

"A fé cristã e o sentido da responsabilidade social, que traz consigo a abundância dos bens terrenos, elevaram esta igreja.
É obra de uma família que compreendeu a palavra do Senhor:
'nem só de pão vive o Homem'.
Qual o seu nome? Mas ele é o resumo da história desta terra:
está escrito em cada pedaço dela."

"E quando nenhum de nós aqui falasse, falariam as pedras da igreja.
Eram, na pedreira, anónimas e mudas.
Arrancadas de lá com suor, trabalhadas com cuidado e carinho,
erguidas com ciência e dedicadas ao divino culto com a água lustral
e as orações rituais –
estas pedras falarão sempre, cantarão a Fé, a Esperança e o Amor cristãos.
(...) A inauguração desta igreja, neste lugar - tem significado universal.
Transcende os limites do lugar,
para assumir o valor de lição e de programa para o mundo moderno."

D. Manuel Gonçalves Cerejeira, «Na inauguração da igreja de Riba d'Ave»,
em *Obras Pastorais 1948-1953* (Lisboa: União Gráfica, 1954), pp.267 e 269.

23. 'responsabilidade social (...) elevaram esta igreja'
a. b. capela particular de Casa de Delfim Ferreira
c. igreja de Riba de Ave (1950) arq. Manuel Amoroso Lopes

1.2.3. 'Novos dados da vida, da técnica e do pensamento'

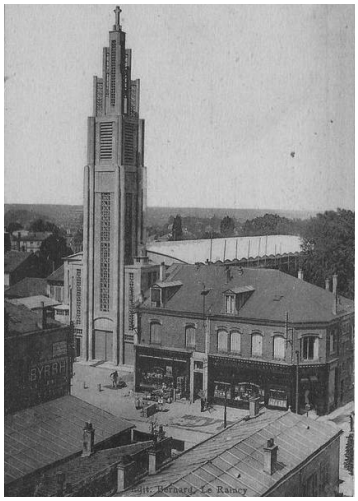
Os "novos dados da vida, da técnica e do pensamento"[135], dos anos 1920 e 1930, tinham feito nascer uma nova arquitectura que se espalhara por todo a mundo, abraçando os mais diversos programas, da habitação unifamiliar e plurifamiliar, aos estabelecimentos de ensino, hospitalares e institucionais. Na exposição surgiam pequenas imagens da ville Savoy, dos blocos Kensal House, da escola Bauhaus, do sanatório de Paimion e, até, da Casa del Fascio, um movimento internacional, com representação por toda a Europa, da Finlândia à Itália, marcado pelo génio dos seus autores – Le Corbusier, Maxwell Fry, Walter Gropius, Alvar Aalto, Giuseppe Terragni, entre outros. Este movimento produziu eco também na arquitectura religiosa centro europeia, que respondeu às "exigências do movimento litúrgico", levando à "transformação do espaço interior da igreja, tendendo a assegurar e a exprimir a participação cada vez mais íntima dos fiéis nos serviços litúrgicos", graças ao "emprego racional das técnicas actuais e a aceitação das novas formas (...)" construtivas. À lista de nomes de arquitectos modernos de referência, juntaram outros que se destacavam já na arquitectura religiosa: Fritz Metzger da Suíça, Rudolf Schwarz da Alemanha, August Perret de França. As três obras que seleccionaram, dos anos 1920 e 1930, procuravam mostrar a diversidade de caminhos apontados pelo movimento moderno. Uma modernidade que não era toda igual, com o interior luminoso e branco da igreja de St. Fronleichnam de Aachen a contrastar com a penumbra do betão revelado na igreja de Notre-Dame de Raincy; da igreja de St. Karl de Luzerna destacavam o exterior de gosto monumental, com um espaço de acolhimento coberto, um adro simultaneamente miradouro sobre o castelo e o rio Reuss – um esbelto pórtico somente possível graças ao desenvolvimento da técnica construtiva em betão.[136]

A realidade portuguesa era outra, como testemunhavam os dois painéis seguintes, que mostravam as igrejas dedicadas a N.ª S.ra de Fátima de Lisboa e do Porto, construídas na segunda metade dos anos 1930, "as primeiras igrejas modernas, (...)

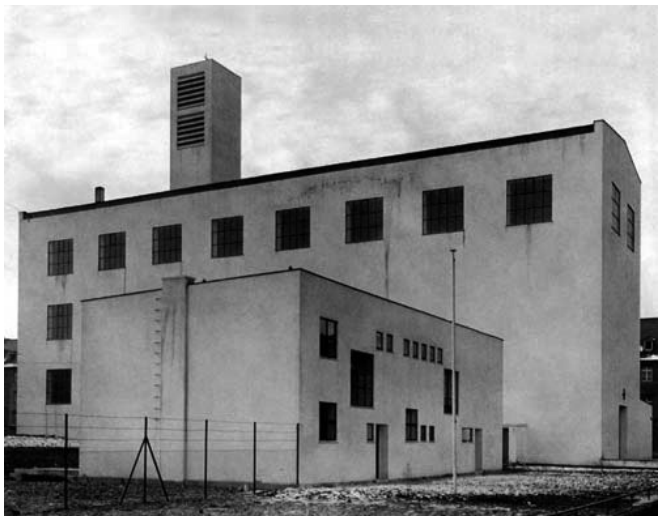
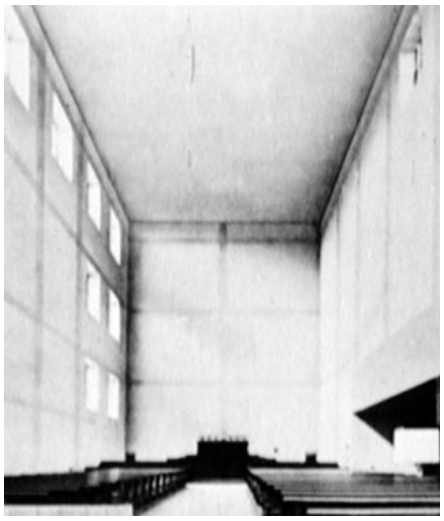
---

[135] [ver anexo 10, painel *EARC* nº17].

[136] Foram destacados os seguintes arquitectos: Rudolf Schwarz (1897-1961), Fritz Metzger (1898-1973), August Perret (1874-1954). Ao nível da organização interna todas as igrejas selecionadas apresentavam desenvolvimento longitudinal e um espaço uno, com o presbitério a toda a largura da nave.
[ver anexo 10, painel *EARC* nº18].




a. b.

c. d.





e. f.

24. Olhares complementares sobre as mesma obra - exposição de S. Nicolau

a. b. Igreja de Notre Dame (Raincy, França 1922-1923) arq. Auguste Perret

Ao espaço interno uno, apresentado na exposição, correspondia um exterior marcado pela monumentalidade da torre sineira e pelo exíguo espaço público fronteiro - uma igreja sobre a rua.

c. d. Igreja de Fronleichnam (Aachen, Alemanha 1928-1930) arq. Rudolf Schwarz

Uma igreja que contempla também um programa de assistência num bairro operário - uma igreja num gaveto.

e. f. Igreja de St. Karl (Luzerna, Suíça 1932-1933) arq. Fritz Metzger

A escala entendida no contexto urbano - igreja sobre a paisagem.

tentativas corajosas embora não isentas de erros e imperfeições" [137] que abriam "caminho para o florescimento de uma arquitectura cristã autêntica". [138] Pela segunda vez surgia na exposição a referência a Cerejeira, agora associando o texto integral do cardeal publicado na revista oficial do Sindicato dos Arquitectos com imagens da igreja de Nossa Senhora de Fátima Lisboa – "obra autêntica", "obra de arte", "igreja moderna" onde "todos os (...) elementos se adaptam à finalidade do conjunto (...) sem afectação nem artifício" – palavras da homilia da inauguração.[139] Contudo, aos olhos do grupo organizador da exposição, aquela obra não deixava de ser resultante de "uma assimilação superficial dos princípios de uma nova arquitectura", cuja "esperança foi frustada" pelo regresso de "formas caducas, levianamente arrancadas aos monumentos do passado", atropelando "a ética da arquitectura".[140]

1.2.4. 'Atropelos à ética da arquitectura' – a denúncia

O retrocesso foi denunciado pelas falsidades construtivas das então mais recentes igrejas da capital, a do S.to Condestável e a de S. João de Deus. Duas obras caras ao cardeal Cerejeira, encomendadas a arquitectos de valor reconhecido, Vasco Regaleira e António Lino, que tinham motivado a exposição.[141] A postura de Vasco Regaleira face à nova arquitectura religosa era clara, assim como eram evidentes as referências historicistas que justificavam as falsidades denunciadas pelo jovem grupo. Aliás, a redação da memória descritiva do ante-projecto de Vasco Regaleira começava por afirmar algo de antagónico:

> "Somos como católicos e como arquitectos contrários a inovações em matéria de arquitectura religiosa que só nos tem trazido edifícios excêntricos, sem beleza rial,

---

137 [ver anexo 10, painel *EARC* nº19].

138 [ver anexo 10, painel *EARC* nº20].

139 Cerejeira, «Na inauguração da igreja de Nossa Senhora de Fátima (13.Out.1938)», pp.155-156.

140 [ver anexo 10, painel *EARC* nº21].

141 "A exposição de São Nicolau foi uma crítica às igrejas a imitar antigas e um elogio aos edifícios que se fazem com mais liberdade (...) Nasceu do escândalo da igreja de Santo Condestável, em Campo de Ourique, e de conversas minhas com o Nuno Teotónio Pereira. Já nos conhecíamos há algum tempo. Achámos que aquilo não podia continuar. Era demais. Procurámos desmistificar aqueles neos."
António Freitas Leal, «Depoimento (Mar.-Abr.2009)», em *MRAR e os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal no século XX [Volume II - anexos] de João Alves da Cunha* (Lisboa: FAUTL, 2014), p.77.

> improvisações temerárias, pouco respeitosas e que ofendem a sensibilidade de todos (...). "[142]

Ora respeitando o "espírito do evangelho", na perspectiva dos jovens organizadores da exposição, a arquitectura religiosa viva e moderna exigia, como já se explicou uma atitude e pressupostos radicalmente diferentes.

Menos evidentes e declaradas foram as palavras de António Lino, que sobre o uso dos elementos de cantaria da igreja da Praça de Londres escreveu:

> "Como acabamentos ser-se-á modesto, em benefício da qualidade da construção e da amplitude desta. No entanto não abdicamos da cantaria, empregando-a em todos os pontos onde se apresentava indispensável o seu emprêgo, não só como função estética como de conservação de superfícies mais expostas à acção destrutiva de agentes estranhos."[143]

Na exposição ambas as obras foram alvo de crítica severa. Cortes construtivos e fotografias evidenciaram as fragilidades e incoerência daquela arquitectura formalista que parecia distante da "obra viva" que Cerejeira reclamava, vejam-se as colunas de betão revestidas a pedra, os falsos contrafortes, as pilastras e mísulas decorativas que aparentavam suster arcos de ogiva.[144] Denunciavam assim o recurso formalista que "faz[ia] encher de robustos pilares"[145] ignorando as possibilidades das técnicas actuais.

O reconhecimento do desenvolvimento das técnicas construtivas e a condenação da falsidade presente em tantas igrejas fazia eco das vozes que se vinham manifestando isoladamente nas Escolas de Belas Artes. Em particular recordamos, a título de exemplo, o que escrevera Fernando Tudela na sua prova do Concurso para Obtenção do Diploma de Arquitecto – Igreja de Santo António das Antas (Porto) – defendida em 1946:

> "É fácil justificar a causa desta decadência. Um estilo é sempre justificado por uma razão de ordem construtiva. É o que se dá com o românico e o gótico, para

---

142 Vasco Palmeira Regaleira, «Memória descritiva do ante-projecto da igreja do Santo Condestável», *Arquivo AML*, (Set.1946).

143 António Lino, «Memória descritiva e justificativa da nova egreja de S. João de Deus na praça de Londres, em Lisboa», *Arquivo AML*, (Abr.1950).

144 "Numa visita à igreja do Santo Condestável tirei umas fotografias na cave, à base dos pilares em betão armado. Os pilares não eram em pedra como se via na nave, a estrutura era em betão. Essas fotografias foram mostradas aos colegas e apareceram na exposição de São Nicolau. Nunca falámos com o arquiteto Regaleira porque ele era o inimigo."
Nuno Teotónio Pereira, «Depoimento (4.Fev.2009)», em *MRAR e os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal no século XX [Volume II - anexos] de João Alves da Cunha* (Lisboa: FAUTL, 2014), pp.81.

145 [ver anexo 10, painel *EARC* nº26].

não referimos senão estes exemplos mais frisantes. Se o arquitecto não tiver novas possibilidades técnicas para resolver um dado problema, com o andar dos tempos ver-se-á obrigado a cingir-se a reproduzir dentro daquilo que outros anteriormente já fizeram. É aqui que reside a nosso ver a mais grave causa da decadência assinalada.
Com o século XX o arquitecto tem novas possibilidades, baseadas numa nova técnica e ainda num espírito renovador característico deste século. Surge, por isso, uma arquitectura nova, com novas possibilidades."[146]

Na exposição, citando o escultor David d'Angers e o pintor Maurice Denis, os jovens organizadores mostraram que a luta pela actualidade e verdade da arte não era nova e vinha sendo travada desde a segunda metade do séc. XIX, sendo transversal a todas as artes.[147]

Seguia-se um painel-denúncia[148], uma colagem de numerosos recortes de imprensa[149], postais[150] e fotografias de obras de arquitectura religiosa da actualidade nacional.[151] A selecção, diversificada e ampla em termos de origem geográfica, revelava o real conhecimento do grupo da situação da arquitectura portuguesa um pouco por todo

---

146 Fernando Tudela, *Igreja Paroquial Santo António das Antas [Porto] - prova CODA* (Porto, 1946), p.2.

147 Sobre a actualidade e verdade [ver anexo 10, painel *EARC* nº 22 e 24].
"Aquele que se veste com os despojos dos séculos passados é incapaz de sentir o que há de grande e de sublime na época a que pertence" (David d'Angers, 1848)
"Toda a mentira é insuportável no Templo da Verdade". (Maurice Denis, 1919)
Cf. Maurice Denis, «Les Nouvelles Directions de l'Art Chrétien (fev.1919)», em *Nouvelles Théories sur l'art moderne sur l'art sacré 1914-1921* (Paris: L.Rouart et J. Watelin, 1922), pp.194–243.
Maurice Denis (1870-1943) autor dos vitrais da igreja de Notre Dame de Raincy, de A. Perret.

148 [ver anexo 10, painel *EARC* nº21].

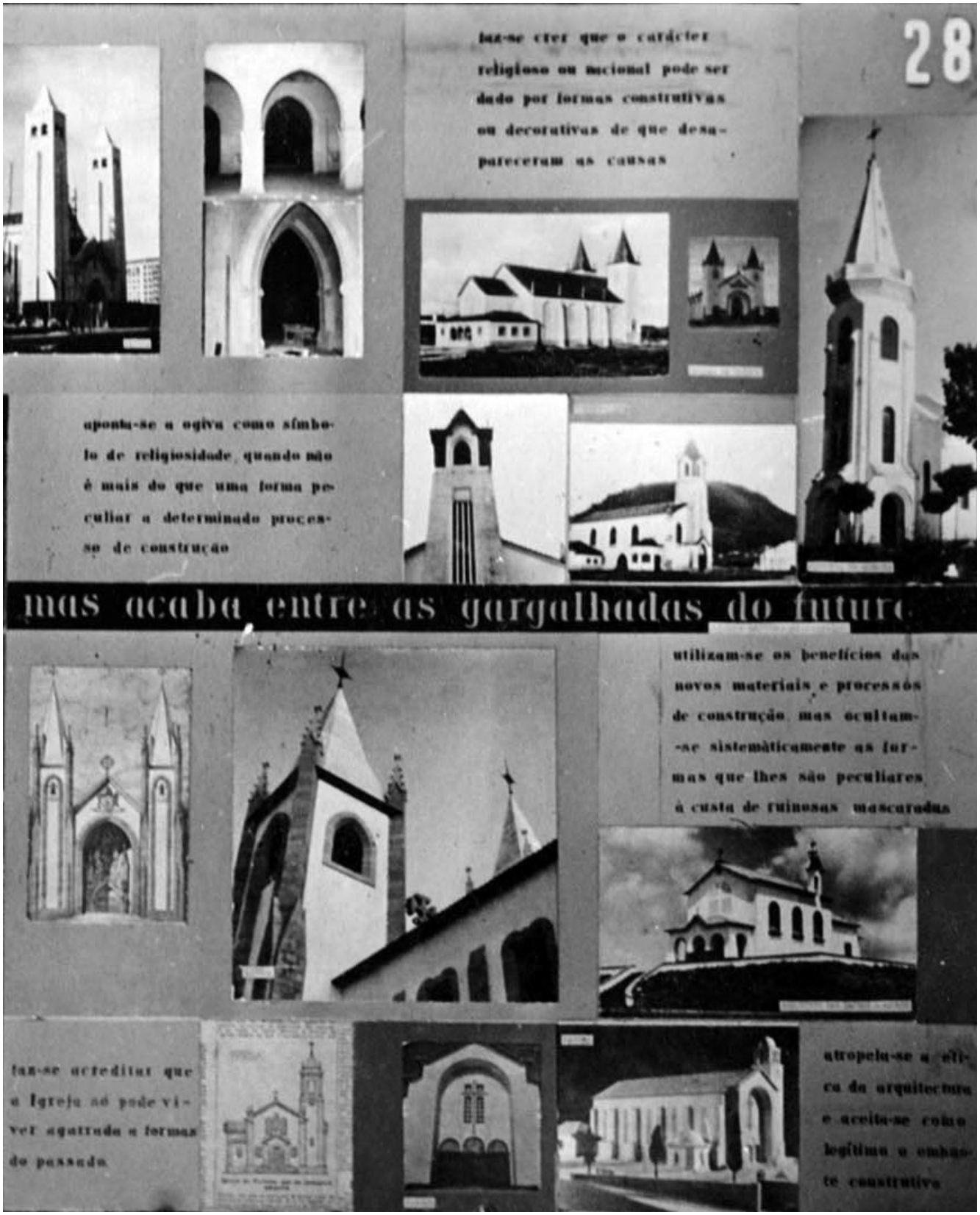
149 [igreja S. João de Brito] «O que vai ser em Lisboa a igreja de S. João de Brito – Ouvindo o arquitecto Vasco Regaleira», *Novidades – Letras e Artes*, (26.Ago.1951), pp.1 e 4.
[colégio das Escravas, Lisboa] fotografias de Mário Novais publicada em Luís Reis Santos, «Um novo templo em Lisboa», *Panorama - revista portuguesa de arte e turismo*, ano V, nº32-33, 1947, p.s/n.
[Sé de Bissau] «Figuras e Factos, Dilatando a nossa fé no Império », *Flama revista semanal de actualidade*, ano VII, nº145, (15.Dez.1950), p.11.
[igreja da Parede] fotografia de Moreira das Neves publicada em «Nova igreja da Parede», *Flama revista semanal de actualidade*, (13.Mar.1953), p.22.

150 [basílica de Fátima] coleção Passaporte 'Loty'; [igreja das Caldas da Rainha] colecção Havaneza das Caldas (ext) Passaporte 'Lotty' (int)

151 De certo modo o painel da exposição remete para a "Tavola degli orrori" de Pietro Bardi, apresentada na Segunda Exposição de Arquitectura Racionalista (Roma, 1931). Escreveu então o autor:
"Ad un certo momento del secolo scorso, quando dell'idea architettonica s'era ormai perduto persino l'odore, nacque l'architetto culturalista. Nacque forse nel botteghino d'un rivendugliolo di stampe antiche, da padre eclettico e da madre accomodatutto."
A mesma estratégia comunicativa, aplicada à arquitectura religiosa, seria usada por Giorgio Trebbi num painel apresentado na exposição "Dieci anni di archiettura sacra" (Bolonha, 1955) – iniciativa paralela ao congresso, promovido pelo cardeal Lercaro, que reuniu Michelucci, Quaroni, Figini, Vaccaro, Le Corbusier, Gropius, Saarien, Breuer, Neutra, Oud, Rogers, Zevi a debater a arquitectura religiosa.
Cf. Gresleri, Bettazzi, e Gresleri, *Chiesa e Quartiere - storia di una rivista e di un movimento per l'architettura a Bologna*, p.54.



25. ' o pastiche aparece entre murmúrios de aprovação mas acaba entre as gargalhadas do futuro'
a. Painel da Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea (1953). *Arquivo FCG-MRAR* [ver anexo 10]


28
faz-se crer que o carácter religioso ou nacional pode ser dado por formas construtivas ou decorativas de que desapareceram as causas
aponta-se a ogiva como símbolo de religiosidade, quando não é mais do que uma forma peculiar a determinado processo de construção
mas acaba entre as gargalhadas do futuro
utilizam-se os benefícios dos novos materiais e processos de construção, mas ocultam-se sistemàticamente as formas que lhes são peculiares à custa de ruinosas mascaradas
fazem-se acreditar que a Igreja só pode viver agarrada a formas do passado
atropela-se a ética da arquitectura e aceita-se como legítimo o embuste construtivo

a.

o país. Somavam-se fotografias de obras, acabadas ou em curso, maquetes e desenhos, fossem elas um santuário, uma igreja paroquial ou uma pequena capela – o problema da "verdadeira tradição" era transversal a diferentes tipologias e contextos. A crítica estendia-se à actualidade, indo para lá da reprovação de trabalhos do final do séc. XIX e das primeiras décadas do século XX, naquela exposição representados pelas obras de Miguel Ventura Terra, Adães Bermudes e Ernesto Korrodi. Para além das obras de Vasco Regaleira e António Lino a crítica estendia-se a muitas de outros autores. Sem identificarem os autores dos projectos, apresentaram também obras dos irmãos Rebelo de Andrade – a igreja da Parede, a capela do colégio das Escravas (Lisboa) e a das Caldas de Monchique; e de Fernando de Barros Santa Rita – a igreja de Pataias e do Bombarral. Nem mesmo a basílica de Fátima, projectada por Gerardus van Krieken, marco da identidade e religiosidade popular, foi poupada à dura crítica. Estendiam assim a crítica a outras dioceses do país. Do norte traziam exemplos como o das capelas da N.ª S.ra dos Milagres e de Santo António (S. João da Madeira), a última projectada por João Queiroz, e o convento de Cristo Rei no Porto, então em construção, desenhado por Manuel Passos Júnior e Eduardo Silva Martins. Juntavam-se ainda à lista obras de autoria desconhecida, como a igreja paroquial da pequena localidade ribatejana de Moitas Vendas, ou a do bairro mineiro alentejano de S. Domingos reconstruída após incêndio. Ainda houve espaço para integrar outras pequenas e grandes obras, do então território insular e ultramarino: a Sé de Bissau, as remotas capelas da base aérea das Lajes[152] e da escola agro-pecuária do Tchivinguiro. Ainda que algumas destas obras integrassem planos urbanos, a crítica assentava unicamente na linguagem do objecto arquitectónico, entendido como peça isolada do contexto em que se inseria.

> "Denunciávamos todo aquele mundo. O Cerejeira, quando foi inaugurar a exposição ficou perturbado, porque aquilo era pôr em causa tudo o que ele queria. Salvavam-se as obras do Pardal Monteiro, como o seminário dos Olivais. 'Vocês, aqui, estão a rejeitar tudo o que foi feito até agora' disse o Cerejeira. E nós respondemos: 'Olhe, são os novos ventos.'"[153]

---

[152] A fotografia da capela da base aérea das Lajes integrou também o manifesto 'Senhor Ministro', (1956) de João Correia Rebelo, um dos organizadores da exposição de S. Nicolau. Três anos após a realização da exposição, João Correia Rebelo coloca na secção do manifesto – 'esta arquitectura não é' o problema da identidade do espaço de culto, associando à fotografia daquela capela a pergunta: Uma pousada? – Não, uma igreja. Ao lado e em jeito de contraponto, surge uma fotografia da fachada do teatro Micaelense (Ponta Delgada, 1951) arq. Rodrigues de Lima com a pergunta: Uma igreja? Não, um cinema.
[Sobre o manifesto]
Cf. Ana Tostões, «"A arquitectura é" ou a afirmação da arquitectura moderna», em *João Correia Rebelo um arquitecto moderno nos Açores* (Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano de Cultura, 2002), pp.19-28.

[153] João de Almeida entrevista conduzida por Henrique Monteiro e João Garcia, «Um homem com muitas

A denúncia e crítica aos projectos nomeados não eram exclusivas daquele jovem grupo organizador da exposição. A leitura dos processos camarários de algumas destas obras permitem-nos perceber mecanismos de contestação dentro das próprias estruturas institucionais. Os "pareceres" contestaram posições projectuais, arquitectónicas e urbanísticas, fazendo valer os limitados poderes das pessoas nas repartições envolvidas. Em particular temos presente a crítica aos projectos de duas obras significativas nas maiores cidades do país, ambos presentes na Exposição de S. Nicolau: ao convento de Cristo Rei no bairro de Marechal Gomes da Costa (Porto, Jun.1950) [154] pela Comissão de Arte e Arqueologia e à igreja de S. João de Brito no bairro de Alvalade (Lisboa, Jul.1951)[155], Direcção dos Serviços de Urbanização e Obras.

Paralelamente à designada 'corrente tradicionalista' surgia um 'modernismo igualmente formalista e superficial (...) "apenas ostentação de novidade e sujeição a efémeros valores de moda". Recorreram para a demonstração desse fenómeno às igrejas de N.ª S.ra de Fátima (Porto, 1936) dos *ARS*, à capela Marconi (Vendas Novas, 1951) de

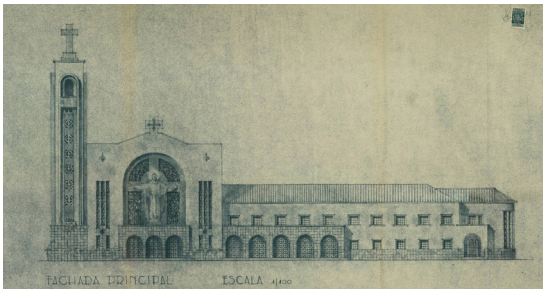
---

vidas», *Expresso*, (8.Mai.2015).

154 "Com o maior respeito pela iniciativa privada e muito maior ainda por todos aqueles que recorrem ao arquitecto para verem esclarecidos os seus programas de realizações, não pode porem esta Comissão Municipal aceitar com bom princípio de tudo quanto neste ante-projecto é frágil e plasticamente mal concebido seja de exclusiva responsabilidade do cliente, por via de sucessivas imposições. Aceitá-lo-ia, sim, se não tratasse de experimentados profissionais que, noutras circunstâncias, têm já dado provas da sua real competência e capacidade. (...) Torres e vãos em ogiva, pórticos e composições de sabor românico/bizantino, baluartes ao gosto medieval, pináculos inexpressivos e profusão de simbólicas cruzes tudo guarnecendo, crê esta Comissão que seria o suficiente, em seus dados elementares, para rejeitar o ante-projecto em discussão."
Carlos Teixeira da Costa Júnior e [Comissão Municipal de Arte e Arqueologia], «Parecer ao ante projecto do convento de Cristo-Rei», *Arquivo AMP*, (17.Jun.1950).

155 "(...) por não ser matéria da competência da repartição, a presente informação não envolverá qualquer apreciação à parte arquitectónica do projecto referindo-se, unicamente, ao seu aspecto urbanístico. Antes demais não pode deixar de destacar-se a extraordinária importância que, pelas suas grandes dimensões e, sobretudo, pelo seu enorme volume apresentará a nova Igreja [de Alvalade]. Bastará recordar que a sua área coberta é da ordem de grandeza dos maiores templos da Capital – Sé, S. Vicente, S. Domingos, Jerónimos, Basílica da Estrela, Nossa Senhora de Fátima e Santo Condestável – e que também o seu volume ultrapassará, em muito, o da quase totalidade dos grandes templos de Lisboa. (...) Trata-se assim de uma grande massa de construção que vai ser implantada em local já quase completamente urbanizado e edificado e cujo arranjo não foi delineado com o objectivo de enquadrar um edifício de tamanha importância. Manifesta por isso a repartição naturais apreensões sobre a incerteza do conjunto vir a dispor de uma harmoniosa e proporcionada distribuição de massas construtivas e teme, também, que o seu aspecto não resulte sempre tão correcto e agradável com seria de desejar, quando observado dos mais importantes pontos de vista que há a considerar."
Tomaz da Costa França [Direcção dos Serviços de Urbanização e Obras da Câmara Municipal de Lisboa], «Informação nº 2795, da 1ª repartição (urbanização e expropriações)», *Arquivo AML*, (25.Jul.1951).





a. b.



c.

"É uma obra que está em construção! É um bloco de habitações que vai passar a ser único
– e consequentemente o primeiro – no género em Portugal.
É um projecto do arq. F. Pereira da Costa, que com ele defendeu tese na época de Janeiro passado.
Olhe para a foto, leitor, diga sinceramente:
Não lhe agrada o ar lavado, arejado, da construção?
Não sente a esmagá-lo a vigorosa Verdade daquela estrutura de cimento armado, sem arrebiques supérfluos?
Não sente a sobriedade, a estranha leveza do conjunto?
Vá lá vê-lo, quando ele estiver pronto, daqui a uns meses. É ali para a Marechal Gomes da Costa,
em frente à nova igreja dos Dominicanos. Vá lá, e aproveite para observar uma ou outra
habitação moderna que já vai havendo.
E repare como o moderno, também pode ser português!"

Carlos Carvalho Dias, «A II Exposição Magna da Escola Superior de Belas Artes do Porto»,
Flama revista semanal de actualidade, (13.Nov.1953), p.11.

26. Convento de Cristo Rei (Porto, 1950-1954) arqs. Eduardo Martins e Manuel Passos Júnior

a. b. Ante-projectos convento de Cristo Rei (Porto, c.1950). *Arquivo AMP*

Estudos apresentados à CMP

c. Praça Afonso V (Porto, c.1954). *Arquivo FML-TR*

O confronto entre dois novos edifícios, o convento e o bloco de habitação e comércio do arq. Francisco Pereira da Costa



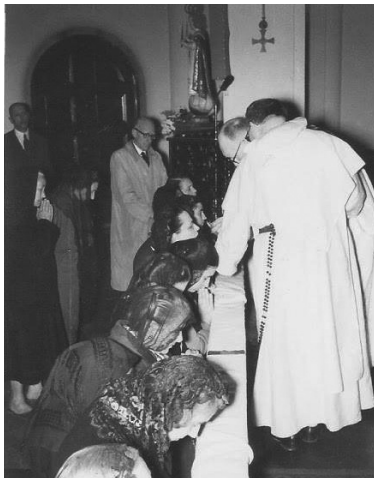














d.

d. Álbum fotográfico. *Espólio da Província Portuguesa da Ordem de S. Domingos reunido por frei José Carlos Lopes Almeida*
Dr. Luís de Pina e família com fr. Estêvão da Fonseca op.; fr. Bartolomeu Martins op. à porta da capela da Casa de Serrralves com grupo de senhoras e crianças; a igreja em construção – sistema misto de alvenaria de pedra e betão armado;
grupo de trabalhadores da obra; aspecto geral do estaleiro;
aspectos do interior da igreja do convento, já em funcionamento.





a. b.





c. d.

27. S. João de Brito, igreja de outro moderno

a. c. Igreja S. João de Brito (Lisboa 1951-1955) arq. Vasco Regaleira. *Arquivo AML*

b. Igreja Sainte-Louise-de-Marillac (Drancy, França 1936-1939)
arq. Charles-Henri Besnard et Félix Bernadac

Uma das igrejas que integraram l'Œuvre des Chantiers du Cardinal - um plano conhecido pelo cardeal Cerejeira

d. Igreja Christkönig (Bischofsheim, Alemanha 1936) arq. Dominikus Bohm

Jorge Segurado[156], ao santuário da Penha (Guimarães) de Marques da Silva, à Sé de Lourenço Marques (inaugurada pelo cardeal Cerejeira em 1944) de Freitas e Costa e à igreja de N.ª S.ra da Conceição – esta da autoria de um monge arquitecto beneditino, D. Paul Bellot que já testara semelhante modelo em território francês.[157]

O vocabulário mudava mas não o sentido da arquitectura. Apesar de em 1953 ter sido apontada a fragilidade de uma modernidade entendida superficialmente, passados dez anos a crítica e denúncia eram ainda válidas, recorde-se o artigo publicado no Boletim de Informação Pastoral, da responsabilidade do Secretariado de Informação Religiosa[158] a propósito de uma moderna igreja da capital, nas proximidades da revivalista de Santo Condestável. O projecto desenvolvido por João Simões motivaria a escrita do artigo de opinião "Autenticamente Moderna?":

> "A igreja de N.ª S.ra Auxiliadora propõe-se moderna, e propõe-se a tal até com certo alarde, numa exibição de formas ditas arrojadas e de materiais de recente aparecimento. Mas não se tratará antes de uma igreja de tipo tradicional, vestida por figurino moderno?
> (...) A linguagem e vocabulário, não são a arquitectura, mas meios de expressão que valem na medida em que estiverem ordenados às grandes linhas de organização.
> (...) A igreja de N.ª S.ra Auxiliadora não é seguramente um produto da igreja em estado de Concílio. É uma ocasião perdida na realização de um instrumento de renovação da vida cristã. E talvez por isso mereça ser visitada, estudada, discutida."[159]

O arco quebrado tinha sido substituído pelo parabólico. Apesar do fascínio que arquitectura brasileira exercia naquele período, o jogo de formas não era indiferente ao jovem grupo que se formava, tal como escreveria José Maya Santos em 1957 no boletim do MRAR a propósito da igreja da Colónia de Pegões.

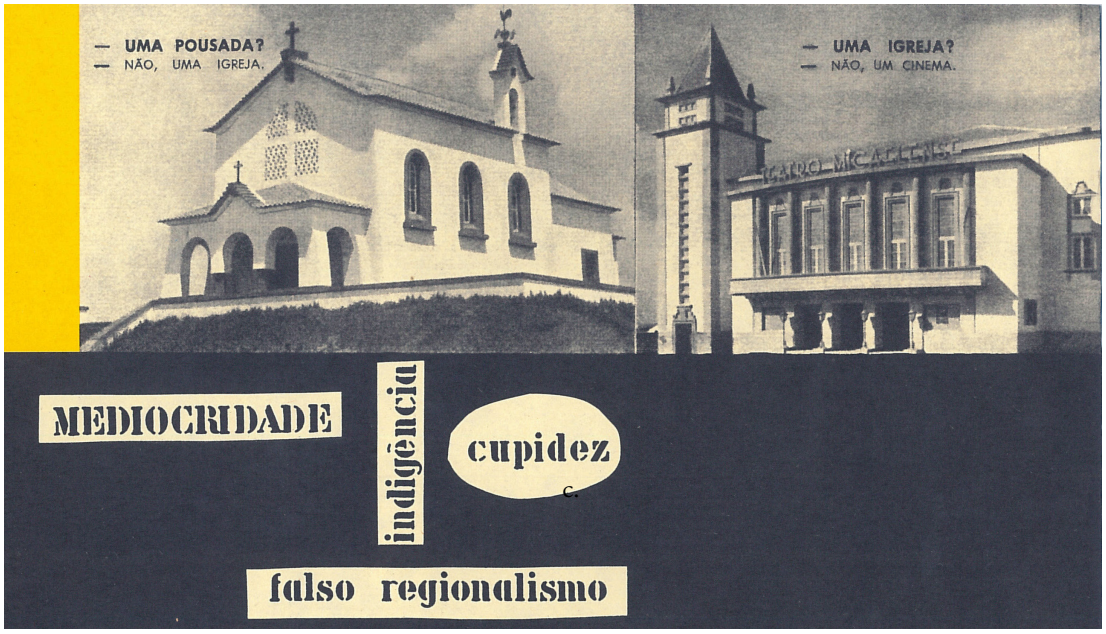
---

156 "Eu peço humildemente que me desculpem, mas penso que criei qualquer coisa nova (...)"
Jorge Segurado em José Manuel Fernandes, *Arquitectos Segurado* (Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2012), p. 58.

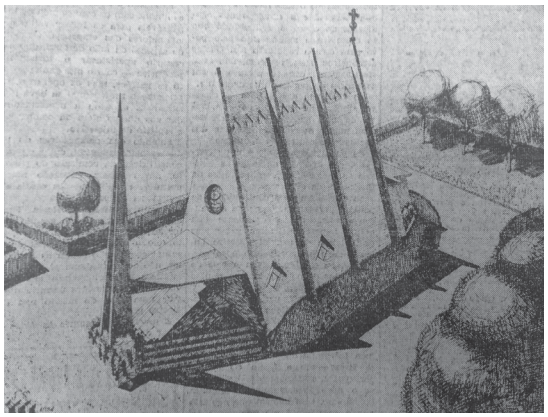
157 Veja-se a afinidade formal do exterior daquela igreja com a de Immaculée Conception em Audincourt (1929-1932), do mesmo autor.
Cf. Albert Munier, *Un projet d'Eglise au XXe siecle* (Paris: Desclée de Brouwer et Cie, 1933), pp.244-243.
Em Audincourt seria construída vinte anos depois a igreja do Sacré-Cœur (1949-1951) projectada por Maurice Novarina, com as colaborações de artistas como Jean Bazaine e F. Léger. Este trabalho é sucessor da experiência de Notre Dame de Tout Grâce.
Cf. «Audincourt», *L'Art Sacré*, nº3-4, (Nov.-Dez.1951).

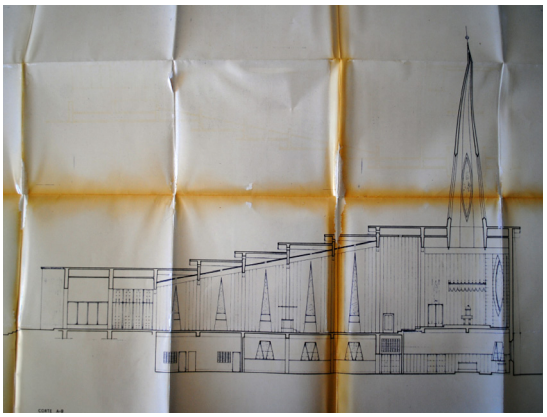
158 O Secretariado de Informação Religiosa SIR foi criado por Decreto Patriarcal a 7.Mai.1959, na sequência da decisão dos Bispos Portugueses reunidos em Conferência Plenária em Janeiro daquele ano.

159 «Autenticamente Moderna? O nosso parecer», *Boletim de Informação Pastoral*, nº31, (Mai.-Jun.1964), pp.16-17.



a.





b. c.

"As suas linhas dominantes são bastante estranhas mas por um lado obedecem a um estilo que se poderia dizer, gótico-místico, de inspiração capuchinha, e por outro, houve neles a preocupação de fazer com que não destoassem do ambiente em que a igreja surge, mastros, fios eléctricos, instalações práticas de aspecto provisório"

«A igreja de S. Gabriel», *Novidades*, (2.Ago.1951), p3. .

28. Duas tentações 'corrente tradicionalista' e 'modernismo (...) superficial'

a. Do manifesto 'Sr. Ministro' ... 'Sr. Prior'(Ponta Delgada, 1956) arq. João Correia Rebelo

A capela já anteriormente apresentada na Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea.

b. Capela Marconi (Vendas Novas, 1951) arq. Jorge Segurado

Desenho publicado no jornal Novidades (2.Ago.1951)

c. Projecto para a igreja do Bairro SACOR (Bobadela - Loures, 1961) arq. Jorge Segurado. *Arquivo SNIP*

Segunda versão apresentada

"(...) o aparecimento dessa forma parabólica, devido talvez a motivos de ordem económica e tentativas de religiosidade, não se enquadra harmoniosamente no meio ambiente e até no processo construtivo regional (...) poderemos classificá-la, se tal nos for permitido, como uma experiência: experiência construtiva legítima, até pelo carácter isolado do local, mas que não resultou devidamente como expressão de casa de Deus e mesmo como igreja, obra de arquitectura." [160]

1.2.5. Arte moderna e funcionalismo litúrgico – a resistência

Revista Flama

Algumas das igrejas estrangeiras que apareciam na exposição tinham já sido objecto de publicação na imprensa portuguesa. É o caso de Notre Dame de Toute-Grâce (Assy, França 1937-46) que fora apresentada por Armando Alves Martins[161]. Três anos antes da exposição de S. Nicolau, e antecipando-se à sagração da igreja de Assy, que motivaria a publicação integral de um número da revista *L'Art Sacré* [162], Alves Martins redigiu um artigo de uma página para a então renovada *Flama* – uma revista católica destinada ao grande público[163] – dando notícia da intervenção urbana numa

[160] José Maya Santos, «A igreja de Pegões », *Boletim - movimento de renovação da arte religiosa*, nº4, (Abr.1958), p.2.

[161] Armando Tavares Alves Martins (1922-2015) natural de Proença a Nova, nascido no seio de uma família de forte tradição religiosa – do lado materno, o pe. Joaquim da Silva Tavares sj fundador da revista *Brotéria*; e do paterno, mons. Alves Martins pároco da catedral de Lourenço Marques, seu padrinho. Estudou no colégio das Caldinhas (Santo Tirso), fez o liceu em Santarém e ingressou na ESBAL. Em 1942 pediu transferência para a ESBAP, onde estabeleceu amizade com os colegas Nadir Afonso, Júlio Pomar e Júlio Resende. Completou estudos de arquitectura na ESBAL. Num dos seus primeiros trabalhos, a capela do Regimento de Infantaria de Beja, contou com a colaboração de Querubim Lapa autor dos vitrais e da pintura do presbitério (representação de uma Pietá), indo ao encontro do que defendera nos artigos que escreveu – a mais valia da integração das artes nos espaços de culto. Na década de 1960 emigrou para a Suíça e trabalhou com um arquitecto e professor da ETH de Zurique. De regresso a Portugal, depois de passagem por Viana do Castelo e Alcobaça, fixou-se em Coimbra e integrou o corpo docente da Universidade leccionando a cadeira de Desenho ao curso de Engenharia. Integrou a comissão instaladora do curso de Arquitectura naquela Universidade, onde leccionou Desenho. Realizou pequenos trabalhos de arquitectura religiosa em contexto rural, principalmente na região centro.

[162] Notre Dame de Tout Grâce foi sagrada a 4.Ago.1950. Cf. «Assy», *L'Art sacré*, nº1-2, (Set.-Out.1950).

[163] "A nova revista [*Flama*], que hoje apresentamos, sairá semanalmente às sextas-feiras. Queremo-la moderna, actual e tecnicamente bem feita. Não se destina a determinada categoria de pessoas, só aos desta fé ou daquela condição social; dirige-se ao grande público (...) Nada faltará na *Flama* do que possa interessar em publicações desta natureza: selectos trechos literários, lindos contos, entrevistas, utilidades, histórias infantis, modas e lavores, desportos, cinema e actualidades nacionais e estrangeiras. E, a embelezar tudo isto, imagens, muitas imagens e desenhos, o suave perfume da arte, a nota alegre das cores."
mon. Avelino Gonçalves, «Sentido de uma iniciativa», *Flama revista semanal de actualidade*, anoV, nº59 (22.Abr.1949), p.5.



a.





b. c.

29. Flama - a revista e uma linha editorial

a. Da arte moderna e seus desvairos (Mar.1954)

b. S. João de Deus a nova e monumental igreja de Lisboa (Mar.1953)

c. Templo-Monumento ao Santo Condestável (Ago.1951)

estância sanatorial sonhada pelo abade Devemy[164]e coordenada pelo dominicano pe. Couturier op. que a recheava de contributos de artistas plásticos, crentes ou não.

> "Longe de chamar a colaborarem os académicos, o padre Couturier foi ter com os modernistas. Quando alguém lhe perguntou se ele acreditava que artistas descrentes pudessem criar autênticas obras religiosas ele respondeu – 'Certamente que sim, tem-se quase vantagem em se ir ter com artistas afastados das tradições clássicas da arte cristã. Este afastamento dá às obras uma frescura quase primitiva." [165]

Assim, ao espaço "com o seu ar rústico e inspirado na arquitetura vernácula alpina" [166] projectado por Maurice Novarina juntavam-se a fachada de mosaico multicolor de Fernand Léger, os vitrais de Georges Rouault, Jean Bazaine e do próprio Couturier, o baptistério de Marc Chagall, o sacrário com o baixo relevo de Georges Braque envolvido num painel cerâmico desenhado por Henry Matisse, a tapeçaria de Jean Luçart na ábside e o, polémico, Cristo cruxificado em bronze de Germaine Richier.[167] Obras de arte de valor reconhecido pelos jovens organizadores da exposição de S. Nicolau, a que futuros membros do MRAR por diversas vezes se refeririam.[168]

---

164 "O abade Devemy, por motivo de saúde, teve de ir um dia para Assy, na alta Sabóia para se recolher num sanatório.(...) Assy começou a transformar-se e atingiu 2000 doentes que vinham de toda a parte. (...) Os doentes estavam bem entregues aos cuidados dos médicos mas (...) não havia uma igreja, tão necessária para os desesperos que tão vil doença traz aos doentes. (...) Foi então que teve a ideia de colher donativos entre os doentes para construir uma igreja que não fosse 'uma igreja qualquer' mas para 'criar qualquer coisa de vivo e que pertencesse bem ao nosso tempo'."
Armando Alves Martins, «Arte Religiosa Moderna», *Flama, revista semanal de actualidade*, ano VI, nº96, (6.Jan.1950), p.6.

165 Ibid. p.6.

166 Cunha, «MRAR e os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal no século XX - a ação do Movimento de Renovação da Arte Religiosa nas décadas de 1950 e 1960», pp.55-56.

167 Sobre a polémica gerada em torno da representação de Cristo cruxificado deu eco a imprensa católica portuguesa do comunicado publicado no *Osservatore Romano*:

> "Em Assy, na Alta Sabóia, foi colocada, numa igreja, uma imagem que se queria fazer passar por cruxifixo. Não se reconhece já nela a adorável humanidade de Cristo, que consuma na cruz o sacrifício cruento.
> Trata-se de uma pastiche disforme, 'um insulto à majestade divina – como escreve um diário – um escândalo para a piedade dos fiéis. O Bispo de Annecy mandou retirar a figura sacrílega.
> Estes e outros atentados contra o carácter venerável das sagradas imagens e certa arquitectura nova da Casa de Deus suscitam o problema da função litúrgica da arte sacra."

«Mons. Celso Constantini denuncia os desvios modernistas da Arte Sacra», *Novidades – Letras e Artes*, ano XV, nº21, (8.Jul.1951), p.4.

168 Nuno Portas, «Arquitectura Religiosa Moderna em Portugal», *Arquitectura*, nº60, (Out.1957).
Luiz Cunha, «As três artes», em *Arquitectura religiosa moderna* (Porto: Imprensa Portuguesa, 1957), pp.39-45. Neste capítulo Luiz Cunha reconhece o papel pioneiro das duas experiências, de Assy e de Vence, no desenvolvimento e progresso da integração das artes no espaço religioso de que apresentou como sucessoras, a igreja de S. Francisco de Pampulha (1943-1944) projectada por Oscar Niemeyer e o santuário Ronchamp (1954-1955), de Le Corbusier.

O artigo da *Flama* explorava a importância da arte moderna ao serviço da Igreja, não só das artes plásticas como da arquitectura.[169] Cruzando o conhecimento daquela experiência internacional de natureza pioneira com a realidade do país, Alves Martins aproveitou para fazer dura crítica ao projecto que Vasco Regaleira estava a desenvolver, como fariam anos mais tarde os jovens organizadores da exposição de S. Nicolau:

> "Quando há pouco nos passou pelas mãos uma reprodução de uma igreja que se pretende construir nas Caldas da Rainha perguntámos se não seria bom aconselhar uma visita a Notre Dame de Toute-Grâces. Rezar-lhe para que Ela desse inspiração e acima de tudo nos concedesse a 'graça' de sermos do nosso tempo. (...)
> Olhemos mais pela Arte Religiosa do nosso País. E, se construímos hoje, sejamos de hoje, deixemo-nos de amadorismos e de coisas balofas sem espírito, cheias de 'bonito' sem beleza."[170]

'Ser do nosso tempo' era uma exigência que se fazia a todas as artes. E portanto, ainda que no campo da pintura, escultura e cerâmica Alves Martins reconhecesse que alguns trabalhos de Henrique Franco, Camarinha, Dórdio Gomes, Leopoldo de Almeida e Barata Feio estivessem no caminho de renovação, havia muito a fazer no campo da arquitectura que, nas suas palavras, deixava muito a desejar: ser do nosso tempo, não por mera vontade de fazer diferente do passado mas por necessidade de "viver o dia em que se está, o tempo presente", e "acompanhar 'le jour de chaque jour'"[171], uma ideia que já anteriormente tinha exposto aos leitores daquela revista, quando em 1949 apresentara a unidade de habitação de Marselha de Le Corbusier ao multifacetado público.[172]

De facto os artigos de Alves Martins, arquitecto contemporâneo de Nuno Teotónio Pereira, formado pelas escolas de Belas Artes de Porto e Lisboa, foram

---

169 O artigo da *Flama* "Arte Religiosa Moderna", publicado numa página a preto e branco, foi ilustrado com três fotografias, curiosamente pouco reveladoras da modernidade da obra presente, essencialmente, nas contribuições dos artistas plásticos. Viam-se a imagem do exterior da igreja, a do rosto de Rouault e a do interior – uma fotografia versus o altar, onde ressalta o arco triunfal de volta perfeita e deambulatório com arcaria, todo espaço ainda despido de obras de arte. O artigo era ainda atraiçoado por um pequeno anúncio publicitário, de gosto piedoso, a uma casa de artigos religiosos na baixa lisboeta.

170 Armando Alves Martins, «Arte Religiosa Moderna », *Flama revista semanal de actualidade*, ano VI, nº96, (6. Jan.1950), p.6.

171 Armando Alves Martins, «Problema de grande alcance - unidade de habitação de Marselha», *Flama revista semanal de actualidade*, ano VI, nº64, (14.Out.1949), p.6.

172 "Não são bem diferentes as necessidade de hoje e de ontem? Sobretudo a vida social de hoje é bem diferente. 'Le siècle des avions à droit à sa musique' disse Débussy, e infelizmente quantos ignoraram ou fingem ignorar esta sentença, tão cheia de verdade e humanismo. A civilização maquinista (não confundir como o homem máquina) tem direito a uma vida diferente."
Ibid.

iniciativas independentes que anteciparam a forma pública e colectiva que o grupo organizador da exposição na galeria de S. Nicolau assumiria como forma de luta. Acresce-lhes o valor de serem escritos numa revista cuja linha editorial deu visibilidade e elogiou, ao longo da década de 1950, obras de arquitectura religiosa de Vasco Regaleira, António Lino, João Simões e irmãos Rebelo de Andrade, entre outros.[173] Os artigos, embora tivessem sido publicados, não foram facilmente acolhidos na redacção da revista *Flama*. Recordava Alves Martins a resistência gerada, no final da década de 1940, pela obra de Le Corbusier por ele partilhada; resistência generalizada à arquitectura moderna como recordam outros arquitectos em formação naquele período, que a partir da própria Escola lutavam pela modernidade.

> "Quando entrei para a Escola de Belas Artes no Porto, com 16 anos, em 1949, já se lutava por uma modernidade. Naquela altura falar em arquitectura moderna era quase como dizer que se era comunista."[174]

No verão de 1950, a mesma revista que dera espaço ao artigo – a preto e branco – que reclamava a 'Arte Moderna Religiosa' dava voz a um outro – a duas cores – que ocupava a primeira página, sob o título 'Recordar é viver, capelinha de sonho' onde era ressuscitada a capela do pavilhão das missões católicas da Exposição do Mundo Português realizada uma década antes – segundo a autora, um exemplo apto a servir os populosos bairros que se estavam a construir na capital.[175]

---

[173] Parte das imagens apresentadas na exposição de S. Nicolau dos projectos desenvolvidos por estes autores resultam de recortes da revista *Flama*. Para além das já referenciadas no painel denúncia destacamos ainda a fotografia da maquete da igreja de S. João de Deus publicada por aquela revista no mês anterior à inauguração.
Artur Bárbara, «S. João de Deus, a nova e monumental igreja de Lisboa», *Flama revista semanal de actualidade*, ano IX, nº261, (6.Mar.1953), p.12.

[174] Depoimento de Álvaro Siza por ocasião do 50º aniversário da morte de Le Corbusier em:
Ana Soromenho, «No mundo de Le Corbusier, o arquiteto estrela», *Expresso*, (29.Ago.2015), p.s/n.
Siza destacou uma das obras de Le Corbusier que marcara o arranque da sua prática profissional – Ronchamp, sobre ela escreveu:

> "Ronchamp é um pontapé em todos os princípios defendidos por ele ao longo de décadas. Quando é construída os ortodoxos corbusianos estremecem. Há nesta obra uma citação evidente às viagens de juventude à Itália, numa abóbada que ele desenha quando visita a Vila Adriano e também uma citação às construções árabes, num esquisso de uma outra viagem ao norte de África, onde aparece o mesmo desenho das chaminés de entrada de luz de Ronchamp, que na arquitectura árabe era o sistema de ventilação.
> É aqui que a sua tremenda sensibilidade se revela. Ao longo da sua vida ele trabalha em lugares onde a tecnologia não chega, sabe que tem que contar com o artesão, e soube criar um corpo único entre aquilo que é pensado no projecto e as mãos que o constroem. Ronchamp, tem talvez o betão mais mal acabado que eu já vi e também o mais maravilhoso. E é nisto que é espantoso: conjuga um aspecto de autenticidade e realismo absoluto com um conhecimento universal."

[175] Maria de Castro, «Recordar é viver "Capelinha de Sonho"», *Flama revista semanal de actualidade*, ano VII, nº129, (25.Ago.1950), p.1.

Prova também a resistência à modernidade a ausência de um artigo específico dedicado à exposição de S. Nicolau na revista *Flama* – apenas uma breve passagem integrada no artigo dedicado a um sonho de Cerejeira, a construção da Universidade Católica.[176] Por sua vez o jornal do Patriarcado, *Novidades*[177], dedicara à exposição a quase totalidade do suplemento *Letras e Artes*. Na generalidade as críticas foram "manifestamente positivas, incluindo nos periódicos especializados em arte e cultura".[178] A modernidade reclamada para a integração das Artes na Arquitectura religiosa e o despertar para a discussão conforme fora proposto na exposição de S. Nicolau não foram compreendidos por todos, nem acolhidos de imediato. Viviam-se tempos controversos e de revolução, conforme expressou publicamente o ministro das Obras Públicas na sessão de abertura do III Congresso da União Internacional dos Arquitectos, realizado em Lisboa em Setembro daquele ano de 1953:

> "Sou dos que confiam em que deste período de profunda revolução na arte de edificar há-de sair qualquer coisa de muito bom, a marcar uma época de progresso em todos os campos que não tem paralelo na história do Mundo. Andam, porém, as ideias, por enquanto, muito confusas e urge fâze-las assentar por forma que prevaleça o bom sobre o mau e de tudo resulte a perfeição que aspiramos."[179]

Em 1954, andava já a exposição de S. Nicolau em itinerância pelo país, tendo já passado pelo Porto e Ponta Delgada, quando a revista *Flama* publicou o artigo "Da arte moderna e seus desvairos", motivado pelo lançamento das instruções da Santa Sé e das "claríssimas e oportunas declarações do Eminente Purpurado de Lisboa" – Pastoral sobre Arte Sacra. Neste artigo, profundamente ilustrado, duas obras de arte/arquitectura

---

176 "A exposição de arquitectura religiosa contemporânea, realizada há poucos meses na Galeria de S. Nicolau, em Lisboa, mostrou-nos de maneira convincente o problema da verdade na arquitectura dos nossos tempos e o movimento de aplauso que o certame provocou demonstra a renovação na mentalidade dos homens da nossa época.
O estudo de maior envergadura que conhecemos sobre o movimento presente de arquitectura religiosa portuguesa é o projecto Um seminário Maior U.S.M."
Artur Santa Bárbara, «Arquitectura Moderna – Está aqui um modelo inspirador da Universidade Católica em Portugal?», *Flama revista semanal de actualidade*, ano X, nº289, (18.Set.1953), p.11.

177 A edição do suplemento 'Letras e Artes', jornal *Novidades – Letras e Artes* (3.mai.1953), foi dedicada quase na íntegra à Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea, recolhendo as opiniões do pe. António dos Reis Rodrigues, pe. Gustavo de Almeida, pe. João Cabral sj, de Flórido de Vasconcelos e Dr. João Couto – nomes que viriam a estar por diversas vezes associados à história do MRAR. Para além dos artigos assinalados houve ainda uma nota dos organizadores da exposição assinadada por António Freitas Leal e João de Almeida.

178 Cunha, «MRAR e os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal no século XX - a ação do Movimento de Renovação da Arte Religiosa nas décadas de 1950 e 1960», p.162.

179 José Frederico Ulrich citado Artur Santa Bárbara, «O congresso internacional dos arquitectos», *Flama revista semanal de actualidade*, ano X, nº293, (16.Out.1953), p.21.

religiosa moderna eram criticadas: a capela das dominicanas (Vence - França, 1951) e uma igreja paroquial (Holyoke - Estados Unidos da América, 1953).[180]

A primeira obra, que com as devidas e expressas reservas havia integrado os painéis da exposição de S. Nicolau "pela admirável qualidade do desenho e pintura, pela harmonia da luz e da cor"[181] trabalhadas por Matisse, não escapou à severa crítica da linguagem plástica incompreendida[182] e dos aspectos arquitectónicos onde, apesar de "harmónica e inspirada", a "fachada lateral (...) também servia para uma pousada ou vivenda de campo".[183] Esta observação contrariava o olhar de Matisse sobre a obra onde acreditava ter conseguido criar um "espaço religioso" que apesar das imperfeições era resultado "de uma vida consagrada à procura da verdade".[184] A segunda obra, uma menos conhecida igreja paroquial americana acabada então de inaugurar, propunha uma organização radial da assembleia reunida em torno do altar testemunhando a renovação e o espírito do movimento litúrgico, segundo a teologia do Corpo Místico de Cristo reforçada por Pio XII na Carta Encíclica de 'Mystici Corporis' de 1943.[185]

---

[180] Santos de Ferreira, «Da arte moderna e seus desvairos», *Flama revista semanal de actualidade*, anoX, nº314 (12.Mar.1954), pp.12-13.
Em resposta a este artigo de opinião publicou Armando Alves Martins uma resposta no Correio de Coimbra, saindo em defesa da reflexão de Daniel-Rops publicada na revista francesa *Ecclesia - lectures chretiennes* (Nov.1951) que Santos de Ferreira duramente criticara na revista *Flama*. O artigo dá conta da importância da revista *L'Art Sacré* na renovação da arte religiosa. Sugere ainda Alves Martins aos leitores que participem na conferência organizada pelo MRAR "Arte Moderna ao serviço da Igreja":

> "Melhor que nas minhas palavras ali podereis elucidar-vos do movimento artístico que urge revolucionar o nosso *Technicolor* religioso e que, há pouco soubemos, já transpôs os Pirenéus [santuário de Aránzazu]"

Armando Alves Martins, «Da arte moderna e seus desvairos», *Correio de Coimbra*, (25.Mar.1954). [recorte de imprensa - *Arquivo FCG-MRAR*]

[181] [ver anexo 10, painel *EARC* nº36].

[182] "As nossas miúdas das escolas primárias seriam mais felizes, na concepção artística da Virgem e do Menino, do que os artistas decoradores de Vence"
"Capela de Vence antes parece esforço rudimentar de criança na escola do que cruxifixo para os santos ofícios."
Ferreira, «Da arte moderna e seus desvairos», p.13.

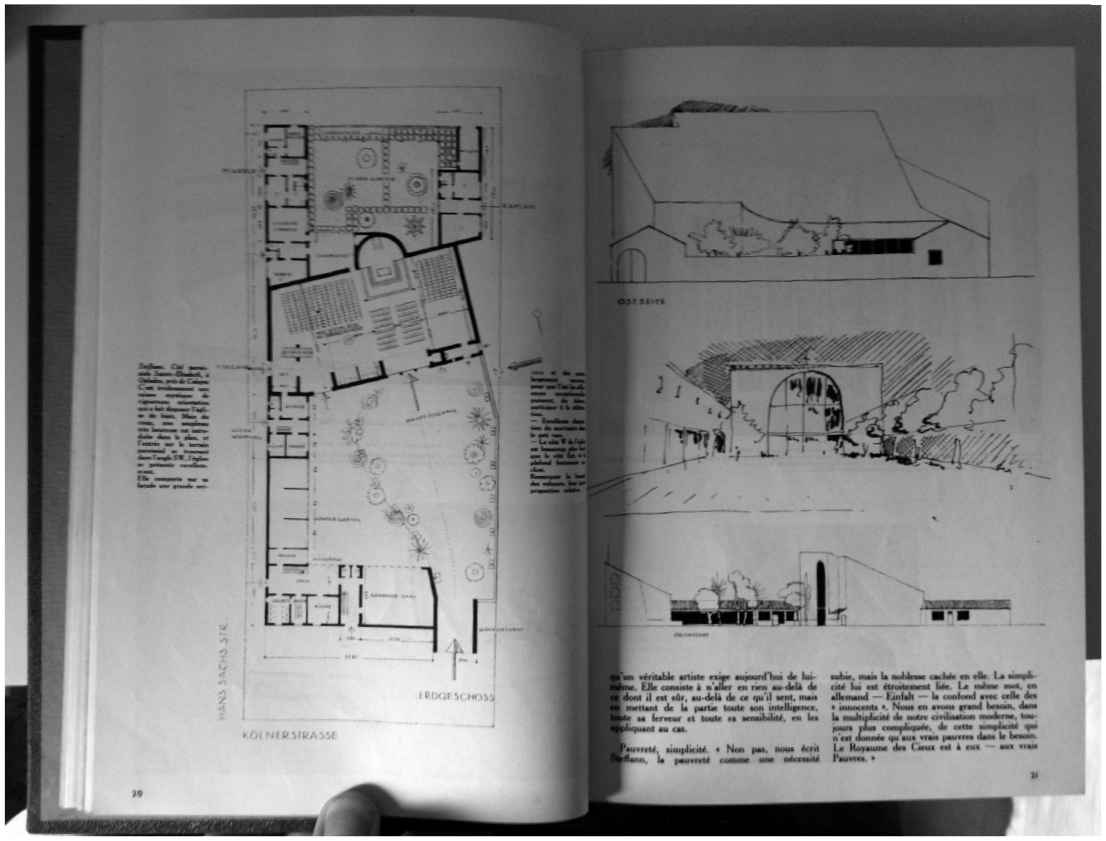
[183] Ibid. p.12.

[184] "O que realizei na capela é a criação de um espaço religioso. Desejo que todos os que entrarem na minha capela se sintam purificados e aliviados dos seus fardos (...). Considero-a, apesar de todas as imperfeições, a minha obra-prima. Que o futuro possa justificar este juízo por um interesse crescente, fora mesmo da significação superior deste momento (...) um esforço que é o resultado de uma vida consagrada à procura da verdade".
Matisse em Carta ao bispo de Nice (20.Jun.1951) citado por Manuel Atanásio Mendes, *Arte moderna e arte da Igreja - critérios para julgar e normas de construção* (Coimbra: Ministério das Obras Públicas - Direcção Geral dos Serviços de Urbanização - Centro de Estudos de Urbanismo, 1959), p.213.

[185] "Another example came in 1953 with the radical design and construction of Blessed Sacrament Church, Holyoke, Massachussets. („) The design was radical, because, unlike most other American churches built at that time, this architectural plan symbolized and articulated the theology of the



a.



b.

30. Igreja de St. Elizabeth (Opladen - Leverkusen, 1949-1958) arq. Emil Steffann

a. Postal ilustrado

A igreja situada no interior do quarteirão residencial

b. O projecto da igreja na revista L'Art Sacré (Nov.-Dez.1950). *Arquivo SNIP*

As duas páginas que integraram a Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea, painel nº42.

Na exposição de S. Nicolau foram apenas divulgadas experiências europeias, que vinham sendo apresentadas na revista *L'Art Sacré*. Assim da Suíça e da Alemanha foram apresentados os projectos das igrejas de St. Franziskus (Riehen - Basileia, 1947-1950) de Fritz Metzeger em que eram garantidas a "unidade de espaço, [e] convergência para o altar", e de St. Elizabeth (Opladen - Leverkusen, 1949-1958) de Emil Steffan onde a "assembleia envolvendo o espaço do altar, exprime bem as novas realidades litúrgicas".[186] Desenhos, plantas e cortes ilustravam a pesquisa em curso. Nada era dito sobre a integração urbana, no interior de um quarteirão de um bairro residencial, ou sobre a distribuição do programa. [187]

Por sua vez a *Flama* divulgava duas fotografias da igreja de Holyoke, do exterior e interior, acompanhadas de legendas: "a 'bizarma' que tenta mostrar-se igreja" e "salão de aulas em anfiteatro? Pequeno 'coliseu'? Não! O interior do templo católico". O sarcasmo presente nestes comentários tecidos a propósito daquela igreja paroquial tornam clara a resistência a novas formas de presença urbana e à recuperação de modelos de organização espacial, nomeadamente dos esquemas centralizados do séc.V, conforme era suportado pela crítica reprovada naquele artigo.[188]

Só anos mais tarde aquela revista começaria a abrir, pontualmente, espaço à arte e arquitectura modernas.[189]

Mystical Body of Christ, and facilitated the goal of full and active participation. The greatest architectural triumph for the American church in that period, however, came with the building of the monastic church of St. John's Abbey, Collegeville [Marcel Breur]."

Keith F. Pecklers, *The Unread Vision. The Liturgical Movement in the United States of America 1926-1955* (Minessota: The liturgical press, 1998), p.253.

186 [ver anexo 10, painel *EARC* nº42].

187 Sobre a particular inserção urbana da igreja alemã, não foi tecida qualquer consideração na exposição. Num momento em que em Portugal prevalecia a ideia pré concebida da igreja isolada, aquele projecto de Steffann colocava em estudo a interioridade do lote – tema que seria explorado também ao longo da década de 1960, recordem-se os projectos da igreja da Nazaré (Fernando Távora), do Carvalhido - Porto (Luiz Cunha) ou da Cruz Quebrada (Martins Cabido).

188 "'Tem forma semelhante (geometricamente, acrescentamos nós) aos templos célebres de São Vital, em Ravena, e de Santo Estevão, em Roma. O centro é atracção de toda a vida litúrgica, é concentração das almas junto do altar. Ao longo do perímetro, tudo converge para o centro.' (....) Lamentamos que não só as mulheres sejam escravas da moda, e assim, que a cegueira de uns seja motivo de 'amen' para muitos (...) Os templos de Deus são motivo de grande seriedade e não de capricho ou loucura. Estabelecer comparação entre estas aberrações de hoje e as maravilhas de outrora(...) é arrematada sandice que gente séria não pode levar a sério."

Ferreira, «Da arte moderna e seus desvairos», p.13.

189 A partir de 1953 Artur Santa Bárbara assina um conjunto significativo de notícias no campo da temática arquitectónica na revista *Flama*. Naquele ano noticia "S. João de Deus – a nova e monumental igreja de Lisboa" (6.Mar), "Arquitectura Moderna – Está aqui um modelo inspirador da Universidade Católica em Portugal? (18.Set), "O Congresso Internacional dos Arquitectos" (16.Out). Em 1955 escreve "O monumento a Cristo Rei" (14.Jan), "A Igreja da Avenida da Igreja" (16.Set) e, no ano seguinte dá

> "Numa atitude de interesse nacional com mira ao nivelamento da nossa cultura é dever de todos (...) acarinhar e apoiar os movimentos em que a juventude demonstre ansiedade e sentido criador, porque das suas realizações mais arrojadas esperamos um novo espírito e uma melhoria no pensamento e novidade intelectual.
> Arte moderna – na arquitectura, na música, na pintura ou na poesia – será o cunho nítido da actual geração"[190]

No campo da produção religiosa é evidente a mudança já no final da década de 1950 com a publicação das maquetes da catedral e da capela de Nossa Senhora de Fátima em Brasília, e da igreja de um bairro na periferia parisiense "um paralelepípedo de betão armado, e paredes inteiras de vitrais" que vinha despertando grande entusiasmo no seio da comunidade. Em 1959 José Escada em entrevista a propósito do tema "arte sacra" defendeu uma arte sacra de valor comunitário, que contrariasse a individualidade do artista contemporâneo, à semelhança das experiências levadas a cabo em França e na Suíça, conforme referiu explicitando o vitral de George Rouault da igreja de Assy. Quanto ao panorama nacional, passados seis anos da primeira exibição da exposição "Arquitectura Religiosa Moderna", José Escada denunciava ainda os 'ressentimentos e preconceitos' dos artistas e a preferência pelas 'misérias deslavadas' e 'santinhos'.[191] As suas palavras davam eco da luta que também ele travara no MRAR[192]

---

visibilidade ao concurso do monumento de Sagres "Cinco séculos depois da mote do Infante D. Henrique" (31.Ago), entrevistando os irmãos Rebelo de Andrade (21.Set) e Filipe de Figueiredo (5.Out). Intercalaram estes artigos, em 1954 um conjunto de três artigos de forte natureza crítica, a saber: "Da Arte Moderna e os seus desvairos" (Santos de Ferreira, 12.Mar), "Manhattan, centro de Nova Iorque floresta de arranha céus gigantes" (Gil Pereira, 24.Set), "Sombra e Luz" (S. A., 24.Dez) e outros mais receptivos a outras propostas "Frank Loyd Wright Mestre da arquitectura norte-americana" (20.Mai.1955), ou o sugestivo "Um visionário do futuro: Le Corbusier, o arquitecto mais discutido no mundo, o mais insultado, o mais ousado e possivelmente, o melhor" (9.Nov.1956).

[190] Artur Santa Bárbara, «Que pensa da arte moderna? », *Flama revista semanal de actualidade*, ano XVI, nº238, (18.Mar.1960), p.2.
No mesmo número foram entrevistados Dr. José de Azeredo Perdigão, Mário Novais, A. J. de Vasconcelos Carvalho.

[191] "Entre nós o caso é mais grave ainda porque grande parte dos nossos pintores (e escultores) têm ressentimentos e preconceitos em relação à Igreja; e grande parte da hierarquia e dos fiéis pagam-lhes da mesma moeda repudiando-os como loucos criadores de monstros e continuando a preferir em 'arte sacra' como modelos acabados de beleza e bom gosto as misérias deslavadas e feitas em série no pior estilo de Saint Suplice, a que chamam 'santinhos'."
José Escada entrevistado por António dos Reis, «Encontro com José Escada, consagrado artista da pintura moderna», *Flama revista semanal de actualidade*, ano XV, nº580, (17.Abr.1959), p.17.

[192] Em 1955 José Escada tornou-se sócio efectivo do MRAR a par de Manuel Cargaleiro. No ano seguinte organizou a exposição "Arte Sacra Moderna" (Galeria Pórtico - Lisboa, Mar.-Abr.) juntamente com o pe. António Reis Rodrigues, António Freitas Leal e Madalena Cabral. A exposição foi de novo apresentada no seminário dos Olivais (Mai.). No 2º encontro de Universitários (Casa de S. Mamede - Lisboa, Abr.) orientou o debate "Formação cultural do artista de hoje". Ainda no mesmo ano foi inaugurada a igreja de Moscavide, projecto de João de Almeida e António Freitas Leal que integra um vitral e um baldaquino da

estendendo o problema da arquitectura a todas as artes, uma luta travada desde cedo por Couturier na revista *L'Art Sacré*.

1.2.6. Experiências internacionais

Depois de Assy e Vence, duas experiências pioneiras francesas onde Artes Plásticas e Igreja se encontraram, surgia na exposição de S. Nicolau um painel[193] que recuperava o tema inicial – as constantes da arquitectura cristã: "Pureza, Verdade, Pobreza e Paz" (de novo reproduziram as imagens - das flores, do tronco, do solo e da folhagem) necessárias de recuperar para alcançar a 'Nobreza, Dignidade e Beleza' na obra construída,

> "não como coisa adventícia artificial, acessória, (logo falsa), antes como uma espécie de esplendor íntimo espontâneo, ia a dizer ontológico, que nasce da verdade, harmonia e justeza de todos e de cada um dos elementos."[194]

Citando este excerto da pastoral sobre Arte Sacra daquele ano, associavam ao discurso de Cerejeira não as polémicas falsidades arquitectónicas portuguesas, mas uma obra internacional onde encontravam uma síntese de toda aquela pesquisa. Não era grande nem urbana. O seu exterior suscitava a pergunta paradoxal: Poderia ser a mais nobre, digna e bela igreja uma a que chamavam 'celeiro'?

> "It has been called a barn. Why not? Country folk have always celebrated their festivals in barns."[195]

Assim recordaria Rudolf Schwarz, o autor da capela de St. Albertus de Krezau-Leversbach (Alemanha, 1932-1933), aquela construção de enorme simplicidade e rigor feita em alvenaria de pedra aparente e estrutura de madeira – um celeiro para a celebração litúrgica. Era uma pequena obra que envolvera a comunidade rural na

---

sua autoria. José Escada foi o autor da imagem gráfica do boletim da 2ª série do MRAR publicado entre 1961 e 1966.

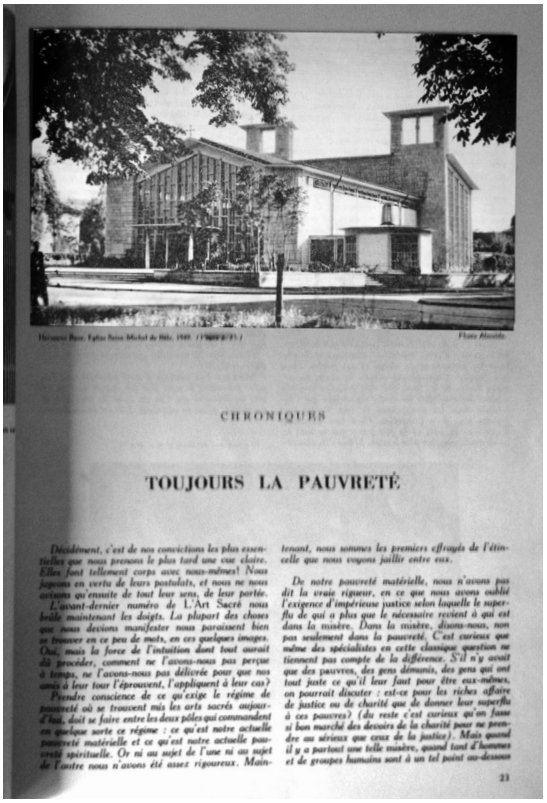
193 [ver anexo 10 - painel *EARC* nº37].

194 Cerejeira, «Pastoral sobre arte sacra (8.Mar.1953)», p.125.

195 R. Schwarz citado em Peter Hammond, *Towards a Church Architecture* (Londres: The Architectural Press, 1962), p.132.
Cf. [St. Albert Kapelle Leversbach] Rudolf Schwarz, *Kirchenbau* (Heidelberg: F. H. Kerle Verlag, 1960), pp.30-35.







CHRONIQUES

TOUJOURS LA PAUVRETÉ

Décidément, c'est de nos convictions les plus essentielles que nous prenons le plus tard une vue claire. Elles font tellement corps avec nous-mêmes! Nous jugeons en vertu de leurs postulats, et nous ne nous avisons qu'ensuite de tout leur sens, de leur portée.

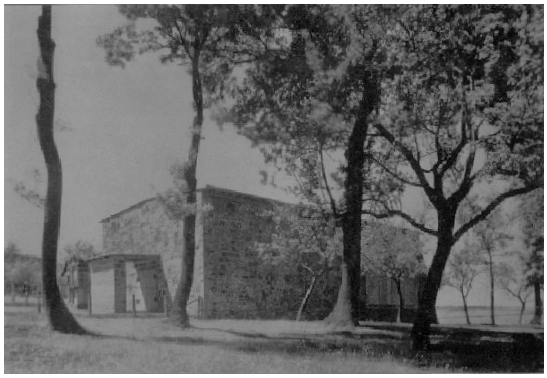
L'avant-dernier numéro de L'Art Sacré nous brûle maintenant les doigts. La plupart des choses que nous devions manifester nous paraissent bien se trouver en ce peu de mots, en ces quelques images. Oui, mais la force de l'intuition dont tout aurait dû procéder, comment ne l'avons-nous pas perçue à temps, ne l'avons-nous pas délivrée pour que nos amis à leur tour l'éprouvent, l'appliquent à leur cas?

Prendre conscience de ce qu'exige le régime de pauvreté où se trouvent mis les arts sacrés aujourd'hui, doit se faire entre les deux pôles qui commandent en quelque sorte ce régime : ce qui est notre actuelle pauvreté matérielle et ce qui est notre actuelle pauvreté spirituelle. Or ni au sujet de l'une ni au sujet de l'autre nous n'avons été assez rigoureux. Maintenant, nous sommes les premiers effrayés de l'étincelle que nous voyons jaillir entre eux.

De notre pauvreté matérielle, nous n'avons pas dit la vraie rigueur, en ce que nous avons oublié l'exigence d'impérieuse justice selon laquelle le superflu de qui a plus que le nécessaire revient à qui est dans la misère. Dans la misère, disons-nous, non pas seulement dans la pauvreté. C'est curieux que même des spécialistes en cette classique question ne tiennent pas compte de la différence. S'il n'y avait que des pauvres, des gens démunis, des gens qui ont tout juste ce qu'il leur faut pour être eux-mêmes, on pourrait discuter : est-ce pour les riches affaire de justice ou de charité que de donner leur superflu à ces pauvres? (du reste c'est curieux qu'on fasse si bon marché des devoirs de la charité pour ne prendre au sérieux que ceux de la justice). Mais quand il y a partout une telle misère, quand tant d'hommes et de groupes humains sont à un tel point au-dessous

23

a. b.





c.

31. 'Dignidade simples, sem pretensão, nobreza sem ostentação'

a. Igreja de Águas de Penamacor (1949-1957) arq. Nuno Teotónio Pereira

Para além da caracterização geral do edifício chamamos a atenção para as árvores plantadas no limite do adro, conformando aquele espaço na sua relação directa com a rua.

A antiga igreja de Águas de Penamacor, antes da construção da nova igreja

Ao fundo a igreja preservada, à esquerda o muro da quinta da família Megre.

b. Igreja de St. Michael (Basileia, Suíça, 1950) arq. Hermann Baur ilustra a crónica 'Toujours la Pauvreté'

A fotografia publicada na revista *L'Art Sacré* foi tirada por João de Almeida.

c. Capela Albertus Magnus (Leversbach, Alemanha, 1932-1933) arq. Rudolf Schwarz

A capela apresentada na Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea, painel 38.

construção, sob supervisão de um colaborador do arquitecto que acompanhou a obra num campo então pontuado por altos carvalhos, conforme documentava uma das fotografias apresentada na exposição de S. Nicolau. De certa forma, essa imagem reunia todos os elementos naturais associados às constantes expressas nas Bem Aventuranças, que o grupo organizador colocara no início da exposição. A capela era um manifesto, uma proposta de caminho de reencontro com a modernidade assente na tradição.

A escolha da obra alemã não terá sido indiferente às 'críticas desfavoráveis'[196] que vinham sendo dirigidas à igreja de Águas – apresentada também naquela exposição. Nem mesmo o recurso aos materiais e mão de obras locais, da pedra talhada sob orientação do mestre canteiro local, ao barroco retirado da ribeira convertido em pia baptismal,[197] evitara que obra "crescesse por entre a desconfiança do povo" por ter sido encomendada e discutida à "margem dos futuros utentes".[198] Em defesa daquela obra, acusada de se parecer com um cinema e também com um celeiro, tal como a capela de Leversbach, escrevera Nuno Teotónio Pereira em 1951:

> "E quanto a parecer um armazém ou celeiro? (...) Ora aí entendo que uma igreja rural, como esta é, deve destacar-se do casario, deve emergir no meio da aldeia, mas isso sem chocar, sem ofender: deve ao mesmo tempo ligar-se à terra. Dignidade simples, sem pretensão; nobreza sem ostentação." [199]

Ao problema da integração a que estavam associadas a dignidade e a nobreza reclamadas por Nuno Teotónio Pereira para o projecto da igreja de Àguas, encontramos uma resposta com o mesmo radicalismo da capela de Schwarz. Em particular, na pequena capela alemã realizada após a grandiosa igreja de St. Fronleichnam (Aachen)

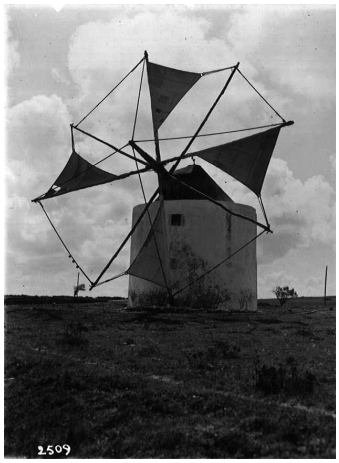
---

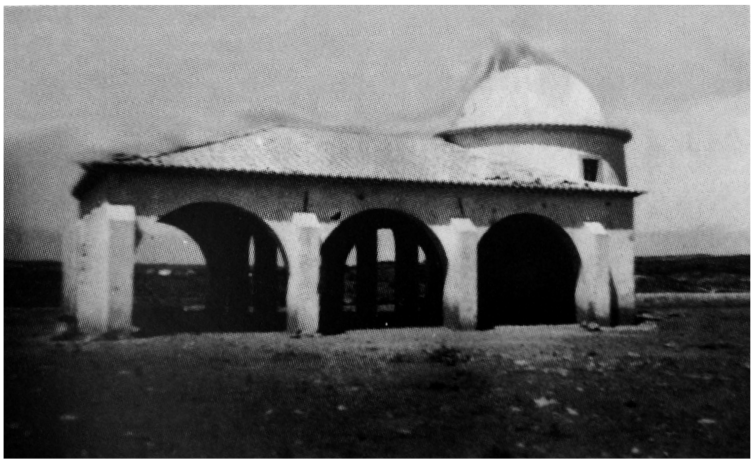
196 "Têm sido feitas ao projecto da igreja, por mim elaborado algumas críticas desfavoráveis que não se referem propriamente creio eu ao talento ou menos talento do autor, ao seu valor ou desvalor; porque se a coisa fosse posta neste pé, não me caberia a mim dizer qualquer coisa. Mas não: as críticas são dirigidas principalmente à doutrina, ao critério, aos princípios que estão em causa, e eles não são do meu exclusivo, julgo ter a obrigação de os justificar e defender."
Nuno Teotónio Pereira, «Algumas observações às críticas apontadas ao projecto da Nova Igreja Paroquial das Águas», *Espólio Nuno Teotónio Pereira, Arquivo SIPA*, (8.Set.1951), p.1.

197 "Quando utilizamos na construção das igrejas o material da região seremos a um tempo ricos e económicos e daremos ao povo uma obra que ele aceita como símbolo de renúncia.(...) Fazer assim é construir à escala humana. Se o povo vir o seu granito ou o seu tijolo, o mesmo que usa para a própria casa, se ele os vir 'consagrados' na casa de Deus, esse povo amará a sua igreja, qual símbolo material e espiritual da geografia que o rodeia e continuação sublimada do próprio lar onde habita."
Cf. Mendes, *Arte moderna e arte da Igreja - critérios para julgar e normas de construção*, p.85.

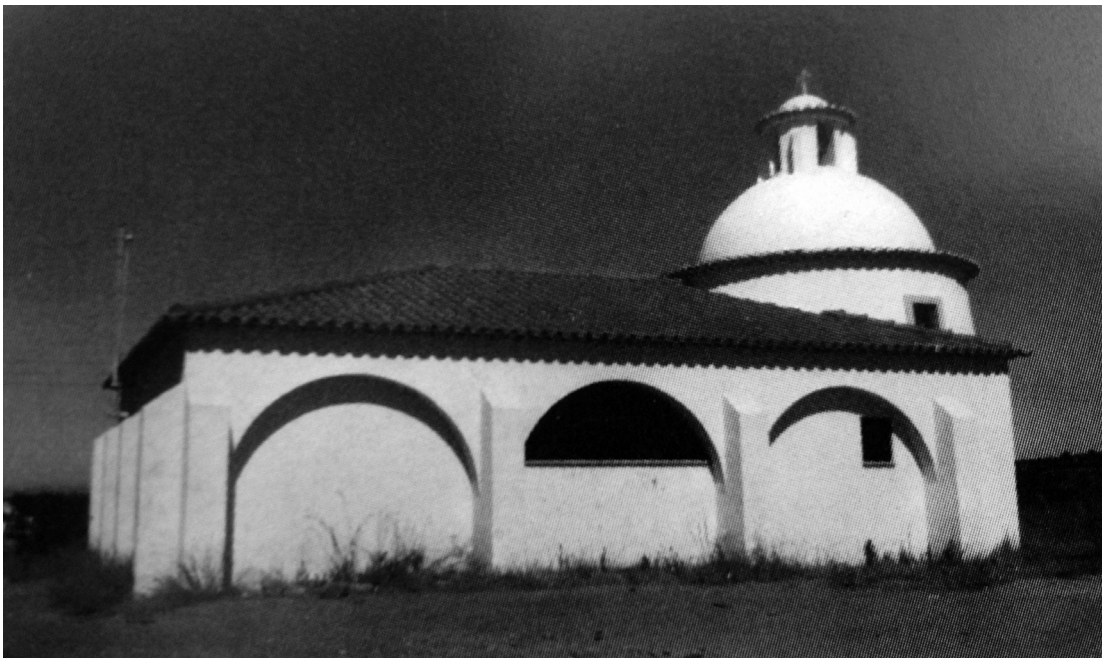
198 Nuno Teotónio Pereira, «Experiência de um arquitecto (entrevista)», *Novidades*, (7.Fev.1961), pp.1 e 3.

199 Pereira, «Algumas observações às críticas apontadas ao projecto da Nova Igreja Paroquial das Águas», p.4.





a. b.



c.



d.

32. O moinho (Alvide, 1944-1952) Ruy de Andrade

a. Um antigo moinho de Alvide. *Arquivo AMC*

b. c. Um moinho convertido em capela

Do alpendre aberto à solução encerrada, ver semelhança com capela do posto fronteiriço de Caia-Elvas.

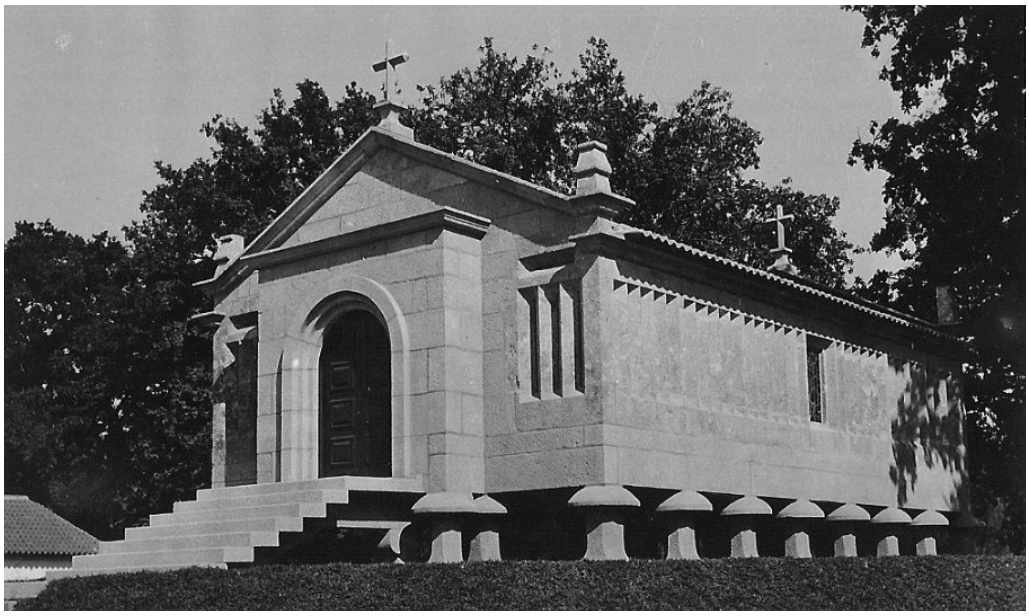
d. A capela na actualidade

Um muro encerra o terreno onde se implanta a capela e a capela-salão (1969-1975), rodeado por prédios de habitação.

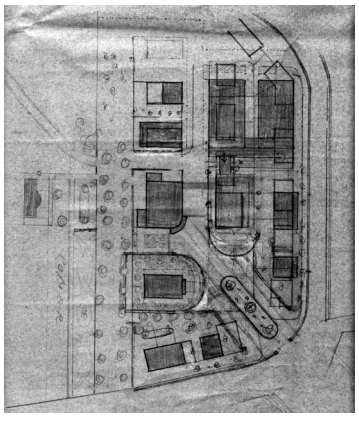




a. b.



c.



e.



d.

33. O Espigueiro (Beire-Paredes,196-) pe.Baptista

a. b. Espigueiro existente na Quinta da Torre (séc. XVII) doada à obra do Padre Américo

c. d. Um espigueiro convertido em capela

Sobre um plano de Teixeira Lopes, o pe. Baptista concluiu a obra do Cálvário após a morte do pe. Américo.

Colunas de granito suportam a cobertura recordando o modelo de igrejas colunárias.

e. O plano de conjunto

estavam presentes a teologia e a filosofia que marcariam as pesquisas da moderna construção de igrejas – o "regresso à originalidade cristã".[200]

> "O círculo formado em Rothenfels contava com a presença de personalidades importantes ligadas aos universos da Igreja, da universidade e das artes. Vários arquitectos que mais se dedicaram à arquitectura religiosa integraram ou contactaram com este movimento. Para além de Rudolf Schwarz e de Martin Weber, referimos os nomes de Emil Steffan, dos suíços Fritz Metzger e Hermann Baur."[201]

Um dos maiores impulsionadores da renovação litúrgica, a partir do círculo de Rothenfelds e do movimento Quickborn, foi o teólogo Romano Guardini. A omissão de Guardini na exposição foi suplantada pela apresentação de obras dos que com ele privaram, nomeadamente Hermann Baur e Fritz Metzger, membros da St. Lukasgesellschaft (Sociedade de São Lucas), movimento congénere e de referência na criação do MRAR.[202] Já a conferência que acompanhou a exposição "O sentido da moderna arquitectura Suíça"[203] fazia referência às reflexões de Guardini.[204] João de Almeida, o autor, introduziu o pensamento daquele teólogo a propósito do processo de perda dimensão simbólica[205], cruzando-o com a reflexão em torno das igrejas suíças – uma realidade que ele bem conhecia por ter trabalhado com Hermann Baur – que

---

[200] Na perspectiva da busca pela 'originalidade cristã' podemos reconhecer naquela capela de Leverbach, a nobreza do estábulo, lar de Nazaré.

[201] Miranda, «Liturgia e Arquitectura - pensar um lugar para a liturgia: o aggiornamento como programa?» pp.85-86.

[202] Sobre a importância do [Suíça: *St. Lukasgesellschaft*, Hermann Baur, Fritz Metzger, Ferdinand Gehr] Cunha, «MRAR e os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal no século XX - a ação do Movimento de Renovação da Arte Religiosa nas décadas de 1950 e 1960», pp.60-65.

[203] Cf. João de Almeida, «O sentido da moderna arquitectura suíça (1953)», em *MRAR e os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal no século XX [Volume II - anexos] de João Alves da Cunha* (Lisboa, 2014), pp.248-260.

[204] No mesmo ano da exposição foi publicado: F. M. Carvalho, «Pensando em Romano Guardini», *Novellae Olivarum - revista dos alunos do seminário de Cristo Rei - Olivais*, ano XI, nº106, (Jun.1953), p.159.

[205] "Como diz Romano Guardini, é missão do corpo a de 'símbolo vivo da alma'. Desligado o corpo da alma numa vã tentativa de espiritualidade pura, que por um lado degenerou no mundo racionalista e estéril dos conceitos e das fórmulas, por outro numa corporeidade materialista que vai relegando o homem para o plano da animalidade, foi-se perdendo cada vez mais em nós a capacidade plástica, reduzindo o campo das realidades interiores tradutíveis no corporal.
É ainda Guardini que nos diz:
'Os órgãos misteriosos por meio dos quais o espiritual se transpõe no seu equivalente corporal, e que de cada gesto fazem revelação do Espírito... foram-se atrofiando progressivamente.
O homem perde a capacidade plástica, o poder de dar forma... e ao mesmo tempo desaparece tudo o que repousa sobre este poder : a plasticidade da língua, a atitude física expressiva; o vestuário e a habitação saturados de formas; as maneiras exteriores, o jogo, a dança.'"
João de Almeida, «O sentido da moderna arquitectura Suíça», *Espólio do MRAR*, 1953, p.4.

tinham sido alvo de crítica aquando da inauguração da exposição em Lisboa, "insistentemente classificadas de barracões e armazéns"[206]

> "A exposição de Arquitectura Religiosa deixou atrás de si, em Lisboa, um rasto de críticas e de objecções.
> Da parte histórico-crítica, pode dizer-se que passou incólume, e mesmo que teve geral aceitação e aprovação; foi sobre o último sector (o Movimento de Renovação em Curso) e nele, particularmente sobre o caso suíço, que as críticas incidiram com insistência."[207]

A arquitectura desenvolvida naquele país, alheio à destruição da II Guerra Mundial e vivendo em democracia, vinha despertando interesse crescente entre os arquitectos portugueses. No campo particular da arquitectura religiosa, a revista *Werk* divulgou algumas pesquisas[208] tal como a já mencionada revista *L'Art Sacré*. Em 1947, alguns trabalhos realizados na Suíça alemã deram corpo ao número daquela revista integrado na série "Reconstruire les églises", sugestivo título que procurava mostrar como a reconstrução de igrejas ia para além das destruídas pela guerra – a (re)construção era uma necessidade do tempo presente e nesse contexto a experiência desenvolvida na Suíça era um contributo a considerar, tal como referiu o pe. Regamey op. na nota editorial da revista francesa:

> "La Suisse alémanique est, à notre connaissance, la seule région où l'on reçoive l'impression vive d'une architecture religieuse en pleine maturité. (...) églises admirables, complètement dégagées des compromis où l'on reste d'ordinaire empêtre ailleurs, et, offrant, avec la rigueur d'une discipline parfaitement consciente"[209]

Estas mesmas convicções foram expressas na exposição de S. Nicolau que dava destaque às igrejas paroquiais suíças, fruto de encomendas directas ou de concursos, obras que, no conjunto, se tornariam referência na produção religiosa portuguesa moderna, divulgadas por diversas vezes em iniciativas do MRAR e da equipa de Arte Sacra do seminário dos Olivais.[210] As imagens selecionadas, os desenhos, as maquetes, as

---

206 Ibid. p.2

207 Ibid. p.1

208 "Influenciado pelas igrejas suíças que conhecia a partir da revista *Werk*, Nuno Teotónio Pereira afirmou nesta obra [igreja de Águas, Penamacor] a linguagem moderna de sabor expressionista com a preocupação de organizar um espaço em convergência para o altar, o fulcro da celebração."
Ana Tostões (coord.), *Arquitectura e Cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira,* (Lisboa: Quimera, 2004), p136.

209 Pie-Raymond Regamey, «Reconstruire les églises - l'exemple de la Suisse Alémanique», *L'Art Sacré*, nº1-2, (Jan.-Fev.1947), p.3.

210 A equipa de Arte Sacra do seminário dos Olivais era composta por João de Almeida, José Policarpo,

fotografias da obra e dos pormenores onde as artes se fundiam testemunhavam e alimentavam a renovação em curso. Às novas igrejas paroquiais suíças construídas em pequenas aldeias ou nas periferias das cidades, como Basileia e Zurique, juntaram um painel com apontamentos de outras obras internacionais, da Alemanha e da França, divulgadas na maioria dos casos pela revista *L'Art Sacré* dispostas em torno de uma citação do director pe. Couturier op..[211] Todas aquelas diferentes obras, ainda que tivessem presente o 'carácter acentuadamente nórdico'[212] propunham uma aproximação do povo, à terra e à época em que eram construídas, respondendo ao repto que Teotónio Pereira lançara em 1947:

> "A arquitectura portuguesa actual está divorciada do Povo, da Terra, da Época.(...) A preocupação tem que ser construir bem. As únicas premissas deverão ser funcionais (...) e construtivas(...). Da conjugação racional lógica destes dados e matérias, sublimados pelo espírito criador, sairá então o estilo original, enraizado na Terra, ligado ao Povo e compassado à Época."[213]

A obra de Herman Baur, arquitecto com quem tinha trabalhado João de Almeida um dos jovens organizadores daquela iniciativa, teve especial destaque na exposição. Foram apresentados quatro projectos seus, cada um em painel independente.[214] Da sua leitura reconhecemos a atenção dada ao sistemas construtivos – combinando estruturas porticadas em betão armado aparente com o recurso a alvenarias de pedra, de tijolo e grelhas pré fabricadas. Igualmente destacada foi a componente funcional do espaço –

Albino Mamede Cleto, Artur Cadima Ribeiro, Avelino Rodrigues, Carlos Pessoa Paes e Henrique de Noronha Galvão, entre outros.

> "Animados por João de Almeida, que comprava e emprestava os melhores livros e revista de arte em geral e da especialidade religiosa, revelada nas pequenas exposições temáticas que sucessivamente animavam as galerias do seminário e, bem assim, em artigos e pequenos ensaios da *Novellae Olivarum*, que ainda hoje conservam uma surpreendente actualidade."

Cf. Avelino Rodrigues, «O Seminário dos Olivais e a renovação da arte sacra em Portugal», em *Por caminhos não andados - Seminário dos Olivais 1945-1968* (Multinova, 2007), pp.159.

211 [ver anexo 10, painel *EARC* 42].

212 [ver anexo 10, painel *EARC* 44].

213 Nuno Teotónio Pereira, «A arquitectura cristã contemporânea (*Ala*, Jan.1947)», em *Escritos (1947-1996, selecção)* (Porto: FAUP publicações, 1996), pp.6 e 10.

214 As imagens apresentadas no painel nº39, legendados "projecto de igreja para Dottingen – arq. Hermann Baur, são na verdade da proposta levada a concurso por Baur para uma igreja paroquial a construir em Riehn, nos arredores de Basileia. A maquete e desenhos apresentados em S. Nicolau integraram um artigo publicado na revista *L'Art Sacré*. A proposta vencedora, apresentada por Metzger, viria a ser construída. A planta trapezoidal da igreja construída, St. Franziskus, também despertara o interesse dos organizadores da exposição que a apresentaram no painel nº34.
Cf. «Un concours entre Metzger et Baur», *L'Art sacré*, nº1-2, (Jan.-Fev.1947), pp.23-28.

traduzida no tratamento unitário e hierarquizado dos diferentes polos de acção litúrgica, vejam-se a caracterização e o detalhe dos altares e baptistérios apresentados.

A reconhecida importância e contributo de Hermann Baur levaria o MRAR a convidá-lo a expor sobre estes temas de projecto no curso de Arte Sacra organizado cinco anos após a exposição de S. Nicolau, por ocasião do lançamento do concurso da igreja do Sagrado Coração de Jesus.[215] O registo áudio das conferências, achado e transcrito no decorrer da nossa investigação, permitiu-nos conhecer o testemunho directo de um protagonista da renovação da arte sacra e a leitura crítica da evolução do debate em torno da organização do espaço litúrgico. Assim, a propósito das exigências da Igreja e da Liturgia referiu:

> "Je répète que, en suivant tous ces exigences de la liturgie et de la théologie, on n'arrive pas automatiquement à des solutions architecturales et je peux seulement encore une fois ajouter que, je crois, on ne peut pas trop parler de ces choses de forme. C'est assez difficile de se faire comprendre. Il faut faire les choses, après on peut un peu les expliquer, on peut donner des introductions de ce qu'on a voulu exprimer mais, je crois c'est assez difficile de donner les recettes ou des directives (…)"[216]

As questões litúrgicas e teológicas animariam seriamente o debate das décadas de 1950 e 1960. Contudo, tal como afirmara Baur, tais exigências não conduziam automaticamente a soluções e formas arquitectónicas. Prevaleciam "preocupações pictórias e românticas" que tendiam a encarar as igrejas "como uma espécie de escultura abstracta, sem relações com as necessidades humanas", "estudos de composição – e não estruturas funcionais projectadas para servir e articular as actividades" como escreveria

---

215 "Tendo o Movimento de Renovação da Arte Religiosa dado a sua colaboração a esta iniciativa [concurso], julgou oportuna a realização de um pequeno curso, em que arquitectos e artistas plásticos pudessem aprofundar o conhecimento dos aspectos básicos da construção de uma igreja, nas condições actuais da pastoral e liturgia. (...) o curso de oito conferências, das quais cinco, confiadas à competência de ilustres professores do Seminário dos Olivais apresentarão os princípios teológicos, litúrgicos, sociológicos e iconográficos da construção das igrejas, enquanto as restantes três, confiadas ao arq. Hermann Baur, de Basileia, para este fim convidado pelo Movimento, farão a transposição daqueles mesmos princípios para a linguagem propriamente arquitectural. Em conferência complementar, o arq. Fernando Távora abordará alguns aspectos do problema do condicionalismo geográfico e cultural do meio português na arquitectura."
António Freitas Leal e [MRAR], «Circular», *Arquivo FCG-MRAR*, (19.Dez.1957).
Herman Baur esteve por três vezes em Portugal. Em Dezembro de 1956 participou na inauguração da igreja de Moscavide, projectada pelo seu antigo colaborador e amigo João de Almeida. Em Janeiro de 1958, a convite do MRAR, proferiu as conferências "A arquitetura religiosa cristã e a sua evolução" e "A organização do espaço da igreja", "Análise dos principais elementos ordenados ao culto", no curso Arte Sacra Moderna. Regressou uma terceira vez a Portugal para participar no júri do concurso de ante-projetos da igreja do Sagrado Coração de Jesus (Jun.1962). Nessa ocasião apresentou o seu trabalho numa Reunião de estudo do MRAR.

216 Baur, «A arquitectura religiosa cristã e a sua evolução - conferência». [ver anexo 7]

Peter Hammond, citado pela revista portuguesa *Binário* em 1965. O debate ultrapassou fronteiras e as suas implicações obrigavam a integrá-lo num campo ainda mais vasto. No final da década de 1960 escreveu Reyner Banham para revista *The Architectural Review*:

> "To regard the liturgical movement as a most promising new source of valid forms in church architecture is to miss its point completely... Its interest for the architect lies in the kind of brief it will give him when he is asked to design a church – not vaguely emotive in the recent atmospheric manner, not fanatically precise over trivia, as with the Ecclesiologists of the last century, but concerned with functions and people. Such a brief… puts the conceptual stages of church design on the same intellectual and imaginative footing as applies the most forward areas of secular architecture at present."[217]

1.2.7. Primeiros projectos de renovação em Portugal

A finalizar a exposição eram apresentados seis projectos desenvolvidos em Portugal, na maioria pelos organizadores da exposição, que procuravam ir ao encontro da sã renovação desejada. Aos projectos de Nuno Teotónio Pereira (igreja de Águas), de João Braula Reis (capela da Rinchoa, igreja de Rio Torto) e de João de Almeida (Moscavide - 1ª versão, Beira – Moçambique) juntaram um dum arquitecto externo à organização, o da capela-ossário projectada por Raúl Chorão Ramalho (Funchal, 1950-1958).

À semelhança dos painéis das igrejas suíças projectadas por Hermann Baur, quase nada era dito sobre os projectos. Contudo a leitura dos desenhos nos painéis permite-nos identificar alguns temas de projecto, fruto de abordagem quase empírica, que reflectia a autocrítica, "à desorientação estética do meio, à inexperiência dos arquitectos ou à insuficiência da sua formação doutrinal", que o grupo organizador reconhecia naqueles trabalhos.

Lado a lado foram apresentados os estudos das igrejas de Rio Torto e a capela da Rinchoa, ambos projectados por João Braula Reis. No primeiro identificamos o cruzamento de sistemas construtivos - alvenaria de pedra e betão armado e a adopção duma tradicional cobertura de duas águas associada a um moderno campanário, destacado e unido por pala ao corpo da igreja reduzido aos seus paramentos estruturais. A leitura da planta reforçava a ideia da unidade de assembleia traduzida na recusa da

[217] Reyner Banham, *The Architectural Review*, vol. CXXVIII, nº766, (Dez.1960), p.400.

coxia central assim como a criação de espaços de acolhimento exteriores: um alpendre coberto fronteiro à porta principal, e a criação de um pátio resguardado, na face lateral da igreja confinado pela torre e sacristia. Se a igreja paroquial remetia para uma solução de compromisso, uma modernidade inteligível e integradora do contexto geográfico e social, a capela da Rinchoa, pela escala e natureza da encomenda, adoptava uma linguagem moderna onde fora procurada a resposta funcional. Assim expressou Braula Reis na revista *Arquitectura* em 1951 a propósito da preocupação dominante do projecto:

> "visto ser a função plenamente realizada o que dá a toda a obra o verdadeiro carácter – procurar tirar partido desse funcionalismo no sentido de obter uma obra pura – uma capela calma e acolhedora"

A apresentação daquela pequena obra que integrava trabalhos de artistas plásticos, ao nível dos vitrais e imagens, a única obra portuguesa construída da exposição, ajudaria a contrariar a convicção que Braula expressara: "Na nossa geração a Igreja pouco ou nada contribui para o progresso da arquitectura, e a arquitectura contemporânea pouco contribui para ela."[218]

Nuno Teotónio Pereira, apesar de à data da exposição ter já concluído a reconstrução da igreja do Sagrado Coração de Jesus (Covilhã, 1948-1952) para a comunidade de Jesuítas que se reinstalavam na Beira Baixa[219], optou por apresentar um outro projecto, ainda em curso, na mesma diocese – a encomenda da família Megre, uma igreja paroquial na aldeia raiana de Águas.

Esta escolha parece-nos querer evitar o olhar sobre uma igreja reedificada em plena cidade, num lugar central de novo adquirido por aquela comunidade religiosa. Um projecto quase desconhecido, possivelmente condicionado pelo gosto dominante da gramática estilística da vizinha Praça do Município 'sala de visitas da cidade', uma praça que à data da obra de Nuno Teotónio Pereira se redesenhava segundo modelos mais vigentes do Estado Novo[220], um "espaço da casa no qual o discurso de quem somos (e

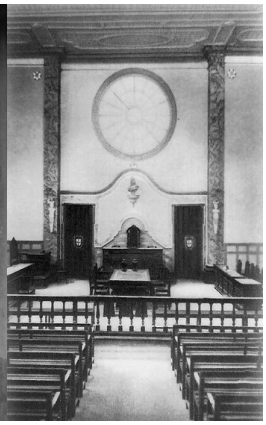
---

[218] João Braula Reis, «Capela na Rinchoa », *Arquitectura*, nº37, (Fev.1951), p.9.

[219] A encomenda do projecto da igreja na Covilhã surgiu no regresso da Companhia de Jesus à Beira Baixa após expulsão da primeira República que ditara o abandono da igreja de São Tiago, mandada reconstruir no final do séc.XIX pelo jesuíta Nicolau Rodrigues aquando da instalação naquela cidade. A antiga igreja, vaga na sequência do incêndio (27.Nov.1942) que destruíra o tribunal que ali estava instalado, foi de novo adquirida pela companhia de Jesus e o projecto da reconstrução entregue ao jovem Nuno Teotónio Pereira.

[220] O plano de reestruturação do antigo Largo do pelourinho foi traçado por João António Aguiar e promovido pelo Estado Novo. A nova Praça do Município, projecto que recua a meados da década de 1940, agregou em torno do espaço público a Estação de Correios Telégrafos e Telefones (Adelino Alves





a. b. c.



d.





e. f.

34. A igreja reconstruída junto à Praça do Município
Sagrado Coração de Jesus (Covilhã, 1948-1952) arq. Nuno Teotónio Pereira
a. Interior da antiga igreja de S. Tiago
b. O Tribunal instalado na igreja
c. A nova fachada e a torre pré-existente
Sobre a entrada um relevo de Joaquim Correia.
d.Interior da igreja remodelada
Ao fundo um *secco* de Martins Barata.
e. A praça do Município ladeada pelos edifícios da Caixa Geral de Depósito, Correios-Telégrafos e Câmara Municipal
f. Manifesto (Ponta Delgada, 1956) arq. João Correia Rebelo

queremos ser) é objecto da encenação mais cuidada"[221] - uma cenografia em que a construção da igreja foi muitas vezes considerada ou noutras, como na Covilhã, quase apagada.[222] Naquela igreja a modernidade apenas fora apontada – a nova fachada rasgada com três vãos verticais integrou o trabalho escultórico de Joaquim Correia[223] e o interior, que preservando a divisão em dois corpos rectangulares - presbitério elevado e nave (com o tradicional coro sobre a entrada), formando com duas capelas laterais um transepto. Destaque para os vãos sobre estas capelas, que filtram a luz natural iluminando a nave. Ainda no interior, note-se o sacrário desenhado por Graziela Albino[224] encimado pelo *secco* dedicado ao orago da igreja, de Jaime Martins Barata (1956)[225].

Nunes, 1950), a Agência da Caixa Geral de Depósitos (António Veloso Reis Camelo, 1952), o Cine-Teatro (Raúl Rodrigues de Lima, 1954), e Câmara Municipal (João António Aguiar, 1958), equipamentos inaugurados na década de 1950. A vizinha Igreja do Sagrado Coração de Jesus(Nuno Teotónio Pereira) abriria ao culto a 10.Fev.1952, assumindo as funções paroquiais apenas na década de 1960.

[221] Joana Costa Brites, «Um uníssono a quatro vozes: arquitectura(s) do Estado Novo na Praça do Munícipio da Covilhã», *Monumentos*, (Jul.2009), p133.

[222] Na sequência dos estudos da Praça do Município, o "Plano de Urbanização da Covilhã - Arranjo do Centro Cívico" propunha a demolição da igreja da Misericórdia e casario envolvente para dar lugar à construção de um estacionamento e um Hotel (Inácio Peres Fernandes, 1959).
Cf. Margarida Souza Lôbo, «Covilhã: planos de urbanização à época de Duarte Pacheco», *Monumentos*, Julho de 2009, p.32.
A igreja acabou por ser protegida e classificada em 1977. O actual conjunto formado pela Praça do Município, hotel, igreja e estacionamento acabariam por ser alvo do programa Polis Covilhã (2000), segundo projecto de Nuno Teotónio Pereira com Paulo Guerra.

[223] Joaquim Correia (1920-2013) escultor do tríptico da fachada da igreja representando o martírio de Francisco Alvares e António de Sousa sj. naturais da Covilhã intercalados pelo orago da igreja, foi também o autor da escultura de S. João de Brito, da fachada da igreja do bairro de Alvalade projectada por Vasco Regaleira. O molde daquela escultura integrou a exposição promovida pelo MRAR "Arte Sacra Moderna", Galeria Pórtico, Lisboa (Mar.-Abr.1956). Colaborou ainda noutros projectos de arquitectura moderna sendo o autor da Pietá da igreja de S. Pedro de Moel (1955, arq. Manuel Raposo Coutinho), a Sagrada Família da igreja da SACOR-Bobadela (1965, arqs. Alberto Camacho e Eduardo Valente) e do desenho da tapeçaria da igreja de S. Eufémia (1968, arq. João Pedro Mota Lima). A renovação da arte sacra moderna, no campo da escultura gozou de certa independência em relação à arquitectura. Joaquim Correia participou no I Congresso Nazionale di Architettura Sacra (Bolonha,23-25.Set.1955), tal como António Duarte (escultor do monumento da N.ª S.ra da Boa Estrela, 1946) e o pintor António Lino, membro do MRAR.

[224] A porta do sacrário em bronze, com a representação de Agnus Dei, integrou a exposição "Arte Sacra Moderna" Galeria Pórtico, Lisboa (Mar.-Abr.1956). Graziela Albino foi também a autora do sacrário da igreja de Águas de Penamacor.

[225] Jaime Martins Barata (1899-1970) tinha realizado anteriormente o *fresco* da capela de N.ª S.ra de Fátima na igreja de S. Eugénio (Roma, 1950-1951) com o auxílio do filho, José Pedro Martins Barata (sócio auxiliar do MRAR). Aquele trabalho desencadeou um conjunto de encomendas de pinturas murais para tribunais e edifícios religiosos.
Cf. Vera Félix Mariz, «A capela de Nossa Senhora de Fátima na igreja de Santo Eugénio em Roma 'tão linda ideia patriótica e cristã' 1942-1951 - Dissertação de Mestrado em Arte, Património e Teoria do Restauro» (Universidade de Lisboa, 2010), pp.180-181.

À igreja urbana, fortemente condicionada pela situação da envolvente, Nuno Teotónio preferiu apresentar a que construiria na pequena aldeia, que trazia maior novidade no campo do funcionalismo litúrgico e também no da integração urbana, que evoluiu para solução bem diferenete da apresentada na exposição.

De facto o projecto tornar-se-ia também relevante neste domínio, dado o modo como a igreja foi implantada junto à antiga igreja e à casa da família Megre, criando um generoso adro, espaço público de reunião e celebração, construído sobre o limite da propriedade agrícola confinando com a rua. O desenho do pavimento, oblíquo em relação à nova construção, reforça a ligação à antiga igreja, enquanto a colocação isolada e recuada do campanário e torre do relógio, assume um maior protagonismo no tecido urbano.

Na exposição de 1953, à pequena fotografia da maquete da igreja ainda com campanário ao lado da entrada, [226] foi associada uma perspectiva interior e uma planta do edifício. Com essa escolha o grupo organizador da exposição propunha um olhar sobre o espaço interno, convergente para o altar – tema apresentado na exposição, ilustrado com a obra de Metgzer.[227] A perspectiva interior permitia ainda tornar evidente a vontade de quebrar a simetria do espaço, que apesar de dividido axialmente pela coxia central, era caracterizado pelo tratamento diferenciado das paredes laterais. No presbitério a parede era aberta a sul e encerrada a norte, e na nave rasgada a norte, pela nave lateral de menor pé direito que acolhe as pequenas capelas, em contraste com a parede sul, encerrada. O programa da igreja comtemplava, para lá do grande espaço comunitário, outros de menor dimensão dedicados ao culto individual.

À semelhança do painel anterior da exposição, a segunda obra apresentada mostrava um programa, uma escala e uma linguagem diferentes. A encomenda camarária para a capela e ossário do cemitério da Nossa Senhora das Angústias (Funchal), desenvolvidos por Chorão Ramalho a partir de 1950, ilustravam um outro possível caminho de arquitectura moderna, filiado na gramática então em voga da arquitectura brasileira.[228]

---

[226] No desenvolvimento do projecto a posição do campanário seria reequacionada, acabando por ser construído junto à cabeceira, ganhado assim maior visibilidade a partir do eixo viário que conduz à igreja.

[227] [ver anexo 10, painel *EARC* nº34].

[228] Cf. Emanuel Gaspar de Freitas, *A Obra de Raúl Chorão Ramalho no Arquipélago da Madeira de* (Caleidoscópio, 2010).

Fechavam a exposição dois estudos de João de Almeida: a maquete do ante-projecto para uma capela na Beira, Moçambique[229] e a igreja a construir em Moscavide[230] – um projecto encomendado directamente pelo cardeal Cerejeira àquele seminarista e estudante de arquitectura recém-regressado a Portugal após ter estado com os padres dominicanos Couturier e Regamey em Paris e colaborado com Hermann Baur em diversos projectos de arquitectura religiosa, no seu gabinete em Basileia. A encomenda de Cerejeira a João de Almeida é reveladora da confiança e espectativa do cardeal pela prudente renovação da arte religiosa. Recorde-se que a partida para Paris fora entre eles ajustada em 1949. Ao introduzir aquela igreja dos arredores de Lisboa, na proximidade do seminário dos Olivais, o jovem grupo organizador da Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea, amenizava a crítica às encomendas da Igreja, tida por muitos como conservadora e incapaz de acompanhar as transformações do tempo.

Ora a nova igreja para Moscavide tinha tido diversos estudos anteriores, encomendados pelo Patriarcado ao longo da década de 1940. Para lá do projecto de gosto revivalista de 1943,[231] relevamos os dois posteriores, apresentados e debatidos nas Iniciativas Culturais Arte e Técnica (ICAT) em 1947: a proposta de Herculano Neves e a alternativa apresentada por Celestino de Castro[232] quando convidado pelo primeiro a

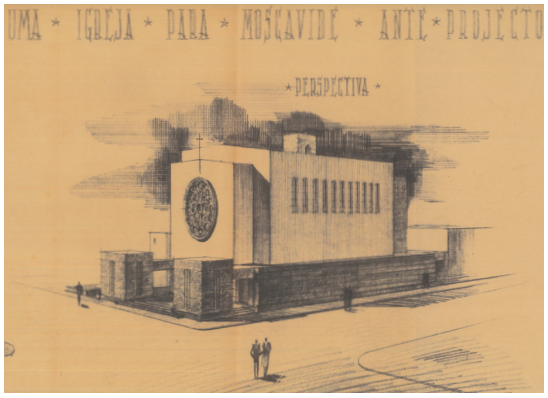
---

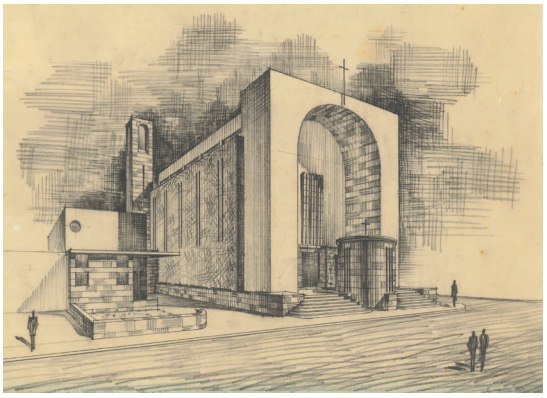
229 A integração de um exemplo de arquitectura religiosa a construir em território colonial mostrava a renovação em curso além fronteiras. Recorde-se que na exposição eram apontadas críticas a projectos de Angola, de Bissau e de Moçambique (painel 28 e 31). Em 1955 a exposição itinerante foi apresentada na Beira (Mar.) e em Lourenço Marques (Set.) e em 1959, foi apresentada pela última vez, em Luanda. As exposições foram acolhidas por Nuno Craveiro Lopes e Francisco Pereira da Costa que as receberam em Moçambique e Angola, respectivamente. Naqueles países desenvolver-se-iam diversos projectos de renovação de arte religiosa, que teriam eco em Portugal, de que deu notícia o MRAR. Em 1962, noticiava o boletim do MRAR, a construção das igrejas do bairro de Macuti de Bernardino Ramalhete (Beira), de St. António da Polana de Nuno Craveiro Lopes e de Munhuana (Lourenço Marques) em Moçambique; e a igreja da Sagrada Família, em Luanda (Sabino Correia e António de Sousa Mendes, 1964), em Angola. A estas obras nomeadas poderíamos juntar trabalhos de Pancho Guedes e de João Garizo do Carmo.

230 O estudo foi encomendado a João de Almeida (estudante) depois regressar a Portugal, em Outono de 1952. O projecto foi desenvolvido em parceria com António Freitas Leal (arquitecto). A ideia de construção da nova igreja surgiu após o abandono de um estudo anterior, datado de 1943. A cópia deste processo, existente no arquivo do SNIP, revela uma proposta de gosto neo-barroco desenhada por um engenheiro civil.

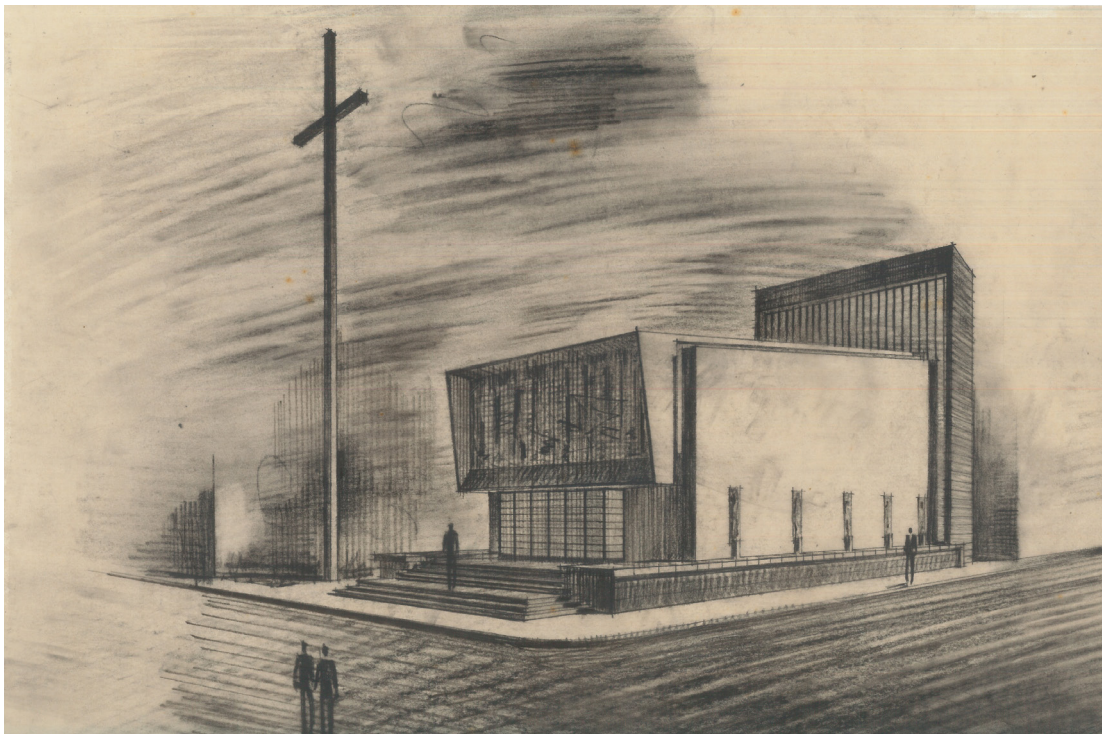
231 A assinatura ilegível nos desenhos da pasta "Igreja de Moscavide – projecto de construção" datada de 1943, *Arquivo SNIP*), impossibilita a identificação do autor do projecto. Apenas se lê: 'eng. civil'.

232 "Quem organizava o ICAT era o Keil do Amaral, o João Simões, o Paulo Cunha, o Veloso Reis Camelo e o Adelino Nunes em conjunto com outros colegas jovens, etc., etc., que já eram arquitectos há relativamente pouco tempo, tinha também uma acção didáctica e de formação, ou seja, nós tínhamos alguns projectos e submetíamo-los à apreciação dos colegas do ICAT, onde cheguei a mostrar (...) projectos meus, um dos quais, a de uma Igreja para Moscavide (...)"
Celestino Castro, «entrevista conduzida por Pedro Noronha (6.Jan.2007)», *a obra nasce - revista de arquitectura da universidade Fernando Pessoa*, nº5, (2007), p.14.
Esta dinâmica, de partilha e discussão dos projectos, é análoga à que o MRAR viria a adoptar nas



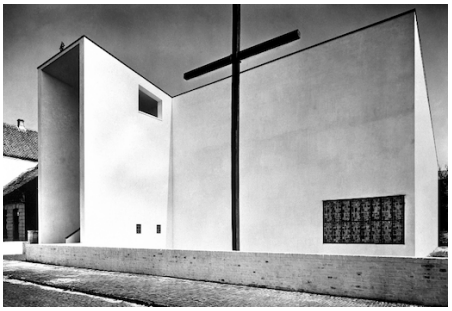


a. b.



c.





d. e.

35. Estudos para Igreja de Moscavide
a. Estudo (c. 1947) arq. Herculano Neves. *Arquivo CDFAUP-CC*
b. Estudo (c. 1947) arq. Celestino de Castro. *Arquivo CDFAUP-CC*
c. Estudo (c. 1947) arq. Celestino de Castro e Herculano Neves. *Arquivo CDFAUP*
d. Estudo (1943) *Arquivo SNIP*
e. Igreja de Stella Maris, (Nordeney, Alemanha 1931) arq. Dominikus Böhm

colaborar no projecto. O lote de gaveto, localizado no canto de uma praça, obrigaria a resolver a integração da igreja num quarteirão residencial – problema que parece não ter sido considerado pelos projectistas, a julgar pelas perspectivas então produzidas. Independentemente das claras diferenças das propostas ao nível da linguagem arquitectónica e da distribuição do programa, partilhavam uma semelhante implantação e ambas adoptavam uma nave rectangular de desenvolvimento longitudinal.[233] No final de 1947 apresentaram ao Patriarcado uma proposta conjunta que seria desenvolvida nos anos seguintes. Nela é inequívoca a opção por uma arquitectura moderna onde, à semelhança dos projectos iniciais, são claras as referências de Dominikus Böhm. Além disso, alguns aspectos da renovação litúrgica estavam já a ser considerados nesta proposta – veja-se o destaque dado à posição do altar, bem expresso na volumetria do edifício, que facilmente nos confunde remetendo para um cine-teatro. A audácia desta proposta era suavizada pela monumental cruz que reforçava a identidade religiosa do edifício. Os estudos acabaram por ser suspensos já após apresentação do projecto de Celestino de Castro para um novo terreno, em 1950.

O lote de gaveto daria lugar a uma inteira praceta[234], para onde João de Almeida e António Freitas Leal, desenvolveriam o ante-projecto que foi apresentado na exposição de 1953. Esta proposta, que remete para experiências homólogas suíças, implicava o Patriarcado de forma ainda mais comprometida na renovação litúrgica e artística. O espaço interno, elevado em relação à rua, sugeria já a organização em T, ainda que o altar ocupasse uma posição recuada em relação à assembleia. Todos os serviços (sacristia, câmara mortuária, sala de catequese) estariam instalados na cripta. Dada a exiguidade do lote e o aumento do programa, que passou a integrar também uma residência paroquial, a localização da igreja foi renegociada, que passou para um lote de maior dimensão. A igreja, inaugurada em Dezembro 1956, despertaria vozes e opiniões

---

'reuniões de estudo' realizadas na década de 1960.

233 Cf. Júlia Zurbach Varela, «Celestino Castro: militância, moderno e realismo [prova final]» (Universidade do Porto, 2007), pp.62-63.

234 "No caso da Igreja de Moscavide (...) uma mudança no terreno previsto para a construção (...) obriga a uma reformulação da solução anteriormente apresentada. A solução geral [desenvolvida apenas por Celestino de Castro, a partir de 1950, resumir-se-ia a] (...) um único volume, elevado em relação ao chão, e como que a levitar sobre um contínuo envidraçado na sua base. O edifício é agora mais abstracto, quase anónimo, tendo perdido ao longo do tempo os traços distintivos (...) de um templo (...). O projecto acabará por não ir avante, com indicação do Patriarcado no mês de Agosto para suspensão dos trabalhos, alegando não terem sido atendidas as observações de um parecer enviado." Ibid. 67.
A igreja edificar-se-ia na Praceta da Índia onde veio a ser construído o Centro Social.

divergentes.[235] A apresentação daquele primeiro projecto, era um tímido primeiro passo num território carente – a crescente periferia da capital, que naquela década e seguintes se tornaria matéria de reflexão e trabalho complementar de arquitectos, urbanistas, sociólogos e religiosos.

No mesmo ano de 1953 lia-se na revista do seminário dos Olivais:

> "Moscavide é uma pequena cidade nova apertada em um cintura de miséria. (...) Moscavide é terra de emigrantes. Eu não sei de estatísticas, nem me é fácil vir a saber. (...)
> Um exército de 'encantados' marchou sobre a cidade e acampou às suas portas, vencido. E agora?"[236]

1.3. A 'vida' e a 'verdade' – um encontro na renovação da arte e arquitectura

> "A época que atravessamos é, segundo tudo indica, o ponto de encontro de dois ciclos da História.
> Por um lado assistimos à decomposição de uma cultura, ao findar de um longo período de desintegração progressiva do homem e da sociedade, às derradeiras manifestações de um humanismo que se revelou deshumano por não ser conforme a nossa essência.
> Por outro lado, de entre as próprias ruínas do nosso mundo hostil e brutal, começamos já a entrever o despontar de uma nova cultura de um novo humanismo.
> Ora, numa época como esta, em que tantas noções fundamentais estão em causa, exigindo revisão, somos obrigados a limitar-nos ao essencial.
> É isto que a arte de hoje tem de reflectir para ser verdadeira."[237]

Ora a 'vida' necessária à obra de Arte que Cerejeira reclamava em 1953 não era tão distante da 'verdade' que o jovem grupo iniciático do MRAR exigia, tal como os 'valores permanentes' encontravam ressonância nas 'constantes' procuradas pela nova geração. A renovação litúrgica, reconhecida por ambos como central, alimentaria as pesquisas formais que reforçariam a integração do Homem no seio de uma comunidade, despertando para 'um novo humanismo' – tema caro a diversas disciplinas, entre elas, a arquitectura.

---

[235] João Alves da Cunha, «A Igreja de Santo António de Moscavide: história de um caminho não percorrido», *Didaskalia xl*, nº40, 2010, pp.167-192.

[236] Carlos Galamba, «Os nossos pobres», *Novellae Olivarum - revista dos alunos do seminário de Cristo Rei - Olivais* , ano XI, nº109, (Lisboa, Nov.1953), p.248.

[237] Almeida, «O sentido da moderna arquitectura Suíça».

O movimento independente da orgânica hierárquica da Igreja, que se apresentou como "uma comunidade católica de artistas e de outras pessoas interessadas, com o fim genérico de promover, em todos os domínios da arte religiosa o encontro de uma verdadeira criação artística com as exigências do espírito cristão"[238] integrou as correntes internacionais de abertura e renovação, a que também era sensível o cardeal patriarca.

Se por um lado, assistimos na exposição de S. Nicolau à crítica jovem e audaz e ao apontar de um caminho de renovação, na pastoral sobre Arte Sacra encontramos um discurso habilidoso, pouco comprometido com a especificidade de uma linguagem arquitectónica, onde são enunciados princípios válidos a uma qualquer pesquisa formal. O confronto das diferentes posições revelou a sua indiscutível complementaridade, com ganhos para ambas as partes, artistas e hierarquia. Veja-se a agenda de temas abordados pelo MRAR que passaram a ocupar-se também dos temas do urbanismo e pastoral, reflexo em parte do trabalho em curso no Patriarcado[239]. Por outro lado assistimos também a uma evolução de discurso do cardeal, que dá nota de um conhecimento alargado da realidade internacional, ao mesmo tempo que são reequacionados problemas anteriores:

> "Uma corrente de purificação evangélica penetra o nosso tempo, a qual se traduz aí no culto litúrgico, na vida sacramental, na autenticidade do testemunho. A igreja simples, ia a dizer franciscana, clara, alegre, acolhedora, transparente de verdade, corresponde melhor ao estado de espírito contemporâneo.
> Vários, como o pe. Regamey em França, têm-se batido por esta renovação. Ela conduz facilmente a possibilidade da igreja económica, mais da escala do homem comum, que nela se não sente estranho. O arquitecto precisa para tal de se instruir e purificar interiormente na assimilação da espiritualidade da liturgia católicas. Não sofrerá com isso a arte: arte e riqueza não está provado que sejam sinónimos." [240]

Assim escrevia o cardeal em 1959, ano civil que fechou com a inauguração da igreja de Aveiras de Cima – imagem com que abrimos este capítulo. A renovação estava em curso, tal como a sua resistência. Já dizia Raul Lino em 1951, a propósito de igrejas modernas: "Evolução, sim, mas devagarinho!"[241]

---

[238] Estatutos MRAR, capítulo I, artigo 1º, (16.Mai.1956).

[239] [ver cap.2.1]

[240] Cerejeira, «O grave problema das igrejas no Patriarcado de Lisboa (15.Dez.1959)», p.87.

[241] Raúl Lino, «Igrejas Modernas», *Diário de Notícias*, (21.Mai.1951), p.1. [recorte de imprensa - *Arquivo FCG-MRAR*].

Inauguração da igreja do bairro Padre Cruz, Lisboa (1963)
Fotografia de Armando Serôdio. Arquivo Municipal de Lisboa.

capítulo 2

Formar Comunidades



No capítulo 2, **'Formar Comunidades'**, o discurso alarga-se ao planeamento da cidade e ao lugar, reservado ou fruto do improviso, que o edifício de culto teve na estruturação do território e na formação de comunidades em Lisboa e no Porto. Articula-se a experiência nacional, de Lisboa e do Porto, com o debate arquitectónico internacional. Se no primeiro capítulo a reflexão se focou na primeira metade da década de 1950, neste alargámos o quadro temporal.

Da arte viva à cidade: do centro à periferia (2.1), parte do discurso de inauguração duma igreja num moderno bairro da capital para analisar a situação de crescimento que a cidade experienciava. Recordam-se de seguida, sob o tema *Enaltecer a identidade nacional de matriz cristã* (2.1.1), momentos da história da década de 1940 que evidenciam o protagonismo da Igreja no quadro institucional e na vida pública. Em *'Deus, Pátria e Família" – igreja, escola e casa: memória de práticas urbanísticas e vivências urbanas* (2.1.2) identificamos a presença da Igreja nalguns planos de iniciativa estatal que procuraram combater a crise habitacional, com a construção de equipamentos no centro dos aglomerados de casas económicas e de casas desmontáveis, conforme perpetuaria o material recolhido para exposições e filmes realizados no período do Estado Novo.

Retomando o discurso com que iniciámos o capítulo, segue-se *(re)Construir o Patriarcado* (2.2), onde visitamos *Os problemas identificados* (2.2.1) em meados da década de 1950, situações de carência vividas em bairros da periferia da capital, uns planeados, outros clandestinos, onde a construção de igrejas tardava. *'A tua decisiva proteção'* (2.2.2) reflecte a cumplicidade entre os poderes eclesial e estatal na resolução deste problema cuja dimensão conduziria a um plano de acção concertado e, à semelhança de experiências estrangeiras, levaria à constituição do Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado em 1961.

Conhecer a população: a primeira sondagem à prática dominical do Patriarcado (1955) (2.3) revela a importância das ferramentas de inquérito aplicadas pelas ciências sociais para a compreensão das alterações sentidas no quadro territorial e paroquial, num momento em que também os arquitectos exploravam práticas de inquérito. A leitura dos resultados dum estudo pioneiro inquérito encomendado pela Igreja, comprovava a baixa prática religiosa, os *Fortes movimentos migratórios do campo para a cidade e o abandono das zonas centrais* (2.3.1), assim como o aumento da *Assistência e o poder atractivo das 'igrejas novas'* (2.3.2) construídas no Patriarcado.

Redesenhar limites: a remodelação paroquial de Lisboa (1957-1959) (2.4) dá a conhecer o projecto desenvolvido em conjunto pelo Patriarcado e pelo Município com finalidade de reacertar fronteiras de freguesias e paróquias. Exploramos os critérios aplicados quanto ao *Dimensionamento* (2.4.1) e *Delimitação* (2.4.2) das comunidades urbanas, tal como atendemos à *Localização das igrejas* (2.4.3) paroquiais no território tendo em conta o *Património existente e proposto* (2.4.4). Esta leitura geral é enriquecida pelo confronto com as situações concretas do plano da capital que ajudam a perceber a especificidade d'*O centro nos estudos*

preliminares (2.4.5), seja na cidade consolidada, seja em novos centros de escritórios. *Paróquias recentes – o desdobramento social, 'igrejas modestas' e 'igrejas esmeradas'* (2.4.6) cobre a discussão de zonas residenciais da cidade socialmente homogéneas, onde se procurou uma arquitectura em consonância com o meio envolvente. Em *Centros cívicos* (2.4.7), dá-se destaque à vontade de integrar a construção das igrejas em conjuntos que envolviam outros serviços de natureza diversa, na tentativa de dotar as áreas de residência de certa autonomia e conforto. Por fim, *O programa - visto no plano de dimensionamento* (2.4.8) releva a progressiva tomada de consciência da importância de completar a igreja com outras valências sendo consideradas situações em que as dependências anexas foram umas vezes adaptadas e outras construídas de raiz. Dá-se especial atenção à demolição de património religioso para dar lugar ao novos programas alargados da igreja, e ao modo como estes integraram as dinâmicas urbanas.

'Presença cristã na metrópole portuguesa' (2.5) remata a análise do processo de divisão paroquial de Lisboa, divulgada no estrangeiro através da publicação em Bolonha, da 'Pastoral sobre as novas igrejas', sob o sugestivo título que dá nome ao capítulo. Tal publicação testemunha a importância da reflexão portuguesa que, a partir da experiência de coordenação e planificação de novas paróquias na periferia de Bolonha, daria lugar à criação do SNIP, organismo que a partir de 1961 acompanharia a novas construções religiosas do Patriarcado incluindo na periferia, como se relata em *a igreja nos bairros pensados à imagem de cidades satélites* (2.5.1).

Da 'alma' ao 'core' da cidade (2.6) procura estabelecer um interregno no capítulo entre as duas partes maiores que o constituem, Lisboa e Porto, para dar destaque ao debate internacional no campo disciplinar da arquitectura e urbanismo. Partindo da crítica à falta de alma das cidades, no momento da reconstrução do pós II Grande Guerra, evidenciamos a revisão do movimento moderno no espaço dos CIAM e a reafirmação do valor da comunidade humana, assim como a necessidade de um 'core' a todas as escalas, um problema sociológico em que arquitectura e urbanismo estão profundamente ligados. Refletimos sobre o lugar da igreja nas novas estruturas urbanas integradas nos tais 'core', conforme foi reclamado em 1955 em Bolonha, e também nas expressões espontâneas das comunidades, temas que teriam diferentes ecos nas experiências de Lisboa e Porto.

Na parte dedicada ao estudo do Porto começamos por tratar *As paróquias nas zonas de crescimento: a provisão de igrejas nas zonas residenciais e industriais* (2.7) procurando, à semelhança de Lisboa, enquadrar as novas igrejas da cidade no mapa paroquial na primeira metade do século XX.

Unidades de vizinhança e igrejas: Plano Regulador da Cidade (1952) (2.8) procura dar a conhecer a previsão da distribuição de igrejas na cidade do Porto segundo estudo camarário, no mesmo ano em que um novo bispo assumiria a liderança da diocese dando início a novo ciclo na *Relação Igreja-Município* (2.9). Destacamos

o papel da elite governativa e do bispo, bem como vozes isoladas de denúncia, todos atentos aos problemas e carências da cidade. Em '*Catedral humana'* (2.9.1) relevamos a reflexão de D. António Ferreira Gomes partilhada por ocasião da inauguração de um bairro de iniciativa camarária em 1955. O seu discurso, contemporâneo do de Cerejeira em Alvalade, toca directamente o problema da integração da população na comunidade urbana, relevando o papel da Igreja nesse processo. Contrariamente ao plano à escala macro traçado para a capital, no Porto o bispo defendeu a autonomia das pequenas comunidades e valorizou o seu papel.

Em *Cidades dentro da cidade* (2.10), mostramos um outro lado deste processo, que, naturalmente, contemplou também a encomenda de novas sedes paroquiais e capelas respondendo às necessidades específicas dum*A igreja na periferia industrial* (2.10.1), dum*A igreja no centro* (2.10.2) e d*A igreja na universidade* (2.10.3).

Pensar a cidade: Plano Director da Cidade do Porto (1962) (2.11) dá a componente de um estudo camarário amplo que, ao nível religioso, procurou fazer coincidir os limites das freguesias civis e das paróquias, estabelecendo valores de referências para a dimensão destas comunidades. *A proposta de remodelação pós conciliar* (2.11.1), realizada durante o período da administração apóstólica de D. Florentino de Andrade e Silva, ilustra uma outra tentativa de traçar um plano paroquial para a cidade que, contrariamente à experiência da capital, nunca seria executado. Contudo damos nota da formação de novas comunidades na cidade e das soluções urbanísticas e arquitectónicas encontradas para cada uma delas. *Da capela do bairro à 'paróquia sob a rajada do urbano'* (2.11.2), fecha este capítulo dando ênfase à construção de uma capela tipo num bairro camarário, que acompanha o processo de formação de uma nova comunidade paroquial da cidade.

LISBOA

2.1. Da arte viva à cidade: do centro às periferias

Foi no moderno bairro residencial de Alvalade, zona de expansão prevista no Plano Director de Urbanização de Lisboa traçado por Étienne de Gröer e desenvolvido pelo arq. Faria da Costa no Plano de Urbanização da Zona a Sul da Avenida Alferes Malheiro (1944-1945), que foi edificada a igreja de S. João de Brito, ocupando o topo de um importante eixo viário que ligava o interior do bairro ao Campo Grande.[1]

O projecto encomendado a Vasco Regaleira, por determinação do cardeal e sob patrocínio do ministro das Obras Públicas, cuja primeira versão motivara a contestação e o abaixo assinado, foi redesenhado e a nova versão construída. Foram introduzidas significativas alterações ao projecto, justificadas por razões de ordem económica, sem que no entanto fossem abandonadas nem a planta de cruz latina, nem algumas premissas da primeira versão.[2]

> "Havia, por um lado, que ter em conta que no bairro predominam as horizontais, mas por outro lado, um templo não pode ser facilmente concebido na horizontal. Triunfou o princípio da verticalidade que, aliás, vem completar a horizontalidade da zona urbana. (...) Lembremos que é tradição das nossas aldeias e aglomerados urbanos a torre campanário dominar todo o casario e representar como que uma chamada de atenção do homem para as alturas, para Deus."[3]

Em 2 de Outubro de 1955, aquando da inauguração da igreja de S. João de Brito o discurso proferido pelo cardeal Cerejeira transpôs o debate em torno das questões da Arte e dos Artistas[4] e colocou em evidência o problema da falta de igrejas face ao

---

[1] A praça de Alvalade, situada no cruzamento da Avenida da Igreja com a Avenida de Roma, entre o Campo Grande e a igreja de S. João de Brito, foi alvo de um concurso de escultura promovido pela CML em 1970. O concurso para o monumento a Santo António foi ganho pela equipa do escultor António Duarte e arquitecto Carlos Antero Ferreira.

[2] O torreão quadrangular da portaria envolvido por quatro pequenas torres foi abandonado, tal como o zimbório sobre o transepto e as absides de planta semi-circular. Por sua vez foi acentuada a cobertura de duas águas e, no interior, os arcos de volta perfeita deram lugar a parabólicos, remetendo a obra para referentes mais modernos como Dominikus Böhm.

[3] «O que vai ser em Lisboa a igreja de S. João de Brito – Ouvindo o arquitecto Vasco Regaleira», *Novidades – Letras e Artes*, (26.Ago.1951), p.4.

[4] "Louvores sejam dados ao ilustre arquitecto [Vasco Regaleira] que a concebeu no seu espírito e no seu coração, ao distinto Engenheiro que venceu as dificuldades técnicas da edificação com ciência e talento, ao construtor que a levantou com tanta competência e consciência, a todos os mais colaboradores que nesta obra puseram engenho e arte, sem esquecer os humildes operários. (...) Não falarei hoje do aspecto artístico. Já tive ocasião, na inauguração da igreja de S. João de Deus, de



a.



"Fazendo o seu Plano de Arranjo Urbano e de Extensão,
o urbanista deve estabelecer um programa para a construção dos
futuros edifícios públicos e reservar na sua planta lugar (...)
os edifícios públicos devem desempenhar, na planta de uma cidade,
o papel de pontos de orientação, que sejam fáceis de reconhecer
de longe, graças à sua arquitectura mais monumental e mais
representativa do que a das construções vizinhas.
Devem constituir, no seu conjunto, uma rede, da qual cada elemento
seja fácil de atingir de toda a parte."

Étienne de Gröer, «Introdução ao urbanismo»,
em Boletim da Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização,
(Ministério das Obras Públicas e Comunicações, 1945), p.71.

b.

1. Bairro de Alvalade - 'Entrai na cidade do Senhor – uma nova igreja foi edificada para vós'

a. Igreja S. João de Brito (c.1953) arq. Vasco Regaleira. *Arquivo AML*

Ao cimo da arborizada Avenida da Igreja. No pórtico que emoldura a escultura de S. João de Brito lê-se a antífona do rito de sagração da igreja: *INGREDIMINI IN CIVITATEM DOMINI – AEDIFICATA EST VOBIS ECCLESIA NOVA.*

b. Plano de Urbanização da zona a Sul da Avenida Alferes Malheiro (194-) arq. Faria da Costa

Uma cidade nova onde os equipamentos ocupam lugares chave da composição.

crescimento demográfico da capital resultante de um fluxo crescente da população que migrava do campo para a cidade. Desta forma, ao inaugurar a igreja, antecipava-se à recolha dos resultados da primeira 'Sondagem à assistência dominical no patriarcado de Lisboa', que contribuiria também para validar esta leitura.[5] Pouco a pouco revela-se a necessidade de reorganização da Igreja na cidade, ou por outras palavras, de ajuste das estruturas diocesanas ao cenário de transformação urbana que se estendia à periferia.

A consciência do ritmo acelerado de crescimento da cidade no decénio anterior e a suspeita que os assuntos da conservação ou construção de edifícios religiosos pouco interessavam à população que denominou 'descristianizada' estiveram presentes no lançamento do seu "grito às consciências católicas e à consciência do país".[6] O discurso tornava clara a proximidade da agenda política da nação com os assuntos do mundo católico. Era um 'caso de salvação nacional' a que não podia ficar alheio o Estado

> "(...) que tem como base moral da educação e da vida nacional a religião cristã. Incumbe-lhe o dever, no interesse da Pátria, de ajudar a Igreja a resolver esta situação gravíssima, que ela por si só não pode solucionar. (...) Nem se argumente que o Estado está separado da Igreja. Sim, está separado dela, mas não o está da Nação."[7]

Com o florescimento do regime do Estado Novo, a Igreja recuperara presença pública, até nos manuais do ensino primário onde era incentivado o preceito dominical apelando à memória das aldeias onde a igreja assumia centralidade na vida e espaço comunitários.

> "É domingo. O sino tocou logo de manhãzinha, a avisar que é dia do Senhor. Ergue-se a igreja no centro da freguesia. Todos os caminhos lá vão ter. Casas e campos agrupam-se ao redor dela, como para receber a sua benção. Obedientes à voz do sino, homens, mulheres e crianças acodem à igreja, para assistirem à missa."[8]

---

definir princípios. Nada tenho que alterar; mereceram aliás aprovação de mais altas autoridades da Igreja."

D. Manuel Gonçalves Cerejeira, «As igrejas novas do Patriarcado (2.Out.1955)», em *Obras Pastorais, quinto volume 1954-1959* (Lisboa: União Gráfica, 1960), pp.218 e 223.

[5] [ver cap.2.3]

[6] "(...) o problema das igrejas no Patriarcado está ainda sem resolução. E grito às consciências católicas e à consciência do país que estamos perante um caso sério de salvação nacional. "

D. Manuel Gonçalves Cerejeira, «As igrejas novas do Patriarcado (2.Out.1955)», em *Obras Pastorais, quinto volume 1954-1959* (Lisboa: União Gráfica, 1960), p.220.

[7] Ibid. pp.222-223.

[8] *Ensino primário elementar - O livro da primeira classe* (Ministério da Educação Nacional, sem data), p.88.

A cidade crescente revelava-se inóspita à Igreja e à sua pastoral paroquial, tendo a paróquia perdido a sua eficiência.[9] O padre vinha deixando de ser uma referência na sociedade, a população flutuante não facilitava processos de enraizamento e de vizinhança na cidade, e consequentemente a religião, quando praticada, talvez o fosse apenas por rotina, tal como escrevera o pe. Pereira dos Reis, em 'A paróquia citadina'.[10]

Após um período de apagamento, fruto do liberalismo e da laica primeira república, a Concordata Portugal - Santa Sé assinada em 1940 mantinha o princípio da separação, de acordo com as 'tendências dos tempos', mas reconhecia à Igreja a possibilidade de participar na reconstrução e recuperação do seu património. Sob o ponto de vista político o 'fenómeno religioso' era 'elemento estabilizador da sociedade' e de continuidade com a tradição histórica[11], como diria Salazar quase dez anos após a assinatura da Concordata e Acordo Missionário, momento culminante do processo de reaproximação do Estado e da Igreja ao reconhecer e garantir a "liberdade da Igreja e

---

[9] D. Manuel Gonçalves Cerejeira, «Carta Pastoral - O grave problema das igrejas no Patriarcado (15.Dez.1959)», em *Obras Pastorais, quinto volume 1954-1959*, 1960, p.69.

[10] O testemunho do então pe. Pereira dos Reis, impulsionador da reforma litúrgica em Portugal e futuro reitor do Seminário dos Olivais, embora publicado em 1915, revela uma leitura ainda hoje actual:

> "(...) tudo concorreu para cavar entre o povo e a paróquia um verdadeiro abismo. O pároco já não é hoje na cidade o centro de atração em volta do qual, nas aldeias, se movem as almas dos paroquianos (...). O isolamento do pároco é operado em proporção notável pela mesma organização da vida nas grandes cidades, com o carácter flutuante das suas populações, e a indiferença com que uns aos outros se encontram na escada os vizinhos do mesmo andar, e o número aterrador dos desenraizados da sua aldeia e da sua família, acorrendo ao centro populoso para tentar fortuna ou esconder as suas vergonhas! Para os próprios católicos quase não existe a noção de paróquia, da qual se lembram unicamente para as formalidades administrativas do baptismo, do casamento ou do óbito na família! À missa paroquial assistimos na igreja ou na capela que mais próxima nos fica de casa; e quando para tal frequentamos a Igreja própria, nada a ela nos prende, a não ser porventura a rotina."

Mons. Pereira dos Reis citado por D. Manuel Clemente, «Vida paroquial em Lisboa ao longo do século XX», em *Igreja e Sociedade Portuguesa, do Liberalismo à República* (Porto: Porto Editora, 2012), p.424.

[11] "(...) mantendo o princípio da separação como o mais consentâneo com a divisão dos espíritos e a tendência dos tempos, a Concordata dá à Igreja a possibilidade de se reconstruir e mesmo de vir a recuperar por tempos o seu ascendente na formação da alma portuguesa. Sob o aspecto político, a Concordata pretende aproveitar o fenómeno religioso como elemento estabilizador da sociedade e reintegrar a nação na linha histórica da sua comunidade moral."

António Oliveira Salazar, «O meu depoimento - Palácio da Bolsa, 7 de Janeiro de 1949», em *Discursos e notas políticas IV 1943-1950* (Coimbra: Coimbra Editora L.da, 1951), pp.372-373.

> "É preciso olhar para a Concordata à luz do período histórico em que é assinada, em Maio de 1940 (...) A Igreja Católica através da política vaticana das concordatas (com as ditaduras, mas não só), pretenderia acautelar o futuro. Mas nas elites eclesiásticas, em países como Espanha, Itália e seguramente Portugal, é bem mais do que isso: é a adesão activa aos regimes que se propõem ser o braço da 'regeneração moral' e da 'recristianização' das sociedades contaminadas pelos males do século. É a aliança estreita em torno de um projecto comum de resgaste moral e cristão (...)"

Fernando Rosas, *Salazar e o poder - a arte de saber durar* (Lisboa: Tinta da China, 2012), p.266.

salvaguardando os legítimos interesses da Nação Portuguesa".[12] Este processo de aproximação contou com a cumplicidade dos seus maiores representantes, o cardeal patriarca de Lisboa D. Manuel Gonçalves Cerejeira e o presidente do Conselho Dr. António Oliveira Salazar – amigos do tempo de estudantes em Coimbra, militantes do Centro Académico de Democracia Cristã.

2.1.1. Enaltecer a identidade nacional de matriz cristã

Exposição do Mundo Português (1940)
VIII Centenário da Tomada de Lisboa aos Mouros (1947)

A exposição do Mundo Português, inaugurada em Lisboa no mês seguinte à assinatura da concordata, comprovava já essa aliança sendo a história de Portugal e o programa do Estado Novo celebrados, não faltando múltiplas referências à cultura cristã.[13] Em particular, recordamos algumas passagens do projecto expositivo que enalteceram a identidade nacional de matriz cristã, sob coordenação geral do arquitecto-chefe Cottinelli Telmo: no pavilhão da fundação, desenhado por Rodrigues de Lima, entre reis, santos e relatos de conquistas lia-se o slogan "Portugal foi sempre cristão"; na capela da aldeia portuguesa (temática também explorada por Cassiano Branco no Portugal dos Pequenitos); ou no pavilhão das missões católicas onde Vasco Regaleira recriou uma capela com todos os elementos da gramática estilística que seriam alvo de severa crítica do MRAR na década seguinte:

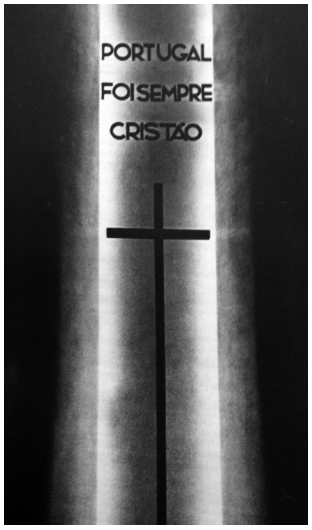
> "A ermida – simbolizando a evangelização – abre o seu portal, de ponta de lança à devoção dos fiéis e afirma o poder da ideia, com a sua torre, arrendada de tejoleiras, fortalecida pelo enquadramento das torrelas, e com o coruchéu de telha moirisca, caindo sobre o dentado dos crenéis."[14]

---

[12] Para além do reconhecimento da "personalidade jurídica da Igreja Católica" (art.1º), do "livre exercício da sua autoridade" (art.2º), do direito à livre organização (art.3º), da "propriedade dos bens que anteriormente lhe pertenciam" (art.6º), da isenção de "imposto ou contribuição, geral ou local", os templos e os seminários" (art.8º), eram dadas garantias de "assistência espiritual nos hospitais, refúgios, colégios, asilos, prisões" (art.17º), de salvaguarda dos domingos e dias festivos (art.19º) e a garantia de o ensino público ser "orientado pelos princípios da doutrina e moral cristãs tradicionais do País" (art.21º).
Cf. Rita Almeida de Carvalho, «A Concordata de Salazar Portugal-Santa Sé 1940» (Universidade Nova de Lisboa, 2009).

[13] Cf. Ricardo de Brito, «A presença e o papel da religião nas comemorações centenárias de 1940», *Lusitania Sacra*, (Jul.-Dez.2011), pp.263-276.

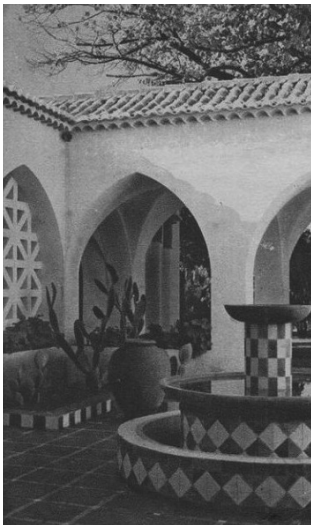
[14] *Mundo Português imagens de uma exposição histórica 1940* (Edições Secretariado Nacional de Informação SNI, 1956), p.s/n.





a. b.





c. d.

"Não se nos varre da memória a beleza da Capelinha das Missões, na Secção Colonial.
Que simplicidade e que leveza! (...) Não voltaremos a ver esse ambiente de sonho e beleza? E porque não?
Quantos bairros se têm construído nessa imensa Lisboa, que hoje já se não reconhece!
E, porque não aproveitar esse magnífico exemplo de arquitectura religiosa,
para uma futura Capela dos populosos bairros? Aqui fica o alvitre.
Constroem-se tantos mamarrachos e deixam-se milhares de pessoas à espera do 'lar comum',
que é a Casa de Deus."

Maria de Castro, «Recordar é viver 'Capelinha de Sonho'»,
Flama revista semanal de actualidade, (25.Ago.1950), p.1.

2. 'ambiente(s) de sonho e beleza'

a. 'Portugal foi sempre cristão', Pavilhão da Fundação, Exposição do Mundo Português (Lisboa, 1940) arq. Rodrigues de Lima
b. Igreja junto às casas regionais, Portugal dos Pequenitos (Coimbra, 1940) arq. Cassiano Branco
c. d. Capela e claustro do Pavilhão das Missões Católicas, Exposição do Mundo Português (Lisboa, 1940) arq. Vasco Regaleira





e. f.





g. h.

"À meia noite precisa, no momento em que começa este dia primeiro das Comemorações Centenárias,
acendeu-se no alto do castelo de S. Jorge uma cruz monumental.
E, logo após, a cidade de Lisboa, a
'nobre Lisboa, que no mundo / Facilmente das outras é princesa'
como disse Camões, surgiu luminosa também da escuridão da noite, ao mesmo tempo que repicavam
jubilosos os sinos, percorriam músicas as ruas em festa e as casas se enfeitavam de bandeiras.
Aquela cruz luminosa recordava a outra que, vai agora fazer oito séculos que ali
fora arvorada triunfalmente 'no alto da torre mais sobranceira da Alcáçova',
ao som do Te-Deum litúrgico, entre lágrimas de alegria ."

Exposições e Manifestações Culturais e Religiosas
Revista Municipal CML, (Abr.-Jun.1947), pp.80-81.

e. Revista *Arquitectura* - 'Uma Capela no Alentejo' (1935) arq. António Lino
f. Capela e ossário, Parque Florestal de Monsanto (Lisboa, 1949) arq. Keil do Amaral. *Arquivo AML*
g. h. Comemorações da conquista de Lisboa aos mouros (Lisboa, 1947) arq. Cottinelli Telmo. *Arquivo FCG-MN*

Aquele modelo, apresentado em 1940, era representativo de uma série de experiências já realizadas e inspiradora de outras que lhe seguiram. De certo modo encontramos naquela proposta de carácter temporário eco da pequena capela alentejana projectada por António Lino no início da década de 1930, publicada na revista *Arquitectura*.[15] Podemos encontrar também anúncio de um primeiro modelo explorado, por Keil do Amaral, para o estudo da capela e ossário do cemitério que desenvolveria para o parque florestal de Monsanto, na década de 1940. Ao fazer-se presente fisicamente nesta exposição a Igreja marcava presença na vida pública e cultural da cidade.

As comemorações da conquista de Lisboa aos mouros, celebradas em 1947, foram outro momento onde a cumplicidade Estado e Igreja facilmente se reconhece – veja-se o fausto das cerimónias religiosas e espetáculo pirotécnico e luminoso, sob a direcção de Cottinelli Telmo e Jorge Segurado responsáveis pelas decorações e iluminações da cidade – uma cenografia nocturna onde uma cruz luminosa surgia no alto do castelo. Uma luz visível na paisagem urbana noturna da capital, pontuando a cidade e o seu território... num modo semelhante àquele que o monumento a Cristo Rei perpetuaria. Ainda associado a estas comemorações, marcadas por diversos cortejos históricos, esteve a realização da procissão do Corpo de Deus – uma festa litúrgica associada à celebração da unidade da cidade. Passados trinta e sete anos de interregno a Igreja voltava a marcar a capital, saindo do interior das igrejas e celebrando no espaço público da cidade, reavivando tradições que se encontravam esquecidas e que foram recuperadas graças à circunstância histórica e política favorável a encenadas práticas festivas. Percorrendo as ruas da cidade entre a Sé e o Monte de São Gens movimentaram-se, segundo a revista municipal, milhares de pessoas civis, militares, seminaristas, congregações religiosas.

> "Foi no cimo daquele cabeço onde, há oito séculos, as gentes portuguesas do Primeiro Rei acamparam para o assédio à cidade moura – o Monte de São Gens dos nossos dias – que, após a solene procissão do *Corpus Christi*, o sr. Cardeal Patriarca de Lisboa abençoou a urbe imensa que o Sol, a tramontar-se no horizonte, cobria com a sua luz de fogo."[16]

---

[15] «Arquitectura religiosa: uma capela no Alentejo», *Arquitectura*, ano VIII, nº26, (Dez. 1935), pp.164-165.

[16] «Exposições e Manifestações Culturais e Religiosas - Benção de Lisboa do Monte de São Gens», *Revista Municipal - publicação cultural da Câmara Municipal de Lisboa*, nº33, (Abr.-Jun.1947), p.82.

Se todas estas iniciativas efémeras mostram já a cumplicidade das duas entidades, os trabalhos desenvolvidos ao nível do planeamento territorial revelariam uma aliança mais forte e permanente.

2.1.2. 'Deus, Pátria e Família" – igreja, escola e casa: memória de práticas urbanísticas e vivências urbanas

Lisboa de hoje e de amanhã (1948)
Quinta das Furnas | Quinta da Calçada | Alvalade | Encarnação

No 1º Congresso Nacional de Arquitectura (Instituto Superior Técnico - Lisboa, 1948), centrado no debate em torno do problema da habitação,

> "(...) falou-se também de reajustamento social (pois seria temerário falar em revolução), em habitação proletária, em unidades de vizinhança, num Novo Humanismo e nas catedrais dos Tempos Modernos, citando Le Corbusier.
> E rejeitou-se 'imposição, ou sequer a sugestão, de qualquer subordinação a estilos arquitectónicos', proclamando-se que 'o portuguesismo da obra de arquitectura não pode continuar a impôr-se através de imitação de elementos do Passado'." [17]

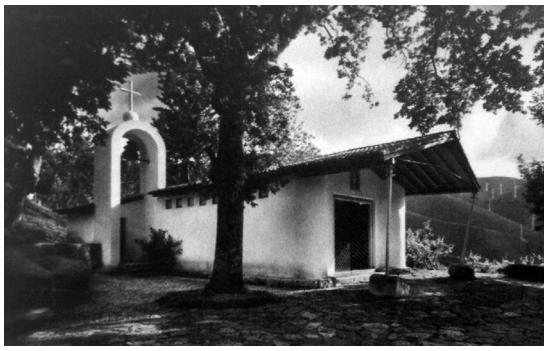
Esta iniciativa integrada na comemoração dos '15 anos de Obras Públicas 1932-47' apresentou, na sua exposição, diversos projectos no campo da arquitectura religiosa, nos quais era evidente a crítica declarada no congresso. Independentemente desta discussão, a selecção das obras apresentadas espelhava uma prática corrente de financiamento do Estado à acção da Igreja comparticipando nos custos quer da construção e recuperação do património religioso, quer no lançamento de obras de assistência. Assim, no pavilhão de urbanização, sob o mote "Na terra portuguesa as casas de Deus estão na sua casa" foram mostrados projectos comparticipados pelo Estado, dos planos às obras: santuários, seminários, igrejas e capelas, etc.[18] Também na

[17] Nuno Teotónio Pereira, «O congresso de 1948: Que fazer com estes 50 anos? (24.Ago.1998) », *Jornal Arquitectos*, nº186, (Set.1998), pp.36.

[18] Sob este lema foram apresentadas fotografias de igrejas e seminários comparticipados pelo Estado, nomeadamente os Seminários de Beja, Fátima e Carnide (Lisboa), as igrejas de Vouzela, Febres (Cantanhede), Riachos (Torres Novas) e Casegas (Covilhã); capelas de Santo Amaro (Ponta do Sol, Madeira) e de Monchique. Foram igualmente apresentadas maquetes da urbanização do santuário de Fátima (Cottinelli Telmo), seminário de Aveiro (*ARS*), igreja de Santo Condestável (Vasco Regaleira) e de Riachos (Inácio Peres Fernandes).
Cf. Comissão Executiva da Exposição de Obras Públicas, *15 Anos de Obras Públicas (1932-1947) - volume II* (Lisboa: Ministério das Obras Públicas e Comunicações, 1949), pp.127-129.



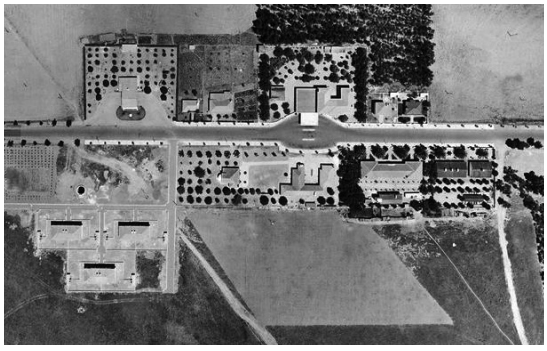
a. b.



c. d.



e. f.



g. h.

3. As capelas nas 'pequenas cidades' planeadas

a. b. Hidroeléctrica do Cávado Pisões, capela (195-) arq. Januário Godinho (coord.). *Arquivo FML-TR*

c. Hidroeléctrica do Cávado Vila Nova, capela (1956) arq. Januário Godinho (coord.)

d. Hidroeléctrica do Douro Picote, capela (1958) arq. Manuel Nunes de Almeida

e. f. Colónia de Santo Isidro de Pegões, capela (1952) arq. Eugénio Correia. *Arquivo FCG-MN*

g. h. Estação fronteiriça do Caia - Elvas, capela (194-) arq. Paulo Cunha. *Arquivo SIPA*

secção 'Obras de Interesse Público' e 'Edifícios e Monumentos' foram divulgados outras encomendas religiosas. [19]

O Ministério das Obras Públicas (MOP), à semelhança do que acontecia em Espanha e na Bélgica, conforme era dito no catálogo da exposição, não só comparticipou o restauro de muitos edifícios de culto como promoveu, juntamente com as autarquias, do litoral ao interior a sua construção em bairros de diferente natureza: casas económicas, casas desmontáveis, casas de pescadores, casas para pobres; isto a par dos povoados da junta de colonização interna, dos que resultaram da construção das hidroeléctricas, até alguns postos fronteiriços, tantos deles pensados como 'pequenas cidades' e portanto também dotados de espaços de culto.

Em particular, recordamos a construção de igrejas nalguns bairros da capital, no âmbito do plano nacional de casas económicas lançado em 1933. O decreto de lei de 1938[20] expressava a vontade de prover estes bairros destinados a uma população socialmente homogénea e, portanto, próxima do ideal de paróquia, de 'templos' e equipamentos complementares à habitação. Fossem bairros de construção definitiva ou temporária deveriam ser sempre dotados de templos. A estrutura dos bairros de casas económicas organizados ao jeito de cidade-jardim reflectia bem a trilogia 'Deus, Pátria e Família' difundida pelo Secretariado de Propaganda Nacional e materializada na construção de 'Igreja, Escola e Casa' – "casa própria, modesta e bem portuguesa - em conjuntos que pretendiam reproduzir a estrutura das aldeias, incrustados na cidade."[21]

> "A afirmação do urbanismo como uma prática social generalizada apenas surge na década de trinta como resultado da acção voluntarista de Duarte Pacheco, inserida no contexto de um movimento de consolidação do regime político então vigente, transformando os aglomerados e criando uma imagem urbana com que o próprio regime se identifica." [22]

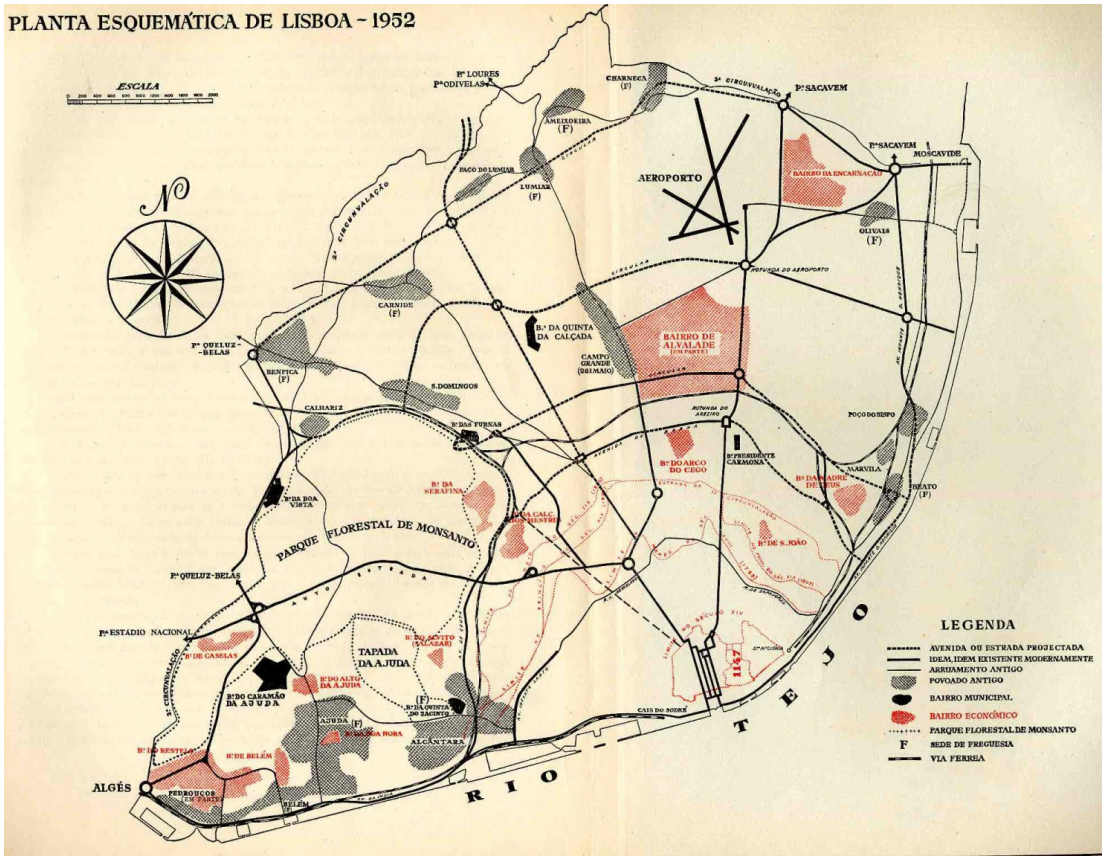
---

[19] Juntavam-se na secção de 'Obras de Interesse Público', sob o lema "Sem o auxílio sempre atento do Estado as iniciativas privadas de interesse público não se teriam realizado muitas obras essenciais à vida da Nação", obras promovidas por instituições religiosas em contexto urbano: as oficinas de S. José (Braga) e a Casa de S. Vicente de Paulo (Lisboa), a última projectada por Vasco Regaleira.
No Pavilhão de 'Edifícios e Monumentos' foi ainda apresentada uma série de trabalhos de restauro realizados pela Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, em sés, mosteiros e conventos, igrejas e pequenas capelas.
Cf. Ibid. pp.125-126 e 154-157.

[20] "(...) deseja o Governo que nos novos bairros sejam previstas edificações de interesse geral, tais como escola, centro de educação moral e social, templo, sala de reuniões e festas e recreios para as crianças."
Decreto-lei nº 28:912, I série, nº186, *Ministério das Obras Públicas e Comunicações*, (12.Ago.1938).

[21] Nuno Teotónio Pereira, «Chegarão 100 anos para acabar com as barracas?», *Público*, (23.Set.1993).

[22] Margarida Souza Lôbo, *Planos de Urbanização, a época de Duarte Pacheco* (FAUP publicações, 1995), p.13



a.



b. c.

4. Modernizar a capital

a. Planta da cidade de Lisboa (1952) na *Revista Municipal da CML*. *Arquivo AML*

Localização dos novos bairros e rede rodoviária.

b. Bairro de casas económicas de Caselas (1956). *Arquivo AML*

c. Bairro de casas desmontáveis da Quinta da Calçada (194-). *Arquivo AML*

Uma imagem urbana de linguagens variáveis, conforme documentou o filme de António Lopes Ribeiro "Lisboa de hoje e de amanhã", estreado em 1948, que mostrava "uma cidade em órbita e transformação. Das casas económicas às moradias de luxo, aos prédios monumentais; Lisboa renova-se. Lisboa expande-se" de acordo com um plano de zonamento que respondia aos problemas gerados pelo aumento demográfico da capital. "A sua população, que cresceu extraordinariamente nos último 30 anos, tem que residir, de circular, de trabalhar, de receber instrução e recreio", conforme se ouvia na abertura do documentário. [23]

Para lá da construção de habitações condignas o problema das construções ilegais, que vinha sendo combatido pela Câmara e Estado, exigia soluções coordenadas entre os diferentes intervenientes, incluindo também as indústrias empregadoras e a Igreja, cujo trabalho no campo assistencial e caritativo era reconhecido junto daqueles que à cidade chegavam.[24]

Assim a primeira obra mostrada no filme era o mais recente bairro de casas desmontáveis construído na capital retratado em forma de propaganda à obra do Estado Novo e à comprometida Igreja que, juntos, colaboravam na promoção de condições de vida mais dignas, mais higiénicas e morais.

> "Esses bairros são verdadeiras escolas para aprender a morar, incutem nos seus habitantes o gosto pela casa própria, independente, com o seu quintal privativo, fácil logradouro e serviços sociais organizados. As crianças ali nascidas já não conheceram o horror dos bairros de lata. Têm a sua creche, o seu centro social, a sua igreja, as suas escolas, uma para os rapazes outra para as raparigas."[25]

---

[23] António Lopes Ribeiro, *Lisboa de hoje e de amanhã* (Portugal: Lisboa Filme, 1948). [ver anexo 15]

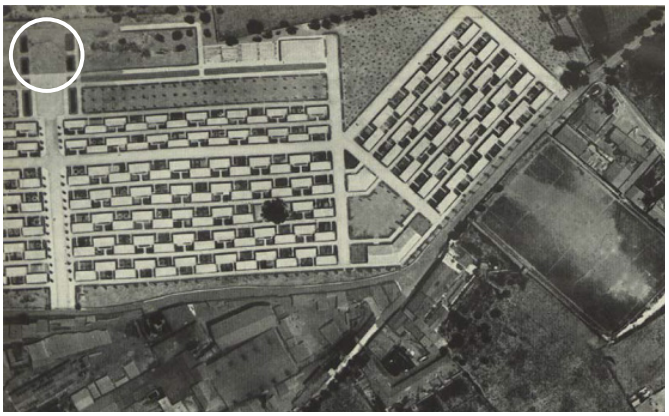
[24] "Só o Estado em colaboração com a Câmara, pode determinar que não seja permitida a urbanização de qualquer zona, desde que não se reserve nela uma percentagem dos terrenos para construções económicas. Finalmente só o Estado poderá permitir o auxílio de instituições de beneficência, e Misericórdias, bem como exigir a comparticipação das direcções de Empresas e Fábricas.
Problema de humanidade e solidariedade social deve ser resolvido pela colaboração de todas as entidades interessadas, representantes duma sociedade civilizada que não deve permitir a degradação duma parte dos seus semelhantes."
Álvaro da Fontoura, «A habitação das classes trabalhadoras - breve contribuição para o seu estudo», *Boletim Cultural e Estatístico - Câmara Municipal de Lisboa*, vol.I, nº1, (Jan.-Mar.1937), p.66.
Quando em 1937 o engenheiro da Câmara Municipal de Lisboa Álvaro da Fontoura escreveu este artigo contava 10 anos de trabalho na Repartição das Edificações Urbanas, e tinha acompanhado o agravar da situação no plano habitacional e o surgimento das políticas que visavam combatê-lo. Perante a gravidade reconheceu ser por "humanidade e sentimento cristão" que se tinha dedicado ao estudo dum problema sem solução à vista, uma vez que 70% da população que habitava nas barracas ilegais encontrava-se em situação de desemprego, conforme documentava o trabalho de inquérito realizado pela Polícia Municipal que, então, apresentou. Era necessário um conhecimento aprofundado da realidade, conhecer os números que acompanhavam o processo de transformação urbana.

[25] Ribeiro, *Lisboa de hoje e de amanhã.*



a.





b. c.

"Toda aquela gente – que se dizia indomável e revolucionária, a ponto de nem a polícia ousar penetrar nos seus domínios – aparece hoje, a menos de um ano de convívio com a assistência social, como a melhor gente do mundo.
À parte de um ou outro caso mais rebelde, ninguém que visite o Bairro da Quinta da Calçada dirá estar em frente de uma «raça» estranha que ainda há pouco era considerada extremamente perigosa para a paz social."

Abel Varzim, «Intervenção na Assembleia Nacional»,
Diário das Sessões, nº 71, (9.Fev.1940).

5. Bairro da Quinta da Calçada

a. Propaganda do bairro de casas desmontáveis na *Revista Municipal da CML* (1940). *Arquivo AML*
"De casinhas brancas e higiénicas, felizes e alegres sucessoras de espeluncas infectas e mal cheirosas
(...) raio de sol que alegra corações bem formados, bem merecendo a bênção de Deus"
b. Inauguração do bairro com o eng. Duarte Pacheco e cardeal Cerejeira (Jun.1940). *Arquivo AML*
c. Vista aérea do bairro (parcial). *Arquivo AML*
Assinalada a posição da igreja.

Ali, tal como nos dois bairros antes construídos, o da quinta da Bela Vista e o da Calçada[26], a Igreja marcou presença tendo construído, à semelhança das habitações, capelas provisórias nos guetos onde nem a polícia ousava entrar, conforme denunciou o pe. Abel Varzim[27], formado na área das ciências sociais, deputado e representante da Igreja na Assembleia Nacional – personalidade de referência no campo da justiça social, ou por outras palavras da Doutrina Social da Igreja, para Nuno Teotónio Pereira e João de Almeida.[28]

Os bairros implantados junto a importantes eixos viários que então se começavam a rasgar eram envoltos por quintas em processo de urbanização. Estes segregados bairros de emergência apresentavam uma malha ortogonal que definia quarteirões preenchidos por casas de áreas mínimas com logradouro, dispostas ao longo de estreitos arruamentos, na sua maioria, de uso pedonal. Tais bairros eram dotados de escolas, polícia, administração, lavadouros e balneários, centro social e capela – que ocupavam pontos chave da composição.

A importância da Igreja no bairro era marcada, fisicamente reforçada pela implantação do edifício de culto construído no centro do bairro e, socialmente, pela

---

[26] No ano de 1939 foram inaugurados os primeiros dois bairros de casas desmontáveis feitas em madeira e placas de fibrocimento produzidas pela firma 'Lusalite': o da quinta da Calçada (5.Fev) e o da quinta da Bela Vista ou Boavista (13.Jun.1939). O sistema construtivo, inovador à época, permitiu construir num relativo curto espaço de tempo cerca de 500 casas em cada um destes bairros.

[27] pe. Abel Varzim (1902-1964) foi ordenado em 1925 e iniciou a sua actividade pastoral numa das dioceses mais descristianizada do país, Beja. Em 1930 foi enviado para Lovaina para prosseguir estudos no campo das ciências sociais, onde teve contacto com Jacques Maritain (filósofo francês) e com pe. Joseph Cardin (fundador da JOC, em 1920). Estudou o catolicismo social belga e o modelo corporativo, elaborando a tese de doutoramento "Le Boerenbond Belge. L'œuvre du relèvement et de la classe agricole d'un pays". Regressado a Portugal redigiu, juntamente com Manuel Rocha, os estatutos da Acção Católica Portuguesa (1933) e leccionou, a partir de 1938, no Instituto de Serviço Social de Lisboa – duas iniciativas que contaram com o apoio do cardeal Cerejeira. Abel Varzim foi, inicialmente, um entusiasta do regime corporativo do Estado Novo, tendo sido deputado à Assembleia Nacional nas legislaturas de 1938 a 1942. Foi assistente da Liga Operária Católica LOC. As suas tomadas de posição públicas fundamentadas na Doutrina Social da Igreja tornaram-no uma voz inconformada e contestatária do Estado e da Igreja. Afastado, trabalhou de 1951 a 1957 na paróquia da Encarnação ao Chiado, tendo assistido a população carenciada do Bairro Alto, então fortemente marcado pelo ambiente de prostituição. Passou os últimos anos de vida em Barcelos, sua terra natal.

[28] Nuno Teotónio Pereira reconheceu a importância da Igreja no despertar do seu interesse pela questão social. Para além da proximidade que tinha aos padres jesuítas, relevou o papel dos movimentos da Acção Católica JUC e JOC, destacando o nome dos padres Abel Varzim e Manuel Rocha.
Cf. José Pedro Castanheira e Cândida Santos Silva, «Prisão, tortura, fé, amor e arte: a vida preenchida de Nuno Teotónio Pereira», *Expresso*, (20.Jan.2016).
O contacto com as Irmãzinhas dos Pobres levariam num primeiro momento João de Almeida a entrar em contacto com a pobreza extrema vivida nos bairros dos mais desfavorecidos. O pe. Abel Varzim foi para ele uma referência constante ao longo da sua formação espiritual. O afastamento de Abel Varzim a par do exílio de D. António contribuiriam para o abandono da sua vida sacerdotal.
Cf. João de Almeida, «Afinidades - entrevista de Maria João Seixas» (Portugal: RTP2, Nov.2016).

assistência assegurada, em parte, pela comunidade eclesial e pela equipa de assistentes sociais formada no Instituto de Serviço Social de Lisboa, escola que contara com o apoio da Igreja aquando da sua fundação em 1935.

À data da filmagem do documentário 'Lisboa de hoje e amanhã' a igreja de Santo Eugénio, edificada em memória de um Papa e não de um santo português, ainda não tinha começado a ser construída no "bairro da Encarnação, o maior dos bairros de casas económicas, [que] constitui um núcleo muito estável e homogéneo e que são condições excelentes para actividade paroquial."[29]

Ainda que esta ideia de comunidade ideal, socialmente homogénea e estável, estivesse subjacente à concepção do bairro, os inquéritos realizados anos mais tarde pelos seminaristas dos Olivais que ali prestavam assistência revelariam a dificuldade de estabelecer uma comunidade religiosa naquele meio.[30] O desenho urbano não bastou para afirmar a centralidade da vida religiosa de uma população desenraizada e reinstalada na periferia, provando que

> "[u]m aglomerado de famílias e de indivíduos morando quási que por acaso numa mesma porção territorial, mas fazendo a sua vida diária e semanal fora dali e em zonas diferentes, ocupando-se em diversas actividades e provenientes das mais diferentes origens, não pode constituir uma comunidade digna desse nome, e assim dificilmente poderá servir de base a uma paróquia viva."[31]

Recorde-se que a Igreja tinha conquistado um lugar de grande destaque, no topo nordeste da alameda – "artéria principal do Bairro – de acesso ao coração do aglomerado" [32] nas palavras de Paulino Montez, o autor do plano. Coração pensado para as escolas[33], mercados, centros de assistência social que ladeariam a ampla praça

---

[29] «Projecto de divisão paroquial da cidade de Lisboa [paróquia do Santo Eugénio]», *Arquivo SNIP*, (16.Ago.1957), p.s/n.

[30] "Há já bastantes anos que os carreiros poeirentos ou enlameados que ao Bairro nos levam (...) A título algum se pode chamar comunidade à paróquia do Bairro da Encarnação (...) nota-se no bairro a independência das famílias entre si"
Miguel Ponces et al., «Inquéritos: Paróquia dos Olivais, Bairro da Encarnação, Paróquia de Sacavém, Paróquia de Moscavide», *Novellae Olivarum - revista dos alunos do seminário de Cristo Rei - Olivais*, ano XIII, nº126 (Jun.1955), p.197.

[31] Nuno Teotónio Pereira e José Pedro Martins Barata, «Paróquia e urbanismo - conferência do *2º Encontro do MRAR - Problemas da Igreja Paroquial* », *Arquivo FCG-MRAR* (10.Jun.1955).
Foi realizada a transcrição integral do documento manuscrito. [ver anexo 5]

[32] Paulino Montez, «Plano do Bairro da Encarnação», *Estudos de Urbanismo em Portugal - Lisboa, extensão Nordeste da cidade*, nº5-7 (1958), p.13.

[33] Para além das escolas primárias o autor do projecto sugeria a construção de Escola Técnica - não construída (no topo da grande praça, já fora dos limites do bairro).

arrelvada pontuada por uma fonte decorativa. Para a igreja, à semelhança do cine-teatro, estava destinada uma pequena praceta no interior do bairro.[34]

No início da década de 1950, a construção na praça principal da igreja dedicada a Santo Eugénio (1950-51), segundo projecto do arquitecto Fernando Peres[35], alterou o grande protagonista do remate da alameda – a educação dava lugar à religião, inclusivamente com a bênção vinda da Santa Sé. A construção dos restantes equipamentos do bairro tardou permitindo o reajuste programático às reais necessidades da população. O aumento da população do bairro levou a igreja de Santo Eugénio a tornar-se sede paroquial na remodelação de 1959.[36]

Duas das igrejas inauguradas em Lisboa neste período, a de Santo Eugénio no bairro da Encarnação (1951) e a de S. João de Brito (1955) no de Alvalade, envolvidas por casas ou por prédios de rendimento, surgem na mesma linha de 'tradição' do urbanismo que vinha colocando a igreja isolada no remate de eixos de composições urbanas. Já em 1945 Raúl Lino apontara a crítica ao:

> "(...) lugar comum de urbanização que é de ser patrocinado por aqueles que, isentos da indispensável sensibilidade, se prendem a fórmulas sem nenhum

---

[34] Os mercados pensados para servir o bairro da Encarnação foram construídos nos locais inicialmente destinadas à igreja e ao cine-teatro.

[35] O percurso de Fernando Peres foi fortemente marcado pela passagem na DGEMN, sendo a igreja de Santo Eugénio (Lisboa) um dos poucos projectos que assinou. Sobre a influência dos corpos dirigentes do MOP naquele projecto, mesmo sobre as questões relativas à Arte Sacra, recorde-se o episódio relatado por Fernando Peres:

> "A (...) construção estava a ser pacífica até ser visitada pelo ministro das Obras Públicas, Frederico Ulrich, que embirrou com os altares. Achava que eram pequenos demais.
> - Nestes altares não se pode dizer missa.
> - Pode, pode senhor ministro.
> - Já alguma vez ajudou à missa?
> - Não. Só fui à missa quatro ou cinco vezes, levado pelos meus pais, quando era pequeno.
> - É por isso com certeza que projecta altares destes.
> - Não senhor ministro, é porque sou arquitecto."

António Henriques, «Fernando Peres, a vida nos Monumentos», *Boletim Arquitectos*, (Ago.2005).

Apesar deste episódio, Fernando Peres foi nomeado consultor da primeira Comissão de Arte Sacra do Patriarcado de Lisboa, dada a previsão que o ritmo de construção e restauro das igrejas se intensificasse e "sabendo que, apesar das depredações que as vicissitudes dos tempos e as incúrias dos homens causaram no património artístico do Patriarcado, este ainda conta com grandes valores em móveis e imóveis que importa inventariar, conservar e valorizar". A comissão era constituída pelo cónego João Filipe de Castro (presidente) e pelos padres João Trindade e João de Almeida. Como consultores estavam outros nomes de sócios do MRAR como o arq. Formosinho Sanchez, Maria José de Mendonça, dr. João Couto, pe. José Ferreira, entre outros.

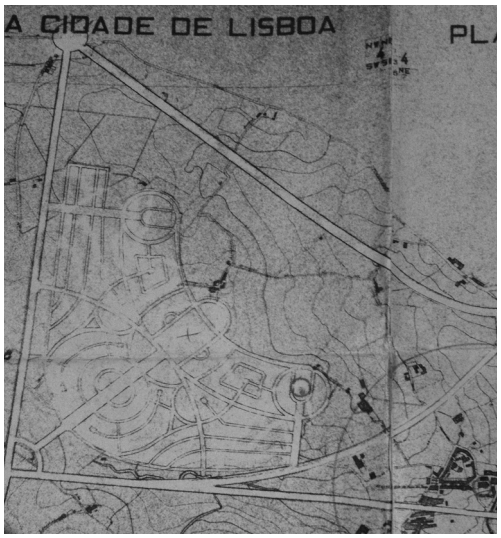
Cf. D. Manuel Gonçalves Cerejeira, «Documento de criação da Comissão de Arte Sacra», *Arquivo SNIP*, (2.Abr.1963).

[36] A somar à população do bairro de casas económicas que rondava, inicialmente, os 6300 habitantes somar-se-iam os 8000 previstos com a urbanização de Olivais Norte. Com a construção daquele bairro (1957) a igreja de Santo Eugénio adquiriu uma posição de maior centralidade geográfica em relação à população que passou a servir. [Sobre o plano de remodelação paroquial, ver cap. 2.4]



a.





b. c.

"Amados Filhos: (...) eis aí a Casa de Deus em meio dos homens,
onde doravante o Senhor habitará com eles!
Eles serão o seu povo e família,
e Ele, presente no meio deles será o seu Deus.
Uma nova igreja em meio de uma grande cidade:
grande, magnífica, assombrosa coisa,
quem a pode avaliar adequadamente?"

«A mensagem de Pio XII aos portugueses por motivo da inauguração da nova igreja no bairro da Encarnação», *Diário de Notícias*, (3.Jun.1951), p.1.

6. 'Uma nova igreja em meio de uma grande cidade'

a. A alameda central do bairro com a isolada igreja de Santo Eugénio (1951). *Arquivo AML*

b. Bairro da Encarnação, extensão nordeste de Lisboa (194-), arq. Paulino Montez

Planta do bairro apresentada na publicação *Estudos de Urbanismo em Portugal* (1958) - praça central sem edificação proposta.

c. Excerto da planta de trabalho (195-). *Arquivo SNIP*

Identificação da antiga igreja dos Olivais (e raio de influência) e da nova igreja:
assinalada com O a localização prevista e com um X o lugar onde foi construída.

propósito, é a ideia errada de que todos os edifícios de carácter monumental têm de viver desafogados. Esta mania tem causado lamentáveis malefícios."[37]

Desta forma Lino dava eco às investigações de Camille Sitte, sobre o desenho do espaço público envolvente ao edificado monumental "sobretudo quando se trata de edificações antigas como, por exemplo, igrejas."[38] Este mesmo entendimento seria partilhado e desenvolvido no MRAR por Nuno Teotónio Pereira e José Pedro Martins Barata, a propósito da construção das novas igrejas onde

> "(...) a situação dominante, ao fundo de rasgadas avenidas, de alguns templos paroquiais (por exemplo a igreja de S.to Eugénio no Bairro da Encarnação e S. João de Brito, em Alvalade), deixa uma sensação de certo mal-estar: a igreja deixa de se situar organicamente no centro da comunidade para invadir esse centro duma maneira espetacular e agressiva. Será bom não perder de vista aquela dignidade que não ganha com o aparato, e que tanto convém à igreja paroquial."[39]

A reflexão do movimento alargara-se desde o seu início em 1953. Fruto do seu amadurecimento passou a incluir também o debate em torno da inserção urbana da igreja, nas dinâmicas sociais e territoriais, conforme foi tratado logo no 2º encontro do MRAR, realizado no Verão de 1955, quatro meses antes da inauguração da igreja de S. João de Brito. Na conferência inaugural intitulada "A paróquia moderna", o pe. Gustavo de Almeida, que tinha acolhido a exposição Arquitectura Religiosa Contemporânea em S. Nicolau, defendeu que "a paróquia apesar de continuar a ser o centro propulsor e coordenador da atividade pastoral, necessitava de renovar e racionalizar os seus métodos, num sentido missionário e de acordo com as características geográficas e humanas"[40], dando eco à discussão da IV Semana Nacional de *Aggiornamento* Pastoral (Bolonha, Set.1954) em que participara e do interesse que tinha pela disciplina da Sociologia Religiosa.

---

[37] Raul Lino, *Quatro palavras sobre urbanização* (Lisboa: Valentim de Carvalho, 1945), p.32.

[38] A crítica de Raul Lino é contemporânea de um conjunto significativo de intervenções da DGMEN. Em particular recordamos a destruição do casco envolvente à Sé do Porto e o desenho do terreiro fronteiro.

> "Surpreenderá muita gente saber que de 255 igrejas de Roma, apenas 6 ocupam posição completamente isolada, enquanto que as restantes 249 permanecem ligadas por um, dois ou três lados às construções vizinhas."

Ibid. p33.

[39] Pereira e Barata, «Paróquia e urbanismo - conferência (10.Jun.1965)». [ver anexo 5]

[40] João Alves da Cunha, «MRAR e os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal no século XX - a ação do Movimento de Renovação da Arte Religiosa nas décadas de 1950 e 1960» (Universidade de Lisboa, 2014), p.180.

Para os arquitectos, a adaptação das estruturas paroquiais às diferentes comunidades implicaria que as formas construídas expressassem valores espirituais de acolhimento e reunião. A paróquia continuaria assim a existir como órgão ao serviço da Igreja para chegar a todos e a cada um, fomentando a vida comunitária através da sua estrutura, modelada por "comunidades autênticas de vida" que atendessem aos fenómenos da evolução territorial, pois

> "[n]o planeamento de uma igreja não está tudo dito quando se resolvem os problemas de acústica, de visibilidade, de circulação ou de conforto para a assembleia (...) a forma geográfica da paróquia, a situação da igreja, a sua relação com o resto do aglomerado têm um significado e um valor que são de considerar como elementos de formação da maneira de viver e de participar da vida paroquial."[41]

2.2. (re)Construir o Patriarcado

Em 'As novas igrejas do Patriarcado', discurso proferido em 1955, Cerejeira apelou à participação do Estado na resolução do problema que subdividia em dois: 'o problema das igrejas do Patriarcado' e 'problema das igrejas paroquiais novas'. Por um lado era necessário solucionar a falta de igrejas em Lisboa, arredores e núcleos rurais, por outro havia que pensar a questão do programa do equipamento religioso.[42]

As vinte e uma igrejas paroquiais construídas nos vinte e cinco anos de pontificado, enumeradas no seu discurso, eram insuficientes para cobrir as necessidades, da cidade e de todo o Patriarcado.

> "Torna-se necessário e urgente, se queremos salvar a alma cristã de Portugal, construir pelo menos 26 igrejas mais (este é o número mínimo, imposto pela carta demográfica do Patriarcado), todas, repito, todas destinadas a constituir centros religiosos de paróquias a fundar."[43]

A lista apresentava situações de natureza muito diversa: faltavam igrejas para pequenas comunidades, para bairros de casas económicas da capital e de bairros clandestinos, bem como para zonas de forte crescimento demográfico, de vários milhares de habitantes, como acontecia já nos arredores da cidade.

---

[41] Pereira e Barata, «Paróquia e urbanismo - conferência (10.Jun.1955)». [ver anexo 5]

[42] [ver cap.3]

[43] Cerejeira, «As igrejas novas do Patriarcado (2.Out.1955)». pp.220-221.

2.2.1. Os problemas identificados

Ajuda e Bairro da Liberdade

Da zona ocidental da capital foram então referidos dois bairros de casas económicas sem igreja: o da Encosta da Ajuda e o do Alto da Ajuda (Caramão). Em nenhum deles chegou a ser construída a igreja, ainda que elas tenham sido projectadas e previstos lugares para a sua construção[44].

O bairro da Liberdade, na encosta ocidental do vale de Alcântara, também referido por Cerejeira, era constituído por barracas e casebres que se amontoavam junto ao aqueduto das Águas Livres, contrariando o "Plano Geral de um Aglomerado de habitações a construir no Vale de Alcântara" de Paulino Montez (1944)[45] e das vizinhas casas económicas do Alto da Serafina. Só em 1961, depois de três décadas de assistência religiosa assegurada em espaços transitórios[46], em parte por vicentinos, é que o bairro foi dotado de um equipamento religioso condigno, ainda assim pensado como provisório. Foram autores deste equipamento Nuno Teotónio Pereira e João Braula Reis que, conscientes do contexto sensível em que trabalhavam, propuseram um 'grande espaço' capaz de fomentar 'uma vida comunitária', procurando "suavizar a indigência geral que invadiu aquela encosta" – aquele 'importante aglomerado', 'do outro lado do vale', conforme expressava a memória descritiva e justificativa do projecto.[47] Revelando atenção ao problema social, contrariaram os modelos arquitectónicos mais divulgados e apresentaram, em alternativa, uma solução económica em corpos provisórios, ao serviço da população: pavimento de massame, paredes em alvenaria de tijolo e cobertura com chapas onduladas.[48] O Centro Social do Alto da Serafina (1957-1961) incluía, para além do espaço de culto pensado desde a origem como polivalente, com capela separada da sala de reuniões por painéis amovíveis que permitiam a união das duas partes[49], diversos

---

[44] Alguns topónimos actuais evidenciam as intenções de projecto, como por exemplo, a 'rua da Igreja' no bairro Caramão da Ajuda e o 'largo da Igreja' no Bairro da Calçada dos Mestres.

[45] [sobre o plano de Paulino Montez]
Cf. Carlos Nunes Silva, *Política urbana em Lisboa 1926-1974* (Lisboa: Livros Horizonte, 1994), pp.119-121.

[46] Cf. Isabel de Mello, «No Bairro da Liberdade a grande obra social "Educação Popular" no limiar dos vinte anos de caridade intensa», *Flama revista semanal de actualidade*, (10.Jul.1953), pp.12-13 e 20.

[47] Nuno Teotónio Pereira e João Braula Reis, «Memória Descritiva e Justificativa do Centro Social do Alto da Serafina», *Arquivo SNIP*, (26.Abr.1957).

[48] Cf. «Duas capelas provisórias em Lisboa [Bairro da Liberdade, Curraleira]», *Novas Igrejas - boletim trimestral do Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado*, nº2-3, (Out.-Dez.1961), p.10.

[49] Apesar da proposta de Nuno Teotónio Pereira e João Braula Reis adoptar painéis amovíveis, uma



DE PUBLICIDADE
IDA DA LIBERDADE, 266 — LISBOA

DIRECTOR — AUGUSTO DE CASTRO

A POPULAÇÃO

DO BAIRRO DA SERAFINA

RECEBEU COM GRANDE ENTUSIASMO O CHEFE DO ESTADO

QUE FOI ALI INAUGURAR A IGREJA E O CENTRO PAROQUIAL DAQUELA ÁREA

O Chefe do Estado presidiu ontem à cerimónia da inauguração da igreja e do centro paroquial do Bairro da Serafina, acto que se revestiu de carácter festivo, com a presença interessada e entusiástica da gente daquela área da cidade.

O bairro com um aglomerado populacional de mais de quinze mil habitantes, apareceu com as melhores galas, para receber o Primeiro Magistrado da Nação e as muitas altas individualidades que ali se deslocaram com o objectivo de tomar parte nas cerimónias simples, é certo, mas de grande significado social.

Santa Casa da Misericórdia e da Casa Pia de Lisboa, comandante-geral da P. S. P.; presidente da Junta de Freguesia de Campolide; presidentes dos conselhos superior e particular das Conferências Vicentinas masculinas e femininas, e outras individualidades é muito povo, que tributou calorosa ovação ao Chefe do Estado.

Depois da barida de música da Casa dos Pescadores da Costa de Caparica ter tocado o hino nacional, o sr. almirante Américo Tomás e sua esposa receberam cumprimentos das principais individualidades, após o que ocuparam lugares especiais no recinto fronteiro ao edifício do Centro Paroquial. Procedeu-se, então, a uma largada de trezentos pombos dos modestos pombais dos moradores do bairro.

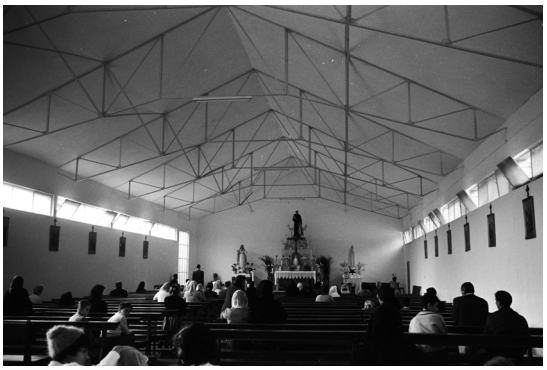
A sr.ª D. Maria da Glória Barros e Castro, presidente das Conferências

(Continua na 2.ª página)

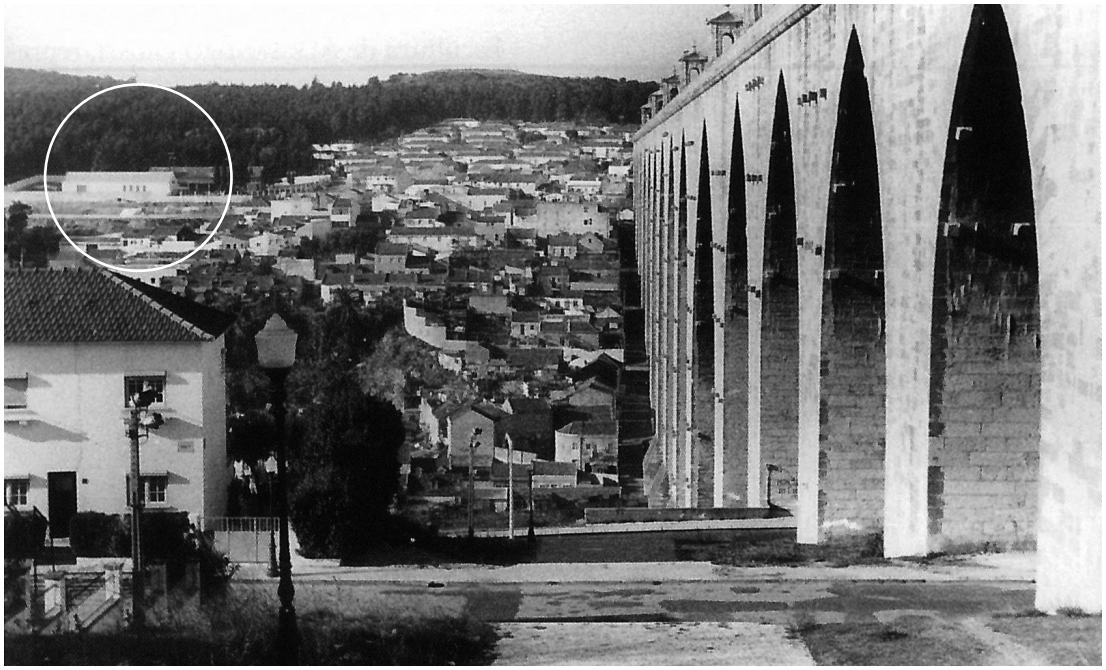
A chegada do Chefe do Estado ao bairro da Serafina

DIMINUI A ACTIVIDADE TE





a. b.



c.

7. Bairro da Liberdade

a. Primeira página do *Diário de Notícias* (24.Jul.1961)

b. Centro Social do Alto da Serafina (1957-1961) arq. Nuno Teotónio e João Braula Reis. *Arquivo SNIP*

c. As barracas da Liberdade e as casas da Serafina, vistas do bairro da Calçada dos Mestres

Assinalada a igreja.

serviços de assistência à população carenciada. O vasto programa previa dois corpos unidos por uma passagem coberta, a que se associava um campanário reduzido à estrutura metálica de suporte dos sinos. A construção do complexo foi dinamizada pelo pe. Giuseppe Gallea imc.[50], missionário da Consolata e pároco de Santo António de Campolide, que a partir de 1956 assistiu a população dos bairros do Alto da Serafina e da Liberdade. Ainda que o Centro Social tivesse entrado em funcionamento no Natal de 1959, a igreja teria a 23 de Julho de 1961 a visita do presidente da República, gen. Américo Thomaz, acompanhado da sua esposa, aquando da inauguração oficial, daquela obra comparticipada pelo Estado[51] que não passou despercebida à imprensa nacional.[52] Já em 1958 o lançamento da 1ª pedra tinha sido noticiado, sublinhando o jornal *Novidades* que Nuno Teotónio Pereira, autor do projecto, era o presidente do Movimento de Renovação da Arte Religiosa.

O conhecimento da situação vivida no Bairro da Liberdade levaria Nuno Teotónio Pereira a redigir anos mais tarde um texto de denúncia da injustiça em que estava a ser desalojada aquela população devido à construção dos acessos à ponte sobre o Tejo. O manifesto divulgado em 1966, clandestino, que abordava temas como a caridade e a justiça social, onde fé e política se implicam[53], espelhava o percurso

---

solução que a partir do final da década de 1960 seria amplamente difundida em diversos projectos de capelas-salão desenvolvidos no SNIP, não há notícia de que estes tenham sido ali executados – repare-se na fotografia do interior da capela que publicamos.
Cf. João Luís Marques, «Entre lo provisional y lo definitivo. Experiencias de las capillas-salón del Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado de Lisboa», em *Más allá del edificio sacro: arquitectura y evangelización. Actas del Congreso Internacional de Arquitectura Religiosa Contemporánea 3*, ed. Esteban Fernández Cobián, 2013, pp.204-213. [ver anexo 19].

50 Pe. Giuseppe Gallea imc. (1891-1974), natural da província de Turim (Itália), pertenceu ao Instituto Missionário da Consolata, comunidade instalada em Portugal desde 1943. Acompanhou a construção da igreja do Carregado (1956) projectada por Vasco Regaleira, também autor do projecto do Seminário das Missões (Fátima, 1946-1952) daquela mesma congregação. Foi posteriormente nomeado Capelão da Educação Popular e pároco de Santo António de Campolide, tendo acompanhado a criação da Paróquia de São Vicente de Paulo. Regressou a Itália em 1964.

51 «Obras Públicas concluídas em 1962 (anexo nº13)», em *Boletim do Comissariado do Desemprego* (Lisboa: Ministério das Obras Públicas, 1963), p.169.

52 Cf. «A nova Igreja do Bairro da Serafina e o Centro Paroquial foram inaugurados solenemente com a presença do Chefe do Estado», *Novidades*, (24. Jul.1961), pp.1-2. «No Bairro da Serafina os seus moradores e os do Bairro da Liberdade receberam com francas manifestações de simpatia o Sr. Presidente da República», *O Século*, (24.Jul.1961), pp.1-2. «A população do Bairro da Serafina recebeu com grande entusiasmo o Chefe do Estado», *Diário de Notícias*, (24.Jul.1961), pp.1-2.

53 Cf. Nuno Teotónio Pereira, «A transferência de populações do Vale de Alcântara (folheto clandestino 1966)», em *Escritos (1947-1996, selecção)* (Porto: FAUP publicações, 1996), pp.56-67.

Memória descritiva e justificativa (Lisboa, 26.Abr.1957)
Projecto

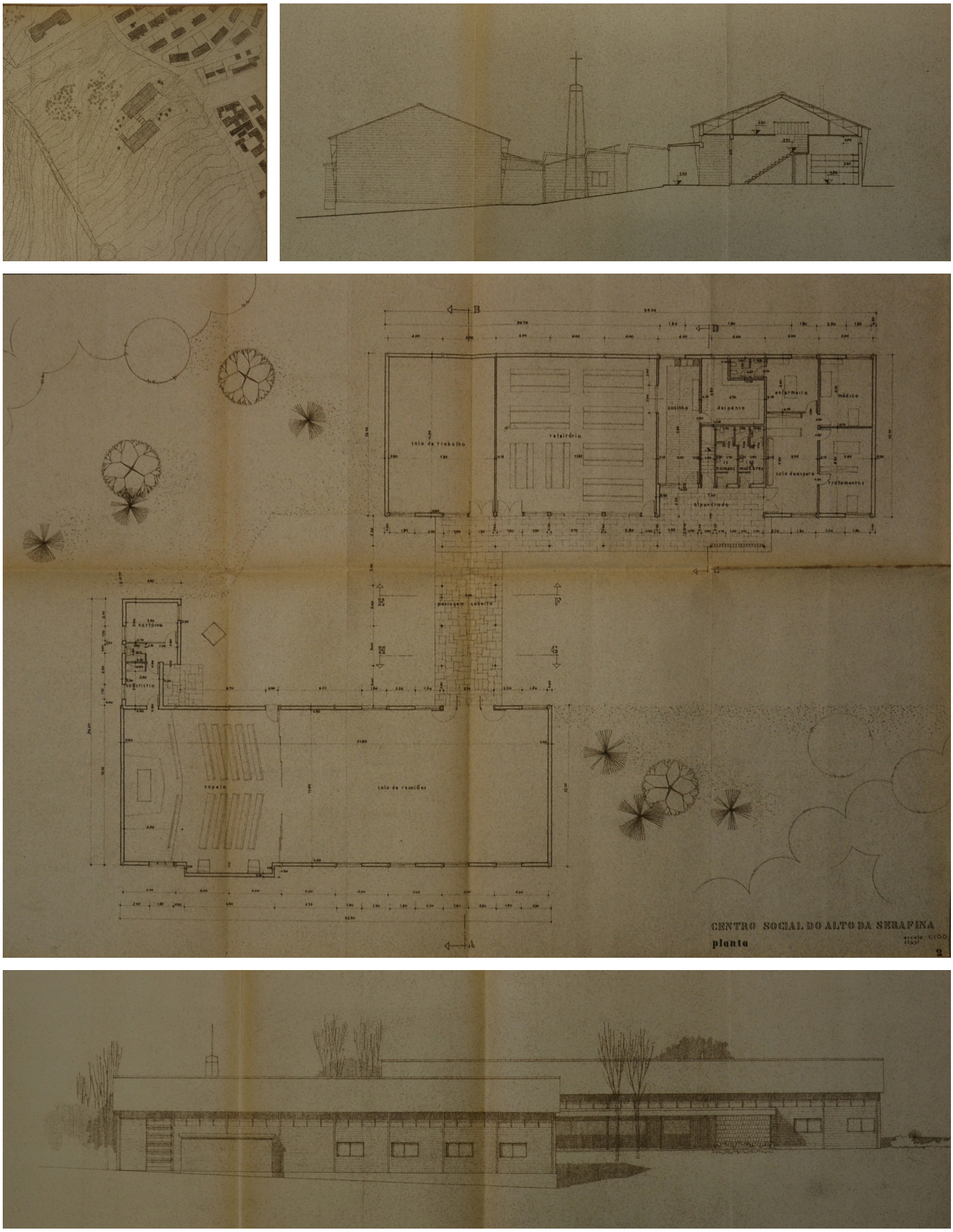
"Objectivos
O importante aglomerado que se estende na encosta de Monsanto, formado pelos bairros da Liberdade e do Alto da Serafina não dispõe senão de uma capela para o serviço religioso, o que é agravado pelo facto da sua pequena dimensão e por a **igreja paroquial** – a Igreja de Santo António de Campolide – se situar **na encosta oposta, do outro lado do vale** de Alcântara, portanto demasiado afastada do aglomerado.
Por outro lado, as **baixas condições de vida** em que está sujeita a população do bairro da Liberdade, que constitui a maior parte do aglomerado, **impunham** desde há muito a construção de um núcleo assistencial que viesse contribuir para suavizar a indigência geral que invadiu aquela encosta.
Por estas razões o projecto inclui, além das instalações indispensáveis que permitam uma vida religiosa activa, uma parte destinada exclusivamente à assistência médica, uma cantina e uma sala de trabalho, e **um grande espaço** destinado a sala de reuniões **para fomento de uma vida comunitária** mais íntima, funções estas que dadas as características da construção pretendida, se organizam duma maneira clara e simples, sem complexidade, através de uma **solução de carácter provisório**.

Localização
Dada a impossibilidade de se obter no interior do aglomerado o espaço necessário ao desenvolvimento deste programa e tendo a CML posto à disposição da comissão, a título provisório, uma parcela do Parque Florestal de Monsanto confinante com o bairro, e das excepcionais condições de insolação e desafogo e o ambiente saudável dado pela presença do arvoredo, que compensam largamente o inconveniente da sua excêntrica localização em relação ao aglomerado, procurou-se localizar este núcleo na parte superior da encosta com acesso por duas ruas dispondo-se os corpos da construção frente a frente, criando e protegendo um amplo logradouro.

Organização
Pelo facto da edificação ser encarada a título provisório, considerou-se como fundamental que o presente estudo respondesse eficazmente a todas as funções de maneira mais económica, criando no entanto um ambiente agradável que se adapta modestamente ao local e ao conjunto que vai servir.
É composto este centro social de duas construções ligeiras e simples dispostas a cotas diferentes, sendo o superior do lado Norte, destinada à parte assistencial, localizando-se no inferior a capela e uma sala de reuniões, a qual, em dias que a frequência religiosa o exija, se pode adaptar rapidamente à mesma função pela remoção de painéis amovíveis.
A parte assistencial inclui, além de uma sala de trabalho, destinada a mulheres, que executarão trabalho remunerado, uma cantina com respectiva cozinha para as primeiras necessidades e dispensa e um núcleo médico com sala de tratamentos, gabinete médico, sala da enfermeira e espera, com sanitários anexos, além dos já existentes para serviço da restante população.
O corpo inferior, além da capela e sala de reuniões, possui em anexo, a sacristia, um cartório, e também instalações sanitárias privativas.
Uma larga passagem coberta liga as duas construções, continuando-se por um telheiro que protege os acessos ao corpo de assistência.

Construção
A estrutura modulada é constituída por pórticos de perfis de ferro suportando uma cobertura de fibrocimento; as paredes serão de alvenaria de tijolo; a passagem coberta é de betão sobre varões de ferro; o pavimento será de massame; dadas as características económicas da construção, os revestimentos serão modestos, mas resistentes ao uso e de acordo com os regulamentos em vigor."

8. Centro Social do Alto da Serafina (Lisboa,1957-1961) arqs. Nuno Teotónio Pereira e João Braula Reis
a. Desenhos, implantação, corte, planta e alçado. *Arquivo SNIP*


sala de trabalho
refeitório
cozinha
despensa
enfermeira
médico
homens
mulheres
sala de espera
tratamentos
alpendrado
passagem coberta
cartório
sacristia
capela
sala de reuniões
CENTRO SOCIAL DO ALTO DA SERAFINA
planta

a.

inconformado de alguns católicos no "irrespirável e revoltante ambiente da ditadura"[54]. Pedro Tamen, elemento do mesmo círculo, recordaria:

> "(...) ser católico não implicava apenas endossar um ideal confinado nas paredes dos templos, não se resumia ao cumprimento das virtudes teologais e dos preceitos eclesiais – antes apontava imperativamente para uma intervenção no plano da vida da colectividade, para uma luta sem tréguas por valores de verdade, de liberdade, de justiça, valores (atenção!) *que não eram sua propriedade enquanto cristãos*, mas que, por serem cristãos, mais lhes cumpria promover."[55]

Construído nas faldas de Monsanto, o Centro Social do Alto da Serafina estava ao serviço da população segregada. A natureza do programa fomentava o sentido do colectivo, no combate à exclusão e à injustiça social – uma igreja de serviço onde a renovação não se limitara à expressão plástica do edifício. Apesar de aceite como solução provisória, a obra revelar-se-ia mais tarde incompreendida. No início da década de 1970, dez anos depois da inauguração oficial, reclamava o novo pároco uma profunda intervenção na igreja, ao nível das paredes do templo. A construção modesta, económica e provisória mostrara-se frágil e, portanto, foi feito um pedido "para dar à igreja um aspecto mais próprio", "uma fachada conveniente". [56]

---

[54] Pedro Tamen, «Prefácio - O que não parece é», em *Entre as brumas da memória. Os católicos portugueses e a ditadura* (Porto: Ambar, 2007), pp.13.

[55] Ibid. pp.13-14.

[56] O projecto de renovação foi realizado no SNIP, entre 1972-1974, pelo arq. José Silva Carvalho. A listagem de trabalhos pedidos incluía renovar a cobertura, esconder a armação de ferro, elevar as paredes perimetrais, e até substituir as janelas "corridas e próprias de oficina mecânica", por outras, "direitas ou a arco (...) simples ou bíforas" cuja "linha e a forma [eram] deixadas completamente ao competente critério do Senhor Arquitecto".
Cf. Donato Sergi, «Carta dirigida ao SNIP», *Arquivo SNIP*, (15. Dez.1971).
À volta da igreja foram sendo construídos novos equipamentos de natureza assistencial formando o Centro Social Paroquial (creche, jardim de infância, centro de atividades para tempos livres, centro de dia, lar de idosos, etc). Em 27 de Setembro de 1998 foi inaugurada a nova igreja, construída no lugar da antiga, segundo um projecto desenvolvido pelos arquitectos Rui Moreira Braga, Luís Filipe Marvão, Miguel Manzoni Esteves, no gabinete T5 - Planeamento, Arquitectura e Contrução L^{da}.
Cf. Álvaro Terreiro, *Bodas de Ouro da paróquia de São Vicente de Paulo. A caridade evangelizadora tem rosto* (Lisboa: Fábrica da Igreja Paroquial de São Vicente de Paulo, 2009).

2.2.2. 'A tua decisiva protecção'

Amadora e Feijó

A disponibilidade financeira da Igreja e das comunidades não permitia construir todos os espaços de culto identificados como necessários. Havia inclusivamente um desajustamento entre as reais necessidades das populações e a escassa disponibilidade de clero diocesano para lhes prestar assistência. O problema da falta de clero e o elevado custo de construção associado ao crescimento da cidade exigia coordenação de esforços.

> "E importa aqui reconhecer que o Estado não tem ficado indiferente ao trágico problema, contribuindo em muitos casos com a sua quota de comparticipação, embora nos pareça, em face dos números, que o material tem pesado mais que o espiritual na balança."[57]

Tudo isto tornava imperiosa a "decisiva protecção para a obra das igrejas novas a construir no Patriarcado" [58] que Cerejeira pedira a Salazar, em mensagem privada, no ano seguinte à inauguração de S. João de Brito em Alvalade. Falou-lhe então do combate ao 'trágico problema' que se agravava nas periferias, um combate que, nas suas palavras, por si só não podia resolver, agravado pela presença das comunidade protestantes que ali se tinham instalado primeiramente, num momento em que a sua presença era encarada mais como ameaça do que como riqueza cultural. A Amadora, uma das situações referidas no discurso 1955, veria no ano seguinte lançada a primeira pedra de mais uma igreja projectada por Vasco Regaleira – igreja de Nossa Senhora da Conceição (1956-1958), cuja presença urbana era reforçada pela verticalidade da torre

---

[57] Cerejeira, «As igrejas novas do Patriarcado (2.Out.1955)», pp.222-223.

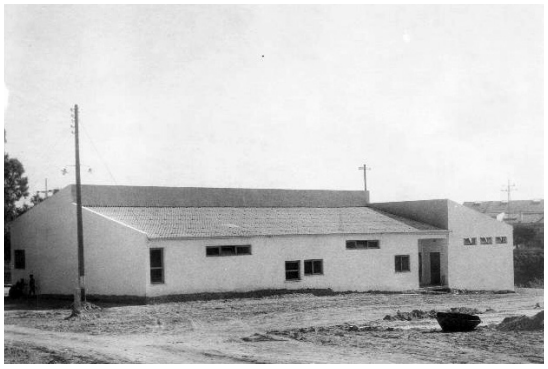
[58] Naquela ocasião o cardeal Cerejeira apresentou os dados estatísticos relativos ao número de habitantes da Amadora (18.789 habitantes), Algés (9.826), Queluz (7.968), Baixa da Banheira (5.196), entre outras zonas de expansão que não tinham igreja. Sobre alguns destes casos escreveria o cardeal ao seu amigo presidente do Conselho um bilhete postal que testemunha a cumplicidade e o trabalho desenvolvido com organismos estatais.

> "António, Regresso de Fátima. Escusado é dizer que não me esqueci lá, estando mais unido a Deus, quem tanto precisa do auxílio de todos (não falando já das razões velhas do coração) para levar a cabo a grandiosa missão, uma das maiores da nossa história, para que Deus te escolheu.
> Mas este bilhete é para te pedir a tua decisiva protecção para a obra das igrejas novas a construir no Patriarcado. Expus ao teu Ministro das Obras Públicas o trágico problema, que por mim só não posso resolver. Apontei-lhe, indicando os nomes de cada uma das 32 igrejas novas, só paroquiais, (grande número de paróquias a criar em centros populacionais que atingem até 10 000 almas, e algumas nem capela têm, mas têm já templos protestantes, como a Baixa da Banheira, por exemplo, e ali logo a seguir Almada, Feijó e Laranjeiro com vários centros protestantes); mas é em ti que confio para a resolução deste problema. E note-se que não apontei mais 12 que estão previstas no plano de urbanização de Lisboa. Com um abraço do teu C. Manuel 23.VI.56"

Pedro Brandão Rodrigues, Salazar - Cerejeira a «força» da Igreja (Editorial Notícias, 2002), pp.102-103.

a.







b. c.

"[As] igrejas já não serão, talvez, as dominantes da nova paisagem,
até porque isso não corresponderia à realidade social do nosso tempo,
mas serão os tais «corações» capazes de dar vida,
dar a Vida de Cristo, a um corpo que antes se diria morto"

[SNIP], A igreja na cidade,
Novas Igrejas, nº1, (Jan.-Mar.1961), p.17.

9. Soluções para a periferia
a. Igreja da Amadora (1956-1958) arq. Vasco Regaleira
b. Capela-Salão Feijó (1969) SNIP
c. Mapa com a previsão de novas igrejas (1961). *Arquivo SNIP*

sineira. No caso de Feijó, bairro clandestino da margem sul mencionado na mensagem enviada a Salazar, a solução só chegaria no final da década seguinte – em 1969 foi ali inaugurada uma das primeiras capela-salão construídas.[59]

Escreveria o cardeal Cerejeira em 1959:

> "As condições materiais do meio católico (geralmente pobre) e espírito do nosso tempo – impõem uma revisão do problema da igreja dos nossos dias. Isto vale como afirmação geral, mas vale sobretudo para o Patriarcado. (...)
> Perguntava o ano passado o Senhor Cardeal Montini [futuro Papa João XXIII] se não renasceria da necessidade de tantas igrejas um século de oiro para a arquitectura sacra? Mas logo, na mesma ocasião o Engenheiro Enrico Mattei, presidente do 'Comitato Chiese Nuove', denunciava que a arquitectura sacra se acha ainda presa aos velhos cânones da monumentalidade.
> Não é mais possível pensar, salvo casos de excepção, como catedrais, santuários célebres por exemplo, em igrejas que se imponham pela sua medida de grandiosidade e de sumptuosidade. Quer pelo custo, quer pelo número de igrejas a construir, faltam os meios necessários. Acrescente-se a isto a urgência da construção. (...)
> Mas ainda que abundassem os meios, tais igrejas, sobretudo nos meios de trabalho que se adensam em volta de Lisboa, não seriam as mais aptas hoje, para levar a mensagem cristã às almas."[60]

O problema de construção de igrejas em cada nova paróquia não podia continuar a ser resolvido isoladamente, mas teria de ser integrado numa política conjunta. Seria portanto necessário estudar o complexo sistema de relações envolvente, dado o elevado grau de carências da diocese e a incapacidade da sua resolução imediata. O discurso de 1955 apresentou-se como uma primeira tomada de consciência das implicações do crescimento urbano na estruturação de uma política integrada de arquitectura, urbanismo e sociologia religiosa, como a que viria a ser praticada pelo Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado de Lisboa a partir de 1961, à semelhança de organismos congéneres europeus.

> "Se até aqui se tem passado sem ele [SNIP], não podem ocultar-se as deficiências, muitas vezes irreparáveis, nas soluções a que se chegou, nem certas despesas desnecessárias que só um planeamento racional poderia ter evitado."[61]

---

[59] Os projectos das capelas-salão de Feijó e Galinheiras foram desenvolvidos ao mesmo tempo no SNIP. Aqueles projectos recuam a 1967, ano em que começaram a ser exploradas de um modo sistemático soluções de natureza polivalente, quer no contexto rural, quer nos bairros clandestinos da capital. [ver cap.3.7 e anexo 19]

[60] Cerejeira, «Carta Pastoral - O grave problema das igrejas no Patriarcado (15.Dez.1959)», pp.86-87.

[61] Cf. D. Manuel Gonçalves Cerejeira, «Estatutos do Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado», *Arquivo SNIP*, (6.Jan.1961), p.2. [ver anexo 11]

2.3. Conhecer a população:
a primeira sondagem à prática dominical do Patriarcado (1955)

Por intermédio do "Secretariado de Estudos Paroquiais", foi realizada nos domingos 13 e 20 de Novembro e 4 de Dezembro de 1955 a primeira grande sondagem à assistência às missas celebradas nas igrejas e capelas do Patriarcado de Lisboa. O trabalho pioneiro em Portugal, e conduzido de forma experimental, procurava caracterizar a prática religiosa dominical da população dividida pelas categorias: género, faixa etária e residência.[62]

O estudo foi coordenado pelo engenheiro e pe. Manuel Falcão[63] e acompanhado pela equipa de Sociologia[64], por ele liderada, que nascia no Seminário dos Olivais, à semelhança das anteriormente criadas de Arte Sacra e de Cinema.

As equipas eram fruto das novas práticas pedagógicas que procuravam aplicar ferramentas de leitura da realidade através das dinâmicas de grupo[65] no campo da estética e da acção, na tensão entre o ambiente internacional e o local. Eram realizadas

---

62 Foram apurados os resultados relativos a 80% da população, pois houve situações de atraso ou ausência de resposta que dificultaram a conclusão do processo.

63 D. Manuel Franco Falcão (1922-2012) estudou Engenharia Mecânica no Instituto Superior Técnico, entre 1939-45. Foi vicentino, militante da Juventude Universitária Católica (JUC) e cofundador do Centro de Acção Social Universitária (CASU). Ainda estudante participou numa recolha de dados no bairro de casas desmontáveis da Boavista, dinamizada por Abel Varzim. Em 1945, já licenciado, ingressou no seminário dos Olivais. Ordenado sacerdote (29.Jun.1951), ali iniciaria a actividade docente. Foi impulsionador do estudo da Sociologia Religiosa em Portugal, conforme documentam diversos artigos publicados nos anos 50 na revista *Novellae Olivarum*. Participou em diversos congressos e reuniões internacionais desta área disciplinar. A equipa de sociologia religiosa que lançou no Seminário dos Olivais apoiou-o na realização da *Sondagem à assistência dominical do Patriarcado* no ano de 1955, um trabalho que seria essencial para a revisão do Plano Paroquial da cidade de Lisboa levado a cabo em parceria com as entidades camarárias. O sucesso de coordenação deste trabalho pioneiro, feito à imagem de experiências internacionais, levou a que o Cardeal Cerejeira lhe confiasse a direcção do SIR - Secretariado de Informação Religiosa, órgão nacional da responsabilidade da Conferência Episcopal Portuguesa, e do SNIP - Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado, fundados em 5 de Maio de 1959 e 6 de Janeiro de 1961, respectivamente. Secretário particular do cardeal Cerejeira seria nomeado bispo auxiliar de Lisboa em 1966. A 25 de Abril de 1974 ocupava a posição de secretário da Conferência Episcopal Portuguesa. No mesmo ano foi nomeado bispo coadjutor de Beja, diocese que veio a conduzir como bispo residente. A ele se deve ainda o primeiro *Recenseamento da prática dominical* realizado em todas as dioceses de Portugal, em 1977.

64 Equipa de Sociologia: Manuel Falcão (mentor), António Carrilho Ribeiro, Fernando Micael Pereira, Mário Bacalhau (Aveiro), Júlio Tropa (Faro) e António Aparício (Beja). As equipas estenderam-se ao seminários de Viseu e do Funchal.

65 "As equipas abandonaram, por efeito da moda, as regras clássicas dos grupos de estudo e das associações (...) e entregaram-se às dinâmicas psico-sociais que foram gerando por força das actividades que realizaram."
Artur Lemos, «Anos 50: abertura e esperança», em *Por caminhos não andados - Seminário dos Olivais 1945-1968* (Multinova, 2007), p.47.

diversas actividades em espaço de formação extra curricular: exposições de Arte e sessões de cinema, enriquecidas com debates. Posteriormente, em contraponto e complemento, os seminaristas começaram a visitar semanalmente os bairros de lata que envolviam a quinta do seminário, procurando um contacto directo com a realidade construída – uma prática inspirada no movimento de padres operários[66] aplicada à periferia de Lisboa, também ela transformada pela indústria crescente. Aí foram realizados os primeiros inquéritos às populações, prática que se estenderia às equipas de cinema. O ambiente de formação multidisciplinar nos Olivais no "período mais moderno"[67] da sua história, reflectia uma renovação da cultura religiosa e eclesial graças ao encontro intergeracional de um corpo docente, progressivamente mais aberto, e uma geração de alunos de 'vocações tardias', vinda do meio universitário, que marcaria a história da Igreja pós-conciliar portuguesa, muito para lá dos limites do patriarcado. Recorde-se, a título de exemplo, os percursos dos alunos João de Almeida, José Policarpo e Albino Cleto (futuros bispos de Lisboa e Coimbra), assim como o dos professores José Felicidade Alves e Manuel Falcão, o último no campo da sociologia e pastoral, primeiramente bispo auxiliar em Lisboa e depois bispo residente em Beja.

O primeiro inquérito à assistência dominical foi bem menos ambicioso do que aqueles que vinham sendo realizados em Marselha, havia já alguns anos, conforme referiu o pe. Manuel Falcão, no artigo publicado na revista *Novellae Olivarum,* na sequência da apresentação dos resultados na sessão de encerramento dos "Dias de Estudos Pastorais", em 1956. A expectativa era conhecer a realidade física e social das

---

66 O movimento dos padres operários surgiu em França na procura de combater o 'grande escândalo do séc. XX", nas palavras de Pio XI, da classe operária descristianizada. Dava conta o artigo traduzido da revista francesa *Ecclesia – Lectures Chrétiennes,* e publicado na *Novella Olivarum*, a propósito da acção dos padres operários:

> "Esta forma de apostolado que a tantos dos nossos contemporâneos parece nova, não passa na realidade de uma volta às fontes, aos primeiros tempos do Cristianismo; ela vai mesmo enxertar-se na mais autêntica tradição da Igreja. (...) O padre operário é um padre que ganha a vida como operário. (...) O seu apostolado missionário não consiste em pregar sermões aos companheiros da oficina ou das construções. O seu fim essencial é (...) fazer sentir concretamente aos companheiros o que é um verdadeiro cristão."

«A verdade sobre os padres operários», *Novellae Olivarum - revista dos alunos do seminário de Cristo Rei - Olivais*, ano X, nº100, (Dez.1952), p.207-208.

67 "A década de Cinquenta terá sido o período mais moderno e talvez mais interessante do Seminário dos Olivais (...) [marcado pelo] dinamismo da sua matriz internacionalista, da vocação universitária imprimida pelo Cardeal Cerejeira e da abertura tímida mas irresistível que foi estimulada pela novidade das 'vocações tardias' e dos contactos externos, em especial com militantes universitários e operários da Acção Católica"

Avelino Rodrigues, «O Seminário dos Olivais e a renovação da arte sacra em Portugal», em Por caminhos não andados - Seminário dos Olivais 1945-1968 (Multinova, 2007), pp.153-168.

332 paróquias da mais populosa diocese do país, a partir de respostas concretas recolhidas à porta de cada igreja, dados estatísticos que haveriam de contribuir

> "para convencer todos quantos se interessam pelos problemas religiosos do Patriarcado de que inquérito e sondagem feitos e a fazer ainda, quando convenientemente elaborados, podem dar a conhecer melhor o estado religioso da diocese, fazer descobrir problemas graves que não foram sequer ainda equacionados, levar a rever hábitos, métodos e até instituições de apostolado e servir de estímulo poderoso a um zelo pastoral mais consciente, mais esclarecido, mais adaptado e mais eficaz."[68]

O trabalho preparatório do inquérito, apresentado no referido artigo, é revelador do rigor procurado pelo estudo. Primeiramente foi elaborada uma carta geográfica do Patriarcado, com a sobreposição dos limites eclesiásticos e civis que, progressivamente, vinham deixando de ser coincidentes, causando problemas de ordem administrativa e social.[69] O mapa territorial administrativo vinha a desdobrar-se, mas o eclesiástico não tinha acompanhado estas alterações, em parte por falta de clero. A população residente foi calculada a partir dos censos civis de 1940 e 1950, sendo extrapolados os valores para 1955, ano da realização da sondagem, numa linha de crescimento contínuo. Contudo, conforme já então foi percebido, as transformações demográficas estavam a surgir nalgumas freguesias da capital naquele período de cinco anos a ritmo superior ao estimado, exigindo uma leitura atenta e cuidada.

Desta forma a Igreja portuguesa respondia ao repto lançado pelo Papa Pio XII, em 1952[70] que conduziria a um interesse crescente pela sociologia religiosa – disciplina que afrontava o regime, ainda que religiosa[71].

---

[68] Falcão, Manuel Franco, "Sondagem à assistência à missa dominical no Patriarcado de Lisboa," *Novellae Olivarum - Revista (...) Seminário de Cristo Rei - Olivais*, ano XIV, número especial, (Jun.-Jul.1956), p.68.

[69] Pela Lei n.º 621, de 23 de Junho de 1916, as paróquias civis deram lugar às freguesias. Desta forma estabelecia-se a diferença entre a divisão territorial civil (freguesia) e a eclesiástica (paróquia), processo já iniciado pela política liberal no séc. XIX.

[70] "(...) ponde-vos de frente perante a situação concreta da vossa Cidade, que também é Nossa, procedei de forma que as necessidades sejam bem averiguadas, as finalidades bem esclarecidas, as forças disponíveis bem descriminadas, de modo que os recursos com que se pode, de início, contar, não fiquem desaproveitados por se ignorarem, nem sejam utilizados de maneira desordenada, nem mal gastos em actividades de segunda ordem."
«Pio XII, o Papa da Pastoral lúcida e realista», *Boletim de Informação Pastoral*, 1959, p.5.

[71] "O regime de ditadura abominava a palavra 'sociologia'. Apesar de uma indesmentida cumplicidade com Salazar, o cardeal Cerejeira providenciou a formação sociológica de vários padres no estrangeiro, autorizou a presença de representantes portugueses, a partir de 1956, em reuniões internacionais de sociologia religiosa e foi o rosto, em Janeiro de 1959, da criação pelo episcopado do Secretariado de Informação Religiosa (SIR)."
Adelino Gomes, «A JUC, o jornal Encontro e os primeiros inquéritos à juventude universitária», *Sociologia,*

2.3.1 Fortes movimentos migratórios do campo para a cidade e o abandono das zonas centrais

Das 332 paróquias que constituíam o Patriarcado de Lisboa, 49 eram na capital. Se na maioria das situações os limites paroquiais eram coincidentes com os das freguesias civis, o mesmo não acontecia aí, facto que dificultou a aferição exacta da população residente em cada uma das paróquias da capital.

O relatório dava ainda conta do desdobramento e da criação de novas freguesias civis que não tinham sido acompanhadas pela criação de novas paróquias. Só na Península de Setúbal tinham sido criadas cinco novas freguesias sem nenhuma ter dado origem a nova paróquia. Este facto era entendido como "sinal de decadência ou estagnação da vida religiosa nas zonas humanamente mais progressivas", exigindo "a criação de novas paróquias, a reforma da divisão religiosa do Patriarcado e o reajustamento entre divisão religiosa e civil"[72].

Para além da divisão administrativa foram recordadas as condições naturais do território, vasto em extensão e marcado pela costa atlântica, pelo Tejo e também pelas serras dos Candeeiros, Montejunto e Montachique, que estabeleciam verdadeiras zonas autónomas, com identidades específicas, ainda que sob a mesma jurisdição administrativa. Identificou o estudo cinco diferentes zonas, até do ponto de vista religioso:

> "zona alta e cristã do nordeste, as duas zonas baixas e frias do Ribatejo (de um e outro lado do rio), a zona marítima e praticante do oeste, e finalmente, a península de Setúbal em franco progresso social mas em baixa religiosa."[73]

Lisboa cidade e os arredores constituíam uma realidade diversa em si mesma, tanto do ponto de vista geográfico como social. De certa forma esta leitura do território e da sua diversidade era igualmente partilhada pelas equipas de arquitectos que por aqueles anos iniciavam também eles o trabalho do Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa.[74]

---

problemas e práticas, nº 49, 2005, p.101.

[72] Falcão, «Sondagem à assistência à missa dominical no Patriarcado de Lisboa». p.71

[73] Ibid. p.71.

[74] A área do Patriarcado de Lisboa, que compreendia o distrito de Lisboa, 1/2 do de Setúbal, 1/3 do de Leiria, 2/3 do de Santarém, tinha correspondência aproximada à designada 'Zona 4 – Estremadura' do Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa, coordenada pelo arq. Nuno Teotónio Pereira. O trabalho

Se a área do Patriarcado era inferior à de qualquer uma das dioceses alentejanas de Évora, Beja ou Portalegre, já a soma das populações destas não chegava à da diocese de Lisboa, estimada então em dois milhões de pessoas, correspondendo à capital 42%. Ao longo da década de 1940 a cidade de Lisboa tinha tido um aumento populacional superior a 230000 pessoas, o que significava um acréscimo semelhante à população residente na diocese de Lamego, ainda assim mais numerosa que as de Bragança, Aveiro e Leiria. Todos estes dados demonstravam o acentuado desequilíbrio na distribuição da população pelo território à escala regional e nacional.

Para lá dos dados estatísticos recolhidos eram feitas interpretações que procuravam explicar as situações identificadas:

1. Para a evolução demográfica no Patriarcado contribuíam os fortes movimentos migratórios do campo para a cidade, o êxodo rural que acontecia à escala mundial, conforme reconhecia no estudo. Se no caso dos Estados Unidos da América a mão de obra agrícola tinha diminuído perto de 50% graças ao processo de modernização das técnicas agrícolas, tal não acontecia, à mesma velocidade, no contexto português. Esta problemática não passou ao lado dos movimentos da Acção Católica e foi temática abordada no I Curso de Sociologia Agronómica promovido pela JUC e JUCF do Instituto Superior de Agronomia, em Março de 1956. O encontro contou com a participação das comunicações do eng. Eugénio de Castro Caldas – 'Problemas da sociologia rural', 'Problemas da modernização da agricultura', e de Ilídio Araújo 'Uma revolução social'. [75]

Percentualmente o proletariado rural português era dos maiores da Europa, correspondendo a 49% da população activa do país. A dura situação em que vivia foi denunciada no relatório desta sondagem, onde foram apresentados os baixos rendimentos dessa classe comparativamente aos das actividades industriais e terciárias: rendimentos "dos mais baixos do mundo civilizado", em "proporções de miséria" foram expressões apresentadas pelo pe. Manuel Falcão, que alertou para o facto da situação ser mais grave que a de Itália, uma vez que percentualmente a população rural

iniciado em 1955 seria apenas publicado em 1961.

[75] cf. Paulo F. Oliveira Fontes, «Denúncia da "miséria imerecida do mundo rural"», em *Elites católicas em Portugal: o papel da Ação Católica (1940-1961)* (Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2011), pp.740-751.

portuguesa era mais do dobro.[76] As condições de vida e a miséria do proletariado agrícola eram tema que vinha despertando o olhar de diversos campos disciplinares [77] e de algum clero e hierarquia eclesiástica – recordem-se os escritos pastorais de D. António Ferreira Gomes, enquanto bispo de Portalegre no dobrar das décadas de 1940 e 1950[78], em linha com as palavras de Pio XII a propósito das reformas agrárias.[79]

> "Ora sociologicamente a nossa situação presente define-se, só se pode definir, por uma palavra – proletarização (...) Não se trata de saber se há hoje maior riqueza pública, não se discute se o crescimento demográfico é uma justificação ou uma compensação (...) Pensando na economia agrária e no meio rural, devemos reconhecer que nunca fomos ricos, éramos uma Nação de 'remediados'; somos hoje um povo de proletários."[80]

Perante este cenário era visto sem surpresas, o caudal humano que procurava melhores condições de vida na cidade.

2. Outra situação identificada foi a variação demográfica dentro de Lisboa dada ao "abandono (ou expulsão) das zonas centrais invadidas pelo comércio e sacrificadas aos progressos da urbanização".[81] O centro esvaziava-se e dava lugar a novas funções. Mais de metade das 43 freguesias de Lisboa tinham revelado uma quebra demográfica no decénio 1940-1950. Perto de 21 500 pessoas tinham saído do centro da cidade - o dobro da população de Santarém naquele período.

---

[76] Falcão, «Sondagem à assistência à missa dominical no Patriarcado de Lisboa», pp.72-73.

[77] Recordem-se, na década de 1930 e 1940, os estudos promovidos pelo Senado Universitário (Universidade Técnica de Lisboa), sob direcção do prof. Lima Basto.

> "Miséria é, pois, a ideia chave que deverá ser retida a propósito do Inquérito à Habitação Rural. Sendo a sua ideia chave, este acento na miséria da habitação rural foi de tal maneira forte que o Inquérito à Habitação Rural não só acabou por ser proibido pelo regime – por isso o 3º Volume, consagrado ao sul do país, nunca foi editado – como foi utilizado nos escritos políticos de opositores ao regime como forma de denúncia do Estado Novo."

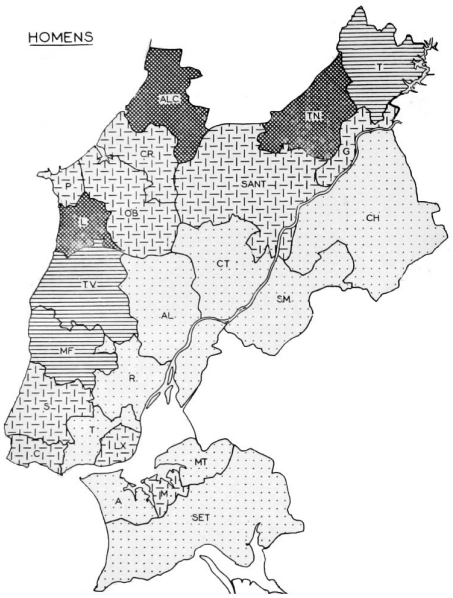
João Leal, *Arquitectos, engenheiros, antropólogos: estudos sobre a arquitectura popular no séc. XX (conferência Marques da Silva 2008)* (Porto: Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva, 2009), p.37.
Em 2012 a Imprensa Nacional - Casa da Moeda conclui a publicação do inquérito, reunindo o material e publicando o 3º volume.

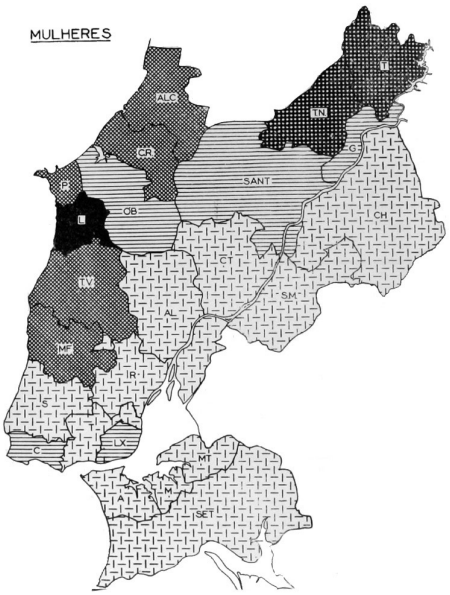
[78] Cf. José Geraldes Freire, «Bispo de Portalegre (1948-1952)», em *Escritos Pastorais de Portalegre (1948-1952)* (Porto: Fundação SPES, 2001), p.16.

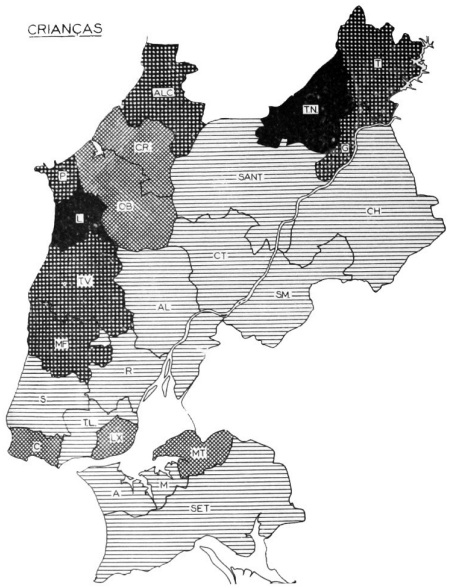
[79] I Congrès Catholique International sur les problèmes de la vie rurale, Salle Clémentine, (Vaticano, 2.Jul.1951)

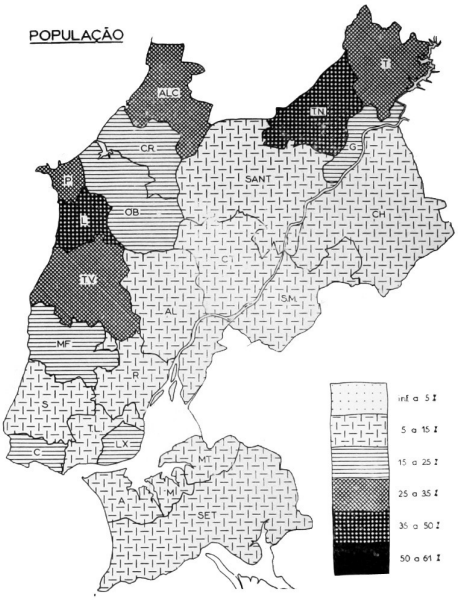
[80] D. António Ferreira Gomes, «A "Miséria Imerecida" do nosso Mundo », *A Voz do Pastor*, ano XXXVII, nº18, (4.Mai.1957), p.3.

[81] Falcão, «Sondagem à assistência à missa dominical no Patriarcado de Lisboa». p.73









"A percentagem dos homens praticantes é metade
da percentagem das mulheres e um terço
da percentagem das crianças. A religião católica em Portugal,
pelo menos no Patriarcado, parece não interessar aos homens.
Mais de 90% não cumpre o preceito dominical."

Manuel Franco Falcão,
«Sondagem à assistência à missa dominical no Patriarcado de Lisboa»,
Novellae Olivarum, (Jul.1956), p.74.

10. Sondagem à prática dominical no Patriarcado (1955)
a. Cartogramas síntese

Por outro lado, os dados recolhidos na fase preparatória da sondagem acusavam, por si só, a situação de desenraizamento em que se encontrava uma parte significativa da população emigrada marcada pela "desorientação social, moral e religiosa". Era pois necessário pensar a "integração dos imigrantes nas novas condições de vida, seu alojamento condigno", problemas que eram partilhados por parte da sociedade civil. À Igreja era pedida uma resposta urgente que se traduzisse numa "pastoral de acolhimento, necessidade duma religião pessoal nas zonas de Cristianismo, importância duma cristianização das zonas em crescimento", conforme revelaria a sondagem propriamente dita. [82]

2.3.2 Assistência e o poder atractivo das 'igrejas novas'

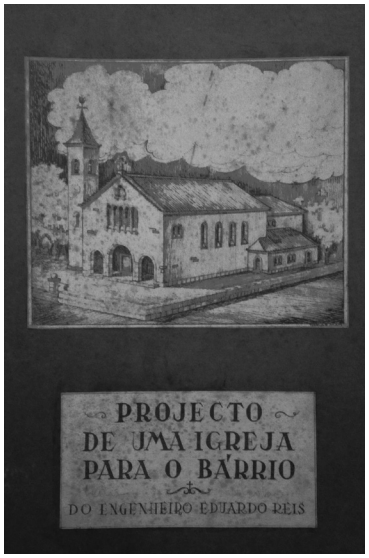
A todos estes dados prévios juntavam-se os recolhidos sobre a assistência à missa dominical, nas 350 celebrações da cidade de Lisboa (100 delas celebradas em capelas públicas ou semi-privadas) e nas 670 do restante Patriarcado. Em termos gerais, na diocese uma em cada seis pessoas cumpria "o preceito de ouvir Missa ao Domingo" [83], aproximadamente 20% da população, na sua maioria feminina. Os diferentes contextos, urbano e rural, interior e litoral, tinham influencia na prática religiosa, conforme foi documentado em cartogramas ilustrados do território abrangido acompanhados de tabelas estatísticas.

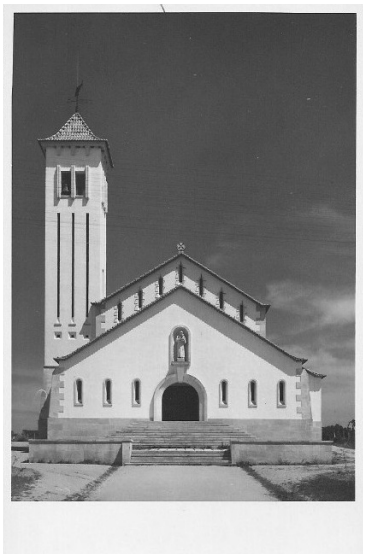
Para além da clara identificação das zonas já referidas, os resultados despertaram a atenção para a situação das margens do Tejo, onde a prática rondava valores abaixo dos 10%, e a população masculina não chegava muitas vezes aos 5%, e nem sequer aos 2% nalgumas localidades. Curiosamente, zonas de decréscimo populacional como as faldas da Serra de Aire, entre Torres Novas e Tomar, eram das que se 'conservam mais cristãs'. A repercussão destas realidades nos quadros familiares da região dificultava a aproximação das crianças à prática religiosa, apesar do investimento de catequização infantil que estava em curso.

---

[82] Ibid. p.73.

[83] Ibid. p.74

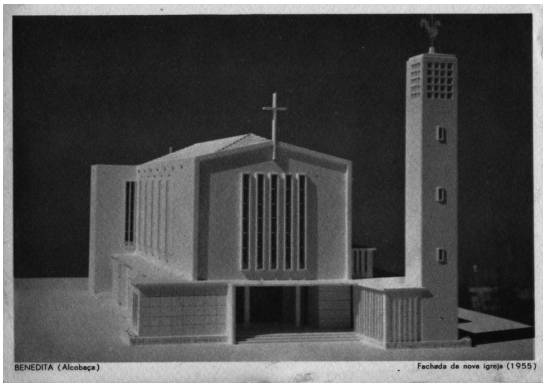






a. b. c.





d. e.

"Não se caminhou para formas arquitectónicas arrojadas
que o nosso povo por certo não compreenderá
e a teimar-se nestes princípios seria a derrocada de uma obra
e de esforços de pessoas mais directamente ligadas a esta inicitiva.
Convém que o povo se sinta bem dentro da sua igreja (...)"

Lucínio Cruz, Memória Descritiva e Justificativa da igreja
em *Jornal Letras e Artes,* (25.Out.1953), p.3.

11. 'as igrejas recentemente inauguradas atraem fiéis'
a. Igreja de S. Gregório Magno (Bárrio - Alcobaça, 1947) eng. Eduardo Alberto Henriques dos Reis
b. Igreja de Santo António (Riachos - Torres Novas, 1949) arq. Ignácio Peres Fernandes
c. Igreja de N.ª S.ra do Ó, Vilar (Cadaval, 1953) autor desconhecido
d. Igreja da N.ª S.ra do Amparo (Silveira - Torres Vedras, 1955) arq. Ignácio Peres Fernandes
e. Igreja da N.ª S.ra da Encarnação (Benedita, 1955) arq. Lucínio Guia da Cruz
Apesar da linguagem moderna adoptada o projecto previu a colocação do 'galo cata-vento' no cimo da torre sineira - um símbolo tão difundido pela propaganda do Estado Novo.

Um olhar mais aproximado à realidade permitiu identificar casos de igrejas paroquiais com uma percentagem praticante acima dos 100%, situação justificada pela mobilidade da população. De facto, as fronteiras das unidades territoriais eram ténues e a população movia-se na sua proximidade, na procura de uma comunidade e/ou de espaço de culto com que mais se identificasse, tal como hoje mais vincadamente se verifica.

Para além da composição das comunidades que testemunhava o desfasamento entre a divisão paroquial e a realidade das comunidades sociais, a novidade trazida pela arquitectura foi identificada como factor polarizador e capaz de atrair fiéis.[84] Sem fazer qualquer crítica arquitectónica e omitindo a autoria dos projectistas, o pe. Manuel Falcão nomeou um conjunto de igrejas onde tal se tinha verificado– entre elas trabalhos dos arquitectos Inácio Peres Fernandes e Lucínio Guia da Cruz.[85] Reconhecido o poder de atração da "novidade" das novas igrejas, fossem elas de linguagem mais moderna ou tradicional, a arquitectura podia ser encarada como instrumento de evangelização. Por outro lado, foi também constatada a importância dos hospitais, sanatórios e estabelecimentos de ensino no aumento da prática religiosa, mostrando que a prática religiosa não estava confinada às realidades paroquiais.

No caso de Lisboa, a paróquia com maior número de fiéis praticantes, a de S. João de Deus, também ela tinha uma nova igreja. A frequência dominical média aproximava-se das 11600 pessoas, estando ao serviço apenas um padre e um coadjutor.

> "Quem visita as igrejas de Lisboa ao domingo fica impressionado com a afluência de fiéis. Devem assistir à Missa em cada domingo cerca de 130000 lisboetas (...) A impressão de grande movimento religioso deriva desta triste realidade: Lisboa tem falta de igrejas nos populosos bairros novos. Tem falta de igrejas e tem falta de Padres (...)"[86]

Os dados recolhidos na capital, comparáveis ao quadro geral do Patriarcado, permitiram ao pe. Manuel Falcão identificar as fragilidades e carências da diocese,

---

84 " E a propósito se chama a atenção para o facto curioso de que as igrejas recentemente inauguradas atraem fiéis em percentagem nitidamente superior à das igrejas vizinhas."
Ibid. p.76.

85 O artigo referia pela seguinte ordem as novas igrejas paroquiais, a que juntamos o ano de inauguração e o seu autor: Benedita (1955, arq. Lucínio Guia da Cruz); Silveira - Torres Vedras (1955, arq. Inácio Peres Fernandes); Bárrio - Alcobaça (1947, eng. Eduardo Alberto Henriques dos Reis); Riachos - Torres Novas (1949, arq. Inácio Peres Fernandes); Vilar - Cadaval (1953, autoria desconhecida).

86 Ibid. p.77.





a.

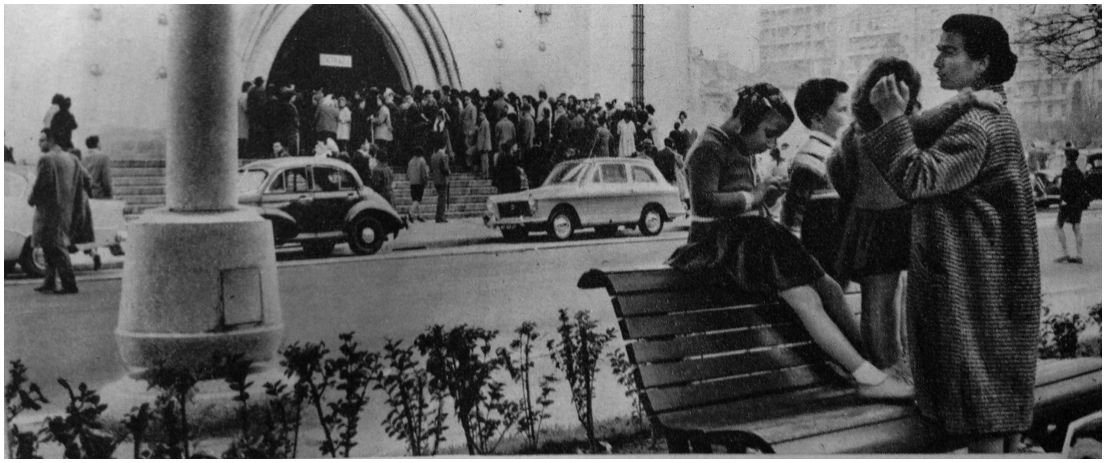




b.

"Portugal is basically a catholic country.
The portuguese are comfortable
enough in their catholic faith,
devotion and respect full.
Sunday is only one day of the week
when they display their religion."

Portugal (1962)



c.

"Domingo, hora da missa.
Um mar de gente invade a modernissima igreja de S. João de Deus.
Templo estruturado segundo as concepções modernas e de aspecto delicado
chama a si a alta sociedade que habita nas modernas avenidas que a circundam."

Victorino C. Martins, «Avenidas Novas»,
Flama revista semanal de actualidade, (20.Jan.1961), p.13.

12. A assistência religiosa - aspectos de 'propaganda' nos filmes e na imprensa

a. Fotogramas 'Introducing Portugal' (1956). *Arquivo TFA*

Mostrando a moderna capital portuguesa, da Alameda à igreja de S. João de Deus.
Modernidade que não se concentrava na capital e que se estendia ao interior do país, conforme comprovavam as grandes obras de infraestruturas promovidas pelo Estado Novo: rede viária, pousadas. 'Tradition in spirit, modern in style' seguiam-se imagens da Estação fronteiriça do Caia - Elvas, vendo-se a população a sair da capela.

b. Fotogramas 'Portugal – Welcome to the world of TWAirlines' (1962). *Arquivo TFA*

Para ilustrar os hábitos e a prática religiosa de um país tradicional foi filmada a saída da missa na basílica da Estrela em Lisboa. Note-se o número significativo de mulheres de véu à cabeça.

c. À saída da missa na Praça de Londres (1960), revista *Flama*

contrariando a imagem que se divulgava de uma cidade de prática religiosa intensa e tradicional.

No contexto de descristianização identificado, a catequese de adultos era vista como prioritária para a reconquista da família, célula base da Igreja.[87] Em jeito de autocrítica, surgia em nota de rodapé do artigo do pe. Manuel Falcão uma referência implícita à necessidade de renovação de práticas e hábitos dentro da própria Igreja, da liturgia à música sacra.[88]

Outro problema interno identificado era o da falta de clero que vinha sendo combatido pela Igreja portuguesa desde a década de 1930 – recorde-se a obra dos seminários lançada pelo cardeal Cerejeira e abordada na sua carta pastoral de 1935. Nessa "Carta Pastoral sobre o problema do Clero" reconhecia já a urgência na "construção de muitas igrejas indispensáveis ao Patriarcado" para "reconstruir a cidade de Lisboa".[89]

De facto o problema da falta de igrejas acompanhou-o e agravou-se ao longo das quatro décadas em que presidiu ao Patriarcado de Lisboa. Se em 1935 Cerejeira falava em 15 igrejas indispensáveis, em 1948 eram já 43 as identificadas[90], e eram 70 igrejas e 115 capelas em 1959[91]. No mês anterior à realização da primeira *Sondagem à assistência*

---

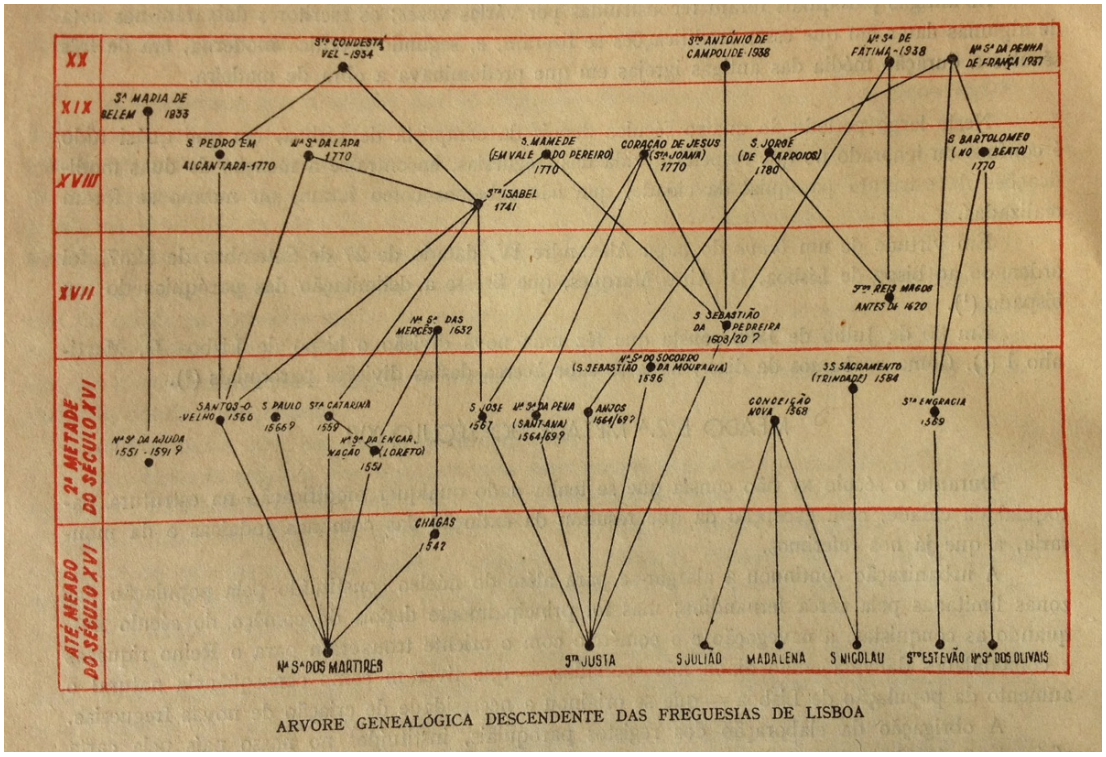
87 "(...) não há catequese que vença plenamente as influências da família, da escola e sobretudo do ambiente de trabalho e da vida social: quem faz o ambiente de trabalho e da vida são os adultos, particularmente os homens"
Ibid. p.78.

88 "(...) a religião católica tal como ela se apresenta aos olhos do homem moderno – sobretudo ao homem das cidades – é coisa que não lhe interessa muito. Quando se ouvem certas pregações, quando assistimos a certas devoções, quando escutamos certos cânticos de Igreja, pomo-nos a pensar se as responsabilidades caberão todas aos homens dos nossos dias".
Ibid. p.78.

89 "Porque haverá ainda que resolver o da criação da Universidade Católica; e da construção de muitas igrejas indispensáveis no Patriarcado (não menos de 15 igrejas, não contamos capelas; basta dizer que há no Patriarcado três vilas, Amadora, Bombarral e Entroncamento, respectivamente com 6.837, 4.385 e 3.794 almas, sem igreja); e das residências paroquiais (disse-Nos o ilustre Bispo de Madrid que havia dotado todas as paróquias da Diocese de residência paroquial, com as ofertas dos fiéis dadas em consequência da separação da Igreja e do Estado); e de quantas obras de acção e vida católicas... Trata-se, como dizia o Crucifixo milagroso a S. Francisco de Assis: de reconstruir a Igreja de Lisboa."
"O mundo inteiro conhece e admira a obra do Cardeal de Paris, que já vai na construção da 87ª igreja e está decidido a chegar às 100, como Nos disse."
Cf. D. Manuel Gonçalves Cerejeira, «Carta Pastoral sôbre o problema do Clero (8.Dez.1935)», em *Obras Pastorais, primeiro volume 1928-1935* (Lisboa: União Gráfica, 1936), pp.161-162 e 163.

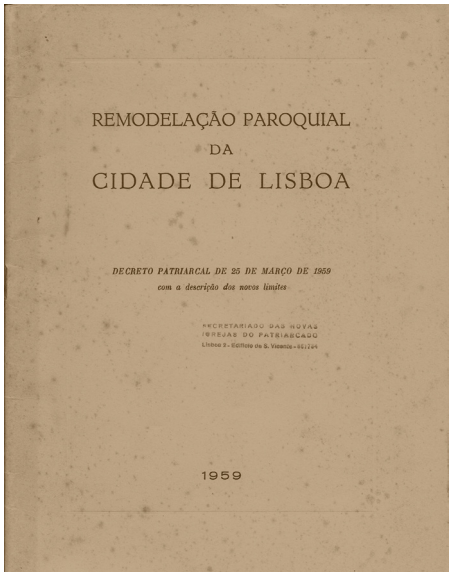
90 Cf. D. Manuel Gonçalves Cerejeira, «Ainda o problema do Clero. Resultados, necessidades, previsões (1.Nov.1948)», em *Obras Pastorais, quarto volume 1948-1953* (Lisboa: União Gráfica, 1954), pp.49-77.

91 Cf. D. Manuel Gonçalves Cerejeira, «Carta Pastoral - O grave problema das igrejas no Patriarcado (15.Dez.1959)», em *Obras Pastorais, quinto volume 1954-1959*, 1960, pp.63-90.



a.





b. c.

13. As freguesias e as paróquias da capital

a. b. As freguesias de Lisboa (1943)

Monografia que retraça a evolução das freguesias da cidade e as transferências territoriais.

c. Remodelação paroquial da cidade de Lisboa (1959)

Decreto Patriarcal com a justificação e delimitação das paróquias de Lisboa.

dominical, em Outubro de 1955, aquando da inauguração da igreja de S. João de Brito (Lisboa), o cardeal voltou ao tema: "Agora o ponto não é ir 'fazer cristandade' em África; o ponto trágico é fazê-la aqui na capital (e seus arredores) desta Nação que dilatou a Fé por todas as partes do mundo"[92].

A sondagem de 1955 permitiu ainda aprofundar o estudo de 14 paróquias da capital onde foram analisadas as frequências e horários das missas dominicais. No final do estudo ficou expressa a vontade de continuar a investigar e aprofundar a matéria na certeza que era necessário alargar as pesquisas a todo o território nacional, à semelhança do que se vinha fazendo noutros países, como em Espanha ou na Alemanha. Assim, já no "quadro de renovação, criado pela eleição de João XXIII, em Outubro de 1958, a Igreja portuguesa dotava-se de um 'organismo de informação e recolha de dados estatísticos' [o SIR – Secretariado de Informação Religiosa], a fim de poder 'fundamentar a acção pastoral numa base de conhecimentos seguros, completos e profundos das situações, das tendências e das forças em jogo que definem em concreto a vida das comunidades.' "[93]

2.4. **Redesenhar limites:**
a remodelação paroquial de Lisboa (1957-1959)

Em 1957, dois anos após a realização da sondagem, deram-se os primeiros passos firmes no desenho do 'Projecto de Divisão Paroquial da Cidade de Lisboa' que resultou na publicação em 1959, do decreto de 'Remodelação Paroquial da Cidade de Lisboa'.[94] O trabalho de reordenamento e criação de novas paróquias espelha as leituras da capital feitas a partir daquela primeira sondagem e constitui a primeira movimentação de uma política integrada que atendia a dois eixos complementares: Urbanismo-Arquitectura; Estado-Igreja. Na sua continuidade seria realizada a "Restruturação Pastoral do Patriarcado de Lisboa", que tardou dez anos até ser concluída, publicada por decreto em

---

[92] Cf. Cerejeira, «As igrejas novas do Patriarcado (2.Out.1955)», p.221.

[93] Gomes, «A JUC, o jornal Encontro e os primeiros inquéritos à juventude universitária», p.101.

[94] D. Manuel Gonçalves Cerejeira, *Decreto patriacal «Remodelação Paroquial da Cidade de Lisboa»*, (25.Mar.1959).

1966.[95] Foram então criadas, pelo decreto patriarcal de 29 de Maio do mesmo ano, três regiões pastorais: Lisboa, Santarém e Setúbal. Estas últimas duas acabariam por ser destacadas dando origem a dioceses independentes, no ano de 1975.

O processo conjunto de Revisão Administrativa (realizado no âmbito do Plano Director de Urbanização) e de Remodelação Paroquial integrou técnicos da Câmara Municipal de Lisboa, o eng. Tomás Eiró e o arq. Vasco Geraldes Cardoso, e o pe. Manuel Falcão do Patriarcado de Lisboa. O decreto de lei que promulgou a revisão administrativa reconhecia que a reforma paroquial era das mais profundas alguma vez realizadas na capital, na procura da correspondência perdida entre a divisão civil e eclesiástica[96]. Ainda que se procurasse um acerto de dimensão das paróquias e freguesias, o valor de referência ideal não era partilhado por ambas as entidades. Apesar dos constrangimentos no número de padres, foi valorizada a ideia de comunidades com dimensão mais reduzida e, portanto, algumas freguesias foram desdobradas em duas paróquias.[97]

O relatório preliminar, de 16 de Agosto 1957, revela a complexidade dum problema que atravessava diversas escalas de intervenção. Os estudos iniciais contemplavam uma análise individual, paróquia a paróquia, descrita em diversos parâmetros: enquadramento histórico da fundação (sobre a criação e orago), linha de delimitação proposta (leitura da fronteira territorial), população (dados estatísticos recolhidos e previsões futuras) e lugares de culto (capelas e igrejas, existentes e propostas) para além das observações (leitura crítica da situação e proposta pastoral). Os limites das novas paróquias a constituir foram assim cuidadosamente justificados, considerando factores geográficos, demográficos, económico-sociais e históricos, que

[95] O trabalho esteve a cargo da "Comissão Preparatória da Reestruturação pastoral do Patriarcado de Lisboa", constituída a 18 de Abril de 1966 pelos padres Felicidade Alves, José Mendes Serrazina, Álvaro Proença, Manuel Branco e presidida pelo cónego Manuel Falcão.
Cf. pe. Luís Azevedo Mafra, *Lisboa no tempo do Cardeal Cerejeira* (Centro de Estudos de História Religiosa, 1997), pp.88-89.

[96] "(...) deixou de haver correspondência no que diz respeito ao número de freguesias (43) e paróquias (49), (...). Tal facto, não deixa de ter os seus inconvenientes de ordem prática, nomeadamente na organização e transcrição dos processos de casamentos canónicos, que por força da Concordata, têm efeitos civis."
Decreto-lei nº 42 142 do Ministério do Interior, Direcção-Geral de Administração Política e Civil, (7.Fev.1959).

[97] As freguesias civis desdobradas em duas paróquias foram: Prazeres, Nossa Senhora de Fátima, Campolide, Alvalade, S. Jorge de Arroios, S. João, Beato e Santa Maria dos Olivais.

influenciavam o comportamento espiritual das comunidades humanas conforme escreveu o pe. Manuel Falcão no outono daquele ano.

> "Assim, interessará (...) olhar para os indivíduos, não como seres isolados e desintegrados dos diversos meios, mas vivendo num mundo complexo, de que são em grande parte produto e construtores.
> Estas influências têm origem em vários factores que no seu conjunto podem definir uma comunidade humana." [98]

Uma leitura deste relatório permite reconhecer as transformações urbanas que estavam em curso na capital, com a desertificação do centro e o crescimento da periferia. Estas transformações tiveram uma implicação directa na revisão do traçado da estrutura eclesial e na eleição dos equipamentos que desempenhassem a função de sede paroquial, fossem eles construídos de raiz ou não.

2.4.1. Dimensionamento

Em 1950, a população média por freguesia de Lisboa era de 18500 habitantes, valor muito acima dos 5000 habitantes que constituíam a unidade-tipo da paróquia urbana, apresentada pelo padre francês Paul Winninger no estudo sobre a construção de igrejas, dimensões paroquiais e as contradições do apostolado nas cidades.[99] Este estudo, publicado em livro em 1957, foi referido por Cerejeira como um 'grito de alarme' na carta Pastoral de Dezembro de 1959, apresentada naquele ano após finalizado o processo de remodelação paroquial em que recordou aquele valor indicativo de habitantes por paróquia e alertou para a necessidade de se considerarem as comunidades naturais. [100]

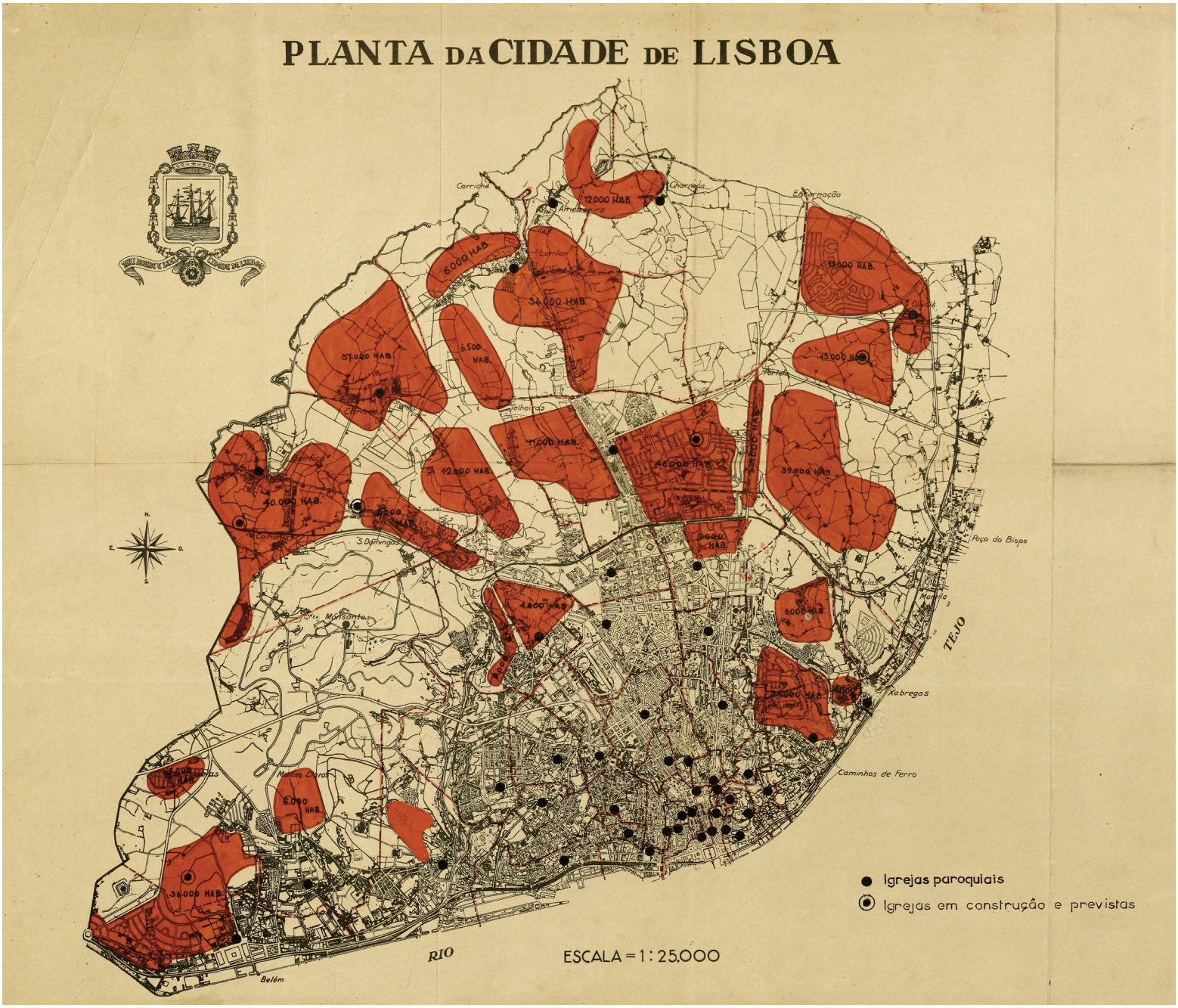
---

[98] Falcão, «Factores de influência no comportamento espiritual das comunidades humanas», pp.249.

[99] O valor proposto por P. Winninger para paróquias urbanas era extensível até aos 8000 habitantes, de modo a garantir a eficácia pastoral desejável.
Paul Winninger (Than-França, 1920-) ordenado em 1944 em Auvergene onde estudou teologia. Foi professor de filosofia em Strasbourg-Robertsau em Walbourg.
Cf. Paul Winninger, *Construire des églises: les dimensions des paroisses et les contradictions de l'apostolat dans les villes* (Paris: Les Editions du Cerf, 1957).

[100] A obra de P. Winninger publicada em 1957, a propósito da construção de igrejas, dimensões paroquiais e as contradições do apostolado nas cidades teve eco na carta pastoral do Cardeal Cerejeira de 1959 "O grave problema das Igrejas no Patriarcado de Lisboa". Citou então Cerejeira parte das conclusões do pe. P. Winniger:

> "Construir igrejas não resolve nada imediatamente, mas permite esperar tudo, empreender tudo, sair da rotina e do círculo vicioso das contradições mortais. (...) Nenhuma *técnica moderna***,** nem o



"A elaboração do Plano Director da Urbanização de Lisboa deu-Nos a oportunidade de pôr o problema da divisão paroquial da Nossa Cidade em moldes mais vastos. Com efeito só um plano desta natureza permitiria olhar, não apenas para a situação presente, mas encarar com segurança o futuro, e prever desde já as linhas gerais da divisão da cidade quando, completada a urbanização prevista para a actual área citadina, a Capital contar 1.100.000 habitantes."

Decreto Patriacal «Remodelação Paroquial da Cidade de Lisboa», (25.Mar.1959), p.4.

14. Reorganizar as comunidades da cidade tendo em conta as previsões de crescimento

a.Planta de síntese (1959). *Arquivo AML*

A planta contém os limites finais do trabalho realizado de revisão administrativa.

O problema do dimensionamento paroquial vinha já sendo estudado pela sociologia religiosa, em particular pelo pe. Manuel Falcão que acompanhava as investigações da Conférence Internationale de Sociologie Religieuse (CISR).[101] Integrar "a paróquia na estrutura ecológica da cidade moderna" e não reduzir o planeamento religioso à "localização de lugares de culto e delimitação das paróquias" eram reflexões que em meados da década de 1950 tinham já eco em Portugal, através da revista *Novellae Olivarum* do seminário dos Olivais, onde se liam relatos do contacto do clero português com as diversas investigações estrangeiras:

> "(...) a cidade, ao contrário do que se julgava, não é um mundo anónimo e disforme, mas a justaposição de uma série de mundos sociais, com as suas leis próprias de existência. A paróquia na concepção tradicional corresponde a uma certa fase do desenvolvimento social da sociedade urbana, hoje completamente ultrapassada. Tal concepção repousa na ideia de uma comunidade integrada ou duma família agrupada em torno do seu chefe, ideia que não passa hoje de ficção nas grandes cidades. É necessária uma adapatação da paróquia às novas condições ecológicas do mundo urbano (...)"
>
> "Um projecto completo de planificação paroquial numa cidade inclui dois aspectos: 1º, a planificação geográfica (localização de lugares de culto e delimitação das paróquias) atendendo aos factores geográficos, demográficos,

---

impresso nem o filme; nenhuma *fórmula*, nenhuma reunião, nem de bairro nem de casais; nenhum *conhecimento*, nem inquérito, nem sondagem; nenhuma *presença*, nem na oficina nem no sindicato; nenhum empreendimento, nem temporal nem espiritual; nenhuma acção, nem católica, nem política; nenhuma *intervenção*, nem diplomática nem parlamentar; nenhuma reforma, nem litúrgica nem disciplinar; nenhuma *missão*, nem regional nem local; nenhuma *arte*, nem sagrada nem profana; nenhuma *cerimónia*, nem solene nem íntima; nenhuma *pregação*, nem kerigmática nem bíblica; nenhum *movimento*, nem de jovens nem de adultos; nenhuma *beneficência*, nem em géneros nem em dinheiro; nenhuma *santidade* mesmo, nem activa nem contemplativa, conseguiram penetrar nem penetrarão jamais as massas urbanas se nos não submetermos primeiro à natureza das coisas, isto é, ao estabelecimento desses grupos naturais, necessariamente limitados sob pena de cessarem de ser naturais, que são eficazmente, desde há perto de 2000 anos de cristianismo, as paróquias".

E reflectiu:

> "O problema é especificamente urbano. Qual a escala de uma paróquia citadina? Winninger estabelece 5000 almas a unidade-tipo da paróquia urbana. Disse unidade-tipo, porque seria erro converter uma dimensão humana em problema matemático. Variarão as circunstâncias, e daí uma certa elasticidade. (...) A unidade tipo de 5000 não é rigorosamente a ordem de grandeza da paróquia, mas antes, como explica o mesmo autor, a de um grupo humano sobre o qual pode irradiar eficazmente um lugar de culto servido por um ou vários padres".

Cerejeira, «Carta Pastoral - O grave problema das igrejas no Patriarcado (15.Dez.1959)». pp.63-64 e 69-70.

[101] Em 1956, quatro representantes do Patriarcado de Lisboa e dois da diocese de Vila Real participaram na 5ª Conferência Internacional de Sociologia Religiosa (Lovaina, 31.Ago a 2.Set.1956), promovida pela CISR fundada por Jacques Leclercq (1891-1971), em Lovaina no ano de 1948. A natureza internacional destes encontros levou a que se realizassem em diferentes países onde a sociologia religiosa era estudada: Holanda (Bredá, 1951), França (La Tourette, 1953), Itália (Bolonha, 1959). Para além do problemas das vocações religiosas, a 5ª Conferência abordou os temas: estudo da planificação de paróquias urbanas, estudo das paróquias rurais. A propósito das paróquias urbanas foram convidados o professor húngaro da Universidade de Lovaina, Denis Szabo (1929-), o professor da universidade de Loyola de Nova Orleães o pe. Joseph Fichter sj. (1908-1994) e o director do Centre de Recherches Socio-Religieuses de Bruxelas, o pe. François Houtart, (1925 -) - referências no ensino da sociologia religiosa no Seminário dos Olivais.

económicos, sociais, etc., sem menosprezar as perspectivas históricas; 2º, a planificação da acção paroquial quer no plano local, quer no plano da zona quer no plano mais vasto de toda a cidade." [102]

Em 1952 o papa Pio XII já tinha considerado sobrecarregadas as paróquias com mais de 10000 habitantes. Perante situações de 12000 habitantes a Comissão Central para a Arte Sacra Italiana sugeria a divisão paroquial. Paróquias de 15000 almas, nas palavras de Winninger citado pelo cardeal Cerejeira, eram "monstros" e "agentes de descristianização".[103] Cerejeira declarava "a luta contra as megalópoles" e desta forma seguia as práticas dos cardeais das grandes cidades europeias. Práticas dele bem conhecidas e que foram nomeadas no discurso em que reconheceu a importância dos planos de construção de igrejas, nomeadamente em Paris (cardeal Verdier – *Chantiers du Cardinal*), Milão (cardeal Montini – *Comitato pro Templi Nuovi*) e Bruxelas (cardeal Van Roy – *Domus Dei*), e das soluções de emergência desenvolvidas por arquitectos em Bolonha.

No plano que se começava a traçar para Lisboa o objectivo último era que as paróquias não ultrapassassem o valor médio de 14000 habitantes. Foram considerados os dados de inquéritos camarários assim como a previsão da distribuição da população na cidade de Étienne de Gröer, realizada em 1948. O valor de referencia de 14000 habitantes poderia baixar numa fase posterior do estudo, recorrendo a "capelas satélite" espaços de maior eficácia para verdadeiras comunidades missionárias, espaços de menor dimensão do que as paróquias, a que Cerejeira aludiria em 1959.

> "Há certo preconceito contra as capelas. São acusadas de causarem a desagregação das paróquias. Outras razões se poderiam aduzir, válidas para muitas capelas tais como hoje funcionam. Mas o que se pergunta é se uma paróquia excessiva pode realizar a sua missão, e se um vicariato não faz o que ela deixa fazer, isto é, levar a Igreja ao povo, que não vem a ela, introduzi-la no meio dele."[104]

---

[102] Manuel Franco Falcão, «5ª Conferência Internacional de Sociologia Religiosa», *Novellae Olivarum - revista dos alunos do seminário de Cristo Rei - Olivais*, ano XIV, nº135, (Out.1956), pp.140-141.

[103] "'Paróquias de 15000 almas, dirá Winniger, são monstros'. As megalópoles contemporâneas tornaram-se 'agentes de descristianização'.
A luta contra as megalópoles.
O escândalo da descristianização e o sentido duma pastoral missionária obrigaram a lutar, em toda a parte, contra tais paróquias gigantes, construindo igrejas. Impôs-se a verdade que 'construir igrejas é plantar a Igreja'."
Cerejeira, «Carta Pastoral - O grave problema das igrejas no Patriarcado (15.Dez.1959)», pp.70-71.

[104] Ibid.77.

2.4.2. Delimitação

Na realidade a capital era constituída por comunidades muito diferentes ao nível da composição humana e do tecido social, mas também ao nível da dimensão e dos territórios ocupados, zonas urbanizadas e zonas de ocupação clandestina.

Assim sendo, procurou-se "delimitar a área das paróquias: pelas divisões naturais ou urbanísticas de forma a cada uma poder realizar, quanto possível, o ideal de comunidade humana e cristã".[105] Estes critérios foram também partilhados pela reforma administrativa que para a constituição de freguesias "procurou comunidades definidas por uma população socialmente homogénea e não muito numerosa, habitando em área naturalmente delimitada e dotada dos serviços públicos mais comuns (escolas, igreja, etc.)."[106]

Para além das barreiras naturais e de infraestruturas, como acidentes topográficos e eixos viários, foram também consideradas as condicionantes de natureza social, dando preferência à homogeneidade face à diversidade social na construção da cidade. As paróquias, tal como as freguesias, perderiam assim alguma da sua riqueza social. Ainda que fosse já reconhecido que a vizinhança de residência não era o único laço que ligava os indivíduos:

> "Nas grandes cidades até a vizinhança é de importância relativamente secundária. Há afinidades ideológicas e psicológicas mais fortes que ligam os indivíduos de modo a constituírem várias comunidades (...)"[107]

As 49 paróquias existentes à data de início do estudo deram lugar à criação de 61, tendo em vista um total de 89 após desdobramentos previstos. O plano de 1959 foi sendo revisto e adaptado durante as décadas seguintes, de acordo com o crescimento urbano verificado mas o objectivo das 89 paróquias previstas não chegou a ser concretizado na sua totalidade.[108]

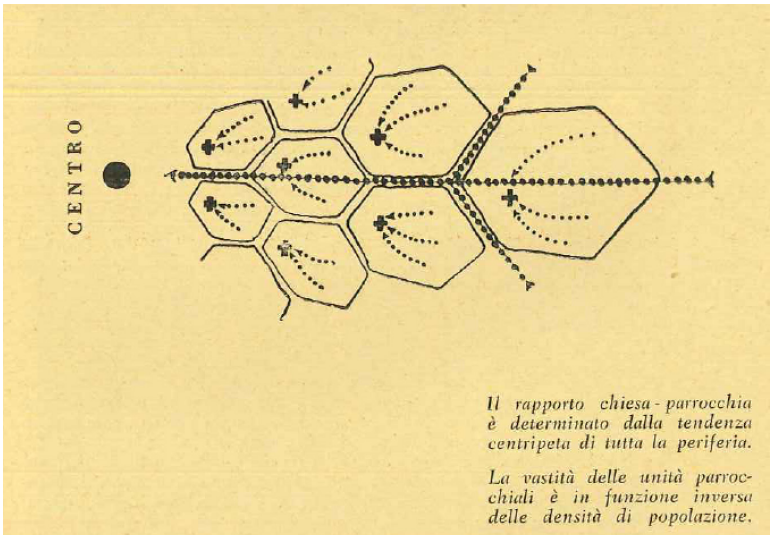
---

[105] Cerejeira, Decreto patriacal de 25 de Março «Remodelação Paroquial da Cidade de Lisboa». p.4

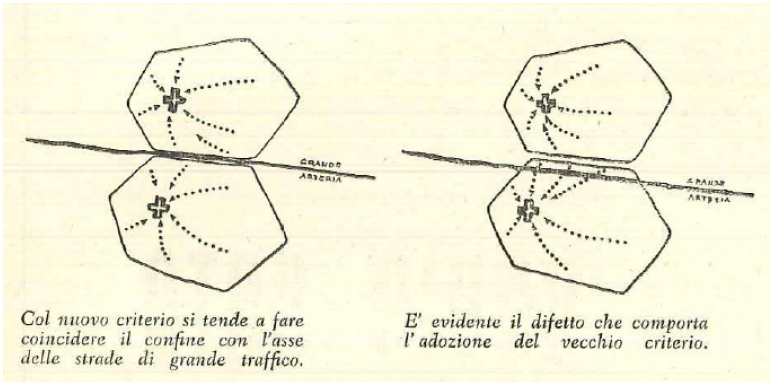
[106] Decreto-lei no 42 142 do Ministério do Interior, Direcção-Geral de Administração Política e Civil, (7.Fev.1959).

[107] Falcão, «Factores de influência no comportamento espiritual das comunidades humanas», p.253.

[108] O confronto da previsão do plano e a efectiva evolução da cidade e das comunidades levou D. José Policarpo, cardeal de Lisboa, a decretar em 2011 a extinção de quatro paróquias do plano de 1959 – Coração de Maria, S.ta Teresa do Menino Jesus ao Alto do Pina, N.a S.ra das Dores e S.to Anjo de Portugal – por nunca terem tido existência autónoma. Na actualidade há 71 paróquias da capital, distribuídas por quatro vigararias.



a.



b.

" Procurou-se (...) delimitar a área das paróquias pelas divisões naturais ou urbanísticas de forma a cada uma poder realizar, quanto possível, o ideal de comunidade humana e cristã. Dentro dessa área procurou-se que fosse garantida, além do apetrechamento indispensável à vida humana, constituído por escolas elementares e centros de pequeno comércio e diversões, a existência duma igreja paroquial convenientemente localizada a menos de 10 minutos de caminho a pé."

Decreto Patriarcal «Remodelação Paroquial da Cidade de Lisboa», (25.Mar.1959), pp.4-5.

15. 'Como nasce uma paróquia'
a. b. Esquemas de Glauco Gresleri publicados na revista *Chiesa e Quartiere* (1956)

Recorde-se que algumas das antigas freguesias de Lisboa tinham mudado de nome durante a 1ª República, perdendo a identidade de natureza religiosa. Na reforma do mapa administrativo civil de 1959, alguns dos nomes de oragos foram recuperados nas freguesias do centro cidade, reforçando o "respeito pela tradição" e identidade histórica de matriz cristã do Estado Novo.[109] Situação também reproduzida nalgumas freguesias nas zonas de expansão, que adoptaram o nome dos oragos das paróquias então criadas.[110] A escolha dos oragos atribuídos às novas paróquias é representativa da diferenciação e segregação social vigente. Terá havido a preocupação de a escolha do orago se ajustar à identidade da comunidade a que se destinava. Assim, aos nomes dos nobres santos escolhidos para os bairros de Campo de Ourique (1934, Santo Contestável) e de Alvalade (1955, S. João de Brito), juntar-se-iam Santa Joana Princesa para Lagares d'el Rei e S. Francisco Xavier para o Restelo. Por sua vez, nas paróquias mais pobres procuraram-se invocações a São Vicente de Paulo (bairros da Serafina e Liberdade), aos santos de tradição mendicante medieval, São Francisco e Santa Clara (lado nascente e poente do Vale Escuro)[111] e a santos italianos dos fins do séc. XIX, provenientes de meios humildes ou que trabalharam com as classes mais desfavorecidas, S. João Bosco para o Casal Ventoso e Santa Maria Goretti para o Alto do Pina.[112]

---

109 "(...) as denominações de algumas das antigas freguesias, aliás alteradas já neste século, regressam às denominações originais, numa intenção de respeito pela tradição. As das freguesias agora criadas foram estabelecidas no respeito por este (...) critério."
Decreto-lei nº 42 142 do Ministério do Interior, Direcção-Geral de Administração Política e Civil, (7.Fev.1959), p.146.

110 Veja-se a correspondência de nome entre as já criadas paróquias N.ª S.ra de Fátima (1938), Santo Condestável (1934), S. João de Deus (1953) e S. João de Brito (1955) e as respectivas freguesias civis criadas em 1959. A esta lista juntaram-se os nomes coincidentes das novas freguesias e paróquias de São Francisco Xavier, S. Domingos de Benfica e S. João. A maioria das freguesias criadas em 1959, sete das doze, adoptaram os nomes dos oragos das paróquias correspondentes.

111 "O orago que se propõe para esta paróquia é o de São Francisco de Assis. Se for aprovado, bem como o de Santa Clara para a paróquia vizinha, ficam as duas paróquias fronteiriças do Vale Escuro sob o patrocínio de dois santos de almas gémeas, ambos com culto entre nós."
«Projecto de divisão paroquial da cidade de Lisboa [paróquia de São Francisco de Assis]», *Arquivo SNIP*, (16.Ago.1957), p.s/n.
Apesar de equacionada no relatório preliminar de 1957, a paróquia de Santa Clara não chegou a ser criada. A de São Francisco, por sua vez, só em 2002 viu inaugurado o complexo paroquial projectado por João Mota Guedes.

112 A proposta de criação das paróquias de S. João Bosco e de Santa Maria Goretti não chegou a ser concretizada. A primeira reunia a população do Casal Ventoso, nas proximidades das Oficinas de S. José - estabelecimento de ensino inaugurado em 1909, já sob direcção de Salesianos. Foi aí construída posteriormente a igreja de N.ª S.ra Auxiliadora (1962), actual sede paroquial dos Prazeres, segundo projecto de João Simões.
A paróquia do Alto do Pina serviria uma população "de nível social médio, mais pobre na zona mais alta e mais perto da [futura] igreja, e mais rica à medida que nos afastamos para a zona mais baixa de Almirante Reis." O terreno reservado à construção da igreja foi considerado 'não ideal' "por ficar numa zona já bastante alta e circundada por casas pobres que lhe darão fraco enquadramento!"



16. O património religioso existente - identificação das áreas de influência
a.Planta de trabalho (c.1957). *Arquivo SNIP*
Contém anotações do cardeal Cerejeira

2.4.3. A localização das igrejas

Em Lisboa o património religioso edificado na cidade era numeroso: concentrado no centro, disperso e raro na periferia que se encontrava em franca expansão. Do processo existente no Patriarcado consta uma carta de trabalho à escala 1:10000 da cidade com a identificação de igrejas e capelas, que graficamente traduz esta leitura – a cada igreja ou capela corresponde o centro de uma circunferência correspondente a uma áreas de afectação num raio de 500 metros, equivalente a uma distância possível de percorrer em 10 minutos. Este exercício um pouco abstracto, porque não considerava acidentes topográficos, tornou evidente a distribuição do património e as áreas não cobertas pela rede de igrejas – o centro sobredotado e a periferia carente de igrejas.

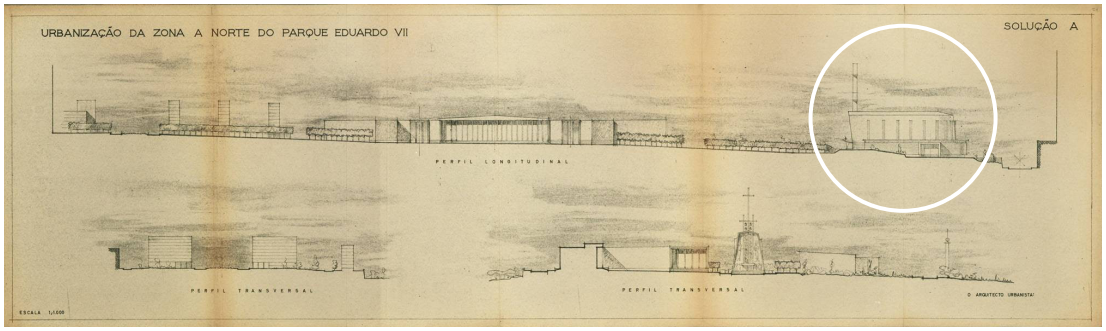
Mais do que uma posição geométrica central rigorosa face a um território abrangido, procurou-se que as igrejas paroquiais fossem 'centros de gravidade' da vida das comunidades, sendo valorizadas nalguns casos a proximidade a outros equipamentos urbanos de natureza não religiosa, como escolas, juntas de freguesia, zonas comerciais, etc.

A pasta síntese do projecto, datada de Abril de 1959, define a posição pretendida para 18 novos templos a construir na cidade de Lisboa, nas décadas seguintes.[113] Para além de identificados os terrenos numa planta da cidade, à escala 1:12500, a localização detalhada era feita à escala 1:1000. A pasta organiza extratos de plantas (algumas fruto de estudos de urbanização, outras não) em que se sobrepunham formas hipotéticas de igrejas, procurando demonstrar a viabilidade dos terrenos escolhidos. A acompanhar os extratos, uma breve nota escrita, identificando proprietários dos terrenos, condicionantes locais. Na introdução lia-se:

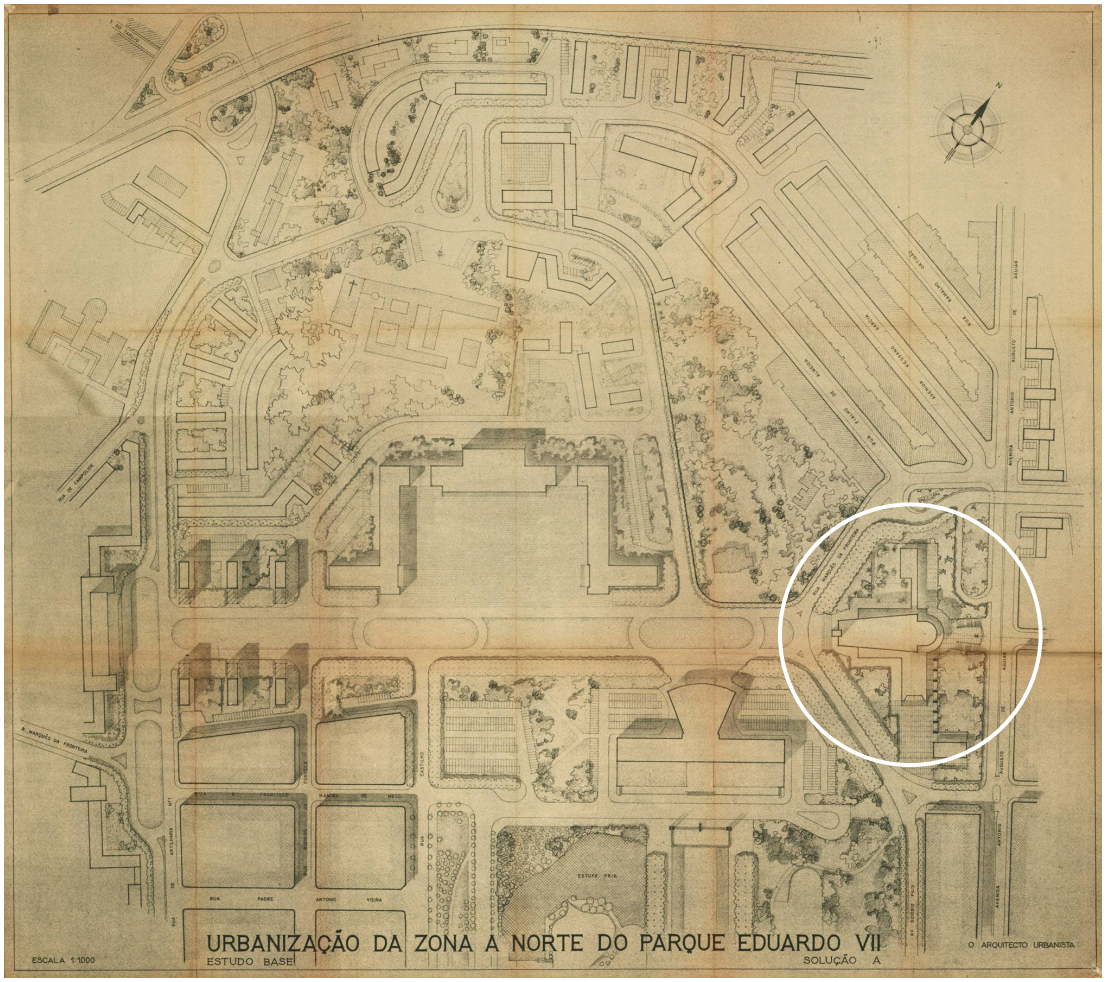
> "Tendo presente que não era indiferente, dentro dos limites de qualquer das Paróquias, a localização do terreno, procurou-se que a sua posição, em relação ao aglomerado urbano que o templo iria servir, fosse de modo a proporcionar percursos equivalentes a percorrer.

«Projecto de divisão paroquial da cidade de Lisboa [paróquia de Santa Maria Goretti]», *Arquivo SNIP* 1(6.Ago.1957), p.s/n.

113 Terrenos estudados: N.ª S.ra do Carmo, N.ª S.ra dos Prazeres, S. Gabriel, N.ª S.ra do Restelo, S. Francisco Xavier, N.ª S.ra das Dores ao Rego, S.to António de Campolide, S. Vicente de Paulo*, S.tos Apóstolos, Sagrada Família, S.ta Joana Princesa*, Coração de Maria, S. João Apóstolo, S. Francisco de Assis, S.ta Clara, S.ta Teresa do Menino Jesus, Espírito Santo, S. Domingos de Benfica*.
As soluções assinaladas com * foram construídas.



a.



b.

17. Urbanização da zona norte do Parque Eduardo VII (1957-1958) coord. arq. João Faria da Costa *Arquivo AML*
a.b. Perfis e plantas do estudo
Assinalada a igreja prevista a rematar a alameda.

> Sobretudo nas paróquias mais densamente construídas não foi sempre possível corresponder inteiramente a uma localização ideal pois que os terrenos livres ou de fácil expropriação nem sempre abundavam."[114]

De certa forma aplicavam-se os princípios de urbanismo em voga, atribuindo a cada zona da cidade diferentes edifícios públicos, organizados de acordo com a sua natureza e dimensão, tal como escreveu o urbanista Étienne de Gröer no Boletim da Direcção Geral dos Serviços de Urbanização do MOPC, em 1945:

> "Há uma categoria de edifícios públicos, dos quais cada um serve por si só, uma cidade inteira, tais como a Câmara Municipal, o Tribunal, a Sé, o Correio Central, um Ministério, uma grande administração qualquer, etc. É vantajoso dispô-los em redor de uma praça ou de um jardim público, de maneira que formem, no seu conjunto, o Centro Cívico da cidade (como o Terreiro do Paço, por exemplo)."[115]

Valerá a pena referir neste contexto o 'Arranjo da zona do alto do Parque Eduardo VII' (1957-1958), que à data do plano de redimensionamento que temos vindo a analisar, estava a ser estudado por Faria da Costa. O plano "constitui uma solução exploratória, sem consequências práticas, para uma zona simbólica da cidade. A proposta centrava-se sobre o programa de um palácio de justiça monumental (que implicava a demolição da Cadeia Penitenciária), propondo um considerável número de blocos de habitação" a edificar no lado poente. Interessa-nos salientar que as folhas deste processo, com duas variantes desenhadas, consideravam também a construção do palácio da cidade a rematar o cimo do parque, como vinha sendo defendido e explorado por Keil do Amaral na segunda metade da década de 1940. A estes edifícios públicos com programas pensados à escala da urbe e com linguagens arquitectónicas partilhadas, somar-se-ia uma igreja a rematar o topo nascente da alameda que estruturaria toda a composição – assim documentam algumas folhas do processo. A implantação da igreja, a construir sobre o limite da paróquia de S. Sebastião da Pedreira e de costas voltadas sobre o seu território administrativo de influência, a par do seu desenho e escala sugerem uma grande afinidade com os Palácios da Cidade e da Justiça procurando formar com eles um novo Centro Cívico Monumental ainda que com uma linguagem arquitectónica diferente da dos edifícios habitacionais do lado oriental do parque que,

---

[114] Geraldes Cardoso, «Terrenos para as igrejas das novas paróquias de Lisboa » (Lisboa: CML Gabinete de estudos de urbanização, Abr.1959).

[115] Étienne de Gröer, «Introdução ao urbanismo», em *Boletim da Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização*, vol I (Ministério das Obras Públicas e Comunicações, 1945-1946), p.71.

segundo António Lopes Ribeiro, tinham "o estilo monumental da Lisboa de hoje, que já não envergonha ninguém".

De certo modo o estudo parecia responder ao desafio lançado por Regaleira às autoridades municipais em 1954:

> "Onde construir, pois, a nova Basílica Patriarcal da nossa Era, da Era de Salazar? Falta à Lisboa moderna, à Lisboa do Estado Novo, a Patriarcal que no centro da cidade seja o seu coração, dê expressão Cristã ao aglomerado citadino, defina o sentido da nossa civilização e cultura , dê esplendor espiritual à cidade. Ele orador crê que nenhum lugar seria mais adequado para este fim, do que o alto do Parque Eduardo VII, ao lado do futuro Palácio da Cidade. A grandiosidade da paisagem, entre a Lisboa antiga e moderna, a magnífica perspectiva da avenida, a ligação com a velha Sé e o Castelo de S. Jorge, a posição central e a facilidade de comunicações, tudo parece conjugar-se para eleger este local como único para construção do novo Monumento, que com o palácio da cidade formaria um conjunto grandioso."[116]

O conjunto planeado no final da década de 1950 não foi construído - nem igreja, nem basílica, nem sé catedral.[117]

Na documentação preparatória do plano de redimensionamento paroquial não é explícita a localização da nova Patriarcal na cidade[118] contudo houve a preocupação de tornar claro "que o problema da Catedral se poderá pôr independentemente da construção de uma igreja paroquial". No caso de S. Sebastião da Pedreira havia já em meados de 1950 a aspiração dos paroquianos à construção de uma nova igreja paroquial, projecto que seria desenvolvido por Nuno Teotónio Pereira e Nuno Portas já na segunda metade da década de 1960. O projecto inverteria as premissas do estudo de

---

116 «Acta nº213 reunião da Câmara 22.Jul.1954» (Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1954), p.4.

117 "No âmbito de um protocolo de 1981, o município e o Patriarcado tinham acordado na construção de uma nova Catedral, a 'Basílica de Santo António das Comunidades', que ficaria situada no Alto do Parque Eduardo VII [lado poente]. Posteriormente aventou-se a hipótese de construir a nova Catedral na Alta de Lisboa. A localização da nova Sé esteve, depois, prevista para a zona do Parque das Nações. (...)Ao longo dos anos enquanto Cardeal-Patriarca, D. José Policarpo foi deixando claro que 'o projecto de uma nova Catedral é um projecto de gerações' que não se deveria menosprezar. O abandono do projecto no Parque Eduardo VII foi justificado por razões pastorais (não são necessários mais templos naquela zona da cidade, que não está em expansão) e D. José sempre manifestou o desejo de que a nova Sé seja um templo integrado na cidade do futuro, que responda a necessidades pastorais concretas e que "mantivesse um diálogo com o rio"."
Os argumentos apresentados para o abandono do projecto (do arq. Ressano Garcia, 198-) reflectem a sensibilidade de D. José Policarpo, formado no Seminário dos Olivais na década de 1950 atento à renovação litúrgica e pastoral. Em 2002 o Patriarcado inauguraria no Parque Eduardo VII um estacionamento subterrâneo cuja receita seria destinada à construção da nova catedral.
Cf. «Catedral de Lisboa com vista para o Tejo», *Agência Ecclesia*, 2005.

118 Nos relatórios preliminares de redimensionamento paroquial (1957) foi apontada a hipótese da nova catedral ser construída às Laranjeiras.

1957, voltando a igreja para comunidade, para o bairro buscando menor presença simbólica, maior sentido de serviço.

> "Há outros [equipamentos], que devem ser espalhados bastante regularmente sobre toda a área urbana, tais como – as escolas, as estações secundárias dos CTT, as igrejas paroquiais, os postos dos bombeiros, os dispensários, etc. Mas mesmo estes podem ser agrupados nos seus respectivos bairros, de maneira a constituir conjuntos arquitectónicos e centros secundários, muito cómodos para os habitantes." [119]

2.4.4. Património existente e proposto

À criação de novas paróquias esteve muitas vezes associada a construção de novas igrejas. Provisoriamente, enquanto as novas sedes paroquiais não foram construídas, foram sendo ocupadas igrejas de antigos conventos e colégios religiosos, ocupação que se prolongou em muitos casos até aos dias de hoje, tal como acontecera no final da década de 1930 aquando da criação das paróquias de Penha de França (1937) e de Santo António de Campolide (1938), ainda hoje instaladas no convento de Nossa Senhora de Penha de França e no antigo Colégio Jesuíta de Campolide, respectivamente.[120]

Na década seguinte, em 1949, a destruição da igreja do Socorro[121], integrada no plano de demolições da Mouraria, obrigou à procura de uma nova sede paroquial. A escolha recaiu sobre a igreja do Coleginho (antigo colégio de Santo Antão) que gozava de uma posição mais central do que a igreja demolida, em relação ao território paroquial que se estava a redesenhar. Em 1959, também as igrejas dos conventos de S. Francisco de Paula, S. Domingos de Benfica, de Santos-o-Novo, de Chelas e de Marvila abrigavam as novas comunidades paroquiais criadas.[122] Desta forma continuada era dado de novo

---

[119] Étienne de Gröer, «Introdução ao urbanismo», em *Boletim da Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização*, vol. I, (Ministério das Obras Públicas e Comunicações, 1945-1946), p.71.

[120] Foi prevista a construção de uma nova igreja de Santo António de Campolide no bairro de casas económicas da Calçada dos Mestres, contudo a igreja não foi construída. A sede paroquial, provisoriamente instalada na igreja do colégio de jesuítas de Campolide, perpetuou-se até aos dias de hoje.

[121] Parte do financiamento da construção da igreja de S. João de Brito (1950-53), na praça de Londres, proveio do pagamento do Estado pela compra da antiga igreja do Socorro. A alienação de património religioso edificado permitiu, nalgumas circunstâncias, o financiamento dos projectos das novas igrejas: já antes a venda da igreja de S. Julião, na baixa pombalina, tinha contribuído para a construção da igreja de Nossa Senhora de Fátima (1933-38).

[122] Dos cinco conventos listados mantêm hoje a função paroquial o de S. Francisco de Paula e o de Marvila. A prática de aproveitamento de património edificado existente mantém-se actual. Na paróquia de Telheiras, criada em 2004, por desdobramento da de S. João do Lumiar, foi ocupada a do convento das





a. b.

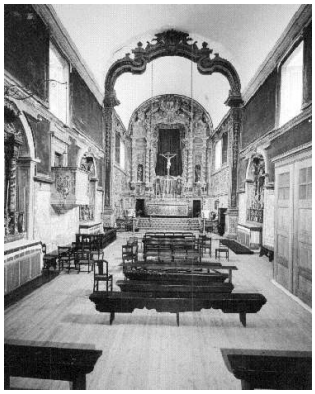




c. d.







e. f. g.

18. Recuperar e reutilizar o património edificado

a.b. A instalação de novas paróquias no final da década de 1930 - o eterno provisório

igrejas do colégio de Campolide e do Convento de N.ª S.ra de Penha de França - Lisboa

c. d. Demolições e alternativas

Igreja paroquial do Socorro, demolição [1949] e instalação no antigo colégio de Santo Antão - Lisboa

e. f. g. Instalação de novas paróquias em edificado existente em 1959

igrejas dos conventos de S. Francisco de Paula, S. Domingos de Benfica e Santos-o-Novo - Lisboa.

uso a parte do património edificado que a Igreja tinha perdido com a extinção das ordens religiosas e que vinha reabrindo ao culto, reforçado com a assinatura da Concordata. Veio a verificar-se que muito património arquitectónico religioso da capital seria assim salvaguardado pelo uso paroquial.[123] A recuperação do património religioso e a obrigação de lhe dar de novo uso foi uma preocupação partilhada por outras dioceses do país, conforme manifestou D. António Ferreira Gomes.

> "Ruínas apenas, e tantas vezes ruínas de ruínas, porque afastadas do seu fim espiritual, nem a sua integridade material se manteve. Que se conserve dentro da sua finalidade o que não foi desviado, que se reintegre o que é susceptível de recuperação, que se aguente de pé o que não caiu! Mas, se não devemos apegar-nos a ruínas, enquanto tais e por mero saudosismo, muito menos podemos ficar de braços cruzados esperando que até as ruínas pereçam. Lamentando sempre e sem reservas que a Igreja se visse obrigada a desviar-se das suas directas finalidades espirituais para reconstituir o mínimo indispensável do seu património, devemos reconhecer que só a pobreza pode, em Portugal, libertar a Igreja." [124]

Santa Apolónia | Arripiado

Ainda a propósito das demolições, nomeadamente as motivadas pela modernização das infraestruturas da capital recordamos o desaparecido Convento de Santa Apolónia desmantelado aquando das obras de modernização da linha férrea na capital, no final da década de 1950. O processo despertou a atenção de Ruy de Andrade que interpelou o cardeal Cerejeira para o aproveitamento da fachada barroca a reintegrar na nova igreja a construir, a expensas da sua família, na povoação ribatejana do Arripiado.

A par do redimensionamento das paróquias da capital estava em curso a vasta obra de reconstrução do Patriarcado, declarada urgente por Cerejeira em 1955, face ao património religioso arruinado e/ou inexistente nas povoações mais distantes da capital

---

Portas do Céu.

[123] Das quarenta paróquias de Lisboa, com instituição anterior ao séc. XX, dez ocupavam igrejas de antigos conventos e colégios: S.ta Justa e Rufina (Convento de S. Domingos); S.ta Catarina do Monte Sinai (Convento SS. Sacramento dos Paulistas); N.a S.ra das Mercês (Convento N.a S.ra de Jesus da Ordem Terceira de S. Francisco); N.a S.ra do Socorro(Colégio de S.to Antão); S. Vicente, S. Tomé e Salvador (Convento de S. Vicente de Fora); S.to André e S.ta Marinha à Graça (Convento Agostinho da Graça); S.ta Engrácia (Convento dos Barbadinhos); N.a S.ra da Ajuda (Convento da Boa Hora); S.ta Maria de Belém (Mosteiro dos Jerónimos); S. Bartolomeu do Beato (Convento dos Agostinhos Descalços). [ver anexo 18]

[124] D. António Ferreira Gomes, «Carta Pastoral 1950», em *Escritos Pastorais de Portalegre (1948-1952)* (Porto: Fundação SPES, 2001). p.75.



a.





b. c.

"No processo de demolição foi usado todo o cuidado na identificação e numeração de cada uma das pedras da fachada, para que, quando chegasse a hora de as reunir todas novamente, tudo se mantivesse nos mesmos lugares. Viajou a cantaria da fachada de comboio até à estação de Vila Nova da Barquinha, no ano de 1958, onde foi mudada para carros de bois da Casa Sommer, que fizeram o seu transportes até Tancos. Uma vez aí, coube ao batelão que fazia a travessia, trazer até ao Arripiado as pedras da fachada da nova igreja."

João Carlos Carrinho Matias, *Arripiado, Aldeia do Tejo* (Chamusca: Câmara Municipal da Chamusca, 2003), p.184.

19. Desmontar e reenquadrar, da cidade para o campo - a igreja do Arripiado
a. Postal ilustrado com a igreja e quinta Sommer em primeiro plano.
b. A antiga igreja do convento de Santa Apolónia Lisboa. *Arquivo AML*
c. A igreja em construção, vista do rio Tejo. *Arquivo AMC*

que estavam sob a mesma administração eclesiástica. Nessa ocasião fez o relato da rotina de um 'heróico padre' de uma outra povoação ribatejana, Ulme,[125] que percorria, a pé e de vespa, o território disperso. O tom do discurso recorda as imagens do filme *Journal d'un curé de campagne* (Robert Bresson, 1951). Ao contrário do movimento migratório campo-cidade, a fachada levada de Lisboa para o Arripiado representa a preocupação em dotar também as pequenas comunidades rurais de espaços de culto, prática que teria expressão mais moderna noutros projectos realizados em Lisboa e construídos no Ribatejo ao longo da década de 1960, tal como a igreja de Fazendas de Almeirim ou a capela-salão de Marinhais em Salvaterra de Magos.[126]

2.4.5. O centro nos estudos preliminares

S. Domingos – 'confessionário e púlpito' nas zonas centrais
S. Nicolau – anexos e extinção de paróquias
Sagrado Coração de Jesus – o novo centro de escritórios

A situação do "centro velho de Lisboa", como era designado o 1º bairro no estudo preliminar de 1957, era particular, dado ser a única zona em que se previa a supressão de paróquias.[127] Em todos os restantes bairros, pelo contrário, apontava-se para a necessidade de desdobramento. [128]

A irregularidade da fronteira da paróquia de S.ta Justa e S.ta Rufina, sediada na igreja de S. Domingos, resultava da leitura orográfica e sociológica do território. Mas

---

125 "Ulme é uma paróquia situada na charneca ribatejana, com lugares a cerca de 20 km, que o heróico pároco só pode alcançar numa arruinada «vespa» e a pé. Pois a actual igreja paroquial, velha, arruinada, desmantelada, não está em condições de ter o SS.mo Sacramento; por tolerância se consente apenas a celebração do S.to Sacrifício. O pároco, tão santamente devoto de Jesus sacramentado, tem de andar quilómetros para O ir adorar na capela de uma quinta de um lugar da paróquia."
Cerejeira, «As igrejas novas do Patriarcado (2.Out.1955)», p.222.
A nova igreja de Ulme, inaugurada a 1.Nov.1961, foi projectada por António Lino.

126 Campanha Novas igrejas do Patriarcado 1969 [ver anexo 13]

127 No início do estudo em 1957 foi equacionada a supressão de seis paróquias (Conceição Nova, S. Julião, S.ta Maria Madalena, SS. Sacramento, S. Lourenço e S.ta Cruz do Castelo). A população pouco numerosa, do mesmo estrato social e com pouca vitalidade paroquial, revelada pela sondagem de 1955, foram argumentos a favor da anexação das paróquias de N.a S.ra dos Mártires e do SS. Sacramento (que desapareceria por ser instituição mais recente, final do séc. XVI). No fim do processo, em 1959, apenas foram extintas duas paróquias (S. Julião e Conceição Nova) e unidas numa só as de S. Cristóvão e de S. Lourenço.

128 Adaptando os estudos do plano de urbanização da cidade de Lisboa, desenvolvido por E. Gröer em (1938), dividida em quatro bairros administrativos, foram constituídos oito novos bairros para o estudo de remodelação paroquial. No estudo inicial as 49 paróquias existentes dariam lugar a 76.





a. b.



c.

"Embora a forma V que a paróquia apresenta vista no mapa pareça estranha, é no entanto lógica; os dois braços do V correspondem aos dois vales, da avenida da Liberdade e da avenida Almirante Reis, que se juntam no Rossio - Praça da Figueira. São ambos de características urbanísticas e sociológicas semelhantes e estão separados pela zona alta da Pena de características nitidamente diferentes"

«Projecto de divisão paroquial
da cidade de Lisboa»
[paróquia de Santa Justa e Santa Rufina],
Arquivo SNIP, (16.Ago.1957), p. s/n.

20. Igrejas com 'confessionário e púlpito' no 'centro velho'
a. Igreja de S. Domingos - Lisboa (195-). *Arquivo AML*
b. Igreja de S. Domingos destruída pelas chamas (1959). *Arquivo AML*
Após o incêndio, a igreja de S. Domingos voltou a funcionar com uma cobertura provisória.
c. Planta de trabalho (195-). *Arquivo SNIP*

mais do que a sua geometria irregular, foi a sua localização central numa zona de grande movimento da cidade, próxima ao Rossio, Restauradores, Praça da Figueira, que despertou a análise do pe. Manuel Falcão. Desde o final da década de 1940 que a zona estava sujeita a fortes transformações e a demolições – o casario da rua da Palma, a já referida igreja do Socorro – em nome da futura praça monumental D. João I. Embora tais transformações urbanas fizessem diminuir a população residente, a igreja de S. Domingos possuía uma posição chave, fortemente marcada pela presença de comércio e serviços, permitindo "uma pastoral especializada, à base de Confessionário e de Púlpito em ordem à população cosmopolita que em grande número [a] frequenta (...)"[129]. A sondagem à assistência dominical de 1955 tinha contabilizado "mais de 6000 fiéis, numa percentagem provavelmente superior a 90% de não paroquianos" [130] – situação de sucesso interrompida pelo violento incêndio de 12 de Agosto de 1959.

Enquanto estava a ser pensada a divisão territorial equacionavam-se por outro lado problemas de ordem pastoral. O mesmo denotava a proposta da paróquia de S. Nicolau, também na baixa de Lisboa. A localização central da sede paroquial em relação ao território que abarcava, onde as casas mais afastadas da igreja estavam "a 10 minutos de distância por ruas boas e planas", associada às boas "instalações anexas" [131], facilitariam também uma actividade pastoral especializada em ordem a uma população cosmopolita.[132] Ainda no caso de S. Nicolau, o número reduzido de habitantes e a proximidade a outras igrejas (paroquiais ou não) sugeria a extinção de duas a três paróquias. As paróquias contíguas, Conceição Nova, S. Julião e Madalena, eram muito pouco povoadas –segundo os censos de 1950 tinham apenas 1248, 570, 1433 habitantes, respectivamente, valores que justificavam a dificuldade da manutenção de qualquer uma das comunidades.[133] As duas paróquias extintas e anexadas a S. Nicolau, em 1957, já não

[129] «Projecto de divisão paroquial da cidade de Lisboa [paróquia de Santa Justa e Santa Rufina]», *Arquivo SNIP*, (16.Ago.1957), p.s/n.

[130] Ibid. p.s/n

[131] «Projecto de divisão paroquial da cidade de Lisboa [paróquia de São Nicolau]», *Arquivo SNIP*, (16.Ago.1957), p.s/n.

[132] A utilização de "espaços anexos" para uma pastoral especializada, mais do que uma intenção proposta pelo plano de remodelação paroquial era uma prática corrente naquela paróquia, presidida pelo pe. Gustavo de Almeida. Recorde-se que no ano de 1953 tinha aí inaugurado a galeria – espaço cultural com a "Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea", percursora da fundação do MRAR.

[133] Chegou a ser equacionada a extinção da paróquia da Madalena, cuja igreja se localizava na proximidade de várias outras - Sé, Santo António, Conceição Velha e S. Nicolau. A ideia de a anexar à paróquia de S.





a. b.



c.

"Um corredor, umas arrecadações, como tantas há para aí nas nossas magníficas
igrejas de Lisboa e que estão... desaproveitadas.
Depois uma ideia [galeria] (...) O meu desejo seria fazer dela a primeira da cidade, no género (...):
é natural que venha a ser aproveitada para outros fins.
O que pensei sempre é que ela deveria ser um centro educador em matéria
de liturgia e arte sacra. Veja, como se realizou esta primeira Exposição de Arquitectura Religiosa.
É certamente um documento crítico - mas quis ser, antes de mais,
uma exposição didática; educadora."

pe. Gustavo de Almeida, *Novidades – Letras e Artes,* (3.Mai.1953), pp.1-2.

21. Igrejas com 'instalações anexas' integradas na malha e na vida

a. Igreja de S. Nicolau Lisboa (c.1950). *Arquivo AML*

Uma igreja integrada no quarteirão juntamente com comércio, serviços e habitação - a integração na malha urbana.

b. Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea (1953). *Arquivo FCG-MRAR*

Aspecto do interior da exposição itinerante apresentada pela primeira vez em Lisboa, inaugurando aquele espaço cultural da paróquia.

c. Galeria de S. Nicolau (Mar.1953). *Arquivo AML*

A partir do adro, espaço de acolhimento, faz-se o acesso à igreja e à galeria de S. Nicolau - situada nas salas anexas à igreja, sobre as lojas da Rua da Prata.

possuíam as respectivas igrejas paroquiais originais, uma vez que tanto a igreja de S. Julião como a da Conceição Nova tinham sido vendidas a instituições bancárias, para aí constituírem as suas sedes e escritórios, contribuindo para a terciarização do centro da cidade.[134]

Semelhante posição ocuparia a nova igreja do Sagrado Coração de Jesus, a construir no novo "ponto mais central da Cidade"[135], conforme foi escrito no Boletim de Informação Pastoral em 1961 – centralidade já reconhecida anteriormente no relatório preliminar de 1957.

> "A posição central da nova igreja, a dois passos da praça Marquês de Pombal, faz prever que essa igreja venha a ter um movimento semelhante ao da igreja de S. Domingos." [136]

Assim redigiu o pe. Manuel Falcão um dos promotores do programa de divisão paroquial e, simultaneamente, do de "construção da igreja paroquial do SS. Coração de Jesus e de seus anexos", que então se estava a redigir.[137] A modernidade do programa

---

Nicolau acabou por ser abandonada, dado o valor histórico daquela paróquia "instituída ao tempo da instituição do reino" – conforme relata o documento enviado ao cardeal Cerejeira. O mesmo argumento foi utilizado para a manutenção da paróquia do Castelo.

134 A igreja de S. Julião foi vendida ao Banco de Portugal, em 1933. Estava prevista a sua demolição para a construção da futura sede do banco projectado por Pardal Monteiro. Na década de 1970 chegou a ser equacionada a transladação da igreja mas o processo acabou por ser abandonado, tendo a igreja funcionado como garagem automóvel e depósito do banco. A recente obra de reabilitação e restauro do edifício esteve a cargo do arq. Gonçalo Byrne que desenvolveu o projecto e obra entre 2007 e 2013. A igreja foi convertida em espaço museológico.
Em 1950, a igreja vizinha da Conceição Nova foi vendida à Caixa Geral de Depósitos, que a demoliu para ali construir um edifício neopombalino de escritórios. Parte do espólio da antiga igreja foi integrado na de S. João de Brito (Alvalade), projectada pelo arq. Vasco Regaleira.
Também na baixa da cidade a igreja do Socorro situada na rua da Palma, tinha sido demolida em 1949, no âmbito do plano de demolições da Mouraria.

135 "Colocada no ponto mais central da Cidade, no maior nó de comunicações urbanas, numa zona de hotéis, de grandes escritórios e em breve de denso comércio, a igreja do Coração de Jesus será, à semelhança do que é hoje a igreja de S. Domingos, na Baixa, a igreja de Lisboa."
[SNIP], «A Paróquia do SS. Coração de Jesus vai construir uma nova e grande igreja», *Novas Igrejas - boletim trimestral do Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado*, nº2-3, (Abr.-Set.1961), p.17.

136 «Projecto de divisão paroquial da cidade de Lisboa [paróquia do Coração de Jesus]», *Arquivo SNIP*, (16.Ago.1957), p.s/n.

137 A ideia da construção de uma nova igreja do Sagrado Coração coincidiu com a chegada do pe. Luís Martins Aparício à paróquia, no ano de 1955. Perante a população numerosa, na ordem dos 20-25000 habitantes, e uma igreja com capacidade para 300 pessoas apenas, surgiu a ideia de construção de uma nova sede paroquial. A proposta da realização de um concurso de anteprojectos surgiu por iniciativa do MRAR que contactou a paróquia em Abril daquele ano. O terreno foi comprado no ano seguinte. O programa para o concurso de uma igreja, com capacidade de 1000 lugares sentados, foi traçado pelos padres Manuel Falcão e Luís Martins Aparício (pároco) juntamente com membros do MRAR.

proposto, que se traduziria numa igreja aberta a quem passasse, seguia a tradição do edifício religioso inserido na malha urbana.

Uma ideia aliás partilhada por António Barbosa de Abreu, engenheiro civil e arquitecto do Porto[138] que elaborou para o Ministério das Obras Públicas o estudo 'Tendências na planificação das áreas centrais' – publicado em livro dois anos após concluída a remodelação paroquial de Lisboa de 1959. Em 1961 escreveu ele a propósito dos edifícios religiosos:

> "(...) existem sempre certos templos centrais muito frequentados, sobretudo à hora da entrada ou saída do trabalho, e cujos púlpitos têm um vasto auditório. A função destas igrejas é nitidamente característica das zonas centrais. Há que considerá-las atentamente na planificação e na renovação dos centros urbanos."[139]

Era, de alguma forma, eco da leitura de Manuel Falcão que, no campo disciplinar do urbanismo, integrava as questões da pastoral no discurso sobre a caracterização dos centros urbanos e das suas funções de ordem económica, governativa, religiosa, cultural e cívica. Uma reflexão conhecida por Barbosa de Abreu, dada a sua proximidade ao MRAR.

Dois anos antes, em 1959, o então pe. Manuel Mendes Atanásio[140], também sócio auxiliar do MRAR, que não tendo cursado arquitectura como desejara mas tinha

---

138 António Agnelo Barbosa de Abreu (1916-1993) engenheiro civil foi professor de desenho na Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto a partir de 1947. No mesmo ano ingressou no curso de Arquitectura na ESBAP tendo concluído a parte curricular no ano de 1953. Sob o patrocínio do Instituto para a Alta Cultura realizou estágios em Espanha (1946-1947) e Itália (1950-1951). Foi sócio auxiliar do MRAR, ainda que não se conheça protagonismo na vida do movimento. Mais tarde foi membro da Opus Dei. Desenvolveu diversos projectos para a Igreja na diocese do Porto, a saber: paroquial de Cedofeita (não construída), Senhora da Hora (Matosinhos), restauro do mosteiro de Bustelo (Penafiel), entre outros. Destacamos ainda a encomenda do bispo de Vila Real (antigo pároco de Cedofeita) para o anteprojecto da nova Sé (não construída), no final da década de 1950.
Cf. João Lopes Porto, «Professor Engenheiro António Agnelo Teixeira Barbosa de Abreu», em *Prémio Professor Barbosa de Abreu* (Porto: Secção de Construções Civis, Departamento de Engenharia Civil da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, sem data), pp.3-4.
No lugar destinado à nova Sé de Vila Real seria construída a igreja de N.ª S.ra da Conceição, projectada pelo pe. e arq. Manuel Rodrigues Gonçalves, também ele formado na ESBAP, autor da icónica 'igreja-barco' de Caxinas (Póvoa do Varzim).

139 António Barbosa de Abreu, *Tendências na planificação das áreas centrais* (Porto: Ministério das Obras Públicas - Direcção Geral dos Serviços de Urbanização - Centro de Estudos de Urbanismo, 1961), pp.15-16.

140 Manuel Mendes Atanásio (1927-1992), natural de Cortiço da Beira, estudou nos Seminários do Fundão e Guarda. Com o acordo do bispo da diocese, estudou no estrangeiro: História Eclesiástica e Arqueologia Cristã na Pontifícia Universidade Gregoriana e no Pontifício Instituto de Arqueologia Cristã de Roma, respectivamente. Ainda em Roma, frequentou cursos de Arte na Università degli Studi. Como bolseiro do Instituto de Alta Cultura (1958-1961) e da FGG (1963-1966) prosseguiu estudos na Bélgica. É neste período que elabora o livro 'Arte Moderna e Arte de Igreja', que integrou diversas fotografias de obras de arquitectura religiosa belga, nomeadamente do Pavilhão da Santa Sé da Exposição Universal de Bruxelas

estudado em Roma e Lovaina (Arqueologia e História de Arte), escrevera a pedido do director Geral dos Serviços de Urbanização do MOP o livro 'Arte Moderna e Arte de Igreja – critérios para julgar e normas de construção'. A obra para além de resultar de uma decisão concertada entre os poderes públicos e o cardeal Cerejeira, foi a primeira publicação institucional no contexto português sobre aquela temática[141]. O livro conciliava a atenção ao campo artístico (tema abordado no 1º capítulo desta tese), à urbanística e à pastoral. A sociologia religiosa e os problemas da divisão paroquial não foram descurados[142], recorde-se que a publicação foi contemporânea do trabalho do novo mapa de freguesias e remodelação paroquial de Lisboa, que estamos a analisar no presente capítulo. A ideia de conciliação foi expressada pelo próprio autor:

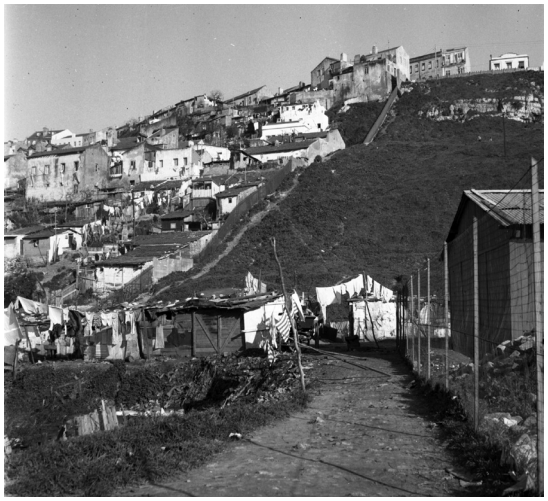
> "Pensámos que era bem correr o risco de apresentar ao público o que poderíamos chamar 'notas de pastoral artístico-religiosas'
> Afinal, uma igreja deve ser obra de três forças concorrentes e é no fundo um acto comunitário que exige renúncia: deve o clero renunciar a uma certa tendência ditactorial (...); renunciem os artistas ao seu vincado individualismo e propaganda (...); renuncie o povo cristão à sua natural rotina de esquemas feitos e disponha.se a ajudar e a amar as novas formas da sua igreja (...)"[143]

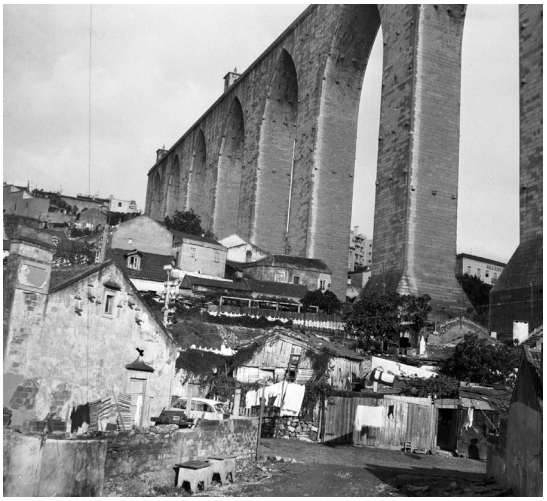
(1958). Em Lovaina completou em 1963 a licenciatura em História de Arte, a que se seguiu o doutoramento em 1967, sobre temas do renascimento – período que viria a ser a sua principal área de especialização. De uma vasta obra publicada, relevamos a "Introdução Crítica" ao estudo de Albrecht Haupt "Arquitectura do Renascimento em Portugal" (1986).
Depois de uma passagem pela Universidade de Lourenço Marques, regressou a Portugal começando por leccionar na Universidade do Minho. No final da década de 1970 foi professor do curso de Arquitectura da Escola Superior de Belas de Lisboa, e posteriormente destacou-se na criação da variante de História de Arte na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, no início da década de 1980. A par da carreira académica teve um percurso artístico no campo da pintura, assinando sob o pseudónio 'Balleca'.
Cf. Maria do Rosário Themudo Barata, «Manuel Mendes Atanásio », *Clio - revista do Centro de História da Universidade de Lisboa*, vol I, (1996), pp.191-192.

141 Em 1957 Luiz Cunha tinha publicado "Arquitectura Religiosa Moderna", o único livro português dedicado ao tema que integrava a extensa bibliografia referenciada por Manuel Mendes Atanásio no livro "Arte moderna e arte da Igreja".

142 Nesta obra são tecidas algumas considerações a propósito da divisão paroquial.
Cf. Manuel Atanásio Mendes, *Arte moderna e arte da Igreja - critérios para julgar e normas de construção* (Coimbra: Ministério das Obras Públicas - Direcção Geral dos Serviços de Urbanização - Centro de Estudos de Urbanismo, 1959). Notas de 'urbanismo religioso' [pp.99-103] Onde construir a igreja? [pp.105-106] A cidade, centro de civilização [pp.107-111].

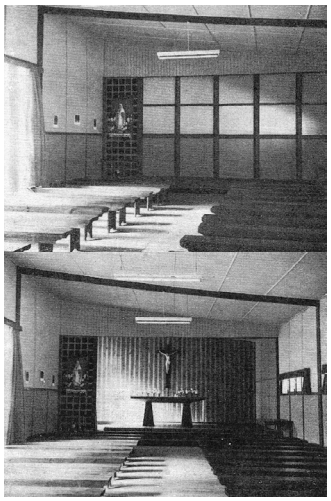
143 Manuel Atanásio Mendes, «Introdução», em *Arte moderna e arte da Igreja - critérios para julgar e normas de construção* (Coimbra: Ministério das Obras Públicas - Direcção Geral dos Serviços de Urbanização - Centro de Estudos de Urbanismo, 1959), p.s/n.





a. b.





c. d.

"Foi pensada e construída pelo padre Frederico Waalders,
da Congregação dos Sagrados Corações de origem holandesa,
que herdou de seu pai, arquitecto, faculdades que revelou nesta obra.
Tem 16 metros de comprimento por 7 de largura e pode comportar 350 pessoas.
Tem ainda dois anexos: a sacristia e uma sala de reuniões.
Vai servir, primeiramente, para educação dos habitantes da Curraleira.
Por isso foi construída de modo a tornar-se um simples salão de reuniões.(...)
Serve, também, aos domingos e noutros dias para a celebração da Santa Missa,
visto que a capela-mor se abre para o salão."

"A capela do bairro da Curraleira foi benzida e inaugurada pelo bispo de Mitilene",
Diário de Notícias (16.Abr.1961), p.8.

"*Começou por visitar a capela-salão*
recentemente construída naquele
aglomerado de barracas, tendo-se
interessado muito pela sobriedade e
simplicidade das suas linhas,
tendo alvitrado a ideia de construir
outras semelhantes em alguns pontos do
Patriarcado"

"O Senhor Cardeal Patriarca
visitou o bairro da Curraleira" ,
Novidades (9.Jul.1961), p.5.

22. Os bairros clandestinos e as 'igrejas modestas'

a. Casal Ventoso (1964). *Arquivo AML*

Desdobramento da paróquia de Santo Condestável - S. João Bosco.

b. Bairro da Liberdade (1968). *Arquivo AML*

Desbobramento da paróquia de Santo António de Campolide - S. Vicente de Paulo.

c. d. Capela-salão no bairro da Curraleira (1961) pe. Frederico Waalders. *Arquivo SNIP*

Uma arquitectura concordante com a envolvente. Um programa versátil de resposta às múltiplas carências - espaço polivalente.

2.4.6. Paróquias recentes - o desdobramento social

'Igrejas modestas' e 'igrejas esmeradas'

Santo Condestável – S. João Bosco
Santo António de Campolide – S. Vicente de Paulo
São Francisco Xavier - Restelo Sul [Pontinha] | Caselas e Caramão da Ajuda
Benfica | Quinta das Furnas |Belavista e Calçada

Mesmo as paróquias de formação recente, como as de Santo Condestável (1934) e Santo António de Campolide (1938), necessitavam de redimensionamento dada a numerosa população que abrangiam.

Foi equacionado o desdobramento da paróquia de Santo Condestável, que daria origem à de S. João Bosco cuja igreja não chegaria a ser constituída. Deste modo procurava-se 'separar' e acolher a elevada população pobre concentrada no Casal Ventoso. Ainda que houvesse a perspectiva de obras de reconstrução, este seria sempre um bairro operário e, portanto, socialmente diferente e com "características nitidamente diversas"[144] do de Campo de Ourique.

Situação semelhante levou ao desdobramento da paróquia de Santo António de Campolide, cujo território inicial incluía o bairro do Alto da Serafina e as barracas do bairro da Liberdade, isoladas e separados da sua sede paroquial (igreja do Colégio de Campolide)[145] pelo vale de Alcântara. Segundo inquéritos camarários, a população daquela futura paróquia rondaria os 6000 habitantes, mas dada a existência de barracas onde facilmente a população poderia atingir os 8000, justificava-se a criação de uma paróquia autónoma a de S. Vicente de Paulo, que foi decretada em 1959.

Uma leitura do relatório preliminar de 1957 sugere a necessidade de adaptação das arquitecturas propostas às comunidades que iam servir, não se limitando a diferenciação social das paróquias à escolha de diferentes oragos. Assim propunha uma 'igreja modesta' para o Vale Escuro, zona dominada por barracas, enquanto que para o bairro de Restelo-Sul aconselhava a construção de uma 'igreja esmerada'.

---

144 "Esta delimitação teve como critério juntar todo o Bairro de Campo de Ourique numa só paróquia e separar dela a região do Casal Ventoso de características nitidamente diversas."
«Projecto de divisão paroquial da cidade de Lisboa [paróquia do Santo Condestável]», *Arquivo SNIP*, (16.Ago.1957), p.s/n.

145 A separação da comunidade da futura paróquia de S. Vicente Paulo era acentuada pela avenida de Ceuta e linha de caminho de ferro.

"(...) em virtude de existirem muitas habitações clandestinas nessa zona (...) A igreja paroquial terá que ser modesta em virtude de ir servir uma população relativamente pobre e não numerosa"[146]
"Atendendo a que servirá uma população de nível social elevado e médio, convém que a sua construção seja esmerada. Deve contar-se com uma população de 12000 almas com uma percentagem elevada de praticantes"[147]

Reconhecendo que o respeito pelas diferenças sociais e contextos urbanos exigia arquitectura feita em concordância, surgem nas décadas seguintes justificações bem vincadas nas escolhas projectuais, como sucedeu na capela provisória reconstruída e inaugurada em 1961 na Quinta da Curraleira - "(...) construída em madeira, como o exige o ambiente e barracas que a circunda"[148] - um bairro pobre, onde o pe. Abel Varzim tinha promovido 'recolhas de dados' com o envolvimento de universitários – entre eles Manuel Falcão, futuro coordenador do programa de redimensionamento paroquial, mas então estudante do IST e militante da JUC.[149]

Já na década de 1940 a mesma atenção e sensibilidade ao contexto envolvente e ao valor arquitectónico da unidade, tinham levado à construção de capelas e restantes equipamentos de educação e assistência nos mesmos materiais dos bairros de casas desmontáveis, conforme referia o próprio Decreto-lei.[150]

No estudo preliminar de remodelação paroquial, também para a "paróquia modelo" [151] de São Francisco Xavier - Restelo Sul (a criar), se pretendia a

146 «Projecto de divisão paroquial da cidade de Lisboa [paróquia de São Francisco de Assis]», p.s/n.

147 «Projecto de divisão paroquial da cidade de Lisboa [paróquia de São Francisco Xavier]», *Arquivo SNIP*, (16.Ago.1957), p.s/n.

148 O salão-capela da Curraleira foi projectado pelo pe. Frederico Waalders sscc, padre holandês da congregação dos Sagrados Corações. Esta congregação, chegada a Portugal na década de 1930 para integrar a direcção do Seminário dos Olivais, desenvolveu 'missões populares' em diversos pontos da capital, nomeadamente na quinta da Curraleira, então associada à paróquia de Penha de França.
Cf. «Benção da capela da Curraleira», *Novidades*, (15.Abr.1961), p2.

149 Adelino Gomes, «A JUC, o jornal *Encontro* e os primeiros inquéritos à juventude universitária», *Sociologia, problemas e práticas*, nº49, (2005), pp.95-115.

150 " (...) devidamente urbanizados, embora com maior simplicidade, dotados de redes gerais de água, esgotos e iluminação, e neles [bairros de casas desmontáveis] se construirão também, com os mesmos materiais das casas, escola, templo, sala de reuniões e festas, lugares para vendas, recreios para crianças e centro de educação moral e social."
Decreto-lei nº 28:912 do Ministério das Obras Públicas e Comunicações. (12.Ago.1938), p.1199.

151 "O novo bairro do Restelo, constando de casas económicas de Estado rodeadas de moradias particulares, constitui um núcleo populacional de grande vitalidade capaz de constituir uma paróquia modelo."
«Projecto de divisão paroquial da cidade de Lisboa [paróquia de São Francisco Xavier]», p.s/n.

comparticipação do Estado na construção de uma igreja que integrasse o plano de Faria da Costa, tal como já vinha acontecendo noutros projectos da capital. No Bairro do Restelo, ao contrário do da Encarnação, a nova igreja não esteve destinada a rematar o eixo gerador de toda a composição[152], uma vez que o cimo da avenida de Belém estava já ocupado por um equipamento religioso, a ermida manuelina de S. Jerónimo, cuja implantação não só foi respeitada, como seria central no traçado radiocêntrico do plano de Faria da Costa. Após vários estudos, com localizações alternativas, da praça de Goa – no interior do bairro, à rua de Pedrouços, à porta de Algés, a decisão de construção de uma nova igreja paroquial acabou por ser retardada. Por iniciativa de um movimento eclesial e não por decisão da hierarquia do Patriarcado, surgiu no bairro em 1974 um outro equipamento religioso, o primeiro santuário Schönstatt – movimento mariano surgido na Renânia alemã, no início do século XX.[153] No interior de um vulgar lote-moradia, como que escondido em relação à rua, foi construído o pequeno santuário à imagem do original tal como é tradição nos perto de duzentos santuários Schönstatt, espalhados hoje pelo mundo. A tradicional arquitectura religiosa alemã, de coberturas inclinadas com telhados de lousa negra, passou a pontuar um bairro da capital. Esta influência já se tinha observado noutra igreja construída na periferia de Lisboa, integrada no bairro de casas económicas da Pontinha ainda na década de 1950.

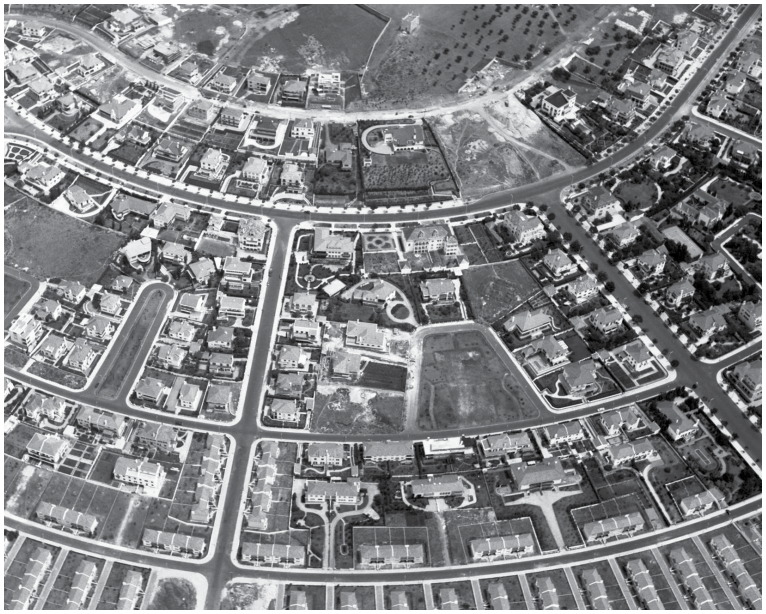
Recordemos que dentro dos limites da paróquia do Restelo existia, à data do estudo a igreja da Sagrada Família integrada no plano do bairro de Caselas, projectado por António Couto Martins. Também Luís Benavente desenhou uma igreja para o vizinho bairro do Caramão da Ajuda que projectava, realizando assim uma unidade arquitectónica que ia das casas ao equipamento. Contudo, esta multiplicação de espaços de culto, que acentuavam a autonomia de cada um dos bairros, não ia ao encontro das reais possibilidades da Igreja na capacidade de construção. Agravava a situação a dimensão insuficiente de alguns destes bairros que não justificava por si só a criação de igrejas paroquiais.

> "Para além de alojar os habitantes, pretende-se organizar a vida em sociedade. Os equipamentos são identificados com o progresso e o desenvolvimento, pelo que

---

[152] Dos vários estudos realizados para a igreja do Restelo destacamos o de João Filipe Vaz Martins. A igreja ocuparia a praça de Ceuta, no interior do bairro.

[153] Em Portugal, para além deste santuário do Restelo, em Lisboa (inaugurado a 15.Set.1974), foram construídos mais três fora do contexto urbano, nas dioceses de Aveiro, Braga e Porto: Gafanha da Nazaré (21.Out.1979); Soutelo, Vila Verde (19.Mai.1991) e Canidelo, Vila Nova de Gaia (9.Out.1995).





a. b.





c. d.

"O Bairro da Pontinha (...) construído sob a égide do governador civil de Lisboa, está hoje em festa.
Inaugura-se ali um vasto templo dedicado à Sagrada Família,
onde encontrarão local de oração e conforto moral as 400 famílias,
cerca de 3000 pessoas que constituem hoje a população daquele novo agregado.
(...) Ainda em comemorações do acto os moradores (...) ficaram isentos do pagamento
das respectivas rendas de casa no presente mês."

"A Igreja do bairro da Pontinha é hoje inaugurada",
Diário de Notícias, (9.Jan.1955), p.1.

23. Igrejas nos bairros

a. Bairro do Restelo, fotografia aérea (195-). *Arquivo AML*

b. Capela de Schönstatt (1974)

c. Bairro da Pontinha, fotografia aérea (c.1955). *Arquivo AML*

A igreja do bairro para famílias pobres foi projectada pelos arquitectos Vitor Palla e Bento de Almeida.

d. Os moradores de um bairro reunidos em torno da sua igreja

Pormenor do fresco da capela mor, pintado por Domingos Rebelo, representando a população do bairro da Pontinha aos pés da "Sagrada Família": lavrador, polícia, enfermeira, estudante e criança.

A este trabalho juntam-se 12 vitrais encomendados a Júlio Pomar, em 1954.

> os urbanistas se propõem localizar no plano uma gama vastíssima de serviços sociais para qualquer aglomerado, independentemente das reais necessidades locais. (...) Os equipamentos são considerados fundamentalmente como factor de progresso e de integração do cidadão na vida colectiva."[154]

Se nalguns casos as comunidades dos bairros eram pequenas, já noutros a dimensão justificava o desmembramento das paróquias existentes, conforme foi equacionado em Benfica.[155]

Sobre este processo há que referir o concurso público de 1956, promovido pelo MOP para a construção de uma igreja custeada pela Estado para o agrupamento de casas económicas de Benfica, elogiado e criticado pelo MRAR. Elogiado por ser o primeiro concurso de arquitectura religiosa realizado na região de Lisboa, o que era considerado meio eficaz "para a melhoria da (...) produção arquitectural"[156] no campo da arquitectura religiosa, conforme vinha sendo comprovado pela experiência Suíça. Criticado pelo regulamento, cujo programa e composição do júri levantava objecções por parte do MRAR.[157]

Ainda que o vencedor não tenha sido um filiado do movimento, nem a igreja sido construída, o lançamento desta iniciativa significou a oportunidade de a sociedade civil e a Igreja equacionarem uma alternativa na forma de selecção de projectos para a cidade – uma fórmula bem cara ao MRAR conforme expressavam os seus estatutos.[158] Naquele momento o movimento trabalhava já na redação do programa do concurso para a igreja do Sagrado Coração de Jesus, e estudava a possibilidade da realização de um outro para a de Almada.[159]

---

154 Lôbo, *Planos de Urbanização, à época de Duarte Pacheco*, p.222.

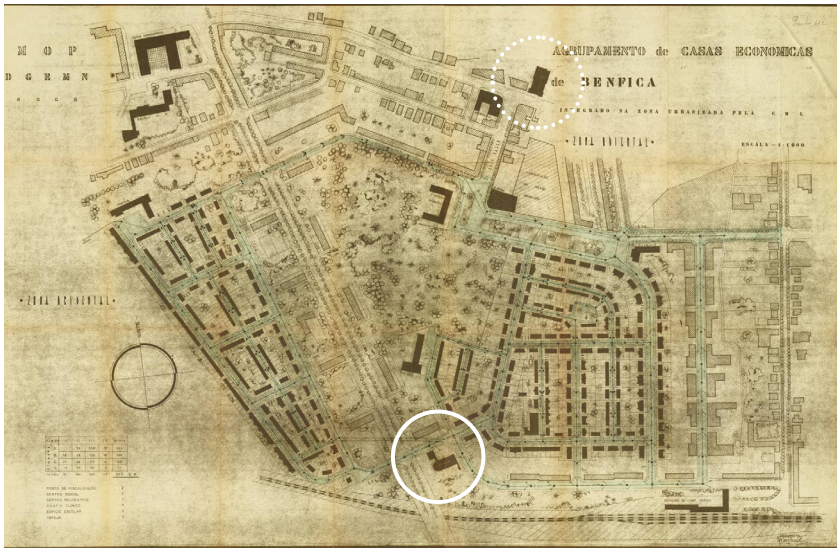
155 "A urbanização de Benfica torna imperioso o desmembramento da única paróquia existente até à data. Na zona sudoeste construiu-se um grande bairro de casas económicas do Estado cuja população (...) existente e a existir em breve, é mais que suficiente para a constituição de uma paróquia"
«Projecto de divisão paroquial da cidade de Lisboa [paróquia de São Martinho de Benfica]», *Arquivo SNIP*, (16.Ago.1957), p.s/n.

156 [MRAR], «Boletim - movimento de renovação da arte religiosa», (Mai.1957), p.7

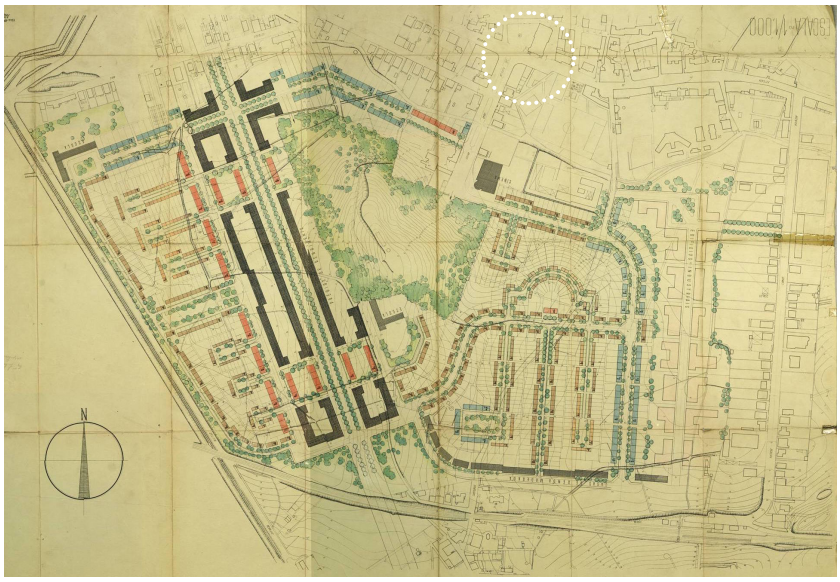
157 Cf. Cunha, «MRAR e os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal no século XX - a ação do Movimento de Renovação da Arte Religiosa nas décadas de 1950 e 1960», pp.191 e 192

158 "Art.º 2º – Para a realização do seu objectivo, o Movimento de Renovação de Arte Religiosa propõe-se, entre o mais que julgar conveniente: (...) promover ou favorecer a realização de concursos, destinados a assegurar a vitalidade da arte religiosa em todas as suas manifestações."
MRAR, *Estatutos*, 1956.

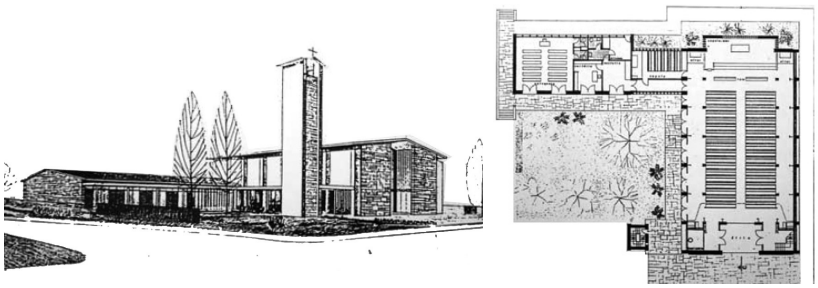
159 No campo da arquitectura religiosa paroquial o MRAR propôs na diocese de Lisboa a realização do concurso do Sagrado Coração de Jesus em Lisboa (1955-1962) e doutros dois, não realizados, para as



a.



b.



c.

24. Igreja para Benfica - um concurso organizado pelo MOP

a. Plano de urbanização (195-) arq. João Filipe Vaz Martins. *Arquivo AML*

Assinalada a igreja de N.ª S.ra do Amparo e o terreno previsto para a construção da nova igreja.

b. Revisão do Plano de Urbanização (c.1947) arq. Keil do Amaral. *Arquivo AML*

c. Perspectiva e planta (1956) arq. Fernando Schiappa de Campos

Proposta vencedora do concurso, não construída.

Contudo, apesar de realizado o concurso, o agrupamento de casas económicas de Benfica não viu a sua nova igreja construída. Recorde-se ainda o anteprojecto de Keil do Amaral, que ao contrário da prática vigente, procurava tirar partido da relação com a cidade existente na proximidade ao aglomerado proposto, o que facilitaria

> "bastante a nossa tarefa, permitindo-nos garantir aos futuros moradores do bairro possibilidades de transporte, abastecimento, recreio, repouso, instrução, etc., sem a necessidade de criar de raiz todas estas actividades, o que seria moroso, difícil e caro".[160]

Em 1959, o território de Benfica foi desmembrado surgindo a paróquia de S. Domingos de Benfica, centralizada na quinta das Furnas, onde existia a capela provisória mostrada no filme "Lisboa de hoje e de Amanhã" (1948). Junto a ela viria a ser construída, entre 1969 e 1973, a igreja-salão projectada por Alberto Camacho, encomendada pelos dominicanos que tinham assumido a assistência ao terceiro bairro de casas desmontáveis. Esta nova paróquia sofreu um novo desmembramento passados 10 anos, dando origem à de Calhariz de Benfica[161], onde os frades Capuchinhos edificariam um prédio-convento cuja capela, no rés-do-chão, serve ainda hoje de sede paroquial.[162]

Ainda no plano dos realojamentos de iniciativa pública destacamos outros dois casos. Em 1962, por iniciativa camarária, surgiria já em alvenaria de tijolo (mas com cobertura em Lusalite tal como muitas das casas do bairro) a igreja no Bairro Padre Cruz – cuja imagem da inauguração ilustra a abertura deste capítulo. A assistência religiosa estava confiada ao padres franciscanos. A igreja de desenho moderno seria feita sede de paróquia 30 anos mais tarde[163].

Na Musgueira, um dos últimos bairros provisórios implantados na capital e que só recentemente foi totalmente demolido a favor da urbanização da Alta de Lisboa, os

---

igrejas de Queluz (1954-1956) e de Almada (1956-1957). Fora da capital procurou realizar, também sem sucesso, o concurso para a igreja de S. Martinho de Cedofeita, no Porto (1964).
Cf. Cunha, «MRAR e os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal no século XX - a ação do Movimento de Renovação da Arte Religiosa nas décadas de 1950 e 1960». p.411.

160 Keil do Amaral citado por Carlos Nunes Silva, *Política urbana em Lisboa 1926-1974* (Lisboa: Livros Horizonte, 1994), p.125.

161 Em 1969 foi criado o vicariato de Calhariz de Benfica. A elevação a paróquia data de 2.Fev.1980.

162 Dada a especificidade da solução posta em prática pela comunidade dos Frades Capuchinhos publicamos em anexo uma ficha alargada relativa ao que identificámos ser o primeiro prédio-convento do país. [ver anexo 17]

163 A elevação a paróquia da quase-paróquia de Nossa Senhora de Fátima do Bairro Padre Cruz foi publicada por decreto a 20.Mai.1992.



a.



b.



c.

25. Do bairro das Furnas à igreja paroquial de S. Domingos de Benfica

a. Montagem de fotogramas do filme "Lisboa de hoje e amanhã" (1948)

No meio de campos, junto à linha férrea, surge o bairro de casas desmontáveis da Quinta das Furnas (ao fundo o Hospital de Santa Maria em construção). Assinalada a capela.

b. Igreja-salão (1969-1973) arq. Alberto Camacho (c.1980)

Uma construção integrada na envolvente com o recurso à cobertura em fibrocimento. Hoje é a única construção com este material.

c. Benção da primeira pedra na nova igreja (3.Jun.1972). *Arquivo da Paróquia.*

No alto, junto às árvores, ainda resistia a capela provisória.

jesuítas dinamizariam a utilização polivalente de uma capela e centro comunitário a partir de 1968 [164]. Para lá dos serviços litúrgicos, foram ali realizadas até há bem pouco tempo actividades desportivas e sessões de cinema – "Ao domingo encostam-se as balizas e abre-se o altar, para dar lugar à oração"[165], durante a semana era o único espaço do bairro que possibilitava e potenciava a vida social em comunidade. Talvez por isso tenha sido a última construção do bairro provisório a desaparecer.

Como se constata, ainda que no plano teórico os bairros de realojamento fossem concebidos como provisórios[166], a sua utilização foi prolongada e comunidades aí instaladas mantiveram-se no lugar, fomentando a criação de novas paróquias, como veio a acontecer também no bairro da Boavista. O caso da capela da quinta da Boavista é paradigmático da permanência do provisório. Apesar da fraca qualidade da construção inicial da pequena capela, de madeira e Lusalite, ela resistiu. Ainda que o edifício tenha sido 'reconstruído' quase na totalidade, ele é testemunha de uma arquitetura de emergência sendo hoje a sede – eternamente provisória – de uma paróquia autónoma, S. José do Bairro da Boavista, hoje assistida por padres dehonianos.

Formar comunidades em bairros de realojamento e bairros de lata, fazendo-as parte integrante da cidade foi desafio aceite por diversos grupos e ordens religiosas que trabalharam desde cedo nesse campo de missão urbana. Nos bairros de lata recordamos uma vez mais a solução desenhada por Nuno Teotónio Pereira e João Braula Reis para os Missionários da Consolata na Liberdade/Serafina e a improvisada pelo próprio padre da Congregação dos Sagrados Corações na Curraleira – experiências sempre apoiadas por grupos vicentinos.

Assistimos portanto na periferia da capital, em meados do século XX, a um fenómeno semelhante ao que ocorrera na cidade medieval com a fixação das ordens mendicantes às suas portas.[167]

---

[164] O centro comunitário tinha sido fundado em 1963 por iniciativa do pe. José Rocha e Melo sj.- morador no vizinho Colégio S. João de Brito. O bairro esteve sempre sob jurisdição eclesiástica da paróquia do Lumiar. A capela (inaugurada a 19.Ago.1968) foi uma das últimas construções demolidas do bairro, processo longo só completado em 2013.

[165] *Salão-Capela do centro social da Musgueira - reportagem Raquel Marques Cruz* (Portugal: TVI, 2011).

[166] Dos três primeiros bairros de casas desmontáveis da capital apenas foi desmantelado na totalidade o da Quinta da Calçada, já em 1992, para dar lugar ao complexo desportivo da cidade universitária.

[167] A atribuição de serviço paroquial nas periferias a comunidades religiosas foi em diferentes dioceses do país uma medida negociada com a hierarquia diocesana, tendo em vista o estabelecimento definitivo dessas comunidades nas principais cidades e suprindo a falta de padres, especialmente notória a partir da

2.4.7. Centros cívicos

São Francisco de Assis | Santa Clara
Restelo | S. Sebastião | Olivais Sul

Outras zonas da cidade estavam a ser alvo de estudos de urbanização e nelas as igrejas iam ocupando posição. As futuras igrejas das paróquias de São Francisco de Assis (Vale Escuro) e de Santa Clara (paróquia que não chegou a ser criada), integrariam centros cívicos e comerciais nunca construídos.[168] A proximidade da igreja e seus serviços a escolas, comércio ou unidades de saúde era encarada como uma mais valia. A ideia de centro cívico e comercial – um pólo polarizador da vida de bairro, predominantemente de uso pedonal, que abrangesse uma diversidade de serviços com garantia de uso em horário abrangente – animou o ideal de concepção de muitos planos de urbanização das década de 1950 e 1960. Contudo, foram poucos os casos de sucesso em que foi conseguida uma verdadeira coordenação entre os sectores privado e público na promoção de tais centros. Ainda que as igrejas paroquiais tenham feito parte de alguns destes planos, poucas foram as construídas.

Para além dos planos de centros cívicos acima mencionados ficaram também em projecto os desenvolvidos posteriormente à revisão paroquial da capital, nomeadamente o de Olivais Sul[169], onde é "de salientar a influência recebida através dos programas de construção das novas cidades do pós-guerra, sobretudo pela 'primeira geração das new-towns inglesas'".

> "(...) na concepção dos Olivais Sul foram introduzidas algumas alterações resultantes do debate e da contestação em torno dos conceitos e da doutrina urbana da cidade 'moderna', da restruturação dos centros urbanos e das formas de crescimento das cidades. A estes factores juntar-se-iam as propostas resultantes da revisão dos conceitos subjacentes às cidades novas inglesas, (...) do qual se destaca a densificação das áreas residenciais, a estruturação da cidade em torno de um centro cívico de grande envergadura e identidade própria (...)."[170]

Ainda na capital, e posterior ao plano anteriormente descrito, a urbanização do Restelo (1970-1975) desenvolvida pela equipa de Nuno Teotónio Pereira e Nuno

década de 1960.

[168] Geraldes Cardoso, «Terrenos para as igrejas das novas paróquias de Lisboa Abril [54-igreja S. Francisco de Assis], [55-igreja Santa Clara]», *CML - Gabinete de Estudos de Urbanização, Arquivo SNIP*, (Abr.1959).

[169] [ver cap.4.2.1]

[170] Teresa Valsassina Heitor, «Olivais e Chelas: operações urbanísticas de grande escala», [sem data].

Portas, com Gonçalo Ribeiro Telles, Pedro Botelho e João Paciência, avançou também na revisão dos pressupostos do urbanismo moderno substituindo os

> "(...) conjuntos de blocos de 'residência' alinhados paralelamente sobre um terreno verde, de 'recreio', polvilhado de equipamentos – aqui uma escola, ali um centro comercial, além um teatro – e sulcado por uma rede viária independente mais ou menos especializada segundo as várias velocidades de circular" [171]

por quarteirões habitacionais semi-abertos e virados a Sul, recuperando "o traçado da malha ortogonal e o conceito de rua tradicional (…), de praça (no centro cívico) e sobretudo de quarteirão"[172], procurando uma solução que respondesse aos problemas que se vinham reconhecendo na moderna "disposição livre", como nos Olivais, e da tradicional disposição "em continuidade", como em Alvalade.[173] Procurava-se desta forma recuperar o valor de comunidade e vizinhança, contrariando "a ausência de animação, de encontros, de vida de relação" provocada, em parte, pelas "receitas trivializadas" de práticas urbanísticas que consideraram mais o automóvel do que o peão, que encontraram nas soluções concentradas de alta densidade populacional, torres e blocos dispersos, a solução para o problema do alojamento, conforme reconheceu Nuno Portas em resposta à reportagem crítica publicada no jornal *República* (9Nov.1973), onde eram condenadas "por falta de visão (sic), as obras de urbanização que recentemente ali [Restelo] foram iniciadas".[174]

Se a Sul as ruas entre as bandas e blocos da urbanização se abriam à vista sobre o Tejo, "seguindo a uma lição, que permanec[ia] válida, de ocupações de encosta da cidade"[175], a Norte, as ruas convergiam na praça localizada no topo da urbanização, junto ao nó viário das torres do Restelo, garantindo bom acesso e parqueamento automóvel. O estudo da área central, que reuniria um hotel, escritórios, serviços públicos, galeria comercial, supermercado (o desejado "'íman' do centro"[176]) e também

---

171 Nuno Portas, «Desenho da Cidade e Ensino», em *A Cidade como Arquitectura: apontamentos de métodos e crítica* (Lisboa: Livros Horizonte, 2007), p.187.

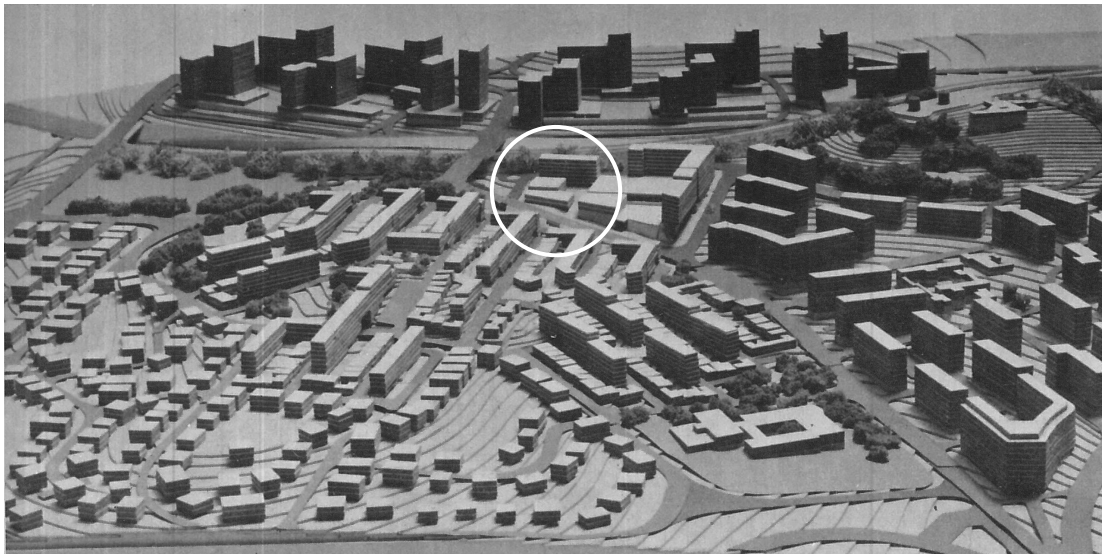
172 Cf. Patrícia Beirão da Veiga Bento d'Almeida, «Bairro(s) do Restelo. Panorama Urbanístico e Arquitectónico» (Universidade Nova de Lisboa, 2013), pp.189-234.

173 «"Dossier" Restelo. Plano de Pormenor (CML1971). Justificação», *Arquitectura - arquitectura, planeamento, design, artes plásticas*, nº130, (Mai.1974), p.11.

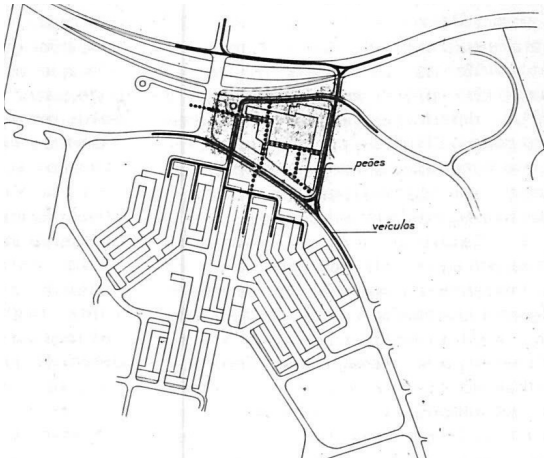
174 Nuno Portas, «"Dossier" Restelo 1973. Resposta à reportagem crítica em jornal diário. (15.Nov.1973)», *Arquitectura - arquitectura, planeamento, design, artes plásticas*, nº130, (Mai.1974), p.20.

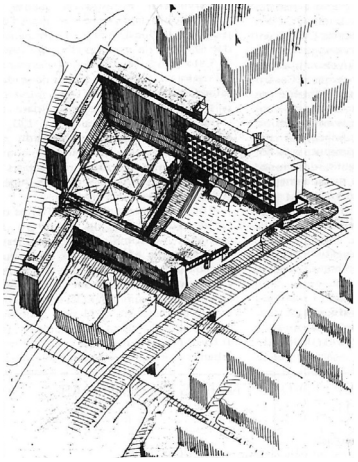
175 «"Dossier" Restelo. Plano de Pormenor (CML1971). Justificação», p.12.

176 «"Dossier" Restelo 1973. Projecto para a Área Central. Justificação.», *Arquitectura - arquitectura, planeamento, design, artes plásticas*, nº130, (Mai.1974), p.20.



a.





b. c.

"Então qual é a cidade da Rua da Alegria?
É a cidade do dia-a-dia, do arquitecto enquanto homem comum, do espaço real e concreto,
e, ao mesmo tempo, de um futuro ideal que se acredita poder alcançar (...)
é a construção meticulosa de um novo espaço, composto de fragmentos,
todos eles aparentemente insignificantes, mas essenciais; novos, mas desde sempre existentes,
peças de um quebra-cabeças que é necessário compreender antes de o tentar montar."

João Afonso, «Um imensa simplicidade. A cidade que se constrói na Rua da Alegria»,
em *Arquitectura e Cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira* (Lisboa: Quimera, 2004), pp.98-99.

26. Urbanização do Restelo (Lisboa, 1971-1973)
a. Maquete do conjunto (1971) arq. Nuno Teotónio Pereira, Nuno Portas, João Paciência e G. Ribeiro Telles
b. c. Estudo prévio da área central (1973) arqs. Nuno Portas, Gonçalo Byrne e Miguel Aragão.

uma igreja, cuja a necessidade fora já identificada no estudo de remodelação paroquial da cidade de Lisboa[177], foi desenvolvido por Nuno Portas, Gonçalo Byrne e Miguel Aragão, conforme documentaria a revista *Arquitectura,* em Maio de 1974. Reconhecia o artigo publicado na revista a pouca experiência portuguesa na criação de novas centralidades, funcionalmente diversificadas, como aquela que se queria "parte integrante do sistema urbano do mosaico residencial da encosta do Restelo"[178], agregando um conjunto de diversificado de intervenções anteriores. Socorrendo-se a estudos de referência internacional, nomeadamente de Inglaterra, que apontavam o valor de referência de 30000 a 40000 habitantes para a constituição de unidades centrais suburbanas, a proposta para a área central do Restelo procurou responder às necessidades de uma população estimada na ordem dos 15000 a 20000 habitantes, . sugerindo a construção de volumes que garantissem a

> "'arrumação visual' e a defesa do quadrante mais exposto enquadrando uma praça – explanada com cafés, restaurante e cinema e uma rua de peões transversal, que constitui um passeio ao longo de estabelecimentos comerciais e acessos ao supermercado. Esta rua articula a R. Mem Rodrigues (ligação próxima ao Restelo-Norte) à R. Gonçalves Nunes (ligação próxima de peões, ao Restelo-Sul) e neste entroncamento situar-se-á o 'adro' da igreja paroquial prevista. "[179]

A igreja estava contemplada nesta área central, um quarteirão de uso público rasgado por atravessamentos pedonais em diversas direcções. De certo modo, trava-se dum gesto com motivação semelhante ao que estivera na concepção das igrejas do Sagrado Coração de Jesus (Lisboa, 1962-1970) – igreja associada a um atravessamento – ou da proposta para S. Sebastião da Pedreira (Lisboa, 1970-1971) – associada a um centro comercial – cujos projectos foram trabalhados no gabinete de Nuno Teotónio Pereira.[180]

Contrariamente ao plano de urbanização desenvolvido no Gabinete de Estudos de Urbanização aquando da remodelação paroquial de 1959,[181] a igreja do Restelo não

---

[177] Em 1959, aquando da remodelação paroquial de Lisboa, foi equacionada a possibilidade de construir a igreja de S. Francisco Xavier na parte sul do terreno liberto de construção, de acordo com o estudo de urbanização que estava a ser desenvolvido na Câmara Municipal de Lisboa, conforme documenta ao processo existente em [CML], «Terrenos para as igrejas das novas paróquias de Lisboa», *Arquivo SNIP*.

[178] «"Dossier" Restelo 1973. Projecto para a Área Central. Justificação», p.19.

[179] Ibid. p.20.

[180] [ver cap.3.5.1]

[181] Contrariamente ao projecto do Restelo desenvolvido pelo gabinete de Nuno Teotónio Pereira (1970) que concentrava serviços, escolas e equipamentos no topo Norte da área a urbanizar junto dos acessos

surgiria isolada na célula, envolvida por espaço verde. A igreja, na revisão do início da década de 1970, surgiria integrada num centro cívico polarizador da vida comunitária, recuperando a tradição orgânica da cidade onde diferentes funções se complementam e coabitam.

Criada a paróquia de S. Francisco Xavier em 1959, "provisoriamente anexa à de Santa Maria de Belém" até ao início da década de 1980, a nova igreja surgiria em substituição da capela provisória instalada num pré fabricado no final da década. O complexo paroquial de S. Francisco Xavier (1997-2011), projectado por Troufa Real, apesar de construído na proximidade do que seria a área central, contrariou as preocupações volumétricas do plano ao nível da integração na paisagem, criando um verdadeiro grito da presença da Igreja na cidade. A implantação não obedeceu ao projecto de conjunto desenvolvido pelo gabinete liderado por Teotónio Pereira, que passadas quase quatro décadas não poupou duras críticas à nova igreja.[182]

A igreja, parte integrante dum sistema, dava lugar a uma outra, de natureza icónica e autónoma. O espaço público e seus edifícios, que constituiriam a peça de fecho idealizada, não foram construídos, ficando em falta o lugar de encontro e sociabilização da comunidade, o centro que ligaria as zonas urbanizadas envolventes. Sobre a importância e caracterização das novas centralidades, escrevera Barbosa de Abreu em 1961, relevando o papel do investimento público e privado na promoção de lugares de encontro:

> "Para a existência deste sentido de comunidade, não pode deixar de contribuir, a existência de locais apropriados, públicos ou privados, que facilitem o contacto entre os indivíduos.

---

viários principais, o projecto desenvolvido na CML pelo arq. José Aleixo da França Ribeiro (1959) os equipamentos eram dispersos pelo terreno. Apesar do projecto de 1959 propor a construção de um centro cívico, dotado de cinema, este não agregava os restantes equipamentos, nomeadamente a igreja.
Cf. Urbanização do Restelo: reajustamento da 2ª fase (Out.1959), *Arquivo CML*.

182 "(...) a nova igreja do Restelo inclui uma torre de cem metros de altura em forma de minarete [não construída] e uma paleta cromática ousada, com paredes pintadas de dourado, vermelho, verde e cor-de-laranja. O edifício tem, num dos lados, a forma bojuda de um barco assente numas cornucópias que imitam ondas, numa alusão à época dos descobrimentos.(...): 'Ofende de forma muito grave a paisagem urbana e os princípios basilares da arquitectura contemporânea'
No seu entender, o projecto está completamente desenquadrado do conjunto urbano que planeou juntamente com Nuno Portas, nos anos 70, e, se for por diante, vai descaracterizar toda a encosta que se estende até ao rio. 'Pela sua dimensão excessiva para as necessidades do local e pelo seu custo, nunca acreditei que fosse construído', admite. 'E, do ponto de vista da arquitectura religiosa, parece-me um completo disparate. A arquitectura das igrejas deve pautar-se pela pureza de formas e pela beleza'."
Ana Henriques, «Teotónio Pereira considera que igreja do Restelo é uma aberração», *Público*, (18.Nov.2009).

E para esta finalidade, deverão os centros ser estudados de uma maneira especial quer sob o ponto de vista de hábitos e tendências locais, quer quanto às possibilidades dos sítios disponíveis, de forma a ser convenientemente considera a valorização destes ambientes, por todos os meios ao nosso alcance. (...)
Se esta necessidade não é atendida, podemos cair no erro de certas cidades que, embora representativas, são destituídas de sociabilidade e interesse cívico, não cumprindo, afinal com a sua função por excelência."[183]

2.4.8. O programa - visto no plano de dimensionamento

Santa Isabel | Senhora do Amparo de Benfica
S. Sebastião da Pedreira | Santos Reis Magos

O estudo preliminar de 1957 antecipou também questões relativas ao programa das igrejas paroquiais. Já em 1955 o cardeal Cerejeira tinha dito que a igreja não era apenas um lugar de culto, referindo-se à necessidade de espaços complementares para o desenvolvimento de actividades pastorais. Esta tomada de consciência teve repercussão ainda na fase de inquérito às igrejas paroquiais existentes. Se algumas até tinham dimensão suficiente para acolher a população das comunidades redistribuídas ou em crescimento, em muitas delas faltavam contudo os tais espaços anexos e complementares.

A paróquia de Santa Isabel tinha sede, mas a precisar de obras. Foi por isso sugerido um melhor aproveitamentos dos seus anexos, o que viria a concretizar-se em meados da década de 1960.[184] O salão então criado, espaço privilegiado de encontro e debate de ideias, foi palco de diversos encontros entre eles alguns promovidos pelo MRAR.[185]

---

[183] Barbosa de Abreu, *Tendências na planificação das áreas centrais*, p.22.

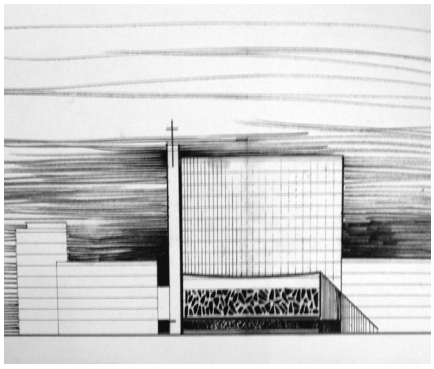
[184] "(...) trata-se duma obra de renovação e não de restauro, porque se trata da utilização dum edifício vivo e em continuidade com a sua missão, e não da manutenção dum 'monumento classificado', edifício morto e ultrapassado nas suas funções (...) Santa Isabel, paróquia de 20000 almas, evoluiu rapidamente com o crescimento da cidade, e de paróquia dos arrabaldes e correspondente estrutura social, tornou-se hoje uma paróquia central, com profunda projecção no centro da cidade (...) para total cumprimento das exigências da vida da igreja, a par da renovação do seu interior, procedeu-se à sua integração num complexo paroquial (...) cujo projecto geral é do arq. [Samuel Tavares] Quininha."
Diogo Lino Pimentel, «A renovação do interior duma igreja : Santa Isabel, em Lisboa (António Freitas Leal) », *Arquitectura - revista de arte e construção*, nº89-90, (Dez.1965), pp.185-187.

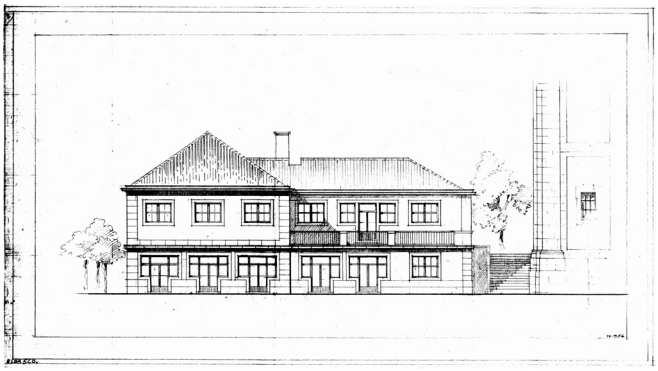
[185] Em 1963 foram ali realizadas três reuniões de estudo do MRAR, duas dedicadas à música sacra e a outra sociologia religiosa – a partir da experiência do Padrão da Légua [ver cap.3.2 e anexo 9]





a. b.





c. d.



e.

27. Demolir, adaptar, ampliar

a. Igreja de Santa Isabel e dependências anexas. *Arquivo AML*

b. Igreja de Nossa Senhora do Amparo de Benfica. *Arquivo AML*

d. Dispensário para a paróquia de Benfica (1956) arq. Raul Lino *Arquivo FCG-RL*

e. Centro Paroquial e Social de Benfica (1959-1964) arqs.João Braul Reis e Erich Corsépius.

c. Estudo para a nova igreja dos Santos Reis Magos - Campo Grande (1963-1970) arq. Norberto Correa.
Esta igreja não foi construída.

Nalgumas situações da periferia foi aproveitado o património existente como por exemplo na paróquia de Benfica, onde a dimensão da igreja de Nossa Senhora do Amparo permitiu acolher o aumento populacional da zona. Contudo, a carência de espaços de outra natureza levou à encomenda de um estudo de um dispensário a Raul Lino, que propôs um edifício novo e independente de dois pisos, com salão paroquial, cartório, salas de catequese e habitação paroquial, no piso superior, a construir sobre o limite do adro que resultara da transferência do antigo cemitério. Este estudo, em curso aquando do processo de revisão paroquial da cidade, seria porém abandonado e ali seria construído entre 1959-1964 um novo centro paroquial e social, em duas fases distintas: a primeira segundo um projecto de João Braula Reis e a segunda desenvolvida por Erich Corsépius.[186]

No caso de S. Sebastião da Pedreira, chegou a ser projectada a construção de uma nova igreja e centro paroquial, nos terrenos a norte do Parque Eduardo VII, tal como foi levantada a hipótese de demolir a sede paroquial – uma igreja que resistira ao terramoto de 1775.[187]

No Campo Grande, a demolição também chegou a ser estudada – vejam-se os estudos de Norberto Correa realizados entre 1963 e 1970 para a nova igreja e serviços a construir naquele mesmo lote.[188] A ideia de substituição acabou por ser abandonada e a igreja dos Santos Reis Magos foi ampliada, tendo os anexos paróquias sido construídos muitos anos mais tarde, já em 1996.[189]

A exiguidade dos espaços de culto levou à demolição e à construção de novos complexos paroquiais como aconteceu na paróquia do Sagrado Coração de Jesus e de S. Jorge de Arroios. A propósito desta temática recordamos a nota introdutória da entrevista a Vasco Regaleira no jornal *Novidades*, no início da década de 1950. Ao apresentar o projecto da igreja de Alvalade, que reutilizaria cantarias da demolida igreja de Conceição Nova, afrontava directamente a política urbana em curso, pondo em

---

[186] Cf. Álvaro Proença, «A paróquia nos tempos modernos», em *Benfica através dos tempos* (Lisboa: União Gráfica, 1964), pp.508-511.

[187] [ver cap.3.5]

[188] Cf. *M. Norberto Corrêa - Arquitectura e Urbanismo* (Uzina Books, 2013), pp.76-79.

[189] À igreja primitiva foi adossado um salão polivalente comunicante com possibilidade de abertura para grandes assembleias. Fez igualmente parte do projecto a construção dum centro paroquial e social, com desenvolvimento em altura.

evidência a incoerência na salvaguarda do património medieval em detrimento do de outros períodos.

> "É muito discutível que o critério urbanístico adoptado, neste caso, desde Duarte Pacheco, pela Câmara Municipal de Lisboa, seja o melhor ou o único possível. Pelo menos, muitas outras câmaras de outras capitais entendem as coisas diversamente. (...) Não faz sentido que, enquanto, por um lado, se preservam e restauram os monumentos medievais, se proceda, com uma verdadeira política de bota-abaixo em relação aos templos barrocos de Lisboa. Acaso a arte renascentista, barroca e neo-clássica será inferior à românica, à gótica, à manuelina?"[190]

Anos mais tarde, em Maio de 1974, escreveu José Augusto França na revista *Arquitectura* um artigo de opinião a propósito da possibilidade de demolição da igreja de S. Julião na Baixa pombalina. No artigo era partilhada a posição crítica em relação à política de bota-abaixo que resultara na "curiosa contradição com apregoados princípios nacionalistas"[191], tal como Vasco Regaleira já questionara no início da década de 1950. Contudo, se Regaleira colocava o tónus no valor patrimonial dos imóveis religiosos e na política de gestão urbana do centro da capital, em 1974 a crítica estendia-se à moralidade da intervenção, tendo defendido então o autor a "indiscutível (...) vantagem cultural da existência da igreja de S. Julião dentro da imagem urbana da 'Lisboa/Pombalina'".[192]

Arroios | Sagrado Coração de Jesus

Nos estudos de remodelação paroquial para além da identificação do património religioso demolido encontramos referências a situações em que a própria Igreja previu a substituição do património edificado, dada a inexistência de terrenos aptos à construção de novas estruturas de maiores dimensões. Assim aconteceu em paróquias da capital como a de Arroios, conforme identificava o relatório preliminar de 1957. A igreja

---

[190] «O que vai ser em Lisboa a igreja de S. João de Brito – Ouvindo o arquitecto Vasco Regaleira», *Novidades – Letras e Artes*, (26.Ago.1951), p.1.

[191] "A época era de inconsciência de certos valores culturais, em curiosa contradição com apregoados princípios nacionalistas – e Duarte Pacheco foi o infeliz campeão dessa atitude que só o realismo do tempo (e da preguiça) não deixou concretizar inteiramente"
José Augusto França, «Sobre a demolição da igreja de S. Julião na 'Baixa Pombalina'», *Arquitectura - arquitectura, planeamento, design, artes plásticas*, nº130, (Mai.1974), p.8.

[192] Ibid.

> "apesar de um pouco alargada com as recentes obras, não chega para o movimento paroquial, sendo de aconselhar a sua reconstrução completa com melhor aproveitamento da área em que está implantada".[193]

Ali seria construída, após um demorado e burocrático processo de aprovação, a igreja projectada pelos arquitectos Erich Corsépius e Manuel Alzina Menezes, para uma das mais populosas paróquias da cidade, estimada em 40000 habitantes no início do processo de divisão paroquial. A encomenda da nova igreja recua ao ano de 1959. As obras começaram apenas em 1970 tendo a igreja sido inaugurada em 1972.[194]

Dez anos antes, em 27 de Março de 1962, a reunião de estudo do MRAR debateu o ante-projecto para aquela igreja, cujo programa se baseou no do concurso para a do Sagrado Coração de Jesus, paróquia não somava 20000 habitantes em 1957. Lançado em 1958 mas apenas realizado 1962, este concurso acompanhou o processo de remodelação paroquial da capital. Pela primeira vez numa reunião de estudo do MRAR foi discutida a integração urbana de uma nova igreja a construir na cidade consolidada.[195] A partir daquela encomenda real foi reflectida a importância do adro, local de acolhimento e encontro, que pôde ser valorizado pela negociação da equipa projectista com a edilidade, garantindo a articulação e continuidade do lote da igreja com o largo existente. O projecto da igreja nasceu do redesenho do espaço público. Por sua vez a localização excepcional do lote, o gaveto triangular de um quarteirão habitacional que se densificava, levou a que fosse considerada uma solução inicial que respondesse simultaneamente ao remate das empenas e que conferisse ao conjunto uma identidade clara, separando as duas partes do programa, a litúrgica e a pastoral.[196] Segundo os autores:

---

193 «Projecto de divisão paroquial da cidade de Lisboa [paróquia de São Jorge de Arroios]», *Arquivo SNIP*, (16.Ago.1957), p.s/n.

194 Cf. Cunha, «MRAR e os anos de ouro da arquitetura religiosa (...) de 1950 e 1960». [Igreja de S. Jorge de Arroios, pp.373-378].

195 Nas reuniões de formação e convívio do MRAR, lançadas em 1961, tinham sido apresentados e discutidos os projectos das igreja de N.ª S.ra da Piedade na localidade de Vidais (Caldas da Rainha) por António Freitas Leal, e o ante-projecto da igreja de Rio Maior por Sebastião Formosinho Sanchez (não construída) – integrada num parque junto ao novo tribunal. Por sua vez nas reuniões de estudo, iniciadas no Outono daquele ano, foram debatidos os projectos do convento das irmãs franciscanas de Calais (Gondomar) de Fernando Távora, e da capela do convento dominicano (Fátima) de Luiz Cunha.
[ver anexo 9]

196 [Sobre a integração de igrejas em blocos habitacionais, ver cap.3.6]

> "Quanto à integração na malha urbana, pretendeu-se valorizar o conjunto, não à custa de uma competição volumétrica impossível de conseguir visto se preverem junto da igreja blocos com 7 pisos, mas criando ângulos que tivessem valor plástico sem recurso à dimensão."[197]

O desenvolvimento do projecto levou a que fosse reconsiderada a proposta inicial que veio a ser substituída por um edifício compacto, que acentua "exteriormente o carácter de unidade dentro da heterogeneidade do programa" [198] acompanhando a cércea proposta das construções vizinhas, quebrada pela manifesta vontade de "distensão pontual num tecido urbano incaracterístico, [que] levou à criação de uma torre de dimensão considerável" [199], aproveitando os 11 sinos existentes, conforme escreveria o autor em 1973 em número da revista *Binário* dedicado à arquitectura religiosa.[200]

Dois dos pontos tratados na referida reunião de Março de 1962, o desenho do espaço público e a integração urbana, seriam temas centrais na avaliação das propostas ao concurso para a nova igreja do Sagrado Coração de Jesus. O boletim mensal do MRAR deu conta das intervenções mais significativas daquela reunião de estudo, referindo nomeadamente alguns dos concorrentes, um membro do júri e o pároco promotor, do concurso do Sagrado Coração de Jesus que fecharia no final de Maio desse ano.[201]

---

197 *Boletim - movimento de renovação da arte religiosa*, 2ª série, nº11, (Abr.1962).

198 Erich Corsépius, «Igreja paroquial de S. Jorge de Arroios, Lisboa», *Binário - revista mensal de arquitectura, construção, equipamento*, nº176, (Mai.1973), p.184.

199 Ibid. p.184

200 No mesmo número da revista *Binário*, a introduzir o tema da arquitectura religiosa, surgem dois artigos que espelham o debate no início da década de 1970. Assim, a par da renovação de um programa para espaços de culto é problematizada também a integração no tecido urbano:
'I. Questões básicas' pelo alemão Erdmann Kimmig que aborda questões relativas ao espaço de culto e coloca em questão a posição do centro paroquial nas zonas residenciais

> "(...) igrejas e centros paroquiais opulentos e 'representativos' apenas para 10% da população têm um efeito provocador e assustador (...) precisamos de um outro tipo de espaços destinados ao culto."[p.179]

'II. Uma experiência' pelo holandês J. Bakema que faz uma retrospectiva dos seus trabalhos para as Igrejas: Schiedam, Nagele, Centro Paroquial Evangélico de Mainz, concurso de Zurique, Arnhem. O artigo ilustrado com esquemas torna clara a preocupação da relação do edifício com a envolvente. Fecha o artigo com a frase provocatória

> "Também na arquitectura religiosa é tempo de reconhecermos que no futuro importará cada vez menos a qualidade do projecto de edifícios isolados, e cada vez mais a sua integração na trama urbana." [p.180]

201 Dos perto de 50 participantes daquela reunião de estudo (27.Mar.1962) destacou o boletim do movimento as intervenções dos padres João de Almeida e Luís Aparício (membro do júri e pároco promotor), Nuno Teotónio Pereira (1º classificado), António Freitas Leal e Diogo Lino Pimentel (5º classificado), João Correia Rebelo (desclassificado), Erich Corsépius e Manuel Alzina Menezes (4os classificados).

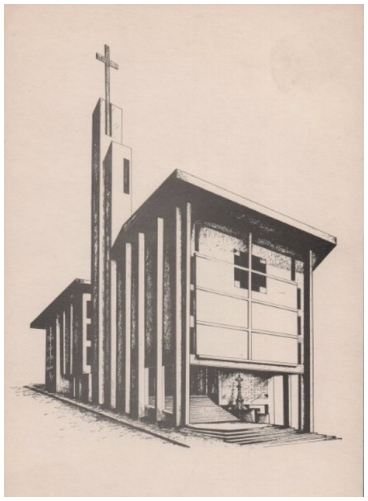
Recorde-se que também este último processo começara com a negociação de terrenos junto das entidades camarárias, quando foram decididas a compra de um novo terreno e a demolição da antiga igreja. A possibilidade de atravessamento do quarteirão unindo as ruas Camilo Castelo Branco e Santa Marta e o redesenho do limite do lote com os contíguos foram conduzidos por Formosinho Sanchez, entre 1958 e 1962, o que motivou o atraso na abertura do concurso. O desenho do espaço público, grande protagonista da solução vencedora, concebida por Nuno Teotónio Pereira e Nuno Portas, era afinal a formalização de uma premissa do próprio concurso, conforme demonstra o estudo aprovado pela CML em 1962 e disponibilizado a todos os concorrentes. As intenções de projecto expressas no estudo seriam objecto de trabalho de diversas equipas, algumas delas premiadas. O confronto dos elementos fornecidos com as propostas apresentadas a concurso[202] permite identificar claras afinidades. Para além da solução explorada no corte transversal da proposta vencedora – "o atravessamento público do interior do quarteirão, animado por uma sucessão de espaços exteriores, cobertos e descobertos, escadas e patamares, onde é feito o acesso aos diferentes pisos do equipamento"[203] –, atente-se à implantação dos corpos e distribuição do programa na proposta de João Serôdio, Rolando Torgo e Rui Paixão (segundo lugar) e a continuidade do plano de fachada com rés-do-chão parcialmente permeável apresentada por António Freitas Leal, Maria do Carmo Matos e Diogo Lino Pimentel (quinto lugar). A proposta de Erich Corsépius, classificada em quarto lugar, recuperaria temas explorados na primeira versão da igreja de Arroios, como por exemplo o da separação dos volumes dos programas litúrgicos e pastorais, resolvendo o último o problema da empena da construção vizinha.

Cf. *Boletim - movimento de renovação da arte religiosa*, 2ª série, nº11, (Abr.1962).

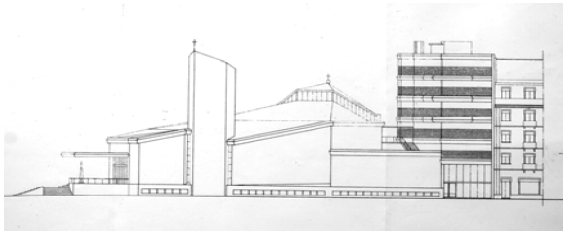
202 Foi realizada uma exposição dos "Anteprojetos concorrentes no concurso da nova igreja do Sagrado Coração de Jesus" na Sociedade Nacional das Belas Artes (Lisboa, 13-22.Out.1962). No último dia foi feita uma apresentação e discussão do projecto vencedor. No mês seguinte a reunião de estudo do MRAR (6.Nov.1962) foi também dedicada àquele anteprojecto. [ver anexo 9]
A revista *Arquitectura,* publicou a acta do júri e as diferentes propostas acompanhadas de extractos das memórias descritivas premiadas.
Cf. «Concurso de anteprojectos para a Igreja Paroquial do Sagrado Coração de Jesus e seus anexos», *Arquitectura - arquitectura, planeamento, design, artes plásticas*, nº76, (Out.1962), pp.11-32.

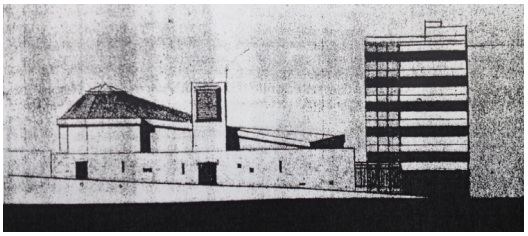
203 Cf. João Luís Marques, «The church in the city: The churchyard in Parish Church Complexes - 3 Case Studies», em *Espaço Público e Cidade Contemporânea, 6º European Symposium on Research in Architecture and Urban Design EURAU 12* (Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2012). [ver anexo19]





a. b.





c. d.



PARÓQUIA DO S. CORAÇÃO DE JESUS

21-6-1970

DA VELHA IGREJA À IGREJA NOVA

A inauguração da nova igreja paroquial do S. Coração de Jesus veio chamar-nos mais uma vez a atenção para o problema da construção de templos, que é um dos mais importantes para o desenvolvimento da vida religiosa no Patriarcado de Lisboa.

Tal problema tem sido uma das grandes preocupações do Senhor Cardeal-Patriarca. Bem o acentuou, no dia em que Sua Eminência fez 80 anos, o Senhor D. Manuel Franco Falcão, Bispo de Teleple:

«Evocando a imagem bíblica da Igreja, templo de pedras vivas construído sobre a pedra fundamental que é Cristo, podemos dizer que Sua Eminência o Senhor Cardeal-Patriarca tem sido o grande mestre construtor da Igreja de Lisboa. Mas até porque o tem sido, ele nos aparece como inteligente e esforçado construtor de igrejas.

Em 15 de Dezembro de 1959, na célebre carta pastoral sobre «O grave problema das igrejas no Patriarcado de Lisboa», pôde fornecer ao público o resultado do admirável esforço levado a cabo na diocese nos então 30 anos do seu pontificado: 25 igrejas e 76 capelas construídas de raiz; respectivamente 79 e 68 restauradas; 22 e 29 reabertas; mais 8 igrejas em construção. No entanto, apesar de resultados tão consoladores, a realidade amarga traduzia-se no apelo à consciência diocesana: são ainda necessárias 70 novas igrejas e cerca de 115 capelas!

Sua Eminência não se tem preocupado apenas com o volume do trabalho a realizar. Não esquece que uma igreja é a Casa de Deus e é também instru-

(Continuação da 3.ª pág.)

A NOVA IGREJA DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS

REJA VELHA DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS

e.

28. Igreja velha, igreja nova, Arroios e Sagrado Coração de Jesus (Lisboa)

a. A antiga igreja de Arroios. *Arquivo AML*

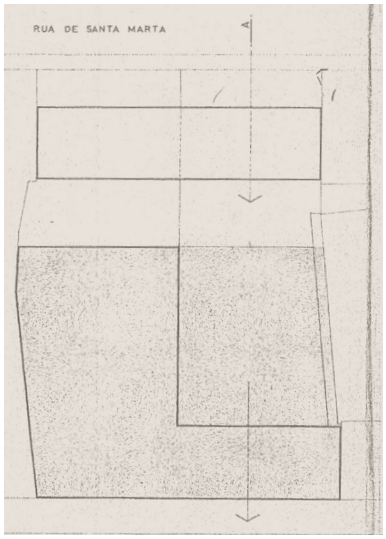
b. Postal comemorativo da inauguração da igreja de S. Jorge de Arroios.

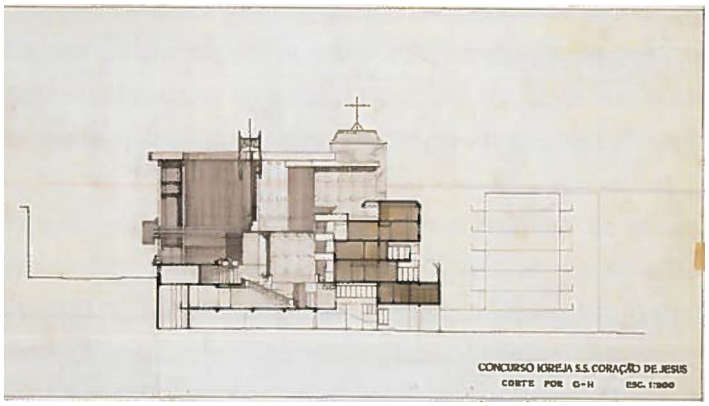
c. Ante projecto de S. Jorge de Arroios (1962) arqs. Erich Corsépius e Alzina Menezes. *Arquivo AML*

d. Proposta de concurso do Sagrado Coração de Jesus (1962) arq. Erich Corsépius - 4º lugar.

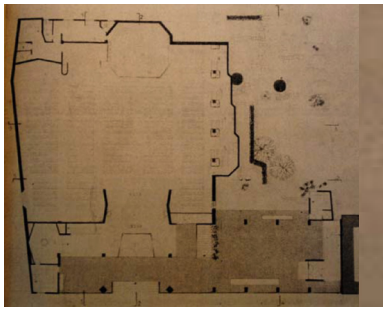
e. Notícia dando nota da demolição da 'igreja velha' e da construção da 'nova igreja' (1970). *Arquivo SNIP*

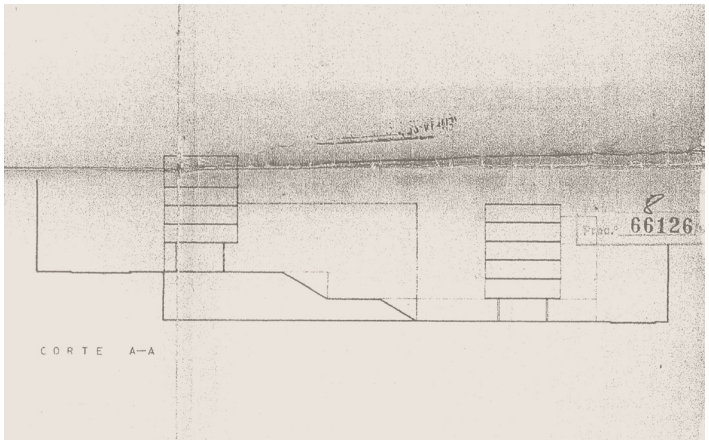
A nova igreja não foi construída no lugar da igreja demolida.



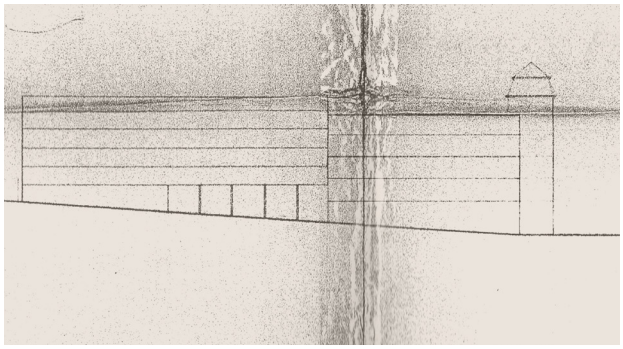


a. b.





c. d.





e. f.

29. As premissas e propostas do concurso -
igreja do Sagrado Coração de Jesus e seus anexos (Lisboa, 1962)

a. d. e. Estudo aprovado pela CML (1962) arq. Sebastião Formosinho Sanches *Arquivo SNIP*

Excertos dos elementos desenhados disponibilizados aos concorrentes: planta com indicação do atravessamento, corte pelo interior do quarteirão, alçado da R. Camilo Castelo Branco sugerindo continuidade de fachada.

b. Proposta dos arqs. Nuno Teotónio Pereira, Nuno Portas, Vasco Lobo e Vitor Figueiredo - 1º lugar.

"A procura orientou-se desde início para uma solução aberta transversalmente e que articulasse, através de sucessivos espaços exteriores em socalcos a entrada superior pela R. Camilo Castelo Branco com ligação à de Santa Marta" Memória descritiva

c. Proposta dos arqs. João Guimarães Serôdio, Rolando Torgo da Silva e Rui Paixão - 2º lugar.

"A integração urbana e a disposição geral foram julgadas correctas" Acta júri

f. Proposta dos arqs. António Freitas Leal, Maria do Carmo Matos e Diogo Lino Pimentel - 5º lugar

"(...) o partido básico de composição (planta cruciforme da igreja e continuidade da banda marginal sobre a R. Camilo Castelo Branco) (...) imprime a todo o conjunto uma rigidez de que o autor não se consegue libertar." Acta júri

Para além das afinidades plásticas e materiais que unem as construídas igrejas de Arroios e Sagrado Coração de Jesus – uso de betão e blocos aparentes –, há que considerar a integração na cidade circundante, a importância do desenho do espaço público – que beneficiou dos acordos alcançados com a CML – e o facto de ambos terem surgido em substituição de igrejas pré existentes de pequena dimensão, conforme era notado em 1957, no relatório preliminar de dimensionamento paroquial.

2.5. 'Presença cristã na metrópole portuguesa'

Chiesa e Quartiere (1960)

Toda a reflexão em torno do trabalho de dimensionamento paroquial da zona urbana e da atenção às pequenas comunidades rurais, dois processos paralelos e complementares, foi sintetizada na carta pastoral de 1959, em que é perceptível a proximidade ao trabalho de Manuel Falcão, à época secretário particular do cardeal e futuro director do SNIP (1961) que seria apontado, numa carta assinada por 106 padres enviada ao Núncio Apostólico em Dezembro de 1967, como possível e desejado sucessor do cardeal Cerejeira,

> "num momento em que muitos cristãos e alguns dos sectores mais vivos da sociedade portuguesa se interrogam angustiadamente sobre o compromisso da Igreja com o actual regime político."[204]

---

204 "Ninguém ignora que a diocese de Lisboa é, hoje em Portugal, a diocese que exige maior lucidez para equacionar os problemas pastorais, maior coragem nas soluções e maior rapidez de acção. Em Lisboa sente-se, como em nenhuma outra parte do país, a urgência de redimensionar toda a pastoral em função dum mundo que tão rápida e profundamente se transformou. (...) não é o momento para um bispo que seja apenas fiel guarda dos bens materiais adquiridos (...).
Parece-nos que o Senhor D. Manuel Falcão, Bispo de Telepte e actual auxiliar do Patriarcado, pela sua capacidade de acção, juventude e reconhecida competência pastoral, poderia ser o bispo que necessita a diocese de Lisboa."
Carta de 106 padres ao Núncio Apostólico sobre a substituição de Cardeal Cerejeira (25.Dez.1967) publicada em Joana Lopes, *Entre as brumas da memória. Os católicos portugueses e a ditadura* (Porto: Ambar, 2007), pp.229-230.
No mesmo livro recorda Joana Lopes o testemunho do antigo ministro publicado em 'Um político confessa-se':
"Franco Nogueira relata o que Salazar terá dito, já em 1968 (tendo ou não conhecimento da carta enviada ao núncio apostólico), a propósito de Manuel Falcão:
'Esse jovem é o menino bonito do Cardeal. De uma coisa, porém, pode estar certo: enquanto eu for Presidente do Conselho, não será Cardeal, nem sequer Bispo de uma qualquer diocese.'"
Ibid. p.132

À semelhança da carta pastoral de 1953 também a de 1959, intitulada "O grave problema das igrejas no Patriarcado de Lisboa", foi publicada em Itália pela revista *Chiesa e Quartiere* que a difundiu sob o sugestivo título "Presenza Cristiana nella metropoli portoghese"[205].

A data da publicação, Março de 1960, coincidiu com o período em que Diogo Lino Pimentel, membro do MRAR, estagiava com apoio da Fundação Calouste Gulbenkian no Centro di Studio e Informazione per l'Architettura Sacra junto da equipa responsável pela edição da revista.[206] A ideia de estagiar em Bolonha foi fruto do crescente envolvimento de Diogo Lino Pimentel no MRAR e da influência de João de Almeida. Depois de num primeira fase ser a Suíça uma das principais referências internacionais do movimento de renovação português, na década de 1960 fortalecer-se-ia a relação com Itália, em particular com a diocese de Bolonha.

> "J'ai choisi le Centro di Studio car, depuis longtemps, je m'intéresse activement, aux problèmes concernant l'Art Sacré. À présent, je suis membre de la Direction du Mouvement de Renouvellement de l'Art Religieux au Portugal, ce que m'a fait connaître votre excellente publication *Chiesa e Quartiere*. À mon désir personnel d'avoir un contact direct avec votre Centro di Studio, je dois ajouter l'intérêt que ce même contact pourra avoir pour l'activité de notre Mouvement de Renouvellement de l'Art Religieux. Cela est d'autant plus importante que l'on est justement en train de construire plusieurs églises, et de réorganiser la division paroissiale à Lisbonne."[207]

O trabalho de planeamento urbanístico de novas igrejas na diocese de Bolonha, realizado em contacto directo com experiências homólogas europeias como Paris, Milão e Colónia, seria factor decisivo na escolha de Diogo Lino Pimentel que se tinha interessado e participado, ainda que de modo informal, no processo de divisão paroquial da capital e que lhe daria continuidade após o regresso do período de estágio em Itália. O período em que esteve em Bolonha foi uma

---

[205] D. Manuel Gonçalves Cerejeira, «Presenza Cristiana nella metropoli portoghese», *Chiesa e Quartiere*, nº13, (Mar.1960), pp.21-30.

[206] A correspondência trocada por Diogo Pimentel com o arq. Giorgio Trebbi data de Abril de 1959 e em Junho do mesmo ano aproveitou a primeira vinda do cardeal Lercaro a Portugal para o contactar pessoalmente. O estágio (Out.-Nov.1959-Jul.1960) teve uma bolsa de estudo concedida pela FCG conforme documenta a correspondência trocada com Maria José de Mendonça – diretora da Secção de Belas Artes da FCG (1959-1960) e fundadora do MRAR.
Cf. Maria José de Mendonça, «Carta dirigida a Diogo Lino Pimentel», *Arquivo SNIP*, (Lisboa: 17.Set.1959), p.1.

[207] Diogo Lino Pimentel, «Carta dirigida ao Centro di Studio e Informazione per l'Architettura Sacra a/c arq. Giorgio Trebbi», *Arquivo SNIP*, (Lisboa: 6.Jul.1959), p.1.

> "rara oportunidade de acompanhar de perto, colaborando, o estabelecimento das bases essenciais para tornar possível o aparecimento de uma arquitectura sacra verdadeiramente válida. (...) [Da] participação activa nos trabalhos (...) veio uma perspectiva nova, (...) a noção da importância fundamental que as questões sociológico-urbanísticas apresentam em relação ao projectar do edifício sagrado."[208]

Em 1961, Diogo Pimentel integrou a primeira equipa do SNIP juntamente com os padres João de Almeida e João Trindade, sob a direcção do pe. Manuel Falcão – com quem desenvolveria uma relação de amizade.

Ambos participaram, a partir de 1965, nas reuniões do grupo clandestino C43[209] que procurava

> "soluções para os problemas que então tinham as organizações católicas em que militavam e na relação destas com as autoridades religiosas e com a sociedade (...) cada problema, de carácter religioso ou político, era discutido com a abertura adequada às circunstâncias. Havia limites: todos sabíamos que os outros sabiam que não dizíamos tudo..."[210]

Ainda que em fosse explicitamente dito no artigo de 1960 da *Chiese e Quartiere* tratar-se de reprodução integral da carta pastoral do cardeal português, de facto, não o era – já então não se dizia tudo. A estrutura do documento foi simplificada, substituindo as numerosas divisões do original, de matriz pastoralista, por apenas 5 secções que evidenciam a preocupação de o voltar para o público da revista, a saber: 'La parrocchia fattore insostituibile dell'azione Cristiana', 'Misura storica ed humana', 'Il piano di dimensionamento parrocchiale di Lisbona', 'La città come organismo' e 'Architettura per le chiese'. Do texto foram retiradas grande parte das referências a nomes de paróquias e localidades, em particular as da capital. Também algumas das notas às experiências internacionais foram omitidas. Para além destas omissões são particularmente significativas as respeitantes à situação colonial, fazendo pensar num

---

[208] Diogo Lino Pimentel, «Relatório referente ao 1º trimestre de estágio junto do "Centro di Studio e Informazione per l"Architettura Sacra (3.Dez.1959 a 3.Mar.1960)», *Arquivo SNIP*, 1960, pp.4 e 6-7.

[209] O grupo 'C43', criado em 1965, reuniu secretamente até 1968 padres e leigos que ocupavam lugares de liderança em diversas organismos eclesiais. Para além dos nomes mencionados integraram o grupo personalidades do Seminário dos Olivais (Abílio Tavares Cardoso e Luís Moita), redactores do BIP (Fernando Micael Pereira), membros da direcção da Junta Central da Acção Católica (Sidónio Paes, Luís de Melo Breyner, Joana Lopes) e de outros organismos, como a União Noelista Poruguesa (Joana Veloso e Maria Conceição Moita) e as Equipas de Casais de Nossa Senhora (Joana e Eduardo Veloso). Participaram ainda Fernando Belo e Bartolomeu Reker. O nome foi atríbuido por Manuel Falcão: C porque era clandestino, 43 porque já deveriam existir outros 42 de semelhante natureza.
Cf. Lopes, *Entre as brumas da memória. Os católicos portugueses e a ditadura*, pp.129-134.

[210] Ibid. p.129 e 131.

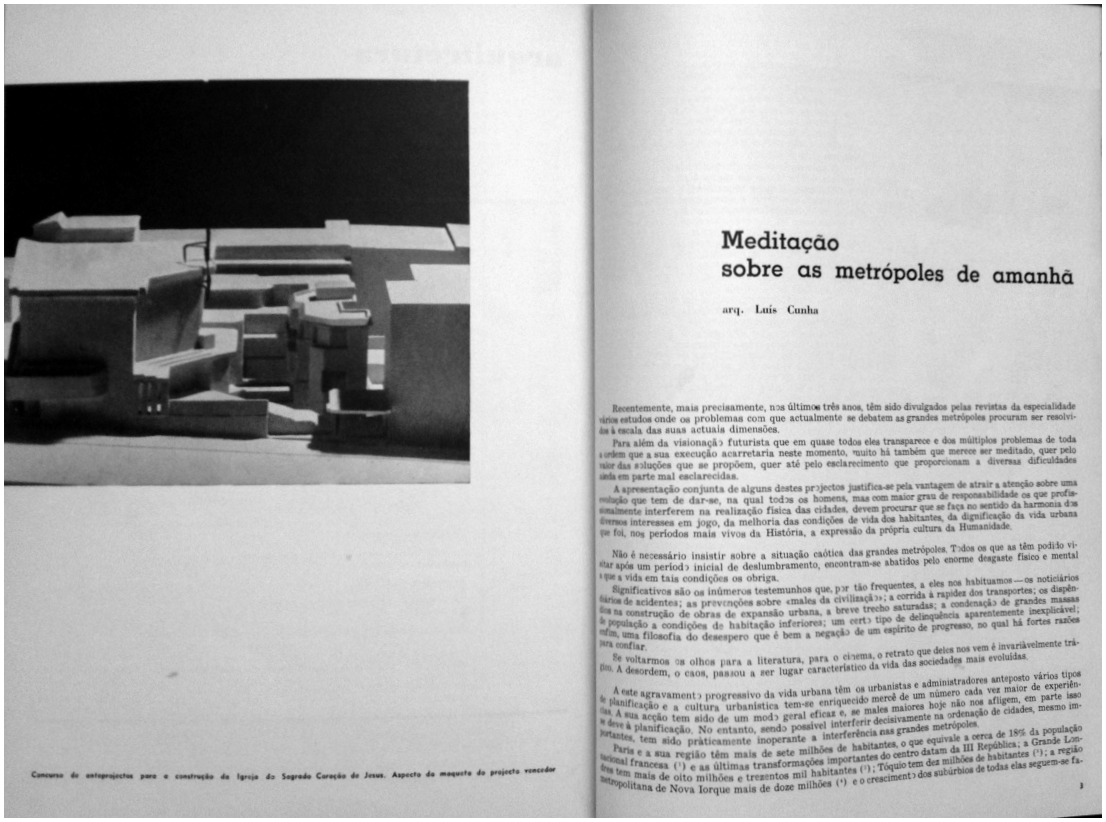
acto de auto-censura. Assim foram retiradas da versão italiana as seguintes interrogações:

> "Vamos à África converter os pagãos, e deixaremos, aqui na cabeça de Portugal, que se tornem pagãos os portugueses? (...)
> Pesa sobre os cristãos do Patriarcado de Lisboa todo o peso desta pergunta: quando África portuguesa for inteiramente cristã, não será pagã grande parte do Patriarcado?"

O texto resultante desta lapidação transforma-o e aproxima-o do debate internacional. A ilustrá-lo apenas três imagens: na folha de rosto do artigo uma fotografia panorâmica da cidade vista a partir da Baixa, vendo-se a Avenida da Liberdade com o parque Eduardo VII (onde se estudava a hipótese da construção de uma igreja ou catedral), no verso uma aproximação à produção arquitectónica. Contudo em 1960, à data da publicação, o panorama da arquitectura religiosa moderna na "metrópole portuguesa" pouco se tinha alterado desde a exposição de S. Nicolau (1953). Tinha sido inaugurada a igreja de S. João de Brito (1955) mas o promissor concurso que estava a ser preparado para a igreja do Sagrado Coração de Jesus – uma igreja pensada para as dinâmicas da cidade – ainda não se tinha realizado. Na periferia da cidade tinha sido inaugurada a igreja de Moscavide, em 1956, com clara afinidade aos projectos desenvolvidos por Hermann Baur na Suíça, cuja produção arquitectónica no campo religioso era divulgada também naquela revista. Não muito distante de Lisboa, na margem sul do Tejo, mas já na vizinha arquidiocese de Évora, tinham sido inauguradas as igrejas de Santo Isidro de Pegões (1957) projectada por Eugénio Correia[211] e a de Coruche (1958) por Vasco Regaleira – igrejas que representam bem a coexistência temporal de diferentes modelos arquitectónicos.

Perante este cenário global a escolha editorial da revista *Chiese e Quartiere* não caiu numa igreja mas numa pequena capela, bem distante da 'metrópole portuguesa': a Capela de Picote (1956-1958) projectada por Nunes de Almeida, um jovem arquitecto formado na ESBAP e externo ao MRAR. A capela integrava o plano da hidroeléctrica do Douro, uma moderna pequena cidade toda ela pensada à margem da discussão do MRAR, mas onde a Igreja marcou presença e onde o trabalho de artistas modernos foi convocado. A escultura de Barata Feyo, o Cristo colocado sobre o sacrário e altar, foi a

[211] Perto de 30 anos antes da inauguração da igreja de Santo Isidro de Pegões, Eugénio Correia tinha desenhado o seminário de Vila Real (1930), sendo claro os diferentes modelos de referência de cada um dos projectos.



Concurso de anteprojectos para a construção da Igreja do Sagrado Coração de Jesus. Aspecto da maquete do projecto vencedor

Meditação
sobre as metrópoles de amanhã

arq. Luís Cunha

Recentemente, mais precisamente, nos últimos três anos, têm sido divulgados pelas revistas da especialidade vários estudos onde os problemas com que actualmente se debatem as grandes metrópoles procuram ser resolvidos à escala das suas actuais dimensões.

Para além da visionação futurista que em quase todos eles transparece e dos múltiplos problemas de toda a ordem que a sua execução acarretaria neste momento, muito há também que merece ser meditado, quer pelo valor das soluções que se propõem, quer até pelo esclarecimento que proporcionam a diversas dificuldades ainda em parte mal esclarecidas.

A apresentação conjunta de alguns destes projectos justifica-se pela vantagem de atrair a atenção sobre uma evolução que tem de dar-se, na qual todos os homens, mas com maior grau de responsabilidade os que profissionalmente interferem na realização física das cidades, devem procurar que se faça no sentido da harmonia dos diversos interesses em jogo, da melhoria das condições de vida dos habitantes, da dignificação da vida urbana que foi, nos períodos mais vivos da História, a expressão da própria cultura da Humanidade.

Não é necessário insistir sobre a situação caótica das grandes metrópoles. Todos os que as têm podido visitar após um período inicial de deslumbramento, encontram-se abatidos pelo enorme desgaste físico e mental a que a vida em tais condições os obriga.

Significativos são os inúmeros testemunhos que, por tão frequentes, a eles nos habituamos — os noticiários diários de acidentes; as prevenções sobre «males da civilização»; a corrida à rapidez dos transportes; os dispêndios na construção de obras de expansão urbana, a breve trecho saturadas; a condenação de grandes massas de população a condições de habitação inferiores; um certo tipo de delinquência aparentemente inexplicável; enfim, uma filosofia do desespero que é bem a negação de um espírito de progresso, no qual há fortes razões para confiar.

Se voltarmos os olhos para a literatura, para o cinema, o retrato que deles nos vem é invariàvelmente trágico. A desordem, o caos, passou a ser lugar característico da vida das sociedades mais evoluídas.

A este agravamento progressivo da vida urbana têm os urbanistas e administradores anteposto vários tipos de planificação e a cultura urbanística tem-se enriquecido mercê de um número cada vez maior de experiências. A sua acção tem sido de um modo geral eficaz e, se males maiores hoje não nos afligem, em parte isso se deve à planificação. No entanto, sendo possível interferir decisivamente na ordenação de cidades, mesmo importantes, tem sido praticamente inoperante a interferência nas grandes metrópoles.

Paris e a sua região têm mais de sete milhões de habitantes, o que equivale a cerca de 18% da população francesa (1) e as últimas transformações importantes do centro datam da III República; a região tem mais de oito milhões e trezentos mil habitantes (2); Tóquio tem dez milhões de habitantes (3); a região metropolitana de Nova Iorque mais de doze milhões (4) e o crescimento dos subúrbios de todas elas seguem-se fa-

3

"Sucessivamente integrados nas equipas planificadoras, homens das mais diversas formações, geógrafos, economistas, sociólogos, juristas, peritos em administração, engenheiros, arquitectos, urbanistas, representantes enfim de todas as ciências chamadas a colaborar no conhecimento tanto quanto possível científico dos quadros da vida humana, têm elaborado as bases de uma planificação coerente, realista e segura. Ao urbanista cabe pois um melindroso trabalho de síntese, caracterizado pelo estabelecimento de uma harmonia entre diversos elementos em jogo, pela introdução de novos elementos correctores ou simplesmente estabilizadores, pela supressão de outros nocivos, mas tendo em conta as estruturas pré-existentes a fim de as adaptar ao crescimento dos interesses económicos, ao aumento de volume de trânsito, ao desenvolvimento das populações, numa palavra a fim de as actualizar."

Luiz Cunha, «Meditação sobre as metrópoles de amanhã», *Arquitectura*, nº76, (Out.1962), p.5.

30. 'Meditação sobre as metrópoles de amanhã', revista *Arquitectura* (Out.1962)
a. Maquete vencedora do concurso da igreja e anexos do Sagrado Coração de Jesus (Lisboa) ilustra artigo de Luiz Cunha.
No mesmo número da revista foram apresentados os outros projectos concorrentes .

única fotografia de interior que ilustrou o artigo. Apesar de ser uma obra cara aos sócios do movimento de renovação, que por diversas vezes a ela faziam referência exaltando as suas qualidades formais, a organização interna, avançava pouco no sentido de uma maior participação da comunidade. A novidade desta obra justificou contudo a sua escolha e a publicação numa revista de distribuição internacional, mostrando que a renovação em Portugal também se fazia para lá da metrópole.

2.5.1. A igreja nos bairros da periferia à imagem das cidades satélites

Portela de Sacavém | Nova Oeiras | Vale de Algés

Ao fechar a parte deste capítulo em que nos debruçámos sobre o plano de divisão paroquial da cidade de Lisboa desenhado no final da década de 1950, em que atendemos aos critérios de dimensionamento e delimitação das fronteiras das paróquias da cidade, considerando os aspectos de natureza geográfica e humana a par de transformações urbanas, como a desertificação do centro e o crescimento (des)ordenado da periferia, e identificámos diferentes respostas construídas, propomos um olhar para a cidade alargada, para a metrópole portuguesa que dera título à publicação da Carta Pastoral do Cardeal na revista *Chiesa e Quartiere* em Março de 1960, dez meses antes da criação do Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado.

> "Importa dizer ainda que nos anos 60, se não antes, se tornara claro que o planeamento na região de Lisboa não se podia fazer apenas à escala municipal, pois as inter-relações entre os vários espaços e a dimensão dos problemas envolvidos exigiam uma consideração regional."[212]

De facto, fora dos limites administrativos da capital e, portanto, não abrangidas pelo plano de remodelação paroquial, algumas paróquias verificaram um acentuado crescimento em resultado da consolidação da área metropolitana que, em parte, motivara o aparecimento do próprio Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado. A partir da sua criação, em Janeiro de 1961, o SNIP coordenou a planificação e acompanhou a construção dos lugares de culto, abrangendo a designada Área Metropolitana de Lisboa que, tal como mostrámos ao longo do capítulo, crescia

[212] Teresa Barata Salgueiro, *A Cidade em Portugal. Uma Geografia Urbana.* (Porto: Afrontamento, 1992), p.246.



a.

"A construção de igrejas, sobretudo paroquiais, põe, efectivamente, problemas de urbanização
que só à luz de critérios amadurecidos, em presença dos planos de urbanização locais e regionais
e numa preocupação de soluções convenientemente integradas, podem ser bem resolvidos.
Uma igreja implica um terreno bem dimensionado e bem localizado;
a sua boa localização só poderá fazer-se em função duma boa divisão paroquial;
e esta depende das realidades geográficas, sociais, demográficas do presente e futuro."

D. Manuel Gonçalves Cerejeira, «Estatutos do Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado», *Arquivo SNIP*, (6.Jan.1961), p.2.

31. As paróquias na área metropolitana de Lisboa

a. Planta da Divisão religiosa do Plano Director da região de Lisboa (1964). *Arquivo SNIP*

O plano mereceu o parecer favorável do Conselho Superior das Obras Públicas em 1966, contudo não chegou a executado.
A planta foi desenhada com dados fornecidos pelo Secretariado de Informação Religiosa relativos a 1963 e sobreposta às divisões civis (concelhos e freguesias). As cores indicam diferente vigararias (unidades administrativas que agregam paróquias).

> "sob duas formas distintas, e que traduzem no terreno a acção de dois tipos de agentes (...), normalmente não sobreponíveis espacialmente. Dum lado as grandes operações imobiliárias, miticamente objectivadas de conjuntos residenciais e propagandisticamente de 'cidades', e, no polo oposto do mercado capitalista de valorização fundiária, os loteamentos clandestinos, mais ou menos extensos ou fraccionados. Estas duas formas de produzir espaços urbanos distinguem-se não só morfologicamente e pela tipologia de edifícios que lhes estão associados, como também pelas áreas que ocupam e pela ligação que apresentam em relação às áreas urbanas mais consolidadas."[213]

Para estas duas situações, da cidade planeada e da improvisada, procurou a Igreja criar diferentes respostas. Os estatutos do Secretariado das Novas Igrejas tornavam claro um dos principais propósitos do organismo:

> "Garantir o futuro deverá ser uma das preocupações dominantes de quem tem a responsabilidade do bem comum. Garantir o futuro, neste domínio, é garantir, enquanto disponíveis e acessíveis, os terrenos mais convenientes para a construção futura de igrejas e complexos paroquiais que venham a ser necessários."[214]

Dando especial atenção à necessidade de previsão de terrenos para construção de novas igrejas, o SNIP foi chamado a participar em diversos processos, nomeadamente no Plano Director da Região de Lisboa, ainda na primeira metade da década de 1960. O plano procurava potenciar a autonomia das comunidades, propondo, de certo modo o "isolamento dos núcleos de povoamento a equipar" em linha com as experiências inglesas "sobre a hierarquia de comunidade dotadas de serviços e empregos adequados a cada nível", procurando combater a, ainda hoje sentida, "excessiva centralização exercida por Lisboa".[215] À imagem das cidades satélites estrangeiras, foram construídos novos bairros de iniciativa privada, possíveis, em parte, graças aos desenvolvimento de uma rede viária que se expandia ligando centro e periferia. Estes novos bairros, desejadas cidades novas, não ganharam a autonomia esperada, revelando-se pouco mais do que cidades-dormitório.

> "Na segunda metade dos anos 60, fazem entrada na região de Lisboa os grandes promotores imobiliários responsáveis por urbanizações de grande dimensão. Estes volumosos conjuntos, por vezes dotados de um centro comercial, instalaram-se à ilharga de uma povoação de cujos equipamentos e infra-estruturas

---

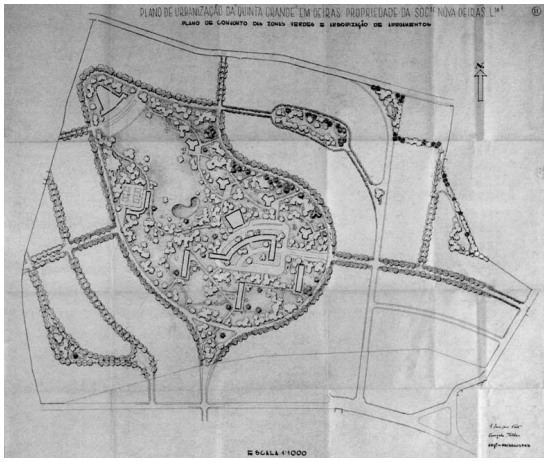
213 Fernando Nunes da Silva e Margarida Pereira, «Ilusões e desilusões das periferias na área Metropolitana de Lisboa», *Sociedade e Território*, nº5, (Nov.1986), pp.15-16.

214 Cerejeira, «Estatutos do Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado».

215 Salgueiro, *A Cidade em Portugal. Uma Geografia Urbana*, p.247.



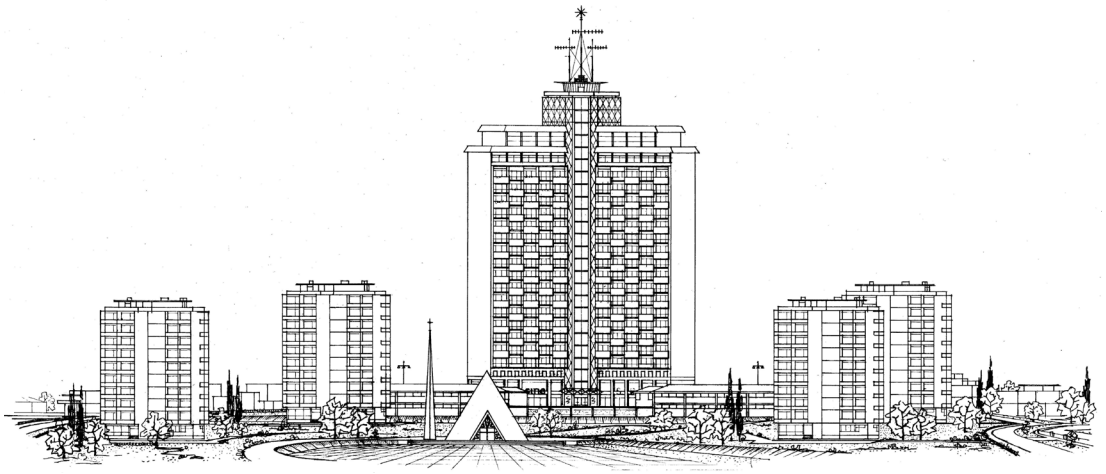
a.



b.

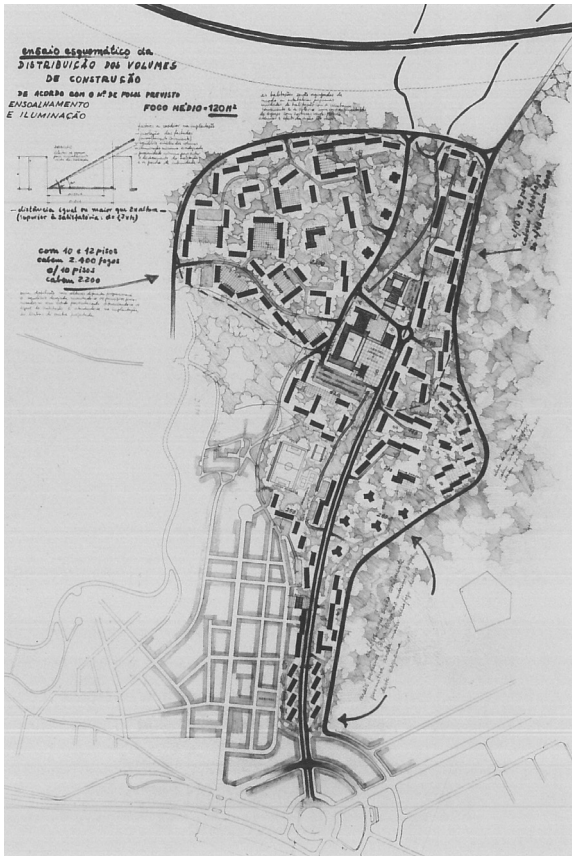
"O plano compreendia um vasto espaço central onde surgiam algumas 'torres' integradas numa área onde grupos de pinheiros mansos e sobreiros envolviam um extenso prado. Caminhos de passeio circundavam este prado separando-o dos maciços mais densos de árvores. Entre as 'torres' delineava-se um espaço de recreio (campos de ténis) e de equipamento local mais consistente. No topo dominante do prado previa-se a construção de uma igreja. Circundando este conjunto, um anel de moradias, segundo a velha ideia de 'cidade-jardim', limitava a área abrangida pelo plano."

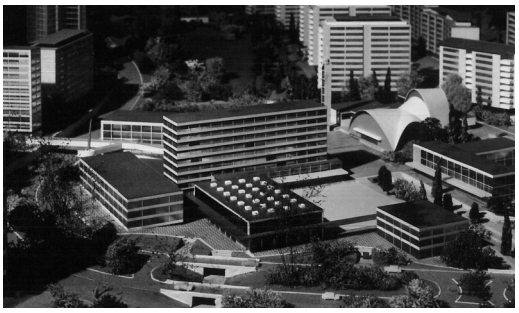
Gonçalo Ribeiro Telles, «O meu primeiro encontro com o Mestre Cristino da Silva», em *Luís Cristino da Silva [arquitecto]* (Lisboa: FCG - CAM, 1998), p.149.



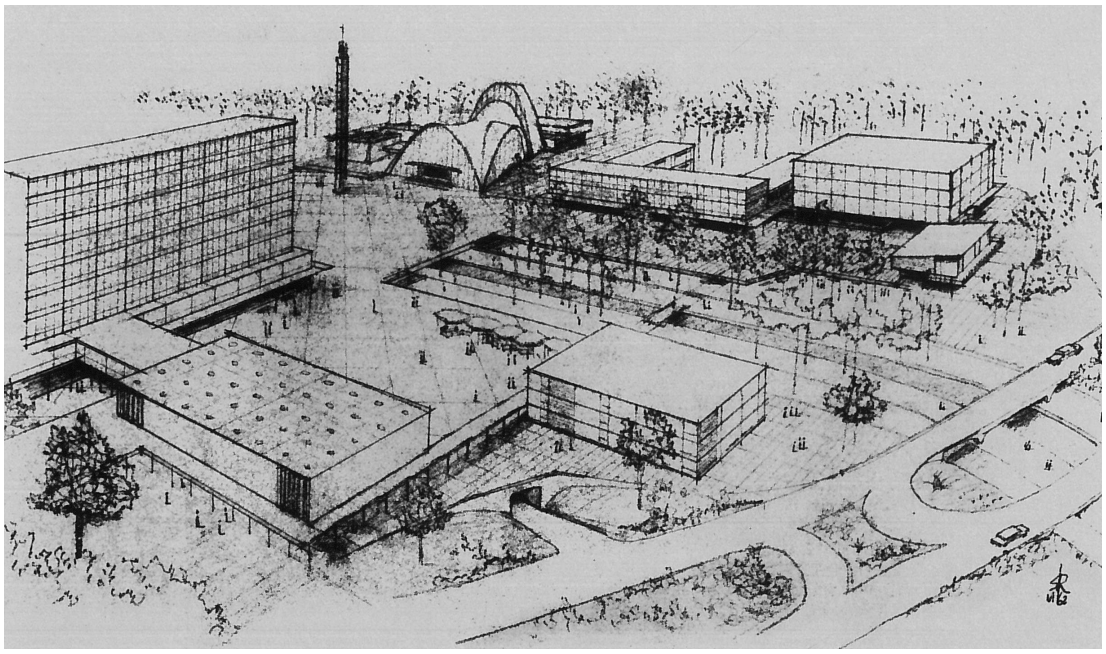
c.

32. A igreja no parque - Nova Oeiras (1953-1971) arq. Luís Cristino da Silva
a. A urbanização de antigos campos agrícolas, a construção de uma cidade satélite (1961)
b. Plano de conjunto das zonas verdes e arborização (c. 1953) arq. Gonçalo Ribeiro Telles.
c. Revisão do projecto - a igreja deu lugar à torre, mas manteve-se no parque (1971) *arquivo FCG*-CS





a. b.



c.

33. A igreja no centro comercial e cívico do Vale de Algés (1958-1963) arq. Norberto Correa
a. O Plano de urbanização
b. Centro comercial e cívico - pormenor da maquete comercial do empreendimento.
c. A praça e o adro (sobre o eixo viário).

de transporte e saneamento beneficiam, aumentando muito o número dos respectivos utentes sem as necessárias contrapartidas casos como os empreendimentos J. Pimenta, na Reboleira (Amadora) e Paço de Arcos, da SOLATIA, em Novo Carnaxide, ou da ICESA, em Santo António dos Cavaleiros[216]; em situações mais raras são implantados em terrenos vazios, sem suporte urbanístico anterior, como aconteceu com a Portela e com a Cidade Nova, multiplicando a população de lugares e freguesias rurais por dez ou vinte vezes em três ou cinco anos."[217]

Na periferia, lugar de experimentação de diferentes modelos de urbanização, eram testadas novas formas de habitar a cidade, sob forte pressão da construção rápida de habitação plurifamiliar fruto das políticas de incentivo a novas formas de financiamento de rendas e de compra de habitação própria.

"Desde a carta de Atenas onde os urbanistas tinham definido as diversas funções dum conjunto urbano: habitar, circular, trabalhar o corpo e o espírito, as buscas prosseguiram e o problema do equipamento dos grandes conjuntos, tal como se apresenta hoje, mostra até que ponto a tomada de consciência de uma vida social harmoniosa se desenvolveu (...) Por toda a parte se constatou que a vida social nos novos bairros é impossível se os equipamentos colectivos não forem largamente desenvolvidos."[218]

Na promoção destes novos empreendimentos, o trabalho de Arquitectura estendia-se da urbanização à comercialização, sendo os equipamentos previstos um produto atrativo para a fixação da população que, progressivamente, abandonava a memória nostálgica dos 'valores da ruralidade' transportada pelas primeiras gerações chegadas à cidade e que, a partir da segunda metade do século XX, se adaptava a um

---

216 A propósito da relação da comunidade paroquial Santo António dos Cavaleiros (em formação) e a condição de bairro dormitório, recordamos a notícia publicada no jornal *O Dia* (12.Mar.1981) aquando do lançamento da 1ª pedra da nova igreja:

> "'A vossa igreja vai ser foco irradiador do espírito e solidariedade humana entre todos vós, e neste sentido, a Igreja há-de ajudar-vos a ser uma verdadeira e sã comunidade humana' [D. António Ribeiro] Também os cristãos responsabilizados nos afirmam que o seu principal objectivo é fazer do bairro dormitório um bairro para viver."

Jesué Pinharanda Gomes, *Santo António dos Cavaleiros. Monografia histórica* (Loures: Paróquia de Santo António dos Cavaleiros, 1992), p.58.

217 Salgueiro, *A Cidade em Portugal. Uma Geografia Urbana*, p.202.

218 Paul Chombart de Lauwe, «Sociologia da habitação», *Arquitectura*, nº68, (Jul.1960), p.44.
O artigo publicado resulta da tradução do relatório apresentado no Congresso CIB (Roterdão, Set.1959). Diz a nota introdutória que a sua publicação "poderá constituir uma estimulante iniciação aos problemas que aborda e é oportuno até na medida em que os arquitectos portugueses são agora postos perante tarefas habitacionais de extensão e responsabilidade verdadeiramente novas." p.41.
No mesmo número desta revista foi publicado o Centro Paroquial de Matosinhos de Álvaro Siza.

novo quadro urbano moderno.[219] Tal como a moradia unifamiliar com quintal dera lugar ao apartamento, também ao nível dos equipamentos o centro comercial disputava o lugar do mercado. Os espaços dedicados à promoção da cultura, do desporto e da recreação foram impulsionados. A carência inicial destes equipamentos na periferia levou a que fossem integrados nos planos e construídos de raiz, sendo vistos como catalisadores da vida em comunidade. Porém, foram poucos os centros cívicos que chegaram a ser executados conforme planeado, tendo em muitos casos tardado várias décadas a sua construção. Ainda que, pontualmente, existissem algumas igrejas construídas nos núcleos primitivos junto às novas urbanizações, poucas foram capazes de responder ao repentino aumento de população e às novas exigências pastorais e litúrgicas. Dos empreendimentos acima mencionados na periferia de Lisboa, grande parte previu a construção de novas igrejas, ainda que tenham tardado algumas décadas até serem construídas.

É paradigmática neste contexto a construção da igreja integrada no plano de urbanização da Portela de Sacavém. Projectada a partir do final da década de 1960 por Fernando Silva, a urbanização procurava albergar uma população estimada de 18000 habitantes distribuídos por cerca de 4500 fogos, em bandas e torres dispostas segundo uma rígida malha reticulada, num terreno de aproximadamente 50 hectares junto à quinta do Seminário dos Olivais. No centro da composição, que previu a construção de escolas, parques e recintos desportivos, inaugurava em 1975 o Centro Comercial da Portela. O complexo paroquial, também previsto junto a estes equipamentos e áreas de lazer, tardaria mais de quinze anos, tendo sido inaugurado apenas em 1992.[220]

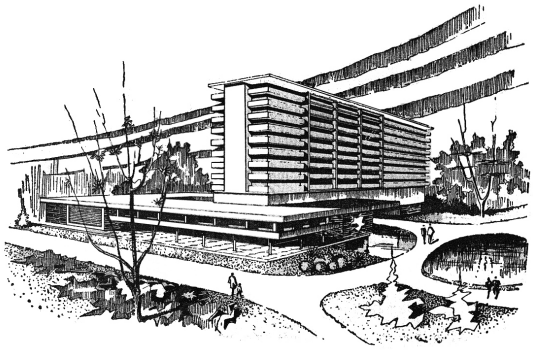
Identificamos ainda outros três grandes conjuntos habitacionais de Oeiras, concelho limítrofe de Lisboa, projectados nas décadas de 1950 e 1960 por equipas projectistas multidisciplinares que previram a construção de novas igrejas. São eles: o

---

219 "(...) até há bem pouco tempo, os nossos escritores referiam-se principalmente à sociedade rural ou viam o mundo com os olhos do campo. Os personagens que se movem na cidade vieram do campo, são emigrantes nostálgicos postos perante um ambiente estranho e frequentes vezes pintado com cores negras em contraste com os valores da ruralidade. Precisamos de avançar para a segunda metade do nosso século [XX] para encontrar uma literatura urbana, no sentido de que usa a cidade como ambiente e os citadinos como actores principais, transportadores de valores novos."
Salgueiro, *A Cidade em Portugal. Uma Geografia Urbana*, p.40.

220 O projecto desenvolvido a partir de 1981, por Luiz Cunha, apesar de dinamizador do centro do bairro quebraria a unidade pensada no plano inicial, sendo gritante a adopção de uma nova linguagem arquitectónica em resposta ao 'subúrbio monótono, feito de blocos'.
Cf. Hugo Rafael Morais Coelho, «Portela um modelo na difusão da periferia: estudo do desenvolvimento da urbanização da Portela da autoria do arquitecto Fernando Silva» (Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa - Instituto Universitário de Lisboa, 2010).

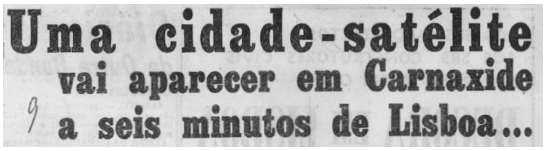




a. b.



c. d.



e.

34. Carnaxide *Arquivo CMO*
a. A antiga igreja de Carnaxide
b. Centro cívico e centro comercial
Perspectiva publicada no jornal *Diário de Lisboa* (29.Jan.1965) mostrando o bloco no extremo oposto à igreja prevista.
c. Os campos de Carnaxide dão lugar à urbanização SOLÁTIA (c.1970)
d. Recorte de imprensa.
Título de notícia publicada no jornal *Diário de Lisboa* (23.Mai.1964)

35. Centro cívico da Urbanização SOLÁTIA (Oeiras, 1963-1965) arq. Ruy Jervis Athouguia [pp.222-223]
a. Desenhos, planta e perfil. *Arquivo AML-RJA*

promovido pela Sociedade Nova Oeiras (Cristino da Silva, Pedro Falcão e Cunha, 1953-1971) – onde o lugar da igreja é ainda hoje ocupado por uma construção provisória; o Vale de Algés (Norberto Correa, 1958-1963)[221] – plano de urbanização abandonado onde recentemente surgiu a 'igreja-foguetão'[222] de Miraflores; e Carnaxide (Ruy Jervis d'Athouguia, 1963-1965) – em que, apesar de desvirtuado o plano inicial, a igreja acabaria por ser integrada no novo centro cívico.

Carnaxide

À semelhança do plano de Nova Algés, também o estudo de urbanização de Carnaxide, liderado por Ruy Jervis d'Athouguia para a empresa SOLATIA - Sociedade Nacional de Investimentos Imobiliários SARL, foi desenvolvido a partir das directizes do Gabinete do Plano Director da Região de Lisboa. A partir do estudo realizado e dos pareceres daquela entidade foram definidos princípios básicos que estruturariam o novo aglomerado, nomeadamente:

> "a) constituição de um novo núcleo urbano a partir da povoação existente, procurando integrá-la de maneira válida no conjunto.
> b) proximidade de diversas unidades industriais já instaladas, às quais o futuro aglomerado poderia proporcionar o necessário ambiente urbano, com possibilidade de englobar, dadas as suas características habitacionais, plenas de diversidade, as várias camadas de população num todo orgânico socialmente equilibrado.
> c) proximidade da capital para os interesses de ordem superior."[223]

De facto, o plano da nova urbanização, publicitada como cidade nova e satélite apenas a 6 minutos de Lisboa, não seria indiferente ao aglomerado pré-existente integrado na área global de intervenção. Dizia a memória descritiva que:

> "(...) a presença da parte nova virá trazer à velha povoação a revitalização necessária que fará despertar iniciativas
> (...) O zonamento foi surgindo facilmente do encontro dos dados de aptidão, da lógica de estruturação do esquema viário principal e da presença do núcleo existente.

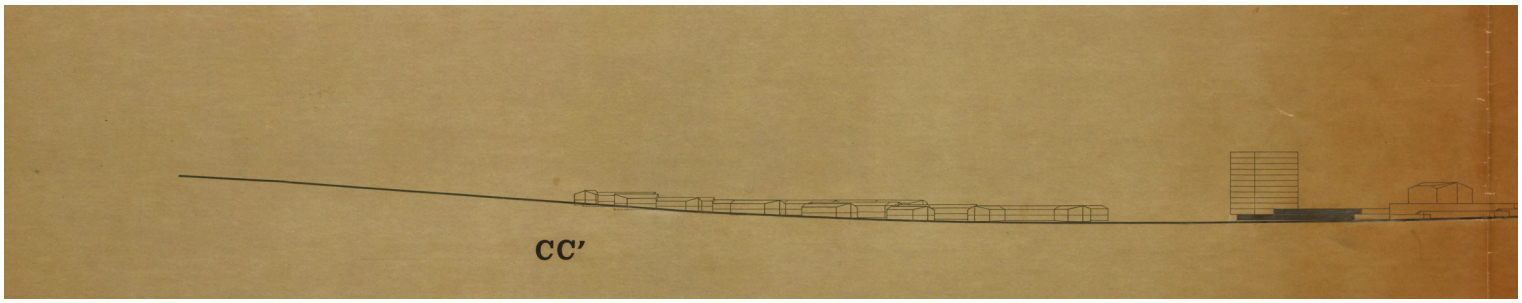
---

[221] Cf. Nuno Marques, «Plano do Vale de Algés», em *M. Norberto Corrêa - Arquitectura e Urbanismo* (Uzina Books, 2013), pp.42-44.
Vale de Algés – Habitat, Empreendimentos Imobiliários, SARL

[222] Marisa Soares, «A "igreja-foguetão" de Miraflores vai finalmente levantar voo», *Público*, (30.Mai. 2015).
O projecto da nova igreja é da responsabilidade do arq. Troufa Real.

[223] Ruy Jervis Athouguia, «Apontamentos do projecto para o centro cívico e comercial Solátia em Carnaxide», *Arquivo AML*, (1963-1965).


C
CD
CS
EP
A
B


CC'


CC CENTRO CIVICO (igreja,biblioteca,cinema,administração habitação e comercio)
C COMERCIO SEGUNDARIO
EP ESCOLA PRIMARIA
CS CASA DE SAUDE
CD CENTRO DESPORTIVO
ES ESTAÇÃO DE SERVIÇO
RC RECOLHA DE CAMIONAGEM
LIMITE DE URBANIZAÇÃO
EDIFICIOS A DEMOLIR
CC
EP
C
ES
RC
RUA 1
RUA 2
RUA 3
EXPANSÃO

a.



a.



b.

36. Centro cívico da Urbanização SOLATIA (Oeiras, 1963-1965) arq. Ruy Jervis Athouguia
a. Planta de zonamento. *Arquivo AML-RJA*
b. Pormenor da planta de urbanização. *Arquivo AML-RJA*

> A pormenorização dos volumes construídos e das áreas livres resultou da consequente necessidade de realizar um conjunto equilibrado nos seus aspectos plásticos, paisagísticos e funcionais e que formasse um conjunto tanto quanto possível harmónico com a actual povoação."[224]

A procura de harmonia traduziu-se também no desenho do traçado curvilíneo da estrutura viária proposta. Esta solução contrariava de forma evidente a rigidez da composição do ante plano, buscando uma melhor integração na paisagem[225]. O traçado viário principal definia as cinco grandes zonas da unidade de vizinhança, onde se dispunham blocos e *clusters* habitacionais servidos por impasses rodoviários e percursos de atravessamento pedonal. Toda a unidade de vizinhança seria envolvida por uma massa arbórea que, seguindo as práticas urbanísticas vigentes, garantiria o limite da área de expansão.

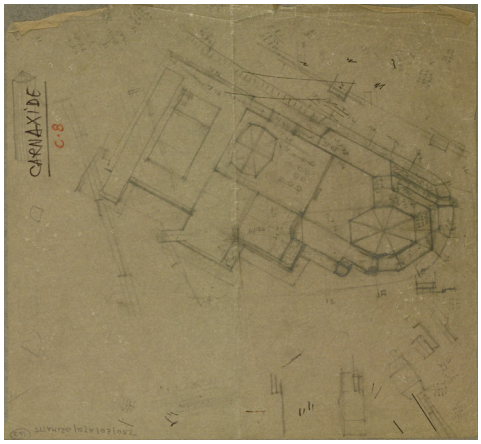
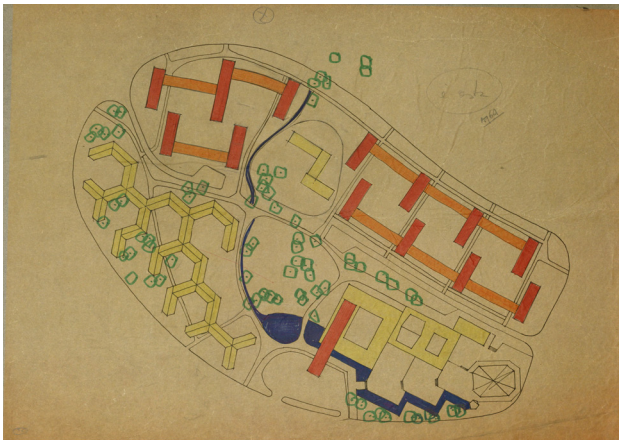
Entre folhas de desenho deste processo existente no Arquivo Municipal de Lisboa encontram-se também apontamentos da leitura do livro "Les dimensions et la structure sociale d'une ville"(1948) de Jean Canaux, deixando perceber a pesquisa realizada em torno da 'unidade de vizinhança' – tema explorado no plano para Carnaxide. Reteve Athouguia a ideia da procura de equilíbrio no dimensionamento: ao nível populacional a unidade de vizinhança deveria ser, por um lado pequena, de modo a que, idealmente, toda a gente se pudesse conhecer, por outro deveria ser suficientemente grande para permitir a formação de sub grupos organizados em torno de interesses comuns. Perante a dificuldade de calcular um valor de referência, apontava como mínimo 7000 a 10000 habitantes, necessariamente servidos por uma rede de equipamentos sociais, que não estivessem a uma distância superior a 10 ou 15 minutos a pé. As dinâmicas neles promovidas, envolvendo, se possível, as associações existentes, seriam essenciais para a construção de um tecido social coeso que ultrapassasse as dificuldade duma população de estratos sociais desejavelmente diversificados[226], conforme sublinhou: "[a]s barreiras

---

[224] Ibid.

[225] "um completamente adulterado na realização, foi o primeiro realizado no País com base num estudo de aptidão paisagística do local"
Graça Correia, «CV por R.J.A», em *Ruy D'Athouguia, a modernidade em aberto* (Caleidoscópio, 2008).
O estudo pioneiro foi desenvolvido pelos arquitectos paisagistas António Barreto e Ponce Dentinho.

[226] À semelhança do projecto do Vale de Algés, também em Carnaxide, foi prevista a construção de casas para realojamento de população proveniente de barracas.
Cf. *M. Norberto Corrêa - Arquitectura e Urbanismo*, pp.42-51.



a. b.



c.

"(...) Naquelas terras, hoje nuas, de Carnaxide, serão rasgadas ruas, praças, avenidas.
Serão construídos belos edifícios e erguida uma igreja. Serão plantados jardins e feitas escolas.
Surgirão campo de cultura física e cinema.
Numa palavra: haverá ali, em breve, uma cidade nova, 'construída de raíz',
inteiramente concebida pela inteligência do homem e realizada pelo seu trabalho.
Será uma cidade portuguesa moderna, projectada e realizada com trabalho e capitais portugueses,
para portugueses habitarem."

Manuel Ferreira Trindade (presidente da Solátia) em
«Uma cidade-satélite vai aparecer em Carnaxide a seis minutos de Lisboa...», *Diário de Lisboa*, (23.Mai. 1964)
[recorte de imprensa] *Arquivo AMO*

37. Centro cívico da Urbanização SOLATIA (Oeiras, 1963-1965) arq. Ruy Jervis Athouguia
a. b. c. Estudos. *Arquivo AML-RJA*
Articulação do centro cívico com a estrutura viária. Uma linha de água e zonas ajardinadas delimitam a zona pedonal, onde se dipõem zonas de comércio, espaços culturais e também serviço religioso.

sociais desaparecerão quando os representantes das diferentes classes encontrarem unidade em interesses e fins comuns".[227] Se os estabelecimentos de ensino e de comércio (lojas, mercado, restaurantes) eram necessários, os espaços destinados à cultura, desporto e lazer eram os que mais possibilitariam o envolvimento real da população, potenciando a formação de comunidade. Destacou Athouguia a importância do centro social que deveria ser construído ao mesmo tempo das casas, permitindo acolher desde logo a população recém-chegada.

Ainda que na recensão bibliográfica nada remeta para a construção do equipamento religioso na unidade de vizinhança, facilmente podemos estabelecer paralelo entre esta leitura disciplinar do campo do urbanismo e a de natureza pastoral, suportada na abordagem da sociologia religiosa que temos vindo a analisar. Atente-se aos requisitos válidos para a definição de uma comunidade paroquial e para a construção de novas igrejas.

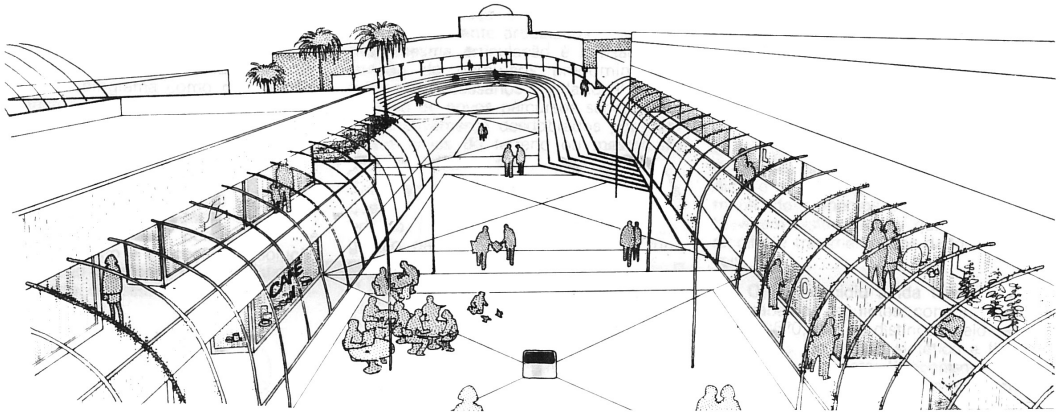
Noutros documentos do processo encontramos alguns elementos relativos à construção da nova igreja e centro paroquial de Carnaxide. A par dos dados do programa de urbanização, que destinavam ao complexo uma área de 3600m^2 encontramos num estudo da memória descritiva, uma clara referência às razões que justificaram a escolha do lugar da igreja na composição no bairro:

> "O seu centro cívico, que procuramos caracterizar como uma unidade na qual estão hierarquizados os vários elementos, foi composto por forma a colocar num eixo principal de evidência a Igreja Paroquial, disposição tradicional dos aglomerados urbanos"[228]

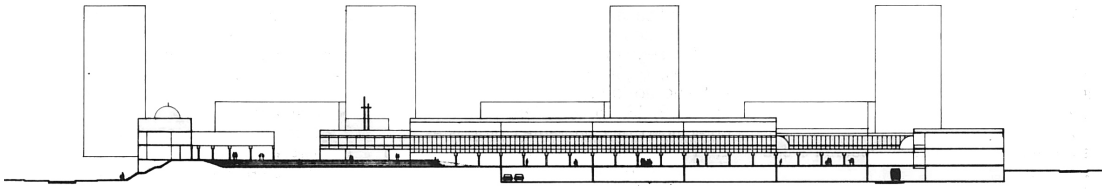
Os desenhos mostram que o centro cívico pedonal desenvolver-se-ia numa sequência de plataformas ligeiramente elevadas e recuadas em relação à "espinha dorsal da urbanização" – o principal eixo rodoviário no interior do bairro, onde se dispunham também o centro desportivo e os dois centros de comércio secundários. À cota mais baixa, junto ao acesso e ao parqueamento automóvel, pontuado pelo bloco habitacional mais alto de todo o conjunto, estariam os espaços comerciais organizados à volta de um pátio interior, remetendo para o espaço tradicional de mercado. Noutra plataforma seria feito o acesso aos equipamentos culturais. Por fim, a mais elevada, seria o adro da igreja

[227] [Ruy Jervis Athouguia], «Notas de livros. Les dimensions et la structure sociale d'une ville», *Arquivo AML*, (c.1965).

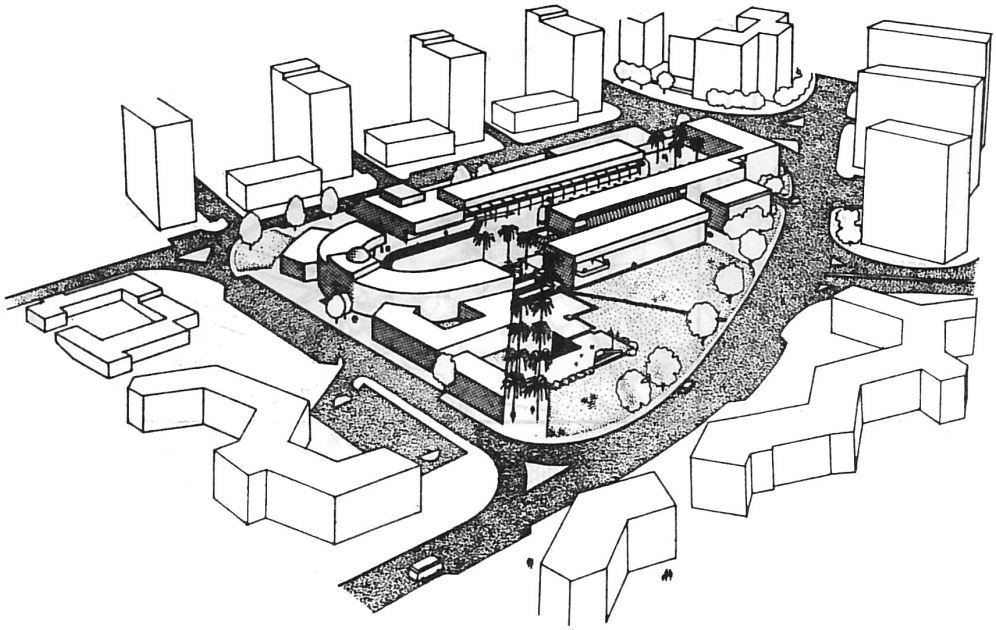
[228] Ruy Jervis Athouguia, «Memória Descritiva», *Arquivo AML*, 196-.



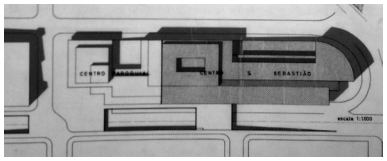
a.



b.



c.



d.

38. Centro cívico de Carnaxide (Oeiras, 1983)

a. b. c. Desenhos da prosposta vencedora do Concurso - arq. Elias Cachado Rodrigues.

A grande praça agrega todo o centro cívico. O volume da igreja surge adossado ao corpo de serviços, à semelhança da proposta do início da década de 1970 para o Centro S. Sebastião da Pedreira. [ver cap.3.6]

d. Centro paroquial e Centro S. Sebastião da Pedreira (Lisboa, 1971)
arqs. Nuno Teotónio Pereira e Nuno Portas.

pontuado pela torre sineira destacada. Contrariando a solução corrente de edifícios de uso público independentes, todos os corpos do centro cívico estariam ligados, reforçando a ideia de unidade no conjunto de múltiplas valências. A localização do corpo da igreja e respectiva torre, junto ao cruzamento viário, no topo nascente do centro cívico, garantiria uma presença urbana de destaque, em contraponto ao grande bloco habitacional – marca identitária de todo centro cívico[229], lugar por excelência de convívio e encontro onde arquitectura e espaço público eram protagonistas. O desenho diversificado destes espaços seria ainda enriquecido com o arranjo paisagístico envolvente, sendo de destacar o curso de água que atravessando toda a zona central, desaguaria num espelho de água junto ao centro cívico. O desenho moderno do conjunto procurava tirar partido do lugar e paisagem pré-existentes, invocando memórias do pitoresco mundo rural, associando ao novo centro urbano e à igreja, o ribeiro e vegetação que recriavam uma estrutura ecológica integrada no projecto global da urbanização.

O conturbado processo de construção e a crescente pressão imobiliária, levaria à descaracterização e ao abandono do projecto de Ruy d'Athouguia, conduzindo à revisão da proposta inicial. Apesar do aumento da população a assistência religiosa foi assegurada na igreja existente no antigo aglomerado. À semelhança de outros planos, a construção do Centro Cívico de Carnaxide, que incluía a igreja, também foi sendo adiada até 1983, ano em que teve lugar o respectivo concurso de arquitectura.[230] Sem surpresas, o relatório do júri, que integrava Nuno Teotónio Pereira e Diogo Lino Pimentel, recordaria a vontade expressa no programa proposto – "o que estava em causa não era apenas um conjunto de equipamentos, mas também a criação de um espaço exterior, necessariamente de características urbanas e centrais (...)". Neste sentido valorou da seguinte forma a proposta vencedora do concurso para o Centro Cívico:

---

[229] A mesma ideia de pontuar o centro cívico com uma construção destacada surge na urbanização da Portela onde, do centro comercial, emerge um bloco de escritórios e habitação com 20 pisos. A este propósito recordamos o trabalho do grupo de Roterdão apresentado no CIAM 8 (1951), um plano urbano em que o centro de cada unidade residencial seria pontuada por um grande edifício:

> "Questo edificio è contemporaneamente l'espressione dello spazio collettivo, un centro di attività locale e l'indicazione di quello che dovrebbe essere il Cuore del quartiere."

Jaap Berend Bakema, «Rapporti tra uomini e cose», em *Il Cuore della Città: per una vita più umana delle comunità* (Milão: Hoepli, 1954), p.68.

[230] Bruno André Macedo Ferreira, «[in]formar a Cidade Contemporânea: a criação de uma imagem/modelo de periferia com a obra do arquitecto Fernando Silva» (Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa - Instituto Universitário de Lisboa, 2010), pp.105-118.

> "Não impõe uma forma arquitectónica específica, mas propõe a disciplina formal e volumétrica necessária a garantir a desejável unidade global e a constituir, valorização do próprio aglomerado que vai servir.
> A concepção final é rica de elementos estruturantes, incluindo equilibradamente os tradicionais e eficazes conceitos de rua, largo, praça e parque ajardinado, convenientemente articulados.
> Essa mesma articulação é pensada em função de novos percursos secundários imaginativamente desdobrados por diferentes níveis do terreno ou mesmo de galerias cobertas sobreelevadas."[231]

Era pois no equilíbrio da tradição e da modernidade que estaria a qualidade maior daquele projecto urbano. A equipa vencedora, sensível à "(...) evolução do conceito igreja/edifício, não necessariamente ligado à imagem de construção isolada", conduziria o processo até 1995, ano em que foi inaugurado o complexo paroquial projectado por Elias Camacho (autor do estudo do centro Cívico) e Miguel Pimentel. Neste projecto foram recuperados temas centrais do debate arquitectónico sobre o lugar da igreja na cidade, tão presentes na discussão nas décadas de 1960 e 1970, e portanto especialmente apreciados pelo júri do concurso. O projecto expressava a ideia de uma igreja servidora que se 'propõe e não se impõe', uma igreja lugar de encontro(s) – ideias difundidas pelo SNIP e tantas vezes expressadas por Diogo Lino Pimentel. Na periferia de Lisboa seria finalmente construído um sistema semelhante ao que o próprio Teotónio Pereira propusera, numa outra escala, para o Centro de S. Sebastião da Pedreira no início da década de 1970, nunca executado.[232] Em Carnaxide,

> "(...) não sendo dominante [a igreja do complexo paroquial] é sobriamente notável, através de uma presença equilibrada entre edifícios representativos do 'poder temporal' e do 'poder espiritual'; afirma-se no seio de uma comunidade representada pelas mais diversas actividades – administrativas e serviços públicos, actividades sócio-culturais, de assistência, comerciais, lúdicas, e outras – participando com elas no 'fórum', espaço comum de encontro, diálogo e festa."[233]

---

231 «Concurso Centro Cívico Carnaxide», *Jornal Arquitectos*, nº24-25, (Jan.-Fev.1984), [separata].

232 [ver cap.3.6]

233 Elias Cachado Rodrigues, «Memória Descritiva e Justificativa do Projecto Base, Igreja e Centro Paroquial - Centro Cívico de Carnaxide», *Arquivo SNIP*, (20.Jan.1988), p.2.

2.6. Da 'alma' ao 'core' da cidade

L'Art Sacré | CIAM 8 | Dieci anni di architettura sacra in Italia

Depois de numa primeira parte deste capítulo, a propósito do plano de ordenamento paroquial da capital, termos abordado o processo de formação de novas comunidades e estendido o debate à área metropolitana onde esta situação teve grande expressão, procurámos perceber como a Igreja integrou um lugar de referência no quadro urbano nos seus tecidos físico e social – temas centrais que animaram ao longo de quase duas décadas a revista de projecção internacional *Chiesa e Quartiere*, que acompanhou o debate internacional dando até lugar à reflexão portuguesa a partir de textos do próprio cardeal Cerejeira.

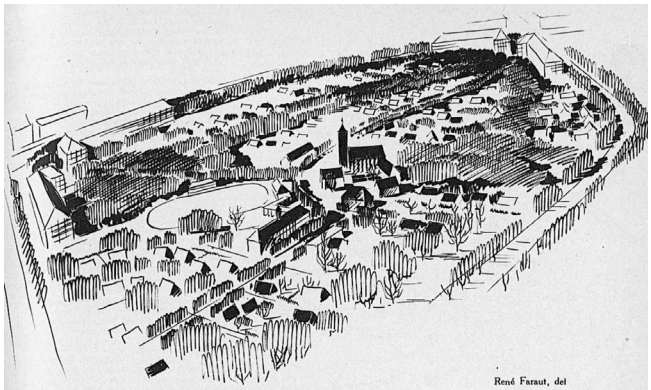
Para além dos contributos de natureza pastoral e litúrgica, aquela publicação procurou acompanhar a discussão disciplinar no campo da arquitectura e urbanismo. As dinâmicas de crescimento e transformação urbana ocuparam páginas desta revista que no seu primeiro número deu voz a Gaston Bardet[234]– voz crítica à ausência de alma na cidade moderna, maquinista. A sua reflexão em torno do lugar da igreja na cidade tinha motivado um vasto artigo publicado pela revista *L'Art Sacré* em 1945, já próximo do final da II Grande Guerra, que deixava marcas tão profundas de destruição urbana. Escreveu então:

> "Une ville, ce n'est pas un agrégat de coquilles architecturales, c'est une grappe de villages, de paroisses, de quartiers, ayant chacun leur vie, leur sensibilité, leur âme. (...) Avant l'intervention du machinisme nous connaissions des Cités, avec tout ce que mot implique de communauté véritable. Maintenant, nous avons affaire à des villes, des agglomérations, des métropoles voire des conurbations, pour employer le mot de Patrick Geddes.
> Nos cités n'ont plus d'âme ou, plus exactement, il n'y a plus de cités."[235]

---

234 "(....) Bardet attacked what he saw as the soul-less 'machinisme' of Le Corbusier's vision of the city adopted by Congrès Internationaux d' Architecture Moderne (CIAM). Drawing on the older tradition, Bardet set out a social approach to urbanism at three levels: first were his proposals for planning to play a part in the spiritual regeneration of society; second was his attempt to develop an approach to regional planning, checking the growth of the giant city to promote instead smaller towns and a sense of community; third was his keen engagement with the spatial qualities of urban design. In the early 1950s, Bardet's ideas, unlike Mumford's comparable 'bio-technic' ideal, were dismissed by modernists as old-fashioned and, perhaps, tainted by the values of the Vichy regime."
Nicholas Bullock, "Gaston Bardet: post-war champion of the mainstream tradition of French urbanisme" in Planning Perspectives Volume 25, Issue 3, 2010.

235 Gaston Bardet, «L'Église dans la cité», *Cahiers de L'Art Sacré nº1*, (Jul.1945), p20.



René Faraut, del

Ce croquis aide l'imagination à se représenter l'église dans «l'unité de voisinage» (neighbourhood unit) dont il est question (pp. 21-22).
De grands immeubles aux extrémités. La circulation mécanique sur le pourtour du quartier, intérieurement aménagé en parc. L'église avec ses annexes et les services publics au centre des cheminements des piétons. La masse de l'église n'a même pas besoin d'être aussi considérable qu'ici.

Chapitre III

L'Église dans la cité (1)

par Gaston BARDET.

« Deux amours ont fondé deux cités, l'amour de soi jusqu'au mépris de Dieu et l'amour de Dieu jusqu'au mépris de soi. Le premier a fait la Cité du désordre, du mal, de la confusion, de l'infernale Babylone ; le second, celle de l'ordre, de la paix, de l'éternelle Jérusalem. »
S. Augustin (La Cité de Dieu).

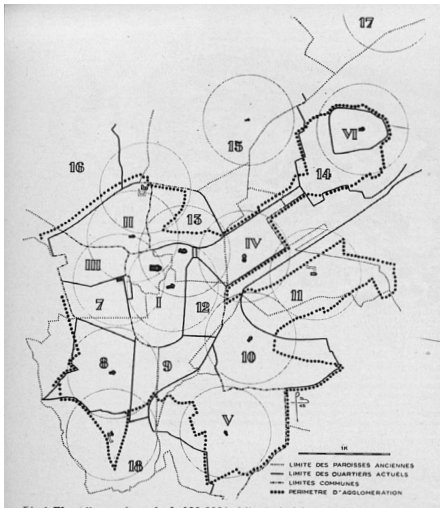


Fig. 1. **Plan d'une métropole de 100.000 habitants (schéma de Gaston Bardet**

Sur ce schéma ont été indiquées les limites des anciennes paroisses et celles des nouveaux quartiers, déterminés par l'urbaniste au moyen de la topographie sociale. Noter les tronçons communs aux anciennes et nouvelles limites.
Il s'agit, soit de quartiers constituant de véritables communautés organiques (chiffres romains), soit de secteurs délimitant des communautés plus ou moins imparfaites (chiffres arabes) et qui pourront devenir des quartiers lorsque tout l'équipement social désirable leur sera donné.
Seules, les églises paroissiales (grasses) ont été indiquées, en noir. Il existe en outre, une dizaine de chapelles dans le noyau central ancien. L'extension anarchique de l'agglomération réclame, l'érection de trois nouveaux centres paroissiaux dans les quartiers 11, 18 et 15-16. Dans ces derniers cas, l'église utilise un terrain de couvent situé à la périphérie de 15-16, à la limite de 11. Dans le quartier 18, un terrain primitivement acheté sera échangé au profit d'une vaste école, au nouveau terrain en bordure d'une voie de corniche est prévu.
Ce schéma souligne l'importance de l'organisation générale par l'urbaniste.

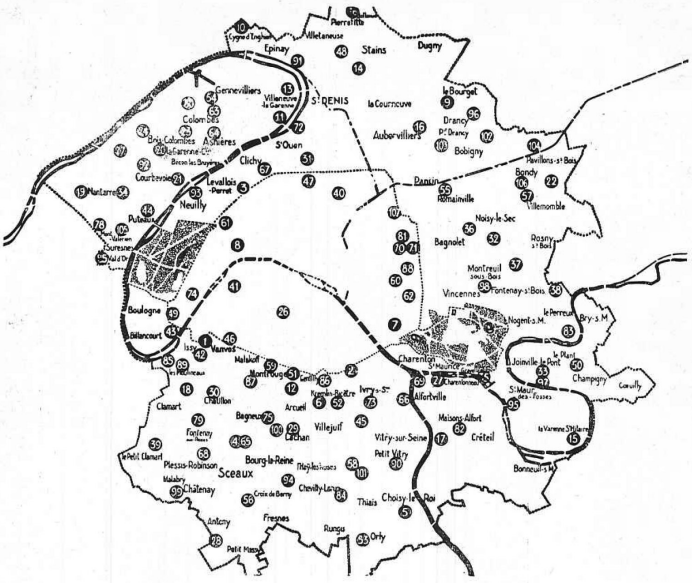
a. b.

L'ÉGLISE DANS LA CITÉ

par Gaston Bardet

Il Direttore degli Studi dell'Istituto Internazionale di Urbanistica, prof. Gaston Bardet, ci ha inviato questo articolo del quale pubblichiamo la prima parte nel testo integrale ed originale francese per nulla togliere alla efficacia espressiva dello scritto.

La seconda parte entra nel vivo dell'argomento « rapporto chiesa-città » e si divide in: comunità urbane; quartieri e unità di vicinato; la chiesa nel villaggio; la chiesa nella città; termina con interessanti osservazioni e proposte sull' organizzazione e il funzionamento delle Comissioni Diocesane. La pubblicazione dello studio sarà ripresa nel prossimo numero della nostra rivista.



c.

39. Gaston Bardet nas revistas *L'Art Sacré* **e** *Chiesa e Quartiere*
a. b. «L'église dans la cité», *Cahiers de L'Art Sacré*, nº1, (Jul.1945).
c. «L'église dans la cité », *Chiesa e Quartiere*, nº1-2, (Jan.-Fev.1956).

Motivada pela necessidade extrema da reconstrução europeia, a discussão em torno da nova cidade e das suas comunidades a diferentes níveis teve naturalmente eco no debate e na produção arquitectónica do pós guerra. Ignasi de Solà-Morales, a propósito deste período marcado pelo 'clima cultural de reordenação dos pontos de vistas éticos e estéticos', escreveu:

> "Lo que se pretende examinar es cómo una reorganización de objetivos culturales ligados a una distinta concepción del individuo y de la sociedad socavan la estructura teórica del movimiento moderno y cómo este desplazamiento en los valores tiene consecuencias decisivas en la concepción que, fundamentalmente en la década de los años cincuenta, dominaron la arquitectura europea y americana."[236]

Na sua pesquisa a partir de momentos chave do debate nos Congressos Internacionais de Arquitectura Moderna monstra como das convicções funcionalistas do pré-guerra se chegou a uma arquitectura que procurava satisfizer as necessidades emocionais e estimular o crescimento espiritual do ser humano em comunidade, conforme reclamara um dos então jovens arquitectos, Aldo Van Eyck. Estas questões remetem para o tema da revisão da cidade moderna centrado na "sobrevivência das cidades", na "nova monumentalidade"(CIAM 6, Bridgwater, Inglaterra, 1947) e no "Coração da Cidade"(CIAM 8 - Hoddesdon, Inglaterra, 1951). A pesquisa afastara-se da abordagem racionalista e de carácter universal, defendida nos primeiros congressos. Neste sentido, na década de 50 recuperava-se o sentido da comunidade segundo uma concepção renovada do indivíduo e sociedade, colocando-o no centro da dinâmica urbana, onde o habitar é substituído pelo morar, que se revela na identidade de cada 'casa, rua, bairro, cidade' – conforme Alison e Peter Smithson explorariam mais tarde (CIAM 9 - Aix-en Provence, França, 1953 e CIAM 10 - Dubrovnick, Croácia, 1954).[237]

No CIAM 8 – The heart of the city: Towards the Humanisation of Urban Life – o presidente Josep Lluís Sert citaria o programa apresentado pelo grupo britânico MARS - Modern Architectural Research Group, conforme se lê nos documentos reunidos naquele congresso[238]:

---

[236] Ignasi de Sola-Morales, «Arquitectura y existencialismo (Out.1991)», em *Topografia de la arquitectura contemporânea* (Barcelona: Gustavo Gili, 1995), pp.44-45.

[237] Cf. Eric Paul Mumford, *The CIAM Discourse on Urbanism, 1928-1960* (Cambridge: Massachusetts Institute of Technology, 2000).

[238] Apesar da primeira edição do livro "The Heart of the City: towards the humanisation of urban life" (Nova Iorque: Pellegrini and Cudahy, 1952), editado por J. Tyrwhitt, J. L. Sert, E. N. Rogers, ser em inglês – língua oficial do congresso, só foi possível aceder à versão italiana "Il Cuore della Città: per una vita più

"Una comunità di persone è un organismo, ed un organismo cosciente della propria personalità. Non soltanto i membri sono dipendenti uno dall'altro, ma ciascuno sa di esserlo. Questa consapevolezza, o senso della comunità, viene espressa con diversa intensità secondo il diverso livello che quella comunità occupa nell'ordinamento sociale. È molto sentita, per esempio, nel gradino più basso, quello della famiglia; si afferma ancora con notevole forza nei cinque gradi successivi, nel villaggio e nel raggruppamento di poche case cittadine; nella borgata rurale e nell'agglomerato residenziale; in un determinato quartiere cittadino; nella città stessa o, nel caso di una metropoli, nelle diverse città che la costituiscono. Per ciascuno di questi, gradi si richiede la creazione di uno speciale ambiente fisico nel quale possa manifestarsi in modo concreto il senso della comunità. È questo il cuore fisico della comunità, il suo nucleo, il suo nocciolo."[239]

Ainda que o tema não fosse abordado explicitamente parece-nos convincente o encontro entre as preocupações expressas no debate arquitectónico e a cultura cristã, num momento da história em que, conforme foi expresso em Hoddesdon, se assistia a "un risveglio del sentimento morale e religioso non legato ad alcun credo specifico ma congiunto piuttosto ad un profondo rispetto per la dignità della persona umana".[240]

No contexto religioso a família surge como comunidade base da Igreja, cuja natureza é universal, atravessando diversos estratos, sendo a paróquia o seu território e a igreja construída o lugar, o 'core', onde se encontra e manifesta a comunidade. Seja ela numa aldeia, num bairro duma cidade ou metrópole, a Igreja reúne-se na igreja, o centro de uma casa de todos.

"(...) '[F]ocolare', il cuore della casa: un' energia viva che tende ad espandersi all' esterno e che contemporaneamente riconduce all'interno, assimilandola dentro di sè, l'esperienza raccolta nelle vie più ampie della società. (...)
Il principio della 'famiglia nella sua casa' è quindi un principio fondamentale: è il 'Cuore' dello sviluppo umano (...) in ambiente che può essere strettamente locale o essere in contatto con tutto il resto dell' universo.
È ovvio che questa 'casa' non è un semplice fatto fisico (...)."[241]

---

umana delle comunità" (Milão: Hoepli, 1954), razão pela qual as citações que se seguem são publicadas nesta língua.
Fernando Távora, que participou naquele encontro internacional, possui na sua biblioteca um exemplar da versão original.

[239] Programa do grupo MARS para o VIII CIAM citado por Josep Lluís Sert, «Centri per la vita della comunità», em *Il Cuore della Città: per una vita più umana delle comunità* (Milão: Hoepli, 1954), p.6.

[240] Sigfried Giedion, «Il Cuore della città: riassunto», em *Il Cuore della Città: per una vita più umana delle comunità* (Milão: Hoepli, 1954), p.159.

[241] G. Scott Williamson, «L'individuo e la comunità», em *Il Cuore della Città: per una vita più umana delle comunità* (Milão: Hoepli, 1954), pp.30-31.

Este excerto perfeitamente enquadrável num discurso moderno de natureza litúrgica e pastoral sobre a paróquia,[242] de facto, não o é. Trata-se duma parte da intervenção de G. Scott Williamson no CIAM 8, intitulada 'L'individuo e la comunità', acerca da experiência londrina que surgira em 1935 no Pioneer Health Centre de Peckham. Esta experiência tinha evoluído para 'un vero Cuore, pieno di vitalità'[243], marcado pela participação espontânea e dinâmica da comunidade que ali se reunia e desenvolvia actividades de natureza recreativa, social e cultural. O interesse desta experiência, observada e documentada de perto, estava na tomada de consciência do poder dos indivíduos na formação de dinâmicas comunitárias – um dos desafios expressos no encerramento daquele congresso e que dá o mote deste segundo capítulo da tese 'formar comunidades':

> "Quello che oggi è necessario per trasformare le persone da spettatori passivi in partecipanti attivi è una esperienza emozionale capace di risvegliare il senso apparentemente perduto della spontaneità."[244]

A materialização desta ideia era desafio colocado pela criação do 'core', cuja necessidade se sentia nas diversas escalas devendo, por isso, obedecer a uma hierarquia de acordo com a dimensão da comunidade a servir.

> "Progettare un Cuore per un villagio, per una borgata, per un quartiere, per una città non è la stessa cosa che progettare un grupo di edifici cittadini e gli spazi liberi ad essi relativi. Non è al Centro Civico, cioè a quel gruppo di edifici monumentali che se ne stanno là solitari nella loro grandiosità, che ci vogliamo riferire quando diciamo il termine 'Cuore'.
> Il cuore non è il luogo della dignità civica: il Cuore è il posto in cui la gente si riunisce. (…) In qualque punto, sia esso scelto secondo un piano, oppure no, esiste un luogo che si presenta como il luogo fisico in cui l'emozione collettiva trova modo di esprimersi."[245]

Alguns trabalhos divulgados no CIAM 8 apresentam diferentes pesquisas em torno da caracterização do novo 'core' nas quais, pontualmente, o programa religioso tinha lugar, tanto em projectos de grande como de pequena escala, na América, na Europa ou em África, respondendo a diferentes realidades e contextos: a posição mais ou menos

---

242 Cf. Casiano Floristán, *Para compreender a paróquia* (Coimbra:Gráfica de Coimbra, 1995).

243 Giedion, «Il Cuore della città: riassunto», p.160.

244 Ibid. p.161

245 J. Tyrwhitt, «Il Cuore e la costellazione urbana», em *Il Cuore della Città: per una vita più umana delle comunità* (Milão: Hoepli, 1954), p.103.

central em relação ao centro cívico aglutinador, a coexistência de diferentes igrejas de diferentes comunidades religiosas (católica e protestante), o quadro da mobilidade automóvel, a troca do centro pela periferia[246], a simples identificação da presença de património arquitectónico religioso nas áreas de intervenção[247]. Contudo, não é legítimo afirmar que o tema da Igreja na comunidade tenha ali sido muito aprofundado. Aliás, Eric Mumford excluiu o tema da lista das áreas de trabalhado com maior desenvolvimento no dito e congresso:

> "It was perhaps the first expression of what would become major preocupations with architect-designed public gathering places (…). CIAM 8 can be seen as a reference point for the new forms of public space, including shopping malls, renewed downtowns, and theme parks, that came to characterize urbanism in the rapidly decentralizing cities of the 1950's and later."[248]

Mais do que na apresentação de projectos, a presença e o lugar da igreja no 'core' das cidades pontuou intervenções e discussões de natureza teórica. Recorde-se o debate em

---

246 Richard Neutra apresentou o projecto de Elysan Park Heights em Los Angels, onde as comunidades católica e protestante tinham trocado terrenos centrais por outros de maior dimensão na periferia. Ali construiriam uma ampla rede de serviços, do culto à educação, necessariamente servida por grandes áreas de parqueamento automóvel em plena propriedade privada – sinal da perda da presença pública.

> "L'ambiente dove è collocata una chiesa oggi, data la situazione, è ben diversi dal romantico e tranquillo giardinetto o dalla dignitosa pubblica piazza sulla quale si affacciava il tempio o la cattedrale nei tempi antichi. L'archidiocesi cattolica a Elysian Park Heights ha ceduto la costosa proprietà che possedeva al centro e si è ritirata in una zona molto periferica, acquistandovi parecchi acri di terreno sui quali poter sistemare la sua nuova chiesa, il vescovado, il seminario, venti classi scolastiche, i campi sportivi e la sala per le riunioni. Anche il Comitato delle Chiese Protestanti, dopo lunghe discussioni, ha preso la stessa decisione, separando in tre gruppi le sue istituzioni. Tutte le chiese cercano di evitare difficoltà e conflitti creando parcheggi privati, che, per legge, devono essere compresi entro le loro proprietà."

Richard Neutra, «Progetto del Cuore per una comunità in California», em *Il Cuore della Città: per una vita più umana delle comunità* (Milão: Hoepli, 1954), p.92.

247 Da Europa, destacamos os trabalhos desenvolvidos pelo grupo Holandês OPBOUW para comunidade de 1400 habitantes - Nagele e para 17000 - um bairro em Roterdão, ambos os trabalhos apresentados por diversas vezes nos CIAM.

> "Nel tracciato tradizionale olandese vi sono tre chiese che non sono poste al centro dell'abitato ma alla sua periferia; la religione cioè è diventata un fenomeno periferico. Nel nostro villaggio [Nagele] abbiamo espresso il bisogno dello spazio libero con una zona di verte al centro, ombreggiata da alberi, e su questo verde abbiamo collocato le tre chiese."

Cornelis van Eesteren, «Olanda: Nagele. Un nuovo villagio agricolo.», em *Il Cuore della Città: per una vita più umana delle comunità*, 1954, p.109.

> "The district [Rotterdam] is no longer a mono-functional residential zone arranged around an elongated centre with public facilities, but the facilities branch out from the new centrifugal centre into all parts of the district, into all housing units. Every level of the project, the district, the neighbourhood and the house-unit is provided with suitable complementary functions (...)."

Francis Strauven, «Ideas and controversies in Dutch CIAM 1948-53», em *Aldo van Eyck - The shape of relativity* (Amesterdão: Architectura & Natura, 1998), pp.221.

248 Eric Paul Mumford, *The CIAM Discourse on Urbanism, 1928-1960* (Cambridge: Massachusetts Institute of Technology, 2000), p.215.

torno das praças italianas – lugar por excelência de sociabilização, onde a igreja tantas vezes estava presente[249].

O problema do coração da cidade era fundamentalmente um problema social no qual o projecto de arquitectura e o plano urbanístico estavam profundamente ligados. Procurava-se a criação de um lugar onde se manifestasse a identidade colectiva, atendendo à medida humana e à espontaneidade de uma nova vida em sociedade, onde a prática religiosa no espaço público parecia não ter lugar.

> "Como deve ser o Core? O Core é nisso não há divergências de opinião, o core é um artefacto, uma criação artificial que sai da mão do homem, que não deve ser confundida com a paisagem, onde as casas se perdem ao acaso. (...) Por outro lado, isto também não deve ser tomado como pretexto para construir colossos monumentais. O novo centro, ao ser formado, deve (...) tomar em consideração as necessidades sociais sempre em mutação."[250]

Quase dez anos após estas palavras de Giedion em Hoddesdon, repetidas no seu livro *Arquitectura e Comunidade*, Chombard de Lauwe aproximava-se à mesma problemática, nas conclusões da obra 'Famille et Habitacion - sciences humaines et conceptions de l'habitation' (1959). Para ele, o verdadeiro problema que se colocava no novo quadro habitacional era o das relações de vizinhança, da organização da vida social nos grandes conjuntos onde se concentravam centenas ou milhares de habitantes. Não se tratava apenas de satisfazer as necessidades materiais, e portanto levantou a questão:

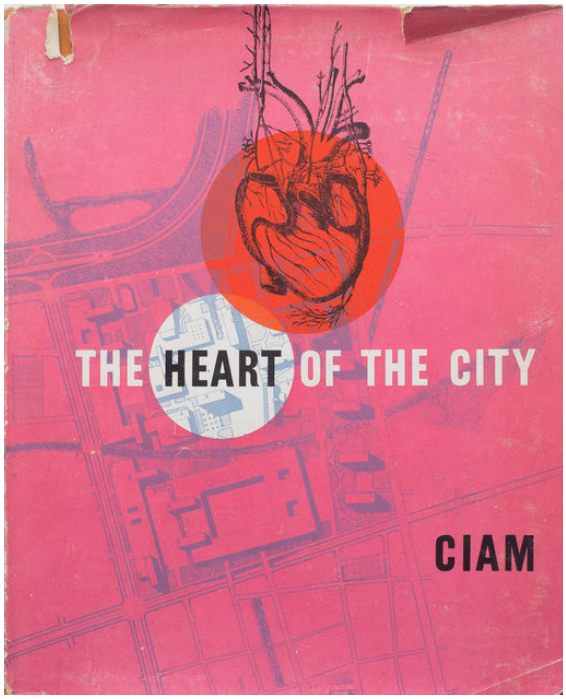
> "Comment peut se développer harmonieusement la vie sociale dans une unité de 500, 1000, 5000 logements ou plus? Où se trouvera le centre à chaque échelon? Que peut-il être? Que doit-il être?
> (...) [C]es ensembles peuvent être animés par des foyers nouveaux de civilisation comme l'ont été les centres urbains pour les villes de diverses dimensions à d'autres époques. Mais ils doivent alors être étudiés en fonction des besoins et des aspirations qu'il faut connaître sur tous les plans pour définir les dimensions des échelons et des unités de vie sociale, la composition et l'aménagement des centres, les organisations communautaires… en tenant compte de l'évolution des structures sociales et de l'apparition probable de nouveaux besoins."[251]

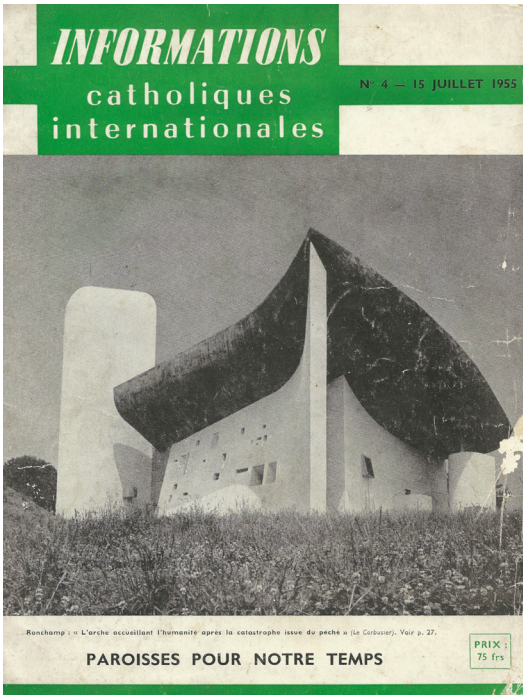
---

[249] Cf. [CIAM], «Discussione sulle piazze italiani», em *Il Cuore della Città: per una vita più umana delle comunità* (Milão: Hoepli, 1954), pp.74-80.

[250] Sigfried Giedion, *Arquitectura e Comunidade* (Lisboa: Livros do Brasil, 1955) p.92. tradução do texto publicado em Giedion, «Il Cuore della città: riassunto», p.161.

[251] Paul Chombart de Lauwe, *Famille et Habitacion. I. Science humaines et conceptions de l'habitation (12ª edição)* (Centre National de la Recherche Scientifique, 1967), p.210.





a. b.





c. d.

"Forse era prematuro affrontare questo aspetto della questione. Forse c'è stato disinteresse.
Se c'è stato disinteresse, io mi limito qui a segnalarmene l'importanza e la gravità, là dove si discutono i progetti per il futuro assetto delle città. Si dirà che molti degli uomini di avanguardia hanno idee sbagliate nel campo della architettura religiosa. (...)
Ma le discussione di questi uomini non sono discussione teoriche: essi costruiscono le città.
L'influenza che esercitano sulle nuove generazione è grande. Se c'è disinteresse non va sottovalutato perché sono certe idee e certe personalità che determinano il mondo architettonico di domani."

Raffaele Contigiani, «La chiesa, l'uomo e la collettività nella struttura del quartiere residenziale: rapporti spaziali e sociali», em Dieci Anni di Architettura Sacra in Italia 1945-1955, (Bolonha, 1956), pp.60-61.

40. Publicações de internacionais
a. The Heart of the city (1952)
b. Parroisses pour notre temps, *Informations Catholiques Internationales* (15.Jul.1955) *Arquivo FCG-MRAR*
c. Dieci anni di architettura sacra in Italia (1956) *Arquivo FCG-MRAR*
d. Arquitectura e Comunidade (1955)

O estudo problematizava a dimensão e a composição (demográfica, etária e profissional) das novas comunidades e a sua distribuição no espaço, tal como a caracterização dos seus lugares de encontro, dimensionados às respectivas necessidades e aspirações. Sem fazer referência à importância do espaço de culto, Chombard de Lauwe alertou para a ligação entre actividades comerciais e culturais, devendo as primeiras estar ao serviço das segundas, não o contrário. Era portanto necessário desenvolver primeiramente os equipamentos colectivos que, como já vimos, tantas vezes tardaram a surgir nas urbanizações da periferia de Lisboa.

> "O que é preciso estudar não são apenas as necessidades dos homens, nem os seus desejos de momento traduzidos por uma resposta, muitas vezes tão seca como inexacta, a um questionário apressado. São as suas aspirações profundas, as suas razões de viver. (...)
> É preciso encarar a perspectiva de uma vida mais livre com um sentido mais construtivo, mais dinâmico. Os arquitetos e os sociólogos que queiram trabalhar em conjunto, deverão dar prioridade a estes aspectos."[252]

Nestas palavras, traduzidas e publicadas pela revista *Arquitectura* em 1960, ecoavam ideias já partilhadas no início da década anterior no CIAM 8 quanto à necessidade de um trabalho multidisciplinar em que os programas de arquitectura e urbanismo respondessem mais a necessidades do que apenas a funções.

> "[C]i rendemmo subito conto che sarebbe stata necessaria la presenza di altri specialisti, oltre agli architetti ed agli urbanisti, per dar vita ai nuovi Cuori delle città perché il problema non consisteva soltanto nel progettare splendidi e marmorei centri civici, ma piuttosto nel creare luoghi che fossero frequentati di continuo e nei qual cittadini potessero, in certe occasioni, dare forma ed espressione ai lori più intimi sentimenti." [253]

O tema da igreja no bairro, quase ausente destas discussões académicas, tinha tido destaque no 1º Congresso Nazionale di Archiettura Sacra - *Dieci anni di architettura sacra in Italia* (Bolonha, 1955), em particular através dum concurso de ensaios escritos dedicado ao tema: "La chiesa, l'uomo e la collettività nella strutura del quartiere residenziale: rapporti spazialli e sociali". O júri, que integrava Giuseppe Vacaro, premiou com o segundo lugar, um estudo que cruzava a reflexão produzida no CIAM 8 com a necessidade de previsão de um lugar para a igreja no coração dos bairros. O seu autor, arq. Constantini, escrevera em 1955:

---

[252] Chombart de Lauwe, «Sociologia da habitação», p.43.

[253] Giedion, «Il Cuore della città: riassunto», p.160.

> "Le idee di cui parlo intorno al cuore della città sono raccolte in un volume (CIAM, 'Il Cuore della città', Hoepli) in cui sono descritte le caratteristiche di questi moderni centri cittadini (...) Io mi sono limitato ad affermare che in questo spazio vitale deve essere inserito l'edificio religioso, esplicitamente. Non solo di diritto ma di dovere."[254]

Aquele contributo, aparentemente insignificante, faria direcionar o olhar para uma realidade pouco considerada pelo movimento moderno e que se tornaria central no legado do cardeal de Bolonha, Giacomo Lercaro. Recorde-se a sua reflexão teórica acompanhada da revisão do mapa da diocese, trabalho coordenado por Giorgio Trebbi e Glauco Gresleri, e envolvendo, pontualmente, nomes de referência da arquitectura internacional como Alvar Aalto, Le Corbusier e Kenzo Tangue. Num momento de reconstrução da Europa, Lercaro, chegado a Bolonha em 1952, propôs quebrar a secularização herdada da cidade industrial repondo lugares de centralidade religiosa e social. Para tal, as novas igrejas a construir nas paróquias da periferia então criadas, integrariam planos traçados por vezes em parceria com as entidades administrativas, propondo-as a par de outros equipamentos de uso colectivo, partilhando com estes espaços públicos, praças e jardins no interior dos novos bairros.

> "Condividendo le posizioni espresse a Hoddesdon nel 1951 e misurando la necessità tangibile di luoghi e di centri di aggregazione sociale e spirituale nella anonima periferia bolognese, il vescovo emiliano interpreta sulla base del pensiero cristiano le conclusioni del Movimento Moderno di dare 'un cuore fisico della comunità urbana, un nucleo, un nocciolo nel quale il senso della comunità possa manifestarsi in modo concreto' e propone una delle più interessanti azioni di riorganizzazione dei tessuti periferici sulla base della creazione di nuove centralità a cui l'Europa abbia assistito nei tempi recenti."[255]

Em Portugal, como temos vindo a verificar a propósito da cidade de Lisboa, não se tinha deixado de contemplar a previsão de futuros espaços de culto nas novas urbanizações e zonas de crescimento, de acordo com uma política concertada entre Estado e Igreja, trabalho a que deu seguimento o SNIP, a partir do início da década de 1960. À imagem de Bolonha que integrara algumas das preocupações da revisão do

---

[254] Raffaele Contigiani, «La chiesa, l'uomo e la collettività nella struttura del quartiere residenziale: rapporti spaziali e sociali (concorso nazionale per una monografia, 2º premio ex-aequo)», em *Dieci Anni di Architettura Sacra in Italia 1945-1955* (Bolonha: Ufficio tecnico organizzativo arcivescovile, 1956), pp.60-61.

[255] Claudia Manenti, *Luoghi di identità e spazi del sacro nella città europea contemporanea* (Franco Angeli, 2012), p.26.

movimento moderno no plano pastoral, também na grande Lisboa essa prática teve eco. Do lugar individualizado e destacado na malha urbana à integração num conjunto diversificado de serviços, idealizados à imagem de um 'core', as novas igrejas paroquiais, ou até mesmo as soluções provisórias, podiam ser "'corações' capazes de dar vida" a um grande bairro "amorfo e invertebrado"[256], como seria manifestado pelo SNIP em 1961.

Três anos antes, Hermann Baur testemunhara em Portugal a experiência Suíça. A resposta às 'verdadeiras necessidades' conduzira ao abandono progressivo da vontade de construir 'grandes igrejas' e 'catedrais'. Em alternativa, aconselhou a disseminação de 'muitas igrejas paroquiais', pequenas e próximas das populações, num momento em que 'tudo era necessário fazer' para (re)conduzir as pessoas às igrejas.[257] No mesmo Curso de Aquitectura Sacra, organizado pelo MRAR (Lisboa, Jan.1958), o pe. Manuel Falcão, responsável pelo processo de remodelação paroquial da cidade de Lisboa, proferiu a conferência: "Dimensões pastorais de uma paróquia urbana".

A experiência do Porto, que de seguida analisamos, permite-nos uma leitura complementar à de Lisboa. Embora ambas partam de uma vontade semelhante de equilibrar a dimensão das comunidades paroquiais, no Porto esta planificação não se concretizou num plano global como foi o de Lisboa. As novas paróquias surgiriam uma a uma, fruto do reconhecimento do papel das 'pequenas e naturais comunidades' que era necessário considerar conforme lembrava em 1955 D. António Ferreira Gomes, dois meses antes de ter início a primeira sondagem à prática dominical no Patriarcado. Disse então o bispo do Porto:

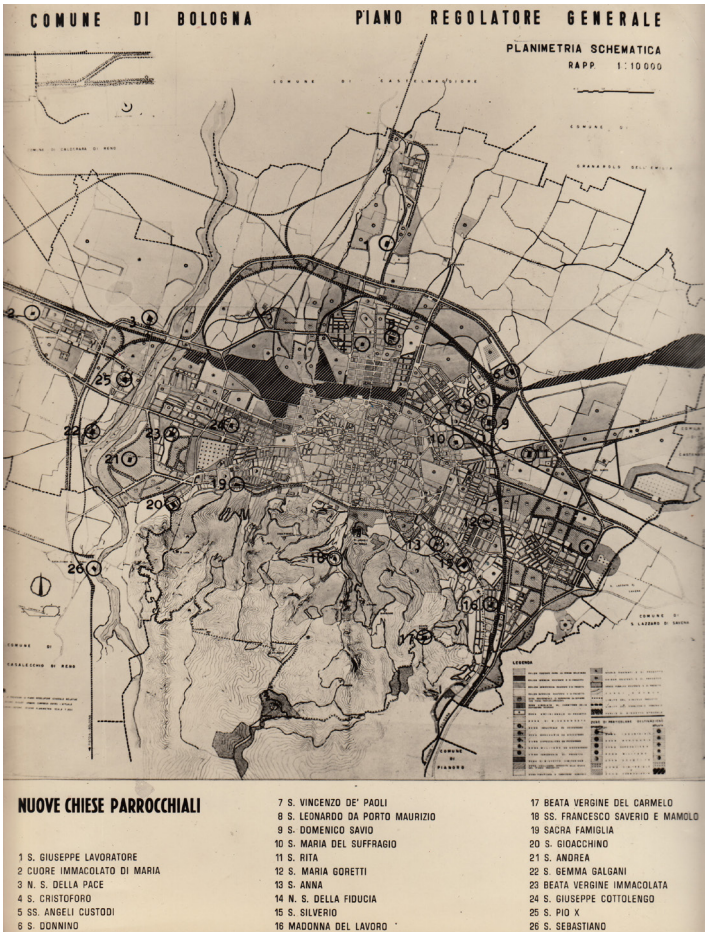
> "Não pensemos que [os moradores] se vão inserir na comunidade paroquial e urbana como indivíduos; é como comunidade bem ou mal, que se há-de operar essa inserção. (...) O homem comum só pela comunidade se realiza ou cumpre como homem; só pelas pequenas e naturais comunidades se chega à comunidade nacional e religiosa e, por estas, à universalidade humana."[258]

---

256 [SNIP], «A igreja na cidade», *Novas Igrejas - boletim trimestral do Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado*, nº 1, (Jan.-Mar.1961), p.17.

257 "(...) les vrais besoins de notre temps, on a senti qu'il s'agit au moins aujourd'hui pas de faire des grandes églises, de faire des cathédrales. Il s'agissait et il s'agit peut-être encore maintenant de créer beaucoup d'églises paroissiales et que ce soit déjà au point de vue urbaniste très bien, parce que nécessaire, de faire des églises assez petites, déjà par cette raison que les croyants n'ont pas des chemins trop longs pour visiter les églises, dans un temps où il faut faire tous les démarches pour animer le gens de visiter les églises."
Hermann Baur, «A arquitectura religiosa cristã e a sua evolução - conferência», *Curso de arquitectura sacra, Movimento de Renovação de Arte Religiosa*, (3.Jan.1958). [ver anexo 7]

258 D. António Ferreira Gomes, «A grande chaga do nosso tempo, que é o proletarismo, temos de a curar», *A Voz do Pastor*, (10.Set.1955), p.3.



a.





Ver fotos

TEXTO DA EXPOSIÇÃO DE PROPAGANDA
DO "UFFICIO NUOVE CHIESE"
Bologna Natal de 1959

1-Bolonha no princípio do séc.XX contava 60.000 habitantes:Eram suficientes mesmo só algumas das suas grandes igrejas:-S.Petrónio, S.Pedro,S.Francisco,S.Maria...-para os acolher a todos.

2-Hoje,dos 410.000 habitantes,mais de metade reside fora do perímetro da antiga muralha.E,enquanto que na velha cidade as igrejas são numerosas-58-e suficientemente grandes e capazes,os bairros superpovoados da periferia estão,ou totalmente desprovidos de igrejas,ou quando muito,insuficientemente providos.

3-A cidade,antiga ou nova,não se realiza num agregado de casas,mas numa comunidade orgânica.
A paróquia cumpre uma função de integração social:é dela um elemento determinante;polariza as melhores forças;cria centros de vida espiritual,litúrgica,associativa,assistencial,cultural;e isto, com o máximo potencial,afastando do ambiente um desolado sentido de inércia.

4-No coração do bairro,entre os vários órgãos dirigentes de interesse coletivo - escola pré-primaria,escola primária,escritórios,mercado,centro de reunião - a igreja representa o centro ou foco,sob o aspecto pastoral,humano,social,e urbanístico.

5-A antiga cidade teve,e normalmente conservou o seu coração:aí se viu surgir a catedral...a qual os bolonheses sentem sempre profundamente;e,quási por instinto,aí se dirigem nas grandes ocasiões, como nos dias cinzentos e sem história do calendário.

6-E mesmo nos bairros residenciais criados pelo Estado,onde as disposições vigentes concorrem para facilitar,ainda que inadequadamente,a solução do problema,é urgente superar essa inadequação e a lentidão processos legais,fazendo acto de presença imediato e seja de que maneira fôr,para não se perder em poucos anos aquilo que séculos de civilização cristã faticosamente construiram.

41. Experiências internacionais reunidas em Bolonha
a. Mapa do plano das novas igrejas de Bolonha.
b. Fotografias da exposição de propaganda do Ufficio Nuove Chiese de Bolonha (1959). *Arquivo SNIP*
Frente à basílica de S. Petrónio, em plena Piazza Maggiore, duas estruturas de andaimes serviam de suporte aos painéis que mostravam as igrejas em construção na periferia da cidade, a par dos planos com novas igrejas em Milão, Dusseldorf, Paris e Colónia.
Material reunido por Diogo Lino Pimentel durante o estágio naquele organismo.
c. Texto explicativo da exposição. *Arquivo SNIP*









b.

7-O"ufficio nuove chiese"foi criado com Dec.º de 1 de Aq.º del955, de S. Emª o Cardeal Q. Lercaro Arcebispo de Bolonha com o objectivo preciso de coordenar e desenvolver o trabalho da construção de novas igrejas na vasta periferia da cidade.

8-Os centros sociais apóstolicos não chegam para fortificar o espírito; não chegam a formar uma alma.À igreja vão muitos:as crianças quasi todas;dos restantes,muitos não vão ainda.Mas ela é para todos um centro vivo,capaz de criar um vínculo profundo entre os habitantes dum bairro,e de fazer deles os membros duma comunidade.

9-O futuro da sociedade bolonhesa está agora a ser jogado na periferia:a ninguem é lícito considerar-se desinteressado.Quotidianamente cada um constroi o seu próprio futuro entrando em contacto,mesmo o mais directo,com aqueles que vivem na periferia.

10-Desde 1955 toda a Diocese se comprometeu a afrontar o problema. Em 26 Jun. de 1955,uma caravana de automóveis acompanhou oArcebispo a tomar a posse simbólica de 11 terrenos.
Agora,os terrenos comprometidos são 23,sem contar com os de"provincia".

11-O problema das novas igrejas não é só seu:Ele sente-o profundamente,mais que ninguem,e vive-o com o entusiasmo com que se vive uma missão.
O ter iniciado tal obra,é o mais válido e concerto serviço que da sua parte poderia ter prestado à comunidade bolonhesa.

12-O sentido comunitário,assim como vivido na família,exprime-se embora com diferente intensidade na escala da cidade.
O calor da vida religiosa que se determina nas paróquias novas da zona periférica,é o aspecto mais sedutor sob o aspecto cristão e humano-social: cria uma grande comunidade.

13-Edificar uma nova igreja significa abrir uma fonte perene de bênçãos para os vivos e para os defuntos.Peçamos à Virgem Nª Sª e aos santos aos quais as igrejas serão dedicadas que remunerem com o juro Evangélico dos 100 por 1,a generosidade de todos aqueles que venham a tornar-se instrumentos da previdência do Senhor.

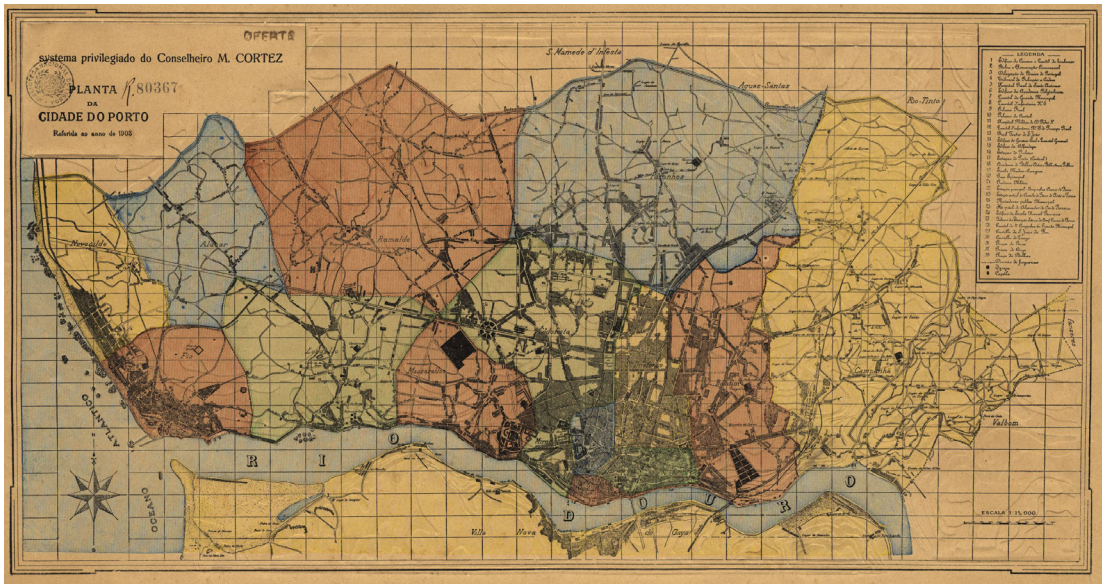
14-A cruz,símbolo de pacífica conquista.É bom que a casa da família de Deus seja construida pelos filhos de Deus...todos,começando mesmo pela compra do terreno.

15-A necessidade é grande,ainda que o nosso esforço tenha sido até agora sobretudo referente à compra de terrenos e à criação de instalações ás provisórias que consintam imediatamente uma assistência religiosa contínua.

16-Se por falta de colaboração de todas as partes,as condições espirituais das massas viesse a piorar,se não se puder avizinhar da igreja toda a juventude,por falte de locais adequados,se for impossível fazer ouvir a palavra de Deus e ministrar os sacramentos, perante Deus e os homens,cada um de nós será verdadeiramente responsável.
Este é o tempo em que os erros se transformam facilmente em catástrofes.

17-A serenidade da família é uma aspiração santa.
A sua conquista será tanto mais fácil quanto mais o mundo exterior se aproxime do que verdadeiramente se chama uma comunidade cristã.

c.



a.









b. c. d. e.

42. O Porto na primeira metade do século, as novas igrejas paroquiais - modelos em trânsito
a. Planta da cidade do Porto (1903)
b. Igreja de Santo António (Barcelos, c.1930) aut. desconhecida.
c. Igreja do Santíssimo Sacramento (1924-1938) arq. Ernesto Korrodi. *Arquivo FML-TR*
d. Igreja do Nossa Senhora da Conceição (1938-1947) arq. Dom Paul Bellot osb. *Arquivo AMP.*
e. Igreja de Notre-Dame-de-l'Immaculée-Conception (Audincourt, França, 1933)

PORTO

2.7. As paróquias nas zonas de crescimento: a provisão de igrejas nas zonas residenciais e industriais

SS. Sacramento | Senhora da Conceição - Marquês | Santo António - Antas | Carvalhido Campo Alegre e Marechal Gomes da Costa | Rebordães e Ramalde

O território da diocese do Porto apresentava uma situação complexa, uma herança de difícil gestão onde algumas paróquias pertenciam a diferentes municípios ou mesmo a outros distritos.[259] O problema da correspondência administrativa e religiosa não se limitava portanto à escala da freguesia-paróquia[260] dentro do perímetro urbano.

À semelhança de Lisboa, também no Porto na primeira metade do século XX tinham sido criadas algumas paróquias na cidade que se densificava. Assim surgiram as do Santíssimo Sacramento, junto do bairro de Guerra Junqueiro[261], e da Nossa Senhora da Conceição, ao Marquês (ambas em 1927), seguidas mais tarde pelas das Antas (1938) e do Carvalhido (1940).[262] À excepção da última, instalada na capela da Confraria da Nossa Senhora da Conceição do Carvalhido e que construiria a sua nova igreja paroquial na década de 1960 segundo projecto de Luiz Cunha, todas as outras iniciaram a construção de novas igrejas na primeira metade do século passado, em processos sempre atribulados e com duração superior a 10 anos, abandonando ou revendo projectos iniciais, obrigando nalguns casos a mudanças na coordenação de obras.[263] No

---

259 Cf. Bernardo Serpa Marques, «O Espaço da diocese do Porto: limites e áreas regionais», em *I Congresso sobre a Diocese do Porto (5 a 8.Dez.1998) - Tempos e Lugares de Memória [Actas volumeII]*, ed. Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão et al. (Porto/Arouca, 2002).

260 "Em 1853, o bispado do Porto tinha 211 freguesias, pertencendo 67 ao distrito de Aveiro, 124 ao do Porto e 20 ao de Vila Real. O distrito do Porto compunha-se de 367 freguesias, sendo 243 do arcebispado de Braga e 124 do bispado do Porto (...)"
Pinho Nunes, «Paróquias criadas na diocese do Porto desde há cem anos», *A Voz do Pastor*, ano XXXVIII, nº 21, (24.Mai.1958), p.3.

261 A igreja construída no limite do Bairro Guerra Junqueiro, junto à avenida da Boavista, surgiu como resposta à população crescente junto às quintas do Campo Alegre. Em 1924, à data de início da construção da nova igreja, a sede da paróquia situava-se em Massarelos, junto ao rio Douro. Aquela paróquia acabaria por desaparecer, sem ter sido decretada a sua extinção.
Cf. Augustina Bessa-Luís et al., *Paróquia do Santíssimo Sacramento, História e Vida pastoral* (Porto: Paróquia do Santíssimo Sacramento, 2009).

262 A criação de paróquias na cidade do Porto, na primeira metade do século XX, está associada a dois bispos: N.ª S.ra da Conceição, SS. Sacramento e Pedrouços a D. António Barbosa Leão; Antas e Carvalhido ao seu sucessor D. António Augusto de Castro Meireles.

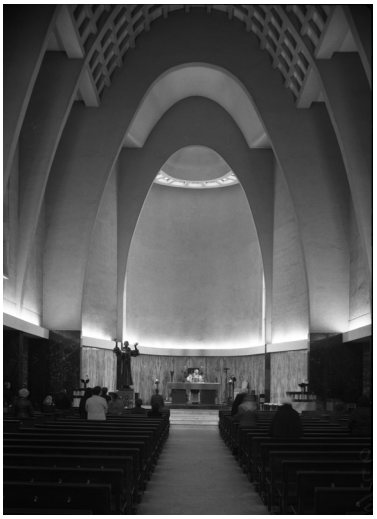
263 A autoria do projecto inicial da igreja do Santíssimo Sacramento (1924-1938) é atribuída ao eng. Manuel Moreira de Sá e Melo. Dificuldades económicas e técnicas ditaram a paragem da obra e revisão do projecto, continuado sob a direcção de Ernesto e Camilo Korrodi entre 1931e 1938, ano da inauguração.
A igreja de Nossa Senhora da Conceição (1938-1947) foi projectada pelo beneditino francês Dom Paul





a. b.





c. d.

" (...) deve ser estudada a possibilidade de inverter o edificio, voltando a fachada principal para a Avenida (...) deve ser revista a composição das fachadas de modo a obter-se maior harmonia entre os vários corpos salientes dos edifícios e a eliminarem-se os elementos decorativos não justificados pela construção (...) deve integrar-se o terreno sobrante na via pública para formar uma pequena praça – a praça da igreja – ou transformá-la em adro pela supressão das portas projectadas nos muros de vedação (...) não deve ser atribuído à cripta a função de escola por não ter condições pedagógicas e higiénicas suficientes."

Acta da Comissão Municipal de Arte e Arqueologia (27.Dez.1941)

43. Igreja de Santo António das Antas (1936-1954)
a. Proposta do arq. José Peneda (1936)
b. Igreja de Santo António das Antas (1944-1954)
arqs. Fernando Tudela e Fernando Barbosa. *Arquivo FML-TR*
c. Fotografia aérea Antas (c. 1950).
Assinaladas a localização actual e inicial onde foi construída a cripta segundo projecto de José Peneda.
d. Interior da igreja. *Arquivo FML-TR.*

Porto, ao contrário de Lisboa, não foram suprimidas nem anexadas paróquias no centro da cidade. Enquanto na década de 1950 foram inauguradas em Lisboa três novas igrejas paroquiais (S.to Condestável, S. João de Deus e S. João de Brito), em processos que não somavam quatro anos do desenho à construção, na cidade do Porto nessa mesma década apenas foi inaugurada uma paroquial, a de S.to António nas Antas (1944-1954), projectada por Fernando Tudela e Fernando Barbosa.[264]

O abandono da construção da igreja das Antas, iniciada em 1936 segundo projecto de José Ferreira Peneda, que motivara a escrita de pareceres críticos pela Comissão Municipal de Arte e Arqueologia sugerindo uma nova implantação, e a realização em 1944 de um concurso de projectos para a nova igreja, em desacordo com o Sindicato dos Arquitectos Portugueses, num terreno cedido pela CMP a menos de 200 metros da igreja iniciada, é representativa da desarticulação entre os protagonistas da história da cidade em meados da década de 1940.[265]

No plano do urbanismo, Antão de Almeida Garrett escrevera na introdução da Memória Descritiva do Plano Regional:

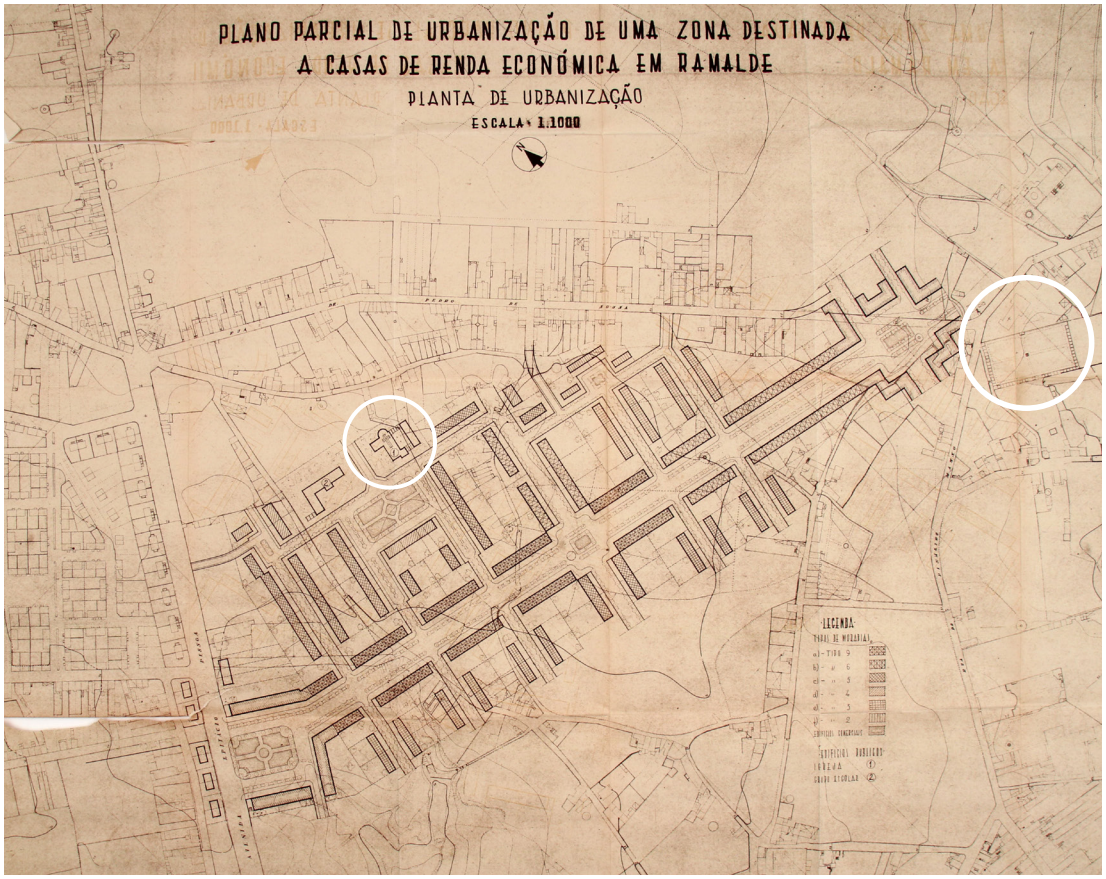
> "O Porto é uma cidade desordenada, tradução aliás fiel da nossa forma de ser.(...) Porque a desordem é total, ao lado do palacete se encontra a ilha; no meio de uma zona residencial nela se encontra a fábrica com a sua chaminé fumarenta e isto por toda a cidade; porque há um centro de forte actividade comercial e muita gente que se tem de deslocar a grande distância para se prover do necessário, exige-se disciplina na cidade capaz de ir pouco a pouco e inflexivelmente fazendo um conveniente condicionamento da população: isto é, uma diferenciação por actividades que permita melhor viver e melhor trabalhar; pondo cada um no lugar próprio, pode muito bem pensar-se em prover de tudo o que é julgado necessário. E surgem os mercados distribuidores e de vendas; as escolas; as administrações; os edifícios religiosos, etc, etc,."[266]

Bellot, que morreu durante a obra, foi concluída sob a coordenação de Rogério de Azevedo.

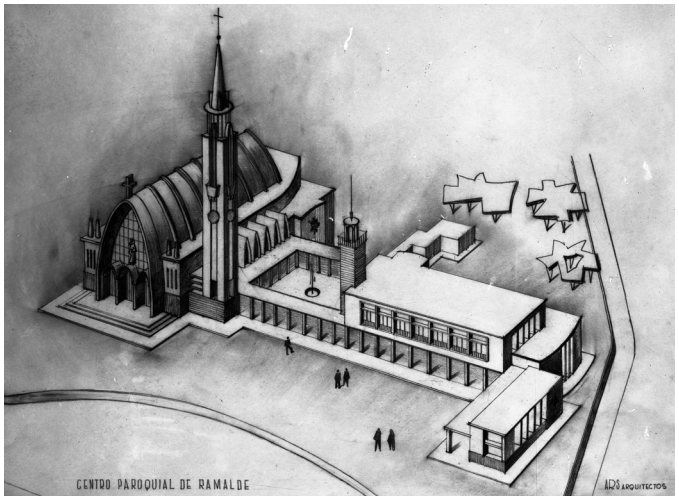
264 Relevamos o facto da igreja de Santo António das Antas (Porto, 1944-1954) não ter integrado o rol de obras apresentadas na exposição 'Arquitectura Religiosa Contemporânea' (1953).

265 "A vontade expressa pela Comissão Municipal de Arte e Arqueologia, através do parecer de Arménio Losa [1941 e 1942], de voltar o edifício para a artéria de maior dimensão, ou seja, a Avenida de Fernão de Magalhães, não se concretizou. Prevaleceu a ideia do primeiro projecto, e a fachada principal ficou voltada para a Avenida dos Combatentes, criando um remate e contribuindo para uma situação urbana mais íntima na sua dimensão claramente residencial."
Cf. Alexandra Trevisan da Silveira Pacheco, «Influências internacionais na arquitectura moderna no Porto (1926-1956)» (Universidad de Valladolid, 2013), p.144.
No capítulo "A igreja de Santo António das Antas (...)" (pp.125-151), a autora retraça a história do processo da igreja, da primeira versão apresentada na CMP à igreja construída, cobrindo os diferentes pareceres da Comissão Municipal de Arte e Arqueologia e analisando a proposta levada a concurso e defendida em CODA.

266 "Minuta das disposições de aprovação e regulamentares do Plano Geral de Urbanização da Cidade do Porto, com redação posterior à revisão feita pelo Sr. Arq. Muzio e do Advogado do Síndico da Câmara",



a.





b. c.

44. Ramalde, um novo bairro com escola e centro paroquial

a. Plano parcial de urbanização - casas de renda económica em Ramalde (1948). *Arquivo AMP.*

A circunferência maior assinala a igreja existente, a menor a nova igreja proposta.

b. Centro paroquial de Ramalde (c. 1949) ARS Arquitectos. *Arquivo FML-TR.*

c. Planta de localização em relação a zona residencial e fabril (1948) eng. Miguel Resende. *Arquivo AMP.*

Numa tentativa de regularizar a situação da cidade diversos estudos de urbanização da década de 1940 propuseram a construção de equipamentos em diferentes zonas.[267] Surgiu assim a previsão de igrejas nas duas zonas residenciais de expansão apontadas por Giovani Muzio logo no início da década: Campo Alegre e a Marechal Gomes da Costa. Estas zonas de natureza residencial, objecto de estudo do Gabinete de Urbanização da cidade, seriam trabalhadas por Agostinho Ricca (1941) e Fernando Távora (1949), então estagiários daquele organismo.[268] Também alguns bairros junto a zonas industriais deveriam ser providos de igrejas, conforme documentam alguns processos quer do início quer do final da década, como o de Rebordães - Campanhã (1941)[269] ou, mais tarde, o das casas de renda económica de Ramalde (1948)[270], projectado pelo eng. Miguel Resende que, anos mais tarde, escreveria no relatório do Congresso Internacional de Arquitectura e Urbanismo (Amesterdão, 1951) onde participara em representação da CMP:

> "Os planos parciais e o plano geral, em permanente trabalho de revisão e adaptação, revelam um espírito ao mesmo tempo prático, rigoroso e modesto, tendente a um sentido de organização, beleza e unidade dos complexos urbanos, com sacrifício de propósitos de grandiosidade, sem significado real em face das exigências da vida moderna."[271]

Nenhum destes bairros acabaria por ser construído segundo tais planos. Relevamos o facto de em Ramalde, estranhamente, a igreja não constar do programa que posteriormente Fernando Távora desenvolveu, a partir de 1949, para uma unidade residencial de 6000 habitantes.

---

em Antão de Almeida Garrett, «História da evolução dos Planos Gerais de Urbanização da Cidade do Porto», *Boletim da Secção de Planeamento Urbanístico* (Porto, Jun.1974), pp.92-93.

[267] Alguns destes projectos foram objecto de propaganda na Exposição de Obras Públicas da Região do Porto (Palácio de Cristal - Porto, 1949).

[268] [sobre o trabalho desenvolvido na CMP por Agostinho Ricca e Fernando Távora, ver cap.5.2 e 5.3]

[269] As praças e alameda estruturantes do bairro operário da Triana eram rematadas, pela igreja e centro social no topo nascente, e escola no poente.
[Gabinete de Estudo do Plano de Urbanização CMP], «Bairro de Rebordões (Triana)», *Arquivo AMP*, 1941.

[270] Contrariamente à prática corrente generalizada que colocava a igreja isolada ou como remate de um importante eixo viário, nesta proposta os novos equipamentos, igreja e escola, partilhariam igual protagonismo ladeando o mesmo lado da praça interior do bairro e evitando a presença sobre o principal eixo viário estruturador da composição – que ligaria a actual Av. Antunes Guimarães ao núcleo central de Ramalde, à sua antiga igreja e cemitério. A posição da nova praça do bairro na zona poente, permitiria que a igreja servisse a população do vizinho agrupamento de moradias económicas de Ramalde (1939).

[271] Miguel Resende, «XX Congresso Internacional de Habitação e Urbanismo (Amesterdão, Jan.1951) », *Civitas - Revista da Câmara Municipal do Porto*, ano VII, (Jul.-Dez.1951), p.292.

Perante este quadro torna-se difícil perceber o contexto e a localização precisa do estudo desenvolvido pelo gabinete *ARS* para o 'Centro paroquial de Ramalde', de que apenas encontrámos uma perspectiva fotografada por Teófilo Rego.[272]

2.8. Unidades de vizinhança e igrejas: **Plano Regulador da Cidade** (1952)

No Plano Regulador da Cidade, aprovado em 1952, são perfeitamente identificáveis três diferentes escalões: vizinhança (base – escola primária de 2 salas, 600 a 1000 habitantes), bairro (base – escola primária de 8 salas, 2000 a 4000 hab.) e unidade residencial ou freguesia (base – uma organização administrativa e religiosa bem definida, 5000 a 12000 hab.). A cada um destes três escalões seriam atribuídos determinado tipo de equipamentos, aparecendo os de natureza religiosa discriminados no segundo e terceiro escalões. Assim o bairro deveria ser dotado de "capela ou igreja com patronato" e no escalão seguinte surgia a "igreja paroquial com salão de catequese, patronato, conferências, etc.". Esta igreja e dependências anexas apareceria a par dos centros cívico, administrativo, comercial, e social "com teatro, sala de conferências, exposições, dança e biblioteca." Acima deste escalão estava ainda o da cidade (25000 a 75000 hab.) com o seu "centro cívico de ordem superior". O debate centrava-se na definição e caracterização da "unidade de vizinhança" amplamente discutida no pós guerra. Curiosamente os esquemas adoptados no Plano Regulador do Porto de 1952 por Antão de Almeida Garrett recordam os do urbanista Gaston Bardert.

No Porto, tal como em Lisboa, a presença da igreja foi considerada em diversos planos independentemente das reais possibilidades da Igreja acompanhar a velocidade crescente do fenómeno da urbanização. Se olharmos, por exemplo, os planos de agrupamentos de casas económicas portuenses da década de 1940 percebemos rapidamente que a densidade populacional e a localização, por si só, não justificariam a construção de novas igrejas. Situação que se alteraria profundamente fruto da forte

[272] Se por um lado a distribuição volumétrica do programa tem afinidades com a mancha da implantação proposta nos estudos de Miguel Resende, por outro os limites do lote e arruamentos desenhados não confirmam esta suspeita – Este processo não foi localizado nem no arquivo municipal, nem no diocesano, levando-nos a supor que se tratou apenas de um estudo prévio que não terá tido continuidade.

política habitacional no campo do realojamento, introduzida no quadro das Obras de Melhoramentos da década de 1950.

Para nenhuma das situações aqui apresentadas, trabalhadas nos gabinetes do município durante as décadas de 1940 e 1950, foi possível perceber o real grau de envolvimento da entidade eclesiástica, parecendo comprovar a inexistência de um plano de acção concertado entre município e diocese comparável àquele que se traçou em Lisboa a partir de meados da década seguinte.

No entanto o Plano Regulador aprovado em 1952 apontava linhas estratégicas, que conduziriam à sua revisão e à publicação do Plano Director de 1962. A todo este processo iniciado em 1952 não seria indiferente o novo bispo que chegava à cidade do Porto naquele mesmo ano.

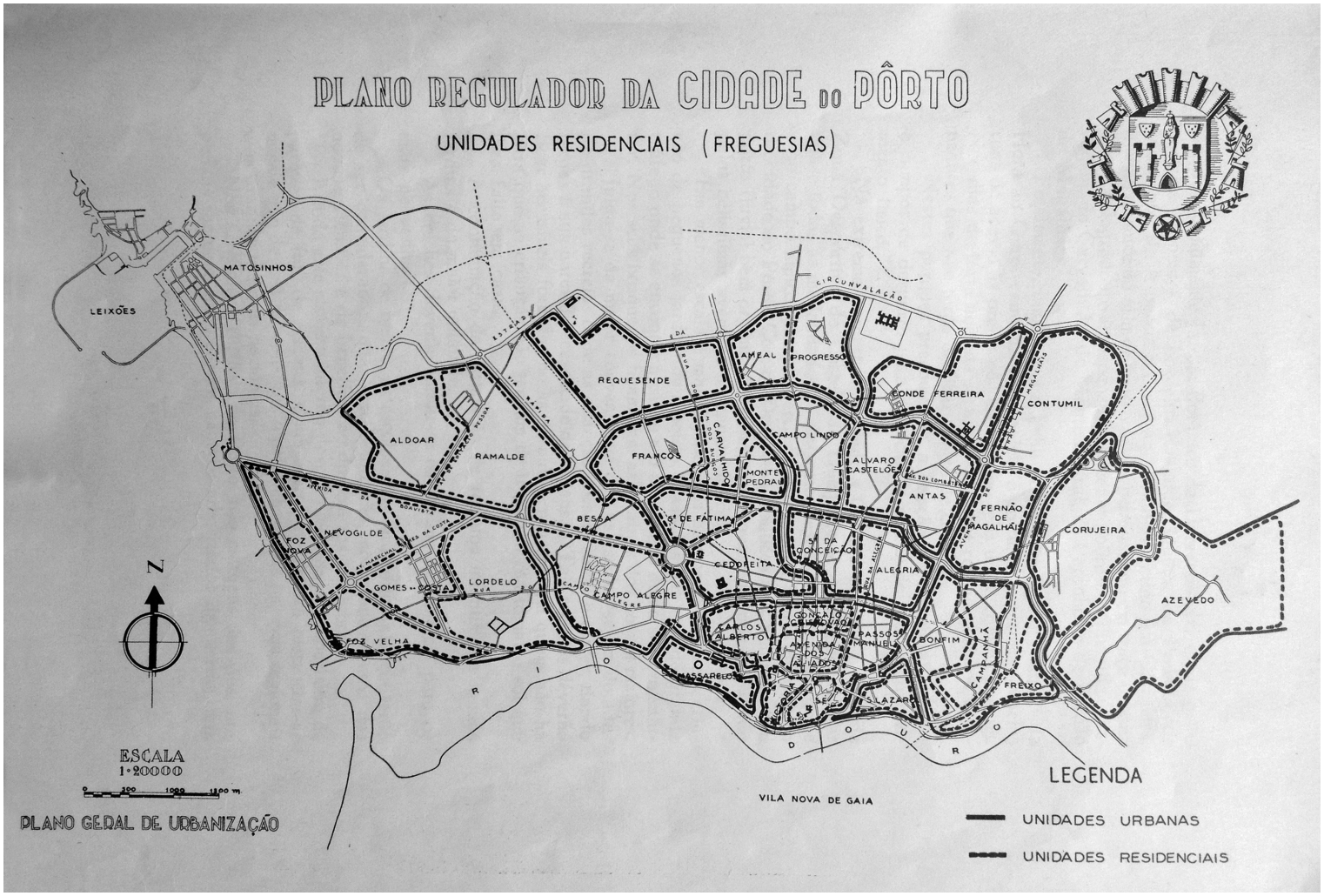
2.9. Relação Igreja-Município

A história da cidade e da Igreja no Porto fora marcada frequentemente pela tensão e disputa aberta com os poderes públicos, conforme recordou o nomeado presidente da Câmara Municipal, Dr. Luís de Pina, por ocasião da abertura do 'II Congresso Nacional do Apostolado da Oração' que a cidade Porto acolheu de 11 a 15 de Julho de 1945. Então, perante diversos bispos e o cardeal Cerejeira, o presidente tomou a palavra e disse:

> "E se antigamente houve, na verdade, desavenças e liças entre a cidade e o Bispado, entre Câmara e o Cabido portuense, ciosos uns e outros de suas liberdades direitos e regalias – todos justificáveis e endereçados a um escopo único, a grandeza e o bem da cidade e da Igreja – o certo é que o tempo amaciou as asperezas da luta, lhe aplainou as bossas e alisou as arestas. (...) Formosa, sem dúvida, esta nova vida de uns e de outros de cidade e de Igreja, irmanados todos no mesmo desejo, no mesmo voto, no mesmo aquinhoado desígnio, o de bem servir a Pátria e de bem servir a Deus" [273]

Com a nomeação de D. António Ferreira Gomes para bispo do Porto o processo de aproximação entre a Igreja e a Cidade, fomentado pelo Estado Novo, entrou num novo ciclo. Ao ser recebido pelo presidente da Câmara, na sua primeira alocução o prelado manifestou em linhas gerais boa parte do seu programa:

[273] Luís de Pina, «II Congresso Nacional do Apostolado da Oração», *Civitas - Revista da Câmara Municipal do Porto*, 1945, pp.201 e 203.



a.

"Um Plano Regulador é essencialmente um plano em que são encaradas as questões fundamentais que interessa definir por um largo prazo de tempo e por forma a que toda a actividade urbanística se possa enquadrar no respeito dessas linhas mestras do condicionamento. Deverá, por isso, traçar as principais vias de comunicação em continuação das interurbanas bem como as internas fundamentais; tratar da organização da cidade, estabelecendo um zonamento que faça a destrinça do aproveitamento do solo para as diferentes actividades do homem em aglomerado urbano, procurando os agrupamentos locais mais consentâneos a um conveniente equipamento que leve a todos os benefícios da cultura e civilização (...)"

Antão de Almeida Garrett, «Plano Regulador da Cidade do Porto»,
separata da revista «*Civitas*» , vol VIII, nº2 (Jul.1952), p.3.

45. Plano Regulador da Cidade do Porto (1952) eng. Antão de Almeida Garrett
a. Unidades urbanas e unidades residenciais.
b. Atribuições de equipamentos por escalão.
c. L'Église dans la cité na revista *L'Art Sacré* (1945) Gaston Bardet. *Arquivo SNIP.*

ORGANIZAÇÃO

1º ESCALÃO
A VIZINHANÇA

BASE - Escola primária de 2 salas

600 a 1.000 HABITANTES

JARDIM ESCOLA CRECHE 0,62 m² POR HABITANTE
ESCOLA PRIMÁRIA COM RECREIO 1,00 m² POR HABITANTE
UM FONTENÁRIO
UMA CABINE TELEFÓNICA
UMA CAIXA DE CORREIO

A PEQUENA ALDEIA ESC 1:5.000



Aldoar

2º ESCALÃO
O BAIRRO

BASE - A escola primária de 8 salas

2.000 a 4.000 HABITANTES

RECINTO INFANTIL
NÚCLEO COMERCIAL: PADARIA - TALHO - MERCEARIA E CONFEITARIA - PEIXARIA E UMA LOJA COOPERATIVA
LAVADOURO E BALNEÁRIO - SENTINA PÚBLICA
JARDIM DE BAIRRO COM 1,00 m² POR HABITANTE COM BIBLIOTECA POPULAR
POSTO DE PUERICULTURA
POSTO CLÍNICO DA F.C. DE PREVIDÊNCIA
POSTO DE BOMBEIROS COM CRUZ VERMELHA E AMBULÂNCIA
CORREIOS E TELEFONE
UMA CAPELA OU IGREJA COM PATRONATO
UM CAFÉ
UM CLUB COM SALÃO DE REUNIÕES E FESTAS
ALGUMAS OFICINAS DE PEQUENAS REPARAÇÕES: SAPATEIRO - CARPINTEIRO - PICHELEIRO - ETC.
PRAÇA DE TAXIS

O BAIRRO ESC 1:5.000



Contumil

3º ESCALÃO
UNIDADE RESIDENCIAL ou FREGUESIA

BASE - Uma organização admnistrativa e religiosa bem definida

5.000 a 12.000 HABITANTES

CENTRO CÍVICO
CENTRO ADMNISTRATIVO COM SEUS EDIFÍCIOS PÚBLICOS - REGEDORIA E JUNTA DE FREGUESIA
CENTRO COMERCIAL E UM LOCAL PARA PEQUENAS FEIRAS
ENSINO TÉCNICO, COMERCIAL OU INDUSTRIAL SEGUNDO AS CONVENIÊNCIAS
PARQUE COM TERRENOS DE DESPORTO 3,20 m² POR HABITANTE
PISCINA
ESTAÇÃO DOS C.T.T.
ESQUADRA DE POLÍCIA
IGREJA PAROQUIAL COM SALÃO DE CATEQUESE, PATRONATO, CONFERÊNCIAS, ETC
CENTRO SOCIAL COM TEATRO, SALA DE CONFERÊNCIAS, EXPOSIÇÕES, DANÇA E BIBLIOTECA
HOTEL - RESTAURANTE

A VILA ESC-1:20.000



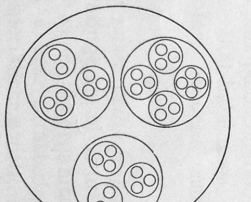
Lordelo

4º ESCALÃO
UNIDADE URBANA

BASE - A plenitude dos benefícios da agregação, culturais e de higiene

25.000 a 75.000 HABITANTES
ACONSELHÁVEL 40.000 HABITANTES

CENTRO CÍVICO DE ORDEM SUPERIOR
MERCADO MUNICIPAL
ENSINO SECUNDÁRIO: LICEUS E INSTITUTOS COMERCIAIS E INDUSTRIAIS, COM SEUS TERRENOS DE JOGOS 1,15 m² POR HABITANTE - MUSEUS
GRANDE PARQUE 23 ha COM CAMPOS DE JOGOS DE COMPETIÇÃO 3 m² POR HABITANTE
PISCINA DE COMPETIÇÕES
HOSPITAL DE ALGUMAS CAMAS COM APETRECHAMENTO MODERNO DE INTERNAMENTO DE URGÊNCIA
AUTOGARES E ESTAÇÕES DE C.F. - ELÉCTRICOS E AUTOCARROS



A PEQUENA CIDADE ESC-1:20.000



Campanhã (BONFIM, CAMPANHÃ E FREIXO)

b.

c.

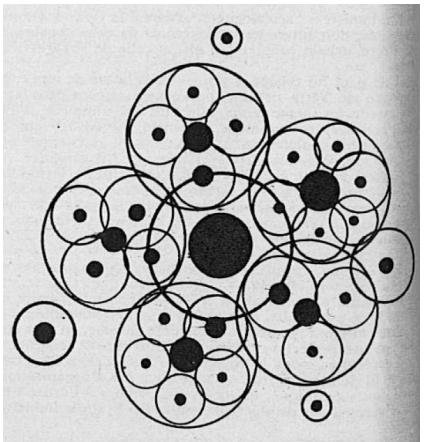


Fig. 2. **La ville est une grappe de quartiers, de paroisses (schéma de G. Bardet).**



a.





b. c.

46. Manifestações da presença da Igreja na vida da cidade

a. Procissão na Praça da Liberdade (Jul.1945)

Realizada por ocasião do II Congresso Nacional do Apostolado da Oração.

b. Exposição Obras Municipais (Porto - Palácio de Cristal, 1949) *Arquivo CPF*

A secção dedicada aos 'Novos Templos', junto à maquete da torre dos Clérigos, integrava fotografias de três igrejas da cidade: Nossa Senhora de Fátima (1936), Santíssimo Sacramento (1938), Nossa Senhora da Conceição (1947).

Na secção de Vila Nova de Gaia estava em exposição a maquete da igreja de Crestuma.

> "(...) subo a este Paço, em que a Câmara tem presentemente a sua sede[274]; sou de alguma forma integrado no grémio da própria cidade do Porto, adquiro como que uma nova cidadania (....) Encontramo-nos na acrópole da cidade do trabalho. Nas alturas sopram os ventos. (...) – Cidade da Liberdade, a cidade do Porto! (...) Liberdade significa o direito de procurarmos o bem pelo nosso próprio caminho."[275]

De facto, D. António assumiria um grande protagonismo na construção da cidade entendida num sentido lato, nomeadamente no campo da independência e participação cívica. Esta postura livre de procurar "o bem pelo nosso próprio caminho" teria naturais repercussões no planeamento e construção de igrejas na cidade.

Ao contrário de Cerejeira, que acompanhara a ascensão do Estado Novo como cardeal à frente do Patriarcado de Lisboa, D. António regressava à diocese do Porto como bispo, em Outubro de 1952, num momento de aparente estabilidade política, que ele próprio acabaria por pôr em causa, em 1958 – um ano antes de ser impedido de regressar ao país após um período de férias em Espanha.[276] A experiência de D. António na passagem pela diocese de Portalegre ficara marcada pelo "grande interesse pelos problemas socais"[277]. Ao chegar ao Norte recordou o Sul e o encanto da 'harmonia horizontal', sobre a qual escrevera ao deixar Portalegre:

---

[274] Durante 40 anos os serviços da Câmara Municipal do Porto estiveram instalados no Paço Episcopal, que por sua vez se transferiu para a Torre da Marca. Com a instalação definitiva da Câmara em 1957 no edifício ao cimo da Avenida dos Aliados (1920-1957), o Bispado recuperaria o seu lugar simbólico junto à sé. E foi já aí que em 1959 decorreu a exposição de Arte Sacra Moderna, organizada pelo MRAR.

> "Assim como não há paróquia sem residência paroquial ao lado da igreja, também não há diocese sem a casa do Pastor junto da sua Catedral. (...)[O] Estado novo apressou-se a reparar a flagrante injustiça, devolvendo o edifício ao seu legítimo dono."

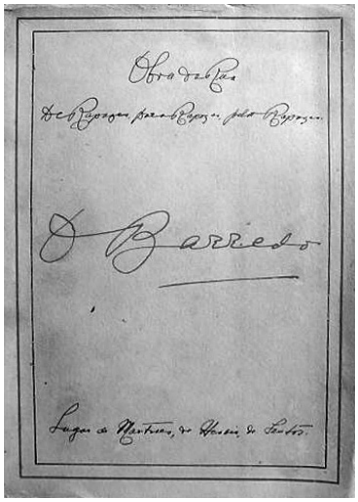
«Ao lado da Sé - igreja do bispo - o Paço Episcopal, *A Voz do Pastor*, (20.Abr.1957), p.1.

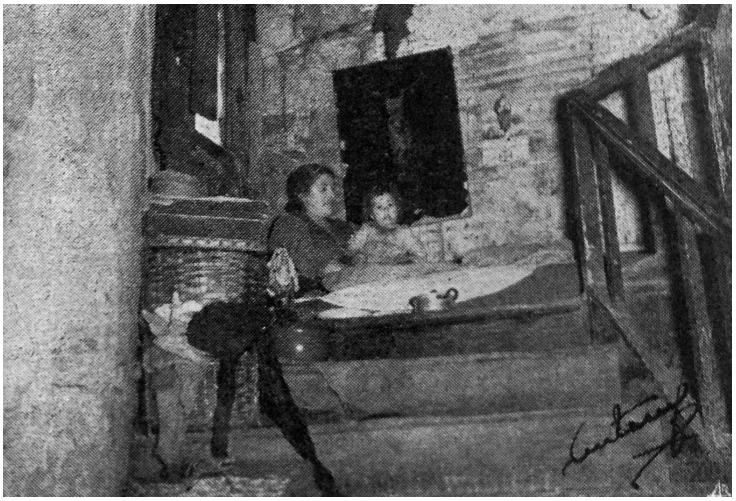
[275] D. António Ferreira Gomes, «A primeira alocução do nosso Venerando Prelado», *Voz do Pastor*, (1.Nov.1952), p.2.

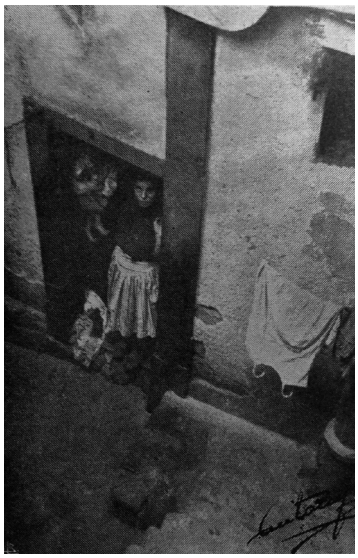
[276] Na sequência da polémica gerada pela divulgação do documento 'Pro-memória' (13.Jul.1958), de que chegou cópia a alguns membros do MRAR, recordou Luiz Cunha em conversa particular (27.Jun.2012):

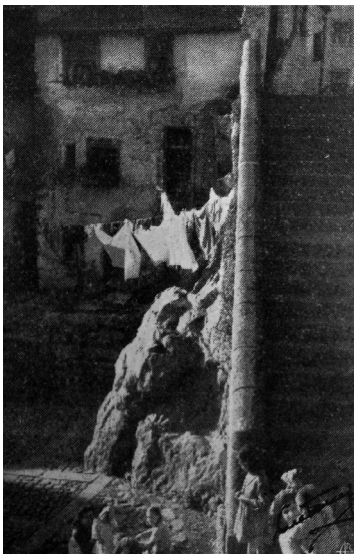
> "Tive uma acção curiosa quando já eram muito evidentes os desacordos entre Salazar e D. António. Nós fizemos a exposição 'Arte Sacra Moderna' [Paço Episcopal do Porto, 20.Jun a 10.Jul de 1959) e havia que convidar as autoridades. Diziam-me: Se tu vais convidar o governador civil não podes convidar o D. António... outros diziam o contrário. Eu, em desacordo com o Nuno Teotónio, convidei os dois e assim foi! E quando as pessoas se encontraram foram extremamente amistosas – amena conversa. No dia seguinte os jornais estavam perplexos. Simplesmente pouco tempo depois D. António saiu [24.Jul.1959] e foi impedido de regressar."

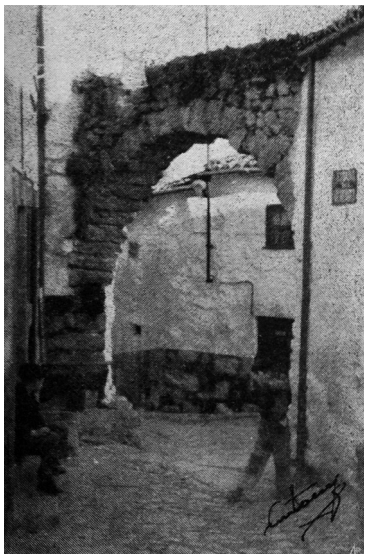
[277] "D. António tinha grande interesse pelos problemas sociais, conhecia bem a Doutrina Social da Igreja e desejaria encontrar meios para promover a organização de uma sociedade mais justa, harmonizando os interesses dos trabalhadores com os direitos do patronato. O caso mais evidente foi a organização, por sua iniciativa, de algumas reuniões de reflexão com os lavradores do Alentejo (...). Pretendia D. António, primeiro, a mentalização das classes dirigentes e, depois, chegar à acção. Foi nestas reuniões que D. António passou a ver um Alentejo diferente, em que se contrapõem as











a.

"O Barredo é bonito. Com suas ruas tortuosas, seus cachorros de granito, varandas de ferro batido. Seus largos. Seu nichos e alminhas; – o Barredo é bonito.
Se dentro das casas houvesse pão, a Escarpa do Barredo poderia ser mostrada. Assim, tem de ser escondida!" [pp.19-20]

"Era um casebre de muitos andares com muitos cubículos e todos eles cheios. Este aonde estávamos é ocupado por duas mulheres cheias de anos e simpatia. Estas são de Rezende. As outras de Anadia. A primeira é de Ovar. Raras vezes encontro alguém do Porto nestas condições." [p.51]

"Saio para a rua. A rua é escura. Chama-se até, a rua escura. Daí a nada estou nas grandes artérias da cidade. Tudo ali gira como se nada disto acontecesse. Os homens e as mulheres vão atrás da vida, nas suas ocupações. É o turbilhão." [pp.29-30]

"O quarto aonde ele está custa uma renda fabulosa. É incrível o que ouvimos da boca dos ocupantes, nestas regiões! Há rendas pagas ao dia, muitas à semana, poucas ao mês. Vãos de escada, águas furtadas, quartos de arrumo, nesgas nos corredores - tudo é alugado e custa os olhos da cara. É incrível!" [p.71]

47. O Barredo (1952) pe. Américo
a. A miséria do Barredo registada pelo fotógrafo Antony.

> "O povo, como as crianças, anda sempre à procura de modelos, para se formar ou conformar; o saber, o poder, a riqueza dão sempre autoridade e provocam a imitação.
> Na planura alentejana, de horizontes ilimitados, onde tudo parece dilatar-se em extensão e onde o próprio firmamento se nos afigura uma outra planície invertida sobre a terra e como ela infindável, aqui fala-se por vezes, com encanto da 'harmonia horizontal'.
> Esta horizontalidade, transferida da paisagem material para a espiritual, dará uma sociabilidade comunicativa, o convívio fácil, a casa aberta para a hospitalidade e a alma aberta para a compreensão mútua; mas, ai de nós se significasse uma atitude negativa perante as realidades verticais, para com a dimensão da profundidade e altura, que é a verdadeira dimensão humana."[278]

Sem falar de artes ou formas artísticas do nosso tempo, o seu discurso anunciava já uma forma outra de a Igreja estar na Cidade. Criticando a imitação de modelos sugeria a 'harmonia horizontal' como plataforma para uma sociabilidade comunitária, para a hospitalidade, alertando para a necessidade de compreensão da dimensão humana em toda a sua plenitude, não descurando a profundidade espiritual que caracterizou todo o seu pensamento.

À sua chegada, o centro da cidade vivia uma situação de miséria reconhecida por muitos e denunciada por alguns elementos do clero, em particular pelos escritos do pe. Américo[279] que, desde cedo, alertou para o problema particular (d)"O Barredo, lugar de mártires, de heróis, de santos" – nome do livro que publicou em 1952, reunindo crónicas saídas no jornal da *Obra de Rua* e alguns textos inéditos. Com essa obra iria fazer despertar a atenção de muitos sobre uma realidade que conhecia de perto, graças ao acompanhamento às famílias desfavorecidas que iam chegando à cidade e que habitavam o velho centro da urbe portuense, conforme bem ilustrava o trabalho do fotógrafo e jornalista António Guimarães (foto Antony – Penafiel) que participou na referida publicação.[280]

> forças dos grandes proprietários e o que ele veio a chamar – já no Porto – 'a miséria imerecida do nosso mundo rural'."

José Geraldes Freire, «Bispo de Portalegre (1948-1952)», em *Escritos Pastorais de Portalegre (1948-1952)* (Porto: Fundação SPES, 2001), p.16.

[278]D. António Ferreira Gomes, «Carta de Despedida (2.Out.1952)», em *Escritos Pastorais de Portalegre (1948-1952)* (Porto: Fundação SPES, 2001), p.345.

[279] Padre Américo (1887-1956), fundador da Obra da Rua (1940) e do Património dos Pobres (1950), dinamizador da construção de casas para famílias sem recursos por todo o território nacional.

[280] António Guimarães (Penafiel, 1905-1990) foi fotógrafo e jornalista. Colaborou com diversos jornais entre eles o Comércio do Porto, na década de 1960. Na montra da sua casa comercial em Penafiel fez

> "As coisas passam-se nesta trágica e majestosa simplicidade, enquanto se procedem a sérios estudos, de como se há-de debelar o mal maior de Portugal. Eu cá sei como: Casas. Casas. Casas." [281]

A periferia, por sua vez, alterava-se e para ela esboçavam-se estudos de blocos de realojamento, fruto da política pública de combate às ilhas. A luta por condições de habitação mais dignas contou também com a atenção e acção da Igreja. A imprensa católica revelava testemunhos sobre a participação da hierarquia e de grupos de leigos na tentativa da resolução do grave problema de habitação que assolava toda a Europa, destruída pela guerra e consequente crise económica. Neste contexto a Igreja defendia a justiça social e já Pio XII falara da exigência evangélica de procurar habitação condigna para o povo.

Adaptado à realidade portuguesa, o pe. Américo que se revelava atento às tranformações dos centros urbanos desenvolveu o "Património dos Pobres". Depois da Obra de Rua[282], esta nova linha de acção procurava combater o problema da habitação que afinal não se limitava ao contexto urbano em forte crescimento – a construção da cidade, da justiça social passava também pelo mundo rural. Sob o lema "cada freguesia trate dos seus pobres" foram construídas perto de 5000 casas do património dos Pobres[283] por todo o país, das quais destacamos uma das primeiras em contexto urbano – no Porto em Miragaia, o Bairro D. António Barroso (1954), em memória dum bispo exilado durante a Primeira República.

---

referência, durante dez anos, ao exílio do conterrâneo bispo do Porto, D. António Ferreira Gomes.

281 P. Américo Monteiro de Aguiar, *O Barredo – lugar de mártires, de heróis, de santos* (Paço de Sousa, 1952). p.69

282 "Não tenho autoridade para arrasar tocas nem posses para construir bairros, mas nem por isso fiquei com as mãos nas algibeiras. Quis transplantar o pequeno habitante do tugúrio em terreno adequado, tendo o cuidado de sacudir o torrão na soleira da porta! Quis e fiz.
«O amor é mais forte do que a morte.» Comprei uma quinta para eles. Chama-se a Casa de Repouso do Gaiato Pobre. [Miranda do Corvo]."
Padre Américo in Obra de Rua "De como nasceu a ideia da casa do Gaiato" Obra da Rua 5ª edição (2012), p.34
Como seria expectável os complexos educativos e habitacionais promovidos pelo padre Américo, em Miranda do Corvo (1940), Paço de Sousa (1943), Santo Antão do Tojal (1948) e Paredes - Beire (1956), contemplaram a construção de um espaço de culto, como aliás vimos ser corrente também em diversas iniciativas estatais. António Júlio Teixeira Lopes (1903-1971) foi o arquitecto responsável pelos projectos de Paço de Sousa e de Paredes – organizados ao jeito de aldeamento onde não faltam capela e alminhas. Foi também o autor das primeiras casas do Património dos Pobres no concelho de Paço de Sousa (1951).
Cf. Fernando Cerqueira Barros e Fabíola Franco Pires, *A «Obra da Rua» no concelho de Paredes* (Porto: Fundação da Juventude, Ordem dos Arquitectos, 2012).

283 [Sobre o património dos pobres] Cf. pe. Américo Monteiro de Aguiar, *Ovo de Colombo*, 1954, pp.78-103.

2.9.1. 'Catedral humana'

Bairro das Sobreiras (Out. 1955)

Em Outubro de 1955, no mesmo ano em que Lisboa preparava a primeira sondagem à prática religiosa, um mês antes da inauguração da igreja de S. João de Brito em Alvalade na qual o cardeal Cerejeira abordaria o problema de falta de igrejas no Patriarcado, D. António Ferreira Gomes benzia a segunda fase do Bairro Rainha D. Leonor, no Porto.

Em contraponto a Cerejeira, cujo discurso politicamente correcto partiria de uma escala macro, falando em números – os milhares de habitantes da 'África pagã' sem igreja – mas omitindo as reais condições em que o povo habitava[284], D. António partiu da realidade portuense concreta, denunciando publicamente as ilhas, procurando entender causas e efeitos. No discurso que então proferiu o bispo fez uma dura crítica à questão social da cidade, fruto e herança da política industrial que promovera *ilhas* à imagem dos *slum* ingleses que era necessário combater. Ele, que nunca se pronunciaria explicitamente sobre Arte e Arquitectura, escreveu:

> "Na catedral humana cada pedra tem o seu lugar, como cada nervura tem a sua função. Não basta porém que ao cimo dos coruchéus e acrotérios se arvorem símbolos religiosos; faz-se mister que todas as linhas de força e todas as tensões internas se orientem e convirjam para um ponto supremo de equilíbrio moral e espiritual que é o fecho da abóbada. (...) É preciso pensar na catedral humana... O bairro não deve continuar a ilha, nem material, nem moral, nem espiritualmente."[285]

A par de uma provocatória e construtiva reflexão em torno da política habitacional da cidade e do necessário trabalho de acompanhamento aos novos bairros recordou o papel das comunidades naturais em que se desenvolve o homem – a família,

---

[284] Nos textos "As igrejas novas do Patriarcado" (2.Out.1955) e "O grave problema das igrejas no Patriarcado" (15.Dez.1959) o cardeal Cerejeira não faz qualquer referência às condições em que habitavam as populações que somavam os milhares que tanto o preocupavam. Contudo, é evidente que era conhecedor dessa realidade. Recordem-se as visitas regulares dos seminaristas dos Olivais a bairros pobres e o papel de algum clero diocesano e congregações religiosas prestadores da assistência em zonas degradadas. Nos anos 1960 encontramos notícia da sua visita a um destes bairros – o da Curraleira (*Novidades,* 9.Jul.1961). Há ainda que considerar o papel da Fundação Cardeal Cerejeira, criada por ocasião da homenagem jubilar, no combate ao problema da habitação patrocinando a construção de apartamentos, por exemplo em Olivais-Norte.
Cf. [Fundação Cardeal Cerejeira], «Bastará dar uma casa a quem a não tem?», *Boletim de Informação Pastoral*, ano VII, nº 39, (Jun.1965), pp.14-22 e nº41-42, (Set.-Nov.1965), pp.39-43.

[285] *Voz do Pastor* sob o título "A grande chaga do nosso tempo, que é o proletarismo, temos de a curar". Dada a importância do documento propomos a sua leitura. [ver anexo 3]

em primeiro lugar e logo a seguir, o trabalho, afirmando o enorme erro que tinha sido negar aos trabalhadores o direito à associação. A capacidade de entrelaçar os interesses da Igreja com os temas da participação cívica fazia com que os escritos de D. António Ferreira Gomes fossem recebidos com ânimo pelos sócios mais comprometidos do MRAR que, paralelamente a uma renovação artística profunda, reclamavam também a renovação social. A propósito da complexidade da vivência urbana, recorde-se a abertura da conferência "Paróquia e Urbanismo" (1955), na qual Nuno Teotónio Pereira e José Martins Barata afirmavam:

> "A vida do Homem desenrola-se dentro de um quadro material, composto pela sobreposição de quadros parcelares correspondendo às diversas facetas da vida.
> O indivíduo habita a casa. Esta é, de certo modo, o 'quadro-indivíduo'.
> O indivíduo trabalha também, e para ele, a fábrica, o escritório, a oficina, são quadros correspondentes à sua actividade. Desloca-se, diverte-se, estuda, em outros tantos quadros mais ou menos adequados.
> Mas se não é um eremita ou um náufrago, o homem é mais e sobretudo membro de uma comunidade (ou melhor de várias comunidades). É na comunidade que ele encontra alguns dos seus melhores valores e onde pode viver com plenitude; se a comunidade não é uma realidade maior que o Homem é pelo menos maior que o indivíduo"[286]

A coexistência destes quadros sobrepostos obrigava a pensar profundamente o lugar da paróquia, comunidade humana natural e geograficamente limitada, e da igreja de bairro, como era defendida por sociólogos católicos e sumos pontífices e, conforme recordaria D. António ao inaugurar o bairro de iniciativa municipal, os perigos de um isolamento provocado por um modelo "completo em si" que "aproxima, modela, conforma e naturalmente isola".[287] A sua crítica estendia-se não só ao bairro mas à sua integração no tecido urbano, bem como à integração das novas comunidades no tecido social existente:

> "Vou imediatamente ao cimo, ao fecho da abóbada... que não aos simples coruchéus. Duzentas moradias, duzentas famílias são no Entre-Douro-e-Minho uma freguesia. Nem se objecte que aqui a distância às sedes paroquiais é pequena,

---

[286] Nuno Teotónio Pereira e José Pedro Martins Barata, «Paróquia e urbanismo - conferência», *2º Encontro do MRAR - Problemas da Igreja Paroquial*, (10.Jun.1955). [ver anexo 5]

[287] "Completo em si, diferente do seu arrabalde, arruado em convergência, habitado por economias domésticas semelhantes, o bairro: realiza-se em convivência, faz a comunidade, cria ambiência insular. Ainda bem, porque essa é anatureza social do homem; mas haverá de ser convivência para educar comunidade de boa vizinhança e amor do próximo, ambiência de brio e de mútuo auxílio com sentido humano: pátria pequenina dentro da pátria paroquial e urbana, com vista e rumo à Pátria comum!"
D. António Ferreira Gomes, «A grande chaga do nosso tempo, que é o proletarismo, temos de a curar», *A Voz do Pastor*, (10.Set.1955), p.3.

> porque o metro das cidades é outro. Aqui, como nesses outros bairros, já construídos ou em projecto, dá-se uma convivência, nasce uma comunidade."[288]

Ora toda esta reflexão em torno da distância e autonomia do bairro conduziria a um fecho em que defendeu uma outra escala de construção, mais de acordo com a dimensão das comunidades a que se destinavam. Mais do que de igreja falou de capelas – "(...) capela do bairro, capela comunitária e, portanto, muito sua", espaço necessário ao crescimento das comunidades que aí se sentiriam "em sua casa, não como estranhos e espectadores, na Matriz paroquial"[289] – um entendimento alargado sobre o significado da participação. Ressalve-se que o recurso às capelas-satélites seria também sugerido pelo cardeal Cerejeira na carta pastoral publicada alguns anos mais tarde, em 1959, num momento em que à volta de Lisboa eram propostas cidades-satélites.

Valerá ainda a pena referir a importância atribuída por D. António ao trabalho desenvolvido por alguns grupos dentro da Igreja que se lançavam autonomamente na tentativa de resolução do problema da habitação, através da auto-construção, tanto de moradias como de espaços de culto, valorizando a iniciativa de comunidades envolvidas na solução dos seus próprios problemas.[290] No ano seguinte à inauguração do bairro do Bairro das Sobreiras o bispo voltaria a pronunciar-se sobre o valor destas iniciativas comunitárias. Na cerimónia de lançamento do bairro camarário Pio XII, recordou a

---

[288] Ibid. p.3.

[289] Ibid. p.3.

[290] No discurso, D. António Ferreira Gomes falou do bairro dos empregados dos transportes colectivos do Porto que para além de construírem casas lançavam-se na construção de uma capela. Não foi possível apurar notícia da sua existência. Fez referência também à construção de agrupamentos de moradias promovidos por movimentos de Acção Católica, nomeadamente pela LOC e JOC em Ramalde e Aldoar.
O eng. Antão de Almeida Garret, urbanista responsável pelo plano director da cidade de 1952, contribui pessoalmente em planos desta natureza, conforme documentam processos existentes no Arquivo da Diocese. Sobre este movimento pronunciou-se nas comemorações diocesanas em honra de Pio XII:

> "De todos os bens que podem ser objecto de propriedade privada, em perfeita conformidade com a natureza, nenhum suplanta o torrão e a casa onde vive a família – o seu espaço vital – nas próprias palavras de Pio XII. (...) Quer um [Bairro Leão XIII (LOC-Aldoar)], quer outro [Bairro de Santo Eugénio-Ramalde] carecem de facilidades da Municipalidade, que as não tem regateado (...) Esta modalidade, digamos de semi-autoconstrução, por aqueles que precisam de casa e estão prontos a dar economias, e sobretudo o esforço das suas horas vagas, deve poder encontrar clima mais favorável que o actual. Quem o poderá criar? Nós os católicos."

Cf. Antão de Almeida Garrett, «Queremos levantar casas sadias que preguem tanto como as palavras - discurso», *A Voz do Pastor*, (10.Mar.1956).
Na década de 1960, outras iniciativas de auto construção surgiram associadas à Igreja, nomeadamente em torno do pe. António Teixeira Sousa que dinamizou o movimento em S. Mamede de Infesta (Matosinhos).
Cf. João da Silva Torres Lima, *MOJAF - Movimento Juvenil de Ajuda Fraterna (1963-1970)* (Porto: CITCEM - Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, 2013).

> "Experiência-piloto poderíamos chamar-lhe, por se ter abalançado em mares inexplorados, 'tenteando a oração, a sonda' e a esperança, como iniciativa e responsabilidade dos próprios interessados (...) Casas construídas em cooperação por união de espírito e de esforços dos trabalhadores entre si e depois com os dirigentes do trabalho, bairro destinados a construir uma família maior ou uma pequena sociedade. Isto junto à construção de caridade e à construção social é belo e promissor."[291]

Subjacente ao discurso estava a ideia de participação colectiva na construção de uma 'família maior' – a construção da Cidade. Para ela, expressara nas Sobreiras,

> "(...) a esperança de que, assim como a ridente paisagem das nossas aldeias é sempre abençoada pelas alvas ermidinhas do monte e do ermo, assim também o panorama da nossa cidade seja pontuado pelos lugares de culto necessários, não tanto à beleza do conjunto, quanto à vida moral e espiritual dos habitantes! Que em cada bairro habitacional que o justifique seja ao menos previsto e reservado lugar de culto, para quando as circunstâncias permitirem a sua realização."[292]

Esta vontade ficaria perpetuada no jornal diocesano *A Voz do Pastor* que publicou o discurso na íntegra sob o título "A grande chaga do nosso tempo, que é o proletarismo, temos de a curar". Uma semana depois o mesmo jornal publicava de novo algumas passagens com um título menos polémico – "Não falte, em cada bairro, o lugar do culto". [293] Algumas semanas volvidas, reuniria excertos da alocução do cardeal Cerejeira na inauguração da igreja de S. João de Brito (Lisboa) no artigo "Povoação sem igreja não é portuguesa: é pagã". [294] Nessa ocasião o cardeal falou dos arredores da capital, traçando o paralelismo com a 'África pagã'. Para o bispo do Porto a leitura seria outra:

> "(...) eu não posso furtar-me à impressão de que algo de novo se está processando no grande plano da Igreja e da sua pastoral. A Igreja foi urbana ou citadina, no seu princípio: a comunidade diocesana, à volta do seu bispo com o seu presbitério, centrava-se na cidade, com eventuais e esporádicas irradiações para o campo. Condições históricas mesmo se verificaram das quais resultou que os seguidores dos cultos pré-cristãos foram chamados pagãos, isto é, campónios. A seguir à grande migração dos povos, tudo mudou: com o desaparecimento das cidades, a

---

[291] D. António Ferreira Gomes, «Benção da primeira pedra para o bairro de Pio XII (1956)», em *Endireitai as veredas do Senhor! Alguns documentos pastorais do bispo do Porto de 1952 até 1959* (Porto: Livraria Figueirinhas, 1971), pp.143 e 145.

[292] Gomes, «A grande chaga do nosso tempo, que é o proletarismo, temos de a curar». p.3.

[293] D. António Ferreira Gomes, «Não falte, em cada bairro, o lugar do culto», *A Voz do Pastor*, ano XXXV, nº37, (17.Set.1955), p.1.

[294] D. Manuel Gonçalves Cerejeira, «Povoação sem igreja não é portuguesa: é pagã», *A Voz do Pastor*, ano XXXV, nº40, (8.Out.1955), p.1 e 3.

civilização tornou-se rural, e os que se apegavam ao que restava ou reaparecia das cidades foram mesmo chamados vilões.
Ora, a restauração das cidades e o progresso da civilização urbana, depois dos mil anos medievais, vai já contando seis ou sete séculos. É tempo de pastoralmente mudar: e, agora, ou mudamos ou seremos os novos pagãos, a caminho igualmente do fim. Pois bem, nestas paróquias tão mescladas mas de evidente predomínio popular com o seu «pequeno rebanho» de cristãos novos, quase que temos a antevisão duma Igreja diocesana que seja principalmente uma determinada Igreja de Deus que está no «grande Porto», com prolongamentos, cada vez mais urbanos, em toda a área diocesana."[295]

Ainda que os últimos dois títulos de 1955, acima mencionados, possam parecer próximos, o conteúdo e abordagem são reveladores de posturas bem diferentes de D. António Ferreira Gomes e do cardeal Cerejeira, que conduziriam a políticas de organização territorial bem distintas.

2.10. Cidades dentro da cidade

2.10.1. A igreja na periferia industrial

A unidade geográfica, económica e social obrigava a encarar a cidade do Porto para lá dos "limites meramente convencionais" que a municipalidade tinha desde 1898, conforme constava dum escrito do estudo do plano regional enviado em 1941, ao arq. Muzio. Nele eram identificadas algumas zonas a considerar num plano a elaborar, necessariamente, à escala regional. Foram referidas, em especial, a importância de Matosinhos na ligação ao porto de Leixões, das urbanizações pontuais sobre os eixos viários radiais que partiam da cidade para norte e também de toda a frente fluvial de Vila Nova de Gaia.

De facto, constatamos a criação de três novas paróquias nestes territórios, conforme documenta a breve recordou *A Voz do Pastor*[296], em 1958: Senhora da Hora

[295] D. António Ferreira Gomes, «Homília na erecção da paróquia N.ª S.ra da Ajuda (28.Jan.1973)», *Igreja Portucalense*, ano III, nº12 (Dez.1972-Jan.1973), p.30-31.

[296] A notícia no semanário diocesano *A Voz do Pastor* (24.Mai.1958) identificava as 11 paróquias criadas nos cem anos precedentes e da situação das freguesias do bispado que se distribuíam por diversos distritos. Paróquias criadas na diocese do Porto desde 1856 até 1958: Recarei, N.ª Sra do Bom Despacho (1.Fev.1856); Espinho, N.ª S.ra da Ajuda (17.Set.1889); N.ª S.ra da Hora (25.Abr.1918); S.ra da Conceição (10.Abr.1927); Santíssimo Sacramento (31.Ago.1927); Pedrouços, N.ª S.ra da Natividade (20.Jun.1928) Olo - Amarante (21.Nov.1935); S.to António de Riba Douro (7.Set.1936); Antas – S.to António (13.Jun.1938); Carvalhido - Porto (24.Dez.1940); S. Pedro da Afurada (31.Dez.1951).
Cf. Nunes, «Paróquias criadas na diocese do Porto desde há cem anos», p.3.

A Procissão fluvial e bênção da nova igreja da Afurada

Constituiu um espectáculo maravilhoso a procissão fluvial de Domingo, presenciada, nas duas margens do Douro, por centenas de milhar de pessoas.

Todas as casas se apresentaram vistosamente engalanadas.

Presidiu às solenidades religiosas Sua Ex.ª Rev.ma o sr. Bispo do Porto, que também benzeu o novo templo, tendo-se deslocado propositadamente ao Porto, em representação do Governo, o sr. Ministro da Marinha; assistiram à cerimónia todas as autoridades e muitas outras personalidades civis e religiosas.

Eram 15,30 quando chegou Sua Ex.ª à tribuna de Honra, lançando daí a bênção às imagens colocadas nas barcaças.

Realizou-se em seguida a magestosa procissão.

À frente, um grande rebocador, decorado em forma de cisne, arrastava as 9 barcas dos andores, todas ligadas entre si; a seguir, outra barca com o Pálio, onde seguia o Rev. Prelado, acolitado pelos Snrs. Cónegos Drs. Joaquim Manuel Valente e Gaspar de Freitas; na popa deste barco seguiam o sr. ministro da Marinha, governador civil e autoridades; depois 3 outras barcas com as entidades oficiais e convidados e por fim centenas de embarcações vistosamente embandeiradas.

Durante todo o precurso a «Schola Cantorum» do Seminário do Porto fez-se ouvir em cânticos adequados aquele acto.

Depois de imponente recepção, na Afurada, a procissão seguiu, agora em terra, até ao novo templo onde o sr. D. António deu início às cerimónias da bênção da igreja de S. Pedro da Afurada, tendo pronunciado uma brilhante alocução.

As cerimónias terminaram com o cântico de louvor «Magnificat».



A magestosa procissão fluvial a caminho da Afurada

a.



b.

48. As novas paróquias na periferia do Porto

a. Afurada (Vila Nova de Gaia)

Procissão fluvial na inauguração da nova capela (16.Jul.1955)

b. Senhora da Hora (Matosinhos). *Arquivo CPF*

(Matosinhos, 1918), Pedrouços (Maia, 1928)[297] e S. Pedro da Afurada (Vila Nova de Gaia, 1952). Para estas paróquias foram desenvolvidos projectos de arquitectura na segunda metade do século XX, durante o bispado de D. António. A eles estão associados sectores importantes no desenvolvimento regional que impulsionariam o crescimento da cidade, indústria e pescas. Procuramos destacar, neste capítulo, a história da igreja da paróquia da Senhora da Hora, processo longo e pouco conhecido.

Recordem-se outras encomendas contemporâneas da igreja da S.ra da Hora como sejam a igreja de S. Pedro da Cova (1953-1963, *ARS*) para a comunidade mineira em Gondomar, a capela de Santo Amaro (1953-1956, de Bruno Alves dos Reis) e posterior centro paroquial (1956-1959, de Álvaro Siza) junto e para serviço às indústrias conserveiras de Matosinhos e ao porto de Leixões. Foi também o desenvolvimento industrial que conduziu posteriormente, em 1964, à criação definitiva de outras paróquias como a do Padrão da Légua, resultante de uma experiência pioneira, de referência na diocese do Porto, que cruzou arquitectura, urbanismo e pastoral.[298]

Ainda que a Igreja tenha manifestado dificuldade em afirmar a sua presença nos meios industriais, por natureza resistentes à prática religiosa, no século XX português assistimos a uma união entre filantropia e religião que conduziu à integração de espaços de culto nos planos dos aglomerados industriais.[299]

Neste contexto, recorde-se no início da década de 1930 o bairro da Fábrica de Maceira-Liz da Empresa Cimentos de Leiria, cuja direcção encomendara ao arq. Rocha e Mello uma capela – o primeiro equipamento comunitário inaugurado a que se viria a juntar uma vasta obra assistencial.[300] Esta tradição seria continuada por muitas outras

---

[297] O crescimento populacional em torno do cruzamento da estrada nacional Porto-Guimarães com a estrada da circunvalação conduziu ao desdobramento tripartido da paróquia de Pedrouços: à antiga sede paroquial está associado o território do concelho da Maia, enquanto às novas de Corim (1964) e Areosa (1979) estão os de Gondomar e Porto. A igreja de N.a S.ra da Areosa (1981-1987), cuja primeira pedra foi lançada ainda durante o bispado de D. António Ferreira Gomes, foi projectada pelo arq. Acácio Brochado.

[298] [Sobre Padrão da Légua, ver cap.5.5]

[299] Já no final do séc.XIX Adães Bermudes na proposta enviada à rainha D. Amélia para um bairro para classes operárias sugeria a integração de uma igreja no seu centro. Nalgumas propostas internacionais, como a cidade industrial de Tony Garnier, o espaço de culto não parece ter sido considerado.

[300] "A acção filantrópica da Família Sommer da Quinta da Cardiga, o lado da família que apoiou Henrique Sommer desde o início, confiando no seu instinto e capacidade de iniciar esta indústria em Maceira-Liz, manifestou-se sob diversas formas de apoio social, moral e católico noutros lugares. (...) Esta família de origem germânica, foi provavelmente uma das primeiras famílias portuguesas ligadas à indústria, a colocar em prática os ensinamentos das Encíclicas Papais, no que se refere às relações entre patronato/operariado. (...) Na evolução da Fábrica de Cimentos da ECL em Maceira-Liz,

fábricas um pouco por todo o território. O complexo industrial de Riba de Ave é também exemplo de idêntica situação. No sul, na periferia da capital, recordem-se os projectos para a igreja do bairro da Sacor (1959-1961) desenvolvidos por Jorge Segurado (duas versões), posteriormente construída segundo um outro, de Eduardo Esteves Hilário e Alberto Camacho (1965); e a do bairro da Tabaqueira (1965-1969), de Jorge Viana, construída após abandono do projecto de Vasco Regaleira[301]. A estas poderíamos ainda juntar tantos outros, como o do bairro da Covina ou até a igreja do Barreiro, só construída na década de 1960 segundo projecto de Joaquim Cabeça Padrão, mas já equacionada nos diferentes planos de urbanização da CUF desenvolvidos por Cristino da Silva na segunda metade da década de 1940.

Senhora da Hora

A paróquia da Senhora da Hora surgiu em 1918 na sequência da instalação no início do século XX de um importante núcleo industrial naquela zona rural do concelho de Matosinhos, junto à linha de comboio. A Empresa Fabril do Norte, que chegou a empregar 3000 funcionários, destacou-se entre as demais indústrias, contribuindo para o desenvolvimento e o crescimento demográfico naquela área. A preocupação social levou a administração da unidade industrial a lançar-se na construção de áreas complementares à fábrica, que contemplaram creche, serviço médico, núcleo desportivo e, já na década de 1950, a comparticipar a construção da igreja. A assistência religiosa foi reforçada pela criação da dita paróquia, desanexada da de Matosinhos cuja sede era distante e pouco acessível.

A primeira igreja a servir de paroquial foi a pequena e antiga capela existente na Senhora da Hora. Trinta e cinco anos após a criação da paróquia, já na década de 1950, foi negociada a troca de terrenos entre a comissão fabriqueira e a Empresa Fabril que cedeu espaço para a construção da futura igreja paroquial, completando a oferta de

emerge um triângulo que vai tecendo redes de influência e de interdependência, através de pactos, de cerimónias, de celebrações de contactos. Referimo-nos à Fábrica, à Igreja e ao Estado."
Isabel Bolas, «A "Monarquia de Maceira-Liz": entre o II Reich, a República de Weimar e o Estado Novo. A Empresa de Cimentos de Leiria – A Fábrica e o Bairro do Pessoal de Maceira-Liz _ 1918-1944»,Tese de Mestrado em Planeamento e Projecto do Ambiente Urbano, (Universidade do Porto, 2009), pp.164 e 271.

301 Cf. João Salvado, ed., *A igreja do Bairro da Tabaqueira: uma obra de Jorge Viana* (Adictologia Unipessoal Lda, 2012).

serviços disponíveis naquela área. Na sequência da visita do bispo do Porto D. António Ferreira Gomes, que integrava a comissão de honra a par de alguns membros do conselho de administração da Empresa Fabril, que o projecto foi entregue a uma equipa projectista liderada por António Barbosa de Abreu e que contou com a participação do arquitecto Manuel Armando d'Ávila Pereira.

Ainda que a obra seja pouco tratada na historiografia da arquitectura, trata-se de um projecto pioneiro à data, sendo a primeira igreja paroquial moderna em Portugal de planta centralizada, remetendo para experiências internacionais suas contemporâneas que procuravam já uma maior proximidade da assembleia dos fiéis ao altar, como as percursoras igrejas de St. Felix und Regula (Zurique, 1945-1950) do arquitecto suíço Fritz Metzger (divulgada na exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea de 1953), ou a de S.ta Maria Nascente dos arquitectos italianos Ludovico Magistretti e Mario Tedeschi, no bairro experimental QT8 (Milão, 1953-1955). Devemos ainda considerar a influência de uma outra linha, de matriz classicizante, desenvolvida pelo arquitecto Luís Moya[302], com quem Barbosa de Abreu se cruzara em Madrid em 1946, enquanto Bolseiro do Instituto para a Alta Cultura.[303] Em particular lembramos o interior e as plantas elípticas das igrejas de San Agustín (Madrid, 1945-1949) ou a da capela da universidade laboral de Gijón (Gijón. 1945-1957)[304], esta integrada num complexo universitário.[305]

Ainda que possa parecer pouco inovador, o projecto desenvolvido por Barbosa de Abreu para a igreja da Senhora da Hora, no contexto industrial da periferia portuense,

---

302 Cf. Esteban Fernández Cobián, *El espacio sagrado en la arquitectura española contemporánea* (COAG Colexio Oficial de Arquitectos de Galicia, 2005). [La arquitectura religiosa como ideal: Luis Moya pp.221-259]

303 Na sua passagem por Madrid como bolseiro do Instituto para a Alta Cultura, tendo em vista o aperfeiçoamento em Desenho Técnico, Barbosa de Abreu trabalhou no Pabellon de Gobierno da Ciudad Universitaria de Madrid sob orientação do arquitecto Pascual Bravo.

> "(...) aproveitando o estágio deste Professor em Espanha, e dadas as condições favoráveis em que se encontrava para elaborar o programa e o anteprojecto duma Casa de Estudantes, pedi-lhe que se entregasse a esse trabalho na medida em que ele se pudesse sobrepor à finalidade do seu estágio.
> É digno de louvor o modo como se desempenhou do encargo que lhe foi cometido, estudando a organização dos 'Colégios Mayores' criados ou regulados pela chamada 'Ley de Ordenación Universitária' (29 de Julho de 1943), que definiu o espírito e a orientação da nova Universidade espanhola. (...)
> Constroem-se bairros para operários, funcionários e empregados.
> Merecerão os estudantes menos que eles? Parece me bem que não."

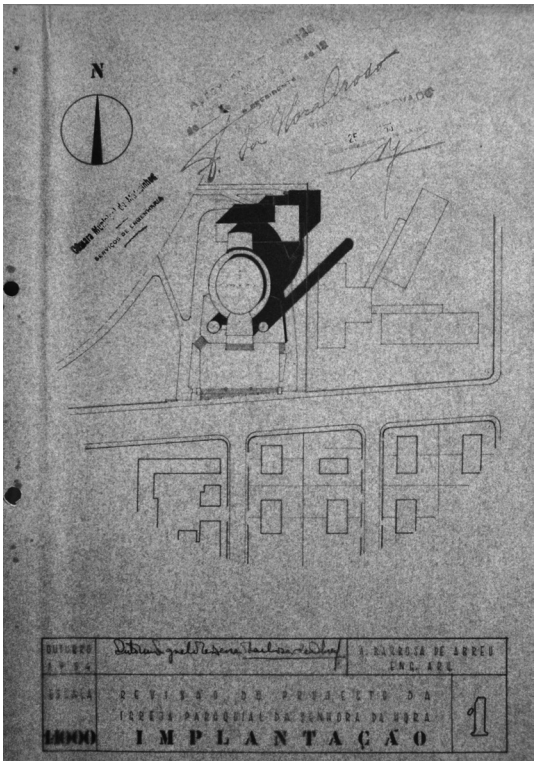
Amândio Tavares, «Relatório», *Annuário da Universidade do Porto 1946-47* (Porto, 1948), p.27.

304 Em ambos os casos as plantas elípticas adoptadas têm desenvolvimento longitudinal no sentido do altar.

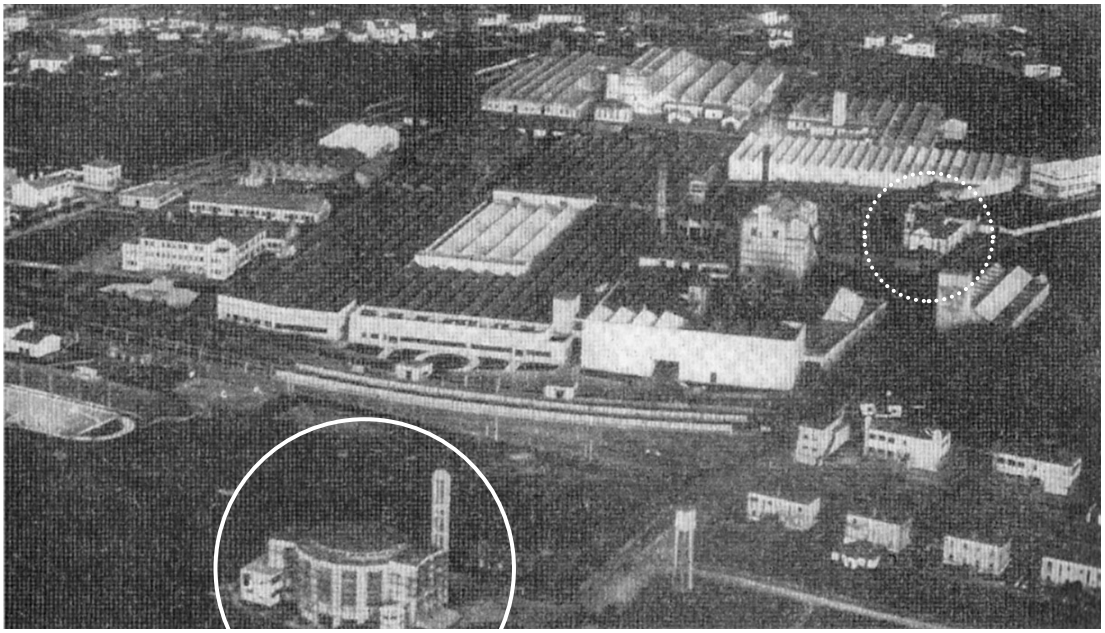
305 [Sobre o trabalho desenvolvido em Madrid e complexos universitários, ver cap.2.10.3]

Memória descritiva e justificativa (Porto, 29.Set.1955)
Projecto

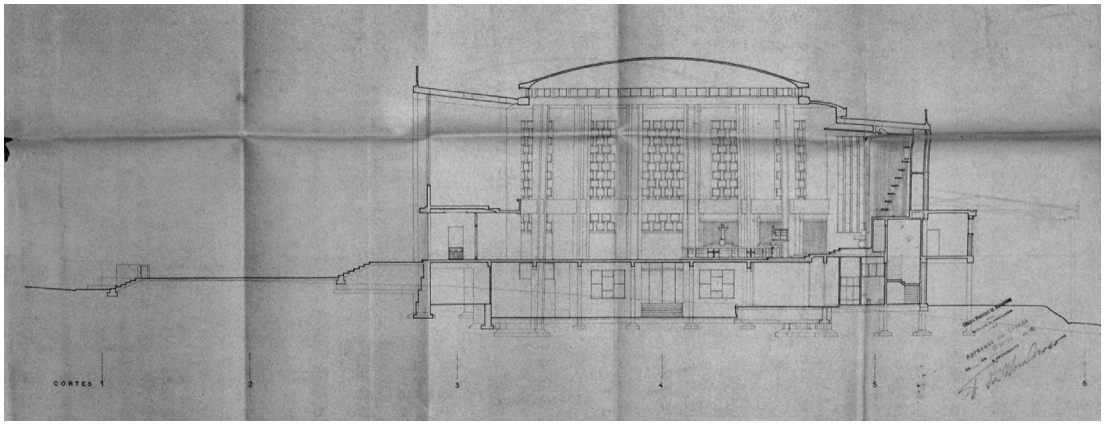
"A solução proposta dentro de uma actualidade de formas procurou integrar-se nas prescrições canónicas sobre arquitectura litúrgica, seguindo ao mesmo tempo o exemplo de igrejas centrais vulgares ao Norte do País (Clérigos do Porto, Cruzes de Barcelos, etc.). A **planta elíptica** apresentada consegue aproximar os fiéis dos altares e mesa da comunhão, com uma visibilidade total e sem necessidade de inversão para assistirem cultos nos altares laterais. Sob o ponto de vista volumétrico, verificamos uma **grande unidade** conseguida pelo predomínio do espaço central que se prolonga do corpo anterior da entrada para o da capela-mor, em cujo trono converge toda a composição.
O conjunto interior será realçado pelo tratamento decorativo das superfícies de determinados elementos tais como superfícies de iluminação guarnecidas de vidro colorido e placas de alabastro, pilares revestidos em mármore, cortinas dos fundos dos altares, grades de mesa de comunhão, púlpitos, etc.
No exterior do edifício houve a preocupação de realçar o **pórtico de entrada**, equilibrado **entre a torre lateral e o baptistério**. O pórtico será completado com um grupo escultórico representando a Ascenção.
Cremos ter conseguido um **edifício de aspecto nitidamente religioso** que se integrará perfeitamente num conjunto de diversas outras construções de carácter colectivo que a Empresa Fabril do Norte L.da se propõe construir **em moldes actuais** nos terrenos contíguos (...)."

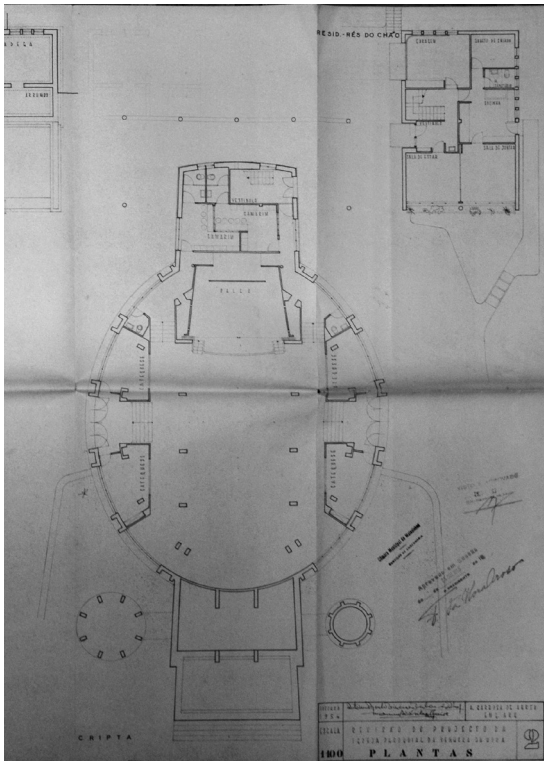


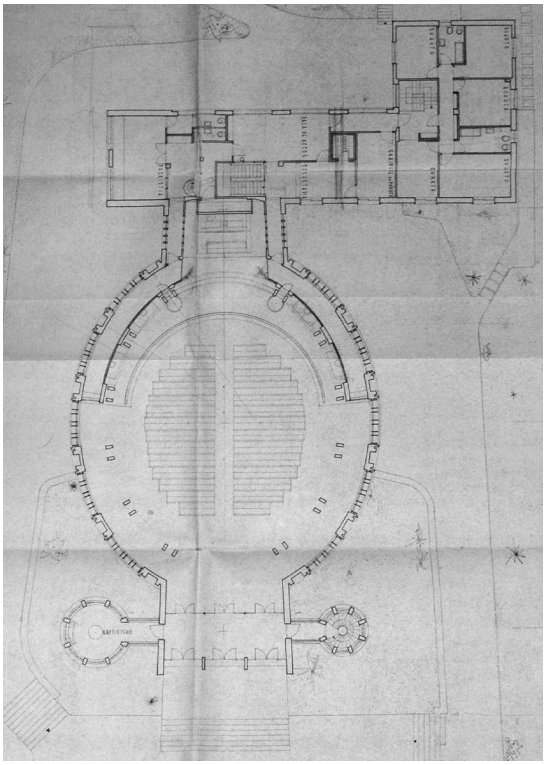
a.


b.

49. Igreja paroquial Senhora da Hora (Matosinhos, 1953-1963) eng. e arq. António Barbosa de Abreu
a. Desenhos, implantação, corte, plantas. *Arquivo da Paróquia Nossa Senhora da Hora*
b. Fotografia aérea. Assinaladas: igreja nova (linha) e a antiga capela das sete bicas (ponteada).
c. Fotografias de Teófilo Rego. *Arquivo FML-TR*


CORTES 1
2
3
4
5
6


RESID.-RÉS DO CHÃO
CRIPTA
PLANTAS

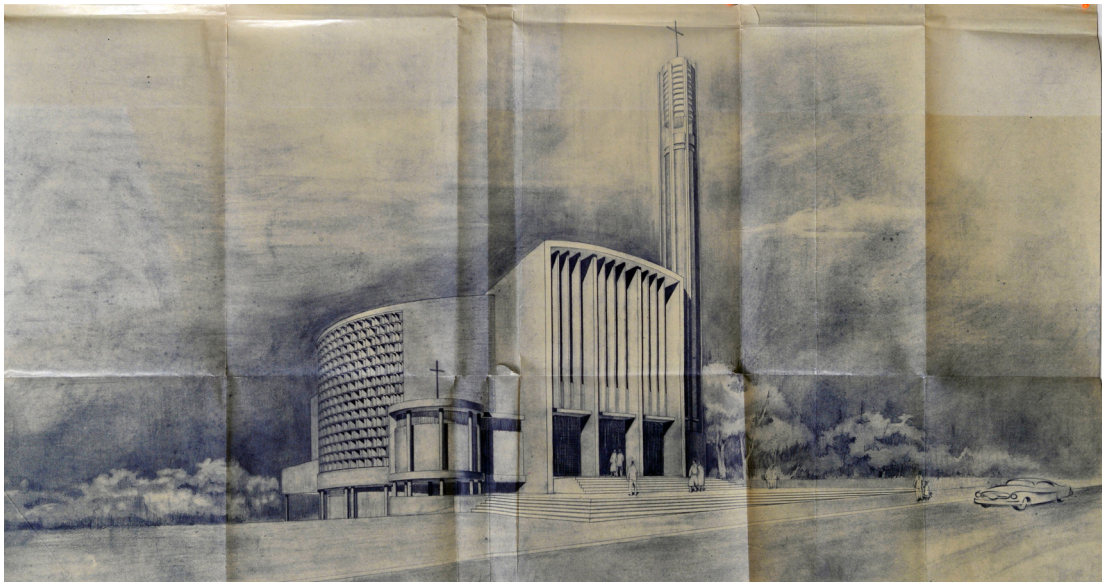

BAPTISTAIRE

a.

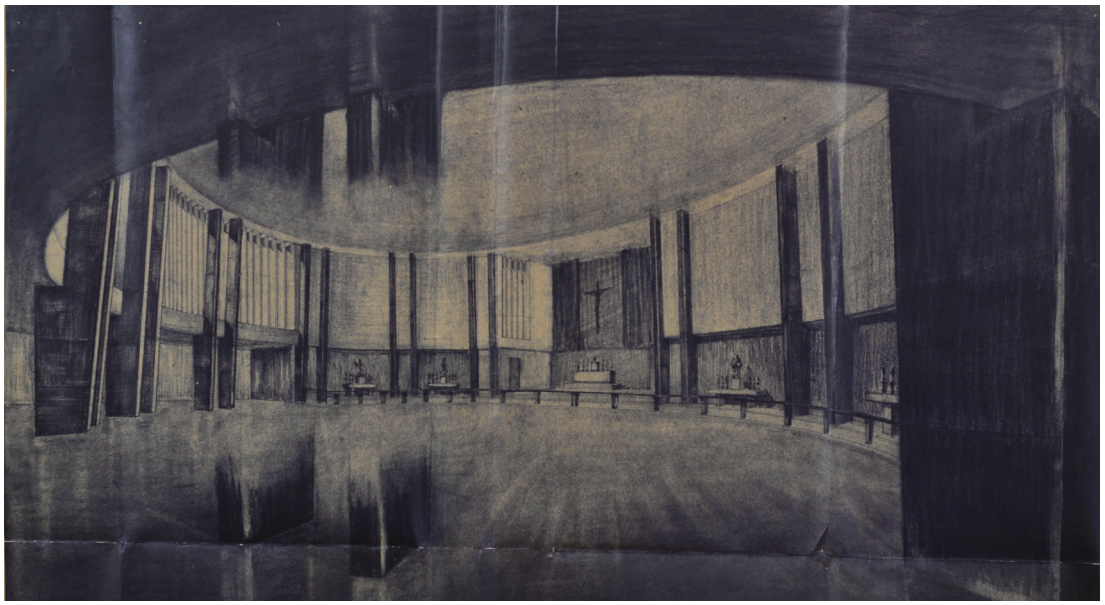

29963



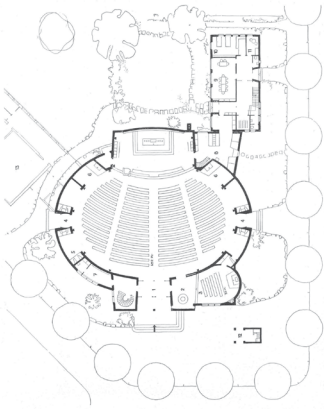
c.



a.



b.



c.

50. O anteprojecto da Igreja Senhora da Hora (1953-1963) eng. e arq. António Barbosa de Abreu
a.Perspectivas do anteprojecto. *Arquivo ADP*
b. Planta igreja de St. Felix und Regula (Zurique, 1945-1950) arq. Fritz Metzger

foi precursor na adopção de uma solução tipológica que garantia e promovia a visibilidade da assembleia sobre o altar, centro da acção litúrgica. Esta era uma importante novidade, conforme foi realçado no parecer de apreciação ao anteprojecto, em Fevereiro de 1953. Salientou então a comissão diocesana que:

> "(...) o trabalho agrada e os seus autores conseguiram apresentar-nos um trabalho digno de louvor.
> O plano elíptico escolhido, de que encontramos muitos exemplos na arquitectura religiosa antiga e moderna, tem a grande vantagem de permitir a toda a assistência a visibilidade total do altar mor e altares laterais estudados."[306]

Na verdade, a adopção de uma "planta elíptica com o eixo maior atravessado (transversal)"[307], conforme salientava a legenda no reverso da perspectiva de estudo presente no arquivo diocesano, era uma novidade na cidade em que uma das igrejas mais conhecidas era elíptica mas de desenvolvimento longitudinal. A dos Clérigos era aliás apresentada pelo autor como modelo validado das virtudes dum plano elíptico. A novidade litúrgico-funcional que apresentava a igreja da Senhora da Hora era acompanhada por uma técnica construtiva e uma linguagem modernas, com recusa veemente de qualquer toque historicista, como acontecia em grande número de igrejas suas contemporâneas. O corpo principal, em betão armado, seria formado "por uma coroa de pilares duplos suportando a cúpula abatida constituída por uma laje delgada"[308], as paredes do tambor seriam prenchidas por uma grelha recticulada pré fabricada que seria revestida de alabastro e pequenos vitrais.[309]

O parecer dado ao projecto da igreja da Senhora da Hora, para lá de louvar a adopção de uma planta centrada para o espaço litúrgico, foca um outro aspecto merecedor de análise: a preocupação social patente na definição do programa de arquitectura, que sugeria a criação de um salão de festas para a população, maioritariamente operária:

---

306 [Comissão Diocesana de Arte Sacra], «Parecer ao ante projecto da igreja paroquial de Senhora da Hora», *Arquivo ADP,* (19.Fev.1953).

307 Contrariamente à perspectiva do anteprojecto o projecto construído apresenta uma planta elíptica de desenvolvimento longitudinal e não transversal, desconhecendo-se a razão desta alteração.

308 António Barbosa de Abreu, «Memória descritiva e justificativa da igreja paroquial de Senhora da Hora», *Arquivo da Paróquia*, (19.Set.1955), pp.2-3.

309 O alabastro proposto pela equipa projectista foi substituído, em obra, por vidro colorido. Os vitrais executados são da autoria de Luísa Marinho Leite embora tivessem sido realizados estudos por Augusto Gomes.

> "Quanto à cripta seria ideal que se estendesse a toda a construção e não somente à metade posterior do edifício. Tratando-se de uma zona muitíssimo habitada no dia de amanhã, predominando os operários, conviria que houvesse um amplo salão de festas, para o que se poderia aproveitar a cripta da Igreja, que, demais poderá ter outras finalidades – catequese, acção católica, etc. Oxalá que as razões de carácter económico permitam a efectivação deste desideratum."[310]

A cripta acabaria por se estender à totalidade da igreja, tendo sido dotada de salas de catequese e de um espaço central polivalente, inclusivamente apto para "actos de culto privativo das crianças".[311] Motivos de ordem económica ditaram o atraso da obra que não foi sequer executada na totalidade. A residência paroquial e sacristias, assentes parcialmente em pilotis, criando na parte posterior da igreja um recreio coberto para as crianças ao nível da cripta, não foram construídas.

A igreja acabou por só ser inaugurada dez anos após os primeiros estudos, em pleno Concílio Vaticano II. Por isso, as novidades do projecto não foram reconhecidas como tais aquando da inauguração. Posteriormente foi-lhe justaposto um centro paroquial, que quebrou a harmonia volumétrica inicial.

2.10.2. A igreja no centro

São Martinho de Cedofeita

Praticamente ao mesmo tempo que elaborava o projecto da igreja da Senhora da Hora, o eng. Barbosa de Abreu começava a desenvolver estudos para a sede de uma paróquia de localização mais central na cidade, a de Cedofeita, junto à antiga igreja românica que sofrera uma profunda obra de restauro na década de 1930.[312] Ainda que sejam claras algumas afinidades formais entre os projectos das duas igrejas desenhadas, nomeadamente ao nível da fachada principal com torre destacada e na utilização de grelhas pré fabricadas no revestimento das paredes exteriores, a organização interna era distinta, sendo a proposta de Cedofeita uma igreja de desenvolvimento longitudinal, com os habituais altares laterais, com a capacidade prevista de 1500 a 2000 pessoas.

---

310 [Comissão Diocesana de Arte Sacra], «Parecer ao anteprojecto da igreja paroquial de Senhora da Hora», (19.Fev.1953), p.s/n.

311 Barbosa de Abreu, «Memória descritiva e justificativa da igreja paroquial de Senhora da Hora», p.2.

312 Cf. [Ministério das Obras Públicas e Comunicações], «A Igreja de S. Martinho de Cedofeita», *Boletim da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais*, nº2, (Dez.1935).

Este projecto, desenvolvido em colaboração com o eng. Antão de Almeida Garrett, sugeria um paralelepípedo rectangular que incorporaria a capela-mor construída segundo desenho de Marques da Silva[313], conforme fora pedido na encomenda do estudo. O exterior, em granito e com a marcação de tramos, parecia querer procurar o diálogo com a pequena igreja de S. Martinho de Cedofeita, ainda que os autores nada tenham escrito a este propósito. Diversos motivos ditaram o abandono do projecto, entre eles o elevado custo orçamentado da obra e o pouco entusiasmo causado pelo ante projecto na Comissão Diocesana de Arte Sacra,[314] onde figuravam Bernardo Xavier Coutinho e Domingos de Pinho Brandão – padres especializados em História de Arte, sendo o último responsável pela criação do Museu de Arte e Arqueologia do Seminário Maior do Porto (Mar.1958)[315], cujo projecto expositivo foi desenvolvido por Luiz Cunha. Ainda que o boletim do MRAR tenha noticiado a abertura do museu[316], nada foi escrito sobre a secção dedicada à arquitectura religiosa moderna da diocese, onde figuravam maquetes das novas igrejas para a Senhora da Hora (Matosinhos), São Pedro da Cova (Gondomar) e Oldrões (Penafiel), projectadas por Barbosa de Abreu, por Francisco Azeredo com Francisco Carlindo Pitrez e pelo grupo *ARS*, respectivamente, todas elas fora da cidade invicta.

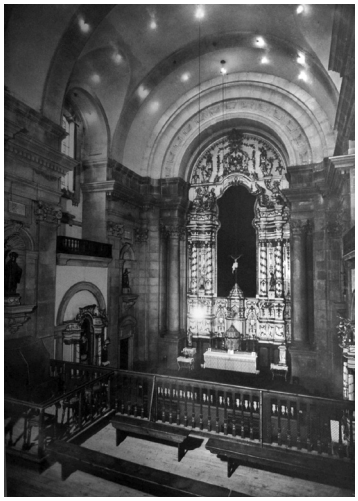
De certo modo o projecto idealizado por Barbosa de Abreu para Cedofeita permite-nos pensar o valor e a memória da pré existência – situação considerada também em projectos de novas igrejas que integraram ruínas da II Grande Guerra, recordem-se as emblemáticas Catedral anglicana de Coventry (1950, 1956-1962) e a

313 Os estudos iniciais de Marques da Silva para a nova igreja de Cedofeita recuam ao ano de 1895. A obra foi iniciada em 1899 e teve diversas soluções estudadas tendo havido a intenção de reutilizar parte das cantarias da demolida igreja do convento de S. Bento de Avé Maria. Dificuldades económicas e de ordem construtiva ditaram a suspensão dos trabalhos tendo sido apenas construídas algumas dependências anexas e a capela-mor onde se passou a celebrar. Em 1937, apesar do estado inacabado da obra, Marques da Silva desenvolveu ainda um projecto para a Escola-Patronato da freguesia.

314 O parecer da Comissão Diocesana de Arte Sacra (23.Mar.1954) classificou o ante-projecto da igreja de Cedofeita de "aceitável". Compunham a comissão os padres Joaquim Manuel Valente, Bernardo Xavier Coutinho, Domingos de Pinho Brandão (então reitor do Seminário Maior e futuro bispo auxiliar do Porto e de Leiria) e António Moreira da Rocha.

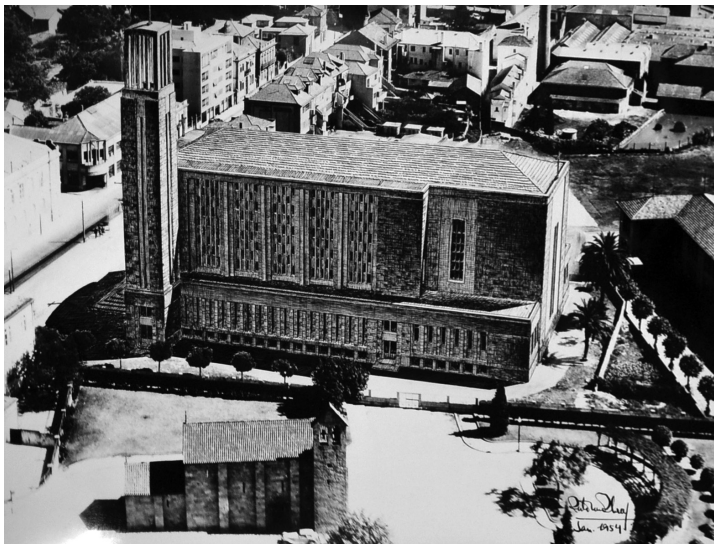
315 "O rev. Dr. Domingos de Pinho Brandão historiou a génese e evolução do empreendimento: - Para os seminaristas, o Museu é um complemento das aulas de História de Arte e Arqueologia. É um estímulo para a formação dos futuros sacerdotes, que terão de fixar este princípio normativo: 'a vulgaridade não pode ser uma característica das Casas de Deus'."
«Desde domingo passado o Seminário Maior do Porto tem um museu», *A Voz do Pastor*, (15.Mar.1958), p.2.

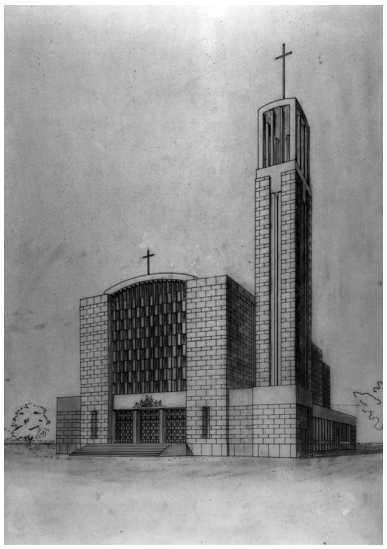
316 Cf. Luiz Cunha, «Inauguração do Museu de Arte e Arqueologia do Seminário Maior do Porto», *Boletim - movimento de renovação da arte religiosa*, (Abr.1958), p.1.





a. b.

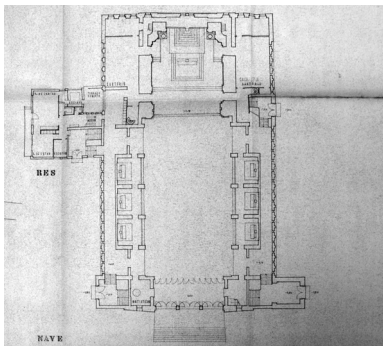




c. d.

Na apreciação do ante-projecto para a nova igreja paroquial de Cedofeira tem de atender-se à solução escolhida de aproveitamento do que se encontra feito. (...)
O orçamento apresentado (...) quase nos levaria a perguntar se ficaria mais cara uma igreja feita segundo um projecto totalmente novo, comportando o mesmo ou superior número de pessoas, mais harmoniosa e actual.
Reconhecemos, no entanto, que uma solução totalmente nova poderá desagradar às pessoas que contribuiram com seus donativos para as obras já feitas.

«Parecer ao ante projecto da igreja paroquial de Cedofeita»,
Arquivo ADP, (23.Mar.1954).



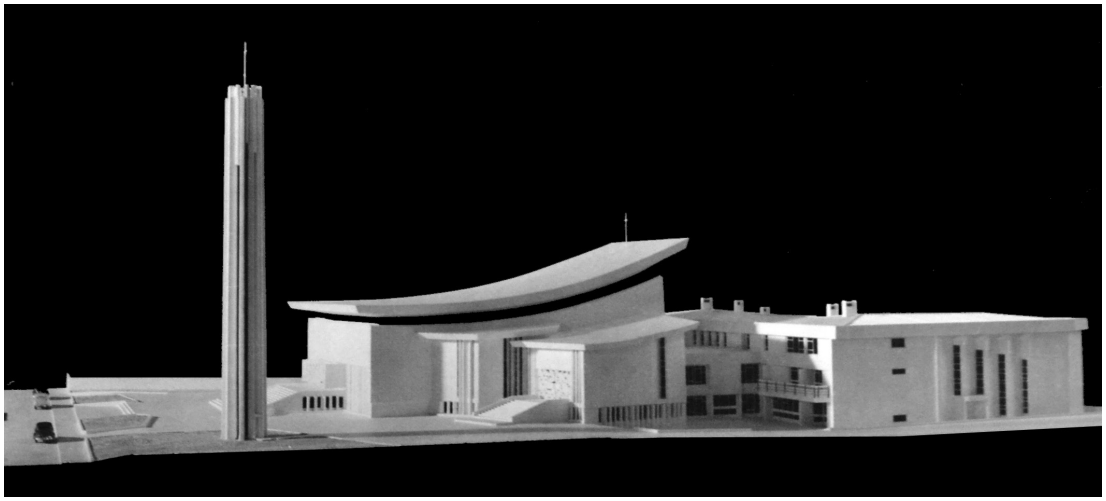
e.

51. Integrar a pré-existência
a nova igreja de Cedofeita (1953-1957) eng. António Barbosa de Abreu

a. b. A igreja de Cedofeita (c. 1953). *Arquivo ADP*
O interior da capela-mor, em funcionamento, e o estaleiro suspenso.

c. d. Fotomontagem e perspectiva (1954). *Arquivos ADP e FML-TR*
A fotomontagem executada por Teófilo Rego revela a preocupação de estabelecer um diálogo com a envolvente.

e. Planta da proposta. *Arquivo ADP*

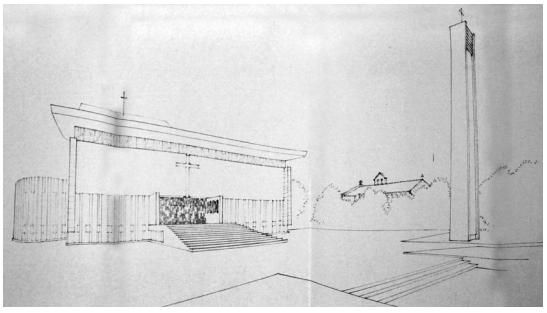


a.



b.

"A sua altura deverá assim, ser limitada para justa defesa da velha Igreja, singular e belo monumento nacional; a arquitectura das suas fachadas, parece-me que terá de ser necessária e unicamente uma arquitectura do seu tempo, com todas as suas possibilidades e afirmações, precisamente para não desmerecer a arquitectura da velha igreja que é também uma obra do seu tempo (...) O tamanho desta nova igreja exige uma estrutura de características específicas. A expressão dinâmica no estudo presente (...) apareceu como resultante das limitações atrás indicadas, do ressurgimento litúrgico actual e da sinceridade posta em toda a elaboração deste trabalho."



c.

Eugénio Alves de Sousa, «Memória Descritiva e Justificativa», *Arquivo ADP*, (20.Jan.1965)

52. igreja de Cedofeita - a proposta construída (1965-1979) arq. Eugénio Alves de Sousa

a. Maquete da nova igreja de Cedofeita (1965). *Arquivo FM-TR*

Na parte posterior da igreja foi previsto um grande centro paroquial que não chegou a ser construído.

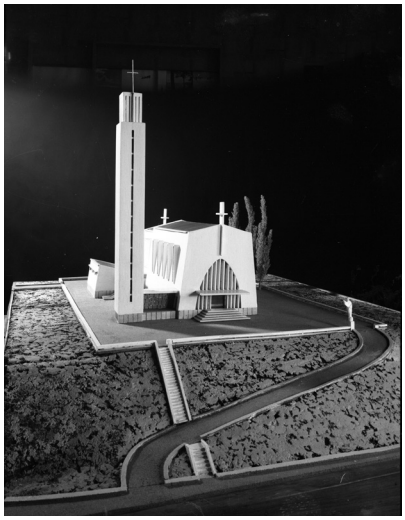
b. A nova igreja construída (ant. 1972). *Arquivo da paróquia SMC*

A capela mor não foi demolida e acabou por acolher o auditório do centro paroquial.

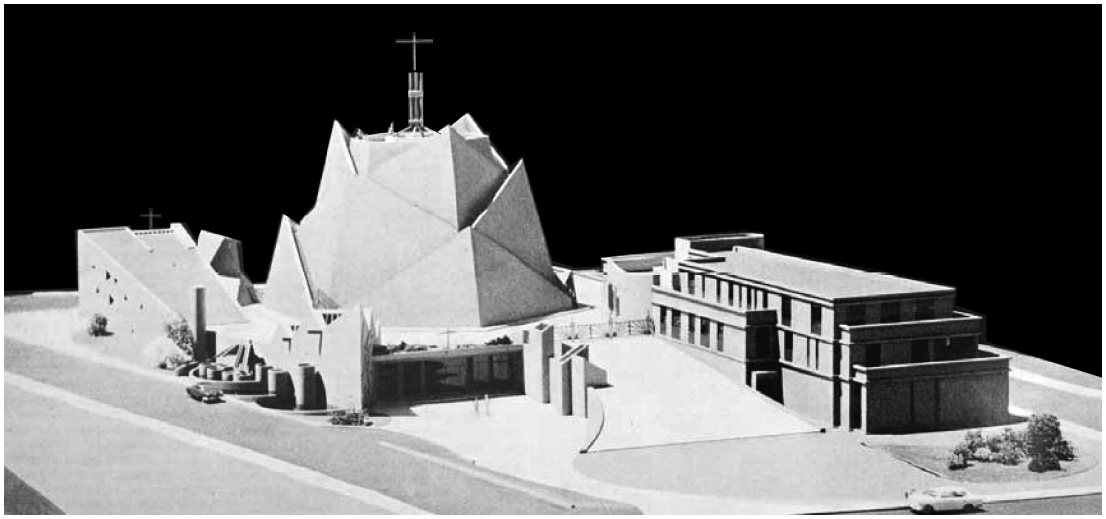
A fotografia é anterior a esta intervenção, resultante da revisão do projecto, em 1972.

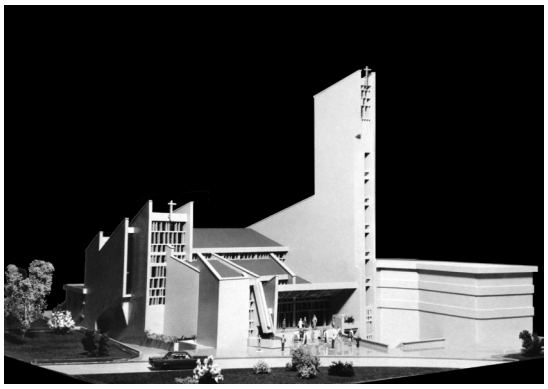
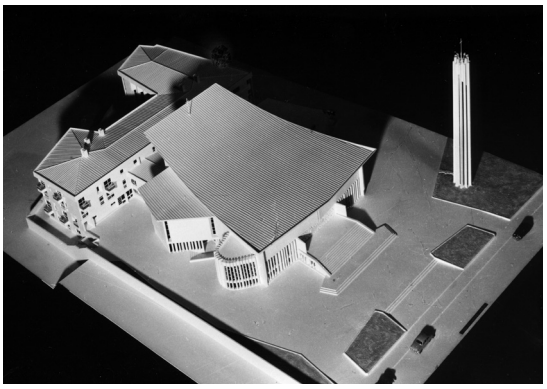
c. Perspectiva da entrada principal (1965). *Arquivo ADP*

No terceiro estudo realizado uma massa arbórea oculta a igreja românica de Cedofeita.



a. b.


c.



d. e.

53. Maquetes de projectos de igrejas paroquiais na diocese do Porto
a. Igreja de Oldrões (1954-1959) arqs. Francisco Azeredo e Francisco Carlindo Pitrez.
b. Senhora da Hora (1953-1963) arq. António Barbosa de Abreu. *Arquivo FML-TR.*
Estas duas maquetes integraram o Museu de Arte Sacra do Porto
c. Igreja e centro paroquial de Nevogilde (1968-1972) arq. Luiz Cunha.
d. Igreja e centro paroquial do Carvalhido (1966-1972) arq. Luiz Cunha.
e. Igreja e centro paroquial de Cedofeita (1965-1979) arq. Eugénio Alves de Sousa.

evangélica Kaiser-Wilhelm-Gedächtniskirche em Berlim (1957, 1959-1962), concursos ganhos por Basil Spence e Egon Eiermann, respectivamente, que tiveram projecção internacional e também na imprensa católica de Portugal, já na década de 1960.[317]

A década de 1960 na paróquia de Cedofeita ficou marcada por uma tentativa frustrada do MRAR em organizar um concurso, em 1963[318], e pela posterior encomenda de um estudo a Eugénio Alves de Sousa. A sua documentação, encontrada no arquivo diocesano, data de 1965 e mostra um grande complexo paroquial todo ele construído de raiz. A leitura do processo permite perceber a dificuldade na aprovação do projecto pela DGMEN uma vez que, devido à proximidade da igreja românica de Cedofeita, a área estava abrangida por legislação específica e por um plano de urbanização em vigor. Curiosamente a memória descritiva da solução, que seria apenas parcialmente construída, faz referência a uma outra proposta, anteriormente preterida, apesar de apresentar uma melhor distribuição dos anexos. Sobre tal proposta, que não localizámos, apenas sabemos ser "uma solução de conjunto em que um adro único serviria a velha e a nova igreja"[319] – descrição que nos recorda a igreja reformada de Altstetten (Zurique, 1941).

> "The church stands on the edge of a low hill beside an old church which the congregation had outgrown. Instead of destroying the old, it was carefully preserved and relates to the new by the angle and space between them and by the repetition of a mutual eave height"[320]

Esta igreja desenhada por Werner Moser seria uma das destacadas por Nuno Portas em 1957 na revista *Arquitectura*, que relevou o "significado histórico' da obra.[321]

---

[317] [Coventry] «Faltam igrejas no Patriarcado. Problema Insolúvel», *Boletim de Informação Pastoral*, nº10, (Nov.-Dez.1960), p.16.
[Berlim] «Em ordem à construção e adaptação de igrejas: O que é e para que serve uma igreja», *Boletim de Informação Pastoral*, nº12, (Mar.-Mai.1961), pp.21-23.

[318] Em 1963, após o abandono do projecto de Barbosa de Abreu, o MRAR estabeleceu contacto com paróquia de Cedofeita para a realização de um concurso à semelhança do da igreja do Sagrado Coração de Jesus (1962). Foram responsáveis pelo processo Luiz Cunha e Manuel Aguiar (no Porto), a que se juntavam o pe. João de Almeida e Diogo Lino Pimentel. O programa redigido reproduz integralmente o do concurso de Lisboa diferindo apenas em pequenas e pontuais especificações, por exemplo na capacidade da igreja, que no Porto comtemplava 1500 lugares sentados ao invés dos 1000.
[MRAR], «Programa de construção da nova igreja paroquial de Cedofeita e seus anexos», *Arquivo ADP*, 1963.

[319] Eugénio Alves de Sousa, «Memória Descritiva e Justificativa [igreja de S. Martinho de Cedofeita]», *Arquivo ADP*, (20.Jan.1965), p.s/n.

[320] George Kidder Smith, *Switzerland builds: its native and modern architecture* (Londres: The Architectural Press, 1950), p.147.

[321] No artigo Nuno Portas refere a importância de outras obras de arquitectura religiosa, para lá de

Na cidade do Porto, contrariamente ao que sucedera pontualmente em Lisboa, foram encontradas quase sempre localizações alternativas para a construção dos novos complexos paroquiais, garantindo a preservação das igrejas antigas. Assim testemunham os projectos para Nevogilde e Carvalhido, de Luiz Cunha, e para Aldoar, de Alfredo Moreira da Silva[322] – todos eles projectos contemporâneos do de Eugénio Alves de Sousa. Deste conjunto relevamos a posição da nova igreja projectada por Luiz Cunha, no interior do grande quarteirão que contém também a antiga igreja renovada escassos 20 anos antes. O plano de urbanização do quarteirão previu a construção da nova igreja possibilitando o atravessamento pedonal e rodoviário. Desta forma era vitalizado o interior do quarteirão, fazendo-o parte da cidade que o envolve.[323]

Por sua vez na periferia da cidade, e por toda a diocese, identificamos um número significativo de casos em que se procedeu a demolições, ou profundas obras de ampliação do edificado com valor patrimonial. Recorde-se a título de exemplo as demolições em algumas igrejas do concelho de Vila Nova de Famalicão[324].

Ronchamp de Le Corbusier, ou de Pampulha de Oscar Niemeyer. Portas refere a importância de obras escamoteadas como as de: W. Moser (acima nomeada), R. Schwarz e F. L. Wright a par de obras nórdicas e italianas, entre elas a igreja Madonna dei Poveri (Milão) de Figini e Polini, e de La Martela (Matera) de Quaroni.
Cf. Nuno Portas, «Arquitectura Religiosa Moderna em Portugal», *Arquitectura*, nº60, (Out.1957), p.54.

322 Alfredo Moreira da Silva (1925-2013), arquitecto formado na ESBAP na década de 1940, desenvolveu uma vasta obra na diocese do Porto. A encomenda da igreja de Aldoar (Porto, 1970-1988) surgiu após a realização de dois projectos de grande dimensão: a igreja paroquial de S. Vicente de Alfena (Ermesinde, 1963-1968) e S. Bartolomeu dos Fontiscos (Santo Tirso, 1969-1988). Em 1990, no relatório de estágio apresentado à FAUP para obtenção do diploma de curso, fez uma análise retrospectiva da sua obra construída, destacando a encomenda religiosa.

323 No Porto situação semelhante foi prevista para a zona de Francos [ver cap.2.11.1].

324 No caso particular do concelho de Vila Nova de Famalicão recordamos a demolição da igreja de duas naves em Joanes e a intervenção na igreja de Louro, em que as duas naves deram lugar a uma só, ampliada, segundo projecto, datado de 1966, desenvolvido por Januário Godinho. Em Joanes, o projecto da nova igreja foi de José Sequeira Braga, e a construção foi iniciada em 1954.

2.10.3. A igreja na universidade

Campo Alegre e S. João

A cidade do Porto crescia procurando dar respostas aos requisitos dos seus diversos protagonistas: paralelamente à construção dos bairros para populações operárias, era igualmente reclamado um lugar para a universidade e nele também a Igreja timidamente aparecia.

A Universidade do Porto comprara a Quinta do Campo Alegre na década de 1940 e, prevendo construir ali uma Casa de Estudantes, encomendou um estudo a Barbosa de Abreu durante o seu estágio em Madrid, em 1946-1947. O programa da casa, à imagem dos colégios maiores espanhóis que tinham sido objecto da pesquisa em Madrid, contemplava uma capela privada "indispensável para os residentes católicos e para a formação espiritual que nunca deverá ser esquecida numa casa de educação da juventude".[325] A capela ocuparia uma posição central, por detrás da fachada principal. Ainda que a Igreja tenha tido algum protagonismo na vida universitária naquelas décadas, nomeadamente através da Acção Católica (JUC e JUCF), a sua presença não se traduziu na construção de espaços de culto. O colégio maior pensado para o Campo Alegre, na segunda metade da década de 1940, não foi construído. Aquele território seria alvo de sucessivos planos com diversos programas, aparecendo neles pontualmente a sugestão da construção de uma nova igreja, quer no plano de Távora (1948) quer na maquete do plano de Robert Auzelle (1963)[326], apesar da pouca distância à sede paroquial do SS. Sacramento.

Os planos das cidades e polos universitários portugueses mais emblemáticos, como os de Coimbra[327] e de Lisboa não chegaram a construir novos espaços de culto. Na capital, os estudos desenvolvidos por Norberto Correa e João Simões apontam a

---

325 António Barbosa de Abreu, «Notas sobre casas de estudantes, Anteprojecto de uma Casa de Estudantes para a Universidade do Porto (ano II, nº6)», *Engenharia - publicação dos alunos da Faculdade de Engenharia* (Porto, Abr.-Mai.1947). p.11.

326 Cf. Sílvia Ramos, «Campo Alegre cidade: da sua longa metamorfose» (Universidade do Porto, investigação de doutoramento em curso).

327 Em Coimbra, a implantação da cidade universitária a partir da década de 1940 na alta da cidade revelou ser desnecessária a construção de novos equipamentos religiosos, uma vez que aí existiam e estavam em funcionamento a Sé Nova, a capela de S. Miguel no Paço das Escolas, ou mesmo, a capela da sede do CADC. Recordamos que o plano previu a demolição de diversas igrejas.

implantação de uma capela na praça da cidade universitária de Lisboa[328], uma zona de expansão sem qualquer equipamento religioso. Note-se que no relatório preliminar de divisão paroquial de Lisboa de 1957 chegou a ser equacionado o desmembramento da paróquia do Campo Grande, que resultaria na criação de uma nova paróquia que abrangeria toda a Cidade Universitária então em projecto. [329]

No Porto, a planificação do Bairro junto à cidade universitária vizinha do Hospital de S. João foi objecto de estudo na cadeira de Urbanologia na ESBAP no início da década de 1950.[330] Não se identificou a inclusão de proposta explícita de construção de uma nova igreja, talvez devido à pre-existência da Igreja de Paranhos naquela área de intervenção.

A proposta de um espaço de natureza ecuménica chegaria muito mais tarde pela mão de Luiz Cunha, conforme expressou no Plano de pormenor do Polo II da Universidade do Porto (1987-1988), uma zona adstrita à paróquia de Paranhos, que vinha a estudar desde 1973:

> "Outros equipamentos importantes à vida universitária do local – que se pretende tão completa e livre quanto possível – incluem um edifício para actividades comerciais (..) e uma casa de oração ou templo que imaginamos orientado para um espírito ecuménico" [331]

Esta proposta ia ao encontro de outras experiências internacionais, nomeadamente das dos campus universitários dos Estados Unidos da América que, já na década de 1950, tinham levado à construção de espaços de natureza multiconfessional – espaços de culto como o do IIT - Illinois Institute of Technology

---

328 "Defendem os autores João Simões e M. Norberto Corrêa, através do desenho e das actividades que o território supostamente agregaria, uma vida académica plena. A Cidade Universitária de Lisboa procuraria responder, assim projectada, à formação académica estrita, mas também à cultural, à desportiva, à associativa e, até, à espiritual. Dos museus à capela, pelos campos desportivos ou pelo conjunto multifuncional das instalações de estudantes (...), o projecto para a Cidade Universitária de Lisboa foi, em determinado momento, um projecto de uma verdadeira cidade dentro da cidade."
Patrícia Santos Pedrosa, *Cidade Universitária (1911-1950) Génese de uma difícil territorialização* (Lisboa: Edições Colibri, 2009), p.164.

329 Segundo o relatório a população estimada da cidade universitária estaria na ordem de 5000 habitantes que, pela sua natureza, dificilmente frequentaria a igreja paroquial. Não chegou a ser construída a igreja na cidade universitária.
Cf. «Projecto de divisão paroquial da cidade de Lisboa [paróquia dos Santos Reis Magos]», *Arquivo SNIP*, (16.Ago.1957), p.s/n.

330 Cf. *II Exposição Magna da Escola Superior de Belas Artes do Porto* (Porto: Ministério da Educação Nacional, Direcção Geral do Ensino Superior das Belas Artes, 1953), pp.6-7.

331 Luiz Cunha, «Plano de pormenor do Polo II da Universidade do Porto», *Jornal Arquitectos*, nº154, (Dez.1995), p.26.

(Chicago, 1949-1952), com a capela desenhada por Mies van der Rohe, ou o do MIT - Massachusetts Institute of Technology (Cambridge, 1953-55), de Ero Saarinen. Ambas as obras de arquitectura religiosa estão entre as mais divulgadas pela imprensa internacional e foram visitadas por Fernando Távora em 1960. [332]

2.11. Pensar a cidade:
Plano Director da Cidade do Porto (1962)

No início da década de 1960 a cidade do Porto, organizada em 15 freguesias, contabilizava 18 paróquias (quatro criadas na primeira metade do século XX) equipadas com as respectivas igrejas. Somavam-se-lhes outras 21 igrejas não paroquiais e 50 capelas, conforme identificava uma das quatro plantas da cidade que integravam o Plano Director da Cidade do Porto aprovado em 1962,[333] num momento em que "[à] frente das instituições públicas, (...) encontravam-se personalidades sensíveis aos problemas sociais e declaradamente católicas"[334], que não só manifestaram abertura às actividades

---

[332] Recordamos em particular as experiências, realizadas na década de 1950, em campus universitários americanos. Em 1960, a propósito das capelas integradas nos campus escreveu e problematizou Fernando Távora no diário da sua viagem:

> "Esta [capela ITT] não tem o misticismo de uma catedral nem o prosaísmo de uma fábrica de missas; mas tem sem dúvida o ar científico, raciocinado e cómodo de uma grande parte das religiões americanas. Chocou-me o facto das fachadas principal e posterior serem absolutamente iguais, quando uma dá entrada para a nave e a outra dá entrada para as traseiras do altar. Não compreendi." p.246 (fl.260) [rep 000]
>
> "A solução [capela MIT], no programa, nas suas dimensões, pareceu-me bem no conjunto; o edifício convida em verdade ao recolhimento e a iluminação, com luz descendente sobre o altar e ascendente nas paredes laterais (reflectida por intermédio de uma toalha de água que envolve o edifício), pareceu-me correcta. (...)
>
> Em que medida, porém, é possível fazer uma igreja ou uma capela capaz de atender a cerimónias religiosas dos mais diversos cultos? Como católico, a capela do MIT convidou-me a repousar e pensar, mas não me convidou a rezar. É um problema (aliás parece-me que o princípio tem sido seguido em várias universidades). Que pensará um budista desta capela? Não haverá aqui qualquer coisa de Coca-cola que se julga ser boa para todas as idades e em todos os climas, que refresca, alimenta... e até pode ser medicinal?" pp187-188(fl.188v e 189)

Fernando Távora, *Diário de «bordo» (1960)* (Porto: Associação Casa da Arquitectura, 2012).

[333] O Plano Director da Cidade do Porto abordou a problemática da divisão administrativa/paroquial e a localização de equipamentos religiosos em: Organização social - divisão administrativa e religiosa; Organização social - novas divisões administrativa e religiosa; Novas unidades residenciais. Delimitação e equipamento a criar. Edifícios e locais de culto - igrejas, capelas, sinagogas e seminários existentes.
Cf. Robert Auzelle, *Plano Director da Cidade do Porto* (Porto, 1962).

[334] "Como governadores civis, contavam-se os nomes do dr. Elísio Pimenta e do eng. Brito e Cunha. À frente da Câmara Municipal, destacou-se o dr. Nuno Pinheiro Torres. No pelouro ligado à habitação, desempenharam também papel relevante senhoras de grande notariedade na cidade,

desenvolvidas pela Igreja diocesana, como as apoiaram, nomeadamente no campo assistencial. A década de 1960, na ausência forçada do bispo, foi marcada pela liderança camarária do eng. Nuno Pinheiro Torres, entre 1962-1969, personalidade profundamente comprometido no serviço à cidade, como atestaram contemporâneos seus [335] e ficara claramente evidenciado já no relatório do seu primeiro ano de governação.[336]

O Plano Director da Cidade do Porto propôs a criação de 28 unidades, freguesias e coincidentes paróquias, procurando "definir bases e princípios que possam contribuir para um estudo definitivo".[337] Estas unidades, de dimensão e densidade territorial variável, procuravam equilibrar a situação existente à data, caracterizada pela disparidade entre áreas e populações, tal como acontecia em Lisboa e conforme documentava o mesmo plano director, no capítulo da organização social.[338]

Na nova divisão proposta as unidades procuravam aproximar-se a um valor de referência, os 20 000 habitantes – muito acima dos recomendados para a criação de

---

como d.ª Maria José Novais, primeiro, e, depois, d.ª Francisca Sá Carneiro, esta última mãe do dr. Francisco Sá Carneiro."

António Teixeira Fernandes, «A Igreja e a "questão social" na cidade do Porto», em *A habitação social na transformação da cidade, sobre a génese e efeitos do «Plano de Melhoramentos para a Cidade do Porto» de 1956*, ed. Vírgilo Borges Pereira (Porto: Afrontamento, 2016).

335 Recordem-se algumas passagens da sessão camarária de homenagem a Nuno Pinheiro Torres:

[D. Maria Francisca Sá Carneiro] "Preocupou-o extremamente a parte social e religiosa dos bairros e sofria, mas sofria de verdade, quando não se podia, pela força da lei, dar casas a quem não tinha o direito de as receber. Tenho lido e ouvido dizer que o dr. Nuno Pinheiro Torres era um homem bom; mas não era apenas isso, era um homem verdadeiramente cristão, católico nato, vicentino convicto e como católico via e vivia os problemas sociais dos seus munícipes (...)"

[Dr. Arnaldo de Magalhães] "E disse-o uma vez: não é suficiente dar uma casa nova a esta gente desalojada – é necessário dar mais alguma coisa, dar-lhes meios para os cultivar e promover socialmente. E, com essa ideia tão bela e tão cristã, fundou, em 1964, uma obra de tão poucos conhecida (...) . [A Obra Diocesana de Promoção Social] na qual pôs todo o interesse e carinho, tem como finalidade suscitar o aparecimento nos Bairros da Câmara de comunidades responsáveis por si próprias e proporcionar-lhes meios de formação conveniente."

[Dr. João de Oliveira Cabral] "A sua qualidade de verdadeiro cristão não a sentíamos por lha ouvirmos proclamar; muito pelo contrário, sentíamo-la em toda a sua acção e em todo o seu pensamento."

«Sessão extraordinária da Câmara Municipal do Porto que prestou homenagem ao falecido presidente e seu motorista», (Mar.1969). [recorte de imprensa não identificado, *Arquivo CCNSPS*]

336 [CMP], *Relatório e Contas de Gerência referentes a 1962* (Porto: Câmara Municipal do Porto, 1962). p.5.

337 Auzelle, *Plano Director da Cidade do Porto*. Organização social – novas divisões administrativa e religiosa 3.2.1.2

338 "É de assinalar igualmente a disparidade entre áreas (paróquia de S. Nicolau com 19 hectares e de Ramalde com cerca de 600) e populações (freguesia de Nevogilde com 5278 habitantes e de Paranhos com cerca de 46000), o que, se administrativamente tem inconveniente, no aspecto religioso é ainda mais grave."

Ibid. comentário à "Organização social – divisão administrativa e religiosa - 3.2.1.1"

paróquias. Ainda que o plano director aponte para a reorganização paroquial e consequente construção de novas igrejas nele identificadas, em concordância com a proposta de reorganização administrativa civil, não foi possível apurar qual o grau de envolvimento das entidades eclesiásticas na elaboração de tal plano, contrariamente à experiência conjunta no plano de remodelação de freguesias e paróquias da cidade de Lisboa realizado já na década de 1950. Contudo, a homilia proferida por D. António Ferreira Gomes na cerimónia de elevação de Nossa Senhora da Ajuda a paróquia, em 1973, permite-nos perceber que também a diocese do Porto estudara a divisão paroquial a partir da segunda metade da década de 1950, partindo do mesmo quadro de referências internacionais que fora considerado em Lisboa.

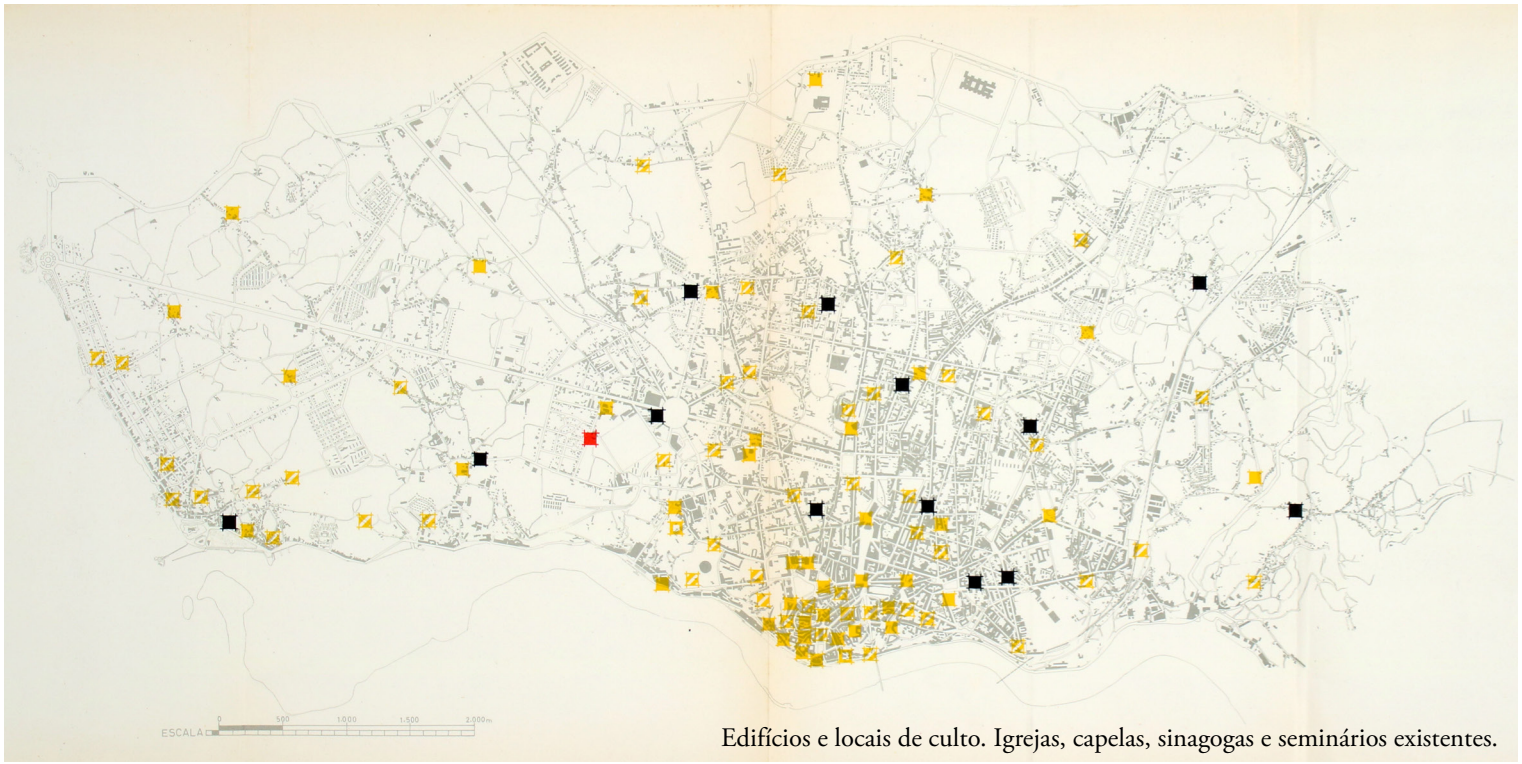
> "Há uns quinze anos ou dezasseis anos esboçava-se nesta Diocese um programa de estruturação e acção pastoral, no qual se incluía sistematicamente a criação de novas freguesias religiosas onde a evolução demográfica as mostrasse necessárias. Essa orientação e doutrina pastorais baseavam-se nas ideias então correntes, conforme os pastoralistas e eclesiólogos que pelo assunto mais se interessavam, dos quais me permito lembrar o professor de filosofia e sociologia religiosa Paul Winninger que preferencialmente se interessava e continua a interessar-se por estruturas pastorais e serviços ministeriais na Igreja Católica e designadamente em França."[339]

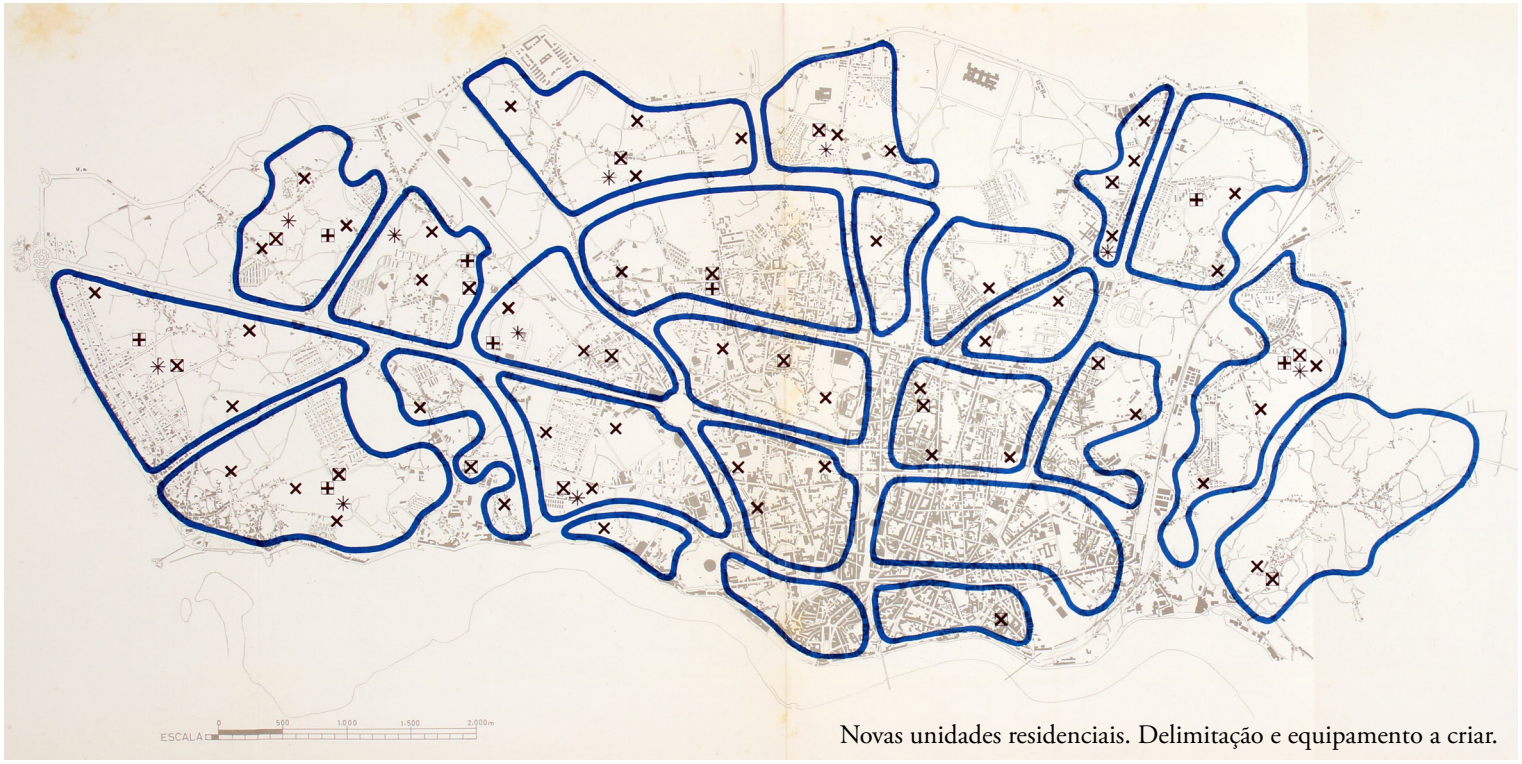
Contudo a criação de novas paróquias na cidade do Porto não seria feita de uma só vez por decreto, mas antes através de um processo gradual impulsionado por D. Florentino, ao longo do período de Administração Apostólica, também marcado pelo lançamento da obra do Seminário do Bom Pastor (1965), projectado por Fernando Abrunhosa de Brito.[340]

---

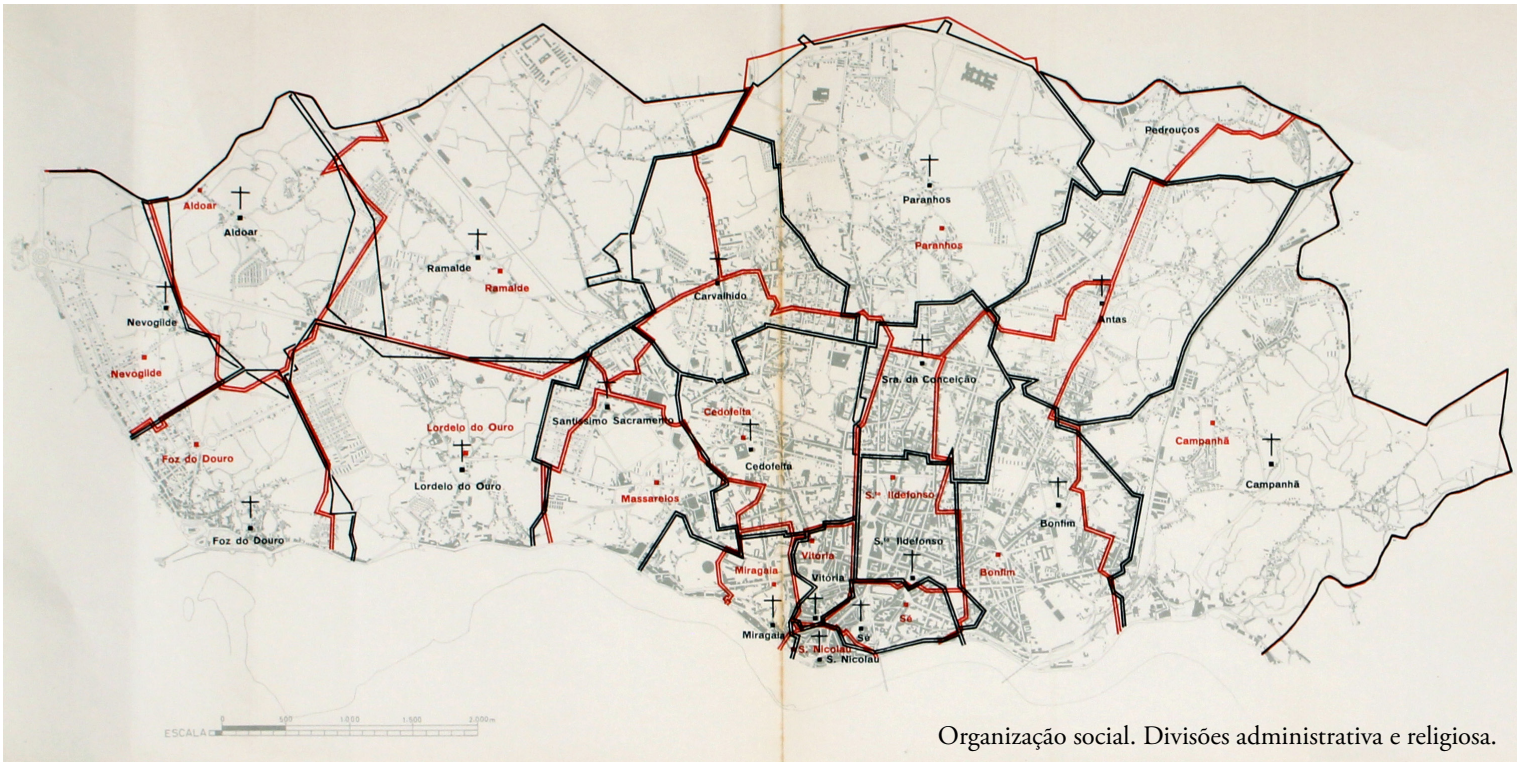
[339] D. António Ferreira Gomes, «Homília na erecção da paróquia N.ª S.ra da Ajuda (28.Jan.1973)», *Igreja Portucalense*, nº12, (Jan.1973).
Para além de P. Winniger, D. António Ferreira Gomes convoca outros nomes da sociologia para lá do campo religioso. Dada a importância do documento, lido em contraponto aos escritos do cardeal Cerejeira aquando da divisão paroquial da capital, propomos a sua leitura em anexo. [ver anexo 4]

[340] Ao contrário do Patriarcado de Lisboa que na década de 1960 organizou campanhas de recolha de fundos para a construção de novas igrejas, a segunda metade da década de 1960 no Porto ficou marcada pela aposta na construção do novo Seminário Menor, construído 30 anos mais tarde do que o Maior de Lisboa. O projecto do Seminário Menor Diocesano do Bom Pastor, congénere do seminário maior dos Missionários da Boa-Nova (Valadares), era marcado pelas exigências da moderna pedagogia. Propunha um sistema aberto onde os diversos blocos se dispunham em contacto com a natureza, em íntima comunhão de espaços, interior e exterior. Apenas foi construída uma pequena parte.



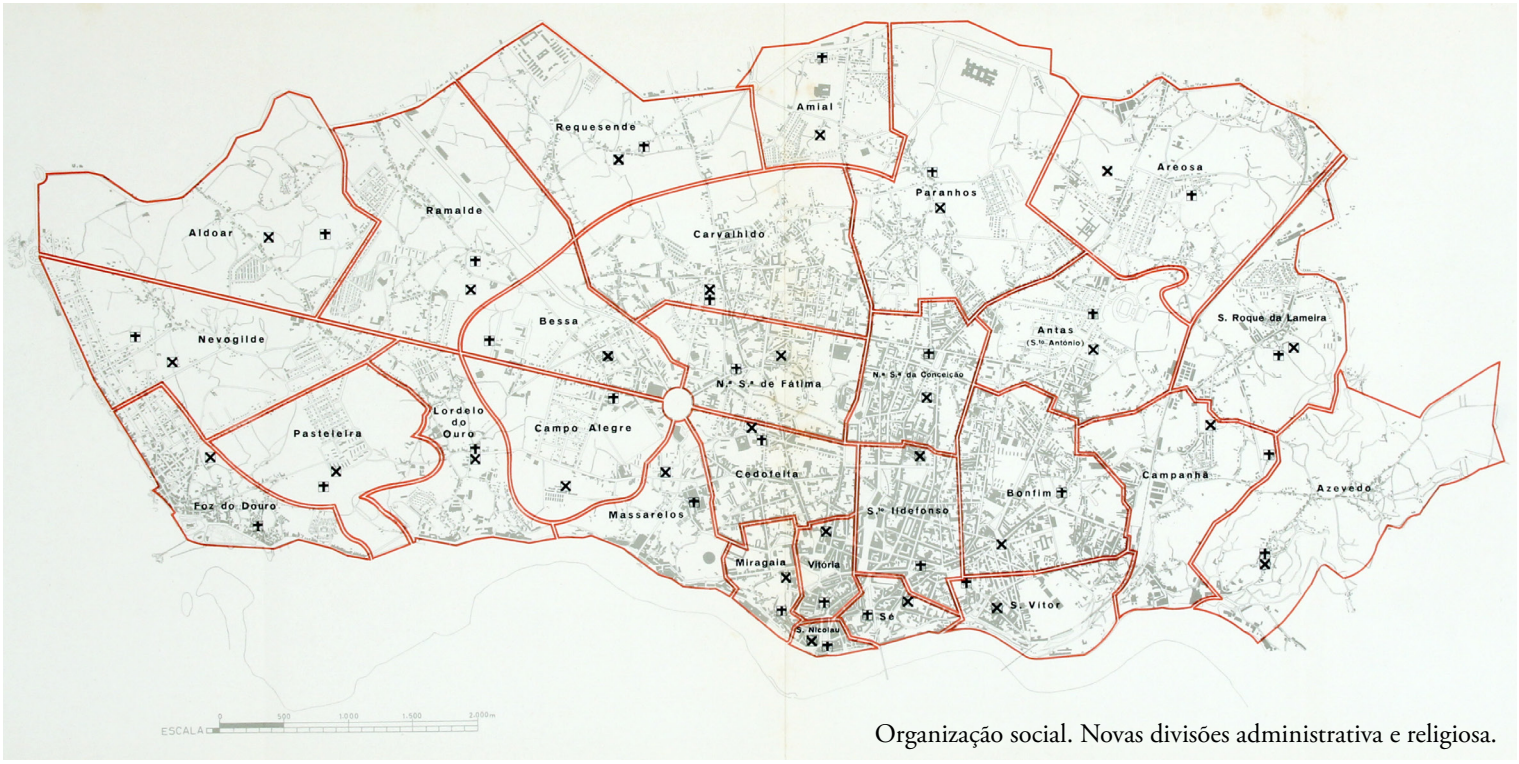


54. Plano Director da Cidade do Porto (1962). *Arquivo AMP*



Organização social. Divisões administrativa e religiosa.

▪ Junta de freguesia † Centro Paroquial ═ Limite de freguesia ═ Limite da paróquia



Organização social. Novas divisões administrativa e religiosa.

☒ Edifício administrativo ⊞ Edifício paroquial ═ Limite administrativo/eclesial

2.11.1. A proposta de remodelação pós conciliar

Durante a investigação encontrou-se no arquivo da diocesano do Porto uma pasta, incompleta, com uma proposta de nova divisão paroquial da cidade.[341] Ainda que não datada, a documentação deverá ser da segunda metade da década de 1960,[342] altura em que o administrador apostólico D. Florentino de Andrade e Silva terá criado um gabinete de estudo informal que integraria o então jovem reitor do seminário, pe. Albino de Carvalho Moreira.[343]

> "No sentido de adequar às novas exigências do mundo, procede à criação de novas paróquias e à construção de muitas igrejas. Um gabinete de estudo é formado no Paço Episcopal, que passa a trabalhar em estreita ligação com os serviços de urbanização das Câmaras Municipais do Porto e Vila Nova de Gaia. A diocese do Porto conhece, nessa época, um notável incremento no reajustamento das suas estruturas e na readequação dos seus serviços, para aproximar a acção pastoral da vida das pessoas, estando onde se desenrolava a trama das suas vidas."[344]

São deste período as duas notícias publicadas no ano de 1964 pelo semanário diocesano do Porto *A Voz do Pastor* reunidas sob sugestivo título "Toca a reunir", fazendo eco do espírito conciliar e da necessidade de rever o mapa paroquial da cidade.[345]

Constam da referida pasta dois textos que merecem especial atenção: o primeiro, uma reflexão sobre o crescimento da cidade do Porto e a justificação da nova divisão paroquial; o segundo, semelhante aos documentos de trabalho produzidos pela CML, em que eram traçados os limites de cada uma das novas paróquias propostas,

---

[341] O documento faz referência a peças desenhadas que acompanhariam a descrição dos novos limites paroquiais, as quais, contudo não foram localizadas.

[342] A pasta contém cartografia parcial do plano diretor municipal do Porto publicado em 1962 e documentos escritos com referências bibliográficas aos textos "Portugal: sociedade dualista em evolução" de Adérito Sedas Nunes e "Êxodo rural e atracção urbana no Continente" de Alberto Alarcão, publicados na revista *Análise Social*, Vol. II, 1964 (n.º 7-8), pp. 407-462 e 511-573, respectivamente.

[343] pe. Albino de Carvalho Moreira (Penafiel, 7.Mai.1935 – Alfena, 20.Abr.1973), reitor do seminário maior do Porto entre 1964 e 1972, foi um dos responsáveis pelo projecto da nova divisão paroquial da cidade do Porto, segundo recorda o arq. Fernando Abrunhosa de Brito, convidado por ele a participar no projecto de divisão. O arq. Abrunhosa de Brito não integrou a equipa.

[344] António Teixeira Fernandes, *Para a História da Diocese do Porto. Dom Florentino de Andrade e Silva* (Câmara Municipal de Santa Maria da Feira, 2002). p.45.

[345] Francisco Babo, «Toca a reunir: parcelamento e emparcelamento das paróquias a bem da Igreja», *A Voz do Pastor*, ano XLIV, nº50, (4.Jan.1964). p.5.
Francisco Babo, «Toca a reunir: A construção de novas paróquias - urgente fenómeno de cissiparidade», *A Voz do Pastor*, (17.Out.1964). pp.5-6.

caracterizadas em termos populacionais e identificados os respectivos lugares de culto, existentes ou a construir. Em suma, pretendia o estudo portuense estabelecer 41 paróquias, com população variável entre 5000 e 11000 habitantes, dentro do perímetro urbano da cidade do Porto, "faltando ao todo (não considerando algumas para as quais já existe terreno) 17 novas igrejas paroquiais e 8 igrejas subsidiárias de culto". [346]

De certo modo o texto que acompanha o processo da nova divisão Paroquial da cidade do Porto é um aprofundar do tema tratado em Lisboa por Manuel Falcão. Surpreendentemente – ou não – o texto não faz qualquer referência à experiência do Patriarcado de Lisboa. Em vez de Manuel Falcão foi referido o trabalho de Adérito Sedas Nunes, sociólogo e fundador da revista *Análise Social*, que problematizava o lugar da dimensão religiosa na vida urbana das populações imigradas. Os números apresentados nos estudos comprovavam as previsões da década de 1950, nomeadamente do poder de atracção da zona de Lisboa que tinha absorvido "no intercenso de 1951-60, 87% das atracções líquidas de população, e a do Porto 9%"[347]. Apesar da diferença de escala e, portanto da magnitude diversa dos problemas, levantavam-se semelhantes questões, como a afluência das populações rurais para os centros urbanos e fabris, fenómeno estudado pelo eng. Castro Caldas, autor igualmente citado no estudo da diocese do Porto. A propósito do fenómeno de urbanização, o estudo da diocese do Porto falava da dissolução das estruturas urbanas ao nível das comunidades ecológicas, culturais e psico-sociológicas, alertando para "a acumulação da miséria turbulenta das 'massas' que cresce ao lado dos progressos técnicos, do enriquecimento e embelezamento das grande metrópoles" [348]. O problema do desequilíbrio social tinha-se tornado evidente e nem as operações urbanísticas de melhoramentos conseguiam reequilibrar o sistema social. Neste contexto de populações deslocadas as comunidades primárias tinham perdido o lugar – família e vizinhança eram conceitos que sociólogos e urbanistas reclamavam para a reestruturação das comunidades humanas, indispensáveis à integração social do indivíduo. Havia pois, como enumerava o documento da diocese do Porto, que "reconstruir unidades de

[346] Gabinete de Estudo, «Nova Divisão Paroquial na Cidade do Porto», *Arquivo ADP*, sem data. pp.6-7.

[347] Adérito Sedas Nunes, «Portugal, sociedade dualista em evolução », *Análise Social*, vol II, nº7-8, (1964), p.439.

[348] Gabinete de Estudo, «Nova Divisão Paroquial na Cidade do Porto», *Arquivo ADP*, p.3.

vizinhança", convocar à "participação mais íntima na vida pública", "integrar as comunidades primárias" e "promover a consciência comunitária".[349] O discurso eclesial que entrava pelo campo da sociologia, chegaria também aos domínios disciplinares da arquitectura e urbanismo, sendo feita referência a diferentes experiências internacionais – 'Neighbourhood unit' dos ingleses, 'Nachbarschaft' dos alemães, 'Unidade vecinal' de espanhóis e sul-americanos, 'Kwartal' do plano de Moscovo" – na procura de estabelecer um valor de referência para as comunidades. Era preciso ler a cidade e sua complexa teia de relações:

> "Com pessoas, em condicionalismos diferentes e às vezes opostos, a acção pastoral que pretenda ser eficaz não poderá ser nos mesmos moldes. Porque se dirige ao Homem, deverá ser adaptada a cada meio. (...) Seria erro tentar usar os mesmos processos em toda a parte e pretender ter a mesma organização e as mesmas coisas. Seria perder-se com o exterior. A Igreja tem de ser organismo vivo e expandir-se livremente e não atrofiado em quadros rígidos e formais."[350]

Perante condicionantes semelhantes às de Lisboa – falta de clero, distribuição demográfica desigual, prática religiosa deficitária e recursos económicos limitados – adiantava o estudo a pretensão de "formar paróquias em que a população agrupasse as diversas camadas sociais, de maneira que o contacto recíproco fosse um enriquecimento mútuo".[351] Apelando à ajuda mútua entre diferentes comunidades da cidade, contrariava a ideia expressa nos estudos de divisão paroquial de Lisboa da segunda metade da década de 1950, de identificar comunidade paroquial ideal como socialmente homogénea.[352] Se no caso de Lisboa a criação das quinze novas paróquias foi feita de uma só vez e por decreto, no Porto apenas foram criadas oito por desmembramento gradual até 1980.[353] O plano gizado no tempo de D. Florentino de Andrade e Silva, que

---

[349] Ibid. p.4.

[350] Ibid. p.7.

[351] Ibid. p.7.

[352] Na capital, encontraremos também na década de 1960 uma evolução na prática pastoral valorizando a diversidade social das comunidades e apelando à interajuda entre diferentes comunidades:

> "Todas as paróquias, as que precisam e as que podem, são desde já convidadas a colaborar num espírito diocesano de solidariedade diocesana."

D. Manuel Gonçalves Cerejeira, «Cartaz - 3ª Campanha das Novas Igrejas do Patriarcado», *Arquivo SNIP*, (Jan.1963).

[353] Novas paróquias da cidade do Porto criadas na segunda metade do século XX: Senhora do Porto (1967), Azevedo e Senhora do Calvário (1972), Nossa Senhora da Ajuda (1973), Nossa Senhora da Boavista (1975), Nossa Senhora da Areosa e Cristo Rei (1979), Amial (1980).

somaria 41 paróquias[354], ficar-se-ia pelas actuais 26 paróquias da cidade do Porto, três das quais criadas após o regresso de D. António Ferreira Gomes (Mai.1969), cuja administração foi confiada a congregações religiosas que se (re)estabeleciam na cidade, tal como foi acontecendo em Lisboa.

Conventos, igrejas e casas de comunidades religiosas na cidade

Nossa Senhora da Boavista | Cristo Rei | Areosa | Amial
Nossa Senhora de Fátima | Firmeza | Foz

No Porto os dehonianos ficaram encarregados pela paróquia da N.ª S.ra da Boavista (1975), os dominicanos da de Cristo Rei e aos claretianos foi atribuída a da Areosa (1979). Das três paróquias nomeadas, a de Cristo Rei foi a única que ficou sediada numa igreja já existente – na do convento dos dominicanos (1950-1954), com projecto de Eduardo Portugal e Manuel Passos Júnior. Esta situação é de certo modo semelhante à da paróquia do Amial, que seria confiada à ordem dos capuchinos menores, tendo a igreja do convento (1954-1958) desenhado por Ernesto Celestino Leal, sido elevada a sede paroquial. Naturalmente o programa das novas igrejas da Boavista (1981) e Areosa (1987) é de natureza paroquial, tendo sido os projectos desenvolvidos por Agostinho Ricca e Acácio Brochado, respectivamente.

Para além das congregações religiosas acima referidas, outras como jesuítas e redentoristas, tinham sido consideradas no plano de divisão paroquial. Nas paróquias sugeridas mas não constituídas, de Nossa Senhora de Fátima e do Divino Redentor, existiam já as capelas encomendadas por aquelas congregações, construídas nos jardins envolventes das casas burguesas onde se tinham instalado: à Boavista, a capela N.ª S.ra de Fátima projectada pelo grupo *Ars* para os jesuítas (1934-1936), e na Baixa, a capela dos redentoristas projectada por Fernando Tudela e Fernando Barbosa (1951-1953)[355], anexa a uma casa adquirida em 1936. Também os carmelitas descalços instalados na Foz desde meados da década de 1930, entregariam na CMP, já no início da década de 1970, um projecto de substituição de um antigo *chalet* por um prédio de habitação que

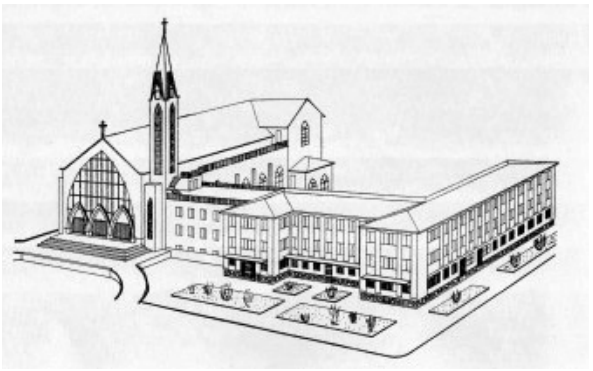
[354] No estudo de *Nova Divisão Paroquial na Cidade do Porto* encontra-se a descrição dos limites de cada uma das 41 paróquias propostas.

[355] Contrariamente aos projectos dos conventos dominicano e capuchinho, a proposta contemporânea de Fernando Tudela e Fernando Barbosa não foi chumbada nas instâncias camarárias.



a.





b. c.

55. Os novos bairros do Porto, das moradias aos blocos

a. Bairros de Amial e Regado (1968). *Arquivo AMP*

Assinalada a Capela a ponteado.

b. Capela do Bairro (1938)

c. Convento dos frades capuchinhos (1958) arq. Ernesto Celestino Leal

albergaria, para além da comunidade religiosa[356], arrendatários nos apartamentos e, no rés-do-chão, uma capela privada aberta ao culto. Foi aí inaugurado, em 1974, o primeiro espaço de culto no rés do chão de um prédio habitacional no Porto, dois anos depois do de Calhariz de Benfica (Lisboa, 1972) promovido pelos frades capuchinhos.[357] Tais soluções, novas em Portugal, que tinham sido importadas de experiências congéneres de comunidades religiosas espanholas, seriam também exploradas por outras comunidades paroquiais.[358] No caso particular dos Carmelitas da Foz, formava-se uma nova comunidade entre a de Nevogilde e de S. João da Foz resultante de circunstâncias externas ao plano paroquial.

Para além dos casos acima nomeados, situados em contextos sociais abastados, tal como as áreas envolventes às igrejas construídas junto às avenidas Marechal Gomes da Costa e da Boavista[359], a história da divisão paroquial do Porto, foi profundamente marcada pela política de realojamento. Note-se a correspondência entre os bairros e as paróquias experimentais criadas nas década de 1960 e 1970.[360]

Pequenas comunidades

Francos | Viso

No caso particular da paróquia de N.ª S.ra da Boavista recordamos que apesar de a igreja integrar o parque residencial pensado para uma alta classe média, o território paroquial abraça também a zona de Francos, uma zona de maior carência, afastada da

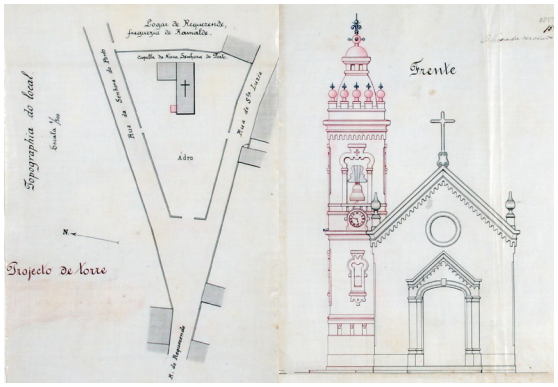
356 A fixação definitiva da comunidade religiosa dos carmelitas descalços naquela área da cidade deveu-se à proximidade ao polo da Universidade Católica inaugurado em 1978.

357 Seminário Seráfico dos Frades Menores Capuchinhos (Lisboa, 1969-1972) [ver anexo 17]

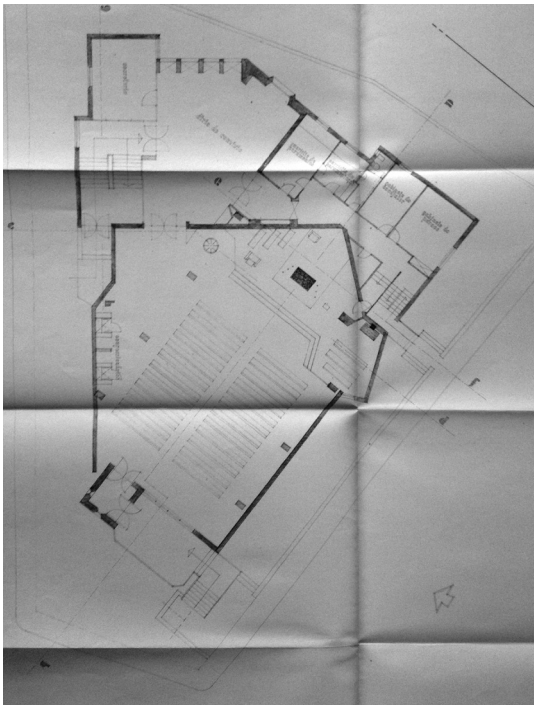
358 Foram fruto de parceria com empresas de construção as igrejas paroquiais de Cristo Rei de Algés (Oeiras, 1968-1977) e a de N.ª S.ra de Fátima (Matosinhos, 1976-1980), projectadas por António Flores Ribeiro e Albano Seabra Moura, respectivamente.

359 Paróquias experimentais: Senhora do Porto (12.Jul.1964) bairros do Viso e Ramalde do Meio; Senhora do Amial (12.Out.1964) bairros do Regado e do Carriçal; S. Pedro de Azevedo (1965) bairro do Lagarteiro (1973); Senhora do Calvário (31.Jan.1966) bairros do Cerco do Porto e S. Roque da Lameira; Senhora da Ajuda (22.Jan.1967) bairros da Pasteleira e Rainha D. Leonor; Senhora da Areosa (4.Mar.1979) bairro Pio XII e S. João de Deus.
A escolha de Nossa Senhora como orago de quase todas as paróquias criadas é representativa da importância do culto mariano, expresso também nas armas da cidade, e que no ano de 1963 tinha sido reforçado pelo reconhecimento da Santa Sé de Nossa Senhora da Conceição como padroeira da cidade do Porto, em substituição de S. Pantaleão.
Cf. D. Florentino de Andrade e Silva, «Senhora da Conceição padroeira da cidade do Porto», *A Voz do Pastor*, (18.Jul.1964), pp.1e3.

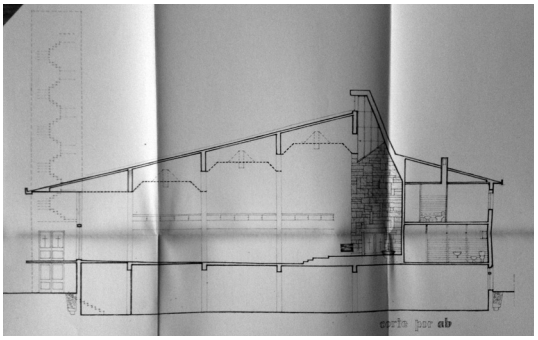
360 Cf. Fernandes, «A Igreja e a "questão social" na cidade do Porto», pp.65-101.



a. b.







c. d.

"O número crescente, transbordante às vezes, de fieis que frequentam a pequenina igreja existente;
a organização dum espaço sagrado 'integrado na renovação da vida litúrgica' que o templo actual está longe de consentir;
a necessidade e desejo vivo de vida comunitária tão acentuada nas 'novas dimensões da cristandade';
o desenvolvimento duma zona que vai rapidamente passando de rural a urbana;
levaram a encarrar a construção de um novo templo capaz de, na exiguidade do terreno,
responder ao que foi possível, do programa posto."

Mário de Morais Soares, «Memória Descritiva e Justificativa»,
Arquivo ADP, (13.Jun.1967).

56. Da capela de Requesende à igreja da Senhora do Porto

a. Capela de Requesende (1909), *Arquivo AMP*

Uma pequena capela num antigo núcleo rural.

b. d. Igreja de Nossa Senhora do Porto (1967-1989) arq. Mário Morais Soares, *Arquivo ADP*

c. Uma grande casa entre casas.

sua sede paroquial inclusivamente pela antiga linha ferroviária, hoje do metro. À semelhança de outras paróquias da cidade, como a da Senhora do Porto que em 1985 inaugurou no bairro do Viso uma capela, também em Francos foi criado um núcleo paroquial para onde foi elaborado um projecto, parcialmente construído – o Centro de Acolhimento de Francos (1995-2012) por Bernardo Abrunhosa de Brito. O projeto organiza em edifícios independentes os cuidados de 3ª idade, creche, centro desportivo e uma igreja. A igreja, construída no interior do quarteirão e dificilmente visível das ruas circundantes, explora uma situação comparável, no Porto, à da do Carvalhido. Aí porém o quarteirão foi rasgado por um arruamento rodoviário interior.

Senhora do Porto | Amial | Azevedo

Verificamos que as soluções arquitectónicas encontradas para as comunidades em formação foram diferentes. Assim, nas três primeiras paróquias experimentais criadas na primeira metade da década de 1960 foram usadas capelas existentes: a de Requesende – a única que seria demolida na cidade para dar lugar à igreja paroquial da Senhora do Porto (1967-1989, Mário e Vasco Morais Soares), a do Amial – que tinha sido reconstruída no bairro do Regado e a de S. Pedro – Azevedo, Campanhã. Enquanto as capelas de Requesende e Azevedo integravam pequenos núcleos rurais que vinham sendo absorvidos pela urbanização da cidade, a capela do Amial foi para ali tresladada. A capela originária de Campanhã foi reconstruída no maior agrupamento de casas económicas do Porto que somava 300 moradias.[361] A sua escala e posição no bairro, num quarteirão partilhado com moradias unifamiliares que apesar da posição de gaveto e do espaço de adro envolvente não lhe conferiam especial destaque na composição[362], contrariava a prática vigente de urbanismo. De todos os agrupamentos de casas económicas construídos no Porto até 1950, o do Amial foi o único em que seria construído um equipamento de culto para além da escola primária.[363] Ao invés de

[361] A capela foi desmontada aquando da criação do horto municipal na chamada quinta da capela ou das Areias e reerguida em 1938.

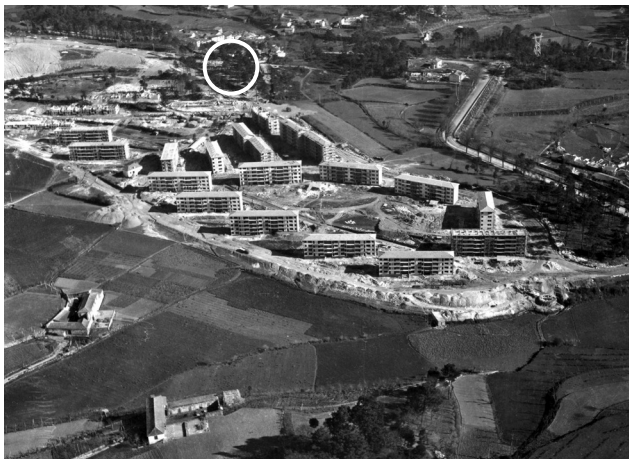
[362] A pequena capela adquiriu maior protagonismo com a urbanização dos blocos habitacionais do Plano de Melhoramentos, veja-se o arruamento rasgado a eixo da capela.

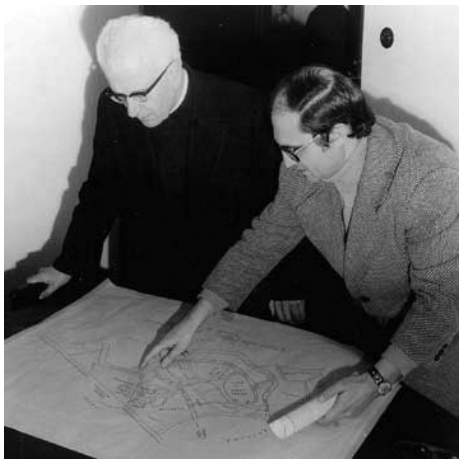
[363] O bairro de Costa Cabral (1942) foi também servido por uma capela tresladada, inaugurada em 1953. A capela barroca, proveniente da Quinta da Pena, foi reconstruída na Quinta do Palacete confinante com as casas económicas. A localização escolhida permitiu servir, simultaneamente, o Internato Municipal Condessa de Lumbrales, instalado nesta quinta em 1951, e a população do bairro.





a. b.





c. d.

"O aspecto espiritual, a preocupação espiritual, a acção de educação e cultura – aspectos fundamentais de uma consistente e completa administração – só palidamente são expressos na fria e tantas vezes enganadora linguagem dos números, seca enumeração das realizações. O simples apoio, que pode não ser financeiro, a uma ideia de cultura, a uma instituição educativa ou de assistência, pode ter sério reflexo na elevação do meio social, na criação de um clima de entendimento e colaboração entre a Cidade e a Câmara.
Estar ao serviço da Cidade é, antes de mais, interpretar os seus anseios, as suas necessidades morais, intelectuais e sociais. Todas as realizações materiais são simples meios de se conseguir esse ideal. Há que trabalhar tendo sempre presente o Homem, princípio e fim, centro do universo.
Se o homem deve sacrificar à comunidade certos interesses próprios, não é porque reconheça que os fins específicos dessa sociedade sejam superiores ao seu fim pessoal e sobrenatural, mas porque não pode nem deve deixar de considerar essa sociedade como o meio natural para a sua vida, o meio que realiza a ordem da natureza, criada por Deus."

Nuno Pinheiro Torres [presidente da CMP], *Relatório e Contas de Gerência* (Porto: Câmara Municipal do Porto, 1962), p.5.

57. Do bairro do Cerco à paróquia Senhora do Calvário

a. Capela do bairro do Cerco (Porto,1966) arq. Vasco Mendes. *Arquivo AMP*

b. Centro social e capela provisória do bairro HICA (Pisões, 195-) arq. Januário Godinho (coord.). *Arquivo FML-TR*

c. Bairro do Cerco em construção (1962). *Arquivo AMP*

Fotografia aérea. Assinalada a localização da capela-salão.

c. O mapa da paróquia sob o olhar de D. António Ferreira Gomes (c. 1971-1972)

construir uma igreja no centro do bairro foi surgindo a vontade de (re)aproveitar estruturas, pequenos espaços de culto abertos à comunidade tal como viria a acontecer nalguns novos bairros[364], em que a moradia unifamiliar deu lugar aos blocos plurifamiliares – os novos bairros do Porto.

O plano destes bairros não foi indiferente à linha editorial da revista *Arquitectura* que não

> "(...) se bate apenas pela dimensão figurativa ou culturalista da arquitectura. Fazendo-se eco do movimento de revisão do 'urbanismo-carta de Atenas' (Team X, nórdicos, arquitectura INA-CASA, grupo R de Barcelona, brutalistas britânicos, etc.) consegue reunir, logo a partir de 58, estudos originais sobre tipologias menos utilizadas, como as casas-em-pátio ou as galerias de distribuição, o habitat rural, a construção clandestina, os bairros do Porto, a industrialização, além de textos de sociologia urbana de Ch. de Lauwe ou projectos de Candilis, Kahn e Aalto, de Roheampton ou Toulose Le Mirail."[365]

2.11.2. Da capela do bairro à 'paróquia sob a rajada do urbano'

Nalguns bairros camarários do Porto onde a Obra Diocesana de Promoção Social vinha assegurando o trabalho assistencial das populações (1964) desenvolveu-se, paralelamente mas de forma autónoma, trabalho pastoral que conduziria à criação das paróquias experimentais do Senhora do Calvário (1966) e da Senhora da Ajuda (1967), sedeadas nos bairros do Cerco e da Pasteleira inaugurados em 1962 e 1960, respectivamente.

Curiosamente, datam de 1963 os desenhos, produzidos na Repartição de Construção de Casas da Câmara Municipal do Porto a pedido do Secretariado Diocesano de Educação Cristã, para a designada Capela P, a construir junto aos bairros da Pasteleira (na zona ocidental) e do Cerco (na zona oriental), cujos planos não tinham considerado qualquer equipamento religioso.[366] Projectada enquanto provisória, a capela caracterizava-se pelo baixo custo e rápida construção. À repetição dos anónimos blocos de quatro pisos dos bairros contrapôs Vasco Mendes, arquitecto da CMP sem ligação

[364] A reconstrução da capela no centro do bairro Nuno Pinheiro Torres (Porto, 1968) é fruto de uma mesma ideia de dotar o bairro de um pequeno espaço de culto aproveitando uma estrutura pré-existente.

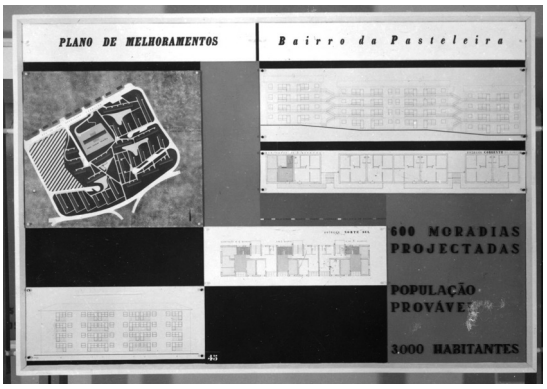
[365] Nuno Portas, «Evolução da arquitectura moderna em Portugal (1973)», em *A arquitectura para hoje* (Lisboa: Livros horizonte, 2008), p.208.

[366] Foi ainda equacionada a construção de outra igual capela no bairro das Campinas que, contudo, não chegou a ser edificada, conforme documenta o processo existente no AMP.

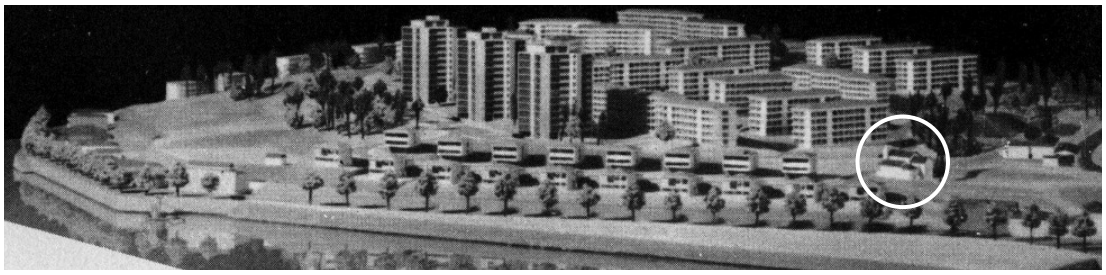


a.





b. c.



d.

58. Antes da paróquia um plano urbanístico

a. Plano Parcial de Urbanização da Zona da Pasteleira (1957). *Arquivo DGT*

Circunferências [linha] capelas Sr. e S.ra da Ajuda, N.a S.ra da Paz [ponteadas] espaços de culto propostos.

Legenda do desenho original: D. centro comercial | E. administração | F. igreja | G. escola primária | H. biblioteca | J. cinema e congressos | K. desportos

b. Bairro Rainha D. Leonor (1953-1955). *Arquivo AMP*

1a fase (1953, à direita) e 2a fase (1955, à esquerda).

c. Bairro da Pasteleira (1958-1960). *Arquivo AMP*

Painel expositivo apresentado o plano de alojamento na exposição "O Porto de amanhã : exposição de urbanismo" (1963).

d. Sector a nascente do Bairro Rainha D. Leonor () arq. Rogério Barroca e Alberto Rosmaninho

Um bairro composto por torres, blocos e moradias. Junto às moradias repare-se na pequena capela Sr. e S.ra da Ajuda.

directa à renovação da arte sacra[367], um projecto de uma igreja simples. Térrea, de escala familiar, onde não faltavam o alpendre coberto, o campanário com sino e a cobertura de duas águas com asnas de madeira aparente, ela recordava experiências análogas realizadas em bairros da Hidroeléctrica do Cávado na década anterior, sob coordenação de Januário Godinho. Vejam-se as semelhanças entre a proposta de Vasco Mendes e o Centro Social de Pisões (HICA), que funcionou com capela provisória. Sem cair em formalismos tradicionais, Vasco Mendes propôs arquitectura moderna cujo acolhimento popular foi natural e sem contestação.

Nossa Senhora da Ajuda

O plano de urbanização da Pasteleira (1957), desenvolvido na CMP sob supervisão do urbanista Robert Auzelle, estruturando toda aquela zona de mata a partir de um esquema de circulação rodoviária em anel de sentido único, definindo diferentes sectores para habitação e equipamentos, estes últimos organizados em centros cívico e comercial, religioso e desportivo, envolvidos pela massa arbórea existente, não seria executado na totalidade.

Por iniciativa dos moradores, foi instalada em Abril de 1966 no vizinho bairro da Rainha D. Leonor (onde D. António discursara em 1955) uma capela resultante da remodelação de apartamentos[368]. Isto apesar de, num raio de 500 metros, existirem outros dois espaços de culto: a capela do Sr. e S.ra da Ajuda (integrada no plano do

---

[367] Vasco Macieira Mendes, autor do projecto tipo de capela-salão (1963), trabalhou na CMP juntamente com Luiz Cunha, de quem foi colaborador na primeira fase do Centro de Caridade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro (Porto, 1962-1966). Sobre período de formação de Vasco Mendes na ESBAP lê-se:

> "No centro do Porto, na praça da Liberdade, em 1949, seis caloiros, Alberto Neves, Alfredo Matos Ferreira, Álvaro Siza, António Menéres, Joaquim Sampaio e Vasco Macieira Mendes, mais tarde Luís Botelho Dias, acabados de entrar nas lides da Arquitectura e na iniciação ao Projecto, assentavam na sala 35, num andar do edifício Imperial: 'um espaço comum. Um ambiente de troca de informação, de crítica aos trabalhos escolares, de entreajuda, primeiro marco, primeiro contacto com um mundo novo… Este ambiente inicial de crítica e entreajuda prolongou-se por vários anos, mesmo depois de terminado o curso, nos projectos que íamos elaborando… Paralelamente realizávamos pequenas viagens de estudo' [recordou António Matos Ferreira em 2012]."

Manuel Mendes, «Alfredo Matos Ferreira, artista de "sexto sentido" (29.Jun.2015)», revista *Punkto*, (2015), p.s/n.

[368] A capela do Bairro Rainha Dona Leonor foi inaugurado a 22.Abr.1966, segundo o relatório da CMP daquele ano. Também no problemático bairro de S. João de Deus (1956), demolido em 2008, existiu uma capela instalada num apartamento.

'Sector a nascente do bairro rainha D. Leonor', dos arq. Alberto Rosmaninho e Rogério Barroca) e, a poente, a antiga capela de N.ª S.ra da Paz.

Para além destas duas capelas, foi desenvolvido nos gabinetes da Câmara Municipal do Porto, um projecto para um terceiro espaço de culto, e cultural, a construir junto ao vizinho bairro da Pasteleira – ocupando um dos sectores previstos no plano de urbanização. Porque se julgava construir uma futura sede paroquial, a capela-salão seria um espaço provisório, de natureza flexível para permitir um uso polivalente – um equipamento de proximidade aberto à população prevista, na ordem dos 3000 habitantes alojada, naquele bairro do Plano de Melhoramentos, lançado em 1958[369] e inaugurado em 1960[370]. O terreno inicialmente reservado para a construção da igreja paroquial acabou por ser urbanizado. A capela-provisória, edificada no lugar previsto para o centro cívico, foi sucessivamente ampliada e transformada, sendo hoje a sede da paróquia.[371] Toda a dinâmica a ela associada foi impulsionada por um jovem padre diocesano, António Teixeira Coelho, então recém ordenado, que passou a residir no bairro camarário em 1964, celebrando a eucaristia primeiramente na escola – único equipamento planeado construído – e depois na capela inaugurada em 19.Jun.1966. Situação semelhante foi vivida no bairro do Cerco do Porto onde no mesmo ano foi inaugurada uma igual capela, também ela à ilharga do bairro camarário.[372]

---

[369] Segundo o relatório municipal de 1958 foram lançados três novos agrupamentos habitacionais na cidade, entre eles o da Pasteleira. Nesse mesmo ano, director e funcionários do Plano de Melhoramentos realizaram uma viagem de estudo ao estrangeiro num programa de valorização dos técnicos municipais. Essa viagem contemplou a visita a moradias económicas em Madrid, a análise dos problemas do trânsito em Bruxelas e a participação no XIV Congresso Internacional de Habitação e Urbanismo (Liége, 31.Ago.-7.Set.1958). Entre eles estavam Rogério Barroca, Vasco Mendes e Luiz Cunha – todos eles participantes na urbanização da Pasteleira: o primeiro, autor juntamente com Alberto Rosmaninho do 'Sector a nascente do bairro rainha D. Leonor'; os dois últimos, co-autores do arranjo urbanístico envolvente à escultura à Grei, de Lagoa Henriques, no Jardim do Ouro (1960). Em conversa, Luiz Cunha recordou esta viagem ao serviço da CMP feita de automóvel com o colega João Tello Korrodi, com visita ao norte de Espanha, costa atlântica de França, à exposição universal de Bruxelas, à Holanda e Alemanha. No regresso, a seu pedido, visitaram Ronchamp.

[370] A inauguração do Bairro da Pasteleira (Mar.1960) contou com a presença dos presidentes da República, Américo Tomaz, e da CMP José Albino Machado Vaz, e Arantes de Oliveira ministro MOP. Não foi encontrada notícia da presença do bispo.

[371] A actual igreja de N.ª S.ra da Ajuda resulta de uma profunda intervenção realizada pelo arq. João Mestre. Apesar de conservar memória da capela inicial, o espaço interior perdeu a polivalência proposta. Nos terrenos anexos foram sendo construídos outros equipamentos de natureza assistencial.

[372] A instalação da comunidade católica na zona oriental passou por diversos estágios, do culto celebrado na escola primária (a partir de 1964), à capela-salão projectada em 1963 pelos serviços camarários e inaugurada em 1 Novembro de 1966. Igualmente representativo da proximidade dos poderes autárquico e eclesiástico foi a cedência de um armazém camarário no bairro de S. Roque da Lameira para a instalação da capela da Senhora da Paz, ainda hoje em funcionamento. Mais tarde, o então pároco João Alves Dias e o reitor do Seminário Maior, dr. Albino Moreira, desenharam os limites territoriais da paróquia de Nossa

> "Referindo-se à inauguração da capela, D. Maria José Novais, vereadora da CMP, na reunião do executivo de 25 de Novembro de 1966, menciona o autor do respectivo projecto, arquitecto Vasco Mendes, realça a 'obra notável' conseguida 'em muito pouco tempo' pelo padre Alves Dias e recomenda à autarquia que 'nesses bairros, que hoje são, por assim dizer, pequeninas cidades' tem de 'existir uma Capela – temos de dar Alma a esses corpos que bem precisam de se realizar plenamente!' "[373]

Embora o projecto de uma 'capela do bairro' fosse ao encontro do repto lançado por D. António Ferreira Gomes em 1955, na inauguração da 2ª fase do Bairro Rainha D. Leonor, foi já D. Florentino de Andrade e Silva, administrador apostólico da diocese na ausência do bispo do Porto, que se envolveu directamente na sua encomenda e processo, como documentam as cartas presentes no arquivo da CMP.

Em 1973, sete anos após a inauguração da capela da Pasteleira, D. António falaria publicamente e sem alarmismos da 'Crise da paróquia sob a rajada do urbano', citando o sociólogo laico francês René Lourau que afirmara

> "[e]sta crise, ligada mais amplamente à explosão urbana, aos reajustamentos das relações cidade-campo, à revolução industrial, é também uma crise social que transborda largamente para além do aspecto religioso."[374]

O seu discurso, marcado por uma enorme clareza de pensamento, reconhecia as profundas transformações sociais e da Igreja ocorridas na década de 1960, recolocando o problema da presença da Igreja na Cidade em termos bem mais abrangentes do que a 'construção de igrejas e salões paroquiais'[375]. De facto, preocupava-o a 'catedral humana' mais do que a construção física, tal como já expressara em Portalegre[376] e como

---

Senhora do Calvário. A nova igreja paroquial N.ª S.ra do Calvário, projectada por Rincon e Ribeiro (arq. Jorge Franklin Ribeiro), foi inaugurada em 1996, mantendo ainda hoje a capela-salão do Bairro do Cerco a estrutura polivalente inicial.

373 Bernardo Chamusca, *Obra Diocesana de Promoção Social - 40 anos* (Porto: Obra Diocesana de Promoção Social, 2007), p.151.

374 René Lourau citado por Gomes, «Homília na erecção da paróquia N.ª S.a da Ajuda (28.Jan.1973)».

375 "(...)ao criarmos novas paróquias em forma experimental ou definitiva não pensamos que tudo está feito; tão pouco que essa criação se deva traduzir principalmente na instalação de novos centros burocráticos ou na construção de grandes igrejas e salões paroquiais"
Gomes, «Homília na erecção da paróquia N.ª S.ra da Ajuda (28.Jan.1973)».

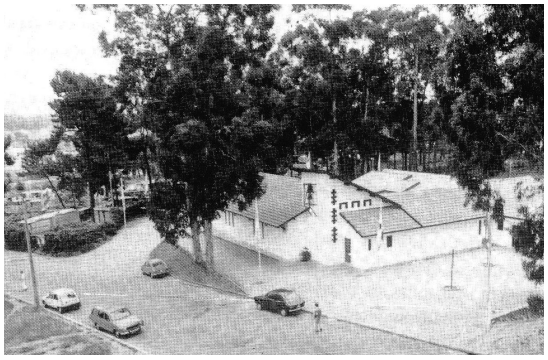
376 "Seja como for, a riqueza ou dá conteúdo de valor à presente ordem social, criando bens que mereçam ser conservados e pondo esses bens ao serviço do homem, ou está condenada à própria destruição, arrastando talvez consigo valores mais altos. Seja qual for a utilidade de construir pirâmides, há-de ser sempre verdade que a construção é por causa do homem e não o homem por causa da construção."

Memória descritiva e justificativa (Porto, 6.Jun.1963)
Projecto

"Refere-se o presente estudo à construção duma capela situada em terreno municipal, a sul do Bairro da Pasteleira, com o objectivo, na medida do possível, de satisfazer as prementes necessidades de assistência religiosa àquele aglomerado enquanto não se constitui uma paróquia com a sua igreja.
Esta realização vai assim ao encontro do recente **pedido feito à Câmara Municipal do Porto** pelo Secretariado Diocesano de Educação Cristã.
Dada a exiguidade de meios e também o aspecto transitório da construção, pois **prevê-se curta duração deste edifício** pelo motivo atrás exposto, escolheu-se um material que, pela rapidez de execução e possibilidade de total ausência de acabamentos, seja francamente económico e além disso recuperável; isto quanto às paredes.
Projectou-se a capela com sacristia anexa, ligada a um salão para ensino de Doutrina ou outras reuniões. Este salão, nos dias de grande afluência à capela, poderá ser integrado no corpo da mesma, mediante a abertura duma porta de correr para esse fim destinado, como pode observar-se no projecto junto.
As cantarias de betão "Mecan", assim se denomina o material em questão, são peças de betão **pré-fabricado**, dimensionadas de diversas formas de modo a permitir resolver os vários aspectos que possam surgir durante a construção.
Todo o conjunto assentará sobre uma base de betão ciclópico sobre a qual se erguem os diversos panos de parede que, nos encontros, se travam com a betonagem dos alvéolos das cantarias.
As aberturas de iluminação tanto do corpo da Igreja como das restantes peças serão praticados nas paredes suprimindo os elementos necessários para tal fim e assentando-se depois a respectiva caixilharia de perfis muito simples.
Sobre a capela-mor deu-se ao telhado a disposição que os desenhos apresentam para a destacar e iluminar.
A cobertura será do tipo "Marselha" assente sobre uma estrutura de pinho tanalizada e que ficará à vista, tirando-se assim, interiormente, partido da própria cor da telha.
O telhado do corpo da igreja, em duas águas como se pode ver nos desenhos juntos, é prolongado em **alpendre**, o que permite acomodar assistência no caso de excessiva aglomeração de fiéis.
O pavimento, para mais **conforto**, será constituído, com formação de caixa de ar, por soalho de madeira de pinho a macho e fêmea nas três peças do edifício ficando o recinto exterior do adro e do recreio em saibro muito bem compactado.
Os degraus de acesso constituídos por lajes de granito.
A iluminação e saneamento de acordo com os regulamentos em vigor. O interior da igreja terá **acabamento económico, mas digno**, **de harmonia com a finalidade do recinto.**
Esta obra está orçada em 164 000$00."

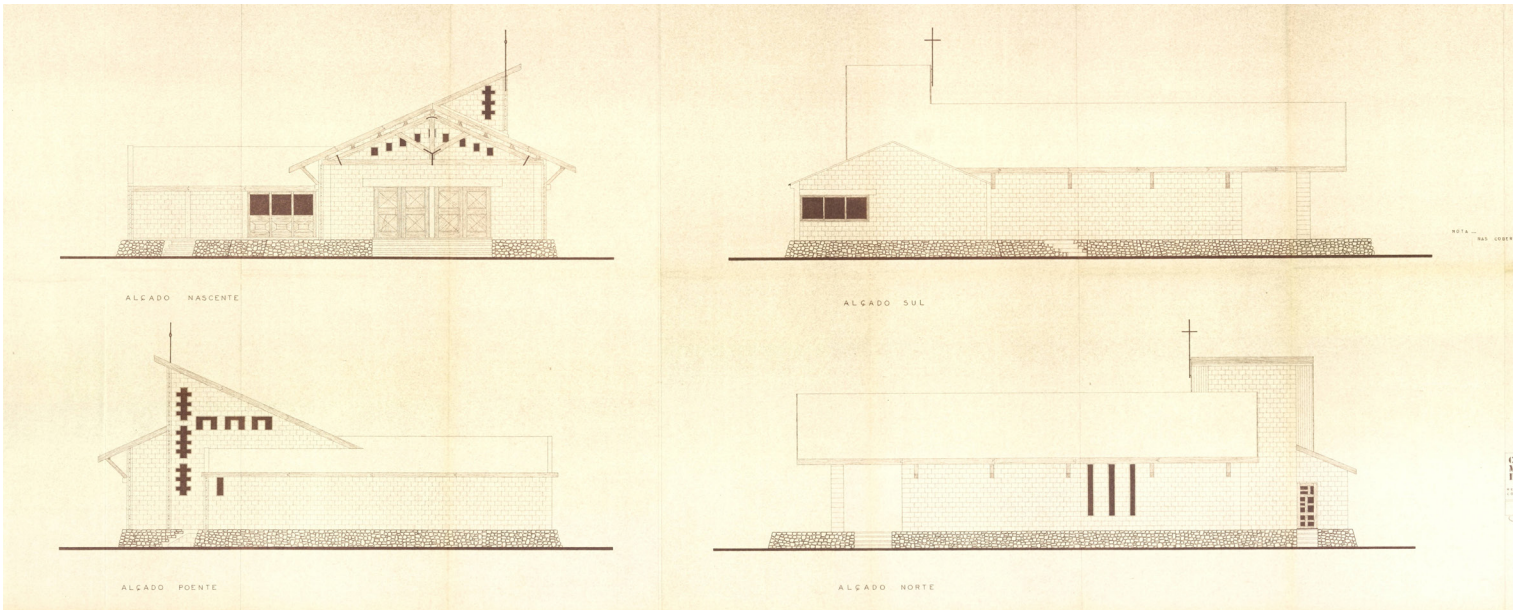


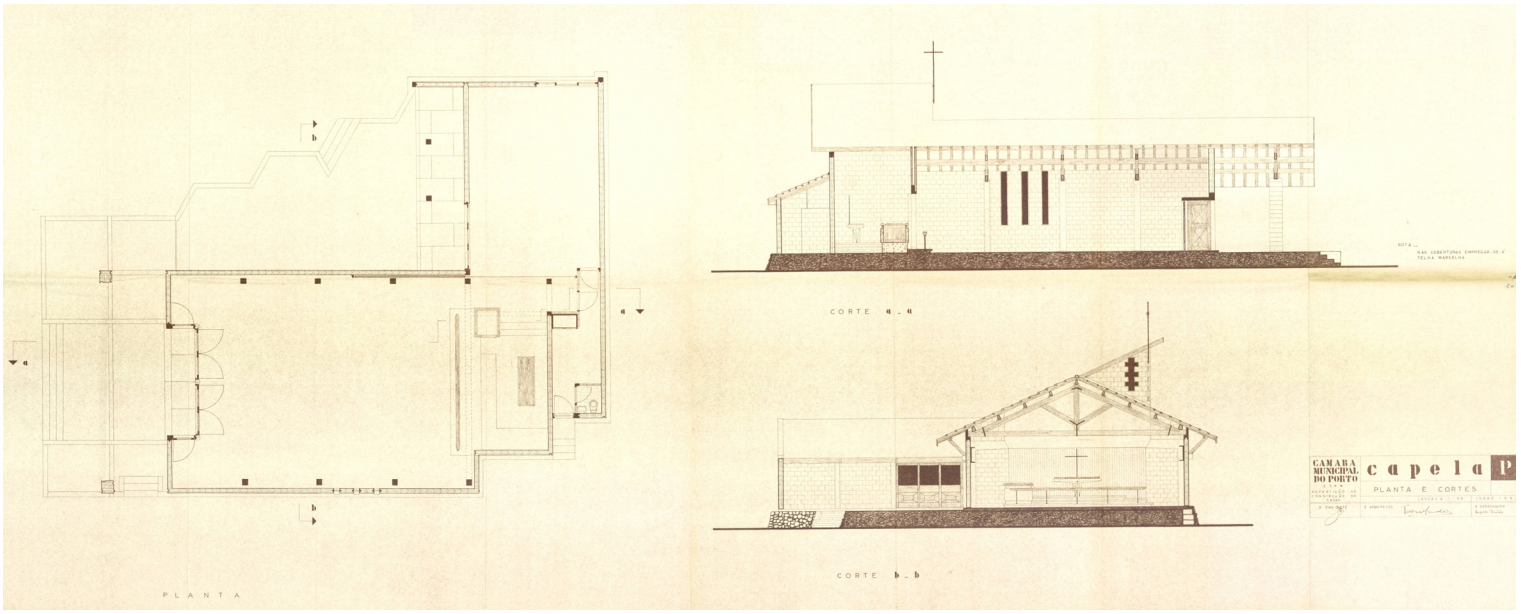
a.



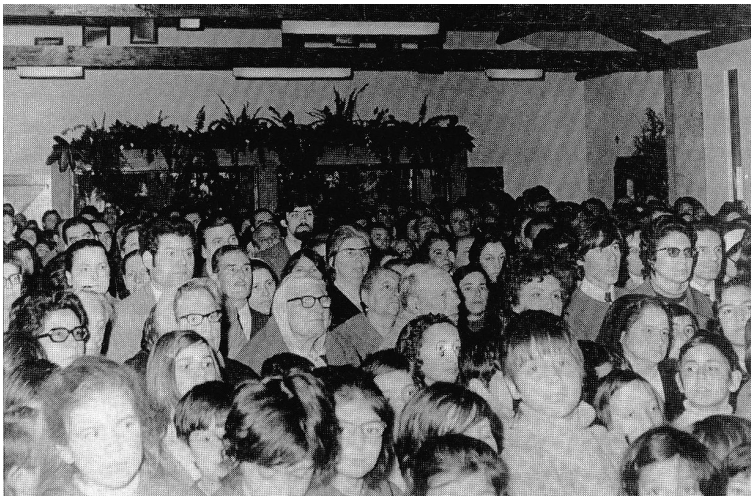
b.

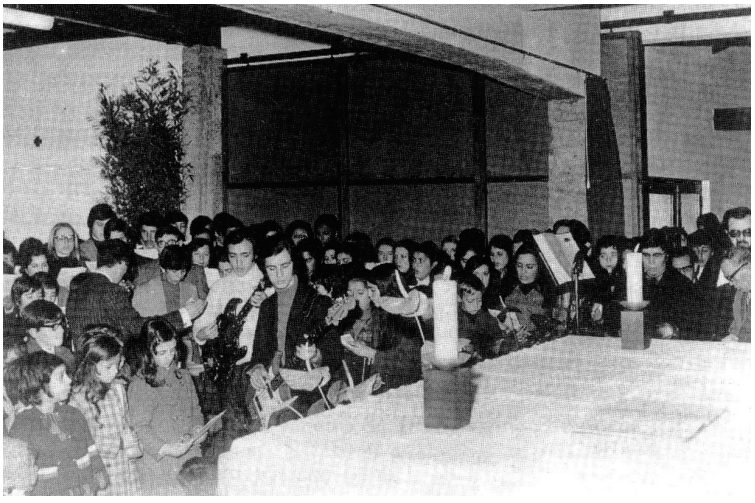
59. Capela P [Bairro da Pasteleira] (Porto, 1963-1966) arq. Vasco Mendes [CMP]
a. Estaleiro de Obras. *Arquivo AMP*
b. Fotografias exteriores e interiores. *Arquivo da Paróquia Nossa Senhora da Ajuda*
c. Desenhos. *Arquivo AMP*


ALÇADO NASCENTE
ALÇADO SUL
ALÇADO POENTE
ALÇADO NORTE


CORTE a_a
CORTE b_b
PLANTA
CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO
capela
PLANTA E CORTES

c.





b.

reafirmou no Porto em 1973, que "o templo seja por causa do homem e não o homem por causa do templo"[377] – uma clara afirmação da sua visão da arquitectura como disciplina ao serviço do Homem. Naquela ocasião alertou ainda para a necessidade de considerar a mobilidade, a natureza do Homem integrado nas comunidades humanas e naturais, defendendo a importância das pequenas comunidades base, verdadeiras células missionárias da Igreja[378]. Quase quinze anos após Cerejeira ter redigido a 'Pastoral sobre as novas igrejas' (1959), o discurso de D. António Ferreira Gomes espelhava toda a evolução e reflexão, também partilhada pelo MRAR, que no final da década de 1960 tinha debatido aquelas questões de natureza pastoral com naturais repercussões no campo da própria arquitectura, reconhecendo que "uma segunda Reforma está em processo de efectivação, sem nenhum Lutero ou Calvino, mas sob a rajada do urbano".[379]

> "La paroisse comme institution territoriale de base du christianisme est morte. L'Église catholique profite encore de son hégémonie sur les masses et de l'énergie cinétique communiquée à ces masses par des siècles d'histoire. (…) Dans cette transformation de l'écologie et de la sociologie traditionnelles, la paroisse flotte comme un bouchon sur la vague." [380]

Ora neste contexto de 'reforma' havia que repensar estruturas e práticas, descobrir o lugar das pequenas comunidades, o que implicaria 'imaginação prospectiva' num momento em que as formas de religiosidade se diversificavam.[381]

D. António Ferreira Gomes, «Carta Pastoral 1950», em *Escritos Pastorais de Portalegre (1948-1952)* (Porto: Fundação SPES, 2001), p.79.

377 Gomes, «Homília na erecção da paróquia N.ª S.ra da Ajuda (28.Jan.1973)».

378 As Comunidades eclesiais base, impulsionadas pós concílio Vaticano II, tiveram forte expressão no Brasil e países da América Latina. Este movimento associado à Teologia da Libertação teve como protagonistas bem conhecidos em Portugal D. Hélder da Câmara ofs. e Leonard Boff.
Cf. «Comunidades Base», *Voz Portucalense*, (Nov.1973), pp.centrais.

379 Gomes, «Homília na erecção da paróquia N.ª S.ra da Ajuda (28.Jan.1973)».

380 René Lourau, «Préalables sociologiques sur les groupes informels: essai d'analyse institutionelle», em *Les groupes informels dans l'Église [Deuxième colloque du CERDIC - Centre de Recherche et de Documentation des Institutions Chrétiennes, Strasbourg, 13-15.Mai.1971]*, ed. René Metz e Jean Schlick (Strasbourg: Cerdic-Publications, 1971), p.100.

381 "Mais les mouvements de laïcs ne cessent de dépérir dans leurs contradictions; la dialectique du temporel et du spirituel se traduit dans la pratique par le conflit des institutions ecclésiales (l'appareil) et des institutions religieuses (les mouvements). Entre la norme et le mouvement, l'institution chrétienne finit par choisir la norme. Les résidus groupusculaires des mouvements entrent en lutte avec l'appareil ou se marginalisent"
Ibid. p.100.

Em 1958, na I Semana de Estudos Pastorais promovida na diocese, falando da 'restauração cristã da paróquia' prenunciou a realização de um concílio e afirmou a necessidade de preparar 'ambiente favorável' [382] e a experiência da capela-salão, arquitectura simples e da comunidade, era dessa preparação bom exemplo. O concílio reforçara entretanto os desafios e iniciara um movimento ao qual a diocese do Porto respondia, tal como afirmou o seu bispo: "Que, na mutação, se perca o menos possível; mas que assim seja, cada vez mais e melhor!..."[383] – estímulo de profundo significado para a evolução da arquitectura religiosa.

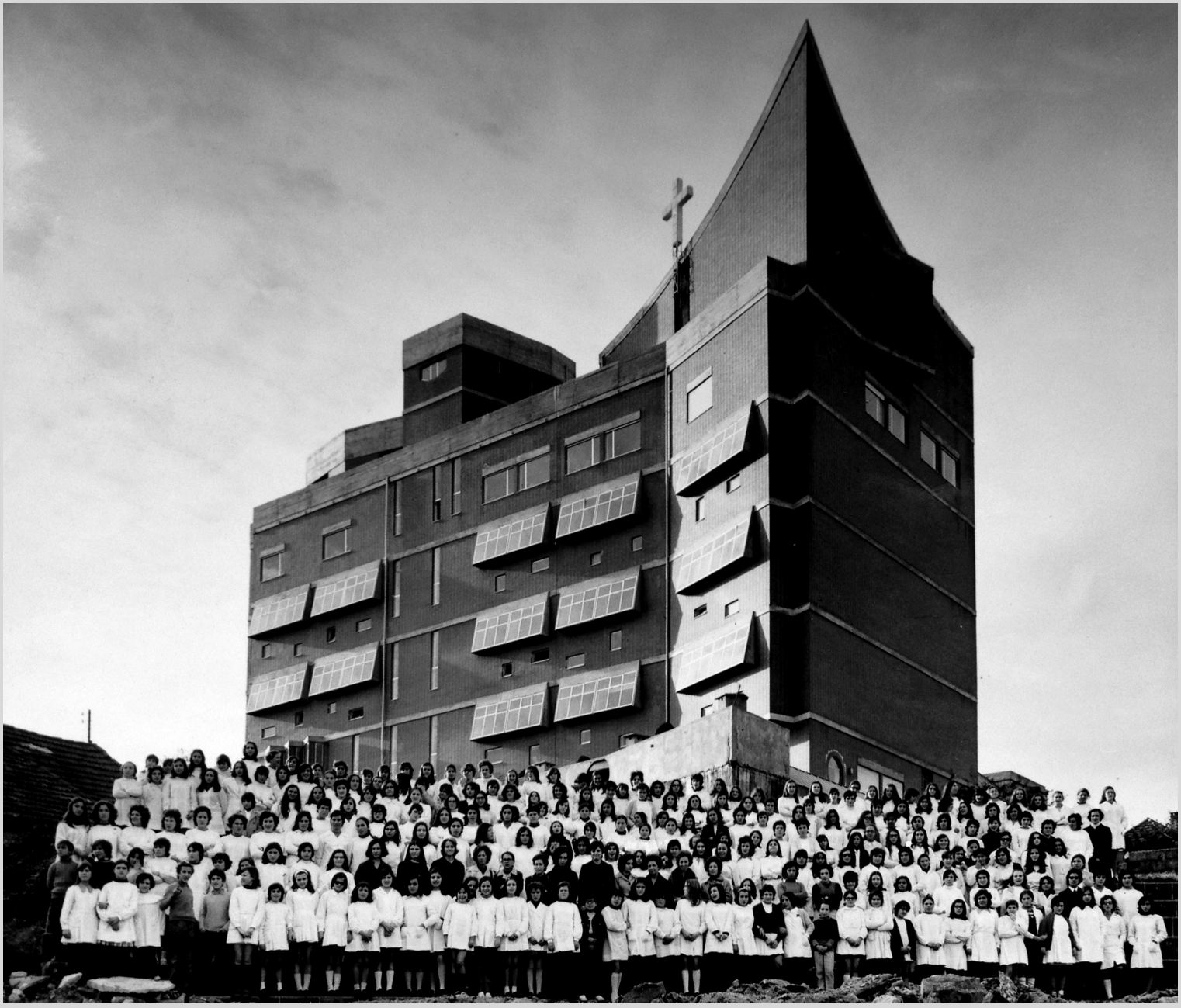
382 "A cruzada empreendida pelo Papa, na qual somos chamados a colaborar, representa uma reforma superior à do séc. XVI. Não tardará, talvez, a realização de um Concílio; mas é preciso preparar-lhe ambiente favorável."
D. António Ferreira Gomes, «Fala o Pastor, a maior Reforma na Igreja desde há muitos séculos», *A Voz do Pastor*, (2.Out.1954), p.1.

383 Gomes, «Homília na erecção da paróquia N.ª S.ra da Ajuda (28.Jan.1973)».

Alunos do Externato do Centro de Caridade do Perpétuo Socorro, Porto (c.1970)
Fotografia de Teófilo Rego. Arquivo Centro de Caridade do Perpétuo Socorro

capítulo 3

Equacionar Programas



No capítulo 3, **'Equacionar Programas'**, procuramos perceber o modo como evoluiu e se diversificou ao longo do período em estudo o objecto da encomenda arquitectónica de natureza religiosa, na constante procura do que é a especificidade e função da Igreja a que os diferentes programas foram procurando responder.

O aumento da população das cidades num período marcado por carências profundas como referimos no capítulo precedente, leva-nos a iniciar dando ênfase às *Dimensões do serviço assistencial* (3.1) promovido pela Igreja, como soluções pensadas à pequena e à grande escala. Serviços para a comunidade e com a comunidade, revelam a complementaridade destas formas de acção e de presença da Igreja na Cidade, seja a partir duma *'Construção modesta'* (3.2.1), seja duma grande *'Catedral social'* (3.1.2).

Em *Salão Paroquial – promover encontro: da componente recreativa e lúdica, à vida comunitária* (3.2), identificamos a progressiva tomada de consciência da especificidade dos espaços de acção pastoral, vistos na década de 1950 como pólo de atracção da população descristianizada e posteriormente, na década de 1960, como integrantes da formação e cultura, com o cinema a desempenhar um papel de destaque. Em contexto urbano ou rural, procuramos perceber como estas construções se afirmaram como *'Centro de vida para a comunidade'* (3.2.1), promovendo a *'Atitude de humildade do arquitecto'* (3.2.2)**.**

Em *Casa da comunidade – 'grande lar cristão'* (3.3) estudamos o aparecimento de um casa paroquial autónoma e independente da igreja, analisando um prédio construído no início da década de 1950 que concentrava espaços para actividades recreativa, sócio-caritativa, salas de catequese e de obras, etc.

'Programa de uma igreja paroquial nova' (3.4) evidencia o crescente interesse pela integração das áreas de ensino, apostolado, benefeciência e recreação na construção de novas igrejas, indo ao encontro das práticas estrangeiras, nomeadamente, de Itália e Inglaterra, provenientes quer do meio católico, quer do protestante.

Da igreja paroquial e seus anexos ao centro paroquial (3.5) acompanha a discussão dinamizada pelo Movimento de Renovação da Arte Religiosa em meados da década de 1950, em torno das exigências da paróquia moderna, bem como o impacte da publicação das Directivas da Conferência Litúrgica Alemã no debate português da segunda metade daquela década. Para além de um espaço celebrativo de natureza comunitária que permitisse a fruição como espaço individual de reflexão, oração e silencia, haveria que responder aos desafios da unidade litúrgico-pastoral e da integração urbana.

A *Crítica ao programa-tipo à luz do Concílio* (3.6) procura traçar o caminho do documento elaborado pelo Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado em 1966 – herdeiro da experiência rica suscitada pelo concurso para a nova igreja do Sagrado Coração de Jesus e seus anexos, iniciada pelo MRAR e continuada

por aquele organismo – desde a sua redacção até à sua discussão no espaço do MRAR. Olhamos para esta realidade a partir da análise do projecto de um centro paroquial a construir ao cimo do Parque Eduardo VII, processo que, embora não concretizado, foi bem representativo da discussão sobre a coexistência de programas de diferente natureza, assim como da integração da igreja num quadro urbano já marcado pela mobilidade.

A divulgação nacional de modelos e propostas – Campanha Novas igrejas do Patriarcado[3.7] dá a conhecer o trabalho realizado pelo SNIP (ou que com o seu apoio) que foi difundido através do boletim desdobrável, associado à recolha de fundos anual. Depois de abandonada a primeira publicação do SNIP, *Novas Igrejas*, também abordada neste sub-capítulo, estudamos aquele boletim como canal privilegiado da disseminação da prática arquitectónica, a partir de 1968. Desse ano reproduzimos em tamanho real um exemplar do referido boletim. Respeitando a sequência cronológica da publicação, exploramos alguns dos temas que tiveram maior destaque – entre outros, *capelas provisórias, capelas salão e igrejas, adaptação de igrejas existentes, igrejas em edifícios de habitação*. Damos especial atenção à *descentralização das estruturas paroquiais*, que conduziram à pesquisa de novos programas e soluções.

3.1. Dimensões do serviço assistencial

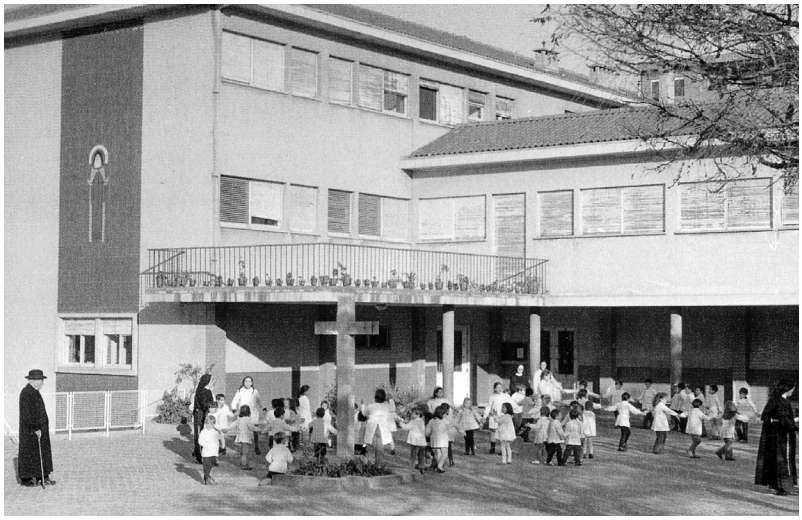
A rede de assistência passou muitas vezes pela criação de patronatos, pequenos centros de serviço associados à acção assistencial e caritativa das paróquias e, por vezes, de congregações religiosas. Aí eram ensinadas crianças e donas de casa, servida sopa aos pobres, distribuídos alimentos, etc. – sempre uma presença da Igreja na sua vertente real, de serviço caritativo. De certo modo esses equipamentos foram antecessores da rede de centros sociais e de instituições particulares de solidariedade social que hoje servem todo o país. A especificidade dos serviços prestados e o seu reconhecimento enquanto obras de assistência levou a que fossem construídos, muitas vezes, autonomamente das igrejas. Assistiu-se à edificação de vários patronatos e centros sociais, que ganharam visibilidade a partir da segunda metade da década de 1940.

Assim aconteceu na periferia de Lisboa em Moscavide, onde a par do acompanhamento espiritual por seminaristas, instalados nos Olivais desde a década 1930, era também prestado apoio social. A criação de um serviço de assistência infantil e à população pobre, remonta a 1942.[1] Quase quinze anos depois foi inaugurado o centro social projectado pelo arquitecto Lima Franco para acolher essa instituição da paróquia de Moscavide, na altura em vias de ser formalmente criada. Este centro e a igreja moderna, desenhada pelo arquitecto António Freitas Leal e João de Almeida (ainda estudante), são fruto de uma encomenda religiosa una, que espelham o programa diverso da acção da Igreja que procurava lugar(es) na cidade em crescimento, respondendo assim às necessidades das populações, em particular nas zonas de expansão dos meios operários.[2]

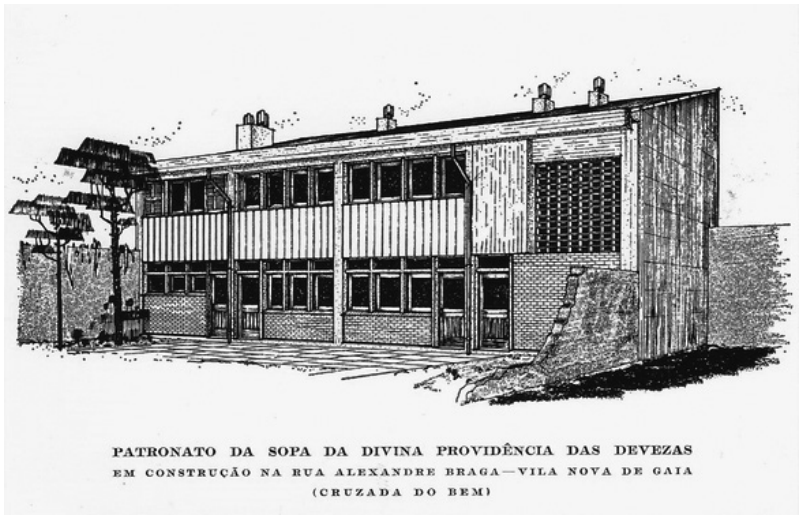
---

[1] O 'Centro de acolhimento a crianças e ajuda aos mais necessitados' foi criado graças ao entusiasmo dos padres holandeses da congregação dos Sagrados Corações de Jesus e Maria, a mesma comunidade religiosa que no início da década de 1960 estava a trabalhar no bairro da Curraleira.

[2] O lote ocupado pelo centro social paroquial de Moscavide, na praceta do Estado da Índia, estava inicialmente destinado para construção da igreja. Assim documenta o desenho da igreja que integrou a Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea de 1953. [ver anexo 10, painel *EARC* 48]
Dada a exiguidade daquele lote para conter a igreja e serviços anexos foi estudada uma localização alternativa. Aí foi construída a igreja e salão paroquial (na cripta) tendo ficado em falta os serviços paroquiais (cartório e salas de catequese) e residência paroquial, organizados em torno de pátio anexo à igreja, que apesar de contemplados no projecto não chegaram a ser edificados.
Cf. Manuela Mendonça, *Moscavide, contributos para a sua história nos 50 anos da paróquia de Santo António* (Paróquia de Moscavide, 2006).



a.



PATRONATO DA SOPA DA DIVINA PROVIDÊNCIA DAS DEVEZAS
EM CONSTRUÇÃO NA RUA ALEXANDRE BRAGA—VILA NOVA DE GAIA
(CRUZADA DO BEM)

b.



c.

1. Dimensões do serviço assistencial

a. Patronato de Santa Teresinha (Porto, 1960) arq. Morais Soares

b. Patronato da Sopa da Divina Providência (Vila Nova de Gaia, 1967-1968) arq. Octávio Lixa Filgueiras

c. Centro de Caridade Perpétuo Socorro (Porto, c.1960). *Arquivo CCNSPS*

Também no Porto assistimos ao crescimento do movimento de assistência religiosa, na sua vertente caritativa, através da dinamização de patronatos[3] e também de confrarias. Destacamos, pela sua implantação em pleno meio operário, o caso das Devesas, distante da igreja paroquial de Santa Marinha em Vila Nova de Gaia, com o patronato projectado pelo arquitecto Octávio Lixas Filgueiras já no final da década de 1960.[4] No Porto, é de referir o Patronato dos Pobrezinhos anexo à igreja de Nossa Senhora da Conceição (ao Marquês), projecto de meados da década de 1950 de David Moreira da Silva e Maria José Marques da Silva.[5] Servirá de exemplo também o de Santa Teresinha, erguido junto à igreja paroquial do Santíssimo Sacramento, projectado por Mário Morais Soares nos início de 1960.[6] O início daquela obra assistencial recua à década de 1940, quando ali se instalaram nos anexos da igreja a comunidade de religiosas que juntamente com as senhoras do abastado bairro de Guerra Junqueiro prestavam auxílio à população vizinha residente em ilhas. No centro da cidade destacaremos, em contra ponto, duas formas de combate que conduziram a construção de edifícios diferentes, na escala e nos programas.

3.1.1. 'Construção modesta'

Centro Social da Sé (1963) e do Barredo (1961)

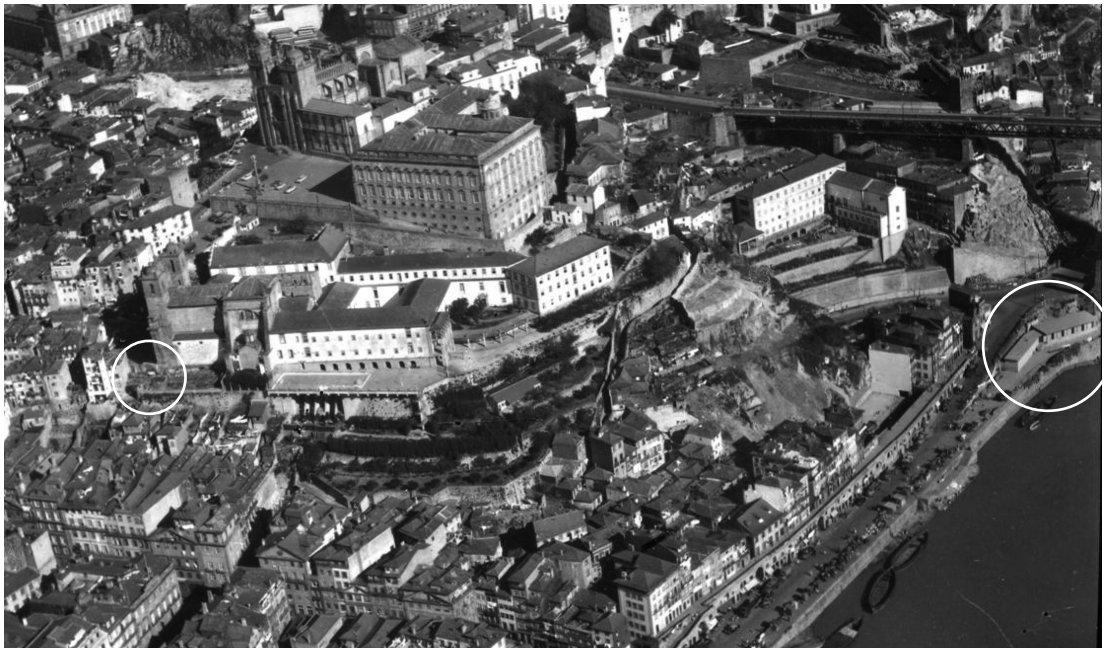
À cidade nova que se urbanizava, onde a organização de novas paróquias se impunha, contrapunha-se o velho centro do Porto onde os problemas da pastoral especializada de 'confessionário e púlpito', identificados por Manuel Falcão no estudo de divisão paroquial de Lisboa na década de 1950, não tinham eco na presença de um cenário de miséria por demais evidente, agravado pelo grave problema da habitação.

[3] A 'Cruzada do Bem' – obra fundada em 1945, pelo pe. Avelino Maria Ferreira – foi responsável pelo movimento empreendedor dos patronatos paroquiais, uma iniciativa que contou com o apoio eclesiástico dos bispos do Porto e do de Évora, reconhecida pelo Estado Novo como Obra de Assistência Nacional. Chegou a reunir mais de 18 instituições.

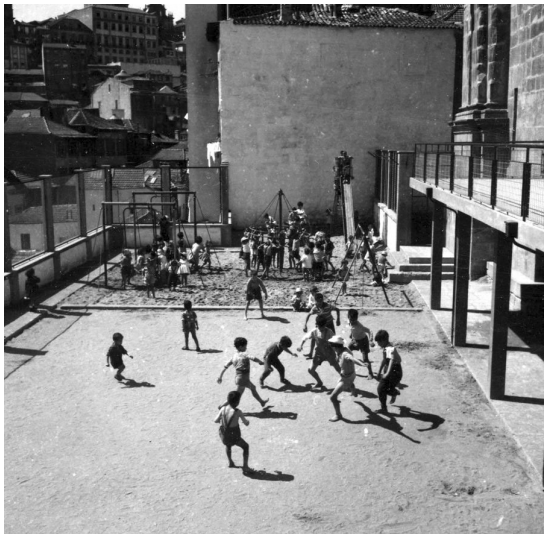
[4] A obra assistencial 'Sopa da Divina Providência', idealizada pelo pe. Avelino Maia Ferreira, entrou em funcionamento em 1942. A encomenda do projecto do "Patronato da Sopa da Divina Providência das Devesas (1967-1968) a Octávio Lixa Filgueiras surge por intermédio do pe. Manuel Romero Vila, natural de Coimbrões e amigo pessoal do arquitecto.

[5] Maria do Carmo Marques Pires, «O Ateliê de Arquitectura/Urbanismo de David Moreira da Silva e Maria José Marques da Silva Martins. Visibilidade da memória.» (Universidade do Porto, 2012), p.209.

[6] «O patronato de Santa Teresinha na paróquia do SS. Sacramento», *A Voz do Pastor*, ano XL, nº25, (2.Jul.1960), pp.1-2.



a.



b.

"Faltavam (...) instalações para acolher esses bandos de rapazes e raparigas. Até que alguém lançou os olhos para um terreno municipal, desaproveitado e entulhado, que existia ao sul da igreja. A pedido do Reitor e dos alunos, a Ex.ma Câmara não somente cedeu como o desaterrou (...). Ali se instalou, pois, um campo de jogos e se construiu um terraço para recreio e abrigo. Está em projecto uma ampliação, em dois andares, assentes sobre colunas, destinada a ginásio, etc.(...) Na galeria que corre detrás dos altares, na ala sul da igreja, os vãos foram adaptados, embora com inevitáveis deficiências, a pequenas salas de catequese."

"O centro de catequese e o parque infantil"
A Voz do Pastor, (23.Fev.1963), p.6.

2.Centro Social da Sé e do Barredo (Porto) *Arquivo AMP*
a. A Sé, o Paço, o Seminário Maior - vista aérea do Porto (1962)
Assinalada a localização dos dois centros sociais: o da Sé, junto ao seminário (ainda sem parque infantil), e o do Barredo na Ribeira.
b. Parque infantil - uma zona recreio no centro da cidade (1963)

Este contexto exigiria à Igreja pensar outras formas de acção e presença, para lá dos modelos assistenciais das paróquias e patronatos.

Os apaixonados escritos do pe. Américo, já referidos, deixariam uma marca indelével em toda uma geração e, de uma forma particular, no clero em formação – quer do Seminário Maior do Porto, a funcionar no colégio dos Grilos, quer no dos Olivais na capital[7], onde ganhava adeptos a proposta duma pastoral social de proximidade, em contacto directo com as populações mais desfavorecidas.

Tal realidade levaria à criação dos centros sociais do Barredo e da Sé. O último, junto ao Seminário Maior do Porto, era dinamizado por alunos de Teologia, revelando a abertura a novas práticas, "vive[ndo] os problemas do seu tempo, em todos os níveis" [8] conforme reconheceria o governador civil, eng. Brito e Cunha, aquando da inauguração da remodelada capela, museu e parque infantil. [9] Estas iniciativas testemunham igualmente uma presença discreta da Igreja na cidade que serviria de inspiração para a pastoral desenvolvida nos bairros camarários sob a égide da Obra Diocesana de Promoção Social.[10] A prática da caridade ganhava novos contornos: a esmola já não bastava, [11] e Igreja colocava-se ao serviço da cidade, trabalhando com e pela comunidade.[12] A construção humana era acompanhada pela construção de arquitecturas

---

[7] No início de 1953 saiu na revista do seminário dos Olivais a recensão do livro do pe. Américo "Barredo – lugar de mártires, de heróis, de santos" e a primeira crónica de uma série intitulada "Os nossos pobres" – relatos do acompanhamento dos seminaristas às populações dos bairros de lata da capital. As crónicas, publicadas entre 1953 e 1955, são sinal de uma maior atenção aos problemas sociais da cidade em crescimento, denunciando 'um outro Barredo', também ele marcado pela precariedade e miséria em que habitavam muitas famílias na capital, num momento de acelerada transformação urbana.

> "Há quem lhe chame um outro Barredo. Externamente não aparenta, mas se entrares no pátio, onde vão caindo as moradias, dar-lhe-ás o mesmo ou idêntico apelido. Há ali os escorraçados pela sociedade e pelos planos de urbanização. (...) A par da miséria física anda quase sempre a completar desta, a miséria moral.(...) À direita, uma habitação solarenga, hoje em ruínas, colocada pela Câmara à disposição dos que esta vai desalojando noutras partes, comporta cinco famílias no segundo piso."

B. Santos, «Os nossos pobres », *Novellae Olivarum - revista dos alunos do seminário de Cristo Rei - Olivais*, ano XII, (Jul.1954).

[8] «Festa inaugural da Capela do Seminário», *A Voz do Pastor*, (9.Fev.1963), p.4.

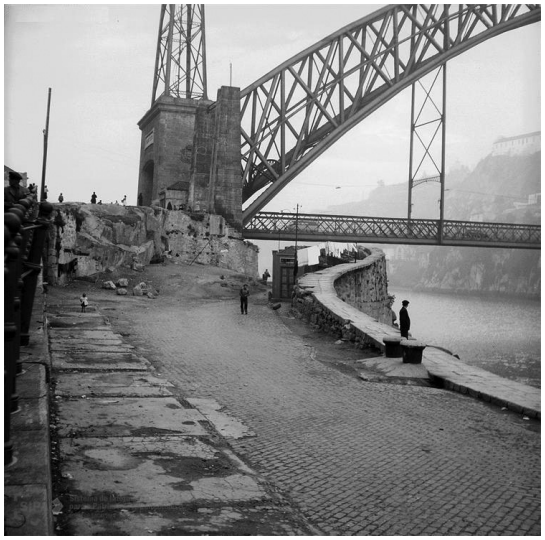
[9] A remodelação da capela foi projectada por Fernando Abrunhosa de Brito e o museu foi da responsabilidade de Luiz Cunha que já tinha colaborado aquando da sua primitiva instalação em 1954. O parque infantil, hoje miradouro dos Grilos, resultou duma parceria do seminário com a CMP.

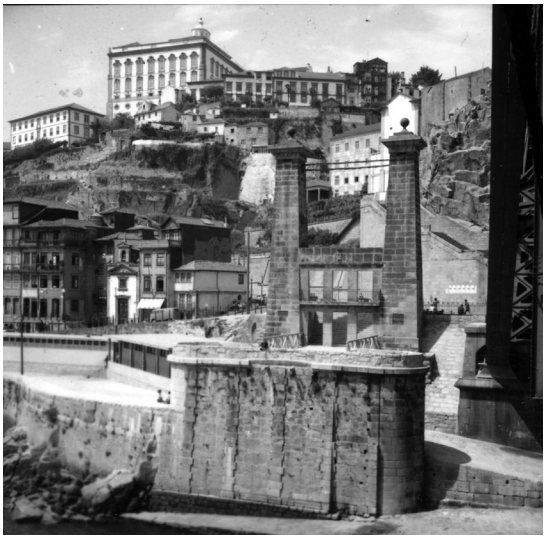
[10] O pe. António Teixeira Coelho, um dos mentores do centro, seria o futuro responsável pela paróquia experimental de Nossa Senhora da Ajuda, à Pasteleira.

[11] "(...) podemos dar esmolas e, muitas se têm dado no Barredo, mas constatamos que isso não basta. O dinheiro assim dado resolve uma hora difícil, o que já é alguma coisa, mas mais nada – tudo continua na mesma."

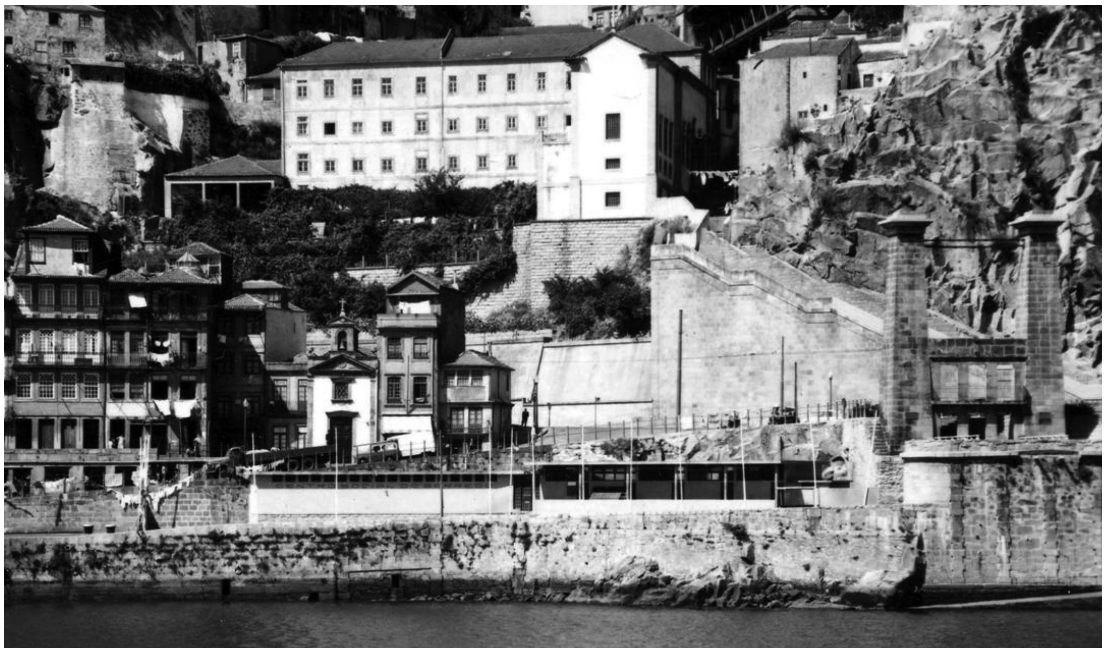
«Uma obra de solidariedade humana - o centro social do Barredo», *A Voz do Pastor*, (28.Out.1961) .

[12] Com uma outra pedagogia social, podemos dizer que ecoa no Centro Social do Barredo o mesmo mote defendido pelo pe. Américo na Obra da Rua – pelas crianças, com as crianças.





a. b.



c.

"O que se vai fazer naquela casa,
futura sede do Centro Social do Barredo?

Tudo o que for útil e possível fazer-se.

Serão os próprios a tomar a responsabilidade - e há no Barredo elementos muito capazes de o fazer, mas precisam de ser ajudados e apoiados.

Para já há o seguinte programa:
1) jardim infantil para as crianças dos três aos seis anos (...)
2) sala de estudo para as crianças em idade escolar (...)
3) visitas com fins instrutivos e passeios.
4) biblioteca com jornais, revistas e livros (...)
5) jogos e diversões apropriadas para todos.
6) cursos de adultos a funcionar à noite
7) cursos de aperfeiçoamento (...) dactilografia, corte, etc.
8) ensino familiar e doméstico (...)
9) reuniões culturais, pequenas palestras, leituras, música, teatro.
10) festas frequentes para proporcionar meios sãos de distracção
11) organização de grupos - a fomentar entre raparigas e rapazes
12) contactos individuais pelas assistentes sociais, procurando prestar ajuda na resolução de problemas e dificuldades."

"Ao encontro dos problemas do Barredo"
A Voz do Pastor, (8.Nov.1961), p.2.

3. Centro Social do Barredo (Porto, 1961) arq. Morais Soares
a. Terreno onde foi edificado o Centro Social do Barredo. *Arquivo SIPA*
b. c. Centro Social do Barredo junto à ponte pênsil. *Arquivo AMP*

simples e funcionais, espaços de serviço implantados nos lugares onde eram realmente necessários. Assim, envolvendo a população do Barredo, foi ali construído o Centro Social do Barredo:

> "Fez-se muito? Fez-se pouco? Não sabemos. O que sabemos é que muitos dos próprios habitantes do Barredo viram que qualquer coisa era possível, deram as mãos e, alguns meses depois, fundaram um clube.(...) Junto ao tabuleiro inferior da ponte D. Luís, ergue-se uma construção modesta, de linhas sóbrias mas muito harmoniosas, que é a grande esperança daquele punhado de gente por quem poucos se têm interessado verdadeiramente."[13]

O terreno, ocupado por barracas de venda junto à ponte pênsil, foi cedido pela administração do Porto de Leixões e o projecto desenvolvido pelo arquitecto Mário Morais Soares, que desde a década de 1930 já tantas vezes tinha trabalhado para a Igreja juntamente com o grupo *Ars*.[14] A construção foi anunciada e acompanhada ao longo do ano de 1961, pelo semanário diocesano do Porto.[15] O centro foi inaugurado em Dezembro de 1961, três anos após o início do acompanhamento do Instituto de Serviço Social do Porto[16] e do Secretariado de Acção Social das Conferências de S. Vicente de Paulo. No final da década de 1960, surgiria porém uma leitura crítica ao edifício construído, conforme se lê no 'Estudo de renovação urbana do Barredo' trabalho realizado em equipa alargada[17] coordenada por Fernando Távora:

---

[13] «Os problemas sociais do Barredo», *A Voz do Pastor*, (4.Nov.1961), p. 3.

[14] O grupo *Ars*-arquitectos foi fundado por Mário Cândido de Morais Soares (1908-1975) juntamente com os colegas António Fortunato Cabral (1903-1978) e Fernando Cunha Leão (1909-1990). Juntos desenvolveram aproximadamente 30 projectos de natureza religiosa até 1954, ano da dissolução da sociedade. No Porto construíram, na década de 1930, para a Ordem Franciscana na Rua dos Bragas e para a Companhia de Jesus, a igreja Nossa Senhora de Fátima (1934-1936). Desenvolveram ainda estudos para o centro paroquial de Ramalde (Porto, 1949) e para as igrejas paroquiais de Crestuma (Vila Nova de Gaia, 1941-1964) e São Pedro da Cova (Gondomar,1953-1963).
Cf. Duarte Morais Soares, «ARS – Arquitectos» (ESAP - Escola Superior Artística do Porto, 2004).

[15] Artigos publicados n'*A Voz do Pastor*: «Uma obra de solidariedade humana - o centro social do Barredo», (28.Out.1961), p.2; «Os problemas sociais do Barredo», (4.Nov.1961), pp.1 e 3, «Ao encontro dos problemas do Barredo - Que vai fazer o centro social?», (8.Nov.1961), p.2; «Inauguração do centro social do Barredo, (2.Dez.1961), p.3.

[16] A criação do Instituto de Serviço Social do Porto, impulsionada pelo bispo D. António Ferreira Gomes, data de 1956. O ISSP teve sede junto à Escola de Belas Artes do Porto. Os seus quadros administrativos e pedagógicos integraram nomes de destaque da cidade e da universidade, entre eles Antão de Almeida Garret (engenheiro e urbanista) e a D. Maria José Novais.

[17] A equipa integrava elementos da Direcção de Serviços de Habitação - Repartição de Construção de Casas, contando ainda com a colaboração de um jurista e da assistente social Maria Rosa Correia de Sousa, com ligações à Obra Diocesana de Promoção Social.

"O centro social ocupa uma posição inconveniente quer pela sua localização (inundado pelas cheias, exterior ao sector [do Barredo], mal implantado estética e urbanisticamente) quer pela pequenez das suas dimensões, pelo que é, desde a sua origem, considerado provisório."[18]

Contudo, foi a dinâmica deste centro impulsionado pela Igreja, num meio popular em que religião e superstição se confundiam, onde a "acção pastoral [era] exercida em moldes atávicos e primários"[19], que abriria portas à escola de Arquitectura para aí desenvolver os inquéritos urbanos na década de 1960, num momento de "transformação profunda dos métodos de ensino e dos objectivos da formação do arquitecto em curso na época" [20], despertando-a para a noção de serviço. [21]

3.1.2. 'Catedral social'

Centro de Caridade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro (1962-1970)

As carências da população eram de tal ordem e de natureza tão variada que exigiam múltiplas respostas, dos cuidados de saúde primários à distribuição de bens alimentares. Na Baixa da cidade a Arquiconfraria de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, anexa à comunidade redentorista sediada na rua da Firmeza, criou em 1958 uma obra social de grande alcance, o Centro de Caridade de N.ª S.ra do Perpétuo Socorro. A falta de espaço das sucessivas instalações provisórias[22] levou à encomenda de um estudo preliminar ao arquitecto João Simões, no final de 1959.

---

18 Fernando Távora (coord.), *Estudo de renovação urbana do Barredo* (Porto: Câmara Municipal do Porto, Mai.1969), p.8.
O lugar onde existiu o Centro Social do Barredo foi em 2001 alvo de requalificação. O projecto desenvolvido pelos arquitectos Manuel Fernandes de Sé a Eliseu Gonçalves reestabeleceu o novo mercado da Ribeira.

19 "A superstição aparece-nos como forma de religiosidade da população reflectindo simultaneamente um estado de embotamento, e um obstáculo à evolução das pessoas, sendo agravada pela acção pastoral exercida em moldes atávicos e primários, partindo de ideias subjectivas e não dum conhecimento psico-social da comunidade limita-a na apreensão de formas externas rebuscadas, afastando do verdadeiro espírito cristão."
Extraído do inquérito realizado às famílias do Barredo em 1963 citado por Fernando Távora (coord.), *Estudo de renovação urbana do Barredo* (Porto: Câmara Municipal do Porto, Mai.1969), pp.18-19.

20 Gonçalo Canto Moniz, Luís Miguel Correia e Adelino Gonçalves, «O estudo de renovação urbana do Barredo : a formação social do arquitecto para um território mais democrático», *Estudos do Século XX - Educação e Democracia*, nº14, (2014), p.319.

21 [ver cap.5.1]

22 A primeira sede do Centro de Caridade N.ª S.ra do Perpétuo Socorro foi na Travessa de S. Marcos à rua

O estudo desenvolvido por João Simões tinha como objectivo estabelecer um quadro de áreas de referência para o programa previsto – centro social e recreio, bloco hospitalar, escolas (infantil, primária, secundária), capela. Assim seria facilitado o processo de escolha do terreno onde edificar o Centro de Caridade.

> "A natureza díspar das instalações pela sua função e relação dos indivíduos a que se destina, pelo seu estado físico, idade e sexos, implica uma dependência relativa das várias unidades do conjunto. Se adoptamos soluções de emergência estamos em breve perante problemas insolúveis. Será melhor esperar a oportunidade para melhor se realizarem. A solução em fases é a forma que partindo de uma base de boa previsão, permite alcançar com mais segurança o fim desejado."[23]

Em Novembro de 1960 noticiava o *Jornal de Notícias* a mudança de instalações do Centro para um palacete situado na rua de Álvares Cabral, onde seria construída a sede definitiva concentrando as diversas actividades assistenciais.[24] A partir de 1962 foi Luiz Cunha quem desenvolveu o projecto faseado para o aproveitamento do interior daquele lote de aproximadamente 2000m^2. A construção faseada pressupunha uma garantia da viabilidade económica do projecto. A primeira fase contemplou a construção, num plano recuado da frente de rua, da garagem (120 lugares) e do cinema estúdio (442 cadeiras) inicialmente pensado como salão de festas.[25] Os dois equipamentos foram uma das muitas fontes de receita para as construções seguintes. Pouco a pouco, ao longo de uma década, ergueu-se

> "um programa denso e vasto no fundo e na forma. Um ideal concretizado. Uma colmeia gigantesca em pleno rendimento. Um plano de acção estruturado em moldes modernos, com técnicas conscientes e eficazes, olhando sempre à dignidade humana de todos nós. Este o trabalho emoldurado num grande prédio de nove andares (...)"[26]

---

de Santa Catarina, próxima da casa da congregação Redentorista. A falta de espaço e a crescente procura da instituição, conduziu a uma mudança de instalações para a rua de D. João IV, ocupando um tradicional prédio.

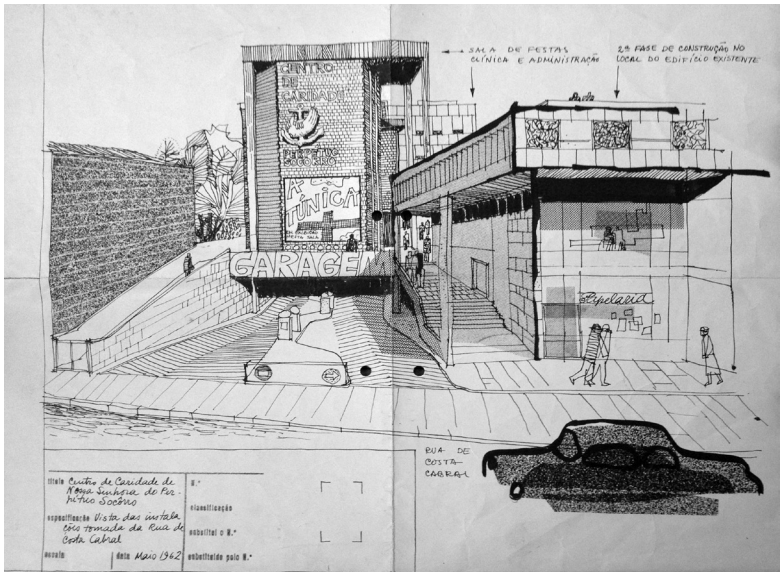
[23] Cf. João Simões, «Estudo para o Centro de Caridade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, a construir num terreno, na cidade do Porto», *Arquivo CCNSPS*, (2.Jul.1959), p.2.
As peças escritas, existentes no arquivo, indicam a existência de elementos desenhados e maquetes que integrariam o estudo, contudo não foi possível a sua localização.

[24] «O Centro de Caridade de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro vai inaugurar uma nova sede para corresponder aos imperativos da sua iniciativa», *Jornal de Notícias*, (18.Nov.1961). [recorte de imprensa *Arquivo CCNSPS*]

[25] 'Salão de Festas' é a designação atribuída por Luiz Cunha no desenho de Maio de 1962. O projecto da primeira fase entrou na CMP, ainda em 1962, com assinatura de José Carlos Loureiro.

[26] Marinho Apezteguia Cia, «Pensamento e Acção», em *Centro de amor na cidade da caridade* (Porto: Centro de Caridade do Perpétuo Socorro, 1974), p.s/n.



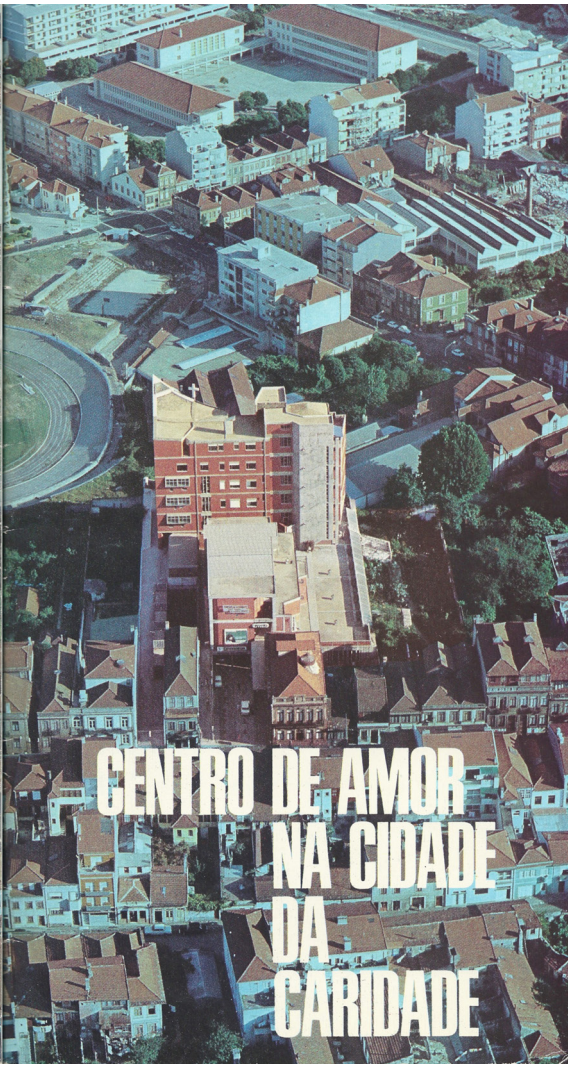


a.
b.



c.

4. 'Catedral social' - o Centro de Caridade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro *Arquivo CCNSPS*
a. A casa burguesa e o jardim. Rua de Costa Cabral (c.1958)
b. Desenho das novas instalações (1962) arq. Luiz Cunha
c. Flyer publicitário do Centro (c.1970)
d. Tômbola da Caridade. Avenida dos Aliados (c.1960)
Adaptação da Tômbola a capela provisória no bairro do Viso, notícia do *Jornal de Notícias* (11.Nov.1967)
e. Uma obra realizada com o apoio de beneméritos e benfeitores
Inauguração do cinema com Dr. Nuno Pinheiro Torres (presidente da CMP), visita presidencial, D. Maria Francisca Lumbrales de Sá Carneiro junto do pe. Marinho Cia.
f. Maquete da primeira e segunda fase do CCNSPS.


CENTRO DE AMOR
NA CIDADE
DA
CARIDADE


CENTRO DE CARIDADE
NOSSA SENHORA DO PERPÉTUO SOCORRO


Adaptado ao culto, o que foi um pavilhão é agora uma capela
INAUGURADA UMA CAPELA
no Bairro do Viso
funcionará em regime provisório, até que seja construída uma nova igreja

d.

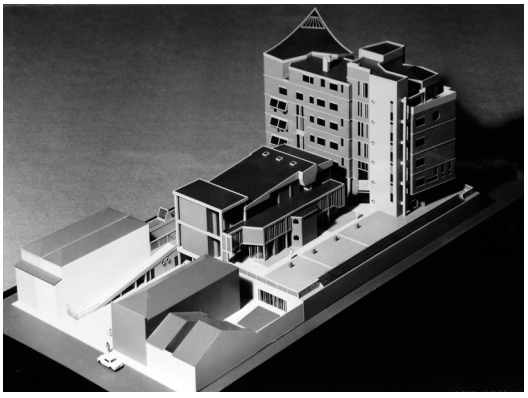



ESTAÇÃO DE SERVIÇO
POR





e.



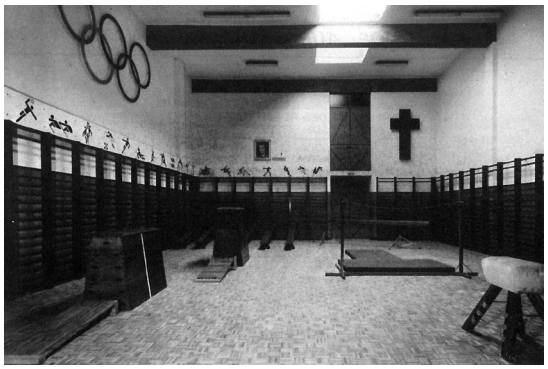
f.



a. b.



c. d.



e. f.

"Talvez porque nos habituámos a formar uma ideia errada do verdadeiro conceito da caridade actualizada e eficiente, é necessário salvar e acima de tudo colocar o genuíno espírito evangélico da caridade.
(...) O espírito é sempre o mesmo, sem desviar-nos do rumo que Cristo nos traçou, mas utilizando meios adequados em vista a uma acção eficaz e plenamente actualizada."

Centro de amor na cidade da caridade
(Porto: Centro de Caridade do Perpétuo Socorro, 1974).

5. Centro de Caridade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro (Porto, 1962-1970) arq. Luiz Cunha
a. b. Primeira Fase. Parque de estacionamento e cinema. *Arquivo CCNSPS*
c. d. e. f. Segunda Fase. Sala de aula, biblioteca, ginásio e capela. *Arquivo CCNSPS*

Na base deste edifício que acolhe, maioritariamente, as áreas dedicadas à saúde e ao ensino[27] situa-se o ginásio; no topo localiza-se o terraço panorâmico e a capela – o 'coração' de toda a casa, anunciada pela cobertura em proa encimada pela cruz luminosa que pontuava o território envolvente. O programa daquele complexo faziam dele um lugar de múltiplos cuidados, do corpo e da alma. A Igreja conquistava assim um novo lugar na cidade. O edifício destacado não era o da igreja, nem o patronato ou salão paroquial – era o conjunto. O lote não era o tradicional destacado no espaço público, como o da vizinha igreja do Marquês. Contudo a volumetria e o tratamento das superfícies – os panos de parede em betão aparente, o revestimento cerâmico de tijolo vermelho – conferiam ao conjunto edificado uma unidade e autonomia à envolvente, maioritariamente caracterizada pelas habitações plurifamiliares. Por sua vez a distribuição programática e a proposta de um espaço público permeável, da rua ao terraço elevado de distribuição, eram expressão de abertura da Igreja à cidade, e à comunidade. O terraço, destinado ao uso pedonal, propunha um lugar de encontro e sociabilização a todos aqueles que frequentariam o centro.

> "Procurou dar-se a este espaço o carácter de logradouro público com bancos, candeeiros, floreiras, etc. E assim transformá-lo num espaço de comunicação através do qual se fazem as ligações dos percursos pedestres em superfície entre os diversos serviços."[28]

O centro idealizado por Luiz Cunha ia ao encontro do espírito visionário e empreendedor do pe. Marinho Cia,[29] que sonhou um moderno projecto de caridade[30], um conjunto de serviços gratuitos - uma 'catedral social'[31], como foi apelidada pela imprensa, que rompia com a escala e a prática dos projectos assistencialistas de

---

[27] O departamento médico era composto por diversos gabinetes, salas de tratamento e cuidados de enfermagem, sala de raio-x e farmácia. O sector de ensino para além de salas de aula era dotado de laboratório, ginásio e hemeroteca-biblioteca. Existia ainda um sector administrativo com sala de reunião.

[28] Luiz Cunha, «Centro de Caridade no Porto», *Binário - revista mensal de arquitectura, construção, equipamento*, nº153, (Jun.1971), p.364.

[29] O pe. Marinho Cia (1920-2007) natural de Navarra em Espanha, foi ordenado a 4.Fev.1945. Em 1952 ingressa na Congregação dos Missionários Redentoristas e integra a arquiconfraria de N.ª S.ra do Perpétuo Socorro, assumindo a sua direcção.

[30] "Telefonista, expediente, ficheiros, máquinas eléctricas de dactilografar, calculadoras, um computador, espécie de cérebros pensantes, de lábios que falam escrevendo, de memórias que guardam e lembram. Insólito equipamento empresarial num centro de Caridade – poderão dizer." *Centro de amor na cidade da caridade* (Porto: Centro de Caridade do Perpétuo Socorro, 1974). p.s/n.

[31] Cardoso de Sousa, «Centro de Caridade de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro», *Diário do Norte*, (11.Nov.1969), p.10.

proximidade e vizinhança existentes na cidade, tantas vezes associados a estruturas paroquiais. O centro foi pensado à escala nacional como comprova um dos lemas da campanha de angariação de fundos de 1975 – "uma obra do Porto para todos os portugueses". De facto já em 1959 o jornal *Novidades*, do Patriarcado de Lisboa, dava notícia da obra.[32] As diversas iniciativas organizadas pelo Centro de Caridade no Porto, como a tômbola da caridade montada na principal praça da cidade, juntamente com os peditórios anuais no dia 23 de Maio são exemplos que evidenciam a importância daquela instituição na vida da cidade. A recolha de fundos, o recrutamento dos mais de 100000 benfeitores (contabilizados em 1975), e o apoio de diversas entidades dos meios cultural, eclesial e político davam reputação à obra que crescia juntamente com a publicidade que a equipa editorial do centro fazia na imprensa própria, divulgando as suas variadas actividades e o seu edifício-sede, através das fotografias de Teófilo Rego. A esta publicidade somavam-se as notícias da imprensa nacional que davam conta da construção das novas instalações, das inaugurações, da vida do centro e das pontuais visitas , à rede de contactos da direcção e da Congregação Redentorista, esta obra chegou a ser publicada em Itália.[33] A escala deste projecto de arquitectura religiosa e a vastidão do seu programa é comparável, se não mesmo superior, ao complexo do Sagrado Coração de Jesus (Lisboa), cujo concurso é contemporâneo desta encomenda. Estas duas obras integradas em quarteirões urbanos partilhariam ainda uma semelhante vontade de transformar as zonas de distribuição em espaços de sociabilização.

---

32 "Não pode a Assistência laica oficial ou particular, substituir-se à Caridade, que é pureza, que é fraternidade cristã, que é amor, que é sopro divino. (...) Pois bem! Andámos para visitar, uma obra bela, que vimos nascer humilde, mas confiantemente, e que já esbraceja por toda a cidade do Porto, atingindo mesmo as circunvizinhanças densamente populosas."
Francisco de Babo, «Caritas Nunquam Excedit Centro de Caridade», *Novidades*, (7.Mai.1959), p.1.

33 Cf. «Straordinaria opera Sociale della Provincia di Lisbona», *Orbis*, nº18, (Nov.1970), pp.1 e 107-109.

3.2. Salão Paroquial – promover encontro: da componente recreativa e lúdica, à vida comunitária

A 'Necessidade imperativa do salão paroquial' considerado 'elemento magnífico e hoje indispensável' a complementar a acção da Igreja no território foi tema dum artigo da revista especializada do clero *Lumen*, em 1947, onde era reconhecida a necessidade de criar novas experiências e formas de apostolado.[34] Procurando divulgar pelo clero a importância da criação duma tal estrutura, começava o autor por expor as diferenças entre o tradicional Patronato – vocacionado para a infância e mocidade[35], e o Salão Paroquial – mais de natureza recreativa e de dinamização cultural.

Por sua vez, o Salão Paroquial estava destinado a um público alvo mais vasto, que para além das crianças, contemplava jovens e adultos, servindo o espaço para "festas recreativas das juventudes, jogos da mocidade, reuniões da Acção Católica, conferências, sessões de cultura ou propaganda, catecismo de perseverança, etc." Sugeria que o 'grande lar cristão', animado com 'festas, jogos e distracções', fosse instalado ao lado da igreja, atraindo 'indiferentes e não praticantes' – atitude que pode ser interpretada numa perspectiva tanto evangelizadora como proselitista no descristianizado meio operário.[36]

> "Em alguma paróquias portuguesas, e nos centros urbanos da Itália e da França, o salão paroquial tem constituído um autêntico arsenal cinematográfico com as suas sessões cinematográficas, festas recreativas, centro de jogos e de reuniões de Acção Católica. Lembro neste momento apenas os de Campanhã e Gondomar."[37]

No caso particular de Gondomar, a cripta da igreja de S. Pedro da Cova projectada pelo grupo *ARS* na primeira metade da década de 1950, foi idealizada como uma sala de cinema, com bilheteira, bar e plateia. O programa adoptado procurava suprir as carências daquela zona do concelho, uma zona industrial mineira pobre e carente de tantos serviços, nomeadamente ao nível cultural e de recreio. O cinema foi o

---

[34] Gomes Diamantino, «Necessidade imperativa do Salão Paroquial », *Lumen - Revista de Cultura para o Clero*, vol. XI, fasc.XI, (Nov.1947), pp.618-620.

[35] "O patronato geralmente mal alojado e entregue à direcção de senhoras não pode pela estrutura da sua organização servir às necessidades apostólicas dos adultos, mesmo da chamada mocidade alta. A sua utilização tem-se limitado às crianças da catequese, da cruzada eucarística e a um ou outro centro de trabalhos manuais das raparigas. Mas as necessidades são mais vastas."
Ibid. p.618.

[36] Ibid. p.618.

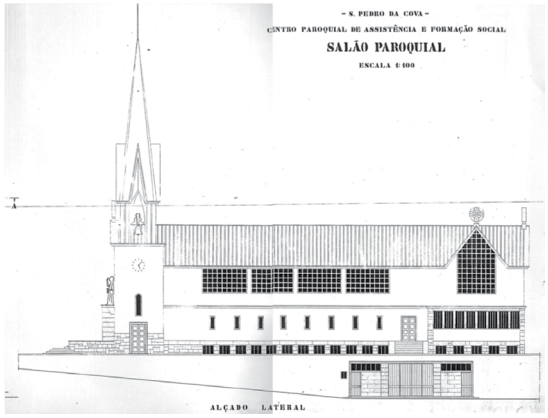
[37] Ibid. p.618.

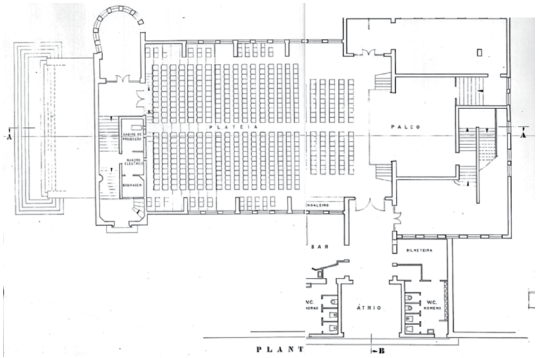






a. b.





c.

"Um salão paroquial, instalado convenientemente ao lado da igreja, para onde podem convergir os indiferentes ou não praticantes sem ferir os seus preconceitos. (...) Vítimas duma deficiente educação familiar ou das influências nefastas da fábrica, da oficina e do escritório, não há outro para os conduzir pouco a pouco à prática religiosa senão através de festas, jogos e distracções do Salão Paroquial"

Diamantino Gomes, «Necessidade imperativa do Salão Paroquial», *Lumen,* (1947), p.618.

6. Salão Paroquial ao serviço da comunidade mineira

a. b. c. Igreja de S. Pedro da Cova (c.1953) ARS arquitectos. *Arquivo FML-TR*

A fachada, o piso principal e a cripta usada como salão

c. Peças desenhadas: alçado lateral e planta do piso da cripta.

Salão paroquial instalado no piso da cripta e usado como sala de espetáculos

Na legenda lê-se: átrio, bilheteira, plateia, palco, cabine, bar, etc.

programa de eleição em muitos dos salões paroquiais projectados em Portugal[38], espelhando uma tendência verificada aliás um pouco por toda a Europa, em particular em Itália, onde a Acção Católica dinamizava mais de um milhar de salões paroquiais.[39] A igreja e cinema disputavam lugar, conforme escreveu Capellades na revista *L'Art Sacré* em 1959:

> "Dans la plupart des cas, l'église n'est plus l'expression visible d'une communauté mais l'édifice qui abrite une mosaïque que hétéroclite d'individus et, au mieux, une minorité consciente de son unité. Il faut bien l'avouer, le seul lieu où se fasse aujourd'hui l'unanimité de sentiment est le cinéma. C'est là que bat le coeur du quartier, surtout en milieu populaire. Voilà encore une fonction qui, dans le temps, fut remplie par l'église et dont on n'attend plus qu'elle le fasse."[40]

O interesse crescente pela cinematografia levou à criação, ainda na primeira metade da década de 1950, de uma equipa no seminário dos Olivais[41] que organizava sessões de projecção de filmes, encontros e debates, estando atenta às possibilidades do cinema que "da ingénua narração visual dum facto comum" transportava "para a tela o curso da vida humana nos seus múltiplos dramas, analisando subtilmente os ideais (...)"[42]

> "(...) quantas vezes em Portugal se pensa que a vida 'normal', 'corrente', se desenrola no estrangeiro e não cá, assim o cinema descrevia uma realidade, um conjunto de problemáticas que se apresentavam elas próprias como 'realistas', e capazes de conduzir ao verdadeiro conhecimento da realidade."[43]

Paralelamente, um grupo de universitários criariam o seu próprio cineclube católico, o *Centro Cultural de Cinema – cineclube de Universitários para uma Cultura*

---

[38] Francisco Perestrello, «A Igreja e a cultura cinematográfica no último meio século», em *A Igreja e a* Cultura *Contemporânea em Portugal*, coord. Manuel Braga da Cruz e Natália Correia Guedes (Universidade Católica Editora, 2000), pp.273-330.

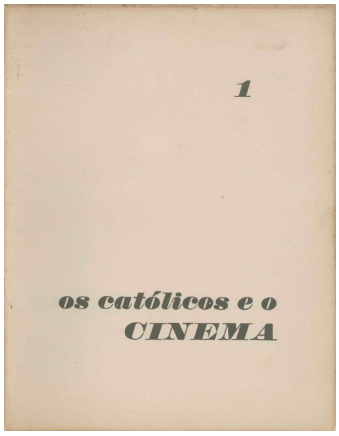
[39] "Entre nós, a iniciativa tem preocupado não poucos responsáveis pela educação da nossa juventude. Mas são ainda tão insignificantes as realizações... Urge que os católicos se apercebam da necessidade e importância deste meio de apostolado... e sã recreação. Tanto dinheiro gasto em exterioridades, por ocasião de certas festividades religiosas, melhor emprego teria se fosse consagrado à construção de bons salões paroquiais, com as indispensáveis montagens técnicas."
[Observador], «Vamos aos cinemas paroquiais!», *A Voz do Pastor*, ano XXXVII, nº40, (5.Out.1957), p.2.

[40] Marie-Robert Capellades op., «L'église dans la cité», *L'Art sacré nº5 - 6*, (Jan.1959), pp.10-11.

[41] A equipa de cinema dinamizada por José Vieira Marques (1934-2006) surgiu posteriormente à de arte sacra dinamizada por João de Almeida e antecedeu a de sociologia religiosa impulsionada pelo pe. Manuel Falcão. À semelhança destas equipas, a equipa de cinema também publicou artigos na revista do seminário *Novellae Olivarum*, dos quais destacamos os artigos de José Vieira Marques, Artur de Lemos, Luís Moita e Luís de Andrade Pina, entre outros.

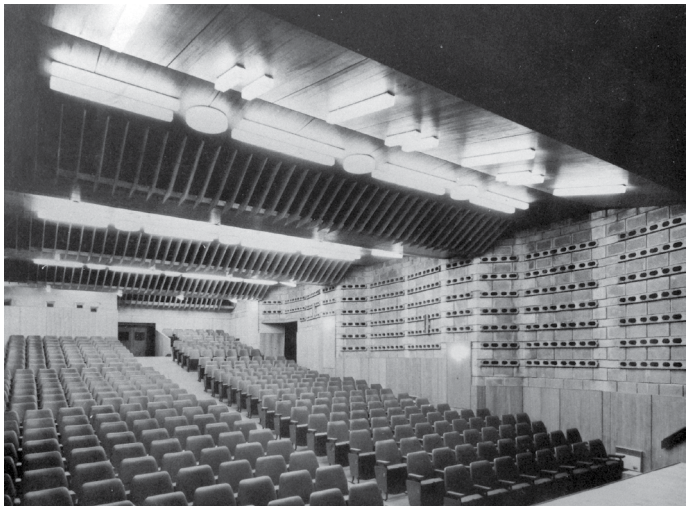
[42] José Vieira Marques, «Pio XII e o Cinema », *Novellae Olivarum - revista dos alunos do seminário de Cristo Rei - Olivais* , ano XVI, nº 134 (Mai.1956), p.114.

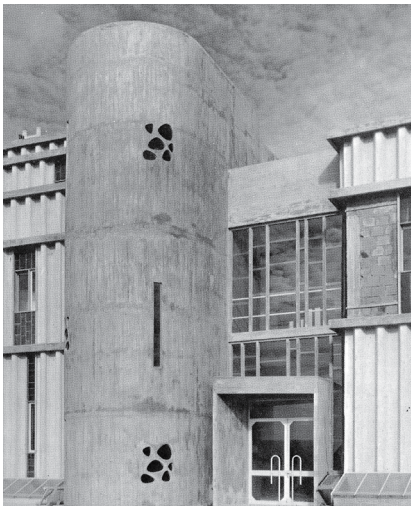
[43] Fernando J. Micael Pereira, «Equipa de Sociologia Religiosa», em *Por caminhos não andados - Seminário dos Olivais 1945-1968* (Multinova, 2007), p.169.





a. b.





c. d.



e.

"A sala é pequena, como convém a um 'estúdio' mas funcional e confortável. Dispõe de 442 cadeiras, dum azul suave, distribuídas pela plateia e balcão concebidas de forma a propiciar a maior comodidade ao espectador. Na sua construção houve em tudo uma grande preocupação de economia (...) instalou-se um sistema de condicionamento de ar – pela primeira vez na história do cinema do Porto (...) Do ponto de vista estético e composição plástica, cabe salientar a grande unidade cromática e o jogo harmónico na combinação da madeira com o uso de tijolos vulgares furados com o fim de substituir os materiais de correcção acústica (...)"

«Cinema Estúdio»,
em *Centro de amor na cidade da caridade*
(Porto: Centro de Caridade do Perpétuo Socorro, 1974). p.s/n.

7. Salão - sala de cinema
a. 'Os católicos e o cinema'.
b. Sagrado Coração de Jesus (Lisboa) arqs. Nuno Teotónio Pereira e Nuno Portas
c. d. Estúdio 400 - Centro Paroquial de S. Miguel de Nevogilde (Porto) arq. Luiz Cunha
e. Cinema Estúdio - Centro de Caridade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro (Porto) arq. Luiz Cunha

Cinematográfica Cristã, em que participaram Nuno Portas, Paulo Rocha, Pedro Tamen, Nuno de Bragança, João Benárd da Costa.[44] Nuno Portas recorda a expectativa daquele cineclube vir a dinamizar o salão do Sagrado Coração de Jesus, ao Marquês de Pombal em Lisboa.[45] Na cidade do Porto surgiam também, ao longo da década de 1960 e 1970, verdadeiras salas de cinema associadas a espaços da Igreja como o Cinema Estúdio (1967) no centro de caridade Perpétuo Socorro e o Estúdio 400 (1976) no centro paroquial de Nevogilde, ambos projectados na década de 1960 por Luiz Cunha. Parelamente, em espaços informais eram também projectados filmes fosse no Seminário Maior[46] ou nas sedes dos movimentos de Acção Católica. Ainda que os salões fossem populares nas periferias onde escasseavam equipamentos culturais também integraram os projectos de novas igrejas a construir em contexto urbano, muitas vezes aproveitando o piso da cripta para a instalação dos ditos salões/salas de cinema.[47]

Ainda que a componente recreativa e lúdica fosse uma característica marcante da identidade do salão, este não se devia reduzir nem a recreio infantil, nem a sala de espetáculos ou de cinema, devendo a possibilidade de diferentes usos ser salvaguardada nos salões a construir por todo o país, em centros urbanos ou rurais.

---

[44] Alguns dos membros mais activos do cineclube juntar-se-iam em Janeiro de 1963 para lançar a revista *O Tempo e o Modo*, um projecto de António Alçada Baptista.

> "(...) enquanto expressão da mudança de paradigma eclesiológico que o concílio consagrou, assiste-se (...) ao aparecimento (...) da iniciativa directa de católicos que, enquanto tal, resolvem organizar-se para intervir em determinados campos da vida social. Foi o que aconteceu, por exemplo, e de modo muito expressivo, com o projecto da Livraria Moraes e, muito particularmente, da revista *O Tempo e o Modo* (1963-1967), que 'inaugurou na sociedade portuguesa um espaço de diálogo entre católicos e outros meios culturais', tornando-se 'uma referência fundamental na década de 60 em Portugal'(...)"

D. Manuel Clemente e Paulo F. Oliveira Fontes, «Vitalidade do catolicismo nos séculos XIX e XX», em *História Religiosa de Portugal*, coord. Carlos Moreira Azevedo (Lisboa: Círculo de Leitores, 2002), p.228.

[45] "Nós acreditávamos muito que o Cine Clube Católico, que nessa altura ainda tinha peso, podia ser um dos elementos importantes para ocupar o complexo. Isso daria uma atracção muito especial, com filmes escolhidos."

Nuno Portas, «entrevista conduzida por Nuno Grande (16.Mai.2013)», citado em Luís Urbano, «Entre dois mundos - Arquitectura e Cinema em Portugal, 1959-1974» (Universidade do Porto, 2014), p.356.

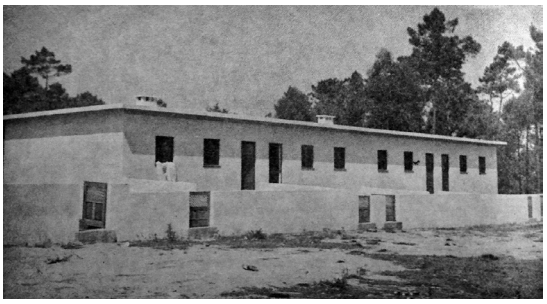
[46] "É preciso, pois, que os católicos portugueses se decidam a conhecer as luminosas directivas de Pio XI e Pio XII sobre a matéria e passem a trabalhar corajosamente na cristianização e aproveitamento do cinema.

O orador, que foi escutado com o maior interesse pelos seminaristas, numerosos sacerdotes do Porto e de fora, e muitos leigos convidados, apresentou e comentou, por fim, a película de tese social, da escola neo-realista italiana, 'Ladrões de Bicicletas', cuja exibição muito agradou."

«Os futuros sacerdotes do Porto estão 'à la page'», *A Voz do Pastor*, (8.Fev.1958), p.2.

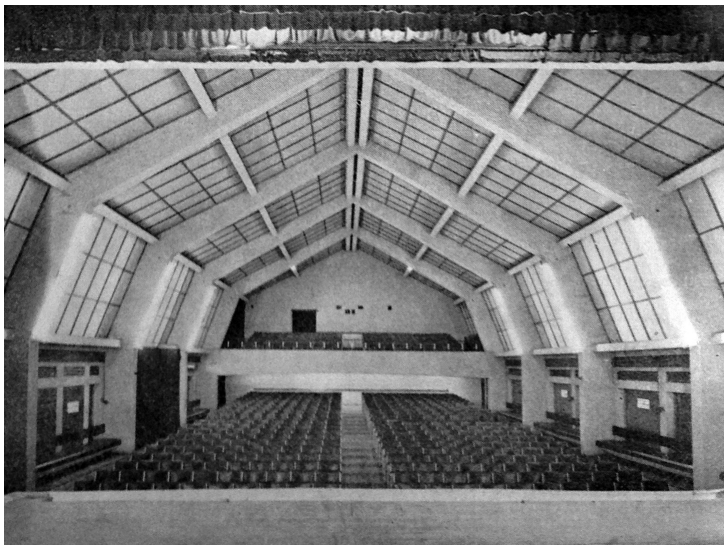
[47] Vejam-se os programas de diversas igrejas onde não faltam espaços reservados para palco e cabines de projeção. Recordamos o caso particular das três igrejas construídas em Lisboa – Santo Condestável, S. João de Deus e S. João de Brito – em todas elas foi aproveitada a cripta como espaço de salão. Esta solução tipológica foi e é recorrente em grande número de igrejas.





a. b.





c. d.

"A lotação da sala de espetáculos propriamente dita, fixa pela Inspecção Geral de Espetáculos é de 500 lugares, mas de pé se necessário o salão pode comportar mais de 1000 pessoas.
O Salão paroquial tem sido utilizado por todas actividades, tais como: cinema-teatro, concertos sinfónicos, orfeãos, saraus de arte, espetáculos de teatro profissional e amador, espetáculos de variedades, por onde têm passado não só os agrupamentos da nossa terra, e da nossa Paróquia, como os melhores artistas profissionais, da rádio, televisão e da canção e disco, etc. (...) Como cinema, são exibidos anualmente mais de 200 filmes, com cerca de 500 sessões."

1951-1976, *25 anos ao serviço da paróquia de Matosinhos* (Paróquia de Matosinhos, 1976). p.s/n.

8. Paróquia de Matosinhos

a. b. c. d. Benção da Capela, inauguração de um bairro para pobres,
lançamento da 1ª pedra do Centro Paroquial (Matosinhos, 1956) arq. Álvaro Siza

A obra do centro paroquial e a das casas para pobres eram dois programas distintos que espelhavam uma mesma vontade de cobrir as carências da comunidade local, fossem elas de natureza assistencial, formativa, cultural, recreativa ou habitacional.

3.2.1. 'Centro de vida para a comunidade'

Centro Paroquial de Matosinhos (1956-1962)

A construção do centro paroquial desenhado por Álvaro Siza, vizinho à igreja do Senhor de Matosinhos, é reflexo desta política de complementar a igreja com espaços de uso pastoral, referida já no final da década de 1940.

O lançamento das obras foi celebrado a 22 de Janeiro de 1956, a par da inauguração da capela de Santo Amaro renascida em "gótico moderno (...) encimada por uma cruz, que estará sempre iluminada de noite, para ser vista pelos pescadores do alto mar[48]" em substituição da capela barroca "sacrificada ao progresso", conforme documentou o semanário diocesano.[49] No mesmo jornal, na página ao lado, lia-se um artigo intitulado "Sede Paroquial de Obras e Serviços, ideias gerais de programa" onde o problema do salão era uma das primeiras vezes debatido e onde era reafirmada a importância de estabelecer um programa para ele.[50]

---

[48] A construção da torre, com 40 metros, rematada pela cruz luminosa reforça a importância da igreja enquanto marco territorial. Semelhante preocupação esteve na concepção da igreja projectada de Luiz Cunha para Nevogilde (Porto, 1968-1972):

> "Do terraço eleva-se uma cúpula, ao cimo do qual se poderá subir um sistema de diversas escadas exteriores de onde se disfruta uma vista circundante que se espraia até à costa. Esta cúpula será simultaneamente um elemento visível para as embarcações que circulem no mar entre a Foz do Douro e o Porto de Leixões, desempenhando portanto também uma função de 'referência' ou de 'sinal'."

que originaria a crítica de Diogo Lino Pimentel presente .

> "Uma igreja edifício que se pretende 'ponto de referência' ou 'monumento' ou fulcro será sempre uma igreja que se impõe e não uma igreja que se propõe. (...) De nada vale (...) tornar praticável a cúpula e fazer dela miradouro. Também isso não basta para atenuar a descabida arrogância da sua presença. Nada me importaria que no mesmo local houvesse um objecto-ponto-de-referência arrogante e predominante em relação à paisagem envolvente, mas não consigo admitir que tal objecto seja igreja, porque contradiz a sua própria razão, a sua verdadeira função, e irremediavelmente atraiçoa a realidade que deveria exprimir."

Diogo Lino Pimentel, «Igreja paroquial de Nevogilde, Porto», *Arquivo SNIP*, (17.Jun.1968).

[49] "O sr. António Siza Vieira [tio de Álvaro Siza] aludiu ao património religioso da vila, que os pais deixaram, por herança, aos filhos, sendo de obrigação erguer a nova Capela para substituir a sacrificada ao progresso."

«Matosinhos em festa - benção e lançamento da primeira pedra para a Capela de Santo Amaro », *A Voz do Pastor*, ano XXXIII, nº9, (7.Mar.1953), p.2.

A nova capela de S.to Amaro (Matosinhos, 1953-1956) é da autoria de Bruno Alves dos Reis, também autor do projecto do Salão Paroquial de Leça da Palmeira (1962). A demolição da antiga capela foi motivada pela construção do novo mercado (1936-1952) do grupo *ARS* arquitectos. Ambos os projectos, do mercado e nova capela, integraram a exposição "Marques da Silva - Exposição conjunta das principais obras do mestre e de alguns dos seus discípulos". [ver cap 5.1.2]

[50] "Verifica-se com efeito que muitas vezes se fala em construir ou, o que é pior, se começa a construir sem saber o que se quer nem quais as funções que o edifício deve preencher. Por outro lado, alega-se muitas vezes que a freguesia tem pouco dinheiro e por isso vai fazer-se uma coisa à medida das possibilidades, verifica-se depois, geralmente tarde demais, ter-se feito coisa que para pouco mais serve do que... para desfazer."



Arq. Álvaro Siza Vieira

III — Centro de Assistência Paroquial de Matosinhos

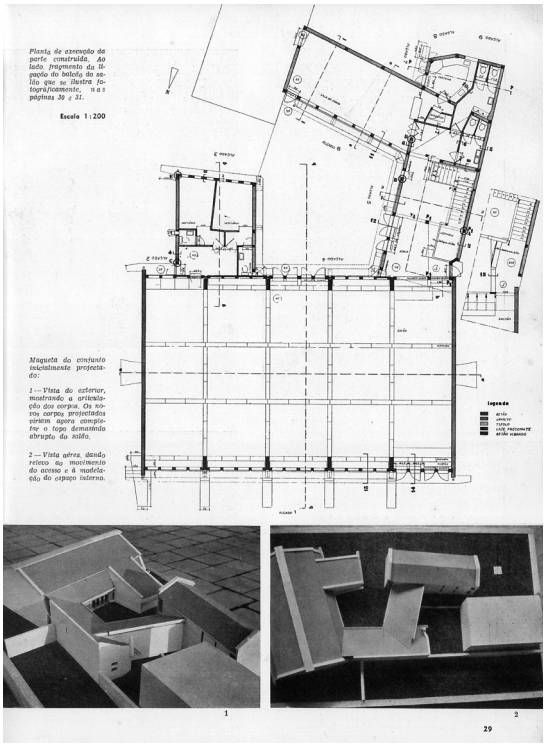
c) O Complexo Paroquial de Matosinhos era, em minha opinião, a experiência mais rica de ensinamentos para estes problemas que nos ocupam, se o seu autor não tivesse sido afastado antes da sua finalização. Se o projecto inicial é já contemporâneo das primeiras moradias, tem sofrido alterações significativas e tinha sido, recentemente, objecto de uma revisão, ligada a alteração de programa, com que Siza Vieira procurava solucionar aspectos que considerava defeituosos no primeiro desenho.

Um conjunto paroquial é um centro de vida para uma comunidade e não *uma* casa de espectáculos *mais* instalações de catequese, *mais* instalações de assistência.

Esta ideia marcou profundamente a estrutura da obra: uma entrada em garganta que seria um inconveniente, em si mesma, foi aproveitada para acentuar o pátio onde desemboca; é em torno deste que se distribuem as peças que constituiam o programa primitivo. A clareza e a vitalidade de um pátio dependem tanto da sua forma como do modo como se relacionam com ele as peças que o rodeiam. O tema do espaço contínuo a que nos vimos referindo e que une todo o complexo, interiormente expande-se para este pátio por uma fenestração de forte detalhe (mais uma vez o detalhe se subordina à função espacial). Mas a disposição em torno deste fulcro aberto e a ideia do espaço sem soluções de continuidade eram particularmente ingratas num caso que continha simultâneamente um grande salão e corpos baixos destinados a funções muito diferentes. Se Siza Vieira obteve interiormente as soluções de ângulo que se documentam, notáveis pela sua riqueza e expressividade, já a articulação dos corpos no exterior resultou débil e vinha a impor uma organização diferente como a que o aumento do programa agora iria permitir. Ainda aqui, a inserção no exterior ficou aquém dos ambientes internos, mas esta dificuldade é comum a todas as gerações mais novas, que aceitem como método a primazia do espaço interno e que se está superada por Aalto, Sharoun ou Gardella, não cumpre senão a profecia de Wright. (Pode ser frutuosa, a este respeito, a comparação com a moradia no Estoril, de Vitor Figueiredo, cuja preocupação em alcançar a máxima expressividade externa ultrapassou as possibilidades temáticas

Em cima:
O conjunto paroquial no ambiente local. A igreja de Matosinhos emerge no terceiro plano.

Planta de localização do conjunto com os corpos projectados posteriormente e não construídos.



Planta de execução da parte construída. Ao lado, fragmento da ligação do balcão do salão que se ilustra fotogràficamente, nas páginas 30 e 31.

Escala 1:200

Maqueta do conjunto inicialmente projectado:

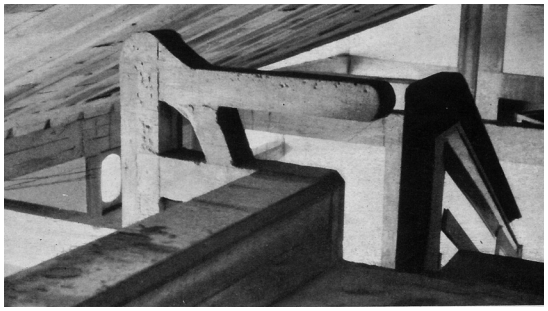
1 — Vista do exterior, mostrando a articulação dos corpos. Os novos corpos projectados virão agora completar o todo demasiado abrupto do salão.

2 — Vista aérea, dando relevo ao movimento do acesso e à modelação do espaço interno.

1

2

29





a.

9. 'um conjunto paroquial é um centro de vida para uma comunidade e não uma casa de espetáculos' Centro Paroquial de Matosinhos (1956) arq. Álvaro Siza
a. A obra na revista *Arquitectura* (Jul.1960) apresentada por Nuno Portas.

No caso particular de Matosinhos, a matriz polivalente inicial do projecto perdeu-se ao converter o salão em mera sala de espetáculos, um espaço de natureza pouco flexível. Segundo as palavras de Nuno Portas, na revista *Arquitectura*: "Um conjunto paroquial é um centro de vida para uma comunidade e não uma casa de espetáculos, mais instalações de catequese, mais instalações de assistência"[51]. Assim sendo, chamou a

> "(...) atenção para como, logo a partir do programa, foi entendida a vida de um complexo paroquial.
> Contra uma tendência absorvente em transformar este numa 'atracção', o arquitecto fez predominiar a função de encontro, de experiência comunitária, abrindo o grande salão para as peças vizinhas e, sobretudo, para o pátio; recusando a noção de balcão e palco de cinema, como o próprio espaço dirigido que estas salas implicam, foi um grande 'hall', permitindo a máxima liberdade de funções e de contactos entre os paroquianos, que prevaleceu."[52]

A crítica de Portas à obra de Siza em 1960 está profundamente informada pelo espírito do programa do concurso da igreja do Sagrado Coração de Jesus Lisboa, apresentado em Janeiro de 1958. Aí já se apelava ao sentido que deveria estar presente na concepção do centro paroquial – espaço por excelência onde a "comunidade toma consciência da sua própria existência como comunidade cristã" – caracterizado pela "unidade, garantida pela perfeita integração de todas as instalações", recusando o simples somatório de funções; e pelo "poder de adaptação à possível evolução do programa de acção" [53], nas palavras de Portas, 'máxima liberdade de funções'. Contudo nem todas as vozes na diocese partilhavam desta vontade de um uso polivalente do espaço, leia-se a título de exemplo, o artigo escrito no semanário *A voz do Pastor* em 1956 a propósito dos diversos serviços a instalar no salão paroquial:

> "Importa que todos os serviços mencionados funcionem com ordem e dignidade, dando-se-lhes por isso a devida ou possível autonomia. Pensar num salão único, onde tudo isso se misture, confunda, embrulhe e desembrulhe, é condenar os serviços à esterilidade, e convidar os auxiliares paroquiais a mútuas fricções e à fuga."[54]

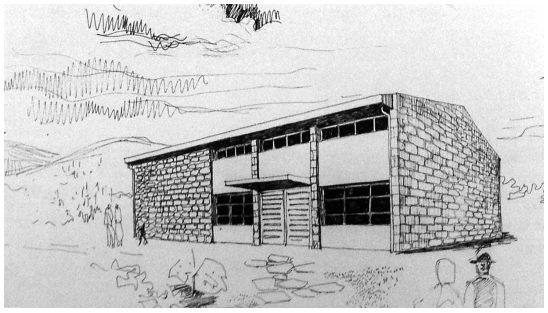
«Sede Paroquial de Obras e Serviços, ideias gerais de programa», *A Voz do Pastor*, ano XXXVI, nº4, (28.Jan.1956), p.1.

[51] Nuno Portas, «3 obras de Álvaro Siza, III - Centro de Assistência Paroquial de Matosinhos», *Arquitectura*, nº68, (Jul.1960), p.28 .

[52] Ibid. p.32.

[53] «Programa de construção da Igreja do SS. Coração de Jesus e seus anexos», *Novellae Olivarum - revista dos alunos do seminário de Cristo Rei,* ano XVI, nº148, (Jan.1958), p.28.

[54] «Sede Paroquial de Obras e Serviços, ideias gerais de programa», p.3.



a.





b. c.





d. e.

10. Salão Paroquial dos Remédios (Ponta Delgada, 1957-1966) arq. João Correia Rebelo

a. Projecto tipo Salão Paroquial.

b. c. Integração urbana - sobre a estrada, junto à escola.

d. e. O salão em uso pela comunidade

Arquitectura simples e pragmática. O desenho presente na guarda da escada em betão.

A obra construída espelha a vontade de proporcionar o encontro e a sociabilização – vejam-se os bancos contínuos no exterior, o rasgamento dos vãos, a continuidade e fluência espacial entre as várias partes do edifício.

3.2.2. 'Atitude de humildade do arquitecto'

Salão paroquial dos Remédios (1956)

O problema da descristianização não se limitava ao contexto urbano, e portanto a fórmula do Salão Paroquial era também aplicável no contexto rural. O artigo que temos vindo a analisar quase sugeria a criação de uma rede cristã alternativa às laicas Casas do Povo,[55] como se tratassem de entidades concorrentes. No campo da arquitectura, elas encontrar-se-ão anos mais tarde, partilhando tipologias e inclusivamente programas – veja-se a experiência das capelas salão do final da década de 1960. As carências económicas do final da década de 1940, entre a construção de igrejas e residências paroquiais, ditavam o atraso na construção dos salões e portanto apelava o autor à contribuição do Ministério das Obras Públicas, conforme já vinha ocorrendo em pontuais comparticipações.

Destacamos em particular o trabalho comparticipado pelo MOP e desenvolvido por João Correia Rebelo, um dos sócios fundadores do MRAR, que regressado aos Açores em 1956 projectou, no ano seguinte, um salão paroquial tipo.[56] Deste modelo foi construído um exemplar no lugar de Remédios (Ponta Delgada, 1957-66) próximo a uma escola e um lugar de devoção popular, um império do Divino Espírito Santo. Juntos aqueles três equipamentos formam uma pequena centralidade desenhada sobre plena estrada nacional, na costa norte da ilha de S. Miguel. Trata-se de um projecto de grande simplicidade e pragmatismo construtivo, na adopção de estrutura simples

---

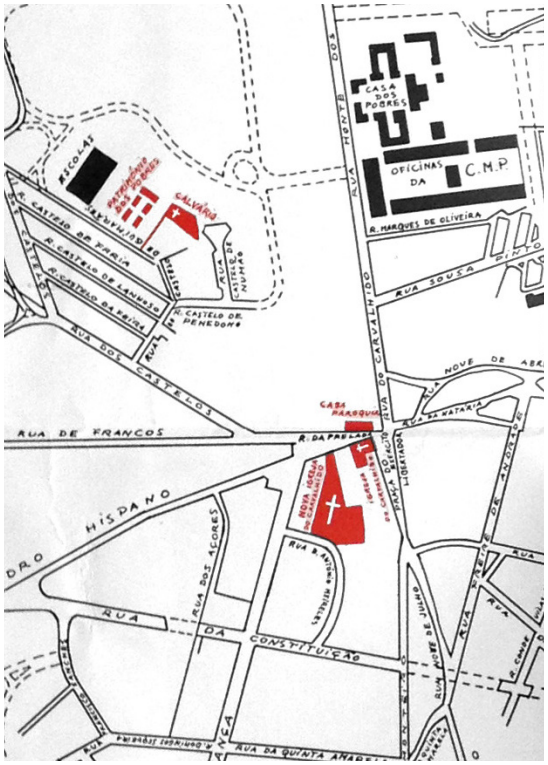
55 "As casas do Povo com o seu carácter laico, manejadas por caciques e médicos organizadores de bailes dissolventes ameaçam deslocar o centro paroquial para um local, onde o pároco não pode orientar a mocidade nem impedir bailes lascivos, nem controlar as revistas e os jornais que se assinam.
(...) Se pretendemos manter o espírito católico dos nossos camponeses, há que prevenir o futuro e encarar o homem integral na sua vida profissional e recreativa como complemento da vida religiosa."
Diamantino, «Necessidade imperativa do Salão Paroquial», p.616.

56 «Obras Públicas concluídas em 1966 (anexo nº 17)», em *Boletim do Comissariado do Desemprego* (Lisboa: Ministério das Obras Públicas, 1967), p.135.





a. b.



"_ Não tarda que a nossa freguesia, – garante – tenha a sua Casa, uma Casa que será, como a Igreja, o lar-de-todos!
_ E não são afinal parentes a Igreja e a Casa ? ...
_ Sem dúvida! Em plano diferente, é certo, as duas têm o mesmo rumo espiritual. Ceifeiras da mesma seara...
E que juntinhas vão ficar naquele Largo do Exército Libertador! Quase porta com porta..."

«A Casa da Paróquia do Carvalhido, apreciada através duma entrevista relâmpago com o senhor arquitecto Carlos Neves (...)», *Mensageiro do Carvalhido*, ano I, nº3, (Mar.1950), p.1.



c. d.

11. Paróquia do Carvalhido (Porto)
a. Igreja inicial, antiga capela da confraria
b. Casa paroquial (1950-1952) arq. Carlos Neves
b. Excerto da planta da paróquia, assinalando casas para pobres, casa paroquial, igreja e nova igreja
c. Igreja do Sagrado Coração de Jesus do Carvalhido (1966-1976) arq. Luiz Cunha

porticada em betão armado, que não chega a somar 250 metros quadrados de área coberta. Feito "à medida dos meios mínimos disponibilizados para a resolução do programa em contextos rurais", o projecto estava bem marcado pela "atitude de humildade do arquitecto que, para além de qualquer afirmação de autoria, dilui a sua actividade na vida da comunidade".[57]

3.3. Casa da comunidade – 'grande lar cristão'

Da Confraria à Casa Paroquial do Carvalhido (1950-1952)

A dificuldade em encontrar terrenos no contexto urbano levava à sugestão da cedência de espaços de Confrarias e Irmandades que pudessem ser adaptados a salões paroquiais. Foi aliás associada a uma confraria, a da Capela de Nossa Senhora da Conceição (Porto), que nasceu em 1940 a paróquia do Carvalhido.[58] No arranque da década seguinte foi construída uma das primeiras *Casas Paroquiais* – uma construção de raíz feita para acolher uma diversidade de serviços pastorais. Surgiu então um moderno prédio anónimo de seis pisos de complemento à tradicionalista igreja, que não ostenta qualquer cruz ou símbolo religioso. Mais do que uma opção projectual ou um profundo pensamento sobre o modo de integração dos diversos serviços da Igreja na cidade, foi a circunstância, a exiguidade da capela e sede da confraria, que ditaram a separação dos programas. Nas palavras do autor do projecto, arq. Carlos Neves aí paroquiano, tratava-se duma "Casa, que será como a Igreja, o lar-de todos", e que com ela partilhava "um mesmo rumo espiritual. Ceifeiras da mesma seara...".[59] Reforçava-se assim a unidade entre dois equipamentos de natureza programática diferente mas complementar que não

[57] João Paulo Martins, «A renovação da arquitectura religiosa», em *João Correia Rebelo um arquitecto moderno nos Açores* (Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano de Cultura, 2002), p. 56.

[58] A paróquia do Carvalhido esteve sediada na capela e casa da confraria. Aquelas instalações tinham sofrido obras de ampliação e melhoramento em 1935, segundo projecto do arquitecto Manuel Pereira. Consta do arquivo diocesano do Porto um estudo de ampliação datado de 1927, de traços neo-góticos, assinado pelo então estudante Manuel Pereira. A nova igreja paroquial só começaria a ser projectada em meados da década de 1960, por Luiz Cunha.
Anteriormente, em 1942, a paróquia transferiu para uma casa alugada na praça Exército Libertador diversas obras sociais e aí instalou o seu patronato. O lote foi comprado pela paróquia no ano seguinte. Em 1950 foi demolida a construção aí existente para dar lugar à construção de raíz da Casa Paroquial, projectada pelo arq. Carlos Neves.

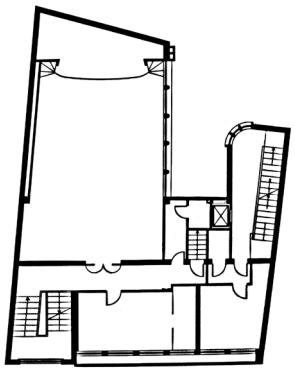
[59] «A Casa da Paróquia do Carvalhido, apreciada através duma entrevista relâmpago com o senhor arquitecto Carlos Neves, autor do projecto», *Mensageiro do Carvalhido - boletim mensal da paróquia do Carvalhido,* ano I, nº3, (Mar.1950), p.1.



a.

"A Casa da Paróquia é constituída por 6 pisos: cave;
rés-do-chão (cozinha, pátio, quarto do pessoal, sanitários,
consultório, secretariado, refeitório e duas entradas);
1º andar (2 salas de reuniões, 3 salas da escola infantil e sanitários);
2º andar (biblioteca, bufete, salão e cabine de projecção);
3º andar (residência paroquial); e terraço com parque de jogos infantis."

Carvalhido - 25 anos duma paróquia
(Porto: Paróquia do Carvalhido, 1967), p.112.



12. Casa paroquial do Carvalhido (Porto, 1950-1952) arq. Carlos Neves
a. O interior no estado actual.

Baseando-se nas indicações italianas da Comissão de Arte Sacra em consonância com o Ministério das Obras Públicas[69], referiu a importância da construção de salas de catequese, do salão paroquial e de espaços de recreio ao ar livre para as crianças, sugerindo que se acrescentassem ainda serviços assistenciais e campo de jogos. Não deixou de aproveitar a oportunidade para lembrar que o estado italiano comparticipava as obras, deixando o recado às autoridades portuguesas. De Itália, Cerejeira importou experiências pastorais, nomeadamente o *oratorio* - centro infantil e juvenil de uma paróquia geralmente dotado de um conjunto de salas, salão e campo de futebol, de modo a permitir a realização de actividades em tempos livres. Esta tradição, amplamente difundida pelas paróquias italianas desde o final do século XIX, nasceu do modelo de assistência recreativa e pedagógica destinado aos filhos de operários fabris de Turim, idealizado por D. Giovanni Bosco.[70] O carisma de D. Bosco teve repercussão em Portugal, tendo sido modelo e inspiração de diversas obras de assistência[71] e, claro, da rede de colégios salesianos.[72]

No caso particular das novas igrejas paroquiais a construir, alertou o cardeal Cerejeira, que não fossem esquecidas as áreas de recreio e de jogo destinadas à juventude.

---

acompanhar e informar o homem todo; ou como se (vale o mesmo) o Cristianismo se limitasse somente a alguns actos cultuais e não fosse uma vida, a vida de Cristo no homem, vida que ilumina, eleva e orienta todos os seus juízos, sentimentos e actos; ou ainda como se ele não precisasse de se incarnar em instituições, obras e actividades para ser eficaz."

D. Manuel Gonçalves Cerejeira, «Ainda o problema do Clero. Resultados, necessidades, previsões (1.Nov.1948)», em *Obras Pastorais, quarto volume 1948-1953* (Lisboa: União Gráfica, 1954), p.75.

[69] A propósito deste tema existe no arquivo do SNIP documentação traduzida em português - Circular nº 26 da Comissão Pontifícia Central para a Arte Sacra em Itália (21.Fev.1953). O documento redigido por Giovanni Costantini (arcebispo de Colosse) inclui, para além da Lei – Concurso do estado na construção de novas igrejas aprovada pelo governo da república italiana a 18.Dez.1952 – uma pequena carta dirigida a todos os bispos italianos que, a propósito da construção de novas igrejas, toca os seguintes temas: escolha do artista, casa paroquial e locais para o serviço do ministério sacramental.

[70] D. Giovanni Bosco (1815-1888), fundador da Pia Sociedade de São Francisco de Sales - Salesianos.

[71] Fundada no Porto em 1880, a Oficina de S. José - ensino profissional de artes e ofícios associado à educação moral e religiosa de jovens abandonados, pelo pe. Sebastião Leite de Vasconcelos, (posteriormente bispo de Beja) é exemplo do eco da obra de D. Giovanni Bosco em Portugal.
O carisma do fundador italiano, canonizado em 1934, foi também inspirador para o padre Américo que lançou a Obra da Rua em 1940.

[72]Os colégios Salesianos portugueses foram dotados de generosos espaços exteriores para o recreio e de capela para o culto. Nalguns casos estas capelas cumprem, hoje, funções de igreja paroquial. É o caso da igreja de Nossa Senhora Auxiliadora (Lisboa), Nossa Senhora Auxiliadora (Évora) e S. Domingos Sávio (Vendas Novas) projectada pelo arquitecto António Corte Real.

partilhando a mesma linguagem arquitectónica, gozavam duma proximidade estratégica, "quase porta com porta"[60], e tinham uma posição chave no tecido urbano, no largo formado pelo cruzamento de dois eixos viários, um deles estrada de acesso à cidade. A fachada da nova casa paroquial recuou, seguindo a imposição do plano de alinhamentos previsto para o largo, ocupando um lote de 14 metros de frente por 20 de profundidade.

A obra era resposta às 'exigências da vida paroquial moderna' e, portanto, merecedora de ser imitada, conforme reconhecera o bispo D. Agostinho em Dezembro de 1950[61]. Por cima dos quatro pisos de serviços (um deles ocupado pelo salão paroquial, com cabine de projecção) não faltava a residência do pároco, ligeiramente recuada em relação ao plano da fachada, rematada por um terraço – uma cobertura plana ao jeito de solário, que servia de recreio para as crianças do infantário, reinterpretação modesta das experiências de Le Corbusier.

As novidades da arquitectura eram assim introduzidas nos espaços de serviço da Igreja. Esta construção foi acompanhada de perto por diversas personalidades da vida pública e política da cidade que se envolveram na construção – desde o pe. Américo[62], da Obra da Rua, ao Engenheiro José Frederico Ulrich, ministro das Obras Públicas[63], que comparticipou parte da primeira 'Casa Paroquial' do país.[64] A obra foi lançada e acompanhada pela atenção do município e da diocese, tendo a cerimónia de inauguração

---

60 Ibid. p.1.

61 Agostinho de Jesus de Sousa, «Carta de S. Ex.a Rev.ma o Senhor Bispo do Porto», *Mensageiro do Carvalhido - boletim mensal da paróquia do Carvalhido,* ano I, nº12, (Dez.1950), p.1.

62 "Consolei-me de apalpar o granito das floreiras, de ver o espaço e as linhas de uma casa bem lançada. Estava ali o mestre de obras. Pedi-lhe a planta. Ele explica: vinte metros de fundo por catorze de largo e cinco pisos(...)
Uma igreja paroquial sem a casa anexa, não faz sentido. O que se prega lá dentro, tem necessariamente de se realizar cá fora. Não há outro caminho de fazer cristandade. O pároco do Carvalhido acertou. Quem não conhece o pároco, reconhece a Obra da Paróquia. É dar pão aos famintos; dar ossos e carne à vida das crianças, é curar as feridas. É ensinar a ler. A Obra não pode parar e depois de feita, tem de ser mantida. Assim se fazem as revoluções à sombra da Igreja."
Américo Monteiro de Aguiar, «Aqui fala Pe. Américo», *Mensageiro do Carvalhido - boletim mensal da paróquia do Carvalhido*, ano I, nº12, (Dez.1950), p.1.

63 A obra foi visitada pelo director de Serviços de Urbanização da Cidade, vereadores e até o ministro das Obras Públicas, acompanhado do Governador Civil e do presidente da Câmara Municipal.
«A nossa Casa Paroquial», *Mensageiro do Carvalhido - boletim mensal da paróquia do Carvalhido*, ano II, nº17, (Mai.1952), p.1 e 3.

64 Da leitura dos boletins anuais de obras públicas encontramos, em 1952, a primeira referência à construção autónoma de uma Casa Paroquial que reúne uma valência diversificada de serviços. Tratou-se da Casa Paroquial do Carvalhido.
«Obras Públicas concluídas em 1952 (anexo nº3)», em *Boletim do Comissariado do Desemprego* (Lisboa: Ministério das Obras Públicas, 1953), p78.

em Dezembro de 1952 sido presidida por D. António Ferreira Gomes.[65] Dias antes, no boletim da paróquia, surgiu um texto dando notícia da entrada em funcionamento da Casa Paroquial conforme seria mais tarde recordado na monografia da paróquia - um 'prédio', 'Casa do Povo':

> "Aí está o prédio pronto a funcionar no desempenho da alta Missão para que foi gizado – sede geral de todas as obras sociais da paróquia, desde a obra de catequese à Acção Católica, às conferências vicentinas, dispensário, refeitório, biblioteca, consultório médico, secretariado, escolas infantis e de adultos, patronato, actividades culturais e recreativas e residência paroquial.
> É bem a 'Casa do Povo' Carvalhidense onde todos cabem, nos vínculos duma grande caridade cristã e no mais perfeito espírito de colaboração social e mútuo auxílio material e moral."[66]

O que hoje se apresenta como um vulgar prédio na cidade, entalado entre lotes, foi de verdade uma construção pioneira, ainda que lhe faltassem, no entendimento do pároco, o campo de jogos e o lactário, "entre tantas obras que são imprescindíveis numa paróquia moderna".[67]

3.4 'Programa de uma igreja paroquial nova'

S. João de Brito e o cruzamento de experiências europeias (1955)

Em 1955, na inauguração da igreja de S. João de Brito (Lisboa), o cardeal patriarca para lá da exposição dos problemas das igrejas do patriarcado, falou sobre o "*programa de uma igreja paroquial nova"*. Defendeu que a igreja não era só um lugar de culto sendo, em primeiro lugar, a "célula viva da comunidade cristã". Para tal a igreja, além de ser espaço de culto, deveria promover áreas para o "ensino, apostolado, beneficência e recreação" – quatro campos de acção que considerou prioritários. Era portanto necessário pensar "para além do templo com as dependências habituais", contrariando a ideia de um "Cristianismo [que] se limitasse somente a alguns actos cultuais".[68]

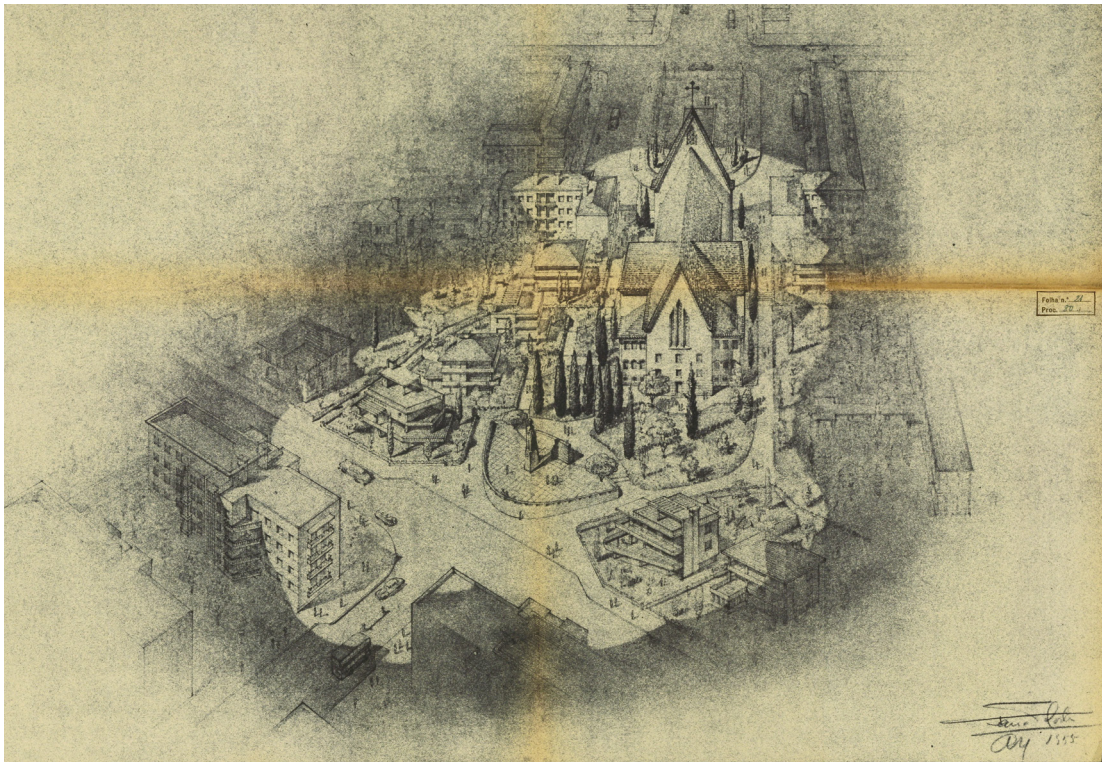
---

[65] «Um grande dia. A primeira visita pastoral do Senhor Bispo do Porto. A solene inauguração da nossa Casa Paroquial », *Mensageiro do Carvalhido - boletim mensal* da *paróquia do Carvalhido*, ano III, nº36, (Dez.1952), p.1 e 3.

[66] *Carvalhido - 25 anos duma paróquia*, p.111.

[67] Ibid. p.112

[68] "Tem sido propósito de todos os totalitarismos, qualquer que seja a tinta com que se pintam, reduzir a acção da Igreja aos templos; melhor, asfixia-la dentro deles. Como se a Igreja não devesse



a.



b.

13. 'central motora de todas as energias espirituais e necessidades materiais'
o outro lado da igreja S. João de Brito (Lisboa, 1951-1955) arq. Vasco Regaleira
a. Estudo de protecção à igreja S. João de Brito (1957) arq. Gonçalo Ribeiro Telles
b. Telas finais - cortes e alçado posterior

> "O exemplo de S. João Bosco e de todos os educadores da Juventude, mostra quão útil é não só na parte física mas também na espiritual, uma área reservada aos jogos e ao movimento."[73]

De facto, o programa da igreja de S. João de Brito contemplava já múltiplas vertentes procurando ser a "nova igreja a central motora de todas as energias espirituais e das necessidades materiais" fruto de um programa "idealizado pessoalmente na parte funcional por Sua Eminência o Cardeal Patriarca de Lisboa"[74] onde faltariam apenas áreas exteriores reservadas ao jogo ao ar livre.[75] A solução esboçada por Vasco Regaleira tirava partido do desnível do terreno, deixando o acesso de nível à igreja à cota superior e distribuindo uma variedade de serviços por três pisos inferiores, acessíveis pela zona tardoz. O bairro de Alvalade era assim dotado, por detrás da igreja, de múltiplos serviços, para lá do exclusivamente litúrgico localizado a eixo da avenida. Uma análise ao programa permite perceber que, na essência, este não diferia assim tanto do apresentado no concurso para a igreja do Sagrado Coração de Jesus e seus anexos, onde foram igualmente pedidas instalações para grupos, residência para o pároco e coadjutor, espaço para uma pequena comunidade religiosa, salas para serviços de enfermagem e vasto salão – conformando um centro paroquial entendido no programa,

> "a) como casa da família paroquial, será acolhedor, simpático e alegre, e disporá dos recintos e instalações que permitam encontros frequentes, fáceis e agradáveis dos paroquianos entre si num ambiente familiar;
> b) como centro de formação cristã, terá salão e salas para sessões culturais, instrução catequética e escola, biblioteca e centro de informações;
> c) como centro de irradiação missionária, compreenderá as sedes das obras, associações e movimentos de apostolado;
> d) como centro de irradiação da caridade, terá as instalações necessárias para os serviços médicos, sociais, de beneficência e outros."[76]

Contemplavam-se assim os quatro campos de acção enunciados em Alvalade pelo cardeal Cerejeira. No mesmo discurso, Cerejeira recordou palavras proferidas ao seu

---

[73] D. Manuel Gonçalves Cerejeira, «As igrejas novas do Patriarcado (2.Out.1955)», em *Obras Pastorais, quinto volume 1954-1959* (Lisboa: União Gráfica, 1960).

[74] Artur Santa Bárbara, «A Igreja da Avenida da Igreja», *Flama revista semanal de actualidade*, ano XII, nº393, (16.Set.1955), p.8.

[75] O arranjo exterior foi realizado posteriormente por Gonçalo Ribeiro Telles.

[76] «Programa de construção da igreja paroquial do SS. Coração de Jesus e seus anexos», *Arquivo SNIP*, 1962, p.14.

clero em 1948[77] que já então tinham revelado estar a par de experiências internacionais da Igreja anglicana inglesa e do esforço na reconstrução após a segunda grande guerra. Apesar das diferenças, as Igrejas partilhavam semelhantes desafios e complementavam as suas ofertas com áreas "de ensino, educação, assistência, apostolado e recreio".

Já em 1942, em plena Guerra Mundial, a revista *Arquitectos* tinha manifestado interesse pela produção arquitectónica inglesa, que surgir(i)a naquele contexto de destruição. Era vista com expectativa aquela que seria uma oportunidade para os arquitectos de renovar a arquitectura, como exprimiu Cottinelli Telmo na introdução daquele número dedicado exclusivamente à 'Arquitectura em Inglaterra', redigido em parceria com o Instituto Britânico:

> "E como não podemos também abstrair do panorama de 'destruição' não podemos também deixar de pensar no reverso da medalha, na 'construção', no amanhã, naquilo que surgirá em substituição do que existiu, na acção presente e futura dos arquitectos das nações em guerra, no seu pensamento actual, nos pensamentos novos que têm brotado duma fonte que parece ser só de horrores mas que é fonte também de novas energias e inspirações."[78]

Ora neste número especial a temática da arquitectura religiosa não foi descurada.[79] A mesma revista que tinha dado voz ao cardeal Cerejeira em 1938, aquando da inauguração da igreja de N.ª S.ra de Fátima, encontrou em 1942 na arquitectura religiosa inglesa motivo de regozijo pois ela não era "uma mera combinação do velho com o novo, mas antes um produto da tradição", conceito caro que recuperava o tom do seu discurso de 1938.[80] Testemunhavam este processo as muitas igrejas que empregavam novos métodos construtivos, numa atitude de originalidade surgida

---

77 "As igrejas cedo ficariam vazias sem uma rede de obras de ensino, educação, assistência, apostolado e recreio, que carecem de casa e de campo próprios. É ver como na Inglaterra anglicana o plano de reconstrução de zonas devastadas prevê a igreja envolvida em anexos, para complemento da sua acção."
D. Manuel Gonçalves Cerejeira, «Ainda o problema do Clero. Resultados, necessidades, previsões (1.nov.1948)», em *Obras Pastorais, quarto volume 1948-1953* (Lisboa: União Gráfica, 1954), pp.74-75.

78 Cottinelli Telmo, «Introdução - arquitectura em Inglaterra», *Arquitectos - revista oficial do sindicato nacional dos arquitectos* (Lisboa, Set.1942). p.XII.

79 É desconhecido o autor do artigo dedicado às igrejas inglesas, ao contrário de todos os outros da revista assinados por diversos arquitectos ingleses.

80 "Igreja moderna, pois quer servir a Deus, 'Beleza eterna, sempre velha e sempre nova', na linguagem do nosso tempo."
D. Manuel Gonçalves Cerejeira, «Na inauguração da igreja de Nossa Senhora de Fátima (13.Out.1938)», em *Obras Pastorais, segundo volume 1936-1942* (Lisboa: União Gráfica, 1961). p.156

> "(...) dentro dos férteis limites impostos pelas novas condições que inevitavelmente cercam os problemas novos. É talvez nesta saudável perspectiva – nesta doce moderação – que está a diferença principal entre as igrejas inglesas modernas e muitas das que foram recentemente construídas no continente, onde muitas vezes salta à vista que o princípio que norteou o arquitecto foi simplesmente o de 'por épater le bourgeois'."[81]

No mesmo artigo era referido o processo de desmembramento de dioceses inglesas, com vista a uma administração mais eficiente. Foi igualmente tratada a adopção de um sistema construtivo económico capaz de responder à condicionante financeira da época. O tijolo foi a alternativa à dispendiosa construção em pedra, sem que isso fosse sinónimo de menor potencialidade plástica, como aliás já tinha sido expresso anos antes na revista *A Arquitectura Portuguesa e a Cerâmica e Edificação*.[82] Segundo o artigo dedicado às igrejas inglesas, os arquitectos tinham "quebrado as algemas da arqueologia"[83] e tinha surgido uma arquitectura renovada como comprovava a ilustração da igreja de Etham (1932-1933) – uma obra sobre a qual Raul Lino reflectira na conferência "Espírito em Arquitectura" no Rio de Janeiro, em 1935.[84]

Abrimos aqui este breve parêntesis sobre a arquitectura religiosa inglesa do pós guerra porque se Cerejeira tinha manifestado o conhecimento das múltiplas valências oferecidas pela Igreja anglicana, aos arquitectos portugueses interessou a ideia de unidade que essas valências podiam adquirir na constituição de um núcleo, fosse ele construído em contextos urbano ou rural.

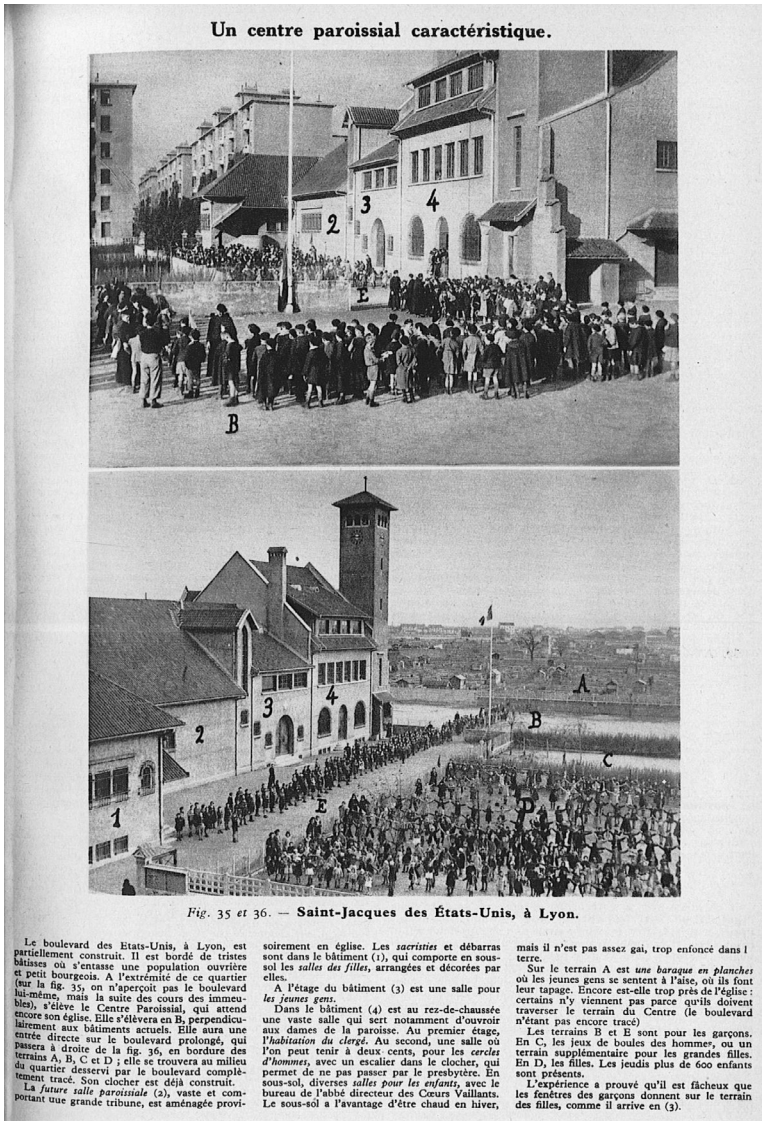
---

[81] «igrejas», *Arquitectos - revista oficial do sindicato nacional dos arquitectos* (Lisboa, Set.1942). p.30.

[82] "O emprego corajoso dum material pobre, como elemento dominante de construção, e o 'enriquecimento' procurado na grande linha, a um tempo simples e audaciosa – são notas de singular felicidade e traduzem, dentro duma fidelidade ao ambiente que era necessário criar, soluções inteligentes para mais dum aspecto da questão."
J. Ribeiro, «Breves anotações sobre Arquitectura Religiosa», *A Arquitectura Portuguesa e a Cerâmica e Edificação*, ano XXIX, 3ª série, nº13-14, (Abr.-Mai.1936), p.85.

[83] «igrejas», p.30.

[84] "Em qualquer caso vemos aqui [igreja de Etham, Inglaterra] a materialização duma ideia bem definida: a igreja cristã, pronta a acolher no seu seio todo aquele que for assaltado pela dúvida(...) Admiremos a sinceridade e a seriedade desta obra arquitectónica. Com a introdução de algum pormenor imitativo de castelo ou fortaleza, o artista teria facilmente caído aqui em deslize de mau gosto, resvalando para a cenografia pueril."
Nessa ocasião para além de falar da 'sinceridade' e 'seriedade' revelou outros exemplos, abordando a 'humildade' da lógica construtiva:
"Este edifício [igreja de Leuna-Merseburg, Alemanha] é revelador da depressão financeira que se seguiu à Grande Guerra, mas eu creio ver nele também o reflexo de certo interesse que a Igreja actualmente mantém pelos problemas de ordem social."
Raul Lino, «Espírito em arquitectura (30.Mai.1935)», em *Auriverde Jornada* (Lisboa: Valentim de Carvalho, 1937), p.187 e 186. [ver anexo 14]



Un centre paroissial caractéristique.

Fig. 35 *et* 36. — **Saint-Jacques des États-Unis, à Lyon.**

Le boulevard des Etats-Unis, à Lyon, est partiellement construit. Il est bordé de tristes bâtisses où s'entasse une population ouvrière et petit bourgeois. A l'extrémité de ce quartier (sur la fig. 35, on n'aperçoit pas le boulevard lui-même, mais la suite des cours des immeubles), s'élève le Centre Paroissial, qui attend encore son église. Elle s'élèvera en B, perpendiculairement aux bâtiments actuels. Elle aura une entrée directe sur le boulevard prolongé, qui passera à droite de la fig. 36, en bordure des terrains A, B, C et D ; elle se trouvera au milieu du quartier desservi par le boulevard complètement tracé. Son clocher est déjà construit.

La *future salle paroissiale* (2), vaste et comportant une grande tribune, est aménagée provisoirement en église. Les *sacristies* et débarras sont dans le bâtiment (1), qui comporte en sous-sol les *salles des filles*, arrangées et décorées par elles.

A l'étage du bâtiment (3) est une salle pour *les jeunes gens*.

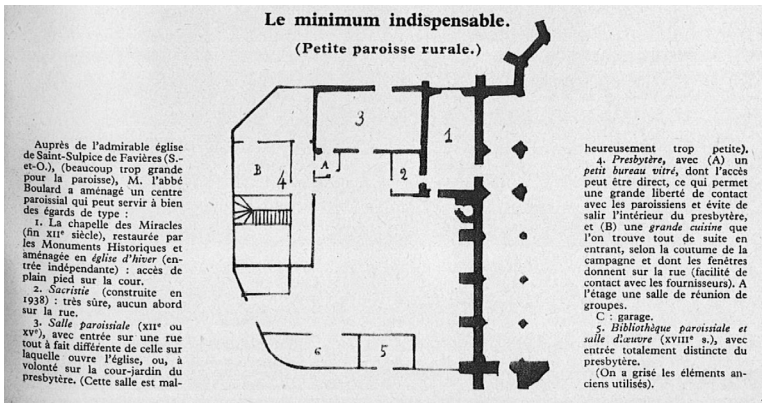
Dans le bâtiment (4) est au rez-de-chaussée une vaste salle qui sert notamment d'ouvroir aux dames de la paroisse. Au premier étage, l'*habitation du clergé*. Au second, une salle où l'on peut tenir à deux cents, pour les *cercles d'hommes*, avec un escalier dans le clocher, qui permet de ne pas passer par le presbytère. En sous-sol, diverses *salles pour les enfants*, avec le bureau de l'abbé directeur des Cœurs Vaillants. Le sous-sol a l'avantage d'être chaud en hiver, mais il n'est pas assez gai, trop enfoncé dans la terre.

Sur le terrain A est *une baraque en planches* où les jeunes gens se sentent à l'aise, où ils font leur tapage. Encore est-elle trop près de l'église : certains n'y viennent pas parce qu'ils doivent traverser le terrain du Centre (le boulevard n'étant pas encore tracé)

Les terrains B et E sont pour les garçons. En C, les jeux de boules des hommes, ou un terrain supplémentaire pour les grandes filles. En D, les filles. Les jeudis plus de 600 enfants sont présents.

L'expérience a prouvé qu'il est fâcheux que les fenêtres des garçons donnent sur le terrain des filles, comme il arrive en (3).

b.



Le minimum indispensable.

(Petite paroisse rurale.)

Auprès de l'admirable église de Saint-Sulpice de Favières (S.-et-O.), (beaucoup trop grande pour la paroisse), M. l'abbé Boulard a aménagé un centre paroissial qui peut servir à bien des égards de type :

1. La chapelle des Miracles (fin XIIe siècle), restaurée par les Monuments Historiques et aménagée en *église d'hiver* (entrée indépendante) : accès de plain pied sur la cour.

2. *Sacristie* (construite en 1938) : très sûre, aucun abord sur la rue.

3. *Salle paroissiale* (XIIe ou XVe), avec entrée sur une rue tout à fait différente de celle sur laquelle ouvre l'église, ou, à volonté sur la cour-jardin du presbytère. (Cette salle est malheureusement trop petite).

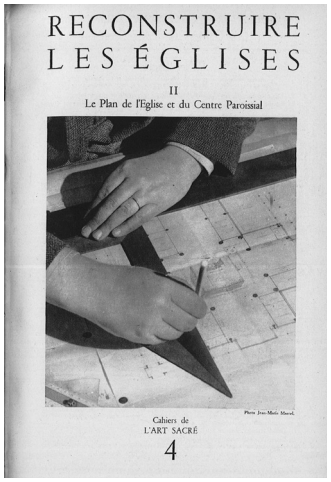
4. *Presbytère*, avec (A) un *petit bureau vitré*, dont l'accès peut être direct, ce qui permet une grande liberté de contact avec les paroissiens et évite de salir l'intérieur du presbytère, et (B) une *grande cuisine* que l'on trouve tout de suite en entrant, selon la coutume de la campagne et dont les fenêtres donnent sur la rue (facilité de contact avec les fournisseurs). A l'étage une salle de réunion de groupes.

C : garage.

5. *Bibliothèque paroissiale et salle d'œuvre* (XVIIIe s.), avec entrée totalement distincte du presbytère.

(On a grisé les éléments anciens utilisés).

c.



a.

14. A igreja e o centro paroquial

a. 'Reconstruire les églises. Le plan de l'église et du centre paroissiale' *L'Art Sacré* (1945)

b. Um centro paroquial num bairro de Lyon

c. 'O mínimo indispensável' numa paróquia rural

> "Há já muito que os arquitectos ingleses vêm insistindo na importância vital de construir igrejas, passais e centros paroquiais, de modo a formar uma unidade, defendendo que estes grupos de edifícios paroquiais devem constituir o núcleo dos centros modernos de cultura na cidade, na aldeia."[85]

Para além dos exemplos de Itália e Inglaterra relembramos, no final deste subcapítulo, a alusão à experiência belga feita pelo cardeal Cerejeira na carta pastoral de 1959. No tópico de abertura, 'A igreja e a Paróquia, o problema essencial das igrejas' escreveria o cardeal patriarca:

> "Em 12 de Novembro de 1952, na Carta Pastoral em que instituiu a obra *Domus Dei* para a construção de novas igrejas, sua Eminência o Senhor Cardeal Van Roey, primaz da Bélgica, escreveu: 'o remédio mais eficaz contra a descristianização das massas, e o primeiro a aplicar, é a construção dum centro paroquial, com a sua igreja própria e as suas obras adaptadas, em toda a parte onde o bem espiritual dum número respeitável de fiéis o exige'."[86]

3.5. Da igreja e seus anexos ao centro paroquial

Exigências da Paróquia Moderna (1954)

'Exigências da Paróquia Moderna' foi um dos temas tratados no primeiro Encontro de Estudos promovido pelo MRAR, em Dezembro de 1954,[87] pelo pe. Teodoro Marques da Silva, pároco da igreja de Nossa Senhora da Conceição (Caldas da Rainha, 1950-1951), incumbido pelo cardeal patriarca da construção da nova igreja cujo projecto foi desenvolvido por Vasco Regaleira.[88] Curiosamente, o mesmo padre que acompanhou o projecto de Regaleira falou da necessidade de ter presente a finalidade da construção de uma igreja paroquial cujo programa não "existe unicamente para dar glória a Deus, mas também para salvar os homens e educá-los" e afirmou a

[85] «igrejas», p.30.

[86] D. Manuel Gonçalves Cerejeira, «O grave problema das igrejas no Patriarcado de Lisboa (15.Dez.1959)», em *Obras Pastorais, quinto volume 1954-1959*, 1960, p.63.

[87] No mesmo encontro, organizado por J. Maya Santos, João de Almeida e N. Teotónio Pereira, o debate final foi dedicado ao tema "Adaptação das igrejas antigas às exigências actuais" moderado pelo arq. António Freitas Leal. As restantes conferências foram proferidas por membros do clero: Exigências da paróquia moderna – pe. Teodoro M. da Silva; O princípio e a natureza da Liturgia – pe. António dos Reis Rodrigues; A formação espiritual do artista – pe. Gustavo de Almeida; Liturgia e Arte – pe. José Ferreira.

[88] Cf. Susana Gonçalves, «Igreja Nossa Senhora da Conceição há 60 anos ao serviço da comunidade», *Gazeta das Caldas*, (14.Out.2011), p.19.

"necessidade de se complementar o templo com outros espaços e serviços".[89] Disse ainda que "dentro destes princípios cabe ao artista (arquitecto) saber qual a finalidade da Igreja e o lugar preciso onde devem ser colocados estes serviços todos"[90], para lá das necessidades litúrgicas e dos espaços sacramentais, temática para a qual manifestou abertura[91]; à situação das sacristias, das capelas mortuárias, dos espaços de catequese (diferenciados para crianças e adultos), e das salas para a juventude. Independentemente da contestação do movimento, às formas e aos modelos da obra de Regaleira[92], o programa da igreja das Caldas da Rainha reflectia já algumas destas preocupações.

A publicação das 'Directivas' litúrgicas alemãs (1955)

No final do ano de 1954, um artigo de João de Almeida na revista do seminário dos Olivais anunciou a publicação da tradução integral das "Directivas para a edificação da Casa de Deus segundo a liturgia romana", um documento resultante do trabalho de Theodor Klauser e da Comissão Litúrgica alemã que integrava entre outros peritos, Romano Guardini. Tratava-se de um documento que espelhava o amadurecimento da reforma litúrgica naquele país. João de Almeida fez ainda referência ao trabalho de Rudolf Schwarz e dos arquitectos suíços que muito lucravam da proximidade ao movimento de renovação litúrgica alemã, graças à participação em encontros no castelo de Rothenfels – lugar emblemático e fundacional daquele movimento.[93] Da Suíça

[89] João Alves da Cunha, «MRAR e os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal no século XX - a ação do Movimento de Renovação da Arte Religiosa nas décadas de 1950 e 1960» (Universidade de Lisboa, 2014), p.171.

[90] [MRAR], «Exigências da Paróquia Moderna - apontamentos da conferência do pe. Teodoro Marques da Silva», *Arquivo FCG-MRAR*, (4.Dez.1954), p.1.

[91] "Prosseguiu fazendo uma descrição programática da igreja, com indicações importantes para futuros projetistas, como a necessidade de tudo convergirem para o altar-mor, onde não era obrigatório colocarem o sacrário, e a importância de colocarem o púlpito num local bem visível e iluminado, onde a pregação pudesse ser feita de frente para as pessoas. Neste capítulo acrescentou que, também no altar, era 'de toda a vantagem que o padre estivesse voltado para o povo'".
Cunha, «MRAR e os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal no século XX - a ação do Movimento de Renovação da Arte Religiosa nas décadas de 1950 e 1960», p.171.

[92] Identificamos na igreja de Nossa Senhora da Conceição a adopção de um modelo variante do explorado primeiramente na igreja de Santo Condestável (Lisboa, 1948-51), caracterizado pelo recurso de dois torreões a marcarem a entrada principal e a localização posterior dos serviços paroquiais (sacristias, salas de catequese, etc). O mesmo modelo foi adoptado noutras igrejas projectadas posteriormente: S. João Baptista (Coruche, 1955-1958) e Senhor dos Mares (Nazaré, 1958 - não construída).

[93] Bernardo Miranda, «Liturgia e Arquitectura - pensar um lugar para a liturgia: o aggiornamento como

destacou em particular as pesquisas de Hermann Baur com quem tinha trabalhado. De certo modo a publicação das directivas pela Comissão Litúrgica alemã era a "aprovação oficial daquilo que de melhor se tem vindo a fazer" e a "formulação clara de exigências que para muitos eram ainda desconhecidas ou permaneciam obscuras".[94] O documento surgia em linha de continuidade com a instrução do Santo Ofício sobre Arte Sacra (1951), as directivas do episcopado Francês (1952) e a contemporânea Pastoral sobre Arte Sacra do cardeal patriarca de Lisboa (1953).

O texto da Comissão Litúrgica alemã teve impacto na imprensa católica, tendo sido alvo de uma série de reedições em diversos países. Em França foi publicado parcialmente pela revista *L'Art Sacré* e na Suíça no anuário da *Ars Sacra 1952-53*.[95] Em Portugal, o documento chegou pela tradução de João de Almeida e foi publicado duas vezes em 1955, em Janeiro pela revista do seminário dos Olivais (que o reeditaria em 1959) e em Outubro pelos monges beneditinos de Singeverga.[96] Em 1959 integrou a publicação do Ministério das Obras Públicas, pela mão do autor do livro o pe. Manuel Mendes Atanásio.[97] Tendo o documento sido traduzido por João de Almeida, fundador do MRAR, naturalmente acabou por ser debatido naquele meio e integrou a série de três documentos eclesiais provenientes de Itália, Alemanha, Portugal, publicados como suplemento à 1ª série do boletim do MRAR (1957-1958). Respondia assim o movimento ao que proclamara nos estatutos – 'observar a doutrina e as directrizes da Igreja' tendo 'especialmente em vista os documentos emanados da Hierarquia'. [98]

---

programa?» (Universidade do Porto, 2014). [Rothenfels: uma experiência fundacional. pp.84-100].

[94] João de Almeida, «Documentário eclesiástico sobre a construção de Igrejas», *Novellae Olivarum - revista dos alunos do seminário de Cristo Rei - Olivais*, ano XII, nº117, (Dez.1954), pp.313-314.

[95] O texto traduzido para português teve como base esta publicação associada à Sociedade de S. Lucas (St. Lukasgesellschaft), "principal fonte de inspiração no processo de formação do MRAR".
Cf. Cunha, «MRAR e os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal no século XX - a ação do Movimento de Renovação da Arte Religiosa nas décadas de 1950 e 1960». [Suíça: St. Lukasgesellschaft, Hermann Baur, Fritz Metzger, Ferdinand Gehr. pp.60-65]

[96] «Directivas para a construção das igrejas segundo o espírito da liturgia romana», *Novellae Olivarum - revista dos alunos do seminário de Cristo Rei - Olivais*, ano XIII, nº121, (Lisboa: Jan.1955), pp.1-7.
«Directivas para a construção das igrejas segundo o espírito da liturgia romana », *Ora et Labora - revista litúrgica beneditina*, ano II, nº 2, (Singeverga: Out.1955), pp.92-100.

[97] Manuel Atanásio Mendes, *Arte moderna e arte da Igreja - critérios para julgar e normas de construção* (Coimbra: Ministério das Obras Públicas - Direcção Geral dos Serviços de Urbanização - Centro de Estudos de Urbanismo, 1959). pp.263-269

[98] A sequência da publicação não obedeceu a um critério cronológico evidente. São três documentos da primeira metade dos anos 1950, que ganharam visibilidade no meio do MRAR na segunda metade da mesma década, documentos nacionais e trazidos do estrangeiro, traduzidos por sócios do movimento que revelam relações de proximidade e afinidade de pensamento.

Encontramos o documento alemão citado no programa de concurso da igreja do Sagrado Coração de Jesus publicado em 1958, onde se lê:

> "Pretendemos uma igreja moderna, no sentido de que se destina ao Povo de Deus dos nossos dias, ela deve responder às mais nobres necessidade e aspirações dos homens do nosso tempo: 'desejo imperioso de vida comunitária; ânsia de verdade e autenticidade; desejo de passar do superficial ao que é central e essencial; ambição de clareza, luminosidade e visibilidade; veemente anelo de silêncio e paz, de calor e segurança."[99]

Consequentemente, e dada a projecção do concurso de Lisboa, a mesma citação integrou diversos programas de igrejas redigidos na década de 1960, como por exemplo o do concurso para a igreja de Cedofeita (não realizado); assim como memórias descritivas, do ante-projecto para a igreja da Nazaré de Fernando Távora à prova CODA "uma igreja em Várzea do Douro" de Pedro Costa de Almeida.[100]

A estrutura do documento da comissão litúrgica alemã dividia-se em dois blocos: princípios e consequências. Começava por reconhecer que a "igreja enquanto lugar consagrado e cheio de uma especial Graça divina, onde o Povo de Deus se reúne", não era apenas lugar de reunião, litúrgica ou extra litúrgica, mas, simultaneamente, lugar de devoção individual. Num momento em que o sentido comunitário era supervalorizado, salvaguardavam as directivas a existência de uma dimensão de uso individual do espaço de culto, uma função para lá da celebração comunitária. Referia ainda o documento a multiplicidade de fins de uma igreja, que tinha de responder a exigências diversas: de natureza sacramental, da pregação, do culto eucarístico, de devoção popular e outras diferentes formas de devoção privada que deviam estar de acordo com a própria natureza da liturgia celebrada. O primeiro bloco de texto dedicado à exposição dos princípios terminava reforçando a ideia de que "a igreja é destinada ao povo de Deus dos nossos dias" devendo "portanto ser disposta de modo que os homens da actualidade se sintam atraídos por ela" devendo a igreja satisfazer as mais nobres necessidades e aspirações, conforme viria a ser citado no programa de construção do SS. Coração de Jesus.

---

[99] «Programa de construção da Igreja do SS. Coração de Jesus e seus anexos». p.18.

[100] [MRAR], «Programa de construção da nova igreja paroquial de Cedofeita e seus anexos», *Arquivo ADP*, (1963).
Fernando Távora, «Memória Descritiva e Justificativa do anteprojecto para a igreja paroquial Senhor dos Mares, Nazaré», *Arquivo FIMS-FT*, (Jan.1966).
Pedro Almeida, *Memória Descritiva e Justificativa da igreja paroquial de Várzea do Douro - prova CODA* (Porto: ESBAP, Dez.1963).

Na segunda parte do documento, 'consequências', eram feitas considerações de natureza prática com aplicação directa para o processo de projecto. Partindo maioritariamente de situações identificadas como erradas eram apontadas justificações para escolhas projectuais, da localização ao mobiliário.[101] Centraremos a leitura nos primeiros pontos desta secção que dizem respeito ao programa e localização.

Era manifestado o desejo de unidade entre todas as partes do programa eclesial, sendo considerado errado erguer a igreja separadamente da escola, do lar da paróquia, da biblioteca paroquial e da residência do pároco. Subjacente estava a ideia desejável de atingir uma união entre os diferentes programas num "conjunto orgânico, a *domus ecclesia*, a fim de se tornarem visíveis, também exteriormente, as íntimas relações entre igreja e sacerdote, entre eucaristia e a caridade, entre os sacramentos e a educação."[102] Visualmente esta ideia remete-nos para os projectos desenvolvidos por Emil Steffann na década de 1950 – igrejas domésticas.

A segunda consideração sugeria que se evitasse a construção de igrejas em barulhentas ruas comerciais[103] contrariando toda uma tradição e história em que tantas vezes comércio e religião coabitaram. Era aliás uma tendência recuperada no espírito pós conciliar, de uma igreja imersa na cidade, que conduziu à criação de espaços de culto e oração associados a zonas movimentadas, nomeadamente em galerias comerciais.

Estes dois aspectos do documento, da unidade do conjunto e da integração urbana da igreja, publicados pela primeira vez em Portugal em 1955 foram destacados em 1960 na revista dos Olivais no artigo "Arte sacra e legislação eclesiástica" redigido pelo então seminarista José Policarpo, futuro cardeal de Lisboa. Nessa ocasião a propósito do segundo tema dizia:

> "Até mesmo aquela ideia, entre nós ainda nova e por espalhar, de associar a construção arquitectónica da igreja à dos outros edifícios pertencentes ao serviço

---

[101] O capítulo das consequências trata, em 21 pontos, os seguintes temas: localização, pórtico, espaço interior, altar, orientação, ábside, naves, sacristia, púlpito, coro, baptistério, decoração, dimensões, mobiliário.

[102] «Directivas para a construção das igrejas segundo o espírito da liturgia romana». p.2.

[103] "Não seria acertado erguer sem necessidade a Casa de Deus numa barulhenta rua comercial – por muita humanidade, mergulhada nas preocupações terrestres, necessite que o Deus eterno lhe seja energicamente apontado."
Ibid. p.2.

da comunidade paroquial, formando um mesmo conjunto arquitectónico e artístico, se encontra já apoiada pela autoridade da hierarquia (...)"[104]

Em nota de rodapé e a propósito destes temas referiu ainda que aquelas preocupações manifestadas pela Comissão Litúrgica alemã eram igualmente partilhadas pelo cardeal Giacomo Lercaro de Bolonha, conforme tinha frisado na conferência no Instituto Superior Técnico (Lisboa, 10.Out.1960) em que se falou da importância de construir a igreja dentro do bairro e da formação de um conjunto arquitectónico.

" (...) na conferência proferida em Lisboa, sobre o problema das Igrejas Novas [Lercaro] disse claramente que a igreja tem de se integrar dentro do conjunto das habitações do bairro, para facilitar um encontro completo dos espíritos.
A Igreja é casa de Deus, mas também casa dos homens, e dos homens de um determinado bairro. (...) Falou [ainda] expressamente da necessidade da formação desse conjunto paroquial, mesmo sob o ponto de vista arquitectónico." [105]

Se a construção da igreja no bairro era tema concordante, comprovado pela própria prática corrente, a sua construção numa movimentada artéria comercial era um tópico mais sensível. Em Portugal, foi neste sentido pioneira a solução encontrada por Nuno Teotónio Pereira e Nuno Portas para o centro cultural e comercial com igreja justaposta, ao cimo do Parque Eduardo VII (1968-1970) – um estudo encomendado pela Direcção dos Serviços de Urbanização da Câmara Municipal de Lisboa, após o abandono do anterior Estudo-Base para o Centro Paroquial de S. Sebastião da Pedreira (Ago.1967), também da sua autoria, apresentado publicamente pela imprensa em Dezembro daquele ano.[106]

[104] José Policarpo, «Arte sacra e legislação eclesiástica », *Novellae Olivarum - revista dos alunos do seminário de Cristo Rei - Olivais*, ano XVII, nº174, (Lisboa, Dez.1960), p.246.

[105] Ibid. p.246.

[106] Cristóvão dos Santos, «Lisboa cristã prepara o futuro, a nova igreja paroquial de S. Sebastião da Pedreira ficará ao cimo e ao lado do parque Eduardo VII», [recorte de imprensa] *Arquivo SNIP*, (15.Dez.1967), pp.1e3.

3.6. Crítica ao 'Programa-Tipo' à luz do Concílio

Do concurso do Sagrado Coração de Jesus (1958-1962)
aos estudos para S. Sebastião da Pedreira (1967-1971)

A proposta o Centro Paroquial de S. Sebastião da Pedreira (1967) apareceu dez anos após a igreja desenhada no "Plano de Arranjo da zona do alto do Parque Eduardo VII" (1957-1958) de Faria da Costa.[107] Naquele período, para lá do estudo da divisão paroquial, também o programa de uma igreja estava a ser debatido – recorde-se que paralelamente estava a ser redigido pelo MRAR juntamente com Manuel Falcão o programa do concurso do Sagrado Coração de Jesus. Nuno Portas, em entrevista de 2011, recordou o processo e mostrou como as leituras resultantes dos inquéritos de natureza sociológica influenciaram na definição de um programa, à data inovador:

> "Naquela altura, pusemos em dúvida o conceito de paróquia. Porque aquela era uma daquelas paróquias que estava a morrer. Porquê fazer uma grande igreja quando os paroquianos estão a ir embora?
> O que ali fazia sentido era uma igreja como um equipamento, 'for city users', diurno (…) [para] pessoas que trabalhavam ali mas até não viviam lá. Tinham outras paróquias, se fossem católicos teriam outras paróquias.
> Donde aquela ideia que aquela igreja era ao mesmo tempo um centro cultural, um centro social, um centro de convívio, além de ser a igreja 'sacra' propriamente dita foi muito determinante para a solução. E isso não se falou muito. Mesmo noutros países não se falou, estava sempre ligado à paróquia física."[108]

Já em 1956, Vitorino Nemésio em entrevista à Emissora Nacional a propósito da futura igreja do Sagrado Coração de Jesus reconheceu o esforço que o Patriarcado de Lisboa vinha fazendo na tentativa de responder a problemas prementes, entre eles o da necessidade de "novas e mais exigentes instalações de culto e dos vários anexos que um apostolado vivo aconselhava, entre eles dispensários, vestiários, refeitórios, bibliotecas, salas de conferências e de espetáculos, capela mortuária, etc. Contudo todas as iniciativas mais do que um "verdadeiro aumento da cristandade viva e militante" eram uma tentativa de "recristianizar massas".[109]

---

[107] [ver cap. 2.4.3]

[108] Nuno Portas, «entrevista conduzida por João Luís Marques(15.Nov.2011)» realizada no âmbito da participação na conferência Modern Catholic Space (Londres, Dez.2011).

[109] "Infelizmente, tudo isso é muito mais fruto da vontade de recristianizar as massas do que resultado de um verdadeiro aumento da cristandade viva e militante de Lisboa, que dir-se-ia crescer a olhos vistos, se os olhos que vêem a onda de cimento e de telha dos bairros novos os vissem ao mesmo tempo pulular de almas fiéis a Jesus Cristo, embora, naturalmente pecadoras a pneu, a elevador e a frigorífico... Como se sabe, não é o caso. E, todavia, lá se vão levantando, na periferia urbana, as

No final da década de 1950, mais concretamente em 1959, o debate sobre o programa da igreja paroquial ganhou nova projecção nacional com a realização do I Encontro Nacional das Comissões Diocesanas de Arte Sacra, realizado no seminário de Aveiro de 8 a 10 de Julho, que reuniu representantes de várias dioceses do norte ao sul do país.[110] Tratou-se de uma iniciativa realizada com a parceria do MRAR que, naturalmente, incluiu diversos dos protagonistas que temos vindo a referir. A dinâmica do encontro contemplava, para além das habituais conferências, um momento de debate, em torno do "panorama actual da arquitectura religiosa corrente em Portugal", orientado pelos arquitectos Nuno Teotónio Pereira e António Freitas Leal juntamente com o pe. Adelino Gomes. Luiz Cunha proferiu a conferência "o edifício sagrado nas grandes linhas de evolução da arquitectura moderna", tema tratado no livro por ele publicado. Coube a membros do clero, próximos e militantes do MRAR, falar sobre "o centro paroquial" (pe. Fernando Micael), "a igreja antiga e as exigências actuais" (seminarista Avelino Rodrigues) e, sem surpresa, "a igreja paroquial no contexto urbano" (pe. Manuel Falcão).

Em 1962, ainda antes da realização do Concurso do Sagrado Coração de Jesus, saiu uma notícia no *Boletim de Informação Pastoral*, dando conta da colaboração do Secretariado de Informação Religiosa e SNIP 'em busca do conceito de centro paroquial':

> "O rejuvenescimento da pastoral paroquial, bem como a evolução da vida social e da forma de presença da Igreja no mundo em transformação, estão na origem do interesse (...) em ordem à formação duma comunidade paroquial viva e apostolicamente radiante. (...) Os salões paroquiais foram a primeira resposta (...) [v]ieram depois os centros de assistência e os centros sociais. (...) Só timidamente empregámos (...) esta expressão de 'centro paroquial', convencidos de que lhe corresponde um conceito mais profundo e vasto (...). Num esforço por esclarecer o que é um centro paroquial, rapidamente se chega à conclusão que se não pode

---

grandes basílicas ou as baselgas (como se dizia, na nossa idade média, dos templos vizinhos da sede episcopal) da metrópole românica de Lisboa, que ainda hoje, na sua nobre velhice ligeiramente refeita, parece gritar o exemplo de uma arquitectura religiosa sincera, purificada, genuína, às suas novíssimas filiais tão mal inspiradas, geralmente."

Vitorino Nemésio, «[Palestra semanal na Emissora Nacional]», *Arquivo FCG-MRAR*, (21.Abr.1956), p.1.
Crítica semelhante seria feita por Octávio Lixa Filgueiras, membro do júri do concurso do Sagrado Coração de Jesus, em 1962. [ver cap.5.4]

[110] Encontro Nacional das Comissões Diocesanas de Arte Sacra, que o Movimento organizou conjuntamente com a Comissão de Arte Sacra de Aveiro e o Centro de Acção Pastoral daquela Diocese. Realizado no Seminário de Aveiro (8-10.Jul.1959) contou com cerca de 50 participantes vindos das dioceses de Aveiro, Coimbra, Leiria, Guarda, Évora, Lisboa, Porto e Bragança.
Cf. Cunha, «MRAR e os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal no século XX - a ação do Movimento de Renovação da Arte Religiosa nas décadas de 1950 e 1960», p.219.

> confundir com um centro de assistência ou mesmo um centro social nas mãos de um pároco."[111]

Todo este enredo de pessoas e ideias resultou, primeiramente, na redação do programa do concurso da igreja do Sagrado Coração de Jesus (1958-1962), que serviria de modelo à escrita do 'Programa de construção de novas igrejas'[112], publicado num artigo ilustrado com realizações internacionais e nacionais, em 1966. A redação do programa ficou a cargo do SNIP, organismo que, entretanto, assumira parte na organização do concurso. O documento do programa tipo, difundido no *Boletim de Informação Pastoral (BIP),* tornou-se referência nacional, tendo sido revisto e reeditado.[113]

> "A preocupação de definir um programa-tipo para a construção de igrejas, dominou por largos anos muitos encontros e congressos relacionados com a arquitectura e a arte sacras. Era o reflexo natural duma pastoral fortemente centrada na liturgia. Em diversos meios europeus foram publicadas directivas, normas, programas para a construção das novas igrejas. Entre nós, o MRAR, em contacto com esses meios (…), ocupou-se obsessivamente da discussão do programa funcional-litúrgico das novas igrejas, inspirando assim uma primeira redacção de directivas, mais tarde reelaboradas sob a forma de programa tipo"[114]

A proposta vencedora do concurso da igreja do Sagrado Coração de Jesus espelha algumas das preocupações já expressas no próprio programa, nomeadamente no campo do funcionalismo litúrgico. Porém, sobre o estirador estavam também a ser considerados problemas de outra natureza, como o da integração do edifício no tecido da cidade, vejam-se as perguntas formuladas pelos diferentes concorrentes.[115] As

---

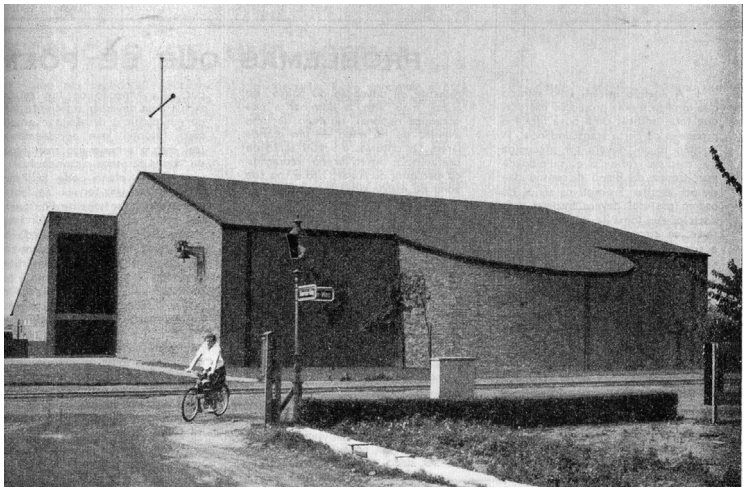
[111] «Salão ou centro paroquial? », *Boletim de Informação Pastoral*, ano V, nº1, (Jan.-Mar.1962), p.31-33.

[112] Cf. [SNIP], «Programa de construção de Novas Igrejas», *Boletim de Informação Pastoral*, ano VIII, nº46-47, (Abr.-Jun.1966), pp. 25-38.
Dada a importância deste documento publicamo-lo parcialmente. [ver anexo 12]. Por razões de extensão omitimos as secções relativas à caracterização do espaço litúrgico, relevando as mais significativas para a discussão da Igreja na Cidade. Este documento surgiu na sequência de uma publicação anterior «Regulamento de construção e restauro de igrejas - Patriarcado de Lisboa», *Arquivo SNIP*, (1964).

[113] O 'Programa de construção de Novas Igrejas' seria revisto em 1988 sob a forma de 'Elucidário' e re-editado em 2012. As diferenças entre as duas versões são ao nível das especificações de áreas e números de compartimentos, mantendo-se desde a década de 1960 a reflexão teórica que a suporta. A sugestão de integração de uma zona de bar despareceu assim como a de possibilitar a união entre salas de catequese. Manteve-se, porém, a sugestão de um pequeno espaço dedicado a biblioteca/sala de informática.
[SNIP], «Elucidário para a concepção de igrejas e centros paroquiais (separata)», *Vida Católica - órgão oficial do Patriarcado de Lisboa*, II série, ano III, nº 9, (Set.-Dez.1988).
[SNIP], «Elucidário para a concepção de igrejas e centros paroquiais (separata) », *Vida Católica - órgão oficial do Patriarcado de Lisboa*, III série, ano XIV, nº41, (Mai.-Ago.2012).

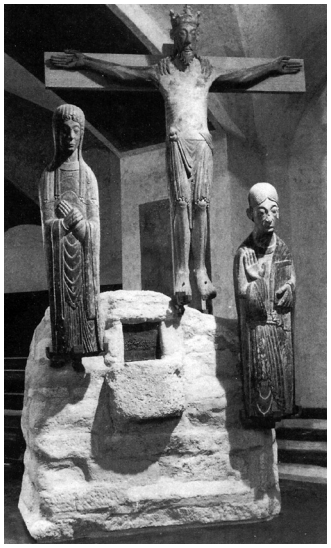
[114] «Novos Conceitos de Igreja», *Boletim - movimento de renovação de arte religiosa* (Lisboa, Mai.1968).

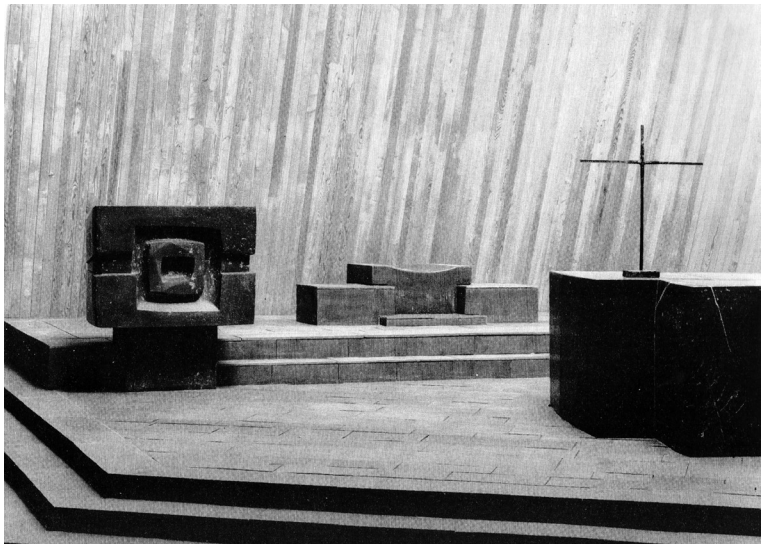
[115] Das 64 perguntas colocadas pelos concorrentes 41 eram relativas aos condicionamentos locais, 11 a procedimentos do concurso, 5 sobre o programa e 4 de ordem litúrgica.



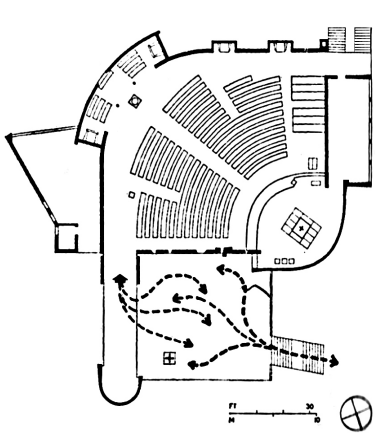


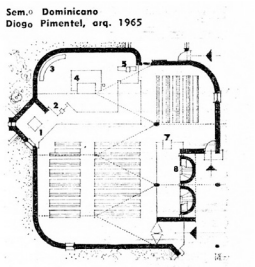
a. b.

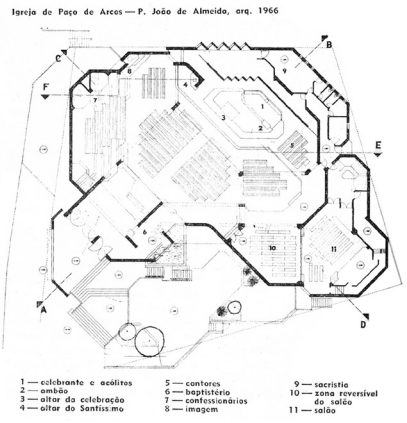




c. d.







e. f. g.

15. Ilustrações do 'programa-tipo' publicadas no BIP

a. b. Exteriores: igreja em Dusseldorf (1959, Emil Steffann), igreja em Weissemberg (1964, A. von Branca)

c. d. Presbitérios: cripta da igreja de S. Pedro em Bolonha (1966, Centro Studio di Architetura Sacra), igreja de Zurique (1965, Justus Dahinden)

e. f. g. Plantas: igreja de Birsfelden (1959, Hermann Baur), seminário dominicano Olival (1965, Diogo Lino Pimentel), igreja de Paço de Arcos (1966, João de Almeida)

Ilustravam ainda o artigo, as seguintes obras: S.ta Teresa de Linz (1960 R, Schwarz), S. Steffano (1965, P. Ciampi), igreja Winkeln (1959, E. Branstchen) e o centro paroquial de Bolzano (1963, H. Maur).

questões de natureza pastoral, sobre o lugar da Igreja na Cidade, que animaram reflexões no Concílio Vaticano II tinham repercussões na elaboração do programa, na sua distribuição e integração na cidade.

> "Queríamos que fosse um espaço da cidade. Aqui o utilitário não está em primeiro lugar, há uma intenção, um programa que é dirigido às pessoas, para que saiam de si próprias, abarcando horizontes mais amplos do que aqueles que compõem o seu quotidiano".[116]

S. Sebastião da Pedreira

Na memória descritiva e justificativa do estudo base para o centro paroquial de S. Sebastião da Pedreira Nuno Teotónio Pereira e Nuno Portas citaram passagens dos documentos conciliares da *Gaudium et Spes* mostrando que o debate da Igreja era alimento para as escolhas de projecto, não fixando normas num momento de profundas transformações. Depois do Sagrado Coração de Jesus (1962-1970) e da igreja de Almada (1963-1970), a situação particular do cimo do Parque Eduardo VII permitiria repensar o lugar da igreja no período pós-conciliar. A proposta espelha o amadurecimento destas reflexões que a prática no gabinete ia consolidando. A leitura da memória descritiva deste projecto torna clara a evolução: a 'igreja paroquial e seus anexos' dava lugar ao 'complexo paroquial', um 'equipamento urbano' pensado como conjunto de serviços, fruto da experimentação de novas práticas pastorais, como já anunciava o programa do concurso da igreja do Sagrado Coração de Jesus e como seria transcrito no programa-tipo:

> "Na igreja-templo, a comunidade paroquial reúne-se num ambiente sagrado, para celebrações litúrgicas ou actos de culto em forma comunitária ou privada. No centro paroquial, essa mesma comunidade toma consciência da sua própria existência como comunidade cristã, cujos membros se edificam mutuamente pelo exercício da caridade, e realizam comunitariamente a obra de evangelização do mundo em que vivem."[117]

Cf. Comissão Fabriqueira, «Concurso de anteprojectos para a Igreja Paroquial do SS. Coração de Jesus e seus anexos - respostas às perguntas formuladas pelos concorrentes», *Arquivo FCG-MRAR*, (31.Jan.1962).

116 Nuno Teotónio Pereira, «entrevista conduzida por Nuno Grande», (16.Mai.2013). Citado em Urbano, «Entre dois mundos - Arquitectura e Cinema em Portugal, 1959-1974». p.354.

117 «Programa de construção da Igreja do SS. Coração de Jesus e seus anexos », p.14.
[SNIP], «Programa de construção de Novas Igrejas», p.36.

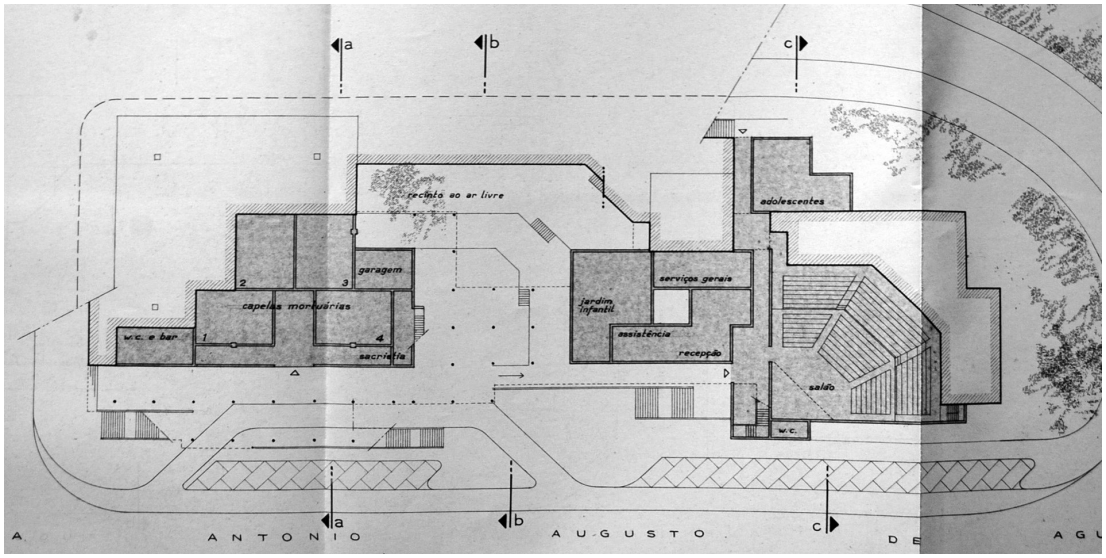
Memória Descritiva e Justificativa
Estudo Base (18.Ago.1967)

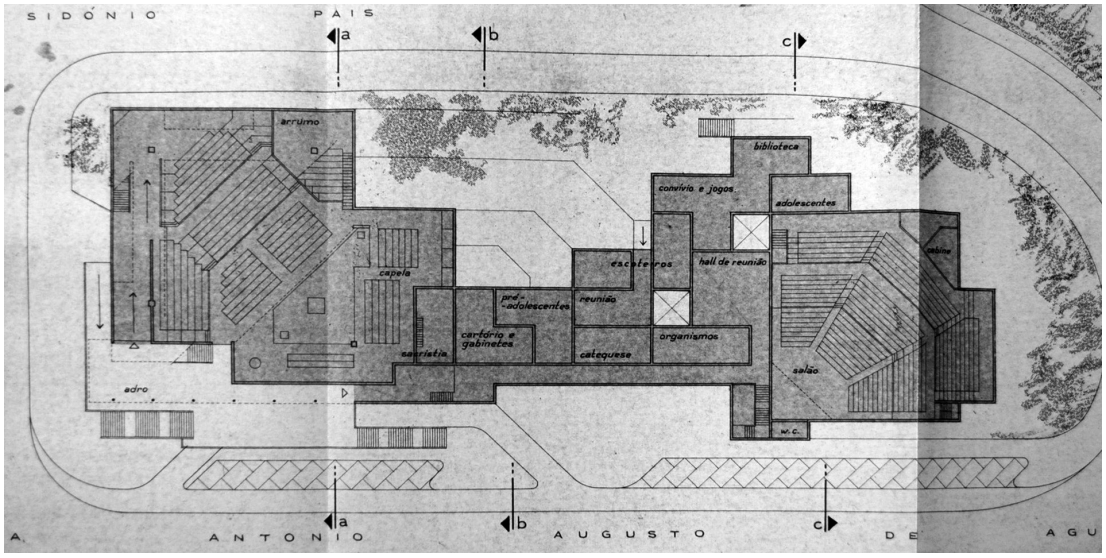
1. Organização do conjunto e integração urbana

1.1. As premissas
A definição, em termos de projecto, de uma igreja - ou de um complexo paroquial como mais recentemente se tem entendido, mas que já se discute - é uma tarefa difícil, pois muitos dos aspectos que o afectam estão em **movimento**,
tanto na Igreja como na Cidade. Não só a **prática pastoral** está em **permanente experimentação**, como os próprios fundamentos teológicos do lugar do culto são objecto de pesquisa e de controvérsia,
e a **liturgia, aparentemente estabilizada** por uma renovação recente em vias de codificação, não está porventura senão no início de um processo de desenvolvimento que poderá ir muito longe. O Concílio, ao declarar solenemente que "se pode já falar de uma verdadeira metamorfose social e cultural que também se repercute na vida religiosa" e que "a comunidade dos cristãos se reconhece íntima e realmente solidária do género humano o da sua história" (GS, 5 e 1) não veio fixar normas a longo prazo - veio recolocar a Igreja no meio do "género humano (que) vive hoje um período novo da sua história, caracterizado por mudanças profundas e aceleradas". (GS, 4)
Por outro lado, da própria presença da Igreja no Mundo decorre naturalmente a presença da igreja-edifício na cidade. Aqui as **interrogações e incertezas** não são menos numerosas. (Este ponto será desenvolvido adiante dada a importância que reveste). Tudo está, assim, em evolução, ou tudo o estará, mais tarde ou mais cedo. Eis porque o **projectar de uma igreja,** trabalho que **implica necessariamente optar e fixar** - ainda que dentro de um certo grau de **maleabilidade** - se torna hoje particularmente difícil e arriscado.
A localização da nova igreja, a envergadura do programa proposto, a **função do edifício e** o seu **significado** conjugam-se para favorecer uma **presença de relevo na paisagem urbana da cidade.**
Como bem assinala o próprio programa, essa presença não deverá ser de imposição, mas de serviço. No entanto, para corresponder à realidade da sociedade portuguesa, tal presença não poderá deixar de traduzir-se num certo grau de proeminência: para além das intenções programáticas, esta realidade impõe-se.
A própria localização, que já não é de domínio - como o seria no alto do Parque - é ainda de privilégio, e por isso o espírito de serviço não poderá naturalmente afirmar-se plenamente: **uma expressão da Igreja "serva e pobre" só será possível quando for essa a realidade da própria Igreja no seio da sociedade.**
A especial **localização da igreja numa zona central**, muito acessível, quer por transportes colectivos, quer por facilidades de estacionamento, conferirá, ao novo complexo paroquial uma função marcante na vida religiosa da cidade, podendo mesmo prever-se que possa desempenhar por vezes **função de igreja catedral**. Mesmo que no programa tal função não esteja claramente expressa, tal eventualidade não poderá deixar de ser tida em conta.
Verifica-se, assim, que o novo complexo tem de responder a uma função à **escala paroquial** e a uma outra à **escala da cidade**. Nas opções que a solução proposta expressa, tiveram-se bem presentes estas duas dimensões, tendo-se no entanto conferido uma clara predominância à **função paroquial** - o que foi facilitado, aliás, pela própria configuração do terreno.

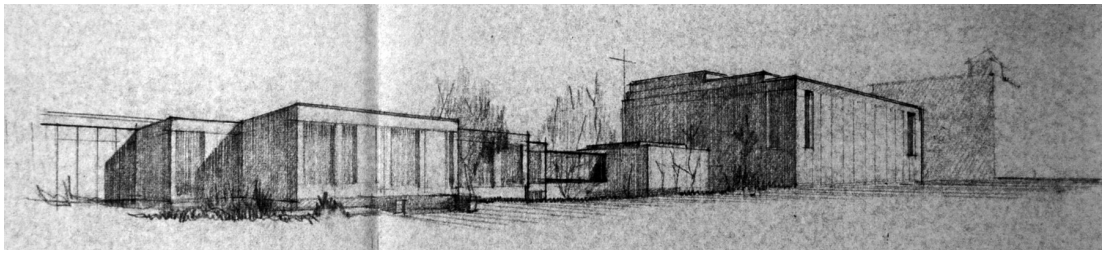
1.2. A solução
Organizou-se o **conjunto** ao longo da Av. António Augusto de Aguiar, a qual, no futuro esquema viário da cidade, perde em grande parte as características de radial de penetração que hoje apresenta, passando a ser uma artéria, ainda de grande importância, mas confinada a um âmbito local, que quase se confunde com os limites da Paróquia. E ao organizar-se o conjunto ao longo da Avenida, voltando-o para e procurando mesmo **agarrá-lo ao tecido urbano adjacente**, procurou-se **desligá-lo da zona monumental** do alto do Parque, de modo a afastar uma situação de competição com os edifícios, de grande porte que aí se pretendem construir. (...)
Atentas as premissas também acima apontadas, pretendeu-se imprimir, ao novo conjunto um carácter acentuado de **equipamento urbano** de considerável dimensão, traduzindo aquilo mesmo que a amplidão do programa pede e a localização permite, mas sugerindo mais **um serviço para todos** do que as instalações internas de uma comunidade que na sua prática regular é afinal relativamente reduzida. Daí, em parte, a continuidade que se deu às edificações, ao longo da Avenida, **procurando uma frente aberta e permitindo acessos independentes** aos diferentes órgãos ou zonas, ligados à maleabilidade que se imprimiu à distribuição ao longo do sistema funcional.

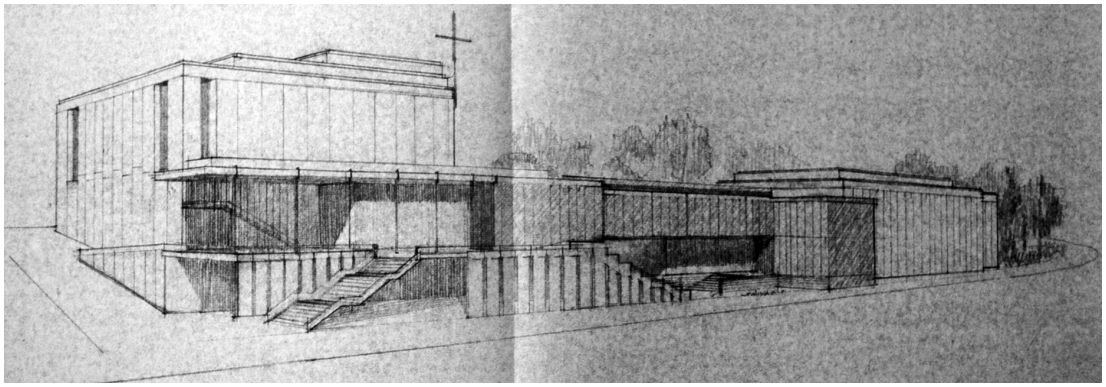
16. Centro Paroquial S. Sebastião da Pedreira (Lisboa, 1967) arqs. Nuno Teotónio Pereira e Nuno Portas
a. Plantas dos pisos 0 e 1. *Arquivo SNIP*
b. Perspectivas a partir da av. Sidónio Pais e da av. António Augusto de Aguiar. *Arquivo SNIP*


a
b
c
recinto ao ar livre
adolescentes
garagem
serviços gerais
capelas mortuárias
jardim infantil
w.c. e bar
assistência
sacristia
recepção
salão
w.c.
ANTONIO
AUGUSTO


SIDÓNIO
PAIS
a
b
c
arrumo
biblioteca
convívio e jogos
adolescentes
capela
escaleiros
hall de reunião
cabine
pré-adolescentes
reunião
cartório e gabinetes
sacristia
catequese
organismos
salão
adro
w.c.
ANTONIO
AUGUSTO

a.





b.

A igreja e centro paroquial de S. Sebastião da Pedreira, formando o complexo[118], procuravam uma franca ligação ao tecido urbano e à paróquia para a qual se abriam, desligando-se da zona monumental pensada na década de 1950, sem no entanto descurar a sua função e 'presença de relevo na paisagem urbana' podendo inclusivamente desempenhar funções pontuais de igreja catedral conforme expressara Manuel Falcão em 1963.[119] O programa traçado em 1967 teria assim que responder, simultaneamente, à escala da paróquia e à da cidade. A proposta de um espaço 'aberto a todos' conduziria a um edifício permeável, à semelhança do percurso que rasgara o quarteirão das ruas de S. Marta e Camilo Castelo Branco (ao Sagrado Coração de Jesus), no início da década de 1960 – uma opção bem diferente da 'concha envolvente'[120] da igreja de Almada, com paralelo noutras experiências nacionais e internacionais suas contemporâneas.[121] Este modelo, mais fechado e autossuficiente, seria alvo da crítica de Pedro Vieira de Almeida que num artigo do jornal *A Capital*, escreveu:

> "(...) criticou-se às igrejas, depois de se ter verificado a insuficiência da sua acção pastoral e a progressiva dificuldade de uma real inserção na vida comunitária, o constituírem edifícios isolados de função restrita. Porém, verifica-se mais tarde que as tentativas de alargar a acção paroquial através de circum-actividades e iniciativas de animação que exigem naturalmente um desenvolvido centro paroquial à constituição de verdadeiros aldeamentos paroquiais com certa auto-suficiência, bem definidos e limitados nas suas relações com o exterior, e funcionando com nódulos paroquiais, dentro do tecido urbano"[122]

---

[118] No caso de S. Sebastião da Pedreira a designação 'complexo paroquial' foi substituída por 'centro paroquial', conforme se lê no processo de Nuno Teotónio Pereira e Nuno Portas.

[119] Perante a sugestão de demolição da igreja, anexos e patronato de S. Sebastião da Pedreira para a construção de uma nova igreja paroquial, o cónego Manuel Falcão contrapôs :

> "Põe-se como hipótese a encarar seriamente que a futura igreja de S. Sebastião seja cumulativamente a nova Catedral do Patriarcado. (...) o grande terreno vago no Parque Eduardo VII perto da actual igreja, (...) parece ser fácil de obter para uma grande igreja, e excelentemente indicado para a Catedral: local muito central em relação a toda a cidade, com bons transportes, e ao mesmo tempo um pouco afastado dos arruamentos de trânsito mais intenso."

Manuel Franco Falcão, «Carta dirigida ao Mons. Mário Correia [pároco de S. Sebastião da Pedreira]», *Arquivo SNIP*, (13.Nov.1963).

[120] *Arquitectura e Cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira,* coord. Ana Tostões, (Lisboa: Quimera, 2004), p.202.

[121] Encontramos a forma de 'concha envolvente', definida pela igreja e dependências anexas, por exemplo, na igreja de N.ª S.ra da Conceição (Queluz, 1966-1972) de José Maya Santos. Na Suíça, ela está bem presente no projecto da igreja de Maria Krönung (Zurique, 1965) de Justus Dahinden.

[122] Pedro Vieira de Almeida, «Igrejas - actualidade crítica de um programa talvez não actual», *A Capital*, (5.Mar.1969), p.1.

A atenção dada às diferentes partes constituintes do programa de S. Sebastião, a cuidada caracterização dos espaços de transição rua-igreja, a procura de soluções maleáveis e adaptáveis às transformações futuras, a 'exigência de um ambiente familiar e acolhedor para a nova igreja' foram alguns dos temas explorados no projecto, já antes debatidos no programa-tipo que o SNIP publicara – um documento onde era defendida uma presença discreta da igreja na cidade. A 'uma igreja pobre, no sentido evangélico do termo', associava-se a dimensão de serviço:

> "(...) Igreja apresenta-se como servidora. Ela não se impõe, mas simplesmente se propõe ao mundo. Também a igreja-edifício não deverá impor-se, mas simplesmente propor-se, inserindo-se discretamente no contexto urbano. Não será assim a monumentalidade ostensiva que a deve caracterizar mesmo que a localização porventura permita ou favoreça soluções monumentais."[123]

O adiamento sucessivo na aprovação dos estudos da nova igreja, a construir em terreno municipal, levaria a que fossem consideradas alternativas para aquele lote que iam ao encontro de outras preocupações expressas no Plano Director da cidade de Lisboa de 1967. Se os bons acessos e a localização eram excepcionais para a construção de uma igreja, eram também apetecíveis para as novas estruturas comerciais e equipamentos culturais que a cidade equacionava.[124] O "facto de a Câmara entender que o terreno implicado tinha área excessiva" para a construção de um Centro Paroquial conforme recordou Nuno Teotónio Pereira em 1970, conduziria a uma revisão do plano e a nova fixação do quadro de áreas.[125] O centro paroquial veria a sua área reduzida, aproximadamente a menos de metade da inicial, dando lugar a um programa pioneiro – um complexo diversificado e multifuncional, destinado a galerias comerciais cobertas, escritórios e zonas de lazer. O novo centro paroquial aparecia representado no estudo que os autores quiseram que fosse mais do que um simples jogo de volumes – "forma compacta (relativamente unificada e horizontal) que se propõe para o quarteirão"[126].

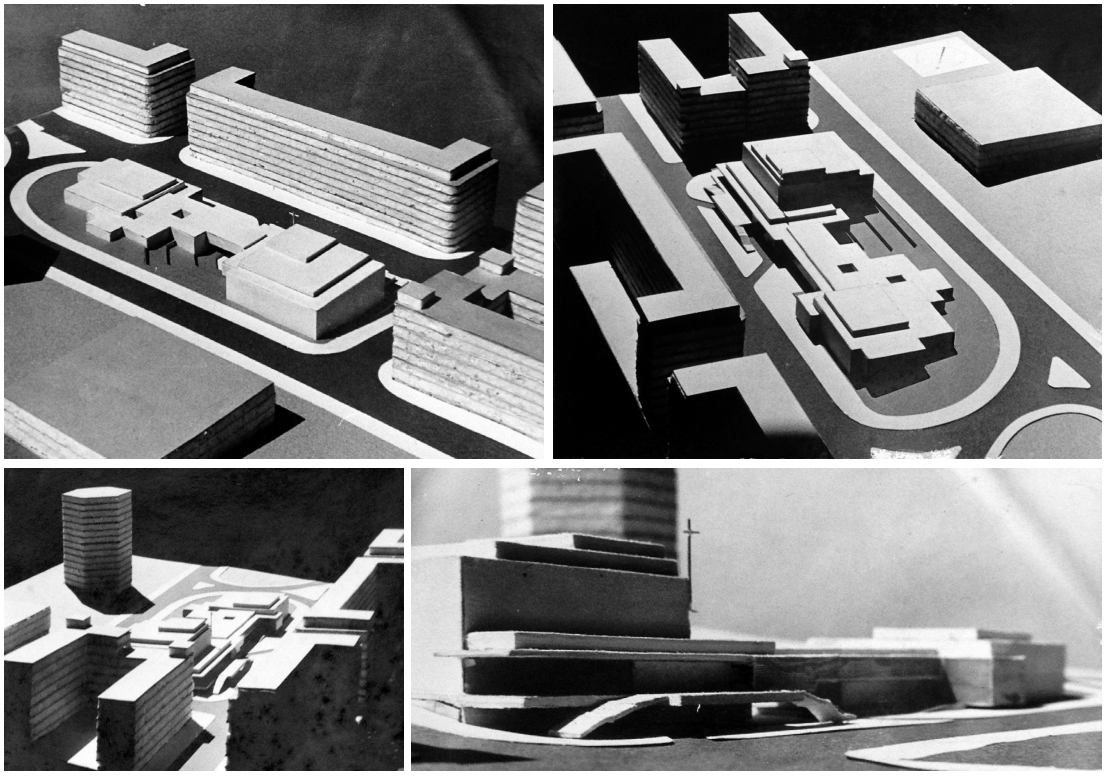
---

[123] [SNIP], «Programa de construção de Novas Igrejas», p.27.

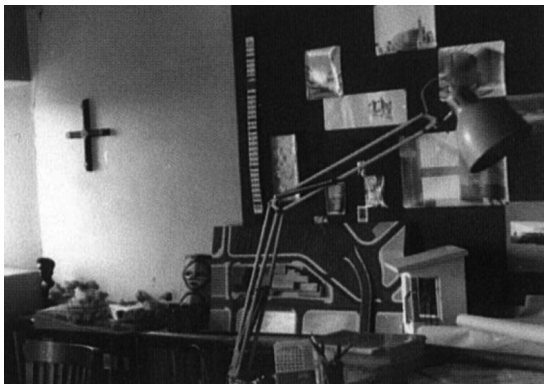
[124] " (...) uma modernização das actuais estruturas comerciais parece inevitável, impondo uma redução do número de pequenas unidades dispersas e incentivando a concentração dos elementos de maior envergadura, a localizar em centros que disponham de facilidades de estacionamento e estejam em ligação com os transportes públicos."
plano director da cidade de Lisboa CML1967 in "Centro de S. Sebastião – uma iniciativa da Câmara Municipal de Lisboa" edição Câmara Municipal de Lisboa (Dez.1971)

[125] Nuno Teotónio Pereira, «Carta dirigida ao SNIP [anulação do contrato para o projecto da igreja de S. Sebastião da Pedreira]», *Arquivo SNIP*, (2.Out.1970), p.1.

[126] Nuno Teotónio Pereira e Nuno Portas, «Centro Comercial e Cultural de S. Sebastião. Programa genérico e Solução esquemática. Memória», *Arquivo AML*, (1.Set.1970), p.17.

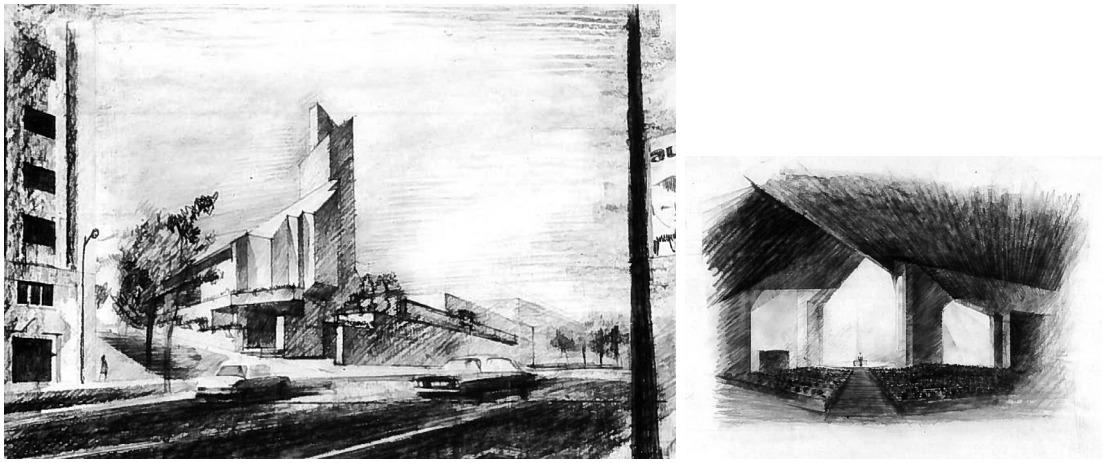


a.

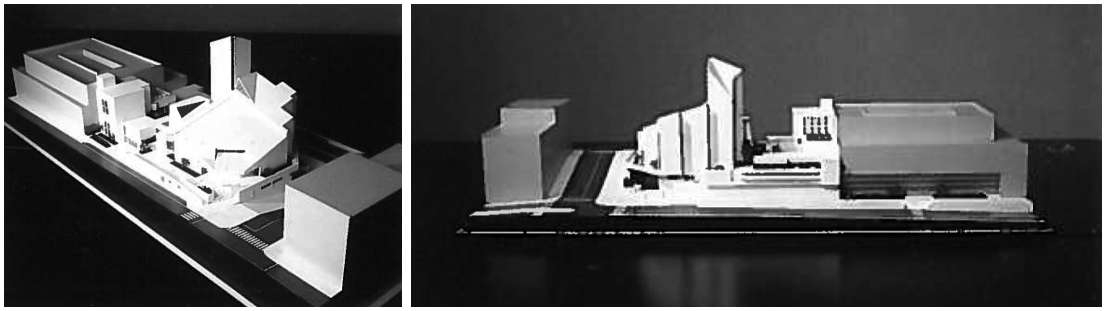


b.

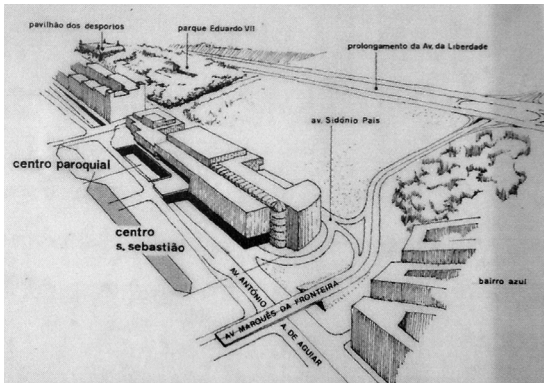
17. Discrição - Centro Paroquial S. Sebastião da Pedreira (Lisboa, 1967)
arqs. Nuno Teotónio Pereira e Nuno Portas
a. Maquete. *Arquivo SNIP*
b. Atelier de Nuno Teotónio Pereira, na rua da Alegria
Junto à parede está a maquete de S. Sebastião da Pedreira.



a.

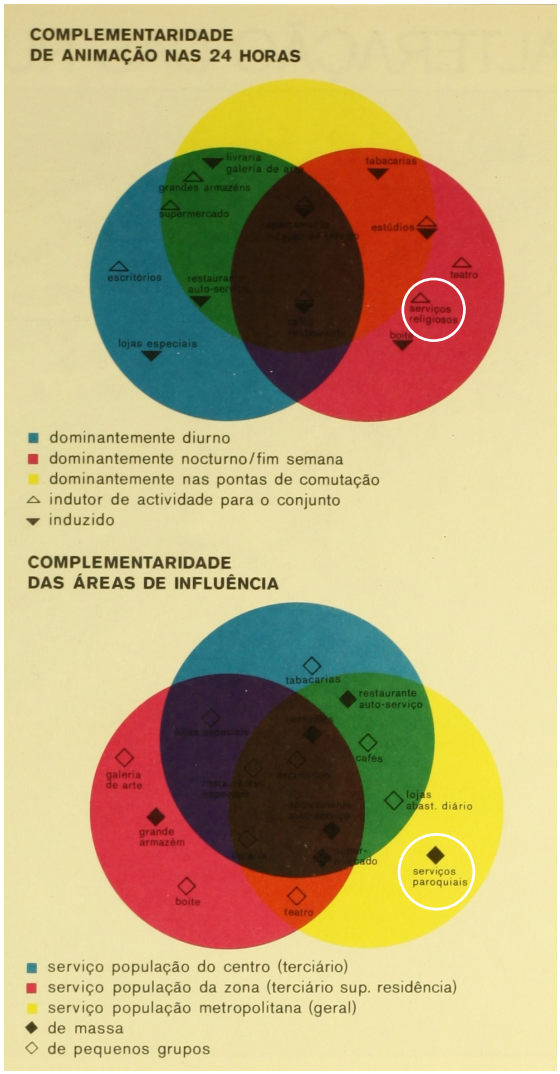


b.



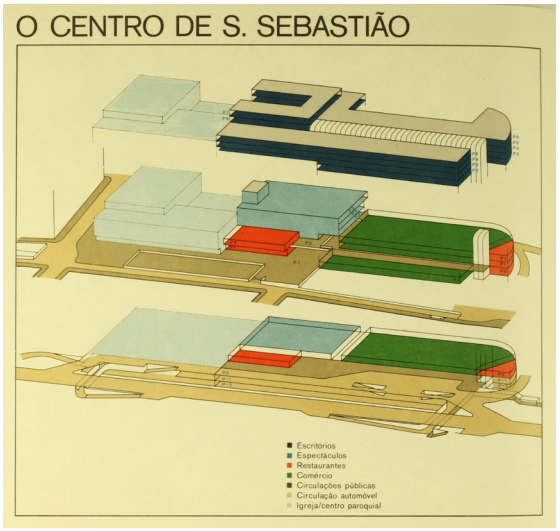
c.

18. Afirmação - Centro Paroquial S. Sebastião da Pedreira (Lisboa, 1971)
arq. Frederico George
a. Desenhos do exterior e interior.
b. Maquete.
c. Centro S. Sebastião (1970-1972) arqs. Nuno Teotónio Pereira e Nuno Portas.

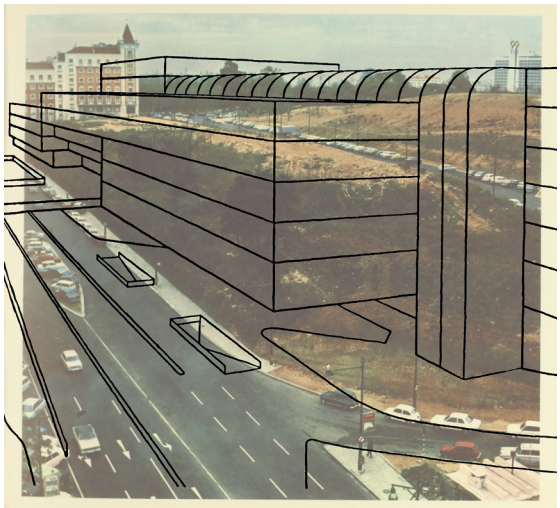




a.



b. c.



d.

19. Centro S. Sebastião da Pedreira (1971) arqs. Nuno Teotónio Pereira e Nuno Portas *Arquivo AML*
a. Localização do centro na convergência de importantes eixos de circulação
b. Complementaridade dos serviços oferecidos. Assinaladas as funções religiosas.
c. Justaposição do centro paroquial ao centro comercial e cultural
d. Inserção urbana

Apesar de apenas justaposta na extremidade do lote, a igreja associada a todas as outras valências, era resposta às novas dinâmicas urbanas articuladas num complexo sistema de circulação pedonal, rodoviária e metropolitana.[127] O volume proposto para o centro paroquial surgia em continuidade com o do centro comercial e de negócios. A presença da Igreja alargava o leque de oferta de serviços do centro potenciando o seu 'êxito como fulcro de vida', pois reuniria

> "não só um, mas vários tipos de actividades complementares bastante diversificadas, quer quanto ao seu raio de influência, quer quanto aos horários dominantes de uso, quer ainda quanto à sua rentabilidade ou, o mesmo é dizer, aument[ando] as motivações de ir ao centro ou de permanecer nele"[128].

A vitalidade do centro de S. Sebastião da Pedreira seria garantida pelo seu poder de atracção, resultante da concentração coordenada dos serviços nele oferecidos. Segundo os esquemas divulgados aquando da promoção do empreendimento, os serviços religiosos potenciariam o uso nocturno e ao fim de semana, sendo utilizados maioritariamente por uma massa de população de natureza metropolitana que recorreria àquele interface. O grau de integração deste centro paroquial, ponderado desde o início da década de 1970, só foi possível equacionar graças à confluência e amadurecimento de reflexões – por um lado sobre a cidade e, por outro, sobre a igreja enquanto equipamento urbano.

A anulação do contrato com a equipa projectista, em 1970, deu lugar à entrada de um novo arquitecto no processo em 1971, Frederico George[129], que colaborara com Nuno Teotónio na igreja paroquial de Águas. O projecto da nova igreja foi revisto para responder às exigências da comissão fabriqueira, conforme foi explanado no boletim paroquial:

> "(...) são indispensáveis 'sinais' exteriores na arquitectura geral que marquem por si só a presença do Templo. Por muito que o tecido urbano restrinja o problema dos espaços de ocupação, 'parece indispensável que o templo marque a sua

[127] Cf. Nuno Portas, Nuno Teotónio Pereira, e Gonçalo Byrne, «Centros de compras em Lisboa: estudo para um centro em São Sebastião da Pedreira », *Arquitectura*, nº123, (Set.-Out.1971), pp.178-186.

[128] «Centro de S. Sebastião – uma iniciativa da Câmara Municipal de Lisboa» (Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1971).

[129] Segundo a documentação do processo existente no SNIP, a equipa coordenada por Frederico George era composta pelos arquitectos Alfredo Mata Antunes, Francisco José Gentil Berger, pelo designer Daciano da Costa e Gonçalo Ribeiro Telles, no paisagismo, entre outros.

presença de forma insofismável' desprezando todas as miragens dum mimetismo arquitectónico defendido por alguns (...)"[130]

Contrariando, em parte

> "o caminho que se procura[va] reensaiar – variações de partes dentro de um continente à escala do inteiro quarteirão – foi provado afinal pela melhor tradição da arte urbana da cidade – tradição de continuidades e de espaços exteriores 'domados' e canalizados' – arte de alinhamentos e de repetições onde paradoxalmente, não cabe menos variedade do que em posteriores jogos de volumes, mais acidentados ou independentes, que à escala mais ampla da leitura da cidade resultam arbitários, como que 'boiando' em espaços mais ou menos vastos mas de duvidosa fruição colectiva."[131]

Curiosamente o projecto do espaço litúrgico manteve uma organização em leque, algo semelhante à da versão anterior, e a maior diferença estava sim na volumetria proposta. A 'presença discreta' inicialmente procurada dava lugar a forma de natureza escultória marcante que procurava "[c]onseguir altura para o templo dando uma intimidade actual à assembleia"[132], reconhecidamente o problema mais difícil, nas palavras do autor do projecto. Os dois equipamentos justapostos, centro paroquial e centro de compras de S. Sebastião, não chegaram a ser construídos, ficando adiada a associação de um espaço de culto a um moderno centro comercial.

Só em 1988 seria inaugurado um espaço de culto nestas condições. Por ideia do patriarca de Lisboa D. António Ribeiro foi comprado e adaptado um espaço comercial no interior do Amoreiras Shopping aberto ao público em 1985, projectado por Tomás Taveira. A capela de Nossa Senhora das Amoreiras[133] foi desenvolvida pelos arqs. Diogo Lino Pimentel e António Flores Ribeiro, do gabinete técnico do SNIP, e traduz de forma evidente a vontade da Igreja de se (re)integrar na vida urbana recusando a incompatibilidade entre comércio e espiritualidade cristã.[134] Já não se tratava de dotar o

---

130 Freitas Morais, «A nova igreja», *A Paróquia, boletim de S. Sebastião da Pedreira*, nº14, (Nov.1971), p.4.

131 Pereira e Portas, «Centro Comercial e Cultural de S. Sebastião. Programa genérico e Solução esquemática. Memória», p.17.

132 Frederico George citado por Freitas Morais, «A nova igreja», p.4.

133 Cf. João Alves da Cunha, *The Amoreiras Chapel in the Amoreiras Shopping, Lisbon*, coord. Claudia Manenti, *La Chiesa nella città a 50 anni dal Concilio Vaticano II* (Bolonha: Bononia University Press, 2016), pp.76-78.

134 "'As pessoas vão comprar o que é necessário para garantir o funcionamento da sua casa; a caminho das lojas ou ao regresso entram para rezar. (...) As pessoas procuram um espaço de silêncio e interioridade. Assegurá-lo no centro de Lisboa é um serviço precioso que se presta não só aos católicos mas também à cidade', que desta forma 'ganha em humanidade'."
Peter Stilwell, «Lisboa: Capela de centro comercial oferece silêncio entre compras e trabalho», *Agência Ecclesia*, (17.Mar.2012).

bairro de uma igreja paroquial, mas antes de oferecer à 'barulhenta rua comercial' um lugar de silêncio e encontro – tema tratado pela revista *L'Art Sacré* em 1954 e focado no boletim do MRAR na primeira recensão daquela revista, em 1957[135]:

> "Na vertigem do nosso tempo o 'silêncio' aparece como uma exigência fundamental de todo o homem, sem a qual este não tem realização possível. Constantemente solicitado por obrigações exteriores, o homem dispersa-se, fragmenta-se, cria um desajuste entre o seu ritmo próprio e o ritmo que o rodeia, deixa-se invadir pelo mundo. É no silêncio que realiza aquela 'interiorização onde encontra a sua justa medida e que o ajuda a situar-se face às circunstâncias do seu dia.
> A revista *L'Art Sacré* no seu número dedicado ao silêncio, vem sublinhar esta necessidade vital."[136]

Esta oferta, uma capela dentro de um centro comercial, era fruto das novas práticas pastorais que vinham sendo exploradas e que motivavam novas pesquisas arquitectónicas. Recorde-se também a resistência da hierarquia eclesiástica face à transmissão televisiva da eucaristia celebrada nos estúdios da televisão, a partir do início da década de 1960.[137] Estas experiências constituiriam novas formas de comunidade, diferente das de base territorial até então abordadas.

Depois de termos evidenciado a importância do salão paroquial enquanto elemento agregador da comunidade paroquial, contemplando muitas vezes o cinema

---

135 Uma secção bibliográfica, criada no terceiro número do boletim movimento (1ª série), procurava apresentar e fazer breves leituras críticas de livros e revistas internacionais sobre a temática da renovação da arte religiosa. Da primeira biblioteca proposta constavam obras vindas de Itália, Espanha e França. De Itália o livro "10 anni di architettura sacra in Italia" (Bolonha 1956, apresentado por José Maya Santos), de Espanha a revista *Arte Sacro – anuário 1957* (redigido por Nuno Teotónio Pereira) e de França mais três revistas. Eram elas *Zodiaque*, revista publicada por uma abadia beneditina, a revista *L'Art Sacré* publicada pelos dominicanos, e a revista *L'Art Chrétien*, dirigida por Joseph Pichard, antigo fundador da revista *L'Art Sacré*. Coube a Maria Flávia Monsaraz, estudante de escultura, a recensão de um número: Le silence, *L'Art Sacré,* nº1-2, (Set.-Out.1954).

136 Maria Flávia Monsaraz, «L'Art Sacré», *Boletim - movimento de renovação de arte religiosa*, 1ª Série, nº3, (Dez.1957), p.11.

137 "Em 1960 inicia-se a transmissão em directo da missa dominical (...). Na RTP a introdução da missa deve-se sem dúvida ao papel de Mons. Lopes da Cruz, atento ao que se seguia no estrangeiro, sobretudo em França com 'O Dia do Senhor'.
A missa na perspectiva da época, tinha de ser celebrada num local isolado no estúdio ou seja, não podia ser no mesmo local onde decorriam o telejornal ou o teatro ou os musicais. Eram temáticas demasiado mundanas para que a missa pudesse acontecer no mesmo espaço. Foi assim instalado um altar numa área recuada do estúdio, ainda hoje designada por 'caverna' (...) [s]ó muitos anos depois passou a ser celebrada no estúdio propriamente dito."
António Rego, «A Igreja e a comunicação social em Portugal», em *A Igreja e a Cultura Contemporânea em Portugal*, coord. Manuel Braga da Cruz e Natália Correia Guedes (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2000), p.365.

arquitectura-indivíduo. O homem moderno, qualquer que seja a sua atitude confessional, precisa de um lugar de meditação, de encontro consigo mesmo e com o divino.

Não deverá a Igreja ser um lugar aberto a todo o homem, conservando espaços libertos de qualquer vinculação ritual, mas verdadeiramente funcionais em sentido mais humano e mais largo?

CRÍTICA DO PROGRAMA-TIPO À LUZ DA EVOLUÇÃO POST-CONCILIAR

A reunião prosseguiu com uma crítica do P. José da Felicidade Alves a determinada concepção de igreja subjacente ao programa-tipo. É que a evolução post-conciliar levantou sérias dúvidas sobre a validade de muitas opções pastorais e liturgicas de que o programa se fazia eco.

Há um problema de fundo (de conteúdo teológico-pastoral) mas há questões particulares que interessa apontar em concreto.

1 — A partir da 1.ª linha, toda a elaboração do programa parte da definição de "igreja" como "templo". Ora a "Domus-Ecclesiae", isto é, a "Casa da Comunidade Cristã" inclui um espaço para reuniões rituais e espaços vários para as outras funções da comunidade (serviços de evangelização, de catequese, de caridade, de convívio, etc.). O programa deveria ser elaborado a partir da vida da comunidade e não a partir do espaço ritual.

Centrar o programa sobre o termo "igreja" levará necessàriamente a considerá-la como "edifício sagrado, isto é, um edifício que pela consagração ritual foi retirado dos usos profanos para ser destinado a usos exclusivamente sacros" (sic). Ora, se o carácter de "sagrado" está no cristão e na Comunidade, todas as acções da vida da comunidade, são "sagradas" e não profanas. Pelo contrário "sacralizar" as coisas não será o mesmo que "coisificação" o sagrado? E a fixação do sagrado a tal local, tal objecto, tal imagem não será justamente a base da superstição e da magia ou, pelo menos, o regresso à mentalidade levítica do Antigo Testamento?

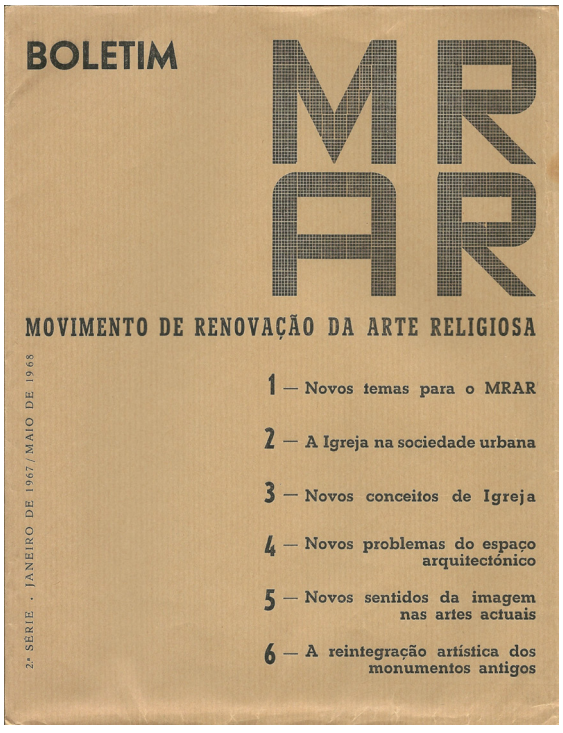
2 — Por detrás de tudo isto, está a ideia de que a essência da vida cristã é o *rito*, e tudo o mais é acessório. Não admira que o programa fale do "centro Paroquial como "complemento" da igreja. Na realidade porém a Casa da Comunidade Cristã é o "Centro Paroquial" do qual faz parte a igreja-templo.

3 — Mesmo ao falar de "igreja", o programa define-a como "espaço da celebração litúrgica". Mas... não há uma celebração, há várias celebrações, cada uma delas com as suas leis próprias, com processos de participação muito diferentes. A igreja não é feita só para a missa. Há o Baptismo, a Penitência, a Liturgia Matrimonial, a Celebração de Palavra...

E o mais grave é que, apesar do Concílio (ou por causa dele) estamos num tempo em que já não sabemos como é a fisionomia própria de cada uma destas acções litúrgicas. A evolução da liturgia está a mudar tudo num ritmo acelerado e imprevisível.

4 — Quando o programa fala da colocação da assembleia e da zona de presidência, contrapõe uma à outra, dando-se a entender que a assembleia constitui uma "plateia" convergindo para "uma zona ou lugar de celebração" (sic). Ora não há zona de celebração definida dentro da assembleia: todo o espaço da assembleia é zona

a.



b.

20. Último boletim do MRAR (Jan.1967-Mai.1968) *Arquivo FCG-MRAR*
a. 'Crítica do programa-tipo à luz da evolução post-conciliar'
Texto que integra o fascículo 3 'Novos conceitos de Igreja'.
b. Envelope que reune os diversos textos

como ferramenta pastoral ainda na década de 1950, a mobilidade era nova exigência a considerar – uma das transformações urbanas que alimentaram o debate no MRAR no final do ano de 1966:

> "A cidade moderna não é uma superfície. Ninguém habita só em sua casa: habita-se no escritório e no cinema, no restaurante e na igreja, em casa própria e na dos amigos. Onde está a velha casa familiar, ninho quente e confortável na árvore de velho tronco erguida no meio dos campos? A casa não se opõe já ao campo ou à fábrica. Vivemos num complexo urbano, habitamos uma rede de instalações, uma grande 'casa' estruturada, habitamos ruas e jardins onde procuramos a chave da felicidade. (...) Fiquemo-nos portanto com a ideia de que habitamos em 'todas' as casas da cidade e de que, quando mais nos deslocamos e sobretudo quanto mais suprimimos as distâncias para vivermos um espaço uno, único e multifuncional e variado, tanto mais somos citadinos."[138]

A mobilidade obrigaria a repensar outras formas de integração do equipamento religioso na cidade. Em 1972 reconhecia o SNIP que os programas não podiam ser pensados unicamente à escala da vizinhança, porque os indivíduos deslocavam-se e escolhiam, 'com mais liberdade' e 'consoante as suas preferências', as lojas, o cinema e o supermercado. Consequentemente, no campo religioso, "as pessoas assistem a missa onde lhes dá mais jeito, percorrendo por vezes grandes distâncias, para encontrarem o local que mais lhes agrada (...)"[139] – uma evolução do fenómeno já identificado na primeira sondagem à prática dominical, que analisámos no início do capítulo anterior.

3.7. A divulgação nacional de modelos e propostas
Campanha 'Novas Igrejas do Patriarcado'

Entre 1968 e 1982, foi publicado pelo Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado um pequeno boletim anual associado à campanha 'Novas Igrejas do Patriarcado', um desdobrável que procurava chegar gratuitamente ao grande público dando notícias dos trabalhos desenvolvidos no SNIP fossem eles de construção, adaptação e restauro de igrejas e capelas ou estudos de urbanização.

---

[138] Fernando J. Micael Pereira, «2- A Igreja na sociedade urbana», *Boletim - movimento de renovação de arte religiosa*, 3ª série, (Jan.1967-Mai.1968).

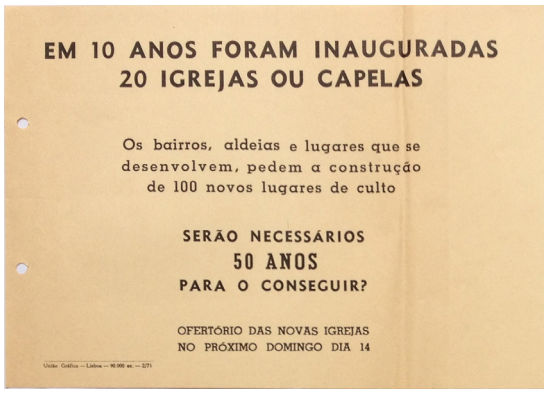
[139] [SNIP], «Igrejas para novos tempos», *Arquivo SNIP*, (24.Jan.1972), p.s/n.

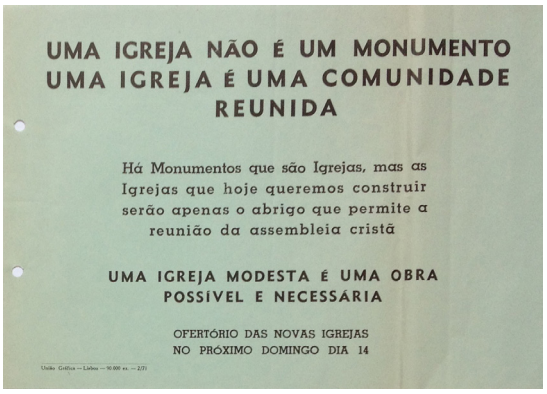


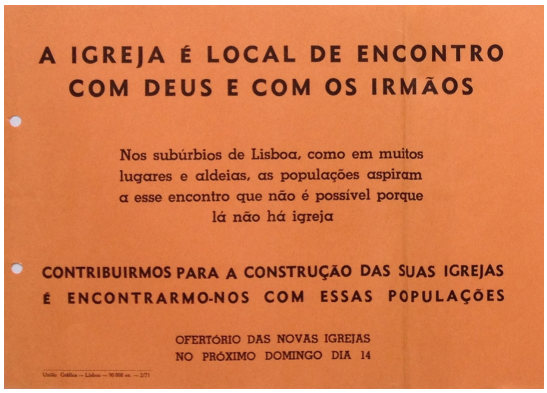


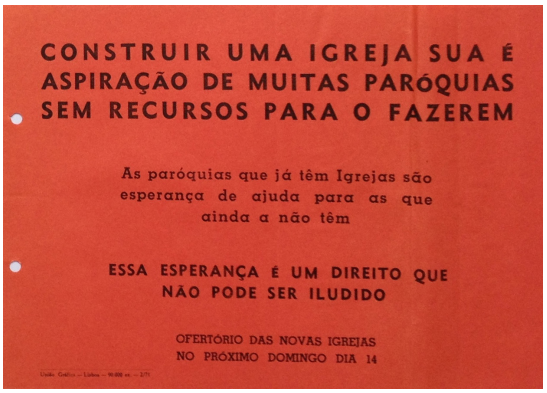


a. b. c.









d.

21. Campanha Novas Igrejas do Patriarcado
a. b. c. Cartazes (1965, 1968, 1974)
d. Propaganda (1971)

A edição do desdobrável surgiu cinco anos após o abandono da primeira publicação do secretariado, o boletim trimestral *Novas Igrejas* – uma pequena revista da exclusiva responsabilidade do SNIP publicada entre 1961 e 1963, cujo conteúdo procurava "contribuir para a reflexão e formação do clero e dos fiéis nos temas da arte, arquitetura e urbanística religiosa, mas também da pastoral litúrgica"[140].

> "In tale modo, lo scambio con il settore dirigente della diocesi di Lisbona poté diventare continuativo, specie dopo la costituzione del Secretariado das Novas Igrejas, quando [Diogo Lino] Pimentel, terminato lo stage bolognese, rientrò nella capitale portoghese. La fase operativa che seguì portò alla nascita del piano nuove chiese di Lisbona, (…) e nella stampa sia del '*Boletin*' che della rivista '*Novas Igrejas*' l'influenza delle esperienze bolognese risultò del tutto evidente."[141]

Logo no primeiro número, para além de notícias relativas à campanha, o boletim integrou o artigo 'A igreja na cidade' que recordava parte do conteúdo apresentado na exposição 'Dieci anni di architettura sacra in Italia' (Bolonha, 1955). Frases curtas e imagens criteriosamente escolhidas ajudavam a reconhecer a centralidade que a igreja ocupara no tecido urbano ao longo da história, convertendo-se nalgumas situações em símbolo na paisagem e símbolo da própria cidade; em contraponto, nas 'caóticas' grandes cidades, de que Nova Iorque é o arquétipo, reconhecia-se que até a arquitectura revivalista das catedrais sucumbira à volumetria de dominante vertical – "Il raporto della chiesa con la città non ha più riferimenti dimensionali, ma contenustistici"[142].

A reflexão que partia da constatação do valor do conteúdo da igreja face à dimensão, era complementada com a discussão da "falta do 'coração'" e da urgência de dar " a cada um desses novos bairros o seu centro de vida espiritual"[143], traçando o artigo "Igreja na Cidade" parte do programa de acção do SNIP. Depois, foi a vez de 'Igreja e Comunidade', artigo onde era debatida a questão da igreja como 'Casa de Deus' ou 'Casa do povo de Deus', a partir das conclusões do congresso do Centro de Pastoral

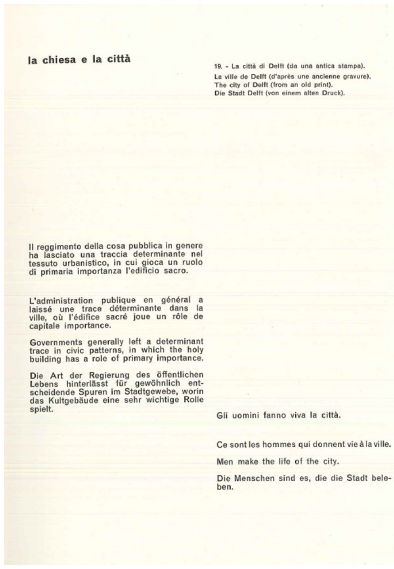
---

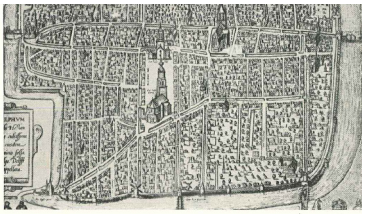
[140] Cunha, «MRAR e os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal no século XX - a ação do Movimento de Renovação da Arte Religiosa nas décadas de 1950 e 1960», p.145.

[141] Glauco Gresleri, «Entro il movimento europeo - il Centro di Studio», em Chiesa e Quartiere - storia di una rivista e di un movimento per l'architettura a Bologna (Bolonha: Editrice Compositori, 2004), pp.164-165.

[142] «La chiesa e la città», em *Dieci Anni di Architettura Sacra in Italia 1945-1955* (Bolonha: Ufficio tecnico organizzativo arcivescovile, 1956), p58..
A frase citada era ilustrada por uma fotografia aérea do Rockfeller Center, junto à catedral neogótica de St. Patrick, em Nova Iorque.

[143] [SNIP], «A igreja na cidade», *Novas Igrejas - boletim trimestral do Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado*, nº1, (Jan.-Mar.1961), pp.16 e 17.






a. b.

E' stata inaugurata a Bologna la sede della sezione tecnica dell'ufficio nuove chiese di periferia. Alla presenza di S. Em. il Cardinale Giacomo Lercaro e di esponenti del mondo culturale, l'architetto Giorgio Trebbi, direttore dello studio, ha tenuto il discorso di apertura. In esso si sintetizza la situazione urbanistica della città di Bologna ed i gravi problemi dell'inserimento dei nuovi centri parrocchiali nel tessuto urbano. Pensiamo fare cosa gradita ai nostri lettori riportando le parti salienti di detto discorso.

« Se noi guardiamo la conformazione della città di Bologna, compresa entro le vecchie mura ora abbattute, quella che più direttamente ci interessa, notiamo una struttura edilizia che, per quanto non commisurata alle esigenze della vita di oggi, rappresenta il tessuto costruito di una comunità urbana gravitante verso un centro, servita da chiese, cinema, negozi, accogliente una rete viva di interessi e di manifestazioni.

Ma se noi guardiamo l'espansione della città alla periferia, notiamo come essa sia in gran parte avvenuta senza alcun filo conduttore. Una marea di case, di botteghe, officine, depositi, ponti, strade, quasi sempre in assenza dell'ombra e del respiro del verde, ha bruciato i campi che ancora dieci anni fa lambivano la circonvallazione.

Dentro queste case, spesso squallide



c. d.

22. Referências de Bolonha

a. 'La chiesa e la città'

Conteúdo do projecto expositivo, da seccção de arquitectura, apresentado no pavilhão projectado por Giorgio Trebbi por ocasião do Congresso Nacional de Arquitectura Sacra (1955).

b. Pavilhão da exposição 'Dieci anni di architettura sacra in Italia 1945-1955'

c. 'Fatte che le case degli uomini non restino senza la casa di Dio'

Cartaz de propaganda e discurso arq. Giorgio Trebbi publicados na revista *Chiesa e Quartiere*, nº 3.-5, (Out.1956)

d. Fotogramas do filme 'Dove Dio cerca Casa' (1955) Renzo Renzi

Um autocarro-capela leva a Igreja aos bairros da periferia da cidade.

Litúrgica (Versailles, 30.Ago-1.Set.1960).[144] O artigo foi ilustrado com fotografias de Bolonha, mostrando diferentes estágios da formação de uma comunidade, desde a ocupação duma capela de emergência, até ao estudo de uma igreja definitiva, dando especial desenvolvimento às soluções de natureza provisória. Por fim, no último número daquele ano, publicava o boletim *Novas Igrejas* a tradução da conferência 'A igreja no bairro', que identificámos ter sido proferida pelo cardeal Lercaro no Politécnico de Turim em 1958.[145] A fotografia que acompanhava o texto documentava o recurso à capela-rolante nos bairros periféricos de Bolonha – um autocarro dotado de altar que garantia a assistência religiosa das populações que não dispunham de espaço de culto próprio – experiência que fora retratada na curta metragem de Renzo Renzi[146]. Prática idêntica tinha sido adoptada no período do pós-guerra na Alemanha, conforme noticiara a imprensa católica portuguesa[147]. Uma solução semelhante a estas lançadas na década de 1950 chegaria ainda a ser equacionada pelo SNIP, já no final da década de 1970 e início de 1980, para servir bairros clandestinos de Lisboa. A proposta do SNIP de combate ao isolamento das comunidades clandestinas, ainda que pudesse parecer

144 "Destinando-se a igreja a ser primariamente a casa duma comunidade cristã, por um lado deve reflectir, como que incarnar na pedra, no cimento e na madeira, a fisionomia espiritual dessa comunidade, no que ela tem de essencial e comum com todas as comunidades cristãs e no que tem de acidental e singular em relação a elas.(...) Construir uma igreja é problema delicado de teologia, arte e técnica, como o é de sociologia, administração e pastoral."
[SNIP], «Igreja e comunidade», *Novas Igrejas - boletim trimestral do Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado*, nº2-3, (Abr.-Set.1961), p.3.

145 Giacomo Lercaro, «A Igreja no Bairro», *Novas Igrejas - boletim trimestral do Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado*, nº4, (Out.-Dez.1961), pp.4-5.
Cf. Texto original publicado em Giacomo Lercaro, «L'Architetto oggi di fronte al tema sacro (Firenze, 11.Abr.1957)», em *La chiesa nella città - Discorsi e interventi sull' architettura sacra* (San Paolo, 1996), pp.27-39.
Para além deste texto recordamos duas intervenções de Lercaro directamente relacionadas com o debate sobre a presença da Igreja na Cidade, publicadas no mesmo livro: «I Congresso di Architettura Sacra - prolusione (Università degli studi di Bologna, 23.Set.1955)» e «L'Architetto oggi di fronte al tema sacro (Firenze, 11.Abr.1957)».

146 A experiência da capela volante tinha sido retratada na curta-metragem de matriz neorrealista, realizada por ocasião da Exposição de Arquitectura Sacra de Bolonha:
"La chiesa viaggia persino in autopullman, carrozzone motorizzato di una nuova avventura zingaresca: è la cappella volante che porta la domenica nei quartieri lontani, dove i nuovi edifici non hanno trovato una sistemazione adatta a trattenere la gente per il suo giorno di festa."
Renzo Renzi, *Dove dio cerca casa* (Itália: Columbus Film, 1955).

147 Frederico Lopes, «Correio da Alemanha: As capelas rolantes e o evangelho na diáspora», *Novidades*, (18. Jan.1955), pp.1 e 3.
Cf. Sven Sterken, «God Comes Along by Bus. The Chapel Truck Action of the Eastern Priests Relief Organization, 1950-1970», em *Más allá del edificio sacro: arquitectura y evangelización. Actas del Congreso Internacional de Arquitectura Religiosa Contemporánea 3*, ed. Esteban Fernández Cobián, 2013, pp.96-105.



a.

23. 'A igreja na cidade'
a. Artigo publicado na primeira publicação do SNIP 'Nova Igrejas' (Jan.-Mar.1961).

24. Boletim da campanha 'novas igrejas do Patriarcado' (1968)
a. Desdobrável [pág.375-376]

desajustada à realidade portuguesa, ia de encontro de outras iniciativas institucionais com sucesso reconhecido.[148]

A publicação dos artigos que aqui destacámos publicados em 1961 – "A Igreja na Cidade", "Igreja e Comunidade" e "A Igreja no Bairro" – é reveladora da importância dada ao testemunho herdado da experiência 'singular e dramática' de Bolonha, como diriam Giorgio Trebi e Glauco Gresleri em Basileia, em 1964:

> "Non aspettatevi il museo dell'architettura moderna, non aspettatevi lastrine da proiettare. Abbiamo la possibilità di sommergervi in un mare di esperienze le più singolari e drammatiche, quelle che l'architetto al servizio della società in fondo ama e nelle quali acquista il senso di una dimensione in continuo divenire e di una proporzione che travalica quelle di una pianta o di una facciata."[149]

De facto, mais do que influências formais o SNIP herdou o método de trabalho e o sentido de serviço à comunidade, com a qual sempre procurou manter diálogo. Cinco anos após o abandono da primeira publicação, procurou o secretariado dar maior visibilidade ao trabalho desenvolvido levando-o aos membros das diversas comunidades do Patriarcado, fossem elas do meio urbano ou rural, através do novo boletim. Era uma forma de alargar horizontes e levar a discussão dos programas e das condicionantes da arquitectura a um público mais afastado das reflexões pastorais publicadas nos canais de informação eclesiásticos institucionais, como o *BIP*.[150]A publicação do desdobrável era um canal de divulgação e propaganda dos diferentes programas e dos trabalhos que os arquitectos desenvolviam para a Igreja. Num pequeno quadro sumário eram apresentados os movimentos de receitas e despesas do secretariado, procurando uma transparência do trabalho e dos investimentos realizados. À imagem do boletim mensal do MRAR, da 2ª série, publicado entre 1961 e 1966, surgia também numa simples folha dobrada em três.[151] De forma simples e graficamente cuidada eram apresentadas as explorações arquitectónicas, em desenhos e fotografias, suportadas pelo debate pastoral

---

[148] Recorde-se o trabalho desenvolvido pelo Serviço de Biblioteca Itenerante da FCG, entre 1958 e 2002, junto das pequenas povoações, predominantemente do meio rural.

[149] Giorgio Trebi e Glauco Gresleri, «Comunicazione degli architetti del Centro di Studio e Informazione pe l'Architettura Sacra di Bologna al Convegno d'Arte Sacra di Basilea (18-21.Set.1964)», *Arquivo SNIP*, 1964, p.5.

[150] Após o abandono da publicação "Novas Igrejas", em 1963, os artigos e textos produzidos pelo SNIP passaram a integrar o *Boletim de Informação Pastoral*, surgindo também notícias pontuais no jornal do patriarcado "Novidades".

[151] [ver desdobrável do *boletim mensal do MRAR*, cap.5.3]

que as justificavam.[152] Romperam-se barreiras estabelecidas e comunicou-se a um público abrangente recorrendo a ferramentas do projecto: perspectivas, desenhos técnicos, fotografias, entre outros.

Em 1968, o primeiro número do boletim teve uma tiragem de 375 000 exemplares e apresentava em linhas gerais o espírito de renovação da Igreja que estava por detrás do abandono da construção de igrejas majestosas. A renovação litúrgica era responsável pela redescoberta do valor da participação activa da comunidade, com expressão directa no dia a dia. Neste contexto a igreja seria "a 'casa' que congrega e abriga"[153] ao serviço da cidade. A sugestão gráfica presente na campanha de 1968 expressava essa vontade da igreja ser casa entre as casas, afastando-se das do início da década muito agarradas ao discurso do cardeal Cerejeira. No interior do boletim eram apresentadas as diversas respostas ao problema; capela provisória, capela-salão, igreja paroquial – programas diversificados que estavam a ser explorados, não só na capital mas também em Rio Maior, Loures, Queluz e Sesimbra.

A propósito das **capelas provisórias** relevou-se a importância das experiências que ajudavam a "habituar à ideia do essencial" à "renúncia da obra feita e acabada" que posteriormente, e depois de amadurecida a comunidade, alimentariam "o desejo comum de construir a igreja definitiva, já não tanto como objectivo, mas como meio e instrumento".[154] O SNIP vinha desde 1961 a divulgar as experiências provisórias de capelas em Bolonha, fossem elas adaptações informais ou qualificadas por arquitectos.[155] Sobre esta prática pronunciara-se em 1959 o cardeal Cerejeira n'O grave problema das igrejas no Patriarcado de Lisboa':

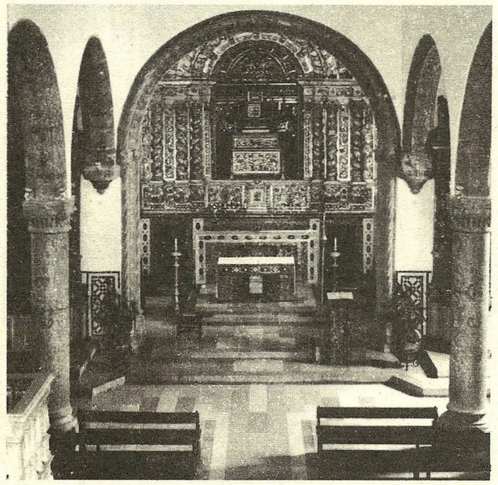
> "(...) a igreja é para o povo, não para a arte. Primeiro que tudo, está à salvação das almas. Com tal fim foi organizado em Milão um grupo de arquitectos, como há em Bolonha, para o estudo de uma ou mais soluções-tipo, de carácter geral, e daqui algum tanto impessoal. Talvez em Lisboa se imponha como necessária, diante da grandeza do problema das novas igrejas, uma medida semelhante. E em

[152] Boletins da Campanha "Novas igrejas do Patriarcado" [ver anexo 13]

[153] [SNIP], *Boletim da campanha - novas igrejas do patriarcado*, 1968.

[154] Ibid.

[155] «Lugares de culto provisórios numa cidade italiana - Bolonha», *Novas Igrejas - boletim trimestral do Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado*, (Abr.-Set.1961).
Cf. [SNIP], «Razão e vantagem das igrejas provisórias», *Novidades*, (9.Jan.1968).



Ig. de S. Tiago
Sesimbra
Projecto do SNIP

Neste momento de renovação, ou antes, de «aggiornamento», a que a reforma litúrgica conciliar veio dar impulso e orientação decisiva, além de se construirem novas igrejas, torna-se necessário remodelar as antigas, adequando-as às novas necessidades e exigências. Tarefa delicada, em que o respeito pelo que existe não deve impedir o acto criador, sem o qual tudo o que se faça será mesquinho e indigno. Trabalho em que se exige sensibilidade, amor pelo que é antigo, e capacidade imaginativa.

Temos já belos exemplos de remodelação em igrejas do Patriarcado: Sta Isabel, Lumiar, S. Tiago de Sesimbra, Alfeizerão, Fátima em Lisboa, e muitas outras. Algumas vezes, também nestes casos, a solução provisória serve de ensaio, ou é o recurso possível enquanto se não faz a obra definitiva.

Toda esta actividade que aqui se resume, é expressão duma diocese que se renova pelo esforço comum. Párocos e comissões, de colaboração com o Secretariado das Novas Igrejas, assumem a responsabilidade de tais obras e lutam por elas. Ao Secretariado cabe o planeamento, a programação, o estar alerta para que se adquiram terrenos a tempo nas zonas a urbanizar e, por vezes, executar também projectos, embora hoje se possa já contar com um bom número de arquitectos conhecedores dos problemas postos em matéria de arquitectura sacra.

Mas de nada servirá o esforço de alguns e o saber de quem projecta, se o movimento de construção de novas igrejas não for um movimento diocesano, no qual todos tomem parte, exigindo qualidade de arquitectura e adequação aos fins em vista, em vez de exibicionismo e monumentalidade; em que todos tomem parte, contribuindo para o esforço pastoral em curso, tentando compreender a Igreja dos nossos dias e os problemas que se lhe põem para ser verdadeiramente servidora de Deus e dos homens.

PROJECTOS REALIZADOS PELO SNIP
1966/1967

DE CONSTRUÇÃO

Olivais-Sul; Turquel; Valada do Ribatejo; Famalicão; Casalinhos de Alfaiata; Escola Técnica das Caldas da Rainha (capela); Casais de Martanes; Barril; Liceu Nacional de Setúbal (capela); Liceu Padre António Vieira (capela); Hospital de S. Maria (capela); Talaíde; Fonte da Bica; Casais Lagartos; Alfeizerão; Fanhais; Charneca do Lumiar; Galinheiras; Penalva e Feijó.

DE ADAPTAÇÃO E RESTAURO

IGREJAS

Aldeia Gavinha, Ajuda, S. Julião de Setúbal, Amora, Corroios, Sesimbra, Valada do Ribatejo, S. Mamede da Ventosa, Quinta do Anjo, Ponte do Rol, S. Domingos de Rana, Freiria, Igreja de Fátima, A-dos-Francos, Alfeizerão, Valado de Frades, Montijo, Lourinhã, S. Domingos de Benfica, Frielas, S. Simão (V. Fresca de Azeitão), S. Tiago de Palmela, Sto Amaro (Loures), A-dos-Cães, Alcobertas, Ereira, Baixa da Banheira, Bárrio, Barreiro.

CAPELAS

Manique (capela das Neves), Tercena, Usseira, Asilo de Carnide, Centro Paroquial do Restelo, Colégio de S. Vicente de Paulo, Hospital do Telhal, Casa de Retiros da Buraca, Bairro da Liberdade, Seminário de Almada, Seminário de Penafirme.

ESTUDOS DE URBANIZAÇÃO

Algés de Cima; Algés (Parque Anjos); Cruz Quebrada; Abóbada; Nova Oeiras; Nossa Senhora da Conceição em Setúbal; Barril; Sta Joana Princesa em Lisboa; etc.

FUNDO DAS NOVAS IGREJAS
(1960 — 1967)

RECEITA	
Peditórios e donativos vários	6.412.674$20
Empréstimos reembolsados	869.922$70
Total	7.282.596$90
DESPESAS	
Empréstimos	3.085.352$10
Subsídios	3.335.195$30
Administração apoio técnico	747.392$10
Total	7.167.939$50

NO PRIMEIRO DOMINGO DO ANO
7 de Janeiro de 1968
OFERTÓRIO PARA AS NOVAS IGREJAS

SECRETARIADO DAS NOVAS IGREJAS DO PATRIARCADO
Edifício de S. Vicente de Fora, Lisboa-2
Telefone 86 17 84

TIP. ANUÁRIO

375 000 ex. - Dezembro de 1967

1968

novas igrejas do patriarcado

Construir igrejas majestosas foi, noutros tempos, uma das formas mais expressivas de glorificar a Deus. A catedral ou a grande basílica, edificadas por gerações sucessivas no coração das velhas cidades, mais do que um espaço para congregar e abrigar os que oravam, eram a sua própria oração feita monumento.

Hoje, a renovação litúrgica pôs em relevo uma nova dimensão da oração da Igreja, a que esses tempos não foram muito sensíveis: a da participação consciente e activa de todos os fiéis na liturgia. Por outro lado, sente-se hoje que a oração litúrgica se deve projectar na vida, numa irradiação de fé e caridade, o que, no mundo moderno, significa espírito de verdade e de justiça, contributo para o desenvolvimento dos povos e luta pela paz verdadeira...

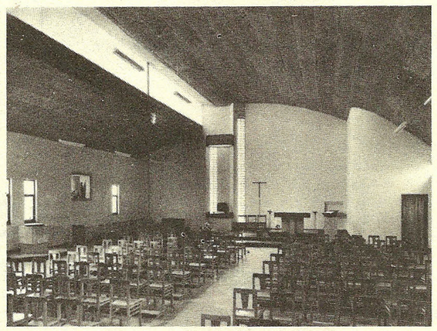
Por isso, as novas igrejas, já não serão monumentais e majestosas como as de outros tempos, que isso seria contradizer a própria realidade da Igreja dos nossos dias. Serão a *casa* que congrega e abriga o «Povo de Deus», reunido para a oração que é a Igreja actuando como servidora dos homens. Exprimir e servir essa realidade, é o que se pede à arquitectura sacra de hoje.

No Patriarcado, novos bairros e povoações inteiras, abrangendo milhares de cristãos, não dispõem ainda duma igreja, dum lugar de culto e oração, no qual se reunam para a missa, para escutarem a palavra de Deus, para receberem os sacramentos, para conviverem e organizarem as suas actividades de apostolado, formação, caridade e ensino.

No *primeiro domingo de Janeiro de 1968*, a todas as missas celebradas no Patriarcado, serão recolhidos os contributos em dinheiro de toda a diocese para o Fundo das Novas Igrejas. Destina-se este fundo, através da manutenção de serviços, de subsídios e empréstimos, a conseguir que, onde quer que façam falta, surjam as igrejas e capelas necessárias, ou se adaptem as existentes carecidas de restauro ou remodelação.

Estamos no «Ano da Fé». Que a generosidade do nosso contributo seja expressão da consciência de que ele é uma forma de ajudar eficazmente a manter e desenvolver a fé cristã na diocese a que pertencemos.

a.



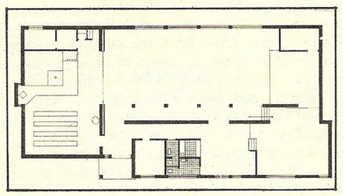
Capela provisória
de Olivais Sul
Projecto do S N I P

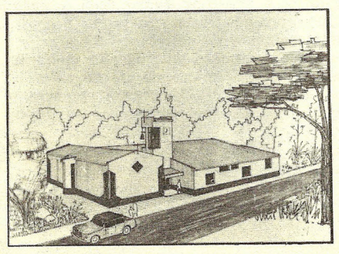
A capela provisória, além de resolver a curto prazo e econòmicamente um problema premente, tem a vantagem de nos habituar à ideia do essencial. Igreja provisória, qualquer que seja a forma que assuma, significa a possibilidade de reunião da comunidade cristã. Significa dispôr das instalações indispensáveis para o serviço que a Igreja se propõe prestar aos homens: anunciar a «Boa-Nova», renovar o Sacrifício redentor de Cristo, estabelecer relações de caridade entre as pessoas, ensinar, formar, acolher, etc.

Nas igrejas provisórias, tudo isso toma certa feição de «coisa a construir», e por isso mesmo exige sentido pastoral autêntico, renúncia à fruição da obra feita e acabada, procura do essencial. Sabe-se que se está a dar um primeiro passo no longo caminho de mãos dadas para Deus. Com o tempo vem o desejo dos outros passos, vem a segurança para os dar, vem a capacidade de testemunhar e compartilhar, vem o desejo de melhor servir, e só depois vem o desejo comum de construir a igreja definitiva, já não tanto como objectivo, mas como meio e instrumento necessário a esse viver cristãmente, que é afinal pôr em acto o Evangelho.

Nos últimos anos, algumas comunidades se têm assim formado.

Podemos citar o caso da Damaia, às portas de Lisboa. Ou o caso da Venda Nova, mesmo ao lado, que utiliza parte de um prédio condenado a demolição, e pensa agora em construir também a sua capela provisória. Ou ainda os do bairro novo de Olivais-Sul, de cuja capela provisória se dá uma imagem, de Paço de Arcos, e de Olival Basto, três casos diferentes na solução concreta, mas iguais no desejo de, sem esperar pela igreja definitiva, se fazer obra viva de construção da comunidade cristã local.



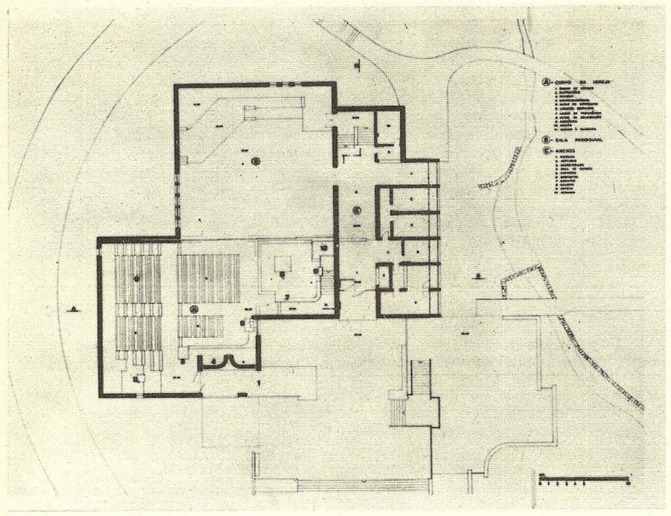


Capela — Salão tipo
Projecto do S N I P

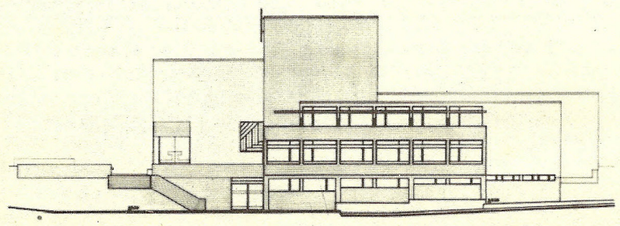
Aquilo a que se poderia chamar a capela-salão, mas que verdadeiramente é a casa em que se reune determinada comunidade cristã, seja para a oração, seja para actividades de tipo formativo, cultural, ou mesmo de convívio, também essa capela-salão parece ser uma solução verdadeiramente actual e adequada a certos meios.. Onde antes se construiria simplesmente uma capela, servindo apenas a uma parte da actividade religiosa do lugar — a oração em comum —, propõe-se agora a construção de um edifício que, com a mesma área, e custando por isso o mesmo, serve não só como lugar de culto, mas também como local de reuniões, de cursos, de convívio, de festas, de jogos, de catequese, etc. Também deste tipo de instalações damos aqui uma ilustração. Está uma em construção no lugar de Feijó, do concelho de Almada, outra na Fonte da Bica, ao pé de Rio Maior, outra ainda prestes a começar num lugar da freguesia dos Vidais, e espera-se terreno para construir outra no Bairro das Galinheiras, nos arredores de Lisboa. São construções simples, dignas, funcionais, e sobretudo muito maleáveis na sua utilização.

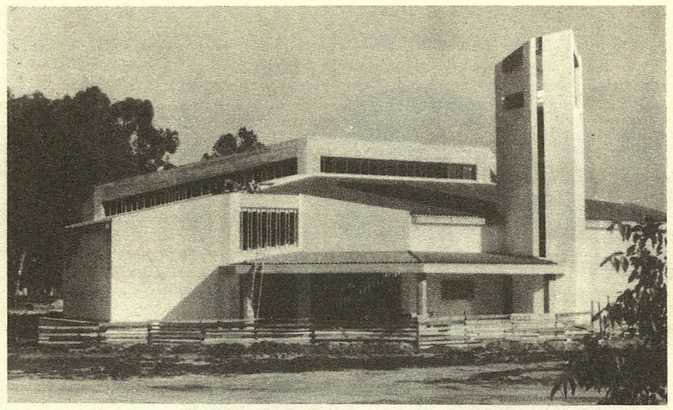
O mesmo conceito que presidiu à criação dessas capelas-salão, poderá ser extensivo a igrejas paroquiais. E não é só questão de economia, ainda que este modo de conceber igrejas possa economizar cerca de mil contos em relação ao que até aqui se fazia, e que normalmente era uma igreja e ao lado um salão. Parte da igreja poderá ser esse salão, que ora se integra no espaço sagrado para as funções litúrgicas, aumentando a sua capacidade, ora se poderá isolar para actividades não litúrgicas. Esta dupla utilização, além da economia que representa, poderá até acentuar que tanto umas actividades como as outras se realizam em nome de Cristo, pela mesma comunidade, no mesmo espírito de serviço e amor de Deus e dos homens.

É exemplo deste tipo de igreja paroquial a que está a ser projectada para o novo bairro de Santo António dos Cavaleiros, na freguesia de Loures.



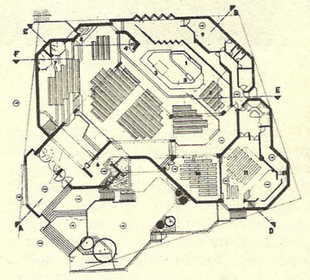
Igreja Paroquial de St.º António
dos Cavaleiros
Loures
Projecto de CANON, LDA.



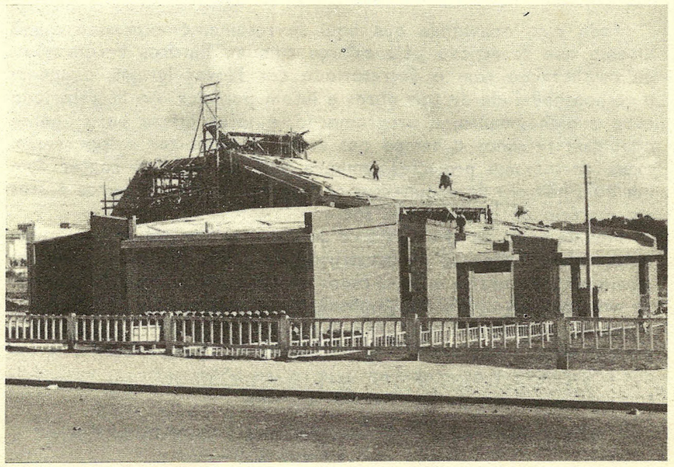


Igreja Paroquial de Rio Maior — Arq.tos Zuquete e Bruschy

Com os exemplos dados, não se pretende significar que já não haja lugar para outros tipos de igreja, mais dentro da linha tradicional. Há de facto. Não é de um dia para o outro que se muda tudo e se pode declarar ultrapassado um critério que deu provas e que foi útil e adequado. Pois igrejas destas também as há actualmente em projecto ou em construção no Patriarcado. São exemplos as novas igrejas de Queluz, de Almada, do Sagrado Coração de Jesus em Lisboa, de Rio Maior, de Paço de Arcos e outras. Todas elas são bons exemplos de arquitectura moderna, correspondendo a comunidades paroquiais cuja igreja se tornou pequena, e que não dispõem das indispensáveis instalações a que se tem chamado o centro paroquial.



Planta da Ig. de Paço d'Arcos
Projecto de Arq.º João de Almeida



Igreja de Queluz — Projecto de Arq.º Maya Santos

certos casos mais urgentes, porque não recorrer a igrejas ou capelas e até anexos pré-fabricados? Noutros países, bem mais ricos, não se tem hesitado."[156]

Após diversos estudos o SNIP acabaria por construir a primeira capela provisória na Damaia (1964-1965)[157] e, no ano seguinte, uma solução melhorada em Olivais Sul (1965-1966) – o espaço litúrgico desta última ilustrava o boletim da campanha de 1968. A capela provisória, parcialmente recuperável[158], construída em terreno municipal alugado, era completada por um pequeno corpo com salas para actividades, sendo as duas partes unidas por uma passagem coberta.

"(...) Dado tratar-se de uma construção provisória, o seu projecto foi concebido com a maior preocupação de economia. Fundamentalmente será constituída por paredes de alvenaria de tijolo, com 25cm de espessura, travadas por pilares de betão que simultaneamente suportarão a estrutura metálica da cobertura, executada em tubo de ferro. Esta estrutura metálica será recuperável. A cobertura será em chapa ondulada de alumínio.
(...) Na organização interior do espaço, tiveram-se em conta as actuais exigências de carácter litúrgico, e teve-se a preocupação de criar um espaço digno e adequado ao fim a que se destina."[159]

A solução construtiva para o espaço litúrgico proposta por Diogo Lino Pimentel recorda a idealizada por Glauco Gresleri para a instalação provisória da comunidade S. Vicenzo dei Paoli, na então periferia de Bolonha.[160] O boletim referia ainda outras

---

156 D. Manuel Gonçalves Cerejeira, «O grave problema das igrejas no Patriarcado de Lisboa (15.Dez.1959)», em *Obras Pastorais, quinto volume 1954-1959*, 1960, pp.87-88.

157 «Capela provisória da Damaia», *Boletim de Informação Pastoral*, anoVII, nº41-42, (Set.-Nov.1965), pp.31-33.
No mesmo número foram ainda publicados: «Outras capelas provisórias em Lisboa e seu termo [Curraleira - Alto de S.João, Bairro da Liberdade - S. Vicente Paulo, Olival Basto - Póvoa de Santo Adrião]» e «Problemática das capelas provisórias [capelas de recurso, a capela desmontável]». pp.34-35 e 36-38.

158 "Entre nós a capela desmontável totalmente recuperável não se afigura por enquanto a solução mais económica. Segundo o estudo feito pelo Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado a solução mais económica parece ser a capela de paredes de tijolo não recuperáveis e telhado com estrutura cobertura metálica recuperáveis. São também recuperáveis outros elementos construtivos (caixilhos, portas, etc.), bem como o apetrechamento: altar, ambão, pia baptismal, etc."
Ibid. p.38

159 Diogo Lino Pimentel e [SNIP], «Memória descritiva e justificativa [capela provisória para Olivais-Sul]», (8.Jun.1965), pp.1-2.

160 Esta capela provisória foi implantada num terreno adjacente ao do concurso lançado a par do Congresso de Arquitectura Sacra de 1955, ganho pelo arq. Filippo Monti. Após a construção da igreja, e apesar de estar prevista a possibilidade de total reutilização, a capela provisória não foi totalmente desmontada, tendo sido convertida em sala polivalente anexa ao campo desportivo, conforme foi constatado na nossa visita em Julho de 2013.
[SNIP], «Formação de comunidades paroquiais», *Novas Igrejas - boletim trimestral do Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado*, nº2-3, (Abr.-Set.1961), p.4.

experiências que o SNIP acompanhara, mas em que não tinha participado: a capela provisória de Olival Basto e a de Paço de Arcos, uma estrutura pré fabricada em apainelados de madeira. Os "três casos diferentes na solução concreta, mas iguais no desejo de, sem esperar pela igreja definitiva, se fazer obra viva de construção da comunidade"[161], tornavam evidente a coexistência de diversas opções. Das capelas referidas no boletim apenas duas, Damaia e Paço de Arcos, foram realmente provisórias tendo a última sido reutilizada[162]. Tal como acontecera com as eternamente provisórias capelas dos bairros de casas desmontáveis, também em Olivais-Sul e Olival Basto as capelas perduram até aos dias de hoje em funcionamento.

No arquivo do SNIP encontrou-se um estudo para uma outra capela provisória, de cuja construção não há notícia, onde é clara a proximidade da organização tipológica em T, da igreja de Moscavide, projectada no início da década de 1950, de reconhecida influência suíça. Ainda que se tratasse de uma construção provisória, procurava-se que respondesse às mesmas preocupações de natureza litúrgica e funcional.[163]

Outra proposta enunciada no boletim de 1968 foi a das **capelas salão**, apresentadas como "construções simples, dignas, funcionais, e sobretudo muito maleáveis na utilização"[164] – soluções de baixo custo que respondiam a diversas necessidades de pequenas comunidades, verdadeiros laboratórios para a síntese do programa litúrgico e pastoral, que explorou a unidade tipológica experimentando modelos de flexibilidade e maleabilidade. Eram síntese da procura de uma "casa em que se reúne determinada comunidade cristã, seja para oração, seja para actividades do tipo formativo, cultural, ou mesmo de convívio".[165] O início da investigação no SNIP recuava ao ano de 1967, e no Porto vinha já de 1963.[166] Tratava-se de um "esquema eficaz e económico", como se lia no artigo redigido no *BIP* em 1969, capaz de servir de

---

161 [SNIP], *Boletim da campanha - novas igrejas do patriarcado*, 1968.

162 A capela provisória instalada em Paço de Arcos na década de 1960 foi utilizada pela comunidade do Murtal (integrada na paróquia da Parede) até à construção do Centro Pastoral, inaugurado em 2017.

163 [Capela provisória I, ver anexo 17]

164 Ibid.

165 Ibid.

166 Sobre a experiência da capela-salão (Capela P) no Porto [ver cap.2.11.2]

> "(...) de base a diversas interpretações ou variantes já ao nível da arquitectura. Esse esquema base é o da articulação de um pequeno espaço exclusivamente destinado à oração, privada ou comunitária, com um segundo espaço mais amplo e polifuncional que servirá de prolongamento ao primeiro por ocasião de celebrações reunindo assembleias maiores."[167]

Para lá da especificidade do espaço de culto, a natureza polivalente do programa que procurava oferecer às comunidades mais isoladas espaços de reunião e sociabilização num momento de carência de equipamentos sócio-culturais, recorda em muitos aspectos as Casas do Povo, criados segundo a política corporativa do Estado Novo. Aliás é possível identificar algumas afinidades ao nível do desenho em soluções tipo pesquisadas.[168] Em 1964 Sergio Fernandez propôs para rio de Onor a construção de um equipamento desta natureza, no âmbito da prova CODA na ESBAP. Atente-se ao programa mas também aos critérios de escolha do local, à maleabilidade sugerida, à importância dos espaços de transição interior-exterior, à imposição da simplicidade construtiva – temas tão presentes nas propostas de capela-salão.

> "As vantagens da localização da Casa do Povo neste ponto [central] tornam-se evidentes, uma vez que a sua utilização não contraria os movimentos naturais da população, antes acentua o hábito de reunião existente.(..)
> O espaço maior (salão) permite uma utilização do tipo centralizado ou uma utilização segundo um eixo de orientação (...)
> Os (...) espaços (...)admitem a possibilidade de funcionarem em conjunto, albergando maior número de pessoas e permitindo diversas utilizações. No caso de sessões de cinema, diapositivos, etc. em que se requere uma orientação igual para todos os assistentes, a sala (...) funcionará como palco.
> O alpendre (...) estimula a permanência das pessoas, por estarem em contacto com o exterior. (...)
> Um edifício a erigir dentro [de] condicionantes deveria, por conseguinte, ser realizado em moldes construtivos rudimentares."[169]

No gabinete de pequenos projectos do SNIP foram desenvolvidos cerca de 40 projectos de capelas-salão. Trinta deles foram construídos e inaugurados ao longo das

---

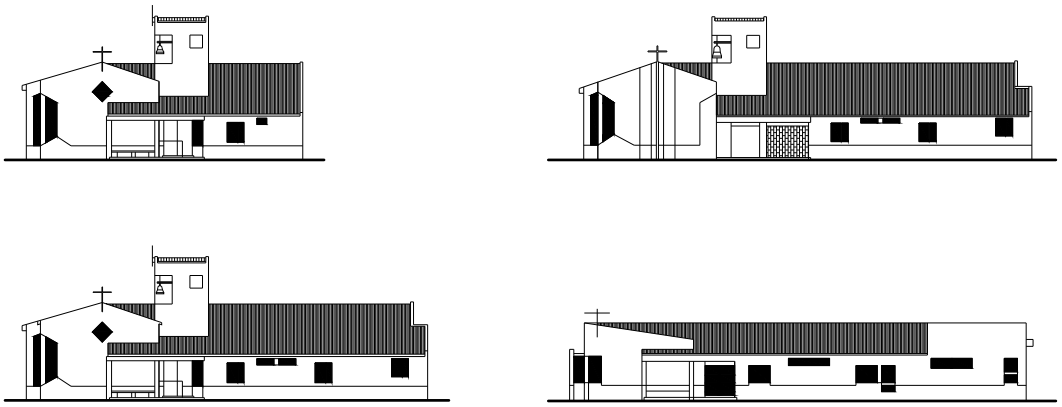
[167] «Novos conceitos de igrejas», *Boletim de Informação Pastoral*, ano XI, nº56-57, (Jan.1969), pp.31-32.

[168] "É nosso parecer que seja chegada a altura de se elaborar novo projecto-tipo, dentro dos mesmos moldes, para que não aconteça com estas capelas o que se passa com as chamadas 'escolas dos centenários' que infestam o país inteiro. Considera-se com interesse que não caiba ao SNIP o exclusivo de tais projectos (...)"
[SNIP], «Autorização para encomenda e pagamento de projecto. Tipo Obra: Pojecto-tipo para capela salão», *Arquivo SNIP*, 1969.
Este parecer atencedeu o convite a Germano Venade

[169] Sergio Fernandez, *Recuperação de aldeias. Equipamento Cultural. Rio de Onor, Bragança, prova CODA* (Porto: ESBAP, 1964), pp.20 e 22-24.

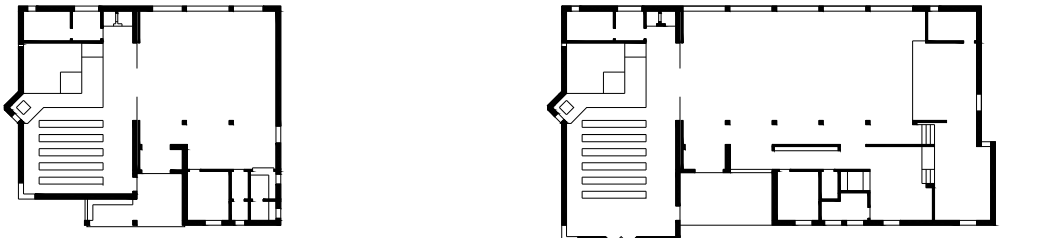
Tipo A (1967)

Rinchoa (Sintra,1970)	A1
Ponte de Vagos (Vagos - Aveiro, 1970)	A1
Cacém (Sintra, 1972) n/const	A1
Achada (Mafra, 1972)	A1
Casal do Ramos (Alcobaça, 1974)	A1a
Casal do Rei (Caldas da Rainha, 1974)	A5
* Fonte da Bica (Rio Maior, 1967-1977)	A1
Casais da Lagoa. (Azambuja,1986)	A1
Marteleira (Lourinhã, 1982)	A3
Moita do Poço (Alcobaça, 1970)	A3
Pereiras (Quarteira - Faro)	A1
Tramaga (Ponte de Sor - Portalegre)	A3



Tipo B (1972)

Cabos (Rio Maior, 1972)	B1
Casalinho (Bombarral, 1977)	B1
Casais da Memória (Rio Maior, 1978)	B1
Carvalheiros (Tomar, 1978)	B1
Bairradas (Caldas da Rainha, 1980)	B1
Casais de Monte Bom (Mafra, 1972)	B2
Casais de Britos (Azambuja, 1987)	B1
Ladeira (Mação)	B1
Pousados (Alcanena)	B1
Espadanal (Fragosela - Viseu) n/const	B1
Raposeira (Alcanena) n/const	B1



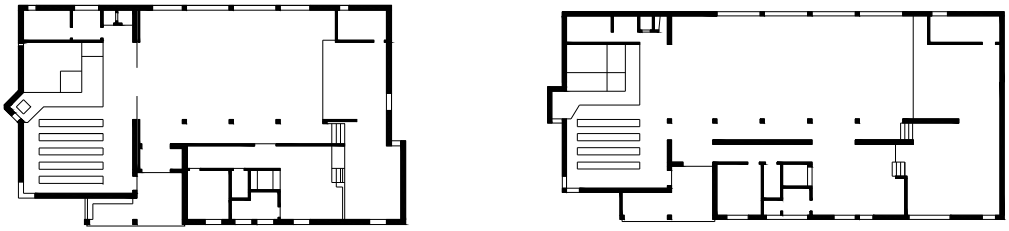
Tipo A3 **Tipo C1**

Tipo C (1969)

Fernão Ferro (Setúbal, 1970)	C1
Barril (Mafra, 1974)	C1
* Alvide (Cascais, 1969-1975)	C1a
Campelos (Torres Vedras, 1976)	C1
Lombo (Macedo de Cavaleiros - Bragança)	C1

Tipo D (1967)

Feijó (Setúbal, 1969)	D1a
* Galinheiras (Lisboa, 1967-1971)	D1



Tipo A1 **Tipo D**

Tipo E (1970)

Cheganças (Alenquer, 1970-1971) n/const	E1

Tipo F (1969)

Moita do Poço (Alcobaça, 1969) n/const	F1
* Marinhais (Salv. de Magos, 1969-1975)	F2

Tipo G (1969)

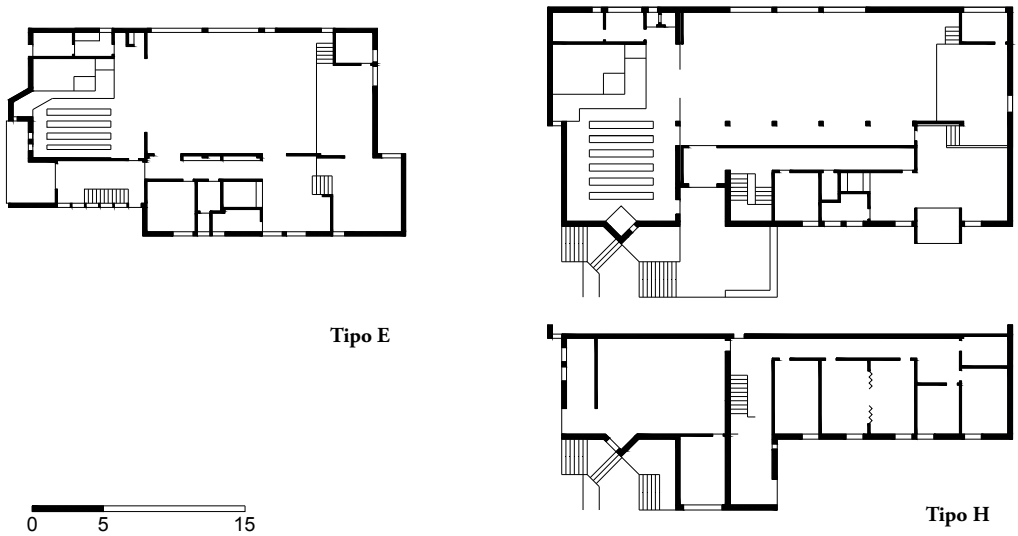
Torre (Batalha, Leiria-Fátima 1970)	G1
* Santa Suana (Sintra, 1969-1975)	G1

Tipo H (1971)

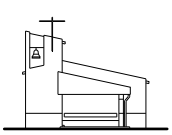
* Apelação (Loures, 1972)	H1
Pêro Pinheiro (Sintra, 1971-1983)	H1

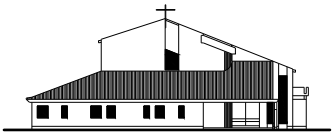
Tipo I (1969)

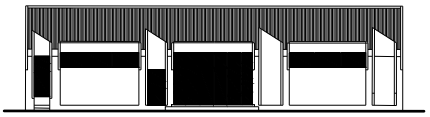
* Campolide (Lisboa, 1969) n/const	I1

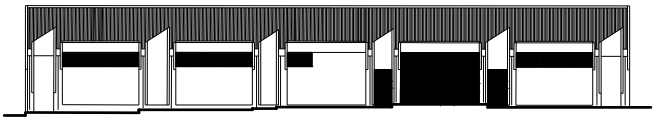


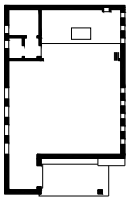
Tipo E **Tipo H**



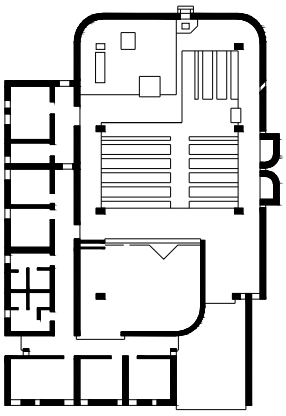




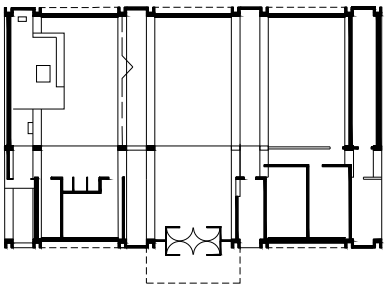




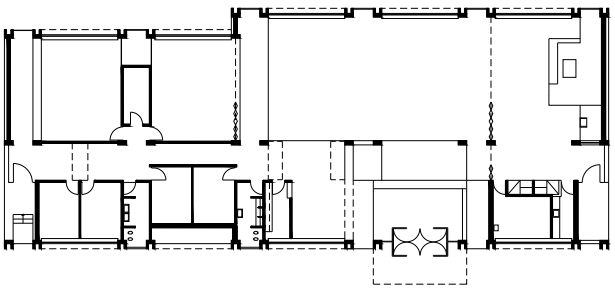
Tipo B1



Tipo G1



Tipo F1



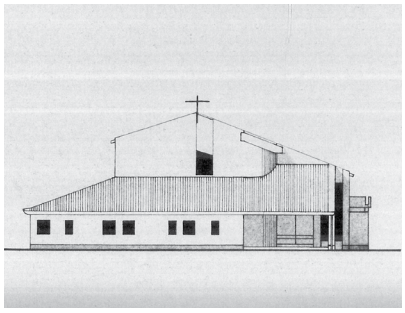
Tipo F2

25. Quadro síntese e listagem das capelas-salão projectadas pelo SNIP em território nacional.

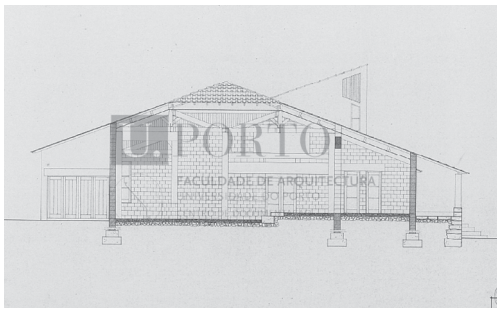
Foram respeitadas as letras atribuídas a cada tipo. Identificamos com * o primeiro projecto de cada série de capela-salão. A letra 'a' corresponde a soluções em espelho. Os anos, isolados, são os das inaugurações.

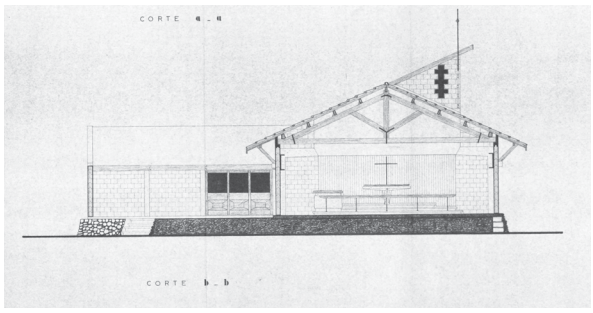
FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DO PORTO
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO



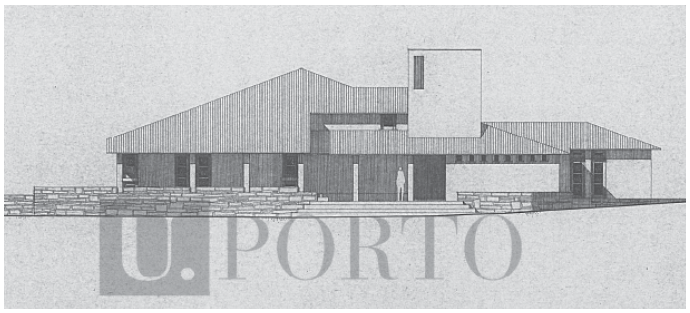


a. b.

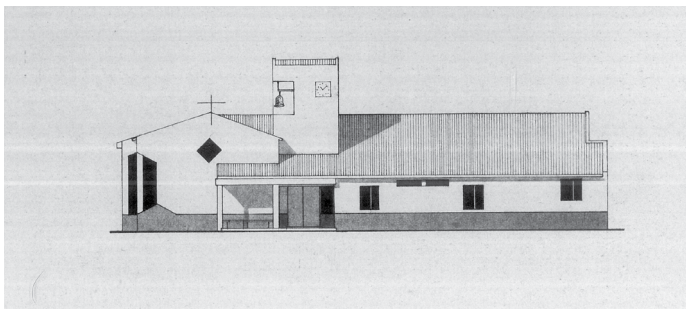

U.PORTO
FACULDADE DE ARQUITECTURA



c. d.


U.PORTO

e.



f.

26. Casas para a comunidade - casa do povo e capela-salão
a. c. e. Casa do Povo - Rio de Onor (Bragança,1964) Sergio Fernandez [prova CODA]
b. Capela P - Bairro da Pasteleira (Porto,1963-1966) arq. Vasco Mendes [CMP]
d. Capela Salão, tipo G - Santa Susana (Sintra, 1969-1975) arq. António Flores Ribeiro [SNIP]
f. Capela Salão, tipo A - Fonte da Bica (Rio Maior, 1967-1977) arq. Diogo Lino Pimentel [SNIP]
Programas pensados para pequenas comunidades, flexiveis no uso, modestos nos recursos.

décadas de 1970 e 1980. Os boletins da campanha acompanharam e noticiaram as diferentes encomendas e estudos. Em 1972 foram reunidas em catálogo, as 16 variações tipológicas de capelas-salão, resultantes das várias encomendas.[170] Algumas das soluções apresentadas foram construídas fora do território de acção do SNIP, da diocese de Bragança-Miranda à de Faro. O impacte destas soluções, que se pode avaliar pelo número e abrangência territorial da sua implantação, faz delas um caso de estudo que tem despertado interesse da comunidade académica.[171]

Praticamente desde o início do desenvolvimento destes projectos, foi testada a sua aplicação/adapatação à escala do complexo paroquial, tal como ilustrava o projecto desenvolvido pela CANON[172] para a igreja de Santo António dos Cavaleiros em Loures, que também surgiu no boletim de 1968. Este complexo paroquial integrava um plano de urbanização cujo projecto recuava a 1964, promovido pela ICESA – Indústria de Construções e Empreendimentos SARL para um bairro com população estimada em 12000 habitantes, onde motivos de ordem económica e rapidez de construção levaram à adopção pioneira do sistema de pré fabricação pesada em Portugal.[173] À semelhança dos projectos dos blocos de habitação colectiva, também a Igreja procurava soluções económicas, conforme mostra a evolução do projecto. A primeira fase (1966), com separação do programa litúrgico e pastoral, evoluiria para uma solução mais próxima da capela-salão, conforme vê no projecto apresentado no boletim em 1968. Se as razões de ordem económica eram apresentadas como condicionantes e motoras daquela exploração, era igualmente verdade que a pesquisa correspondia a uma busca da expressão da identidade da própria comunidade. A partir do início da década de 1970, assistimos à construção de um conjunto de igrejas que surgiam na continuidade das

---

170 O dossier integrava projectos para capelas (tipo I) e capelas-salão (tipo II), com respectivas variações (tipo I de A a E e tipo II de A a J), não sendo feita qualquer referência à localização geográfica das obras encomendadas, nem à data da elaboração dos estudos.
Cf. «Projectos-tipo executados pelo Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado», *Arquivo SNIP*, 1972.

171 João Luís Marques, «Entre lo provisional y lo definitivo. Experiencias de las capillas-salón del Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado de Lisboa», em *Más allá del edificio sacro: arquitectura y evangelización. Actas del Congreso Internacional de Arquitectura Religiosa Contemporánea 3*, ed. Esteban Fernández Cobián, (2013), pp.204-213. [ver anexo 19]
"A Igreja Católica e a cidade moderna: a experiência das capelas-salão no Patriarcado de Lisboa" projecto de investigação do Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, (2016).

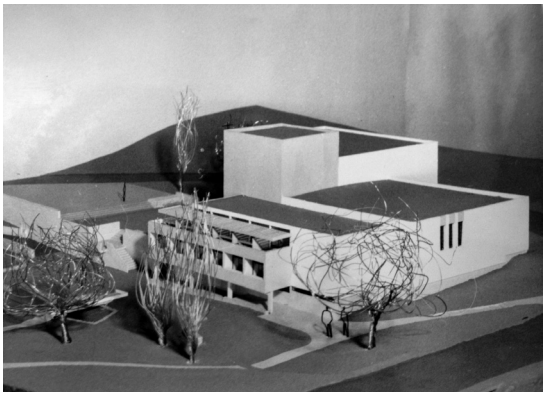
172 CANON – Centro de Estudos e Projectos, Lda, gabinete de arquitectura fundado por Diogo Lino Pimentel e Sebastião Formosinho Sanches, em 1966 após participação conjunta no concurso para a Sé de Bragança (1964) em que obtiveram o segundo lugar.

173 Alberto Reaes Pinto, «A primeira experiencia de pré-fabricação pesada em Portugal», *Jornal Arquitectos*, nº 104, (Jul.-Ago.1969), pp.154-155.



a.







b. c.

27. A igreja de Santo António de Cavaleiros na urbanização ICESA (Loures, 1964-1971)

a. A urbanização e a igreja em construção.

Assinalada a localização da igreja.

b. Publicidade "Tanto espaço para viver"(c. 1970)

"Em Santo António dos Cavaleiros não há nada do que obriga os homens a fugir das cidades. Imagine o que é viver longe da multidão. Longe dos ruídos.Mas apenas a dois passos de Lisboa! (...) tudo foi estudado para lhe oferecer um viver tranquilo (...)"

c. Maquete da Igreja-Salão -. *Arquivo SNIP.*

experiências de polivalência propostas pelas capela-salão, projectos também acompanhados pelo SNIP. Para além da igreja projectada por Diogo Lino Pimentel e Teresa Capucho para Santo António dos Cavaleiros (Loures, 1968-82) são também exemplo desta evolução as, formalmente tão diferentes, igrejas projectadas por António Flores Ribeiro para o rés-do-chão e cave do prédio de habitação colectiva de Algés (Oeiras, 1969-77)[174], por Alberto Camacho para S. Domingos de Benfica (Lisboa, 1969-73) [175]e por Pedro Vieira de Almeida para Olivais Sul por Pedro (Lisboa, 1970-88)[176] – todas elas ilustradas nos boletins *Novas Igrejas do Patriarcado.*[177] Continuava porém a haver espaço para as igrejas e complexos paroquiais que seguiam outras linhas mais convencionais.

O desafio comum a todos os projectos era o de renovação e aggiornamento, que fez igualmente **adaptar as igrejas existentes**. Também pela arquitectura religiosa era feito o debate sobre a intervenção no património edificado:

> "Tarefa delicada, em que o respeito pelo que existe não deve impedir o acto criador, sem o qual tudo o que se faça será mesquinho e indigno. Trabalho em que se exige sensibilidade, amor pelo que é antigo, e capacidade imaginativa."[178]

O tema tinha já sido trabalhado pelo MRAR ainda na primeira metade da década de 1950. Em 1954, o 1º Encontro do MRAR tinha-se dedicado ao estudo "Adaptação das igrejas antigas às necessidades actuais". A "Adaptação das igrejas antigas às exigências da espiritualidade litúrgica moderna" foi igualmente o tema tratado por Nuno Teotónio Pereira numa conferência realizada nos Açores em Agosto de 1962, integrada numa iniciativa do MRAR realizada durante o Concílio Vaticano II. Posteriormente ao concílio foram propostos encontros para debater o tema que, contudo, não chegaram a

---

174 Em Algés, António Flores Ribeiro adaptou a tipologia de capela-salão que desenvolveu no gabinete de pequenos projectos do SNIP. A assembleia desenvolve-se em L em planos inclinados (balcão e anfiteatro) e de nível (salão na cave), permitindo um aumento de pé direito sobre o altar localizado no interior do logradouro, que goza de luz natural zenital. A parede divisória do salão, sob o balcão, foi retirada não existindo hoje a polivalência prevista.

175 Da igreja projectada para o Bairro das Furnas, destacamos a utilização da parede elevatória motorizada na articulação dos dois corpos (igreja e salão) que permite uma franca e total ligação entre os volumes.

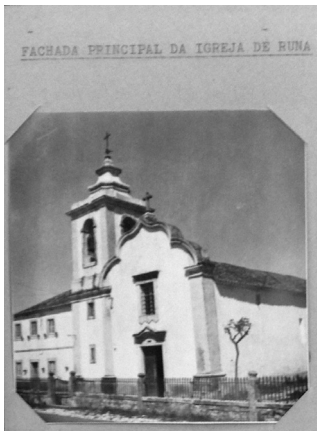
176 [sobre o concurso dos Olivais, ver cap.4.2.2]

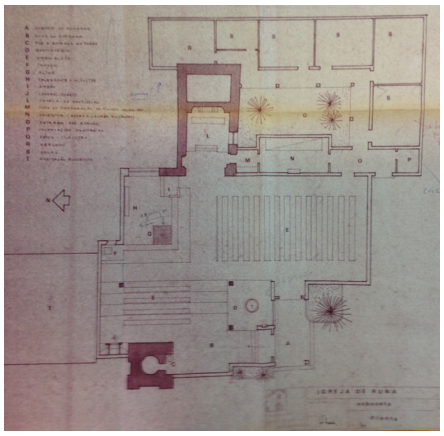
177 Cf. *Boletim da campanha - novas igrejas do patriarcado*, Projectos de igrejas-salão: Santo António dos Cavaleiros (1968), Lavradio (1969), Olivais Sul e Algés (1971), Apelação (1973), S. Domingos de Benfica (1974). [ver anexo 13]

178 [SNIP], *Boletim da campanha - novas igrejas do patriarcado*, 1968.



a.



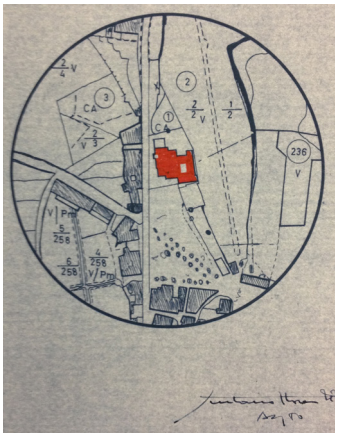




b.

"Encontrando-se a Igreja paroquial de Runa em precário estado de conservação, pareceu oportuno que às obras de restauro impostas pelo seu estado, fosse ampliado na medida do possível, o diminuto espaço reservado à assembleia e adaptar a zona do santuário às determinações Conciliares. (...) ficou acordado a total demolição do edifício, exceptuando a torre sineira e capela-mor que seriam integradas na futura igreja a projectar de raíz. (...) A organização do programa foi baseada no 'Programa de Construção de novas igrejas' elaborado pelo SNIP."

António Flores Ribeiro, «Memória Descritiva e Justificativa da Igreja de Runa», *Arquivo SNIP,* (29.Jul.1968).



c.

28. Remodelação igreja de Runa (Torres Vedras, 1968-1975) arq. António Flores Ribeiros *Arquivo SNIP*

a. Nova igreja em construção

b. Elementos da pasta do processo

Antiga igreja, planta da nova proposta, postal.

c. Planta de implantação

ter lugar.[179] Porém a prática de intervenção sobre o património vinha-se consolidando, inclusivamente antes do concílio, como aconteceu com a igreja de Santa Isabel em Lisboa, cujo projecto recua a 1960 e que fora publicado na revista *Arquitectura*, em 1965.[180] Este era um dos exemplos que integrava a lista de realizações enunciadas no SNIP no primeiro boletim da campanha. Posteriormente ao concílio um conjunto significativo de intervenções foram realizadas nas igrejas paroquiais existentes, com especial foco na organização do espaço litúrgico. Para além destes arranjos, destacamos um conjunto de trabalhos desenvolvidos pelo gabinete técnico do SNIP a partir do final da década de 1960 – intervenções sobre o património construído, maioritariamente em contexto rural. O projecto da igreja de Runa (Torres Vedras, 1968-1975) é exemplar da vontade de renovar o espaço litúrgico e repensar a integração urbana da igreja. A antiga igreja de desenvolvimento longitudinal e perpendicular à estrada sobre a qual se abria, daria lugar a uma igreja organizada em L, de desenvolvimento paralelo ao eixo viário abrindo-se, agora, para um amplo adro a partir de um alpendre, espaço de acolhimento. O programa contemplava ainda um conjunto de salas organizadas em volta de um pátio na parte posterior da antiga capela-mor. Da igreja primitiva restou a torre sineira e a capela-mor convertida em capela de adoração do Santíssimo. A esta obra juntam-se as de Famalicão da Nazaré (Alfeizeirão, 1971)[181], Pedra (Torres Vedras, 1979-1981), do Ramalhal (Torres Vedras, 1980-83)[182], e Santa Catarina (Caldas da Rainha, 198-), algumas delas publicadas no *Boletim da campanha - novas igrejas do patriarcado*. Intervenções de natureza semelhante foram realizadas primeiramente no Norte do país.[183]

Tal como enunciado nas campanhas era função do SNIP ser plataforma de investigação de novas soluções – "Exigem-se soluções vivas para comunidades vivas, tanto no projectar como no utilizar." [184]

---

[179] Do plano de actividades do MRAR para o ano de 1966 estava prevista uma reunião de estudo dedicada à "remodelação de igrejas" e para 1968 estava prevista uma outra sobre "Estudos de critérios e formas de intervenção em igrejas antigas para actualização litúrgica e ambiencial (análise de experiências em Lisboa e Porto)." Nenhuma das duas foi realizada.

[180] Diogo Lino Pimentel, «A renovação do interior duma igreja : Santa Isabel, em Lisboa (António Freitas Leal)», *Arquitectura - revista de arte e construção*, nº89-90, (Dez.1965), pp.185-189.

[181] [SNIP], *Boletim da campanha - novas igrejas do patriarcado*, 1971.

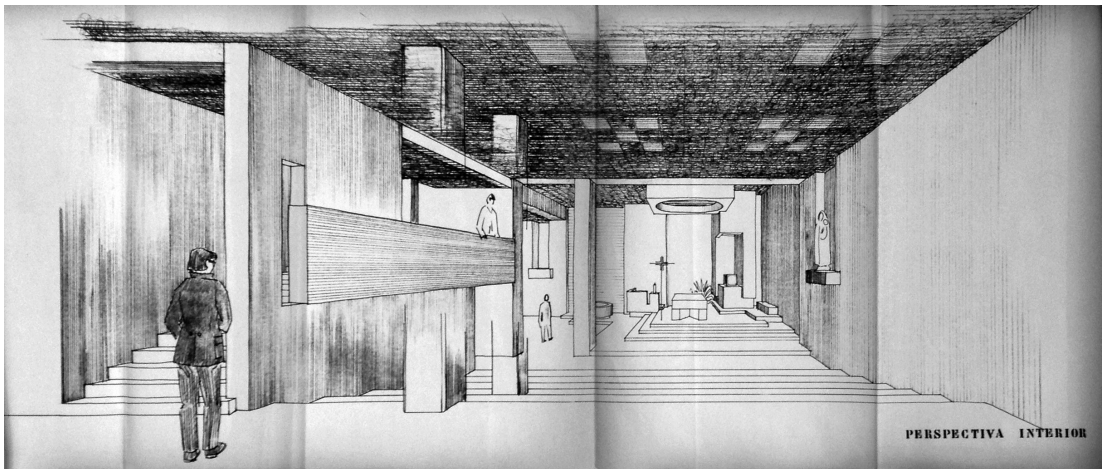
[182] [SNIP], *Boletim da campanha - novas igrejas do patriarcado*, 1980.

[183] Igreja de Sever do Vouga (1964) [ver cap.5.5]

[184] [SNIP], *Boletim da campanha - novas igrejas do patriarcado*, 1971.



a.



b.

"Ora, isto de uma igreja no rés-do-chão (ou será na cave?),
no lugar da garagem, do 'café' ou da loja de modas,
não lembraria ao diabo, embora nos pareça... uma ideia diabólica.
Será que daqui por uns anos, teremos de nos referir a certo vizinho,
residente no Parque Anjos, dizendo por exemplo:
o Silva, aquele que mora por cima da Igreja?
E o Silva terá a possibilidade de ir à 'missa do galo'... pela escada de serviço?"

Parque Anjos, *Jornal Costa do Sol*, 1968

29. Igreja Cristo Rei (Algés, 1968-1977) arq. António Flores Ribeiro *Arquivo SNIP*
a. Fotomontagem
b. Perpectiva do interior

Em 1969 tinham sido anunciados no boletim "os primeiros ensaios entre nós de integração de **igrejas em edifícios de habitação**, em zonas de características vincadamente urbanas"[185], procurando uma valorização do terreno e a angariação de recursos para a construção da igreja – ideia que já em 1968 corria na imprensa regional, a propósito da nova igreja do Parque Anjos em Algés, gerando incompreensão. Três anos depois, em 1971, um desenho do prédio de Algés com igreja ilustrava o boletim. A igreja seria inaugurada a 20.Nov.1977. O prédio, tal como a igreja, formam um conjunto desenhado pelo arq. António Flores Ribeiro. O espaço litúrgico explorou uma tipologia polivalente, à semelhança das capelas-salão que Flores Ribeiro vinha desenhando no gabinete de pequenos projectos do SNIP, desde 1967. Em causa estava a "[r]enovação de conceitos por forma a que a igreja-edifício corresponda melhor à Igreja-comunidade, que se vai também renovando"[186]. A renovação significou aqui regressar às origens. De facto uma igreja anónima, sem destaque na cidade, remete para a *domus eclessia* dos primeiros tempos do cristianismo.[187] Este era um debate alinhado com a discussão internacional coberta pela revista *L'Art Sacré* que em 1968, publicara a igreja de S. Lucas em Grenoble num número intitulado "'Ou priérons nous demain?"[188]

O tema despertava aliás interesse fora da imprensa católica. Em Janeiro de 1961, a revista *L'Architecture d'Aujourd'hui*, no número monográfico dedicado à arquitectura dos países nórdicos, tinha já integrado, a par de outras igrejas, a "Petite église à Vallingby" (1956), projectada por Carl Nyren. Tratava-se do primeiro lugar de culto daquela cidade satélite de Estocolmo, cujo plano previa a construção de um grande igreja junto à zona comercial central. A igreja no prédio, inaugurada em 1956, era uma solução de natureza experimental que se adaptava às novas necessidades, conforme explanava o artigo:

> "Dans la croissante impersonnalisation de la vie urbaine, l'homme perd peu à peu, non seulement le sens de son individualité, mais encore celui d'appartenir à une petite communauté telle qu'elle existait dans les villages. (…) L'église, centre spirituel (…). Il s'agit ici d'un cas tout a fait particulier puisque, pour financier la construction de l'église a été édifié en même temps un immeuble haut destiné à l'habitation." [189]

---

185 [SNIP], *Boletim da campanha - novas igrejas do patriarcado*, 1969.

186 Ibid.

187 Cf. Klemens Richter, *Espaços de igrejas e imagens de Igreja* (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2005).

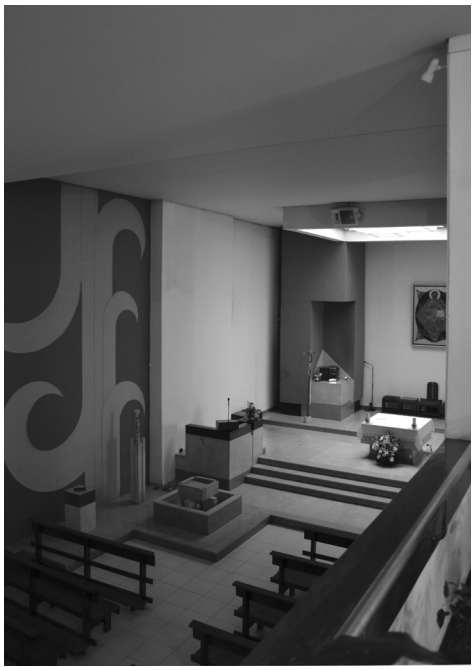
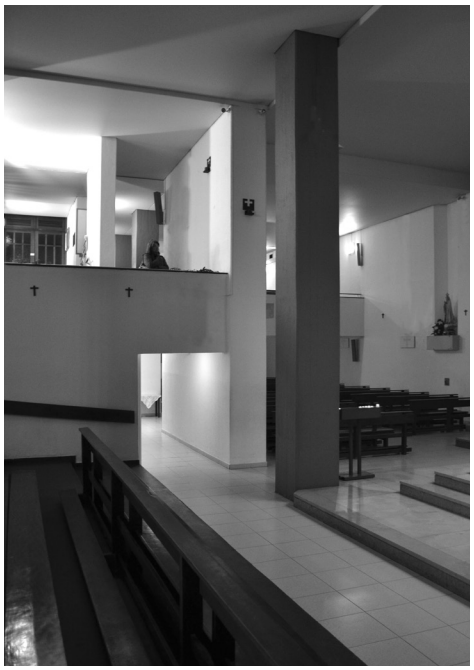
188 Cf. João Luís Marques, «From Bologna to Lisbon - Pastoral and architectural experiments in transit: from the provisional chapel to the church in a housing block», em *La Chiesa nella città a 50 anni dal Concilio Vaticano II*, ed. Claudia Manenti (Bolonha: Bononia University Press, 2016), pp.129-131.

189 «Petit eglise à Vallingby)», *L'Architecture d'Aujourd'hui*, nº93, (Dez.1959-Jan.1960), p.64.

Memória Descritiva e Justificativa (Lisboa, 3.Fev.1971)
Projecto

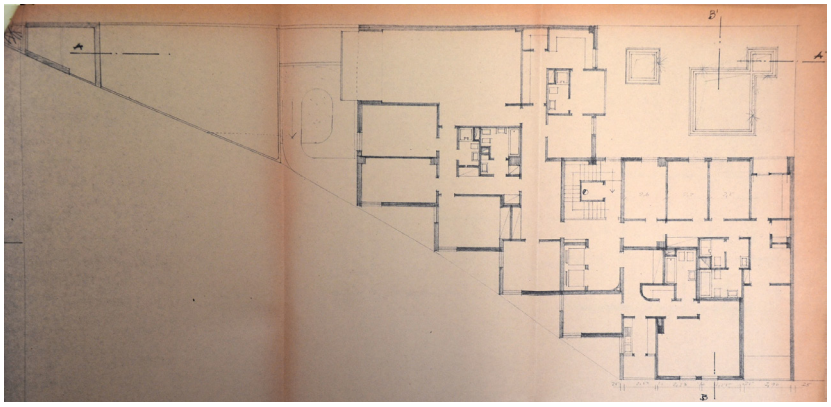
"De acordo com o programa estabelecido pelo Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado, foi projectado o presente edifício para terreno junto ao Parque Anjos onde existe, actualmente uma pequena capela que funciona desde há alguns anos como sede da paróquia. Este programa envolve o **estudo em conjunto de um bloco habitacional e da futura igreja paroquial.** (...)
Dada a dificuldade da exploração de um programa à data inédito, num terreno de dimensões reduzidas, o espaço destinado ao culto foi concebido em L, desenvolvendo-se o lugar dos fiéis em convergência ortogonal em planos inclinados e de nível. O nártex aproveita rigorosamente o triângulo criado entre os dois corpos convergentes da assembleia.
A zona do santuário que corresponde à área do logradouro do edifício pôde beneficiar de um aumento de pé direito, enriquecendo o espaço interior. O altar encontra-se na base de uma fonte zenital de iluminação natural. Na mesma zona prevê-se além do altar, o ambão e o tabernáculo, a localização do baptistério.

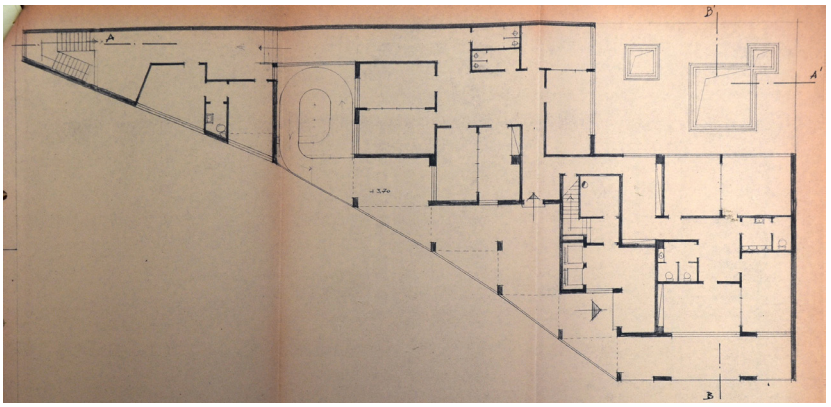
Em ordem a uma maior economia de espaço, a área do salão paroquial é integrada no espaço destinado à assembleia litúrgica. Estes dois espaços, quando necessários, separam-se por meio de uma parede amovível. (...)
A existência de duas realidades de natureza tão diferentes dentro de um mesmo edifício, obriga-nos a marcar com segurança, o corpo paroquial com uma composição horizontal, que remata a poente com um pequeno corpo, no qual se pensa integrar qualquer motivo iconográfico tradicional do edifício de culto.
Esta **situação de compromisso**, das primeiras a realizar no nosso país, pode considerar-se uma solução válida, quer do ponto de vista canónico, quer do urbanológico, quer ainda do ponto de vista económico.
O programa proposto apresenta, além das **vantagens económicas** de imediata apreensão uma outra do tipo psico-pastoral. Esta última constitui uma **tentativa de integração da dimensão religiosa nos quadros actuais da vida urbana**.(...)"

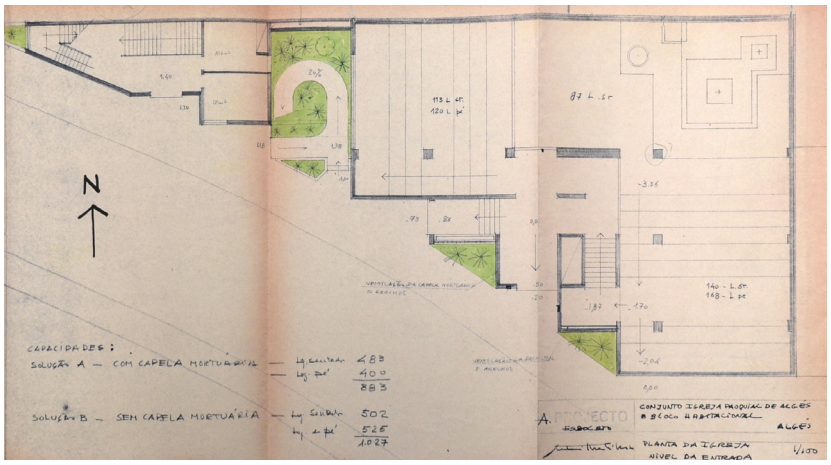



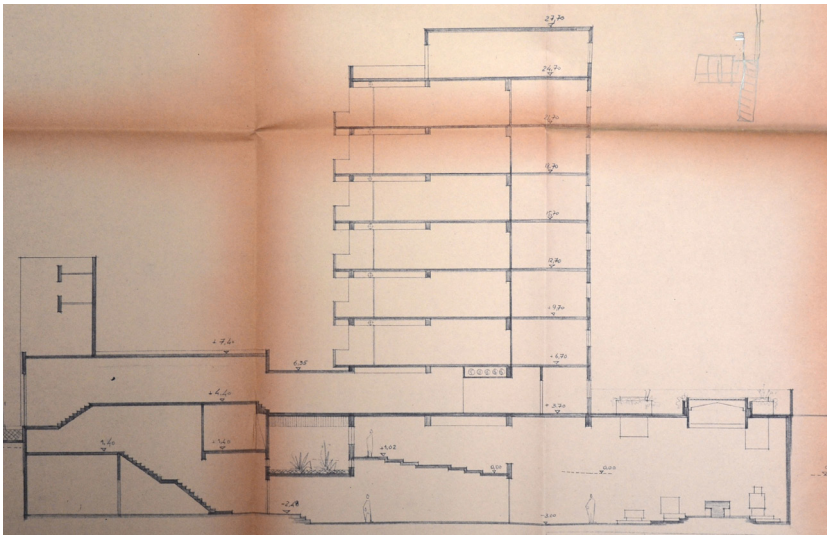

a.

30. Igreja Cristo Rei de Algés (1968-1977) arq. António Flores Ribeiro
a. Fotografias do interior (2014).
b. Plantas da igreja (pisos -1 e 0), do centro paroquial (piso1), da habitação (piso tipo); e corte. *Arquivo SNIP*






N
CAPACIDADES :
SOLUÇÃO A — COM CAPELA MORTUÁRIA
SOLUÇÃO B — SEM CAPELA MORTUÁRIA
CONJUNTO IGREJA PAROQUIAL DE ALGÉS
PLANTA DA IGREJA
NÍVEL DA ENTRADA
ALGÉS



b.

O financiamento da construção de igrejas à custa da edificação de habitação e outros serviços, foi também usada noutras dioceses do país. São exemplos a igreja de Nossa Senhora de Fátima no Bairro Cruz de Pau (Matosinhos, 1976-1980) e de S. Tiago (Castelo Branco, 1978), projectadas por Albano Seabra Moura e Luís Marçal Grilo, respectivamente.

Em Portugal, na campanha 'Novas Igrejas do Patriarcado' de 1972 foram amadurecidos outros temas de trabalho: a **descentralização das estruturas paroquiais** e a criação de recintos para pastoral de férias.

A tomada de consciência da intensidade variável do uso dos edifícios de culto e a natureza de diferentes actividades propostas pela Igreja permitiu equacionar a criação de uma rede de espaços diferenciados para a prática religiosa semanal e dominical. Pequenos espaços distribuídos pela paróquia poderiam dar uma resposta de proximidade às populações, acolhendo pequenos grupos de reunião e catequese ou pequenas celebrações litúrgicas, enquanto a celebração dominical ficaria reservada para a sede, a igreja paroquial onde estariam centralizados os serviços. Esta era uma possível resposta a problemas identificados em contexto urbano. Mais do que a elasticidade espacial, procurava-se criar uma rede que cobrisse diferentes escalas, dando resposta a grandes e pequenas assembleias ou sub-grupos dentro de uma mesma comunidade.

Mais do que multiplicar a construção de grandes complexos paroquiais havia que considerar as condições reais da encomenda religiosa marcada pela crescente falta de clero e de recursos financeiros. Justificava-se assim a hipótese de descentralização dos serviços e da criação de espaços de culto de diferentes dimensões.

> "(...) [O] SNIP começou a sugerir, para as paróquias grandes das cidades, a abertura de simples salas espalhadas pelo território da paróquia, nas quais poderiam encontrar-se com mais facilidade e mais espontaneidade, os grupos locais e as pequenas comunidades de vizinhança." [190]

Em 1971, o mesmo número do boletim da campanha que apresentava a igreja de Algés integrada num prédio de habitação, divulgava também o projecto duma sala-capela holandesa projectada por Paul Félix. As experiências internacionais legitimavam que, também no Patriarcado de Lisboa, fosse possível admitir a instalação de salas para as comunidades e células pastorais 'em casas alugadas ou em regime de propriedade

---

No mesmo número foram publicadas

[190] [SNIP], *Boletim da campanha - novas igrejas do patriarcado*, 1971. Ibid.

horizontal'.[191] No ano seguinte a ideia de descentralização foi apresentada no boletim da campanha, usando como suporte gráfico a proposta urbanística de Kenzo Tange para Bolonha (1965-1970), que contemplava um centro ecuménico.[192] Ainda que não tenha sido identificado o plano, nem a autoria, os esquemas lançavam no abstrato 'uma nova via de solução, mais realista' propondo

> "(...) apenas 1 paróquia, com 1 igreja e uns tantos centros de apoio equipados com pequenas capelas e locais de convívio e reunião, espalhados pelo território e facilmente acessíveis."[193]

Surgia assim uma contraproposta que considerava factores como a mobilidade pedonal e rodoviária, propondo uma alternativa aos modelos de zonamento que separavam a áreas habitacionais das actividades terciárias, por vezes concentradas num único centro cívico aglutinador, como analisámos no capítulo anterior. Era necessário considerar os movimento e fluxos trabalhando para a coesão do complexo sistema urbano que estava em transformação, tal como Glauco Gresleri explicara em 1968.

> "Per decenni noi abbiamo detto... La città medioevale funzionava bene ed era fata così: un centro civico che accoglieva tutte le organizzazioni primarie secondarie e terziarie e l'intorno abitativo a scala di distanza pedonale… La città industriale non funziona più perché la distanza non è più pedonale e viene pertanto a mancare la relazione con le organizzazioni del centro… : quindi ricostituiamo la scala pedonale sfrangiando le organizzazioni del centro in tanti nucleoli o centri di quartiere in modo che attorno ad essi si riformi l'unità cittadina perduta dal medioevo. L'errore è qui. Lo sfrangiamento impoverisce anziché incentivare la forza delle organizzazioni a la forzata limitatezza della frangia locale non soddisfa la molteplicità e la dimensione delle relazioni richieste dalla 'base' e non impedisce pertanto sorgano relazioni con frange tutt'afatto lontane e quindi fuori della scala pedonale ricercata."[194]

A aplicação de um modelo urbano à encomenda religiosa conduziria a uma revisão das soluções de natureza administrativa que teve consequência na elaboração

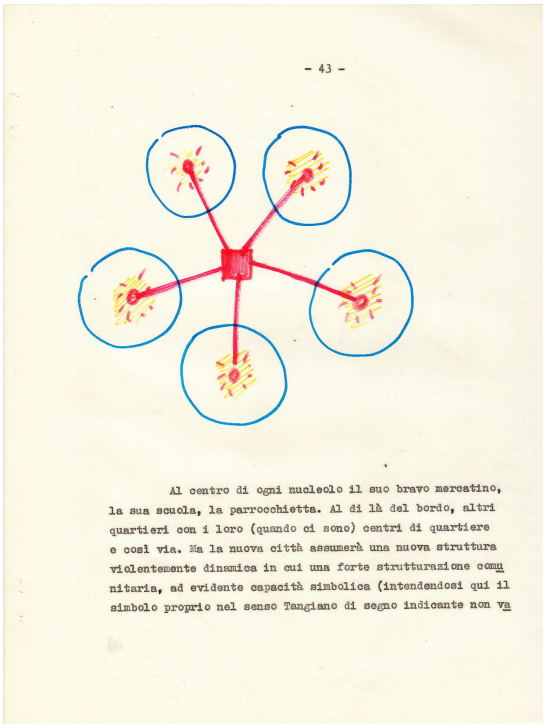
---

[191] Ibid.
Esta solução foi adoptada por algumas comunidades religiosas. Recordamos em particular a instalação da comunidade dominicana, cujo Convento João XXIII esteve instalado numa fracção de propriedade horizontal vulgar dum bloco de habitação colectiva. Num prédio em frente, na mesma avenida Barjona de Freitas (Lisboa), instalou-se o Seminário Seráfico dos Frades Menores Capuchinhos, cuja capela funciona como sede paroquial de Calhariz de Benfica.

[192] Cf. Kenzo Tange Glauco Gresleri e Giuliano Gresleri, *Kenzo Tange e l'utopia di Bologna. Bologna nord. Centro Ecumenico. Fiera district.* (Bolonha: Bononia University Press, 2010).

[193] [SNIP], *Boletim da campanha - novas igrejas do patriarcado*, 1972.

[194] Glauco Gresleri, «Chiese di oggi: strutture nuove per una pastorale tradizionale o strutture nuove per una pastorale nuova? », *Arquivo SNIP*, (Abr.-Mai.1968), pp.46-47.



- 43 -

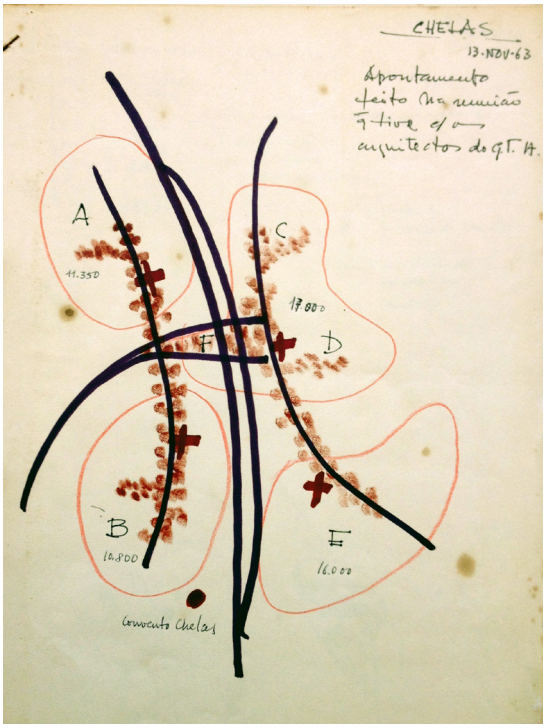
Al centro di ogni nucleolo il suo bravo mercatino, la sua scuola, la parrocchietta. Al di là del bordo, altri quartieri con i loro (quando ci sono) centri di quartiere e così via. Ma la nuova città assumerà una nuova struttura violentemente dinamica in cui una forte strutturazione comunitaria, ad evidente capacità simbolica (intendendosi qui il simbolo proprio nel senso Tangiano di segno indicante non va



- 44 -

lori traslati ma, e semanticamente, il proprio significato e il proprio contenuto) costituisce il sistema scheletrico di sostegno a tutto il tessuto. La positura di ciascuno degli attributi comunitari della funzionalità cittadina (shopping, cultura, divertimento, religiosità) si potrà inserire in un qualsiasi punto di tale nastro perchè è il movimento stesso, anima di tale struttura a porre "equidistanza" psicologica e temporale tra i vari punti della città, al di là e al di sopra di qualsiasi ormai veramente dimenticato attributo dimensionale e di distanza.

a. b.



c.

31. 'Chiese d'oggi: strutture nuove per una pastorale tradizionale o strutture nuove per una pastorale nuova?'

a. b. Extracto de uma conferência redigida por Glauco Gresleri enviada a Diogo Lino Pimentel (Abr.-Mai.1968) *Arquivo SNIP*

Os esquemas sugerem a resposta ao tema da conferência 'Igrejas de hoje: estruturas novas para uma pastoral tradicional ou nova?'

c. Apontamentos de uma reunião sobre a localização das igrejas em Chelas (Nov.1963) *Arquivo SNIP*

dos projectos de arquitectura, dando origem ao redimensionamento dos equipamentos, ao aparecimento programas mais especializados e de menor dimensão. Sem surpresas, o tema da descentralização de estruturas já vinha sendo tratado dentro do SNIP. Em 1969, numa exposição apresentada ao Conselho Presbiteral do Patriarcado, a propósito do planeamento dos equipamentos religiosos a construir nos cinco terrenos reservados na urbanização de Chelas, lia-se:

> "Hoje admite-se que essa estrutura [pastoral de tipo tradicional] possa ser posta em dúvida e estão-se fazendo diligências (com aceitação por parte da entidade planificadora de Chelas [195]) de estabelecer uma rede de instalações mais disseminada para actividades de nível infantil, juvenil e de vida de piedade de pequenos grupos, e dois ou três centros de vida comunitária, actividades de grandes grupos e liturgia dominical e festiva."[196]

O problema do dimensionamento do equipamento religioso colocava-se de forma evidente nas estâncias balneares caracterizadas por fortes variações demográficas sazonais e onde os recursos financeiros, em muitas situações limitados, atrasaram a construção de igrejas ainda que contempladas nos planos de urbanização. Esta foi uma das áreas de trabalho do SNIP. Em 1961 noticiou o boletim trimestral *Novas Igrejas* o acompanhamento aos projectistas que desenvolviam estudos para as igrejas de S. Martinho do Porto e Nazaré. Recordamos o plano de Lima Franco para S. Pedro de Moel (1947-1962), um pouco mais a norte, na vizinha diocese de Leiria-Fátima. Para ali depois do abandono do projecto de Raul Lino seria construída uma pequena igreja por Manuel Coutinho Raposo ainda em 1955.

Já sob jurisdição do Patriarcado, o abandono dos sucessivos projectos para a igreja da Nazaré espelha a dificuldade em levar a bom porto a construção de igrejas que respondessem simultaneamente à população residente e à crescente procura turística que conduzira à modernização da vila nas décadas de 1950 e 1960. O projecto para a igreja da Nazaré[197], cujo programa foi desenvolvido em parceria com o SNIP num dos

---

195 Cf. [Gabinete Técnico de Habitação da CML], «O Plano de Chelas», *Arquitectura - revista de arte e construção*, nº95, (Jan.-Fev.1967), pp.6-15.
O plano base de Chelas (1962-1967), promovido pelo Gabinete Técnico da Habitação GTH-CML, foi desenvolvido pelos arqs. José Rafael Botelho, Francisco Silva Dias e João Reis Machado, como o contributo, no estudo do plano definitivo, dos arqs. Alfredo Silva Gomes, Luís Vassalo Rosa e Carlos Worm. Alguns dos intervenientes no plano, João Reis Machado e Luís Vassalo Rosa, tiveram ligações ao MRAR.

196 [SNIP], «Exposição ao Conselho Presbiterial», *Arquivo SNIP*, (1.Jul.1969), p.4.

197 Cf. João Luís Marques, «"igrejas para a comunidade" um projecto do arquivo de Fernando Távora - igreja paroquial Senhor dos Mares, Nazaré», em *Sobre o «projecto-de-arquitetura» de Fernando Távora*, ed.

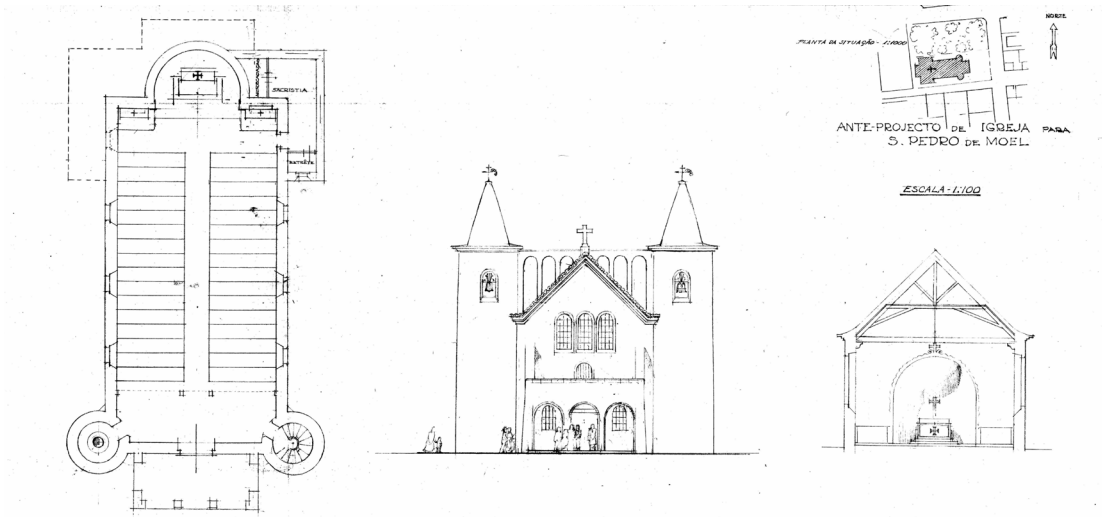


a.





b. c.



d.

32. Igreja S. Pedro de Moel (1955) arq. Manuel Raposo Coutinho

a. A praia e a povoação balnear (c.1960)

A igreja ocupa a posição da antiga capela ali existente.

a. Postais ilustrados da nova igreja.

b. Estudo (1950) arq. Raul Lino, *Arquivo FCG-RL*

seus primeiros trabalhos, veio a ser desenvolvido por Fernando Távora, depois de abandonado o de Vasco Regaleira. O projecto para a igreja do Senhor dos Mares da Nazaré previa 1000 lugares em pé a somar aos 500 sentados. O elevado custo acabou por ditar o abandono da ideia que conciliava modernidade e tradição, respondendo simultaneamente à população piscatória e turística.[198] A igreja e o centro paroquial, organizado em torno de um claustro, estavam associados ao percurso de atravessamento pedonal através de uma rua comercial porticada que integrava o projecto.[199] Desta forma era recuperada a tradição onde mercado e religião coexistiam e estavam directamente relacionados, uma ideia partilhada e explorada em diversos centros cívicos, ou até em planos de urbanização de aldeamentos turísticos como o de Vilamoura, que teve uma pequena capela construída segundo projecto de Keil do Amaral (1972).

No mesmo ano de inauguração da igreja algarvia, a proposta do SNIP publicada no boletim apontava para a exploração de novas tipologias, mais versáteis no uso. Assim surgiu a proposta de um recinto murado que na época balnear pudesse ser usado para missas campais, sendo parcialmente coberto por toldos. A grande vantagem apresentada destas soluções era de ordem económica. Havia a consciência de uma responsabilidade e de um testemunho social que tinham de ser encontrados na relação custo-benefício, procurando soluções viáveis que não comprometessem "a procura da maior dignidade compatível com a economia dos recursos que o bom senso determina."[200] A ideia por detrás deste estudo recua a 1967, quando o SNIP avançou a possibilidade de realizar um projecto-tipo de capela a construir nas praias de Fonte da Telha, das Maças, de Santa Cruz e da Foz do Arelho.[201]

A quebra significativa na angariação de fundos da campanha 'Novas Igrejas do Patriarcado' após os sucessos do início da década de 1960, obrigou a repensar estratégias

---

Manuel Mendes (Porto: Reitoria da Universidade do Porto, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva, 2015), pp.72-95.

198 [ver cap.5.3]

199 "Os edifícios que deverão marginar tal espaço público de acesso (...) permitem ainda, pelo rés-do-chão comercial e pelos seus dois pisos de residência, dar vida a todo esse percurso que, sem eles, seria quasi morto pois se destinaria apenas a dar acesso à Igreja ou a realizar a ligação entre [as ruas] Mouzinho de Albuquerque e Sub-Vila."
Távora, «Memória Descritiva e Justificativa do anteprojecto para a igreja Senhor dos Mares, Nazaré».

200 [SNIP], *Boletim da campanha - novas igrejas do patriarcado*, 1971.

201 Cf. Diogo Lino Pimentel, «Lugares de culto em praias - relatório interno», *Arquivo SNIP*, (10.Abr.1967).

de acção.[202] A mudança do quadro social, coincidente com a substituição do cardeal Cerejeira em 1971, obrigariam a um esforço acrescido de D. António Ribeiro seu sucessor.[203] Em 1978, depois de um interregno de quatro anos sem publicação do boletim da campanha, o cardeal retomaria aquele meio para se dirigir à população da diocese. Contrariamente às edições anteriores, nenhum projecto de arquitectura religiosa foi então apresentado. O interior do boletim foi sim ilustrado com fotografias e dados estatísticos dos bairros densamente povoados que formavam a grande cidade: Chelas (25000 habitantes), Mira-Sintra (15000), Tires (12000), Santo António dos Cavaleiros (20000). A estes casos de grande dimensão, que contemplavam bairros projectados na década de 1960, juntava-se a 'cidade 'clandestina' à vista de todos' onde se procurava 'remediar o que for remediável' – a Brandoa com 40000 a 50000 habitantes, onde milhares se reuniam para celebrar o culto numa pequena sala improvisada.[204] Escrevia D. António Ribeiro que "a experiência mostra que frequentemente a construção do edifício religioso é o ponto de partida para outras acções culturais e assistenciais necessárias".[205] Fora as melhorias nas condições políticas e económica, muitas carências subsistiam e a Igreja sentia-se chamada a continuar a ser um dos motores de transformação do meio. Assim era necessário continuar a problematizar, tal como hoje, a natureza específica do programa religioso:

---

[202] No boletim da campanha 'Novas Igrejas do Patriarcado' de 1971, um gráfico de barras ilustrou a evolução das angariações de fundos entre 1960 e 1969. Se nos primeiros anos da campanha, em1961 e 1962, a quantia reunida somava à volta de 2 milhões de contos, em 1969 não chegava aos 300 mil contos.

[203] Em 1973 D. António Ribeiro reconhecia a continuada carência e portanto não era possível "atenuar o vigor do apelo feito à generosidade das comunidades (...). Pelo contrário, urge torná-lo mais incisivo e convincente." No mesmo boletim de campanha lia-se:

> "Foi criado este Fundo na mesma data da criação do Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado. Além de outras dotações e donativos que poderiam advir de várias proveniências, constituiu sua principal receita o ofertório especial da diocese para este fim, realizado todos os anos.
> (...) Passado o entusiasmo dos três anos iniciais e porque há numerosas comunidades que entretanto se empenharam na resolução do seu problema nesta matéria, tem-se este ofertório traduzido ultimamente em quatro ou cinco centenas de contos que pouco permitem realizar."

[SNIP], *Boletim da campanha - novas igrejas do patriarcado*, 1973.

[204] [SNIP], *Boletim da campanha - novas igrejas do patriarcado*, 1978.

[205] D. António Ribeiro, «Apelo do Cardeal Patriarca de Lisboa ao Povo de Deus do Patriarcado», em *Boletim da campanha - novas igrejas do patriarcado*, 1978.

"Nalguns destes bairros, não falta apenas a igreja. Faltam também a escola, o mercado, o posto médico, o jardim de infância e outras estruturas comunitárias indispensáveis. E, diante disso, surge por vezes a interrogação se não haverá coisas mais urgentes do que a construção do templo. Face a tantas carências básicas, não constituirá a igreja um luxo?
A pergunta é legítima e, em vários casos traduz um índice de consciência cívica apreciável."[206]

[206] Ibid.

U.PORTO

DOUTORAMENTO

ARQUITECTURA: TEORIA, PROJECTO, HISTÓRIA

A igreja na cidade, serviço e acolhimento, arquitectura portuguesa 1950-1975

João Luís Marques

D

2017

volume 2

volume 2

Doutoramento
Arquitectura: Teoria, Projecto, História

A igreja na cidade, serviço e acolhimento, arquitectura portuguesa 1950-1975

João Luís Marques

Orientadora
Professora Associada Marta Maria Peters Arriscado Oliveira

Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2017

Este trabalho foi desenvolvido com o apoio de bolsa de Doutoramento atribuída pela FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia (referência SFRH/BD/76479/2011)

Por decisão, o autor não escreve segundo o novo Acordo Ortográfico.

ÍNDICE

volume 1

AGRADECIMENTOS iii

ÍNDICE vii

RESUMO **xv**
ABSTRACT

INTRODUÇÃO **xix**

1. ARTE VIVA

1.1. O pedido **7**
Pastoral sobre Arte Sacra (1953)
1.1.1. 'Ser uma igreja, ser uma igreja moderna, ser uma igreja moderna bela' 15
1.1.2. Da reprovação da 'arte falsa' à 'arte viva' 21
1.1.3. A presença urbana da Igreja – ser realmente e 'parecer evidentemente' 26
1.1.4. Cristianizar a paisagem 27
Monumento a Cristo Rei
1.1.5. 'Coerência com o ambiente, com a cultura, com o sentimento popular' 33
1.1.6. Unidade 'renascimento contemporâneo da liturgia' 35
1.1.7. Simplicidade e sobriedade 39
1.1.8. 'Modernidade e Tradição' 41
1.1.9. Novidade e estagnação 45
1.1.10. A obra construída 47

1.2. O grito **52**
Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea (1953)
1.2.1. 'Pureza, Verdade, Pobreza e Paz' 55
1.2.2. Aprender com a arquitectura 59
Igreja da Sagrada Família (Entroncamento, 1937-1940) Ruy de Andrade 62
1.2.3. 'Novos dados da vida, da técnica e do pensamento' 69
1.2.4. 'Atropelos à ética da arquitectura' – a denúncia 71
Convento de Cristo Rei (Porto, 1950-1954) arqs. Eduardo Martins e Manuel P. Júnior 78
1.2.5. Arte moderna e funcionalismo litúrgico – a resistência 83
Revista Flama
1.2.6. Experiências internacionais 93
1.2.7. Primeiros projectos de renovação em Portugal 102

1.3 A 'vida' e a 'verdade' – um encontro na renovação da arte e arquitectura **110**

volume 1

2. FORMAR COMUNIDADES

LISBOA

2.1. Da arte viva à cidade: do centro às periferias **117**

2.1.1. Enaltecer a identidade nacional de matriz cristã 121
Exposição do Mundo Português (1940)
VIII Centenário da Tomada de Lisboa aos Mouros (1947)

2.1.2. 'Deus, Pátria e Família' – igreja, escola e casa: memória de práticas urbanísticas e vivências urbanas 125
Lisboa de hoje e de amanhã (1948)
Quinta das Furnas | Quinta da Calçada | Alvalade | Encarnação

2.2. (re)Construir o Patriarcado **136**

2.2.1. Os problemas identificados 137
Ajuda e Bairro da Liberdade
Centro Social do Alto da Serafina (Lisboa, 1957-1961) arqs. Nuno T. Pereira e João B. Reis 140

2.2.2 'A tua decisiva protecção' 143
Amadora e Feijó

2.3. Conhecer a população: a primeira sondagem à prática dominical do Patriarcado (1955) **146**

2.3.1 Fortes movimentos migratórios do campo para a cidade e o abandono das zonas centrais 149

2.3.2 Assistência e o poder atractivo das 'igrejas novas' 153

2.4. Redesenhar limites: a remodelação paroquial de Lisboa (1957-1959) **159**

2.4.1. Dimensionamento 161

2.4.2. Delimitação 165

2.4.3. A localização das igrejas 169

2.4.4. Património existente e proposto 173
Santa Apolónia | Arripiado

2.4.5. O centro nos estudos preliminares 177
S. Domingos – 'confessionário e púlpito' nas zonas centrais
S. Nicolau – anexos e extinção de paróquias
Sagrado Coração de Jesus – o novo centro de escritórios

2.4.6. Paróquias recentes - o desdobramento social 185
'Igrejas modestas' e 'igrejas esmeradas'
Santo Condestável - S. João Bosco
Santo António de Campolide - S. Vicente de Paulo
São Francisco Xavier - Restelo Sul [Pontinha] | Caselas e Caramão da Ajuda
Benfica | Quinta das Furnas |Belavista e Calçada

2.4.7. Centros cívicos 194
São Francisco de Assis | Santa Clara
Restelo | S. Sebastião | Olivais Sul

2.4.8. O programa - visto no plano de dimensionamento 199
Santa Isabel | Senhora do Amparo de Benfica
S. Sebastião da Pedreira | Santos Reis Magos
Arroios | Sagrado Coração de Jesus

2.5.	**'Presença cristã na metrópole portuguesa'**	**208**
	Chiesa e Quartiere (1960)	
2.5.1.	A igreja nos bairros da periferia à imagem das cidades satélites	213
	Portela de Sacavém | *Nova Oeiras* | *Vale de Algés* | *Carnaxide*	
	Centro Cívico da Urbanização SOLÁTIA (Oeiras, 1963-1965) arq. Ruy Jervis Athouguia	222
	DEBATE INTERNACIONAL	
2.6.	**Da 'alma' ao 'core' da cidade**	**231**
	L'Art Sacré | *CIAM 8* | *Dieci anni di architettura sacra in Italia*	
	PORTO	
2.7.	**As paróquias nas zonas de crescimento:**	**245**
	a provisão de igrejas nas zonas residenciais e industriais	
	SS. Sacramento | *Senhora da Conceição - Marquês* | *Santo António - Antas* | *Carvalhido*	
	Campo Alegre e Marechal Gomes da Costa | *Rebordães e Ramalde*	
2.8.	**Unidades de vizinhança e igrejas:**	**250**
	Plano Regulador da Cidade (1952)	
2.9.	**Relação Igreja-Município**	**251**
2.9.1.	'Catedral humana'	259
	Bairro das Sobreiras (Out. 1955)	
2.10.	**Cidades dentro da cidade**	**263**
2.10.1.	A igreja na periferia industrial	263
	Senhora da Hora	
	Igreja paroquial Senhora da Hora (Matosinhos, 1953-1963) arq. A.Barbosa de Abreu	268
2.10.2.	A igreja no centro	272
	São Martinho de Cedofeita	
2.10.3.	A igreja na universidade	279
	Campo Alegre e S. João	
2.11.	**Pensar a cidade:**	**281**
	Plano Director da Cidade do Porto (1962)	
2.11.1.	A proposta de remodelação pós conciliar	286
	Conventos, igrejas e casas de comunidades religiosas na cidade	
	Nossa Senhora da Boavista | *Cristo Rei* | *Areosa* | *Amial*	
	Nossa Senhora de Fátima | *Firmeza* | *Foz*	
	Pequenas comunidades	
	Francos | *Viso*	
	Senhora do Porto | *Amial* | *Azevedo*	
2.11.2.	Da capela do bairro à 'paróquia sob a rajada do urbano'	295
	Nossa Senhora da Ajuda	
	Capela P [Bairro da Pasteleira] (Porto, 1963-1965) arq. Vasco Mendes	300

volume 1 **3. EQUACIONAR PROGRAMAS**

3.1. Dimensões do serviço assistencial **309**
3.1.1. 'Construção modesta' 311
Centro Social da Sé (1963) e do Barredo (1961)
3.1.2. 'Catedral social' 316
Centro de Caridade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro (1962-1970)

3.2. Salão Paroquial – promover encontro: **323**
da componente recreativa e lúdica, à vida comunitária
3.2.1. 'Centro de vida para a comunidade' 329
Centro Paroquial de Matosinhos (1956-1962)
3.2.2. 'Atitude de humildade do arquitecto' 333
Salão paroquial dos Remédios (1956)

3.3. Casa da comunidade – 'grande lar cristão' **335**
Da Confraria à Casa Paroquial do Carvalhido (1950-1952)

3.4. 'Programa de uma igreja paroquial nova' **339**
S. João de Brito e o cruzamento de experiências europeias (1955)

3.5. Da igreja e seus anexos ao centro paroquial **345**
Exigências da Paróquia Moderna (1954)
A publicação das 'Directivas' litúrgicas alemãs (1955)

3.6. Crítica ao 'Programa-Tipo' à luz do Concílio **351**
Do concurso do Sagrado Coração de Jesus (1958-1962)
aos estudos para S. Sebastião da Pedreira (1967-1971)
Centro Paroquial S. Sebastião da Pedreira (Lisboa, 1967) *arqs. Nuno T. Pereira e Nuno Portas* 356

3.7. A divulgação nacional de modelos e propostas **367**
Campanha 'Novas Igrejas do Patriarcado'
Capelas provisórias
Capelas salão e igrejas
Adaptação de igrejas existentes
Igrejas em edifícios de habitação
Igreja de Cristo Rei de Algés (Oeiras, 1969-1977) *arq. António Flores Ribeiro* 390
Descentralização das estruturas paroquiais

4. DEBATE – PUBLICAÇÕES E CONCURSOS **volume 2**

4.1. Projecção internacional do debate arquitectónico português: 403
Chiesa e Quartiere (1968) e ***ARA*** (1970)

4.1.1. 'arquitectura que é possível fazer' fruto da 'compatibilidade circunstancial' 415
Ensaio crítico 'Programas e Arquitectura' de Pedro Vieira de Almeida

4.2. Concursos de esbocetos para novas igrejas: 434
Damaia (Amadora, 1968) **e de Olivais Sul** (Lisboa, 1970)

4.2.1. A cidade não planeada, o centro improvisado – Damaia 435
A proposta vencedora de *Nuno San Payo*

4.2.2. Os centros, a previsão dos equipamentos – Olivais Sul 447
'Do realismo das nossas incertezas'
Concurso: premissas e programa
As propostas concorrentes
Filipe Mário Lopes
Germano Lopes Venade
Fernando Abreu Marques da Fonseca
Manuel Vicente
'Arquitectura-para-a-apropriação' – A proposta de *Pedro Vieira de Almeida* 471

5. ESCOLA – ATELIER – IGREJA E CIDADE

PERCURSOS

5.1 Carlos Ramos 490

5.1.1. II Exposição Magna ESBAP (Out.1953) 493
Afurada | Barredo

5.1.2. Exposição de homenagem a Marques da Silva (Dez.1953) 503

5.2. Agostinho Ricca 508

5.2.1 Do percurso académico 508

5.2.2. Estudos para o Campo Alegre 511

5.2.3. Do contacto internacional ao regresso à Escola 513

5.2.4. Monte da Virgem: a primeira encomenda religiosa 517

5.2.5. Parque Residencial: Nossa Senhora da Boavista 523

5.3. Fernando Távora 530

5.3.1. Estudos para a Marechal Gomes da Costa 531
Um dos primeiros trabalhos na CMP

5.3.2. O arquitecto e professor, no MRAR e na Escola 537
Exercícios de projecto e encomendas reais
Características da arquitectura religiosa meridional (1958)

5.3.3. Trabalhar com a comunidade 548
O Barredo e a Obra Diocesana de Promoção Social

volume 2

5.4. Octávio Lixa Filgueiras **557**

5.4.1. Dos trabalhos académicos 559
O exercício de São Martinho de Cedofeita

5.4.2. Os primeiros trabalhos, do 'urbanismo rural' à encomenda real 560
CODA, CIAM e as pequenas obras

5.4.3. O início da actividade pedagógica 571
O exercício da igreja de Várzea do Douro (1959-1960)

5.4.4. Concursos e provas 581
Testemunhos de um júri e de um concorrente
Concurso a lugar de professor (1962)

5.5. Fernando Abrunhosa de Brito **591**

5.5.1. Do período de formação 592

5.5.2. Primeiros trabalhos 593
Inquérito em Cedofeita e as remodelações de igrejas

5.5.3. A aproximação ao Padrão da Légua 595

5.5.4. A capela provisória
A garagem adaptada a capela 601

5.5.5. O eco do Padrão no MRAR e SIR – dinâmicas partilhadas 602
Uma exposição

5.5.6. Da 'unidade de promoção social' à 'casa comum' 613
O projecto da prova CODA

CONSIDERAÇÕES FINAIS **625**

ANEXOS

Documentos da hierarquia eclesiástica

1 Pastoral sobre Arte Sacra (8.Mar.1953) 635
D. Manuel Gonçalves Cerejeira

2 O grave problema das igrejas no Patriarcado de Lisboa (15.Dez.1959) 639
D. Manuel Gonçalves Cerejeira

3 A grande chaga do nosso tempo, que é proletarismo, temos de a curar. (Set.1955) 647
D. António Ferreira Gomes

4 Homília (28.Jan.1973) 650
D. António Ferreira Gomes

Documentos MRAR

5 Conferência 'Paróquia e Urbanismo' (10.Jun.1955) 653
arqs. Nuno Teotónio Pereira e José Pedro Martins Barata
transcrição de manuscrito
Arquivo FCG-MRAR

6 Conferência 'Características da arquitectura religiosa meridional' (3.Jan.1958) 657
arq. Fernando Távora
transcrição de áudio
Arquivo SNIP/ CD25ABRIL

7 Conferência 'A arquitectura religiosa cristã e a sua evolução' (3.Jan.1958) 667
arq. Hermann Baur
transcrição de áudio
Arquivo SNIP/ CD25ABRIL

volume 2

8	Artigo 'Programas e Arquitectura' (1968) arq. Pedro Vieira de Almeida *para a revista Chiesa e Quartiere, não publicado* *Arquivo SNIP*	672
9	Cronologia MRAR	681
10	Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea *Arquivo FCG-MRAR*	697

Documentos SNIP

11	Estatutos do Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado SNIP (1961)	708
12	Programa de construção de Novas Igrejas (1966)	710
13	Campanha 'Novas igrejas do Patriarcado' (1968-1974)	714

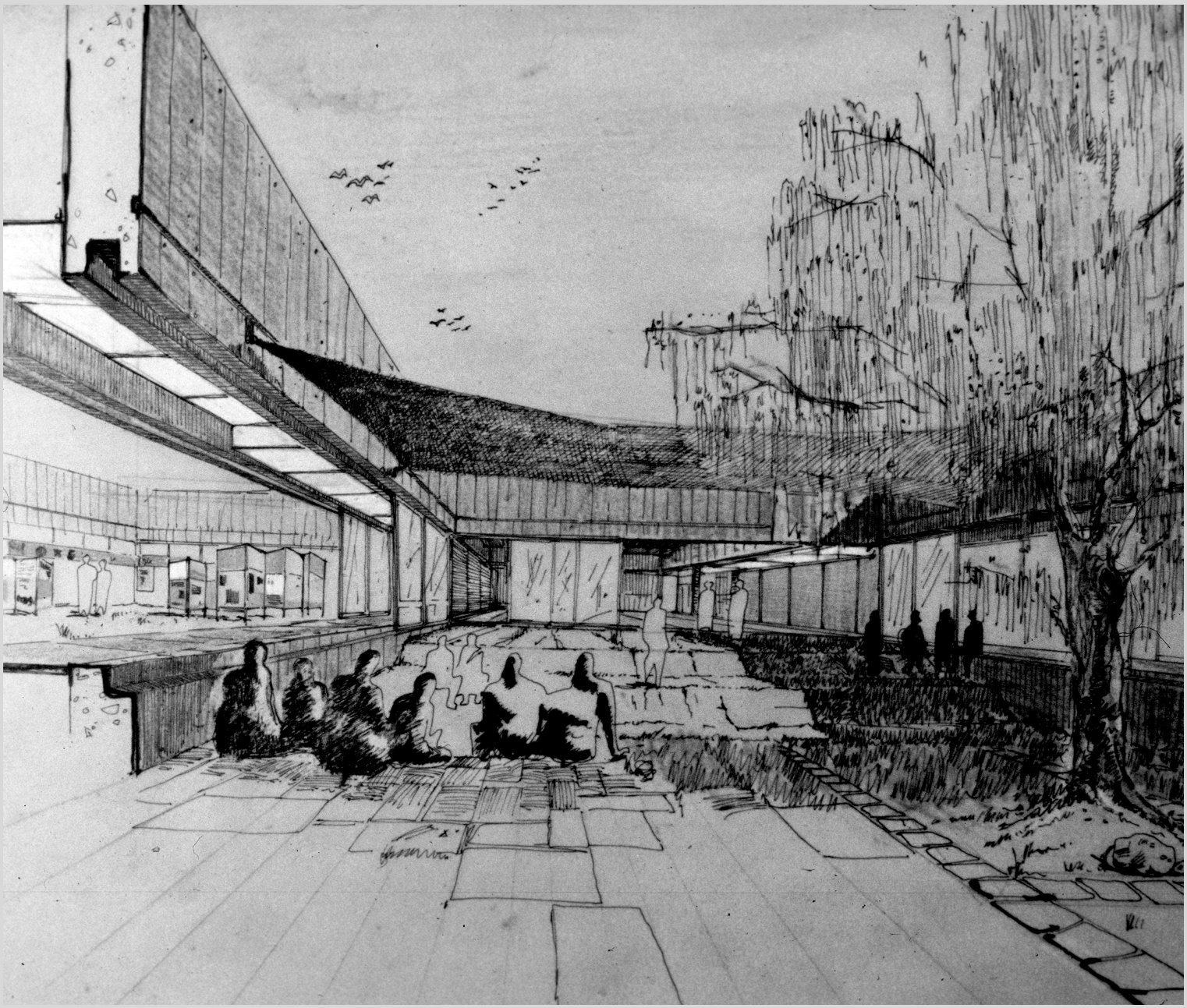
Outros

14	Diapositivos	
	'Espírito na Arquitectura' (1935) arq. Raúl Lino	720
15	Filmes	
	'Lisboa de Hoje e Amanhã' (1948) António Lopes Ribeiro	723
	'Cristo sobre o Tejo' (195-) Armando da Silva Brandão	
16	Listagem de obras	729
17	Projectos	
	Igreja Santo Condestável (1946-1951) arq. Vasco Regaleira - *Arquivo AML*	742
	Igreja S. João de Deus (1950-1955) arq. António Lino - *Arquivo AML e SNIP*	744
	Igreja S. João de Brito (1951) arq. Vasco Regaleira - *Arquivo AML*	746
	Igreja S. João de Brito (1960-telas finais) arq. Vasco Regaleira - *Arquivo AML*	748
	Capela provisória I (c.1960) *Arquivo SNIP*	750
	Capela provisória II (1965) arq. Diogo Lino Pimentel - *Arquivo SNIP*	751
	Concurso Igreja da Damaia (1968) arq. Filipe Mário Lopes - *Espólio Particular*	752
	Centro S. Sebastião (1970) arqs. Nuno Teotónio Pereira e Nuno Portas - *Arquivo AML*	753
	Seminário Seráfico dos Frades Menores Capuchinhos (1969-1972) arq. Joel Santana – *Arquivo AML*	754
18	Freguesias e paróquias de Lisboa, divisão paroquial (1959)	756
19	Artigos do autor publicados	
	«The church in the city: The churchyard in Parish Church Complexes - 3 Case Studies» *6º European Symposium on Research in Architecture and Urban Design EURAU 12* (Porto: 2012).	758
	«Entre lo provisional y lo definitivo: Experiencias de las capillas-salón del Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado de Lisboa» *Actas del Congreso Internacional de Arquitectura Religiosa Contemporánea 3*, (Sevilha: 2013).	771
	«Senhora da Boavista, a Church by Agostinho Ricca for the 21st Century Lisboa» *14th Internacional DOCOMOMO Conference Proceedings*, (Lisboa: 2016).	781
	CRÉDITOS DAS IMAGENS	**787**
	REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS	**799**

Proposta de pátio para a igreja dos Olivais, Lisboa (1970)
Pedro Vieira de Almeida. Secretariado das Novas Igrejas do Patriacado de Lisboa

capítulo 4

Debate - Publicações e Concursos



No capítulo 4, **'Debates - publicações e concursos',** começamos dando a conhecer a *Projecção internacional do debate arquitectónico português: Chiesa e Quartiere e ARA* (4.1) a partir de trabalhos realizado com vista à publicação, em revistas estrangeiras, sobre a arquitectura religiosa portuguesa moderna. Em *'Arquitectura que é possível fazer' fruto da 'compatibilidade circunstancial'* (4.1.1) analisamos o ensaio crítico de Pedro Vieira de Almeida *'Programas e Arquitectura'* - texto que não foi publicado e que, agora, damos a conhecer.

Em contrapondo à produção teórica apresentamos dois desconhecidos *Concursos de esbocetos para novas igrejas: Damaia (Amadora, 1968) e Olivais Sul (Lisboa, 1970)* (4.2), resultantes da parceria que o Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado desenvolveu com essas novas paróquias surgidas após a revisão paroquial de 1959 em contextos urbanos muito diferentes. *'A cidade não planeada, o centro improvisado – Damaia'* (4.2.1) cobre a análise do lugar e a proposta vencedora de Nuno San Payo, enquanto em *'Os centros, a previsão dos equipamentos – Olivais Sul'* (4.2.2) enquadra a discussão da nova igreja a partir do estudo do bairro onde se integra. A documentação reunida deste processo permitiu-nos reconstituir o debate arquitectónico por ele gerado em torno das diferentes propostas apresentadas, donde saiu vencedora a proposta desenhada duma *'Arquitectura-para-a-apropriação'*, espelho de uma aprofundada reflexão teórica de Pedro Vieira de Almeida, seu autor.

4.1. Projecção internacional do debate arquitectónico português: *Chiesa e Quartiere* (1968) e *ARA* (1970)

Procuramos nesta primeira parte do capítulo retraçar a participação portuguesa no debate arquitectónico internacional a partir do trabalho realizado com vista à publicação de um número dedicado à experiência portuguesa na revista *Chiesa e Quartiere (Ch+Q)* - fórum de referência na discussão da arquitectura religiosa e urbanismo[1]. Ainda que a ideia recuasse a 1960 a preparação do número tardou.[2]

> "Il nº sul Portogallo noi invece continuiamo a volerlo fare, quindi non dimenticate di lavorare in tal senso. Quasi quasi, se non mi spaventassero troppo le spese di viaggio potrei venire io a prendere in settembre a prendere manibus meis il materiale e rendermi conto de visu della vostra aria di costì anche per tentare un piccolo reportage su *Ch+Q*! Ma questo denaro che sempre manca… A meno che la vostra organizzazione non riesca a mettere in programma un contributo da darmi a questo scopo, o la fondazione Gulbenkian, sotto la voce "'divulgazione della cultura Portoghese"… Pensaci un momento, so che siamo nel regno dell'impossibile, ma il possibile è ormai troppo facile!!!
> (...)
> Vi pensiamo spesso; ricordami a tutti gli amici portoghesi che ho proprio nel cuore. Ed auguri per tutte le vostre cose."[3]

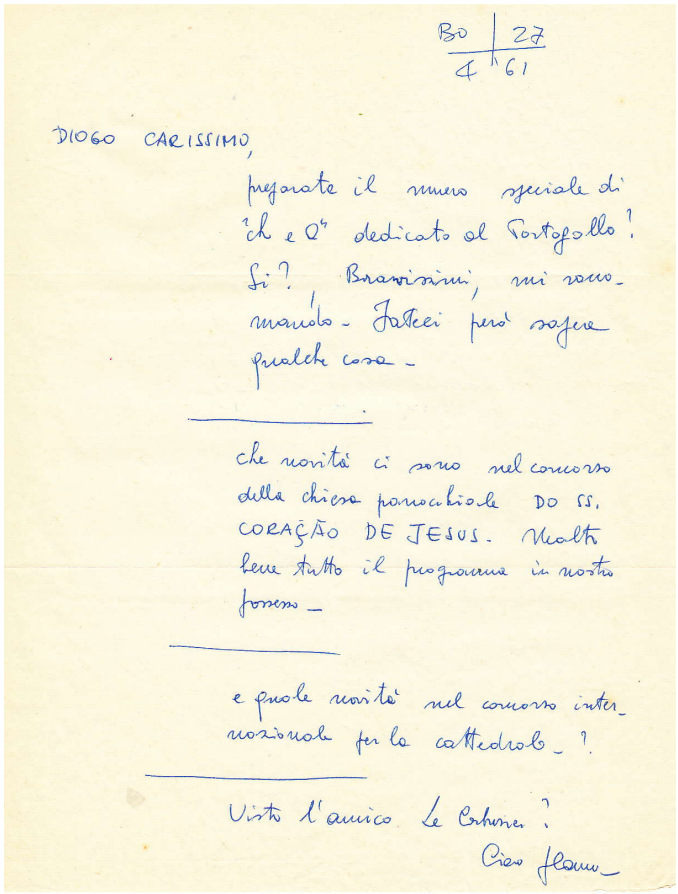
A troca de correspondência entre os arquitectos, Diogo Lino Pimentel e os irmãos Giuliano e Glauco Gresleri, espelha a cumplicidade na partilha em rede de interesses profissionais e a profunda amizade resultante da passagem por Bolonha, em estágio académico. A propósito do intercâmbio de ideias e preocupações de interesse profissional, destacamos a correspondência que dava notícia dos avanços e recuos nos trabalhos na diocese de Bolonha, da resistência à renovação da Igreja às encomendas singulares, de que são exemplos a igreja de Alvar Aalto para a aldeia de Riola, a de Le Corbusier para a periferia da cidade e o espaço celebrativo ecuménico proposto para a Feira de Bolonha, desenvolvido por Kenzo Tange. Tratava-se de um canal de

---

[1] Cf. M. Beatrice Bettazzi, «Atlante di '*Chiesa e Quartiere*' la redazione, il lavoro intelletuale e le confluenze esterne», em *Chiesa e Quartiere - storia di una rivista e di un movimento per l'architettura a Bologna* (Bolonha: Editrice Compositori, 2004), pp.258-289.

[2] "*Ch+Q* abbiamo sempre in programma il famoso numero sul Portogallo, ma non vorrei che la preparazione e ricerca dal materiale abbia subito una battuta di arresto! Vedi di riprendere di nuovo la situazione e poi scrivermi eventualmente il vostro programma."
Glauco Gresleri, «carta dirigida a Diogo Lino Pimentel», *Arquivo SNIP*, (Bolonha, 7.Dez.1960).

[3] Glauco Gresleri, «carta dirigida a Diogo Lino Pimentel», *arquivo SNIP*, (Bolonha, 21.Mai.1966).



Bo | 27
4 | 61

DIOGO CARISSIMO,

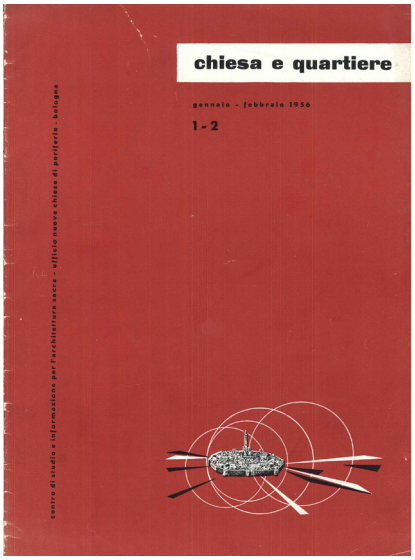
preparate il numero speciale di "ch e Q" dedicato al Portogallo? Sì? Bravissimi, mi raccomando. Fateci però sapere qualche cosa.

che novità ci sono nel concorso della chiesa parrocchiale DO SS. CORAÇÃO DE JESUS. Molto bene tutto il programma in nostro possesso.

e quale novità nel concorso internazionale per la cattedrale?

Visto l'amico Le Corbusier?

Ciao Glauco



a.



b. c.

1. Cumplicidade e partilha em rede, Bolonha -Lisboa

a. Capa da revista *Chiesa e Quartiere*, nº1-2, (Jan.-Fev.1956)

Irradiação a partir da cidade de Bolonha murada, os grandes eixos viários assinalados indicam as linhas de expansão da nova cidade que crescia. A revista teve Giorgio Trebbi como redactor chefe.

b. Carta de Glauco Gresleri a Diogo Lino Pimentel (Mar.1961) *Espólio Diogo Lino Pimentel*

O desafio da edição de um número da revista Ch+Q dedicado à arquitectura religiosa portuguesa moderna |
Concurso do Sagrado Coração de Jesus - apreço pelo programa redigido |
Pedido de informação sobre o estado do concurso internacional para a catedral de Lisboa | Le Corbusier.

c. Capela provisória instalada numa garagem (Bolonha, 1958) arq. Glauco Gresleri. *Espólio Diogo Lino Pimentel*

comunicação informal que complementava a informação que chegava pela publicação da revista *Chiesa e Quartiere*.

> "Alvar Aalto va, adágio, ma vante e chissà che non si riesca a fargli la chiesa.
> Le Corbusier è completamente in altro mare. Non si è trovato ancora il terreno. Forse nella nuova città universitaria, ma chissà mai quando verrà e la situazione con Firminy non è ancora chiarita...
> Kenzo Tange va avanti col piano del centro direzionale e nuova grande ristrutturazione dell'area bolognese. Per la chiesa realtiva, o per la struttura pastorale, però la nuova Diocesi non solo non ha preso nessun impegno e non ha confermato i precedenti di Lercaro, ma tenta di tutto per tirarsi indietro.
> Si vedrà."[4]

A reflexão teórica chegava a Portugal também por correio, nomeadamente, a proveniente das conferências preparadas pela equipa do Ufficio Nuove Chiese.[5]

Conforme comprova o levantamento das actividades do MRAR que levámos a cabo, a década de 1950 foi essencialmente voltada para o campo da formação, em contraponto, a década seguinte ficou marcada por um aumento de encomendas a membros do movimento, bem como pela dinâmica do SNIP, permitindo a discussão crítica alargada de projectos no seio do próprio movimento, mantendo-se a troca de experiências com os movimentos de renovação congéneres europeus. Neste âmbito, chegou a estar agendada para Portugal uma conferência de Glauco Gresleri, em 1968, que acabaria por ser cancelada. [6]

No final da década de 1960 era já possível apresentar trabalho realizado e partilhá-lo com a comunidade internacional, indo para lá da participação em plataformas de discussão internacional que tinha caracterizado a parte inicial da acção do MRAR e, posteriormente, do SNIP.[7] Neste contexto, relevamos a participação dos arquitectos João de Almeida e Diogo Lino Pimentel, enquanto representantes do SNIP,[8] no

---

[4] Glauco Gresleri, «carta dirigida a Diogo Lino Pimentel», *Arquivo SNIP*, (Bolonha, 19.Ago.1968).

[5] "Comunicazione degli architetti Glauco Gresleri e Giorgio Trebbi del Centro Studio e Informazione pel l'Architettura Sacra al convegno d'Arte Sacra di Basilea (18-21.Set.1964)" e "Chiese di oggi: strutture nuove per una pastorale tradizionale o strutture nuove per una pastorale nuova? (Abr-Mai.1968)" existentes no *Arquivo SNIP*.

[6] [Sobre as diversas iniciativas do movimento, ver anexo 9]

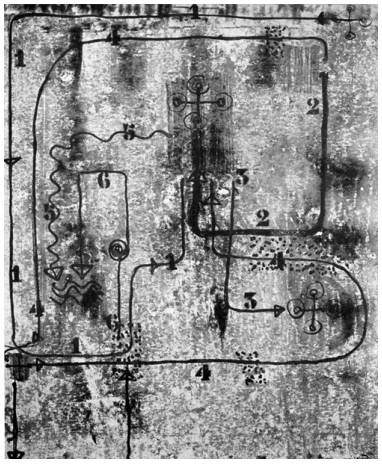
[7] Para além do contacto profissional e informal de membros do MRAR com a comunidade internacional, nomeadamente através das pontes estabelecidas por João de Almeida na Suíça e Diogo Lino Pimentel em Itália, a partir do início e final da década de 1950 (respectivamente), há que considerar a participação em encontros internacionais nomeadamente na 1ª Exposição Internacional de Salzburgo (Jul.-Set.1956), nas reuniões do Secretariado Internacional de Artistas Católicos (Veneza - Set.1956; Roma - Abr.1957) e congressos internacionais (Assis - Set.1956; Assis - Abr.1965).

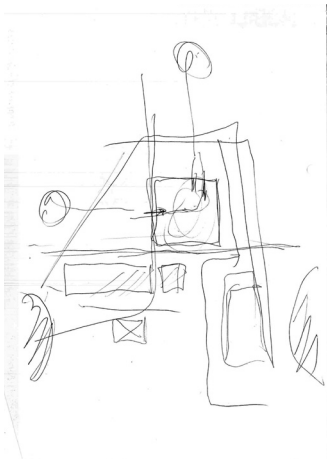
[8] Os arquitectos Diogo Lino Pimentel e o pe. João de Almeida, membros do MRAR, integraram a





a.b.





c. d.

2. Liturgia e urbanismo

a. Architettura e liturgia (1965)

Livro de actas com as comunicações do congresso de Assis onde participaram João de Almeida e Diogo Lino Pimentel em representação do SNIP. Na capa, o interior da capela do Santíssimo da igreja Beata Vergine Imacolata de Bolonha.

b. c. d. Igreja Beata Vergine Imacolata (Bolonha, 1956-1961) arq. Glauco Gresleri.

Uma igreja que responde a percursos litúrgicos - ritos (c) e percursos urbanos - atravessamentos (d).

congresso internacional dedicado ao estudo do "edifício como lugar comunitário de acção litúrgica", em 1965 na cidade italiana de Assis. O congresso reuniu arquitectos de várias nacionalidades. Destacamos Giorgio Trebbi, que presidiu à mesa redonda "La chiesa-edificio come luogo d'incontro comunitário nelle aree metropolitane", a participação de Luigi Figini no debate "La povertá dele chiese", e as intervenções de Pier Luigi Nervi e Justus Dahinden no painel "Problemi di estetica e tecnica". Nessa ocasião a representação portuguesa contribuiu com duas comunicações, realizadas por: "Programa para a construção de novas igrejas" e "Condições de inserção do edifício no espaço social urbano".[9] Mais uma vez cruzavam-se a dimensão arquitectónica e urbanístico-sociológica, temas discutidos no MRAR e trabalhados pelo SNIP.

Ainda que o número especialmente dedicado à arquitectura religiosa portuguesa daquele período não tivesse chegado a ser publicado, foi cuidadosamente preparado pelos redactores portugueses que a par da apresentação de obras e projectos[10] elaboraram dois textos de reflexão: um deles era uma abordagem crítica, em linha com os debates promovidos pelo MRAR, centrada nos 'Novos problemas do espaço arquitectónico' – reflexão de Pedro Vieira de Almeida numa das últimas reuniões de estudo realizada em 1967[11], o outro, de Diogo Lino Pimentel, partindo da experiência do SNIP, fazia uma leitura da evolução histórica e dos desafios que então se colocavam aos arquitectos e à Igreja.

O texto de Diogo Lino Pimentel seguiu a evolução do trabalho do SNIP, sete anos após a sua criação, promovendo o exercício de reflexão em torno das múltiplas

primeira direção do SNIP, sendo o primeiro responsável pela secção técnica e o segundo pela propaganda, ambos sob direcção do pe. Manuel Falcão.

[9] Cf. Diogo Lino Pimentel e João de Almeida, «Condizioni di inserimento dell'edificio nello spazio sociale urbano» e «Programmazione per la costruzione di nuove chiese», em *Architettura e Liturgia (coord. Pina Ciampi)* (Assis: Edizioni Pro Civitate Christiana, 1965), pp. 21-22 e 47.

[10] Da seleção inicial faziam parte as seguintes obras e projectos de igrejas paroquias: Sagrado Coração de Jesus (Lisboa, 1962-1970) Nuno Teotónio Pereira e Nuno Portas; Sagrada Família do bairro da Tabaqueira - Albarraque (Rio de Mouro, 1965-1969) Jorge Teixeira Viana; Rio Maior (1966-1968) José Luís Zuquete e José Bruschy; Queluz (1966-1972) José Maya Santos; Fazendas de Almeirim (1967) Francisco Figueira.

[11] A reunião mensal do MRAR de 17 de Fevereiro de 1967 foi dedicada ao tema "Novos Conceitos de Igreja". Foi objecto de crítica o programa-tipo elaborado no SNIP, por Pedro Vieira de Almeida em "Novos problemas do espaço arquitectónico" e pe. Felicidade Alves, que o criticou à luz do espírito pós-conciliar.
Cf. João Alves da Cunha, «MRAR e os anos de ouro (...) nas décadas de 1950 e 1960» (Universidade de Lisboa, 2014), pp.320-323.





ASPECTOS DA EXPOSIÇÃO

A EXPOSIÇÃO DAS NOVAS IGREJAS NA ALEMANHA

por PEDRO VIEIRA DE ALMEIDA

Até pela importância e pela largueza da documentação recebida, a exposição de exemplos de moderna arquitectura sacra e de objectos cultuais da República Federal Alemã, merecia uma análise que tentasse ir um pouco mais longe do que uma simples notícia, revelando embora maior ou menor aceitação crítica; e apesar de estar em desacordo com o conjunto, não posso deixar de apontar que para além dos pontos — aliás fundamentais — de que discordo, esta exposição proporciona — e aí é já uma sua primeira vantagem — uma discussão de argumentos e um arejar de idéias que evidentemente outras manifestações não sugerem. Pareceu-me que valia a pena, para uma maior ordenação de argumentos, tratar independentemente dos pontos que suponho mais importantes na sua apreciação, e assim resolvi dividi-la em três sectores:

a) — método expositivo
b) — material exposto
c) — ensinamentos a colher da exposição.

a) — Parece-me por demais lícito pôr em dúvida o valor pedagógico, e este creio que sobretudo interessava, da sistematização proposta. Não se pondo de forma alguma em causa, muito pelo contrário, a oportunidade de tais demonstrações e dos contactos que elas permitem, parece-me que se perdeu agora, ou pelo menos não foi aproveitada como podia, uma óptima ocasião de esclarecimento ao nível dos profissionais directamente interessados, e talvez mais gravemente, de esclarecimento ao nível do público, ele também directamente interessado.

Sabe-se que por razões de espaço nem toda a documentação enviada foi exposta, e portanto isso obrigou a fazer desde logo uma selecção do material apresentado; por, ou apesar disso, e tal como a vimos em Lisboa, a exposição parece-me admitir largos equívocos e que estou convencido da oportunidade de apontar.

Organizada em 1960 por ocasião de um Congresso Eucarístico em Munich, apenas sobre ela passaram quatro anos, mas num período de tão vivo renovamento litúrgico é natural que alguns dos caminhos que testemunha, tenham entretanto perdido alguma coisa do valor da sua inicial proposta. Quer isto dizer que suponho ter-se transformado nestes quatro anos o sentido da exposição, e que era quase inevitável que assim fosse. Ora este natural envelhecer da documentação, creio que faria logo pensar uma alteração do método em relação à exposição de Munich em 1960, e não se poderia tentar repetir uma atitude que ali e naquela altura, tinha a sua própria razão de ser. (a)

83

a.

3. A crítica de Pedro Vieira de Almeida à Exposição das Novas Igrejas na Alemanha

a. Páginas da revista *Colóquio* (Jun.1964)

Igreja de S.ta Ana Duren de Rudolf Schwarz (Duren, 1956); igreja Johann Kapistran de Sep Ruf (Munique-Bogenhausen, 1958-1960); Igreja St. Albano de Hans Schilling (Colónia,1957-1959); St. Andreas de Richard Jörg e Herbert Zinse (Neckarhausen, 1959); S.José, de Hans Schädel e Ebert (Hasloch,1958).

formas da presença da Igreja na cidade moderna. Às preocupações primeiras do trabalho, a reserva e escolha de terrenos para construção de igrejas, juntavam-se os novos desafios de ordem sociológica e teológica que tinham ganho visibilidade com a renovação proclamada no Concílio Vaticano II. Reconhecia o SNIP que o programa tipo, surgido em 1966, ia ao encontro duma liturgia que se dava a conhecer, e duma pastoral que respondia às necessidades tidas como elementares. Nos meados da década de 1960 mostrava-se a ânsia por uma liturgia que se queria renovada e evoluída. Paralelamente cresceu a convicção de que a liturgia não era a única expressão da experiência teologal vivida em profundidade, havia que valorizar para lá do "incenso da liturgia e o conforto moral individual" [12], as acções temporais de um profundo envolvimento com a comunidade, que se reúne, que se entreajuda, que trabalha em comum. O texto tocava os temas já abordados no capítulo anterior e identificava 'sintomas da transição' dos tempos, que se estavam a viver cujos anseios eram expressos pelas comunidades em relação às igrejas construídas – elasticidade, provisoriedade e cidade paroquial. [13]

No caso concreto do artigo de Pedro Vieira de Almeida, 'Programas e Arquitectura', acresce o interesse que tem a natureza crítica do texto, surgido na sequência da redação de uma série de outros que consideramos preparatórios do agora analisado. Referimo-nos à série de quatro artigos redigidos em 1965 sob o mote "O espaço-perdido - Proposta para a sua revalorização crítica", publicados no *Jornal de Artes e Letras*[14], e o dedicado aos "Novos problemas do espaço arquitectónico" publicado no último número do boletim do MRAR[15]. O último é um documento relevante para a compreensão do panorama e desafios pós-conciliares no período final da actividade

---

[12] Diogo Lino Pimentel, «[nossos dias]», *arquivo SNIP*, 1968, p.2.

[13] *Elasticidade* – vontade de conceber espaços simultaneamente aptos para pequenas e grandes assembleias onde coubesse uma 'multidão' e em que um pequeno grupo se sentisse 'em casa'.
Provisoriedade – desejo de construir de forma económica, rápida, móvel, repetível e facilmente adaptável. O que era um preconceito revelou um conjunto de qualidades desejadas para os equipamentos religiosos.
Cidade Paroquial – aspiração por completar a igreja com uma série de serviços de natureza supletiva, cruzando com as instituições civis da saúde, assistência, ensino - uma ideia pastoralista de primazia paroquial à semelhança das antigas abadias medievais.
Cf. Diogo Lino Pimentel, «[nossos dias]», *arquivo SNIP*, 1968.

[14] Durante o ano de 1965, Pedro Vieira de Almeida publicou no *Jornal de Letras e Artes*, uma série de quatro artigos dedicados ao estudo "O espaço-perdido – Proposta para a sua revalorização crítica", a saber: (27.Jan.1965) pp.10-14; [evolução dos edifícios escolares] (17.Fev.1965), pp.8-9; [habitação] (26.Mai.1965), pp.8-10; [edifícios de culto] (4.Ago.1965), pp.8-10.

[15] Pedro Vieira de Almeida, «Novos problemas do espaço arquitectónico», Boletim - movimento de renovação de arte religiosa, nº1, 3ª série, (Lisboa, Jan.1967-Mai.1968).

daquele movimento. Relevamos ainda os artigos escritos para a *Colóquio* [16] e, posteriormente, para a *Capital* [17] levando a discussão da arquitectura religiosa para lá dos meios exclusivamente religiosos. Destaque-se o facto de Pedro Vieira de Almeida ter acompanhado o MRAR na década de 1960,[18] e ser próximo de colegas e amigos, como Nuno Teotónio Pereira, Nuno Portas ou Germano Venade, com quem desenvolveu actividade profissional, nomeadamente ao nível da encomenda religiosa.[19]

De certa maneira a publicação na *Chiesa e Quartiere* perpetuaria o encontro das duas plataformas mais significativas do debate sobre arquitectura religiosa em Portugal, da luta mais acesa no MRAR ao trabalho feito em espírito de continuidade, no SNIP. Era de facto vontade da revista italiana promover o debate internacional, como aliás referiu o cardeal Lercaro numa carta dirigida em 1966 ao presidente da FCG, Dr. Azeredo Perdigão, em que felicitou a fundação pela bolsa concedida (1959-1960) ao arq. Diogo Lino Pimentel e exprimiu a importância dos trabalhos em rede, tendo em vista o apoio à publicação da edição da revista dedicada a Portugal:

> "(...) mi piace ricordare il contributo allo studio dei valori spirituali dell'umo e della società, reso con grande impegno e competenza, nelle pagine della rivista *'Chiesa e Quartiere'* diffusa oggi nei principali stati del mondo.
> Nell'esprimer Le il mio sincero plauso, (...) desidero formulare l'auspicio che la collaborazione a livello internazionale di studio possa continuare ed anzi intensificarsi nel futuro a vantaggio dell' effettivo progresso della comunità umana."[20]

---

16 Pedro Vieira de Almeida, «A exposição das novas igrejas na Alemanha», *Colóquio – Revista de Artes e Letras*, nº29, (Jun.1964), pp.32-39.

17 Pedro Vieira de Almeida, «Igrejas - actualidade crítica de um programa talvez não actual», *A Capital*, (5.Mar.1969), pp.1-2. e «Igrejas - actualidade crítica de um programa talvez não actual II» (12.Mar.1969), p.2.

18 Da participação em actividades do MRAR destacamos as duas últimas reuniões de estudo realizadas em 1967. A primeira em que debateu «Novos problemas do espaço arquitectónico» e a segunda, fazendo um exercício de crítica comparada aos projectos das igrejas de Santiago, Almada (Nuno Teotónio Pereira, Luís Moreira, Nuno Portas); N.ª S.ra da Conceição, Queluz (José Maya Santos); Sagrada Família, Paço de Arcos (João de Almeida); N.ª S.ra da Conceição, Rio Maior (José Luis Zúquete e José Bruschy); Seminário Dominicano do Olival (Diogo Lino Pimentel) e os ante-projetos das igrejas de S.to António dos Cavaleiros, Loures (Diogo Lino Pimentel); Nevogilde, Porto (Luiz Cunha).

19 À data da escrita do artigo Pedro Vieira de Almeida tinha colaborado com Nuno Teotónio Pereira e Nuno Portas nos projectos do mosteiro de Santa Maria do Mar Sassoeiros (Carcavelos, 1959-1968), concurso e execução da Igreja do Sagrado Coração de Jesus (Lisboa, 1962-1970). Participou no concurso da Sé de Bragança (1964) e obteve o 3º lugar. Posteriormente, em 1969 desenvolveu com Germano Venade um novo modelo de capela-salão (tipo F) para o SNIP a construir em Marinhais (Salvaterra de Magos, 1969-1975). O modelo foi trabalhado e desenvolvido para o concurso da igreja de Olivais (Lisboa, 1970) que Pedro Vieira de Almeida acabou por vencer. [ver cap. 4.2.2] Realizou ainda o projecto da igreja de Santa Teresinha do Menino Jesus (Brandoa, 1986-1989) profundamente alterado em 2014.

20 Giacomo Lercaro, «carta dirigida ao Dr. Azeredo Perdigão, presidente da FCG», *Arquivo SNIP*, (Bolonha, 11.Fev.1966).

Contudo, a circunstância particular que se viveu em Bolonha no final da década de 1960, marcada pela substituição do Cardeal Lercaro e pela a censura de um número da revista *Ch+Q,* conduziu a um período agitado que acabou por ditar o fecho da publicação, conforme foi denunciado em carta enviada por Diogo Lino Pimentel, secretário do MRAR, ao Director do Serviço de Belas Artes da FCG:

> "Lamento ter de informar que a revista '*Chiesa e Quartiere*' foi suspensa pelas autoridades eclesiásticas da diocese de Bolonha, em seguida à publicação de um número monográfico dedicado à América Latina. Tal medida veio como termo de um longa crise que durante um ano se foi agravando, opondo os responsáveis redactoriais daquela revista às autoridades eclesiásticas. Começou por ser posto em vigor um sistema de censura nunca antes adoptado em relação a uma revista que era publicada sob a égide do Cardeal Lercaro, entretanto também convidado a apresentar a sua resignação como Arcebispo de Bolonha, conforme foi oportunamente noticiado e comentado em toda a imprensa. (....)
> Neste momento encontra-se pois à nossa guarda uma documentação de indiscutível interesse (...)"[21]

A divulgação da arquitectura religiosa portuguesa numa grande revista da imprensa internacional da especialidade acabou por ficar adiada *sine die*. Chegou a ser equacionada a publicação do material reunido para a *Ch+Q* na revista portuguesa *Arquitectura*, mas apesar do interesse manifestado na publicação de um número dedicado à 'moderna arquitectura de igrejas em Portugal' e ter sido apontada a possibilidade da sua publicação em Outubro de 1969,[22] tal número não chegou ao prelo.

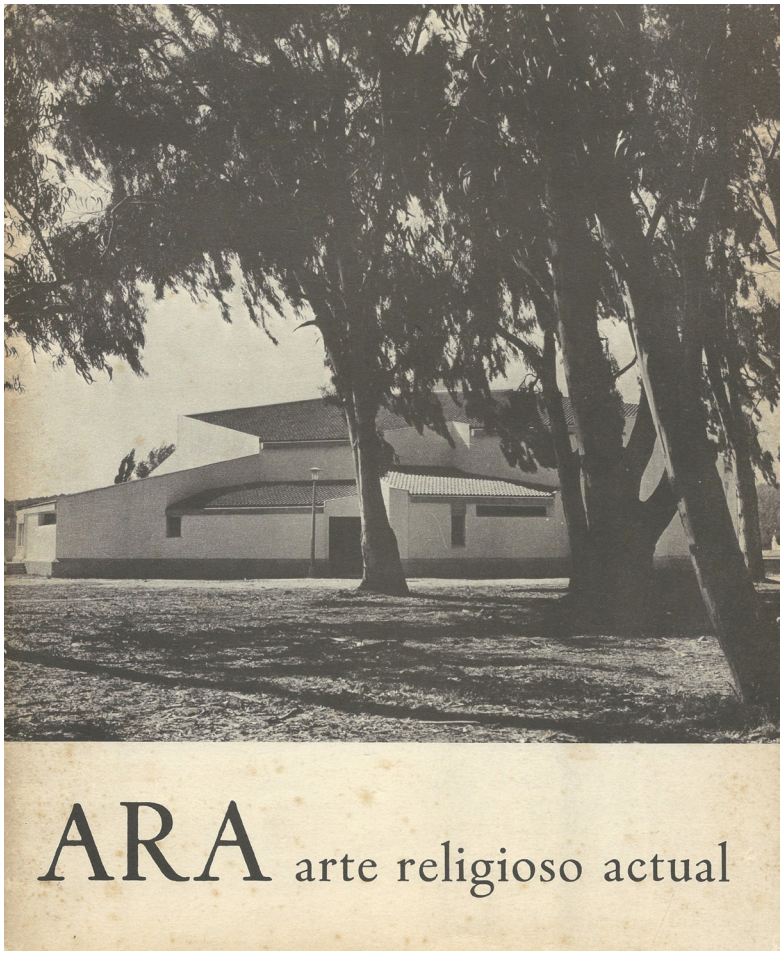
Passados dois anos, em Dezembro de 1970, foi publicado na revista *Arte Religioso Actual (ARA)* do Movimento Arte Sacro (MAS) de Espanha, dirigida por fr. José Manuel de Aguilar op., um número dedicado à renovação da arte religiosa em Portugal. Aquele número foi o resultado da convivência e trabalho próximo dos dois movimentos de renovação, MAS e MRAR, e surgiu na sequência de uma visita de membros do movimento espanhol a Portugal, no verão de 1970. [23] O editorial intitulado "?Inseguridad?" dava o mote ao tema da revista:

---

[21] Diogo Lino Pimentel, «Carta dirigida ao Director-adjunto do Serviço de Belas Artes da FCG», *Arquivo FCG-MRAR*, (Lisboa, 14.Mai.1969), p.1.

[22] Manuel João de Freitas Leal [p'la Direcção da revista Arquitectura], «Carta dirigida a Diogo Lino Pimentel», *Arquivo FCG-MRAR,* (Lisboa, 8.Jul.1969), p.1.

[23] fr. José Maria Aguiliar op. foi fundador do Movimento Arte Sacro (1955), congénere espanhol do MRAR. A criação do movimento espanhol esteve associado a um grupo de estudantes universitários. Aguillar privou com o movimento português tendo participado e orientado parte do I Encontro de Outono do MRAR (Torres Vedras, Out.1961).



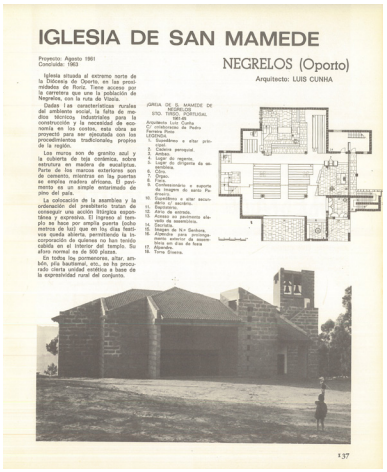
a.

"A pesar de todas las críticas al constantinismo de la vida de la Iglesia y
a pesar de toda censura al 'derroche' económico,
con decidida voluntad de centrar la actuación de la Iglesia en los problemas de la vida
más que en los ritos litúrgicos, continuarán construyéndose iglesias en Portugal.
Y habrá ópción y ambientes para 'iglesias-sólo iglesias', así como para 'iglesias-casi profanas' e
'iglesias-servico de todos', según las diversas exigencias pastorales y los distintos modos de presencia
cristiana en la vida".

Avelino Rodrigues, "Renovacion del arte religioso en Portugal",
ARA (Out.-Dez.1970), p.136

4. Revista *ARA arte religiosa actual* (Out.-Dez.1970) *Arquivo SNIP*

a. No número especial dedicado à arquitectura religiosa moderna portuguesa figurou na capa a igreja de Rio Maior (1966-68), projectada por José Luís Zuquete e José Bruschy. No interior, depois do texto retrospectivo de Avelino Rodrigues, eram dadas a conhecer as igrejas de São Mamede de Negrelos (1961-63), do Convento Dominicano de Fátima (1963), de Póvoa do Valado (1964-1968) do arq. Luíz Cunha; a igreja do Bairro da Tabaqueira (1965-69) de Jorge Viana; do Convento dominicano do Olival- Aldeia Nova (1964-65) de Diogo Lino Pimentel, de Sever do Vouga (196-) de Abrunhosa de Brito e Manuel Magalhães, de Almada (1960-70) e do Sagrado Coração de Jesus de Lisboa (1966-1970) de Teotónio Pereira e Nuno Portas, e de Paço D'Arcos (1966-69) de João de Almeida.





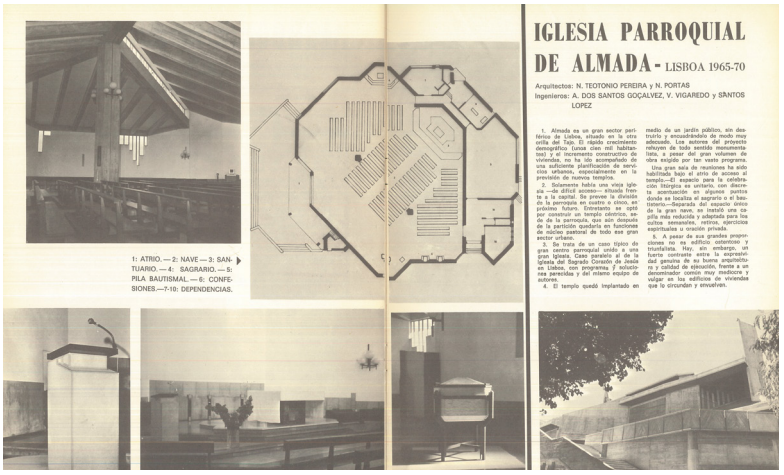
















Casi todos los templos hemos podido visitarlos personalmente (...)
el último verano. Fue ocasion para ver, para comentar y dialogar,
para conversar ampliamente con arquitectos y artistas,
con sacerdotes especializados en liturgia y pastoral,
con los directivos del MRAR y SNIP?

José Maria Aguilar, "Introducion",
ARA (Out.-Dez.1970), p.122

> "nuestras páginas reviven hoy esta situación real a través de la trayectoria de la renovación del arte religioso de Portugal. Son etapas de acentuada tensión, de búsqueda incasable, de indiscutible vitalidad, de avance renovador. Allí podremos constatar que no pueden pretenderse soluciones definitivas – fórmulas fijas y estables – cuando se entiende la misión del arte como un servicio que obliga siempre a disponibilidad, vigilancia tensa y entrega incondicional."[24]

O índice de projectos apresentados acrescentava e substituía alguns dos trabalhos inicialmente preparados para a publicação italiana de 1968. Se o número italiano se centrava nas obras do Patriarcado de Lisboa, a julgar pela documentação encontrada no SNIP cujo trabalho seguia uma clara filiação com o desenvolvido em Bolonha, a publicação espanhola procurava retratar uma actividade mais abrangente, incluindo também obras de outras dioceses, nomeadamente do norte do país.[25] Uma vez mais a escolha dos exemplos mostrou que a renovação da arquitectura religiosa em Portugal se fez simultaneamente nos contextos rural e urbano.

Os textos redigidos por Pedro Vieira de Almeida e Diogo Lino Pimentel, deram lugar a um texto retrospectivo da evolução do movimento de renovação de arte religiosa, escrito por Avelino Rodrigues, da contextualização dos anos 1940 aos novos conceitos de Igreja debatidos no final da década de 1960 pelo MRAR.[26] Ironicamente, a publicação surgiria já depois de divulgada a circular de 'congelamento' do movimento, datada de Agosto de 1969.[27]

---

[24] ARA, «editorial Inseguridad », *ARA arte religioso actual, publicacion del Movimiento Arte Sacro*, nº26, anoVII, (Madrid, Out.-Dez.1970). p.121.

[25] A lista de projectos publicados na revista *ARA* substituiu as igrejas paroquiais de Queluz e Fazendas de Almeirim por duas encomendas da congregação dominicana, do centro sul do país: igreja do convento de Fátima, arq. Luiz Cunha (1963) e do seminário do Olival - Ourém, arq. Diogo Lino Pimentel (1964-65). Do Norte foram publicadas as igrejas de São Mamede de Negrelos – Santo Tirso (1961-1965), Póvoa do Valado – Aveiro (1964-1968) ambas do arq. Luíz Cunha, e a única intervenção numa igreja pré-existente, a igreja de Sever do Vouga – Aveiro, arqs. Fernando Abrunhosa de Brito e Manuel Magalhães (1965).

[26] Avelino Rodrigues, «Renovacion del arte religioso en Portugal », *ARA arte religioso actual, publicacion del Movimiento Arte Sacro,* nº 26, ano VII, (Madrid, Out.-Dez.1970). pp122-136.

[27] "É tempo de falar claro. O grupo responsável reconhece a sua inactividade (...) Neste momento, o mesmo grupo propõe que o MRAR seja 'congelado' até surgir nova oportunidade de o devolver à 'vida'. Não se propõe a extinção mas apenas a suspensão temporária das suas actividades (...) Desse modo a todo o tempo o MRAR é uma constituição retomável, se isso for tido por útil para a vida da igreja"
Circular MRAR, assinada por Nuno Portas, Diogo Lino Pimentel, Maria do Carmo Matos e o pe. Avelino Rodrigues. (6.Ago.1969) em *MRAR e os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal no século XX [Volume II - anexos] de João Alves da Cunha* (Lisboa: FAUTL, 2014), pp.246-247.

4.1.1. 'arquitectura que é possível fazer' fruto da 'compatibilidade circunstancial'

Ensaio crítico 'Programas e Arquitectura' de Pedro Vieira de Almeida [28]

Antes de entrarmos na análise do texto de Pedro Vieira de Almeida deve referir-se que foi um acaso que nos fez encontrá-lo no arquivo do SNIP e só o facto de conhecermos o contexto e a troca de correspondência com os responsáveis pela *Ch+Q* permitiu que fosse identificado o texto até agora inédito, e que publicamos na íntegra como anexo.[29]

A proposta de ensaio crítico de Pedro Vieira de Almeida, preparado para a revista *Ch+Q* e intitulado 'Programas e Arquitectura' parte da tomada de consciência do estado da "arquitectura que é possível fazer", realizada num contexto debilitado nos planos económico e cultural. Principiou por explanar a situação particular da disciplina arquitectónica que, ao contrário das outras expressões artísticas, estava obrigada a "assumir a situação nacional", as suas condicionantes e os seus limites. Contudo a arquitectura, circunstancialmente compatível, não podia deixar de apresentar propostas de evolução e abertura. Era pois necessário atender aos custos da construção, evitando os "economicamente absurdos". Igualmente importante, no plano cultural, era conseguir que a arquitectura fosse absorvida e integrada no meio, num período de tempo tão curto quanto possível. Por outras palavras, encontramos no discurso de Pedro Vieira de Almeida a defesa de uma arquitectura para as pessoas, possível de ser reconhecida pelos seus utilizadores. Sem que o exprima, encontramos neste discurso abrangente a mesma particular preocupação da carta pastoral de Arte Sacra de 1953 em que o cardeal Cerejeira reclamou uma 'Arte Viva'.

Ora o exercício da arquitectura, ajustada à realidade cultural e humana, economicamente responsável, tornava-se difícil no contexto português, composto "pela diversidade de situações e radicais assimetrias" característica dos países em vias de desenvolvimento, de que Portugal era exemplo.

Ao contrário da atitude nacional, que defendeu, registou o perigo da atitude nacionalista que sugeria uma "evolução que em curto-circuito dela parta e a ela regresse com uma auto-satisfação de obesidade crítica". A esta corrente dificilmente

[28] Neste sub capítulo citaremos recorrentemente o texto de Pedro Vieira de Almeida 'Programas e Arquitectura' (1968), de modo a facilitar a leitura, apenas serão explicitamente referenciadas outras fontes citadas.

[29] Pedro Vieira de Almeida, 'Programas e arquitectura' 1968 [ver anexo 8]

corresponderia uma arquitectura entendida como serviço público – aliás uma característica que naquele momento ressaltava na situação particular portuguesa. A atitude nacional, consciente da circunstância local, exigia o conhecimento da realidade externa tida como "mais efervescente e aliciante", não procurando porém esse conhecimento para propor o simples exercício de cópia. Era, sim, no confronto com a realidade externa, que surgia a arquitectura nacional, simultaneamente ligada e divergente, uma atitude "modelarmente centrífuga" ao contrário da atitude nacionalista que designou centrípeta, como lemos nas palavras de Pedro Vieira de Almeida. O trabalho do MRAR, ao longo de 15 anos, apresentou uma alternativa à prática dominante no país, a atitude nacionalista. Ao mesmo tempo, procurou o movimento estabelecer pontes de contacto com a realidade exterior, permitindo o amadurecimento da arquitectura nacional.

Havia que propor caminhos de abertura, em concordância com linhas de desenvolvimento e progresso e, ao mesmo tempo, circunstancialmente compatíveis com o meio em que era produzida a obra de arquitectura, assumindo a própria condição nacional, sem cair numa formulação do tipo nacionalista, auto referenciada e, portanto, criticável na perspectiva de Pedro Vieira de Almeida.

O conhecimento da distância que separava países desenvolvidos e em desenvolvimento, distância essa que então aumentava, consentia aos arquitectos portugueses não embarcarem numa linha de pensamento internacional, desfasada da realidade nacional. A tomada de consciência do tanto que separava Portugal de outros países mais desenvolvidos, fazia com que as pesquisas não fossem meros exercícios abstractos, obrigando sim a soluções de compromisso adaptadas à realidade nacional. Neste sentido,

> "(...) uma das maiores qualidades da arquitectura é justamente o forçar desse compromisso lúcido com a realidade das circunstâncias actuais e que é aqui que a arquitectura reivindica a sua dignidade própria."

Dignidade que era posta em causa pela estrutura sócio-económica portuguesa, decalcada de modelos centro-europeus dos anos 1930 e 1940, agravada por uma situação política também ela limitadora da acção. Assim sendo, alertou que o seu ensaio crítico, tal como a arquitectura portuguesea, era de natureza circunstancial.

A ideia da necessidade de considerar as circunstâncias particulares de projecto, aquando da definição do programa já tinha sido exposta pelo autor em 1967. Nessa ocasião exprimiu "a necessidade dos arquitectos (...) saírem da sua posição profissional estrita e discutirem o programa, não a partir *do programa para a frente* mas discuti-lo a partir *do programa para trás*, isto é, não já em termos espaciais, mas indo procurar noutro plano a autencidade e validade desse mesmo programa (...)"[30]. Anos antes, em 1961, a propósito da reunião mensal do MRAR dedicada à apresentação do ante projecto de Fernando Távora para o convento de Gondomar, escrevia-se no boletim informativo a propósito da natureza prospectiva da actividade do arquitecto:

> "É aqui que se pode considerar a importância do papel do arquitecto: não estando fixadas as novas formas de vida religiosa, o arquitecto consciente dos problemas em presença é levado a participar no mesmo movimento de procura e as formas de organização do espaço que saírem das suas mãos não deixarão indiferente a vida que se irá desenrolar nos quadros assim criados. (...) não só a resposta a uma situação existente, mas um estímulo para novas situações dentro de uma determinada linha de desenvolvimento. Caberá assim ao arquitecto captar o sentido de uma evolução e exprimi-lo em termos de organização do espaço."[31]

Usando a terminologia de Pedro Vieira de Almeida, Fernando Távora estaria a pensar *o projecto para frente*, ao nível da organização do espaço. Porém o desafio identificado por Pedro Vieira de Almeida era ainda mais abrangente, cabendo ao arquitecto pôr em causa o próprio programa e a sua circunstância. Tal remetia para a capacidade indagativa do arquitecto, ideia já presente no discurso do cardeal Lercaro na sessão de abertura do Congresso de Arquitectura Sacra (Bolonha, 1955):

> "E nessuno al pari dell'artista ha la capacità di sentire profondamente e talora di presentire, quasi di captare, magari inconsciamente ma con squisita sensibilità, gli indirizzi, le posizioni, le aspirazioni di un ambiente, di un momento e di farsene interprete"[32]

---

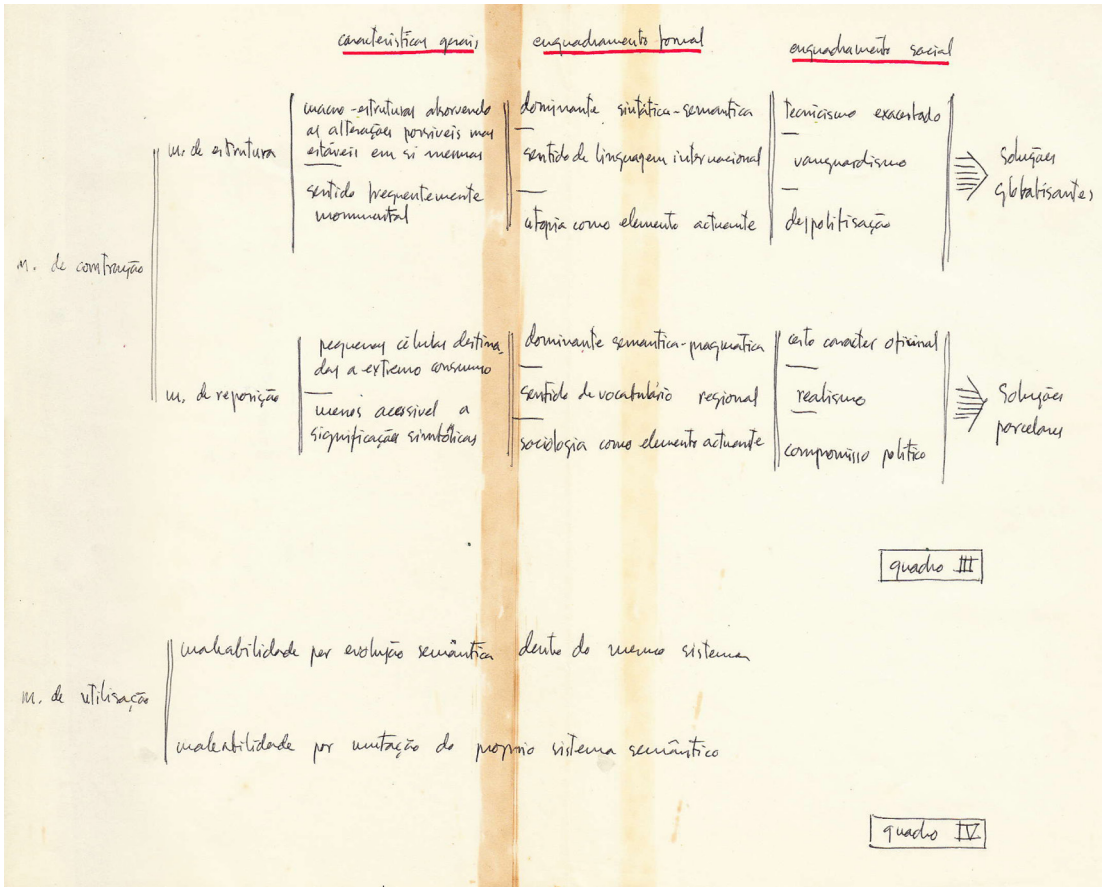
[30] Almeida, «Novos problemas do espaço arquitectónico», p.3.

[31] [MRAR,] «Boletim - movimento de renovação da arte religiosa», 2ª série, (Dez.1961).

[32] Giacomo Lercaro, «I Congresso di Architettura Sacra - prolusione (Università degli studi di Bologna, 23.Set.1955)», em *La chiesa nella città - Discorsi e interventi sull' architettura sacra* (San Paolo, 1966).p.25.

> "E nenhum, a par do artista, tem a capacidade de sentir profundamente, e às vezes de pressentir, quase de captar talvez inconscientemente mas com rara sensibilidade, as orientações, as direcções, as posições, as aspirações de um ambiente, de um momento, e disso fazer-se intérprete."

«separata - Discurso do Cardeal Lercaro no Congresso de Arquitectura Sacra [1955] (trad. António Lino)», *Boletim - movimento de renovação de arte religiosa,* 1ª série, nº2 ,(Lisboa, Mai.1957), p.5.



a.

5. 'Programas e Arquitectura' - maleabilidade

a. Esquema maleabildade de construção vs maleabilidade de utilização (1968) *arquivo SNIP*

Anexo manuscrito ao artigo dactilografo redigido para a revista Chiesa e Quartiere.

Reconhecia Pedro Vieira de Almeida, que discutir "programas e arquitectura" num artigo escrito para uma revista estrangeira colocava, à partida, a dúvida quanto à pertinência e validade do contributo que da produção portuguesa, teórica e prática, fosse possível extrair.[33] Era exactamente a condição periférica, face ao centro de discussão europeu, que permitia ter uma distância crítica "em relação ao borbulhar efervescente dos movimentos de vanguarda". Apesar de todas "as contradições sócio-culturais do meio em que se é forçado trabalhar", que evidenciavam problemas de método e limitações tecnológicas, a circunstância portuguesa permitia afinal um olhar global e equilibrado.

Ora a especificidade do contributo português era resultante deste ambiente. Mais do que a originalidade dos planos teóricos e práticos, era importante para Pedro Vieira de Almeida o "esforço pela coerência do pensar nos parâmetros que nos situam, e de certa maneira exigimos que a nossa coerência de hoje seja aceite como penhor da nossa capacidade de coerência futura."

Feita a nota introdutória em que enquadrou a crítica possível, o autor centrou-se no estudo da maleabilidade e da relação entre arquitectura e programa. Explanou os diferentes tipos de maleabilidade: *da construção* que permitia aumentos e adaptações ao longo do tempo, e *de utilização* potenciada pelo diferente uso de um edifício.

Quanto à maleabilidade de construção havia que considerar a possibilidade de a subdividir em duas sub categorias: a *das estruturas* e a *das reposições*.

A primeira, associada a macro estruturas capazes de se transformar e moldar sem perder o sentido geral da obra, buscando portanto soluções globalizantes, em sintonia com as experiências internacionais, marcadas por um claro sentido formal de natureza tecnicista[34]. A segunda, associada a pequenas células de tempo de vida limitado, demolíveis e substituíveis, que eram soluções parcelares. Enquanto a maleabilidade da estrutura estava em sintonia com a investigação de modelos utópicos (que caracterizava as vanguardas internacionais dos finais de 1960 –"criadores de 'cidades do sol' actuais"), a segunda, a maleabilidade de reposição, contava com a sociologia para uma aproximação à realidade; valorizando o gosto regional ("populismo estreito mesmo

[33] "De facto e pensando em termos gerais, o problema que se põe desde logo é saber de que maneira uma intervenção teórica geograficamente definida e épocalmente datada, poderá contribuir para uma crítica europeia que se locomove noutros limites topológicos e noutro tempo histórico."

[34] Pedro Vieira de Almeida refere afinidades à obra dos Archigram e de Yona Friedman.

paternalista").[35] Identificamos aqui uma postura crítica face a estas duas vias, à corrente *idealista,* em linha com as experiências do movimento moderno, mas também à acção *populista,* muito presa às circunstâncias.

Alertou ainda Pedro Vieira de Almeida que esta situação de maleabilidade, a condicionante de limitação de custo, a resposta pelos mínimos requeridos e a excessiva "densidade de intenções", conduziam a situações que apelidou de "claustrofobia sociológica", observada de forma evidente na habitação económica mas também nos equipamentos de uso colectivo.

Apesar das diferenças entre as complementares formas de maleabilidade, a prática realizada no país, na sua opinião, vinha a descurar o valor da história "condição necessária de uma consciência no intervir" – tema caro ao MRAR que desde a sua formação tinha reconhecido a importância daquela disciplina, como comprovam as diversas actividades realizadas pelo movimento, que tanto marcaram a formação de arquitectos e artistas plásticos.[36]

O discurso, eminentemente teórico e académico, parecia distante da temática em análise, ainda que possamos associar exemplos da produção arquitectónica religiosa, a uma e a outra forma de maleabilidade construídas, mesmo em obras realizadas em Portugal.

O texto tornava-se porém mais claro e facilmente ilustrado quando passou a abordar o tema da maleabilidade de utilização. A possibilidade de alterar o uso de um edifício, ainda que pudesse ser planeado, era uma acção que podia ser marcada por

---

35 "Se a maleabilidade de estrutura, proposta pelos criadores de 'cidades do sol' actuais, pela sua maneira idealista de aderência a uma ideologia, se pode alienar num internacionalismo não ajustado a uma intervenção quotidiana, o populismo estreito mesmo paternalista, 'cientificamente' justificado em bases sociológicas ou até políticas pode ser e já tem sido na realidade um dos maiores enganos de uma maleabilidade de reposição."

36 Desde logo a exposição de 1953, anterior à formação do MRAR, reconhecia a importância atribuída à história da arquitectura e o desafio da modernidade em reencontrar a linha da tradição autêntica. Diversos encontros promovidos pelo MRAR procuraram a aproximação com a história, nomeadamente através da realização de visitas de estudo orientadas, destacamos: Sé, São Vicente de Fora e S.ta Engrácia (2º encontro universitário MRAR, Lisboa.1956) por Flórido Vasconcelos; igreja matriz de Matosinhos (3º encontro MRAR, Porto.1957) por Álvaro Siza; aos Jerónimos, Sé, São Vicente e Santa Engrácia (curso de Arquitectura Sacra, Lisboa.1958) pelos arqs. Fernando Távora, António Freitas Leal e pe. Manuel Mendes Atanásio; a igrejas no Oeste - Lourinhã, Atouguia da Baleia, Dois Portos e Peniche (1º encontro de Outono, Torres Vedras.1961). Diversas conferências e reuniões do MRAR mostram igualmente o interesse por esta área disciplinar como as proferidas pelos sócios Flórido Vasconcelos, Fernando Távora e por personalidades externas ao movimento como Manuel Rio de Carvalho (3º encontro MRAR, Porto.1957), Artur Nobre de Gusmão (3º encontro para universitários MRAR, Lisboa.1958), Mário Chicó (1º encontro de outono, Torres Vedras.1961) e José Augusto França (reunião de estudo, Lisboa.1966). [ver anexo 9]

espontaneidade e improvisação. Como tal, era uma atitude "estruturalmente democrática" e "vista com maior prudência e desconfiança por parte dos poderes legítima ou ilegitimamente estabelecidos". Contudo, sendo vista com um enorme potencial, pois não estava tão condicionada por aspectos de ordem económica, era antes de mais uma proposta de aprendizagem

> "(...) da pedagogia mais delicada e ao mesmo tempo mais sólida de maior realismo e ao mesmo tempo de maior idealismo, da maior generosidade e ao mesmo tempo de maior risco, que é a pedagogia da própria liberdade."

A partir da liberdade de uso de edifícios e num discurso aparentemente circunscrito ao âmbito da disciplina, Pedro Vieira de Almeida não se coibia de dar nota da situação que se vivia no contexto nacional e reclamava também ele a liberdade.[37]

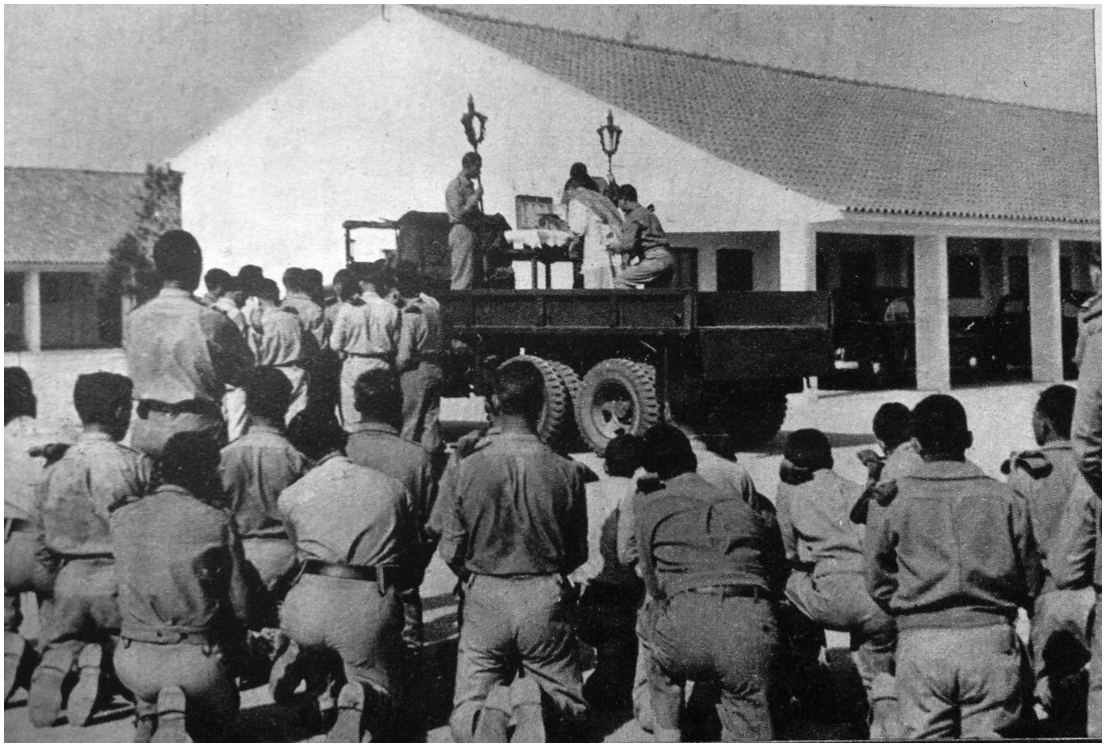
A propósito da maleabilidade de utilização subdividiu-a em duas vias de análise: *por evolução* ou *por mutação*.

O primeiro caso, o de continuidade com o uso original do edifício, acontecia em igrejas antigas em que se continuava a celebrar o culto, ainda que renovado. Com a mesma audácia com que falara de liberdade e democracia, recorreu ao exemplo dos Jerónimos que apelidou de "paróquia de vanguarda". Aí espaço e rito confrontavam-se "existindo uma grande clivagem senão mesmo fractura entre o que ali se propõe e o que a arquitectura de Boytac culturalmente propunha" à data da construção. Pedro Vieira de Almeida recordaria em 2010, o contributo do pe. Felicidade Alves, voz incómoda de denúncia da guerra do Ultramar, que ao trazer o altar para o meio dos Jerónimos, numa atitude radical e semelhante à das tropas que celebravam no capô dos jipes, contribuíra para "'descoisificar' o sagrado".[38] Por outras palavras, valorizava a acção e o rito em relação à sacralidade presente no espaço.

---

37 "Estou convencido de que aquilo que é possível propor em Portugal com um mínimo de eficácia pedagógica é a valorização de um espaço perdido que corresponde no fundo a uma sã e necessária pedagogia da própria liberdade."

38 "Era o ritual que unia todas aquelas pessoas que na realidade tinham ideias de Igreja muito diferentes. O que era importante era a acção (…) Era importante 'descoisificar' o sagrado. O pe. Felicidade Alves levava o altar para o meio dos Jerónimos e falava dos militares que celebravam no capot dos jipes durante a guerra."
Pedro Vieira de Almeida, «Depoimento (23.Jun.2010)», em *MRAR e os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal no século XX [Volume II - anexos] de João Alves da Cunha* (Lisboa: FAUTL, 2014), pp.105-106.


a.

6. 'Descoisificar o sagrado'

a. "Em campanha até um carro de guerra pode ser altar de Deus" revista *Flama* (1953).

Ao segundo tipo de maleabilidade, *por mutação*, estava associada uma nova utilização, diferente daquela para a qual o edifício tinha sido concebido. Deu então exemplos de espaços convertidos a novos usos, como as ruínas de claustros e pátios de conventos e palácios, destinados a apresentações de espetáculos musicais. Se estes espaços eram escolhidos pelo valor simbólico, a escolha de armazéns e garagens convertidos/adaptados a igrejas provisórias era mais independente do valor simbólico-formal da pré-existência e, portanto, de maior interesse no campo da maleabilidade por mutação dos edifícios – "a malha semântica da utilização sobrepõe-se à obra construída e dá-lhe sentido inteiramente novo."

Desta forma Pedro Vieira de Almeida alargava o debate para além dos limites restritos da arquitectura religiosa e dos condicionalismos litúrgicos. Aliás, a propósito do programa da igreja, alertou para o perigo da excessiva atenção dada à caracterização individual de cada um dos pólos litúrgicos, conforme apontavam as orientações do "programa-tipo" redigido pelo SNIP. Mais uma vez a crítica não se cingia apenas ao espaço religioso e estendia-se a outros programas colectivos.

Em causa estava a liberdade dos próprios utilizadores e a relação estabelecida com o edifício – "igreja-edifício, igreja-assembleia".

Desta forma, Pedro Vieira de Almeida recuperava o que já tinha escrito em 1965, no *Jornal de Artes e Letras*. Nessa ocasião, reconhecera que a situação de pressão por uma urgente e eficaz rede pastoral que colmatasse as carências da periferia e da cidade em crescimento, tinha por um lado, espoletado a transposição para igrejas construídas a partir de noções de 'função' e 'economia' interpretadas de forma simplista, por outro conduzido ao ensaio de soluções provisórias como a adaptação de espaços comerciais a igrejas provisórias – situações ambas merecedoras de um olhar crítico.

A primeira situação era fruto da preocupação funcionalista por

> "(...) encontrar, justificação de utilidade próxima em cada metro quadrado (e lembro aqui a posição tomada contra o 'mésuser de l'espace' dos anos heróicos) que fazem ser mais vincada e agora nela mais presente, a preocupação de rever uma anatomia de celebração religiosa, e portanto a de reestruturar uma noção de 'função'."[39]

Era justamente esta preocupação pela procura de uma resposta funcionalmente satisfatória, em alternativa a uma edificação de sentido tradicionalista, que tinha

[39] Almeida, «O espaço perdido - proposta para a sua revalorização crítica - edifícios de culto», p.8.



LUGARES DE CULTO PROVISÓRIOS
NUMA CIDADE ITALIANA — BOLONHA

uma garagem

«Dentro do mais curto prazo de tempo, dar à nova paróquia um pároco e uma capela!» — foi a palavra de ordem.
Havia uma garagem livre, no rés-do-chão de um prédio mais ou menos central.
Limpou-se, pintou-se e com algumas tábuas serradas e pregadas fez-se da garagem uma capela.
É uma solução de emergência, modesta, mas não um ambiente indigno, como poderia ter sucedido.
Não se pretendeu «fazer arquitectura», mas não se perdeu no entanto a oportunidade de educar a sensibilidade artística e litúrgica da comunidade cristã em formação.

(Arranjo do arqu.º Glauco Gresleri)

6

aqui surgirá . . .

«Fazei que as casas dos homens não fiquem sem a casa de Deus».
«Aqui surgirá com a ajuda de Deus e do povo bolonhês a igreja do Sagrado Coração de Maria».
Esta legenda e a barraca que se vê à direita (a capela de emergência) são garantia da posse do terreno e da presença de Cristo.

uma capela desmontável

Este tecto e as paredes que hoje servem de capela a esta paróquia, sendo desmontáveis, servirão amanhã a outra.
A comunidade estruturada aqui, construirá mais tarde a sua própria igreja, neste mesmo terreno.

7

uma barraca já existente

Construiu-se o bairro. As casas começavam a ser ocupadas. Das obras, ficara uma barraca que fora abrigo dos operários e armazém das ferramentas.
Porque não aproveitar esse tecto já existente, para sede paroquial provisória?

um antigo armazém

A porta de entrada foi valorizada. Distingue-se agora das outras. Por dentro, cuidou-se da luz ambiente, e tentou-se uma distinção entre os dois espaços principais: o do santuário mais iluminado, e o da assembleia dos fiéis.

8

um barracão do exército

A seguir à guerra, o exército vendia um barracão que já não servia. Comprou-se por pouco dinheiro e acrescentaram-se alguns elementos indispensáveis.
O pé direito, permitia que se fizesse capela em baixo e sala de reuniões em cima.
De todos estes condicionalismos resultou uma obra com interesse arquitectónico e de fundamental importância pastoral.

uma loja

No baixo de um dos edifícios de habitação havia uma galeria com lojas.
As montras foram substituídas por um jogo de caixilhos com vidros de cor. Isso e mais uns elementos de madeira, tanto bastou para criar um ambiente de recolhimento e oração.

(Arranjo do arqu.º Glauco Gresleri)

9

a.

7. 'Lugares de culto provisórios numa cidade italiana'
a. Boletim Novas Igrejas (Abr.-Set-1961). *Arquivo SNIP*
Páginas da publicação do SNIP mostrando diversas soluções de capelas experimentadas em Bolonha, das soluções de emergência às provisórias. A 'p.7' apresenta a maquete da igreja Cuore Immacolato di Maria de Pier Luigi Nervi e Giuseppe Vaccaro para o bairro INA Casa - Borgo Panigale.

motivado o aparecimento do MRAR no início da década de 1950. A leitura retrospectiva de Vieira de Almeida reconheceu o contributo do movimento na denúncia daquela situação, ao mesmo tempo que tinha desenvolvido uma "apertada malha funcionalista", traduzida num programa de igreja trabalhado ao longo de mais de uma década. Ora se num momento inicial a 'função', conceito gerador da crítica, era suficiente, as respostas encontradas na exploração de modelos e "esquemas centrados do 'round-stage' ou dos simples anfiteatros" revelaram-se inadequados às relações, supostamente desejáveis, entres as diversas partes que compunham a comunidade celebrante – indivíduo, assembleia e ministro. De certa forma, as preocupações estritamente funcionais eram, segundo Pedro Vieira de Almeida, responsáveis pelo "real empobrecimento" da arquitectura religiosa.[40]

Por sua vez a adaptação de garagens e lojas a espaços de culto, à semelhança da experiência testemunhada por Diogo Lino Pimentel em Bolonha e divulgada no boletim *Novas Igrejas*, do SNIP, no início da década de 1960, despertava um grande interesse e tornava-se contributo para o debate disciplinar. Tratava-se de explorar novas relações entre edifício e comunidade – igreja-edifício versus igreja-assembleia. Nesta acepção de maleabilidade de utilização, o edifício deixava de corresponder a uma ideia de símbolo construído pela comunidade e era valorizada a reunião – a assembleia celebrante tão debatida e promovida no Concílio Vaticano II. Conforme afirmou Pedro Vieira de Almeida, "Uma assembleia que não é acompanhada pelo edifício que a reveste tem de procurar forças de coesão dentro de si própria."[41] Estas estruturas provisórias, arquitectónicamente indiferentes, colocavam em causa a ideia de uma arquitectura significante podendo, pelo contrário, promover até uma ideia de "anti-arquitectura". Na realidade, em Portugal tal como em Bolonha, a maioria das estruturas adaptadas ao culto não foram, e não são, fruto do trabalho de arquitectos preocupados com a dignificação e significação de espaços anónimos.

No Norte do país encontramos exemplos de experiências envolvendo a maleabilidade do uso em situações definitivas ou provisórias. Neste contexto tem interesse acrescido a conversão de um armazém em capela na Afurada (Vila Nova de Gaia), trabalho académico proposto por Carlos Ramos aos alunos de Arquitectura na

[40] Ibid. p.9.

[41] Ibid. p.9.

ESBAP, no ano lectivo 1952-1953.[42] Mais tarde o primeiro espaço de culto da paróquia experimental do Padrão da Légua, publicado pelo SNIP e discutido numa reunião do MRAR[43], mostraria a potencialidade de uma garagem convertida em espaço de reunião e de culto.

No Sul podemos convocar, a título de exemplo, as celebrações dominicais realizadas no início da década de 1950 no antigo cinema de Moscavide[44], anteriores à construção da igreja projectada por António Freitas Leal e João de Almeida, ou a conversão do cine Max em igreja paroquial de S. João Evangelista, em Lisboa.[45] Ainda que Pedro Vieira de Almeida tenha destacado em 1965 o interesse deste tipo de propostas, compreendidas como novas imagens "da 'tenda' do Antigo Testamento"[46], somente em 1968 seria realmente equacionada a utilização do rés do chão de um vulgar prédio de habitação a igreja/complexo paroquial, neste caso entendida como solução de carácter definitivo.[47]

Sem exemplificar com as obras que acabamos de citar, Pedro Vieira de Almeida no texto de 1968, revelava que a maleabilidade de utilização era fruto da máxima liberdade e, portanto, apresentada como proposta de trabalho válida para o contexto sócio-político português, aquela que comportando riscos valeria a pena explorar[48] – uma proposta de arquitectura audaz entendida como instrumento de luta e resistência ao sistema estabelecido. Estas experiências, verdadeiros exercícios de maleabilidade e liberdade constituíam exemplo "de uma arquitectura religiosa de vanguarda no melhor sentido."

---

42 Sobre o trabalho académico capela da Afurada [ver cap.5.1.1]

43 [SNIP], «A experiência do Padrão da Légua», *Novas Igrejas - boletim trimestral do Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado*, (Abr.1961).
A Reunião mensal do MRAR (Lisboa, 14.Mai.1963) foi dedicada ao Padrão da Légua.
Sobre a capela provisória instalada numa garagem no Padrão da Légua [ver cap.5.5]

44 O antigo cinema, hoje demolido, localizava-se no cruzamento da Rua Francisco Marques Beato e Rua António Maria Pais, em Moscavide. A licença de construção recua ao ano de 1944. No início da década de 1950 foi comprado e adaptado a igreja provisória.
Cf. Manuela Mendonça, *Moscavide, contributos para a sua história nos 50 anos da paróquia de Santo António* (Paróquia de Moscavide, 2006), pp.50-51.

45 [SNIP], *Boletim da campanha - novas igrejas do patriarcado*, 1973. [ver anexo 13]

46 Almeida, «O espaço perdido - proposta para a sua revalorização crítica - edifícios de culto». p.9.

47 Sobre a igreja de Cristo Rei (Algés, 1968-1977) arq. António Flores Ribeiro [ver cap.3.7]

48 "Assentemos por hipótese de trabalho – hipótese em que acredito para além do simples carácter metodológico – que a maleabilidade de utilização com os riscos que comporta, ou até justamente por comportar esses riscos, é aquela obra que convém debruçar actualmente, sobretudo em países dentro da malha sócio-política em que Portugal se situa."

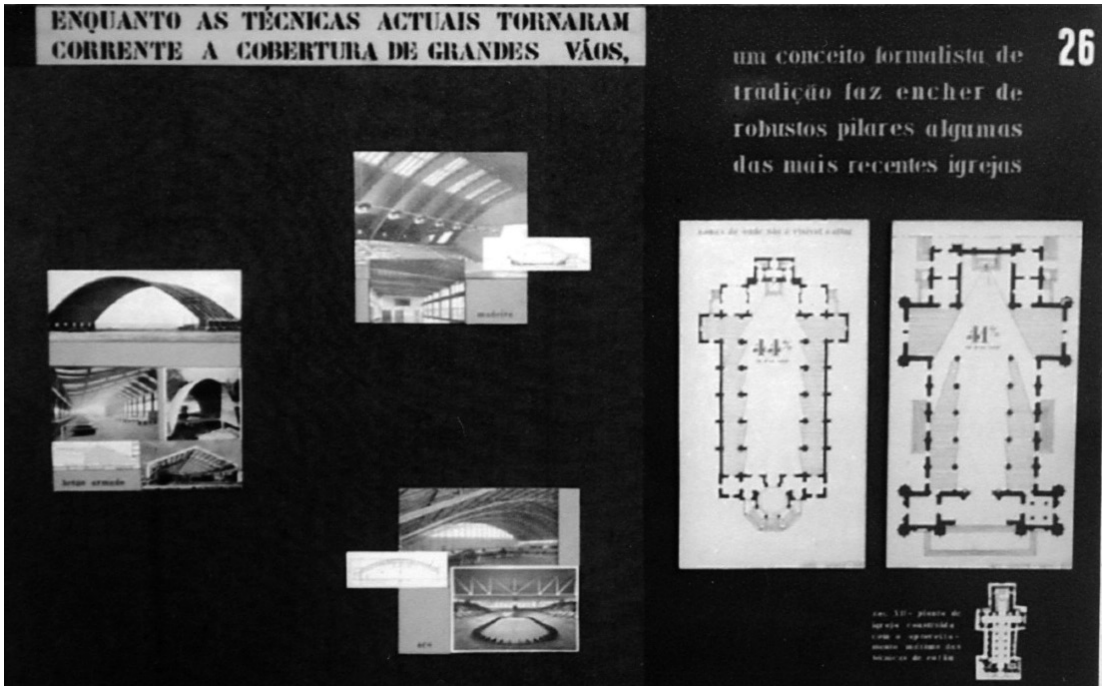
Passou da vanguarda para um conceito crítico que encontrava existência na história e tradição das igrejas cristãs: o espaço-perdido.[49] Desta forma recuperava uma vez mais a sua reflexão de 1965, publicada no *Jornal de Letras e Artes*, em que defendera o instrumento de análise e proposta, que se encontrava tanto na habitação económica, como em escolas e em igrejas. A ideia era encontrar uma "justificação funcional, portanto social, portanto económica, portanto moral, para o espaço perdido", num caminho contrário ao feito pelos racionalistas. Ao invés daqueles, para quem espaço perdido e espaço inútil eram equivalentes e, portanto, objecto de natural exclusão, havia que recuperar as qualidades esquecidas. Se reparamos, parte da crítica de 1953 presente na exposição de S. Nicolau assentava precisamente no reconhecimento dos espaços-perdidos, áreas sem visibilidade sobre o altar, que quebraram o sentido da comunidade reunida. Os esquemas e plantas desenhadas da igreja de Santo Condestável (Lisboa) e do Santíssimo Salvador do Mundo (Bombarral), presentes na exposição, quantificavam percentualmente essas áreas que somavam aproximadamente 44% da área total, fruto de um formalismo em nada condizente com a evolução das técnicas construtivas.[50] Ora Pedro Vieira de Almeida, propunha a recuperação destas áreas, sem que elas se tornassem "simples jogo formal de ensimesmado grupo de estetas", e revelou como na história tais áreas complementares sempre encontravam lugar, tal como referira no artigo publicado em 1965, recuperado na reunião mensal de 1967. Nessa ocasião fez notar que a área perdida de S. Pedro, no Vaticano, somava na planta de Bramante 60%.

Mas a tradição recuava no tempo. Citou então Zevi a propósito da incorporação de colunatas gregas no interior de basílicas e como elas davam "a possibilidade de deambular e percorrer o espaço", a polarização do espaço dando um sentido de percurso ritmado. Tais qualidades só eram possíveis porque a área total ultrapassava de longe a estritamente exigida para acolher um determinado número de utilizadores. O sistema construtivo criava, por sua vez, uma cortina que reduzia a área útil de visão sobre o altar, ao mesmo tempo que autonomizava determinadas áreas. Remetia assim para o imaginário de Fulcanelli na obra "Mistério das Catedrais", onde era relatada a polivalência de uma catedral: lugar de discernimento, de política e de assistência médica

---

49 "(...)acabou por se tentar estabelecer em relação às igrejas uma apertada malha funcionalista, que se parece particularmente inoportuna dado que a noção de 'espaço-perdido' está ligada a uma tradição cristã de maneira profunda, ainda que muitas vezes ou quase sempre não consciente, ou sequer pressentida."

50 [ver anexo 10, painel *EARC* nº26]



a.



b.

"A imediata apreciação das plantas revela (...) uma grande área livre de bancos que evidentemente se supõe destinada para a assembleia que permanece em pé, e em qualquer dos casos também, a presença dessa área é muito forte para estruturação de todo o conjunto: não pode ser encarada de forma alguma como elemento passivo ou apenas adjectivo do interior."

Pedro Vieira de Almeida, «O espaço perdido (...) edifícios de culto», *Jornal de Letras e Artes*, (4.Ago.1965), p.9.

8. 'Espaço Perdido'

a. Painel 26 da Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea (1953).

b. "O espaço perdido (...) edifício de culto" no Jornal de Letras e Artes (4.Ago.1965).

a peregrinos, entre tantas outras possibilidades que o espaço permitia: "C'est la cité, dans la cité, le noyau intellectuel et moral d'agglomération, le coeur de l'activité publique, l'apothéose de la pensée, du savoir et de l'art."

Confrontando as catedrais com as igrejas de nave única produzidas na contra-reforma, eram evidentes as faltas desses espaços na caracterização espacial. À liberdade individual sugerida na utilização da catedral opunha-se um espaço voluntariamente controlado, marcado pelo tratamento massivo da assembleia da qual não era esperada mais do que uma atitude passiva.[51] De certa forma está subjacente uma crítica ao espaço comunitário uno, sem espaço-perdido, onde o mistério e os jogos de luz e sombra desaparecem. A catedral, por sua vez, era um programa de excepção que, pela sua escala, dimensão e significado, permitia pensar e equacionar com maior liberdade as opções dum projecto.[52]

No texto redigido para a revista italiana, Pedro Vieira de Almeida não tornou explícito o contributo dos arquitectos modernos na recuperação do espaço perdido, ainda que refira, em nota de rodapé, o contributo teórico de autores como Bruno Zevi e Giorgio Trebbi, que nos editoriais das revistas *L'Architettura* e *Chiesa e Quartiere*, respectivamente vinham já abordando o tema. Porém no artigo de 1965, dedicado ao espaço-perdido, identificara já dois contributos da década de 1950. Primeiramente destacou a igreja de S.ta Ana (Düren, Alemanha 1951-1956) do arquitecto Rudolf Schwarz. Para ele a igreja de S.ta Ana era uma "declarada intenção de favorecer o tradicional e então perdido 'deambular' dentro da igreja, numa situação que voluntariamente se pretende ambígua em relação à presença do altar".[53] Igualmente interessante, na medida em que também ela explorava o espaço perdido, era a proposta de Le Corbusier para a igreja de Ronchamp, também ali destacada.[54]

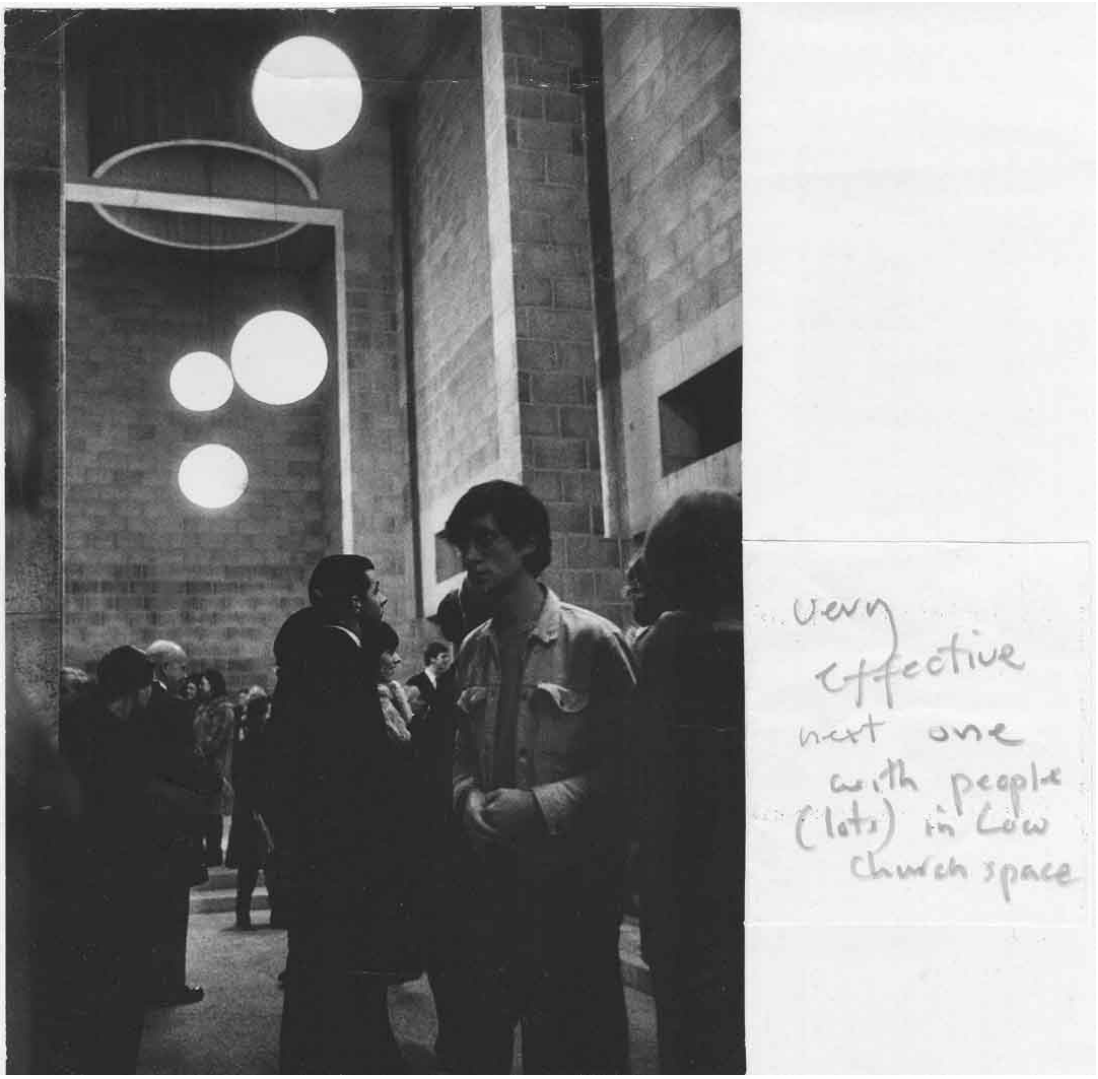
---

51 "De facto o carácter laicizante e funcional das igrejas da contra-reforma põe-se na exacta medida de uma voluntária massificação da assembleia, com um mínimo de risco de um livre-exame, portanto com o maior controle por parte da hierarquia, e a maior passividade por parte do conjunto de fiéis. Poderia dizer que aqui se trata de uma laicização estrutural, controlada institucionalizada"

52 Na conferência "Novos Espaços Arquitectónicos" (reunião mensal do MRAR, 17.Fev.1967) Pedro Vieira de Almeida recuperou reflexões acerca da catedral e espaços perdidos, possivelmente equacionadas aquando do concurso para a Sé de Bragança (1964). À sua proposta foi atribuído o 3º lugar.

53 Almeida, «O espaço-perdido - Proposta para a sua revalorização crítica», p.9.

54 "Notre Dame du Haut em Ronchamp talvez sirva para comparativamente se poder retirar algumas conclusões sobre a intencionalidade do tratamento que me parece existir em St.ª Ana. (...)
A grande diferença vai-se ler apenas em altimetria, na avaliação de todo o espaço: enquanto que em Ronchamp essa zona embora definida no conjunto não se destaca, em Santa Ana – e daí a sua superioridade neste particular pelo menos –, surge uma intenção nova, aliás ao que suponho



a.

9. O jogo e o percurso
a. Igreja Pastor van Ars (Haia, 1968-1970) arq. Aldo van Eyck.

De certa maneira, as experiências do suíço Walter Förderer (St. Joahnnes - Lucerna, Suíça 1965-70), de Aldo van Eyck (Pastor van Ars - Haia, Holanda 1968-1970), contemporâneas à escrita do artigo, procuraram também elas uma arquitectura para lá da simples resposta funcional, dando lugar ao jogo e ao percurso. No contexto nacional encontramos a mesma procura no projecto da igreja de Paço de Arcos (1964-1969), que ganha notoriedade para lá das preocupações de natureza litúrgica.

A recuperação do espaço-perdido obrigaria ao esforço de reaprendizagem do "mésurer l'espace", tendo sempre presente que tal espaço é sempre marginal e complementar, não podendo ser o espaço nuclear de um projecto. O espaço-perdido era tradução arquitectónica da obra em aberto enunciada por Umberto Eco, citado por Pedro Vieira de Almeida : "On attend on souhaite une solution, mais elle doit naître d'une prise de conscience du publique: l'ouverture devient instrument de pédagogie révolutionnaire".

(A) *programas maleáveis ou (e) incompletos, ou inexistentes*

Reconheceu Pedro Vieira de Almeida o interesse crescente dos arquitectos sobre os programas de natureza indeterminável, maleáveis e em aberto. Como exemplos, não apresentou igrejas, mas sim equipamentos de ensino e hospitalares. A propósito dos últimos, citou as reflexões de John Weeks acerca da dificuldade de associação de um sistema de controlo geométrico, o qual obrigava a novas soluções de projecto que, de certa forma, punham em causa o trabalho de arquitectura enquanto determinável e finito. Esta constatação não se relacionava com as pesquisas dos Archigram que referira no início do artigo. Tratava-se, sim, da necessidade imperiosa de "aceitar a indeterminação como princípio, até como princípio sintático". Serviu-se então do exemplo do hospital de Nuffield, obra inglesa que tratava o tal problema da maleabilidade e indeterminação de um programa que, para além de espelhado na expressão formal do edifício, estava presente no método de trabalho do gabinete projectista. Interessava a Pedro Vieira de Almeida a "inteira separação entre o estudo e desenvolvimento do interior e o tratamento das superfícies exteriores", pondo em causa a ideia de unidade arquitectónica.

---

perfeitamente conseguida; é o condicionamento de um espaço próprio que permite e sugere uma situação estruturalmente dinâmica. Assim a liberdade do crente que em Ronchamp, é apenas indicada, é em Santa Ana de Duren como que plastificada."

Ibid. p.9.

B) *plantas e alçados – presença urbana*

Considerou Pedro Vieira de Almeida que o espaço-interno arquitectónico dificilmente era "consumido ao nível da massa, até porque o consumidor anónimo não o pode apreender enquanto poética". Pelo contrário, o que na arquitectura podia ser objecto de consumo massivo era "o invólucro, e a fachada ou quanto muito o volume". De certa maneira o autor, que no restante artigo tinha dissertado sobre a maleabilidade facilmente associada à organização do espaço em planta, alertava para a importância do exterior, para a presença urbana dos edifícios. Mais do que a mera definição de um espaço interno, havia que considerar a obra de arquitectura nas suas diversas dimensões. Remeteu então para o pensamento de Nikolau Pevsner e para a resistência ao neo-fachadismo - "arquitectura de fachada e de aparência exterior", de que podia ser exemplo, entre outras[55], a obra de Ronchamp, ainda que se tratasse de um edifício isolado e de natureza programática específica. Para o historiador de arte britânico estavam a ser traídos os princípios de responsabilidade social que Gropius defendera e que caracterizavam as preocupações, então actuais, conforme acrescentou o crítico português. Pedro Vieira de Almeida discordou então de Pevsner:

> "Acontece que não é gratuitamente que a fachada se tem vindo a destacar e isolar como elemento da arquitectura integrado num contexto urbano. Esse isolamento e destaque processa-se quer por necessidade de representatividade, quer por necessidades funcionais. Não se trata já de uma descrença do tipo miesiano nos conteúdos da arquitectura, mas de um deslocamento entre esses conteúdos e os continentes considerados significativos sobretudo como peças no plano urbano."

Em 2010, num olhar retrospectivo sobre a colaboração com o MRAR, Pedro Vieira de Almeida reconheceu o interesse pessoal nas discussões em que participou:

> "O tema interessava-me pois a arquitectura religiosa aborda de um modo particular o lado da função simbólica dos edifícios, que eu procurava aprofundar em oposição à exclusividade da função prática. O MRAR, pela mão do João de Almeida, fez o percurso não esperado, de negação da função simbólica. O Corbusier sempre fez função simbólica, o que foi difícil de aceitar pelos modernistas portugueses."[56]

A este propósito recordamos a primeira crítica escrita pelo recém formado arquitecto Luiz Cunha à "estranha igreja que ficaria sendo a mais importante realização

[55] No mesmo artigo foram referidos o aeroporto de Idlewild de Sarien e Chandigarh de Le Corbusier.

[56] Almeida, «Depoimento (23.Jun.2010)», p.105.

no domínio da arte religiosa"[57] - Ronchamp. O texto foi publicado em 1957, no livro "Arquitectura Religiosa Moderna", um ano antes da sua primeira visita àquela obra de Le Corbusier. O autor revelava apreensão pela adopção de uma simbólica distante da iconografia cristã[58] e, simultaneamente, o ambíguo fascínio pelo jogo plástico dos volumes na relação que estabelecem com a paisagem e com os peregrinos que daquele santuário de peregrinação se acercavam.[59]

> "O templo Mariano de Notre Dame du Haut em Ronchamp, é mais constituído pelo ar livre das altitudes, pelo vento fresco da montanha, pelas nuvens amontoadas em turbilhão no horizonte, pelo suave ondulado dos contrafortes distantes, enfim por todo o cenário natural que o rodeia do que pelas próprias paredes de betão. A sua função é completar toda a mensagem espiritual que o espaço e os horizontes vizinhos contém, captando-a e depois transmitindo-a traduzida em formas que a tornem compreensível a todos os corações que dela se acerquem."[60]

Também Távora abordara esta questão.[61] Em última instância era a evolução do conceito de unidade arquitectónica que estava em debate, espoletado pela discussão da maleabilidade. Finalizou o artigo deixando a proposta de trabalho no campo particular da arquitectura religiosa. Partindo da revalorização da torre campanário "'sinal' exterior" e "elemento de um sistema de referência e orientação urbanas", sugeriu a exploração de um problema em aberto – o dos sinais identificadores de um lugar de culto. Este seria aliás tema fundamental na avaliação das propostas levadas a concurso para as igrejas do bairro de Olivais Sul e também da Damaia.

---

[57] Luiz Cunha, *Arquitectura religiosa moderna* (Porto: Imprensa Portuguesa, 1957), p.65.

[58] "Em comentários feitos à imprensa, o autor afirmou, tentando explicar por analogias a estranha forma do seu edifício, que (...) a igreja de Ronchamp nasceu de uma carcaça de caranguejo. Nunca na iconografia cristã este animal surgiu representando os dons e atributos de Deus. Pelo contrário, é vulgar em cenas infernais antigas, aparecer como instrumento das torturas e padecimentos diabólicos.(...)
Condenando assim a excessiva expressão antropomórfica que esta igreja apresenta, será lícito perguntar onde reside o seu principal valor. Supomos que na composição plástica dos volumes em relação ao espaço. É indubitavelmente que neste aspecto obtém resultados excepcionais."
Ibid. p.68-69.

[59] "A primeira impressão que o peregrino experimenta ao ver esta igreja é a de sofrimento. O observador sente-se condoído tal é o poder expressivo das suas formas.
O tecto levanta-se sobre o altar, assemelhando-se exteriormente a uma boca torcida pela dor. Todos os planos se desenvolvem como músculos contorcidos pelo sofrimentos, procurando libertar-se da tortura."
Ibid. p.67.

[60] Ibid. p.66.

[61] [sobre a reacção de Távora à capela do MIT, ver cap.2.10.3]

4.2. Concursos de esbocetos para novas igrejas: **Damaia** (Amadora, 1968) **e Olivais Sul** (Lisboa, 1970)

Procuramos neste sub-capítulo visitar os processos das igrejas da Damaia e de Olivais Sul que culminaram a instalação de duas comunidades paroquiais na periferia de Lisboa, após estágios em capelas de emergência e provisórias durante a década de 1960. As duas obras estão associadas a concursos e são exemplo da parceria que o Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado desenvolveu com as novas paróquias surgidas após a revisão paroquial de 1959.[62] Em ambos os casos, as paróquias em formação foram dotadas pelo SNIP de capelas provisórias, parcialmente desmontáveis e reutilizáveis, construídas e comparticipadas por fundos camarários e das novas igrejas.[63]

Os concursos, realizados em Outubro de 1968 e Fevereiro de 1970[64], limitados e por convite, foram os primeiros promovidos e acompanhados pelo SNIP após o concurso aberto do Sagrado Coração de Jesus (1962), inicialmente lançado pelo MRAR, ainda no final da década de 1950. Embora à data da realização dos concursos para a igreja da Damaia e de Olivais Sul o MRAR já não estivesse verdadeiramente activo, a associação do SNIP à promoção de concursos de arquitectura é reflexo da herança do movimento de renovação que não só defendera como promovera a sua realização.

O confronto do material reunido daqueles dois concursos, embora não documentados de igual modo[65], permite-nos ler o debate arquitectónico marcado pela revisão da arquitectura moderna e animado pelas renovações pós conciliares que influenciavam a arquitectura religiosa.

---

62 A criação das paróquias da Damaia e Olivais Sul deu-se por destacamento das da Amadora e Santa Maria dos Olivais, a 12.Abr.1969 e 22.Jan.1967, respectivamente. No estudo preparatório do plano de remodelação paroquial da cidade de Lisboa (1957) já se encontrava prevista a substituição da antiga igreja de Santa Maria por uma nova a construir de acordo com o plano de urbanização para os Olivais.

63 A capela provisória da Damaia (inaugurada a 8.Dez.1964) acabou por ser demolida após a construção da igreja definitiva e não foi reconstruída. A de Olivais Sul (construída em 1966 entrou em funcionamento no ano seguinte) encontra-se ainda hoje em funcionamento junto ao previsto centro cívico, que em parte deu lugar a um centro comercial.

64 Concurso igreja da Damaia –relatório do júri data de 9.Out.1968; concurso da igreja de Olivais Sul – relatório do júri data de 28.Fev.1970.

65 No arquivo da Paróquia da Damaia não foi localizada a documentação do concurso para a nova igreja. No arquivo do SNIP apenas foi localizada a proposta de regulamento do concurso (Jul.1968). Contámos, no entanto, com o testemunho do arq. Varandas Monteiro, antigo colaborador de Nuno San Payo naquele projecto, e, já no terminus desta tese, com o do arq. Filipe Mário Lopes (um dos concorrentes) que nos ajudou a aferir a data do concurso a partir de documentação avulsa do seu espólio particular.
O processo de concurso dos Olivais, existente no Patriarcado, foi enriquecido com a documentação do fundo de Manuel Vicente que integra o centro de documentação da FAUP.

4.2.1. A cidade não planeada, o centro improvisado – Damaia

> " Hoje, um aglomerado como a Damaia surge em poucos anos, não já ao sabor das leis naturais, e muitas vezes nem sequer segundo as linhas de uma planificação racional, mas ao sabor dos interesses particulares duma indústria. E os interesses de quem constrói, nem sempre coincidem com os de quem vai habitar. É preciso construir depressa para, a curto prazo, realizar o capital empatado. E a escola? E o mercado? E a igreja? Ficam para mais tarde, porque não dão rendimento. Não interessam a quem constrói para vender ou para alugar." [66]

Em 1965 era desta forma relatada a situação da Damaia no Boletim de Informação Pastoral, aquando da instalação da capela provisória projectada pelo SNIP.[67] A Damaia crescia junto à linha de caminho de ferro na periferia de Lisboa, tal como os vizinhos bairros clandestinos da Cova da Moura e Reboleira, que se densificaram depois na década de 1970 com a chegada de população africana. O acompanhamento da comunidade em formação foi assegurado pela congregação de missionários redentoristas, com trabalho reconhecido e experiência relevante nas, ainda então, colónias ultramarinas. A atribuição desse serviço resultou de pedido do cardeal Cerejeira, perante a falta de clero diocesano e em troca da instalação de uma casa daquela congregação na capital.[68]

Aquela congregação e a comunidade foram responsáveis pela elaboração do programa levado a concurso com o apoio do Patriarcado de Lisboa. Os dados gerais do programa foram traçados pelo SNIP e, possivelmente à semelhança de outros processos, partilhados por ambos os concursos (Damaia e Olivais-Sul). De facto, foram

---

[66] «Capela provisória da Damaia », *Boletim de Informação Pastoral*, anoVII, nº41-42, (Set.-Nov.1965), p.31.

[67] "Porquê uma capela provisória? Pela mesma razão por que também provisório nascera o mercado: umas precárias barracas de madeira onde se pudesse vender e comprar o necessário para cada dia." Ibid. p.31.

[68] Este processo é paralelo ao de outras comunidades religiosas que também se instalaram na capital naquele período, nomeadamente aos dominicanos nas Furnas e os capuchinhos em Calhariz de Benfica, entre outros.
Entre 1963 e 1965 foram estabelecidas negociações entre e D. Manuel Cerejeira e a Congregação dos Missionários Redentoristas tendo em vista a atribuição da direcção pastoral de uma zona em expansão - Barreiro, Marvila, Olivais Sul, Damaia. Àquela congregação foi atribuído o acompanhamento da Damaia (que integrava a paróquia da Amadora) Alfragide, Buraca e Venda Nova. A congregação aceitou a proposta a 26 de Agosto de 1965.
A reentrada da congregação dos missionários redentoristas em Portugal recua à década de 1930. A comunidade, vinda de Espanha, instalou-se primeiramente em Braga. Em Portugal para além dos seminários, fundamentais para a formação dos missionários que iam para África, havia um núcleo significativo de missionários no Norte do país, nomeadamente no Porto onde estava a sede de congregação e onde se lançava a grande obra do Centro de Caridade do Perpétuo Socorro. [ver cap.3.1.2]



Onde antes eram hortas e campos de cultura, nos arrabaldes de Lisboa, surgiu um aglomerado de perto de 30.000 habitantes. Passaram anos, e o desejo de ter uma igreja tornou-se exigência profundamente sentida. Assim nasceu a ideia da capela provisória, já que não se podia pensar na construção imediata da igreja definitiva.

CAPELA PROVISÓRIA DA DAMAIA

Era preciso um lugar de culto. O povo da Damaia meteu mãos à obra. E meter mãos à obra significava neste caso, muita iniciativa, muito entusiasmo, muita generosidade, muita persistência, grande esforço e sacrifício.

Foram esses os caboucos da capela que lá está e que é hoje a casa onde a gente da Damaia se reune como «Povo de Deus», para ouvir a palavra de Cristo, para celebrar os mistérios da salvação.

Porquê uma capela provisória?

Tempos houve, em que as cidades nasciam e cresciam lentamente. Era um crescimento natural, como o de uma árvore ou duma criança. Era um crescimento equilibrado e harmonioso. Iam-se construindo as casas, e no meio delas construia-se também a igreja.

Hoje, um aglomerado como a Damaia surge em poucos anos, não já ao sabor das leis naturais, e muitas vezes nem sequer segundo as linhas de uma planificação racional, mas ao sabor dos interesses particulares duma indústria. E os interesses de quem constroi, nem sempre coincidem com os de quem vai habitar. É preciso construir depressa para, a curto prazo, realizar o capital empatado. E a escola? e o mercado? e a igreja? Ficam para mais tarde, porque não dão rendimento. Não interessam a quem constroi para vender ou para alugar.

Porquê uma capela provisória? Pela mesma razão por que também provisório nascera o mercado: umas precárias barracas de madeira onde se pudesse vender e comprar o necessário para cada dia.

O mesmo sucedia quanto à igreja. Aquilo que a princípio era um desejo, uma aspiração de alguns, foi-se tornando exigência inadiável de todos. Não havia ainda terreno para a igreja, nem recursos para a construir. Porque não recorrer à solução da capela provisória? Foi o que se fez, e em curto espaço a ideia se tornou facto, porque o desejo se tornara exigência.

Como nasceu a capela? Pela pressão do povo da Damaia. Pelo seu sacrifício e generosidade. Pela boa-vontade da Câmara Municipal de Oeiras que pôs o terreno à disposição. Pelo contributo da diocese que subsidiou parte da obra e pôs à disposição os serviços do Secretariado das Novas Igrejas.

Começou-se pelo projecto. Uma capela provisória não é apenas um barracão. O provisório não implica indigência ou indignidade; significa, sim, economia, recuperabilidade, o recurso a materiais mais baratos e normalmente mais precários no que respeita à duração.

B. I. P. — 41-42

223 — 31



a. b.

10. 'Uma capela provisória não é apenas um barracão' Damaia (1965)
a. Capela provisória da Damaia, no Boletim de Informação Pastoral (Set.-Nov.1965)
b. A nova igreja em construção, no Boletim da campanha Novas Igrejas do Patriarcado (1973)

colocados iguais desafios às equipas concorrentes que eram alertadas para a necessidade de problematizarem o programa da igreja entendido numa situação urbana particular.

Das três diferentes propostas levadas a concurso aprofundamos o estudo da vencedora, de Nuno San Payo, que veio a ser construída e foi publicada pela revista *Binário*[69]. Das outras duas propostas concorrentes, de Filipe Mário Lopes e Manuel Campello, nomes identificados em documentação do SNIP, tivemos conhecimento inicial apenas pela breve referência na monografia publicada pela paróquia.[70]

A proposta vencedora de Nuno San Payo

O concurso foi ganho pela equipa de Nuno San Payo, arquitecto formado pela ESBAL na década de 1950.[71] Apenas temos conhecimento de uma outra encomenda de arquitectura religiosa de sua autoria, anterior ao concurso da Damaia. Trata-se do centro de acolhimento da comunidade católica alemã (Lisboa, 1967-1968) anexo à igreja da Nossa Senhora das Dores, um pequeno edifício moderno contíguo à fachada da igreja barroca.[72] O percurso individual de Nuno San Payo, marcado pela passagem na Escola

---

[69] Nuno San Payo, «Centro paroquial da Damaia (nº196)», *Binário - revista mensal de arquitectura, construção, equipamento*, nº 196, (Jan.1975).

[70] "Dos trabalhos apresentados mereceram estudo mais pormenorizado três esbocetos entre os quais se contava o que veio a continuar até ao projecto final. O primeiro oferecia a concepção de um conjunto de três edifícios isolados – um destinado ao culto, outro para salão paroquial e ainda outro para actividades diversas. O segundo apresentava um só edifício de características cúbicas fazendo lembrar os templos dos antigos azetecas do México e onde predominava a monumentalidade. O terceiro esboceto, da autoria do arquitecto Nuno San Payo, que veio a ganhar o concurso, caracterizava-se pela funcionalidade dos seus espaços, basicamente distribuídos por dois corpos, um dos quais com dois pisos, e que apresentavam uma acentuada unidade volumétrica."
E a semente deu fruto... Algumas referências sobre 25 anos de história (Amadora: Comunidade Paroquial do Santíssimo Redentor Damaia, 1994), p.40.
Já no terminus desta tese foi conseguido contacto com Filipe Mário Lopes, que disponibilizou a consulta da proposta por si apresentada. Perante o desconhecimento desta proposta, não localizado nem no arquivos do SNIP nem no da paróquia, e reconhecendo o interesse académico que pode suscitar, publicamos esta documentação em anexo. [ver anexo 17]

[71] Nuno San Payo (1926-2014) filho do fotógrafo Manuel Alves San Payo, estudou Arquitectura na Escola de Belas Artes de Lisboa e frequentou, no ano lectivo 1948-1949, a do Porto. Dedicou-se à ilustração e artes gráficas. A sua primeira obra pública foi a Escola Alemã de Lisboa (1962), acompanhando Otto Bartning. Projectou um conjunto significativo de edifícios industriais e unidades hoteleiras. Foi presidente da direção da Sociedade Nacional de Belas Artes entre 1973 e 1979. A partir da década de 1980 abandonou a arquitectura para se dedicar quase exclusivamente à pintura.

[72] A igreja de N.ª S.ra das Dores (Lisboa), actualmente ao cuidado da comunidade alemã católica, desempenhou as funções igreja sede da paróquia de Santo Condestável, desde a sua instituição (1934) até à inauguração da igreja projectada por Vasco Regaleira (1951).



a.



b.

11. Damaia

a. Vista aérea.

Um serpenteado de blocos de habitação envolvem a igreja. Veja-se o contraste da urbanização da Damaia com a da Cova da Moura.

b. Vista aérea aproximada

Alemã de Lisboa e por numerosas encomendas na área da hotelaria ligada a investimentos estrangeiros, está associado à variedade de origens da equipa do gabinete TEC-TUR.[73] No final da década de 1960 o gabinete reunia no desenvolvimento do projecto da igreja da Damaia, arquitectos nacionais mas também da Alemanha e da Suíça, alheios ao MRAR . Nuno San Payo sublinhou aliás a importância da diversidade cultural do seu gabinete e do modo como a arquitectura era uma 'linguagem universal' partilhada na resolução dos problemas levantados pelo projecto.[74] A propósito do caso concreto da igreja da Damaia escreveu como aquela diversidade tinha sido uma mais valia na concepção e discussão de ideias:

> "O grupo de projectistas que se constituiu para a elaboração do projecto era constituído por arquitectos de características temperamentais bem diversas, quer pela sua nacionalidade, que pela sua formação técnica e estética.
> Esta heterogeneidade originou uma interessante troca de opiniões com vista à definição do partido arquitectónico a adoptar." [75]

Reconheceu a equipa que, dada a diversidade que caracterizava a envolvente construída, um dos maiores desafios era a integração dos volumes na paisagem urbana. De facto os desafios de integração urbana eram semelhantes aos que surgiriam no bairro dos Olivais. Ainda que a urbanização da Damaia não fosse fruto de um idealizado bairro moderno, o problema não era de todo mais facilitado. Ao contrário de Olivais Sul, na Damaia não tinha sido reservado um terreno para a construção da igreja, tendo o lugar sido reclamado e conquistado após anos de negociações com as entidades locais. À Igreja foi então cedido um terreno no interior de um largo que, à semelhança doutros equipamentos, surgia no meio de malha quase labiríntica, definida por quarteirões e ruas serpenteantes entre blocos contínuos de habitação. O lote cedido era fronteiro a um jardim a sudeste (onde tinha sido construída a capela provisória) e a uma praça a sudoeste (onde posteriormente foi construído o centro de saúde). À dificuldade acrescida de um lote no cruzamento daqueles dois espaços, a proposta respondia com

---

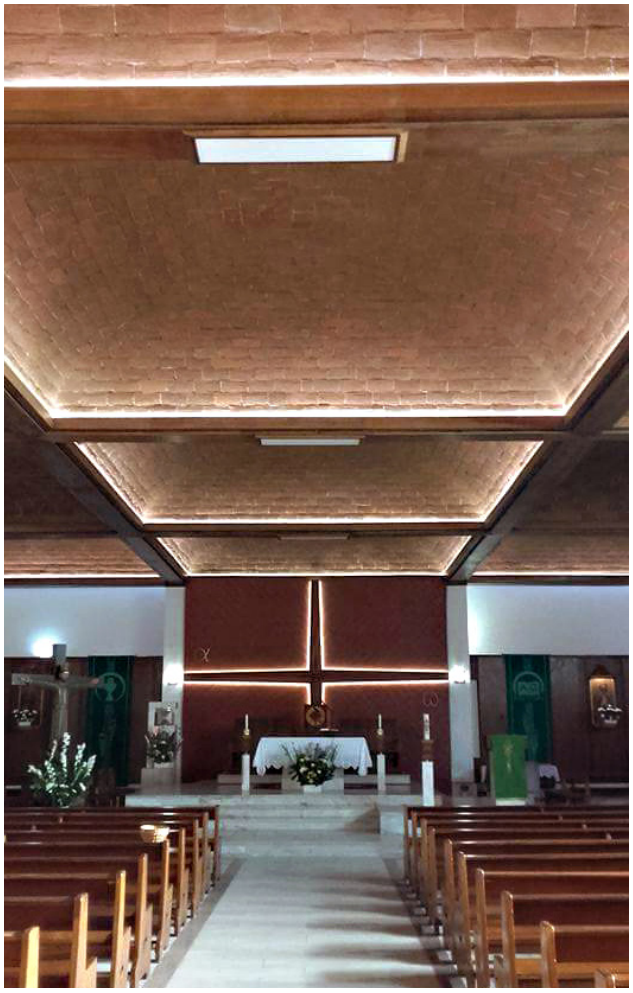
[73] A equipa de concurso era constituída pelo arquitecto português Nuno San Payo e pelo suíço Dominique Gampert. A esta equipa juntaram-se os arquitectos Dieter Kleincchmidt, Varandas Monteiro, Branca P. e Peter Schau.

[74] "...o atelier foi aumentando, tenho uma série de colegas ajudando (...) não só de colegas portugueses como estrangeiros (...) É curioso o conhecimento e a troca de ideias de colegas de outros países. Tenho trabalhado com italianos, com belgas, suíços com alemães, dentro do atelier, resolvendo lado a lado – projecto. A linguagem entre nós todos é a mesma, não há uma diferença de mentalidade, salvaguardando certos aspectos de carácter económico. A linguagem arquitectónica e o modo de resolver problemas é uma linguagem universal, de facto."
Cf. *Um Dia Com o Arquitecto Nuno San Payo* (Portugal: RTP, 1971).

[75] San Payo, «Centro paroquial da Damaia».







a.
b. c.

12. Tradição e modernidade na construção do Centro Paroquial da Damaia
a. Publicidade aos canaletes de *Lusalite* aplicados na obra da Damaia, revista Binário.
b. O fecho artesanal de uma abóbada no Inquérito à Arquitectura Popular.
c. Interior do espaço litúrgico coberto por abobadilhas alentejanas.

um volume fechado e voltado para um pátio interior, organizador do conjunto e passível de atravessamento público – num percurso gradual do exterior, espaço público descoberto, para um semi-coberto, até ao ponto de encontro do conjunto.

> "Se as novas igrejas não forem ponto de encontro dos homens entre si e com Cristo, de nada servirão. Se forem instrumento necessário para esse encontro justificarão todo o esforço na sua construção."[76]

Era assim refutada a axialidade e monumentalidade sugerida pelo desenho convencional de espaço público.

À questão colocada pela equipa editorial da revista *Binário* sobre se a igreja deveria ser identificável por determinadas características arquitectónicas, constituindo uma dominante na arquitectura da cidade em concorrência com os edifícios públicos e comerciais ou se, pelo contrário, deveria ser 'um edifício entre os outros edifícios', respondeu o arquitecto sublinhando que a igreja deveria ser "tão identificável como o são formalmente outros edifícios públicos, comerciais ou habitacionais. Não se imporá pela sua presença. Apenas se proporá à comunidade." Acrescentou que Igreja deveria levar em conta todos os aspectos sociológicos da zona mas que, tendo ela uma função civilizadora, deveria "contribuir de modo decisivo para a formação e progresso da população". As instruções que encontrava para a construção de igrejas emanadas das estruturas da hierarquia eclesiástica permitiam ao arquitecto uma grande liberdade de acção. A proposta construída torna bem claro o conhecimento da natureza complementar dos programa litúrgicos e pastorais, expressos pela unidade volumétrica do edifício.

> "A intenção de reunir diversas funções deste complexo sob uma cobertura comum, constituindo um volume simples de base quadrada, teve por finalidade conseguir-se um todo, sem diferenciar formalmente as diversas actividades sociais e culturais do centro.
> Consideram-se todas as actividades religiosas e sociais deste centro igualmente importantes, não se sublinhando portanto a hierarquização dos espaços, mas sim exclusivamente uma criação de espaços adequados às suas funções."[77]

Este preceito não invalidou o cuidado na caracterização dos espaços interiores, nomeadamente no espaço litúrgico onde debaixo de uma cobertura oculta de canaletes de fibrocimento se esconde um delicado desenho tradicional de abóbadas de tijolo

[76] [SNIP], *Boletim da campanha - novas igrejas do patriarcado*, 1974.

[77] San Payo, «Centro paroquial da Damaia», p.17.

aparente. Trata-se de abóbadas de barrete de clérigo que cobrem toda a nave, em módulos quadrangulares de aproximadamente cinco metros de lado. Assistimos assim na igreja da Damaia ao encontro de duas linguagens e sistemas construtivos: moderno – estrutura em betão armado aparente – e tradicional – recuperando técnicas que se iam perdendo embora tivessem despertado o interesse aos inquiridores da arquitectura popular do Sul.[78]

Contudo, de toda a obra da igreja da Damaia destacaríamos em primeiro lugar o diálogo, em modo de antítese, que estabeleceu com a envolvente, o modo como fechada se procurou abrir à cidade. Assim:

> "Preconizou-se uma solução formal que se contrapusesse àquela diversidade nos seus aspectos fundamentais:
> à fenestração caótica, apreciada no seu conjunto
> – a quase ausência de vãos;
> ao tratamento labiríntico das fachadas
> – paramentos planos, sossegados, sem estrutura aparente;
> ao 'puzzle' de materiais e cores ruidosas
> – uma paleta quase monocroma;
> à variação de cérceas – um perfil superior em que predomina a horizontal."[79]

A quebrar a horizontalidade do conjunto surge um elemento escultório apontado ao alto, ao jeito de torre sineira, que não só marca a entrada, como procura reforçar a sua identidade. Não se pode afirmar que se trate de uma torre sineira, uma vez que não possui sinos. Nas palavras do autor, aquela torre "assinala a linha vertical e constituiu já por si um elemento de identificação"[80], ou seja, sem imponência nem monumentalidade o autor encontrava a integração.

---

[78] Recorda o arq. Varandas Monteiro, colaborador do projecto, que para a construção daquela igreja moderna de estrutura em betão armado foi necessário recorrer a um mestre de obras alentejano para execução das abóbadas de tijolo.

> "Produz-se no Alentejo um tipo especial de abobadilhas com características particulares, cuja origem se desconhece com rigor embora tudo nos leve a crer que são reminiscência de métodos árabes de construção de tectos (...)
> O que distingue este método do processo de construção das abóbadas correntes é o facto de dispensar a utilização de cimbres, ainda quando para vencer vãos superiores a 6 metros.
> O método ainda hoje é conhecido por meia dúzia de famílias de pedreiros que têm vindo a transmiti-lo oralmente aos seus descendentes, desde há muitas gerações.
> E se aqui divulgamos para conhecimento geral, é (...) para evitar que este método de construção se perdesse." P.93-94

Cf. José da Paz Branco, «Abobadilhas alentejanas», em *Manual do pedreiro* (Lisboa: LNEC - Laboratório Nacional de Engenharia Civil, 1981). pp.93-97.

[79] San Payo, «Centro paroquial da Damaia». pp.16-17.

[80] Ibid. p.17.

Ainda que possa parecer que na Damaia não se tenham desenvolvido nem equacionado modelos de maleabilidade como na igreja de Olivais-Sul, a utilização revelou o poder da circunstância e do potencial de todo aquele espaço construído. Note-se a transformação significativa na organização do espaço litúrgico desenvolvido em L: se inicialmente a assembleia se apresentava em disposição de leque[81], durante a obra foi redistribuído, e o altar colocado no ponto de convergência do espaço interno, organizando a assembleia em duas alas de diferentes dimensões, numa resposta à preocupação da flexibilidade e permitindo criar "um espaço mais acolhedor para pequenas assembleias"[82]. Esta solução tinha já sido ensaiada em igrejas alemãs de meados da década de 1950[83] e, posteriormente, adoptada nas capelas-salão.

Finalizado o concurso em 1968, a construção do complexo paroquial viria a decorrer entre 1971 e 1981, embora a igreja estivesse a ser usada para o culto desde Outubro de 1974.

Num testemunho de abertura e serviço, "cristãos e não cristãos, pedreiros e bancários, motoristas e sapateiros, professores e empregados de balcão" juntaram-se ali para resolver o problema da inexistência de ciclo preparatório e de escola secundária na Damaia, e a paróquia disponibilizou parte do seu centro paroquial ao Ministério da Educação para ali instalar provisoriamente salas para o ensino:

> "Abriu-se o salão para as aulas de ginástica. Pintaram-se as paredes, colocaram-se algumas portas e janelas. Arranjou-se iluminação provisória. E foi assim com o empurrão de muitas boas vontades, e com muita improvisação que as crianças da Damaia receberam (...) aulas do ensino secundário."[84]

Até a capela provisória, projectada pelo SNIP, chegou a ser utilizada como espaço polivalente após a transferência da comunidade paroquial para as novas instalaçõesfoi ginásio e salas de actividades da associação de moradores local, Associação dos Amigos da Damaia criada pós revolução de 1974.[85] A associação foi ainda responsável pela

---

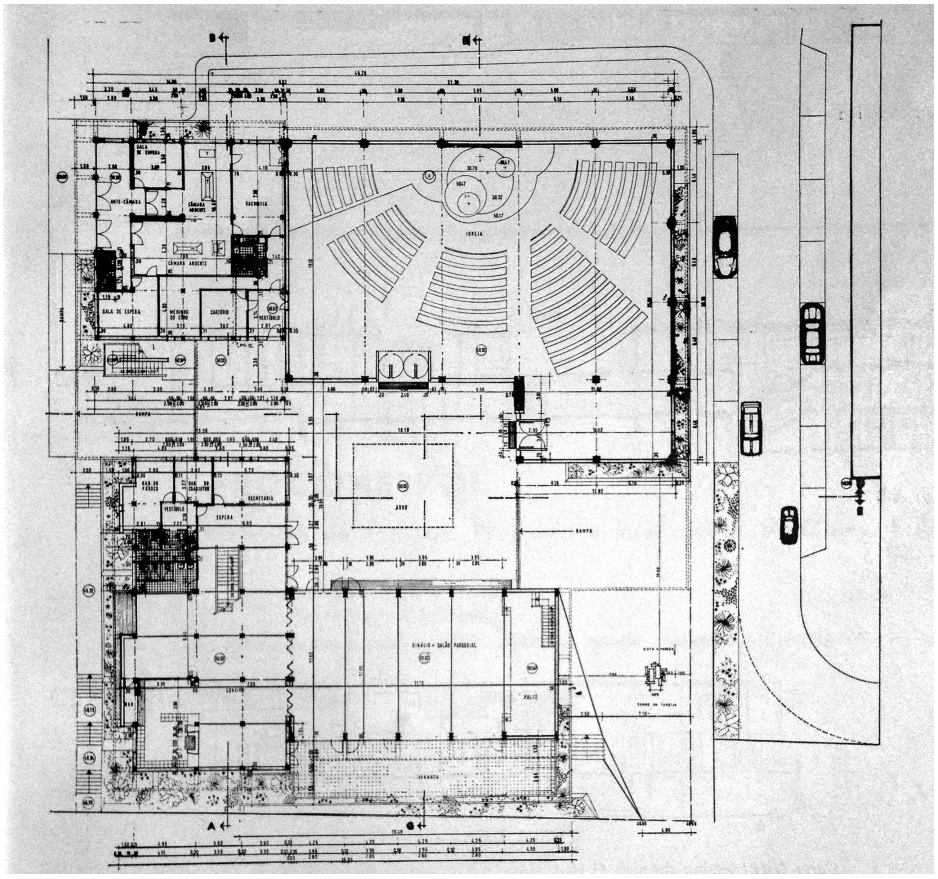
[81] Destacamos a liberdade expressa no desenho do presbitério e do mobiliário litúrgico, todo ele de geometria circular reforçando o sentido de reunião. Aquela proposta não foi executada.

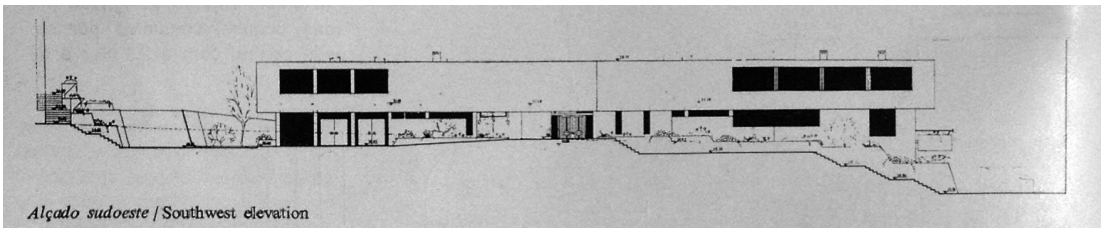
[82] Ibid. p.17.

[83] Recordamos a igreja de S.ta Ana de Duren (1954-56) projecto de Rudolf Schwarz amplamente divulgado no espaço do MRAR.

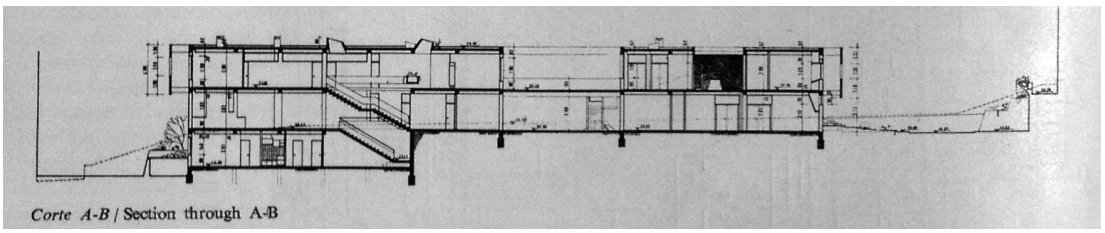
[84] *E a semente deu fruto... Algumas referências sobre 25 anos de história*, p.34.

[85] A associação de moradores integrou diversos membros da comunidade paroquial, espelhando a colaboração entre os dois organismos e foi responsável pela rentabilização do uso do espaço do centro

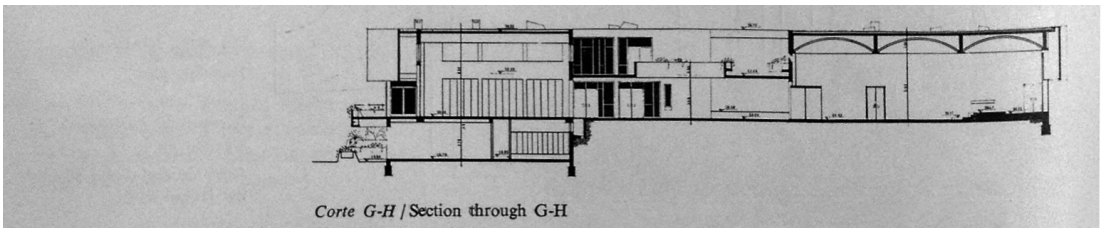




Alçado sudoeste / Southwest elevation



Corte A-B / Section through A-B



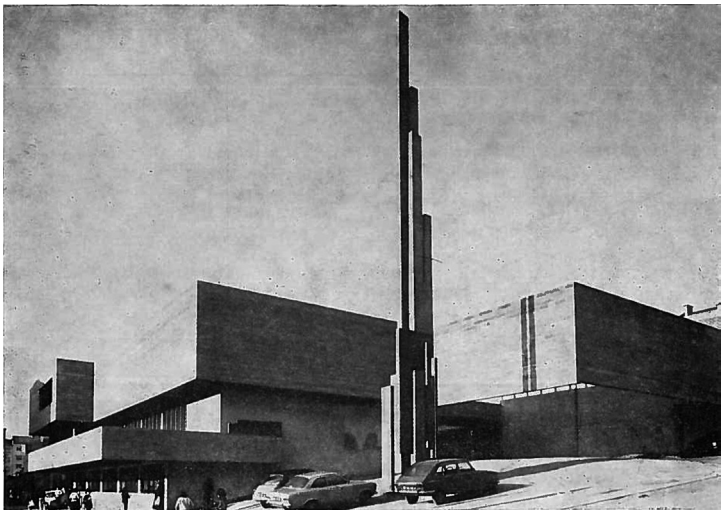
Corte G-H / Section through G-H

a.

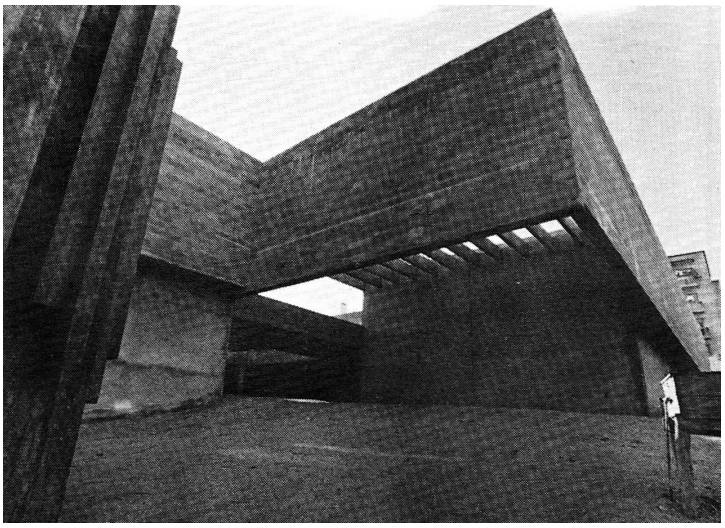
13. Centro Paroquial da Damaia (1969-1981) arq. Nuno San Payo

a. Desenhos: planta, alçado e cortes.

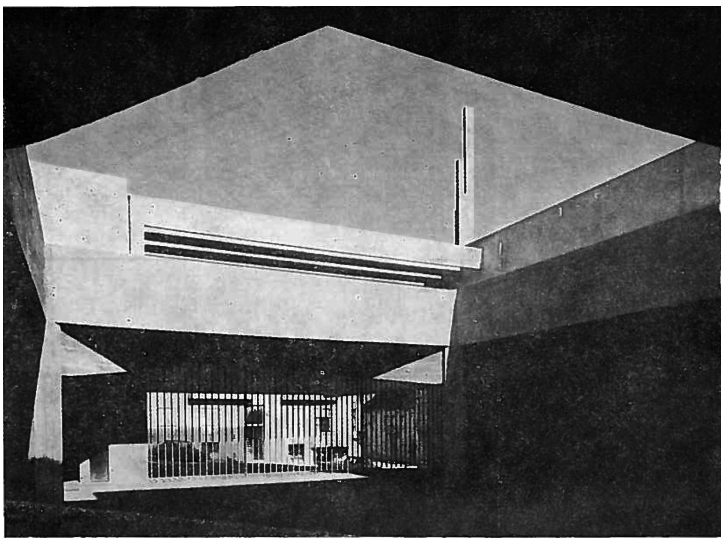
Houve uma reorganização do espaço litúrgico, não tendo sido esta proposta radial realizada.



a.

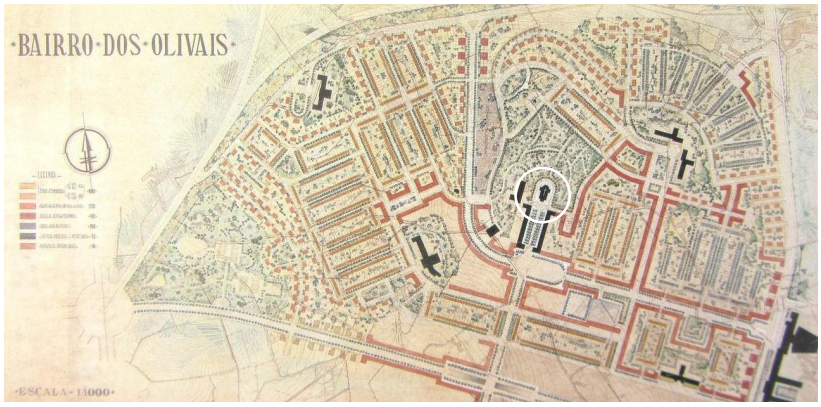


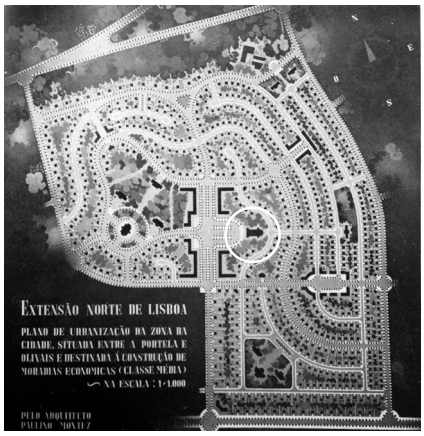
b.



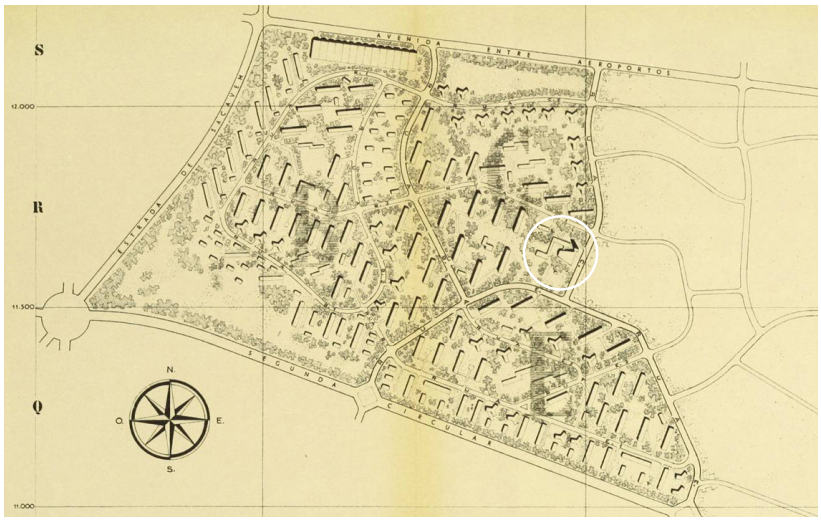
c.

14. Acolhimento no Centro Paroquial da Damaia - percurso
a. O campanário substituído por um elemento escultórico - marca a verticalidade
b. A entrada, pontuada pelo corpo em balanço.
c. O pátio de atravessamento, de distribuição - ponto de encontro

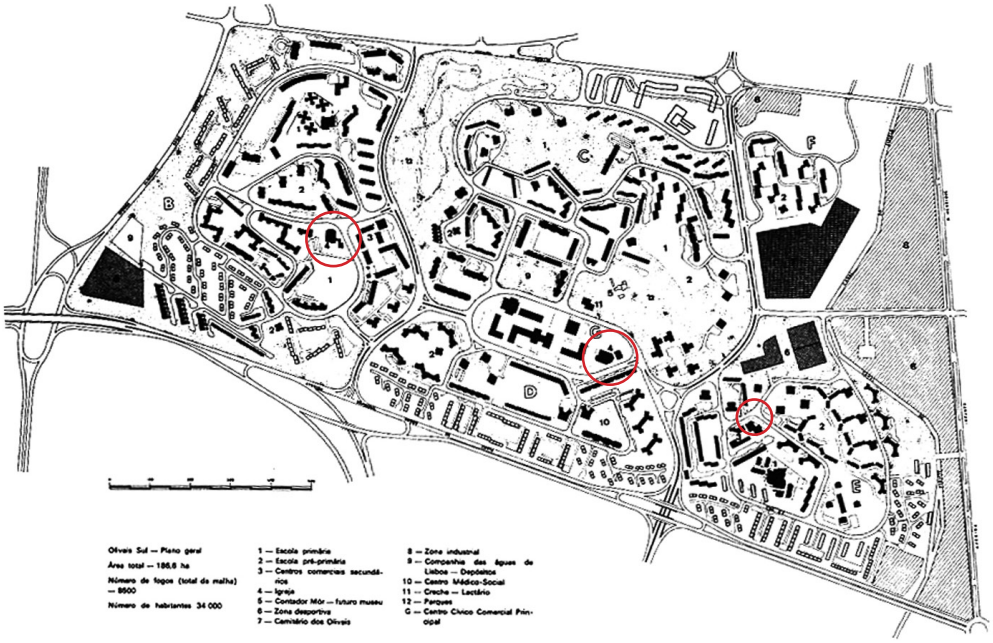




b. a.



c.



d.

15. Olivais Sul

a. Plano 'Extensão Norte de Lisboa' arq. Paulino Montez.

b. Plano 'Bairro dos Olivais' (1948-1956)

c. Plano inicial de Urbanização (1956) Eduardo Augusto Nunes Garcia e Armínio Correia Alberty. *Arquivo AML*

d. Plano de Urbanização Geral(1961) arq. José Rafael Botelho.

Assinalados os equipamentos religiosos previstos

dinamização dos espaços do centro paroquial, onde desenvolveu salas de estudo e actividades para ocupação dos tempo livres.

Em jeito de agradecimento pela cedência dos espaços, em Março de 1980, a paróquia recebeu do Ministério da Educação os pavilhões pré-fabricados implantados junto à igreja que tinham acolhido a escola preparatória. Um ano mais tarde parte das estruturas foram adaptadas à instalação de uma capela provisória no bairro clandestino da Buraca (benzida a 26.Abr.1981) e de espaços para a comunidade cristã no da Reboleira.

O projecto desenhado por Nuno San Payo revelou uma maleabilidade superior aquela que tinha sido inicialmente equacionada. Se na Damaia foram circunstâncias a definir o uso polivalente do espaço, nos Olivais seria o sistema a propor a maleabilidade, pressupondo o uso flexível do edificado pela comunidade.

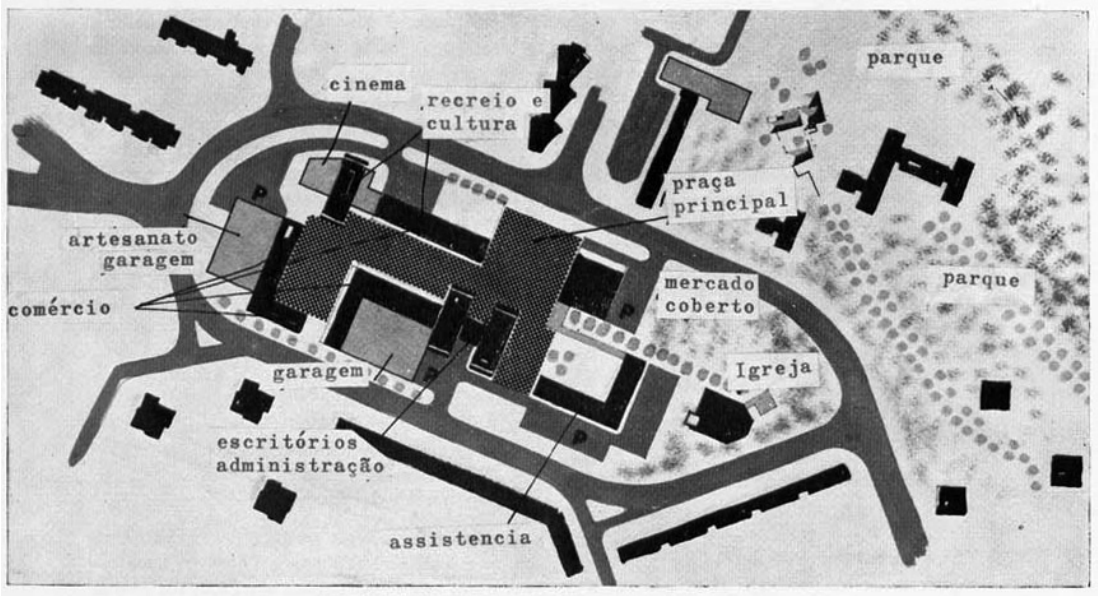
4.2.2. Os centros, a previsão dos equipamentos – Olivais Sul

Os primeiros estudos de urbanização da área de Olivais Sul terão sido realizados por Paulino Montez no âmbito da 'Extensão Norte de Lisboa', possivelmente a par do estudo do vizinho Bairro da Encarnação. O estudo do aglomerado de moradias económicas, encomendado pelo MOPC, comtemplou a criação de uma 'zona cêntrica' onde a igreja tinha lugar reservado, e de destaque, ainda que não no ponto mais alto da colina.[86] Um olhar atento à planta geral do 'Plano Director de Urbanização de Lisboa' (1948), de Étienne de Gröer, permite-nos identificar uma estrutura de arruamentos que aponta para uma diferente solução urbanística, com afinidades à traçada por Faria da Costa para Alvalade. O plano desta urbanização, organizada em células diferenciadas, colocava a igreja em posição dominante e estruturante do bairro, conforme sublinharia

---

paroquial, num momento em que eram muitas as carências ao nível dos equipamentos.

86 "No plano estabeleceram-se, além das zonas destinadas à habitação (de diversos tipos) e espaços livres (com logradouros públicos para adultos e para crianças):
a) uma zona cêntrica (abrangendo terrenos de cota elevada de onde se disfrutam amplas panorâmicas) equipada com grupos comerciais (junto de larga alameda e de uma praça principal); um teatro-cinema com logradouro junto; uma igreja com espaço livre circundante."
Paulino Montez, «Plano de um aglomerado de habitações», *Estudos de Urbanismo em Portugal - Lisboa, extensão Nordeste da cidade*, nº5-7, (1958), pp.31-32.
Ilustra o artigo o desenho da 'Extensão Norte de Lisboa Plano de Urbanização da zona da cidade, situada entre a Portela e Olivais e destinada à construção de moradias económicas (classe média)'. O desenho está assinado mas não datado.



a.





b. c.

16. Olivais Sul - célula G
a. Planta esquemática de organização da célula G. *Arquivo AML*
b. c. Capela Provisória (1966) arq. Diogo Lino Pimentel - SNIP.

o plano em vigor nos primeiros anos da década de 1950.[87] Em ambas as propostas referidas foi apenas previsto um equipamento religioso para todo o bairro dos Olivais. Situação idêntica foi mantida na revisão posterior feita em 1956 pelo Gabinete de Estudos de Urbanização, onde blocos e torres habitacionais eram dispostos num verde contínuo onde a igreja também tinha lugar – ainda que menos destacada do que nas soluções anteriores.[88]

Contudo o plano que viria a ser executado seria ainda um outro, desenvolvido a partir de 1959 por Rafael Botelho e Celestino Castro. Nele foram reservados não um, mas três terrenos para a construção de equipamentos de culto: dois complexos paroquiais e uma capela auxiliar. Os lotes previstos integravam o centro cívico principal (célula G) e dois terrenos anexos aos centros cívicos secundários, localizados nos extremos nascente e poente do bairro (células E e B, respectivamente).[89] O processo foi acompanhado desde o início pelo SNIP, conforme foi noticiado na publicação *Novas Igrejas* ainda em 1961.[90] A escolha de terrenos é reflexo de uma atitude pastoralista de base territorial que caracterizou as décadas de 1950 e 1960. A oferta variada das tipologias habitacionais do bairro pressupunha uma mistura social, sendo as unidades de vizinhança e as células habitacionais compostas por uma população que, propositadamente, não seria totalmente homogénea. Neste contexto, os equipamentos colectivos adquiriram papel fundamental, tornando-se agentes dos processos de integração social. Se dentro de uma unidade de vizinhança havia distinção entre moradores de diferentes blocos e torres, nos equipamentos colectivos, como escolas e

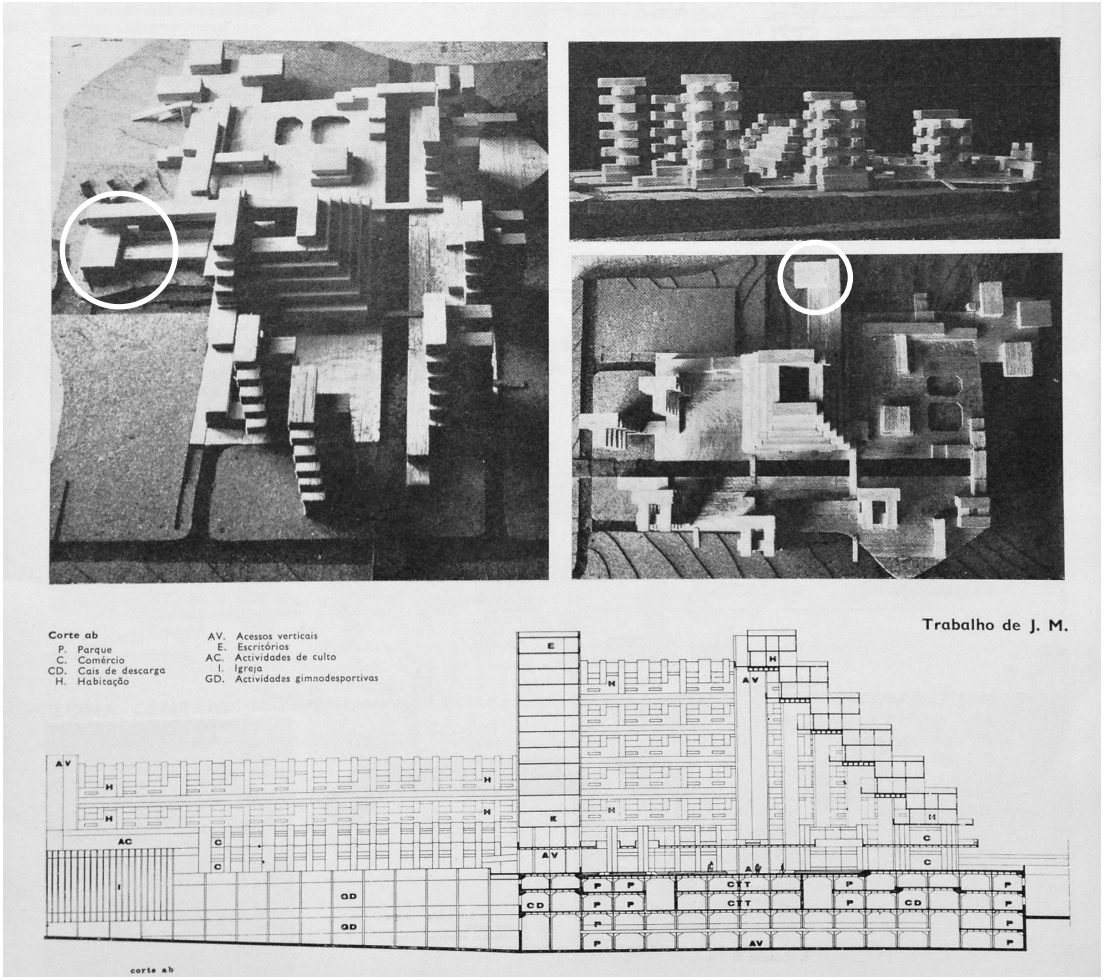
---

87 " Trata-se do arruamento fundamental do Bairro, cuja posição em planta, determinada pela posição da Igreja, condiciona todo o restante conjunto.
Para definir o eixo deste arruamento considerou-se, como parecia mais conveniente, a Igreja localizada no ponto mais alto da colina que domina todo o Bairro (...)"
Cf. João Correia de Magalhães Figueiredo, «Bairro dos Olivais. Estudo dos arruamentos principais.», *Arquivo AML*, (8.Jun.1950).

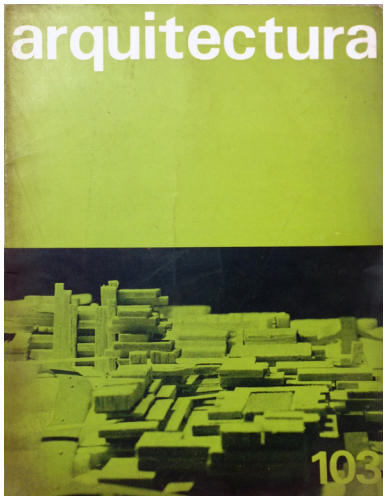
88 Projecto de urbanização dos Olivais Sul: Células B, C, E desenhado por Eduardo Augusto Nunes Garcia e Armínio Correia Alberty (CML, 1956)

89 «Olivais - Sul», *Revista Municipal - publicação cultural da Câmara Municipal de Lisboa,* ano XXIV, nº97 (Abr.-Jun.1963), pp.90-91.
O estudo prévio existente no Arquivo SNIP para o "centro polivalente de culto e animação socio-cultural" (1980) a construir na célula E, não chegou a ser realizado.

90 "Em Lisboa, na freguesia dos Olivais, começou a ser urbanizada uma vasta área destinada a numerosas habitações de todos tipos. O plano de urbanização prevê ali a instalação de cerca 40000 almas. O SNIP foi convidado a pronunciar-se sobre a localização das igrejas que virão a servir este novo bairro de Lisboa, e sobre as áreas de terreno a serem reservadas para a sua construção."
Diogo Lino Pimentel, «Actividades da Secção Técnica do Secretariado. Igrejas novas para o novo bairro dos Olivais (Lisboa)...», *Novas Igrejas - boletim trimestral do Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado*, nº2-3, (Abr.-Set.1961), p.20.



a.



17. Desenhar o centro, com uma igreja

a. Um dos trabalhos dos alunos da ESBAL publicados na revista *Arquitetura*, nº103, (Mai.-Jun.1968)

igrejas, era promovido o encontro e facilitado o processo de sociabilização entre os diferentes moradores. Assim, a paróquia, tecido social diversificado, surgia também ela enriquecida face aos pressupostos que tinham estado em debate aquando da remodelação paroquial de 1959, onde se procurava agrupar populações socialmente homogéneas.

A célula G, o centro cívico que integraria o complexo paroquial principal, acabou por não ser construída de acordo com o plano inicial. Os sucessivos atrasos, revisões do plano, cedências e trocas de terrenos permitiram a desenfreada construção de escritórios, de um centro comercial, de torres e blocos de habitação, que ocupam hoje o que fora previsto ser espaço vital, o *cuore* do bairro, idealizado ao jeito de praça pública e rua pedonal onde se distribuiriam equipamentos, à imagem das *new towns* inglesas.

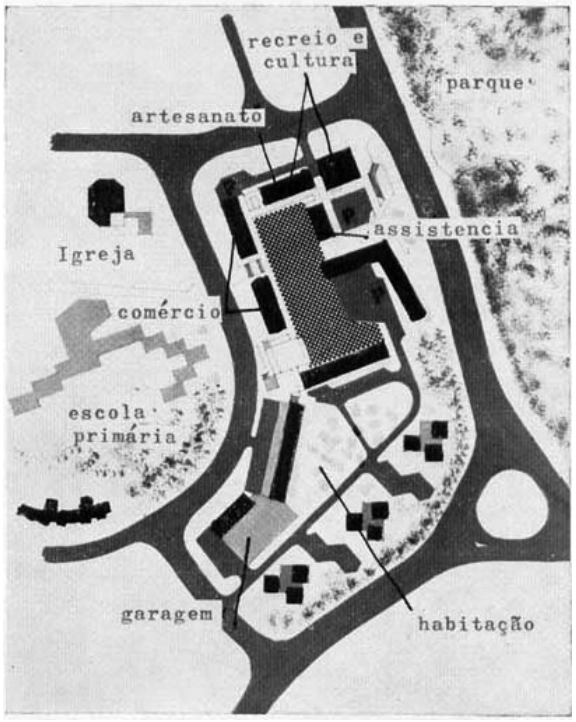
Valerá apena salientar que a ESBAL não esteve apartada deste projecto. Na verdade o programa inicial, desenvolvido pelo Gabinete Técnico de Habitação – GTH, e o terreno foram matéria trabalhada pelos alunos de Nuno Portas, no ano lectivo de 1966-67, na disciplina de Composição de Arquitectura naquela escola:

> "O estudo do Centro de Olivais permitia outra abertura sobre a nossa realidade cultural e outra oportunidade – a de alargar horizontes compositivos à medida que se iam detectando as limitações económicas e jurídicas, rotinas administrativas e dos próprios projectistas, etc. que aqui e agora peiam uma arquitectura de «nova dimensão», integradora dos sucessivos escalões do planeamento."[91]

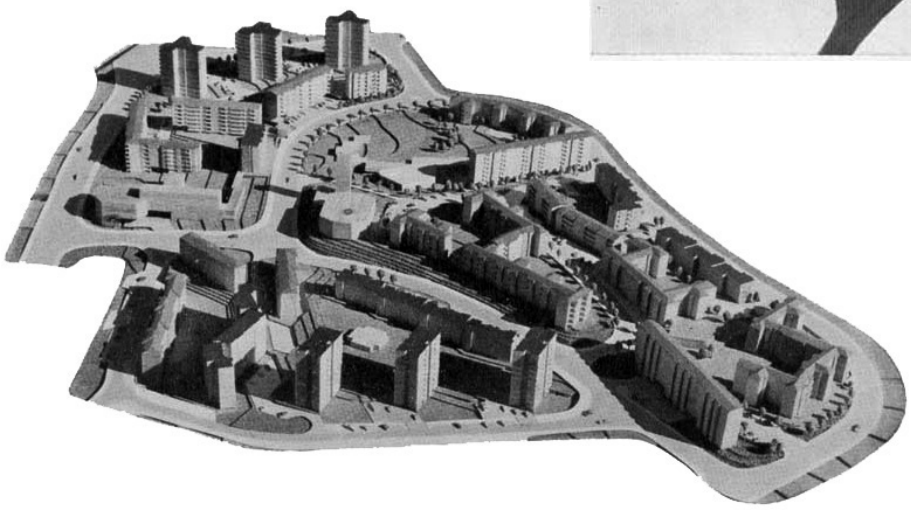
A audácia da proposta residia no "querer lançar um grupo de alunos em aventuras reais, que os empenhassem na reforma da nossa cidade" [92] procurando perceber as necessidades e a informação disponível sobre o programa em curso, observar a prática estrangeira, nomeadamente ao nível dos planos para as zonas centrais inglesas e centros direcionais italianos, como referira Nuno Portas. Recordaria ele em artigo redigido para a revista *Arquitectura*, o clima de incerteza e a dificuldade em programar, o que desde logo era um dado do programa, alertando tratar-se de uma situação cada vez mais presente em operações vastas, de curso temporal amplo, que exigiam articulação e interdisciplinaridade – ideias presentes e aplicadas à discussão da arquitectura religiosa que protagonizou. Recordamos a participação activa que teve no MRAR, em particular na segunda metade da década de 1960 assumindo a liderança da direcção, num período

[91] Nuno Portas, «Olivais - Sul (nº103)», *Arquitectura*, nº 103, (Mai.-Jun.1968), p.110.

[92] Ibid. p.110.



a.



b.

18. Olivais Sul - célula B

a. Planta esquemática de organização da célula G. *Arquivo AML*

b. Maquete da célula B com o seu centro secundário.

marcado pelas reflexões em torno do programa-tipo, elaborado pelo SNIP, e integrado no debate "Novos Conceitos de Igrejas" promovido pelo MRAR.[93]

> "Do realismo das nossas incertezas – No debate que a seguir se produziu, o Nuno Portas, lembrou que a própria arquitectura civil está na fase transitória da experiência e tentativa – o que nos ajuda a compreender que a arquitectura religiosa não possa ter a presunção do definitivo."
> (...) De resto – lembrou o Nuno Portas – se a verdadeira funcionalidade deve traduzir a própria fisiologia da vida da comunidade e dos indivíduos, então é lógico que a incerteza da vida moderna transpareça nos próprios edifícios religiosos (despretensiosos, pobres, funcionalmente polivalentes)." [94]

À chegada dos primeiros moradores ao bairro de Olivais Sul, "laboratório definitivo da arquitectura e da cultura arquitectónica moderna em Lisboa" [95], a comunidade católica instalou-se numa cave de um bloco habitacional.[96] Com o aumento progressivo da população foi instalada a capela provisória, já em 1967, num terreno municipal junto ao futuro centro cívico, com a preocupação de não colidir o seu funcionamento com a possível construção do complexo paroquial para ali previsto. Em 1969, três anos após a entrada em funcionamento da capela provisória na célula G, foi lançado o concurso de esbocetos para a sede paroquial da igreja de Olivais Sul, a construir na célula B. A demora na edificação do centro cívico principal e a existência da pequena capela provisória aí instalada, tinham conduzido à escolha daquele outro terreno.

---

[93] Reunião mensal realizada na Sociedade Nacional das Belas Artes a 17.Fev.1967. Para lá da celebração do 13º ano de existência do MRAR foram proferidas as seguintes conferências: "Novos problemas do espaço arquitectónico", arq. Pedro Vieira de Almeida; "Crítica ao programa-tipo à luz da evolução pós-conciliar", pe. Felicidade Alves.

[94] «Novos Conceitos de Igreja», *Boletim - movimento de renovação de arte religiosa*, nº1, 3ª série, (Lisboa, Jan.1967-Mai.1968), p.4.

[95] Ana Tostões, *Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50* (Porto: FAUP publicações, 1997). p.76.

[96] Situava-se no Largo 1º Tenente João Rodrigues de Moura, posteriormente e antes da instalação da capela provisória em 1967, celebrou-se missa no bar da escola primária nº 25, no centro cívico.

'Do realismo das nossas incertezas'

Concurso: premissas e programa

Mais do que um programa de igreja inovador, o concurso dos Olivais destacou-se pelos pressupostos em que assentava. O programa em si mesmo, composto por uma igreja de 1000 lugares (500 sentados, 500 em pé) e as habituais salas de grupos, pouco diferia do programa-tipo redigido pelo SNIP.[97]

Encontramos no júri do concurso dos Olivais antigos membros do MRAR que ocupavam cargos em estruturas diocesanas. O júri, de sete elementos reunia, para além de quatro representantes da comissão fabriqueira[98], três representantes do Patriarcado, todos eles bem conhecedores e protagonistas do debate da renovação da arte religiosa: arq. José Maya Santos, pe. Albino Cleto (da Comissão Diocesana de Arte Sacra) e arq. Diogo Lino Pimentel (do SNIP). O relatório do júri revela conhecimento aprofundado do debate e da maturação de ideias, das dúvidas resultantes da consciência "das múltiplas interrogações hoje postas a nível pastoral, urbanístico, sociológico e arquitectónico ao programa 'igreja-paroquial'" e das certezas partilhadas com a comissão promotora do concurso na "atitude de recusa de quaisquer fórmulas-chave no conceber e projectar de igrejas, hoje."[99]

Foi um concurso limitado, com convites dirigidos a arquitectos que maioritariamente estavam familiarizados com a encomenda religiosa. À semelhança dos concursos do Sagrado Coração de Jesus (1962) e da Sé de Bragança (1964), também para o da nova igreja de Olivais Sul foram realizadas reuniões com membros do clero, do SNIP e da comunidade local[100]. Justificava-o tratar-se de um concurso de

[97] O programa redigido pelo SNIP para este concurso resulta de uma transcrição parcial do programa tipo, publicado em 1966.

[98] Eram os representantes da comissão fabriqueira: pe. Luís Maria dos Anjos Maurício – o pároco, eng. José Marques Murta, Paulo Loureiro Baptista e o arq. João José Malato – sócio auxiliar do MRAR, antigo colaborador do gabinete de Nuno Teotónio Pereira e participante da equipa do Inquérito.

[99] Luís Maria dos Anjos Maurício et al., «Relatório do júri - Concurso de esbocetos para a nova igreja de Olivais Sul», *Arquivo SNIP*, (28.Fev.1970).

[100] Foram realizadas duas reuniões preparatórias. A primeira (18.Nov.1970) contou com a participação do pe. José Ferreira – liturgista do Patriarcado e próximo do MRAR. O pe. José Ferreira participou em diversas actividades do MRAR, proferindo conferências sobre temas litúrgicos variados, nomeadamente no Curso de Arquitectura Sacra (Lisboa, Jan.1958) – "Visão sumária do mistério da Liturgia"; "Liturgia da

arquitectura com um cliente concreto e real que importava ouvir e envolver no processo.

Participaram cinco candidatos: Pedro Vieira de Almeida, Germano Venade, Manuel Vicente, Filipe Mário Lopes e Fernando Abreu. Para além dos contributos para a teoria e crítica de arquitectura religiosa, Pedro Vieira de Almeida tinha desenvolvido em 1969 para o SNIP o ante-projecto de um modelo de capela salão tipoF, juntamente com Germano Venade[101]. Também Manuel Vicente estava familiarizado com o debate do programa religioso. À data do concurso a viver em Portugal, já antes tinha construído em Macau a capela do Orfanato Helen Liang, (Macau, 1963-1964) e realizado o ante-projecto para o complexo paroquial de Nossa Senhora de Fátima, encomenda associada a uma comunidade missionária, que fora apresentado pelo autor e discutido numa reunião mensal do MRAR (5.out.1965). O boletim do movimento[102] deu nota do debate aí gerado, em torno do tratamento do espaço, expressão arquitectónica e presença urbana do edifício – temas centrais no concurso para a igreja de Olivais-Sul. Por sua vez Filipe Mário Lopes, outro dos concorrentes convidados, tinha participado no concurso para a Sé de Bragança e no da Damaia. Durante a sua formação académica, em Paris na década de 1950, em arquitectura na Escola Nacional de Belas Artes e urbanismo no Instituto de Urbanismo participara activamente na paróquia da cidade universitária.[103]

---

celebração eucarística"; I Encontro Nacional das Comissões Diocesanas de Arte Sacra (Aveiro, Jul. 1959) – "O Templo actual e a evolução da Liturgia"; II Encontro de Outono (Colares, Nov.1962) – "Estrutura e função dos cânticos litúrgicos na tradição da Igreja"; "Perspectivas actuais da música sacra"; "Função, localização e organização pastoral dos diferentes tipos de grupos corais"; Reunião de estudo (Lisboa, Jun.1963) – "Contributo do canto sagrado, para uma renovação pastoral ao nível das paróquias"; III Encontro de Outono (Buraca, Nov.1963) – "Liturgia baptismal e baptistério". [ver anexo 9]

101 A capela salão tipo F (1969) era alternativa aos primeiros modelos desenvolvidos dentro do pequeno gabinete de projectos do SNIP, coordenados por António Flores Ribeiro e desenvolvidos com a colaboração de Eduardo Trigo de Sousa a partir de 1967. Soluções tipo e adaptáveis ao contexto fosse ele a pequena aldeia de Fonte da Bica (Rio Maior), a periferia de Feijó (Almada) ou o clandestino bairro nas Galinheiras (Lisboa). [cap.3.7]

102 MRAR, «Boletim - movimento de renovação da arte religiosa», 2ª série, nº28, (Jul.1964-Dez.1965).

103 Durante a sua formação em Paris, Filipe Mário Lopes contactou com Robert Auzelle e Georges Meyer-Heine, urbanistas envolvidos nos planos directores do Porto e região de Lisboa, respectivamente. Ainda em Paris foi aluno de Chombart de Lauwe. No seu regresso a Lisboa integrou a Direcção Geral dos Serviços de Urbanização da CML. No início da década de 1970 participou na fundação da Empresa Pública Municipal de Urbanização de Lisboa - EPUL. Entre 1976-78 desenvolveu projectos habitacionais em Moçambique. Após o regresso a Portugal dedicou-se à reabilitação urbana, nomeadamente de bairros históricos da capital. Apesar de ter participado em três concursos para a construção de edifícios religiosos não chegou a ver realizada nenhuma das suas propostas.

Para lá das partes constituintes do programa de uma sede paroquial, o programa de concurso, identificava a fundamentação de natureza teológica, litúrgica e pastoral que suportava o pedido. A introdução a este capítulo do programa apresentava a maior novidade. Ao projectista era solicitada uma cuidada análise crítica e interpretativa do programa e um esforço "de reinvenção de soluções para exigências até aqui ignoradas, tidas em menor consideração ou mal resolvidas"[104], tal como já tinha sido enunciado no programa tipo publicado em 1966. No relatório do júri do concurso foi sublinhado que "[a]ceitavam-se os riscos de preferir a potencialidade revelada, à segurança experimentada e reconhecida"[105]. De facto, já o programa entregue aos concorrentes evidenciava a enorme responsabilidade que lhes era confiada:

> "Entendendo-se que um programa de construção não deve ser uma simples enumeração de funções e instalações, pretende-se contar com a colaboração do projectista para a sua definição. Programar e projectar não serão acções sucessivas e independentes mas simples estádios de uma mesma acção não separados por uma fronteira rígida."[106]

A correlação entre a definição do programa e a responsabilidade do arquitecto vinha sendo debatida no campo da arquitectura que, progressivamente, incorporava leituras das ciências sociais na discussão de projecto. Recorde-se o que escrevera Nuno Teotónio Pereira a propósito da participação do sociólogo francês Chombard de Lauwe, no Colóquio sobre os aspectos sociais na concepção do habitat realizado em Lisboa em Fevereiro de 1960:

> "(...) não veio dar-nos receitas para aplicarmos nos nossos projectos; não veio pois facilitar o nosso trabalho. Pelo contrário; veio levantar-nos problemas, assinalar dificuldades que talvez não conhecêssemos em toda a sua importância. (...)
> Mas não é só no plano profissional em sentido restrito, quer dizer, na interpretação espacial de programas que nos são dados, que nos é posta esta responsabilidade. É ainda no aspecto da influência que temos de ter nós próprios programas, na luta que temos de sustentar para sejam formulados de acordo com as exigências ditadas pelo respeito que se deve à dignidade dos homens"[107]

---

[104] [SNIP], «Programa de construção de Novas Igrejas», *Boletim de Informação Pastoral*, ano VIII, nº46-47, (Abr.-Jun.1966), p.25.

[105] Maurício et al., «Relatório do júri - Concurso de esbocetos para a nova igreja de Olivais Sul», p.3.

[106] «Programa de Concurso esbocetos igreja de Olivais Sul», *Arquivo SNIP*, 1969, p.s/n.

[107] Nuno Teotónio Pereira, «Aspectos sociais na construção do habitat (colóquio no Sindicato Nacional dos Arquitectos sobre os aspectos sociais na concepção do habitat, 14.Fev.1960)», em *Escritos (1947-1996, selecção)* (Porto: FAUP publicações, 1996).

O discurso, ainda que orientado para o campo da habitação, era igualmente válido e pertinente no campo da arquitectura religiosa.[108]

Se por um lado o exercício de concurso proposto propunha uma liberdade de reinvenção, por outro lado e, porque se tratava de arquitectura que surgiria num determinado lugar, era necessário atender e completar o terreno que "fora urbanisticamente determinado em contexto conceptual que hoje é posto em causa, embora não negado".[109] O zonamento previsto limitava as opções a explorar. Desta forma transpareciam no relatório do júri as incertezas quanto à actualidade do modelo pastoral de base territorial vigente e que aquela localização acarretava. A escolha do terreno assentara numa distribuição e zonamento, por especialização.

> "(...) a habitação nos edifícios-habitações, o comércio nos centros comerciais, o tráfego nas respectivas ruas-canais, o recreio nos centros de recreio, as árvores nos jardins, e… consequentemente, a vida religiosa nas igrejas. Neste esquema não há alternativas possíveis. Não há opções possíveis. Coerentemente portanto, foi reservado um terreno central, vasto, isolado e proeminente (...)"[110]

Havia pois que reinventar a igreja possível naquele contexto, respondendo por um lado a um programa que se queria renovado e simultaneamente aos problemas levantados pela envolvente que estava longe de propor uma real unidade. Uma envolvente que se construía faseadamente onde as diferentes interpretações das equipas projectistas originaram, conforme escreveu Nuno Portas em 1973:

> "zonas que não são mais que conjuntos de blocos sem qualquer percepção de conjunto, zonas que formam quase-quarteirões mais ou menos introvertidos, conjuntos de torres que incapazes de pontuarem o grande conjunto são antes elementos dispersivos porque arbitrariamente variadas, tudo isto nos mais variados figurinos arquitectónicos e construtivos (...)."[111]

---

[108] Em entrevista de 2010, Teotónio Pereira recordava ainda o alerta deixado naquela ocasião por Chombard de Lauwe sobre os princípios capazes de se adaptar às transformações do tempo e à evolução dos modos de habitar. Dissera ele:

> "(...) atenção que as casas que se estão a fazer de habitação social, são para um determinado tipo de pessoas, que têm os seus hábitos, os seus costumes, mas é preciso pensar que esses edifícios vão continuar a servir gerações futuras. E essas gerações futuras, seguramente terão hábitos diferentes, sobretudo hábitos de convívio."

Nuno Portas, José Manuel Fernandes, e Maria Tavares, «Nuno Teotónio Pereira. Arquitectura e Contexto: uma experiência», em *Habitação para o maior número. Portugal, os anos de 1950-1980* (Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, 2013), p.158.

[109] Maurício et al., «Relatório do júri - Concurso de esbocetos para a nova igreja de Olivais Sul», p.3.

[110] Ibid.

[111] Nuno Portas, «Evolução da arquitectura moderna em Portugal (1973)», em *A arquitectura para hoje* (Lisboa: Livros horizonte, 2008), pp.208-209.

As propostas concorrentes

O júri procedeu à seriação das cinco propostas apresentadas a concurso, tendo o vencedor sido encontrado somente após três escrutínios. O relatório resultante da avaliação apresenta as virtudes e as fragilidades de cada uma das propostas, todas elas bastante diferentes.

Mais do que expor detalhadamente cada uma das soluções apresentadas pelas diferentes equipas projectistas, interessa-nos relevar a crítica realizada pelo júri, que elaborou um cuidado relatório apresentando e avaliando cada uma das propostas. Essa avaliação espelha bem as preocupações daquele período, revelando os temas a que era dada maior atenção.

O relatório apresentava sucessivamente os projectos de Filipe Mário Lopes, Germano Lopes Venade, Fernando Abreu Marques da Fonseca e Manuel Vicente terminando com a proposta vencedora, por maioria, de Pedro Vieira de Almeida. Antecedia a descrição do esboceto vencedor a proposta "francamente polémica" mas "muito lúcida nas opções básicas" desenvolvida por Manuel Vicente e não deixa de ser curioso que, apesar das indiscutíveis diferenças, ambas merecessem destaque na discussão do concurso.

Da proposta de **Filipe Mário Lopes** destacava o júri três virtudes: espaço-adro coberto, sectorização e linearidade da imagem urbana resultante, ainda que furtando-se ao risco de excessiva monumentalidade, resultante em parte da vastidão do programa pedido.

O programa distribuía-se por dois níveis, um embasamento que acolhia as capelas mortuárias, à cota da rua principal, e uma plataforma superior coberta onde se organizariam três sectores autónomos: espaço-igreja e sala polifuncional (apresentado em duas versões); sala para grandes assembleias e zonas de convívio; salas para pequenos grupos e residências. A articulação entre as diferentes partes do programa, distribuído em três unidades autónomas sob uma igual cobertura, forçava a "convergência de caminhos" criando, como argumentava a memória descritiva, "uma zona de encontro dos habitantes do bairro"[112], um "espaço de adro coberto,

[112] Filipe Mário Lopes, «Memória Descritiva e Justificativa [concurso de esbocetos para a nova Igreja de Olivais-Sul]», (Jan.1970).

simultaneamente acolhimento (...) e sistema distributivo de circulações"[113], conforme destacou o júri. A solução era no entanto atraiçoada pelo partido construtivo adoptado, uma cobertura assente numa estrutura perimetral, cuja viabilidade era questionável devido ao custo elevado. Ainda que a proposta buscasse "a solução menos definitiva de que fomos capaz[es], de modo a que o espaço de culto de que necessita actualmente a população deste bairro possa converter-se, sem falsas adaptações futuras, nos espaços que sucessivamente se forem tornando necessários aos modos de vida colectiva deste grupo, quer eles sejam religiosos, culturais ou outros."[114] Contudo a forma de conversão apresentada não convenceu o júri, pois as soluções apresentadas implicavam quase sempre demolições e profundas transformações, conforme expressou:

> "Admitem-se diferentes formas ou soluções, mas não a sua eventual evolução de umas para outras, a sua 'transfiguração' ou a sua 'reconversão'."[115]

Por sua vez a proposta apresentada por **Germano Lopes Venade**, ao contrário da primeira que assentava na maleabilidade estrutural, baseava-se no princípio da maleabilidade de utilização, revelando o trabalho "grande segurança e coerência de resposta ao 'desafio' de programa"[116], não se limitando a uma resposta meramente funcional. Destacou o júri a organização interna da proposta que evitava a duplicação entre o espaço polivalente associado à igreja e a sala de grandes assembleias. A solução explorada vinha na continuidade com os princípios de polivalência que já tinha desenvolvido para as duas capelas salão Marinhais (Salvaterra de Magos) e Moita do Poço (Alcobaça). No caso particular dos Olivais, a maior área da proposta era destinada ao salão polivalente, que no programa de concurso integrava o centro paroquial. Germano Venade propôs um espaço central, "uma grande 'praça' interior (...) de modo a obter um compromisso entre o espaço interior e o espaço exterior"[117], destinado a acolher também a assembleia nos momentos de culto, permitindo que "uma grande área

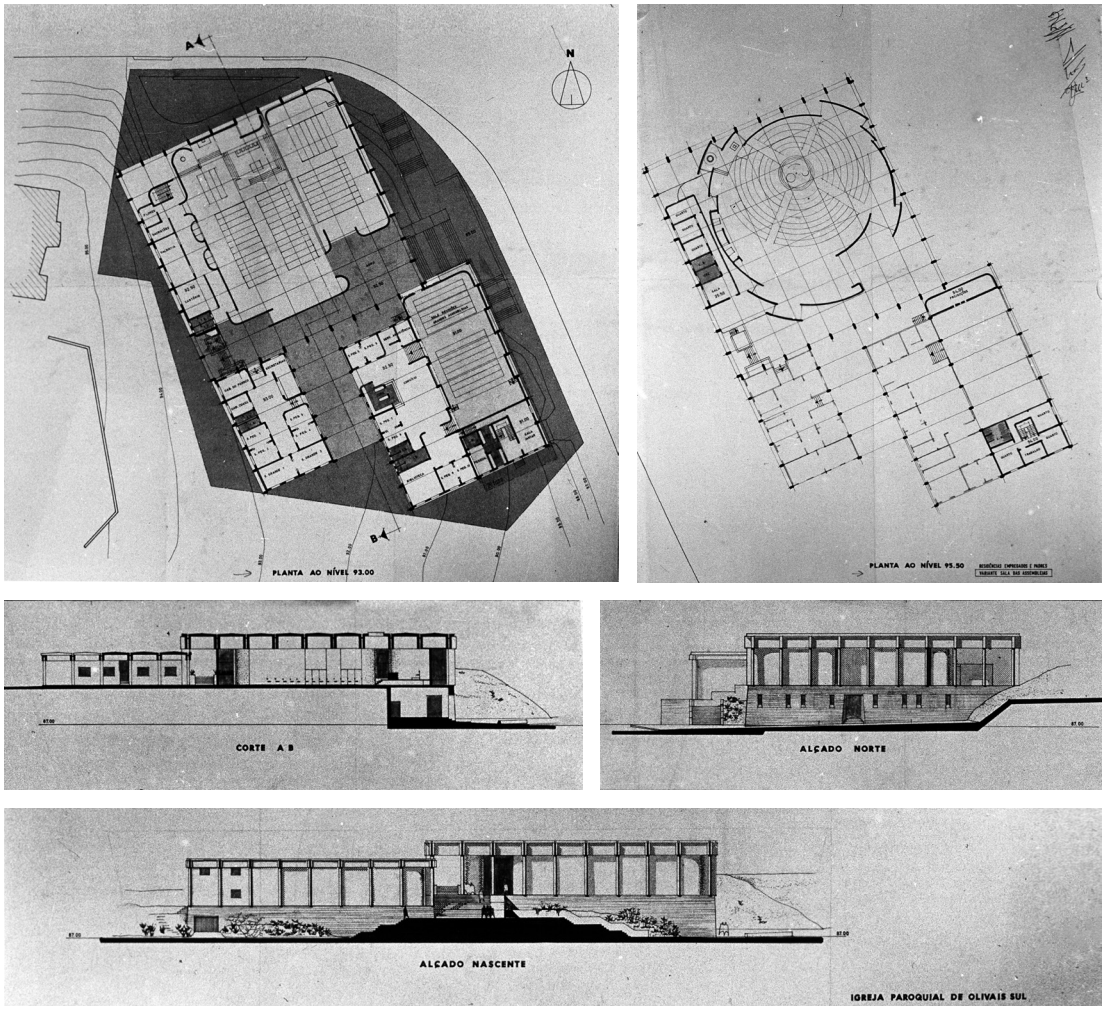
[113] Maurício et al., «Relatório do júri - Concurso de esbocetos para a nova igreja de Olivais Sul».

[114] Lopes, «Memória Descritiva e Justificativa [concurso de esbocetos para a nova Igreja de Olivais-Sul]».

[115] Maurício et al., «Relatório do júri - Concurso de esbocetos para a nova igreja de Olivais Sul».

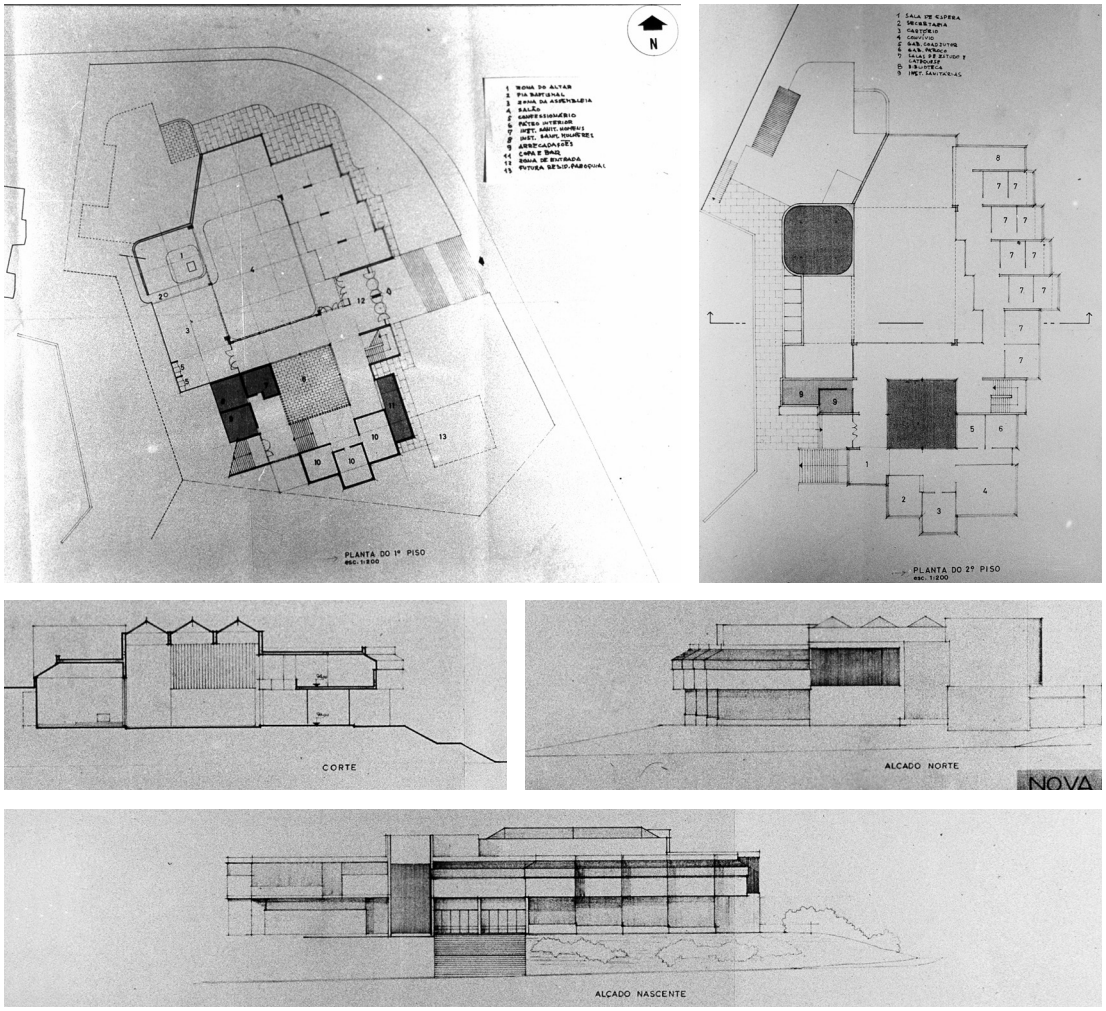
[116] Ibid.

[117] Germano Venade, «Memória Descritiva e Justificativa [concurso de esbocetos para a nova Igreja de Olivais-Sul]», (Jan.1970).



a.

1**9. Concurso para a nova igreja de Olivais Sul - Filipe Mário Lopes (1970)** *Arquivo SNIP*
a. Desenhos. Arquivo SNIP



a.

20. Concurso para a nova igreja de Olivais Sul - Germano Venade (1970) *Arquivo SNIP*
a. Desenhos. *Arquivo SNIP*

não fique condenada a um único uso"[118]. Desta forma problematizava o próprio programa, pondo em causa a preponderância da área prevista para o culto.

As salas de catequese, organizadas duas a duas conforme pedia o programa, debruçavam-se sobre o salão principal polivalente, tal como vinha sendo testado em diversas experiências europeias – são disso exemplos, a igreja paroquial de San Pio X (Bolonha, Itália 1969), projectada por Giorgio Trebbi, onde as salas de catequese ocupavam o espaço do coro alto, e a igreja de St. Judas Tadeu (Karlsruhe, Alemanha 1980-1989), de Ottokar Uhl, cujo espaço central é de natureza vincadamente polivalente.

A completar aquele espaço central, Germano Venade propunha o centro paroquial de dois pisos, em torno de um pequeno pátio interior. A igreja propriamente dita era de reduzida dimensão, com apenas 250 lugares sentados.[119] Ainda que a polivalência tivesse sido valorizada, a proposta apresentava alguma rigidez não permitindo o "crescimento gradual de um tal organismo que apenas por justaposição de novos corpos poderia evoluir". Como relatou o júri:

> "O edifício, unitário na sua concepção e polivalente na sua utilização é fechado e completo em si mesmo: obra que só será significativa se completa e acabada. Esse terá sido possivelmente o preço daquilo que é também a sua maior qualidade."[120]

Igualmente implantada à cota média estava a igreja proposta por **Fernando Abreu Marques da Fonseca**, sendo os acessos garantidos por um sistema de rampas e escadas que conduziam à plataforma do adro, aberto sobre a paisagem , delimitado pelo edifício e pontuado pela torre sineira. O júri destacou o adro sobre elevado – um espaço de transição qualificado, uma zona de acolhimento exterior parcialmente coberta. Tratava-se de uma solução que ilustrara o programa tipo desenvolvido pelo SNIP, publicado no *Boletim de Informação Pastoral*, dando como exemplo a igreja de Biersfelden de Hermann Baur, também situada num gaveto em zona residencial.[121] Esta tinha sido,

---

[118] Ibid.

[119] Os desenhos apresentados a concurso não representavam os lugares sentados, dando a sugestão de uma maior maleabilidade espacial.

[120] Maurício et al., «Relatório do júri - Concurso de esbocetos para a nova igreja de Olivais Sul».

[121] [SNIP], «Programa de construção de Novas Igrejas», *Boletim de Informação Pastoral*, ano VIII, nº46-47, (Abr.-Jun.1966), p.28.
Planta da igreja de Biersfelden [ver cap.3.6] O adro sobre elevado era descoberto, limitando-se a área coberta à pala de união entre o corpo da igreja e a torre que pontuava aquele lugar. Esta solução de união dos corpos destacados através de uma pala foi diversas vezes trabalhada por Hermann Baur. É clara a sua referência na igreja de Vidais (1958-63), projectada por António de Freitas Leal.

aliás, a solução encontrada por Nuno Teotónio Pereira quer para o adro da igreja Sagrado Coração de Jesus, situado à ilharga da rua Camilo Castelo Branco[122], quer no estudo prévio da igreja de S. Sebastião da Pedreira.[123] Desta maneira era criado um espaço de acolhimento exterior, de transição entre a movimentada rua e o espaço de recolhimento interior, um 'percurso gradual' que simultaneamente podia ser 'espaço de convívio', tal como fora vincado em 1966, no programa tipo:

> "Falando de acessos, de preferência a falar de entradas, pretende-se vincar a noção de percurso, de preferência à de porta de entrada. Seria demasiado limitativo estabelecer em abstracto a melhor forma de entrar na igreja. Mas interessa por outro lado definir um modo de passar da rua ao interior da igreja; que tal passagem seja gradual, põe-se como exigência psicológica; que tal passagem seja significativa, põe-se como exigência litúrgica; que tal passagem seja convidativa, poder-se-ia mesmo dizer convocativa, é exigência pastoral. Deste modo, deve recorrer-se a meios capazes de constituírem um percurso gradual, significativo e convidativo. O sistema adro-nártex não é o único capaz, e em certos casos será mesmo incapaz. A solução dependerá, como é evidente, da solução global de todo o conjunto. Convirá que esse percurso inclua um espaço de convívio, de encontro dos paroquianos, ou que todo ele realize tal possibilidade."[124]

Embora a torre que pontuava o conjunto expressasse igualmente o convite à entrada, na apreciação do júri a proposta não estava "isenta de certo convencionalismo, cristalizado na torre sineira"[125], ainda que estivesse de acordo com as indicações traçadas no programa tipo, no que toca à sua existência e localização.[126] De todos os projectos apresentados a concurso o de Fernando Abreu foi o único a integrar uma torre, ainda que não a referisse explicitamente na memória descritiva e justificativa. A leitura do projecto, dos desenhos e maquete, tornam no entanto evidente a importância que a

---

122 Cf. João Luís Marques, «The church in the city: The churchyard in Parish Church Complexes - 3 Case Studies», em *Espaço Público e Cidade Contemporânea, 6º European Symposium on Research in Architecture and Urban Design EURAU 12* (Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2012).

123 "Os acessos foram dotados com escadas e rampas, favorecendo uma dispersão fácil e orientada, a partir do adro. (...)
Uma coisa é certa: a localização da nova igreja, a envergadura da obra, a função do edifício e o seu significado conjugam-se para favorecer uma presença de relevo na paisagem da cidade."
Cristóvão dos Santos, «Lisboa cristã prepara o futuro, a nova igreja paroquial de S. Sebastião da Pedreira ficará ao cimo e ao lado do parque Eduardo VII», *Novidades*, (15.Dez.1967), p.3.

124 [SNIP], «Programa de construção de Novas Igrejas », ano VIII, nº 46-47, (Abr.-Jun.1966), p.28.

125 Maurício et al., «Relatório do júri - Concurso de esbocetos para a nova igreja de Olivais Sul».

126 "Os sinos, que exercem na Liturgia romana e na vida das comunidades cristãs funções de relevo, devem colocar-se em condigna torre sineira ou estrutura equivalente, de preferência na frente da igreja ou em situação destacada e avançada significativa da sua função de apelo e mensagem."
[SNIP], «Programa de construção de Novas Igrejas», ano VIII, nº46-47, (Abr.-Jun.1966), p.36.

torre assume no complexo, sugerindo uma marca do "espírito inerente ao edifício em questão"[127]. Nem mesmo Pedro Vieira de Almeida que escreveu sobre a importância de recuperar a torre campanário[128], num sistema de referenciação urbana, a propôs.

Quanto ao edifício propriamente dito, a proposta apresentava um sistema de favo, que, embora facilitando a construção faseada, não contribuía para a 'articulação orgânica desejada', pois as "[f]ormas determinantes de esquemas centrados, dificultam a capacidade de adequação espontânea das instalações às diferentes maneiras de as utilizar."[129] A malha geométrica de formas hexagonais justapostas era limitativa e os espaços de circulação, mais do que ruas interiores, eram espaços sobrantes. Mesmo assim na apreciação global o projecto era considerado uma resposta acertada, em linha com propostas já experimentadas.[130] Esta leitura saía reforça pela crítica do júri que tornou claro o sentimento de desajuste temporal duma "proposta que responderia com acerto a um programa que antecedeu as últimas reformas litúrgicas, evitando até soluções retóricas de sentido monumentalista."[131]

Igualmente considerada 'inactual' foi a proposta de **Manuel Vicente**. Contrariamente a todas as outras, ela colocava em questão a função urbana desempenhada pelo edifício 'igreja' na construção daquele bairro que classificou de 'não cidade', de 'deserto'. Neste contexto a igreja a construir podia e deveria ser elemento de organização do deserto, conforme justificou na memória descritiva:

> "Os Olivais não têm leitura enquanto cidade, porque não o são. Haveria que começar a ocupar o deserto (da não significação) com palavras vivas que organizassem as que lá estão, num texto vibrante possível de leitura (de todas as leituras. (...) O deserto (e o caos também) determina a pirâmide sem adornos. Só ela se pode apropriar de um espaço que espera uma arquitectura que o faça significar.

---

127 Fernando Abreu Marques da Fonseca, «Memória Descritiva e Justificativa [concurso de esbocetos para a nova Igreja de Olivais-Sul]», (Jan.1970).

128 Pedro Vieira de Almeida, «Programas e Arquitectura», 1968. [ver cap.4.1.1]

129 Maurício et al., «Relatório do júri - Concurso de esbocetos para a nova igreja de Olivais Sul».

130 Podemos encontrar a exploração de uma malha geométrica hexagonal numa série de trabalhos desenvolvidos a partir de meados de 1960. Se nalguns casos esta malha não é rígida, como nas igrejas de Almada (Nuno Teotónio Pereira, 1962-1969)e da Sagrada Família, Paço de Arcos (João de Almeida, 1964-1969), é em contrapartida evidente e assumida na igreja do bairro da Tabaqueira (Jorge Viana, 1964-1965), e na proposta de concurso para a Sé de Bragança (1964) desenvolvida por José Maya Santos.

131 Ibid.

> O objecto arquitectónico que proponho procura fazer significar, pelo rigor e pelo despojamento, o deserto-caos que o envolve."[132]

Foi esta característica uma das mais apreciadas pelo júri do concurso que encontrava naquela proposta um novo entendimento de função, para lá do funcionamento e dos respectivos requisitos espaciais. A maior virtude estava no "corajoso arrostar com as responsabilidades da intervenção da arquitectura na cidade"[133], na medida em que o objecto arquitectónico, de natureza quase escultórica, modela e se apropria do espaço urbano. A vontade de criar uma arquitectura significante ficara expressa desde o lançamento do concurso. A correspondência enviada pelo arquitecto à comissão deixa clara a vontade de um entendimento alargado da função da igreja, a necessidade de conhecer o seu real funcionamento e dinâmica, de modo a que a arquitectura pudesse expressar a vida daquela comunidade.[134] Igualmente representativos da leitura crítica da envolvente e da sugestão de uma arquitectura moderna, circunstancialmente aceite por uma cultura popular no Portugal dos anos 1970, eram os elementos gráficos e os apontamentos escritos que integravam o processo.[135] Neste contexto cada fachada do edifício, cada superfície da comunicação com a cidade, ganhava especial importância, procurando o projecto responder de forma diferenciada a cada uma das relações. Assim, naquele objecto arquitectónico rigoroso, despojado mas

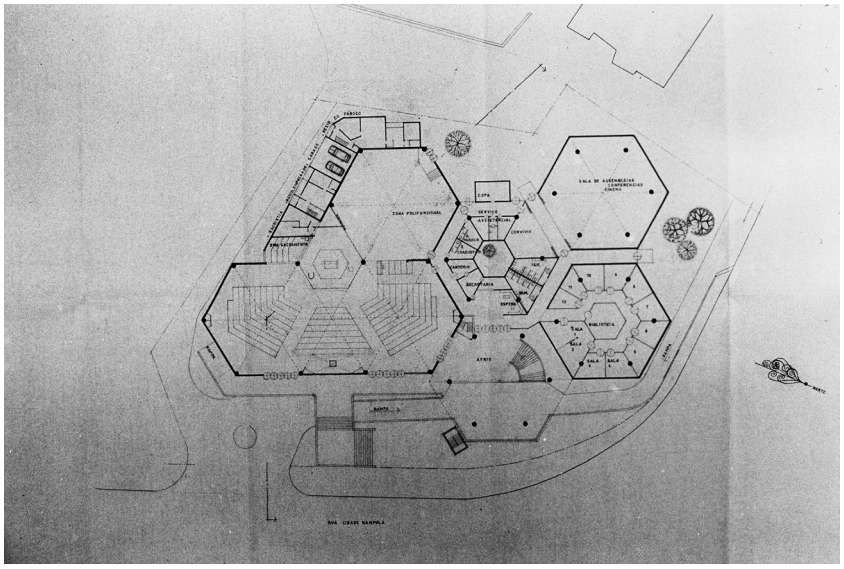
---

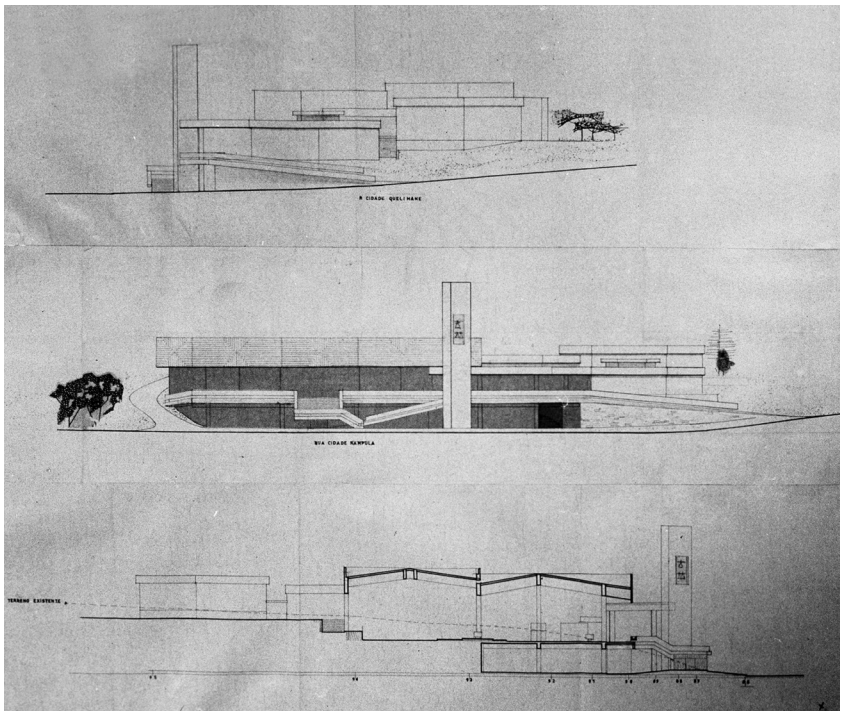
132 Manuel Vicente, «Memória Descritiva e Justificativa [concurso de esbocetos para a nova Igreja de Olivais-Sul]», (Jan.1970).

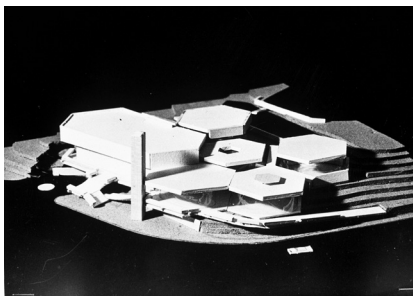
133 Maurício et al., «Relatório do júri - Concurso de esbocetos para a nova igreja de Olivais Sul».

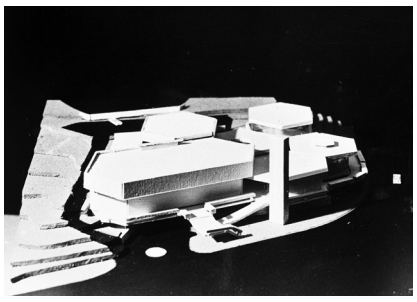
134 "Para mim que me encontro separado da Igreja Católica, enquanto não crente, parece-me ser um mau serviço a prestar à comunidade católica de Olivais Sul, o encarar por nós, arquitectos concorrentes o problema da nova Igreja em termos estritamente referidos à tecnologia da nossa profissão.
Temo no entanto não me ser possível alargar a minha intervenção para além desses limites se o programa que me foi fornecido não for ampliado pela informação das exigências que na vivência da vossa fé se articulam e buscam expressão.
Mais do que à 'necessidade' da vossa comunidade deveria quanto a mim a estrutura espacial a propor por nós agora, responder ao vosso 'desejo' núcleo afinal da opção religiosa por vós feita no Mundo."
Manuel Vicente, «Carta dirigida ao Presidente da Comissão de Construção de Igrejas e Capelas de Olivais Sul – pe. Luís Maria dos Anjos Maurício», *arquivo CD- FAUP*, (24.Out.1969).

135 "- Nível de informação transmitida em relação aos receptores-leitores. De nada servirá uma 'linguagem correcta' ou uma 'linguagem actual' internacionalmente se ela não for eficaz e pertinente em Portugal 70. O 'movimento moderno' está por fazer em Portugal: dele apenas há uma dúzia – elite de receptores-emissores.
- Uma atitude (poética) erudita é ineficaz num meio popular. A passagem do popular ao erudito (se for desejável) não se faz por mimetismo ou osmose mas por evolução interna do sistema. Uma atitude assim poderá ser estimulante, restará saber se é especificamente adequado."
Manuel Vicente, «Processo [concurso de esbocetos para a nova Igreja de Olivais-Sul]», *arquivo CD-FAUP*, (Jan.1970).



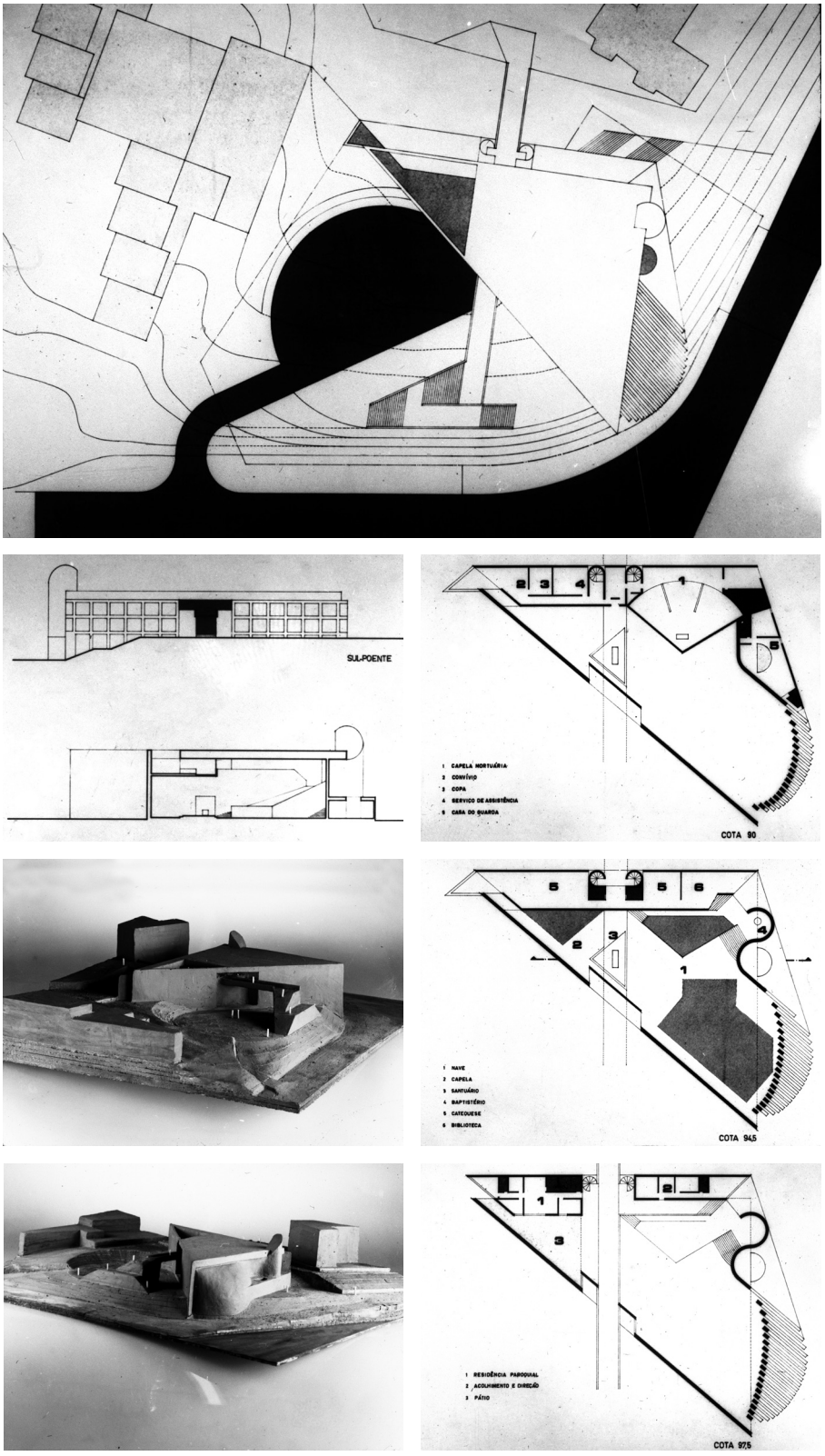






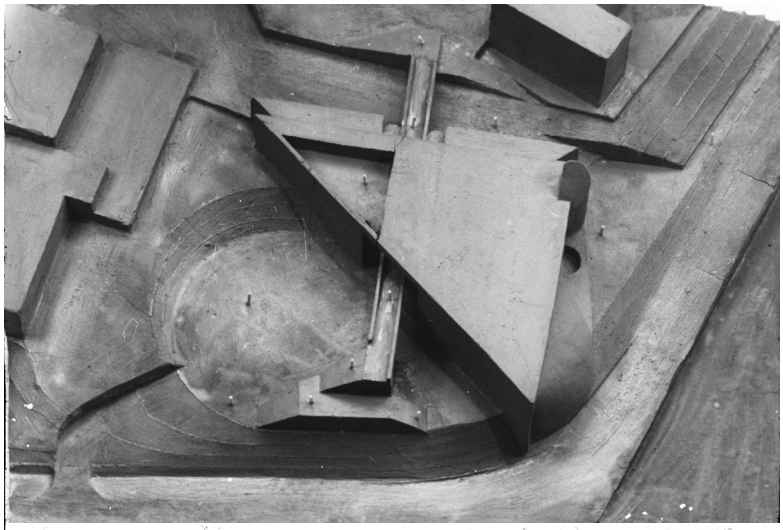
a.

21. Concurso para a nova igreja de Olivais Sul - Fernando Abreu (1970) *Arquivo SNIP*
a. Desenhos e maquete. *Arquivo SNIP*

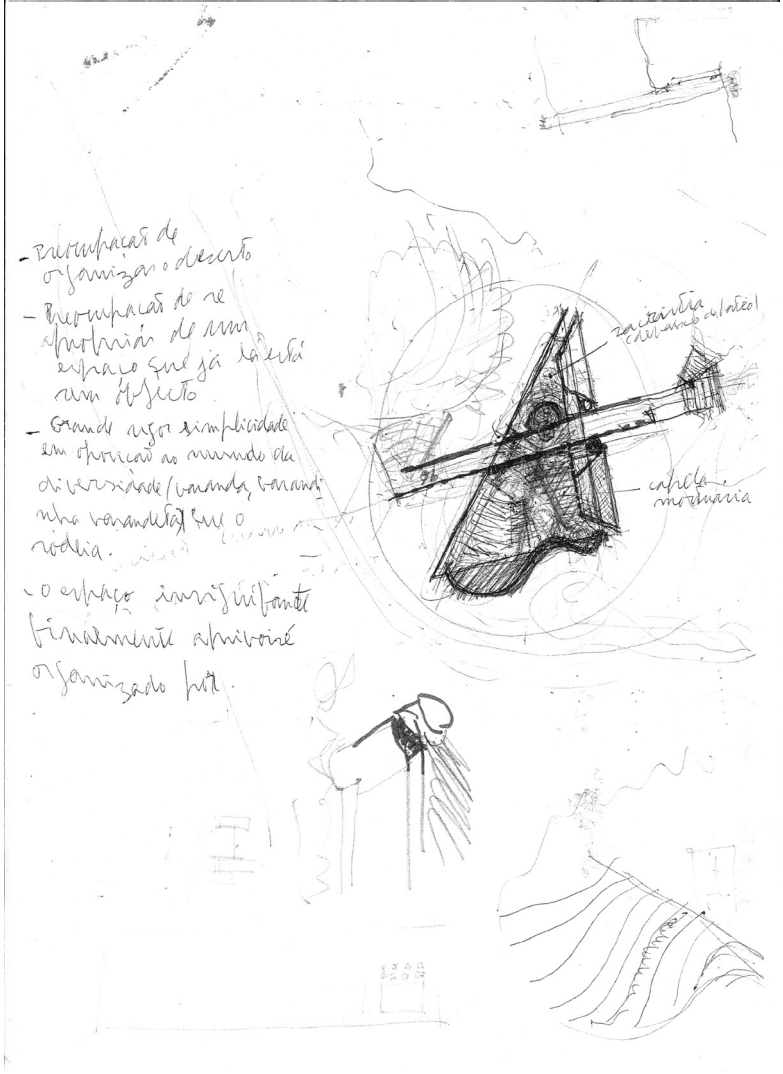


a.

22. Concurso para a nova igreja de Olivais Sul - Manuel Vicente (1970) *Arquivo SNIP*
a. Desenhos e maquete. *Arquivo SNIP*



a.



b.

23. 'Organizar o Deserto' Manuel Vicente (1970)
a. Maquete da proposta. *Arquivo SNIP*
b. Folha de apontamentos. *Arquivo CDFAUP-MV*

também complexo, era procurada uma "ligação ao sítio nas suas simultaneamente macro e micro implicações"[136], tal como afirmou o autor do projecto:

> "Victor Hugo compara a cidade a um livro de que as palavras seriam os edifícios. Para a cidade o significado desses edifícios-palavras será comunicado pela fachada que assim se torna no que George Bayrd chama (glosando Roland Barthes) a dimensão amorosa da arquitectura."[137]

O papel da fachada, sobre o qual discursara Pedro Vieira de Almeida, encontrava na proposta de Manuel Vicente uma possível concretização – a necessidade de representatividade aliada à consciência do poder do invólucro, da fachada e do volume – "aquilo que na arquitectura pode ser objecto de consumo massivo".[138] A igreja proposta adquiriria assim uma natureza de edifício-monumento, ainda que não monumental conforme explanou o júri. Embora o bairro pudesse resultar enriquecido, era clara a recusa da Igreja em ser esse instrumento tal como afirmava o próprio programa em que era clara a preferência por uma igreja-serviço face a uma igreja-sinal. Esse foi aliás o principal motivo pelo qual a proposta de um edifício-monumento foi considerada inactual. Será contudo necessário e justo, para memória futura, fazer a ressalva que o próprio júri deixou no relatório. A propósito do sentido inactual da proposta, alertou o júri que poderia ser entendido de duas formas: desactualizado ou prematuro. Esta ressalva deixava em aberto a possibilidade da arquitectura religiosa vir a recuperar uma carga simbólica adormecida no tempo. Portanto a proposta de Manuel Vicente era desinstaladora, exactamente porque procurava recuperar e repor o sentido de monumento, sem recorrer a linguagens e gramáticas monumentalizantes que tinham caracterizado algumas propostas arquitectónicas e urbanísticas da década de 1950. A audácia do desenho proposto por Manuel Vicente de certa forma antecipava discussões e linhas de rumo futuras que caracterizariam a pós-modernidade. Atente-se, por exemplo, nas ideias chave que estruturaram o projecto e o modo como foram apresentadas na memória descritiva, do ensaio crítico à apresentação da proposta: "distinção entre função e funcionamento; a forma como significado da função para a cidade; a fachada-palavra como introdutora de novas leituras cidade-texto; a organização do deserto; conteúdo-contentor".[139]

---

136 Vicente, «Memória Descritiva e Justificativa [concurso de esbocetos para a nova Igreja de Olivais-Sul]».

137 Ibid.

138 Almeida, «Programas e Arquitectura».

139 Cf. Vicente, «Memória Descritiva e Justificativa [concurso de esbocetos para a nova Igreja de Olivais-

Quanto à organização interna do prisma triangular e perante o desafio de repensar o programa num momento de enorme incerteza[140] acerca da velocidade de evolução litúrgica e pastoral, Manuel Vicente propôs essencialmente uma grande nave capaz de acolher quer o "quadro da celebração litúrgica quer (...) doutra reunião qualquer"[141], mais do que um faseamento da construção ou da possibilidade de aumento futuro, o objecto arquitectónico proposto lançava o desafio da "total polivalência de 'Fórum'"[142]. Conquistando o espaço público para o interior do edifício, propôs um percurso pedonal de atravessamento. A grande nave era rompida por uma ponte que possibilitava a passagem pelo seu interior dando a conhecer "a dimensão mais íntima da função deste edifício público à rua do 'pé' única escala de movimento capaz de ler essa intimidade".[143] A obra seria assim participada, feita para as pessoas, tal como reclamara Aldo Van Eyck em Otterloo, nos CIAM de 1959:[144]

> "Now, today, what is specific, what gives meaningful identity, should no longer depend on what is thus arbitrarily omitted or stressed, but on how these specific aspects are absorbed, adapted, and combined for the sake of more inclusive solutions which can respond to the nature of the human person as a whole instead of in part."[145]

Ou, nas palavras de Manuel Vicente, uma 'obra viva' – recordando o debate que analisámos no primeiro capítulo:

Sul]».

140 "(...) independente de eu ser religioso ou não, usei muito aquela coisa – o futuro a Deus pertence... a única coisa que eu sei é que nunca será como a gente pensa que é!"
«A Macau de Manuel Vicente (conversa com Manuel Graça Dias)» (RTP, 2011).

141 Vicente, «Memória Descritiva e Justificativa [concurso de esbocetos para a nova Igreja de Olivais-Sul]».

142 Maurício et al., «Relatório do júri - Concurso de esbocetos para a nova igreja de Olivais Sul».

143 O percurso de atravessamento pedonal proposto por Manuel Vicente para a igreja de Olivais Sul (1970) recorda a proposta vencedora de James Stirling para a "Neue Staatsgalerie" de Estugarda (1977).

144 " By 'us' – vernacular of the heart, immutability and rest, change and movement
concepts of the mind;
For us – for each man and all men;
when is architecture going to bring together opposite qualities and solutions?
get close to the center – the shifting center – and build.
to discover anew implies discovering something new.
we can discover ourselves everywhere – in all places and ages – doing the same things in a different way, feeling the same differently, reacting differently to the same."
Aldo van Eyck, «The Otterlo circles (1959)», em *Aldo van Eyck - Works* (Basel: Birkhauser Publisher, 1999), pp.12-13.

145 Ibid. p.12.

"Há muitos arquitectos que gostariam que a obra, quando fica feita, ficasse no paralítico... Não é assim! Eu sou muito inimigo da congelação. As coisas têm que viver, têm que ter vida, têm que vibrar – com as estações, com as horas do dia, com os estados íntimos, com o 'mood'. As pessoas não são para as coisas, as coisas é que são para as pessoas."[146]

'Arquitectura-para-a-apropriação'

A proposta de Pedro Vieira de Almeida

A mesma ideia de uma *arquitectura para as pessoas* foi defendida por **Pedro Vieira de Almeida** que venceu o concurso, para quem "uma das condições de modernidade necessárias a uma arquitectura actual, é a de se propor como arquitectura-para-a-apropriação".[147] A sua proposta, ainda que partilhasse de semelhante leitura crítica da envolvente do bairro, sugeria uma alternativa ao edifício objecto apresentado por Manuel Vicente.

"Dada a situação urbanística particular dos Olivais: edifícios-objecto com que é difícil dialogar procurou-se tirar partido de um edifício que recusando a situação de ser mais um objecto, se interiorizasse estruturando por e para si próprio uma vida e animação que o bairro em si não propõe."[148]

Surgiu assim um volume quase anónimo, semi-enterrado na pequena colina. As suas fachadas encerradas ocultavam uma vitalidade que se propunha para o espaço interior, em continuidade com a experiência de polivalência do ante-projecto da capela salão de Marinhais que elaborara com Germano Venade, em Março de 1969 – uma capela que tinha menos de 400 m^2, implantada à beira de uma estrada nacional.[149] O sistema então proposto pela dupla de projectistas assentava no desenvolvimento dos princípios de composição que tomassem em conta "os dois polos a capela e o salão" e "a importância das circulações como elemento estrutural de todo o conjunto" permitindo "a máxima maleabilidade possível, dentro de uma grelha previamente estabelecida".[150] Mais do que um compromisso formal em relação ao programa, os

---

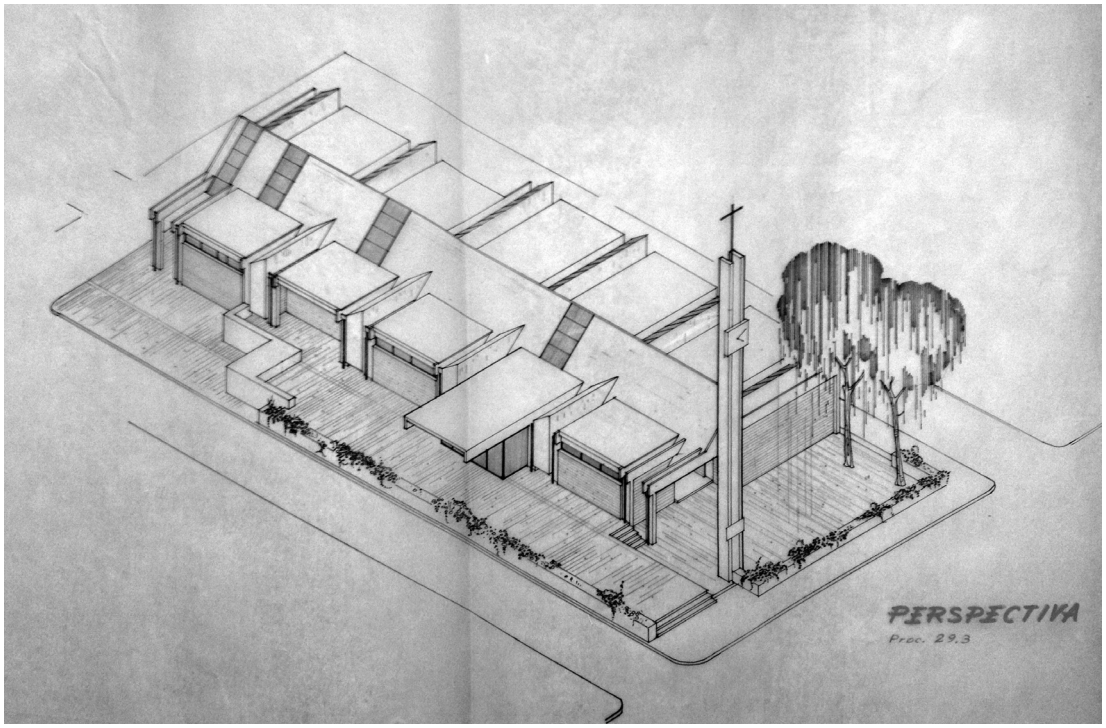
146 «A Macau de Manuel Vicente (conversa com Manuel Graça Dias)».

147 Pedro Vieira de Almeida, «Memória Descritiva e Justificativa [concurso de esbocetos para a nova Igreja de Olivais-Sul]», *Arquivo SNIP*, 1970. p.1.

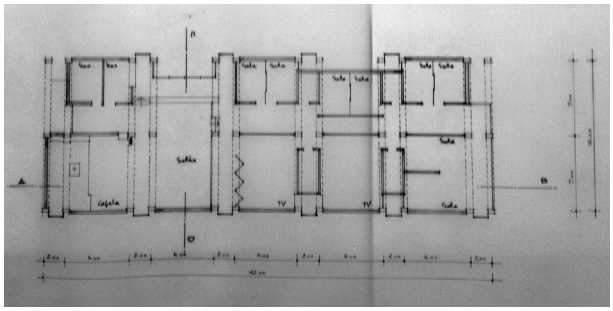
148 Ibid. p.2.

149 Cf. [SNIP], *Boletim da campanha - novas igrejas do patriarcado*, 1969. [ver anexo 13]

150 Germano Venade e Pedro Vieira de Almeida, «Capela-Salão Tipo, Marinhais, Memória descritiva (ante-



a.





b. c.

"Arquitectura humana pressupõe a animação do edifício pelo homem
ou pelos grupos que a utilizam.
O invólucro pode portanto ser mais que a memória plástica dos ritos estruturados,
porque o seu conteúdo engloba uma margem indefinida de imponderável.
Será necessário planificar o espaço tendo em vista não apenas
a relação arquitectura-assembleia, mas também a relação arquitectura-indivíduo.
O homem moderno, qualquer que seja a sua atitude confessional,
precisa de um lugar de meditação, de encontro consigo mesmo e com o divino.
Não deverá a Igreja ser um lugar aberto a todo o homem,
conservando espaços libertos de qualquer vinculação ritual,
mas verdadeiramente funcionais em sentido humano e mais largo?"

«Novos Conceitos de Igreja»,
Boletim - movimento de renovação de arte religiosa,
nº1, 3ª série, (Lisboa, Jan.1967-Mai.1968), p.4.

24. Capela-salão de Marinhais (Salvaterra de Magos, 1969-1975) arq. Germano Venade
a. Perspectiva axonométrica. *Arquivo ADS*
b. Planta em ante projecto. Proposta desenvolvida com Pedro Vieira de Almeida. *Arquivo ADS*
c. Estaleiro de obra. *Arquivo SNIP*

autores assumiram "antes ser uma primeira proposta de um edifício possível e coerente que compreenda esse mesmo programa"[151], na linha do ensaio crítico 'Programa e Arquitectura' redigido por Pedro Vieira de Almeida. A proposta assentava num sistema modular[152], estrutura em betão aparente, alvenarias em blocos de betão (revestidas a massa de fio de areia e/ou mosaico branco liso), madeiras de pinho pintadas ou envernizadas, tijoleira para o pavimento interior e canaletes de fibrocimento para a cobertura. O leque de materiais proposto exprimia "uma intenção de criar um ambiente simples, franco mas agradável"[153]. O projecto de Marinhais acabou por ser conduzido até à construção por Germano Venade (1975)[154], que entretanto desenvolveu uma variante a este projecto para a povoação de Moita do Poço[155]. Tal como a primeira, mas de menor dimensão, também esta se apresentava como "edifício polifuncional" cuja expressão arquitectónica pretendia dar "uma imagem nova da presença da igreja, já não tanto de domínio na paisagem, mas sim de serviço que se oferece à comunidade"[156]. Se o projecto de Moita do Poço sugere a simplificação do de Marinhais, a proposta levada a concurso em Olivais Sul por Pedro Vieira de Almeida apresenta-se, pelo contrário, como um estudo mais desenvolvido e complexo.

A novidade introduzida por Pedro Vieira de Almeida, face às propostas anteriores de capelas salão passou pelo desenvolvimento das galerias, que designou de 'fingers' –

---

projecto)», *Arquivo ADS*, (5.Mar.1969), p.1.

151 Ibid. p.1.

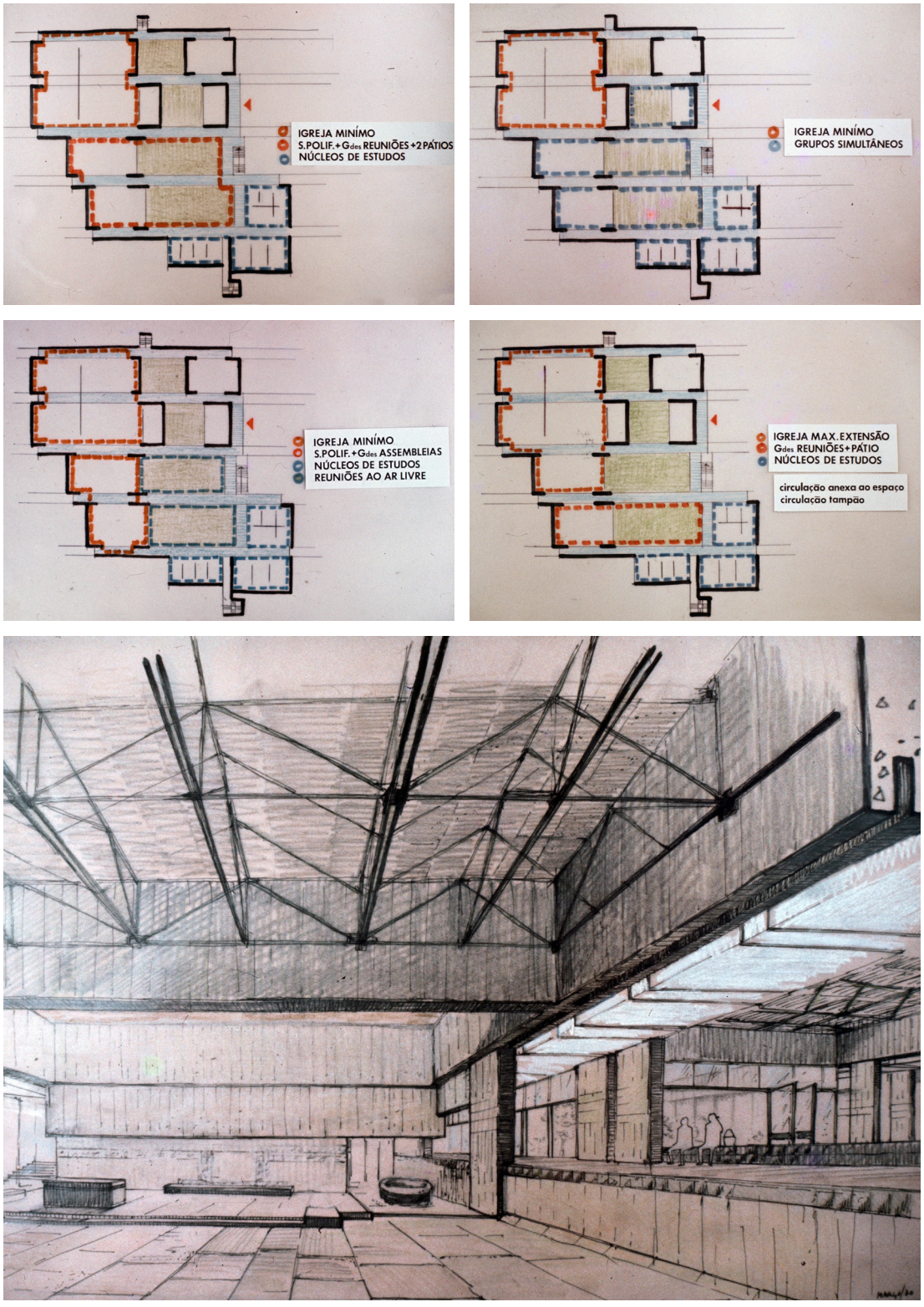
152 "(...) adoptou-se um módulo base constituído por elementos iguais, que permitissem uma repetição teoricamente sem limites. Esse módulo é constituído por um conjunto de pilares e vigas que espaçadas de 2 a 6 metros (a eixo) nos dão dois tipos de utilização: passagens e salas. O espaço passagem tem dimensão suficiente para comportar um módulo de instalações sanitárias ou bar e o espaço sala pode ser subdivido em 2 salas de 12 m² cada. Isto permite que a estes módulos se possam adicionar segundo as duas direcções duma quadrícula base, de modo a poderem obter-se outros tipos de solução para um mesmo programa."
Germano Venade, «Capela-Salão de Marinhais, Memória descritiva», *Arquivo ADS,* (11.Jul.1969), p.1.

153 Venade e Almeida, «Capela-Salão Tipo, Marinhais, Memória descritiva (ante-projecto)», p.3.

154 Cf. Germano Venade, «Igreja em Marinhais», *Binário - revista mensal de arquitectura, construção, equipamento*, nº196, (Jan.1975), pp.22-24.

155 Partindo dos princípios propostos para Marinhais, mas aplicando-os a um lote de menor dimensão, em que o edifício somava aproximadamente 300 m², a polivalência foi experimentada num espaço uno tripartido (capela/salão/sala) dividido por portas de fole permitindo combinações várias. Aquele projecto (Out.1969) acabaria por ser abandonado, vindo a ser construída uma capela salão do tipo A (1970).

156 Germano Venade, «Capela para Moita do Poço, Memória descritiva», *Arquivo SNIP,* (15.Out.1969).



a.

25. Concurso para a nova igreja de Olivais Sul - Pedro Vieira de Almeida (1970) *Arquivo SNIP*
a. Múltiplas combinações de espaços que incluíam a possibilidade de unir salas aos pátios exteriores.
b. Perspectiva do espaço litúrgico, desnivelado em relação aos 'fingers'

"espaço-chave, verdadeiramente funcional e estruturador de toda a solução"[157] – articulando o edifício e os espaços livres.

> "Na vastidão de um bairro, propõe-se uma micro-estrutura que, noutra escala, realiza o que esse bairro não tem: carácter urbano. Nasce assim um oásis, isto é, um conjunto de instalações, dificilmente definível como edifício, vivendo por si próprio e por si próprio possibilitando uma maneira de viver. (...)
> A estrutura que inter-relaciona os espaços ocupados e livres, é a mesma estrutura que se constituiu em percursos e circulações interiores, e ainda a mesma que construtivamente suporta o conjunto.
> A invenção é aqui um sistema e não uma forma. Sistema aberto conduzindo a uma utilização interiorizada."[158]

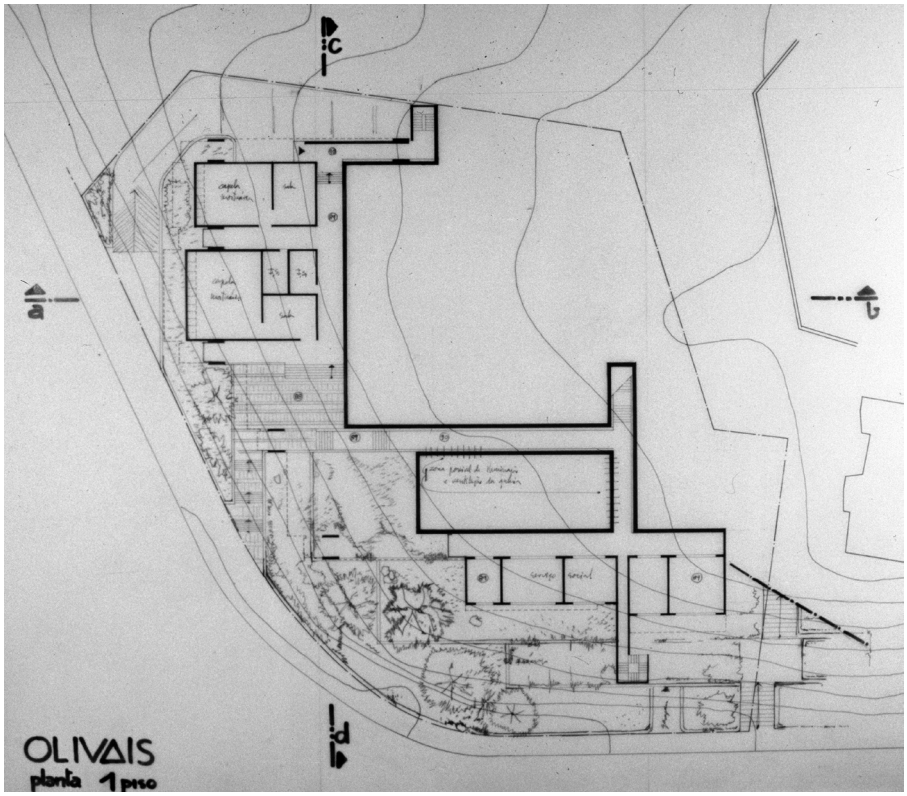
As palavras do júri exaltavam o sentido urbano da proposta, ao mesmo tempo que recordavam as críticas apontadas aos outros trabalhos concorrentes. A apresentação da proposta surgia assim no relatório como uma possível síntese, capaz de reunir as qualidades individuais reconhecidas no conjunto dos trabalhos. Na proposta vencedora as circulações interiores eram verdadeiras *ruas cobertas* que promoviam o encontro; o espaço de celebração e sala polivalente surgiam ao jeito de grande *praça*, ou mesmo *fórum*, polivalente e flexível, espaço que promovia a liberdade de utilização. A proposta vencedora, nas palavras do júri, era um *oásis* nos Olivais, naquele *deserto* e *caos* – que o edifício proposto por Manuel Vicente procurava ordenar. Ao caos e desordem, Pedro Vieira de Almeida respondeu com uma solução de ordem e o rigor, uma unidade entre estrutura construtiva e distribuição do programa, um sistema que permitiria a construção faseada, com possibilidade de aumentos futuros respeitando um jogo estabelecido de volumes, conforme enunciara na proposta levada a concurso, ao defender que ela não deixava "de ser estruturadora e disciplinadora dessa mesma apropriação"[159] Posteriormente, já na fase de licenciamento, Pedro Vieira de Almeida recuperou a sua reflexão teórica em torno do espaço-perdido sobre o qual vinha investigando desde meados da década de 1960. Na memória descritiva apresentada às entidades municipais escreveria acerca da recuperação da experiência espacial das catedrais que integrara na proposta da igreja dos Olivais

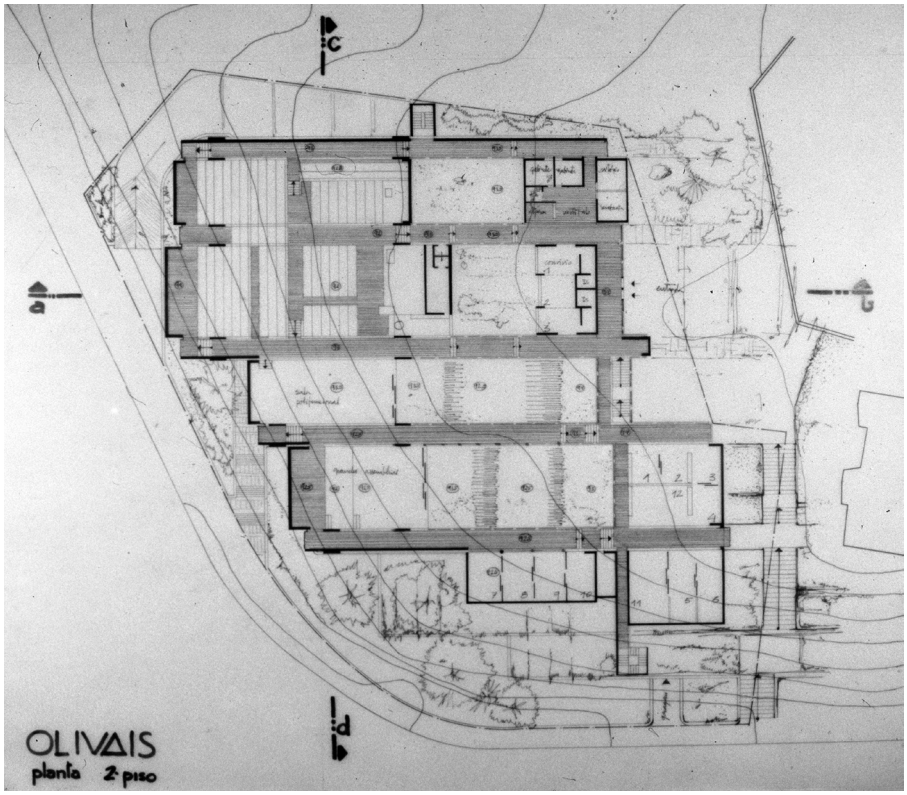
---

[157] Almeida, «Memória Descritiva e Justificativa [concurso de esbocetos para a nova Igreja de Olivais-Sul]», p.2.

[158] Maurício et al., «Relatório do júri - Concurso de esbocetos para a nova igreja de Olivais Sul», p.9.

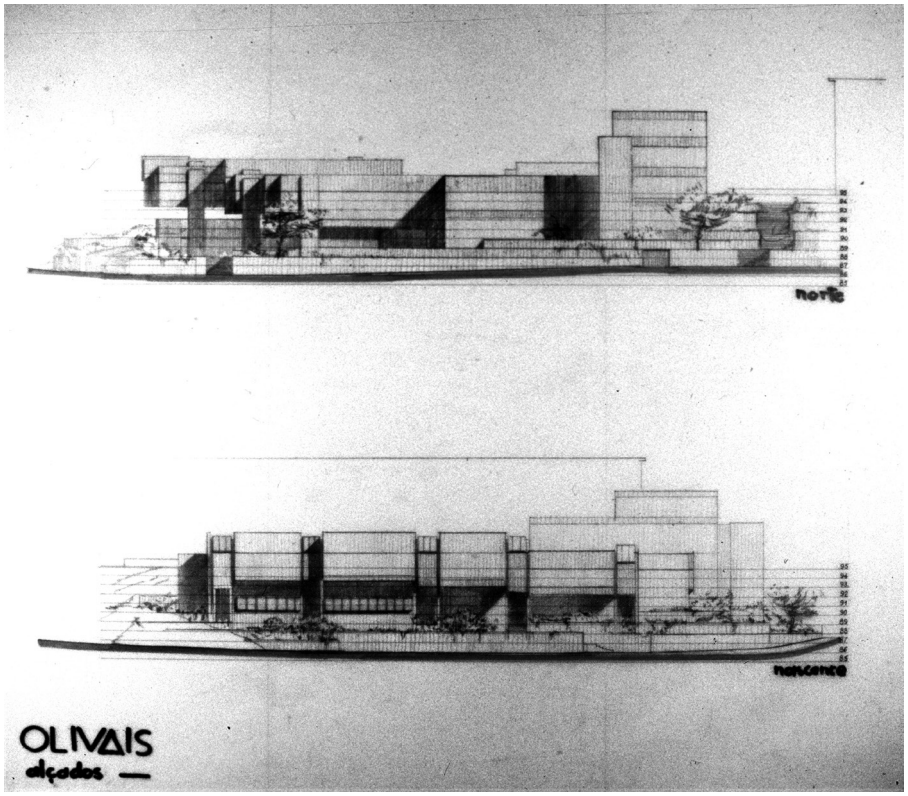
[159] Pedro Vieira de Almeida, «Memória descritiva, igreja de Olivais-Sul», *Arquivo AML*, 1974.

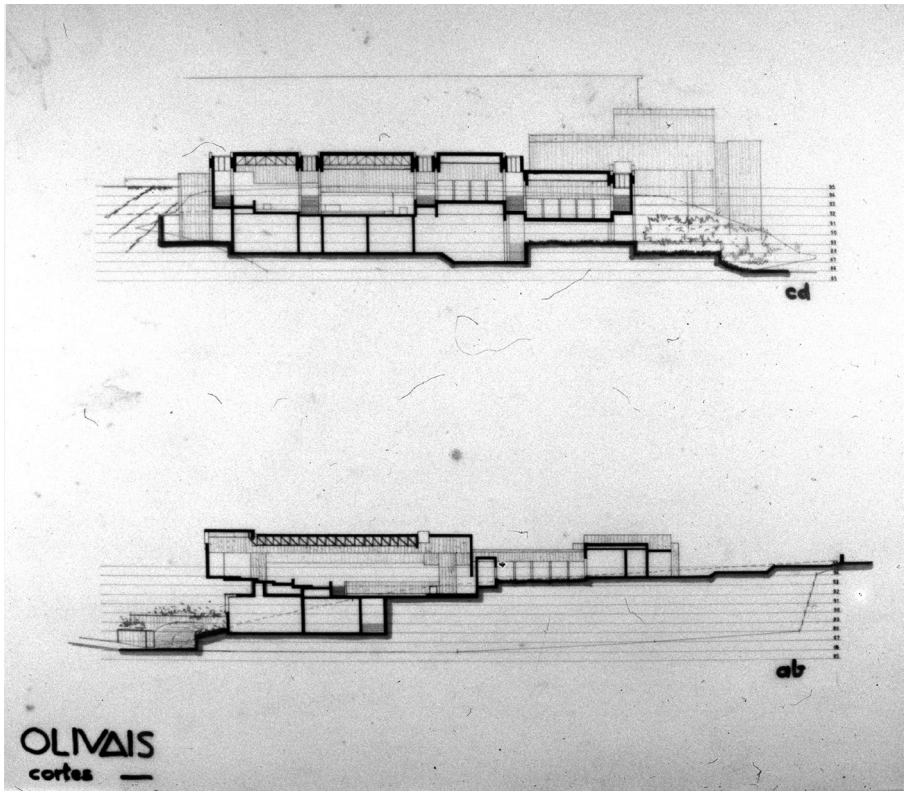




a.

26. Concurso para a nova igreja de Olivais Sul - Pedro Vieira de Almeida (1970) *Arquivo SNIP*
a. Peças desenhadas: plantas, alçados e cortes.





a.

> "(...) não através de uma superficial imagem visual, mas através de uma vivência que parece hoje renascer, e que implica uma não separação entre sagrado e o profano, que implica uma maior responsabilidade conferida não à arquitectura em si, mas aos actos humanos que a vão habitar, que implica um sincretismo dos sentidos (o que conduz à participação) rejeitando um puro visualismo (o que conduz e conduziu, ao espetáculo)."[160]

Perante a indefinição do programa foi valorizada a maleabilidade de utilização proposta, resultante de uma oferta de espaços de dimensões variáveis, com possibilidade de múltiplas articulações, conforme ilustravam os esquemas que acompanham o projecto. Tais combinações possibilitariam a adaptação a diferentes modos de viver, respondendo à evolução ao longo do tempo. Para tal contribuíam os quatro espaços exteriores, "pátios relvados a vários níveis permitindo a reunião de assembleias ao ar livre e a directa ligação com salas ou agrupamentos de salas constituindo-se como prolongamentos das mesmas (...)"[161]. As perspectivas desenhadas, que acompanhavam a proposta submetida a concurso, mostravam a riqueza e o uso potencial destes espaços verdes de dimensão controlada no interior do edifício. O recurso a toldos permitiria uma maior fruição dos pátios exteriores.[162]

> "A micro-cidade no interior de um bairro que se não consegue realizar como cidade, corre no entanto um risco: tornar-se 'ghetto'. De qualquer modo há sempre esse risco ao construir-se uma igreja com seus serviços característicos. Caberá aos seus utentes 'abrir-lhes as portas' recusando o 'ghetto', ou realizar este, se as 'portas se abrirem apenas para alguns'."[163]

Na proposta de Pedro Vieira de Almeida, a franca comunicação dos espaços interiores e exteriores, a par da modelação dos painéis amovíveis e das superfícies envidraçadas, pode facilmente remeter-nos para um universo de influência orientalizante, embora encontremos a sugestão de complementar o interior de espaços de culto com espaços polivalentes e zonas exteriores também em exemplos de igrejas reformadas centro europeias, já na década de 1950.[164] Fruto (ou não) de influências

---

160 Ibid.

161 Almeida, «Memória Descritiva e Justificativa [concurso de esbocetos para a nova Igreja de Olivais-Sul]».

162 Este foi aliás um tema de projecto explorado pelo SNIP para espaços de culto em estâncias de veraneio, conforme testemunha a perspectiva apresentada na Campanha das novas Igrejas em 1972. [SNIP], *Boletim da campanha - novas igrejas do patriarcado*, 1972. [ver cap.3.7]

163 Maurício et al., «Relatório do júri - Concurso de esbocetos para a nova igreja de Olivais Sul».

164 Nomeadamente na Suíça alemã, a igreja reformada de Kornlfeld (Riehen 1958-1964) projectada pelo gabinete Haefeli Moser Steiger, é exemplo da vontade de complementar o espaço celebrativo, com um

internacionais mais ou menos distantes, podemos também ler estes espaços exteriores como uma evolução ou reinterpretação do espaço claustral, agora entendido como espaço de permanência e de uso, para lá da sua função distributiva, como surgiam na proposta de António Lino para as dependências anexas e residências da igreja de S. João de Deus, na igreja de Fernando Távora para a Nazaré, ou na contemporânea igreja da Damaia.

A propósito do atraso na construção da nova igreja de Olivais Sul, cujo licenciamento camarário recuava a 1974, escrevia o pároco ao presidente da Câmara Municipal de Lisboa em 1979:

> "as profundas transformações na vida nacional que nessa altura aconteceram, não possibilitaram levantar a respectiva licença para iniciar a construção do complexo paroquial, cujo dia chegou a estar marcado"[165]

A construção desta obra concebida em 1970 foi apenas iniciada dez anos após a realização do concurso, já na década de 1980. Seguindo inicialmente o projecto de Pedro Vieira de Almeida mas vindo a ser concluída sob coordenação do SNIP, acabando por ser inaugurada a 18 de Abril de 1988.

O desenho dos pátios exteriores para a nova igreja do bairro de Olivais Sul, que surgem no separador deste capítulo, foi publicado no boletim da campanha Novas Igrejas do Patriarcado em 1971, três anos depois da fotografia do interior da capela provisória dos Olivais. O mesmo boletim publicaria em Março de 1974 fotografias da igreja da Damaia, ainda em construção, a para da inaugurada em S. Domingos de Benfica. Lia-se:

> "Há quem ponha em causa, a oportunidade da construção de novas igrejas, em tempos confusos e difíceis como o tempo presente. (...) Há quem diga que nada deve mudar, nem a forma das igrejas nem o modo de as utilizar. Pois discuta-se nesta oportunidade!"[166]

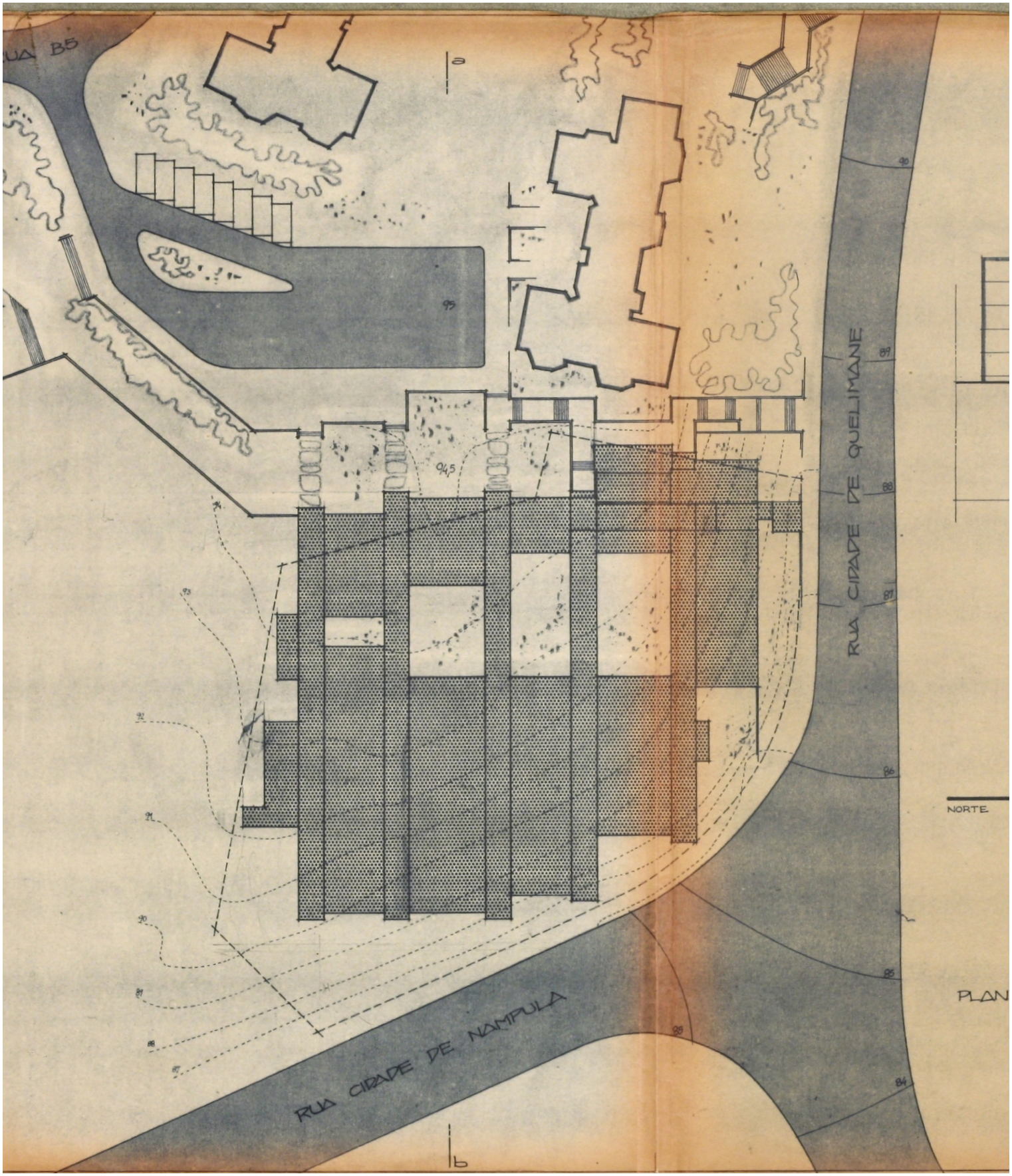
O convite expresso no boletim parece ter encontrado resposta nos dois processos que desenvolvemos ao longo deste sub-capítulo, que como vimos foram objecto de aprofundada reflexão.

---

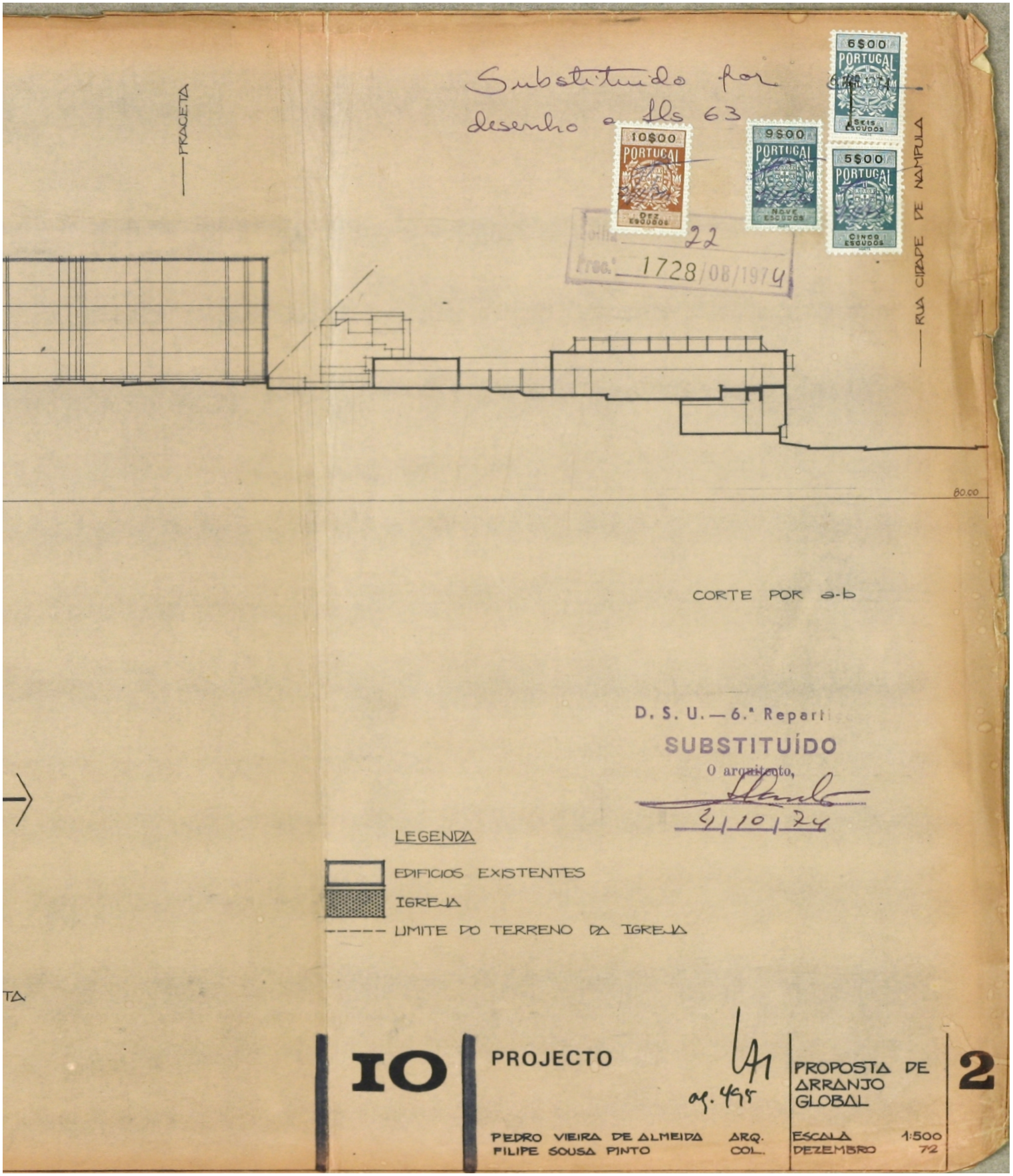
espaço polivalente e a possibilidade de abertura a um espaço exterior.

[165] pe. António Mendes Rocha, «carta dirigida ao presidente da Câmara Municipal de Lisboa», *Arquivo AML*, (30.Mai.1979).

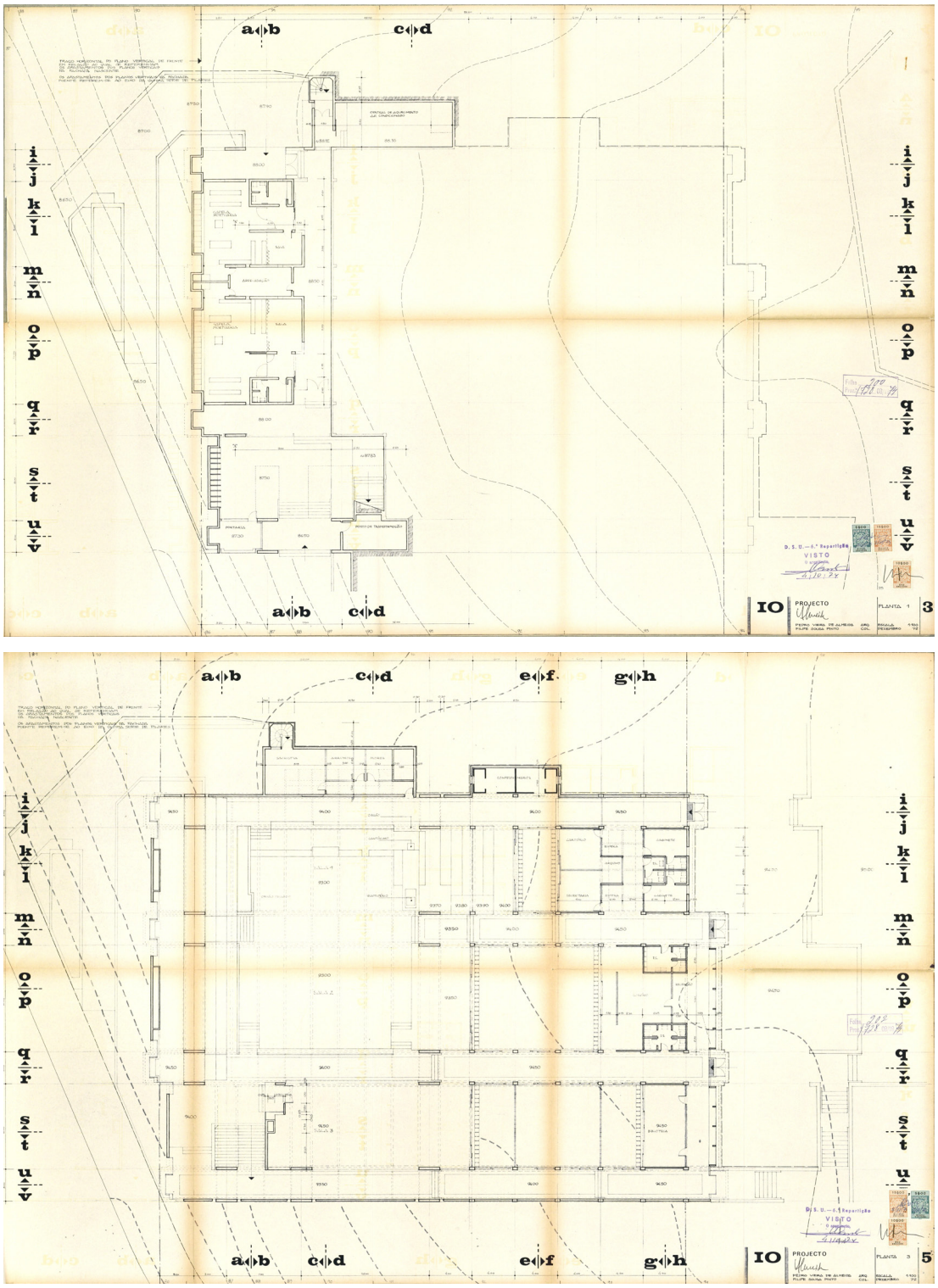
[166] [SNIP], *Boletim da campanha - novas igrejas do patriarcado*, 1974.



27. Igreja de Olivais Sul - Pedro Vieira de Almeida (1974) *Arquivo AML*

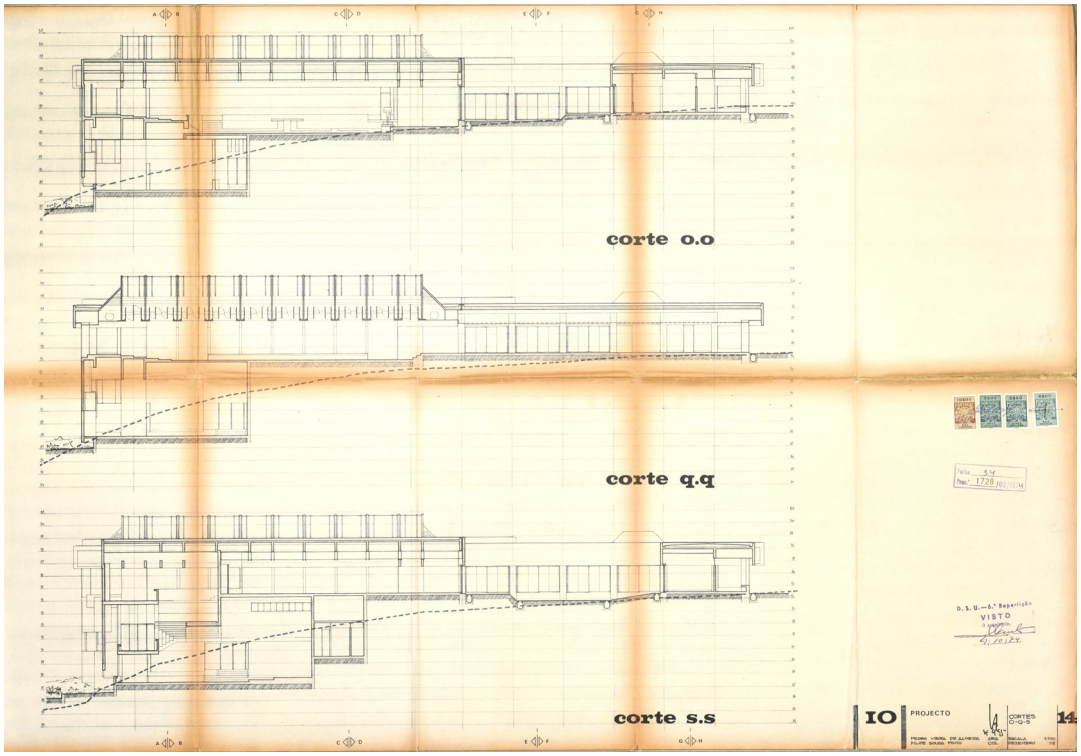

Substituido por desenho a fls 63
PRACETA
RUA CIDADE DE NAMPULA
6$00 PORTUGAL SEIS ESCUDOS
10$00 PORTUGAL DEZ ESCUDOS
9$00 PORTUGAL NOVE ESCUDOS
5$00 PORTUGAL CINCO ESCUDOS
Folha 22
Proc.º 1728/08/1974
80.00
CORTE POR a-b
D. S. U. — 6.ª Reparti
SUBSTITUÍDO
O arquitecto,
4/10/74
LEGENDA
EDIFICIOS EXISTENTES
IGREJA
LIMITE DO TERRENO DA IGREJA
TA
IO
PROJECTO
ag. 495
PROPOSTA DE ARRANJO GLOBAL
2
PEDRO VIEIRA DE ALMEIDA ARQ.
FILIPE SOUSA PINTO COL.
ESCALA 1:500
DEZEMBRO 72

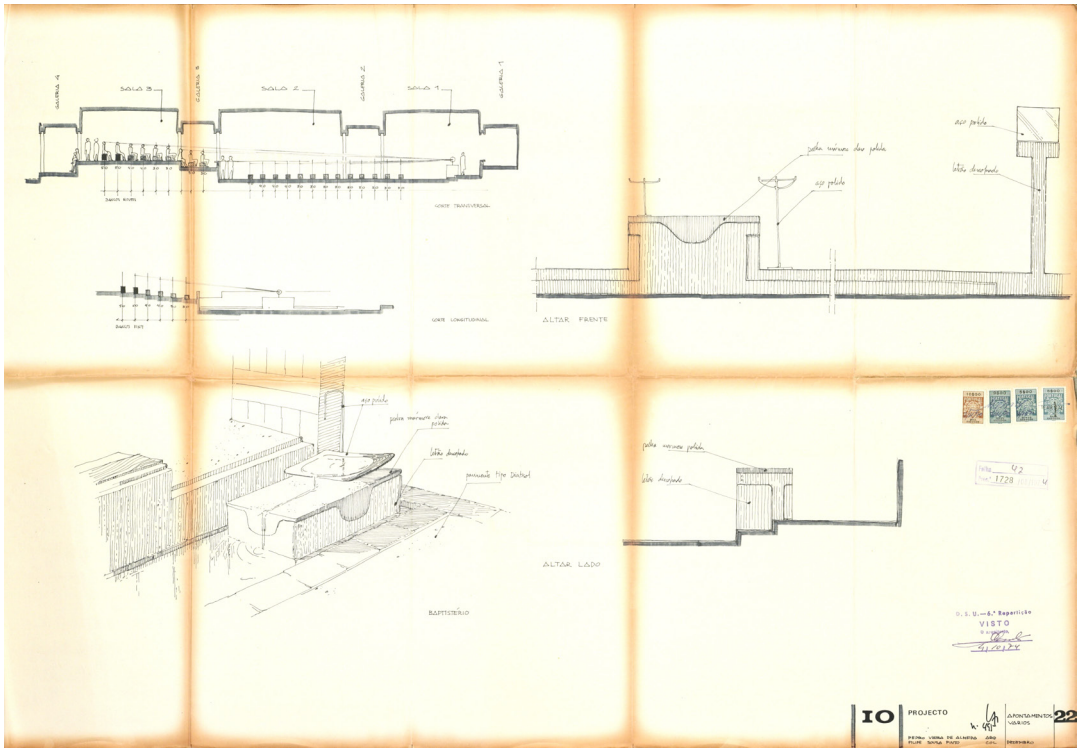
a.



a.

28. Projecto da nova igreja de Olivais Sul - Pedro Vieira de Almeida (1974)
a. Peças desenhadas: plantas, cortes e pormenorização do altar e baptistério.


corte o.o
corte q.q
corte s.s
IO
PROJECTO
CORTES
14

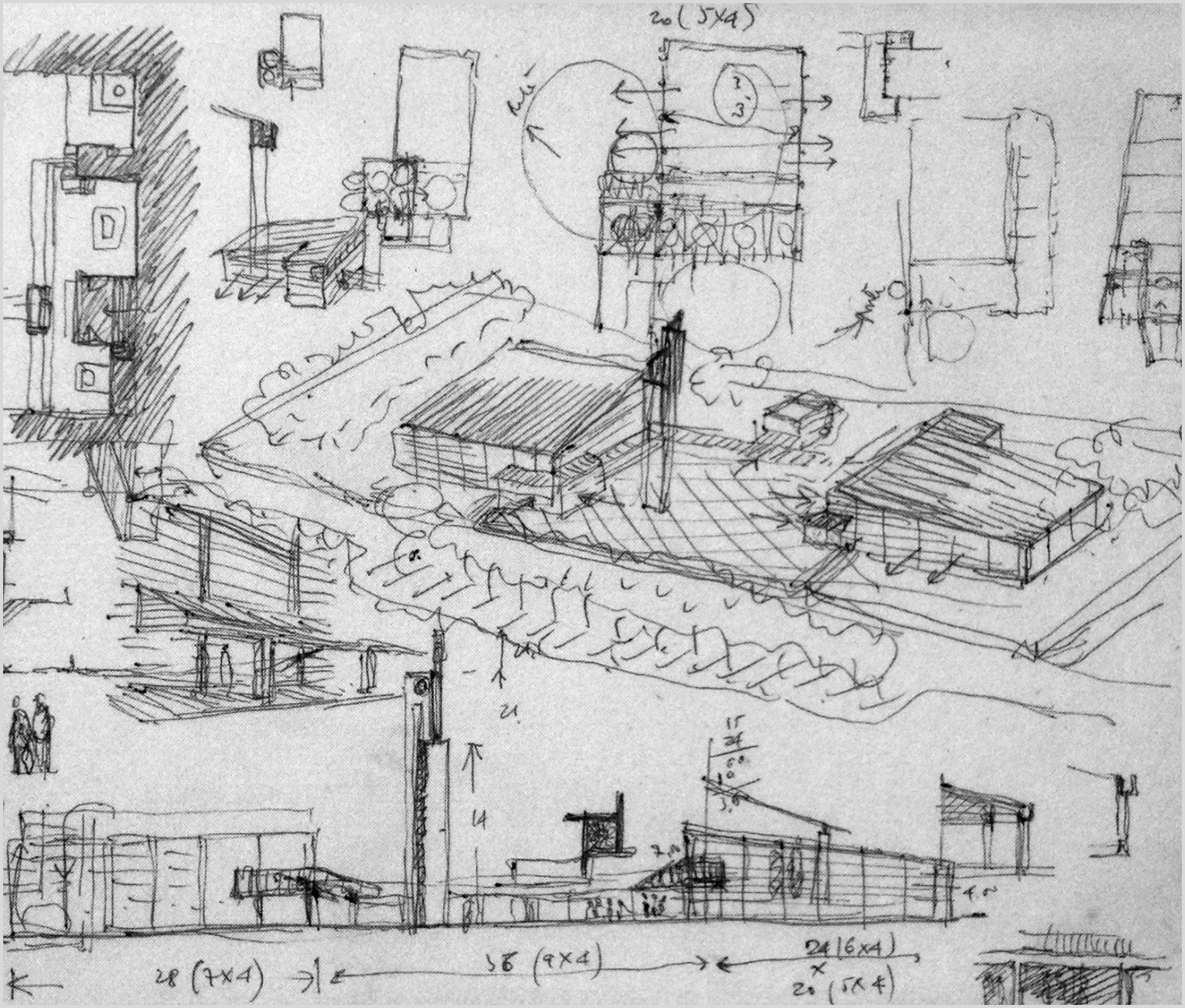

IO
PROJECTO
ALTAR FRENTE
ALTAR LADO
BAPTISTÉRIO
22

a.

Estudo para a igreja de S. João de Ovar (c.1967)
Fernando Távora. Fundação Instituto Marques da Silva

capítulo 5

Escola - Atelier - Igreja e Cidade



Por fim, no capítulo 5 **'Escola – Atelier – Igreja e Cidade'** propomos um olhar em contraponto à experiência de Lisboa, que é objecto do no capítulo anterior. Revisitamos a relação do ensino da arquitectura com a prática profissional no campo da produção religiosa destacando o papel da Escola Belas Artes do Porto, o modo como a renovação do ensino das Artes foi sendo levado a cabo. Mostramos como, em sentido lato, a ESBAP foi lugar de procura e de abertura crítica, mas igualmente lugar de liberdade que se enriquecia com reflexões externas. Tão importante na formação dos jovens arquitectos como os conteúdos ensinados, foi certamente o método de trabalho que, de forma evidente beneficiou da articulação entre os vértices 'Escola – Atelier – Igreja e Cidade'. Este é portanto o mote para abordar projectos académicos, práticas pedagógicas, trabalhos encomendados e o exercício de participação cívica na construção de uma cidade mais justa e humana, sem esquecer as pontes com o debate arquitectónico, nacional e internacional, a partir de momentos dos percursos de nomes pouco reconhecidos no campo da arquitectura religiosa – *Carlos Ramos* (5.1), *Agostinho Ricca* (5.2), *Fernando Távora* (5.3), *Octávio Lixa Filgueiras* (5.4) e *Fernando Abrunhosa de Brito* (5.5).

PERCURSOS

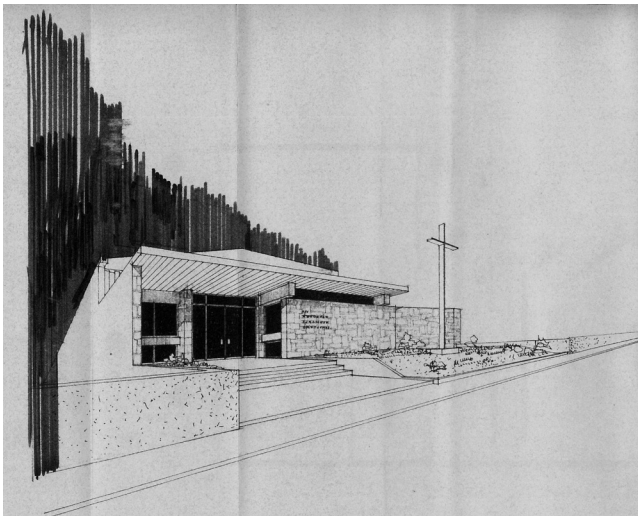
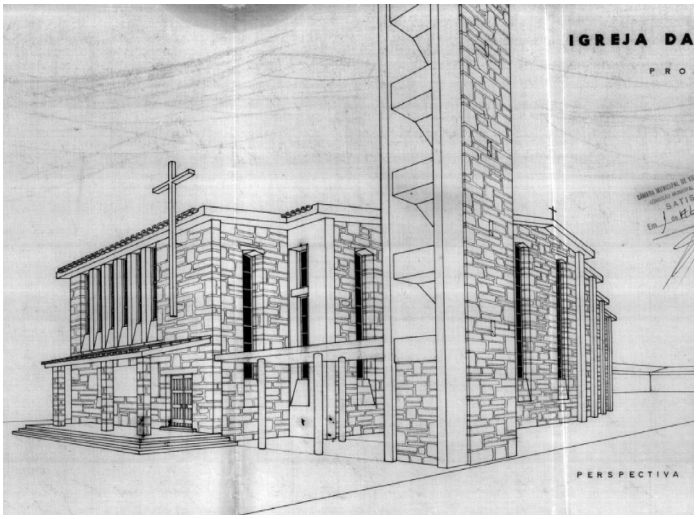
Procuramos neste capítulo revisitar a relação do ensino da arquitectura com a prática profissional no campo da produção religiosa portuguesa da segunda metade do século XX e o modo como nela encontramos o debate dos temas abordados ao longo desta tese.

Num primeiro momento centrámos o olhar na reivindicação duma arte e arquitectura religiosa vivas, ao serviço das comunidades. Essa discussão foi, em Lisboa, polarizada pelas intervenções tanto de arquitectos formados na Escola de Belas Artes de Lisboa e de estudantes dessa escola, como do Patriarcado de Lisboa, vindo a traduzir-se numa verdadeira política de organização territorial e programática que foi acompanhada no Porto, com diferente expressão.

Examinamos agora, em particular, o modo como a renovação foi sendo feita também, em sentido lato, a partir das Belas Artes do Porto, lugar de procura e de abertura crítica, mas igualmente lugar de liberdade que se enriquecia com reflexões externas. No campo particular da arquitectura religiosa, nasceu assim um legado que se perpetuaria na obra de muitos antigos alunos da E(S)BAP de diferentes gerações, tão diverso quanto disperso, com alguns contributos ainda pouco conhecidos, mas que importaria em estudos futuros aprofundar.

Seguir-se-ão leituras pontuais a partir do percurso de um mestre, três discípulos e uma aluno. Trata-se de, respectivamente, do mestre Carlos Ramos (1897-1969), dos seus assistentes Agostinho Ricca (1915-2010), Fernando Távora (1923-2005) e Octávio Lixa Filgueiras (1922-1996) e , por fim, Fernando Abrunhosa de Brito (1934-2016). Os quatro últimos foram todos alunos, arquitectos e professores na E(S)BAP, renovada por Carlos Ramos. Do percurso individual de cada um, enquanto aluno, professor ou profissional, seja em atelier próprio, seja ao serviço da cidade, destacaremos contributos que envolveram, de modo mais ou menos directo, trabalhos para, ou com, a Igreja.

Os contributos destes actores forma de natureza diversas, envolvendo sempre os vértices 'Escola – Atelier – Igreja e Cidade'. Este é portanto o mote para abordar projectos académicos, práticas pedagógicas, trabalhos encomendados e o exercício de participação cívica na construção de uma cidade mais justa e humana sem esquecer as pontes com o debate arquitectónico, nacional e internacional.





1. Diversidade de abordagens à arquitectura religiosa moderna por antigos alunos da E(S)BAP
a. Mário Abreu (Caldas da Saúde - Santo Tirso, 1963-1965) b. António Corte Real (Vila do Conde,1969), c. Manuel Gonçalves (Caxinas - Vila do Conde 1982-1985) d. José Pires Branco (Estreito-Oleiros 1963-1972), e. António José de Brito e Cunha (Rechousa - Vila Nova de Gaia, 1965-1970)




a. b. c. d.




e. f. g. h.





i. j. k. l.

f. Albertino Galvão Roxo (Castelo Branco 1959-1960) g. António Rocha Carneiro (Bustos - Oliveira do Bairro, 1956-1964) h. Albano Seabra Moura (Paus, Matosinhos 1982-1983) i. Fernando Seara (Paradela do Vouga, 1964-1973) j. João Hermenegildo Pestana (Ermesinde, 1964-1977), k. Alfredo Moreira da Silva (Alfena, 1963-1967) l. José Pulido Valente (Lamaçais - Vila Nova de Gaia, 195-).

5.1. Carlos Ramos

Nas décadas de 1950 e 1960, período de reestruturação profunda dos modelos de ensino em que currículos e práticas pedagógicas da escola eram renovados, fizeram-se ali sentir diversas dinâmicas, internacionais e nacionais.[1] São de relevar a participação de alguns professores e alunos nos CIAM, onde é clara a influência do Inquérito à Arquitectura Popular, iniciado em 1955 envolvendo arquitectos de ambas as escolas, assim como o aprofundar do interesse pela sociologia como ferramenta auxiliar de projecto. Tiveram também grande acolhimento as iniciativas do MRAR, com a criação por alunos da ESBAP de um pólo que viria a contribuir para o estreitamento de relações com Lisboa[2].

A afirmação da Escola no contexto da cidade exigia a credibilização – diríamos hoje acreditação – dos seus cursos, para tal convocando no quadro institucional as autoridades públicas, que incluíam naturalmente a hierarquia da Igreja portuense.

Em 1952, Fernando Távora escreveu na revista *Panorama* que o Porto possuía sinais e condições favoráveis que deixavam "entrever possibilidade de uma Arquitectura moderna". [3] Para tal contribuía a Escola, responsável pela formação de futuros profissionais, e a compreensão das entidades públicas e particulares, cujo entendimento

---

1 "O sucesso alcançado pela apresentação e pela edição do 'Inquérito à Arquitectura Popular', trouxera como consequência o natural reforço dos laços de camaradagem com os colegas e os intelectuais mais progressistas de Lisboa.
Daí iriam resultar, igualmente, experiências individuais com reflexos marcantes na vida escolar – como o das equipas de apoio ao sector das Habitações Económicas da Federação das Caixas de Previdência; o aprofundamento da problemática da Habitação Social – de que o Colóquio realizado em Lisboa em princípio de 1959 marca a influência de Chombart de Lauwe patente em ulteriores orientações da formação dos alunos de Arquitectura; os contactos com o MRAR; o próprio relacionamento entre cine-clubes, a renovação do Sindicato Nacional dos Arquitectos/ Secção Regional do Norte, cuja Direcção acabou por fazer as suas reuniões na Escola; e tantos outros exemplos se poderiam juntar (...)"
Octávio Lixa Filgueiras, «A escola do Porto 1940/69», em *Carlos Ramos, exposição retrospectiva da sua obra* (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986), p.s/n.

2 "Os encontros realizavam-se em minha casa, que era muito central, ou em locais das paróquias, como salões paroquiais. Também aconteceram na ESBAP. Alguns ainda estavam a fazer o curso. Eu tinha boas relações com o diretor, o arquiteto Carlos Ramos, e após concluir o curso continuei a frequentar a Escola. Também houve reuniões no atelier do Távora. O grupo tinha elementos menos estáveis. Os estáveis eram uns dez. Pessoas que participaram no grupo do Porto: Siza Vieira – por convite e insistência minha – , Carlos Alberto Carvalho Dias, Maria Luísa Marinho Leite, José Grave – escultor que depois colaborou na igreja dos dominicanos de Fátima."
Luiz Cunha, «Depoimento (Fev.-Abr.2009)», em *MRAR e os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal no século XX [Volume II - anexos] de João Alves da Cunha* (Lisboa, 2014), p.88.

3 Fernando Távora, «O Porto e a Arquitectura moderna», *Panorama - revista portuguesa de arte e turismo*, II série, nº4, 1952, p.s/n.

se materializava de diversas formas, fossem elas uma "solução urbanística que permite ou impõe uma solução arquitectónica satisfatória" ou a "necessidade de uma construção de interesse público que o Município não hesita em realizar de acordo com a vida da Cidade, sem preconceitos de qualquer ordem".[4]

> "Arquitectura contemporânea é toda aquela que se realiza no nosso tempo; Arquitectura moderna é toda aquela que, sendo contemporânea, se realiza de acordo como o nosso tempo. (...) Erra quem tenta definir Arquitectura moderna como aquela que se traduz por uma forma, um processo técnico ou um programa. Tal definição não tem sentido. Os homens são diferentes no espaço e no tempo, diferentes condições físicas. A arquitectura moderna não é um estilo, mas o resultado de uma atitude."[5]

Neste contexto, deve relevar-se o papel de Carlos Ramos, figura ímpar e líder na reestruturação da ESBAP – o mestre Ramos que "recolhia para a Casa-Mãe muitos dos dividendos das valências pessoais (ou de grupo) de quantos se envolviam nessas múltiplas actividades, que ele próprio, tantas vezes, partilhava". De facto ao longo do período que esteve na direcção da escola mudaria o

> "(...) conceito de Escola/Oficina: ultrapassara a visão do super–atelier de patronato burguês, e aceitara a ideia de Escola-orientada-para-a-prestação-de-serviços-à-Comunidade, a verdadeira Escola-Oficina dos 'não génios', a anti-'escola de estilos', capaz de formar cidadãos-profissionais bem apetrechados para enfrentar desafios das carências de um país pobríssimo como o nosso, às voltas com uma guerra desgastante, e com um duvidoso processo de sucessão política em carteira."[6]

A "criação de um espaço livre, incentivador da ação de outros" resultou da visão de Carlos Ramos que soube "olhar e congregar à sua volta homens de diferentes gerações, chamando-os para a Escola. Se o seu axial objetivo era construir uma escola de pessoas, a sua maior herança encontra-se no sentido de escola que transmite aos seus discípulos"[7] que, como referimos, nos deixaram um legado significativo, também no campo da arquitectura religiosa.

---

[4] Ibid.

[5] Ibid.

[6] Octávio Lixa Filgueiras, «A escola do Porto 1940/69», em *Carlos Ramos, exposição retrospectiva da sua obra* (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986), p.s/n.

[7] Bárbara Coutinho, «Carlos Ramos», *Instituto Camões*, sem data.



a.

2. Boletim da Escola Superior de Belas Artes do Porto (1951-1952 e 1952-1953)
a. Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea e projectos para a Capela da Afurada

5.1.1. II Exposição Magna ESBAP (Out.1953)

> "Mestre Carlos Ramos, que se mostra contrário ao 'tipismo' ao tipo fixo, invariável, procura desenvolver nos rapazes da Escola, quase todos homens feitos, o sentimento de personalidade. Cada um apresenta-se como é.
> E consciente da sua liberdade bem orientada cada vez se afeiçoa mais à Escola.
> (...) [N]a escola de Belas-Artes trabalha-se em grande ritmo e trabalha-se bem. E as portas (...) não se fecham – abrem-se generosa, francamente."[8]

Foram estas as palavras utilizadas pelo jornalista do *Diário do Norte* (Ago.1953), para descrever o novo director da ESBAP, num artigo dedicado à participação dos alunos do curso de Arquitectura no concurso internacional da Bienal de S. Paulo. O concurso colocava o desafio de projectar um centro cívico para unidade residencial de 10000 habitantes, aproximando os alunos da ESBAP e da ESBAL, convidados a nele participar, ao debate internacional em torno da organização de novas comunidades e das suas centralidades. O ponto de partida para a realização dos trabalhos em equipa fora, na ESBAP, o programa das unidades residenciais que estavam em curso na cidade.[9] Esta notícia do jornal antecipava a inauguração da II Exposição Magna (Out.1953), onde pela primeira vez se reuniriam os trabalhos do ano transacto "dando assim a conhecer a seu tempo e publicamente, o produto das actividades profissionais e escolares de mestres e alunos"[10] – conforme seria recordado no boletim da ESBAP *Arte Portuguesa.* Esta publicação, contrariamente aos catálogos das Exposições Magnas, era profusamente ilustrada com as fotografias dos trabalhos realizados na escola, assim como das diferentes iniciativas ali desenvolvidas. No 2º e 3º número do boletim dedicado aos anos lectivos 1951-1952 e 1952-1953, coordenado por Eduardo Bairrada e Luiz Cunha, mereceram destaque, por exemplo, o trabalho de Rui Pimentel e Augusto Amaral levado à Bienal de S. Paulo, cujo painel reproduzido nos permite identificar a integração de uma igreja no projecto do centro cívico. Mais significativo, e de maior implicação no

---

[8] «Escola de Belas-Artes do Porto concorre à Bienal de S. Paulo», *Diário do Norte*, (13.Ago.1953), p.6.

[9] O trabalho selecionado para a representação da escola na Bienal de S. Paulo foi desenvolvido por Rui Pimentel e Augusto Amaral. Na II Exposição Magna da ESBAP foram também apresentados outros trabalhos realizados no mesmo âmbito, destacamos o nome de alguns alunos que têm sido mencionados ao longo da tese: Barbosa de Abreu, Manuel d'Ávila, Arnaldo Araújo, Fernando Condesso.
II Exposição Magna da Escola Superior de Belas Artes do Porto (Porto: Ministério da Educação Nacional, Direcção Geral do Ensino Superior das Belas Artes, 1953), p.8.

[10] [do catálogo da II Exposição Magna (discurso 15.Out.1952)], em *Arte Portuguesa. Boletim da Escola Superior de Belas Artes do Porto*, nº2 e 3, 1954, p.5.





a. b.



c.

3. Capela da Afurada (1954-1955)

a. b. Benção da 1ª pedra (22.Abr.1954). *Arquivo AMG e FML-TR*

Cerimónia presidida por D. António Ferreira Gomes no armazém existente, que seria alvo de remodelação.

Apresentação pública da maquete de Fernando Seara, Pádua Ramos, Ferreira dos Santos e Luiz Cunha alunos da ESBAP.

c. Elevação do tramo central da Ponte da Arrábida (Jul.1961). *Arquivo JN*

Ao fundo o armazém convertido em capela, integrado no seu contexto edificado ainda próximo da situação original.

campo da arquitectura religiosa, foi o destaque dado no boletim à Exposição da Arquitectura Religiosa Contemporânea, cujo conteúdo abordámos no primeiro capítulo desta tese. A exposição itinerante seguira da galeria anexa à igreja de S. Nicolau (Lisboa) para a ESBAP – lugar de formação de arquitectos, pintores e escultores – onde foi apresentada em segundo lugar, entre 13 e 28 de Junho de 1953.

> "Esta exposição não se limita a apresentar trabalhos. Vai mais longe: critica. (...) Não com a pretensão de solucionar o problema da arquitectura religiosa dos nossos dias, mas de o equacionar, tomando para tal nítida consciência dos seus dados e da acuidade com que ele se põe entre nós.
> E isto fazem-no estruturados na observação e análise da viva tradição – tantas vezes evocada, mas nada seguida, e muito menos respeitada."[11]

Estas palavras, retiradas do catálogo da EARC e publicadas no boletim da ESBAP, testemunham bem o interesse suscitado por aquela exposição. A crítica inerente à exposição encontrava acolhimento no espaço da escola que a alimentava em nome da defesa da autonomia do ensino. Naquele período a escola não estava, de forma alguma, à margem do debate da arquitectura religiosa. Ao mesmo tempo que era apresentada a exposição ali decorriam trabalhos para uma nova capela de serviço à comunidade de S. Pedro da Afurada, elevada a paróquia em Fevereiro de 1952, por decisão de D. Agostinho de Jesus e Sousa.

Afurada

O trabalho, lançado na ESBAP em Junho de 1953, para além de proporcionar o contacto com uma encomenda real que reflectia as transformações urbanas em curso naquela povoação, alimentava o debate e a pesquisa de novas soluções para a arquitectura religiosa.

> "Verificado o seu estado de ruína [da antiga capela de S.Pedro] e condenada a sua localização pelo plano regulador daquele aglomerado piscatório, houve que pensar na sua transferência e na possibilidade de adaptar, para o efeito, um velho barracão que serviu de fábrica, situado nas proximidades da Casa e Bairro dos Pescadores, junto do Rio Douro, na sua margem esquerda.
> Problema económica, funcional, estética e tecnicamente complexo, serviu para por à prova a preparação dos alunos finalistas do Curso Especial de Arquitectura, em número aproximado de 50."[12]

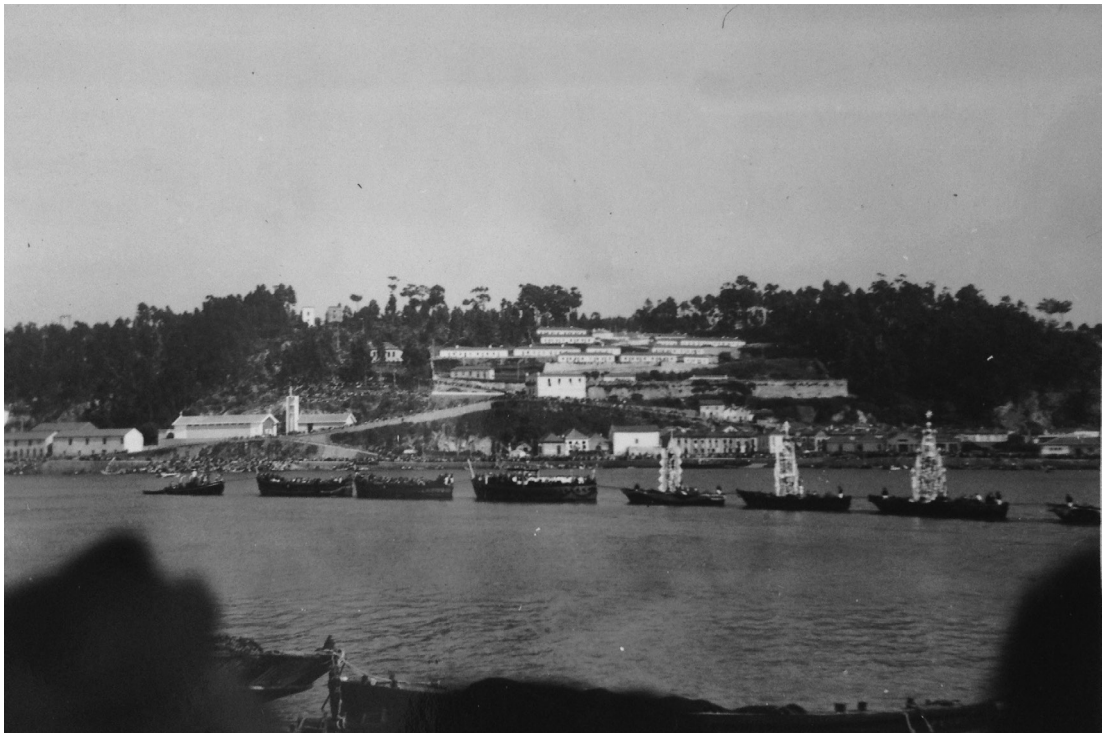
---

[11] «Arquitectura Religiosa Contemporânea», *Arte Portuguesa. Boletim da Escola Superior de Belas Artes do Porto*, nº2 e 3 [1951-1952 e 1952-1953] (1954), p11.

[12] Filgueiras, «A escola do Porto 1940/69», p.s/n.



a. b.



c.

4. Capela da Afurada (1954-1955) *Espólio FS*
a. Visita de Fernando Seara à obra da capela.
b. Oficina do escultor Altino Maia, autor das imagens.
c. Procissão fluvial na inauguração da capela (10.Jul.1955).
Vê-se a antiga capela junto ao rio e, à cota alta, a sede da Casa dos Pescadores e o bairro General Craveiro Lopes.

A expansão do aglomerado da Afurada na encosta sobranceira à povoação ribeirinha, impulsionada por construções da Casa dos Pescadores, contribuiu para a descentralização da vida do aglomerado – vejam-se a localização da sede desta organização construída a meia encosta entre 1946 e 1947 e o bairro General Craveiro Lopes, iniciado no ano de 1947, mas só inaugurado em Maio de 1952. O 'velho barracão', encaixado na encosta e integrado num conjunto de armazéns, entretanto desparecido[13], situado à ilharga da povoação, acolheria a capela e o salão paroquial, sendo servido pela estrada que articulava as duas cotas.

> "Distinguindo-se das obras anteriormente promovidas pela Junta das Casas dos Pescadores, inspiradas no movimento corporativo e no quadro ideológico do regime, o projecto da nova igreja reclama-se de uma modernidade alternativa à do movimento moderno, porém formada no quadro de rupturas por este instaurado. (...) A modernidade do projecto inscreve-se na ideia da apropriação de um armazém e na intenção de fazer uma obra de simplicidade e despojamento. Seguindo a natureza da construção aproveitada, qual *palheiro da oração* – numa expressão atribuída às casas de oração das ordens mendicantes – , a nova igreja evidencia o 'espírito' do tempo presente da sua realização, ao recuperar, sem mudar substantivamente, a forma do edifício que tinha sido armazém e fábrica."[14]

O exercício trazido para a escola foi objecto de trabalho individual na prova escolar de emulação do 4º ano do Curso Especial de Arquitectura (ano lectivo 1952-1953), tendo integrado a II Exposição Magna da Escola.[15] As propostas iam naturalmente ao encontro dos valores da pureza, verdade, pobreza e paz reclamados pelos jovens organizadores da Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea, sendo a prova um laboratório da pesquisa em torno desses valores. E a modernidade estava mais nessa pesquisa do que propriamente no desenho das formas, que eram bastante condicionadas. Se nos recordarmos dos trabalhos realizados em Portugal que constavam da exposição, apercebemo-nos da radicalidade do desafio proposto aos alunos.

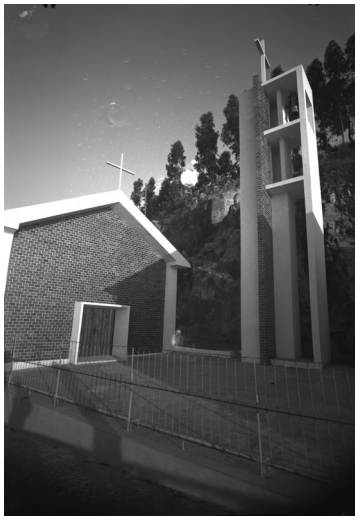
> "(...) [S]em prejuízo da ética profissional que lhe cumpre também respeitar, a Escola Superior de Belas Artes não ultrapassa os limites do reconhecimento que

---

[13] O velho barracão fora em tempos parte de uma fábrica de guano. Em meados da década de 1950 era propriedade da Junta das Casas dos Pescadores. Os restantes armazéns vizinhos, ainda identificados em fotografias da década de 1960, acabariam por ser desmantelados.

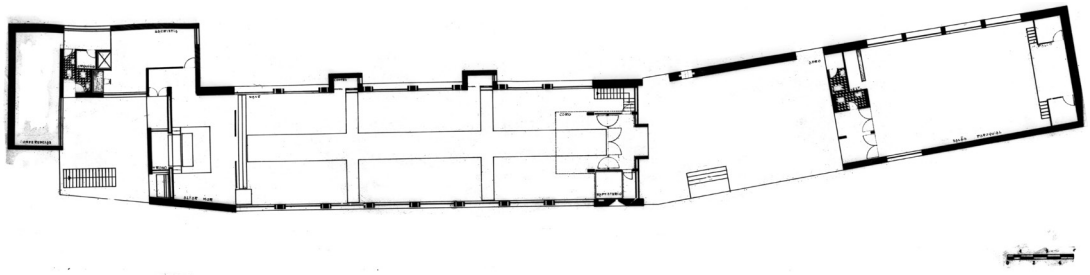
[14] Marta Oliveira, *Elementos da forma urbana da Afurada*, 2002, p.63.

[15] Foram expostos os trabalhos dos seguintes alunos: Alfredo Carlos Villares Braga, Eduardo Bairrada, Fernando Seara, Ferreira dos Santos, Gama Pimentel, José Nogueira, Luiz Cunha e Pádua Ramos.
Cf. *II Exposição Magna da Escola Superior de Belas Artes do Porto* (Porto: Ministério da Educação Nacional, Direcção Geral do Ensino Superior das Belas Artes, 1953), pp.9-10.





a. b.



c.

Porto, 4 de Agosto de 1955

Exmo. Sr. Mestre Carlos Ramos
Muito Ilustre Director da Escola de Belas Artes, Porto

Excelentíssimo Senhor
Passado o período febril da inauguração da Igreja de São Pedro de Afurada, muito me apraz agradecer a V. Exª. a preciosa colaboração e ajuda com que V. Exª., com alto espírito de grande artista, penetrou no processo das ideias e do arranjo daquela Obra, que passando acima das palavras da crítica, ficará a atestar um notável avanço na arquitectura litúrgica e religiosa.
Principalmente ei, devo a V. Exª. o meu sincero agradecimento pela grande gentileza com que V. Exª nos abriu os braços à ideia do projecto gratuito daquela Obra e pela forma inteligente e graciosa como foi executada.
Aos meus votos de que Deus lhe pague, junto os agradecimentos da Comissão Fabriqueira da construção da Igreja, pedindo a V. Exª. se digne transmitir aos senhores arquitectos Fernando Seara, Pádua Ramos, Ferreira dos Santos e Luiz Cunha, mas especialmente ao primeiro, o mais profundo sentimento de gratidão da referida Comissão e de todo o povo da Afurada pela caridade, pelo carinho e pela paciência como orientaram e dirigiram a construção da Igreja, que ficará a ser o escrínio da fé, da beleza e da esperança, na simplicidade e na calma, daquela humilde póvoa de pescadores.
A Bem da Nação
O Presidente da Casa dos Pescadores e Presidente da Comissão fabriqueira da Igreja da Afurada,
João Pais Baptista Carvalho cap. m. g.

5. Capela da Afurada (1954-1955) *Arquivo FML-TR*
a. Adro com torre sineira
b. Vista do interior.
b. Planta.

deve às Autoridades Civis, Militares e Eclesiásticas da cidade, por seus estímulos, atenções e até sugestões, algumas das quais já consideradas (...)"[16]

Graças ao entendimento das diversas entidades envolvidas – Junta da Casa dos Pescadores, Diocese do Porto e ESBAP – foi posteriormente desenvolvido um estudo em equipa, por alunos cujos trabalhos partilhavam a "humilde expressão plástica, sempre tão difícil de conseguir"[17], conforme escreveria Octávio Lixa Filgueiras recordando o exercício lançado por Carlos Ramos. Fernando Seara, Luiz Cunha, Pádua Ramos e Fernando Ferreira dos Santos foram os alunos selecionados, tendo o trabalho conjunto integrado a IV Exposição Magna em 1955. Para Fernando Seara, que coordenou o projecto, e Luiz Cunha, este trabalho seria a primeira de muitas encomendas no campo da arquitectura religiosa. D. António Ferreira Gomes, que visitara a exposição dos trabalhos na ESBAP, presidiu em Abril de 1954, no próprio armazém, ao lançamento simbólico da 1ª pedra, estando ali exposta a maquete da nova solução.

A torre sineira proposta deveria ser implantada sobre o afloramento granítico que limitava o espaço de adro entre as duas partes constituintes do programa litúrgico e pastoral: capela, cartório e sala de reuniões (a nascente), e salão paroquial (a poente). A torre separada acabaria por ser edificada à cota do adro e junto à encosta, perdendo alguma importância enquanto marco territorial na entrada do rio Douro. Na solução inicial a torre assumia maior protagonismo na paisagem, pontuando a modesta intervenção cuja "solução de um pragmatismo eficiente e de uma agreste simplicidade" respeitou e permaneceu "fiel à origem do corpo edificado que aproveitou"[18].

Seguindo o 'pacto das três artes' que Carlos Ramos defendera para a escola, a unidade de conjunto estender-se-ia também ao projecto de escultura: as novas imagens da capela foram encomendadas ao escultor Altino Maia, antigo aluno da ESBAP, por sugestão do próprio director[19], que reconheceria os bons "resultados daquela íntima e

---

16 Carlos Ramos, «Exposições Magnas (discurso 29.Out.1955)», em *IV Exposição Magna da Escola Superior das Belas Artes do Porto* (Porto: Ministério da Educação Nacional Direcção Geral do Ensino Superior das Belas Artes, 1955), p.8.

17 Filgueiras, «A escola do Porto 1940/69», p.s/n.

18 Oliveira, *Elementos da forma urbana da Afurada*, p.64.

19 "(...) não era possível fazer transferir do antigo para o novo Templo, de características bem diferentes, qualquer das imagens naquela existentes, sob pena de vermos perdido todo o esforço em manter as maiores unidade e dignidade possíveis no conjunto agora projectado e de que sou – muito gostosamente o afirmo – responsável."

inteligente colaboração"[20]. A novidade do projecto, idealizado a partir da escola, não deixaria porém de causar estranheza à comunidade, que com alguma desconfiança não aderiu de imediato à obra.

> "Atravessamos, no início dos trabalhos e particularmente quando da apreciação do respectivo projecto, um período delicado e amargo que a compreensão e a firmeza de Sua Excelência Reverendíssima o Senhor Bispo do Porto, D. António Ferreira Gomes, a par da confiança e do reconhecimento da Comissão Fabriqueira da Nova Igreja da Afurada em breve nos fizeram esquecer."[21]

Contudo, apesar das opiniões divergentes a nova igreja acabaria por ser construída e, em 1955, as modernas e incompreendidas imagens seguiram do cais da Ribeira até Afurada, em popular e animada procissão fluvial, com o bispo e demais entidades envolvidas na cerimónia de inauguração.[22]

Ainda que muito cara à população piscatória da baixa da Afurada, a capela de S. Pedro, que funcionara como sede paroquial até à inauguração da nova igreja, acabaria por ser demolida em 1969, não tendo sido reconstruída segundo o projecto de 1963 de Fernando Seara. [23] A construção da nova igreja nunca apagaria porém o sentimento de perda daquele antigo lugar de culto.[24]

Os episódios aqui relatados tornam evidente a importância dos trabalhos de natureza religiosa nos primeiros anos de Carlos Ramos à frente da ESBAP. A novidade do projecto da capela da Afurada[25] e a dinâmica de Carlos Ramos mereceram cobertura na imprensa regional, mas também nacional.

Carlos Ramos, «Carta dirigida ao Senhor Abade da Freguesia de São Pedro da Afurada [pe. Joaquim de Araújo]», *arquivo ESBAP*, (18.Mar.1955).

[20] Carlos Ramos, «Exposições Magnas (discurso 29.Out.1955)», p.5.

[21] Ibid., pp.5-6.

[22] Cf. Joaquim Araújo, *História da Afurada* (Junta de Freguesia de S. Pedro da Afurada, 1992), pp.103-116.

[23] "Procuramos uma renovação da velha capela compatível com a sua posição geográfica, atendendo ainda a razões de ordem económica e psicológica. Assim, mantendo as linhas da construção existente, procurarmos um conjunto harmonioso que exprimisse numa linguagem simples, a verdade e pureza próprias de uma arquitectura autêntica, sem decorações ou simbolismos."
Fernando Seara, «Memória descritiva [reconstrução da Capela da Afurada]», *Arquivo ADP*, (14.Set.1963), p.1.

[24] O estudo prévio do plano de pormenor da Afurada (integrado no Plano Polis), apresentado em 2002 por Alexandre Alves Costa e Sergio Fernandez, procurou definir uma nova centralidade, a sul da povoação. Junto à escola primária, junta de freguesia e mercado, seria também reclamado um lugar para uma nova igreja, cujo projecto veio a ser desenvolvido por Álvaro Siza.

[25] Fernando Seara referiu, em conversa privada, que Carlos Ramos procurou divulgar os trabalhos realizados na escola. As fotografias da capela da Afurada, de Teófilo Rego, terão sido encomendadas para integrarem uma exposição de arquitectura nos Estados Unidos da América, no final da década de 1950.

Barredo

Carlos Carvalho Dias, então estudante de arquitectura da ESBAP, publicaria um artigo da revista *Flama* dedicado à II Exposição Magna. Para além de recordar a exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea que naquele ano fora apresentada na escola, destacou os trabalhos da Capela da Afurada e ainda um outro trabalho apresentado naquela exposição:

> "Chamou-me também fortemente a atenção um estudo (...) sobre as condições de habitação do bairro do Barredo. Foram três jovens que o fizeram. Várias vezes se deslocaram a esse verdadeiro cancro, fazendo estudo pleno de interesse mas aterrador, mostrando-nos um pouco do que aquilo é. De como se lá vive. Quartos com o 'pé-direito' de 1,80m! Vivendo um formigueiro de gente lá dentro! Onde está a luz? Onde está o ar? Ah padre Américo, padre Américo, como me lembrei de si!
> Lá aparecia, em esquema, a inevitável comparação com os 2,26m que Le Corbusier preconizou e empregou no seu tão discutido bloco de Marselha, procurando resolver este gravíssimo problema social."[26]

Apesar da importância deste pioneiro trabalho de inquérito no Barredo, promovido e idealizado por Carlos Ramos, "feito paralelamente, e apenas com um fim comparativo à resolução do trabalho 'Habitações Unifamiliares Mínimas'"[27], ele não integrou o boletim *Arte Portuguesa* publicado na ESBAP naquele ano. Ainda que no artigo da revista *Flama* Carvalho Dias tenha ocultado a autoria do estudo, o catálogo da II Exposição Magna permitiu-nos identificar a equipa constituída pelos alunos Luiz Cunha, Fernando Seara e Villares Braga[28], os dois primeiros responsáveis pela continuidade do trabalho da capela da Afurada – um trabalho pautado pelo contacto directo com a comunidade.

A situação particular do Barredo denunciada naqueles painéis expostos na Magna de 1953, como resultado da experiência directa dos alunos naquela dura e miserável realidade social foi documentada sob diversos tipos de registos – a fotografia, o desenho aguado, a perspectiva a caneta – complementados por levantamentos de plantas e

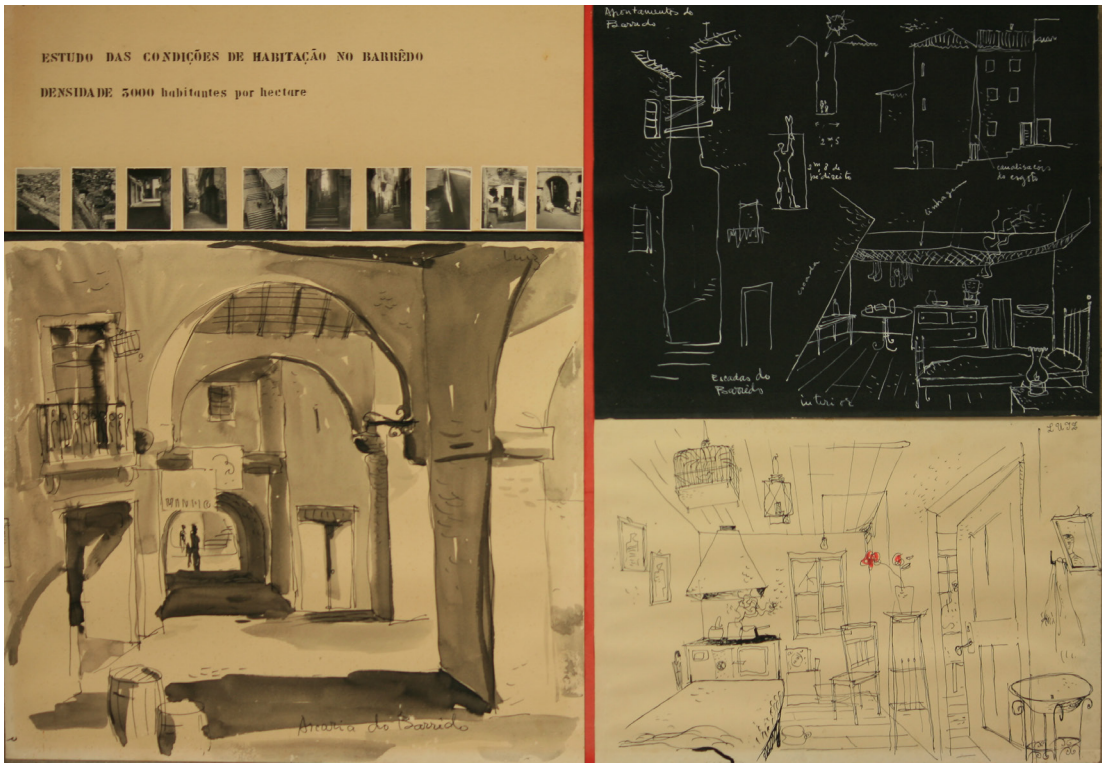
---

Não foi possível apurar de que exposição se tratava.

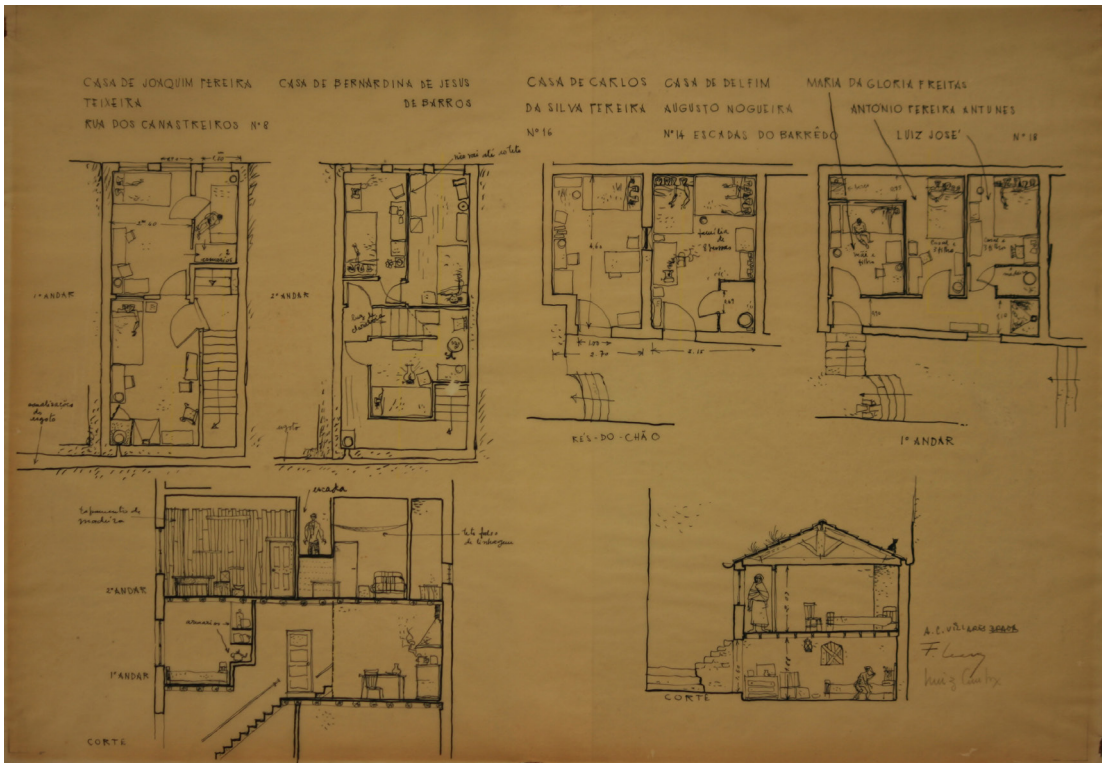
[26] Carlos Carvalho Dias, «A II Exposição Magna da Escola Superior de Belas Artes do Porto», *Flama revista semanal de actualidade*, anoX, nº297, (13.Nov.1953), p.11.

[27] Ibid. p.11.

[28] *II Exposição Magna da Escola Superior de Belas Artes do Porto*, p.11.



a.



b.

6. Estudo das condições de habitação no Barredo (1952-1953) *Arquivo ISCTE-IUL*
a. b. Painéis apresentados na II Exposição Magna da ESBAP.
Trabalho de inquérito realizado em grupo, peloas alunos Luiz Cunha, Fernando Seara e Villares Braga.

cortes, profundamente habitados.[29] O tema e o método utilizados antecipavam em aproximadamente dez anos a prática pedagógica consolidada pelas 'operações - inquéritos urbanos' de Octávio Lixa Filgueiras, realizadas no âmbito das "Arquitecturas Analíticas", criadas pela Reforma de 1957.[30]

Os dois trabalhos aqui descritos, Afurada e Barredo, iniciados praticamente logo que Carlos Ramos assume a Direcção da ESBAP, ilustram a convergência de interesses em torno dos problemas da Cidade. As preocupações da Escola na formação dos seus alunos e futuros profissionais, encontrando porventura estímulo na chamada de atenção de vozes da Igreja, leva à participação dos jovens formandos, quer no levantamento de problemas (Barredo), quer na procura de soluções (Afurada). Não se trata de episódios localizados no tempo e sem continuidade, mas do arrancar de uma dinâmica que se prolonga por cerca de três décadas – vejam-se as práticas pedagógicas e profissionais dos discípulos de Carlos Ramos, em particular, Octávio Lixa Filgueiras e Fernando Távora.

5.1.2. Exposição de homenagem a Marques da Silva (Dez.1953)

Em Dezembro de 1953 acolheu a ESBAP a homenagem a "Marques da Silva: exposição conjunta das principais obras do mestre e de alguns dos seu discípulos", fruto da dinâmica cultural da escola naquele período. José Marques da Silva professor de arquitectura civil na Academia Portuense de Belas Artes, foi durante vinte anos director da EBAP exercendo funções até atingir o limite de idade (1919-1939), um ano antes da chegada de Carlos Ramos à escola, em Outubro de 1940.

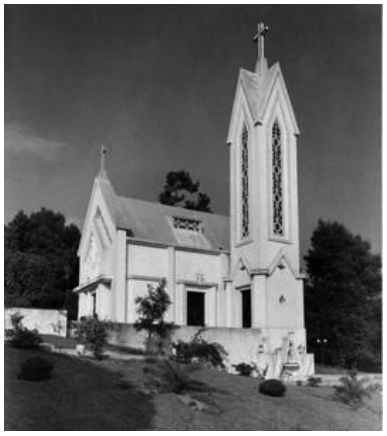
---

[29] A identificação dos painéis 'Barredo' apresentados na II Exposição Magna foi possível graças à colaboração do arq. Paulo Miranda, responsável pela inventariação do espólio de Luiz Cunha doado ao ISCTE-IUL em 2004.
Cf. Paulo Miranda, «Luiz Cunha, arquitecto artista. A utopia e o desenho na arquitectura» (Faculdade de Arquitectura - Universidade Técnica de Lisboa, investigação de doutoramento em curso).

[30] "Este programa pedagógico é sustentado nas metodologias analíticas e nas grelhas de observação, análise, registo e interpretação da Arquitectura na sua interacção com o Homem e com o Meio. Esta metodologia decorre da experiência de Filgueiras como coordenador da zona de Trás-os-Montes no Inquérito à Arquitectura Popular e da sua participação no Grupo CIAM Porto."
Gonçalo Canto Moniz, «O Ensino Moderno da Arquitectura - a Reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)» (Universidade de Coimbra, 2011), p.484.







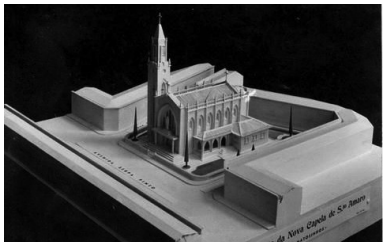
a. b. c.



f.



d.



e.

"São de aceitar os erros, as faltas, as demoras, nesta elaboração
de uma Arquitectura melhor; uma coisa, porém, não é de admitir:
a falta de persistência, de esforço constante por acertar,
de procura de uma exacta relação entre a Obra e a Vida".

Fernando Távora, Panorama, nº 1952

7. A exposição de 1953: Marques da Silva e Seus discípulos
a. Igreja de S. Pedro da Cova (Gondomar), ARS arquitectos
b. Igreja de Crestuma (Vila Nova de Gaia), ARS arquitectos
c. Capela de Grijó (Vila Nova de Gaia), arq. Mário Abreu
d. Convento de Cristo Rei (Porto), arqs. Eduardo Martins e Manuel Passos Júnior
e. Capela de Santo Amaro (Matosinhos), arq. Bruno Alves dos Reis
f. Aspecto geral da exposição.
Assinal-se o trabalho de Bruno Alves dos Reis.

> "A pertinência desta exposição [de homenagem] revela-se na responsabilidade de transmissão de um património arquitectónico, tornando-se lugar de encontro de vários momentos. Não só fixa um passado mas também a consciência de um percurso, sintetizando uma evolução de formas construídas, de tendências e de transformações."[31]

Carlos Ramos que "no catálogo [da II Exposição Magna] de 53 apontava a coexistência de 'caminhos diferentes, mas igualmente respeitáveis' e acrescentava que na Escola não se privilegiava qualquer percurso 'como sendo o único caminho que conduz à verdade'"[32], demonstraria este sentido de abertura na exposição que inaugurou no final daquele ano na escola. A exposição de homenagem, para além dos conhecidos trabalhos do mestre que incluíam naturalmente as encomendas religiosas – dos estudos para a igreja de Cedofeita (Porto, 1899) ao construído Santuário da Pena (Guimarães, 1933)[33] – , incorporava diversos trabalhos de arquitectura religiosa desenvolvidos por antigos alunos seus, propostas exploradas desde a década de 1930 seguindo diferentes tendências, diferentes modernos. Dos cento e sessenta e seis projectos apresentados em fotografia, apenas dez eram encomenda religiosa[34] e, maioritariamente, alinhavam-se nas categorias de "Pastiche (...) agarrad[o] a formas do passado" e "Modernismo igualmente formalista e superficial"[35], conforme tinham sido etiquetados alguns deles na Exposição Arquitectura Religiosa Contemporânea, apresentada na ESBAP meio ano antes. Nesta

---

[31] Joana Lopes, *Reconstituição biográfica dos arquitectos representados na exposição de 1953: «Marques da Silva: Exposição conjunta das principais obras do mestre e de alguns dos seus discípulos»* (Porto: Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva, 2015), p.20.

[32] Pedro Vieira de Almeida e Alexandra Cardoso, *Octávio Lixa Filgueiras 1922-1996* (Porto: Centro de Estudos Arnaldo Araújo - Escola Superior Artística do Porto, 2007), p.18.

[33] "Gostava de fazer qualquer coisa de próprio e adequado, de expressivo e moderno. Precisaria de ser um edifício com carácter particular, muito próprio da situação que ocupa e muito especial para que pudesse ser visitado com interesse igual ao que arrasta lá acima à montanha da Penha os que vão admirar e estranhar a Natureza, antes uma Natureza estranha."
José Marques da Silva, Carta manuscrita, (11.Mai.1930).

[34] Vejam-se os trabalhos do grupo ARS, que apresentou fotografias da Igreja Nossa Senhora de Fátima (Porto, 1934-1936) e desenhos dos estudos para as igrejas paroquiais de São Pedro da Cova e Crestuma; face a linhas mais conservadoras, como as propostas dos arqs. Eduardo Raul da Silva Martins e Manuel da Silva Passos Júnior para o convento dominicano de Cristo Rei (Porto, 1950-1954) e as do arq. Bruno Alves dos Reis com a maquete de estudo para nova capela de Stº. Amaro (Matosinhos), ou ainda capela de Grijó (Vila Nova de Gaia) do arq. Mário Augusto Ferreira de Abreu, obra com afinidades formais à igreja de S. João de Brito de Lisboa. Mesmo o seminário de Aveiro (1942-1951), proposto pelo grupo ARS, revela algumas aparentes contradições. Foram também mostrados os estudos de urbanização do Santuário do Sameiro e do cruzeiro monumental, desenvolvido pelos arqs. David Moreira da Silva e Maria José Marques da Silva. Integrava ainda a exposição a sinagoga da comunidade israelita do Porto (1929-1938), projectada pelo arqs. Artur Almeida Júnior e Augusto dos Santos Malta.

[35] [ver anexo 10, painel EARC nº28 e 29]



a.



b.

8. Rostos na escola e rostos da escola.

a. Inauguração da exposição na ESBAP (Porto, 4.Dez.1953). *Arquivo FIMS*

Da direita para esquerda: comandante João Pais (Chefe do Departamento Marítimo dos Portos do Douro e Leixões, presidente da Casa dos Pescadores da Afurada e da Comissão Frabiqueira da nova Igreja), Carlos Ramos (director da ESBAP) D. António Ferreira Gomes (Bispo do Porto), David Moreira da Silva e Maria José Marques da Silva, e Domingos Braga da Cruz (Governador Civil do Distrito), general Cotta Morais (comandante da I região militar) e Manuel Figueiredo (vereador da CMP)

b.Visita do corpo docente da ESBAP ao Ministério da Educação Nacional (Lisboa, 1957)

Do conjunto destacamos a presença na primeira fila de Carlos Ramos (ao centro) e Fernando Távora (primeiro à esquerda). Agostinho Ricca aparece na última fila (à direita). Integravam também o grupo João Andresen, Júlio de Brito, José Carlos Loureiro, David Moreira da Silva, Rogério de Azevedo, Mário Bonito, entre outros.

situação estavam trabalhos de Marques da Silva, ARS, Eduardo Martins e Manuel Passos Júnior.[36] Àqueles trabalhos somavam-se no final de 1953 outros mais recentes dos ARS, Bruno Alves dos Reis, Mário Abreu, Maria José Marques da Silva e David Moreira da Silva, que não contrariavam o panorama nacional da arquitectura religiosa denunciado na exposição de S. Nicolau. A modernidade era mais facilmente reconhecida na exposição nas obras de natureza não religiosa. Dois anos antes, na exposição promovida pela Organização dos Arquitectos Modernos ODAM (Ateneu Comercial do Porto, Jun.1951), nenhum equipamento religioso figurava entre os trinta trabalhos expostos dos vinte e dois autores seleccionados.[37] Marques da Silva formara alguns dos jovens arquitectos que buscavam a modernidade e que contribuiriam, de forma decisiva, para a sua afirmação. Recordem-se os percursos, ainda que diferentes, de Januário Godinho e Alfredo Viana de Lima, o último não presente na exposição na ESBAP.[38] A exposição incluía ainda trabalhos modernos de Arménio Losa com Cassiano Barbosa e de Agostinho Ricca, alguns deles já apresentados na exposição no Ateneu de 1951 e no artigo de Távora publicado na revista *Panorama* em 1952[39] – ano em Ricca passou a integrar corpo docente da ESBAP.

---

[36] Sobre as obras apresentadas [ver cap.1.2]

[37] Ainda que na exposição de 1951 não tenham sido apresentadas obras de natureza religiosa, no livro compilado por Cassiano Barbosa na secção 'Algumas Obras de arquitectos que fizeram parte do ODAM realizadas ao longo dos últimos 20 anos 1947-1972' apenas foram publicadas duas igrejas, a saber: Cedofeita (Porto, 1972) de Eugénio Alves de Sousa e Lagares (Penafiel, 1972) de António Corte Real. Aquando da publicação em 1972 outros membros tinham realizado projectos de encomenda religiosa nomeadamente: Agostinho Ricca, Fernando Távora, Fernando Tudela, José Carlos Loureiro, Mário Bonito, Octávio Lixa Filgueiras.
Cf. Cassiano Barbosa, *ODAM Organização dos Arquitectos Modernos. Porto 1947-1952* (Porto: Edições ASA, 1972).

[38] A ausência de Viana de Lima da exposição 'Marques da Silva: exposição conjunta das principais obras do mestre e de alguns dos seu discípulos' causa-nos alguma estranheza, não tendo sido possível apurar justificação para tal facto. A par do reconhecido valor do seu trabalho, Viana de Lima vinha-se envolvendo no debate arquitectónico, na fundação da ODAM 1947, na participação Congresso Nacional de Arquitectura 1948, além de responsável na filiação portuguesa nos CIAM.

[39] Ilustravam o artigo edifícios de natureza diversa, equipamentos e habitações, apresentados de forma anónima. Identificamos o Palácio e e Mercado do Bom Sucesso (ARS), moradias unifamiliares (Miguel Resende – de Agostinho Ricca, Honório de Lima e Aristides Ribeiro – de Viana de Lima, José Carrapatoso – de Arménio Losa e Cassiano Barbosa) e blocos de habitação (Carvalhosas – de Arménio Losa e Cassiano Barbosa, João de Deus – de Agostinho Ricca). Não foi publicado nenhum edifício de natureza religiosa.

5.2. Agostinho Ricca

De Agostinho Ricca, o mais velho dos assistentes convidados por Carlos Ramos, relevamos a sua formação na Escola e a prática profissional mais do que a prática pedagógica. Num momento de afirmação do movimento moderno, participou na ODAM e valorizou as viagens pela Europa, visitando obras de referência da arquitectura e contactando os seus autores. Sem nunca ter feito parte do MRAR, ao longo de mais de sessenta anos de prática profissional, deixou um legado que, na fase tardia, cobriu obras de arquitectura religiosa que na qualidade global sobressaem no confronto com as suas contemporâneas. Apesar de pouco estudado, é de entre os arquitectos aqui destacados o único que construiu uma igreja no Porto – obra que corre todas as escalas, e onde está bem patente a unidade das artes.

5.2.1. Do percurso académico

O percurso académico de Agostinho Ricca na Escola de Belas Artes do Porto, que frequentou entre 1932-1939, ficou marcado pelo contacto próximo com o mestre formado nas Beaux-Arts de Paris, Marques da Silva.[40] Na década de 1930 o método e programa pedagógico do mestre focava no estudo da arquitectura clássica num momento em que outras correntes arquitectónicas se afirmavam. Contudo Ricca reconhecia que a qualidade pedagógica era independente da linguagem das obras do mestre. Numa entrevista realizada por alunos de Arquitectura da ESBAP no conturbado ano de 1975[41], Ricca falou da importância do desenho e das noções de proporção, escala e materialidade aprendidas na escola enquanto aluno de Marques da Silva:

---

40 "O Marques da Silva era de facto um grande professor de arquitectura, era um grande arquitecto embora fosse muito confuso na sua maneira de expor. Ele não tinha o dom de falar, de se exprimir corretamente. Isso não tinha. Mas se os alunos estivessem com atenção e estivessem com vontade de saber, ele dizia porque se devia fazer de uma maneira e não de outra. Nesse capítulo eu nunca vi nenhum professor de arquitectura ser tão preciso como Marques da Silva, embora eu o tivesse apanhado, quase no limite da idade (...) Quando a palavra não o ajudava, ele desenhava. Pegava num lápis e desenhava, fazia croquis. Bem, isso é que era de um grande valor no Marques da Silva, e que eu nunca encontrei, por exemplo no Professor Carlos Ramos, que nunca desenhava."
Agostinho Ricca, «Conversas sobre a Escola e Arquitectura (com Cláudio Ricca e Júlio de Matos - 1975», em *Agostinho Ricca - arquitectura, obra, desenho* (Porto: Uzina Books, 2015), p.134.

41 A entrevista realizada por livre iniciativa de Cláudio Ricca e Júlio de Matos a Agostinho Ricca, afastado da ESBAP desde 1959 por motivos políticos, integra um conjunto alargado de conversas registadas em

> "(...) há sempre princípios em arquitectura que são eternos, como sabem... que são as bases de uma arquitectura... e ele nisso era perfeito, era correcto. Ele ensinou-nos que um trabalho de arquitectura é pensado totalmente desde os alicerces até à cobertura. Era uma coisa que ele nunca descurava, era saber como é que se cobria uma dada superfície, que pé-direito tinha uma peça, porque devia ter 3 metros e não 4 metros e meio, porque deveria ter 7 e não 2."[42]

Nessa ocasião Ricca recordou igualmente a importância da aprendizagem da Geometria Descritiva leccionada por Bonfim Barreiros, com quem aprendeu o método de representação com o qual projectou ao longo de mais de cinquenta anos de prática profissional. Do percurso académico fizeram parte a realização de trabalhos no campo de arquitectura religiosa como era prática comum naquele período.[43] Ainda que desconheçamos registos desenhados ou fotográficos dos trabalhos referidos, conhecemos os trabalhos de colegas seus contemporâneos, como o baptistério de linhas clássicas (1937-1938) de Maria José Marques da Silva, e a igreja de clara influencia italiana[44] (1938-1939) de Alfredo Viana de Lima – com quem Agostinho Ricca teve a primeira sociedade profissional em meados da década de 1940.[45] Encontramos a mesma influência nos projectos que Ricca desenvolveu com Muzio no gabinete de urbanização da Câmara Municipal do Porto e, individualmente, na candidatura que preparou para o concurso da igreja paroquial das Antas – processo este que não concluiu.

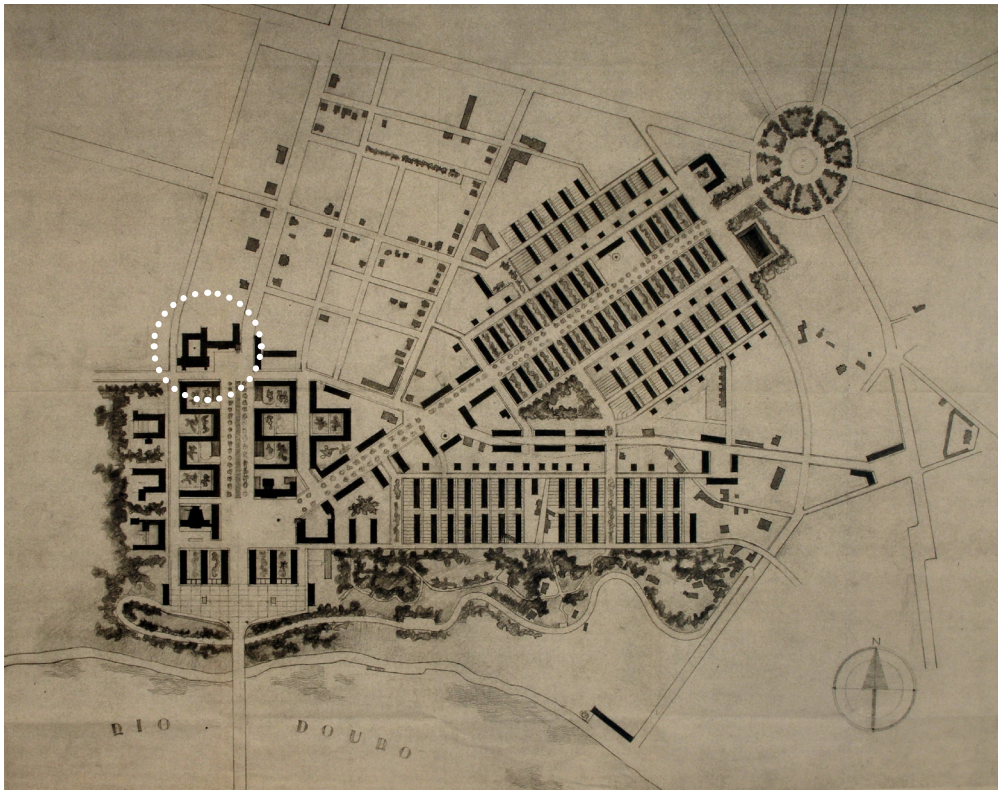
áudio a diversos professores, alunos e arquitectos. Num momento agitado da vida escolar procuravam os alunos recolher diferentes testemunhos que permitissem melhor compreender o percurso e evolução da escola.

[42] Ibid. p.134.

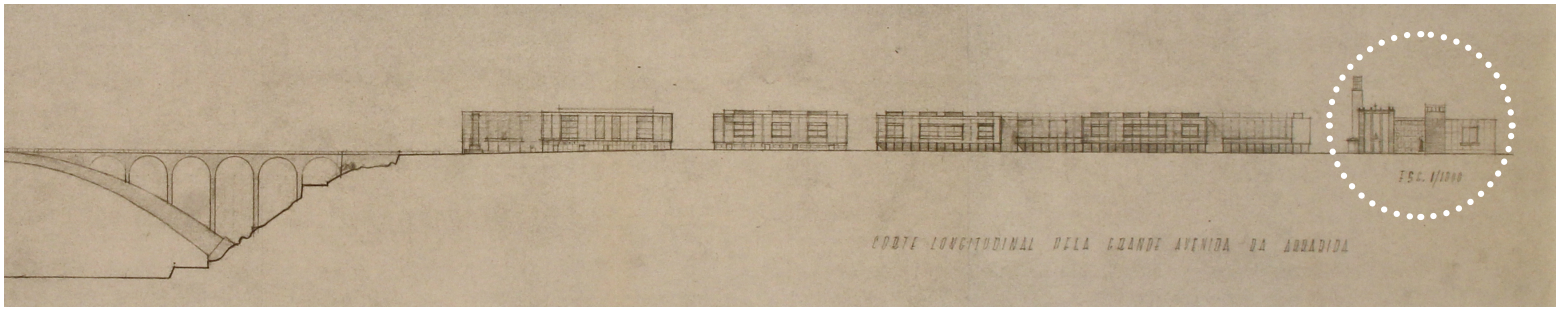
[43] "(...) no terceiro ano faziam-se composições com elementos clássicos, o que era uma coisa espantosa! Mas eu fiz, por exemplo, uma capela funerária com elementos clássicos... Com colunas dóricas e frontão e tal. Evidentemente que isto era um exercício, mas tinha pouca valia, não é?!..."
"Ibid. p.134.

[44] Cf. Paulo Lima Guerreiro, «Viana de Lima e a influência do Movimento Moderno na Arquitectura Portuguesa» (E.T.S. de Arquitectura - Universidade da Coruña, 2014). [5.2. Exercícios Académicos; 5.2.1. Igreja e Baptistério, pp.160-173.]

[45] Foi por sugestão de Viana de Lima que Agostinho Ricca ingressou no curso de arquitectura. Mais tarde os dois desenvolveram trabalhos em sociedade durante dois anos e meio. Entre os trabalhos realizados em conjunto destacamos um conjunto de moradias em Esposende, e os projectos do Clube dos Fenianos e do Cinema Trindade no Porto, ambos não construídos.







a. c.
b.

9. Primeiros trabalhos

a. b. Planta de urbanização da zona do Campo Alegre e corte longitudinal pela grande Avenida da Arrábida (Porto, 1942). *Arquivo AMP*

Assinalamos a igreja proposta.

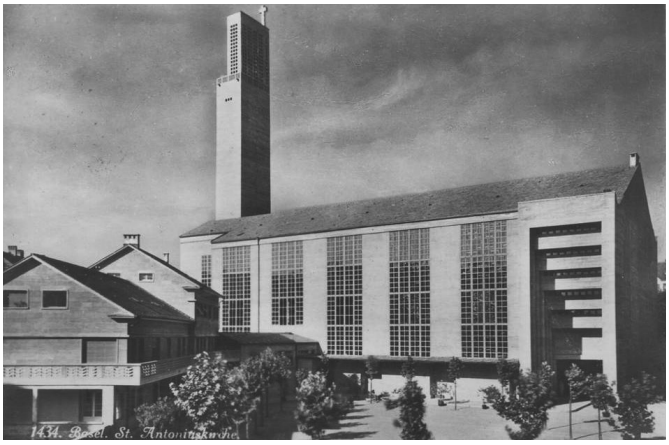
c. Estudo preparatório do concurso para a Igreja de Santo António das Antas (Porto, 1944). *Arquivo AR*

5.2.2. Estudos para o Campo Alegre

No relatório da CMP (1.Fev.1941), intitulado "Plano Regional", feito no Porto durante a estada do arquiteto Giovanni Muzio no ponto dedicado às zonas de residência era identificada a necessidade de dotar os dois núcleos habitacionais, criados em parte por dois eixos rodoviários – Campo Alegre e Gomes da Costa – de centros comerciais, civis e religiosos próprios, prevendo-se que abrigassem entre 20 a 30 mil pessoas de todas as classes sociais. O desenho da cidade e dos equipamentos também no Porto coexistem. Veja-se por exemplo o estudo para a urbanização do Campo Alegre realizado por Agostinho Ricca em Fevereiro de 1942, enquanto arquitecto do Gabinete de Estudo do Plano Geral de Urbanização com supervisão de Muzio. Independentemente das reais necessidades da zona do Campo Alegre, já servida pela igreja do Santíssimo Sacramento inaugurada em 1938, o estudo à escala 1:2500 propunha a construção de um novo equipamento religioso localizado na praça de remate à grande avenida da Arrábida a rasgar no alinhamento da ponte a construir sobre o rio Douro, conforme documenta o corte 1:1000 estudado: uma igreja, e respectivo complexo quase conventual, com alto porticado, inspirado pela arquitectura racionalista italiana daquele período, remetendo para a Chiesa di Sant'Ambrogio (Cremona - Itália, 1935), obra de Giovanni Muzio.[46] A influência daquela corrente da arquitectura religiosa italiana não se fez contudo sentir na zona ocidental na cidade, mas sim na construção da igreja de Santo António das Antas, projecto apresentado a concurso pelos arquitectos Fernando Tudela e Fernando Barbosa em 1944. A proposta de Ricca, para uma igreja a construir sobre um dos eixos viários principais da urbanização acabou por cair, vindo aquele lugar de referência e de rótula a ser ocupado por um equipamento cultural nas versões seguintes. Numa das versões posteriores foi proposto um outro equipamento religioso, desta vez no interior de um bairro residencial, a norte da avenida da Boavista. Ainda que nada de muito concreto apareça escrito sobre o lugar do equipamento religioso, podemos ler no processo a procura por um lugar certo na cidade – uma igreja elemento de referência urbana e/ou equipamento de proximidade.

[46] Faz parte da biblioteca particular de Agostinho Ricca a oferta de G. Muzio: Sant'Ambrogio. Nos estudos realizados por Agostinho Ricca para a igreja do Monte da Virgem e para o concurso das Antas é evidente a influência deste modelo.





a. b.





c. d.

10. Viagem à Suíça (1949)
a. Postais de duas igrejas de Basileia: reformada de S. João (1934-1936) arq. Karl Egender, e católica de Santo António (1925-1927) arq. Karl Moser.
b. Fotografias tiradas por Agostinho Ricca à igreja reformada na viagem de 1949. *Arquivo AR*

5.2.3. Do contacto internacional ao regresso à Escola

Ao aceitar em Janeiro de 1952 o convite de Carlos Ramos para integrar o corpo docente de Arquitectura da ESBAP, Ricca "o único assistente convidado que fora aluno de Marques da Silva"[47] representava o elo de ligação com a antiga Escola.

No ano seguinte, na homenagem a Marques da Silva na ESBAP, apresentou na exposição dois trabalhos seus: o concurso para um hotel a construir no Gerês (1948-1949)[48] e a Empresa Fabril de Motores Eléctricos (Arroteia, 1948-1949) – onde encontramos referências à arquitectura moderna suíça que Ricca tanto apreciava. A sua primeira grande viagem a visitar arquitectura moderna no estrangeiro, data de Setembro e Outubro de 1949. São dessa viagem as fotografias e o postal que recorda a passagem pelo escritório de Haefeli em Zurique – HMS, Haefeli Moser Steiger, sociedade fundada em 1937 que duraria até meados da década de 1970, reunindo três arquitectos formados na ETH de Zurique, com experiência internacional e membros fundadores do CIAM em 1928.[49] Ricca estabelecia assim um primeiro contacto informal com arquitectos modernos suíços, ainda antes da participação portuguesa nos CIAM 8 (1951), marcada pela representação de Viana de Lima, seu sócio. Do programa traçado por Haefeli nada sabemos. Contudo as fotografias de Ricca revelam um roteiro que cruzava cidade e periferia, programa habitacional e equipamentos. As fotografias da viagem e os postais que adquiriu documentam a visita a bairros habitacionais, salas de espetáculo, piscinas, estabelecimentos de ensino e também arquitectura religiosa moderna.[50]

Em Basileia, não seria de espantar a visita à igreja católica de Santo António (1925-1927), projectada por Karl Moser, inaugurada no ano anterior à fundação dos

---

47 "(...) Ricca foi convidado por Carlos Ramos para assistente do 2º ano da disciplina 'Edifícios e Monumentos da Antiguidade (desenho a traço e aguarelado) e Elementos Analíticos'. Ricca foi o único dos assistentes convidados que fora aluno de José Marques da Silva". Aquela cadeira acabaria por ser abandonada em reforma subsequente e Ricca ficou assistente de Carlos Ramos, em 'Arquitectura' (...)"
João Luís Marques, «Viagens e memória. Arquitectura do "centro"», em *Agostinho Ricca - arquitectura, obra, desenho* (Porto: Uzina Books, 2015), pp.28-31.

48 Este projecto integrou a representação portuguesa na II Bienal de São Paulo de 1953.

49 Max Haefeli trabalhara com Otto Bartning. Werner Max Moser (filho de Karl Moser) iniciara actividade profissional em Roterdão e dali partira para os Estados Unidos da América onde colaborara com Frank Loyd Wright. Rudolf Steiger estagiara em Bruxelas e Berlim.

50 Do espólio de Agostinho Ricca fazem parte fotografias das seguintes obras visitadas em 1929: Zurique – Piscinas ao ar livre de Allenmoos (1938), a Kongresshaus (1939), a Werkbundsiedlung Neubühl (1930-1932), igreja evangélica reformada de Altstetten (1936-1942); Basileia – Johanneskirche (1934-1936); Berna – Gewerbeschule.

CIAM (1928). Tratava-se de uma igreja de desenvolvimento longitudinal, moldada pelo betão e pela luz filtrada por coloridos vitrais, que rompera a modernidade na construção de igrejas suíças, iniciando um movimento que teria continuidade com as obras de Fritz Metzger e Hermann Baur, entre outros. A igreja de Moser estava em linha de continuidade com as pesquisas de Perret, como a de Notre Dame de Raincy (1923-1925), modelos divulgados pela imprensa internacional que chegava a Portugal quando Ricca era estudante, em particular a revista *Architecture d'Aujourd'hui*. Contudo o projecto de Basileia apresentava novidades face às igrejas de Perret, de vincada e monumental presença urbana. A igreja de Santo António surgia a meio de uma rua, integrada num quarteirão, à face dos prédios de habitação que a ladeavam. Apesar de quase oculta no quarteirão, a alta torre sineira erguida junto à cabeceira da igreja marca a sua presença, assumindo um incontornável protagonismo enquanto elemento de referenciação urbana. Uma passagem ao fundo da igreja permitia o acesso ao interior do quarteirão onde Karl Moser dispôs o restante programa, residência e anexos pastorais. Oculto da rua surgia assim um pátio de carácter familiar afastado e resguardado da movimentada via de tráfico. Neste conjunto de temas de projecto encontramos semelhanças aos eleitos por Agostinho Ricca e tratados anos mais tarde nas suas encomendas, nomeadamente na igreja de N.ª S.ra da Boavista. Note-se para além do tratamento material e da luz, a atenção dada aos espaços complementares da igreja e ao carácter doméstico com que os tratou.

Os registos que nos chegaram daquela visita a Basileia direcionam-nos porém a atenção para a vizinha igreja reformada de S. João (1936), projectada por K. Egender e E. Burckhardt, aberta ao culto quase uma década mais tarde em jeito de reacção à novidade conquistada por Moser. A dupla de arquitectos modernos contrariava pela primeira vez a tendência dominante de gosto revivalista que caracterizava as igrejas reformadas suíças. Aquela igreja, situada num gaveto, propunha um adro aberto ligeiramente elevado e ajardinado. Os edifícios que o delimitavam, o corpo do salão, o dos serviços e a torre sineira que pontuava o cruzamento, punham em evidência a combinação de diferentes sistemas construtivos, a estrutura metálica e o betão armado, registados pelas fotografias de Ricca. O desenho da escada que conduz à entrada principal, lateral e coberta, ao fundo da nave, revelava uma especial atenção ao espaço de transição e acolhimento. O interior, uno, com o desenvolvimento do presbitério à largura da nave aproximando os fiéis do altar, e a recusa da simetria e coxia central,

rompendo com a solenidade, são outros temas de projecto que Ricca exploraria mais tarde. Ainda que afastado do grupo de discussão em torno da arquitectura religiosa em Portugal na primeira metade da década de 1950, o olhar de Agostinho Ricca no final da década de 1940 estava já atento aos modelos que alimentariam o debate em torno da identidade do espaço sagrado moderno, tal como anunciaria João de Almeida na conferência proferida na ESBAP em 1953:

> "Ora cremos poder-se afirmar que muitas destas igrejas, por vezes humildes e sem atrativos, realizam aquilo que constituirá sempre o essencial do templo católico: um espaço impregnado do Mistério Cristão. E se alguns podem parecer 'barracões' ou 'armazéns' não será essa talvez contra elas a mais grave acusação; porque há barracões e armazéns que, na sua integridade, despertam em nós a impressão viva de um espaço sagrado (...)."[51]

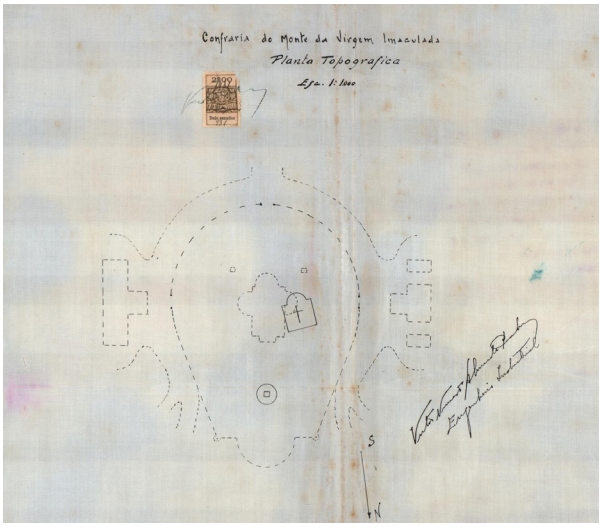
Independentemente da sua prática religiosa, o fascínio pelo desenho do espaço de reunião e encontro, católico ou protestante, despertaram o interesse de Ricca, que visitou ao longo da vida diversas igrejas na Europa Central e do Norte, à medida que a encomenda religiosa crescia no seu gabinete. As experiências protestantes despertariam igualmente a atenção de membros do MRAR, que as viriam a conhecer por intermédio de João de Almeida, que trabalhara com Hermann Baur (director da revista *Werk*) em Basileia entre 1950 e 1952, ou seja, pouco tempo depois da visita de Agostinho Ricca àquele país. A viagem, a par das revistas, era assim uma forma privilegiada de contacto com obras, independentemente das reais encomendas existentes no escritório, como recordaria também Nuno Portas a propósito das viagens que realizou.[52]

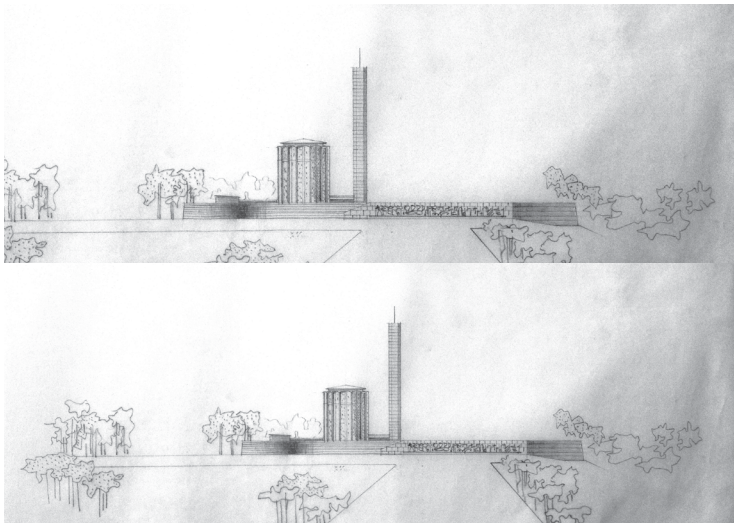
---

[51] João de Almeida, «O sentido da moderna arquitectura Suíça», *Espólio do MRAR*, 1953.

[52] "Quando me juntei ao pequeno grupo do atelier do Teotónio Pereira, em 1956 ou 1957, fazemos a primeira viagem a Itália (...) – tinha dois objectivos: bairro e igrejas. Mas as igrejas não eram uma encomenda, era um interesse que nós tínhamos paralelo. A encomenda viria mais tarde com o concurso. (...) aquela militância do Teotónio Pereira com a organização da exposição tinha-nos entusiasmado a todos com a história das igrejas. Antes disso eu fui a Ronchamp e fui também, ainda enquanto estudante com João de Almeida - que na altura era seminarista, (...) ver as igrejas do Baur e do Karl Moser. A história das igrejas protestantes para mim foi muito importante por causa da assembleia, do conceito de assembleia."
Nuno Portas, «entrevista conduzida por João Luís Marques», (15.Nov.2011).

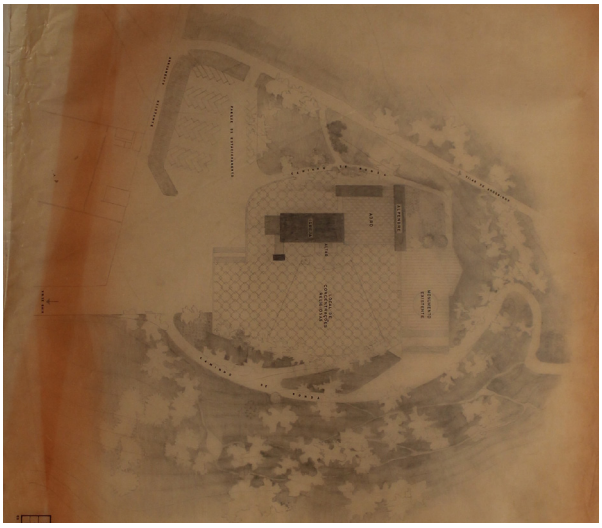
a.



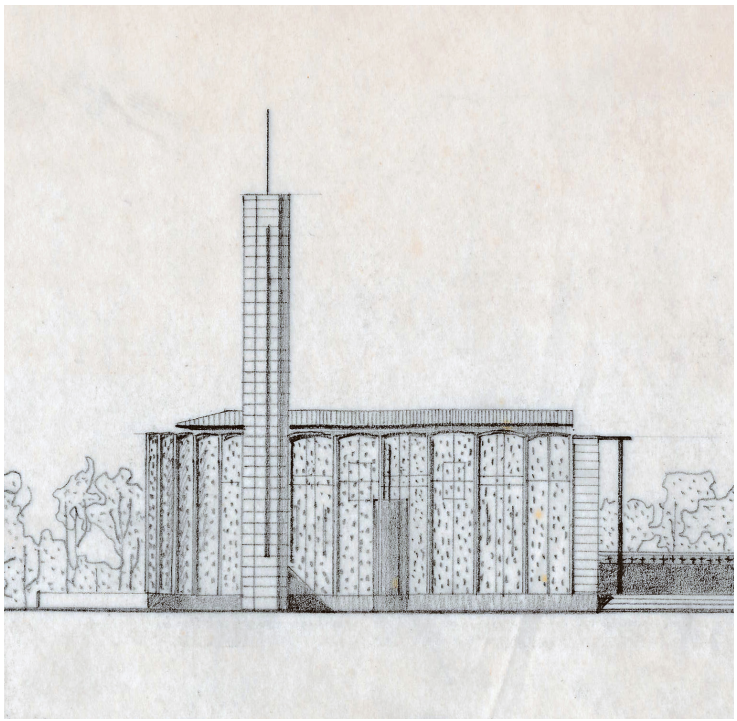


a.

d.



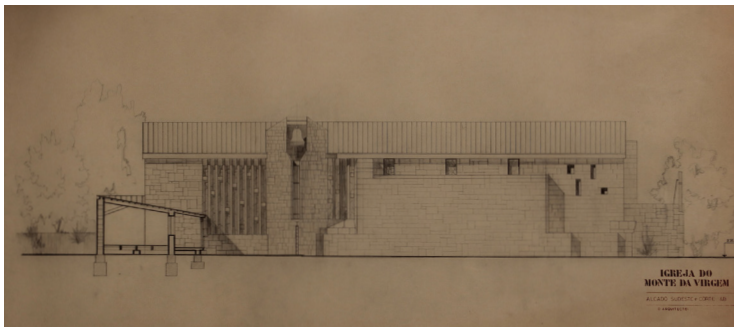
b.



e.



c.



f.

11. Estudos para a igreja do Monte da Virgem
a. Planta de de urbanização (1931) *Arquivo AMG*
b. d. e.Estudo de urbanização e ante projecto de arquitectura (c.1955) arqs. Agostinho Ricca e Benjamim do Carmo. *Arquivo AR*
c. f. Projecto (1964) arq. Agostinho Ricca. *Arquivo AR*
As imagens 'e' e 'f' encontram-se aproximadamente à mesma escala.

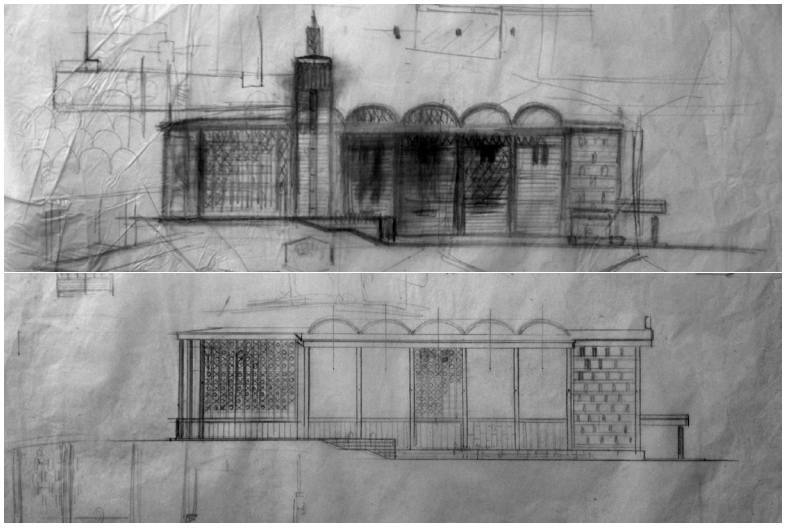
5.2.4. Monte da Virgem: a primeira encomenda religiosa

A primeira encomenda religiosa no escritório de Ricca foi para uma nova igreja a construir no Monte da Virgem, em Vila Nova de Gaia. Ali existia uma pequena igreja construída no início do séc. XX e um monumento à Imaculada Conceição erguido em 1931, cujo projecto de implantação deixava antever uma proposta de urbanização daquele santuário vizinho à cidade do Porto.

Ainda que se desconheça a data exacta da encomenda e do 'Estudo de Urbanização - Monte da Virgem', julgamos ser um trabalho desenvolvido na segunda metade da década de 1950, por Ricca juntamente com Benjamim do Carmo.[53] Do projecto ressalta o gesto de urbanidade moderna proposto no contexto duma paisagem que conservava ainda características naturais. A modernidade traduzia-se na disposição isolada dos corpos (torre, igreja, pórticos, monumento) implantados segundo uma matriz geométrica ortogonal numa plataforma construída. O terreno natural daria lugar a um amplo recinto terraplanado, elevado em relação à rua e murado. Nesse pódio estaria implantada a igreja e a vizinha torre de 35 metros de altura[54], ganhando o conjunto uma posição dominante sobre o vasto território envolvente. O espaço exterior do santuário dividia-se em diferentes cotas: à cota alta encontrar-se-ia o adro, dominado pela fachada principal da igreja e limitado pelos alpendres fronteiros; à cota intermédia um recinto para cerimónias religiosas ao ar livre, que tinha a fachada lateral da igreja como pano de fundo, pontuado pela alta torre sineira; por fim, à cota mais baixa, um miradouro com o monumento pré existente e aberto sobre paisagem com a cidade ao fundo. O desenho à escala 1:500 sugeria já o tratamento diferenciado dos pavimentos de cada uma das plataformas, recordando o desenho de padrões geométricos presentes noutros projectos desenvolvidos por Agostinho Ricca e Benjamim do Carmo,

[53] Apesar do estudo de urbanização não estar datado nem assinado, a análise comparativa das folhas do processo com outras produzidas no escritório durante o período da sociedade, assim como a proximidade da proposta desenhada, ao nível da disposição volumétrica das peças que compunham o santuário e do tratamento do espaço público, levam-nos a apontar como certa a co-autoria daquele estudo. Da sociedade de Agostinho Ricca com Benjamim do Carmo destacamos os projectos dos concursos promovidos pela Câmara Municipal do Porto para o remate da rua Sá da Bandeira (1955) e para a zona do Bom Sucesso (1957). A estes trabalhos construídos, de grande visibilidade na cidade, juntam-se projectos de equipamentos: Cinema Trindade (Porto,1956/57), Hotel Turismo (Viseu, 1957), Escola de Enfermagem Calouste e Lar Nevarte Gulbenkian (Braga, 1958/60) e Jardim Escola da Santa Casa da Misericórdia (Vizela,1959/61). Recordamos ainda os primeiros estudos para o centro cívico de Santo Tirso (1960).

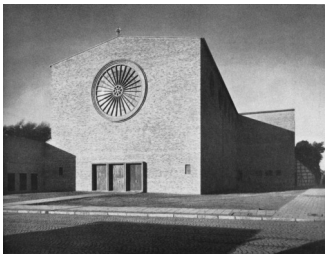
[54] A torre sineira estava unida ao corpo da igreja por uma pala, embora, contrariasse a tendência mais habitual - alinhada com o baptistério no plano da fachada principal.



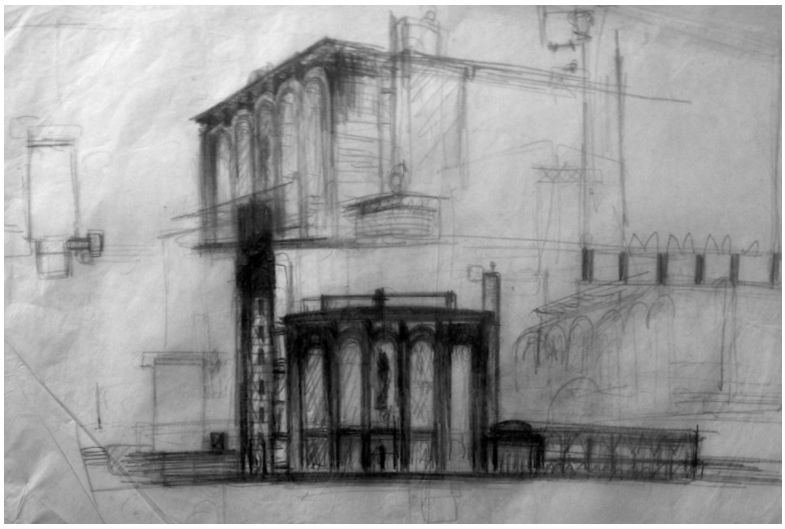


a. b.





c. d.





e. d.

12. Pesquisas e referências *Arquivo AR*
a. c. e. Estudos de Agostinho Ricca para a igreja do Monte da Virgem.
b. Notre Dame (Raincy, França 1922-1923)arq. Auguste Perret
c. Heilig-Kreuz (Osnabrück, Alemanha 1931-1933) arq. Dominikus Böhm
d. Sant'Ambrogio (Cremona, Itália 1935)arq. Giovani Muzio

nomeadamente o primeiro estudo para o Centro Cívico de Santo Tirso.[55] O estudo de urbanização lançava uma proposta de desenho de espaço público e antecipava o projecto de arquitectura, tornando claro que o projecto da igreja partia e incluía o tratamento do espaço envolvente.

As folhas de processo da fase de ante-projecto documentam o recurso a modelos internacionais onde reconhecemos múltiplas referências francesas, alemãs e italianas, fazendo-nos recordar as encomendas de igrejas de Auguste Perret, Dominikus Böhm e Giovanni Muzio. Todos eles trabalhos que Ricca conhecera através de publicações que reunia no seu escritório e, no caso particular de Muzio, do próprio contacto profissional. Mais do que replicar modelos a apresentar ao cliente, Ricca, na intimidade do processo criativo, testou-os fazendo deles base de pesquisa, instrumentos de projecto, seguindo a prática herdada dos primeiros arquitectos modernos formados na, ainda, primeira metade do séc. XX que

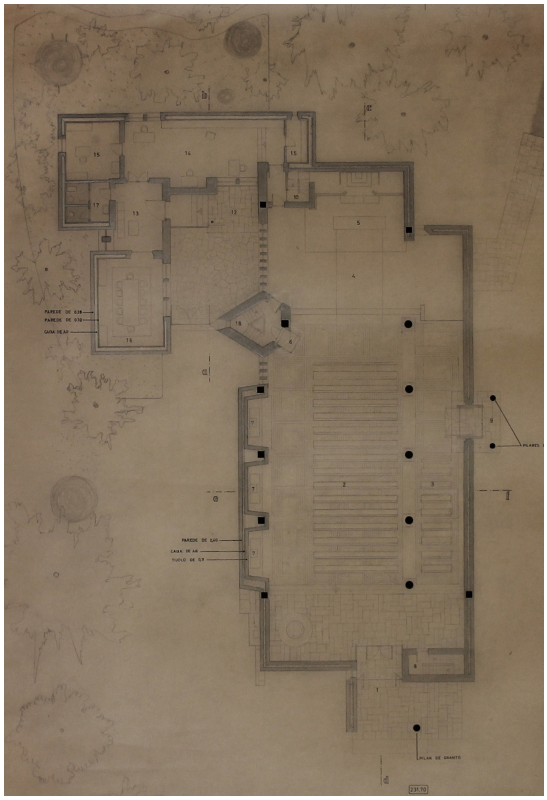
> "projectavam sem a prioris moralistas sobre a qualidade do cliente, dos seus programas e dos seus gostos (...) O arquitecto era possuidor de um saber construtivo e tipológico, aprendido na tradição e confrontado com a produção da sua época, um saber manuseado com bom senso e de acordo com o comitente que, de facto, programava totalmente a encomenda, da escala, à linguagem. Os arquitectos sabiam desenhar alternativas, diria decorativas, que lhe conferiam significado."[56]

O projecto foi revisto e apresentado ao município para apreciação, em Março de 1964. Ainda que não tenha participado nos espaços nacionais do debate da arquitectura religiosa moderna Ricca não deixou de inovar e de procurar na história da arquitectura, não só moderna, como tradicional, não só estrangeira, como portuguesa, ponto de partida e de ancoragem para as suas pesquisas formais.

A interpretação de Ricca do tradicional traz muito de novidade aos ante-projectos por ele desenvolvidos. De acordo com a memória descritiva apresentada, a resposta ao programa foi uma "planta tradicional de acordo com os desejos da Confraria" dando especial atenção ao tratamento do "terreno que lhe fica em frente, de modo a que este se torne um verdadeiro prolongamento do recinto da igreja, donde poderá ser ouvida

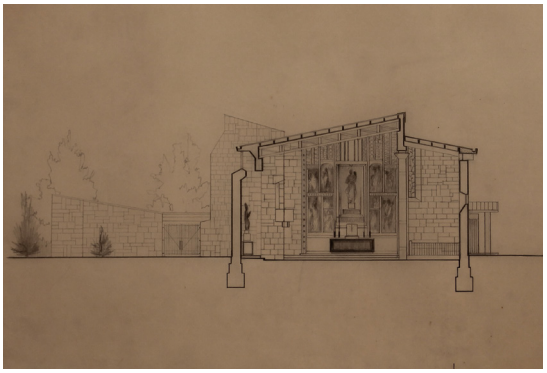
[55] Ao contrário dos projectos de centros cívicos que temos vindo a destacar, o de Santo Tirso não contemplava a construção de nenhuma igreja.

[56] Alexandre Alves Costa, *João Queiroz, um arquitecto tranquilo* (Porto: Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva, 2015), p.15.

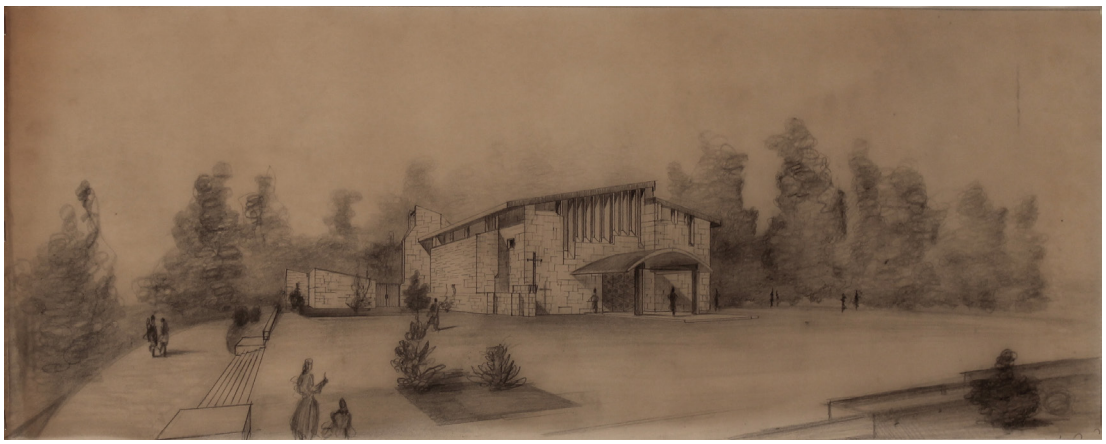




a.



b. c.



d.

13. Projecto da igreja do Monte da Virgem (1964) arq. Agostinho Ricca *Arquivo AR*
a. Perspectiva interior
b. Planta
c. Corte
d. Perspectiva exterior

missa pelos fiéis que não tenham lugar dentro do templo nos dias de grande afluência."[57] O desenho do espaço exterior foi revisto tendo a rígida plataforma elevada do plano inicial dado lugar a uma solução mais integrada na paisagem natural. Veja-se, na nova solução, o protagonismo da massa arbórea que envolve o edifício, servido por diversos percursos pedonais curvilíneos que desaguam na plataforma miradouro encaixada no terreno, a uma cota inferior à da chegada automóvel. Esta solução, a par da redução significativa da cércea da igreja não implantada à cota mais alta do terreno, conferiria a todo o conjunto uma escala mais acolhedora. A igreja salão de desenvolvimento longitudinal com três naves, altares laterais de ambos os lados e assembleia dividida por corredor central, deu lugar à reinterpretação do modelo das igrejas colunárias com cobertura de madeira, adaptado a duas naves, com recorte assimétrico. Ricca propôs um espaço destinado à assembleia rebaixado face ao coro, situado à entrada da igreja, e ao altar mor que se desenvolveria à quase largura total da nave. O pavimento das naves em parquet de madeira oferecia um maior conforto aos fiéis. O sentido de reunião era reforçado pela anulação do corredor central. As duas paredes laterais, em alvenaria de granito aparente, tinham tratamento diferenciado: na da nave principal Ricca rasgava altares laterais; na oposta, para além do clerestório dispunha pequenas frestas *ad libitum*, numa atitude de liberdade semelhante à de Le Corbusier em Ronchamp. Apesar destas inovações, assinalamos a manutenção do púlpito elevado situado sob o pequeno campanário, na transição entre a nave e capela mor, rematada com um retábulo de madeira policromada. Junto à capela mor, intensamente iluminada por um vitral lateral, estariam os anexos (sacristia, sala de reunião, vestíbulo) organizados "em torno de um pátio que não se fecha completamente criando para aqueles o ambiente de tranquilidade que nos parece desejar."[58]

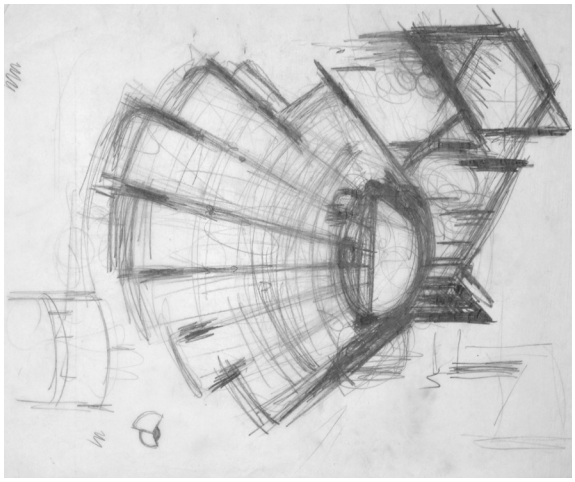
Este estudo mereceu aprovação municipal em 1966, depois de resolvido "[o] condicionalismo imposto pela localização dum marco geodésico e sobretudo pela presença do Observatório Astronómico que não permitiu a desejada expansão do plano [inicial] em altura", conforme noticiou *A Voz do Pastor* em Agosto de 1968, um mês depois da publicação da fotografia da maquete. Apesar de noticiada, a nova igreja do Monte da Virgem não chegaria a ser construída, nem naquela versão, nem as desenvolvidas posteriormente, onde as reflexões amadurecidas em torno da organização

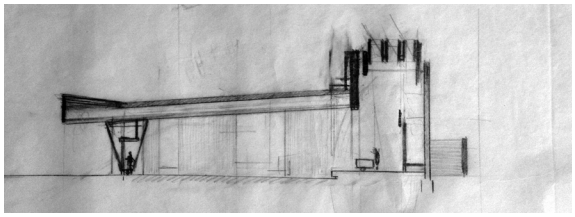
[57] Agostinho Ricca, «Memória descritiva [Monte da Virgem]», *arquivo AMG*, (Fev.1964.)

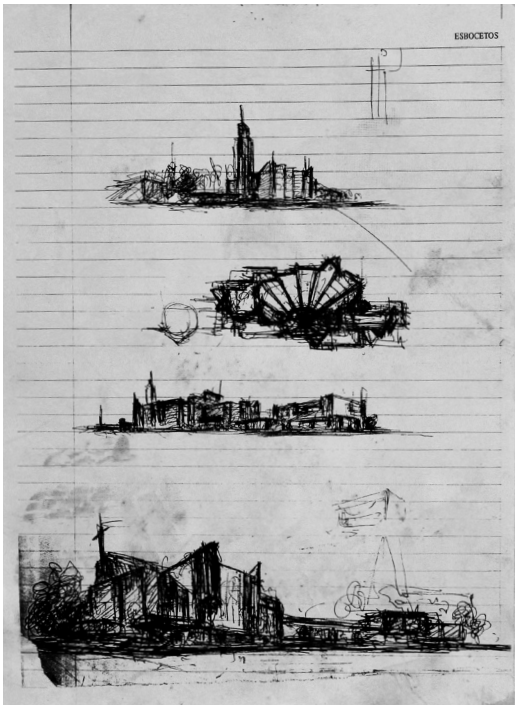
[58] Ibid.



a.







b.
c. d.

14. Novos projectos para a igreja do Monte da Virgem (sem data) *Arquivo AR*

a. Perspectiva

Uma igreja integrada num parque.

b. Planta e corte.

Uma assembleia de diposição radial convergente sobre o altar.

c. Estudo para o Santuário de Santo António (Vale de Cambra, 1986-1993)

A pesquisa revela fortes afinidades com a revisão do projecto para o Monte da Virgem.

do espaço litúrgico, fruto da elaboração de encomendas reais, conduziriam à pesquisa duma solução com distribuição radial da assembleia, em plano ligeiramente inclinado, convergente no altar. O tema da convergência estaria bem presente nos estudos do Santuário de Santo António em Vale de Cambra, já da década de 1980, que remetem para um novo quadro de referências da arquitectura internacional, nomeadamente com obras de Alvar Aalto e Juha Leiviskä, por quem Ricca nutria especial apreço.

5.2.5. Parque residencial: Nossa Senhora da Boavista

Dez anos após o estudo da igreja do Monte da Virgem sobre o qual nos debruçámos, Agostinho Ricca já com perto de 60 anos, apresentaria o ante-projecto da igreja paroquial integrada no plano do Grande Parque Residencial da Boavista projectado no início da década de 1960.

A encomenda do Grande Parque Residencial da Boavista resulta do plano de expansão de novas áreas residenciais na cidade impulsionado, em parte, pela abertura da via rápida de acesso à ponte da Arrábida. Diversos planos vinham sendo estudados no Gabinete de Urbanização do município procurando combater o défice habitacional. Para lá das necessidades da população desfavorecida que conduzira à execução do Plano de Melhoramentos de iniciativa pública, foi também sentida a necessidade de planear áreas habitacionais para promoção privada.

Neste contexto, Nikita de Gröer apresentara à Câmara Municipal do Porto o "Estudo de Urbanização para o aproveitamento dos terrenos da unidade industrial – Fábrica Boa-Vista (Graham)" em Setembro-Outubro de 1959, propondo a mudança de uso dos terrenos industriais justificada pelo potencial da localização e facilidade de acessos. À semelhança de vários planos que abordámos,

> "o princípio de urbanização previsto para esta unidade residencial fundamenta-se na criação dum parque, com os seus devidos arruamentos, no qual se implantaram as diversas construções definidas no programa elaborado para este núcleo residencial autónomo."[59]

[59] Nikita "Estudo de Urbanização para o aproveitamento dos terrenos da unidade industrial – Fábrica Boa-Vista (Graham)" (Out.1959), *Arquivo DGT*, p.2.

O programa contemplava a construção de doze blocos habitacionais separados por um outro, comprido, de 10-12 pisos, assente em pilares, que quebrava e dividia o conjunto em duas diferentes áreas. Ao programa habitacional juntavam-se alguns equipamentos, todos eles no sector mais próximo da avenida: uma escola e uma piscina com restaurante, um centro comercial unido em arcaria à igreja que, pela volumetria e implantação propostas, dominaria o conjunto.

Agostinho Ricca foi convidado por Cupertino de Miranda para rever a proposta promovida pela Sociedade de Construções William Graham SARL em articulação com o Banco Português do Atlântico, num momento em que a sua obra ganhava maior visibilidade no Porto. Os treze blocos habitacionais do plano inicial dariam lugar apenas a sete e três torres, criteriosamente dispostos no terreno e libertando a área central agregadora de todo o conjunto.

> "Em momento de revisão dos paradigmas modernos, que aliás nunca perfilhou acriticamente, Ricca está em linha com o pensamento teórico mais avançado, propondo uma adaptação do modelo da cidade jardim que aprendeu nas cidades nórdicas ou inglesas do pós-guerra. Os temas da construção em altura, espaço verde e autoestrada, serão assim considerados como programa de projeto que se submete a um princípio de composição visual alternativo aos paradigmas da Carta de Atenas, nomeadamente o ordenamento segundo o "plan masse".
> Em primeiro lugar controla meticulosamente o modo como se relaciona com a envolvente: constrói em linha na periferia do lote minimizando os efeitos da autoestrada e das traseiras de lotes residenciais; abre o conjunto à cidade no limite sul, com edifícios em barra perpendiculares à Av. da Boavista; localiza o espaço verde no centro, como elemento agregador do conjunto e sobre o qual se abrem todos os edifícios e funcionalidades."[60]

Num terreno de 7ha Ricca, assessorado por João Serôdio e José Carlos Magalhães Carneiro, desenvolveu um programa habitacional amplamente reforçado pela diversidade e concentração dos equipamentos previstos, cujo âmbito ultrapassava o daquela pequena unidade de vizinhança de 2000 moradores. Note-se que o centro cívico de Olivais Sul (célula G) tinha, só ele dimensão comparável, aproximadamente 5,5ha.

Escritórios, cinema e hotel com clube residencial foram as novas funções que complementaram as áreas comerciais, estabelecimento de ensino (não construído) e igreja já comtempladas no programa inicial. A amplitude deste programa conferiria ao conjunto um sentido de centro cívico, onde galerias e parque formam o reino do peão –

[60] José Fernando Gonçalves, «Agostinho Ricca 1915-2010», em *Agostinho Ricca - arquitectura, obra, desenho* (Porto: Uzina Books, 2015), p.168.

"garantindo a intimidade e o recolhimento dos agregados familiares (...) planeado como um todo grandioso, e executado em moldes daquilo que de melhor se faz na Europa."[61] Esta proposta ia ao encontro do Plano Director da Cidade do Porto que, em 1962, previa para aquela zona um centro religioso, um centro comercial e uma escola primária.[62] Se em Lisboa a dimensão dos empreendimentos conduziu em muitos casos ao atraso na construção do centro cívico, neste caso do Porto, o projecto do Grande Parque Residencial da Boavista era ele próprio o centro cívico, servindo a cidade a partir da sua posição confinante com a avenida da Boavista. Mesmo assim, à semelhança dos vários planos que temos vindo a nomear, também nesta iniciativa privada a construção da igreja tardou. Há no entanto que relevar a presença da comunidade dehoniana que se instalara, no final da década de 1950, na antiga creche da fábrica têxtil, tendo ali funcionado o seminário menor da congregação[63] até à sua transferência para Gondomar em 1971.[64]

No plano de urbanização original de Ricca, desenvolvido no início da década de 1960 e publicitado na brochura comercial do empreendimento, o complexo da igreja compreendia diversos edifícios, pátios e uma torre sineira destacada. A praça principal, ao seu lado, não constituía o adro. Aliás não cabia à igreja o principal papel na caracterização desse espaço público. O grande cinema (maior que o Cinema Estúdio Foco que seria construído) era, juntamente com o hotel, peça-chave da composição.[65]

Em 1973, a comunidade foi elevada a paróquia experimental. Já com o hotel e cinema construídos, foi concretizada a encomenda do projecto para a nova igreja. Agostinho Ricca reorientou então a igreja e tornou-a no edifício de remate de toda a composição, ainda que recuada em relação à rua do hotel. Na descrição do ante-projeto de Ricca, apresentado em 1974, lia-se:

---

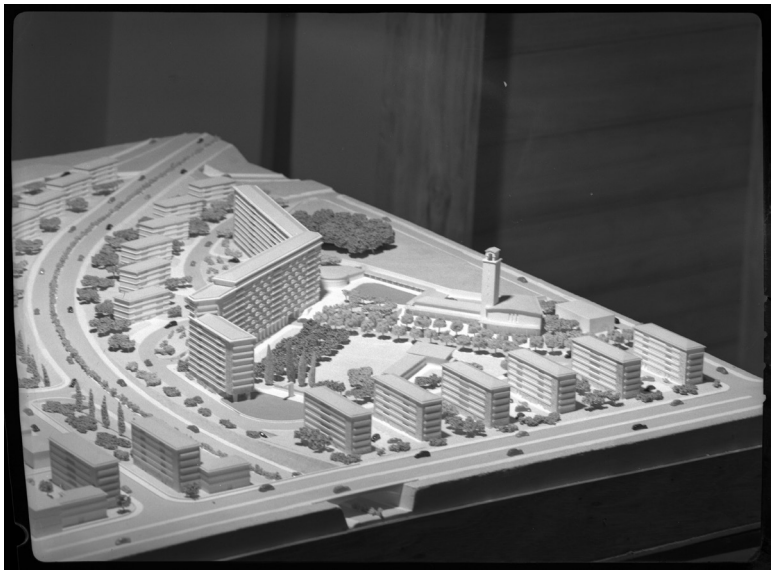
61 *Grande Parque Residencial da Boavista [brochura comercial]* (Porto: Sociedade de Construções William Graham, sem data).

62 Sobre o Plano Director da cidade do Porto [ver cap.2.11]

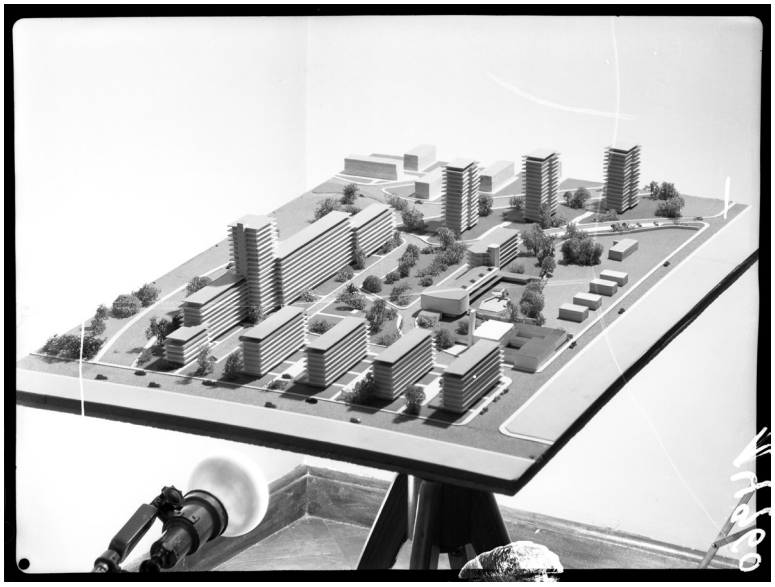
63 Sobre as obras de ampliação e adaptação do edifício da antiga creche.
Cf. «Seminário Apostólico Pe. Dehon», *A Voz do Pastor*, (24.Mar.1962), p.1.

64 Sobre o Seminário Pe. Dehon, Gondomar projectado em 1966.
Cf. Alfredo Moreira da Silva, «Relatório de estágio», *Espólio Alfredo Moreira da Silva*, (Nov.1990), pp.8-9.

65 Não é demais lamentar-se o estado de abandono a que estes equipamentos de alta qualidade foram deixados chegar.



a.



b.

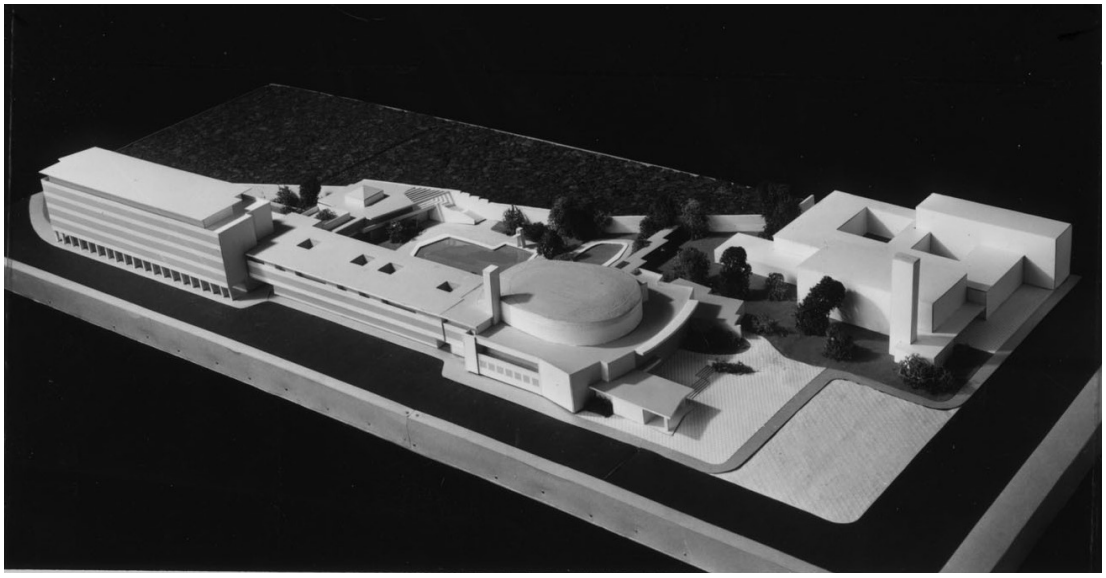
15. Parque Residencial da Boavista (Porto) *Arquivo FML-TR*
a. Maquete da proposta de Nikita Gröer (c. 1959)
b. Maquete da proposta de Agostinho Ricca (c. 1962)

> "(...) quisemos realizar uma Igreja que, embora afastando-se da forma tradicional, se afirmasse como lugar de culto e de oração, de inequívoco sentido místico. Este carácter que impusemos à nossa Igreja veio logicamente a influenciar todo o conjunto.
> Para a obtenção deste carácter de edificação tivemos que optar por materiais que ajudassem à sua concretização (...), cuja alteração poderia destruir a ambiência do espaço criado. (...)
> Assim, o corpo da Igreja, rematando todas as construções que se estendem a Norte – Hotel, Restaurante e Clube – completa aquele não se destacando em altura, apenas assinalado com a torre."[66]

Vale a pena notar como Ricca integrou no projeto da igreja as ideias do acolhimento e do mistério. A entrada na igreja não é uma transição direta. Após alguns degraus acede-se a uma passagem protegida que vai preparando o visitante para entrar no espaço litúrgico. Uma vez dentro, nossos olhos fixam-se no vitral e só depois rodam na direção do altar. A passadeira, tapete denso e confortável no corredor central, convida à caminhada até ao altar, unindo o chão de madeira com o mármore do presbitério. O vitral e o tapete foram encomendados a Júlio Resende. O altar da Capela do Santíssimo, constituído por um bloco de mármore, é reminiscência da antiga pedra cerimonial. É uma peça que contrasta com o altar principal - obra em cobre, tal como o ambão, rico no desenho e pormenorização. Preocupado com o lado mais funcional, e respondendo ao mesmo tempo ao pedido da Comissão para uso mais flexível do espaço, Ricca concebeu o altar equipado com rolamentos para permitir que seja desviado sempre que a sala principal deva ser usada para funções que não os serviços litúrgicos. A descrição da igreja pode parecer um pouco excessiva; mas foi todo um conjunto de opções, desde a integração no espaço urbano à escolha das obras de arte, que ditou o sucesso desta primeira igreja construída por Agostinho Ricca.

Em livros e revistas como *L'Architecture d'Aujourd'Hui* e *Werk*, Ricca coleccionou muitos exemplos do que estava sendo construído por toda a Europa. A biblioteca pessoal é espelho do seu gosto refinado e revela a razão pela qual ele tanto terá viajado. Ricca estava particularmente interessado no espaço de reunião e culto, fosse católico ou protestante. Na década de 1960 ele tinha encontrado na obra de Justus Dahinden as qualidades significativas a que ele dava mais importância: os espaços comunitários organizados em torno do altar e a presença de betão aparente, da madeira, da luz e da

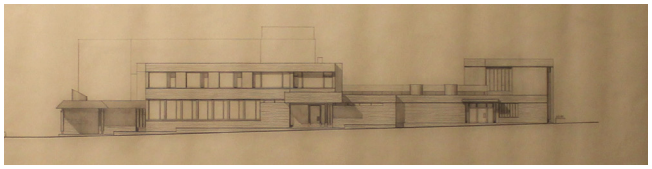
[66] Agostinho Ricca, «Memória descritiva do ante projecto Igreja Nossa Senhora da Boavista», *Arquivo AR*, 1974, p.s/n.



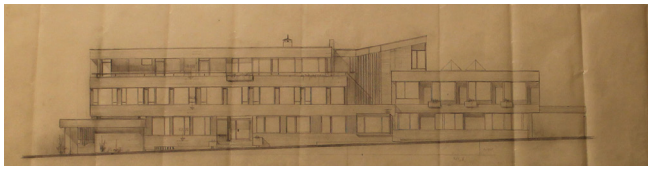
a.



b.



c.



d.

16. Parque Residencial da Boavista (Porto)

a. Maquete do 'Centro Cultural, Comercial e Recreativo' publicada na brochura do empreendimento.
Repare-se a importância do cinema e a implantação da igreja, diferente da construída.

b. O adro actual e grande pala de acolhimento e convite à entrada.

c. d. Centro paroquial nas duas versões: em 1974 (c) e, após sucessivas revisões, na década de 1990 (d).

arte. Tendo encontrado nas igrejas da Suíça obras de arte moderna, Ricca chamou também artistas plásticos para contribuírem para o espaço de oração "mística". Esse espaço tornava-se assim mais do que a mera sala de reunião anónima que, sob a influência duma leitura puramente económica do Espírito de pobreza evangélica, havia de caracterizar muitas igrejas pós-conciliares.

O Centro Paroquial foi pensado como casa, indo ao encontro do carácter doméstico e familiar procurado pela Igreja, . Ricca desenhou cuidadosamente a entrada deste centro: um banco, uma pala baixa, um grande tapete de mármore que convidam à entrada. No interior uma sala de jantar que se relaciona com o jardim, a lareira na sala de estar - uma constante nas casas de Agostinho Ricca. Nas salas de catequese ecoam alguns dos ensinamentos aprendidos em escolas e jardins de infância visitados no estrangeiro. Contrariamente à rigidez espacial imposta pelas paredes divisórias entre as diferentes salas, no projecto de execução Ricca propôs portas de fole, permitindo usá-las conjuntamente ou de forma diferenciada, de acordo com às práticas pastorais.

Um entendimento amadurecido do programa duma igreja paroquial é outra característica a destacar neste projeto. O programa inicial, estabelecido em parceria com o pároco Giulio Carrara, ordenado em Bolonha no tempo do cardeal Lercaro, seguia o modelo das "cidadelas paroquiais" italianas, que não dispensava nem o oratório (atl), nem sala de cinema. Além de salas de catequese e dos serviços sócio-caritativos e administrativos, os programas de centros paroquiais previam oferecer serviços de bibliotecas católicas, salas de reuniões, e até instalações desportivas. Na verdade, esses centros reproduziam o que a cidade oferecia ou estava prestes a oferecer. Na Boavista, o conjunto dos serviços já disponíveis no bairro permitiam focar o projecto na resposta aos serviços essenciais, embora as áreas de serviço social tenham sido posteriormente aumentadas. Por outro lado, o atraso em toda a construção permitiu ir esclarecendo as funções centrais do complexo paroquial.

O processo de concepção e construção estendeu-se por um período superior a vinte cinco anos, tendo atingido o projecto um equilíbrio ímpar quando comparado a outros de idêntica natureza na cidade ou mesmo a nível nacional.

A presença urbana desta igreja – à entrada do bairro e ao lado da principal avenida da cidade – é distinta, embora não monumental, doméstica, mas simultaneamente

simbólica. Combinando o respeito pela tradição e pela novidade é um testemunho discreto - mas não anónimo – da Igreja, facilmente aceite por uma sociedade cada vez mais secularizada.

A organização e caracterização dos espaços litúrgicos e pastorais foi inovadora, sem contudo ser marcada pelo excessivo experimentalismo reconhecível em igrejas nas quais, sob a cobertura do espírito pós-conciliar, a ideia de reunião comunitária acabaria por ditar formas arquitectónicas às vezes excessivamente simplistas. Em tais casos, parecer deixar de haver lugar à fruição individual do espaço para a contemplação, para a oração, para a introspecção.

O bom equilíbrio, a compacidade e a dimensão de todo o edifício permitiram a sua manutenção pela comunidade, que se identifica com este exemplo de património arquitectónico moderno – lugar privilegiado de serviço e acolhimento – que vale a pena salvaguardar. Nisto se lê, sem dúvida, o reconhecimento de um projecto em que o urbanismo, a arquitectura e a arte estão reunidos de forma exemplar.

5.3. Fernando Távora

Recua ao início da década de 1950 o começo da actividade pedagógica de Távora, sendo o primeiro dos assistentes referidos neste capítulo a integrar a equipa de Carlos Ramos na ESBAP. Enquanto aluno desenvolveu pelo menos o estudo de um santuário[67]. Já como assistente e professor, propôs aos aluno ao longo da década de 1960 trabalhos de natureza religiosa que, paralelamente, desenvolvia no seu atelier e que neste capítulo abordamos. Foi sócio do MRAR com participação continuada a partir do final da década de 1950. Com vincadas preocupações culturais e sociais participou de um modo activo quer na continuada renovação da Escola, quer nas responsabilidades que assumiu na diocese. Encontramo-lo associado ao trabalho de promoção social na segunda metade da década de 1960, que teria continuidade na participação cívica e política pós 25 de Abril, nomeadamente através das operações SAAL.

[67] Os painéis deste trabalho académico, designado "L.S.P", encontram-se em tratamento arquivístico na FIMS. Do projecto do santuário relevamos a monumentalidade da solução proposta, o pórtico pontuado por altas colunas, a nave com amplas galerias no primeiro piso, os grandes envidraçados que cobrem quase a totalidade das paredes da nave e o curioso terraço acessível, murado e rasgado por longos vãos horizontais recordando a influência da obra de Le Corbusier. Não foi possível aferir a data nem o âmbito da realização deste trabalho.

5.3.1. Estudos para a Marechal Gomes da Costa

Um dos primeiros trabalhos na CMP

> "A cidade destruiu-o, justo era que a cidade o reconstruísse. Daí, talvez a razão ou justificação histórica da justa e grande esmola que o Porto deu à Ordem de S. Domingos, este naco de terra inculta que estamos a ver e a calcar neste momento."[68]

Foi nestes termos que em 1951, na cerimónia de bênção da primeira pedra do convento dominicano, se pronunciou publicamente o dr. Luís de Pina, presidente da Câmara Municipal do Porto (1945-1949) no período em que foram feitas diligências que levaram à cedência do terreno à avenida Marechal Gomes da Costa[69], negociada a partir de 1948, justamente o ano em que Fernando Távora integrou os serviços camarários da cidade.

Tratava-se de uma zona que reunia condições especiais para a urbanização conforme fora identificado pela equipa que estudava a urbanização da cidade ainda na década de 1940. No caso particular da avenida Marechal Gomes da Costa foram equacionadas diversas possibilidades de implantação do equipamento religioso nos anos seguintes.

Em 1947, uma planta de estudo do agrupamento de casas económicas a construir a nascente daquela avenida, junto à quinta de Serralves, sugeria a implantação de uma igreja isolada, fronteira à praça ajardinada do centro do bairro, o largo D. João III. Dez anos depois, no ano lectivo 1957-1958, Fernando Távora lançaria aos seus alunos do Curso Especial trabalho semelhante, propondo "uma capela" para esse largo. Os

---

[68] Luís de Pina, «O Porto e S. Domingos (22.Mar.1952)», *Cristo Rei, Boletim Religioso da Igreja de Cristo-Rei Dominicanos*, ano I, nº1, (1952), p.1.

[69] A escassez de clero diocesano e a vontade de algumas das comunidades religiosas expulsas na 1ª República(e, noutros casos, de novas comunidades) se (re)estabelecerem nos grandes centros urbanos, justificam que tenhamos assistido ao seu envolvimento na prestação de assistência religiosa/educativa em zonas de expansão urbana, ao longo do século XX. A proposta de instalação definitiva da comunidade dominicana na proximidade da Foz é representativa deste movimento, que contou com a envolvimento inicial de D. Agostinho de Jesus e Sousa e, posteriormente, de D. António Ferreira Gomes. Os dominicanos celebravam regularmente na capela da Casa de Serralves, apesar de estarem instalados numa residência junto ao Jardim do Carregal desde 1937. Pouco a pouco cresceria junto à avenida Marechal Gomes da Costa uma comunidade que reclamaria a construção de um espaço de culto próprio. As irmãs Dominicanas do Rosário também se fixariam na zona ocidental da cidade onde, com o apoio do dr. Francisco Sá Carneiro, criaram o colégio Jardim Flori, em Nevogilde em 1968.

trabalhos de Fernando Abrunhosa de Brito e de João Hermenegildo Pestana integraram a Exposição Magna daquele ano. [70]

Paralelamente ao estudo de 1947 desenvolvia o Gabinete de Estudos do Plano Geral de Urbanização o estudo de urbanização do lado poente da avenida.

No bairro do lado poente, composto por moradias unifamiliares, isoladas e em banda, previa-se a construção de um grupo escolar e dum outro 'edifício especial' (não identificado no estudo) de remate a eixos de arruamentos interiores do bairro, conforme a tendência urbanística corrente à época. O projecto do bairro de moradias seria dotado de um pequeno centro para comércio local, na proximidade de uma zona de recreio e desporto – uma praça atravessada pela ligação da avenida Gomes da Costa à avenida da Boavista. Esta praça seria conformada, em todos os seus lados, por blocos com comércio, não sendo dominada por nenhum equipamento urbano singular, conforme sugere a planta da "Divisão de talhões e alinhamentos, do Plano Parcial de Urbanização entre as Avenidas da Boavista e Marechal Gomes da Costa" que integra uma pasta datada de 1945, existente no arquivo Histórico da CMP.

Foi na revisão deste projecto de urbanização em 1948 que, em vez da igreja paroquial, surgiu o convento dominicano implantado junto ao centro comercial local, conforme documenta a planta de cedência do terreno municipal de aproximadamente 7500 m^2 – um quarteirão que seria limitado por ruas em todo o perímetro. Ainda que este desenho date de Dezembro daquele ano e apresente apenas a parcela para edificação, em Abril o "novo estudo do centro comercial e cívico" contemplava já uma 'igreja e residência eclesiástica' para aquele mesmo lote, uma solução muito próxima da que Fernando Távora assinaria em 1949.

Este plano reduziu o número de edifícios previstos nos estudos iniciais. Se em meados da década de 1940, eram seis os blocos que limitavam o centro atravessado longitudinalmente pela rua, e no de 1948 o centro resultava de uma conjugação de blocos e moradias em banda incluindo já a igreja, na versão de 1949 Fernando Távora propõe apenas dois blocos, frente a frente, destinados a acolher comércio, escritórios e habitação. Os blocos, nascente e poente, partilhariam uma mesma solução volumétria e

[70] Na VII Exposição Magna da ESBAP (1958) foram expostos os trabalhos do 'Curso especial' (4ª cadeira, 3ª parte) realizados por Carlos Chaves Almeida, Fernando Augusto Abrunhosa de Brito, João Hermenegildo Pestana, Mário Joaquim Borges, Sérgio Leopoldo Santos, Sílvia Baudouin Viana de Lima. *VII Exposição Magna da Escola Superior de Belas Artes do Porto* (Porto: Ministério da Educação Nacional, Direcção Geral do Ensino Superior das Belas Artes, 1958), p.15.

funcional, nomeadamente ao nível da definição da galeria comercial porticada no rés do chão e a sugestão dos aproveitamento de terraços para as habitações na cobertura, conferindo uma certa unidade a todo conjunto.[71] Este corpos rematariam quarteirões de moradias unifamiliares modernas[72], contribuindo para o aumento de escala das construções naquele espaço público pensado à escala do bairro. O espaço de praça – designação atribuída por Távora no estudo do centro cívico e comercial – surgia não como uma ilha mas como parte integrante do próprio quarteirão residencial, um espaço público cujo uso seria potenciado pelo comércio para ali proposto. A rua deixou de rasgar a praça, deslocada um pouco para nascente. "Sem nada escrever na memória descritiva sobre a igreja, Távora define-a no desenho, propõe uma volumetria e implanta-a paralela à praça, numa posição recuada, dando protagonismo ao adro dominado pela torre isolada. A evolução do projecto levou a uma redefinição do local da igreja que acabou por ser construída sobre a praça, problematizando o lugar e o modo como esta se apresenta à cidade."[73] A este processo não terá sido indiferente o gosto conservador e o poder exercido pelo cliente, representado pelo fr. Estevão da Fonseca Faria op. e pela comissão angariadora de fundos, presidida pelo futuro embaixador Portugal na Santa Sé, dr. José Nosolini.[74]

Com esta afirmação não pretendemos detrair o papel importante que naquele momento os dominicanos tinham no centro da Europa, reclamando a modernidade para a arte sacra, conforme fomos evidenciando ao longo da tese, mas que só mais tarde acabaria por ser reclamada por aquela ordem em Portugal.[75] Note-se que Távora foi

---

[71] O projecto de Távora desenvolvido na Câmara Municipal lançou premissas que foram consideradas nos projectos futuros, como no do moderno bloco de habitações desenvolvido no lado nascente da praça por Pereira da Costa – trabalho apresentado no Concurso de Obtenção do Diploma de Arquitecto (CODA), em Dezembro de 1952, e que no ano seguinte seria licenciado pelas entidades camarárias e construído.

[72] Na vizinhança foram construídas moradias projectadas por Arménio Losa e Cassiano Barbosa, Agostinho Ricca e José Carlos Loureiro.

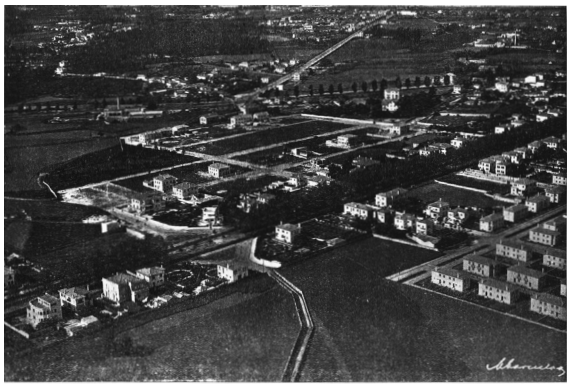
[73] João Luís Marques, «História de um projecto - igreja Nossa Senhora da Boavista», em *Agostinho Ricca - arquitectura, obra, desenho* (Porto: Uzina Books, 2015). p.154.

[74] Para além do dr. José Nosolini presidente da comissão angariadora de fundos integravam a comissão António de Sousa Machado, Edgar Lello, José Bacelar, Albano de Magalhães e José Moreira Rodrigues; a que se juntariam mais tarde, durante a obra, Luís de Pina, Daniel Barbosa, Álvaro de Magalhães e José Rodrigues Gomes. Apesar de não aparecerem os seus nomes nas comissões, salientamos a importância a participação feminina em todo este processo.
Cf. Abel de Campos, «Um pouco de história », *Voz de Cristo-Rei*, nº1 (Out.1980) a nº6 (Fev.82).

[75] Recordamos em particular os contributos no campo da arquitectura de diferentes projectos: Inácio Peres Fernandes, Fernando Távora e Luiz Cunha na capela do convento dominicano (Fátima, 1960, 1961, 1962-1965); Diogo Lino Pimentel na capela do seminário da Aldeia Nova (Ourém, 1964-1965); Alberto Camacho na igreja-salão de S. Domingos de Benfica (Lisboa, 1969-1973).



a.





b. c

17. Centro cívico comercial de Gomes da Costa (Porto, 1949) arq. Fernando Távora

a. Excerto da Planta de Urbanização (1950). *Arquivo da paróquia de Cristo Rei.*

b. Vista panorâmica da zona Residencial de Gomes da Costa (c.1950).

c. Largo D. João II. *Arquivo CPF*

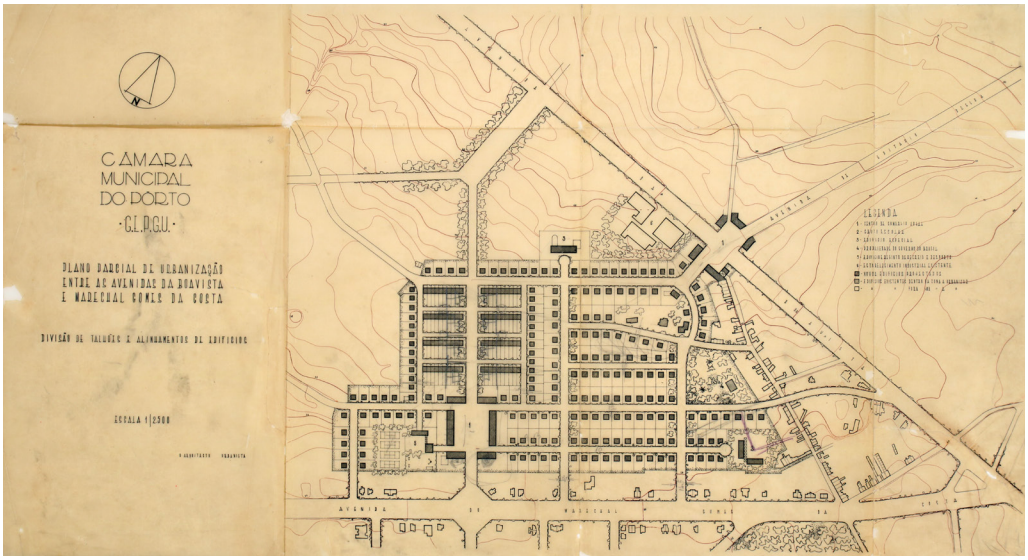
d. Plano Parcial de Urbanização (c.1945). *Arquivo AMP*

e. Aglomerado de Moradias Económicas da Avenida Marechal Gomes da Costa (1947). *Arquivo AMP*

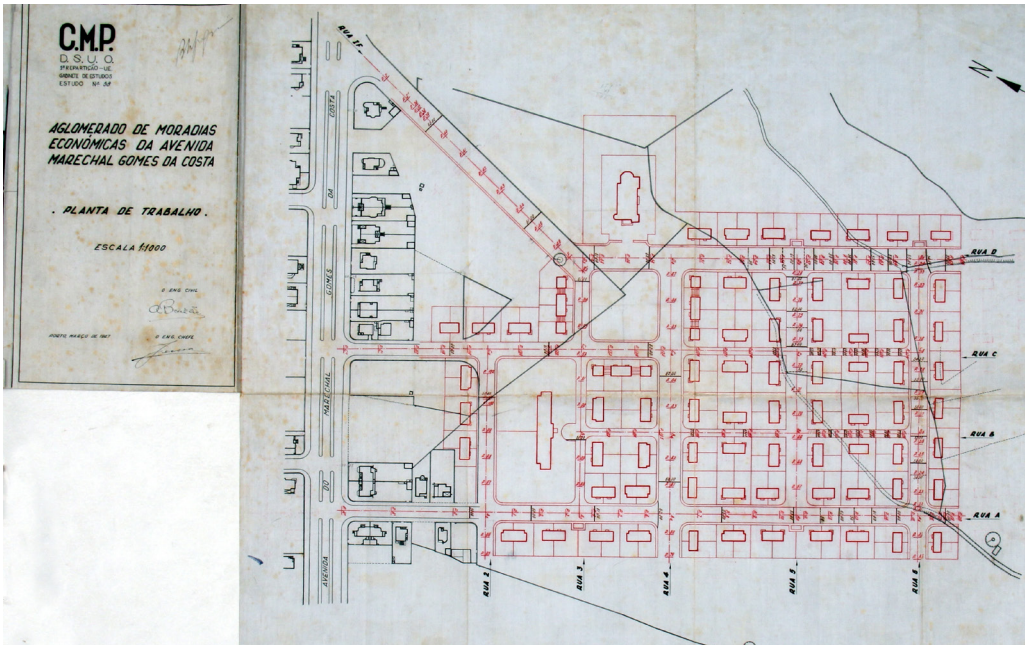
Previa-se a construção de uma igreja junto ao largo D. João II, dentro do limite da actual Quinta de Serralves.

f. Proposta de Fernando Távora para o centro cívico comercial de Gomes da Costa (1949). *Arquivo AMP*

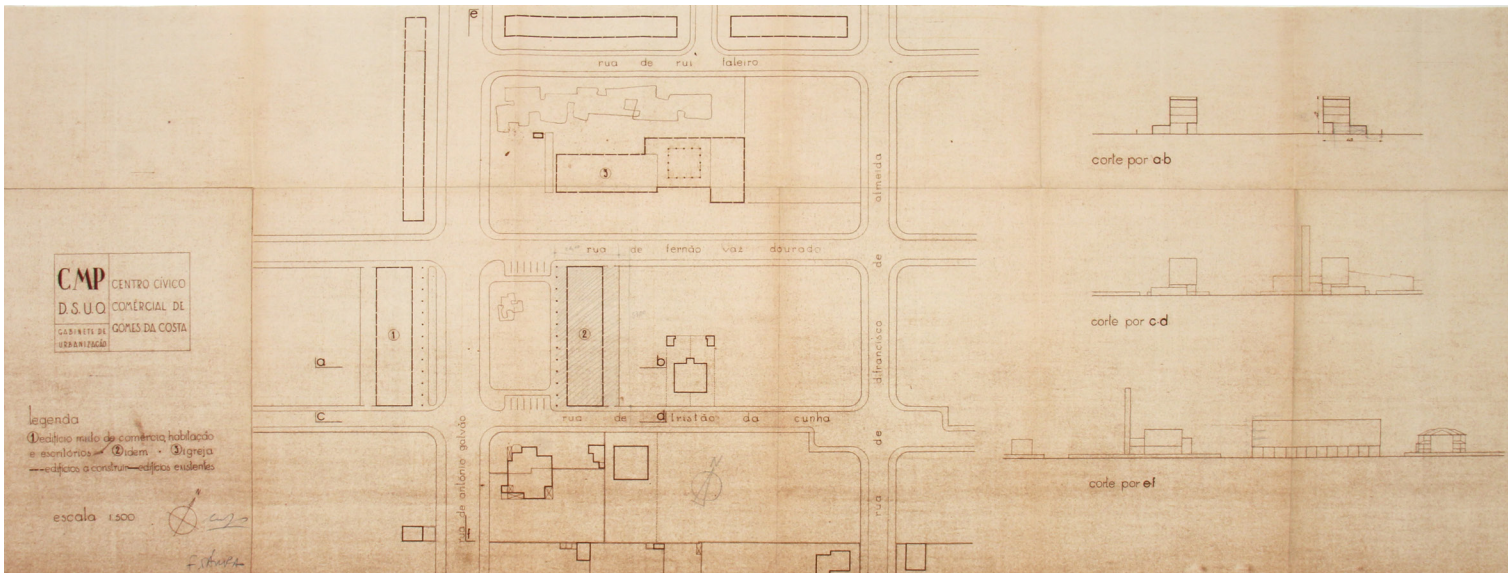
d.


CÂMARA
MUNICIPAL
DO PORTO
·C.M.P.·
PLANO PARCIAL DE URBANIZAÇÃO
ENTRE AS AVENIDAS DA BOAVISTA
E MARECHAL GOMES DA COSTA
DIVISÃO DE TALHÕES E ALINHAMENTOS DE EDIFÍCIOS
ESCALA 1/2500

e.


C.M.P.
D.S.U.O.
AGLOMERADO DE MORADIAS ECONÓMICAS DA AVENIDA MARECHAL GOMES DA COSTA
. PLANTA DE TRABALHO .
ESCALA 1/1000
RUA D
RUA C
RUA B
RUA A
RUA 2
RUA 3
RUA 4
RUA 5
RUA 6

f.


C.M.P.
D.S.U.O.
GABINETE DE URBANIZAÇÃO
CENTRO CÍVICO COMERCIAL DE GOMES DA COSTA
legenda
escala 1:500
rua de rui faleiro
rua de fernão vaz dourado
rua de dinastão da cunha
corte por a-b
corte por c-d
corte por e-f

chamado mais tarde para realizar um projecto, não construído, para a capela do Convento Dominicano de Fátima [76]. Contudo, no projecto do convento de Cristo Rei elaborado no Porto ao longo da primeira metade da década de 1950, a linguagem e implantação adoptadas atraiçoariam a concepção moderna do conjunto que Távora propusera e que a Comissão de Estética Municipal procurou a todo o custo defender. Em apreciação ao projecto de Manuel Passos Júnior e Eduardo Reis lê-se:

> "A unidade, a harmonia e a escala de todos os elementos que intervêm na composição de qualquer conjunto urbano são expressões que têm, hoje, significado bem diferente. Trata-se, muito simplesmente, de conceber uma capela/convento para uma zona residencial de moradias (...).
> Metamo-nos, pois, à escala do conjunto e afastemo-nos de tudo quanto, tenda a emprestar, convencionalmente, ao edifício a conceber, carácter religioso (...).
> [C]ompreendam pois os anseios desta Comissão que, nesta atitude, apenas pretende dignificar a arquitectura de hoje que, nos profissionais do norte, encontra o seu mais decidido baluarte."[77]

Apesar da resistência das estâncias municipais o projecto foi aprovado e a primeira fase do convento inaugurada em Maio de 1954. As restantes fases, que fechariam o claustro, não chegariam a ser construídas. As diferentes linguagens do convento e dos blocos fronteiros encobrem hoje a proposta moderna de Távora que dotava o bairro de um pequeno espaços de encontro e sociabilização da população, incluindo lugar destinado à prática religiosa – um programa que ia ao encontro das preocupações debatidas no CIAM 8 em que Távora participara como observador. Sobre a discussão havida nesse congresso recordou em entrevista:

> "O tema era o core, interpretado como o coração, o centro. Não referido somente ao centro urbano mas especialmente ao problema da necessidade do centro em qualquer nível de organização de arquitectura e urbanismo.(…) uma visão muito ampla arquitectónica, urbanística e humana da necessidade do core como elemento de vida espontânea ou organizada, individual ou colectiva. "[78]

Anos mais tarde, todo o vasto território entre as avenidas Marechal Gomes da Costa, Boavista e Montevideu/Brasil viria a ser lançado como prova de concurso para o lugar de professor de Urbanologia na ESBAP (1962), [79] pondo em debate a temática em

---

[76] Cf. José Bandeirinha, ed., *Fernando Távora Modernidade Permanente* (Guimarães: Casa da Arquitectura, 2012), pp.276-277.

[77] Carlos Teixeira da Costa Júnior e [Comissão Municipal de Arte e Arqueologia], «Parecer ao ante projecto do convento de Cristo-Rei», *Arquivo CMP*, (17.Jun.1950).

[78] Fernando Távora, «Entrevista a Fernando Távora», *Arquitectura*, (Set.-Out.1971), p.152.

[79] Ao concurso de provas públicas para provimento dum lugar de professor do 2º grupo (Urbanologia),

torno da organização das unidades de vizinhança e dos seus centros. O enunciado lançado aos candidatos, baseado no estudo do arq. Carvalho Dias, contemplava uma vez mais a criação de um centro religioso, não à Gomes da Costa (que já estava construído) mas para a nova sede paroquial de Nevogilde.[80] Sobre o primeiro escreveu então João Andresen:

> "(...) a presença dos Padres Dominicanos, com a sua Igreja e Convento, torna já esta zona conhecida por Zona dos Dominicanos (…) é igualmente uma zona estritamente residencial, constituída por moradias igualmente reveladoras dum bom nível de vida dos seus habitantes. Há aqui a assinalar a presença duma recente praceta, sobre a qual dá a Igreja dos Dominicanos, um prédio de andares cujo rés-do-chão é ocupado por estabelecimentos comerciais. Neste pequeno conjunto esboça-se um princípio de centro de interesse social à escala vicinal."[81]

5.3.2. O arquitecto e professor, no MRAR e na Escola

Exercícios de projecto e encomendas reais

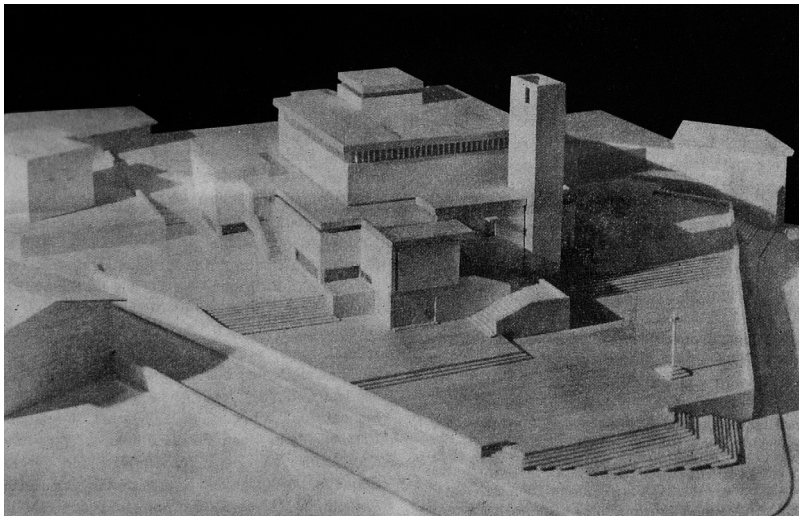
No mesmo ano da prova abordada, 1962, já dentro da nova reforma da Escola, Távora lançou aos alunos da disciplina 'Composição de Arquitectura' exercícios de projecto aproximados a encomendas reais que desenvolvia a par da actividade lectiva.[82] Sendo de natureza religiosa uma parte significativa da encomenda de Távora na década de 1960, foram diversos os trabalhos por ele propostos em sucessivos anos lectivos: convento (1961-1962, 4ºano), capela (1963-1964, 6ºano) e igrejas paroquiais (1965-1966 e 1966-1967, 5ºano). Apenas encontrámos referência destes trabalhos nos catálogos das

composto por dissertação e prova de composição, apresentaram-se três candidatos: João Andresen, David Moreira da Silva e Fernando António Lorenzini Borges. O lugar foi conquistado pelo primeiro.

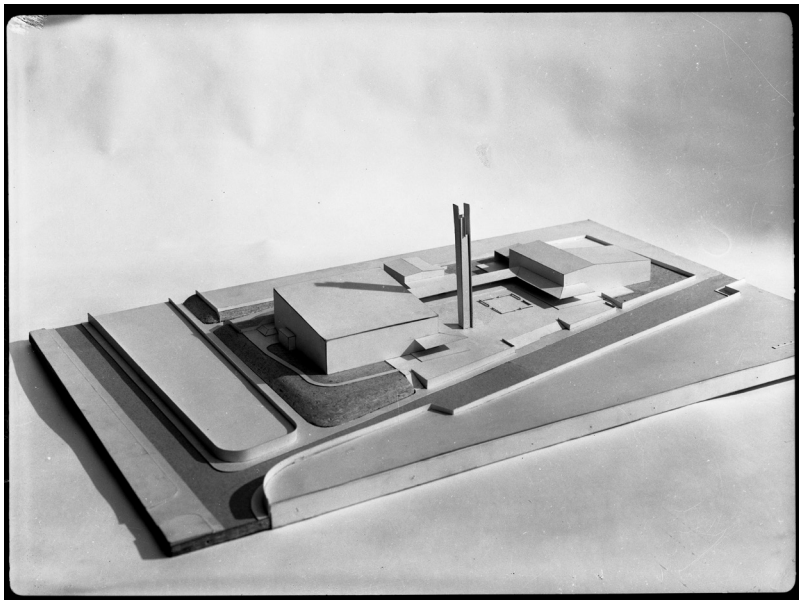
[80] O projecto da igreja e centro paroquial de Nevogilde acabou por ser desenvolvido por um antigo aluno da escola - Luiz Cunha entre 1968-1972.
Cf. Domingos de Pinho Brandão, *São Miguel de Nevogilde. A sua igreja breves apontamentos sobre a história da freguesia* (Porto, 1983).

[81] João Andresen, «concurso de provas públicas para provimento dum lugar de professor do 2º grupo (Urbanologia)», em *Boletim especial da Escola Superior de Belas-Artes do Porto 1962-1963* (Porto: Escola Superior de Belas Artes, 1963).

[82] Veja-se a correspondência cronológica das propostas académicas face às encomendas: convento das irmãs franciscanas de Calais (Gondomar 1961-1971), capela e pavilhão do Instituto Nun'Alvares (Santo Tirso, 1963-1965), igreja paroquial de S. João de Ovar (1966-1968) e de S. João de Ver (1959-1967), igreja paroquial da Nazaré (1963-1966).



a.



b.

18. Igrejas de Fernando Távora
a. Maquete de S. João de Ver. *Arquivo da paróquia SJV*
b. Maquete de S. João de Ovar. *Arquivo FML-TR*

19. Boletim do MRAR, 2ª série, nº30, (Abr.-Jun.1966) desdobrável [pp.539 e 540]

Exposições Magnas daqueles anos, reconhecendo aí nomes de alunos que viriam a integrar o corpo docente da escola do Porto anos mais tarde.[83]

Procurou Távora que a sala de aula fosse espaço de debate e troca de ideias que naturalmente iriam para lá dos problemas de organização tipológica e litúrgica dele bem conhecidos, como reconhecia a hierarquia da Igreja responsável pelas encomendas realizadas. Destacamos as intervenções directas dos prelados do Porto nos processos de encomenda a Fernando Távora: D. António Ferreira Gomes fez-se acompanhar dele no estudo de uma alternativa à localização da nova igreja de S. João de Ver (1959)[84], e D. Florentino de Andrade e Silva indicou-o para a realização do projecto de S. João de Ovar (1967)[85]. Não menos importante foi o papel de Manuel Falcão, director do SNIP e responsável pela sugestão da encomenda da igreja da Nazaré (1962) a Fernando Távora[86].

Em cima dos estiradores da escola foram também trabalhados os desafios particulares lançados por cada projecto, fossem eles relacionados com a inserção urbana, a definição de critérios da escolha de um terreno, o trabalhar da interioridade de um lote e o seu atravessamento; fossem noções de monumentalidade e volumetria, cuidado na

---

83 Trabalhos académicos (natureza religiosa) dos alunos de Fernando Távora expostos nas Exposições Magnas ESBAP, destacamos: "Um convento" Alexandre Alves Costa (1962); "Capela" Luís Amoroso Lopes (1964); "Igreja Paroquial da Nazaré" Luís Taveira e António Madureira (1966); "Igreja Paroquial S. João de Ver", José Quintão, Nuno Tasso de Souza (1967).

84 [S. João de Ver]

> "(...) Ora a opinião do arquitecto é de que a nova igreja deve ser construída no terreno do passal em que está situado o cruzeiro (...) O Bispo da Diocese aprova inteiramente esta opinião do Arquitecto e recomenda que não se deve demolir a actual igreja que ficaria para o ensino da catequese e poderia adaptar-se a um Museu de Arte Religiosa ou Salão paroquial nos tempos de hoje."

Manuel de Pinho, «Circular paroquial», (Nov.1959). in *Dedicação e bênção da igreja de S. João de Ver* (Paróquia de S. João de Ver, 2009). p.10.

85 [S. João de Ovar]

> "(...) foi o projecto entregue ao arquitecto portuense Sr. Fernando Távora, ilustre professor da Escola Superior da Escola de Belas Artes, arquitecto das Câmaras Municipais do Porto e de Aveiro. Pessoa indicada pelo Administrador Apostólico da Diocese como competente e com provas dadas em anteriores trabalhos relativos a traçados de templos modernos."

Alfa, «A moderna igreja de S. João de Ovar», Notícias de Ovar - semanário nacionalista e regional, (21.Set.1967).

86 [Nazaré]

> "Quanto ao projecto, atendendo à responsabilidade da obra, que fica em lugar proeminente numa das vilas de maior interesse do País, e ao facto de ter sido rejeitado já um projecto feito por um arquitecto de certa nomeada [Vasco Regaleira], deve ser entregue a pessoa particularmente competente, séria e aberta aos problemas da arquitectura religiosa. O SNIP (...) propõe simplesmente para elaborar o projecto da igreja nova o arquitecto Fernando Távora, actualmente professor da Escola de Belas Artes do Porto e um dos mais competentes do país."

Manuel Franco Falcão, «[Carta dirigida ao pe. Martins]», *Arquivo SNIP*, (8.Mar.1962).

distribuição e unidade do programa, criação de espaços de transição e reunião, temas identificados nas diversas memórias descritivas que Távora redigiu:

> "A solução, no seu conjunto, apresenta-se extremamente clara: a Igreja ocupa posição central no terreno, contornada por acessos dos lados poente e sul e pelo centro paroquial e residências do lado norte. (...)
> É nítida a intenção de provocar um movimento, que julgamos do maior interesse (...). Assim se vitaliza o espaço público que serve a Igreja, eliminando deste modo o sentido interior, escondido, que teria se tal ligação não se revestisse de importância."[87]

> "(...) procurou combater certa ideia de monumentalidade, sempre tentadora de uma Casa de Deus que bem traduza o espírito dos homens que a erguem e saiba bem o lugar em que se situa"[88]

> "(...) o desejo de unificar três edifícios tão diversos como o da igreja, do centro e da residência, levou-nos a uma solução em que o conjunto se estrutura em torno de um amplo adro, voltado a sul, ponto de acesso e de confluência, centro de gravidade da família paroquial (...)"[89]

A discussão destes temas não se fez unicamente no espaço do seu atelier ou na escola onde leccionava – relembramos a apresentação e discussão dos ante-projectos do convento de Gondomar e da igreja da Nazaré no espaço do MRAR.[90] No caso particular das igrejas paroquiais, destacamos as reuniões que Távora realizou com as comunidades, não só apresentando e explicando o projecto, mas partilhando toda uma cultura internacional que assim fazia chegar às populações. Tirando partido das suas qualidades de orador e do estatuto de professor trabalhou com as comunidades na procura da aceitação e identificação com as propostas modernas por si apresentadas, conforme relatam os jornais locais e a correspondência com os párocos.[91] As reuniões eram uma

---

87 Fernando Távora, «Memória Descritiva e Justificativa do anteprojecto para a igreja paroquial Senhor dos Mares, Nazaré», *Arquivo FIMS-FT*, (Jan.1966).

88 Fernando Távora, «Memória Descritiva e Justificativa da igreja paroquial São João de Ver», *Arquivo FIMS-FT*, (Dez.1966).

89 Fernando Távora, «Memória Descritiva e Justificativa da igreja paroquial São João de Ovar», *Arquivo FIMS-FT*, (Jan.1969).

90 Foram apresentados e discutidos em reuniões de estudo do MRAR os ante-projectos do convento para a Congregação das Irmãs Franciscanas de Calais, Gondomar (Lisboa, 28.Nov.1961) e o ante-projecto igreja Sr. dos Mares, Nazaré (Lisboa, 11.Jan.1966).
Cf. Boletim MRAR, 2ª série, nº7, (Dez.1961); Boletim MRAR, 2ª série, nº30, (Abr-Jun.1966)

91 "Este mês naturalmente foi de férias para si e para mim, foi de estudo à reacção do povo à 'sua' Igreja futura [S. João de Ovar]. Para lá de algumas vozes discordantes, de alguns comentários compreensíveis, a reacção mais comum parece-me ser, não de entusiasmo (seria surpresa) mas de confiança nas pessoas que têm o problema da igreja sobre ombros."

ÍNDICE DO BOLETIM N.º 17 a 30 — 1963/1966

I — ARTE SACRA

— Generalidades

Testemunho sobre a paróquia experimental do Padrão da Légua / Porto 21
Reunião com o escultor Lagoa Henriques 24
Mensagem de Paulo VI aos Artistas no encerramento do Concílio Ecuménico 29

— Arquitectura

Caracterização do local reservado ao coro de cantores e ao órgão nas igrejas paroquiais 17
Reintegração artístico-litúrgica da Igreja do Mosteiro de Santo Tirso 19
Uma Catedral para Tóquio 19
Capela do Bairro Social da Sacor 20
Igreja Paroquial de Almada 25
Inauguração de uma nova igreja paroquial em Lisboa 25
Igreja Paroquial de Albarraque 26
Igreja Paroquial de Paço Arcos 21
Igreja Paroquial de S. Mamede de Negrelos ... 29
Igreja do Convento dos Dominicanos de Fátima 29
Igreja Paroquial de Aveiro 29
Igreja Paroquial da Nazaré 30

— Paramentaria

Problemas da Paramentaria Moderna 18

— Música

Liga dos Amigos do Órgão — L.A.O. 18
Música sacra (a cargo do grupo de Música Sacra)
— Programa da reunião 18
— Relato da reunião 19
Directrizes litúrgico-pastorais (música e canto) 20
Contributo do canto sagrado para uma renovação pastoral ao nível das paróquias
— Programa da reunião 21
— Relato da reunião 22

— Imaginária

Directrizes litúrgico-pastorais (Imagens na Igreja) 20

II — ORGANISMOS DE ARTE SACRA

Mais dois anos de vida do Movimento 18
Comissão Diocesana de Arte Sacra de Lisboa ... 20
Comissão Diocesana da Sagrada Liturgia Música e Arte Sacra de Bragança 20

III — ACTIVIDADES DO MRAR

Assembleia Geral e Eleição dos Novos Corpos Gerentes referentes a 63/64 17
Novos sócios 17
Mudança da Sede e dos serviços de expediente 17
Oração para os membros dos MRAR 17
Conselho Directivo do MRAR (3-Maio-1963) ... 20, 21
Novos sócios 22, 23, 28
Conselho Directivo — III Encontro de Outubro (11-Julho-1963) 22
III Encontro de Outono 23
Conselho Directivo (3-Dez-1964) 23
Conferência em Bragança 23
Encontro no Porto 25
Assembleia Geral Ordinária (10-Abril-1964) ... 26
Reuniões do Conselho Directivo — 4 vezes 28
Assembleia Geral (29-Março-1965) — biénio 65/67 28
Conferências diversas 28
Reuniões de estudo (6 reuniões) 28

IV — EXPOSIÇÕES — CONGRESSOS — CURSOS — CONCURSOS

Congresso do SIAC 22
Cursos sobre liturgia — S.I.R. 25
Concurso de Ante Projectos para a nova Sé de Bragança
— notícia 25
— Relato e resumo bibliográfico de artigos e críticas 28
Exposição «Novas Igrejas na Alemanha) 25, 26
Exposição de Paramentaria Moderna 26, 28
Congresso de Assis 22, 23 e 29 de Abril de 1965 28

V — BIBLIOGRAFIA PORTUGUESA E ESTRANGEIRA

21, 22, 24, 27, 28, 29, 30

BIBLIOGRAFIA

Paramentaria

das SAKRALE GEWAND
Soror Augustine Flueler
Ed. Schweizerischen St. Lukasgesellschaff
NZN Buchverlag / Zürich.

É já sobejamente conhecido entre nós o nome de Soror Augustine Flueler. Esta edição apresenta as suas obras mais recentes (até 1964), e demonstra claramente a sua preocupação de renovar contìnuamente, e dentro de uma linha coerente com os princípios doutrinários que desde o início aceitou e propôs, a arte da paramentaria. Pena é que o texto da edição, em língua alemã, não seja acessível à maioria do público português.

Revistas

ARA arte religioso actual
Julian Gayarre, 1
Madrid — 7 (assinatura mensal: Ep — 175 pst
Est.º — 4$ U.S.A.)

Lançada pelo «Movimento Arte Sacro» dirigido pelo P.e Fr. José M. de Aguillar, esta revista mensal dedica-se a todos os ramos de arte sacra espanhola e estrangeira noticiando, formando, criticando e prevendo toda a sua evolução.

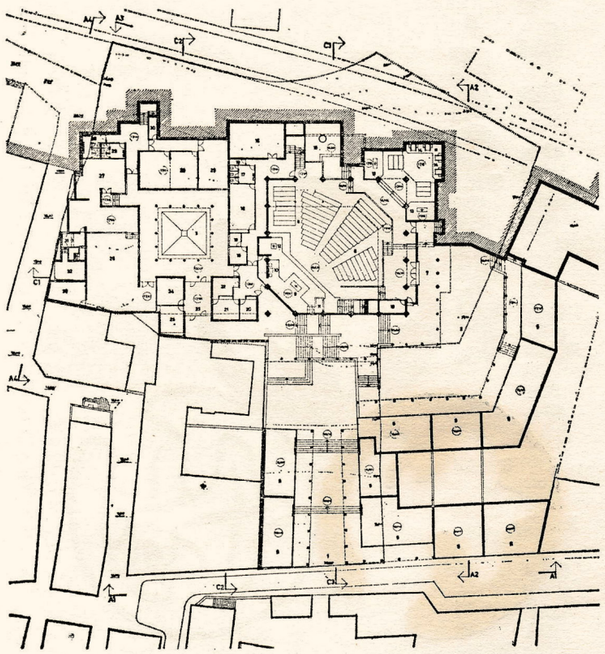
Publicação mensal N.º 30 — ABRIL/JUNHO — 1966
Director e Editor: Sebastião Formosinho Sanchez / **Redacção e Administração:** — Rua do Jarmim, 18 r/c — LISBOA — Tel. 369722
Composto e impresso na União Gráfica — LISBOA

movimento de renovação da arte religiosa · boletim



a.

movimento de renovação de arte religiosa — Boletim 2.ª série — Abril/Junho — 1966 **30**



Igreja Paroquial da Nazaré — Ante-Projecto

REUNIÃO DE ESTUDO

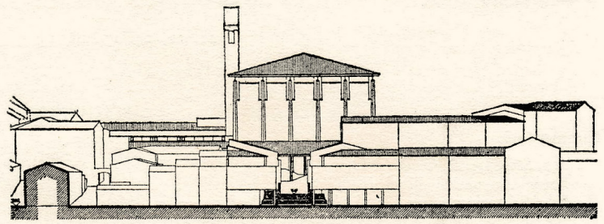
Relato (17/11/66)

Na sala da casa de retiros do Largo de S. Mamede, o Arq.º Fernando Távora apresentou-nos o seu A. Projecto para a futura igreja paroquial da Nazaré. Entre os presentes, encontrava-se o pároco, Rev. P.e Martins, e alguns membros da Comissão a quem cabe a pesada responsabilidade de levar por diante a obra.

Uma igreja moderna no centro da Nazaré! Quem não conhece o ambiente: ruas estreitas perpendiculares ao mar, casas brancas, a presença dominante do mar e da pesca, a vista do Sítio sobre o casario. E quem conhece tudo isso, não pode ignorar a dificuldade de integração de um edifício necessàriamente volumoso, nessa escala aconchegada. Por outro lado, (e preponderantemente do lado do Sul) há outra realidade paisagística, essa quase revoltante, da Nazaré das garagens, do edifício da lota, do bairro dos pescadores, do hotel novo, dos prédios de rendimento, das escolas dos centenários e de tantos outros episódios de não-arquitectura que desfiguram a Nazaré antiga.

A igreja ficará junto ao núcleo antigo da vila, nele ainda integrada, mas na periferia alta. É um terreno difícil, com cerca de 10 m de desnível entre as ruas que lhe dão acesso, de recorte sinuoso, e bordejado de empenas sem solução ou de traseiras de barracões e habitações.

A superfície é grande, mas a área útil, o estrictamente necessário para o vasto programa de uma igreja única para um local em que, no Verão, a população chega a decuplicar.



Igreja Paroquial da Nazaré — Ante-Projecto

Nesses condicionamentos difíceis, e sentindo profundamente o problema da integração na paisagem e numa realidade cultural e social extremamente vincada, a dos pescadores, e devendo atender à realidade, menos interessante e menos personalizada, dos milhares de turistas e veraneantes que, durante meio ano, são também população da Nazaré, o Arq.º Fernando Távora aceitou frontalmente os problemas. Queremos dizer que não houve fuga nem alienamento, não houve «rodear prudente» das dificuldades, como também não houve simplismo do recurso ao contraste resultante da voluntária ignorância da problemática existente.

Antes de mais, o que vimos, foi hábil e sensível capacidade de partir das limitações, para invenção de uma solução global, de tal modo, que essas mesmas limitações mais parecem ter agido como incentivo do que como obstáculos. E não é isso já um elemento-base daquilo a que verdadeiramente se chama arquitectura?

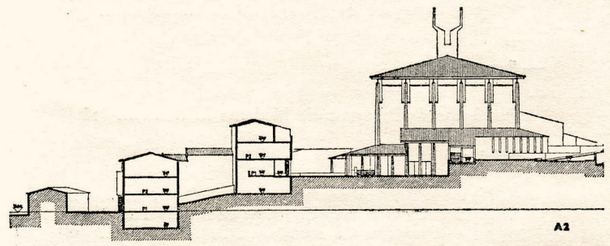
Vencida essa primeira escalada no processo creativo, tudo o mais surge como muito natural, quase num encadeado de causa e efeito, cheio de clareza e espontaneidade. E nisso está a segunda grande virtude do projecto que nos foi apresentado e discutido.

Princípio geral: a igreja ergue-se num grande volume paralelipipédico, de base quadrada, rematado por telhado assente sobre estrutura de madeira à vista para o interior. Esse grande volume é acompanhado todo à volta, por telhados baixos, de alpendres ou de instalações de centro paroquial. Esses telhados fazem a ligação com o casario envolvente, e definem um pátio-quasi-claustro. O acesso principal é feito pelo lado do mar, a partir da rua de sub-vila, caracterìsticamente nazarena, e através duma faixa de terreno que sobe para a igreja, com menos de 20 m de largo e entalada entre empenas e muros que não chegam a esconder traseiras.

O projectar da igreja começou no projectar de uma proposta para solução urbanística da vizinhança. E nisso o Arq.º Távora soube admiràvelmente dominar as relações de casa e rua, das quais depende fundamentalmente a escala da vila. E criou «largos» e percursos que reiventam a textura urbana antiga. Assim a Câmara e os proprietários interessados saibam e possam dar realidade ao projecto.

Dentro da igreja, um vasto espaço único de base quadrada e que se eleva a cerca de 15 metros de altura, ocupando o Santuário um dos ângulos. As pessoas distribuem-se por dois pisos correspondentes aos acessos, feitos também a dois níveis, e que se encontram num mesmo ponto: uma escada meio interior, meio exterior.

É um espaço simples, nítido e que permite uma estrutura igualmente nítida, embora não sem problemas, dado o grande vão a vencer. Não haverá recurso a virtuosismos de iluminação, de complexidade requintada de relações especiais, nem submissão a tantas outras tentações possíveis e frequentes nas igrejas ditas modernas. Dessa calma coerência



Igreja Paroquial da Nazaré — Ante-Projecto

no domínio da proporção e na concepção da obra, resultará, estamos certos, uma arquitectura (que o é verdadeiramente) natural, capaz de falar por si e de nos fazer falar com ela.

Este projecto conta com a colaboração dos Engenheiros Eduardo Zúquete, Teixeira Coelho e Vítor Monteiro.

Os pontos mais discutidos foram justamente o da integração na paisagem, o dos acessos, a localização do baptistério, a solução da entrada, (percurso já no interior da igreja, com pequenos desníveis e sem deixar ver as pessoas e o altar). Também foi levantado o problema da coerência entre a organização espacial, a disposição dos bancos e santuário, e a estrutura voluntária.

Em resumo, o MRAR não pode deixar de ficar grato ao Arq.º Fernando Távora, pela matéria de que foi feita esta reunião e, cremos que ainda mais, pela obra que realizará na Nazaré, *obra de arquitectura*.

> "(...) oportunidade de ver o anteprojecto, ouvir o seu autor, formular naturalmente as perguntas e reparos, em suma, dialogar com o autor acerca da obra, uma vez que a todos se destina e para a qual já quase todos contribuíram com uma quota parte."[92]

Pressentia-se já aqui, no contexto da encomenda religiosa, a dinâmica que enformaria a arquitectura participada. A pedagogia saía assim do espaço da escola ao encontro da população a servir:

> "Demonstrando estar actualizado com tudo o que o Concílio e as Comissões Litúrgicas determinaram quanto a um tipo de igreja-modelo, manifestando o seu interesse pelo trabalho e o modo como o concebeu, e dando conta dos seus conhecimentos, obtidos em viagens e por meio de publicações especializadas, dos modernos templos da Alemanha e da Suíça, o sr. arquitecto prendeu a assistência durante duas horas."[93]

Apesar das especificidades e condicionantes de cada projecto, encontramos pesquisas comuns em torno de temas tratados então um pouco por toda a Europa. Por exemplo, sobre os espaços de transição, adros - pátios e claustros - espaços exteriores de distribuição e de encontro. Destacamos os espaços exteriores da Nazaré e de S. João de Ovar, onde o complexo paroquial se organizava em torno de uma grande praça aberta, pontuada por uma torre que dominaria a planície.[94] Quanto ao espaço litúrgico, encontramos nas igrejas que projectou na década de 1960 a exploração de uma mesma forma – o quadrado. De facto, reconhecemos essa forma na capela do colégio de Santo Tirso, na igreja da Nazaré, e também nas de S. João de Ver e S. João de Ovar, independentemente da organização interna da assembleia, mais ou menos envolvente do altar. Retomova assim o tema da 'quadralidade' já enunciado na conferência de 1958 quando, no espaço do MRAR, lhe pediram que falasse das características da arquitectura religiosa meridional. Recordou então a obra "Invariantes Castizos de la arquitectura

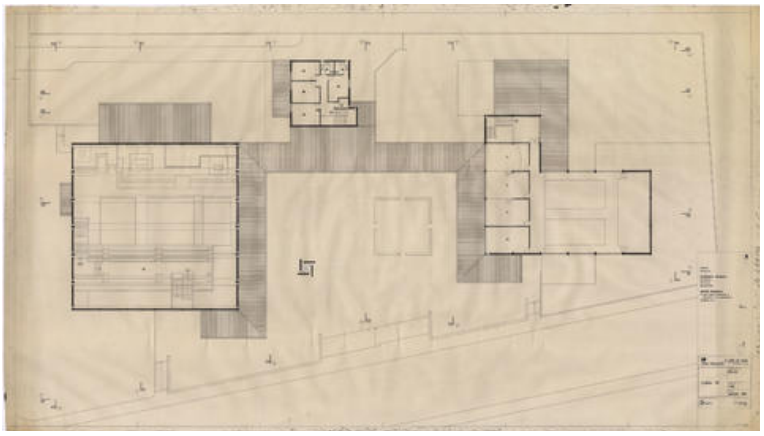
---

António José Silva, «Carta dirigida a Fernando Távora », *Arquivo FIMS-FT*, (6.Out.1967), p.s/n.

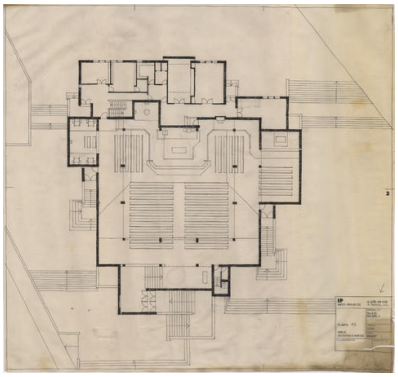
92 Alfa, «A moderna igreja de S. João de Ovar». p.1.

93 Ibid. p.1.

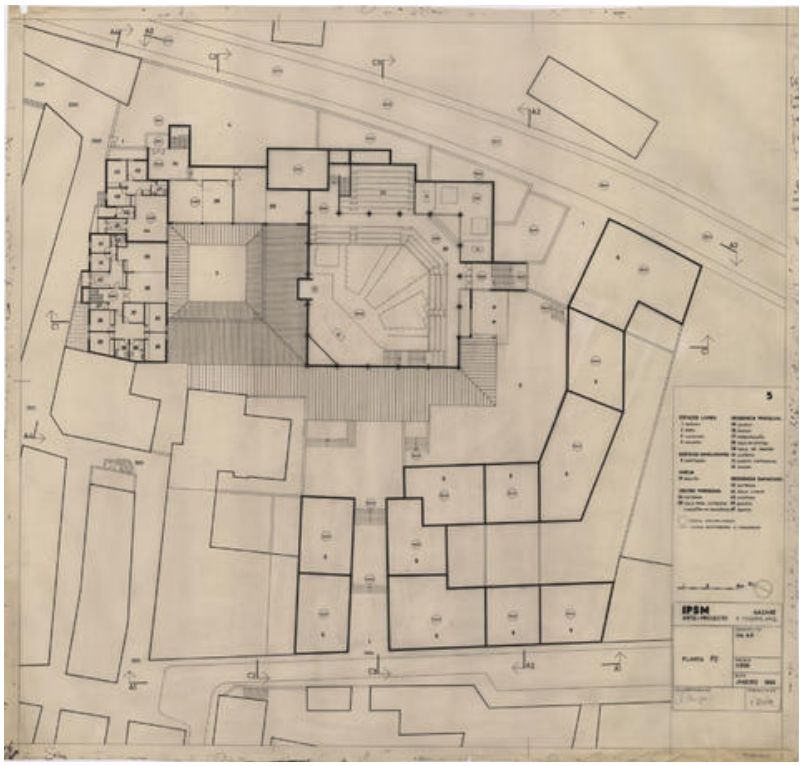
94 "Enquanto que o nórdico tem tendência a imiscuir-se na natureza, a disfarçar-se um pouco na natureza, nós sem ofender a natureza temos tendência para cavalgar a natureza, não é? Cavalgar neste sentido, de apoiar-nos solidamente sobre a natureza, sem a destruir, mas termos uma certa independência em relação à natureza envolvente (...) Nós de um modo geral talvez ligado à tradição de Grécia e de Roma, dá-me impressão que temos tendência para aceitarmos a natureza, mas não nos deixamos dominar pelas condições naturais, é estabelecer um compromisso que não é de subordinação total, nem é de domínio total, uma situação média, uma situação que é aliás difícil de explicar."
Fernando Távora, «Características da arquitectura religiosa meridional - conferência», *Curso de arquitectura sacra, Movimento de Renovação de Arte Religiosa*, (3.Jan.1958), p.s/n. [ver anexo 6]



a.



b.



c.

20. 'constante na arquitectura meridional' - 'quadralidade' nas igrejas de Fernando Távora
a. S. João de Ovar (Ago.1967). *Arquivo FIMS-FT*
b. S. João de Ver (Mai.1967). *Arquivo FIMS-FT*
c. Senhor dos Mares, Nazaré (Jan.1966). *Arquivo FIMS-FT*

Española" de Chueca Goitia, pressentindo que também no Norte de Portugal aquele atributo se fazia sentir de modo particular na arquitectura românica "anónima (...) feita por uns tipos que a gente não sabe quem eram – homens da terra"[95]. Aí como nas das igrejas nomeadas ecoa o escrito de Goitia, que Távora sublinhara no seu livro:

> "(...) la proporción cuadrada, merced a la que se logra esa sensación de calma, de perfecto reposo. La proporción cuadrada presta a las composiciones arquitectónicas esa viril solidez hacia la que tiende siempre la arquitectura de nuestro país."[96]

Ainda sobre a proporção quadrada encontramos referência na memória descritiva no estudo para a igreja de Ermesinde desenvolvido por um antigo aluno seu, João Hermenegildo Pestana[97]:

> "Evidentemente a forma ideal seria aquela em que a largura da nave seria igual à do seu comprimento, todavia essa foi posta de parte porque a forma do terreno não o permitiria."[98]

Características da arquitectura religiosa meridional (1958)[99]

Fernando Távora proferiu em Janeiro de 1958, a convite do MRAR, a conferência "Características da arquitectura religiosa meridional" integrada no Curso de Arquitectura Sacra realizado no âmbito da preparação do concurso para a igreja do Sagrado Coração de Jesus. A descoberta da fita magnética com registo áudio parcial do curso e a transcrição realizada que publicamos em anexo, permitiu-nos aprofundar o conhecimento dos temas então abordados pelos arquitectos Hermann Baur[100] e

---

95 Ibid.

96 Fernando Chueca Goitia, *Invariantes Castizos de la Arquitectura Española* (Madrid: Dossat, 1947).
Fernando Távora adquiriu o livro "Invariantes Castizos de la arquitectura Española" em Madrid a 8 de Março de 1950.

97 O estudo desenvolvido por João Hermenegildo Pestana colaborador do arq. Alcino Costa, foi desenvolvido após o abandono do ante-projecto elaborado por Costa e Almeida (1959). Enquanto aluno, João Pestana colaborou com Agostinho Ricca e José Carlos Loureiro.

98 João Hermenegildo Pestana e Alcino Costa, «Memória descritiva e justificativa igreja paroquial de Ermesinde», *Arquivo ADP*, 196-.

99 Fernando Távora, «Características da arquitectura religiosa meridional - conferência», *Curso de arquitectura sacra, Movimento de Renovação de Arte Religiosa*, (3.Jan.1958). [ver anexo 6]
Neste sub capítulo citaremos recorrentemente a transcrição do registo áudio da conferência. De modo a facilitar a leitura, apenas serão explicitamente referenciadas outras fontes citadas.

100 Hermann Baur, «A arquitectura religiosa cristã e a sua evolução - conferência», *Curso de arquitectura sacra, Movimento de Renovação de Arte Religiosa*, (3.Jan.1958). [ver anexo 7]

Fernando Távora, naquela que foi a actividade mais participada do MRAR, reunindo em Lisboa cerca de 200 participantes e atraindo grande cobertura na imprensa nacional.[101]

A comunicação de Fernando Távora foi preparada e discutida em colaboração com os professores Mário Chicó e Artur Nobre Gusmão e o arquitecto António Freitas Leal. A conferência dividiu-se em três partes e foi seguida da apresentação de diapositivos.

Num primeiro momento Távora assumiu a impossibilidade de responder de uma forma exacta ao pedido da organização do encontro, uma vez que do seu ponto de vista mais do que as 'características de uma arquitecura' havia a necessidade de conhecer as 'características de um determinado tipo de organização de espaço' – tema que havia de dar origem à dissertação em 1962. Era necessário portanto a uma leitura transversal que não ignorasse o homem, integrado num determinado meio e habitando-o de diferentes modos. Ora a desejada síntese do urbanismo à arquitectura estava ainda por fazer, uma vez que o conhecimento era ainda demasiado compartimentado e estanque:

> "Há investigações de arqueólogos, há investigações de sociólogos, há investigações de economistas, mas em verdade essa síntese, que um dia naturalmente há-de vir, ainda não chegou. Andamos nesta matéria ainda às apalpadelas, um pouco ainda ligados a uma sensibilidade, a um conhecimento por sensibilidade, mas não realmente a um conhecimento científico destes fenómenos."

Távora revelou a expectativa e confiança que tinha no trabalho em curso do Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa, que procurava aprofundar o estudo "de um determinado espaço organizado", propondo uma leitura mais global.

Num segundo momento, Távora problematizou o interesse de conhecer as características da arquitectura meridional, em particular, da portuguesa, e o modo como esse conhecimento poderia ter um 'sentido palpável, útil, de aplicação prática'. Traçando o caminho que conduzira à ideia de uma arquitectura internacional, questionou o entendimento da 'escala humana'.

> "Arquitectura que não conhecia homens, nem climas, nem materiais. Uma arquitectura pura, para um homem puro, situado numa terra pura. A realidade, porém, e dia a dia nós reconhecemos, é que nem os homens são todos iguais, nem

[101] Cf. João Alves da Cunha, «MRAR e os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal no século XX - a ação do Movimento de Renovação da Arte Religiosa nas décadas de 1950 e 1960» (Universidade de Lisboa, 2014), pp.199-201.

> as condições da terra são todas semelhantes. É um pouco do caso do rei vai nu. Levantou-se então o problema: se os homens são diferentes uns dos outros, se a terra que pisam é cheia e tão rica de cambiantes, para quê forçar a realidade indo para uma arquitectura e urbanismo de essências?"

Neste contexto Távora reconheceu a actualidade e importância da acção do MRAR, enquanto movimento que, contrariamente à 'ideia de uma arquitectura internacional', defendia a necessidade do conhecimento da realidade, de modo a "integrar toda a arquitectura num determinado ambiente físico, humano e histórico", afirmando:

> "(...) nós temos que tomar consciência da nossa realidade. Isto num sentido muito lato. E realmente ao falar de escala humana em arquitectura, urbanismo para o Homem, não considerar (realmente) um homem geométrico, mas um homem humano, com o seu sentido das suas realidades culturais, sociais, económicas, geográficas, históricas etc. Mas analisar tudo e conhecer tudo com um sentido criador. Não procurar uma lição de história que seja de puro diletantismo, de puro conhecimento. (Mas) na medida do possível aplicar, realizar, quer dizer, analisar com um sentido de síntese e com um sentido criador."

No terceiro momento, Távora apontou temas que associou às hipotéticas características da arquitectura meridional. Falou então das diferenças do Norte e Sul de Portugal, no modo como se distribuíam as massas de vegetação em cada uma daquelas áreas, da sobriedade que não podia ser apenas resultado duma austeridade económica, da proporção quadrada agarrada à terra, da concentração da decoração forte, da integração dos edifícios na paisagem (contrastando com as experiências da arquitectura nórdica) e do 'certo ar de família' que chamou 'escala doméstica'.

Por fim, surgiram imagens, numa primeira série com exemplos da história da arquitectura religiosa internacional, seguida de igrejas portuguesas: pequenas igrejas românicas (para falar da 'decoração', do 'mistério', do 'material', da 'afirmação dos volumes') e 'arquitecturas anónimas' ao longo da linha costeira (para despertar o interesse do uso da cal e constatar a presença de diferentes plantas 'mais presas ao rectângulo no norte' e 'mais irregulares' no sul); por último as plantas e fotografias de igrejas de Lisboa que seriam visitadas em grupo nos dias seguintes do curso – Sé, Jerónimos, São Vicente de Fora, Santa Engrácia, São Paulo, Nossa Senhora de Fátima e Moscavide. Desta sequência realçamos dois temas destacados por Távora: integração na malha urbana – caso da igreja de S. Paulo; e a concepção do pórtico de entrada – caso da Sé de Lisboa. Sobre o primeiro tema afirmou:

> "Segundo me dizem tem interesse por ser uma igreja de emergência, feita com necessidade de ser construída com certa rapidez mas, no entanto, com sobriedade e uma certa nobreza. (...) Esta igreja de São Paulo deve ter constituído um protótipo que depois Lisboa expandiu para o país, como aliás aconteceu já com toda a arquitectura pombalina. Não sei se sabem que o pombalino foi o primeiro tipo de arquitectura feita em Lisboa imposta ao país."

Aproveitando esta situação particular, Távora diria "infelizmente isso continua a verificar-se. Embora passados 400 anos continuamos a receber lá no Norte projectos feitos aqui." Diplomaticamente, nos diapositivos seguintes ajustaria o discurso à arquitectura religiosa contemporânea, a propósito das igrejas de Nossa Senhora de Fátima (1938) e de Moscavide (1956). Comparou-as e manifestou apreço pela solução desenvolvida por João de Almeida e António Freitas Leal, por explorar o 'sentido da igreja do quadrado'. Recuperaria então o tema da integração das igrejas, tal como o da dicotomia Lisboa-Porto.

> "Dá-me impressão que Moscavide era uma igreja que até certo ponto, (a não ser que fosse mandada de Lisboa para o Porto, que também era possível), está muito bem aqui (...). Há uma certa proporção, uma amenidade que nós achamos bem, mas que talvez não fizéssemos assim."

Não fossem os diapositivos de obras de igrejas estrangeiras e portuguesas, a conferência pareceria pouco focada na arquitectura religiosa. De facto, Távora não referiu qualquer aspecto de natureza litúrgica – tema expectável numa conferência dedicada às 'Características da Arquitectura Religiosa Meridional'. Contudo, os assuntos tratados sugeriam um enquadramento lato do problema arquitectónico ao qual as igrejas não era estranhas.

5.3.3. Trabalhar com a comunidade

O Barredo e a Obra Diocesana de Promoção Social

O nome de Fernando Távora voltaria ainda a associar-se à história da Igreja na cidade do Porto após o regresso de D. António Ferreira Gomes do exílio em 1969. D. António sentiu então a necessidade de reforçar a presença da instituição criada pelo administrador apostólico, na sequência do trabalho realizado nos bairros pelo Secretariado Diocesano de Acção Social. Identificou então dois nomes da cultura portuense a quem dirigiu o convite para integrarem a direcção daquela obra diocesana: o

professor e arquitecto Fernando Távora e o advogado e deputado Francisco Sá Carneiro.[102] Desta forma procurava a Igreja a abertura ao mundo através duma maior participação de leigos nas suas estruturas.

Se o convite a Francisco Sá Carneiro era fruto do reconhecimento da sua intervenção política junto de Marcelo Caetano no regresso de D. António[103], o convite ao arquitecto Fernando Távora, assumido católico desde a juventude[104] e com reconhecido mérito académico, culminava uma década de colaboração nalgumas causas da diocese do Porto. Para além dos trabalhos já identificados, Távora tinha assessorado Luiz Cunha, seu antigo aluno e membro activo do MRAR, na proposta expositiva para o Museu de Arte e Arqueologia do Seminário Maior do Porto, inaugurado em 1958.[105]

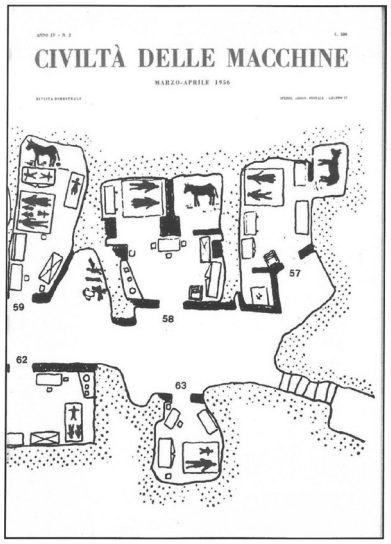
---

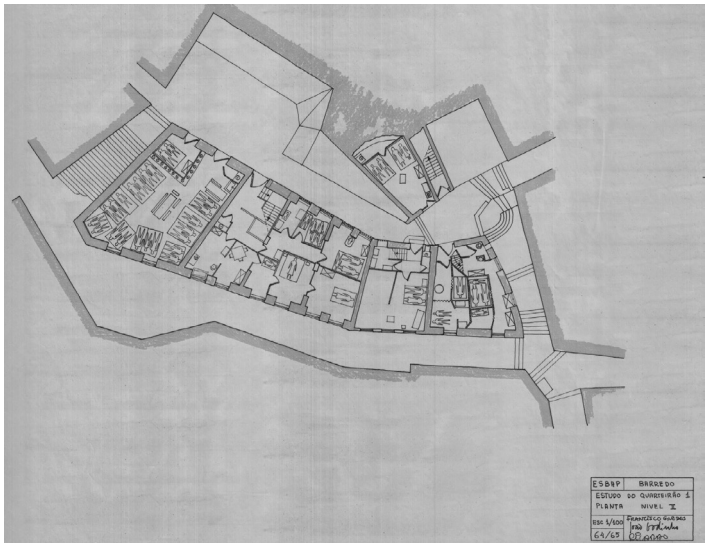
102 "(...) no início da década de 60, Francisco Sá Carneiro faz um encontro que marca uma etapa fundamental da sua vida: frei Bento e frei Mateus [Nuno Cardoso Peres do CCC], dois frades da Ordem Dominicana.
O convento dos Dominicanos fica situado quase em frente da casa de Isabel e Francisco (...) É lá que aos domingos o jovem casal ouve (..) 'um jovem padre pleno de vitalidade e acutilância' que desde logo prende Francisco pelas palavras que profere do altar, e cujo sentido e teor se enquadram na nova doutrina social da Igreja saída do Concílio Vaticano II (...) Frei Bento agitá-lo-á através de novas perspectivas de pensamento e acção (...) Despertá-lo-á para um conjunto de coisas diversas daquelas em que vive, as estruturas em que se move.
(...) O jovem frade dominicano torna-se visita (...) Durante os grandes passeios a pé (...) discutem novas leituras a que Francisco se começa a dedicar. Le Maritain, Yves Congar, Chenu, de Lubac. Assina as revistas *Témoignage Chrétien, Informations Catholiques Internationales*."
Maria João Avillez, *Francisco Sá Carneiro: Solidão e Poder* (Lisboa: Oficina do Livro, 2010), pp.57-58 e 60.

103 "(...) um pequeno número de pessoas ligadas aos movimentos católicos portuenses, reúne no sentido de tentar o regresso de D. António Ferreira Gomes à sua diocese. (...) [Sá Carneiro] Escreve a Marcelo Caetano e ao Núncio. Põe o dedo na ferida e fala de 'um problema de Estado e não de Igreja'. Semanas depois D. António regressa a Portugal. (...) 'A intervenção do Francisco a par com a de Alçada Baptista, em Lisboa, foi definitiva' comenta-se no Porto."
Ibid. p.67.

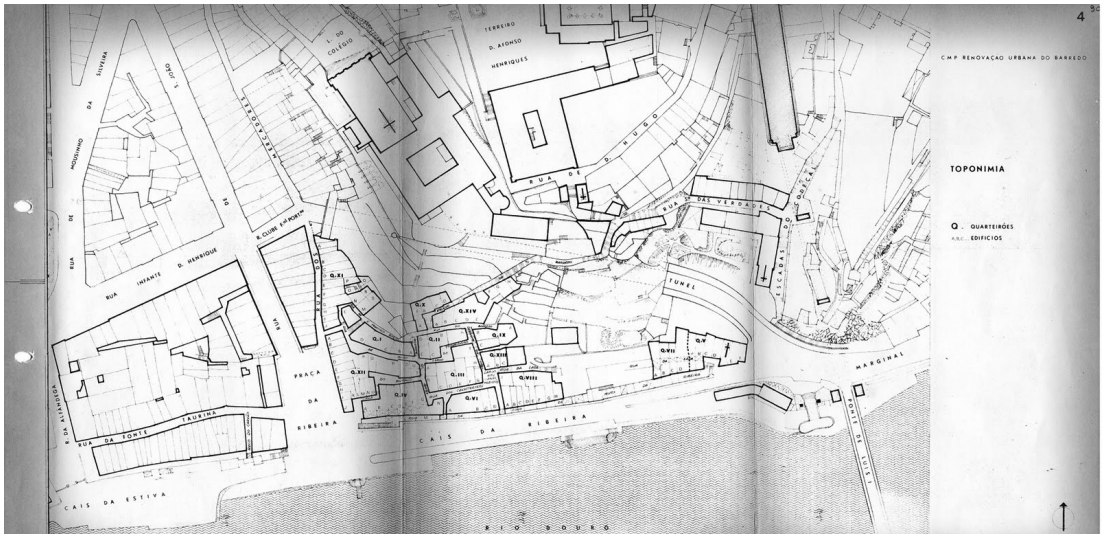
104 "pontos base em que deverá assentar a minha conduta futura:
moral e religiosa: integração completa da doutrina da igreja, católica apostólica romana; cumprimento dos deveres e obrigações que a essa integração estão inerentes.
política – sentido de realidades; permanência enquanto o julgar verdadeiro, no princípio monárquico de fidelidade não à pessoa real, mas ao princípio que ela encarna.
social – trabalho, trabalho, trabalho. Elevação do nome; atenção ao passado: mas sobretudo atenção com o presente e este projectando-se no futuro. Não perder um minuto!
artística – também aqui: trabalho, trabalho, trabalho."
Fernando Távora, «['o meu caso'] 1944», em *Fernando Távora - Prólogo, Minha Casa, Palavra*, ed. Manuel Mendes (Porto: Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva, 2013), p.17.

105 A ideia de criação do Museu de Arte Sacra recua a 1954 por iniciativa do, então reitor do seminário da diocese, pe. Domingos de Pinho Brandão
"Nas casas de antiguidades vendem-se imagens e objectos de valor, riquíssimos alguns.
Qual a sua proveniência? De igrejas e capelas muitas vezes. Teriam sido roubados?
Geralmente não. Forma ilícita e criminosamente vendido; melhor: forma roubados ao património paroquial por aqueles que inconscientemente venderam. (...) Um Museu no Seminário cria e desperta um pouco de amor e gosto pelas coisas antigas. E isto já é muito."
Domingos de Pinho Brandão, «Seminário Maior do Porto», *A Voz do Pastor*, 20.Nov.1954, p.1.
Em 9 de Março de 1958 foi inaugurada a 1ª fase das instalações no Seminário Maior do Porto, no antigo





a. b.



c.

"Se vamos a suprimir a ilha com a sua miséria material importa tomar cuidados para que o espírito da ilha não sobreviva e não se transplante para bairros airosos, sob a forma de infecção moral.
É preciso pensar na catedral humana... (...)
Cuidado pois, e prevenção contra ilha, contra o espírito da ilha!..."

D. António Ferreira Gomes,
"A grande chaga do nosso tempo (...)"
(Porto: 1955)

"Considera-se que do mesmo modo que não basta inquirir sobre o problema da habitação para estudar a renovação de um sector, não basta também, em matéria de edifícios e para uma vida de plenitude humana, social e económica, construir casas. Sendo um facto que a acção municipal incide mais fortemente nos aspectos físicos das operações de renovação (...) impõe-se paralelamente, uma acção municipal coordenada junto de entidades que (...) possam dar a sua contribuição para a solução dos problemas sociais, profissionais e económicos das populações afectadas. Resolver o problema da casa não é tudo (...)"

Fernando Távora (coord), Estudo de renovação urbana, (Porto: 1969)

21. Barredo (Porto)

a. Inquéritos do início da década de 1950 à população de Matera (Itália)

Preocupação semelhante em identificar e registar os problemas sociais.

b. Operação Barredo (ESBAP ,1964-1965)

Trabalho académico lançado por Octávio Lixa Filgueiras.

c. Estudo de Renovação Urbana do Barredo (1969) arq. Fernando Távora

Mas mais significativo no contexto do convite de D. António, era a colaboração que Távora tinha vindo a desenvolver, onde

> "afirmara a sua componente de 'homem do povo e com o povo' no Centro Social do Barredo que se construiu no largo sob o tabuleiro inferior da Ponte de D. Luís. As assistentes da Obra tinham dele a melhor das impressões e mostraram desejo de o ver na sua direção." [106]

O contacto de Távora resultava de diversas iniciativas da ESBAP, cujas "experiências pedagógicas (...) procuravam integrar as preocupações de índole social na formação técnica e artística dos arquitectos"[107].

> "O (...) posicionamento crítico [de Fernando Távora] sobre o Barredo estava relacionado com um conjunto de posições e acções partilhadas com Octávio Lixa Filgueiras, seu colega de escola. Foi, com certeza, a sua filiação na pedagogia humanista de Carlos Ramos absorvida como aluno da Escola de Belas Artes do Porto (EBAP) (1941-50), e como seu assistente a partir de 1951, que orientou Fernando Távora no sentido de 'organizar o espaço', à escala do homem'."[108]

Apesar de Fernando Távora ter iniciado a actividade docente na ESBAP antes de Octávio Lixa Filgueiras, o tema "Zona do Barredo – Estudo de Recuperação Parcial"[109] da cadeira de Composição de Arquitectura 3ª parte (1967-1968) de Távora, surgiu após as 'operações' lançadas por Filgueiras nas cadeiras de Arquitectura Analítica 1 e 2, que no ano lectivo 1964-1965 iniciaram estudos naquela zona da cidade.

Ali surgira em 1961 um Centro Social que "serviria de ponto de apoio e elemento de contacto com a população" – conforme se lê no "Estudo de renovação urbana do Barredo" (Mai.1969), coordenado por Fernando Távora para a Câmara Municipal do Porto. Naquele Centro Social, vinham as alunas do Instituto de Serviço Social

---

Colégio de Jesus. Luiz Cunha, autor do projecto noticiou aquele projecto no boletim do MRAR dando conta do envolvimento dos sócios da secção do Norte. Em conversa particular reconheceu o contributo de Fernando Távora no processo de seleção das peças a expostas.

[106] João Alves Dias, *Nos Alvores da Obra Diocesana* (Porto: Obra Diocesana de Promoção Social, 2013), p.53.

[107] Cf. Gonçalo Canto Moniz, Luís Miguel Correia, e Adelino Gonçalves, «O estudo de renovação urbana do Barredo : a formação social do arquitecto para um território mais democrático», *Estudos do Século XX - Educação e Democracia*, nº14 (2014), p.318.

[108] Ibid. p.319.

[109] "O 'Estudo de Recuperação Parcial', que os alunos desenvolvem, parte da resolução do problema da habitação no centro histórico para uma proposta de cidade, quer da sua imagem quer do seu espaço público. Esta estratégia será precursora de uma nova atitude sobre estes tecidos urbanos degradados e que será consolidada nos regimes experimentais e depois de 1974."
Gonçalo Canto Moniz, «O Ensino Moderno da Arquitectura - a Reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)» (Universidade de Coimbra, 2011), p.494.

realizando trabalhos de inquérito que permitiriam um conhecimento aprofundado da realidade sócio-económico e habitacional. A este trabalho juntara-se o dos alunos da ESBAP, que contribuiriam com o desenho do levantamento do edificado. Estas sinergias permitiriam encarar o Barredo enquanto "espaço teórico de articulação entre a formação e a prática social do arquitecto; e enquanto palco de construção de um novo paradigma humanista para as políticas urbanas."[110]

À semelhança dos diversos projectos de arquitectura religiosa que Távora propôs aos alunos na ESBAP, também o estudo de renovação urbana que desenvolvia para a CMP deu origem a um trabalho académico. Para lá da componente habitacional, o estudo identificava "a [indispensável] construção de um novo centro social no Barredo – que trabalhe com a população e não para a população"[111]. Tal como noticiado quando foi criada aquela instituição em 1961, "serão os próprios a tomar a responsabilidade"[112].

O novo programa, traçado no final da década de 1960, com a direcção do Centro Social era em muitos pontos semelhante ao de um complexo paroquial, se excluirmos o espaço litúrgico. Nele encontraríamos secretaria, cafetaria, biblioteca, sala de espetáculos (com palco e camarins), salas de reunião e de convívio (para grupos juvenis, mas também para o estudo) e ainda salas de puericultura e enfermagem, cozinha, etc.

Quanto à localização do centro, Távora propôs integrá-lo na zona habitacional, servindo de uma forma mais directa a população. Aproveitando lotes demolidos na rua da Lada,

> "[o] edifício que vimos referindo, e apenas como uma possibilidade de solução, é concebido, como parece conveniente, em linguagem contemporânea, integrado embora no espírito local e dá grande e compreensível importância ao regime de acessos de modo a que o Centro Social se integre naturalmente nos percursos mais usuais."[113]

A vontade de potenciar o uso do centro levaria a considerar a hipótese dos seus acessos verticais servirem a população, na ligação entre as diferentes cotas e percursos

---

110 Gonçalo Canto Moniz, Luís Miguel Correia, e Adelino Gonçalves, «O estudo de renovação urbana do Barredo : a formação social do arquitecto para um território mais democrático», *Estudos do Século XX - Educação e Democracia*, nº14 (2014), p.318.

111 Fernando Távora (coord.), *Estudo de renovação urbana do Barredo* (Porto: Câmara Municipal do Porto, Mai.1969), p.62.

112 «Ao encontro dos problemas do Barredo - Que vai fazer o centro social?», *A Voz do Pastor*, (8.Nov.1961), p.2.

113 Távora (coord.), *Estudo de renovação urbana do Barredo* (Porto: Câmara Municipal do Porto, Mai.1969), p.62.

na encosta. O estudo do arranjo paisagístico das zonas verdes ali existentes tomava "em consideração os hábitos dos moradores no Barredo", indo ao encontro de uma ideia defendida no estudo: "no Barredo a apropriação do espaço é total"[114].

Apesar das especificidades das envolventes social e patrimonial do Barredo, notam-se aqui paralelismos com o debate em torno da construção de novas igrejas que vão para lá do programa. Por um lado, a vontade de integrar o equipamento no meio da comunidade, implantando-o em pontos de atravessamento e oferecendo um programa diversificado à população que potenciava o seu uso; mas, acima de tudo, o apelo à participação da comunidade, logo desde a concepção do projecto até à vivência dos espaços. Em relação a este último ponto recorde-se, em Lisboa, apelo semelhante presente na proposta de Pedro Vieira de Almeida para a igreja de Olivais-Sul.

Os convites para integrar a direcção da Obra Diocesana de Promoção Social entre 1971 e 1974[115], aceites por Távora e Sá Carneiro, foram realizados pelo apelidado 'padre comunista'[116] João Alves Dias[117], responsável pelo acompanhamento da população do bairro do Cerco, e ali morador, que desde 1964 acompanhara o processo de instalação daquela nova comunidade – uma amálgama social.

---

[114] Ibid. p.64.

[115] De 1971 a 1974 integraram a direção da ODPS: D. Maria Elisa Acciaiuoli Barbosa (presidente), dr. Silva Ramos (secretário), dr. Silva Carneiro (tesoureiro), dr. Sá Carneiro e arq. Fernando Távora (vogais).

[116] "No nosso primeiro encontro após o seu regresso à diocese, as primeiras palavras que me disse foram:
- Porque é que sendo o senhor conhecido na Câmara como o 'Padre Comunista' ainda não foi preso?
- Porque não sou comunista, porque me limito a ser sacerdote, e porque não sou ingénuo…
- Explique-me a terceira, pediu D. António.
E eu, sem demorar, comecei por explicitar a origem possível desse epíteto numa sociedade onde trabalhar, defender e valorizar os pobres era ser comunista. (Que pena que os cristãos tenham deixado fugir para outros os valores que estão na sua matriz fundadora. Cristo sempre privilegiou os mais pobres. O mesmo já acontecera aquando da Revolução Francesa em que 'Igualdade, Liberdade e Fraternidade' foram assumidos como novos valores revolucionários contra a Igreja quando eles são de origem claramente cristã.) E confidenciei-lhe os estratagemas que usava para evitar cair nas malhas da PIDE. Disse-lhe: 'critico muitas vezes a política da Câmara, estou do lado dos moradores dos bairros. E isso faço-o abertamente. Já quanto ao Governo, sempre que discordo da sua política, faço-o num enquadramento litúrgico. Nunca fora da igreja.' (...)
Depois de me ouvir, disse: 'tenha cuidado e continue. Eu antes quero um padre a trabalhar junto das populações que um herói na prisão'. "
Dias, *Nos Alvores da Obra Diocesana*. pp.34-35

[117] O pe. João Alves Dias foi ordenado em 1963. Em 1964, sendo coadjutor da paróquia de Santo Ildefonso, foi encarregue por D. Florentino de acompanhar a Obra dos Bairros - Secretariado Diocesano de Acção Social que nasceria a partir bairro do Cerco. A renovação pastoral impulsionada por D. Florentino, marcada pelo pós concílio, influenciou a sua actividade junto das comunidades realojadas nos bairros camarários. De França chegavam propostas de renovação que valorizavam as comunidades base.


Voz Portucalense

O contributo dos cristãos para a vida social e política

Se um tecto não é uma casa, uma casa pode ser um lar?

TRABALHO E DISCIPLINA

a.


Serviço de Apoio Ambulatório Local (SAAL)

Uma maneira nova de remediar os problemas mais graves da habitação

Os moradores das Antas preconizam a união para são dos seus problemas

SAAL — O que é ?

tema vivo

b.

22. Igreja e participação cívica

a. 'O contributo dos cristãos para a vida social e política' na *Voz Portucalense* (Mai.1974). *Arquivo VP*

b. 'Serviço de Apoio Ambulatório Local SAAL' na *Voz Portucalense* (Jun.1975). *Arquivo VP*

Recorde-se que o trabalho da obra diocesana nos bairros foi fundamental na coesão social e na valorização humana das populações, nomeadamente, nas realojadas em bairros ao abrigo do plano de melhoramentos da cidade, conforme Távora reconhecia, em 1969, na proposta de renovação urbana do Barredo. A resposta camarária no campo material não bastava, e por diversas vezes, os relatórios municipais identificaram o contributo de instituições religiosas no campo da assistência. Assim em 1964, quando o município era presidido por Nuno Pinheiro Torres, reconhecendo a importância do acompanhamento social dos moradores dos bairros do Plano de Melhoramentos para o sucesso dos processos de realojamento, e perante a previsão do crescimento daquela iniciativa, foi delegada a assistência no Secretariado Diocesano de Acção Social, por proposta do Gabinete da Presidência da Câmara Municipal que, como relata a acta camarária relevou a capacidade técnica e o espírito daquela instituição.[118] De facto o espírito daquela associação – "uma obra eclesial mas não (...) clerical"[119] – e as suas práticas eram pioneiras na década de 1960, conforme destacou o relatório municipal de 1966:

> "(...) apresentou-se o Secretariado Diocesano de Ação Social, principalmente nos Bairros do Cerco do Porto, Pasteleira e Fonte da Moura, onde desenvolve acção intensíssima, organizando comissões e criando grupos com os moradores locais para fins de muito interesse educativo e assistencial, de que se destacam: biblioteca, posto de enfermagem, centro cultural e recreativo, desporto, etc.
> E o mais notável é que os organizadores despertaram os moradores, instigaram e galvanizaram o seu entusiasmo e puseram-no em acção, mas convencendo-os sempre de que tudo era obra sua.
> Crê-se ser esta a forma de criar obra duradoira."[120]

A Igreja portuense, a par do trabalho paroquial desenvolveu de facto um trabalho de integração e promoção social das comunidades locais afastando-se de modelos assistencialistas, conforme recorda António Teixeira Fernandes – padre, secretário

---

118 "(...) reconheceu-se que o organismo que melhor poderia garantir o objectivo em vista, não só pelo apoio técnico de que dispõe, como também pelo espírito da instituição em que se integra, seria o Secretariado Diocesano de Acção Social."
«Acta Camarária (16.Jul.1964)», *Boletim da Câmara Municipal do Porto*, nº1476, ano XXIX, vol. LXXXVII, (25.Jul.1964).

119 "A Obra Diocesana traz consigo a marca da sua época: os 'anos sessenta' das grandes utopias, em tempos de Vaticano II. É uma Obra de e da, mas não para a Igreja; uma obra eclesial mas não eclesiástica e, muito menos, clerical. Ao serviço de todos sem distinção de género, idade, cultura, classe ou credo, é de leigos e dirigida por leigos."
Dias, *Nos Alvores da Obra Diocesana.* p.22

120 [CMP], *Relatório e Contas da Gerência referentes a 1964* (Porto: Câmara Municipal do Porto, 1964). p.228

particular de D. Florentino de Andrade e Silva e pioneiro do estudo de Sociologia da diocese do Porto[121]. Iniciativas que estimularam a autonomia fundamental para as transformações sociais que se realizaram no pós 25 de Abril.

> "O SAAL [Serviço de Apoio Ambulatório Local] ou o Barredo estavam a levantar uma questão que depois viria a ser bastante discutida em experiências de planeamento municipal de outros municípios: o problema de fazer o plano de baixo para cima ou fazer o plano de cima para baixo. Fazer o plano de baixo para cima, quer dizer, partir dos bairros para a totalidade da cidade ou ao contrário, partir da visão geral da totalidade da cidade para dizer o que é que interessa a cada bairro que era como se fazia antes e como se faz ainda na maior parte dos sítios, mesmo no estrangeiro."[122]

Mais do que acção social nos bairros procurou a obra da diocese a participação e a promoção social dos habitantes da cidade, reunindo com os moradores, levando-os a identificar as necessidades e motivando-os a formarem comissões para a resolução do problemas. A Igreja colocava-se ao serviço da Cidade e tal intenção foi expressa no nome da instituição que em 1967 passaria a designar-se 'Obra Diocesana de Promoção Social na Cidade do Porto'.[123]

> "Ainda hoje me interrogo: como foi possível o Governo de Salazar dar personalidade jurídica a uma Obra que tinha por objectivo promover a valorização social dos grupos humanos… consciencializando-os das suas potencialidades? A Obra Diocesana era caso único no País. Não era de assistência, mas sim de promoção social. Desenvolvia uma actividade comunitária em que eram os próprios cidadãos os autores do seu desenvolvimento.
> Eram incómodos para os poderes instituídos: estavam conscientes das suas necessidades e reclamavam os seus direitos. Os "pobres" eram agentes da sua própria transformação, do seu engrandecimento como comunidade."[124]

---

121 "abandonando as formas de assistencialismo, em que tendem a cair insensivelmente as instituições deste género, pretendia estender a toda a diocese um movimento de promoção humana, em experiência de desenvolvimento comunitário, de forma que, na humanização da vida e de tudo o que é humano no homem, se realizasse igualmente o cristão pleno.
Tal acção pretendia, no entanto, atingir a sua máxima extensão, envolvendo todos os homens, porque a todos se dirige a Igreja."
António Teixeira Fernandes, *Dom Florentino de Andrade e Silva – contemplação, pensamento e acção* (Ed. Comporto Edições, 2005) citado em Bernardo Chamusca, *Obra Diocesana de Promoção Social - 40 anos* (Porto: Obra Diocesana de Promoção Social, 2007) p. 54.

122 Nuno Portas, «O processo SAAL: Entre o Estado e o Poder Local)», *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº18-20 (Fev.1986), p.641.

123 Encontramos o mesmo sentido de abertura aos problemas da cidade expresso na mudança do nome do semanário da diocese do Porto "Voz do Pastor", que em Janeiro de 1970 passou a "Voz Portucalense".

124 João Alves Dias, «entrevista conduzida por André Rubim Rangel», *Espaço Solidário*, nº7, (Mai.-Jun.2007). citado por Chamusca, *Obra Diocesana de Promoção Social - 40 anos*. p.42.

Fernando Távora ao aceitar o convite do bispo do Porto, e sendo presença assídua nas reuniões semanais da direcção, integrou a corrente de trabalho defensora da escuta das comunidades e da procura de soluções com elas.[125] Trabalhar para a Igreja implicava na década de 1970 uma participação política na construção da Cidade. Foi esse o espírito que guiou o trabalho que, juntamente com Sá Carneiro e a equipa da Direcção, desenvolveram junto dos organismos da Câmara Municipal do Porto e Ministério da Saúde e Assistência, num momento de alguma hostilidade à Igreja após a morte do presidente Nuno Pinheiro Torres.

Se na década de 1960 assistimos, no espaço da escola, ao desenvolvimento de projectos que antecipavam a importância da participação das comunidades, o testemunho do início da década seguinte remete-nos para uma outra grandeza de problema – uma arquitectura da e para a comunidade, tal como Távora escrevera em 1952, na 'Lição das Constantes' a propósito do clima de estreita colaboração necessária entre os habitantes na construção da cidade dotada de obras de arquitectura e urbanismo:

> "(...) com efeito, não bastará construir casas ou cidades ou templos, é necessário possuir-se a garantia do seu interesse para aqueles a quem tais obras se destinam; vivendo-as, eles colaboram não já na criação mas na própria existência dessas manifestações. Sendo obras de colaboração, as obras de Arquitectura e de Urbanismo serão sínteses, traduções plásticas no espaço organizado daqueles por quem e para quem se realizam; traduções próprias, características, diversas, variadas e mutáveis. Anterior e comum a todas elas a verdade que sem um espírito de colaboração, de esforço colectivo, essas obras não poderiam realizar-se."[126]

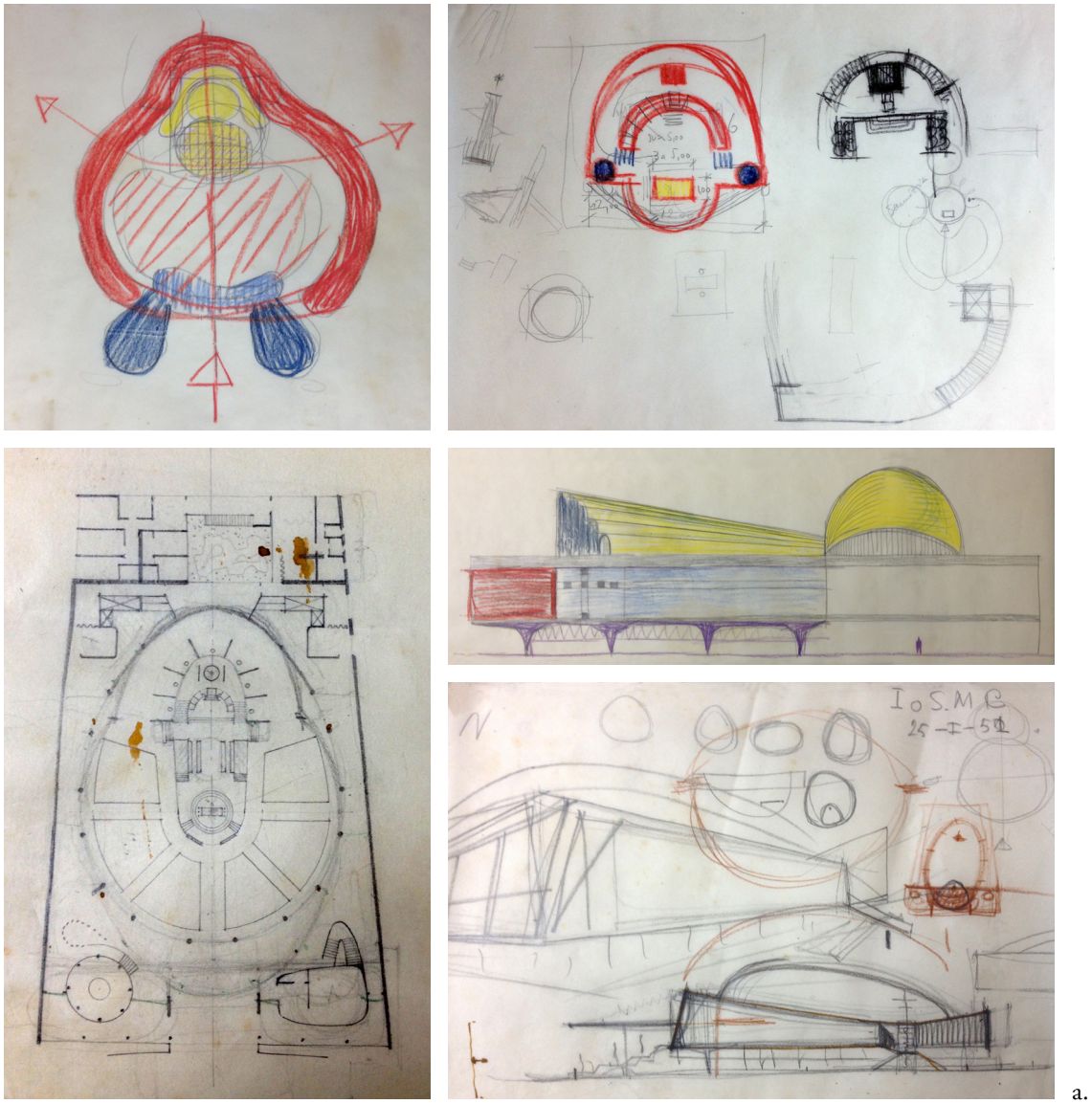
5.4. Octávio Lixa Filgueiras

Integrou o corpo docente da escola de Carlos Ramos em 1958, num momento em que começava a ganhar visibilidade graças à experiência nacional, mas também internacional. O percurso de Octávio Lixa Filgueiras ficou marcado pela prova CODA de natureza teórica, centrada no estudo do urbanismo no espaço rural. Este tema teria continuidade na colaboração no IARP e, contemporaneamente, participação nos CIAM.

---

[125] Sobre a presença de Fernando Távora e a sua participação na ODPS
cf. Dias, *Nos Alvores da Obra Diocesana*, pp.52-54.

[126] Fernando Távora, «A lição das constantes», *Lusíada - revista ilustrada de cultura*, vol.1, nº2, (Nov.1952).



a.

b.

23. Igreja de S. Martinho de Cedofeita - Porto (ESBAP, 1951) trabalho académico *Espólio OLF*
a. Estudos de Octávio Lixa Filgueiras.
b. Estudo de António Barbosa de Abreu.

Destacamos também as pequenas igrejas e capelas que projectou sobretudo em contexto rural – tema que viria a trabalhar no contexto de aula antes das 'operações' que marcariam a sua prática pedagógica na década de 1960. Aprofundou o tema 'A função social do arquitecto' que elegeu como dissertação no concurso para o lugar de professor a que, curiosamente, associou uma aula e exercício dedicados à arquitectura religiosa – tema pelo qual nutria especial apreço, tendo sido também sócio do MRAR.

5.4.1. Dos trabalhos académicos

O exercício de São Martinho de Cedofeita

A julgar por algumas folhas soltas do processo 'ISMC' encontradas no arquivo pessoal de Octávio Lixa Filgueiras, é bem possível que os estudos para a nova igreja de São Martinho de Cedofeita integrassem um trabalho académico desenvolvido sob orientação do professor Carlos Ramos. A ser assim, o exercício seguiria a mesma linha de trabalhos lançados anteriormente, como o da igreja de Santo António das Antas a que se referiu Filgueiras na homenagem ao seu mestre, em 1986.[127] Tratava-se de projectos que procuravam proporcionar aos alunos uma aproximação a trabalhos reais, possíveis encomendas futuras.

A situação da paróquia de Cedofeita, central e de referência na cidade, com a obra da igreja parada na década de 1950 reunia todas as condições necessárias e desejáveis para a realização de um exercício de composição, ainda marcadamente monumental. A série de pequenos esquissos, seus e do colega António Barbosa de Abreu[128], revelam a partilha e a discussão do projecto entre alunos, ao mesmo tempo que confirmam a diversidade de abordagens perante um mesmo problema. Barbosa de Abreu, a quem posteriormente veio a ser encomendado o estudo para a igreja de Cedofeita e Senhora da Hora, propunha uma planta que recordava o esquema basilical, onde não faltava a cabeceira (cilindro destacado), nem a marcação de tramos e do transepto (por arcos parabólicos). A acentuar a modernidade do projecto, todo o piso da igreja se encontrava elevado e assente numa estrutura de pilotis.

---

127 Cf. Filgueiras, «A escola do Porto 1940/69».

128 O eng. e arq. António Barbosa de Abreu desenvolveu diversos estudos para a igreja de S. Martinho de Cedofeita, no início da década de 1950 e realizou alguns trabalhos em parceria com o arq. Octávio Lixa Filgueiras.

Por outro lado, a proposta de Octávio Filgueiras revelava uma maior liberdade na pesquisa e propunha uma planta centrada. O corpo da igreja, igualmente elevado, surgia todo ele unificado ao nível dos paramentos de alvenaria perimetral e da enorme calote da cobertura. Desta forma não era possível ler na volumetria exterior a localização do altar ou do baptistério. A esta novidade exterior juntava-se a proposta de organização interior – um altar centrado envolvido pela comunidade. De certa maneira, esta proposta explorava os modelos de igrejas cristocêntricas desenvolvidos por Dominikus Böhm no espírito da reforma litúrgica. Aquela simples sugestão apontada na organização da planta antecipava a discussão em torno da participação da assembleia, sem no entanto abandonar o deambulatório com capelas secundárias, um coro, nem mesmo o trono para a exposição do Santíssimo. Surgia assim um projecto comprometido entre a tradição e a modernidade, que ia buscar referências arquitectónicas externas ao campo da encomenda religiosa. Num dos esquissos lê-se "teatro total - Gropius" fazendo referência ao projecto Total Theater for Erwin Piscator, Berlin, 1927 – cujo autor era referência, no campo pedagógico e profissional, quer para o mestre Carlos Ramos, quer para discípulos seus como Filgueiras e Távora que dele reproduziram a prática do ensino colectivo.[129]

5.4.2. Os primeiros trabalhos, do 'urbanismo rural' à encomenda real

CODA, CIAM e as pequenas obras

Da lista de trabalhos desenvolvidos por Octávio Filgueiras após o final do curso destacamos duas igrejas construídas em meios rurais, fruto de encomendas que chegaram muito provavelmente por relações familiares, à semelhança da maioria dos

129 "Estes jovens arquitetos [Fernando Távora e Octávio Lixa Filgueiras] incorporavam a mudança de paradigma que a formação do arquiteto na Escola do Porto estava a explorar no início de 1950. O líder desse processo foi o diretor da escola, Carlos Ramos, que, desde 1940, incentivava o "ensino coletivo" na cadeira de Arquitetura. Ramos, promoveu a fusão de uma abordagem pedagógica humanista clássica com métodos pedagógicos modernos. Assim, nas suas aulas convergiam tanto o texto de Vitrúvio como as ideias de Walter Gropius.(...) propõe o trabalho de equipa, o método de "aprender fazendo" (learning by doing) de John Dewey e a interrelação entre arquitetura, construção e cidade, acompanhando a pedagogia de Walter Gropius.
Carlos Ramos reconhece a sua proximidade com Gropius e traduz para português o manifesto "Training the Architect"(...)"
Gonçalo Canto Moniz e Nelson Mota, «De Alberti aos CIAM: em Direção a uma Abordagem humanista do ensino da Arquitetura e do habitat», em *Na génese das racionalidades modernas II - em torno de Alberti e do Humanismo*, ed. Mário Krüger (Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015), p.381.

primeiros trabalhos de tantos arquitectos.[130] Trata-se dos projectos para as igrejas do Alto da Lixa e de Cepelos entre 1953 e 1954, ano em que defendeu a primeira prova CODA de natureza teórica da ESBAP, onde foram testadas novas formas de comunicação e análise do território. Vejam-se os cartogramas, grelhas, quadros estatísticos e fotografias de situações do dia a dia através dos quais se procurava um registo simultaneamente mais científico e humano. Este trabalho foi percursor do método que a sua equipa aplicaria no Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa e também nas propostas apresentadas pelo grupo português nos CIAM, de que Filgueiras também fez parte.[131]

A sua prova teórica CODA, subordinada ao tema "Urbanismo: um tema rural" e desenvolvida a par daqueles primeiros trabalhos encomendados, não ignorou a importância da igreja na estrutura urbana dos aglomerados rurais. Isso é revelado na proposta de criação de um "centro cívico imponderável laço de união dos habitantes da mesma terra, nas suas manifestações mais caras (...) o nascimento, o amor e a morte" [132] que se desenvolv(er)ia em torno da 'praça-adro', onde já estavam instalados o passal, a igreja paroquial e o cemitério. Apesar de o cemitério não fazer parte integrante dos projectos de centro-cívico nas cidades [133], no caso rural era natural que junto a eles

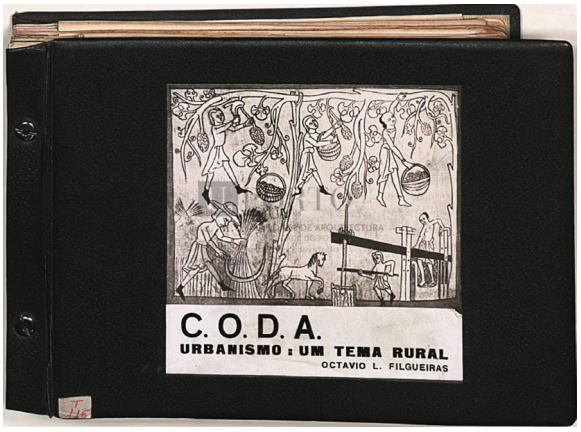
---

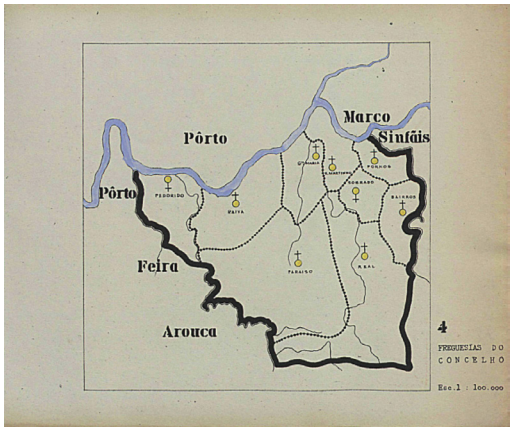
130 A família materna de Octávio Lixa Filgueiras era natural da Lixa, tal como sugere o apelido introduzido pelo seu avô materno quando emigrou para o Brasil. A encomenda da igreja de S. Miguel no Alto da Lixa será fruto desta ligação. Por sua vez, o pároco responsável pela encomenda da igreja de Cepelos (pe. Manuel Correia da Rocha Guimarães, 1906-1980) era natural de uma povoação de Sá de Castelo de Paiva – concelho de onde era natural a família 'Caetano de Oliveira' da mulher de Filgueiras. Octávio Filgueiras casou em 1945, quando ainda era estudante de Arquitectura. Os seus primeiros estudos de embarcações do Rio Douro datam de um período em que ali residiu, por motivos de saúde.

131 Cf. Nelson Mota, «An Archeology of the Ordinary. Rethinking the Architecture of Dwelling from CIAM to Siza» (Delft University of Technology, 2014), [2.2. The Habitat for a Human HumanismCIAM-Portugal and the Charter of the Habitat, pp.71-81], [2.3. CIAM 10: Modernity and the Rural World - A new agriculture comunity, pp.95-110].

132 "A cabeça de todo este conjunto será o Centro Cívico, servindo aquele Centro Cívico imponderável laço de união dos habitantes da mesma terra, nas suas manifestações mais caras. (...) É que os factos mais chocantes (?) da existência - o nascimento, o amor e a morte - são encarados pelo rural, dentro da ordem natural das coisas. Pois se desde crianças eles mantém contacto directo com essas realidades, não seremos nós, os civilizados bonecos da cidade que lhes poderemos dar lições em matéria da intuição, no apreender do sentido íntimo da vida. O vulgar é vermos uma romaria num adro com um risonho cemitério ao lado. Brincadeiras proibidas!"
Octávio Lixa Filgueiras, *Urbanismo: Um tema rural, prova CODA* (Porto: ESBAP, 1953). p.141.

133 "O Movimento Moderno não reconheceu o território funerário como um tema significante (...) e, ao retirar-lhe valor emblemático, impediu-o de se constituir como referência na construção da cidade"
Cf. Maria Manuel Oliveira, «in memoriam, na cidade» (Universidade do Minho, 2007), p.vii.
A localização dos cemitérios urbanos geralmente afastados das igrejas paroquiais, ditou um progressivo afastamento da celebração da morte, da agitada vida da cidade laica. Destacamos no entanto a introdução





a. b.



c.

24. 'Urbanismo um tema rural' (1953)

a. b. c. CODA apresentada por Octávio Lixa Filgueiras

Capa do trabalho, limites do território em estudo e proposta de zonamento e criação de um centro cívico, em contexto rural, junto à igreja e cemitério existentes.

aparecessem infraestruturas para assistência religiosa e desenvolvimento de actividades pastorais. Segundo a proposta de Filgueiras o centro cívico beneficiaria:

> "duma compreensível reserva, obtida a partir da disposição dum elemento antecessor - a alameda, que comportará o acesso aos serviços públicos ou locais de reunião de carácter menos solene. Na praça-adro situar-se-ão, ainda, certos anexos do conjunto religioso (como patronato, sedes de associações, etc.) e a ala nobre do conjunto administrativo." [134]

A importância do equipamento religioso na estrutura urbana dum pequeno aglomerado seria também considerada na proposta apresentada no CIAM 10 (Dubrovnick, 1956): 'Habitat Rural - Nouvelle Communauté Agricole' por Viana de Lima, Fernando Távora e Octávio Lixa Filgueiras (assistentes da ESBAP), com o contributo de Carvalho Dias e Arnaldo Araújo. Os últimos três formavam a equipa inquiridora da Zona 2 do IARP, zona alvo daquela proposta. Nos painéis de apresentação do projecto, lia-se:

> "La place ('O largo') centre de réunion de la vie en société donc lieu choisi pour les boutiques ('venda'), le pour du peuple et le siège des organismes administratifs locaux le contre-point ou 'on réussît en situation la chapelle dans un axe de composition normal celui de cet élément, attire a la place la fonction de prolongement du parvis."[135]

A capela, ainda que destacada, surgia articulada com o pequeno centro cívico da aldeia, lugar de encontro e reunião. A solução recorda um gesto semelhante ao que estivera por detrás da concepção do centro de La Martela (Itália, 1951-1954), uma experiência pioneira onde o projecto de arquitectura e urbanismo resultava de um trabalho interdisciplinar, baseado em inquéritos e estudos de sociologia.[136] No centro da

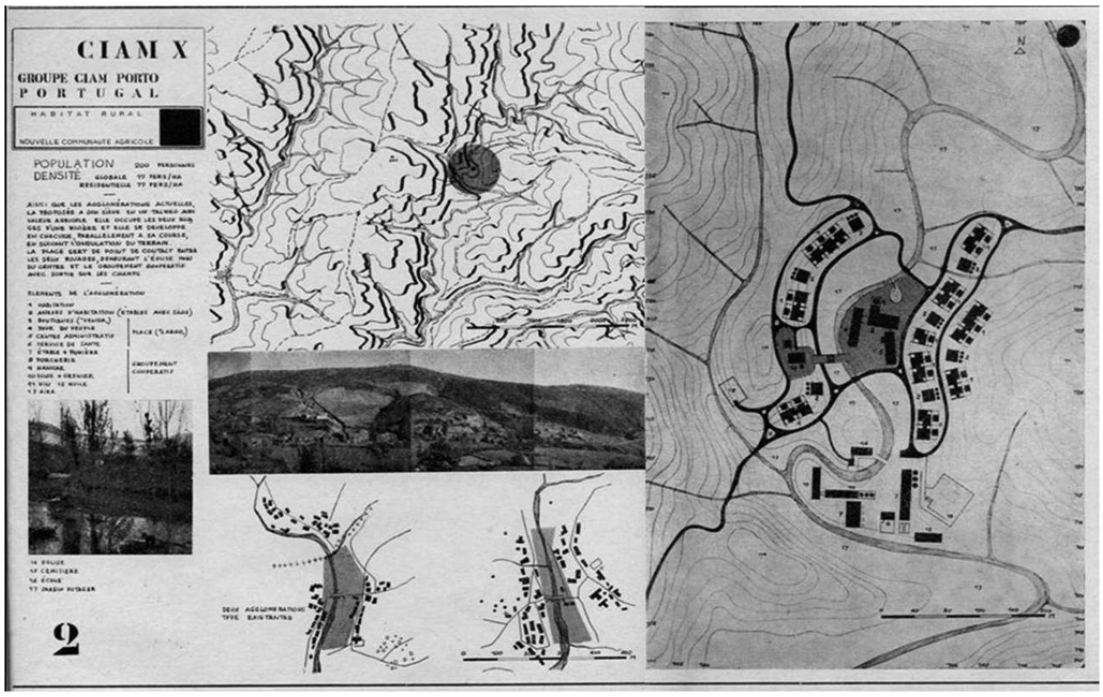
---

de capelas mortuárias enquanto parte do programa de igrejas paroquiais urbanas, cuja tendência identificamos pelo menos desde a década de 1930, em Portugal. Veja-se por exemplo o programa da igreja de Nossa Senhora de Fátima de Lisboa, que já contemplava uma capela específica para aquele fim. Trata-se de uma particularidade pouco verificada na arquitectura religiosa europeia, sendo a iniciativa da construção de capelas mortuárias expressão de uma outra dimensão de serviço à cidade.

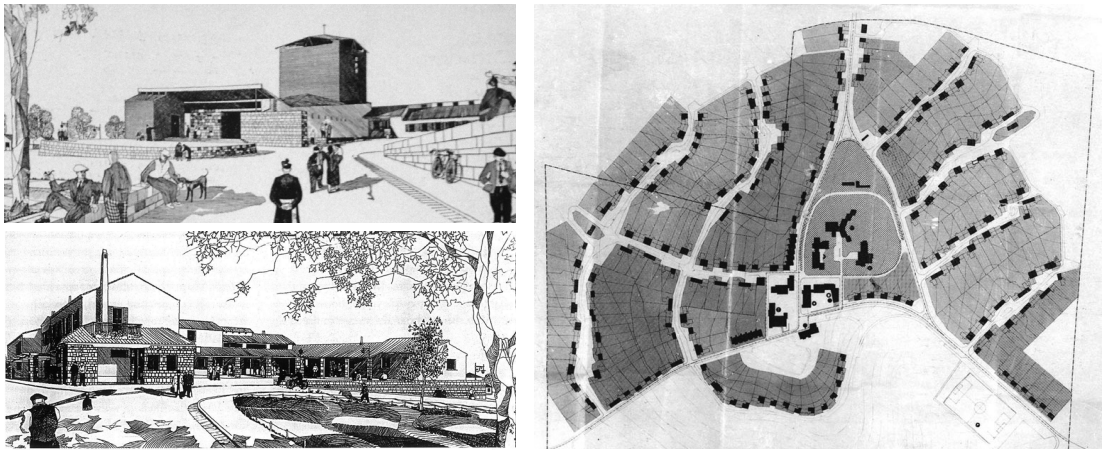
134 Filgueiras, *Urbanismo: Um tema rural, prova CODA*, p.142

135 Groupe CIAM Porto, «Habitat Rural nouvelle communauté agricole, (CIAM 10, painel nº4)», *arquivo CDFAUP-VL*, (1956).

136 "The construction between 1951 and 1954 of La Martella, a village situated in the countryside not far from Matera, represented [a] (...) key moment in the story of Neo-realist architecture. It was perhaps its finest realization, given the nature of the project (imbued as it was with popular rural culture) and owing to the breath of preparatory interdisciplinary studies, and also because of the lesson it afforded on the nature of social life, in the 'primitive' settlement about to be abandoned."
Maristella Casciato, «Neorealism in italian architecture», em *Anxious Modernisms Experimentation in Postwar Architectural Culture*, ed. Sarah Williams Goldhagen e Rejean Legault (CCA - Canadian Centre for Architecture, MIT - Massachusetts Institute of Technology Press, 2001), p.36.



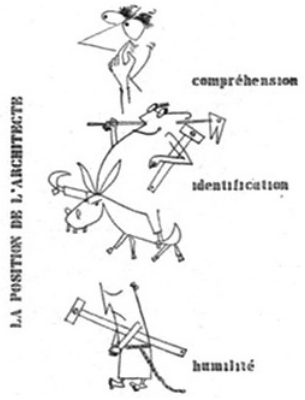
a.



b.

"Non esiste, infatti, il problema dell'acrhitettura isolato degli altri, come del resto non esistono nemmeno, isolati, il problema politico, il problema economico-sociale o il problema religioso. Esiste il problema della vita, della civiltà, quel problema di contemplazione e di azione che dovrebbe produrre appunto, con lo sforzo di tutti, la realizzazione d'un mondo in armonia con la vita che si svolge, di un mondo cioè che nell'impossibilità d'essere migliore, eviti almeno un peggioramento."

Ludovico Quaroni, «Il spazio interno della Chiesa (24.Set.1955)»,
em *Dieci Anni di Architettura Sacra in Italia 1945-1955*,
(Bolonha: Ufficio tecnico organizzativo arcivescovile, 1956), p.31.



c.

25. 'Urbanismo um tema rural' presente no debate internacional
a. c. Painéis'Habitat rural' (CIAM 10 - Dubrovnik, 1956) CIAM Porto. *Arquivo CDFAUP-VL*
b. Borgo La Martella (Itália, 1952-1954) arq. Federico Gorio *et al.*
A igreja do aglomerado foi projectada por Ludovico Quaroni.

povoação, com praça e adro vizinhos, Quaroni projectara a igreja San Vicenzo de' Paoli (Matera,1951-1955). Sobre esta igreja e a de Madona dei Poveri (Milão,1952-1956), de Figini e Pollini, escreveu Nuno Portas na revista *Arquitectura* em 1957:

> "partem de uma consciência comum: a responsabilidade de pensar cada solicitação, cada meio, cada necessidade, em total liberdade criativa, antes de as afogar sob o formulário se um período polémico da arquitectura moderna que já é tempo de ultrapassar. E voltaremos a poder falar em realismo, em densidade figurativa, logo no realismo, e o homem ganhará com isso."[137]

As igrejas de Lixa e Cepelos que Octávio Lixa Filgueiras projectou[138] não surgem em novas centralidades desenhadas, mas junto a estradas nacionais. Estas igrejas, de programas simples, não foram especialmente inovadoras ao nível da organização interior e da fachada principal, sendo o esquema adoptado o de planta longitudinal de dois corpos, altar-mor[139] e nave (ainda com separação por sexos)[140], e fachada composta por três volumes, torre–nave–baptistério. É clara a filiação destas obras numa corrente de arquitectura moderna e humilde.

> "De facto [Filgueiras] era uma pessoa, preocupada profissionalmente, com profundas interrogações sobre o sentido actual de uma prática, e de uma sua pedagogia responsável.
> (...) [C]onversas permitiram perceber a grande qualidade de quem se recusava a ver a arquitectura apenas nos seus aspectos mais imediatamente formais – isto numa época que parecia arredia a tais inquietações – por isso exigindo o lê-lo nas suas dimensões humanas mais graves."[141]

---

137 Nuno Portas, «Arquitectura Religiosa Moderna em Portugal», *Arquitectura*, nº60, (Out.1957).

138 Em Cepelos existia uma igreja que foi demolida para dar lugar à nova construção. Ao contrário da pré-existente, a fachada principal da igreja construída foi voltada à estrada nacional, e na parte posterior foi mais tarde construído o centro social e paroquial.

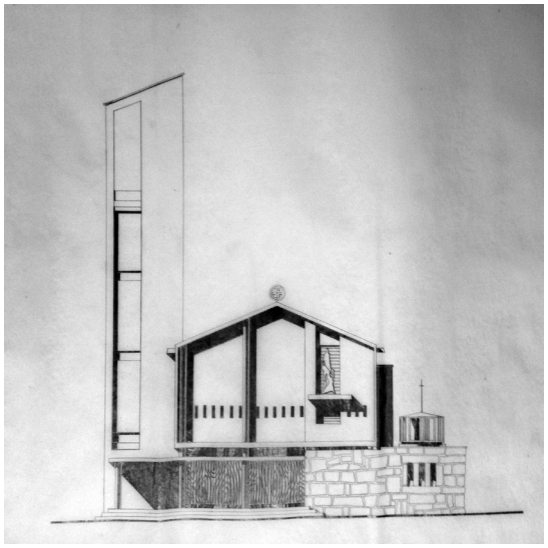
139 Em ambas as igrejas a iluminação do altar mor foi garantida pelo rasgamento de um vão lateral protegido por palas. Encontramos esta solução bastante difundida um pouco por todas as igrejas modernas da década de 1950, antecedidas pela igreja de Águas de Penamacor.

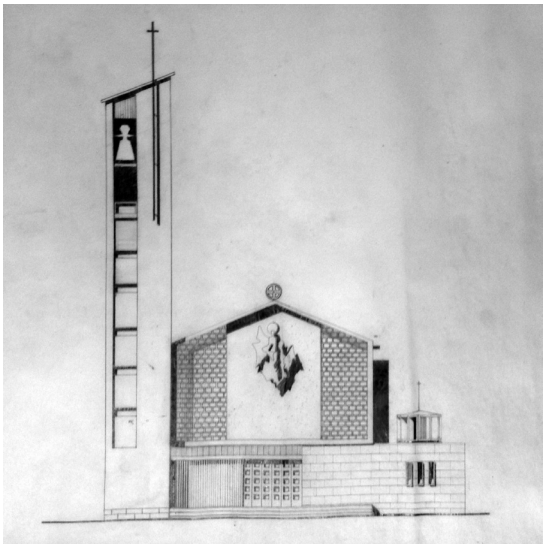
140 Ambos os projectos propunham a sub-divisão da nave em duas áreas diferenciadas: a dos homens, frente ao altar e, na retaguarda, a das mulheres, a uma cota inferior mas de maior dimensão. O projecto respondia assim a uma prática religiosa popular sedimentada. Note-se que esta separação já vinha sendo abolida noutras experiências contemporâneas.
Quanto ao invólucro do espaço da nave destacamos a adopção de um sistema porticado simples (na Lixa) e desdobrado em elementos U (em Cepelos), criando 'pequenos altares laterais, peanhas para imagens ou simplesmente confessionários, segundo as necessidades e o gosto dos interessados', conforme se lia na memória descritiva.
Octávio Lixa Filgueiras, «Memória descritiva [igreja matriz de Cepelos]», (Ago.1956), p.s/n.

141 Pedro Vieira de Almeida e Alexandra Cardoso, *Octávio Lixa Filgueiras 1922-1996* (Porto: Centro de Estudos Arnaldo Araújo - Escola Superior Artística do Porto, 2007), pp.11-12.



a.





b. c.

26. Primeiras obras de arquitectura religiosa *Espólio OLF*
a. Igreja de Cepelos (Vale de Cambra, 1953-1982), perspectiva.
b. Igreja do Alto da Lixa (Felgueiras, 1953-1958), ante projecto e projecto.

Não são certamente as preocupações formais o mais relevante destas obras, ainda que testemunhem a introdução de linguagens modernas não arcaizantes no contexto rural. Relevamos, sim, o esforço na integração das obras nos contextos territoriais e paisagísticos em que se inserem. Veja-se a evolução do tratamento exterior destas duas igrejas em que a referência a modelos internacionais mais depurados surge adaptada à história e tradição regional, traduzida na existência de alpendres e no emprego de materiais locais, não recusando a pedra e a cobertura cerâmica, contribuindo para "dar ao conjunto uma feição consentânea com o ambiente local." [142]

Em ambas as memórias descritivas encontramos referência aos condicionalismos de ordem económica que ditaram a adopção de soluções construtivas acessíveis às comunidades, não descurando a "necessidade de dar as características de elevação espiritual e de correção humilde que o fim a que se destina a obra impunham"[143] uma vez que aqueles projectos viveriam "da franca aceitação da sua estrutura" aliando "um critério puramente económico ao princípio da verdade na obra de arte, facilitando a unidade do conjunto e a sóbria dignidade"[144]. Esta declarada preocupação revela a proximidade de Octávio ao debate em torno da renovação da Arte Sacra, onde a circunstância da sua actividade profissional, marcada pela escassez dos meios económicos, encontrava sentido e estímulo na procura de uma arquitectura de serviço, pobre. O suporte teórico para as suas pesquisas encontrou-o, quer na revista *L'Art Sacré* que assinou, quer na atenção dada ao quadro nacional, nomeadamente na amizade que estabeleceu com o bispo do Porto, D. António Ferreira Gomes.[145] Os recortes de imprensa do seu espólio são reveladores da atenção e interesse pela renovação da Arquitectura religiosa. Destacamos a par da Carta Pastoral de Arte Sacra do cardeal Cerejeira que guardou, a notícia relativa à exposição acolhida na ESBAP em 1953:

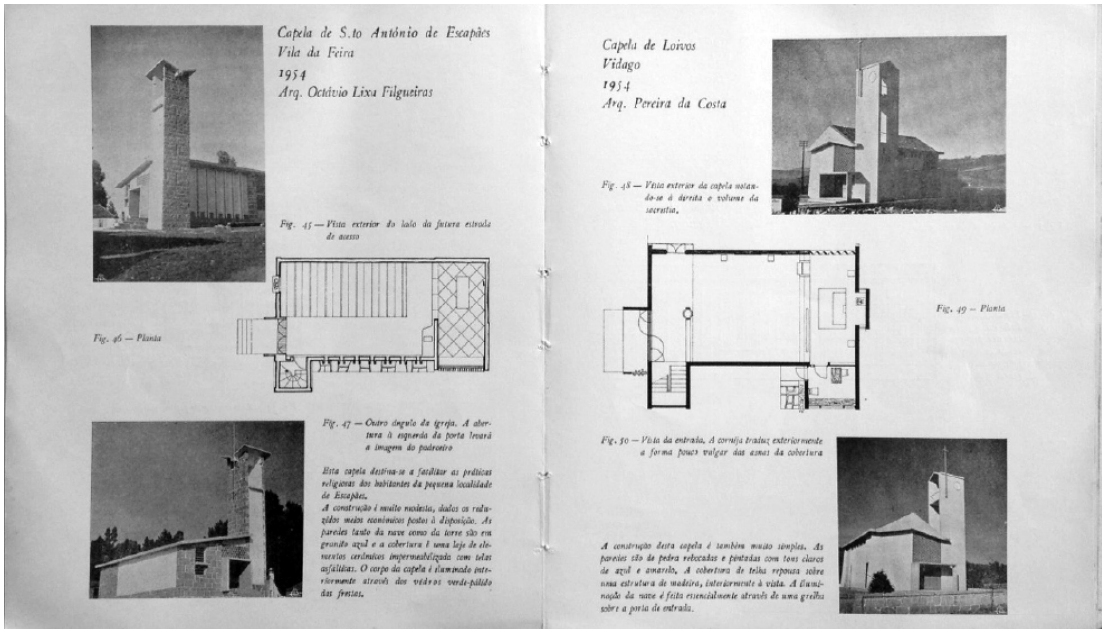
---

142 Octávio Lixa Filgueiras, «memória descritiva [igreja matriz de Cepelos]», (Ago.1956), p.s/n.

143 Octávio Lixa Filgueiras, «memória descritiva [igreja S. Miguel - Freixo de Cima - Alto da Lixa]», 195-, p.s/n.

144 Filgueiras, «memória descritiva [igreja matriz de Cepelos]», p.s/n.

145 Segundo fonte familiar o espólio do arquitecto integra correspondência trocada com D. António Ferreira Gomes, por quem Filgueiras nutria especial admiração. Tal como Nuno Teotónio Pereira, também Filgueiras o terá visitado em Espanha durante o período em que esteve exilado. O material encontra-se em tratamento arquivístico.



Capela de S.to António de Escapães
Vila da Feira
1954
Arq. Octávio Lixa Filgueiras

Fig. 45 — Vista exterior do lado da futura entrada de acesso

Fig. 46 — Planta

Fig. 47 — Outro ângulo da igreja. A abertura à esquerda da porta levará a imagem do padroeiro

Esta capela destina-se a facilitar as práticas religiosas dos habitantes da pequena localidade de Escapães.
A construção é muito resistente, dados os reduzidos meios económicos postos à disposição. As paredes tanto da nave como da torre são em granito aqui e a cobertura é uma laje de betonetes cerâmicos impermeabilizada com telas asfálticas. O corpo da capela é iluminado interiormente através dos vidros verde-pálido das frestas.

Capela de Loivos
Vidago
1954
Arq. Pereira da Costa

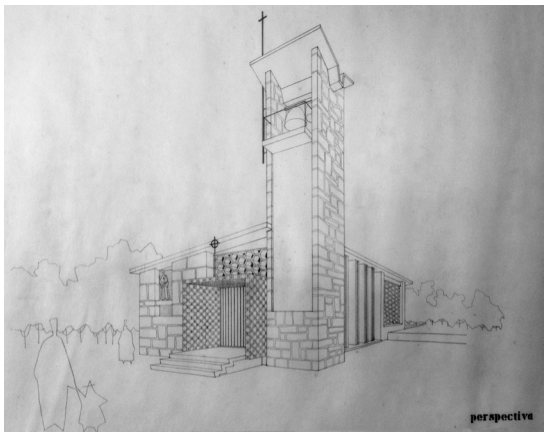
Fig. 48 — Vista exterior da capela notando-se à direita o volume da sacristia.

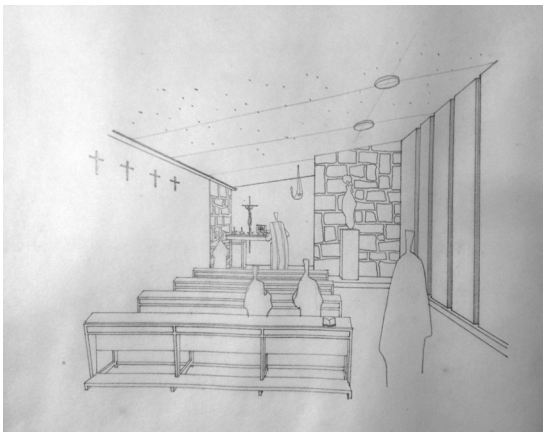
Fig. 49 — Planta

Fig. 50 — Vista da entrada. A cornija traduz exteriormente a forma pouco vulgar das zonas da cobertura

A construção desta capela é também muito simples. As paredes são de pedra rebocadas e pintadas com tons claros de azul e amarelo. A cobertura de telha repousa sobre uma estrutura de madeira, interiormente à vista. A iluminação da nave é feita essencialmente através de uma grelha sobre a porta de entrada.

a.





b. c.

27. Pequenas capelas - experimentação em comunidades rurais
a. Do livro de Luiz Cunha 'Arquitectura religiosa moderna' (1957)
Capela do Alto da Lixa - Octávio Lixa Filgueiras; Capela dos Loivos, Vidago - Pereira da Costa
b. c. Capela de Escapães (1954) arq. Octávio Lixa Filgueiras. *Espólio OLF*

> "A arquitectura tem uma ética e essa ética profana-a todo aquele que plagia antigas correntes ou que adultera a verdade (...)
> Esse grupo de rapazes que na Escola das Belas Artes expuseram aquilo que pensavam sobre a arquitectura religiosa teve o entusiasmo, os excessos, o espírito iconoclasta e renovante que caracterizam os novos. Mas teve igualmente o mérito de sacudir pelas raízes velhos conceitos híbridos e de colocar a Arte no seu verdadeiro retábulo."[146]

Como referimos no início deste capítulo, no ano de 1953 foram realizadas na Escola de Belas Artes do Porto um conjunto de iniciativas que colocaram em destaque a temática da arquitectura religiosa, da exposição acima referida à exposição dos trabalhos dos alunos que naquele ano lectivo tinham desenvolvido o projecto da Capela da Afurada. Sobre os trabalhos apresentados na II Exposição Magna, escreveu Filgueiras a fechar a prova CODA serem motivo de 'ponderação e estímulo' e que a sua prova, somada àqueles trabalhos, procurava ser um "modesto contributo pessoal (...) expressão duma espécie de maturidade supra-profissional: cívica – a melhor lição que os homens podem mostrar ter recebido dos Pais e dos Mestres."[147]

De facto, a proposta de trabalho da Afurada e os trabalhos que Filgueiras estava a desenvolver eram animados pela vontade de renovação, dentro dum espírito de humildade, pobreza e domesticidade. Vejam-se os trabalhos realizados na década de 1950 e inícios de 1960 por Fernando Seara e Luiz Cunha, dois alunos envolvidos no projecto académico da Afurada e cujas provas CODA[148] revelam o interesse pelo campo disciplinar da arquitectura religiosa, no contexto rural ou peri-urbano.[149] No caso particular de Luiz Cunha, a obra mais vasta e diversificada, surge enriquecida pela participação activa enquanto membro do MRAR, para além de ter desenvolvido alguns

---

146 Caetano Andrade, «Arquitectura Religiosa [recorte]», *[publicação periódica não identificada]*, 1953.

147 "O elevado número de trabalhos que a II Exposição Magna da ESBAP revelou, foi para nós motivo de ponderação e estímulo. Daríamos por bem empregues todo o esforço, canseiras e sacrifícios que despendemos se deste modesto contributo pessoal resultasse não um simples jogo mais ou menos agradável, de linhas e cores, mas a expressão duma espécie de maturidade supra-profissional: cívica – a melhor lição que os homens podem mostrar ter recebido dos Pais e dos Mestres."
Filgueiras, *Urbanismo: Um tema rural, prova CODA*, pp.146-147.

148 Fernando Seara, *Uma igreja paroquial para Rebordosa*. Luz Cunha, *Santuário de Nossa Senhora da Piedade «Mãe Soberana»*. No mesmo ano académico, após sete anos em que nenhuma prova CODA na ESBAP abordou a temática religiosa, foram ainda defendidas: Manuel Nunes Almeida, *Capela no bairro do estaleiro dum aproveitamento hidro-eléctrico [Picote]*. Fernando Vieira Campos, *Projecto de uma igreja de missão [Inhassunge]*.

149 Fernando Seara: igreja de Rebordosa (1956), a igreja de Nossa Senhora da Medalha Milagrosa – padres lazaristas, (Chaves, 1957-1961), capela da Afurada (1963, não construída) e igreja de Paradela do Vouga (1964-1973).
Luiz Cunha: igreja de São Mamede, Negrelos (Santo Tirso, 1961-65); igreja de N.ª S.ra. do Rosário (Fátima 1962-65); igreja de N.ª S.ra de Fátima, Póvoa do Valado (Aveiro, 1964-68). [ver anexo 16]

trabalhos em colaboração com professores da escola, como José Carlos Loureiro e o próprio Carlos Ramos.[150]

Foi também Luiz Cunha o responsável pela divulgação das obras construídas de Octávio Lixa Filgueiras no livro que publicou em 1957, "Arquitectura religiosa moderna", livro pioneiro, onde fez referência às duas igrejas (já apresentadas) e a uma pequena capela de Escapães (1954).[151] Esta obra, ilustrada com fotografia e planta, foi colocada a par da pequena capela de Vidago, desenhada por outro antigo aluno da escola, Pereira da Costa. Aquelas obras, pequenos trabalhos de arquitectura longe do centro das grandes cidades, eram apresentadas como exemplos da pesquisa arquitectural que aspirava a verdade e pureza.[152] Em comum aquelas duas obras partilhavam o recurso a grelhas pré fabricadas, a recusa da entrada axial e a anulação da coxia central que dividia a assembleia dos fiéis. Nestes trabalhos, e em particular nos desenvolvidos por Filgueiras, reconhecemos a tentativa de romper com a tradição clássica da simetria[153], procurada nos primeiros estudos das fachadas das naves das igrejas mas apenas conseguida na pequena capela de Escapães. Em todas estas obras, processos construtivos simples e pequenos gestos procuravam levar a modernidade para fora dos centros urbanos.

Ainda na década de 1950, e na sequência da apresentação de algumas fotografias daquela modesta capela ao bispo de Quelimane pela mão do seu secretário, pe. Romero

---

150 Luiz Cunha desenvolveu com professores da escola colaborações pontuais. Nalguns casos os programas incluíam capelas, nomeadamente a Colónia de Férias FNAT Cabo do Mundo, Matosinhos (com José Carlos Loureiro - 1955 concurso, 1º classificado) e a embaixada de Portugal, Brasília (com Carlos Ramos - 1961-63). Nenhum dos projectos foi construído.
Ao contrário de Carlos Ramos que não realizou nenhum projecto exclusivamente religioso, José Carlos Loureiro trabalhou por diversas vezes para a Igreja, nomeadamente para a Santa Casa da Misericórdia – Complexo Luso (1962); para a paróquia de Valbom (1973); e para o Santuário de Fátima, na sequência do concurso por convite ganho em 1977 juntamente com Pádua Ramos.

151 "Esta capela destina-se a facilitar as práticas religiosas dos habitantes da pequena localidade de Escapães. A construção é muito modesta, dados os reduzidos meios económicos postos à disposição."
Luiz Cunha, *Arquitectura religiosa moderna* (Porto: Imprensa Portuguesa, 1957), p.78.

152 Ilustravam ainda a secção de arquitectura religiosa portuguesa a capela na Rinchoa (1950) arq. João Braula Reis; capela de Santo António de Escapães (Feira, 1954) arq. Octávio Lixa Filgueiras; capela de Loivos (Vidago, 1954) arq. Pereira da Costa; capela de Picote (1956 - em construção à data da publicação), arq. Manuel Nunes de Almeida; igreja de Santo António de Moscavide (1956) arq. Freitas Leal e João de Almeida; igreja de Águas (Penamacor, 1957) arq. Nuno Teotónio Pereira.

153 "(...) certos conceitos clássicos da Estética, como o da simetria, perdem todo o seu valor."
Octávio Lixa Filgueiras, *Sobre doze séculos de arquitectura moderna* (Porto: Centro Técnico da Indústria da Madeira, 1956). p.6.

Vila[154], amigo de infância de Filgueiras, surgiu a primeira encomenda para fora do país. Tratava-se de uma igreja de grandes dimensões para a comunidade missionária de Nossa Senhora da Assunção, em Inhassunge. O projecto previa a integração de uma escola, um lar e uma residência. Segundo o pe. Romero aquela encomenda representava a possibilidade de idealizar e conceber uma igreja de uma forma livre pois ali não se faziam sentir os "obstáculos de Comissão de Estética, nem oposição do velho espírito", graças ao novo bispo que tinha "vontade de ter nas missões igrejas do nosso tempo"[155] num território onde abundavam "autênticas réplicas das igrejas de Portugal"[156]. Fortes limitações económicas acabariam por ditar o abandono daquele projecto que fora desenvolvido em co-autoria com Fernando Manuel Vieira Campos, que o apresentou como prova CODA em 1957 na ESBAP.

5.4.3. O início da actividade pedagógica

O exercício da igreja de Várzea do Douro (1959-1960)

No ano seguinte, em 1958, Filgueiras iniciou a sua actividade pedagógica na escola de Belas Artes do Porto a convite de Carlos Ramos, mestre com quem manteve uma relação de amizade. Sobre este seu aluno que viria a convidar para assistente da escola teve a oportunidade de dizer:

> "O seu passado é recente. Meu discípulo, querido como todos, durante alguns anos, com ele troquei a minha experiência pela sua juventude. Sou eu, pois, o devedor. Artista de rara emotividade, de expressão a um tempo fácil e lírica, um poeta na mais pura acepção da palavra, possui o que é extramente raro em tais espíritos: a formação de um investigador nato."[157]

---

[154] pe. Romero Vila (1912-1977), amigo pessoal de Octávio Filgueiras, foi ordenado em 1940. Em 1955 partiu em missão para Moçambique, para secretariar o primeiro bispo da Diocese de Quelimane, responsável pela encomenda da igreja de Inhassunge. Já regressado a Portugal o pe. Romero realizou encomendas para o Patronato da Sopa da Divinia Providência das Devesas (Vila Nova de Gaia) e para uma Colónia de Férias (Esposende).

[155] pe. Romero Vila, «carta dirigida a Octávio Filgueiras», *arquivo Octávio Lixa Filgueiras*, (Quelimane, 27.Ago.1956).

[156] pe. Romero Vila, «As igrejas da Zambézia são evocações das capelas e igrejas de Portugal», *Flama revista semanal de actualidade*, ano XIV, nº496, (6.Set.1957), p. 6.

[157] Carlos Ramos, «Palavras prévias», em Sobre doze séculos de arquitectura moderna (Porto: Centro Técnico da Indústria da Madeira, 1956). p.X.

No ano lectivo de 1959-1960, enquanto assistente de 4ª cadeira 3ª parte, propôs aos alunos um trabalho que resultava de um cruzamento de interesses pessoais e profissionais. Na sequência do trabalho 'uma capela' (1958-59)[158] surgiu, no ano seguinte, a proposta para o projecto de uma 'pequena igreja paroquial' a construir, não na cidade, mas junto a uma estrada nacional, numa pequena povoação da margem Norte do rio Douro pertencente ao concelho do Marco de Canaveses – Várzea do Douro,[159] cuja igreja existente era de pequena dimensão e distante do povoado. Este trabalho académico colocou os alunos perante problemas do urbanismo rural e da renovação da arte sacra, ou se quisermos, no âmbito mais lato, em torno do debate acerca das ideias de comunidade e de identidade.

A consulta do catálogo da *IX Exposição Magna* (Out.1960) apenas permitiu identificar o nome de alguns alunos da cadeira de Octávio Filgueiras.[160] Os trabalhos selecionados para a exposição foram desenvolvidos pelos alunos José Carlos Carneiro, José Lopes da Costa, Pulido Valente, Manuel Cabral Teles e pelo pe. João de Almeida, antigo colaborador de Hermann Baur, membro fundador do MRAR formado no Seminário dos Olivais e transferido a seu pedido da escola de Lisboa para o Porto – "Aquele mundo (...) muito mais interessante"[161].

João de Almeida dinamizou a actividade do núcleo do Porto do MRAR reunindo com o grupo mais assíduo constituído por Luís Cunha e Luísa Marinho Leite.[162] Desta

---

158 Na VIII Exposição Magna da ESBAP (Dez.1959) foi apresentado o trabalho "(d)uma capela" realizado pelo então aluno Pedro Ramalho para Arquitectura - Nova reforma.

159 No catálogo da IX Exposição Magna da ESBAP (Out. 1960) apenas foi referido o título do trabalho. A identificação do terreno do projecto, a aldeia de Várzea do Douro, foi conseguida através dos testemunhos dos antigos alunos João de Almeida e Pulido Valente, e confirmada pelo registo fotográfico de Octávio Lixa Filgueiras, presente no Arquivo do Centro Português de Fotografia. Segundo fonte familiar o terreno terá sido visitado com o pe. Brito, pároco da povoação vizinha - Alpendurada. O pe. Brito era amigo pessoal de Octávio Lixa Filgueiras e responsável pela encomenda da residência paroquial junto ao convento de Alpendurada.

160 O catálogo da Exposição Magna da ESBAP apenas continha a listagem dos trabalhos organizados por curso e disciplina. O catálogo não reproduzia os trabalhos dos alunos.

161 "(...) o Cerejeira também queria que acabasse o curso, pelo que fui para o Porto. Aliás, quando lhe disse que ia para o Porto, ele tentou desincentivar-me. Ele bem sabia quem era o D. António Ferreira Gomes. Quando soube que me tornara amigo do bispo do Porto, disse-me logo: 'João, vê lá no que te metes'... Aquele mundo do Porto era muito mais interessante."
João de Almeida, «"Um homem com muitas vidas" - entrevista conduzida por Henrique Monteiro e João Garcia», *Expresso*, 8 de Maio de 2015.
No regresso a Lisboa o pe. João de Almeida foi nomeado diretor do SNIP e membro da Comissão Diocesana de Arte Sacra. Encerrou o percurso de formação académica com a prova CODA dedicada à igreja de Paço de Arcos que veio a ser inaugurada em 1969.

162 Durante este período foi realizada a exposição Arte Sacra Moderna (Paço Episcopal, Porto Jun.1959) que esteve posteriormente em Guimarães e em Aveiro. Nela para além de Luiz Cunha e Luísa Marinho

forma iam sendo reforçados os laços entre Lisboa e Porto, que já se vinham aproximando com a realização do inquérito à arquitectura popular e com o intercâmbio de alunos entre as escolas. O percurso académico de Nuno Portas[163], com breve passagem pelo Porto naquele período, testemunha também esta aproximação.

No campo da prática profissional o convite de João de Almeida ao seu antigo professor da ESBAP, Octávio Lixa Filgueiras para integrar o júri do concurso da igreja e anexos do Sagrado Coração de Jesus (1962) é representativo da vontade de fazer presente em Lisboa a escola do Norte. Aliás a própria história do MRAR testemunha esta vontade de aproximação. Talvez não seja indiferente a este processo a participação de diversos arquitectos formados na escola do Porto nesse concurso. Recordamos em particular o segundo lugar conquistado pela equipa de João Serôdio, Rolando Torgo, Rui Paixão[164] e o terceiro, por António Aurélio[165].

Talvez por intermédio de João de Almeida, que estabeleceu a ponte com diversos organismos internacionais de renovação de arte sacra,[166] tenha sido equacionada a participação daqueles projectos académicos num 1º Colóquio Internacional de Arte Sacra Moderna, conforme referia o catálogo da exposição da ESBAP, iniciativa que procuraria contribuir para a internacionalização dos trabalhos feitos na escola à semelhança de iniciativas anteriores, num período em que pouco a pouco a arquitectura religiosa portuguesa foi sendo divulgada no estrangeiro.[167]

Leite estiveram envolvidos Nuno Portas, Flórido Vasconcelos, Maria Alice, Luísa Brandão, Diogo Alcoforado.

163 A passagem de João de Almeida pelo Porto é contemporânea da entrega da prova CODA de Nuno Portas, aluno da ESBAL, na ESBAP (Dez.1959). Na sua tese "Habitação social: proposta para a metodologia da sua arquitectura" sem nunca falar de igrejas ou de arquitectura religiosa, faz por diversas vezes referência à dimensão religiosa do ser humano integrado na comunidade e na bibliografia dá nota dos trabalhos de inquérito de sociologia religiosa.

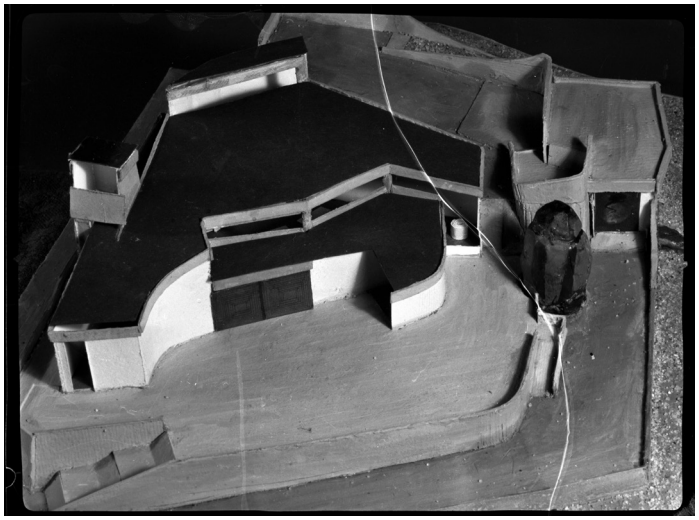
164 A mesma equipa projectista participou no concurso para a Sé de Bragança (1964) mas acabou por ser desclassificada.

165 Participou ainda no concurso Manuel Travassos Valdez, formado pela ESBAP, contudo o seu trabalho não foi premiado.

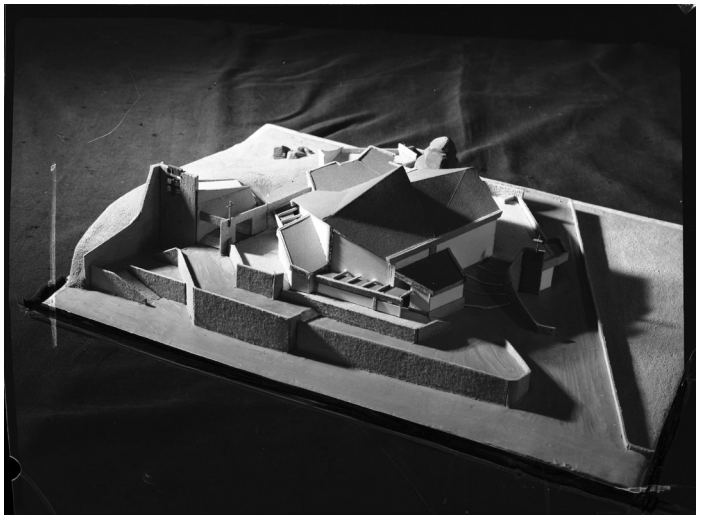
166 Em 1956 João de Almeida representante do MRAR, tinha sido responsável pela participação portuguesa na 1ª Exposição Internacional de Arte Sacra de Salzburgo, iniciativa em que o movimento acabou por não participar.

167 Na exposição 'Portuguese Contemporary Architecture' (Washington, 1958) foram expostas a igreja paroquial de Águas de Penamacor, de Nuno Teotónio Pereira, e a capela-ossário do Funchal, de Chorão Ramalho, duas obras que espelhavam o processo de renovação em curso que eram representativas do carácter e das condições do país, conforme se lia no catálogo da exposição :

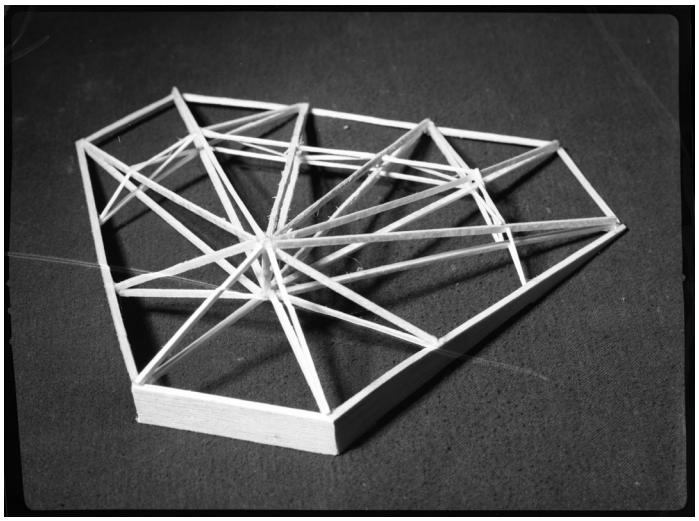
> "As can be seen Portuguese Architecture has followed, to certain extent, the modern tendencies. But no work of architecture can be truly representative unless it shows the character and conditions of the country in which it is created."



a.



b.



c.

28. UI - uma igreja (ESBAP, 1959-1960) *Arquivo FML-TR*
a. b. c. Trabalhos académicos - 4ª cadeira 3ª parte
Professor: Carlos Ramos. Assistente: Octávio Lixa Filgueiras.
Maquetes de: Manuel Cabral Teles (a), João de Almeida (b) e José Maria Lopes da Costa (c).

A existência de uma pasta intitulada 'pe. João de Almeida' no arquivo do fotógrafo de Teófilo Rego, permitiu-nos conhecer diferentes abordagens dos alunos e, desta forma, aproximarmo-nos da prática pedagógica de Octávio Filgueiras anterior à realização dos inquéritos analíticos da década de 1960[168] que já então, manifestava uma preocupação ética, devidamente fundamentada e enquadrada, no ensino da prática arquitectónica. Pedro Vieira da Almeida recordou a sua actuação "permanente no plano das atitudes que achava indispensável e prioritário defender e inocular nas novas gerações profissionais"[169]

> "Assim sabia ele que cabe a um professor, eventualmente não mais do que fornecer umas quantas bases firmes, umas quantas balizagens de referência, para uma navegação de risco que tem de ser o próprio aluno a fazer (...) Era difícil a tarefa. É sempre difícil a tarefa de dar a perceber a um curso de jovens arquitectos outras dimensões da arquitectura que ultrapassem os esquemas do imediato encanto pelas formas." [170]

Estas preocupações não impediram nem limitaram a pesquisa formal no exercício – 'UI(P)', Uma Igreja Paroquial – onde eram colocados problemas concretos de projecto: da relação do edifício com a estrutura viária e a paisagem, dos percursos de acesso e entrada, da organização interna do espaço litúrgico, sem descurar a exploração plástica possibilitada por diferentes sistemas estruturais adoptados. Comum a todas as propostas foi a tendência para a proposta de um adro elevado aberto ao vale do rio, tirando partido da paisagem envolvente e evitando a movimentada estrada. Formalmente as propostas distanciavam-se das referências ibero-americanas do período de formação de Filgueiras –veja-se a desenvolvida por João de Almeida, plasticamente próxima à obra do arquitecto suíço Justus Dahinden com a adopção de coberturas inclinadas, ou a da autoria de Manuel Cabral Teles que recorrendo a paredes curvas, recorda algumas experiências do espanhol Miguel Fisac.

Para além dos aspectos plásticos mencionados relevamos, na proposta de João de Almeida, o desenho de um espaço de acolhimento interior, vazio e amplo – antecipando

---

Contemporany Portuguese Architecture (Washington DC: The Smithsonian Institution, 1958), p.s/n.

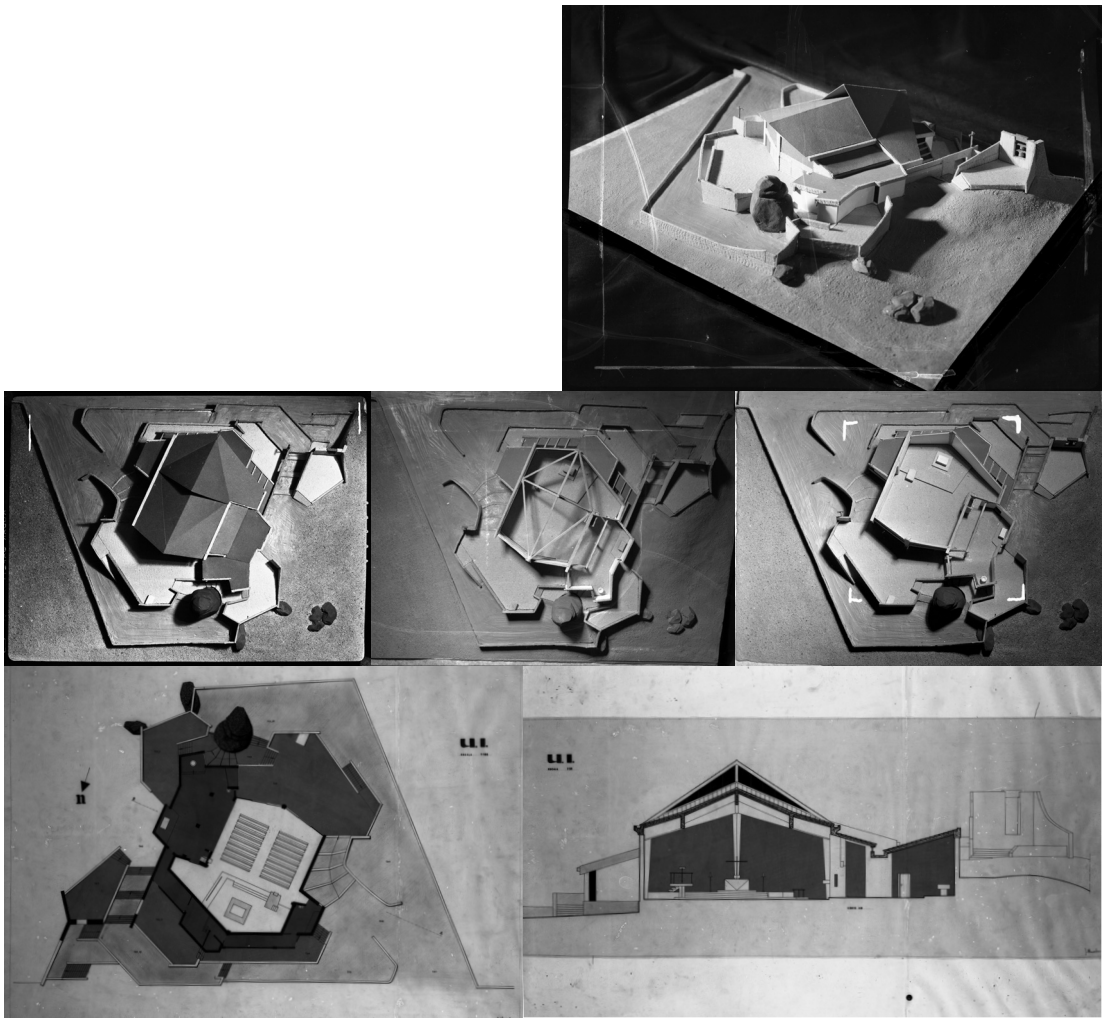
168 Octávio Lixa Filgueiras orientou, ao longo da década de 1960, os inquéritos urbanos (também designados Operações) na disciplina de Arquitectura Analítica do 1º e do 2º ano, que sucessivamente fizeram estudos de diferentes áreas da cidade do Porto: Universidade (1961-62), Matosinhos (1962-63), Miragaia (1963-64), Barredo (1964-65, 1965-66, 1967-68, 1968-69) e Almada (1966-67, 1967-68, 1968-69).

169 Almeida e Cardoso, *Octávio Lixa Filgueiras 1922-1996*. p.15.

170 Ibid. pp.12 e 15.



a.



b.

29. UI - Uma igreja (ESBAP, 1959-1960)
a. O lugar: Várzea do Douro, junto à estrada nacional. *Arquivo CPF*
b. Trabalho do aluno: João Vasco de Paiva Raposo de Almeida

o debate em torno do 'espaço perdido' mais tarde defendido por Pedro Vieira de Almeida. Relevamos também a solução de duas portas: a pequena de uso diário, com guarda vento, associada ao espaço de acolhimento descrito, e a grande de uso pontual, permitindo fazer do adro, espaço de acolhimento exterior, espaço de celebração em dias de festa ou de maior afluência. Estes dispositivos de continuidade espacial interior/exterior foram temas explorados em diferentes projectos ao longo da década de 1960. Recordem-se, por exemplo, as igrejas do Sagrado Coração de Jesus (Lisboa, 1962-1970) e a de S. Tiago (Almada, 1962-1969), a de S. Mamede de Negrelos (Santo Tirso, 1961-1965) e de Nossa Senhora de Fátima (Póvoa do Valado - Aveiro, 1964-1968), e a do bairro da Tabaqueira (Albarraque – Sintra, 1965-1969) onde a continuidade espacial foi reforçada pela calçada portuguesa utilizada dentro e fora da igreja.

Na proposta de José Lopes da Costa identificamos a adopção de uma planta de traçado poligonal que dispõe a assembleia em leque, um gesto moderno conciliado com a tradição expressa na torre sineira, no alpendre e no aparelho em alvenaria de pedra aparente. Igualmente comprometidas com a tradição eram as propostas de José Carlos Carneiro e de José Pulido Valente[171], com cobertura de duas águas antecedida de alpendre rebaixado e marcação exterior do presbitério – soluções que recordam as experiências modernas de Januário Godinho, como os projectos das capelas das hidroélectricas ou o pequeno complexo da capela de Furadouro de Ovar.

Ainda que alguns daqueles estudantes tenham depois construído ou projectado igrejas[172] nenhuma daquelas propostas desenvolvidas pelos alunos de Filgueiras foi construída em Várzea da Douro. Em Julho de 1960 um outro antigo aluno da ESBAP,

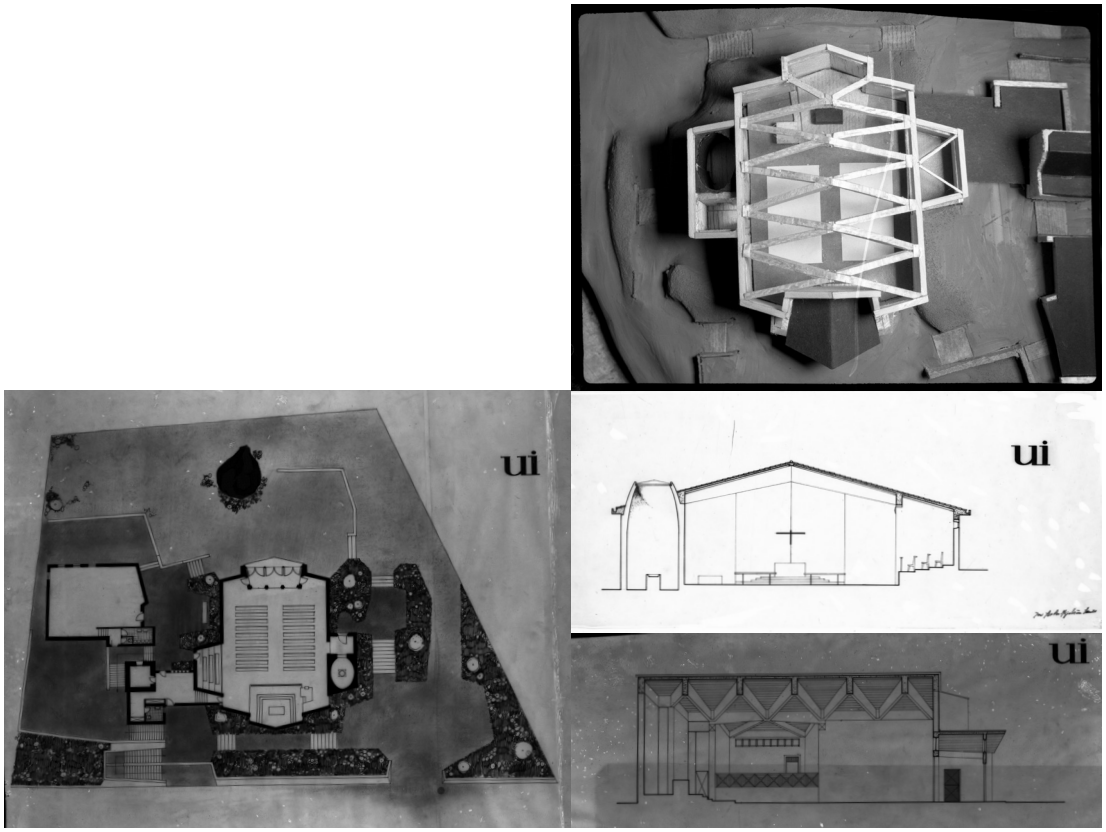
---

171 No caso da proposta de Pulido Valente destacamos a organização da planta rectangular, de desenvolvimento transversal ao altar.

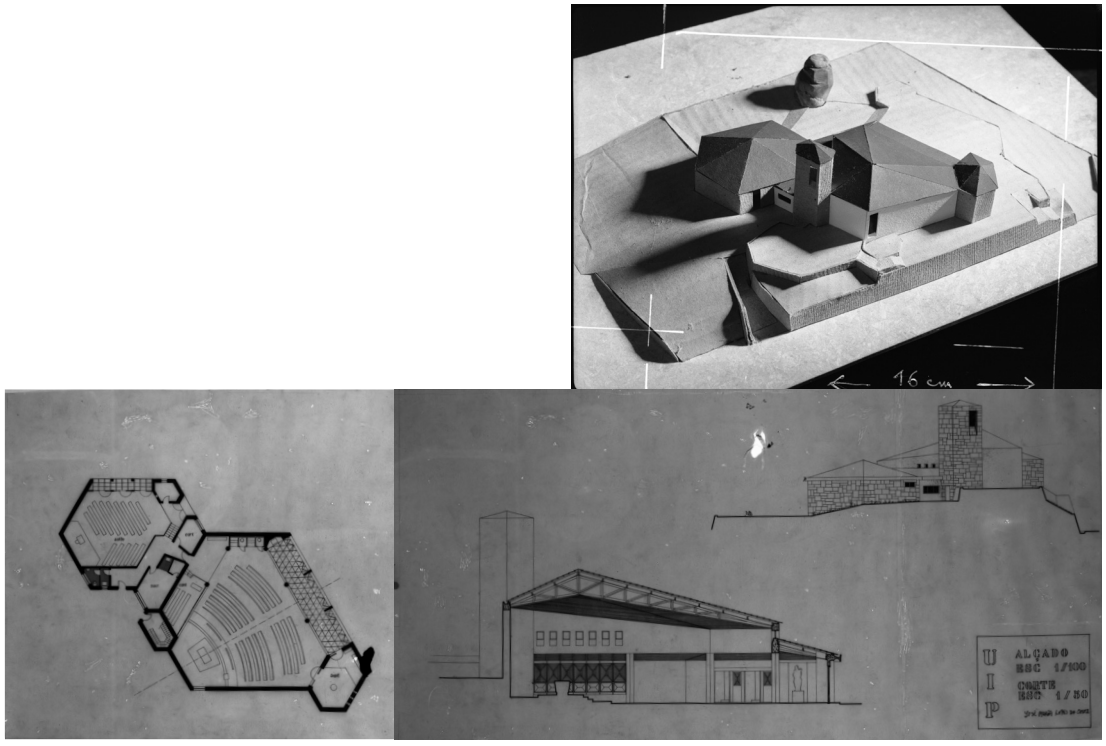
172 João de Almeida à data já tinha realizado a igreja de Moscavide, juntamente com António Freitas Leal. Posteriormente realizou a de Paço de Arcos, que apresentou como prova CODA. Mais tarde, no gabinete com Pedro Ferreira Pinto, fez estudos para a paróquia de Calhariz de Benfica, que apenas construiu o centro social.
José Carlos Magalhães Carneiro integrou como arquitecto estagiário a equipa de João Serôdio, Rolando Torgo e Rui Paixão no concurso para a Sé de Bragança – a proposta foi desclassificada.
José Pulido Valente iniciou a actividade com o colega Luís Alvares Ribeiro. O segundo trabalho que realizou foi uma igreja paroquial na povoação de Lamaçais em Vila Nova de Gaia, onde existia uma pequena igreja que foi demolida.

> "Já tinha feito um projecto para uma igreja quando fui aluno do Filgueiras e parece que me saí bem com esse novo projecto pois há quem ache uma boa obra. Verifica-se que um ateu, não baptizado, pode fazer bons projectos de igrejas."

José Pulido Valente, *A Minha Arquitectura - O meu plano de urbanização para o país* (Porto: edição de autor, 2015). pp.63-64.

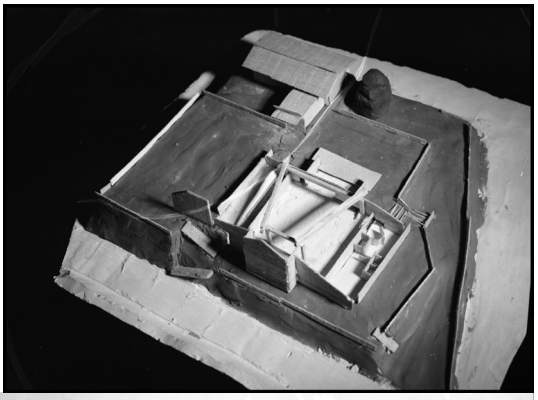


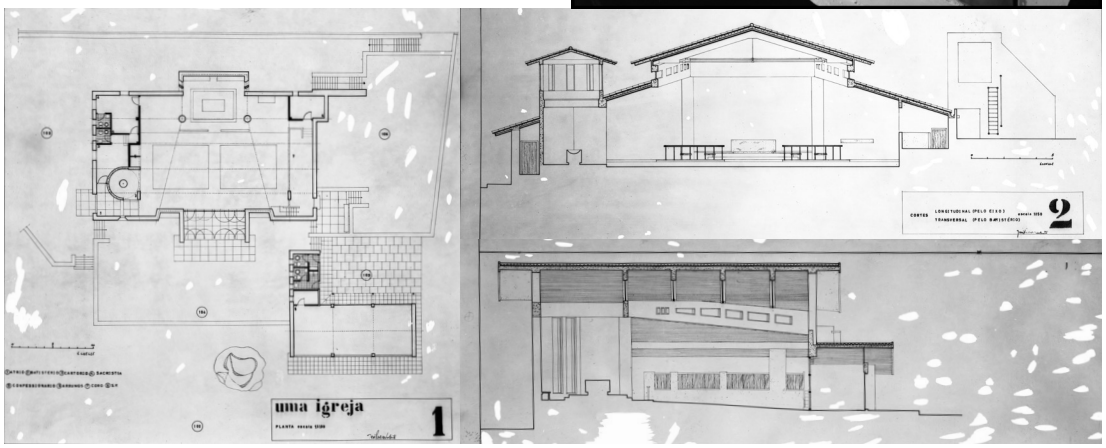
a.



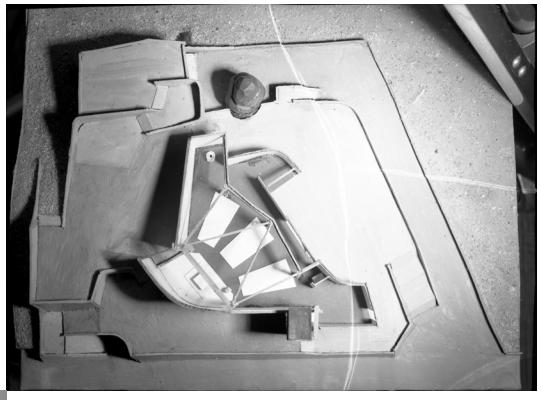
b.

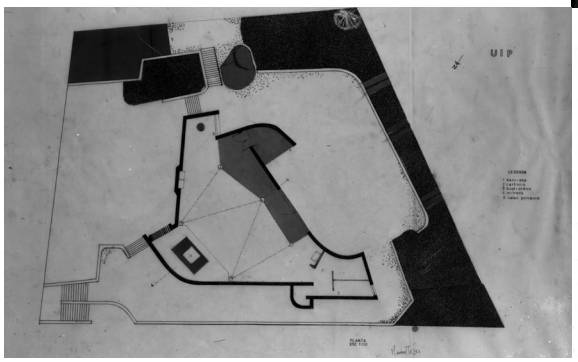
30. UI - uma igreja (ESBAP, 1959-1960) *Arquivo FML-TR*
a. Trabalho do aluno: José Carlos Magalhães Carneiro
b. Trabalho do aluno: José Maria Lopes da Costa

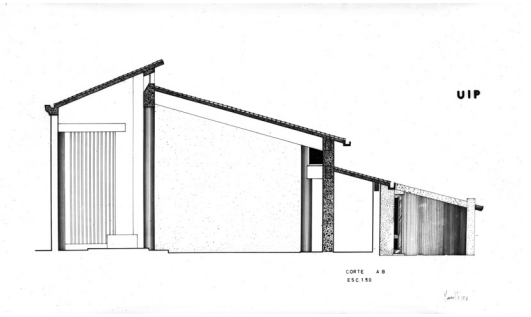




a.





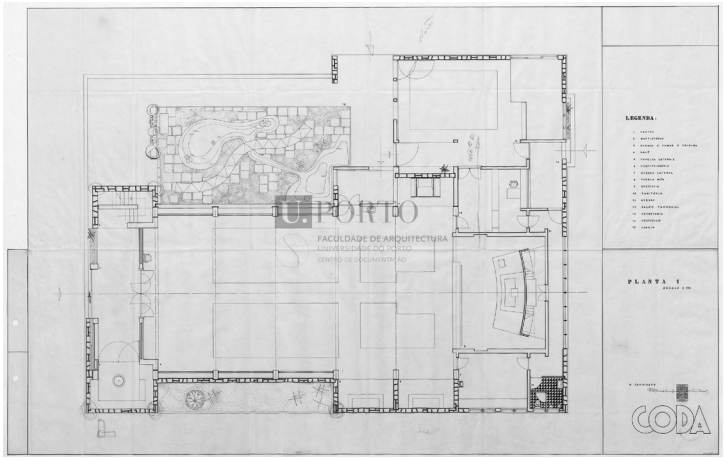


b.

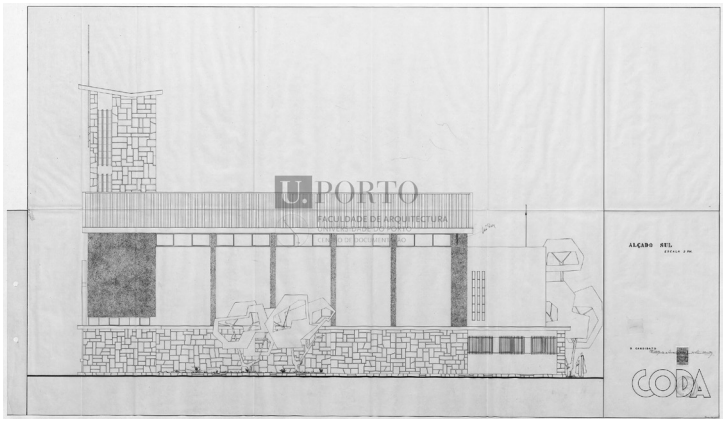
31. UI - uma igreja (ESBAP, 1959-1960) *Arquivo FML-TR*
a. Trabalho do aluno: José Pulido Valente
b. Trabalho do aluno: Manuel Cabral Teles



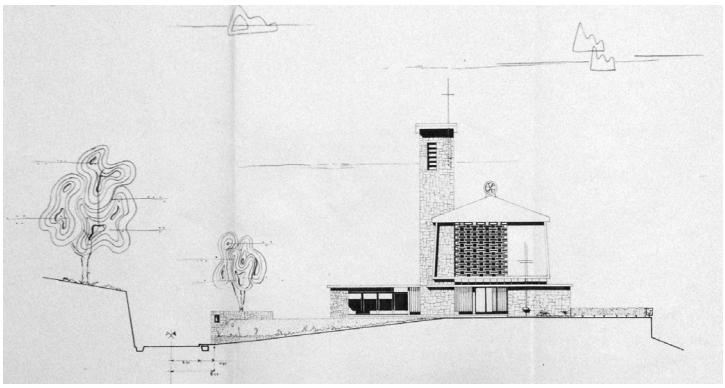
a.



b.



c.



d.

32. A igreja paroquial de Várzea do Douro (Marco de Canaveses, 1960-1968)
arq. Pedro Costa e Almeida
a. Igreja construída, vista a partir da estrada nacional.
b. c. CODA de Pedro Almeida (1963)
d. Perfil do arruamento de acesso ao adro elevado (1960) *Arquivo ADP*

Pedro Costa e Almeida[173], contemporâneo de Filgueiras apresentou no Paço Episcopal do Porto um projecto para aquela igreja que viria a ser inaugurada em 1968. Escreveu então na memória descritiva:

> "Poderia parecer lógico, uma vez que assim temos orientado a nova igreja, que os seus acessos fossem laterais e se abandonasse até o acesso de frente para a capela-mor; todavia tal teoria não deve ser posta em prática por ir de encontro, além do mais, ao tradicionalismo dos costumes, muitos dos quais se tornaram já regras e directivas a que devemos e temos de obedecer. Deste modo mantém-se a entrada principal, marcando o eixo da nave e da capela-mor (...)"[174]

Aquele projecto, com memória descritiva desenvolvida, foi apresentado em 1963 como prova CODA.[175] Ainda que contrariasse a tendência unânime respeitante à relação do edifício com a estrutura viária e paisagem, trabalhada pelos alunos de Filgueiras, formalmente são algumas as afinidades entre a proposta de Pedro Costa e Almeida e as desenvolvidas por Filgueiras em meados da década de 1950, veja-se a título de exemplo, a planta de desenvolvimento longitudinal, o tratamento do alçado e da torre.

5.4.4. Concursos e provas

Testemunhos de um júri e de um concorrente

Se a década de 1950, correspondente ao final do curso e arranque da actividade pedagógica e profissional de Filgueiras, foi marcada por um número significativo de encomendas religiosas – três igrejas, uma capela e um seminário[176] – na década seguinte, de 1960, assinalamos um decréscimo de encomenda religiosa, ainda que se contabilize um projecto para uma pequena capela rural, em Ferreira, e algumas obras de natureza assistencial, um patronato e uma colónia balnear – situação contrária à do colega e

[173] Pedro Costa e Almeida (1922-) ingressou na escola de Belas Artes em 1947, ao mesmo tempo que António Agnelo Barbosa de Abreu e Vítor Figueiredo. Em 1959 desenvolveu o ante-projecto para a igreja de Ermesinde (não construído). No ano seguinte iniciou estudos para a de Várzea do Douro. A igreja só foi inaugurada em 1968.

[174] Pedro Almeida, «Memória Descritiva e Justificativa da igreja paroquial de Várzea do Douro», 7 de Julho de 1960.

[175] Pedro Almeida, *Memória Descritiva e Justificativa da igreja paroquial de Várzea do Douro - prova CODA* (Porto: ESBAP, Dez.1963). A prova foi avaliada em 16 valores.

[176] Estudo de ante projecto para o seminário redentorista (Vila Nova de Gaia, 1959) – não construído.

assistente Fernando Távora que desenvolveu na década de 1960 um corpo significativo de obras dessa natureza.

Ainda que progressivamente se tenha afastado do trabalho de atelier, devemos relevar o contributo de Octávio Lixa Filgueiras no domínio da discussão da arquitectura religiosa construída em contexto urbano na década de 1960, por exemplo na participação nos júris dos dois maiores concursos de arquitectura religiosa portuguesa do período em estudo: o do Sagrado Coração de Jesus de Lisboa (1962)[177] e da Sé de Bragança (1964) [178], cujos trabalhos foram expostos na ESBAP – fazendo da escola um observatório das propostas de arquitectura religiosa.

Quanto ao primeiro concurso destacamos a postura crítica que manifestou publicamente sobre um programa que considerava sobrecarregado. Filgueiras assumiu publicamente uma voz dissonante, mas respeitada, num momento em que a Igreja procurava resolver problemas das mais diversas índoles, da assistência à recreação.[179] À consciência cívica alargada, que o fazia por exemplo reivindicar uma assistência médica planeada à escala nacional pelo Estado e não pela Igreja juntava o pensamento perfeitamente alinhado com o espírito da Igreja em renovação. Ao problema de um programa de igreja demasiado vasto, respondia Octávio Filgueiras em 1962 em plena consonância com o que viria a ser proclamado no concílio Vaticano II:

---

177 Constituição do júri: D. Júlia Guedes e os arquitectos Octávio Lixa Filgueiras, Sebastião Formosinho Sanchez (representante da paróquia), pe. João de Almeida (SNIP), Francisco Conceição Silva (SNA). A título consultivo participou o arquitecto suíço, Herman Baur.
Cf. Cunha, «MRAR e os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal no século XX - a ação do Movimento de Renovação da Arte Religiosa nas décadas de 1950 e 1960». pp.354-366.

178 Constituição do júri: cónego Dr. António de Figueiredo Sarmento (Diocese de Bragança) e os arquitectos António Freitas Leal (MRAR), Alfredo Viana de Lima (Câmara Municipal Bragança), Octávio Lixa Filgueiras (pela SNA) e Alberto da Silva Bessa (Ministério das Obras Públicas). A título consultivo participaram o dr. Mário Tavares Chicó - prof. de História de Arte da Faculdade de Letras de Lisboa, eng. Joaquim Sampaio - prof. FEP e os padres José Ferreira (professor de Liturgia do Seminário dos Olivais) e João de Almeida (assistente eclesiástico do MRAR) – os dois últimos redatores do Programa do Concurso.
Cf. João Alves da Cunha, «O caso do concurso da Sé de Bragança (1964)», *Monumentos*, nº 31, (2011), pp.134-141.

179 "Soluções como a que se prevê para a igreja do Sagrado Coração, produto embora de louvável espírito de fraternidade, tentativa de socorrer as gritantes carências não conduzem a qualquer resultado realmente frutuoso. Opõe ainda outras objecções à inclusão nos anexos das igrejas de centros de assistência médica ou de jardins de infância, como também à realização ali, de espectáculos de teatro e cinema."
«A renovação da arte sacra em Portugal - concurso de anteprojectos para a Igreja do Sagrado Coração de Jesus (...) - declarações do júri [Octávio Filgueiras]», *Jornal de Letras e Artes*, (1.Ago.1962), p.9

"O caminho estará em os católicos aceitarem o desafio posto por uma sociedade plural, adaptando uma atitude militante, em contacto com todos os outros grupos (...) para a solução dos problemas sociais"[180]

De certa forma, surgiria anos mais tarde, já em 1975, semelhante postura de crítica partilhada pela voz de Diogo Lino Pimentel.[181]

Concurso a lugar de professor (1962)

No mesmo ano em que participou no júri da nova igreja da capital, a construir nas proximidades da Praça do Marquês de Pombal, Filgueiras concorreu ao lugar de professor do 1º grupo da ESBAP, tendo prestado as seguintes provas: uma dissertação original sobre uma temática relativa às cadeiras leccionadas pelo grupo; uma lição sobre um programa de composição de arquitectura em espaço de aula; a discussão dos trabalhos realizados pelos alunos (crítica do candidato e do júri); realização de uma prova de composição de arquitectura pelo candidato (sorteada de um conjunto de temas propostos pelo júri) e sua discussão.[182]

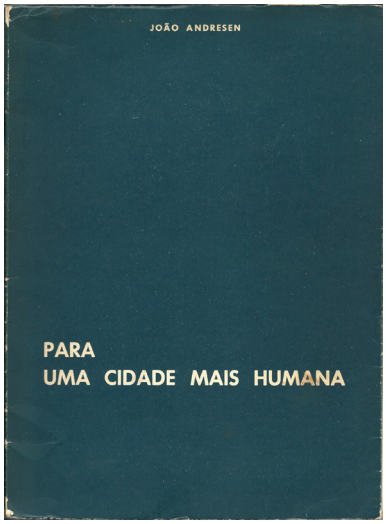
Foi no contexto destas provas que foram redigidas as dissertações de Octávio Lixa Filgueiras – "Da função social do Arquitecto"; de Fernando Távora – "Da organização do Espaço" e de José Carlos Loureiro – "Azulejo. Possibilidades da sua integração na arquitectura portuguesa" tema que se afastava das temáticas anteriores. Semelhante preocupação pelo problema social encontramos na tese apresentada por João Andresen "Por uma cidade mais humana", também apresentada nas mesmas provas mas para o lugar de professor do 2º grupo - Urbanologia. Esta temática abordada pelos dois candidatos vencedores do concurso, Filgueiras e Andresen, juntamente com a

---

180 Ibid. p.9.

181 "A partir de agora, reconhecido o direito de associação, é natural e desejável que a igreja abandone muitas das actividades que supletivamente ainda assumia, para passar a ser quase exclusivamente utilizada em actividades que lhe sejam específicas. No entanto parece-nos desejável que se mantenham as características polifuncionias, acompanhadas da desejável 'abertura' das igrejas ao serviço das populações locais."
Diogo Lino Pimentel, «Inquérito sobre arquitectura religiosa», *Binário - revista mensal de arquitectura, construção, equipamento*, nº196, (Jan.1975). p.13.

182 Para informação detalhada sobre os procedimentos de cada uma das fases de concurso:
Cf. Direcção Geral do Ensino Superior e das Belas-Artes, «Edital - Concurso de provas públicas para o provimento de um lugar de professor do 1º grupo da Escola Superior de Belas Artes do Porto», (23.Jan.1960).



a.

"À monumentalidade deixou de ser inerente qualquer sentimento de ordem espiritual, cultural, cívica ou moral, sendo em muitos casos a propaganda comercial a sua finalidade. E assim a própria escala humana é atingida pela inversão de valores, e pelo esquecimento da escala humana, capaz de dar conforto, sentido e calor humano à nova cidade." p.59

"Pergunta-se hoje se é possível estancar esse gigantismo, ou melhor se esses números tendem a aumentar no mesmo ritmo, ou se as grandes metrópoles estão atingindo, por efeitos de saturação, o seu auge. As próprias respostas dos sociólogos dividem-se, uns prevendo pior, outros sossegando-nos quanto ao futuro. Interessa de momento sobretudo saber se é possível e desejável encontrar-se um número óptimo que corresponda a uma moderna cidade, fazendo uso dos seus verdadeiros benefícios técnicos desta era e mantendo o seu carácter humano. (...) uma preocupação natural de se encontrar uma plataforma que permita encarar com confiança a cidade de amanhã, dando aos seus habitantes um ambiente no qual seja possível a mais desejada integração, repondo os valores humanos no alto lugar que lhes é destinado. É aí, que em última análise, nos deve conduzir uma premeditada consideração da escala humana, chave de toda a beleza e harmonia das melhores realizações que o passado nos legou." pp.60 e 63

"São as duas décadas em que o problema 'Arquitectura e Comunidade' foi sucessivamente mais agudo. A princípio, parecia isolada e indecisa a opinião de que a célula de habitação sozinha hoje já não basta, e que o conceito de habitação devia ser alargado. Agora começa a surgir nos mais longínquos lugares a ideia de que o conceito de habitação alargada compreende instalações comuns intimamente ligadas aos habitantes, que mesmo o mais modesto bairro económico não pode dispensar."

"Não há limite entre a Arquitectura e o Urbanismo, assim como não o há entre a cidade e os seus arrabaldes. Entre ambos deve existir um relação recíproca."



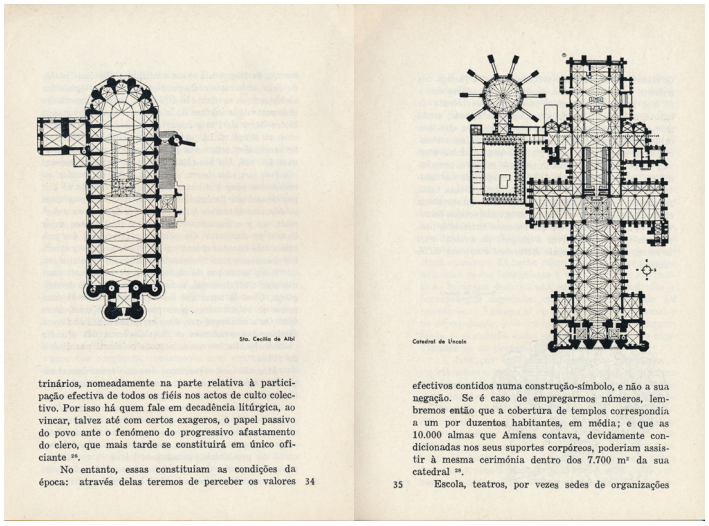
b.





33. Concurso para o lugar de professor de Urbanologia da ESBAP (1962)
a. 'Por uma cidade mais humana' João Andresen
b. Exercício de composição, João Andresen

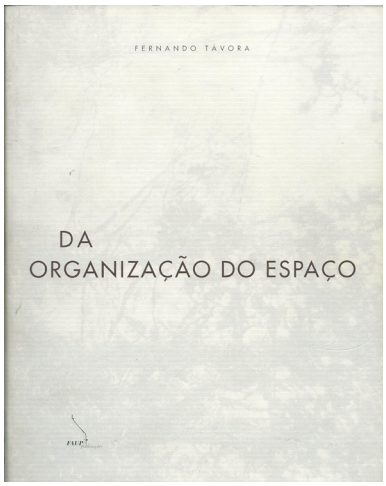




b.

"Em muitos casos criaram-se tribunas que tapavam a vista do altar-mor, o que juntamente com a organização diferente do presbitério, vedado aos leigos, constituem provas suficientes dum princípio de descriminação social pouco compatível com os verdadeiros fundamentos doutrinários, nomeadamente na parte relativa à participação efectiva de todos os fiéis nos actos de culto colectivo.
Por isso há quem fale em decadência litúrgica, ao vincar, talvez até com certos exageros, o papel passivo do povo ante o fenómeno do progressivo afastamento do clero, que mais tarde se constituirá em único oficiante.
No entanto, essas constituíam as condições da época: através delas teremos de perceber os valores efectivos contidos numa construção-símbolo, e não a sua negação." pp.34-35

"Os monumentos apagam-se com o tempo, mas a beleza perdura na atitude que cala fundo no coração de todo o Homem. A sua vida será justificada, se também com a sua ajuda a Humanidade puder encontrar o seu caminho pelos caminhos do amor e da verdade, que é o mesmo que dizer o verdadeiro caminho da justiça." p.108



b.

" Constituem assim circunstância da organização do espaço, circunstância das formas que o organizam, para além das formas pré-existentes - naturais e humanas (…) factores tão variados como o pensamento científico ou a religião, a economia ou a sensibilidade, a política e a filosofia (…) a compreensão total de uma forma será tanto mais perfeita quanto mais se transforme em vivência, na medida em que se identifiquem forma e observador (…)" p.22

"o homem começa agora a olhar para o espaço da cidade e ela preocupa-o,(…) quer como espaço condicionado, quer como espaço condicionante." p.36

"(…) projectar, planear, desenhar, devem significar apenas encontrar a forma justa, a forma correcta, a forma que realiza com eficiência e beleza a síntese entre o necessário e o possível (....) As formas que ele [arquitecto] criará deverão resultar, antes, de um equilíbrio sábio entre a sua visão pessoal e a circunstância que o envolve e para tanto deverá ele conhecê-la intensamente, tão intensamente que conhecer e ser se confundem. (…)
A sua posição será, portanto, de permanente aluno e de permanente educador; como tal saberá ouvir, considerar, escolher – e também castigar. Não se suponha ele o demiurgo, o único, o génio do espaço organizado – outros participam também na organização do espaço. Há que atendê-los e colaborar com ele na obra comum. (...)
Que a par de um intenso e necessário especialismo ele coloque um profundo e indispensável humanismo.
Que seja assim o arquitecto – homem entre os homens – organizador de espaço – criador de felicidade." pp.74-75

34. Concurso para o lugar de professor de Arquitectura da ESBAP (1962)
a. 'Da função social do arquitecto' Octávio Lixa Filgueiras
b. 'Da organização do espaço' Fernando Távora

tese de Fernando Távora, constituiriam "um corpo teórico da Escola do Porto, fundamentando a relação da Arquitectura com os problemas sociais e humanos e com a organização do espaço desde o território ao doméstico."[183] Se o tema das dissertações e o projecto de composição[184] elaborados pelos candidatos foram perpetuados através da publicação em livros[185] e boletim da escola[186], a informação acerca das lições é mais escassa e sobre as propostas dos alunos é nula.

A investigação realizada permitiu identificar no espólio de Filgueiras o enunciado do problema distribuído aos alunos e o esquema da lição que apresentou, dividida em três partes. Começou a aula por identificar as diferenças fundamentais entre tipologias religiosas: santuários, capelas de peregrinação e templos votivos, e igrejas paroquiais – tema lançado por si no ano lectivo anterior. No segundo momento da lição foram apresentados e discutidos os dados de programa: altar-mor e capela, a nave, o pórtico de entrada, dependências anexas como sacristia, para além da existência de torre ou campanário e elementos destacáveis (equipamento litúrgico exterior). A lição abordou por fim o tema da ambientação e da relação entre espaços exteriores e interiores.

Octávio Lixa Filgueiras procurou defender uma arquitectura total adaptada ao meio, sendo por isso necessário que os alunos estudassem os diversos aspectos característicos da envolvente ao projecto, ou seja, que desenvolvessem a observação atenta do terreno à marca do homem naquela paisagem. Havia que considerar os tipos de povoamento e construção, alertar para o natural conflito entre formas eruditas e espontâneas, procurar entender as hierarquias no espaço e os significados de diferentes formas espaciais, fossem elas de aproximação e/ou afastamento. A tomada de conhecimento da evolução do espaço litúrgico ao longo da história tornava-se imperativo, tal como apontou na dissertação. Também as possibilidades de prolongamento do espaço de culto para o espaço exterior deveriam ser consideradas,

183 Moniz, «O Ensino Moderno da Arquitectura - a Reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)». p.477-478.

184 O programa da prova de composição era um centro comercial a construir na praça de Gomes Teixeira junto à igreja do Carmo, na cidade do Porto.

185 Octávio Lixa Filgueiras, *Da função social do arquitecto, para uma teoria da responsabilidade numa época de encruzilhada.* (Porto: Edições Sousa de Almeida L.da, 1962); Fernando Távora, *Da organização do espaço (1962)* (Porto: FAUP publicações, re-edição 1996); João Andresen, *Para uma cidade mais humana* (Porto: Imprensa Social, 1962).

186 Ministério da Educação Nacional e Direcção Geral do Ensino Superior e das Belas Artes, *Boletim especial da Escola Superior de Belas-Artes do Porto 1962-1963* (Porto: ESBAP, 1963).

exigindo estudar o conceito de cenário sacro (remetendo para a cultura clássica), o culto e suas representações, bem como as manifestações da religiosidade popular.

Neste conjunto de temas expostos na lição encontramos a clara influência da prática profissional de Octávio Filgueiras, enquanto coordenador do Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa, na designada zona 2 – Trás os Montes e Alto Douro. Vejam-se a atenção dada à integração da igreja nas pequenas estruturas urbanizadas dos aglomerados rurais, o estudo de torres campanários, recintos limitados onde o espaço de culto era passível de ser ampliado sob um telheiro. Mais do que uma passagem o alpendre tradicional era visto como prolongamento do espaço interior, era lugar de celebração. E o banco aí existente sugeria a reunião da comunidade, conforme comprovara o Inquérito.[187]

> "Às vezes, nas aldeias e, muitas vezes fora delas, encontram-se pequenas capelas de nave prolongada por telheiro, tantas vezes seu irmão gémeo em tamanho, e que, nos dias de romaria ou festa, prolonga e desdobra o reduzido espaço interior. Os cuidados vão para os que sobram, e, assim, além da cobertura, não raro fica bordejado o alpendre com bancos de pedra; e a cinta debrum que os envolve não só lhes faz de costas, como limita o recinto – que ainda é capela – em espaço aconchegado à frente, abraçando todos por igual, tornando-os participantes dos mistérios que decorrem na penumbra do altar e solidários com as emoções que transbordam do púlpito que, não raro fica de guardião à porta principal"[188]

Mais do que uma característica identificada, a utilização dos espaços exteriores, alpendre e adro, para prolongamento do espaço interior revelou-se um tema de projecto recorrente em muitas igrejas construídas na segunda metade do século XX. [189] Esta pequena nota reforça o papel do inquérito que foi "determinante para a reflexão de uma linguagem arquitectónica de acento culturalista, repensada entre a fidelidade ao movimento moderno e o compromisso da realidade e da acção do tempo histórico"[190].

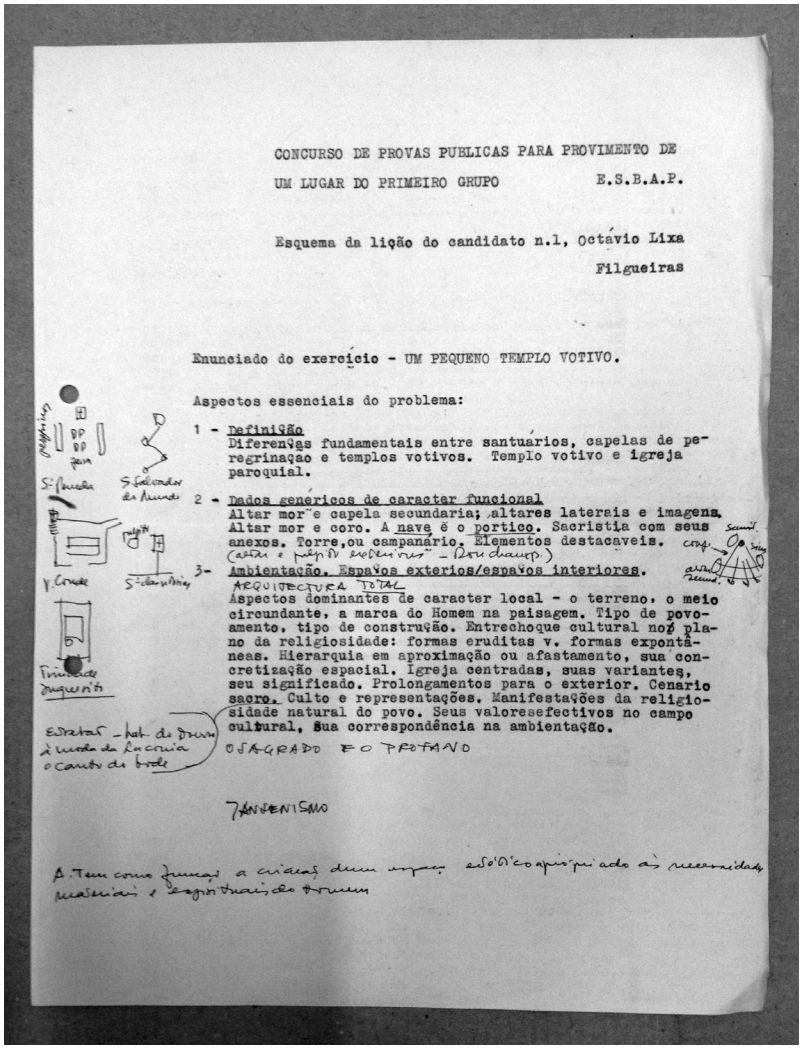
---

[187] A existência de espaços de transição interior-exterior foi verificada pelo inquérito de Norte a Sul no país. Também no sul surgem zonas resguardas que são lugares de reunião e foram referências para propostas modernas de arquitectura religiosa, nomeadamente nas capelas salão da costa saloia.
Cf. João Luís Marques, «Entre lo provisional y lo definitivo. Experiencias de las capillas-salón del Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado de Lisboa», em *actas del Congreso Internacional de Arquitectura Religiosa Contemporánea 'Más allá del edificio sacro:arquitectura y evangelización'. (14-16.Nov.2013), Sevilha*, 2014, pp.204-213. [ver anexo 19]

[188] *Arquitectura Popular em Portugal (1961)*, 3a ed. (Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988). p.198.

[189] Cf. João Luís Marques, «The church in the city: The churchyard in Parish Church Complexes - 3 Case Studies», em *Espaço Público e Cidade Contemporânea, 6º European Symposium on Research in Architecture and Urban Design EURAU 12* (Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2012).

[190] Ana Tostões, «Arquitectura portuguesa do século XX», em *História da Arte Portuguesa (3º volume)*



CONCURSO DE PROVAS PUBLICAS PARA PROVIMENTO DE
UM LUGAR DO PRIMEIRO GRUPO E.S.B.A.P.

Esquema da lição do candidato n.1, Octávio Lixa Filgueiras

Enunciado do exercício - UM PEQUENO TEMPLO VOTIVO.

Aspectos essenciais do problema:

1 - Definição
Diferenças fundamentais entre santuários, capelas de peregrinaçao e templos votivos. Templo votivo e igreja paroquial.

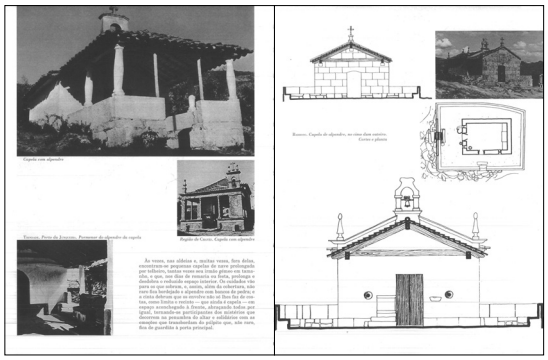
2 - Dados genéricos de caracter funcional
Altar mor e capela secundaria; altares laterais e imagens. Altar mor e coro. A nave é o portico. Sacristia com seus anexos. Torre, ou campanário. Elementos destacaveis.

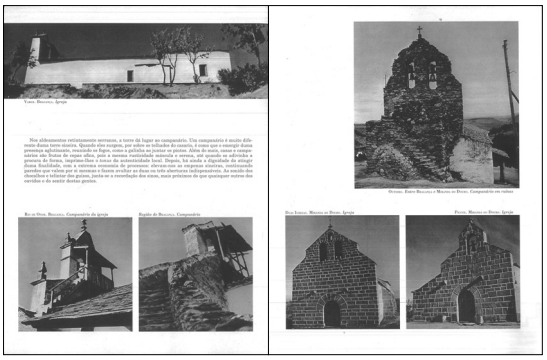
3- Ambientação. Espaços exterios/espaços interiores.
ARQUITECTURA TOTAL
Aspectos dominantes de caracter local - o terreno, o meio circundante, a marca do Homem na paisagem. Tipo de povoamento, tipo de construção. Entrechoque cultural no plano da religiosidade: formas eruditas v. formas expontâneas. Hierarquia em aproximação ou afastamento, sua concretização espacial. Igreja centradas, suas variantes, seu significado. Prolongamentos para o exterior. Cenario sacro. Culto e representações. Manifestações da religiosidade natural do povo. Seus valores efectivos no campo cultural, sua correspondência na ambientação.

O SAGRADO E O PROFANO

TRADICIONALISMO

a.

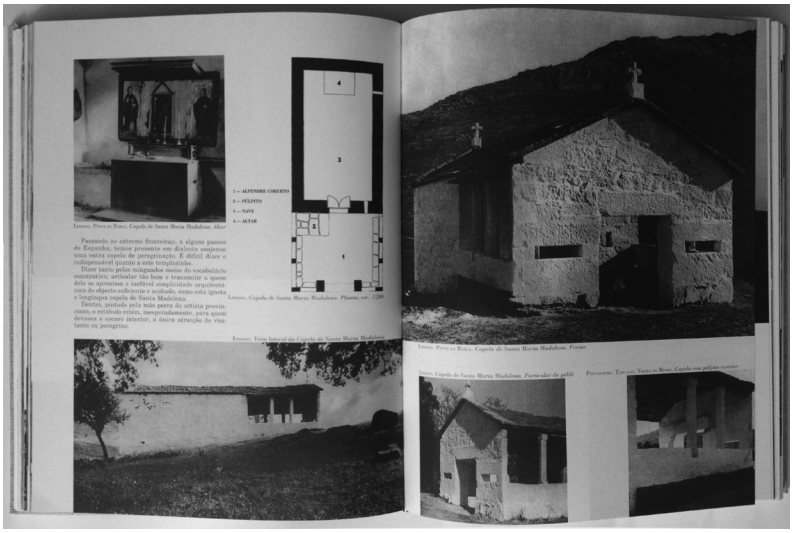




b. c.

35. Concurso para o lugar de professor de Arquitectura da ESBAP (1962)
a. Esquema da lição de Octávio Lixa Filgueiras. *Espólio OLF*
b. c. 'Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal' (1960)
Zona 2 coord. Octávio Lixa Filgueiras, com Arnaldo Araújo e Carvalho Dias
Acolhimento - Alpendre; Presença - Torre ou Campanário

a.

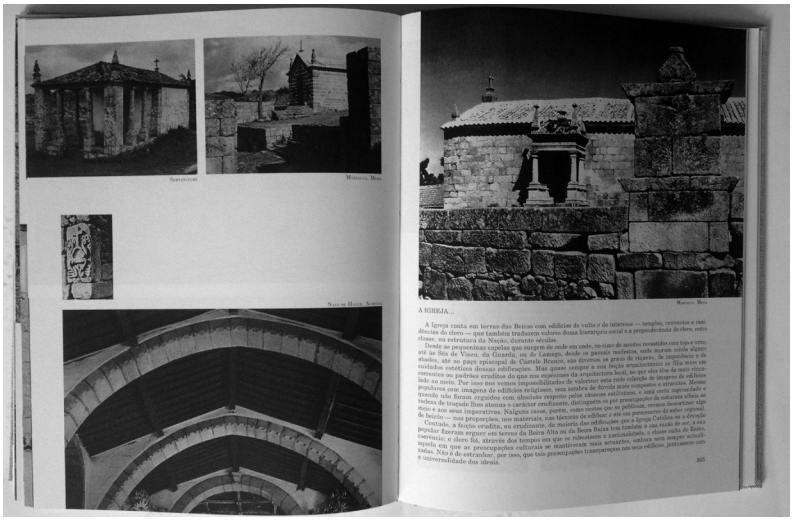


Zona 1 - Minho
"(...) se há província no país que seja pródiga em instituições sagradas, essa é o Minho. Mosteiros, santuários, igrejas e capelas, alminhas e cruzeiros espalham-se por toda a parte."p.90

"Dizer tanto pelos minguados meios do vocabulário construtivo; articular tão bem e transmitir a quem se aproxima a inefável simplicidade arquitectónica do objecto suficiente e acabado (...)" p.92

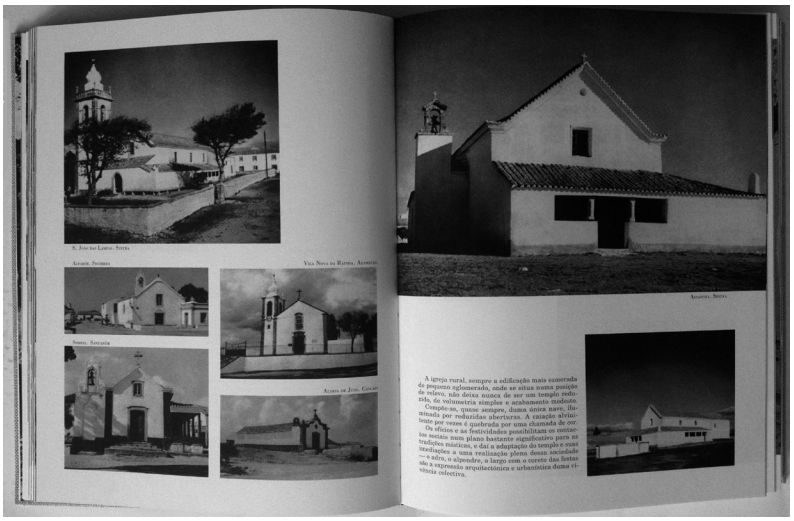
"Paredes caiadas, colunas sustentando o alpendre ou o nártex com os bancos corridos e cobertura de telha" p.94

b.



Zona 3 - Beiras
"(...) quase sempre a sua feição arquitectónica se filia mais em correntes ou padrões eruditos do que nos espécimes da arquitectura local, no que eles têm de mais vinculado ao meio. (...) Mesmo quando não foram erguidos com absoluto respeito pelos canônes estilísticos, e uma certa ingenuidade e rudeza dos traçados lhes atenua o carácter eruditizante, distinguem-se por preocupações de natureza alheia ao meio e aos seus imperativos" p.305

c.



Zona 4 - Estremadura
"A igreja rural, sempre a edificação mais esmerada do pequeno aglomerado, onde se situa numa posição de relevo, não deixa de ser um templo reduzido, de volumetria simples e acabamento modesto.(...)

Os ofícios e as festividades possibilitam os contactos sociais (...) daí a adaptação do templo e suas imediações a uma realização plena dessa sociedade – o adro, o alpendre, o largo com o coreto das festas são expressão arquitectónica e urbanística duma vivência colectiva." p.111

36. 'Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal'(1960)
a. Zona 1 coord. Fernando Távora, com Rui Pimentel e António Meneres
b. Zona 3 coord. Francisco Keil do Amaral, com José Huertas Lobo e João José Malato
c. Zona 4 coord. Nuno Teotónio Pereira, com António Pinto de Freitas e Francisco Silva Dias

À margem do documento dactilografado com a estrutura da lição encontramos esquemas de santuários, capelas e ermidas portuguesas, alguns deles abordados no Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa. Os pequenos esquemas revelam temas como a diversidade tipológica da arquitectura religiosa e sugerem a atenção a diferentes formas de organização do espaço na sua relação com a envolvente, na integração na paisagem e no território. Eram ilustradas soluções tão distantes como a dos santuários da Senhora da Peneda (Gavieira-Arcos de Valdevez) e de São Salvador do Mundo (São João da Pesqueira); dos recintos da Capela de Nossa Senhora da Guia (Vila do Conde) e da pequena capela em Trindade (Trás os Montes). A par destes esquemas surgiam também notas relativas à arquitectura moderna. Dada a natureza do tema proposto Filgueiras não deixou de referir uma das obras mais divulgadas da arquitectura religiosa moderna – Notre Dame du Haut, Ronchamp de Le Corbusier – um lugar de peregrinação também ele dotado de púlpito e altar exterior tal como algumas das tradicionais ermidas portuguesas. O enorme sentido de liberdade plástica causou grande impacto nos alunos da escola e na prática profissional.[191]

A par da referência a obras construídas, Octávio aproveitou a lição para reflectir um pouco em torno da obra de Mircea Eliade "Sagrado e Profano", publicada em 1957, integrando a tradição católica numa mais abrangente cultura das religiões.

Ainda no âmbito da prova ao lugar de professor, Filgueiras orientou os alunos no exercício de composição de "um pequeno templo votivo", à semelhança do trabalho académico que desenvolvera no ano lectivo 1959-1960. No caso concreto da prova de 1962 tratava-se de uma pequena igreja cuja nave não ultrapassaria os 200 m2, dedicada a S. João, cuja romaria era assegurada por marinheiros do rio Douro. Serviria aquela igreja como complemento à igreja matriz existente. O pequeno templo era resposta às necessidades de reconstrução de uma ruína para servir como desdobramento que o território e a expansão do pequeno aglomerado rural impunham. O mundo rural e urbano coexistiam e portanto Filgueiras transportou uma vez mais para a escola duas

(Círculo de Leitores, 1995).

[191] Para além da influência clara das propostas de Le Corbusier na obra de Luiz Cunha, recordamos a primeira igreja construída no rés de chão de um prédio habitacional em Matosinhos, junto à Operação SAAL de Cruz de Pau. Aí, Albano Seabra Moura, fez uma citação inequívoca da obra de Ronchamp, vejam-se o desenho da cobertura, da enorme gárgula e lago de recolha de águas pluviais na parte posterior do prédio, para onde chegou a ser equacionado um altar exterior para celebrações campais. No estudo do ante projecto é clara a referência à igreja do Seminário da Aldeia Nova Olival (Ourém), projectada por Diogo Lino Pimentel.

diferentes áreas de interesse que o estimulavam – o mundo rural das margens do Douro e a arquitectura religiosa. No enunciado do problema apresentado, recuperou o que tinha defendido na sua prova de CODA, ou seja que o "Urbanismo, [que] para a quase totalidade das pessoas é um caso puramente citadino"[192] exigia também uma resposta e reflexão no contexto rural. Os problemas colocados pelo programa da igreja, lugar de reunião e celebração, eram simultaneamente diferentes e iguais em ambos os contextos.

5.5. Fernando Abrunhosa de Brito

Fernando Abrunhosa de Brito, o mais novo dos arquitectos destacados neste capítulo, matriculou-se no curso de arquitectura da Escola de Belas Artes do Porto em 1954. Foi aluno de Agostinho Ricca[193], Octávio Lixa Filgueiras e Fernando Távora[194], entre outros. Defendeu a prova CODA[195], dedicada aos temas sociais e pastorais no contexto da periferia portuense com implicações no campo da arquitectura e urbanismo, em 1967, sendo depois convidado pelo então director da ESBAP, António Brito, para leccionar a disciplina de Construção. O seu regresso à escola foi porém muito breve, interrompido pela demissão colectiva do corpo docente de Arquitectura da ESBAP, logo em 1969. A encomenda religiosa foi muito significativa na produção do seu atelier.

---

[192] Filgueiras, *Urbanismo: Um tema rural, prova CODA*. p115.

[193] "Da convivência professor-aluno ficou impressão indelével sublinhada pela falta de relevância do corpo académico de então.
Seria agnóstico e não foi por misticismo que buscou fazer igrejas: era um pretexto.
O que ele não sentia era qualquer espaço corneta, orientado, pois preferia um espaço bem alargado, bem sobre o largo."
Cf. Fernando Abrunhosa de Brito, «Ricca, de contraste», em *Agostinho Ricca - arquitectura, obra, desenho* (Porto: Uzina Books, 2015), pp.194-195.

[194] Enquanto aluno de Fernando Távora desenvolveu o trabalho para a capela à Marechal Gomes da Costa, no Porto. Contudo não foi este trabalho académico que lhe despertou o interesse por aquele campo disciplinar.

[195] Fernando Abrunhosa de Brito, em conversa particular, recordou a dificuldade da nomeação de um júri para a sua prova CODA. Após sucessivas recusas acabou por ser Viana de Lima, ligado a uma igreja evangélica, a arguir a tese. A prova obteve a classificação de 20 valores

5.5.1. Do período de formação

A passagem de Fernando Abrunhosa de Brito pelo ensino superior ficou marcada pelo conhecimento alargado do meio universitário, para lá do mundo das Belas-Artes, ao jardim de S. Lázaro. Enquanto aluno de arquitectura da ESBAP foi militante activo da Juventude Universitária Católica. Trabalhou aí em equipas multidisciplinares e contribuiu para a renovação daquele movimento, procurando um espaço de maior abertura e diálogo dentro da Igreja. Toda esta acção contou com a proximidade do bispo, D. António Ferreira Gomes.

Enquanto estudante Fernando Abrunhosa de Brito realizou com outros militantes os primeiros inquéritos. A condição de cristão militante exigia conhecer o meio, sentir a cidade, em particular a zona onde o movimento estava sedeado. A sede era em Cedofeita, na proximidade da Faculdade de Engenharia, então na rua dos Bragas[196], onde procurou desenvolver uma "intensiva acção cultural e formativa"[197], conforme ficou expresso na inauguração das instalações, no final de 1951. O edifício da sede, que já tinha sido escola e pensão[198], procurava dar resposta de âmbito social ao meio universitário, pelo que para além de ser sede do movimento, acolhia trinta estudantes em regime de pensão. Por tudo isto estava dotado de biblioteca, sala de leitura e salão de festas[199], tal como os centros/casas paroquiais que começavam também naquele momento a surgir. De facto, a coexistência de programas, sede do movimento e lar universitário, garantiam uma vitalidade do espaço, conforme recordaria Abrunhosa de Brito. No final da década de 1950 eram também ali organizadas sessões de cinema promovidas por estudantes das Belas Artes.[200]

---

196 A sede e Lar da JUC funcionou, até 1975 (data aproximada) na rua de Cedofeita, no cruzamento com a rua da Torrinha, num edifício do séc. XIX que envolvia uma fonte pública. À data da instalação da sede da JUC, no mesmo quarteirão, estavam a Faculdade de Engenharia e Casa da ordem Franciscana.

197 «Juventude Universitária do Porto, inauguração do novo ano social», *O Comércio do Porto*, (16.Nov.1951) [recorte de imprensa].

198 Nesse mesmo edifício esteve instalado na segunda metade do séc. XIX o antecessor do colégio alemão, a 'Von Hafe Schule'. Posteriormente, já no séc.XX albergou uma pensão.

199 "Tudo neste instante nos pede uma acção e uma projecção redobradas. Não basta inaugurarmos nova casa; é preciso inaugurar, sobretudo, uma nova época de actividade, um trabalho mais irradiante, mais eficiente."
Ibid.

200 Fernando Abrunhosa de Brito recorda as sessões de cinema dinamizadas por Fernando Condesso, aluno do curso de arquitectura da ESBAP. Fernando Condesso foi o organizador da exposição "Cristo" apresentada ao público no Clube Naval Povoense (Póvoa do Varzim, Abr.1957).

5.5.2. Primeiros trabalhos:

Inquérito em Cedofeita e as remodelações de igrejas

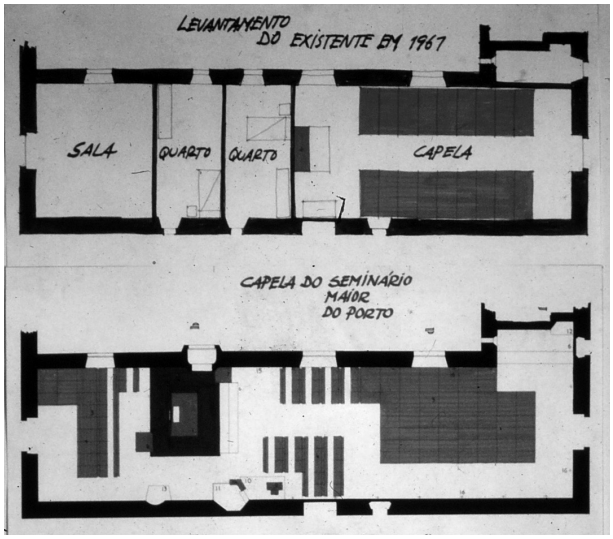
Animado com os estudos de sociologia religiosa e com profundo interesse pela área do urbanismo, Abrunhosa de Brito desafiou os colegas de engenharia e economia da JUC,[201] a realizar um inquérito à rua de Cedofeita, na segunda metade da década de 1950. Aquela equipa multidisciplinar informal realizou trabalhos de levantamento e entrevistas, procurando caracterizar a rua nos seus diversos parâmetros, da oferta de serviços à população. De certo modo aquele exercício antecipava a prática de inquérito urbano que Octávio Filgueiras introduziria no plano curricular da ESBAP.

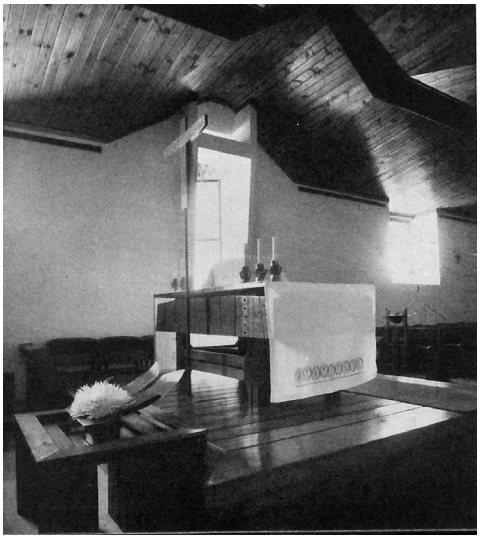
Também data do final da década de 1950 a aproximação de Abrunhosa de Brito, ao núcleo do Porto do MRAR, então dinamizado pela sua amiga de infância Maria Luísa Marinho Leite, estudante de pintura na ESBAP, e pelo colega Luiz Cunha, que lhe delegaria a encomenda da renovação da capela do Seminário Maior do Porto, de que era reitor o monsenhor Miguel Sampaio.[202] Mais tarde em colaboração com Luiz Cunha desenvolveriam os primeiros estudos para o seminário do Bom Pastor, em Ermesinde – encomendado por D. Florentino de Andrade e Silva, seu antigo professor no liceu D. Manuel II. O percurso individual de Abrunhosa de Brito a par das relações desenvolvidas, principalmente a partir da JUC mas igualmente no MRAR, permitiram uma natural aproximação à estrutura hierárquica das dioceses do Porto e de Aveiro, assim como a diversas congregações e ordens religiosas, que seriam responsáveis por um significativo número de encomendas ao longo da década de 1960.

---

201 Integravam então a JUC no Porto: José Miguel Garcia (economia), Jorge Jardim Gonçalves (presidente); José Fernando Bettencourt; José Carlos Vasconcelos e o assistente, pe. Zacarias.

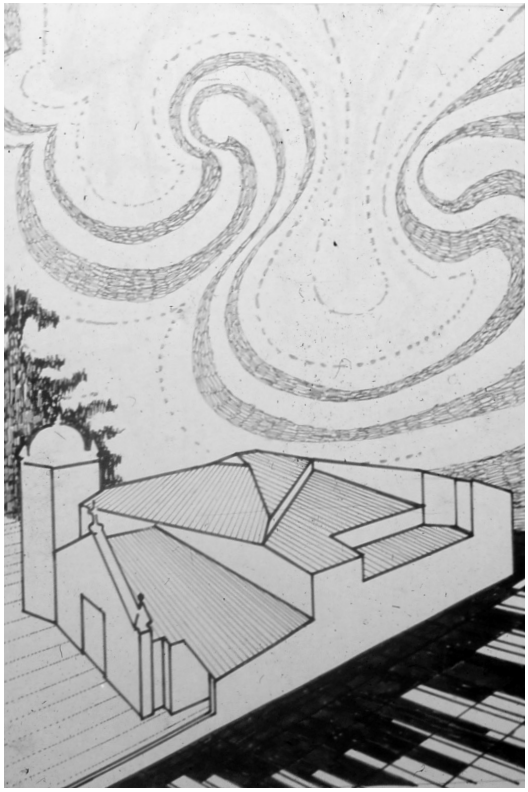
202 A intervenção de Abrunhosa de Brito é contemporânea da de Luiz Cunha na secção de arqueologia do Museu de Arte Sacra do Seminário Maior do Porto e das iniciativas dos seminaristas apoio à população do Bairro da Sé (parque infantil, sala de estudo e centro de catequese). Este conjunto diversificado de iniciativas é revelador da abertura e amplitude da renovação em curso no seminário, no início da década de 1960.
[sobre a capela]
Fernando Abrunhosa de Brito, «A capela do Seminário de Nossa Senhora da Conceição - Porque foi assim?», *A Voz do Pastor*, (2.Fev.1963). p.4.
Fernando Abrunhosa de Brito, «Arranjo interior da capela do seminário-maior do Porto (nº82)», *Arquitectura - revista de arte e construção*, nº82, (Jun.1964).
Fernando Abrunhosa de Brito, «Remodelação da capela do seminário maior do porto», *Binário - revista mensal de arquitectura, construção, equipamento* (Jun.1965).





a. b.

c.





d.



e.

37. Trabalhos de Fernando Abrunhosa de Brito nas dioceses de Porto e Aveiro (1960-1970) *Espólio FAB*
a. b. Capela do Seminário Maior (Porto,1963)
c. Igreja de Sever do Vouga (1964)
d. e. Pequena igreja [Diocese de Aveiro]

Para além de algumas construções de raiz, destacamos as numerosas intervenções sobre o edificado religioso existente, executadas após o Concílio Vaticano II. O estudo dos trabalhos desenvolvidos no gabinete de Fernando Abrunhosa de Brito com Manuel Magalhães permite identificar projectos de adaptação de espaços de culto, que incluíram o desenho de mobiliário e o arranjo dos presbitérios, tal como um conjunto significativo de trabalhos de remodelação e ampliação de igrejas, fora dos grandes centros urbanos.

Dentre os muitos trabalhos que desenvolveu no gabinete com Manuel Magalhães, destacamos a remodelação da igreja paroquial de Sever do Vouga – que tirando partido da construção pré-existente em avançado estado de degradação, ampliou a igreja, dotou-a de um pequeno centro paroquial, e reorganizou a comunidade em torno do altar. Relevamos o facto de esta obra ter integrado a publicação da revista espanhola *ARA*.[203] Dos dez projectos seleccionados este foi o único que trabalhava sobre uma construção pré-existente. De facto foi uma transformação profunda, a fachada principal sofreu uma rotação de 30º ganhando maior visibilidade no acesso viário à povoação e as três antigas naves deram lugar a um espaço uno. Este projecto de 1965, construído nos dois anos seguintes, abriria caminho para a investigação desenvolvida posteriormente pelo SNIP.[204] A este primeiro trabalho somar-se-iam uma série de obras em pequenas igrejas rurais – gestos de arquitectura moderna ao serviço das comunidades locais, para quem as igrejas eram apenas imóvel de valor patrimonial.

5.5.3. A aproximação ao Padrão da Légua

A aproximação de Fernando Abrunhosa de Brito ao pe. Leonel de Oliveira[205], jovem padre diocesano envolvido em trabalho pastoral pioneiro promovido pelo bispo

---

203 "Terminada la obra se comprobó que los valores antiguos han quedado valorizados por la cuidada integración en el nuevo espacio arquitectónico."
«Parroquia de Sever do Vouga (Aveiro)», *ARA arte religioso actual, publicacion del Movimiento Arte Sacro*, ano VII, nº 26, (Out.-Dez.1970), p148.

204 Sobre a intervenção e adaptação de igrejas [ver cap.3.7]

205 pe. Leonel de Oliveira (1934-2015) foi ordenado presbítero em 1958 por D. António Ferreira Gomes e nomeado coadjutor do pároco de Leça do Balio, em Outubro de 1959, por D. Florentino de Andrade e Silva.
Cf. José Rui Teixeira, «Leonel Oliveira, presbítero da Igreja [prefácio]», em *Leonel Oliveira, Duma só coisa quis saber* (Cosmorama Edições, 2013), pp.9-15.

do Porto nos arredores da cidade[206], deu-se já depois de ter terminado o curso de Arquitectura na ESBAP, no habitual interregno que correspondia ao início da actividade profissional e elaboração da dissertação.

Aquela experiência inovadora marcada pela postura inconformada do pe. Leonel, motivou o estudo de Abrunhosa de Brito que a integrou na prova CODA intitulada: "Unidade de promoção e integração social entre povos de fixação recente". De facto o conteúdo desta prova, que podemos classificar de teórico-prática, levava à escola um novo patamar de discussão sobre a arquitectura religiosa, um entendimento mais lato que incluía o problema urbano, territorial mas também a dimensão sociológica e pastoral. Ou seja, a designada unidade de promoção – uma estrutura pré fabricada e desmontável – era discutida para lá da forma e da construção. Ao autor interessava pensar a justificação da sua pertinência. O edifício proposto era razão para discutir a dimensão social da arquitectura, integrada no debate da sociologia religiosa.

A biografia, reveladora de um conhecimento aprofundado das matérias versadas, espelhava também o contacto próximo com a dimensão intelectual e pastoralista do pe. Leonel de Oliveira. Não faltavam, por isso, referências a um conjunto de grandes pensadores, como Jacques Maritain, Theilhard de Chardin sj., Casiano Floristán, membros de uma corrente renovadora da Igreja a que a doutrina social e os temas pastorais não eram de todo alheios. Preocupações às quais era sensível o Papa Paulo VI – veja-se a encíclica *Populorum Progressio* que Abrunhosa de Brito citou na prova CODA:

> "Não se trata apenas de vencer a fome, nem tão pouco de afastar a pobreza. O combate contra a miséria, embora urgente e necessário não é suficiente".
> "O desenvolvimento não se reduz a um simples crescimento económico. Para ser autêntico, deve ser integral, quer dizer, promover todos os homens e o homem todo (...)"[207]

O trabalho realizado no Padrão da Légua desde 1959, a que Abrunhosa de Brito se juntaria em 1961, despertou o interesse de diversos organismos eclesiais como por

---

206 "Quando, nesta Diocese, iniciámos a política então muito esperançosa da criação de novas paróquias, foi o Padrão da Légua que nos mereceu maior atenção. Pessoalmente percorri essa área, informei-me de qual poderia ser a população interessada na paróquia a criar-se, estive várias vezes nos locais aproximados do actual terreno da igreja. Continuei depois a acompanhar o desenvolvimento do vosso problema; e posso mesmo agora revelar, visto ser preciso, que quando no exílio soube da nomeação do sr. pe. Leonel para o Padrão da Légua, não deixei de experimentar um certo calafrio de receio pela política religiosa das novas paróquias em que se empenhara."
D. António Ferreira Gomes, «Às comunidades cristãs do Padrão da Légua», (6.Dez.1974).

207 Papa Paulo VI, *Carta Encíclica - Populorum Progressio*, 1967.

exemplo, o SNIP, o SIR e também o MRAR, que o noticiaram nas suas publicações e debateram em encontros.

Nos finais de 1959 o pe. Leonel dava os primeiros passeios de mota "ao acaso pelas ruas, desconhecendo até onde iriam as suas casas..."[208], entre uma população operária, dividida por quatro freguesias civis, que ali se fixara na proximidade das zonas industriais onde muitos trabalhavam. A descrição das primeiras incursões do pe. Leonel no Padrão da Légua, redigidas por Abrunhosa de Brito, recordam-nos o quadro revolucionário de padres que incarnados pelo espírito de missão se aventuravam por territórios descristianizados, fossem eles no espaço rural ou urbano, como os perpetuados pelo cinema francês *Journal d'un curé de campagne*[209], ou italiano *Dove Dio cerca casa*[210]. A radicalidade daquela proposta de pastoral de rua era fortemente marcada pela experiência dos padres operários em França que Abrunhosa de Brito também referiu na tese[211], citando o trabalho desenvolvido em Marselha pelo dominicano Jacques Loew o.p., entre 1941-1943.

> "(...) a impossibilidade de fazer 'de fora' seja o que for. Urge um trabalho 'dentro' contra a miséria, material e espiritual, que conhece um só caminho, vivê-la. E assim fez: instalou-se entre eles como um deles (...) porque 'a eficácia é proporcional ao contacto'."

De facto, o maior testemunho do Padrão da Légua vinha exactamente do trabalho realizado com a comunidade, razão primeira do interesse partilhado pelo SNIP, SIR e MRAR. Contrariamente no Porto, onde decorria aquela experiência, foi dada pouca visibilidade a todo o processo, sendo escassas as notícias no próprio semanário diocesano. A radicalidade da proposta de vivência comunitária que se afastava dos tradicionais modelos paroquiais e práticas mais conservadoras, ditariam o fim daquela

---

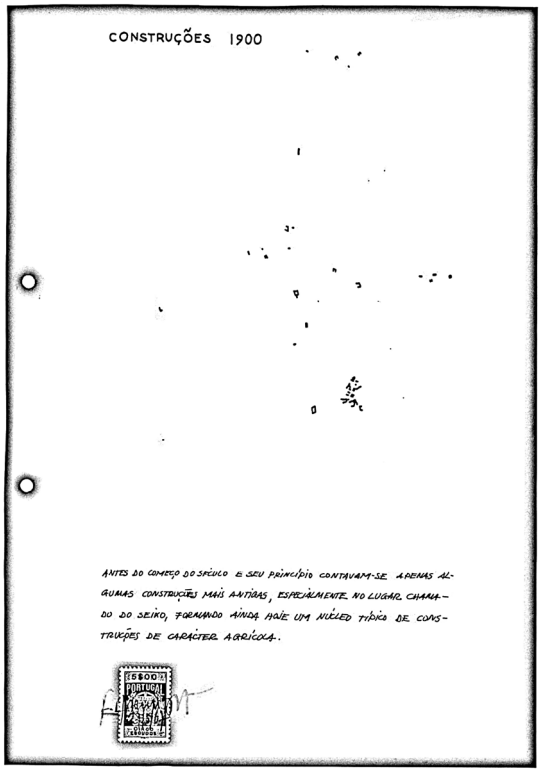
208 Fernando Abrunhosa de Brito, *Unidade de promoção e integração social entre povos de fixação recente, prova CODA* (Porto: ESBAP, 1967). p.126.

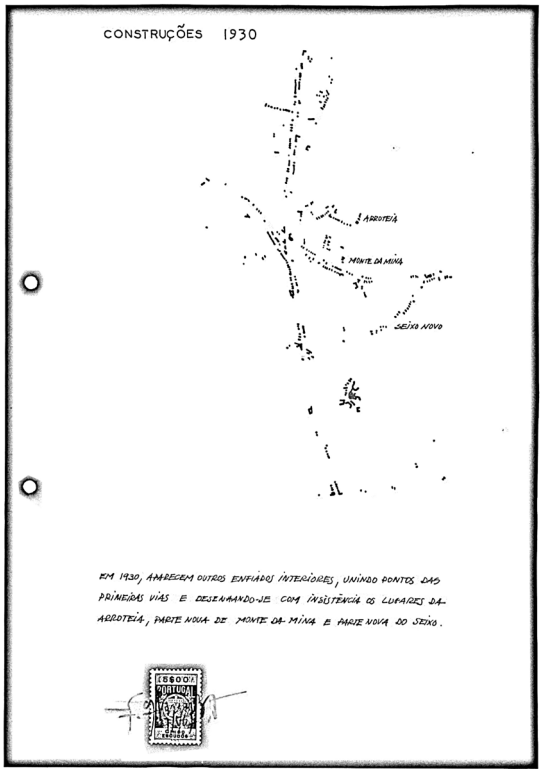
209 "Journal d'un curé de campagne" (1951 de Robert Bresson) – um filme diversas vezes apresentado nos círculos católicos, marcando uma geração de católicos portugueses. João de Almeida recorda tê-lo apresentado, juntamente com o pe. Abel Varzim, no primeiro congresso da JUC (Cinema Império, Lisboa) perante a assembleia composta por universitários e diversos elementos do episcopado português.

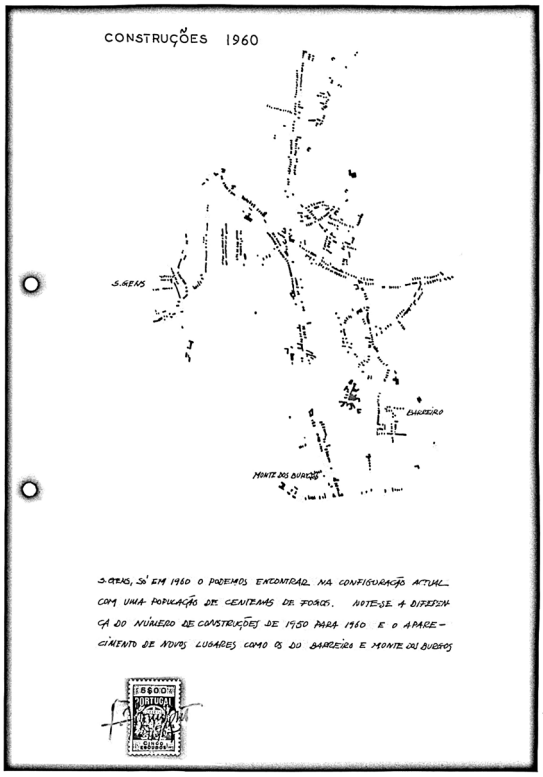
210 Cf. Esteban Fernández Cobián, «Cóbian, Dove Dio cerca casa. Donde Dios busca casa (Renzo Renzi, 1955)», em *Más allá del edificio sacro: arquitectura y evangelización. Actas del Congreso Internacional de Arquitectura Religiosa Contemporánea 3*, 2013, pp.278-281.

211 Na prova CODA, Abrunhosa de Brito deu grande destaque à situação francesa no campo da sociologia religiosa e na prática dos padres operários, dando conta do testemunho de Jacques Loew o.p. em Marselha (1941-1943). Foram também destacados os trabalhos do bispo D. Alfredo Ancel em Lião (1954-1959) e do pe. Michonneau em Colombes-Paris (1941-) – Percursos distintos, mas de profundo envolvimento com classes operárias.

a.







Construções 1900
Antes do começo do século e seu principio contavam-se apenas algumas construções mais antigas, especialmente no lugar chamado Seixo, formando ainda hoje um núcleo típico de construções agrícolas.

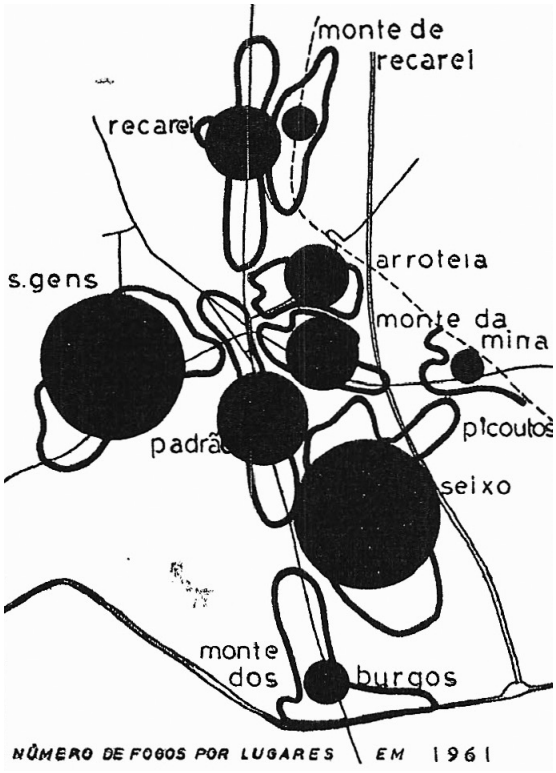
[Em 1910-1920 já as construções se dispõem em dois comboios paralelos desenhando nitidamente as rodovias]

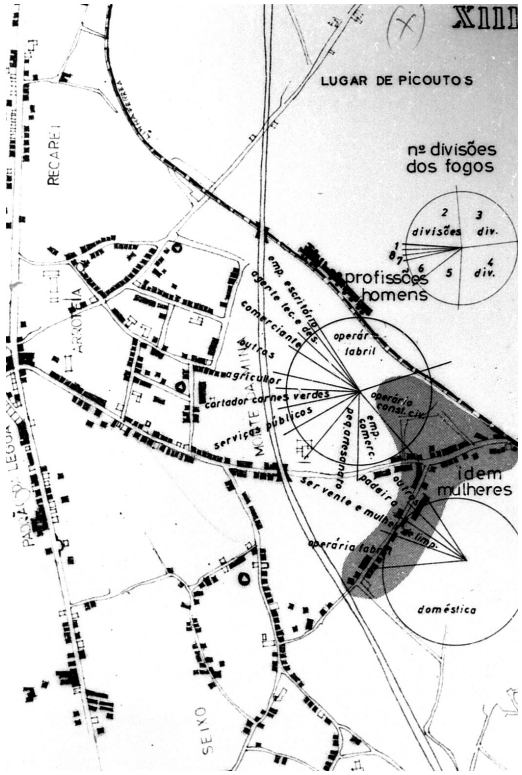
Construções 1930
Em 1930 aparecem outros enfiados interiores, unindo os pontos das primeiras vias e desenhando-se com insistência os lugares da Arroteia, parte nova do Monte da Mina e parte nova do Seixo.

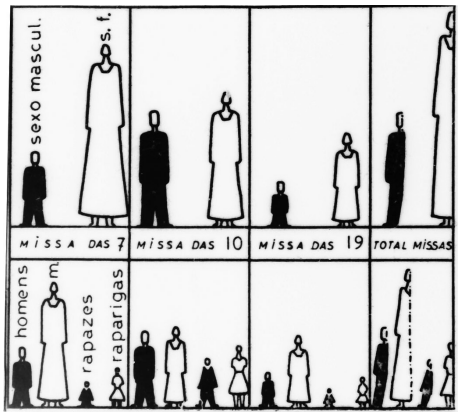
[É preciso esperar por 1940 e até por 1950 para se ver esboçar o lugar de S. Gens.]

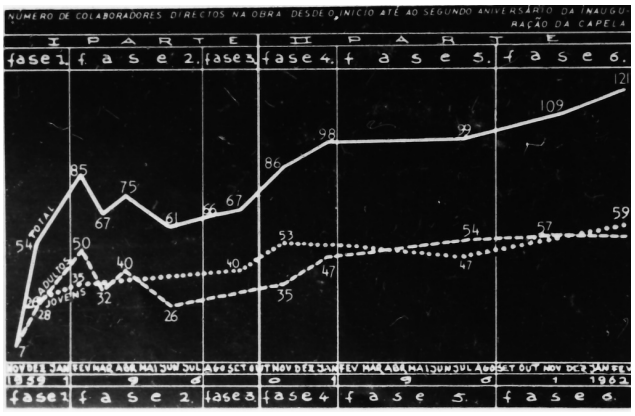
Construções 1960
S. Gens, só em 1960 podemos encontrar na configuração actual com um população actual de centenas de fogos. Note-se a diferença do número de construções de 1950 para 1960 e o aparecimento de novos lugares Barreiro e Monte dos Burgos.

38. Conhecer o território construído *Espólio FAB*
a. Cartogramas da evolução urbana do lugar do Padrão da Légua apresentados por Fernando Abrunhosa de Brito no CODA.



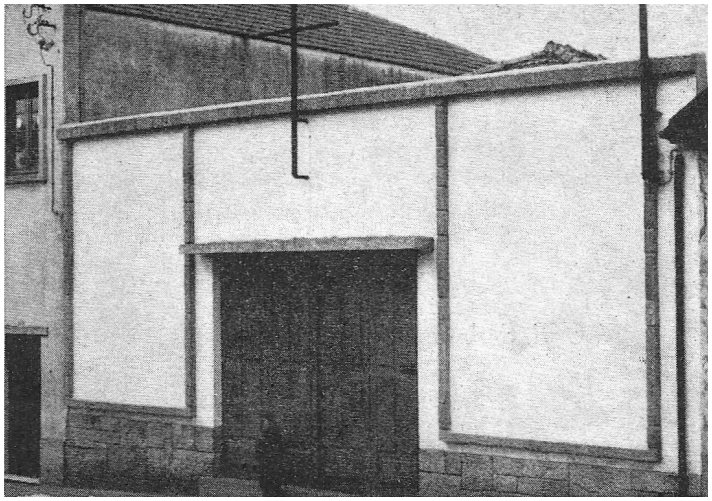


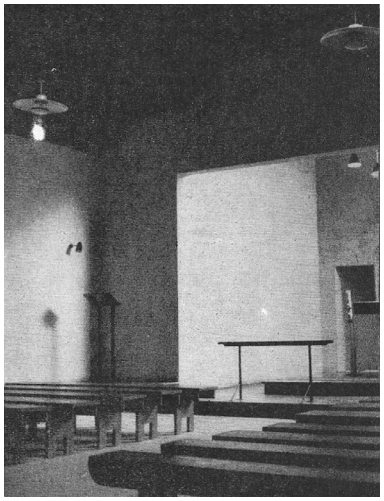




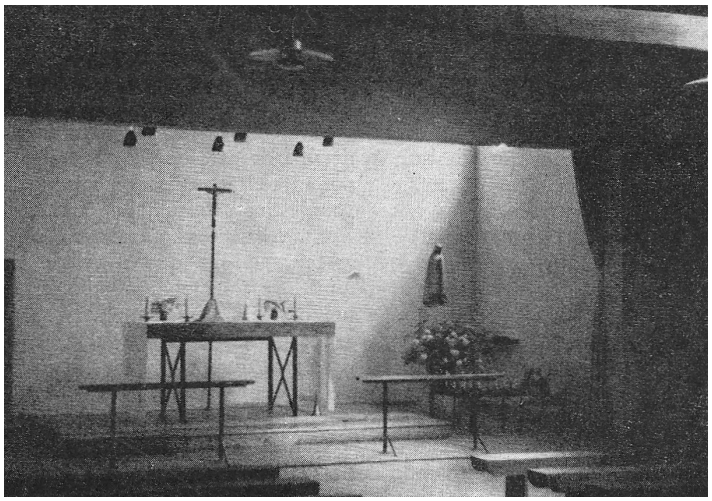
a.

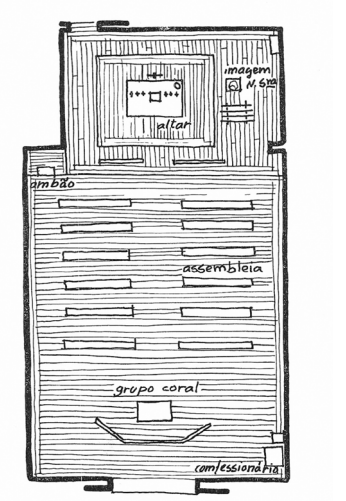
39. Conhecer o território humano *Espólio FAB*
Estudos estatísticos, participação em missas, envolvimento de leigos nas actividades da paróquia.
Material produzido resultante do levantamento efectuado por Fernando Abrunhosa de Brito na paróquia experimental do Padrão da Légua.





a. b.





c. d.





e. f.

40. Capela provisória Padrão da Légua (196-) pe. João Bentes Pimenta
a. b. c. d. Adaptação de garagem a espaço de culto de natureza polivalente, pe. João Bentes Pimenta.
e. f. Celebrações na capela. *Espólio FAB*

experiência comunitária num ambiente reactivo das estruturas diocesanas no final de 1975,[212] ainda que D. António afirmasse então o empenho da diocese em

> "(...) encontrar os melhores meios e métodos que promovam e ponham em valor as comunidades naturais de vizinhança e convivência, a desenvolverem-se em comunidades de cultura e culto, para chamar os leigos aos direitos e responsabilidades que lhes competem na Igreja. Como já tenho dito várias vezes, parece ser este o melhor caminho para a possível e autêntica democratização na Igreja ou para, no melhor sentido, 'entregar a religião ao Povo de Deus'."[213]

5.5.4. A capela provisória

A garagem adaptada a capela

"A experiência do Padrão da Légua" dava título a um artigo publicado em Lisboa, em 1961, pelo *Boletim Novas Igrejas* em número dedicado à construção de capelas provisórias, que dava forte destaque às experiências de Bolonha. A par destas últimas eram também apresentadas outras realizadas na capital, como a do bairro de Liberdade (de Nuno Teotónio Pereira e Raúl Chorão Ramalho) e a da Curraleira (do pe. Frederico Walders).[214] A propósito da experiência do Porto destacava-se a conversão de uso de garagem a capela – um projecto anterior à chegada de Abrunhosa de Brito ao Padrão da Légua:

> "Alugou-se uma garagem que tornou possível o convívio entre os jovens. Passado algum tempo, da garagem-salão fez-se capela.(...)
> A capela de emergência favorece a formação pastoral-litúrgica dos cristãos.
> Aí eles têm aprendido a ver só o essencial, conduzidos por uma simplicidade austera que o valoriza."[215]

---

212 "O insustentável clima de suspeição, o conhecimento da detracção por cartas anónimas dirigidas ao Bispo e por este aceites e atendidas, e a incompreensão (da Cúria e de pessoas influentes do Padrão) dos objectivos que durante mais duma década foram a base dinâmica do entusiasmo pastoral do Pe. Leonel, fizeram-no baquear, esgotado por todo o debate, até por ser ele a parte mais fragilizada.
E, finalmente, em carta de 9 de Setembro de 1975, o Padre Leonel pediu ao Bispo Diocesano, D. António Ferreira Gomes, a sua demissão de Pároco (...)"
Filipe Pacheco, *Resenha histórica da Paróquia do Senhor Jesus do Padrão da Légua (1996-1998)* (Porto: edição de autor policopiada, 1996), p.s/n.

213 Gomes, «Às comunidades cristãs do Padrão da Légua».

214 Sobre a capela do Bairro da Liberdade/Centro Social Alto da Serafina [ver cap.2.21].
Sobre a capela da Curraleira [ver cap.2.4.6]

215 [SNIP], «A experiência do Padrão da Légua», *Novas Igrejas - boletim trimestral do Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado*, (Abr.1961), pp.12-13.

A capela benzida pelo bispo a 31 de Janeiro de 1960 era exemplo da participação de todos, um trabalho comunitário[216] cuidado ainda que provisório, atento às novidades litúrgicas (um altar *versus populum,* um ambão, uma só imagem de devoção e um tocheiro); e, simultaneamente, polivalente no uso graças a um projecto realizado pelo pe. João Bentes Pimenta.[217] O espaço da capela era também utilizado como salão para catequese, graças a uma cortina que separava o presbitério da nave. A solução da cortina proposta para o Padrão da Légua já tinha sido experimentada em Portugal, num projecto desenvolvido por Otto Bartning para a comunidade evangélica alemã, ainda na década de 1930.[218] A ideia da polivalência era uma ideia corrente em capelas protestantes, nomeadamente algumas de emergência projectadas construídas no contexto do pós-guerra. Aqueles projectos simples, de baixo custo e facilidade de montagem vinham despertando o interesse das comunidades católicas, preocupadas com a renovação da arte sacra numa linha de austeridade e pobreza, como comprova a publicação da revista *L'Art Sacré* que as divulgou num número sob o sugestivo tema "Destruiyez le temple"[219].

5.5.5. O eco do Padrão no MRAR e SIR – dinâmicas partilhadas

Uma exposição

Dois anos depois, em 1963, o MRAR realizou em Lisboa uma reunião de estudo dedicada àquela experiência pastoral com a presença de Abrunhosa de Brito e do pe.

---

216 "A construção é acelerada. Um leigo oferece-se para acompanhar as obras (...). Uma senhora, ela própria, assume o violento trabalho de encerar o chão da capela. Muita outra colaboração é aceite; alguma rejeitada: mormente a intenção generosa de oferecer objetos religiosos cujo cuidado de escolha brigava infelizmente com a concepção da capela. (...) Quiseram que o Senhor bispo celebrasse a primeira missa: o prelado abriu uma excepção recebendo em grupo a comissão de construção da capela. Foram convidá-lo e o Senhor Bispo aceitou."
Fernando Abrunhosa de Brito, «Resenha histórica da obra da paróquia experimental no Padrão da Légua desde o início até ao segundo aniversário da capela», *Tempos e Festas*, (Mai.1962), p.4.

217 O projecto para a capela da paróquia experimental do Padrão da Légua foi o primeiro realizado pelo pe. João Bentes Pimenta, que se interessou pelos temas da renovação da Arte Sacra. Colaborou com Norberto Correia com quem desenvolveu os projectos para a nova igreja do Campo Grande (não construída, Lisboa, 196-) e capela do seminário Franciscano da Luz (Lisboa, 196-)
Cf. «João Bentes Pimenta: ' A Igreja aceita de braços abertos a arte do nosso tempo'», *Jornal de Letras e Artes*, (7.Jul.1965) [recorte de imprensa].

218 Sobre a igreja da Comunidade Evangélica Alemã de Lisboa [ver cap.1.1.5]

219 «Détruisez le Temple… le próbleme des églises provisoire»; *L'Art Sacré*, nº9-10, (Mai.-Jun.1958).

Leonel.[220] O conjunto de diapositivos do espólio pessoal do arquitecto levados para a reunião ilustram o trabalho realizado no Padrão da Légua – dos cartogramas e gráficos resultantes dos inquéritos[221], às exposições dedicadas aos temas que também eram debatidos no MRAR, nomeadamente o da renovação litúrgica.[222]

Destacamos em particular, a secção 'Igreja' da exposição "Liturgia, Paróquia, Igreja" realizada naquela paróquia experimental. Da leitura dos doze coloridos cartazes, executados na paróquia com a colaboração de Abrunhosa de Brito, percebemos uma clara postura formativa e pedagógica no campo da arquitectura, já que era expectável a futura construção de uma igreja definitiva. Havia que preparar o caminho com a comunidade local e isso não significava adoptar uma "linha popular", pelo contrário, exigia um cuidado tratamento dos conteúdos expostos, culturalmente abrangentes e diversificados, com vista à educação do povo. As visitas à exposição não seriam anónimas mas acompanhadas, percorrendo uma linha traçada conjuntamente com o pároco:

> "I. [igreja] Um programa a satisfazer: conservar reunidos com vista a uma acção litúrgica, preparações e desenvolvimentos que ela pressupõe, um número determinado de pessoas, aliás hierarquizadas; isto é, um lugar de celebração para uma comunidade de crentes
> II. com influência no comportamento dos fieis pois deverá atrair uma celebração viva, activa e inteligente ou, os erros cometidos irão prejudicar a oração de numerosas gerações, inculcando-lhes um sentido deformado dos critérios ou mantendo-as numa participação incompleta dos ritos sagrados
> III. e, ao mesmo tempo que testemunha a espiritualidade de uma época atenta e obediente às directrizes da Igreja, de acordo com a exegese bíblica e litúrgica porque a ordem própria às realidades espirituais traduz-se em coisas visíveis duma maneira especial (adágio escolástico)
> IV. é expressão de louvor e adoração que ultrapassa o fim utilitário: é uma casa de prece
> V. é criação artística, um modo de expressão das comunidades que não querem deixar de fora seja o que for da actividade futura
> VI. que, oferecendo-se como centro da vida das artes
> VII. revela e autentifica uma civilização."[223]

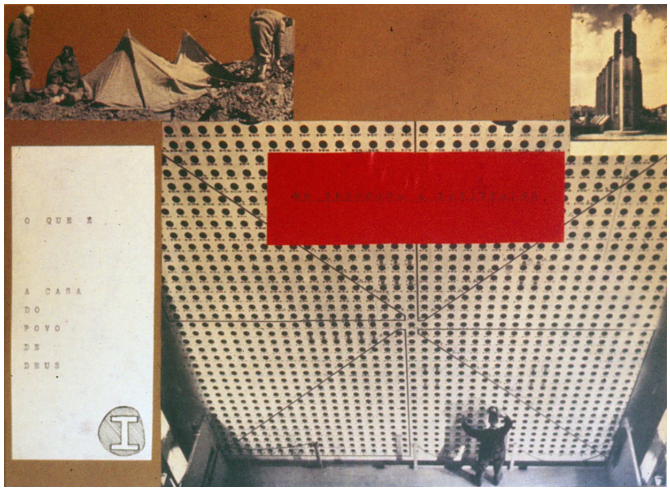
---

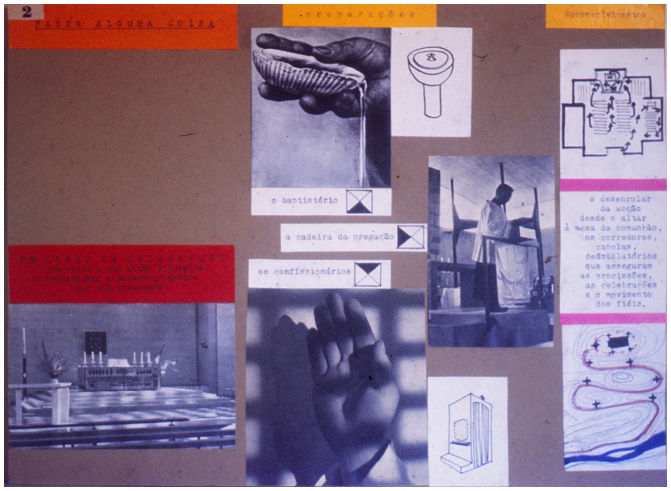
220 A reunião de estudo do MRAR realizou-se no salão paroquial de Santa Isabel (Lisboa, 14.Mai.1963).

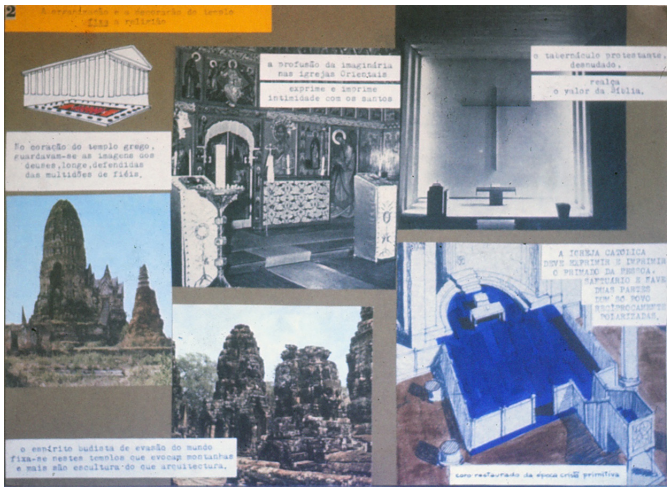
221 Grande parte dos diapositivos foram publicados no nº 3-4 (Nov.1962) da publicação *Tempos e Festas*.

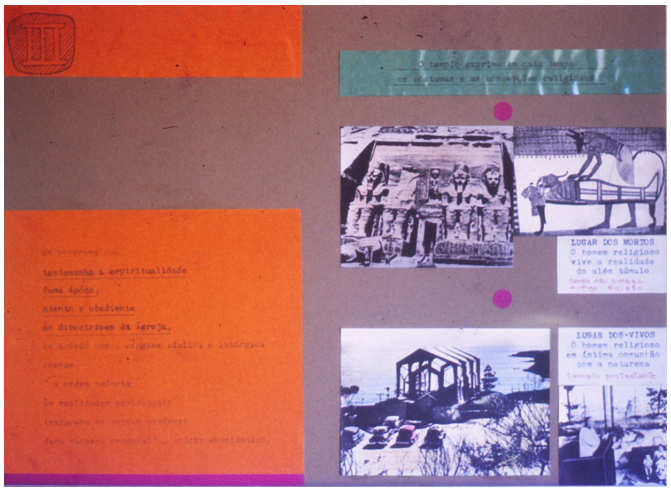
222 Alguns dos diapositivos documentam a prática religiosa e pastoral de uma comunidade em processo de renovação: celebração em latim com tradução simultânea em português, ocupação do espaço público para a realização de procissões, exposições de natureza educativa, etc.

223 Leonel de Oliveira, *Um programa a satisfazer*, sem data.













41. Exposição "Paróquia" (196-) Paróquia Experimental Padrão da Légua *Espólio FAB*

Exposição
"Paróquia" (196-)
Paróquia Experimental do Padrão da Légua

texto: pe. Leonel
montagem: Fernando Abrunhosa de Brito

Guião
Transcrição parcial
Espólio Fernando Abrunhosa de Brito

painel 1
I. O que é a casa do Povo de Deus
Um programa a satisfazer

painel 2
Fazer alguma coisa
Um lugar de celebração
com vista a uma acção litúrgica,
preparações e desenvolvimentos que ela pressupõe
Preparações:
o baptistério, a cadeira da pregação, os confessinários
Desenvolvimentos: o densenrolar da acção desde o altar à mesa da comunhão, os corredores, capelas, deambulatórios que asseguram as procissões, as celebrações e o movimento dos fiéis.

painel 3
Para servir alguém
Que alguém?
Uma comunidade de crentes
Um número determinado de pessoas hierarquizadas
Remodelar ou construir uma igreja?
Criar um lugar de celebração
Para uma comunidade de crentes
As duas grandes zonas hierarquizadas
o santuário e a nave.
Duas zonas reciprocamente polarizadas,
dois polos essenciais (os ministros e os fiéis)
entre outros, o altar e a cadeira da pregação.

painel 4
II. Influência no comportamento dos fiéis
Pois deverá atrair uma celebração viva,
activa e inteligente ou, os erros cometidos irão prejudicar a oração de numerosas gerações inculcando-lhes um sentido deformado dos mistérios ou mantendo-os numa participação incompleta dos ritos sagrados.
Nem sempre uma celebração consegue ser viva contando com a participação activa e inteligente dos fiéis.
Em muitas igrejas antigas a estreiteza
das naves e as colunas não favorecem
a participação da assembleia.
ou o comprimento excessivo da nave
dificulta a comunhão com o presbitério.
Muitas das nossas igrejas modernas
são para se verem vazias...
Concebidas como mero santuário
as atenções convergem numa coisa – o altar.
E não se adivinham frente a frente,
os dois polos pessoais, ministros e fiéis.

painel 5
A organização e decoração do templo fixa a religião
No coração do templo grego, guardavam-se
as imagens dos Deuses, longe, defendidas das multidões de fiéis.
O espírito budista de evasão do mundo fixa-se
nestes templos que evocam montanhas e
mais são escultura do que arquitectura.
A profusão da imaginária das igrejas orientais
exprime e imprime intimidade com os santos.
O tabernáculo protestante, desnudado,
realça o valor da Bíblia.
A Igreja Católica deve exprimir e imprimir o primado da pessoa.
Santuário e nave duas partes de um só povo
reciprocamente polarizadas.
(Coro restaurado da época cristã primitiva)

painel 6
III. O templo exprime em cada tempo os costumes e as concepções religiosas
Um programa que testemunha a espiritualidade duma época, atenta e obediente às directrizes da Igreja, de acordo com a exegese bíblica e litúrgica.
Porque uma ordem própria às realidade espirituais traduz-e em coisas visíveis duma maneira especial

- adágio escolástico.
LUGAR DOS MORTOS o homem religioso vive a realidade do além túmulo
(templo Abu Simbel antigo Egipto)
LUGAR DOS VIVOS o homem religioso em íntima comunhão com a natureza
(templo protestante)

painel 7

Nos templos cristãos cada forma responde melhor a um determinado aspecto
"Anseio por conhecer Deus e a alma. E nada mais? Não, nada mais" S.to Agostinho
"A natureza humana não está destinada ao gozo passivo, mas à actividade; e a mais nobre actividade é o conhecer. O fim supremo do homem, como de qualquer criatura, é a perfeição, a qual é, ao mesmo tempo, semelhança com Deus." S. Tomás
"Sinto em mim forças e uma energia audaciosas. Este globo terreste oferece ainda os seus espaços a grandiosos empreendimentos que admiráveis obras devem surgir aí." Goethe
O gosto pela ciência e pela técnica juntam-se à investigação do espírito humano que se torna o centro do pensamento filosófico.
"Comungar com Deus através do Universo" Teilhard de Chardin

Plano central - aproveitado pelo baptistério, mausoléu, etc.
(Roma, S.ta Constança c.340)
Plano basilical - O Praetorium, c.160, transforma-se em igreja, c.400, foi-lhe acrescentado um pavilhão central, coberto de uma abóbada. (Síria, Martyrium)
Fusão dos planos central e basilical - resolve-se aqui, finalmente, a conjugação dos eixos vertical e horizontal. (Istambul, S.ta Sofia, c.532-563)
Os primeiros arquitectos cristãos já adaptando as produções civis do seu tempo ou herança de um passado recente, já criando espaços próprios e originais, conseguiram não poucos exemplos de edifícios em que, quer o interior, quer o exterior, bem são a expressão sensível dos mistérios da religião nova e o teatro adequado à acção comunitária do Povo de Deus.
S. Vital (Ravena, c.500-548) é exemplo felicíssimo de perfeição orgânica plenamente conseguida.

painel 8

Se as igrejas de hoje são diferentes
Novas exigências da FÉ.
A Igreja é hoje uma sociedade minoritária unida à volta do altar.
Novas exigências da ARTE e da TÉCNICA
Impõe-se reencontrar os símbolos e encontrar símbolos novos...
Os pretensos símbolo diminuem as nossas igrejas.
O arco 'gótico' ... não caracteriza, não confere espiritualidade...

Novas exigências da SENSIBILIDADE SOCIAL
Um "cinema" pode ser feito para agradar à burguesia... Não uma igreja.

painel 9

IV. é expressão de louvor e adoração que ultrapassa o fim utilitário: é uma casa prece
Expressão das mais altas aspirações do homem, testemunho da sua "passagem" na Terra e da sua fé nos valores permanentes e num destino duradoiro.
Na sua ordenação geral e em cada um dos seus elementos, deve deixar transparecer ao crente o mistério invisível da Igreja eterna e revelar-lhe a Jerusalém Celeste.

painel 10

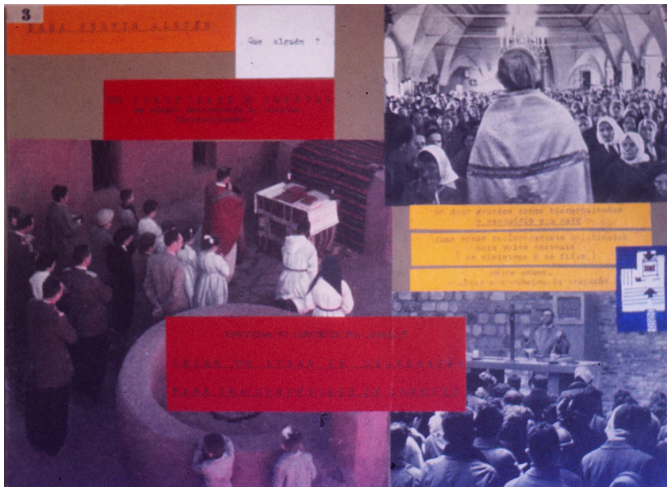
V. é criação artística, um modo de expressão das comunidades
que não querem deixar de fora seja o que for de actividade futura

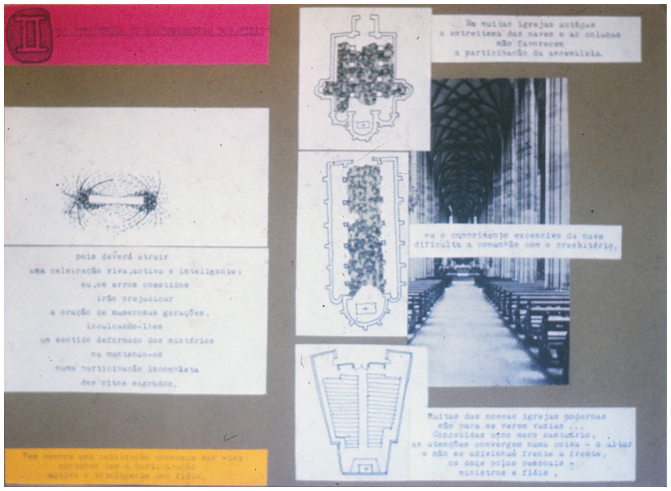
painel 11

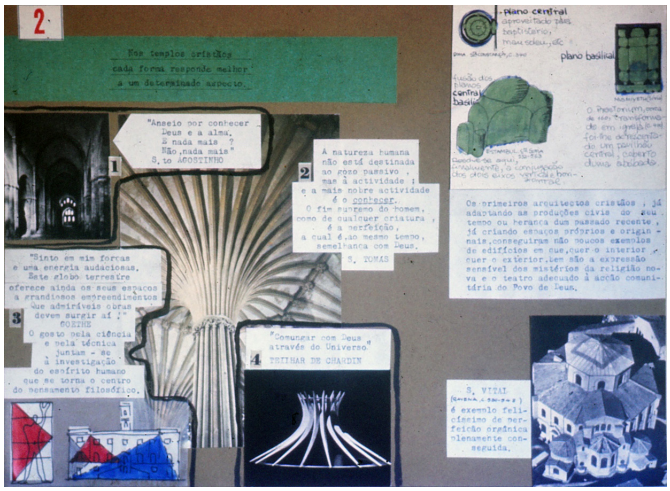
VI. oferecendo-se como centro da vida das artes
Mobiliário | Ourivesaria
Paramentaria | Tapeçaria
Música | Escultura

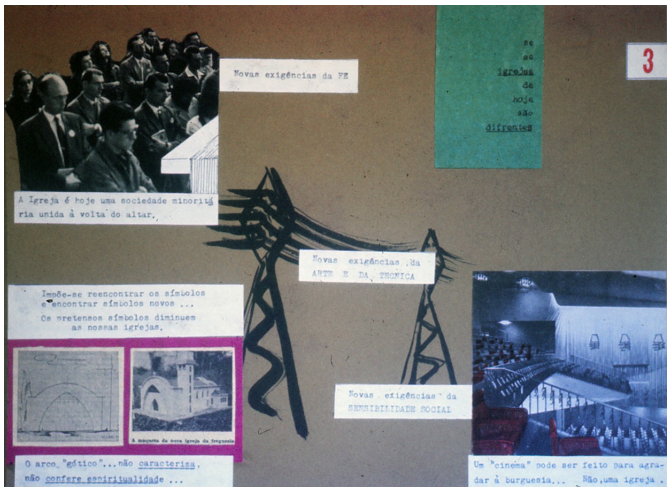
painel 12

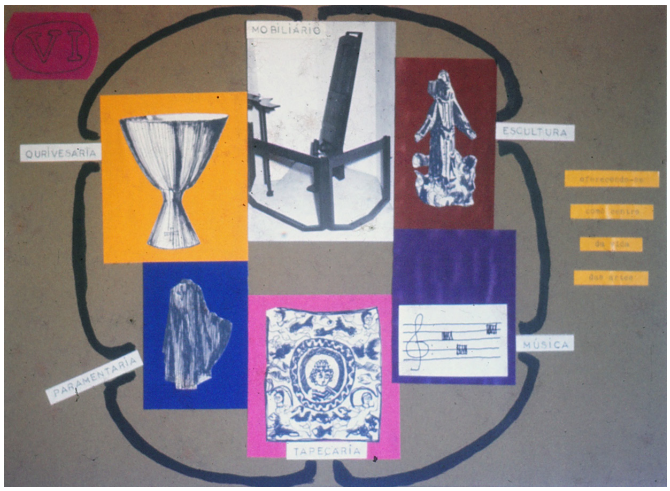
VII. revela e autentica uma civilização.
Grega | Assíria | Medieval (Gótico) |
Budista | Maya (México) |
Contemporânea (Ronchamp)

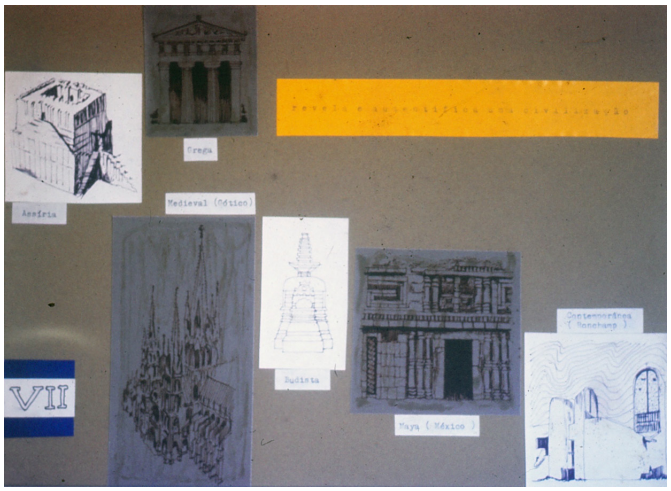












A ilustrar a exposição surgiam recortes e colagens coloridas, proporcionando uma visão panorâmica de obras de arquitectura religiosa de diversos tempos e culturas: cromeleque de Stonehenge, templo grego, templos budistas, templos egípcios e muitas igrejas, católicas e protestantes, que testemunhavam a coexistência de diferentes modelos (planta centralizada e basilical). Se por um lado os cartazes mostravam um pouco da história universal havia, igualmente, a preocupação de mostrar o que de novo estava a ser feito no campo da arquitectura religiosa. Os cartazes expostos levavam à população do Padrão da Légua o contacto com imagens de arquitectura religiosa internacional como a igreja do convento dominicano de La Tourette e o santuário de Ronchamp (Le Corbusier), a Wayfarerschapel – uma construção em vidro integrada num bosque (Frank Loyd Wright), a catedral de Brasília (Oscar Niemeyer). Eram igualmente apresentados trabalhos de autores ainda menos conhecidos do público geral, como a igreja de Todos os Santos em Basileia (Hermann Baur), a igreja do Sacré-Coeur de Bonnecousse (Joseph Belmont et Jean Prouvé). De certa maneira, o jovem arquitecto Abrunhosa de Brito, levou o ensino para fora da escola e colocou-o ao serviço da comunidade.

A exposição não era uma reprodução da que estivera na génese da formação do MRAR em 1953, ainda que fizesse também referência aos falsos símbolos de religiosidade – os arcos góticos. Dez anos após a realização da exposição de Lisboa, pensada para despertar as consciências das elites culturais da cidade, o público alvo e os objectivos eram outros: contribuir para o amadurecimento de uma comunidade em formação na periferia, e despertar para os problemas da fé, da arte e técnica, da consciência social. [224]

No ano seguinte, em 1964, foi a vez do Secretariado de Informação Religiosa publicar no Boletim de Informação Pastoral (BIP) um dossier temático dedicado à mesma experiência. No número cujo editorial se intitulava "Nem medo nem pressa" [225],

---

224 "Se as igrejas de hoje são diferentes
Novas exigências da FÉ. A Igreja é hoje uma sociedade minoritária unida à volta do altar.
Novas exigências da ARTE e da TÉCNICA. Impõe-se reencontrar os símbolos e encontrar símbolos novos... Os pretensos símbolos diminuem as nossas igrejas. O arco 'gótico'... não caracteriza, não confere espiritualidade...
Novas exigências da SENSIBILIDADE SOCIAL. Um "cinema" pode ser feito para agradar à burguesia... Não uma igreja."
Ibid.

225 "O mundo está em transformação. E a Igreja, que nele vive, não é insensível, não podia sê-lo, a essa transformação. De certa maneira, transforma-se também. O concílio é disso consequência e sinal; é

era dada conta da transformação do mundo e da consequente renovação da Igreja de que o Concílio Vaticano II era sinal. A renovação operava-se simultaneamente em diversas frentes; não sendo indiferente aos temas litúrgicos e pastorais, os problemas da arte, da arquitectura e do urbanismo. Assim naquele número do BIP, onde era dado destaque à criação da paróquia do Padrão da Légua, era também tratada a "Exposição das Novas Igrejas na Alemanha" presente na SNBA em Lisboa, uma iniciativa organizada pela parceria MRAR e FCG.[226] Igualmente na agenda, estava a discussão em torno da Paróquia – tema eleito pelo então Papa Paulo VI para a pregação quaresmal daquele ano.

Se o trabalho de revisão paroquial desenvolvido em Lisboa entre 1955-1959, que procurava identificar os limites de cada uma das comunidades, se fez essencialmente nos gabinetes de urbanização municipal em parceria com entidades eclesiais; no Padrão da Légua a própria população foi chamada a participar no reconhecimento da vizinhança e território, ou seja, foi chamada a participar no reconhecimento da comunidade natural que se estava a formar.

> "(...) Um limite de território paroquial já não pode ser uma questão de geometria ou de ambições «imperialistas» de bairrismos baratos. Há leis sociológicas que importa respeitar. Elas tocam o «homem» na comunidade. A administração civil um dia nos dará razão. Está nisso o segredo da eficácia duma boa acção social e a solução dos problemas de urbanismo. Ainda bem que a Igreja, acusada em tudo de atrasada, nesse campo vai à frente."[227]

De certa maneira a integração da notícia da paróquia do Padrão da Légua no BIP, a par das outras do contexto internacional, das pesquisas alemãs de Emil Steffann e Rudolf Schwarz às visitas do Papa a paróquias da periferia de Roma, espelhavam a postura do próprio pe. Leonel, que a partir da periferia do Porto não deixou de estar desperto às transformações do Mundo. Ali recebia e disponibilizava à população as notícias que chegavam de França, pelas publicações do *Le Monde*, *Le Figaro* e *La Maison-Dieu* que assinava. Através delas as novidades do Concílio chegavam àquela

---

forma interior e orientação segura a garantir-lhe caminhada firme na senda de uma verdadeira e oportuna renovação."
«Nem medo nem pressa», *Boletim de Informação Pastoral*, nº30, (Mar.-Abr.1964), p1.

[226] Cf. Cunha, «MRAR e os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal no século XX - a ação do Movimento de Renovação da Arte Religiosa nas décadas de 1950 e 1960». pp.283-288

[227] Leonel de Oliveira, «Último período duma experiência pastoral», *Tempos e Festas*, 1962. p.1.

comunidade, confirmando a validade das propostas que ali informalmente eram lançadas.

> "Foi a Teologia que me despertou para o Mundo, e desde então abri todas as janelas que pude, apesar de viver num pequeno país periférico e numa Igreja de trazer por casa, Igreja que está em Portugal e que nunca desprezei mas a que nunca me limitei, Igreja que amei com o maior amor que tenho para lhe dar, mas por quem nunca me deixei domesticar."[228]

A esta pessoa de carisma , "um padre moderno"[229] aos olhos de muitos, marcado pelas experiências pastorais em França no meio operário[230], e pelas comunidades fraternas italianas FAC, juntou-se Abrunhosa de Brito que desenvolveu com aquela comunidade em formação um trabalho de sociologia religiosa. O jovem arquitecto instalou no Padrão da Légua um gabinete de estudo que contou com o auxílio de assistentes sociais. Mais do que limitar o futuro território paroquial[231] era esperada desse gabinete uma contribuição no processo de formação da identidade comunitária e, portanto, caracterizar a população e sua prática religiosa, conhecer a evolução e a fixação naquele território, assim como as dinâmicas de mobilidade social e territorial, eram dados que importava reunir.

A informação recolhida foi sendo apresentada à comunidade, que estava directamente envolvida naquele projecto através da exposição de cartazes, da realização de montras num estabelecimento comercial[232], da redação de circulares, da realização de

---

228 Leonel Oliveira "Padres para este tempo" [atas do simpósio], Porto, Comissão Episcopal do Clero Seminários e Vocações, 1994, pp. 87-89.

229 "'Este é um padre moderno'? Confesso que sempre que ouvi este elogio o recebi como um insulto… apesar de tantas vezes me ter calado por perceber com clareza a intenção de quem mo dirigia. Somos padres modernos ou somos padres actuais?"
Ibid.

230 O pe. Leonel contactou ainda em jovem, antes de ingressar no seminário, com experiências pastorais em França junto da comunidade portuguesa emigrada.

231 "A jurisdição que é concedida a V. Rev. [pe. Leonel de Oliveira] estende-se por agora a toda a área proposta pelo Sr. Arq. Fernando Brito no estudo que tenho presente; mas às famílias e fiéis nela residentes será ainda deixada a livre faculdade de optarem pela sua igreja e pároco próprio, para todo o serviço religioso. Entretanto, a comunidade ir-se-á desenvolvendo e definindo, e também ir-se-á esclarecendo as dúvidas que se apresentam em alguns pontos dos limites propostos. Assim entramos no último período da experiência pastoral preparatória da criação da nova paróquia."
D. Florentino de Andrade e Silva, «Carta do Sr. Bispo ao Pe. Leonel (25.Abr.1962)», *Tempos e Festas*, nº1, (1962), p.1.

232 "Com a montra pretendíamos despertar a curiosidade pela obra ou recordá-la àqueles que já ouviram falar dela, explicar o que é, porquê e qual paróquia. Concluímos criar montras acessíveis vistosas, a remodelar semanalmente, preparando desenhos e textos claros, simples e curtos, próprios de cartaz e capazes de traduzir a ideia."
Brito, «Resenha histórica da obra da paróquia experimental no Padrão da Légua desde o início até ao

reuniões e encontros, até à edição de uma publicação local *Tempos e Festas*[233]. Toda esta sequência de iniciativas, designada "Linha de Acção", tinha em vista um progressivo envolvimento da comunidade integrada em equipas/grupos.

A edição do boletim informativo *Tempos e Festas* é exemplo deste trabalho em equipa e contou com a participação externa de Abrunhosa de Brito e outros colaboradores associados às artes plásticas. Recordamos em particular o trabalho de Maria Isabel Fernandes, sua mulher, responsável pelo desenho da Cruz do Padrão que acompanhou diversas publicações daquela paróquia experimental, para além da colaboração pontual de Diogo Alcoforado, aluno de pintura da Escola de Belas Artes do Porto[234]. Apesar das construções religiosas serem escassas ou mesmo inexistentes num território rural que espontaneamente se vinha urbanizando e consolidando, a equipa editorial recuperou o símbolo da identidade religiosa local, o padrão existente no cruzamento de duas vias importantes – as ligações Porto-Vila do Conde e Porto-Barcelos.[235] Dali surgiu a imagem da nova paróquia, a representação da cruz e Senhor Jesus do Padrão da Légua ainda protegido pela caixa de vidro à semelhança de tantos outros que faziam parte do sistema de padrões leguários (re)implantados na contra reforma dispostos ao longo das principais vias entre os vales de Douro e Ave. Aquele padrão, lugar de devoção popular, foi naturalmente integrado na prática religiosa da comunidade em formação que ali rumou em procissão logo nas celebrações de inauguração da primeira capela provisória.[236] A importância daquele marco, que

---

segundo aniversário da capela», p.3.

233 Em 1962 foram publicados quatro números "tempos e festas". Neles foi retraçada a história da formação da comunidade do Padrão da Légua.

234 Diogo Alcoforado colaborou em diversas iniciativas do MRAR, entre elas a edição dos cartões de Natal de 1960 e a montagem da exposição de Arte Sacra, Guimarães.

235 "O Padrão da Légua, o topónimo Padrão mais próximo da cidade do Porto, na *Via Veteris* e *Carraria Antiqua* (que naquele ponto bifurcavam), foi frequentemente designado de Cruz, ou Cruz do Padrão (essa é uma designação muito frequente, por exemplo, na cartografia relativa ao Cerco do Porto) e o cruzeiro deste lugar ainda hoje tem uma relevância considerável, sendo motivo de honras e romarias."

Cf. Pedro Bragança, «Lugares de habitar entre a terra e o mar; apontamentos sobre temas do território entre Douro e Minho» (Universidade do Porto, 2014), p.147.

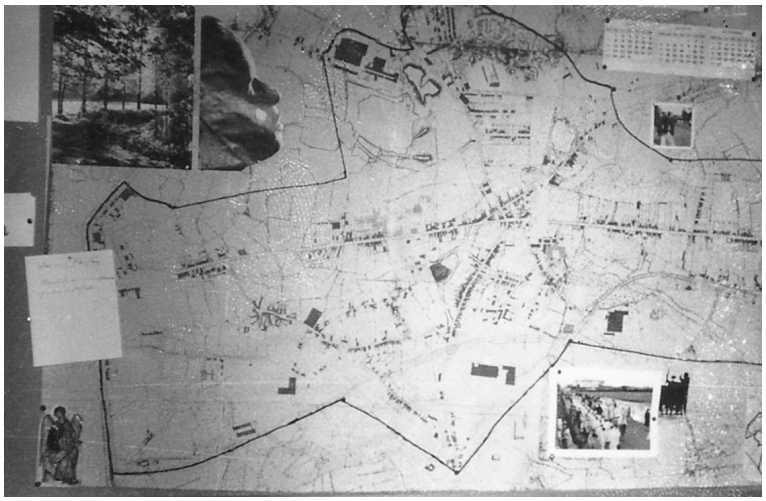
236 "No dia 2 de Fevereiro tem lugar uma procissão: foi percorrida quase toda a Rua Nova do Seixo. Próximo do centro, ao pé do cruzeiro do Senhor do Padrão, o Padre dirige-se a cerca de 1000 pessoas. Em procissão percorrem a Rua Nova até à Rua Central do Seixo, dão a volta por este lugar passando daqui por Monte da Mina e Arroteia de regresso à Capela. Este percurso, que hoje nos não admira pois todo ele e muito mais é área da nova paróquia, fora então uma volta arrojada porque se desconhecia quase completamente o território e não se fazia ideia da futura área de jurisdição (...).

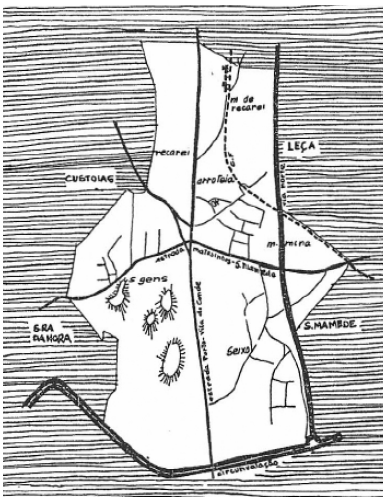
[Brito, «Resenha histórica da obra da paróquia experimental no Padrão da Légua desde o início até ao segundo aniversário da capela», nº1, (1962), p.5.





a. b.





c. d.



e.

42.Paróquia Experimental do Padrão da Légua
a. c. Exposição dos estudos e mapas com a delimitação da paróquia. *Espólio FAB*
b. d. Publicação *Tempos e Festas.*
e. Padrão da Légua existente no centro do território - símbolo identitário da paróquia em formação.

assinalava o lugar de cruzamento e passagem, reforçava pela sua posição o centro do território paroquial onde nas imediações, anos mais tarde, veio a ser construída a igreja paroquial.

A experiência do Padrão da Légua foi um trabalho pioneiro na Igreja, um projecto participado do início da década de 1960, conforme Fernando Abrunhosa de Brito descreveu, primeiramente no *Tempos e Festas*, em 1962, e mais tarde na sua prova CODA, de 1967.[237] Aí encontramos a exposição pormenorizada das iniciativas, desde o acompanhamento de estudantes e jovens seminaristas em férias naquela área de missão, ao abandono do plano de urbanização que previa a construção de uma igreja no lugar do Seixo [238] – uma acção vista com desconfiança pela equipa pastoral, que o percebeu fruto da especulação imobiliária – à instalação da capela provisória e ao reconhecimento da comunidade natural que ali se estava a formar.

5.5.6. Da 'unidade de promoção social' à 'casa comum'

O projecto da prova CODA

A 'unidade de promoção social' correspondia à componente de projecto da prova CODA. Um programa traçado e idealizado por Abrunhosa de Brito, "criado febrilmente no âmago íntimo do problema: dos problemas duma gente, num meio", resultante do contacto que teve com as carências de uma população que se tinha fixado no Padrão da Légua:

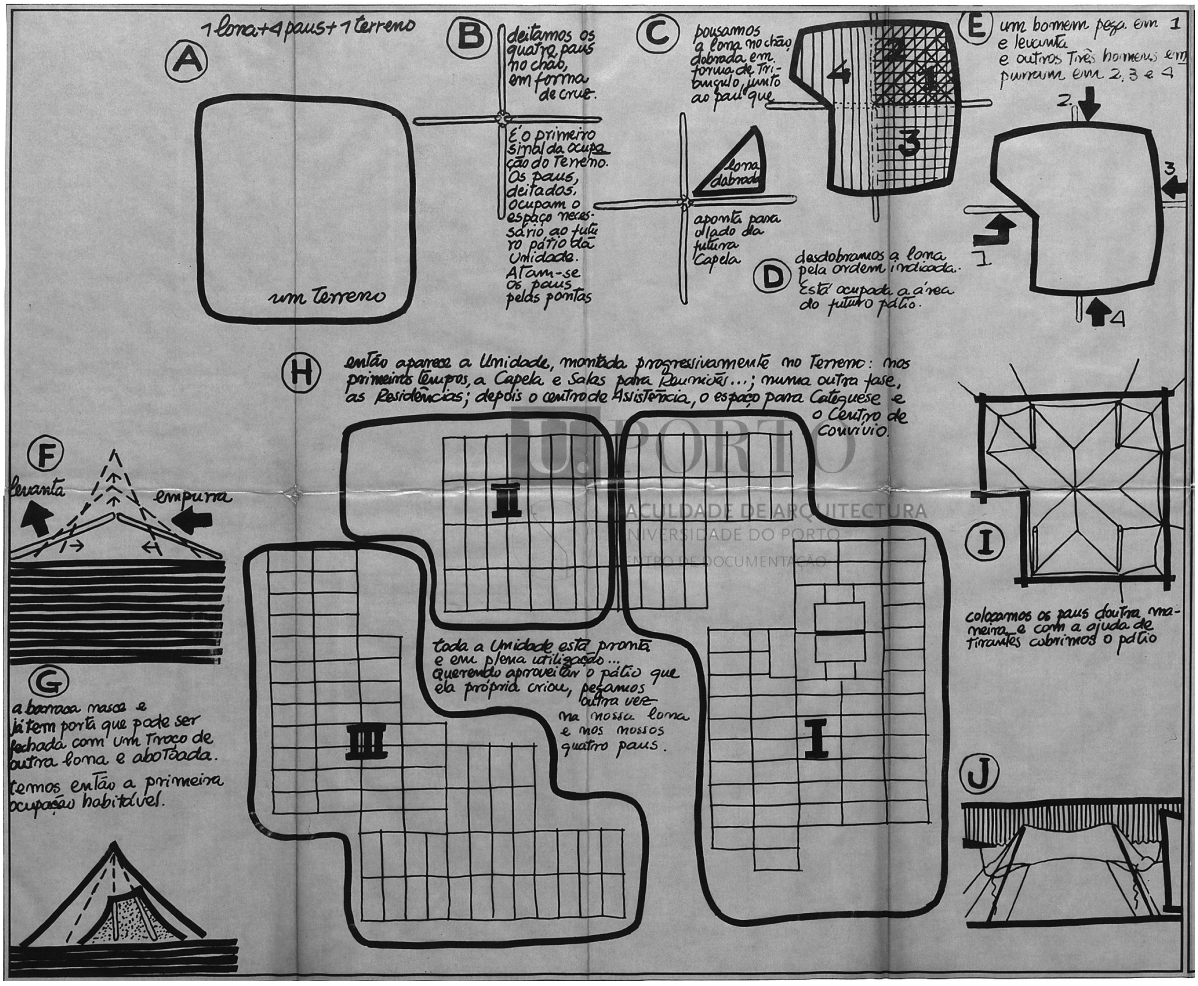
> "É essa experiência de vida, vivida, da vida apaixonada, aproveitada com coragem na perda de tempo, trabalhando e refletindo que, mais tarde, nos há-de ensinar a estabelecer e a tratar um programa."[239]

---

[237] Ainda que Fernando Abrunhosa de Brito só tenha começado a colaborar no Padrão da Légua a partir do Verão de 1960, os artigos que redigiu retraçam a história anterior à sua colaboração, baseados na recolha de relatos. Este conjunto de textos integra o capítulo II da sua prova CODA, porém os cartogramas e gráficos então produzidos para a publicação "Tempos e festa" não foram reproduzidos.
Cf. Ibid. *Tempos e festa* (nº 1, Mai.1962) pp.2-6; (nº 2, Set.1962) pp. 2-6; (nº 3-4, Nov.1962) pp.2-8.

[238] No arquivo da diocese do Porto encontrámos o processo desenhado por Moreira da Silva, onde à semelhança de outros projectos de urbanização da época, a igreja surgia como elemento de remate de um grande eixo viário.

[239] Brito, *Unidade de promoção e integração social entre povos de fixação recente, prova CODA, p.17*.



REPOSITÓRIO
FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DO PORTO
SERVIÇO DE DOCUMENTAÇÃO

a.

Ⓐ 1 lona + 4 paus + 1 terreno

Ⓑ deitamos os quatro pais em forma de cruz
É o primeiro sinal de ocupação do terreno.
Os paus, deitados, ocupam o espaço necessário ao futuro pátio da Unidade.
Atam-se os paus pelas pontas.

Ⓒ Pousamos a lona no chão, dobrada em forma de triângulo, junto ao pau que aponta para o lado da futura Capela

Ⓓ desdobramos a lona pela ordem indicada.
Está ocupada a área do futuro pátio.

Ⓔ Um homem pega em 1 e levanta e outros três homens empurram em 2, 3 e 4

Ⓕ levanta | empurra

Ⓖ a barraca nasce e já tem porta que pode ser fechada com um troço de outra lona e abotoada.
Temos então a primeira ocupação habitável.

Ⓗ Então aparece a Unidade, montada progressivamente no terreno:
nos primeiros tempos a Capela e Salas para Reuniões...; numa outra fase, as residências;
depois o Centro de Assistência, o espaço para a Catequese e o Centro de Convívio.

Ⓘ Colocamos os paus de outra maneira e com a ajuda de tirante cobrimos o pátio.

Ⓙ Toda a Unidade está pronta e em plena utilização...
querendo aproveitar o pátio que ela criou, pegamos outra vez na nossa lona e nos quatro paus.

43. Instalação da unidade
a. A construção a partir da tenda. Prova CODA.

Com a prova CODA procurava o autor reforçar a importância do papel do arquitecto no traçar de um programa, contrariando a tendência vigente na prática profissional da encomenda feita "por qualquer administrador que julga ter a representação das gentes e dos seus problemas"[240], e também no ensino, onde o programa era fornecido, limitando a pesquisa ao campo "formal longe da realidade que ditou o programa." [241] Reconhecendo a natural limitação do espaço Escola e o facto de a aprendizagem se fazer também fora dela procurou, no contacto com a comunidade em formação, o motor e o alimento para a sua pesquisa. Seguindo o carisma do pe. Leonel, defensor de uma pastoral de rua, de pedras vivas, reunidas em barracos e tendas de reunião[242], propôs a construção de uma grande "Casa Comum", a tal unidade de promoção social que dava título à dissertação.

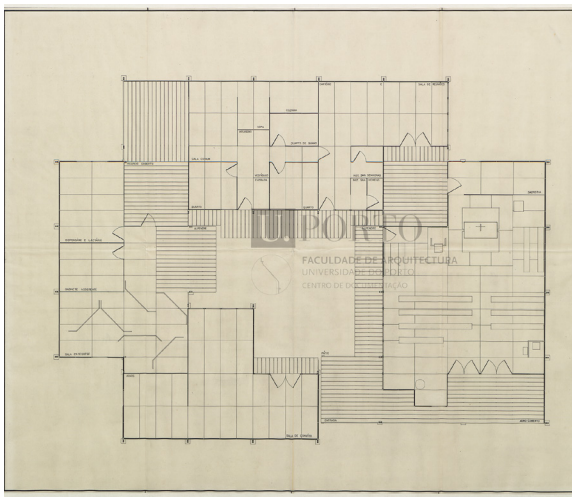
Seria um edifício pré-fabricado modelar, passível de ser construído por fases, à medida das necessidades que se julgavam crescentes num qualquer terreno de missão, não se limitando a proposta à situação concreta do Padrão da Légua. Apenas seria necessário um terreno de geometria rectangular com área aproximada aos 700 m^2, onde seriam implantados sucessivamente a capela (para 70 pessoas sentadas e 150 em pé), residência e por fim as zonas de assistência e de convívio – todas as dependências organizadas em volta do pátio em cujo centro estivera a tenda – o lugar primitivo de reunião 'primeira ocupação habitável'. As fundações seriam em betão armado, a estrutura em ferro galvanizado, as paredes em madeira prensada e a cobertura em chapas de fibrocimento. À semelhança dos projectos que estavam a ser desenvolvidos nas capelas de paróquias emergentes na periferia de Lisboa e Porto, Abrunhosa de Brito procurou também desenvolver um sistema construtivo pré-fabricado, passível de ser desmontado e reutilizado.

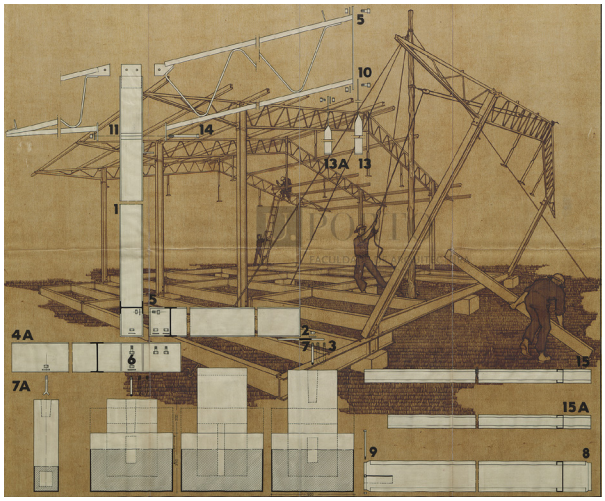
---

240 "O programa, tal como normalmente se apresenta, é quase sempre elaborado pelo político, por qualquer administrador que julga ter a representação das gentes e dos seus problemas.
Um programa nestes termos peca pela distância entre as preocupações ditadas pelo conhecimento, ainda que técnico das realidades e o processo peculiaríssimo do arquitecto lhes responder."
Brito, *Unidade de promoção e integração social entre povos de fixação recente, prova CODA, p.17.*

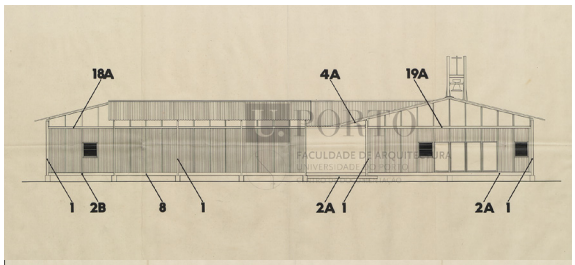
241 Ibid. p.17.

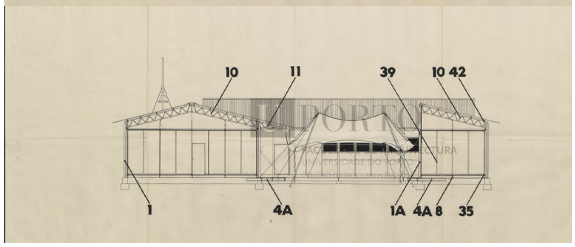
242 "Passei a vida a juntar pedras, pedras-vivas bem entendido. Escrevi montanhas de folhas que nunca coleccionei, pois sempre as quis espalhadas ao vento. Fiz milhares de reuniões, de casa em casa, de rua em rua, pastoral de rua. Construí barracos, muitos barracos, tendas de reunião. Duma só coisa quis saber entre eles, os homens meus irmãos: de Jesus Cristo."
Leonel de Oliveira, «simpósio - Padres para este tempo [Fátima, 1993]», em *Duma só coisa quis saber*, ed. José Rui Teixeira (Maia: Labyrinthus, 2008).

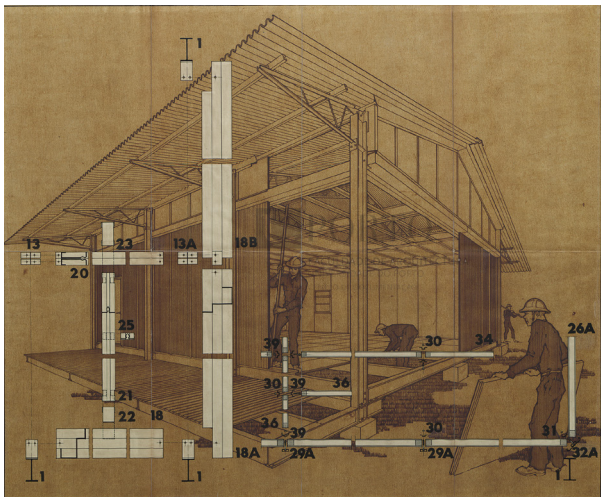




a. b.







c. d.

44. Construção da Unidade.
a. b. c. d. Sistema modular pré fabricado, pemitindo construção faseada, de espaços flexíveis à volta da tenda inicial. Prova CODA.

> "As crianças e os jovens, que brincam com as caixas de 'meccano' e 'lego' sabem que a economia está na standartização e na recuperação da peça e não da criação funcional para cada caso de cada uma."[243]

Este mesmo ensinamento sobre a importância e potencialidade da estandardização na arquitectura moderna, vinha sendo reconhecida no corpo profissional, como tinha manifestado o seu antigo professor Octávio Lixa Filgueiras, a propósito da arquitectura tradicional, em particular a japonesa:

> "'a mais bela arquitectura em madeira'. Aí nos aparece igualmente a génese dos modernos processos de estandardização. (...) em vez da uniformidade de tipos que conduz à monotonia e deshumanização o artista japonês consegue através de elementos-série uma frescura permanente de efeitos mau grado até à aparente pobreza dos materiais e a quase ausência de decoração."[244]

Havia pois que optimizar as soluções existentes no mercado nacional, potenciando a qualidade plástica do seu uso e adaptação àquele programa, ainda que a oferta fosse muito limitada conforme reconheceu na dissertação:

> "À indústria nacional não só lhe faltam os meios como lhe faltam os técnicos. Assim, a escolha do sistema é simultaneamente difícil e fácil, dada a pobreza do mercado.
> O betão armado, cremos que não está indicado para estes casos; outros materiais – tais como plásticos – vêm ainda longe de nós; resta-nos o ferro e mesmo esse, ainda pouco familiar. Do que encontramos, parece-nos ser o sistema MAGUE o melhor ponto de partida para as nossas tentativas e reflexões. Por isso, dos sistemas conhecidos, mistos de ferro e de madeiras prensadas, escolhemos este."[245]

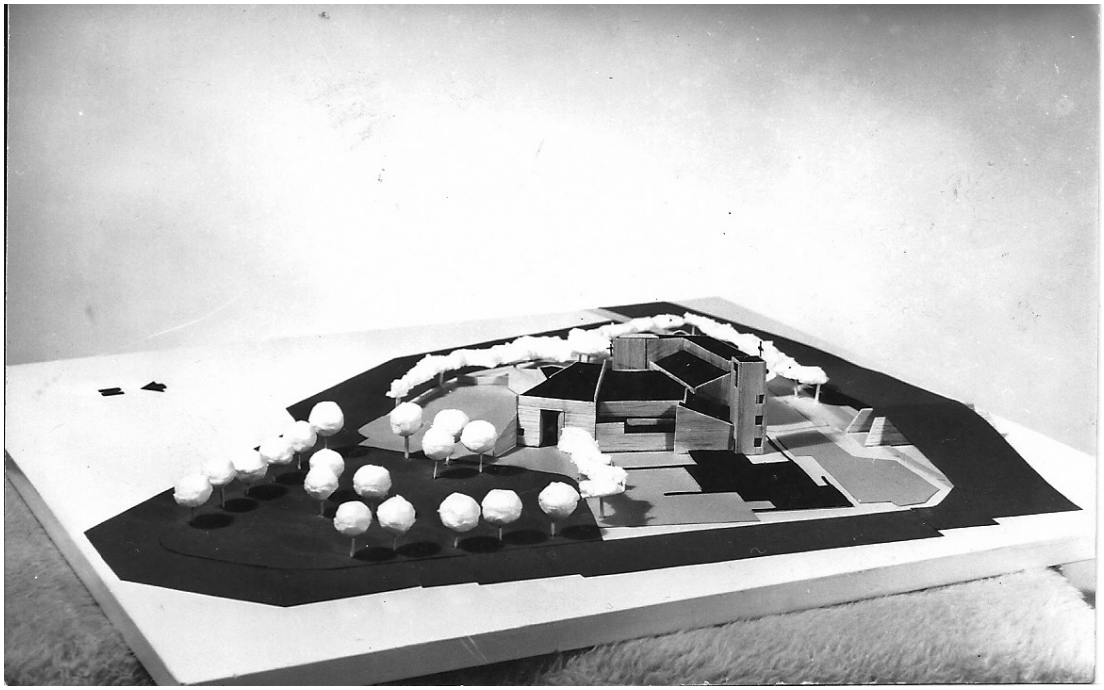
Apesar de o estudo ter sido pormenorizado ao nível da execução de cada peça, partindo de um sistema existente no mercado nacional, o projecto desenvolvido por Abrunhosa de Brito não chegou a ser construído. Contudo, a par da redação da prova CODA e da definição dos limites da paróquia, a comunidade do Padrão da Légua encomendou-lhe diversos estudos: uma adaptação de uma garagem a capela no bairro da Amieira (1962), uma construção de raíz para a nova igreja paroquial (1964) e mais tarde um santuário para a fraternidade do Padrão da Légua (1965). Do projecto para a nova igreja, que não chegou a ser construída, apenas conhecemos a maquete. Nela é evidente a adopção do modelo em leque que caracterizou diversas igrejas construídas no

---

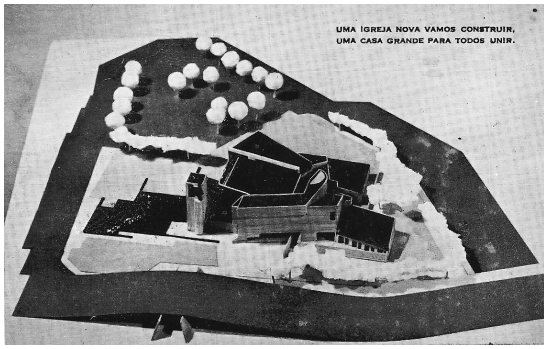
[243] Brito, *Unidade de promoção e integração social entre povos de fixação recente, prova CODA*. p.s/n.

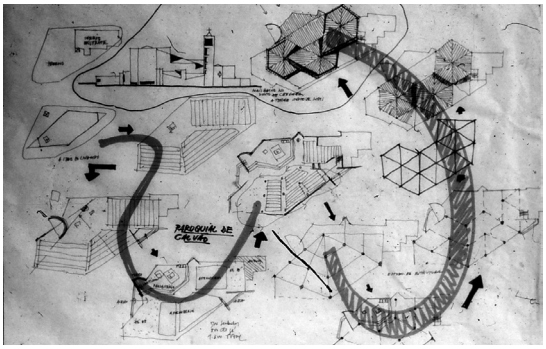
[244] Filgueiras, *Sobre doze séculos de arquitectura moderna*. pp.11-12.

[245] Brito, *Unidade de promoção e integração social entre povos de fixação recente,* prova CODA, p.s/n.



a.





b. c.

45. 'uma igreja nova vamos construir, uma casa grande para todos unir'
a. b. Maquete de estudo para a igreja paroquial do Senhor do Padrão da Légua (1965) arq Fernando Abrunhosa de Brito *Espólio LO*
c. Estudo para igreja paroquial de Calvão, Vagos (1966) também do mesmo autor. *Espólio FAB*
É notória a proximidade de modelos trabalhados nas duas propostas contemporâneas.

espírito conciliar convidando a maior participação dos fiéis. Fernando Abrunhosa de Brito, que explorou aquele mesmo modelo noutras obras, acompanhou aquela comunidade em formação até meados da década de 1960.

A doação de uma antiga quinta à paróquia no final da década de 1960 alimentou de novo o desejo por construir uma igreja definitiva. Contudo a instabilidade social daquele período e a vontade de afirmar os valores de uma 'igreja serva e pobre', como defendia o dominicano Yves Congar, levaria o pe. Leonel a conduzir, uma vez mais, a construção de uma solução provisória.

> "É verdadeiramente numa encruzilhada que nos encontramos. As estruturas que criámos no passado, sempre provisórias, serviram determinadas etapas de crescimento. Hoje podem ser um obstáculo a novos níveis de crescimento. Sentimos que algumas dessas estruturas nos asfixiam dentro de 'muros' que nos impedem de avançarmos. Este é o dilema eterno na Igreja e fora da Igreja. (...) Não se trata de, quanto a nós, fazermos grandes planos, mas sim de intensificar a Vida. E ao intensificar a Vida... descobrimos que as velhas estruturas rebentam por todas as costuras....!"[246]

Apesar de reunir à sua volta um conjunto significativo de seminaristas e de alguns estudantes universitários, que do Porto se deslocavam ao Padrão da Légua procurando aí a nova Igreja, que já o era antes do concílio, não voltou a ter a colaboração directa de um arquitecto. O adiamento do arranque do projecto, revelou-se uma oportunidade perdida para projectar uma igreja dos novos tempos.[247] Ali foi construído um simples barracão: uma sala de reunião polivalente, uma pequena capela, uma cozinha e um espaço para a mesa-comum – para o 'ágape' comunitário:

> "Assim como numa família a Mesa é o lugar no qual e à volta do qual a vida familiar e doméstica se processa, se aproxima e se alimenta, assim a nossa Mesa Comum não seria somente o lugar onde se celebra a Eucaristia, ou onde se come a horas certas, nem sopa-dos-pobres nem restaurante barato, mas um verdadeiro 'fogo' da comunidade, um 'lar' ou uma 'lareira', onde habitualmente se reúnem para reuniões fraternais os que se deram plenamente ao 'ministério', tanto

---

246 Equipa Pastoral, «Carta à comunidade da "Paróquia do Senhor Jesus do Padrão da Légua"», Setembro de 1974. p. 37.

247 "A tão falada igreja-nova, ponto de discórdia durante tanto tempo, deixa definitivamente de ser problema. A chamada igreja, lugar da Liturgia, não é mais do que uma peça do equipamento geral. É assim que será tratada. Abandonamos o projecto antigo por ser demasiado caro em si próprio (...) e por ser absolutamente (sem ilusões) inacessível às nossas capacidades económicas. Adoptamos um novo projecto: uma construção simples, pobre mas bela, funcional e, minimamente cómoda. Neste projecto, a realizar imediatamente, gastaremos o dinheiro que temos. O que faltar seremos nós que o daremos, pois nunca pediremos dinheiro a ninguém!"
Ibid. p.44.





a.

b.



c.



d.

46. O terreno e o barracão (197-)

a. Transportar a memória do lugar para a nova igreja.

A cruz existente na actual igreja paroquial do Padrão da Légua resultou do aproveitamento do eucalipto que existia no terreno cedido para a construção da igreja. Esta cruz é sinal e memória dos tempos da formação da comunidade - Arte Viva?

b. c. d. Capela provisória instalada no terreno cedido para a nova igreja *Espólio LO*

> presbíteros como diáconos como leigos, homens e mulheres, e onde os irmãos que estão sós ou não querem estar sós, encontram um lugar, e qualquer irmão ou irmã em qualquer ocasião, a qualquer hora que venha, seja por que motivo for, encontra hospitalidade."[248]

Ainda dentro do recinto foram construídos anexos, uns em alvenaria de tijolo outros pré-fabricados em madeira: salas de reunião, tipografia e residência. No meio, ao jeito de cruzeiro no adro, estava o chamado "chapéu - um tronco de madeira com uma cobertura de chapa encimada por uma cruz: era o jornal da caserna - notícias, avisos, informações, horários de reuniões"[249]. Aquela cruz pontuava todo o recinto e afirmava a natureza do lugar, na capela apenas um pequeno sino. Assim, naquele largo de terra batida, surgia uma igreja aberta à participação de todos, não só da comunidade cristã mas das associações de moradores e grupos de trabalhadores que ali reuniam. A igreja era uma casa aberta ao jeito das que acolheram as primeiras comunidades cristãs:

> "Nunca pensei numa igreja rica. Não é pobre nem austera, é próxima das pessoas, uma igreja de proximidade(...) bastante casa e menos palácio. Muito humilde e próxima."[250]

[248] Ibid. p.39.

[249] Depoimento de Carmen Machado – da comunidade do Padrão da Légua (Ago.2016)

[250] Leonel de Oliveira, «entrevista conduzida por João Luís Marques», 2012.

Considerações finais

"A acção começa na consciência.
A consciência, pela acção insere-se no tempo.
Assim, a consciência atenta e virtuosa
procurará o modo de influir no tempo.
Por isso, se a consciência for atenta e virtuosa,
assim será 'o tempo e o modo'."
Pedro Tamen (1960)[1]

As profundas transformações sociais ocorridas em Portugal entre 1950 e 1975, período marcado por um forte crescimento das cidades que acolheram populações desenraizadas, produziram mudanças significativas no tecido urbano. As soluções que encontrámos em muitos dos estudos e projectos documentados nesta tese, construídos ou não, resultaram da leitura atenta dessa realidade e da vontade dos autores de responder às necessidades identificadas. No que à articulação da produção arquitectónica religiosa com as práticas urbanísticas diz respeito, os estudos ao longo desta tese permitem afirmar que a encomenda da Igreja católica, com especial enfoque em Lisboa e Porto, não só reflectiu o seu tempo, como participou na transformação destas cidades, contribuindo activamente para a discussão, configuração e qualificação da forma do espaço urbano moderno, conferindo-lhe portanto identidade, reafirmando a presença da igreja na cidade. As igrejas construídas procuraram dar resposta a problemas identificados e caracterizados, ajustando linguagens e programas aos diferentes contextos, indo ao encontro duma 'Arte Viva', inteligível e ao serviço da comunidade – uma igreja para as pessoas.

O conhecimento aprofundado do debate internacional e da reflexão em torno do papel da arte, bem evidenciados em documentos do magistério, e o seu confronto com igrejas projectadas e construídas em Portugal, permitem-nos abrir perspectivas de investigação para o futuro, acerca de incompreendidas obras de arquitectura religiosa então produzidas. Ao longo de todo o período estudado identificamos de facto uma grande diversidade de situações na produção de arquitectura religiosa. Fruto da experimentação e da conjugação de novas linguagens, técnicas construtivas e programas, surgiram algumas propostas 'híbridas' difíceis de enquadrar num quadro de referência da arquitectura moderna, um quadro que sabemos ser progressivamente mais aberto. Um

[1] Pedro Tamen, em Emmanuel Mounier, trad. e pref. de J. Bénard da Costa «O Personalismo», *O Tempo e o Modo*, nº1 (1960), p.contracapa.

primeiro exercício de análise dos textos com que abrimos o primeiro capítulo permitiu-nos perceber, subjacente ao discurso sobre a Arte Viva e num quadro de modernidade, a possível aceitação da diversidade como via de resposta à especificidade de cada comunidade e lugar. Relevamos também o entendimento do valor da tradição no contexto da produção de igrejas, e o apelo à procura da expressão moderna que fosse não um estilo, mas fruto da obra e vida das comunidades.

A investigação realizada permitiu perceber que não foi a preocupação urbana a primeira a ser reconhecida pelo jovens organizadores do 'grito' que a Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea em S. Nicolau (Lisboa, 1953) traduzia. As primeiras preocupações centraram-se, sim, na expressão moderna das componentes funcional e construtiva dos edifícios religiosos. Contudo, a interacção com as estruturas eclesiais atentas à sociologia e ao seu papel como ferramenta pastoral, viria a tornar a integração urbana, em aldeias e cidades, tema importante do debate arquitectónico que acompanhou a ascensão e vida do Movimento de Renovação da Arte Religiosa.

Ao longo do período em análise, a par das alterações espoletadas pelo movimento de renovação litúrgica, a que aderiu o MRAR, o projecto de igrejas passaria cada vez mais a ser encarado também como um problema urbanístico, levando a uma necessária política de planeamento e coordenação territorial, a que não foram indiferentes as lideranças eclesiásticas que traçariam diferentes planos de acção nos territórios sob sua jurisdição. Convém reforçar que, de facto, a própria renovação litúrgica, marcada pelos processos paralelos de *aggiornamento* e de *ressourcement,* conduziu a uma tomada de consciência do valor da comunidade num momento em que, como observámos, novas e diferentes comunidades se organizavam em novas paróquias. É interessante notar que, nos contextos em estudo, a palavra readquiriu o sentido do original grego 'paroika', remetendo para a comunidade dos que partilham a mesma condição de 'ser estrangeiro' num território de limites físicos indeterminados, não reduzido à vizinhança territorial limitada e centrada na igreja paroquial. O processo de inculturação da população na cidade espelharia a tensão da dicotomia mundo rural e urbano, conforme vimos retratado nos *Verdes Anos* (1963) de Paulo Rocha: "É preciso sobretudo um homem lembrar-se que nasceu numa aldeia de pategos, e aprender a aguentar-se. A minha vizinhança foi quase toda corrida da cidade."

O confronto de diversas formas de religiosidade com os novos modelos de vida urbanos conduziu a um renovado quadro de paróquias, conforme caracterizámos em

'Formar Comunidade': comunidades de 'estrangeiros' em territórios da periferia, que se urbanizavam, ora de forma planeada, ora improvisada, assistidas muitas vezes por ordens religiosas que ali se instalavam, conforme documentámos a partir de diferentes projectos de áreas residenciais de Lisboa ou do Porto; comunidades de 'prisioneiros' nos bairros clandestinos da capital e no centro da envelhecida cidade do Porto. Identificámos também comunidades sem território, população não residente que vivia a cidade terciária ou as zonas de ensino.

É importante reforçar o trabalho de dimensionamento das comunidades na procura de um justo equilíbrio das suas estruturas naturais, reconhecendo também as suas fronteiras territoriais naturais, físicas e sociais. Procurou-se em geral estabelecer grupos socialmente homogéneos cuja dimensão rondasse 10000 habitantes, um valor médio de referência ajustado também à escassez de clero. As novas igrejas estariam localizadas, preferencialmente, nos 'centros de gravidade' para onde convergia a população. Tinha-se como referência a distância possível de percorrer num trajecto de 10 minutos a pé. O trabalho foi validado por estudos e inquéritos de sociologia religiosa, num momento em que semelhantes práticas se estendiam também ao campo da arquitectura.

A discussão da caracterização das comunidades, seu dimensionamento e escala ideal, iam aliás ao encontro do debate internacional em torno das relações de vizinhança, da progressiva miscelanização social, da orgânica da cidade em busca de um novo humanismo, em plena revisão do movimento moderno.

As experiências de grandes urbanizações da área metropolitana de Lisboa, em forte crescimento na década de 1960, já marcadas por um quadro de mobilidade, reflectem estas preocupações e nelas o equipamento religioso foi também considerado e integrado nos novos centros, como equipamento propulsor de uma vida em comunidade. A arquitectura religiosa moderna participava na criação de um lugar de relação entre pessoas, contribuindo para a imagem e identidade comunitária dos novos aglomerados habitacionais, em particular no território da periferia, onde os novos centros planeados, ou componentes deles, tantas vezes tardaram como analisámos com especial atenção na urbanização Solátia em Carnaxide. Da igreja-templo, monumental, passa-se a uma igreja à medida da comunidade que servia – uma igreja de serviço, uma igreja de acolhimento.

Perante este cenário diversificado, relevámos no segundo capítulo da tese, 'Formar comunidade', as respostas tão diferentes da Igreja nas dioceses de Lisboa e Porto. Passou-se da prática sedimentada duma 'igreja por bairro' a uma política territorial integrada e coordenada à grande escala. Se na capital tal coordenação ficou a cargo do Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado (1961) que trabalharia em articulação com os Municípios, prática influenciada pela experiência homóloga de Bolonha, no Norte evoluiu-se através dum processo menos estruturado, aparentemente, mas focado no valor da participação activa das pequenas comunidades na construção de uma 'família maior' e do bem comum, ou seja, da construção da Cidade.

No contexto particular do Porto, herdeiro de uma tradição de burguesia atenta à questão social, salientamos o papel e tomadas de posição dos diversos protagonistas, quer nas elites governativas da cidade, quer do meio eclesiástico, que juntos conquistaram um lugar para a Igreja na Cidade. A par das igrejas que foram sendo construídas na periferia respondendo às necessidades da população trabalhadora, piscatória (Afurada) e industrial (Senhora da Hora), pouco tratadas pela nossa historiografia e que aqui quisemos relevar, também no centro encontrámos exemplos que respondem a outros apelos, não de ordem pastoral, mas que problematizaram a integração de novo edificado junto de construções pré-existentes (Cedofeita).

Se em Lisboa destacámos o plano desenhado à grande escala e concertado entre entidades estatais, promotores privados e a Igreja, no Porto, em contraponto, focámos pequenas iniciativas com impacto na vida das comunidades, como a capela-tipo desenhada pela CMP a construir junto aos bairros camarários onde a Igreja prestava assistência social.

Ao longo do período em estudo torna-se evidente o apuramento do programa da igreja paroquial, na constante procura do equilíbrio e na integração dos espaços de natureza litúrgica e pastoral, traduzindo as especificidades da acção da Igreja perante os desafios de cada momento e circunstância.

À semelhança da reconstrução centro europeia nas década de 1940 e 1950 que justificava a adopção de programas abrangentes perante o cenário de destruição, as diferentes carências de equipamentos colectivos e espaços de socialização no contexto português, das periferias e mundo rural, associados à vontade de recristianizar as massas, de englobar a vivência humana integral conduziriam, também, a estruturas com programas abrangentes e atractivos. Pouco a pouco a igreja templo deu lugar à igreja

casa da comunidade – o centro paroquial – complexo animado por uma forte dinâmica pastoral, obras de caridade, catequese, movimentos de leigos e espaços abertos a actividades de recreação. O centro paroquial procurou ser expressão construída dos modelos de vida comunitária que se propunham como pequenos centros cívicos.

A importância do Centro Paroquial, levaria a construir grandes complexos sobredimensionados, alguns até para lá das reais possibilidades económicas das próprias comunidades. A par disso, assistiu-se ao aprofundamento da especificidade do programa religioso e do modo de presença da Igreja no Mundo, densificado pela reflexão saída do Concílio Vaticano II. Surgiriam daí soluções mais ajustadas aos novos quadros urbano e social, em rápida mutação, marcados pela instabilidade do final da década de 1960 e início de 1970, que as sucessivas propostas para o centro paroquial de S. Sebastião da Pedreira bem documentam. Aí a igreja propunha integrar-se na cidade participando, a par de outros equipamentos e serviços, num dos seus fulcros de vida urbana servido por um completo sistema intermodal de transportes que o afirmaria à escala metropolitana.

As diversas expressões arquitectónicas ora aparecem fragmentadas, destacando e hierarquizando cada uma das partes que compõem o programa, ora unificadas, concentrando todo o programa sob um mesmo tecto, reforçando a unidade e explorando, por vezes, modelos de polivalência e multifuncionalidade. Estas soluções são umas vezes organizadas em sistemas abertos e permeáveis, que convidam a uma maior integração na rede de espaço público; outras vezes em sistemas fechados que se encerram para a cidade, criando um espaço autónomo, voltado para o interior, como ilustrámos com as propostas vencedoras das novas igrejas da Damaia e de Olivais Sul. Ambas são cuidadosas escolhas resultantes de concursos elaborados em colaboração com o SNIP, nos quais era confiado ao arquitecto um papel prospector na formulação do próprio programa. Apesar de nunca terem tido a projecção e a visibilidade dos concursos do Sagrado do Coração de Jesus ou da Sé de Bragança, são centrais para a compreensão do debate da Igreja na Cidade, do lugar e da função do equipamento religioso, entendidos em sentido lato. Note-se que nem o emblemático grande Complexo do Sagrado Coração de Jesus se resume ao resultado de um concurso isolado de sucesso. Ele é sim, simultaneamente, meta de um processo longo do estudo integrado das respostas pastoral e urbanística, e ponto de partida para outras novas pesquisas e programas mais ajustados às reais necessidades e possibilidades. Este é um exemplo que demonstra bem não ser a arquitectura religiosa portuguesa moderna, uma

colecção de casos singulares isolados, mas antes uma resultante de um processo integrado de reflexão e maturação em torno de um conjunto diversificado de obras.

Cabe aqui destacar também o papel do SNIP pela amplitude, projecção e campo de acção dos trabalhos conduzidos, tanto em territórios urbanos como em periferias e meios rurais – laboratórios importantes para a realização de experiências pioneiras no campo da arquitectura religiosa, um pouco por todo o país. Relembre-se aqui a importância do contacto internacional activamente mantido ao longo da sua primeira década de funcionamento. A divulgação dos trabalhos conduzidos através das diversas publicações que lançou ou em que participou, a par da criação do pioneiro 'Programa de construção de novas igrejas', colocado em debate no espaço do MRAR, demonstram a postura pedagógica que pautou a acção daquele organismo, único no país, junto das comunidades que serviu. O legado deste organismo influente, que esteve em funções por mais cinco décadas, merecerá aliás ser objecto de estudo futuro, dando continuidade ao trabalho já iniciado.

Os diversos programas explorados de Norte a Sul no país – capelas provisórias, capelas-salão, igrejas instaladas em rés do chão de blocos habitacionais – surgem associados a estratégias de descentralização e disseminação das estruturas paroquiais tradicionais, conquistando o lugar possível, quando outro já não aparece expressamente reservado nos planos face a um contexto social progressivamente mais diversificado e secularizado. Somam-se-lhes as intervenções no património arquitectónico existente, para além dos centros paroquiais (também alguns informados pelas experiências de pequena escala), que completam um amplo leque de oferta de grande e pequena escala, espaços para a comunidade e para o indivíduo.

O tema da comunidade é sem dúvida tópico central na discussão da arquitectura religiosa, além de ser marca identitária do próprio espaço de culto. A análise do ensaio crítico 'Programas e Arquitectura' revelou-nos uma postura desfavorável à tendência dominante em privilegiar apenas a função litúrgica celebrada em comunidade. Tornava-se necessário um entendimento alargado da função do edifício religioso que contemplasse a possibilidade da fruição individual, como espaço de reflexão e silêncio, características reclamadas para os lugares de oração contemporâneos. Os diferentes tipos de maleabilidade (de construção e de utilização), a importância do 'espaço-perdido', a recuperação da fachada tão importante na afirmação da presença urbana eram temas de projecto que, não sendo exclusivos do campo religioso, contribuiriam

para o debate arquitectónico alargado. No início da década de 1970, já após a dissolução do MRAR, a produção e o debate da arquitectura religiosa continuava a lançar desafios de discussão importantes para a disciplina, bem para lá dos temas de discussão especificamente litúrgicos que, a par da adopção de linguagens modernas, são repetidamente reconhecidos pela nossa historiografia.

Permite-nos ainda esta tese afirmar que a renovação da arquitectura religiosa moderna portuguesa não se limitou à acção directa do MRAR e SNIP. Em 'Escola-Atelier-Igreja e Cidade' reconhecemos a importância desta teia de relações que teremos de considerar em estudos futuros. A partir dos percursos de cinco arquitectos ligados à ESBAP, identificámos momentos chave ilustrativos da diversidade e complementaridade das abordagens, que também contribuíram para a renovação da arquitectura religiosa. Recordamos, logo em 1953, a audácia da proposta de Carlos Ramos, concertada com a Casa dos Pescadores e a Igreja diocesana, para o estudo da adaptação do armazém a capela – exercício de aplicação prática dos valores ´pureza, verdade, pobreza, paz' que, contemporaneamente, estavam a ser reclamados na exposição de S. Nicolau (Lisboa). O acolhimento daquela exposição na ESBAP, as propostas de trabalho lançadas nos anos posteriores por Octávio Lixa Filgueiras e Fernando Távora, que espelhavam a prática individual de atelier e a sua crescente preocupação social, revelam grande proximidade, afinidade e conhecimento profundo do debate alargado motivado também pela arquitectura religiosa em que ambos participaram. É justo sublinhar também a importância do debate internacional no âmbito dos CIAM, muito atento às questões da vida em comunidade e da participação, geralmente pouco relacionadas com a dimensão religiosa, mas que coexistiam na reflexão e prática destes arquitectos.

Nas décadas de 1950 e 1960 encontramos no corpo docente da ESBAP, espaço privilegiado de formação de arquitectos e de crítica de projectos, uma insuspeitada e profunda familiaridade com as questões que vimos a abordar, que marcariam o trabalho individual de alunos ali formados, entre eles Fernando Abrunhosa de Brito, cujo o início de percurso aqui olhámos de perto, mas também Luiz Cunha e Álvaro Siza, a par de tantos outros cujo o trabalho permanece ainda pouco conhecido e valorizado no campo da arquitectura religiosa. O legado de Agostinho Ricca neste campo é especialmente significativo do valor da autonomia da disciplina. Fruto de um investimento contínuo na formação e actualização realizadas à margem das plataformas de discussão da

arquitectura religiosa moderna portuguesa, o trabalho de Ricca revela uma capacidade invulgar de produzir obras em que a qualidade de urbanismo, arquitectura e arte coexistem ao serviço das comunidades e dos indivíduos que visam acolher.

Ora a diversidade das soluções que nesta tese abordámos, dos planos à grande escala às pequenas obras participadas, fazem-nos perceber que a procura do equilíbrio entre o programa – de serviço à comunidade e de acolhimento ao indivíduo – e a arte viva – capaz de apelar à contemplação e ao silêncio – é, ele próprio, caminho para a construção da 'igreja na cidade'.

Anexos

Patriarcado de Lisboa
Pastoral sobre Arte Sacra
D. Manuel Gonçalves Cerejeira
(8.Mar.1953)

em "Obras Pastorais, quarto volume 1948-1953" (Lisboa: União Gráfica, 1954), pp.121-132.

É a nova igreja de S. João de Deus, agora aberta ao culto, a terceira igreja monumental que tenho a felicidade de inaugurar nesta nossa capital de Lisboa. Renova-se, embeleza-se, enobrece-se a velha, a nobre cidade.

Foi a primeira igreja de Nossa Senhora de Fátima. Igreja nova, clara e simples como a Avé-Maria pronunciada pelo Arcanjo da Anunciação. Interiormente, a luz passada através dos vitrais que representam a Virgem Santíssima, fala de silêncio, oração, mistério, como o seio virginal e material de Nossa Senhora.

A segunda foi a do Santo Condestável. Monumento que evoca o seu Titular no quadro medieval da cavalaria cristã, em que no-lo revela e explica a história. Dir-se-ia que ele ali nos aparece com a sua cota de armas e o seu burel de frade, guerreiro na dureza nua das grossas paredes e monge nas agulhas místicas.

Abre agora a terceira, a de S. João de Deus, o prodigioso santo da caridade. E há alguma coisa, no interior desta igreja, que tem o calor do seu coração, a doçura da sua humildade, a paz da sua alma. Não nos oferece ela logo no altar avançado, o dom misericordioso do amor de Cristo?

Igreja nova, igreja velha? Se é obra viva de arte, há-de ter necessariamente de uma e outra coisa. Do velho, as raízes vivas de uma tradição, que significa experiência adquirida, hábitos consagrados, sentimentos veneráveis, leis permanentes, princípios estabelecidos. De novo, tudo o que exige a expressão mais verdadeira, mais pura, mais bela, do espírito da época, do local de implantação, do material empregado, da técnica seguida.

Toda a obra verdadeira «viva» é sempre nova. O artista, se tem génio, é semelhante ao Criador: tira-a do nada, dá-lhe o nome, imprime-lhe a linguagem adequada, fá-la viver por si. Cada obra e a única, por mais que se repita (excluo: que se copie) o artista. Única e una, de uma unidade interior que tudo equilibra, harmoniza, vivifica.

Que é uma igreja?

Uma igreja, segundo a definição do Código de Direito Canónico, é um «edifício dedicado ao culto e às reuniões dos fiéis».

Aos olhos dos crentes, uma igreja católica é verdadeiramente «casa de Deus». Deus habita pessoalmente nela. E todo o mistério cristão da Redenção ali quotidianamente se renova, reproduz, continua. Nosso Senhor Jesus Cristo, sacramentalmente presente, perpetua a Sua missão de Salvador, imolando-se, santificando, comunicando-se.

É mais, infinitamente mais, do que a casa de oração e de reunião, como as igrejas protestantes. Sentia-o bem o diplomata calvinista que me dizia não frequentar a sua igreja, porque ela estava vazia; não era como as igrejas católicas onde todos os que tem sede de verdade, esperança, amor e paz podem ir ter com o Salvador.

Que fosse só casa de oração e reunião, já não podia ela identificar-se com edifícios de uso profano, se a oração que nos une a Deus é a mais nobre actividade do homem. Porém, lugar do culto católico onde os fiéis participam do mistério de Cristo, pelos sacramentos, tudo ali, como recordou a Instrução da Suprema Congregação do Santo Ofício, de 30 de Junho do ano passado «deve contribuir para a beleza da casa de Deus e fomentar a fé e piedade».

Uma igreja tem de obedecer a leis, que «derivam de doutrina revelada e duma recta ascética». Nem casa utilitária, onde não há lugar para voo de poesia, para contemplação de Fé, para comunhão mística de amor; nem museu, para ostentação morta de obras de arte ou exposição de ensaios arrojados de vanguardismo.

Há-de ser efectivamente obra de arte, ela. E todas as artes chamadas a colaborar para a sua construção e decoração devem fazer acto de humildade, esquecendo-se de si para se submeterem como servas ao que ela exige de cada uma.

Quer Sua Santidade o Papa que se afaste das igrejas tudo aquilo que seja indigno da casa de Deus, que perturbe ou diminua a piedade e a devoção, que dê motivo de estranheza ou de escândalo. Haverá obras primas até de arte religiosa, que lá não têm cabimento; arte religiosa não é o mesmo que arte sacra.

Numa igreja tudo deve rezar e cantar, numa voz única. Não é ela a imagem da celeste Jerusalém, e as suas pedras a imagem dos fiéis? Pedras vivas, fazendo um só edifício com Cristo, a pedra fundamental.

Princípio basilar

Fala-se muito hoje, e com razão, do carácter funcional e racional da arquitectura. Pode ter-se como seu princípio basilar. A mais bela arquitectura é aquela que realiza a sua função com mais sinceridade,

com mais unidade, com mais simplicidade.

No caso duma igreja, ela só será bela se for realmente e parecer evidentemente uma igreja. Mas uma igreja não é apenas problema de geometria; é também problema de fé, problema de cultura, problema de história.

Funcional, e mesmo racional, não pode tornar-se como sinónimo de utilitário (se bem que não exclua sê-lo e até o exija), quando se aplica a um templo, e não sei se a quaisquer outros edifícios. Há uma maneira materialista de entender o carácter funcional da igreja: é aquela que esvazia este carácter do seu conteúdo espiritual, religioso.

Poderia ainda tolerar-se (dado, que não concedido) num templo calvinista de sua natureza nu, vazio, frio. Mas numa igreja católica, em que palpita o Coração de Cristo, tudo deve confessar a presença de Deus, tudo deve afirmar a vitória da Fé, tudo deve cantar a esperança cristã.

Todos os estilos o têm tentado, e nenhum está excluído. E, na encíclica «Da Sagrada Liturgia» de 1947, Pio XII abria as portas e convidava a «arte dos nossos tempos» a «acrescentar a sua voz ao admirável concerto de glória que os génios cantaram à fé católica nos séculos passados» — com uma condição, porém: que se pusesse «ao serviço dos edifícios e ritos sagrados com a devida reverência e honra».

Quer a Instrução do Santo Ofício, relembrando um preceito do Código de Direito Canónico, que «na edificação e reparação das igrejas se guardem as formas consagradas pela tradição cristã e as leis da arte sacra». Isto, porém, não exclui o estilo novo; visa a garantir aquilo que nas igrejas resulta do dogma, do culto, do carácter, da função. Não tolhe a evolução, defende os valores autênticos de toda e qualquer igreja. Numa palavra, assegura a funcionalidade.

Valores permanentes

Há valores permanentes que nenhuma igreja, qualquer que seja o seu estilo, poderá menosprezar. Permanentes como a Fé e o Culto católicos. Se os não exprime com clareza, não está plenamente realizada.

É, em primeiro lugar, o carácter sagrado. É o valor específico, por excelência. Define-a e exprime-a. Sempre aparentada com a expressão artística da época, este distingue-a de todo e qualquer outro edifício. É ele que cristianiza a paisagem, eleva e espiritualiza as nossas povoações.

É também a nobreza, a dignidade, a espiritualidade, a beleza. Não como coisa adventícia, artificial, acessória (logo, falsa); antes como uma espécie de esplendor íntimo, espontâneo, ia a dizer ontológico, que nasce da verdade, harmonia e justeza de todos e de cada um dos elementos. Como o cântico único de muitas vozes, ou a luz branca composta das sete elementares, ou a árvore de muitos ramos.

É ainda a tranquilidade, a segurança, a estabilidade da Fé Católica, fundada sobre a rocha de Pedro. Uma igreja é porto de salvação para os náufragos da vida, abrigo de paz para os fugitivos do erro, da dúvida, do pecado, apoio seguro para os que hesitam e receiam.

Temos de confessar, acompanham mais vivamente o progresso, ou (para aqueles de fé inabalável no passado que não crêem nele) a evolução da arte, os edifícios profanos. Assegura a maior estabilidade da expressão das igrejas o seu carácter sagrado. Não se lhes deve tocar senão de mãos erguidas, com respeito. As igrejas prestam-se mal a experiências temerárias: as suas pedras foram beijadas por gerações sucessivas. Não são pedras mortas, mas vivas.

O velho Vitrúvio estaria aqui do lado dos tradicionalistas, preconizando o seu aforismo : «estabilidade, utilidade, antiguidade».

Não deve esquecer-se, por fim, que são para o público cristão as igrejas novas, e não para um pequeno grupo hermético de artistas. Poderiam estes ter razão, antecipando-se ao tempo; mas as igrejas novas estariam funcionalmente erradas se o povo não as pudesse compreender. O cristão não vai à igreja para gozos de arte; vai para rezar, para chorar talvez, também para cantar. A arte aqui é serva do culto.

Tem assim a igreja de manter uma certa coerência com o ambiente, com a cultura, com o sentimento popular. Coerência que não significa traição às exigências de uma arte viva; quer dizer que não pode isolar-se num esoterismo desdenhoso, a sua linguagem deve ser inteligível ao público fiel. Como Pio XII ensinou na encíclica Mediator Dei, numa igreja o artista deve ter mais em conta as exigências da comunidade cristã, que o seu juízo e gosto pessoal.

Valores modernos

Não quer isto dizer imobilidade das igrejas. Na citada Instrução, apontam-se outros valores, que se poderiam chamar modernos. Correspondem a maior aprofundamento da noção de igreja (digamos, da sua funcionalidade) e a certas exigências do espírito do nosso tempo.

Diz assim a Instrução: — «Na construção dos templos atenda-se à comodidade dos fiéis, de maneira que possam participar dos divinos ofícios com melhor visão e disposição de espírito; brilhe também uma igreja moderna pela bela simplicidade das linhas, que foge dos ornatos de mau gosto, mas

evite-se tudo o que mostre neglicência na concepção e na execução».

Comecemos pelo espaço na igreja. O renascimento contemporâneo da liturgia veio chamar a atenção para a necessidade de traduzir melhor na arquitectura das igrejas as realidades da vida cristã. E logo surgiram, entre outros, estes dois valores: o altar e a assembleia dos fiéis.

O altar é o coração da igreja. Esta nasce dele e em função dele. Tudo deve derivar do altar e convergir para o altar.

E os fiéis reúnem-se em volta do altar para participar nos ofícios sagrados, em especial no sacrifício e na comunhão de Cristo.

Daqui a preocupação moderna de, por um lado, dar toda a importância e relevo ao altar (com o sacrário), fazendo dele realmente o centro vital da igreja, e, por outro lado, aproximá-lo da assembleia dos fiéis e esta dele.

Nas grandes igrejas de influência jansenista frequentemente o altar ficava muito distante dos fiéis, e estes repartiam-se pelas capelas e braços laterais, sem que muitos vissem o altar nem se vissem uns aos outros. A multiplicidade dos altares vinha ainda acentuar esta dispersão e distância.

Atenuava-se assim, e até se perdia no espírito dos fiéis, o significado místico das igrejas católicas, a belíssima realidade da vida sacramental cristã, a união de todos com Cristo.

Cada igreja significa e realiza a unidade do povo católico. Um só Cristo, um só altar, um só rebanho, um só pastor. No altar renova-se e perpetua-se o sacrifício da Redenção; por virtude dele, é-nos comunicada a vida de Cristo; todos os que comungamos o Corpo de Cristo fazemos um só com Ele.

Outro valor moderno é a simplicidade. O gosto contemporâneo aprecia sobretudo, aquele género de beleza (haverá outro?) que resulta do esplendor da verdade.

Simplicidade não é equivalente de pobreza, de nudez, de carência, como se poderia julgar por certas igrejas que parece não foram ainda acabadas.

A simplicidade resulta da justeza, da pureza, da unidade. Só se consegue por esforço humilde de selecção, de renúncia, de purificação. Repugna-lhe a afectação, o artifício, a grandiloquência.

Citarei ainda outro valor, que se confunde com a simplicidade — a sobriedade. Procede do mesmo princípio. Atrever-me-ei a apelidá-lo de aristocrático. Vale pela nobreza, pela discrição, pela medida. Exige apuramento, purificação, ascética.

Modernidade e Tradição

Pensaria mal quem pensasse: a Instrução sobre Arte Sacra decreta a morte da arte nova, da arte viva. A Instrução não quer ser uma lição de arte, pretende apenas definir certos limites impostos pela natureza das igrejas, o que ela chama a «tradição eclesiástica»

Nunca a Igreja oficializou um estilo como seu. Este nasce do ambiente cultural, da técnica e do material: é-lhe estranho. Não só ela não condena o moderno, mas o acolheu em todos os tempos. Pois não foram modernas em seu tempo as obras consagradas do passado?

Há em nossos dias o sentimento de certa fadiga dos motivos envelhecidos, o desejo vivo de melhor adaptação das formas de arte às condições da vida, o gosto mais marcado da sinceridade, da clareza, da simplicidade. Negar-se-á audiência a tais aspirações? E não traduzem elas a presença do próprio princípio da criação artística?

O mesmo documento que manda respeitar «as formas consagradas pela tradição cristã e as leis da arte sacra» admite e supõe que «tome formas novas» a arquitectura sagrada. Novo, moderno, se tem verdadeiro valor artístico, não se confunde com directivas efémeras, modas passageiras, atitudes polémicas, exercícios habilidosos, extravagâncias de escândalo. Sobretudo numa igreja, que não é «atelier» de ensaios. Novo, hão-de ser coisa viva e vital, linguagem sincera como a própria voz, dom humilde e generoso do artista, na obra realizada.

Arte que se não renova é arte morta. Mas só se renova o que de algum modo se conserva. Como a vida que se renova incessantemente, rejeitando os elementos gastos e assimilando outros novos.

Tradição significa etimològicamente alguma coisa que se entrega. É capital de ciência e cultura a experiência das gerações anteriores - confiado aos novos para o desenvolver e enriquecer. Sem ele, a arte seria um principiar sem fim. Está na base de todo o progresso artístico, como os alicerces dum edifício, que se não vêem mas o sustentam.

O prejuízo da novidade

Há, porém, um prejuízo que mata a arte nova, o prejuízo da novidade. Consiste no gosto da novidade pela novidade. A obra de arte vale, não pelo seu valor intrínseco, mas porque é diferente. Renovar seria sempre destruir. Não pode haver progresso, mas um constante recomeçar.

Este prejuízo negaria assim todos os valores autênticos. Definiria a arte por aquilo que é negação dela; ou melhor, segundo a expressão de certo autor francês, defini-la-ia por «aquilo que é a parte mortal das coisas, que é exactamente a sua qualidade de ser novas».

É este o prejuízo de muitos contemporâneos. Provém do vazio interior, da incapacidade de julgar e contemplar a obra de arte naquilo que a constitui, da ausência de cultura sólida. Tomam as tendências

por valores, a moda artística por arte viva, a extravagância por originalidade.

Já foi notado que tal prejuízo opera como certos venenos excitantes que acabam por ser mais necessários que todo o alimento, e à força de exigirem cada dia maior dose matam o doente.

O prurido de novidade como critério de valor exige mudança contínua que esgota a arte.

Novidade autêntica é originalidade profunda, criação sincera, harmonia viva. O artista verdadeiro nunca faz obra igual, mesmo quando faz a mesma.

Tradição e estagnação

A arte sacra, fundada sobre a tradição, deve a si própria, mais que qualquer outra, ser arte viva. Nenhuma forma de arte tem a exprimir coisas mais sublimes. Com a humildade, é certo, dos que se não ouvem a si próprios. Na Igreja a arte fala, para que seja ouvida outra vez, a grande voz da alma cristã.

Mas falará verdadeiramente tanta obra que por aí se ostenta, falsa como as flores de papel de muitos altares obra realizada sem drama interior, reprodução impessoal de tipos convencionais, expressões adocicadas, postiças, sem vibração sincera de vida?

Se são de reprovar igrejas, imagens e representações modernas que «parecem, no dizer de Pio XII, deformações e depravações da arte sã», não é menos de reprovar «que se exponha (cito palavras da Instrução sobre Arte Sacra) à veneração dos fiéis, sem ordem nem gosto, ou nos próprios altares ou nas paredes contíguas às capelas, uma profusão de estátuas e imagens de pouco valor, tantas vezes feitas em série».

As igrejas de Lisboa não estão isentas desta corrupção do senso artístico e cristão. Introduziu-se com o progressivo abandono da vida litúrgica. É fruto duma religião superficial, toda feita de devoçõezinhas, sem corrente viva de Fé e Comunhão com Cristo.

Disse atrás, a arte sacra deve tornar-se inteligível à comunidade cristã. Mais, deve ajudar à sua vida litúrgica. Isto implica que tem por sua vez de a educar, de a encaminhar para as fontes puras, de lhe sugerir e facilitar a purificação dos sentidos.

Coerência com a comunidade dos fiéis, sim. Mas coerência sem quebra da virgindade da arte, para a realização do próprio fim.

Arte Viva

Nasceria morta a arte que se limitasse a contrafazer este ou aquele estilo, a copiar qualquer forma, seja já usada e gasta, seja com nota de modernidade.

Arte viva, a respeito duma igreja católica, significa senti-la em todas as suas dimensões; realizá-la com humildade de modo racional, na linguagem adequada e com estilo próprio, submetendo-se às exigências materiais, funcionais e espirituais; é pensar dentro de si o mistério cristão, e procurar a expressão mais clara para o traduzir plasticamente, com verdade, respeito e devoção.

Antes de ser realizada, toda a igreja verdadeiramente viva tem de ser concebida no espírito e no coração do autor.

E no acto doloroso da concepção é preciso que passe Cristo, como uma aparição de luz e de graça.

Patriarcado de Lisboa
O grave problema das igrejas no Patriarcado de Lisboa
D. Manuel Gonçalves Cerejeira
(15.Dez.1959)

em "Obras Pastorais, quinto volume 1954-1959" (Lisboa: União Gráfica, 1960), pp.63-90.

I A Igreja e a Paróquia
O problema essencial das igrejas

Em 12 de Novembro de 1592, na Carta Pastoral em que instituiu a obra Domus Dei para a construção de novas igrejas, sua Eminência o Senhor Cardeal Van Roey, primaz da Bélgica, escreveu: "o remédio mais eficaz contra a descristianização das massas, e o primeiro a aplicar, é a construção dum centro paroquial, com a sua igreja própria e as suas obras adaptadas, em toda a parte onde o bem espiritual dum número respeitável de fiéis o exige".

E em 1957, num livro que fez sensação, sobre as dimensões das paróquias e as contradições do apostolado nas cidades, - verdadeiro grito de alarme! – Paul Winninger, o superior do Seminário de Filosofia de Estrasburgo, não receia escrever, em conclusão de longo e documentado inquérito: - "Construir igrejas não resolve nada imediatamente, mas permite esperar tudo, empreender tudo, sair da rotina e do círculo vicioso das contradições mortais. Nenhuma técnica moderna, nem o impresso nem o filme; nenhuma fórmula, nenhuma reunião, nem de bairro nem de casais, nenhum conhecimento, nem inquérito, nem sondagem; nenhuma presença, nem na oficina nem no sindicato; nenhum empreendimento, nem temporal nem espiritual; nenhuma acção, nem católica, nem política; nenhuma intervenção, nem diplomática nem parlamentar; nenhuma reforma, nem litúrgica nem disciplinar; nenhuma missão, nem regional nem local; nenhuma arte, nem sagrada nem profana; nenhuma cerimónia, nem solene nem íntima; nenhuma pregação, nem kerigmática nem bíblica; nenhum movimento, nem de jovens nem de adultos; nenhuma beneficência, nem em géneros nem em dinheiro; nenhuma santidade mesmo, nem activa nem contemplativa, conseguiram penetrar nem penetrarão jamais as massas urbanas se nos não submetermos primeiro à natureza das coisas, isto é, ao estabelecimento desses grupos naturais, necessariamente limitados sob pena de cessarem de ser naturais, que são eficazmente, desde há perto de 2000 anos de cristianismo, as paróquias".

É com efeito toda a experiência da Igreja a confirmá-lo. Sem sacerdote e lugar de culto, um centro de evangelização, formação, comunhão e irradiação, a Igreja não será implantada. Com ele, haverá lugar para todas as formas de apostolado; sem ele, elas resultarão ineficazes. Faltar-lhes-á o quadro natural para conservar e desenvolver a vida cristã.

Impressionou o mundo o exemplo heróico dos padres operários, como uma aurora de esperança cristã na região sem estrelas do trabalho. Na raíz porém da sua falência, estará a falta da capela como sítio de encontro de Deus e dos homens, e de comunhão destes entre si, bem como a da comunidade sacerdotal.

A descristianização das grandes concentrações humanas explica-se, em grande parte, por este facto: a igreja e o padre não acompanharam o movimento da população. A fórmula exacta, como já foi notado, não é talvez que as massas deixaram a Igreja, mas sim que elas não encontraram igreja.

Pelo menos uma igreja viva: uma igreja em escala humana e cristã, centro de acolhimento dos que chegam, comunidade fraterna dos que estão, lar comum de fé e de caridade.

O actual, ardente empenho da Santa Sé em promover a assistência religiosa aos emigrantes nasce certamente do mandato de Cristo de levar o Evangelho a toda a parte; mas actualiza-o o reconhecimento do facto : que onde faltam o sacerdote, a igreja a paróquia, morre a vida e logo a fé cristã.

Em sentido contrário, tem sido muita vezes apontado que foi a sua presença que salvou o cristianismo dos emigrantes católicos da América do Norte e do Canadá, em tempos em que ele começava a morrer nos países de origem. E quem algum dia visitou os centros portugueses da América, não pode deixar de reconhecer isto: que a igreja e o padre português, isto é a paróquia pessoal que maternalmente os recebe no seu seio, salvaram a fé e a tradição de soçobrarem num mundo social e religioso que deveria matá-las.

Até na nossa Lisboa, de "muitas e desvairadas gentes", quero dizer, a Lisboa dessas paróquias grandes em que os paroquianos paradoxalmente não cabem, porque se não sentem viver nela e dela – na nossa Lisboa se tem verificado o facto: que as igrejas novas logo se enchem sem que se esvaziem as antigas.

Igreja, sacerdote, paróquia

Igreja, sacerdote, paróquia. Nada pode, na edificação da cristandade, dispensá-los – Sem igreja, Deus, o Deus vivo do Evangelho, Salvador e Redentor dos homens, Caminho, Verdade e Vida – Deus não estará no meio dos homens, não habitará connosco , não poderá ser chamado o Emmanuel.

A igreja é a casa de Deus, onde o Pai que está no céu nos acolhe, por intermédio de Seu Divino Filho ali presente; é o receptáculo normal do Espírito, onde Ele se nos comunica: é a mesa familiar, onde os filhos de Deus comem o pão vivo, o "pão da vida".

E sem o sacerdote, poderá haver apóstolos leigos que serão como S. João Baptista: os precursores, os que tiram as pedras do caminho, as vozes que clamam no deserto. Mas faltarão os que têm as palavras da vida eterna; os que partirão o pão, o Pão divino, o Pão descido do céu, aos que têm fome; os que possuem as chave do reino do céu. O padre é Cristo passando entre os homens, luz do mundo e sal da terra. A sua presença é presença divina; ele ilumina, ele santifica, ele liberta, ele salva.

Obra sobrenatural, a obra de cristianização terá necessariamente de assentar sobre a construção da igreja, fosse ela embora provisoriamente uma barraca. Tudo que vai para Deus, há-de partir de Deus. Por intermédio de Jesus Cristo, presente na igreja e no seu ministro. Sem Ele nada poderá ser feito, ninguém irá ao Pai.

É a paróquia, segundo a definição conhecida, a "célula da Igreja". Pode começar num modesto lugar de culto, com um sacerdote residente, como miniatura ou germe. Mas, como a palavra "célula" significa, é por meio dela que é edificada a cristandade, o povo fiel de Deus, o rebanho de Cristo.

A paróquia engloba, igreja, sacerdote e fiéis. Constitui a comunidade elementar, que vive da fé, da esperança e da caridade cristã. Ela nasce na mesma pia baptismal, alimenta-se na mesma comunhão, instrui-se na mesma cadeira paroquial e dilata-se na mesma acção católica e assistencial.

Quem diz comunidade, supõe unidade de direcção, comunhão de ideias, união de corações, reunião de esforços.

Comunidade paroquial requer tudo, ao sopro do Espírito Santo, na comunhão do Coração de Cristo. É família, é escola. Comunidade em que a acção sacramental e pastoral do pároco chega directamente a todos os membros, e em que a igreja é seio quente onde todos se sentem na casa comum do Pai e dos filhos, como em casa própria.

Aqui o cristão toma consciência das suas responsabilidades de membro da Igreja e exercita-se como soldado de Cristo na extensão do reino de Deus.

A escala ideal da paróquia

Mas para que a paróquia seja tudo isto, verdadeira "célula da Igreja", importa que ela tenha as condições naturais; isto é, feita segundo a escala humana e cristã. Ela, para ser eficaz exige o contacto pessoal, a comunhão autêntica na fé e na caridade, um núcleo vivo de vida sacramental e missionária.

Foi assim que ela nasceu e fez cristandade, ou, por outras palavras, implantou e sustentou e dilatou a Igreja. Sem ir mais longe, basta lembrar o Concílio de Trento, ao reformar a paróquia, na 24 "sessão", quer que o pároco possa conhecer as suas ovelhas. Esta mesma doutrina foi consignada no Código do Direito Canónico, no cânon 467, § I. É exigência da natureza comunitária e apostólica da paróquia. Na carta de Julho de 1953, enviada pela Santa Sé à Semana Social do Canadá, define-se a paróquia: "a primeira comunidade da vida cristã, uma comunidade ajustada humanamente de tal modo que o pastor conheça o seu rebanho e o rebanho o seu pastor".

Modernamente alterou-se em todo o mundo esta proporção humana – e a paróquia perdeu a sua eficiência. Com a industrialização e a concentração urbana das capitais formaram-se rapidamente grandes aglomerados humanos, sem que as paróquias aumentassem no mesmo ritmo. O capitalismo materialista, visando apenas lucro, construiu fábricas, mas esqueceu igrejas. Massas humanas de desenraizados se acumularam, sem que encontrassem a recebe-los o lar quente duma comunidade cristã irradiante de fé e caridade. A descristianização foi consequência.

Havia, é certo, as paróquias antigas, que se tornaram excessivamente grandes. Crescendo desmedidamente, quebrou-se o vínculo de caridade constituinte da verdadeira comunidade cristã. O pastor desconhecia as ovelhas e estas o pastor, como as ovelhas umas às outras. Se sucedia ir alguma vez à igreja, o adventício sentia-se nela estranho; e ainda quando a igreja estava cheia, ela reunia apenas pequeno grupo (em relação à multidão ausente), as mais das vezes anónimo. As grandes paróquias converteram-se em direcções gerais de administração de sacramentos e obras várias.

O problema é especificamente urbano. Qual a escala humana de uma paróquia citadina? Winninger estabelece 5000 almas a unidade-tipo da paróquia urbana. Disse unidade-tipo, porque seria erro converter uma dimensão humana em problema matemático. Variarão as circunstâncias, e daí uma certa elasticidade. Mas todos reconhecem que onde seja impossível a presença sacerdotal e o contacto apostólico, não poderá formar-se paróquia, ou pelo menos o centro comunitário irradiante. São razões pastorais, psicológicas e sociológicas que obrigam a tender para aquele número ideal.

A unidade tipo de 5.000 não é rigorosamente a ordem de grandeza da paróquia, mas antes, como explica o mesmo autor, a de " um grupo humano sobre o qual pode irradiar eficazmente um lugar de culto servido por um ou vários padres". Winninger admite uma margem que suba até 8.000. Outros elevá-la-ão mesmo a 10.000 e até 12.000. O Papa Pio XII, de gloriosa e santa memória, falando em 1952 aos párocos e pregadores de Roma, afirmou que não sem razão se consideram sobrecarregadas as paróquias de 10 000 almas para cima. E a Circular de 25 de Março de 1954 da Comissão Central para a Arte Sacra, enviada aos Bispos italianos, sobre as dimensões dos edifícios para o serviço paroquial (à qual o Ministério das Obras Públicas deu o seu parecer favorável) determina que acima de 12.000 almas, a paróquia seja dividida. "Paróquias de 15.000 almas, dirá Winniger, são monstros". As megalópoles contemporâneas tornaram-se "agentes de descristianização".

A luta contra as megalópoles

O escândalo da descristianização e o sentido duma pastoral missionária obrigaram a lutar, em toda a parte, contra tais paróquias gigantes, construindo igrejas. Impôs-se a verdade que "construir igrejas é plantar a Igreja". É conhecido o esforço retumbante do falecido Cardeal Verdier: - logrou ele construir 132 igrejas; apesar desse êxito inédito, a proporção média da população das paróquias de Paris-cidade é ainda da ordem de 30.000 almas, a da "banlieue" da ordem de 20.000; contando também os lugares de culto, atinge-se a média de 15.000, e era propósito do Cardeal Verdier, prosseguido após a sua morte atingir a média de um lugar de culto pelo menos, para 10.000 almas.

É mais próximo do de Lisboa o caso de Milão. A sua população era em 1957 de 1.380.000, e não faltam lá também paróquias da escala de 40 a 50.000. Segundo o plano do Comitato pro Templi Nuovi, previa-se em 1955, além das igrejas já construídas, 60 igrejas novas: mas este número não conseguirá no futuro fazer baixar a média das paróquias aquém de 15.000. Tal perspectiva não satisfaz o zêlo do actual Arcebispo Senhor Cardeal Montini, que pensa que a reconquista das cidades, nomeadamente do mundo operário, depende da multiplicação das igrejas à razão ideal de cada uma para 4 a 5.000 almas; e procura resolver o problema com a construção de capelas.

Bruxelas tem a média de 12.000 habitantes por paróquia (como Roma, a cidade, porque nos subúrbios a média é mais elevada), e apenas 11 contam mais de 20.000; nenhuma porém atinge algarismo de 30.000. Todavia em 1952, o Senhor Cardeal Van Roy, cuja enorme Diocese de 895 paróquias e capelanias não tem senão 80 paróquias que excedem 10.000, sendo a imensa maioria, exactamente 709 naquela data, de menos de 5.000 - o Cardeal Van Roy lançava o grito de alarme e criava a obra Domus Dei para a construção de mais igrejas.

II A nova divisão paroquial de Lisboa

Critérios da divisão

A nova divisão das paróquias de Lisboa, decretada em 25 de Março do corrente ano de 1959, foi cuidadosamente elaborada sobre as bases hoje aceites da urbanística e da pastoral, quanto o permitiam as condições de uma cidade já feita. Exigiu dois anos de trabalho, em que colaboraram os serviços de urbanização da Câmara Municipal, a Direcção da administração civil do Estado e do Patriarcado de Lisboa.

Tenho como especial graça do céu esta cooperação, e o resultado dela como um dos actos mais importantes do meu episcopado. Não só ela tornou possível a conformidade dos limites eclesiásticos e civis das paróquias, pelo menos que a população de uma paróquia se não distribua por várias freguesias civis, mas (o que vale mais ainda) reduziu as paróquias antigas sobrepovoadas e implantou convenientemente as novas. É resultado que dificilmente tem sido alcançado noutras cidades. Não foi o ideal, mas foi certamente um grande, extraordinário passo para a boa pastoral paroquial.

Já no Decreto que promulga a nova divisão se definiu o critério seguido. "Procurou-se delimitar a área das paróquias pelas divisórias naturais ou urbanísticas, de forma a cada uma poder realizar, quanto possível, o ideal de comunidade humana e cristã. Dentro dessa área procurou-se que fosse garantida, além do apetrechamento indispensável à vida humana, constituído por escolas elementares e centos de pequeno comércio e diversões, a existência duma igreja paroquial convenientemente localizada a menos de 10 minutos de caminho a pé. Estas exigências levaram a moldar a divisão paroquial sobre a divisão urbanística".

A situação paroquial de Lisboa antes da divisão

A divisão paroquial de Lisboa datava de 18 de Julho de 1885, e abrangia 43 paróquias. Já durante o Nosso governo episcopal foram criadas mais 6, a saber: a do Santo Condestável em 1934, a de Nossa Senhora da Penha de França em 1937, a de Santo António de Campolide em 1938, a de Nossa Senhora de Fátima em 1938, a de S. João de Deus em 1953, e a de S. João de Brito em 1955. Eram ao todo 49 paróquias para uma população de 783.226 almas segundo o censo de 1950, mais rigorosamente de 860.360 segundo os cadernos do inquérito municipal de 1956. Daqui se vê já a sua

inadequação pastoral: uma média da ordem dos 17.000 por paróquia (17.557 média exacta).

A população aumentara de mais do dobro desde o princípio do século, e as paróquias apenas aumentaram de 6. Era em 1900 de 355.942 almas a população da cidade, para 43 paróquias, com a média portanto, por paróquia, de 8.300.

E não só aumentou, mas ainda aumentou irregularmente, esvaziando-se o centro da cidade conquistado pelo comércio e acumulando-se na periferia, nos bairros modernos. Assim, enquanto (para citar um exemplo típico) a freguesia central de S. Julião, só no período do meu governo episcopal, isto é, desde 1930, caiu de 3.487 a 563, e a da Penha de França ascendia de 23.487 a 59.950, quase o triplo. Sucedeu pois, que, segundo já foi dito no Decreto que promulgou a remodelação paroquial, «ao lado de muitas pequenas paróquias da cidade velha, se encontram algumas da cidade nova com populações da ordem de 30, 40, 50.000 e mais almas«.

A nova divisão paroquial

Pela remodelação decretada foram criadas 15 paróquias, unidas 2 a outras e suprimida 1, o que eleva o número a 61. Houve em vista duas coisas: que as paróquias fossem descongestionadas, alcançando-se que não ultrapassem em média a escala de 14.000 paroquianos (o que já era muito, sem ser bastante), e que a sua área fosse delimitada pelas divisões naturais ou urbanísticas "de forma a cada uma poder realizar, quanto possível, o ideal de comunidade humana e cristã".

Esta divisão é apenas a primeira fase do plano paroquial da Lisboa Nova. Está já concluído o estudo de uma segunda fase, e só espera oportunidade de ser executado, da erecção de mais 9 paróquias, o que fará subir o seu número para 70. A sua criação imediata reduziria a média geral a cerca de 12.000 por paróquia.

E está em elaboração o estudo das zonas a urbanizar segundo o Plano Director, - a terceira fase - o qual trará, de harmonia com os critérios estabelecidos, mais 13 paróquias novas. Mas seria de desejar que ao menos ficassem garantidos locais para capelas satélites, visto que a escala paroquial é ainda excessiva.

A Lisboa Nova está prevista para uma população redonda de 1.100.000 pessoas, com 83 paróquias. Se o Plano Director for realizado como foi concebido, a média de pessoas por paróquia não deve ultrapassar a casa dos 13.000.

É ainda muito? Milagre foi poder obter tanto, numa cidade já feita. Durante muito tempo, será até demasiado, por falta de igrejas e de clero.

Haverá de se desistir? Deixemos aos de pouca fé abandonar ao paganismo terra que foi de cristãos. O que se antolha impossível aos homens, pode-o Deus. E Deus prometeu que nos será dado na medida da nossa fé. Lancemos à seara do Pai celeste as sementes do futuro, generosamente, corajosamente, confiadamente. Não trabalhemos na obra de Deus como se fôramos pagãos, como se julgássemos que tudo depende só de nós e que Deus não trabalha connosco, quando trabalharmos para Ele. Quando há trinta anos nos lançámos na obra dos Seminários, já ouvíramos o velho do Restelo anunciar que era loucura.

Capelas satélites

Aquela média de 13000 almas por paróquia fica ainda a possibilidade de ser reduzida, como em Paris, em Bruxelas, em Milão, e outras grandes cidades se tem feito, com o recurso a centros de culto devidamente assistidos. É ocasião recordar o que foi dito acima: que a unidade ideal 5000 almas não é propriamente a ordem de grandeza da paróquia, mas a da comunidade cristã missionaria.

Tal recurso torna-se necessário quando seja possível assegurar-lhe padre residente, com a faculdade de realizar os actos religioso próprios das paróquias, como naquilo que Milão chama vicaria curata.

Dividir uma paróquia de 13000 em duas ou três fica entre nós no domínio ideal. Mas isto não obsta a que se acautele o futuro procurando desde já, nas paróquias excessivas, garantir terreno ou casa para o futuro.

Há certo preconceito contra as capelas. São acusadas de causarem a desagregação das paróquias. Outras razões se poderiam aduzir, válidas para muitas capelas tais como hoje funcionam. Mas o que se pergunta é se uma paróquia excessiva pode realizar a sua missão, e se um vicariato não faz o que ela deixa fazer, isto é, levar a Igreja ao povo, que não vem a ela, introduzi-la no meio dele.

Um exemplo: o Comitato pro Templi Nuovi de Milão tinha em 1937 estabelecido o seguinte critério de trabalho, "para assistência religiosa conveniente uma paróquia não deve exceder 15.000 almas para uma superfície de 60 hectares"; hoje está fixado como lei que "o edifício do culto, que é em função dos homens, deve seguir os habitantes onde quer que estes se estabeleçam, mesmo se for fora do plano de urbanismo; desde que um núcleo estável de 3 - 4.000 pessoas se estabeleceu, tem necessidade duma igreja própria, pelo mesmo título que um bairro de 15 - 20.000 habitantes no interior duma zona do plano".

III O gravíssimo problema das igrejas no patriarcado

A notável obra já realizada

Não tem o Patriarcado de Lisboa ficado alheio a este movimento, embora sem o rigor científico com que o Instituto Católico de Estudos Socio-Eclesiais dos Países Baixos, por exemplo, elabora os plannings de igrejas novas. Aqui imperou a urgência local e o zelo do clero e dos fiéis. Creio que o inventário de tudo o que se tem feito, constitui um quadro de honra para eles.

Contando a partir de 1930 (a restauração da Igreja Lisbonense, desvastada pelas revoluções de 1910, que teve a sua expressão jurídica na lei de separação, deverá considerar-se iniciada em 1918 com a Lei Moura Pinto, mas só após a lei da «personalidade jurídica» de 6 de Julho de 1926 e a mudança de orientação política pôde começar a ser tentada em mais larga escala), contando a partir de 1930, até onde remontam os elementos obtidos, construíram-se de novo, para servirem aglomerados importantes de população, que não tinham lugar de culto, ou era insuficiente, ou estava arruinado, 25 igrejas, sendo a primeira a de Nossa Senhora de Fátima, inaugurada em 1939, e a última, a inaugurar ainda este ano, a paróquia de Aveiras de Cima, no concelho de Azambuja. E está já praticamente concluída a do Arripiado, e em construção as de Santa Bárbara da Marquiteira (Lourinhã), Baixa da Banheira (Moita do Ribatejo), Foros (Salvaterra), Ulme (Chamusca), Algueirão (Sintra), Maceira (Torres Vedras) e Águas de Moura (Palmela). Daquelas 25 igrejas, 3 foram construídas pelo Estado, para servirem bairros novos; e 14 foram por ele comparticipadas. São ao todo, feitas ou já em construção, 33 igrejas novas, das quais 24 sedes de paróquia. Acrescentem-se a isto mais 76 capelas públicas, construídas pela piedade dos povos, em lugares com certa individualidade, geralmente afastados da sede paroquial. Alguns destes povos constituem freguesias civis (presentemente contam-se 8) e outros não tardarão muito a sê-lo.

Para apreciar melhor todo o esforço do povo cristão do Patriarcado, forçoso é mencionar também a obra realizada na conservação das igrejas existentes. Andam por os 147 os templos restaurados ou renovados, segundo os dados recolhidos. Em alguns casos, como na Abrigada, em Alcoentre, em S. João da Talha, em Palhais a restauração foi como verdadeira reconstrução. Naquele número de 147 templos restaurados ou renovados, contam-se igrejas paroquiais.

Em toda esta empresa da salvação do património espiritual e, muitas vezes, artístico da Nação, seria injusto esquecer a colaboração do Estado, com os seus serviços e a sua comparticipação.

A obra urgente a realizar na capital

Mas o que resta fazer, em matéria de igrejas novas necessárias à evangelização do Patriarcado, é trabalho de Hércules, nas condições em que se encontra a Igreja portuguesa. Se não se tratasse da vida ou da morte da Igreja no Patriarcado, seria de desanimar.

Consideremos primeiro a cidade de Lisboa. Pelo Decreto de 25 de Março do ano corrente foram criadas mais 15 paróquias, impostas pela superlotação de muitas das existentes. Destas 15 paróquias novas, apenas 1 tem Igreja, aliás já insuficiente, a de S. Eugénio; 5 têm capelas insuficientes, onde podem temporariamente funcionar (e a estas deverá juntar-se mais a paróquia de Campolide); as restantes não tem lugar de culto, mesmo provisório, onde possam instalar-se. Isto torna ineficiente a divisão, obrigando, por exemplo, a pequena igreja de Arroios a servir de sede paroquial a cerca de 60.000 almas (56.500 em números exactos)!

Quer isto dizer que são imediatamente necessárias na Capital mais 9 igrejas. Número que será preciso elevar para 18 com a criação das 9 paróquias que foram previstas no plano da nova divisão (das quais só uma, a de St.a Ana, poderá utilizar talvez uma igreja antiga) e só a falta de igrejas e de sacerdotes aconselharam a dilatar. Estas, é preciso começar desde já a preparar a sua construção, tanto mais que a sua implantação já foi fixada nos planos da Câmara Municipal. São para já 18 igrejas novas! Para mais tarde, é de contar, além das 6 agora instaladas em capelas provisórias, e critérios estabelecidos pelo Plano Orientador da Cidade, com mais 13 igrejas, correspondentes a outras tantas paróquias, na 3ª e última fase da urbanização de Lisboa. A Lisboa Nova ficará, assim com 83 paróquias, para as quais será necessário construir 37 igrejas, ao todo. E sem falar na Catedral Nova.

As igrejas necessárias no resto do patriarcado

O problema, porém, não se põe só na Capital. Estende-se a todo o Patriarcado, mas de modo mais agudo nas regiões suburbanas de Lisboa, onde o acréscimo populacional tem excedido o da própria Cidade. É da ordem de 139% a percentagem do aumento em conjunto de Lisboa e área suburbana durante meio século (de 1890 a 1945), o que significa que a população cresceu de mais do dobro; neste período subiu de 400.000 para cerca de um milhão. Alguns exemplos: em menos de trinta anos, desde 1930 a 1958, o concelho de Sintra passou de 37.980 almas para 75.219; o de Cascais de 22.523 para 54.851; o de Almada, de 23.994 para 59.770. Isto faz que, no aspecto da presença da Igreja, a África esteja às portas de Lisboa. Às portas? dentro mesmo de

Lisboa. Digo a África a que não chegou ainda a boa-nova do Evangelho.

Faltam presentemente, fora de Lisboa, cerca de 46 igrejas, (segundo recente inquérito) contando só aglomerados que sejam já paróquias ou se preveja o venham a ser, em data próxima. Os planos de urbanização, que atendem ao futuro, farão certamente elevar este número: aqui atendemos apenas à necessidade presente, imediata. Nem se contou com a rigorosa divisão urbanística. Note-se que naquele número se encontram 10 paróquias sem igreja paroquial, instaladas em pequenas capelas, e sem capela sequer (a de Marateca utiliza para sede um antigo celeiro, em Águas de Moura); e Queluz, para uma população que já ultrapassa 8.497, utiliza a única capela de que dispõe, a pequena capela do Palácio.

Para ser completo seria preciso mencionar ainda as 9 igrejas paroquiais hoje insuficientes, que seria preciso aumentar ou substituir.

Isto pelo que diz respeito a igrejas. É mister apontar também as capelas que é urgente construir, para levar a igreja aos povos. A distância dos lugares (o da Banheira, da paróquia de Vale de Cavalos, por exemplo, dista uns bons 15 km), a sua rivalidade e independência, e o seu abandono da frequência da igreja paroquial - obrigam a ir ao encontro deles, criando centros de culto e catequese. Segundo o inquérito feito, as exigências de uma pastoral missionária reclamam 115 capelas novas.

São (com as 18, ou melhor, as 24 igrejas da Lisboa actual) cerca de 70 igrejas, e de 115 capelas, em todo o Patriarcado, que urge construir. E quanto antes! Se a Igreja não vai ao encontro do povo, este acabará por abandoná-la. Vamos à África converter os pagãos, e deixaremos, aqui na cabeça de Portugal, que se tornem pagãos os portugueses?

IV Problemas da Igreja

O programa paroquial

Um dos grandes serviços, novo e rasgado, do Plano Orientador de Urbanização de Lisboa, é o de reservar, nas zonas novas, espaço suficiente para a instalação do centro paroquial (já se lhe tem chamado, com certo favor, a cidade paroquial); dantes pensava-se apenas na igreja em quando muito, no presbitério. Limitar-se a isto equivale hoje a privar a paróquia dos instrumentos necessários à sua missão. Poderia bastar em tempos da fé tranquila e unânime; não é suficiente para a paróquia comunitária e missionária de hoje.

Atente-se na definição de paróquia: "célula da Igreja". A Igreja Católica edifica-se normalmente aí. Há-de ser quanto possível integral a acção por ela exercida. O Evangelho é para a vida toda do cristão. Igreja Católica em germe, a paróquia deve ensinar, santificar, formar, defender, sustentar os cristãos. Não se compreende só como cultual a sua missão: a isso a querem reduzir todos os que a desejam ineficaz.

Quer isto dizer que, para ser verdadeiramente uma realidade comunitária de fé e caridade, e (por isso mesmo) missionária, precisa de ter um conjunto de obras de convivência, de apostolado, de assistência e de diversão. Não conhece o nosso tempo quem pense ela possa dispensá-las. Mas conhecem-no bem todos os seus inimigos. Sem elas, cedo a igreja ficará apenas com algumas boas mulheres, e cedo ficará deserta. Só uma paróquia assim apetrechada poderá dar testemunho que impressionou os pagãos: " vede como eles se amam".

A já citada Circular da Comissão Central para a Arte Sacra da Santa Sé exige para todos os planos de igrejas paroquiais italianos, além das dependências naturais duma igreja, e do presbitério, este mínimo de edifícios: o salão paroquial (que deve ter pelo mero 1/3 da superfície destinada aos fiéis na igreja), as aulas para catequese (2 a 5 segundo a importância das paróquias), a sala para as organizações de adultos, o recreio descoberto das crianças, os serviços higiénicos. Isto é um mínimo para todas. Mas quem tenha visitado algumas das igrejas novas dos arredores de Roma notou, em redor da igreja, a existência, segundo os casos, de salões-cinema, de colégios, de salas de cursos, de salas de jogos, de serviços assistenciais, de campos de jogos. No plano duma igreja paroquial, segundo a citada Circular, deve ser logo previsto o conjunto do presbitério e do centro de obras, embora a sua realização não acompanhe a da igreja. E critério que merece a aprovação, na Itália como em Portugal, do Ministério das Obras Públicas, embora este não comparticipe na construção, mas interessado na harmonia do conjunto e na boa utilização da área. Não fixa a Circular a superfície desta. Em Bolonha foram considerados como norma 5.000 m2. Porém em Milão como em Roma a norma eleva-se a 10.000 e mais.

Pastoral Extra paroquial

O programa enunciado bastaria a mostrar que à paróquia, especialmente à paróquia urbana, se põem problemas que ela não pode resolver fechada em si mesma. O P. Houtart, director do Centro de Estudos Socio-religiosos de Bruxelas, entre outros, tem-lhes consagrado especial atenção.

Da observação ecológica dos aglomerados citadinos, quer dizer, da análise da sua estrutura, resulta este facto: a unidade psicológica da cidade. A cidade é mais do que uma soma de bairros, é um verdadeiro e complexo organismo. E este facto comanda a necessidade duma pastoral

supra paroquial. Como recentemente notava o P. Dingemans na revista de pastoral L'Union, a pastoral urbana não pode ser concebida como 'a soma das actividades semelhantes duma rede paroquial extensa'.

Além daquelas funções anteriormente indicadas, que exigem pessoal técnico, métodos especializados, obras várias e muitas vezes cooperação extra paroquial (funções que o clero adstricto à paróquia, suposto que fosse sempre competente e suficiente, não poderia realizar sem prejuízo da acção ministerial e sacramental que só a ele incumbe), há todos esses 'espaços humanos', isto é, os diversos meios de vida, os ambientes sócio-culturais, sócio-profissionais, cujas dimensões não coincidem com as da paróquia. Pense-se nos meios operários, escolares, militares, artísticos, hospitalares, etc. Tais meios são mais sensíveis à sua coesão psicológica que ao lugar de domicílio. A sua evangelização terá de ser pensada em escala não-paroquial, para ser eficaz, como faz a Acção Católica. Será por esta e pelas obras afins que eles serão integrados na paróquia.

Fala-se muito hoje na pastoral de conjunto, de bairro, de zona, de região. Vai-se reconhecendo que a paróquia, mesmo a rural, carece de ser integrada numa pastoral mais vasta. Isto vale sobretudo para a paróquia citadina. Já muitos falam para a cidade no secretariado da pastoral urbana.

A igreja nova

As condições materiais do meio católico (geralmente pobre) e espírito do nosso tempo – impõem uma revisão do problema da igreja dos nossos dias. Isto vale como afirmação geral, mas vale sobretudo para o Patriarcado.

Não falo agora do aspecto artístico, pois sobre ele já tive ocasião de me pronunciar desenvolvidamente em dicurso que teve alguma divulgação em Portugal e no estrangeiro.

Perguntava o ano passado o Senhor Cardeal Montini se não renasceria da necessidade de tantas igrejas um século de oiro para a arquitectura sacra? Mas logo, na mesma ocasião o Engenheiro Enrico Mattei, presidente do 'Comitato Chiese nuove', denunciava que a arquitectura sacra se acha ainda presa aos velhos cânones da monumentalidade.

Não é mais possível pensar, salvo casos de excepção, como catedrais, santuários célebres por exemplo, em igrejas que se imponham pela sua medida de grandiosidade e de sumptuosidade. Quer pelo custo, quer pelo número de igrejas a construir, faltam os meios necessários. Acrescente-se a isto a urgência da construção. Urgência da construção de perto de 200 lugares de culto no Patriarcado, sob pena de ele recair no paganismo.

Mas ainda que abundassem os meios, tais igrejas, sobretudo nos meios de trabalho que se adensam em volta de Lisboa, não seriam as mais aptas hoje, para levar a mensagem cristã às almas. Uma corrente de purificação evangélica penetra o nosso tempo, a qual se traduz aí no culto litúrgico, na vida sacramental, na autenticidade do testemunho. A igreja simples, ia a dizer franciscana, clara, alegre, acolhedora, transparente de verdade, corresponde melhor ao estado de espírito contemporâneo.

Vários, como o P. Regamey em França, têm-se batido por esta renovação. Ela conduz facilmente a possibilidade da igreja económica, mais da escala do homem comum, que nela se não sente estranho. O arquitecto precisa para tal de se instruir e purificar interiormente na assimilação da espiritualidade da liturgia católicas. Não sofrerá com isso a arte: arte e riqueza não está provado que sejam sinónimos.

E suposto que a arte sofresse, não deve esquecer-se jamais que a igreja é para o povo, não para a arte. Primeiro que tudo, está a salvação das almas. Com tal fim foi organizado em Milão um grupo de arquitectos, como há em Bolonha, para o estudo de uma ou mais soluções-tipo, de carácter geral, e daqui algum tanto impessoal. Talvez em Lisboa se imponha como necessária, diante da grandeza do problema das novas igrejas, uma medida semelhante. E em certos casos mais urgentes, porque não recorrer a igrejas ou capelas e até anexos pré-fabricados? Noutros países, bem mais ricos, não se tem hesitado.

V Responsabilidades Diocesanas

Em 1955, ao inaugurar a igreja de S. João de Brito, tive ocasião de dizer que este problema das igrejas no Patriarcado é 'um caso sério de salvação nacional'. Trata-se de ocupação cristã da terra portuguesa. O problema aqui, como em relação ao do Clero, põe-se nestes termos, tomando palavras célebres: ser ou não ser. Continuar ou não a ser cristã uma grande parte da gente que foi levar às diversas partes do Mundo a Fé.

Pesa sobre os cristãos do Patriarcado de Lisboa todo o peso desta pergunta: quando a África portuguesa fôr inteiramente cristã, não será pagã grande parte do Patriarcado?

Há justamente um ano em Milão o Senhor Cardeal Montini, seu arcebispo, pedia a associações, a empresas e a particulares que tomassem sobre si a construção de novos templos. Vários com efeito assim lá vão surgindo, ao lado dos construídos segundo o "planing" do Comitato diocesano.

É mais pobre o nosso meio e incumbe aos fiéis toda a sustentação do Clero, Seminários, culto e vida da Igreja.

É encargo oneroso e constante que, na Europa católica, só existe assim exclusivo, em França e em

Portugal. E injustiça seria esquecer o que eles têm realizado em milagres de generosidade.

Mas todos? Seja perdoado a quem é pastor de suas almas e tem de responder por elas, perguntar a muitos, que se confessam filhos da Igreja e a Providência tem cumulado de bens: que têm feito eles pela Igreja, pelo reino social de Cristo?

Esta obra da construção das igrejas novas exigirá certamente algumas medidas a tomar, no plano diocesano, como o Secretariado para as Igrejas e a Comissão de Arte Sacra, para a boa organização, direcção e realização de tudo que interessa ao assunto. Mas não pode, de modo algum, dispensar o auxílio de todos. Muitas paróquias não poderão, apenas com os seus próprios recursos, levar a cabo a nova construção. Será necessário que as paróquias que não têm o problema e dispõem de recursos mais abundantes, vão em auxílio das outras. Corresponde isto aliás ao sentido hoje tão vivo da comunidade diocesana, que não compreende já o individualismo egoísta das paróquias. Como não compreende a excessiva desigualdade nas condições de vida do Clero, embora ela possa invocar certas diposições do Direito Canónico, o qual aliás corrige com a recta interpretação da côngrua sustentação.

Algumas paróquias poderão até, à semelhança do que tem sucedido noutros países, adoptar como sua alguma igreja nova mais necessitada, tomando a seu cargo os encargos da construção.

Todas, porém, são desde já convidadas a cooperar na obra das novas igrejas, num generoso espírito de solidariedade diocesana. No primeiro Domingo a seguir ao Ano Novo o ofertório das Missas em todas as igrejas e capelas do Patriarcado será feito em favor do Fundo das Novas Igrejas. A prepará-lo, os Revs. Párocos e Capelães deverão explicar aos fiéis tudo aquilo que nesta Carta Pastoral o justifica. Este ofertório realizar-se-á todos os anos no dito Domingo.

Dado em Lisboa, a 15 de Dezembro de 1959
+ M. Cardeal Patriarca

Diocese do Porto
A grande chaga do nosso tempo,
que é o proletarismo, temos de a curar.
D. António Ferreira Gomes
festa inaugural do Bairro económico de Sobreiras

em "Voz do Pastor", (10.Set.1955), pp.25-38.

Neste momento em que solenemente se inaugura a segunda parte do Bairro de Casas Económicas da Rainha D. Leonor, convidado pela Ex.ma Câmara Municipal a lançar a bênção litúrgica sobre este lugar, eu desejaria numa breve palavra traduzir e aplicar o sentido deste gesto espiritual da Santa Igreja. Sendo Deus Omnipotente e Eterno o princípio e o fim do homem, todas as realizações humanas, para serem moral e espiritualmente humanas, devem ser postas sob o Seu sinal, devem ser feitas em nome da Augusta Trindade: por isso, através dos tempos, os documentos que assinalam as grandes iniciativas e decisões, quer individuais quer colectivas, desde os simples actos notariais até às Constituições dos povos, são lavrados «em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo». E a bênção litúrgica e a invocação de que Deus habite neste lugar e na alma dos seus moradores, com todas as virtudes que Ele inspira e com as graças e favores espirituais e temporais que originária e causalmente só Ele pode conceder, essa invocação e bênção deve ficar na memória de cada um dos moradores como a profissão do primado do Espírito e como o propósito de procurar primeiro o Reino de Deus e a Sua justiça, que tudo o mais virá por acréscimo. Esta é a recta ordem: conformando-nos com ela, cumprimos a primeira tarefa do homem, que é a de bem pensar. Na catedral humana cada pedra tem o seu lugar, como cada nervura tem a sua função. Não basta porém que ao cimo dos coruchéus e acrotérios se arvorem símbolos religiosos; faz-se mister que todas as linhas de força e todas as tensões internas se orientem e convirjam para um ponto supremo de equilíbrio moral e espiritual que é o fecho da abóbada.

Mas se esta consideração geral se aplica e vale em qualquer caso e para qualquer iniciativa e realização humana, tem sem dúvida especial aplicação quando se inauguram estes blocos como parte dum grande plano habitacional da Ex.ma Câmara Municipal e, ainda mais, como momento dum fervoroso movimento que envolve e arrasta todo o país, desde o mais modesto dos cidadãos até ao Governo da Nação.

Tenho ultimamente benzido bairros de moradias para pobres, construídos por iniciativa de particulares que se querem filhos da Igreja, e como tais desejam construir, embora com a boa vontade e auxílio das autarquias administrativas e do Estado. Não tenho regateado louvores e sinto que nunca posso encarecer bastante o mérito daqueles que operosamente amam o seu próximo por amor de Deus e procuram dar às criaturas um ambiente de vida donde o Criador não tenha de estar ausente. O Património dos Pobres é efeito de riquezas de alma...

A festa de hoje, porém, merece outro e não menor relevo; e não apenas pela grande envergadura do plano que se esboça. É que ela, querendo ou sem querer, marca uma linha de rumo, que é, acima de tudo, o resgate duma orientação – ou, talvez melhor, duma desorientação – social. A grande chaga do nosso tempo – que é o proletarismo – chaga que havemos de curar, sob pena de ela gangrenar e matar o corpo social – essa chaga começou por aqui, pela habitação. O progresso industrial – com o avanço demográfico e crematístico – é contemporâneo do proletariado, que criou; mas o criou por virtude própria. Foi um falso conceito do homem e da sociedade que maculou com essa chaga o organismo industrial. Quando, no século XVIII, o Parlamento inglês por «actos privados» infinitamente multiplicados, fazia a enclosure ou apropriação em favor dos senhores daquelas terras livres de que viviam os camponeses, era isto precisamente o que se queria: a emigração em massa de rebanhos humanos para as cidades, onde a indústria pedia braços, e onde a mão de obra a qualquer preço era a condição do progresso e da riqueza da Inglaterra, dessa Inglaterra – dos outros. Mas, onde havia de ir morar essa pobre gente desenraizada dos modestos mas alegres cottages da outrora merry England? Pouco importava: um barco voltado, uma furna, uma casa de latas e velhas pranchas – tudo servia. A taberna tinha de suprir as deficiências do lar; o álcool afogaria tristezas e revoltas. Muito à puridade, chegava-se a segredar que essa aglomeração e promiscuidade, junta com o prematuro rendimento laboral das crianças, era útil à multiplicação da espécie e ao mercado do trabalho; lá estavam os economistas para doutoralmente

decretar que o aumento demográfico que se estava verificando era uma honesta consequência do aumento da riqueza pública. Estas ideias, traduzidas em francês pela Revolução, tornaram-se compreensíveis e foram aceites em todo o mundo. E assim como o liberalismo e o industrialismo, o slum inglês foi a toda a parte, sobretudo às cidades industriais: no Porto chamou-se ilha.

Devemos procurar compreender: as causas são as mães das coisas. Já hoje poderíamos, sem estupidez, mostrar o ingénuo pasmo liberal de Disraëli perante os resíduos da civilização, esses «milhões de párias, para cuja existência os filósofos não conseguiram até agora apresentar uma causa satisfatória». A causa, afinal, era essa própria filosofia, que não se explicando a si mesma, não podia explicar os seus efeitos.

Como dizia Lacordaire, se a pobreza pode ser uma benção, a miséria é sem dúvida uma maldição e uma praga. Quando a miséria entra pela porta – diz o nosso povo – a virtude sai pela janela (e isto na melhor das hipóteses, que é a de haver janela...). Já os «sábios da Grécia» diziam que não há virtude que a miséria não corrompa; mais, a fome afoga a verdade. Contra isto só a heroicidade, a virtude heróica de verdadeiros santos, que não podemos exigir do povo em geral.

Já em 1836, Frederico Ozanam, o apóstolo da caridade, fundador das conferências vicentinas, lembrando que estas eram apenas o bom samaritano que derrama o bálsamo sobre as feridas do viajante assaltado, apelava para a justiça social, à qual compete evitar os assaltos ao viandante desprevenido e pôr termo a um regime económico desumano, que condena uma classe inteira ao pauperismo». Ainda não há muitos anos, o Cardeal Saliège repetia que um cristão não pode conformar-se com uma civilização que produz pobres em série, sem-tecto em série, etc.

(Poderíamos bem acrescentar: sem-pais em série, sem-classe em série, sem-letras em série, sem-moral em série, sem-Deus em série).

Pois bem: o dia de hoje, aquilo que se consagra como realizado e o que ousadamente se projecta, a bem do Porto e de seus filhos, significa que não nos conformamos com uma tal civilização. Ao lado do factor económico sempre e cada vez melhor aproveitado, ao lado dos grandes empreendimentos criadores e propulsores da riqueza nacional e do rendimento colectivo, marcha pari passu o factor social, que assegura uma civilização à medida do homem e a promoção do bem comum em benefício de todos, dos fortes como fortes e dos fracos como fracos.

Procura-se uma ordenação da economia e uma organização dos corpos profissionais – mais propriamente, de toda a sociedade, – que não sejam fontes de sub-produtos sociais em série; e entretanto procura-se remediar aos deficientes que vêm do passado e aos que inevitavelmente se originam mesmo no melhor sistema.

Mas, em obra tão meritória de orientação tão inteligente, importa que nenhum aspecto se esqueça. Se vamos a suprimir a ilha com a sua miséria material importa tomar cuidados para que o espírito da ilha não sobreviva e não se transplante para bairros airosos, sob a forma de infecção moral.

É preciso pensar na catedral humana... O bairro não deve continuar a ilha, nem material, nem moral, nem espiritualmente. É bom porém pensar que o homem, sendo um animal social e por isso mesmo, tem muito de insular. Isola-se naturalmente, por grupos naturais e espontâneos. O erro primeiro, mais profundo e mais trágico do liberalismo individualista, foi ignorar e negar a mais natural e legítima das comunidades humanas, depois da família, que é a comunidade de trabalho. E década após década, nos comícios e nas barricadas, odiando, matando e morrendo, os trabalhadores conquistaram o mais elementar dos direitos humanos, que é o direito de associação. É útil lembrar que, para demonstrar o carácter anti-natural e violento do individualismo liberal, que negava à comunidade natural do trabalho o direito de existir legalmente, os sociólogos católicos e os Sumos Pontífices recordam e apresentam precisamente a outra comunidade natural, que é geográfica – freguesia, comuna ou município. A convivência cria a comunidade: comunidade familiar, religiosa geográfica, laboral, desportiva, etc.

Completo em si, diferente do seu arrabalde, arruado em convergência, habitado por economias domésticas semelhantes, o bairro aproxima, modela, conforma e naturalmente isola: realiza-se em convivência, faz a comunidade, cria ambiência insular. Ainda bem, porque essa é a natureza social do homem; mas haverá de ser convivência para educar comunidade de boa vizinhança e amor do próximo, ambiência de brio e de mútuo auxílio com sentido humano: pátria pequenina dentro da pátria paroquial e urbana, com vista e rumo à Pátria comum!

Cuidado, pois, e prevenção contra a ilha, contra o espírito da ilha!...

Não me compete a mim, nem poderia legitimamente, neste momento, falar dos vários postulados desta importante questão.

Vou imediatamente ao cimo, ao fecho da abóbada... que não aos simples coruchéus. Duzentas moradias, duzentas famílias são no Entre-Douro-e-Minho uma freguesia. Nem se objecte que aqui a distância às sedes paroquiais é pequena, porque o metro das cidades é outro. Aqui, como nesses outros bairros, já construídos ou em projecto, dá-se uma convivência, nasce uma comunidade. Não pensemos que se vão inserir na comunidade paroquial e urbana como indivíduos; é como comunidade bem ou mal, que se há-de operar essa inserção.

Sem a escola, (que já têm), só à força iriam fora, aprender a ser portugueses. Sem a sua capela, não irão à Matriz aprender a ser cristãos. (E não sei, como serão bons portugueses se não forem cristãos...). Só depois de, na sua capela em capela do bairro, capela comunitária e, portanto, muito sua, – aprenderem qual é o seu lugar na Santa Igreja, é que serão capazes de sentir-se em sua casa, não como estranhos e espectadores, na Matriz paroquial.

Isto é assim na verdade psicológica, e é assim na consciência dos melhores e no subconsciente de todos. Os empregados dos Transportes Colectivos desta cidade que, num gesto único e digno de excepcional louvor, meteram mãos à obra e construíram não só com as suas economias, mas ainda mais com o esforço do seu braço, o seu próprio bairro, (que não atinge, evidentemente, as proporções deste ou doutros bairros construídos por entidades públicas) essa comunidade auto-construtora, sem descansar nem ainda acabar de construir as suas próprias habitações, começa já a construir o seu templo.

Os habitantes do bairro Salazar, a S. Roque da Lameira, vêm periodicamente até mim clamar essa necessidade; e os de Ramalde já começaram... E lembro neste momento com compreensão o brio, o carinho, o entusiasmo do bairro do Amial e de outros pela sua vida religiosa autónoma dentro da paróquia.

Não podemos contrariar a natureza; não devemos reentrar no caminho anti-humano da proletarização, caminho que consistiu em lançar fora, primeiro da comunidade económico-social e, depois, da comunidade nacional e, por via de consequência, da comunidade religiosa, as grandes massas humanas, tratadas precisamente como massa individualista e gregária e, portanto, sem personalidade nem consciência, ou, o que é o mesmo, com a material, telúrica e formidanda consciência da massa.

O homem comum só pela comunidade se realiza ou cumpre como homem; só pelas pequenas e naturais comunidades se chega à comunidade nacional e religiosa e, por estas, à universalidade humana.

Neste momento histórico, em que se chega finalmente, a tornar legal a comunidade natural do trabalho e em que das associações de auto defesa se caminha para a associação de colaboração – isto é, da comunidade do trabalho para a comunidade da empresa – neste momento em que, no mundo livre, as forças sociais evolucionam da tensão de oposição, superando as de subjugação, para a tensão de harmonia quando, portanto, procuramos sair do estado violente e febril da sociedade para um estado natural e são, não será o momento de esquecer pelos corpos profissionais e comunidades sociais as comunidades locais ou geográficas, que nem o liberalismo destruiu, embora em muito as violentasse. Se uma má organização económico-social deu subprodutos económico-sociais, também uma má organização moral e espiritual teria de dar subprodutos morais e espirituais. Tal não acontecerá, pela segura mentalidade e alto sentimento humano daqueles que compreenderam e empreenderam este movimentos.

Neste lugar e neste dia, que marcaram o ponto e o momento de arranque de uma grande e histórica jornada a bem da população modesta e dos próprios destinos da cidade do Porto, formulamos o voto e exprimimos a esperança de que, assim como a ridente paisagem das nossas aldeias é sempre abençoada pelas alvas ermidinhas do monte e do ermo, assim também o panorama da nossa cidade seja pontuado pelos lugares de culto necessários, não tanto à beleza do conjunto, quanto à vida moral e espiritual dos habitantes! Que em cada bairro habitacional que o justifique seja ao menos previsto e reservado lugar de culto, para quando as circunstâncias permitirem a sua realização.

E, assim, esta jornada histórica merecerá a melhor bênção da igreja porque se iniciará verdadeiramente em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Anexo 4

Diocese do Porto
Homilia
D. António Ferreira Gomes
na erecção da Paróquia Nossa Senhora da Ajuda
(28.Jan.1973)

em "Igreja Portucalense" ano III, nº12,
(Dez.1972-Jan.1973), pp.25-31.

Celebramos neste momento a erecção em forma canónica definitiva desta paróquia de S. da Ajuda, como centro pastoral desta «cidade nova» que está surgindo no sítio que se denominou da Pasteleira.

Este facto, que se insere na sequência de decisões canónicas da mesma natureza, verificadas no ano de 1972 em relação a zonas orientais da cidade – novas paróquias de S. Pedro de Azevedo e da Senhora do Calvário – e ao qual outros se seguirão nesta forma definitiva, enquanto por outro lado se processam fenómenos de evolução demo-religiosa, reconhecidos como início de novas autonomias religiosas, quais a paróquia experimental de Cristo Rei na Vergada – essa tão tenaz e empoladamente quão vazia e falsamente discutida paróquia, e discutida por motivos que não interessam à Igreja – bem como outras em perspectiva nesta cidade e subúrbios, este facto, dizíamos, convida-nos a debruçarmo-nos um pouco sobre a história recente da Diocese e a fazermos o ponto da nossa navegação, em ordem a novas jornadas.

Comunidades espontâneas e naturais

Há uns quinze anos ou dezasseis anos esboçava-se nesta Diocese um programa de estruturação e acção pastoral, no qual se incluía sistematicamente a criação de novas freguesias religiosas onde a evolução demográfica as mostrasse necessárias. Essa orientação e doutrina pastorais baseavam-se nas ideias então correntes, conforme os pastoralistas e eclesiólogos que pelo assunto mais se interessavam, dos quais me permito lembrar o professor de filosofia e sociologia religiosa Paul Winninger que preferencialmente se interessava e continua a interessar-se por estruturas pastorais e serviços ministeriais na Igreja Católica e designadamente em França.

Base e princípio de todas as considerações e opções era a norma evangélica de que o pastor deve conhecer as suas ovelhas e chamá-las pelo seu nome. De acordo com essa norma, como cada pároco não poderá conhecer nominalmente mais que umas mil famílias, as paróquias não deveriam exceder, no máximo, os cinco mil habitantes. Para isso pois tendíamos, sem ignorar quer a impossibilidade, já então reconhecida, de chegarmos em toda a Diocese a esse fraccionamento, quer as razões particulares que levariam a manter ou a reconhecer o direito de virem à vida comunidades menores.

Passaram-se os anos, deu-se o Concílio, aconteceu a deserção de bastantes clérigos e o forte decréscimo da população dos Seminários. Em sentido contrário, verificou-se um crescimento do conceito do povo cristão, da dinâmica de grupos, das comunidades de base, da assembleia eucarística, do sacerdócio universal, etc. A sociologia religiosa prestou maior atenção à mutação sócio-cultural dos tempos e às tendências para a associação em grupos de dimensão humana: esta dimensão humana que levou a pensar, como condição de autenticidade, nas relações inter-pessoais ou inter-familiares, em comunidades menores a que se deu mesmo nome próprio, como demos ou isolats, comunidades espontâneas e naturais, que a sociologia não fez mais que descobrir.

Esses isolats, entre a gente mesmo deste nosso tempo de tão fáceis contactos e comunicações, constam apenas de algumas centenas, raramente de milhares de pessoas. É mesmo importante e ao mesmo tempo extremamente curioso notar que essas sociedades menores são menos amplas nos meios urbanos que nos rurais. Como fez ver Robert Ardrey, sociólogo inglês, um estudo das estatísticas matrimoniais em França revela o paradoxo de que nas regiões montanhosas tais isolats são em média de aproximadamente 1100 pessoas, enquanto que em Paris, onde seriam de esperar as mais largas misturas, os isolats andam por umas 900 pessoas. E foi precisamente a partir dos fenómenos do urbanismo que psico-sociólogos, como McLuham, falaram da natureza tribal do homem, não sendo tribu de mais dumas quinhentas pessoas.

Crise da paróquia sob a rajada do urbano

Foi um sociólogo inteiramente laico, René Lourau, quem escreveu: – «A sociologia começou a interessar as autoridades eclesiásticas no momento em que se manifestou a crise da paróquia como instituição territorial de base. Esta crise, ligada mais amplamente à explosão urbana, aos reajustamentos das relações cidade - campo, à revolução industrial, é também uma crise social que transborda largamente para além do aspecto religioso».

Desta justa observação se poderia concluir,

mais urna vez, que a chamada crise da Igreja não é originária ou frontalmente, uma crise religiosa, mas a nós, neste momento, interessa-nos particularmente o aspecto religioso. Isto porém sem esquecer nem obscurecer a perspectiva sociológica e os referidos factores de crise civilizacional, no seu influxo sobre a mutação religiosa que se impõe e que nos vamos adaptando. Para nós, ao menos para alguns de nós, vai ficando para trás o tempo em que um Durkheim tinha de defender-se de fazer da sociologia «uma máquina do tempo contra a religião» e em que tais interesses sociológicos mostravam «um forte odor de apostasia» (Bernanos), já que a Igreja parecia ter perdido «a chave de linguagem dos homens» e o cristão aparecia como «um alienado no mundo, que fala sem ser compreendido e crê que todos os outros são tolos» (Mounier).

Consideremos pois o aspecto religioso da socialização do homem e do seu habitat, mas à luz da sociologia geral de hoje. E essa ciência em germe diz-nos, pela palavra do psico-sociólogo já citado, R. Lourau, que «nesta transformação da ecologia e da sociologia tradicionais, a paróquia flutua como rolha de cortiça sobre a vaga» . E este não é um fenómeno apenas do mundo católico. «Como a igreja romana, as igrejas reformadas são profundamente abaladas pela revolução urbana. Uma segunda Reforma está em processo de efectivação, sem nenhum Lutero ou Calvino, mas sob a rajada do urbano».

Igreja de estatura humana
e as comunidades de base

É nestas condições que uma Igreja, que se sente missionária, que tem o mandato deste mundo de hoje como ele é, que se sente «pequeno rebanho», assembleia convocada e convocante. com missão principalmente de converter e cristianizar os cristãos» ou, na alternativa, de «passar aos bárbaros», essa Igreja ensaia novos caminhos de acesso às inteligências e corações deste tempo, a nova linguagem no diálogo com o homem de hoje e os novos métodos da inserção da graça na natureza deste mundo, que se quer personalizado e de dimensões humanas na socialização das estruturas e mentalidades. É assim que um dos mais interessados obreiros desta igreja de estatura humana, o P. Jacques Loew, que lançou as suas equipas sacerdotais nessa borbulhante caldeira de experiências que é o Brasil, escreve em prefácio ao livro do seu colaborador P. Domingos Barbé — «Amanhã, as Comunidades de Base»: As Comunidades de Base são justamente os primeiros órgãos da igreja, células do corpo místico, essas Igrejas em abreviatura, mas de vida intensa onde todos se conhecem, onde se vive a fé juntamente, onde se ama concretamente um ao outro, onde cada um escuta viver o todo». E reduz finalmente o ideal da comunidade à promessa de Jesus de estar presente «onde quer que três ou quatro se reúnam em seu nome»; no concreto da comunidade a ser criada, pensam essas equipas sacerdotais na dimensão da dezena como elemento motor e da centena como comunidade de base.

Renovação da paróquia tradicional

Estas realidades novas, qualquer que seja o futuro de cada tentativa, obrigam a repensar as soluções havidas por normais e pressupostas até há uma dúzia de anos. O próprio P. Paul Winninger, sociólogo e eclesiólogo a quem já nos reportámos, reconhece hoje que a paróquia tradicional continua a ser uma estrutura territorial válida e eficaz, «desde que sofra a reforma do benefício em serviço, quer dizer o desmembramento em pequenas unidades de estatura humana, o fim da autarcia, a integração numa pastoral de conjunto, servida por sacerdotes igualmente retribuídos e activos» – «um novo enquadramento ministerial e novas formas de comunidade: é este o projecto pastoral essencial». E, referindo-se às experiências e esforços que, desde 1945, aceitaram encarar a França «como país de missão», diz mesmo, com uma radicalidade a que não podemos aderir por inteiro, hoje mesmo, e a que ele próprio) parecia estranho há dúzia e meia de anos: – «o Direito canónico, cioso defensor da independência paroquial, quer dizer, beneficial, revelou-se contrário a tais projectos... quando muito não proibia a pastoral de conjunto». E comenta hoje, com a mesma radicalidade nova: – «Na realidade o código agonizava ao nascer, desfasado».

Pastoral do futuro na qual o padre
é servidor e alma da comunidade

Isto foi escrito há uns três anos e meio. Hoje já não o poderia repetir no mesmo tom. Sabemos que o Direito Canónico está em revisão activa, e sabemos sobretudo que, quanto às Ordens e Ministérios, o motu próprio Ministeria Quaedam liquidou muitos séculos de história, reconheceu a situação numérica presente do sacerdócio ministerial como facto, se não mesmo como sinal de Deus, e abriu novas, amplas e exigentes perspectivas a toda a pastoral do futuro. Para isso, muita coisa haverá a criar, muita outra a desfazer ou desmontar: refazer, em sentido inverso, o processo concentracionário, pelo qual «pouco a pouco, principalmente nas paróquias, o chefe ou presidente acaba por açambarcar todas as funções: é o sistema do homem só». Deste sistema do homem só, do presbítero que unia em si todas as «ordens», com todos os «poderes», desde a prima-tonsura até ao diaconado — unia e portanto impedia e eliminava — tem de suceder a figura do sacerdote como servidor e alma da comunidade: e

a alma é quem tudo anima, mas que não se vê, e porque não se vê, é o que está em todo o corpo e, por isso, em parte nenhuma do corpo. A paróquia futura terá de contar, ao lado do pároco, com o diácono geralmente saído da comunidade, com os leitores, acólitos e porventura outros ministros da própria comunidade; e isto não só num centro mas em todos os núcleos de vida. A paróquia assim se tornará viva, adulta, não-colonial e responsável: comunidade de comunidades. E, como toda a comunidade, para ser Igreja, tem de ser ao fim e ao cimo assembleia eucarística, o sacerdote terá de ser missionário e a Eucaristia terá de ser revalorizada como facto solene, presença essencial-escatológica do Espírito de Cristo e Reserva eucarística...

A maioridade das comunidades cristãs

Tudo isto vai pedir uma profunda mutação, mutação das mentalidades e das estruturas. Não vamos aqui evidentemente estudar esse futuro, que tem de ser longo, como execução, mas que, como necessidade de vida pastoral e como desafio à imaginação prospectiva, é já o presente da Igreja.

Apenas diremos que, ao criamos novas paróquias em forma experimental ou definitiva não pensamos que tudo está feito; tão pouco que essa criação se deva traduzir principalmente na instalação de novos centros burocráticos ou na construção de grandes igrejas e salões paroquiais, que devessem absorver o melhor da actividade dos presbíteros; nem sequer pensamos que a cada autonomia religiosa se haja sempre de assegurar o seu próprio pároco residente. Com a facilidade de comunicações e com a mobilidade que é ainda geralmente mais fácil ao pároco do que ao paroquiano médio, poderá pensar-se no padre disponível e missionário, com residência activa ou assistência pessoal em sucessivos locais de trabalho, mas em convivência de vida, reflexão e planificação com os colegas da mesma zona. Mas, para isso, é preciso que as comunidades cristãs cresçam até à maioridade; e, também para isso, que os «campanários», com as suas rivalidades e pequenices, desçam até ao nível do bem comum eclesial e da fraternidade institucional. Como condição prévia, que das «questões de campanário» só se ocupem os cristãos que vão ao templo; e que esses pensem e aceitem o culto de Deus em espírito e verdade ou, por outras palavras também evangélicas, que, como o sábado, também o templo seja por causa do homem e não o homem por causa do templo.

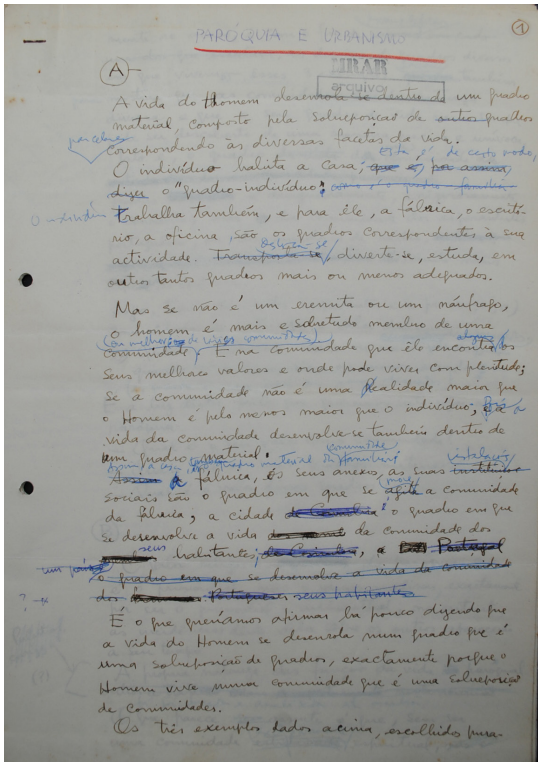
É tempo de pastoralmente mudar

Ao terminar estas considerações, queria ainda dizer que, tentando marcar assim o ponto à evolução pastoral que o tempo da Igreja em geral e da nossa Diocese particularmente nos pede, neste agora de Deus que nos coube viver, tenho muito gosto em que tal tomada de posição seja neste lugar e no meio deste povo em fazer-se comunitário, lembrando as palavras que, além no Bairro Rainha Dona Leonor e por ocasião da sua inauguração solene, proferi, a pedir um serviço social e cultural que pudesse evitar que o «espírito da ilha» se transferisse também para aquelas moradias tão airosas e bem situadas, palavras que se algum bem produziram a favor do povo, como parece, não foi tanto, infelizmente, em benefício dos moradores daquele bairro, como o lamenta o vosso Pároco.

Ao inaugurar hoje em forma canónica definitiva esta paróquia de N.a S.ra da Ajuda, como no decurso do ano passado as duas da zona oriental da cidade, eu não posso furtar-me à impressão de que algo de novo se está processando no grande plano da Igreja e da sua pastoral. A Igreja foi urbana ou citadina, no seu princípio: a comunidade diocesana, à volta do seu bispo com o seu presbitério, centrava-se na cidade, com eventuais e esporádicas irradiações para o campo. Condições históricas mesmo se verificaram das quais resultou que os seguidores dos cultos pré-cristãos foram chamados pagãos, isto é, campónios. A seguir à grande migração dos povos, tudo mudou: com o desaparecimento das cidades, a civilização tornou-se rural, e os que se apegavam ao que restava ou reaparecia das cidades foram mesmo chamados vilões.

Ora, a restauração das cidades e o progresso da civilização urbana, depois dos mil anos medievais, vai já contando seis ou sete séculos. É tempo de pastoralmente mudar: e, agora, ou mudamos ou seremos os novos pagãos, a caminho igualmente do fim. Pois bem, nestas paróquias tão mescladas mas de evidente predomínio popular com o seu «pequeno rebanho» de cristãos novos, quase que temos a antevisão duma Igreja diocesana que seja principalmente uma determinada Igreja de Deus que está no «grande Porto», com prolongamentos, cada vez mais urbanos, em toda a área diocesana. Que, na mutação, se perca o menos possível; mas que assim seja, cada vez mais e melhor!...

D. António Ferreira Gomes, «Homilia na erecção da paróquia N.ª S.ra da Ajuda [28.Jan.1973]»,


PARÓQUIA E URBANISMO

MRAR

arquivo

A

A vida do Homem desenrola-se dentro de um quadro material, composto pela sobreposição de quadros parcelares correspondendo às diversas facetas da vida.

O indivíduo habita a casa; esta é, de certo modo, o "quadro-indivíduo".

O indivíduo trabalha também, e para ele, a fábrica, o escritório, a oficina, são os quadros correspondentes à sua actividade. Desloca-se, diverte-se, estuda, em outros tantos quadros mais ou menos adequados.

Mas se não é um eremita ou um náufrago, o homem é mais e sobretudo membro de uma comunidade (ou melhor de várias comunidades). É na comunidade que ele encontra alguns dos seus melhores valores e onde pode viver com plenitude; se a comunidade não é uma realidade maior que o Homem é pelo menos maior que o indivíduo; pois a vida da comunidade desenvolve-se também dentro de um quadro material.

Assim a casa é também quadro material da comunidade familiar; a fábrica os seus anexos, as suas instalações sociais são o quadro em que se move a comunidade da fábrica, a cidade é o quadro em que se desenvolve a vida da comunidade dos seus habitantes.

É o que queríamos afirmar há pouco dizendo que a vida do Homem se desenrola num quadro que é uma sobreposição de quadros, exactamente porque o Homem vive numa comunidade que é uma sobreposição de comunidades.

Os três exemplos dados acima, escolhidos puramente ao acaso, e com o fim de exemplificar as dezenas de quadros diversos em que vivemos, esses três exemplos servem também para mostrar que as comunidades são de natureza diversa e que o seu quadro de vida nem sempre pode ser descoberto de uma maneira precisa e unívoca. Isto é, o quadro de uma comunidade de frades é designadamente, e rigorosamente o convento; mas o da comunidade dos esperantistas portugueses, ou o dos amadores de rádio são muito mais difíceis de indicar.

Logo temos dois factos importantes em presença:

a) comunidade de natureza e valor diferentes;

b) quadros materiais mais ou menos diferenciados (e, quando é o caso, mais ou menos adequados).

É à luz destes factos que queremos interrogar a paróquia.

- Qual é o seu valor como comunidade?
- Quais são os seus quadros materiais?
- Qual é o valor desses quadros?

B.

O valor religioso da paróquia, que é o primordial, não o vamos analisar, exactamento por ser o primordial e indiscutível; no entanto, as incidências deste valor sobre os outros aparecerão a seu tempo.

A própria natureza das funções da vida paroquial foi já focada e analisada esta manhã.

O que parece assente é que, sem ser uma comunidade exclusivamente espiritual ainda é menos uma comunidade de interesse administrativo, político ou social.

A paróquia, por um lado, recebe um influxo proveniente de cima, da hierarquia, por intermédio do pároco, que deve poder atingir todos e cada um dos paroquianos; por outro lado, num plano horizontal, congrega esses mesmos paroquianos, de modo a permitir uma acção conjunta, quer seja para o culto, quer seja para actividades de natureza social ou apostólicas no âmbito da paróquia.

Isto é, como comunidade territorial a paróquia não se destina a ser uma comunidade de representação chamemos-lhe política, virada para o exterior e procurando através dessa representação conseguir

Conferência

"Paróquia e urbanismo" (1955)

arqs. Nuno Teotónio Pereira e José Pedro Martins Barata

2º Encontro do MRAR - Problemas da Igreja Paroquial

(Lisboa: Casa da Imprensa, 10.Jun.1955)

Documento inédito

transcrição do manuscrito

Arquivo FCG-MRAR

benefícios de qualquer ordem e determinando-se pela vontade própria nas suas formas, como acontece às comunidades políticas (província, município) etc.

No sentido vertical a paróquia tem uma natureza predominantemente espiritual e por isso, em princípio amorfa, quanto à expressão territorial. No sentido horizontal, porém, terá de obedecer a exigências, que, essas são materiais: dimensão, possibilidades de contacto com o pároco, possibilidade de encontro dos seus membros, etc.

Acontece também que a alma humana é complexa: certo número de idiossincrasias, certo número de aversões e afinidades devidas a origem, a classe ou a educação impedem que a comunidade espiritual se forme de uma maneira homogénea e contínua, mesmo territorialmente, que é o que nos interessa.

A natureza espiritual da paróquia que, em princípio, é geograficamente amorfa, deverá, ao tomar forma territorial, plasmar-se pela das comunidade de vida autênticas.

C.

Estudados aqueles valores que do ponto de vista do urbanismo nos interessam na comunidade "paróquia", interroguemos os seus quadros naturais.

a) Satisfazem eles as exigências concretas de escalão decente e administrativo da Igreja e as condições mais imperiosas do meio onde se realiza a comunidade paroquial?

b) Acompanham a estrutura das comunidades de vida na sua evolução?

A observação mostra que a resposta a estas perguntas é diferente conforme os casos. Nas paróquias rurais, onde a situação demográfica ou social não se tem alterado rapidamente e as formas são simples e por assim dizer cristalizadas, a resposta será geralmente positiva.

É porém negativa para a maior parte das paróquias dos grandes centros urbanos e dos seus subúrbios em via de grande desenvolvimento.

Aí podem observar-se geralmente vários males, nomeadamente:

- a paróquia não coincide com a estrutura comunitária existente;
- a estrutura comunitária é de si defeituosa ;
- a morfologia urbana dificulta a vida paroquial, por razões diversas.

I

a – desenvolvimento demográfico e criação de novos centros ou deslocação dos existentes

b – construção massiva de bairros de habitação em zonas até há pouco rurais

c – esvaziamento populacional das zonas centrais com a expansão dos centros comerciais.

[a] O primeiro caso dá-se geralmente por motivo da ampliação ou do deslocamento do centro de actividade do aglomerado populacional, movimentos esses que não são acompanhados pela divisão paroquial. Se numa paróquia de periferia, por exemplo, o centro comercial se desloca, seguindo, como é natural o desenvolvimento da zona residencial, cria-se uma zona de atracção que transborda para uma paróquia contígua, de tal modo que pode abranger largos pedaços desta. Para os habitantes destas zonas, se a sua vida gira em torno do núcleo situado nessa outra paróquia, se as donas de casa vão aí ter as suas compras, se os transportes para lá são mais fáceis, se os seus amigos vivem aí em maior número, se passa aí os seus ócios, a sua própria paróquia passa a ser uma entidade quási fictícia. Se os paroquianos têm dificuldade em aceitar a sua paróquia, neste caso o erro não é da comunidade base, mas sim da paróquia, que não pôde acompanhar a realidade.

[b] (...) verifica-se em inúmeros casos, sobretudo em Lisboa e nos arredores. O desenvolvimento humano levou à construção maciça de bairros em paróquias ainda há pouco tempo predominantemente rurais. Não tendo sido seguido tão ??? aumento populacional pela subdivisão da paróquia existente, esta tornou-se de tal modo grande que abrange comunidades de ??? bem distintas e sua própria extensão torna impossível uma plena vivência paroquial.

Há porém outros caos em que o erro é da própria base humana da paróquia. Um aglomerado de famílias e de indivíduos morando quási que por acaso numa mesma porção territorial, mas fazendo a sua vida diária e semanal fora dali e em zonas diferentes, ocupando-se em diversas actividades e provenientes das mais diferentes origens, não pode constituir uma comunidade digna desse nome, e assim dificilmente poderá servir de base a uma paróquia viva.

Outro caso ainda é o de uma paróquia que assenta sobre uma estrutura urbana defeituosa dispersa e desarticulada, sobretudo em direcções divergentes.

II

[c]Paralelamente a este, dá-se o fenómeno contrário: a constante expansão dos grandes núcleos, levam ao esvaziamento das grandes zonas centrais, em consequência da ocupação por escritórios, bancos ou repartições das casas de habitação. Este crescimento verifica-se tanto em extensão como em altura, havendo já quarteirões inteiros que há 50 ou 100 anos eram constituídos por casas de habitação

hoje ocupadas exclusivamente por actividades comerciais ou administrativas. A esta rarefacção da população fixa corresponde inevitavelmente um definhamento da vida paroquial.

Em Lisboa, e sobretudo ultimamente, tem-se adoptado em certa medida a estrutura paroquial às novas condições, tanto pelo desdobramento de paróquias nas zonas periféricas de construção recente (N.a S.ra de Fátima, S.to António de Campolide, S.to Condestável, S. João de Deus, S. João de Brito), como pela supressão de algumas na parte central da cidade. Mas o desequilíbrio é ainda muito grande. A maior parte destas novas paróquias, e outras ??? tem uma população muito superior ao que seria conveniente. É sabido que ??? da maior importância dificultam a solução do problema (a falta de clero e a dificuldade de construção e novas igrejas por exemplo).

A paróquia vive portanto sobre uma estrutura comunitária precária e sobre uma estrutura urbana mal organizada e desarticulada.

Infere-se daqui que a forma dos aglomerados urbanos deve ser pensada com vista à paróquia? Parece que afirmá-lo é avançar demasiado. Importa antes de mais constituir comunidades sãs e equilibradas, enquadrá-las num ambiente material adequado e delas deduzir o que virá a ser a paróquia.

2) Ao urbanista este problema põe-se sob três aspectos da sua actividade:

- ao planear para corrigir erros consumados;
- planear para evitar erros iminentes;
- ao organizar novas comunidades

No primeiro caso importa sobretudo, por análises de topografia social e religiosa, descobrir as tensões existentes, as possibilidades latentes e a dimensão humana de uma nova estruturação paroquial. É claro que a decisão em qualquer dos casos só o Bispo pode tomar.

Qual é então o papel do urbanista?

É sobretudo o de agir como técnico e sociólogo, procurando definir os limites topográficos e humanos da paróquia e apresentar a quem de direito os resultados do seu estudo.

No segundo caso compete-lhe prever a evolução do aglomerado em estudo, procurar que as formas que vão surgir forneçam um plena vida paroquial e sugerir alterações a introduzir na estrutura paroquial existente, de modo a que as zonas em desenvolvimento se formem organicamente como em comunidades de vida e comunidades religiosas.

No terceiro caso, de posse de todos os elementos necessários, o urbanista terá, em linha de conta, no seu estudo de conjunto as exigências da vida paroquial, organizando o quadro de vida da comunidade sob todos os aspectos – incluindo o aspecto religioso.

Aí deverá guiar-se pela dupla exigência de um esquema prático e racional do ponto de vista pastoral, e naturalmente convidativo à vida comunitária no aspecto interno e cultural (INTRODUZIR II)

Fazendo assim, o urbanista resolve uma parte do problema da paróquia no seu quadro urbano mas não todo. Porquê? Porque o quadro natural da comunidade tem outro valor que o puramente funcional.

No planeamento de uma igreja não está tudo dito quando se resolvem os problemas de acústica, de visibilidade, de circulação ou de conforto para a assembleia, (que não são fundamentalmente diferentes dos duma sala de espectáculos). A forma da igreja, a disposição interior, o seu volume, a sua luz, a sua decoração – por um lado exprimem um modo de sentir e de agir da assembleia, por outro conduzem a mesma assembleia a sentir e a agir de certo modo.

Assim também a forma geográfica da paróquia, a situação da igreja, a sua relação com o resto do aglomerado têm um significado e um valor que são de considerar como elementos de formação da maneira de viver e de participar da vida paroquial.

[*Texto cortado:* Todos os casos se podem reduzir a um dos três esquemas que a seguir apresentamos.

Estão representados em esquema à esquerda. A ilustração à direita é uma simples evocação de casos, alguns de entre muitos diversos que podem caber em cada esquema. É preciso não querer ver neles uma concretização ou uma relação unívoca como a de uma planta e um alçado.]

O primeiro esquema indica uma paróquia cuja igreja ignora o centro da vida da comunidade. Os quadrados no esquema não significam quarteirões e ruas, significam apenas o grande número de edifícios da paróquia dos quais a igreja é mais um, simplesmente com um destino especial, o do culto. O sentido do sagrado transmitido por esta igreja é mínimo (bem entendido, não se fala da sua qualidade arquitectural mas da sua qualidade urbanística). Como igreja é uma igreja familiar, facilmente compartilhada, é a casa de um Deus que sofre connosco, que foi Um de nós. A Igreja é assim uma casa das da comunidade e tem a ela ligado o seu destino e o seu serviço.

O segundo esquema indica a igreja que se situa no centro da comunidade mas não lhe pertencendo. Representa a união do quotidiano humano, com o transcendente e o sagrado. É a casa de um Deus que veio ao Mundo para o salvar mas não ficou a fazer parte dele. A igreja assim situada em face da comunidade tem um valor recíproco em relação a ela; encontra o seu significado na comunidade e a comunidade é ordenada em relação à Igreja.

O terceiro tipo indica a forma da igreja que se afasta do centro da comunidade. Tal situação exprime a separação do sagrado e do profano, a casa de um Deus que acima das nossas limitações e fraquezas, permanece "a se" .

[*Texto cortado:* Em Lisboa, que é o caso que a maior parte das pessoas presentes devem conhecer melhor, é difícil encontrar casos puros. No entanto a igreja de S.ta Marta (a que está frente do Hospital de S.ta Marta), pode servir de exemplo para o 1o caso, a igreja de N.a S.ra de Fátima ou Santos-o-Velho para o 2º e os Jerónimos para o 3º (ou Penha de França).

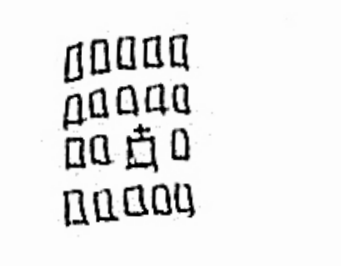
Dos 3 tipos _ a igreja que ignora o centro da comunidade, a igreja que se situa no centro e a igreja que se afasta do centro, apesar de válidos todos, um se apresenta como mais propício a uma plena vida paroquial: o 2º.]

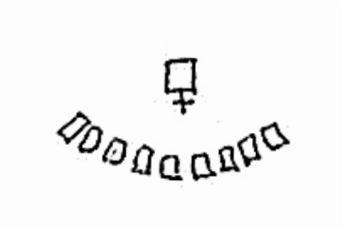
Interessa no entanto notar aqui o que supomos ser o erro que corresponde a uma tentação muito comum em que se tem caído. A Igreja paroquial é sede e cabeça de uma comunidade particularmente equilibrada, nem só espiritual nem só temporal. Porém as proporções e a situação dominante, ao fundo de rasgadas avenidas, de alguns templos paroquiais (por exemplo a igreja de S.to Eugénio no Bairro da Encarnação e S. João de Brito, em Alvalade), deixa uma sensação de certo mal-estar: a igreja deixa de se situar organicamente no centro da comunidade para invadir esse centro duma maneira espetacular e agressiva. Será bom não perder de vista aquela dignidade que não ganha com o aparato, e que tanto convém à igreja paroquial.

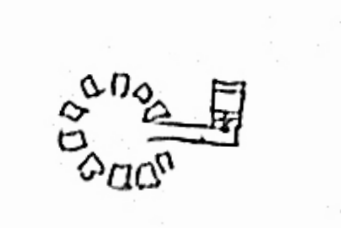
Aqui ficam expostos alguns princípios que podem ser sem dúvida objecto de discussão. Se não têm outro valor tem pelo menos esse.

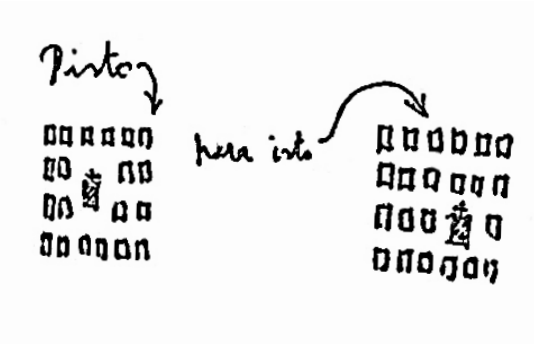
Resumindo sob o aspecto urbanístico:

A paróquia deverá existir como órgão ao serviço da Hierarquia para chegar a todos e a cada um dos fieis; deverá fomentar a vida comunitária através da sua estrutura; modelar-se-á pelas comunidades autênticas de vida; ajustar-se-á à sua evolução territorial; terá na sua forma urbana expressão adequada do seu valor espiritual; e não deverá procurar sobrepor-se à comunidade política nas suas formas exteriores.

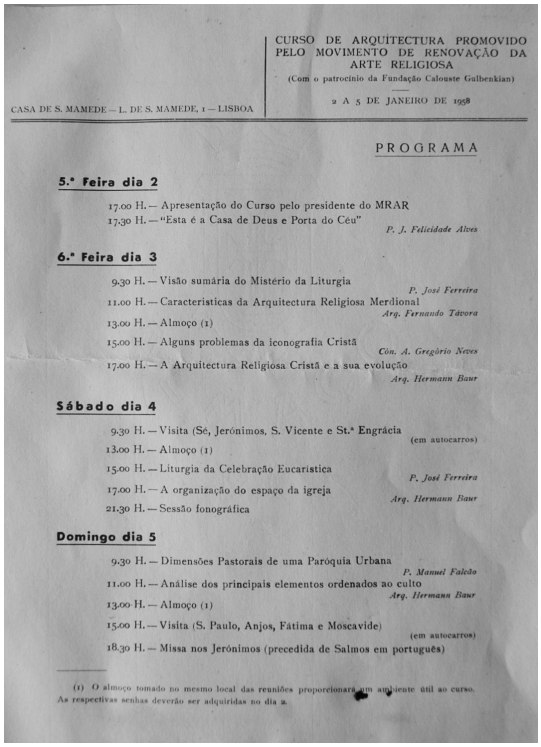








esquemas desenhados nos manuscritos



CURSO DE ARQUITECTURA PROMOVIDO PELO MOVIMENTO DE RENOVAÇÃO DA ARTE RELIGIOSA
(Com o patrocínio da Fundação Calouste Gulbenkian)

CASA DE S. MAMEDE — L. DE S. MAMEDE, 1 — LISBOA

2 A 5 DE JANEIRO DE 1958

PROGRAMA

5.ª Feira dia 2

17.00 H. — Apresentação do Curso pelo presidente do MRAR
17.30 H. — "Esta é a Casa de Deus e Porta do Céu" *P. J. Felicidade Alves*

6.ª Feira dia 3

9.30 H. — Visão sumária do Mistério da Liturgia *P. José Ferreira*
11.00 H. — Caracteristicas da Arquitectura Religiosa Meridional *Arq. Fernando Távora*
13.00 H. — Almoço (1)
15.00 H. — Alguns problemas da iconografia Cristã *Cón. A. Gregório Neves*
17.00 H. — A Arquitectura Religiosa Cristã e a sua evolução *Arq. Hermann Baur*

Sábado dia 4

9.30 H. — Visita (Sé, Jerónimos, S. Vicente e St.ª Engrácia (em autocarros)
13.00 H. — Almoço (1)
15.00 H. — Liturgia da Celebração Eucaristica *P. José Ferreira*
17.00 H. — A organização do espaço da igreja *Arq. Hermann Baur*
21.30 H. — Sessão fonográfica

Domingo dia 5

9.30 H. — Dimensões Pastorais de uma Paróquia Urbana *P. Manuel Falcão*
11.00 H. — Análise dos principais elementos ordenados ao culto *Arq. Hermann Baur*
13.00 H. — Almoço (1)
15.00 H. — Visita (S. Paulo, Anjos, Fátima e Moscavide) (em autocarros)
18.30 H. — Missa nos Jerónimos (precedida de Salmos em português)

(1) O almoço tomado no mesmo local das reuniões proporcionará um ambiente útil ao curso. As respectivas senhas deverão ser adquiridas no dia a

programa do curso de arquitectura Sacra
(Lisboa: Casa de S. Mamede, 2-5.Jan.1958)
Arquivo FCG-MRAR

Conferência
"Características da arquitectura religiosa meridional" (1958)
arq. Fernando Távora
Curso de arquitectura sacra
Movimento de Renovação da Arte Religiosa
(Lisboa: Casa de S. Mamede, 3.Jan.1958)

Documento inédito
transcrição áudio
Arquivo SNIP/ Centro de Documentação 25 de Abril

[Nuno Teotónio Pereira apresenta Fernando Távora]

(...) é também assistente da escola de Belas Artes do Porto, e é membro dos Congressos Internacionais de Arquitectura Moderna e tem, nessa qualidade, assistido a reuniões internacionais.

[Fernando Távora]

Eu agradeço muito o convite. (Não sei se ouve lá atrás... mais alto? Agora ouve!) Agradeço muito o convite que me foi feito pelo MRAR para vir falar hoje e como sabem o tema que me foi dado foi este: "características da arquitectura religiosa meridional".

Eu quereria, antes de tudo, dizer qual o esquema que resolvi adoptar para hoje:

em primeiro lugar, eu diria porquê me recuso a falar ou a determinar as características da arquitectura meridional - quais as dificuldades que se opõem a definir para já, neste momento, as características da arquitectura meridional;

em segundo lugar, e por outro lado, dizer qual o interesse que eu vejo, em que realmente se definam e determinem as características da arquitectura meridional;

e depois ainda falar um pouco sobre possíveis características da arquitectura meridional. Mas a coisa um pouco vaga visto que, eu entendo que não estamos ainda em altura para falar ou para definir características de uma arquitectura meridional.

Depois far-se-iam umas projecções e por último voltaríamos, novamente, a falar sobre as igrejas que vão ser visitadas amanhã e depois. Praticamente apresentação das plantas, para tomarem contacto com a estrutura dos edifícios, e ainda uma série de projecções relativas às mesmas igrejas. Ainda haveria a ideia de no fim, se fosse possível, trocarmos umas impressões sobre problemas que se podem levantar, mas vamos ver em que medida é possível cumprir este esquema.

[1º ponto]

Ora em primeiro lugar a recusa em dar satisfação ao mote que me foi dado pelo MRAR. A determinação de características pressupõe sempre uma síntese, e a síntese pressupõe necessariamente uma análise. Para determinar características de uma determinada arquitectura, eu entendo que seria pouco determinar características de uma arquitectura mas, teríamos que procurar determinar características de um determinado tipo de organização do espaço, quer dizer num sentido mais lato, ultrapassando a arquitectura para cair no urbanismo e para cair também nas chamadas artes decorativas, numa síntese que como diz um arquitecto sueco, para o caso moderno, "vai desde a colher à cidade", quer dizer desde o pequeno elemento que ocupa espaço até à cidade; para se fazer a síntese de um determinado tipo de organização de espaço, que seria um tipo de organização de espaço meridional, haveria necessidade de conhecer a análise de todo esse espaço, quer dizer a análise de todo o fenómeno da organização do espaço - a análise da arquitectura, do urbanismo, das artes decorativas, do homem meridional, do solo, do clima, da cultura, dos seus modos de vida, etc. A verdade é que nada disso está feito. Há investigações de arqueólogos, há investigações de sociólogos, há investigações de economistas, mas em verdade essa síntese, que um dia naturalmente há-de vir, ainda não chegou. Andamos nesta matéria ainda às apalpadelas, um pouco ainda ligados a uma sensibilidade, a um conhecimento por sensibilidade, mas não realmente a um conhecimento científico destes fenómenos.

No caso português o problema é mais grave, como sabem, nós estamos ainda no estudo arqueológico das nossas coisas. Realmente procura-se agora, sente-se a necessidade de conhecer o tipo de organização de espaço português. Realmente nós temos uns trabalhos sobre o românico, temos uns trabalhos sobre o manuelino, sobre o gótico, etc., mas de um modo geral são trabalhos ainda de análise de ordem histórica ou arqueológica do que trabalhos realmente de ordem estética que nos permitam determinar/definir um determinado tipo de organização de espaço. Depois há ainda, e então no caso português isso é sensível, toda uma falta enorme de definição, de estudo, de uma arquitectura e urbanismo, que poderíamos chamar, anónimo. Quer dizer nós em Portugal já sabemos um pouco sobre a Sé de Lisboa, sobre a Sé de Braga, da Sé de Coimbra, um pouco sobre os Jerónimos, sobre a igreja dos Clérigos, etc., mas, realmente, sobre a grande massa da construção e sobre a grande massa das nossas pequenas cidades e aldeias, nós não sabemos absolutamente nada. Nada disso está estudado! O inquérito que neste momento está a ser feito pelo Sindicato Nacional dos Arquitectos, chamado "inquérito à arquitectura regional portuguesa" levanta esse problema. Pretende começar, exactamente, o estudo de um determinado espaço organizado - do espaço organizado anonimamente pelo pedreiro, pelo lavrador que constrói a sua casa, pelo padre que constrói uma pequena capela românica. Esse inquérito está a andar e vai dar, realmente, uma contribuição muito importante para o estudo do nosso espaço.

(Seria um outro aspecto que me...) Eu queria dizer que há quinze dias eu vim a Lisboa e encontramos o Dr. Mário Tavares Chicó, o Dr. Artur Nobre Gusmão, o nosso colega Freitas Leal e eu, para trocarmos impressões sobre este tema e eu que estava um pouco fora do grupo, visto que eu tinha mais a receber do que a dar, eu pressenti que há ainda uma certa insegurança nas coisas, que se fala mais nas atribuições arqueológicas, na origem, nas datas... não há ainda as grandes sínteses, nós não sabemos, ainda não atingimos uma consciência plena do tipo da organização do espaço.

[2º ponto]

O segundo aspecto - interessa realmente conhecer as características de uma arquitectura, neste caso quando se fala de arquitectura meridional, provavelmente, eu suponho que a intenção dos organizadores destas palestras seria o caso mais concreto de uma arquitectura portuguesa, na medida em que a arquitectura portuguesa é uma arquitectura meridional ... seria realmente interessante conhecer essas características ou trata-se de um puro diletantismo, de uma pura especulação sem interesse prático ou de um conhecimento com um sentido palpável, útil, de evidente aplicação prática?

Eu suponho que se este curso fosse feito à cinco ou seis ou dez anos, este tema não tinha surgido. E o tema surge porque, efectivamente, hoje começa a preocupar-nos este problema de características das arquitecturas, de definição de tipos de arquitectura, de definição de tipos de organização de espaço. Nessa altura há cinco ou dez anos (havia uma...) éramos, de um modo geral os arquitectos pela sua formação, pretensamente mais livres e presos apenas a questões de ordem mais material. Nessa altura, ainda hoje se encontram todos os livros de história e urbanismo da arquitectura moderna, a história da arquitectura e urbanismo, resumiam-se praticamente ao facto de terem aparecido materiais novos. É muito frequente qualquer história da arquitectura moderna dizer, sobretudo no caso da arquitectura, dizer que a arquitectura moderna surgiu porque apareceu o betão armado, o aço e o vidro... e ficava-se e fica-se um pouco por aí. Falava-se nessa altura, e hoje fala-se menos, de casa mínima. Escrevia-se a Carta de

Atenas em que o urbanismo era dissecado em quatro funções, e impunham-se um determinado número tipo de formas, de fórmulas plan libre, toit terrasse, pilotis seguidos depois dos brise solei. Quer dizer, havia determinada gramática, uma gramática quase imaterial, que se impunha aos arquitectos. Que se impunha ou que eles impunham a si próprios. Esse tempo, que eu tive ainda um pouco reflexo na minha formação, e que era um tempo que correspondia ao fim entre nós (nós estamos sempre um pouco atrasados), ao fim de um glorioso tempo do purismo, do purismo da poesia pura, das cidades ideais. É interessante ver quantas cidades ideais projectaram os arquitectos modernos desde Broadacre de Frank Lloyd Wright, à ville radieuse de Le Corbusier, às cidades de Neutra... etc. do homem geométrico. Le Corbusier fala muito do homem geométrico. Era um tempo glorioso em que o vidro tanto se utilizava em Alger, como em Zurich. Falava-se e fala-se muito de escala humana, talvez Viollet-le-Duc, que é um percursor, foi possivelmente o criador, julgo eu, uma das pessoas que deu a esse tema uma certa actualidade.

Mas tal escala humana tinha, nessa altura, apenas um sentido puramente físico:

Se um homem passa por uma porta de 50 cm de largura, não precisa a porta de ter 60, 70 ou 80.

Se um corredor de um comboio mede 50 cm e passam centenas de pessoas por um corredor, também uma casa não precisa de um corredor com mais de 50 cm dizia Le Corbusier, e assim fez na casa, na cidade experimental de Weissenhof de Stutgard.

Se a ciência determinava que bastavam uns metros cúbicos de ar para o homem dormir numa determinada peça, bastava esse elemento científico para definir as dimensões de uma peça.

Se a orientação ideal para um bloco era o eixo heliotérmico, porque não fazer as cidades todas segundo o eixo heliotérmico?

E chegou-se assim à possível ideia de uma arquitectura internacional:

Arquitectura que não conhecia homens, nem climas, nem materiais. Uma arquitectura pura, para um homem puro, situado numa terra pura. A realidade, porém, e dia a dia nós reconhecemos, é que nem os homens são todos iguais, nem as condições da terra são todas semelhantes. É um pouco do caso do rei vai nu. Levantou-se então o problema: se os homens são diferentes uns dos outros, se a terra que pisam é cheia e tão rica de cambiantes, para quê forçar a realidade indo para uma arquitectura e urbanismo de essências? Eu suponho que é exactamente, e sem desprimor para essa geração do purismo, suponho que é tarefa dos arquitectos, dos urbanistas e de um modo geral dos artistas de hoje, tarefa aliás bem difícil, criar modalidades locais, regionais ou nacionais de arquitectura e urbanismo.

Quando (exactamente) o MRAR põe o problema de um determinado número de características de arquitectura meridional, religiosa até, o MRAR reconhece a necessidade de conhecer essas características e, portanto, está (digamos) a par desta tendência actual para integrar toda a arquitectura num determinado ambiente físico, humano, histórico, etc. Para tal é preciso, é necessário conhecer a realidade em que vivemos, o seu presente, seu passado e presumível futuro. E consciencializar essa realidade... Quer dizer, nós temos que tomar consciência da nossa realidade. Isto num sentido muito lato. E realmente ao falar de escala humana em arquitectura, urbanismo para o Homem, não considerar (realmente) um homem geométrico, mas um homem humano, com o seu sentido das suas realidades culturais, sociais, económicas, geográficas, históricas etc. Mas analisar tudo e conhecer tudo com um sentido criador. Não procurar uma lição de história que seja de puro diletantismo, de puro conhecimento. (Mas) na medida do possível aplicar, realizar, quer dizer que analisar com um sentido de síntese e com um sentido criador.

[3º ponto]

Em terceiro lugar, (poderíamos então) este outro aspecto que eu chamava em torno das características de uma arquitectura meridional. Vimos, por um lado, a dificuldade que há em determinar características, atendendo à falta de estudos até à circunstância tomado consciência da necessidade desses estudos. Vimos, por outro lado, a necessidade que esses estudos apresentam, a necessidade que existe em promover esses estudos, e agora eu tenderia a andar um pouco à volta deste problema, em torno das características da arquitectura meridional.

Meridional significa sul, meio-dia - aprendi eu na 4a classe do colégio, ou na terceira. Meridional está ligado ao sul. Aqui quando se fala, os europeus que se consideram sempre o centro do mundo, quando falam de arquitectura meridional pressupõem - meridional em relação à Europa... se estivéssemos na América a arquitectura meridional seria outra coisa. A tendência que o europeu tem a reduzir o mundo a si próprio. Neste caso, quando na Europa se fala de arquitectura meridional refere-se realmente à arquitectura do sul da Europa. E liga-se a esta ideia de meridional, também, a palavra mediterrâneo. Não há dúvida nenhuma que, de um modo geral um possível arquitectura meridional está ligada ao mediterrâneo. O mediterrâneo foi, como todos sabemos, o centro de uma série de civilizações, mais ou menos independentes entre si, civilizações riquíssimas que se desenvolveram em lugares diferentes, algumas

sobrepondo-se, em matéria de tempo, em matéria de espaço e desenvolvendo-se ao longo dos tempos. E o mediterrâneo evoca-nos Roma, Grécia, a Fenícia, a Palestina, o Egipto, Bizâncio. Depois os árabes, para o caso português muito importantes. Depois evoca-nos Veneza e Ravena, evoca-nos depois a Itália dos séculos XV e XVI, depois a Espanha e Portugal da época gloriosa da expansão, tanto de um como de outro país. Depois a França... (este depois pressupõe uma hierarquia que em certos aspectos não existe) mas enfim evoca-nos ainda o sul da França, o mediterrâneo.

Portugal dada a sua extensão, no sentido norte-sul, também sofreu, em todo o sul do país e ao longo da costa, uma forte influência mediterrânea; tem também, ao longo da sua história, uma série de trocas com o Norte, de princípio origem comercial mas que necessariamente depois com aspectos de ordem cultural. E temos depois toda a nossa fuga para o atlântico que criou segundo alguns autores um possível "barroco atlântico", será uma determinação, um nome pouco pomposo... Temos todas as nossas relações com o atlântico, temos todas as nossas relações com o oriente, com a África, etc.

Ao falar-se em arquitectura meridional há várias escalas de arquitectura meridional. Quer dizer que por exemplo para um maia, um asteca que hoje pudesse ressuscitar e que chegasse à Europa, necessariamente, toda a arquitectura europeia desde a Grécia até, talvez, ao século XIX, e não sei se até à arquitectura presente, seria mais ou menos a mesma coisa com ligeiras modalidades. Talvez um pouco como nós vemos essa arquitectura da América Central, que para nós também nos sugere, embora haja diferenças de tempo grandes entre os vários monumentos, tudo aquilo nos parece a mesma coisa, como os chineses nos parecem todos iguais, e os negros nos parecem todos iguais, etc. Portanto, de um modo geral, um maia, um asteca que viesse aqui dizia: bom Grécia e Roma e depois Itália isto é tudo, mais ou menos, a mesma coisa. Há uma escala grande um sentido grande.

Depois, talvez um americano culto, mais ou menos culto, chegasse à Europa talvez já distinguisse entre o Norte da Europa e o Sul da Europa alguns cambiantes, quer dizer, distinguia o gótico francês talvez do gótico italiano (na medida que existe gótico italiano – mas enfim há uma certa distinção na proporção das coisas, etc). Distinguia talvez uma obra portuguesa de uma obra italiana, há realmente uma certa diferença. Se por exemplo fossemos buscar um italiano mais culto ele já distinguia perfeitamente, ou provavelmente distinguia, as coisas portuguesas das coisas espanholas, das coisas francesas. Vamo-nos aproximando. E depois um português já com um certo requinte pode distinguir as suas coisas das outras e mesmo nas suas coisas distingue, provavelmente, o norte do sul. Tem a ideia de que o país, embora constitua uma unidade cultural, geográfica, etc. tem um Norte, uma zona ao Norte ligada um pouco a Espanha à Galiza, uma zona Central talvez em certos aspectos incaracterística e depois tem toda esta zona Tejo, Alentejo e Algarve com um carácter.

Portanto esse sentido de arquitectura meridional é um sentido que começa por um círculo muito vasto e que se pode ir restringindo até chegarmos a Portugal e dizermos o Porto não é meridional e Lisboa é meridional, ou é mais meridional que o Porto. Esta noção parece-me importante porque a ideia de arquitectura meridional tal como foi posta é um pouco vaga, geral e claro tive sem procurar definir as características da arquitectura meridional que não consigo, pelo menos que levantar uma série de problemas à volta deste tema que foi dado.

Eu por exemplo gostaria, a propósito desse problema Porto - Lisboa, referir que quando eu venho a Lisboa, eu sinto (não sei se aqui em Lisboa me consideram um homem setentrional… nem sei bem se considero a gente de Lisboa meridional), eu realmente talvez sinta, que aqui em Lisboa são muito mais meridionais do que nós no norte. Quer dizer se o país constitui uma realidade, há diferenças. A gente sente (e eu venho frequentemente a Lisboa), sinto uma diferença grande. Eu vejo no norte, no Porto, uma espécie de uma bruma, uma bruma do norte que existe realmente... Não sei se sabem que há uma coisa que diz no Porto: as pessoas do Porto não têm pulmões têm guelras. Exactamente atendendo à densidade de nevoeiro que existe na cidade, a cidade vive numa atmosfera de humidade que aqui em Lisboa não se conhece. Daí resulta um ar soturno nas coisas do Porto , que não têm as coisas de Lisboa. Há uma limpeza e uma clareza em Lisboa que não existe no Porto. Há, por exemplo, uma coisa que me impressiona muito nesta coisa Porto - Lisboa que é a maneira como se distribui a vegetação no Porto e como se distribui a vegetação em Lisboa. Aliás há uma ideia que nunca mais me esquece, uma noção que eu tive uma vez que do Porto parti para Tânger de automóvel. E realmente a gente conforme vai caminhando para o sul, a gente está em Tanger sem notar diferenças, vai avançando, vai avançando, e não deve ser sem razão que por vezes os nórdicos dizem que a Europa começa nos Pirenéus. Portanto, a nossa prisão ao sul é muito sensível, é muito importante a gente vem lá do Norte e a gente vai avançando cada vez mais e vai sentindo cada vez mais a prisão ao sul, a relação com o sul. Mas

ainda essa questão da vegetação, quem vai ao Porto, impressiona-se com a abundância da vegetação e com o volume da vegetação. No sul parece-me que é importante esse aspecto da maneira como se insere a vegetação na paisagem do norte e maneira como se insere a vegetação na paisagem do sul. Dá-me a impressão que aqui no sul a vegetação se insere um pouco em género – museu, um jardim é museu de peças, um museu de árvores depois há outro e outro, mas não há uma continuidade de vegetação. Enquanto que no Norte, por exemplo no Porto nós já temos muito isso, e é claro que muito mais para o norte a vegetação é como que uma manta contínua onde as casas se inserem, as casas aparecem no meio da vegetação. Aqui pode dizer-se que é um pouco o contrário a vegetação aparece no meio das casas. A vegetação, aqui no sul, é tipo oásis. Aqui a vegetação é perfeitamente limitada: há vegetação aqui, acolá e vegetação mais além. Já no Porto, por exemplo, há vegetação nas ruas, mas a vegetação a determinada altura passa para dentro das casas, passa pelo interior dos quarteirões e atinge um volume extraordinário. Infelizmente aliás essa vegetação, o chamado 'progresso' e o Porto nesse aspecto é progressivo esse progresso negativo, essa vegetação está no Porto a desparecer porque o Porto entende que não deve ser Porto, deve ser talvez Lisboa, não sei, ou qualquer coisa assim!

Não é uma questão meramente sentimental a vegetação desaparece porque o terreno vale muito dinheiro e as pessoas não se importam com o valor das árvores [pelo menos hoje] isso está realmente a desaparecer. Eu tenho pensado muito nisso aqui em Lisboa este sentido que se vê aqui em Lisboa a vegetação concentrada, e o nosso colega Freitas Leal há tempos falou-me nisso e tenho exactamente essa noção, é um sentido muito meridional. Quem sobrevoou, por exemplo, o norte de África sente um bocado essa coisa. Quem vai a Fez. Há cidade e uns oásis de verdura. Na catedral de Sevilha, a catedral é seca, mas em determinada altura a gente encontra um pátio onde há umas laranjeiras. É um oásis de verdura. Não há continuidade. Enquanto que a gente continua para o Norte, por exemplo (eu não conheço mas) a Finlândia por exemplo, há uma extraordinária densidade de vegetação e o resto são acidentes dentro dessa vegetação aqui para o sul dá-me a impressão que a coisa é precisamente o contrário. Mas essa diferença Porto-Lisboa parece-me muito importante, e eu sinto-a muito. Aliás tenho umas projecções que sugerem essa diferença, por exemplo a maneira como envelhecem os materiais aqui em Lisboa e como envelhecem os materiais no Porto. O granito envelhece sempre com o ar escuro, soturno.

O Porto parece que se considera uma cidade masculina e Lisboa representa-se por uma mulher, é uma cidade feminina. Isso é também importante, o Porto tem uma certa austeridade e sobriedade que eu não vejo em Lisboa. Lisboa tem uma delicadeza e amabilidade. O Porto não é uma cidade amável. Eu suponho que é interessante estas considerações, porque começa pouco a pouco a pressentir o que possa ser uma arquitectura meridional, na relação, nesta oposição Porto - Lisboa.

Propriamente, quanto tendência de definir características de uma arquitectura meridional, e eu restringia a uma arquitectura portuguesa, a um sentido geral de arquitectura portuguesa, como já disse é muito difícil. Mas há qualquer coisa, tinha que haver qualquer coisa. Porque nós aqui metidos neste rectângulo de terreno com dificuldades de contacto com a Europa, (porque a Espanha nos fechou muitas vezes aqui, nos afastou muitas vezes, ás vezes até demais), nós tínhamos necessidade de criar aqui qualquer coisa. Um povo com um certo carácter e com grande interesse na sua vida cultural sua filosofia, necessariamente criámos qualquer coisa que tem qualquer coisa de próprio que se realmente está integrado numa arquitectura meridional (é preciso lembrar que os árabes estiveram cá... o califado de Córdoba vinha até ao rio Douro, parece-me) estiveram aqui na península 700 anos que a nossa prisão ao sul ao norte de África é muito importante. E depois há toda uma série de circunstâncias que dão um tónus às nossas coisas. Esse tónus só poderá determinar-se um dia, sobretudo as modalidades regionais. Só se poderão determinar um dia, quando estejam feitos todos esses estudos, por exemplo, para mostrar como dentro do tónus nacional, se podem encontrar tónus, norte sul, e também dentro do norte se podem encontrar vários tónus. Eu que estou a trabalhar nesse inquérito da arquitectura regional, nós temos uma zona da costa que vem desde o norte até ao vale do mondego. Nós verificamos que dentro dessa zona há um número extraordinário de modalidades. E há por exemplo uma coisa curiosa. (Agora, como sempre, obrigam-nos a entregar o trabalho e, portanto, temos que adoptar um esquema) Notámos que dentro duma mesma região , dentro de uma zona que parecia ter unidade, quando aqui em Lisboa pegaram no mapa de Portugal - 'num isto fica para estes que é mais ou menos a mesma coisa' - realmente a gente começa a requintar o inquérito e a pesquisa e começa a ver que há uma riqueza extraordinária de coisas. Nós fizemos uma tentativa de esquema que era classificar os edifícios encontrados ao longo do vale dos rios. Há uma série de rios e há uma certa comunidade ao longo ... mas depois verificamos que havia também, quer dizer no sentido horizontal (não é). Verificamos também que no sentido vertical que havia uma comunidade, que havia as coisas da costa, havia as coisas do interior

- do vale dos rios e depois as coisas da montanha. Havia uma riqueza extraordinária. Isto é um campo enorme. É uma coisa tentadora o conhecimento e a determinação das tais "Características".

De um modo geral, pode dizer-se. Eu enfim não sou investigador, nem historiador de arte mas o que tenho pressentido, do que tenho lido sobre coisas portuguesas (aliás devo dizer que quanto a Espanha já há uns estudos interessantes sobre o que um autor chama as "Invariantes da arquitectura espanhola") No caso português, de um modo geral, pode dizer-se que as nossas coisas se caracterizam por 1º lugar uma certa sobriedade. Eu não sei se essa sobriedade resulta de uma certa austeridade económica, se de uma certa austeridade mental. Não há duvida nenhuma que um homem ou um país muito rico pode ter uma arquitectura muito sóbria, mas naturalmente um país muito pobre, também pode ter uma arquitectura, não digo rica, mas farfalhuda, não é? Portanto, não é fácil determinar qual a razão da sobriedade das nossas coisas. Eu suponho que dar a isso uma interpretação puramente económica que é falso. Quer dizer, as nossas coisas são sóbrias talvez porque nós tenhamos também uma certa sobriedade mental. De um modo geral são sóbrias.

De um modo geral têm uma proporção presa à terra, uma proporção quadrada. Este autor que estudou as invariantes da arquitectura espanhola, chamou-lhe quadralidade. Uma das características da arquitectura espanhola é quadralidade. Eu suponho que essa característica mantém-se um pouco nesta nossa arquitectura. Essa tendência para o quadrado, para o baixo. Como sabem todo o gótico português teve sempre uma tendência atarracada, uma tendência de prisão à terra. É claro que há casos que contradizem, como o caso de Alcobaça, mas Alcobaça é uma coisa bastante estranha na nossa paisagem. Eu suponho que a arquitectura românica, aquela arquitectura que é anónima porque não é feita pelo mestre, por este ou por aquele mestre por uns tipos que gente não sabe quem eram homens da terra. Toda a arquitectura românica do norte é extraordinariamente presa à terra. É impressionante como aquilo se insere no terreno, como se agarra bem, dá impressão que não há vendaval que possa levar uma torre, nem vento que possa... o vento se soprar, vem, bate e sobe... Ao passo que qualquer coisa nórdica as torres de Chartes, por exemplo, dá a impressão que qualquer vento que venha aquela coisa começa a tremer e cai mesmo.

Bom outra coisa que há é uma certa sobriedade decorativa. São impressões que tenho, pessoais. Mas estas coisas estão muito sujeitas ... sobriedade na decoração. A decoração tem tendência a concentrar-se em determinados pontos. Ao contrário de uma decoração contínua e dispersa. A nossa decoração é, de um modo geral, forte. Nós temos decoração forte nos capiteis românicos, no pouco que temos de escultura românica, até fortíssima nas coisas barrocas, sobretudo nas coisas barrocas do Norte, de Braga - temos sempre uma extraordinária pujança, como temos nas coisas manuelinas também. Decoração forte.

Um outro aspecto que me parece importante é a maneira como as nossas coisas se integram na paisagem. De um modo geral enquanto os eruditos do norte, para o sentido geral da arquitectura nórdica que no caso moderno se está a afirmar. Enquanto que o nórdico tem tendência a imiscuir-se na natureza, a disfarçar-se um pouco na natureza, nós sem ofender a natureza temos tendência para cavalgar a natureza, não é? Cavalgar neste sentido, de apoiar-nos solidamente sobre a natureza, sem a destruir, mas termos com uma certa independência em relação à natureza. Conhecem por exemplo toda a arquitectura nórdica actual, tem uma tendência de se disfarçar na natureza, de desaparecer na natureza. Que aliás ultrapassou os ingleses para os Estados Unidos, essa tendência existe também nos Estados Unidos. Nós de um modo geral talvez ligado à tradição de Grécia e de Roma, dá-me impressão que temos tendência para aceitarmos a natureza, mas não nos deixamos dominar pelas condições naturais, é estabelecer um compromisso que não é de subordinação total, nem é de domínio total, uma situação média, uma situação que é aliás difícil de explicar.

Uma outra coisa que aparece nas nossas coisas, que me parece importante: uma escala um certo ar de família ... uma escala doméstica. Talvez por sermos um país pequeno em que toda a gente se conhece, não se sabe bem a razão disso(...) Raras vezes há aquele ar monumental, absorvente, dominador, isto tanto nos edifícios, nos espaços internos como no urbanismo. Nós não conhecemos as grandes composições. Será só a falta de dinheiro? Eu suponho que não é porque países pobríssimos fizeram coisas extraordinárias. De maneira que não deve ser bem isso. Deve ser qualquer coisa de mentalidade, de lirismo. Um sentido pequeno de ver as coisas, um ar de família. Nós não temos os grandes eixos, as grandes composições monumentais. De um modo geral, não temos. Em Espanha este autor reconhece essa característica que ele chama "ausência de focalidade", ausência de um ponto dominar toda uma composição. Realmente em Espanha, sobretudo estas características que o autor deduz da análise da arquitectura espanhola, vem de um modo

geral da força da arquitectura árabe em Espanha, da arquitectura hispano mourisca que dominou toda a paisagem espanhola, porque os árabes estiveram muito tempo em Espanha, sobretudo no sul, e construíram aí as melhores construções. [Uma coisa que faz impressão quando a gente vai ao norte de África é supor que encontra. Eles fizeram isto em Espanha ou no norte de África? E no fim de contas as melhores coisas estão em Espanha.]

Nós temos essa ausência de grandes eixos, há torções permanentes nas composições e sobretudo não há aquela ideia de grandes aberturas, dos grandes passeios de que os franceses são mestres. Os franceses apanharam a lição italiana, que não tinha essa grandeza - toda a obra italiana do final do século XVI dos jardins etc. e aproveitaram aquilo fazendo composições formidáveis. Versailles é um caso típico que a gente em determinado ponto domina toda a composição que é simétrica. Cá nós não temos essas coisas. Ainda a respeito dessas relações com a natureza, é interessante ver os nossos santuários, por exemplo o caso do Bom Jesus do Monte. Nós poderíamos ter feito, se fosse uma composição com um sentido mais nórdico [Eu como digo estou a pensar em voz alta, e não queria que interpretassem estas coisas como sendo características ... eu não sei exactamente o que são características. São hipóteses.] Dá-me a impressão que o sentido que eu tenho nas coisas nórdicas... O Bom Jesus do Monte se fosse feito no norte, dá-me a impressão que toda aquela escadaria seria uma coisa diferente. Talvez menos estruturada, sem ser monumental, no entanto pressupõe um certo domínio sobre a natureza. Talvez aquilo se reduzisse a um caminho que subia a encosta com um ar talvez mais romântico mais natural, mais simples do que propriamente com o espírito daquela composição que foi adoptada no Bom Jesus que sem ser monumental, no sentido clássico sobretudo francês, no entanto pressupõe um certo domínio da natureza, uma certa ordem num determinado espaço.

Há ainda esse aspecto que me parece importante, Porto-Lisboa, a distribuição das massas de vegetação. De um modo geral nós localizamos a massa de vegetação - Uma árvore ou uma massa de árvores? [importantes para definir]. Mas talvez nunca, uma coisa que faz impressão ... Greens andamos sempre à procura da última moda. E agora usamos muito os greens... Um green em Espanha deve ser um... e em Portugal também um pouco.) Faz impressão quando a gente vai a Inglaterra essas catedrais, aquilo é envolvido por espaços verdes, por uma toalha contínua [que aliás não é uma relva tão perfeita... peço desculpa ao paisagista... não sei se estou a dizer tolices]. Não é uma relva tão perfeita como a gente julga cá em Portugal, a gente tem a ideia que a relva é uma coisa magnífica, mas vistas lá são bastante mais prosaicas do que a gente julga cá. Os nossos viveiros de um modo geral são melhores, julgo eu, mas muito menos naturais. Nós de um modo geral, em Itália isso é evidente, nós os meridionais, o nosso pavimento. Nós não conhecemos essa ideia da relva, essa massa vegetação que envolve um edifício. Nós conhecemos um pavimento de pedra, de mosaico e com árvore aqui e acolá. Mas com um sentido muito mais dominador da natureza do que esse sentido nórdico. Isto parece-me importante porque em urbanismo nós temos um conceito de organização de espaço bem diferente desse conceito nórdico. Não há muito tempo eu tive oportunidade de ver uma planta de urbanização de uma cidade portuguesa, uma cidade de características tipicamente medievais e suponho que tipicamente meridionais. E a expansão dessa cidade, que é uma cidade quase toda envolvida por muralhas, era feita em regime de cidade jardim inglesa, autenticamente cidade-jardim inglesa: com casas individuais com aqueles parques que a gente sabe, umas árvores... Havia uma diferença extraordinária de espírito e eu não sei como era possível viver nessa cidade e viver na outra. Naturalmente, as pessoas que vivessem numa ou noutra deviam ser inimigas, eram dois mundos completamente diferentes. De um lado era a cidade medieval, com as suas muralhas e as ruas estreitas, com um sentido de organização de espaço muito diferente, sem grandes perspectivas, sempre tudo limitado, etc... e do outro lado, então, era a expansão que era uma cidade jardim inglesa, com os clássicos cul-de-sac, aqueles termómetros, aquelas coisas e depois com casinhas assim soltas e muito espaço e naturalmente com relvados e essa coisa toda...

Para o urbanismo tem muita importância para a gente tentar…

Peço desculpa parece que já estamos a ultrapassar as horas.

De modo que agora íamos então projetar uma série de fotografias:

(Queria fumar um cigarro! Dão-me licença de fumar?)

[ ]
Catedral tipicamente francesa, decorada na sua totalidade com um requinte que nós não conhecemos nas nossas coisas.

[ ]
Um interior da catedral de Sens suponho eu.

[ ]
Um vitral da catedral de Burgos.

[ ] [ ]
Chartres. Há um sentido ascensional que nas nossas coisas não aparece. Chartes ainda. Há uma extraordinária delicadeza nestas coisas. (As fotografias não são minhas, não conheço todas). Esta série de fotografias teve por intenção dar ambiente do gótico nórdico. A nossa sé de Lisboa é românico, mas um românico final no sentido ascensional que não têm as nossas coisas. Isto é provavelmente a ideia do requinte, (...) italianas que nós não temos cá.

[ ]
Isto é Ravena, S. Vital. Em que começa a sentir-se uma adopção um tipo de arco que nós adoptamos muito em Portugal, no manuelino - um arco com uma expressão mais forte que o arco apontado... é uma coisa claro (....)

[ ] [ ]
Isto é Torcello, o mosaico da frente principal de Torcello. Isto para dar a ideia de uma atmosfera mediterrânea mas com fortes influências orientais.
Um interior, suponho, de Torcello. Coisa magnífica compartimentação do espaço, que se encontra também em S. Marcos em Veneza, por exemplo, este elemento de quebra, que faz a separação. Sente-se o Altar, toda aquela zona, mas com separação. Todas estavas vigas, colunas fazem a compartimentação do espaço que é fundamental.

[ ]
Isto é S. Marcos, para mostrar o exotismo... Como sabem parte da Catedral foi construída com materiais trazidos pelos venezianos do oriente, que iam enriquecendo com elementos - mosaicos, torsos de colunas...

[ ]
Praça de S. Marcos. (...)

[ ] [ ]
Florença. Aqui há um requinte, um requinte florentino que culmina no Brunelleschi, de que se vai ver uma fotografia do interior da capela Pazzi. É de um extraordinário requinte nas molduras, na distribuição da luz, na planta. Todo o conjunto é uma obra de um extraordinário requinte. Aqui está um tipo de arquitectura, que em certos apectos se pode chamar arquitectura meridional, até pelo sentido de proporções, pela humanidade numa igreja destas – é de um requinte que nós em Portugal não conhecemos.

E agora começa uma série de coisas portuguesas. De um modo geral só temos coisas românicas, aqui nas projecções. As projecções foram escolhidas entre o material que havia, não foram feitas especialemente para o caso, pelo que necessariamente faltam aqui elementos:

[ ]
Paços de Ferreira, uma igreja de uma extraordinária austeridade.

[ ]
Bravães um pórtico esculpido, pela sua raridade quase em decomposição.

[ ]
S. Pedro de Rates, expressão fechada, atarracada, há um certo mistério. O granito ajuda imenso porque envelhece de uma maneira extraordinária. O granito toma uma riqueza de cor está um pouco desvirtuada. O granito toma uma cor mais fria mais cinzento aqui está mais dourado. Não sei se assim seria mais bonito.

[ ]
S. Miguel de Castelo (Guimarães) - corresponde ao tipo da igrejinha provincial, da região. Uma a igreja simples, com materiais e processos muito simples da construção.

[ ]
Roriz - uma igreja muito fechada...

[ ]
S. Salvador de Travanca. Suponho que esta fotografia seja já depois do restauro (puseram a torre sineira lá atrás). Uma das coisas interessantes é a afirmação dos volumes, apesar de ser uma construção muito simples, muito sóbria (a fotografia também ajuda a isso) há uma forte afirmação dos volumes.

Agora segue-se uma série de projecções de arquitectura anónima. Tão anónima que eu até não sei donde são as fotografias (foram tiradas por um colega que não pôs o nome dos lugares). De qualquer modo tudo isto se passa aqui no Sul, excepto uma que vem confirmar uma ideia curiosa!

[ ] [ ]
Isto deve ser Alentejo... uma grande abundância do branco, da cal, uma grande liberdade da composição que aliás é comum a todas as arquitecturas populares. Eu quis trazer, mas não era possível projectar, um livro sobre a arquitectura popular grega. É impressionante a semelhança entre a arquitectura popular grega e as nossas coisas.
Uma coisa que se nota aqui, que não se nota no norte é como o material tem uma dimensão menor,

há possibilidade de uns requintes de volume, que nós no norte não temos... Tenho uma fotografia, que não é possível projectar, de coisas em que há uma austeridade e uma dureza que aqui não aparece. Outra rua, a luz.

[ ] [ ]
Évora. Esta toda a gente conhece.
A predominância do branco é um facto notável aqui em todo o Sul. É curioso toda a nossa costa é pintada de branco. (Aparecem agora, não sei se já, umas construções do norte que não estão muito longe destas). Há uma corrente costeira de influência que é interessante verificar. Isto é Évora.

[ ] [ ]
Isto é o caso do Norte, na estrada para Viana do Castelo, isto é perto de Ofir. É interessante como a construção tem menos riqueza, menos variedade de volumes. A arquitectura no Norte, a arquitectura regional, está mais presa ao rectângulo, a formas puras do que aqui no Sul. No Sul há uma riqueza maior de formas. As plantas são mais irregulares. Eu suponho que isto deve-se no Norte, em parte, (com certeza há muitos outros aspectos a considerar) ao material. O granito, de um modo geral, é tirado em peças grandes que não suportam, nem curvas, nem pequenas subtilezas. Mas de um modo geral o princípio da policromia é o mesmo e o domínio da cal é interessante.Vai até Viana de Castelo… E conforme a gente vai avançando para o interior, desaparece. Quer dizer toda a arquitectura de montanha do Norte desconhece inteiramente o domínio da cal. Inteiramente ou quase inteiramente. Desconhecia um fenómeno que se está a verificar. Há muitas câmaras que estão a aconselhar, sobretudo lá para as serras, os moradores das habitações a pintarem as habitações de branco, por dentro continuam pretas. Mas por fora, para dar na vista, para dar um certo ar de limpeza, estão a aconselhá-las a pintá-las de branco… Claro que vem em muitos aspectos a destruir o tónus destas construções.

[ ]
Há um aspecto importante a que o colega Freitas Leal se referiu há tempos (que nesta se vê muito bem) a valorização dos recortes. O recorte reveste de certa importância, por exemplo nesta igreja há um certo requinte, talvez pelas possibilidades que o céu oferece. De qualquer modo sempre uma grande sobriedade.

[ ] [ ]
Agora vem aqui uma de Lisboa. Este tom cor de rosa que infelizmente está a invadir o país. Com o calcário que envelhece com grande nobreza. O calcário que amarelo, muito bonito. Uma arquitectura de um modo geral simples. Com uma fotografia do centro do Porto é interessante o contraste. Isto não foi feito de propósito. Que dá a ideia dos dois ambientes... O granito velho escurece, há um certo dramatismo, um jogo de luz, um contraste, uma rudeza, uma brutalidade que não se sente aqui em Lisboa.

As plantas das igrejas a visitar amanhã e depois:
[ ]
A Sé, que eu conhecia mas que quando vim a Lisboa, há quinze dias para revisitar estes edifícios, o que impressionou na Sé é a extraordinária qualidade. Raras vezes tenho visto edifícios que, uma coisa indefinível sobretudo aqui neste ritmo interior de pilares, uma calma, um sentido nosso que me impressionou. Como sabem é um edifício românico com acrescentos góticos, charola, capelas, claustro, etc. Depois há umas projecções que dão ideia dos alçados

[ ]
Isto é uma planta dos Jerónimos que não dá talvez tanto como lá a ideia do salão. (peço desculpa como vou dizer) Os Jerónimos não me impressionaram no outro dia como eu julguei que me tinham impressionado da primeira vez que os vi. É uma igreja que, como veem, praticamente com dois corpos que se juntam. Há um certa ... (mas eu não quero...). Os Jerónimos realmente não me impressionaram muito.

[ ]
Depois Santa Engrácia que não conhecia e que me impressionou realmente. Uma planta grega, muito concentrada como aliás é natural para o domínio da zona central e com aqueles quatro elementos, torres laterais. Com uma série de elementos de pormenor e soluções muito interessantes, que aparecem na fachada - movimentos muito arrojados. Muito interessante.

[ ]
São Paulo. Tem como interesse o enquadramento, estruturada num tecido urbano (tecido mais ou menos pombalino) com uma praça ajardinada que corresponde ao jardim meridional concentrado. Segundo me dizem tem um interesse ser uma igreja de emergência, feita com necessidade de ser construída com certa rapidez, mas no entanto com sobriedade e uma certa nobreza. É um tipo de igreja que aparece muito na região de Coimbra. Eu conheço na região de Coimbra muitas igrejas deste tipo. Esta igreja de São Paulo deve ter constituído um protótipo que depois Lisboa expandiu para o país, como aliás aconteceu já com toda a arquitectura pombalina. Não sei se sabem que o pombalino foi o primeiro

tipo de arquitectura feita em Lisboa imposta ao país. Há uma série de casos de arquitectura pombalina imposta ao País. Em Guimarães, há uma fachada na praça do Toural que foi mandada de Lisboa para Guimarães. Foi o primeiro caso de imposição de uma arquitectura nacional, que vinha de Lisboa... infelizmente isso continua a verificar-se. Embora passados 400 anos continuamos a receber, lá no norte, projectos feitos aqui.

[ ] [ ]
igreja de Fátima. Todos conhecem. (Vamos fazer as visitas portanto não vale a pena demorar-nos ...)
É interessante comparar aqui duas igrejas bastante recentes. Eu não sei qual a diferença... Nossa Senhora de Fátima 1938 e esta [Moscavide] vinte anos depois?
Enquanto aqui há um espírito da igreja com predomínio desta dimensão, deste eixo, ali há muito mais o sentido da igreja do quadrado. Eu vi outro dia esta igreja pela primeira vez e, suponho, que é uma igreja da maior elegância, um documento de evolução e até como procura, de criação de um determinado ambiente meridional – e que eu, até vou mais longe, eu senti muito como igreja de Lisboa. Dá-me impressão que Moscavide era uma igreja que, até certo ponto (a não ser que fosse mandada de Lisboa para o Porto, que também era possível), está muito bem aqui, mas que nós talvez não fizéssemos lá assim. Há uma certa proporção, uma amenidade que nós achamos bem, mas que talvez não fizéssemos assim.

Agora temos então as fotografias:
[ ]
Isto é Lisboa, realmente esta cor está mais próxima do que a patine que ganha o granito em relação aquela que nós vimos há bocado de S. Pedro de Rates.
Uma construção muito fechada, com os seus elementos perfeitamente definidos, com a valorização do pórtico de entrada, que é recuado, Com uma extraordinária sobriedade nas torres. Sobriedade e, simultaneamente, elegância. É um edifício perfeito. Realmente esta frente da Sé de Lisboa é uma composisção perfeita. Parece que há aqui possíveis fantasias de restauro (não sei se há ou não há), mas provavelmente não desvirtuaram a proporção da igreja.
É interessante a afirmação deste volume. Aliás tenho a impressão que na nossa arquitectura, tanto religiosa como civil e um pouco com essa ideia da concentração dos elementos decorativos, a entrada é sempre um elemento de uma extraordinária importância. Por exemplo no Norte, nos solares do norte no séc. XVIII, a entrada (e ligada à entrada um elemento fundamental que é a escada, - que não se sente bem como escada, que é quase uma rampa uma ligação ao andar nobre, uma vez que de um modo geral habitavam no andar, e tinham as instalações agrícolas no andar debaixo. Mas há uma ligação franca. A gente sente, perante o edifício. a importância da entrada. É um convite. E isso parece-me que acontece muito também nas nossas igrejas há uma concentração grande sobre a entrada.

[ ]
Jerónimos - Parte manuelina, afirmação da entrada a riqueza daquele elemento decorativo, o requinte, aquele rendilhado, quanto ao resto é praticamente uma igreja sólida. (é posterior? É um perigo... as torres sim!)
Uma parte correspondente ao altar mor – expressão de 'macicez' aquele elemento decorativo que corre na horizontal.

[ ]
Sao Vicente de Fora. É interessante, mas devo dizer que pessoalmente não me tocou muito. Esta frente é um pouco frouxa, em matéria e volumes, complicada e um bocado traiçoeira... atraiçoando o interior da igreja.
Esta fotografia não é muito feliz (peço desculpa ao fotógrafo) quer dizer há pouca clareza nos volumes
Esta fachada lateral tem em matéria de volumes tem um interesse que não tem a fachada principal. Há uma riqueza de volumes de planos, plano mais recuado ao plano mais avançado que aqui não da muito bem.

[ ][ ]
Santa Engrácia, do lado da entrada, em que faz aquele cavado. Suponho que há agora um restauro da igreja de Santa Engrácia .
Esta fotografia é interessante, aquele outro escavado - uma coisa de extraordinária profundidade e arrojo.

[ ]
Esta é S. Paulo. O que eu vejo mais interessante nesta igreja é exactamente a circunstância que constitui depois um protótipo, uma coisa que se desenvolveu muito. E cá está o jardinzinho à frente, perfeitamente demarcado com as suas árvores e tal. A igreja podia estar envolvida numa zona de verdura ou qualquer coisa. Se fosse feita no séc. XVIII, não sei no Norte. Aqui não! Aqui está enquadrada por pedra, por edifícios, paredes e aqui à frente deram-lhe um 'largozinho' com umas árvores.

[ ] [ ]
A igreja de Fátima. Altar mor e a última igreja.

Conferência
"A arquitectura religiosa cristã e a sua evolução" (1958)
arq. Hermann Baur
Curso de arquitectura sacra
Movimento de Renovação da Arte Religiosa
(Lisboa: Casa de S. Mamede, 3.Jan.1958)

Documento inédito
transcrição áudio
Arquivo SNIP/ Centro de Documentação 25 de Abril

[Nuno Teotónio Pereira apresenta Hermann Baur]

(...) é para nós uma grande alegria e um acontecimento a sua vinda a Portugal para tomar parte duma parte tão importante neste pequeno curso. E quero aproveitar esta oportunidade para lhe manifestar a nossa admiração, desde há muitos anos, à sua pessoa e à sua obra. Admiração porque envolve todos os que na Suíça têm contribuído para a renovação da arte religiosa naquele país.

Eu creio poder dizer que todos os arquitectos portugueses que se têm interessado seriamente pelos problemas de construção de novas igrejas, encontraram na obra do arquitecto Baur uma lição sempre cheia de saludáveis ensinamentos. Realmente, o papel que o arquitecto Baur tem desempenhado nesse movimento renovador é importantíssimo. Entre outros queria salientar dois aspectos que me parecem muito importantes na sua obra e na sua actividade. Um deles, o primeiro, é sem dúvida a perfeita e plena compreensão que sempre mostrou pela importância dos aspectos litúrgicos e teológicos na renovação da arquitectura sacra. O outro é o carácter, ao mesmo tempo, espontâneo e sério, fresco e maduro das suas obras. Uma espontaneidade cheia de contenção, um equilíbrio que não oxida a vista de compromisso, com moderação e até exigências, mas é produto de um forte poder criador aliado a uma profunda consciência dos problemas.

Especialmente para nós do Movimento de Renovação da Arte Religiosa, a actividade do arquitecto Herman Baur tem ainda um interesse muito especial por ter sido um dos fundadores e ser ainda um constante animador da Sociedade de S. Lucas, associação de artistas católicos cuja actividade tanto contribuiu para a renovação operada na Suíça no campo de Arte Sacra.

Por todos estes motivos nos regozijamos com a presença do arquitecto Baur em Portugal entre nós o ter acedido ao nosso convite, a despeito das condições da saúde não serem as melhores e plenamente certos que nos estes dias terão benéficas repercussões na evolução da arquitectura religiosa em Portugal. (...)

[Hermann Baur]

(…) [merci] par votre invitation de venir chez vous pour parler un peu de notre travail en suisse, pour parler nos expériences de nos résultats aussi et encore laissez-moi vous dire comme j'ai été touché par l'accueil si chaleureuse que j'ai trouvé auprès de vous. Mais laissez-moi vous dire aussi que je ne pense pas de donner ce soir une conférence très systématique – du reste vous avez eu déjà l'occasion d'entendre des conférences très comprimées – mais plutôt de vous donner une sorte de causerie, une sorte de rapport sur ces choses-là ce qu'on a fait chez nous, si vous voulez, une sorte d'excursion au passé de ces trente ans qu'on a travaillé chez nous dans cette domaine du renouveau de l'architecture religieuse.

Je pense aujourd'hui de vous parler un peu de ces prépositions qu'on a trouvées il y a trente ans et encore des premiers pas qu'on a fait dans cette domaine et après je voudrais vous faire passer par quelques diapositives un peu les premiers pas qu'on a fait un peu ailleurs, en Allemagne, en France, et alors chez nous, et vous montrer les premiers travaux de la Suisse, jusqu'à la guerre de [19]39. Et ce sera pour demain où je montrerai alors des réalisations depuis la guerre de [19]39.

Il faut vous rendre compte que moi-même comme mes amis, Metzger et encore d'autres en Suisse, sont encore venus du 19ème siècle. Ça veut dire que nous avons encore goûté un peu cette manière de travailler du 19ème siècle. Même dans nos écoles à Zurich, pendant la guerre de [19]14 à [19]18, on a encore cultivé un peu cet éclecticisme qui a voulu rester en rapport avec le style du passé et après cette guerre-là on était, on peut le dire, presque dans une situation absolument désastreuse parce que on voyait très bien qu'on ne pouvait plus continuer ce chemin. Et c'était dans ces temps-là après la guerre de [19]18 qu'un peu partout dans le monde, au moins en Europe, ça commençait une révolution, on peut presque dire, une révolution contre cette manière de travailler sur la base des formes du passé.

Mais c'était pas seulement dans l'architecture comme ça, mais c'était vraiment la situation spirituelle de ces temps-là, de sorte que un jésuite connu, Chivaras [?] de Munich, parlait dans une conférence en Suisse après la guerre, que la situation était tellement, qu'il fallait même faire une destruction complète jusqu'aux bases de tout les choses, aussi jusqu'aux bases, jusqu'aux fondements/ fondations de l'art, et aussi de l'art sacré.

Dans cette situation, on pouvait pas, on pouvait plus, croire que, comme le croyait encore *Jugendstill*, visant avant, qu'on pouvait faire seulement des

formes nouvelles, mais on sentait déjà là qu'il fallait creuser plus profondément pour chercher les sources du renouveau dans l'architecture. C'était dans ces temps-là qu'on a, chez nous, créé, si on veut dire comme ça, créé ce mouvement du *Neues Bauen*. C'était le moment aussi où Le Corbusier a écrit son chose très attaquant «Vers une Architecture», et c'était là, je crois, aussi le début du renouveau de l'architecture sacrée.

Qu'est-ce que ça veut dire de commencer aux bases de l'architecture?

Nous avons, dans ces temps-là, nous avons eu l'idée que il fallait tout d'abord demander ce que un bâtiment doit contenir, on a pas demandé auprès de la forme, mais on a demandé tout d'abord ce que doit être un bâtiment. On a posé à fond la question: Qu'est-ce que c'est une église? On a demandé aussi: Qu'est-ce que c'est une maison d'habitation de notre jour? Qu'est-ce que c'est pour nous aujourd'hui? Parce que on croyait que ce n'est pas une chose de la forme extérieure, que c'était une chose de plus essentiel.

Vous rappelez que dans ces temps-là, on a parlé beaucoup du **fonctionnalisme**, on a parlé en allemand, on a très souvent prononcé ce mot de la '*Sachlichkeit*' – je ne sais pas exactement traduire ce mot qui était très significant pour la situation en Allemagne et en Suisse. Ça voulait dire que il faut d'abord demander auprès de l'objet d'un bâtiment, auprès du sens, du fonction d'un bâtiment. Je sais bien que dans ce temps-là on a très souvent exagéré, ou autrement dit, on a limité ce sens du fonctionnalisme, on a limité cette chose-là aux choses les plus rationnelles.

Mais, au bon sens du mot, je crois que c'était très juste de commencer par là, de poser cette question, ce qui est vraiment la fonction d'un bâtiment. Parce que c'était peut-être la faute, l'erreur, du *Jugendstil*, que vous connaissez sûrement aussi, de croire qu'on pourrait renouveler les formes sans s'attacher au renouveau des contenus. C'est un allemand nouveau, Guardini, qui a dit dans ce temps-là le mot que c'est un erreur de vouloir chercher la beauté directement, il a dit que ce qui cherche la beauté pour la beauté se trompe et il se détruit son œuvre, parce que il a péché contre l'ordonnance des valeurs. Et, je crois, c'était le moment nouveau pour créer l'ordonnance créatrice dans l'architecture pour éviter de tomber de nouveau dans un art pour l'art, comme c'était l'art, on peut le dire, du 19ème siècle et aussi un peu le danger du *Jugendstil*. Au moins le résultat de cette époque du 19ème siècle, on a parlé toujours des formes seulement, de l'extérieur, de développer des formes extérieures - les colonnes, les cimaises et ces chose-là, les corniches, etc. - le résultat a très bien montré qu'un art vivant et authentique, une architecture authentique, ne peut pas naître quand on ne fait pas des fondations plus basses. Ça était un peu en évidence pour tout le monde qu'on ne pouvait plus continuer cette chose du 19ème siècle.

Mais comment changer ?

Tout d'abord dans le domaine de l'église on a vu que le résultat était devenu tellement médiocre que personne n'osait encore parler d'une vraie architecture religieuse et encore aujourd'hui – nous le savons très bien, si on fait des voyages, si on … en Italie ou en Allemagne dans un autre pays, on ne pense même pas de visiter des bâtiments du 19ème siècle – c'est donc un preuve que vraiment les œuvres de cette période n'avaient pas de valeur architecturale. Et dans le domaine de l'architecture sacrée c'était peut-être le pire, parce que l'architecture sacrée c'était toujours l'architecture le plus ambitieuse, et on voyait aussi dans ce domaine le plus les défauts et le débâcle de ce temps-là. Vous savez que plusieurs hommes de l'église ont senti cette situation regrettable de l'église, surtout Paul Claudel qui a écrit dans un préface d'un livre de Cingria[1] sur la «Décadence de l'art sacré», il s'est exprimé à peu près comme ça, que si on veut regarder à tout un peu de près, les églises de ce temps-là on pourrait se plaindre, on aurait l'impression un peu comme celle d'une confession très lourde; et un autre français a dit: Tout ce que l'église manifeste aujourd'hui est si laid, elle qui au- dedans est si belle. En même temps, où dans le domaine de l'architecture, on commençait de creuser plus profondément pour trouver les sources d'un renouveau de l'architecture, où on a cherché les bases de l'architecture, en même temps, c'était aussi de la part de l'église où on a commencé à renouveler les choses qui ont été la base de la construction des églises.

Vous vous rappelez que dans ces temps-là, au commencement au 20ème siècle, est né ce mouvement de la liturgie moderne, a été développé un peu dans le peuple de l'église même – pas venue directement de Rome, vous savez bien, c'était en Belgique, en France et aussi en Allemagne, à Marialach, etc., on a développé ces nouvelles idées de la communauté, de la «causa participatio» (lat.), mais c'était alors le Pape lui-même, Pie X, qui dit, qui a soutenu ce mouvement, que a même autorisé ce mouvement en parlant de haute voix de ce mot de «l'omnia instaurare» et ce mot de la communion, qui était du reste aussi l'appel d'être de nouveau une communauté, et encore les autres appels, par exemple l'appel de Trouvel Nouveau [?], une autre solution pour le chant sacré dans l'église. Et pour

nous, architectes catholiques, et était aussi des architectes modernes, comme on disait dans ces temps-là, nous avons senti que c'était vraiment ça ce que on a cherché un peu dans le domaine de l'architecture moderne, c'est à dire, les sources du renouveau de l'architecture.

Parce qu'en se demandant: Comment maintenant faire? Comment changer l'aspect des édifices religieux? On sentait qu'il y aurait des possibilités nouvelles en suivant ces directions qui ont été données par le Pape Pie X. En réalité, on a vu, on a senti que dans le passé il y avait une évolution dans l'église qui n'était pas toujours suivant les origines, surtout le baroque, en ses conséquences, il a démontré des certains… même déformations, au moins des chose qui ont été assez loin des choses qui ont été à l'origine du culte catholique; c'était même un cardinal, c'était le cardinal Lercaro, qui a dit ceci, que c'était sous l'influence de la renaissance que se perdait un peu le sens de communauté dans l'église, et que c'était le danger de cette renaissance, de cet individualisme de la renaissance, que le chrétien ne pensait qu'à sa chose personnelle, et plus tard il a même dit que c'était sous l'influence du jansénisme que se perdait dans l'église cet esprit de l'unité en Dieu, qui est, d'après Lercaro, une chose fondamentale de l'église, et lui-même il a même démontré des détails qui se présentaient dans les églises qui ont un peu facilité cette tendance, il a dit que c'était pas bien d'avoir les autels toujours dans les églises toujours plus éloignés des fidèles; que c'était aussi un peu dangereux d'avoir un si grand nombre d'autels un peu partout dans les églises, parce que le sens de l'unité s'était affaibli et encore on pouvait pas créer la communauté qui était, au fond, à la base de la chrétienté. Ce sont des choses qui ont été développées surtout en Allemagne alors, auprès de ces gens de Guardini, de Schwartz et d'autres. Pour nous suisses, on participait aussi, on a développé ces idées et les conséquences pour les édifices da l'art sacré, de l'architecture sacrée, et on a essayé de trouver des solutions qui correspondent à ces exigences qu'on a trouvées dans ces conférences.

Là il faut dire un mot sur la réaction qu'on a trouvé au public, chez les fidèles. Naturellement, pour la plupart des fidèles c'était des choses complètement étranges. Et lorsqu'on a fait les premières réalisations, qu'on a essayé, a fait les premiers projets dans ce sens-là, presque tout le monde s'est opposé. On croyait que la forme des églises soit presque terminée, dans le style du passé; c'était probablement une fausse interprétation de la tradition, du sens de la tradition, et nous avons beaucoup discuté avec des gens pour les persuader que la tradition n'est pas une chose de formes extérieures, mas plutôt une chose de l'esprit, une chose intérieure et que la tradition, comme l'a exprimé plus tard Urs von Balthazar[2], ne dispense pas de l'obligation de recommencer toujours complètement de nouveau.

Au point de vue architectural proprement dit, c'était assez difficile aussi, parce que on a un peu exagéré, comme j'ai déjà dit, ou mal compris, ces idées du fonctionnalisme. Les gens qui ont été à la tête de ce mouvement dans l'architecture – au Bauhaus par exemple, encore Corbusier aussi et les autres – ils ont été, dans ces temps-là, au moins, un peu trop rationalistes. Ils n'acceptaient pas des choses surnaturelles et dans ce temps-là très souvent on a entendu à peu près des mots pareils et que on ne construit plus pour les morts qu'on ne veut que construire pour des choses très vivantes. Près de notre temps, c'était dans ces temps-là un peu l'opinion des avant-gardistes que l'église soit vraiment seulement une chose du passé.

C'était dans ces difficultés de tous les cotés qu'on a essayé de travailler quelques ans en Allemagne et en Suisse, et de chercher à faire des réalisations.

Je veux encore une fois revenir à ce sens du **fonctionnalisme** un instant. Je sais bien que c'est un peu dangereux de parler à ce sujet, qu'il y a le danger toujours du malentendu. Le malentendu qui peut arriver en croyant que, en suivant les fonctions demandées par l'église, par le mouvement liturgique, mènera automatiquement à un œuvre d'art dans l'architecture sacrée. Ce serait une erreur naturellement. Mais ce qui était nécessaire, il me semble, ce qui est encore aujourd'hui nécessaire, c'est de prendre ces exigences de l'église, de la liturgie, comme base de notre travail, et même sincèrement comme base de notre travail, mais je veux ajouter que seulement après que tous ces choses-là ont été adaptées et acceptées commence, en réalité, le travail de l'architecte, le travail de l'artiste. Il s'agit de rehausser ces choses-là justement en œuvre d'art, en œuvre d'architecture. Mais d'autre part, je crois, comme a exprimé le mot de Guardini, que ce serait extrêmement dangereux de se séparer de ces exigences de la communauté, de la liturgie, de la théologie pour faire seulement un œuvre d'art et c'est pour ça encore aujourd'hui, je crois, c'est très bien de toujours réfléchir à ces exigences de la liturgie, du reste, de la liturgie qui est elle même en pleine évolution, ce n'est pas une chose terminée vous le savez bien, les problèmes se posent encore maintenant toujours.

Pratiquement c'était la question de créer vraiment un endroit fermé, une espace, de sorte que cette communauté, qui était demandé, qui était aussi nécessaire pas seulement parce que l'église l'a demandé, mais qui était aussi nécessaire,

je peux le dire, presque universellement parce que c'était vraiment dans le temps que ces tendances renforçaient de nouveau le sens de «communauté», même la formation du communisme, et tout ça montre un peu ces tendances de notre temps de faire de nouveau une communauté universelle, mais surtout dans l'église c'était un problème spécial et, je crois, c'était maintenant la question pour nous de trouver la solution concrète pour l'église. La solution concrète, ça veut dire, pas faire une architecture, mais faire le cadre qui répond déjà à l'ordonnance de cette communauté d'une façon que presque que ce serait la forme architecturale de cette communauté même. Et en se figurant comment les fidèles se comprend normalement primitivement, on a des fois trouvé des solutions pratiques pour l'espace de l'église.

En tout cas on a voulu faire des espaces, des espaces intérieurs, où chacun pouvait suivre les choses liturgiques, c'est à dire la sainte messe – ça c'était chose peut-être primitif, mas c'était nécessaire vu que très souvent dans les églises du passé on ne voyait même pas l'autel principal et si on ne voit pas l'autel principal, comment on peut suivre, comment on peut prendre part active à les choses de la liturgie?

Mais il y avait encore d'autres – si vous voulez – détails d'ordre pratique: **l'autel même**. L'autel qui était au cours des années, déjà depuis le Moyen-Age, reculé vers l'abside, très éloigné des fidèles. Il s'agissait d'avancer cet autel de nouveau plus près du peuple pour faciliter cette communauté des fidèles avec l'autel, avec le sanctuaire, avec les ecclésiastiques. Et l'autel même, en étudiant les origines de la liturgie, on est tombé sur des prescriptions très anciennes, sur des rubriques qui disaient qu'un autel doit être un objet en pierre naturelle, posé directement sur le sol et on ne parlait pas dans ces rubriques et dans la tradition de ces retables, qui ont été dans les temps du baroque surtout un peu l'autel-même, ces «édifices» au dessus de l'autel, Le peuple, au moins, a presque pris ça pour l'autel-même, ce qui était seulement décoration au-dessus de l'autel.

Cette 'confondement' entre l'essence entre l´autel lui-même et cette décoration était très, très souvent (…). En effet, quand on regardait des fois ces autels du baroque, rococo, d'un peu plus près, on voyait très bien qu'on s'était éloigné très fortement du sens primitif et essentiel de ce que devait être un autel.

Mais aussi d'autres choses ont été un peu, si on ose dire ça, déformées. En réfléchissant sur ces questions, on est posé aussi sur la question des **chanteurs dans l'église**. On avait l'habitude, c'était presque normal, que les chanteurs ont été placés sur une estrade derrière les fidèles, très souvent très haut, très haussés, et aussi très éloignés de l'autel. Et la manière aussi comme on a traité les chansons dans l'église, c'est devenu un peu une chose isolée de la liturgie, c'était presque des sociétés qui ont donné des concerts sur les estrades (…).

Et en étudiant les sources de la liturgie on est tombé sur le fait que dans le passé les chanteurs de l'église ont été dans le chœur même, ils ont participé directement avec la liturgie auprès de l'autel, et on sentait - plusieurs de ces théologiens qui ont travaillé dans ce domaine ont expliqué ça - qu'on était dans le danger de s'éloigner de trop de l'autel et de la sainte messe.

Pour nous, architectes, c'était alors l'appel de trouver des solutions de placer de nouveau les chanteurs plus près de l'autel. Schwarz, comme on l'a essayé en plusieurs cas, a côté de l'autel (en bas ou en dessus) ou alors, si la place devait rester en arrière des fidèles, de baisser la hauteur de ces estrades, de sorte que la communication spirituelle entre l'autel et les chanteurs soit un peut plus assurée comme avant. Là aussi il y avait encore des discussions, on craignait que il y aurait des rangements quand les chanteurs soient trop près du sanctuaire et il fallait beaucoup discuter et parler, pour faire comprendre qu'il y a toujours des possibilités de trouver des moyens, qu'il n'y aurait pas les inconvénients qu'on a craigné.

Encore une chose, assez essentielle, a été négligée, on ose le dire. C'était le lieu et c'était aussi la forme pour les **fonts baptismaux**. Chez nous très souvent ces pierres-là ont été un peu cachées sous un escalier, même dans les sacristies. C'était un peu le sens que ce lieu était un peu perdu, était un peu oublié (je me rappelle moi-même encore que comme on baptisait mes enfants, c'était un peu une chose à part), et on a pensé qu'il faut aussi renouveler ces actions, surtout aussi dans un temps comme le nôtre, où le problème de famille chrétienne se posait de tous les côtés. On a essayé alors de mettre de nouveau, de donner une place assez importante à ces fonts baptismaux, un emplacement où le sens de ce sacrement soit presque visible. Pratiquement, on a placé de nouveau ces fonts baptismaux ou à côté de l'entrée, des fois dans une chapelle séparée, près de l'entrée, pour signifier le caractère de ce sacrement, qui est un sacrement avant l'entrée en l'église.

Mais encore une autre chose était réfléchie, par conséquence à ces idées principales, de cette idée de communauté, de cette action, cette participation active au service, c'était le **lieu de la prédication**. Vous savez bien que c'était aussi au courant des siècles, ce lieu-là était transporté dans l'église même,

dans la nef de l'église, régulièrement très haut placé au-dessus des fidèles. Et se posait de nouveau la question: est-ce que c'est encore justifié ? Est-ce que ça répond encore aux besoins de nos jours ou est-ce qu'on doit chercher une nouvelle solution ? Et en étudiant de nouveau les sources, on a trouvé que pour notre temps ces dispositions, les dispositions qui ont été dans les églises romanes des premiers siècles, étaient plus près de ce qu'on a cherché. C'est à dire, au lieu de faire des chaires éloignées de l'autel, très haut sur les fidèles, de reculer vers l'autel, de sorte que l'ambon qui était la forme d'origine pour la prédication, soit de nouveau la forme qui assure l'ensemble avec l'autel, et assure aussi l'ensemble du culte, que la prédication soit de nouveau visiblement une partie de la Sainte Messe.

Naturellement pour réaliser des buts pareils, c'était obligatoire de réduire les grandeurs d'églises - parce que ces chaires dans les cathédrales du Moyen Age c'était une chose absolument nécessaire pour se faire comprendre - c'était nécessaire d'avancer, de se mettre au lieu des fidèles.

Mais là aussi, en entendant les **vrais besoins de notre temps**, on a senti qu'il s'agit au moins aujourd'hui pas de faire des grandes églises, de faire des cathédrales. Il s'agissait et il s'agit peut-être encore maintenant de créer beaucoup d'églises paroissiales et que ce soit déjà au point de vue urbaniste très bien, parce que nécessaire, de faire des églises assez petites, déjà par cette raison que les croyants n'ont pas des chemins trop longs pour visiter les églises, dans un temps où il faut faire tous les démarches pour animer le gens de visiter les églises.

Mais aussi par d'autres raisons: on avait l'idée qu'il faut réduire la grandeur des églises et en général, chez nous au moins, on fait des églises d'une grandeur de peut-être 600 places assises, parce qu'on a fait l'expérience que c'est à peu près la grandeur qui assure encore cette communauté qu'on désire au point de vue de la liturgie actuelle.

Je répète que, en suivant tous ces exigences de la liturgie et de la théologie, on n'arrive pas automatiquement à des solutions architecturales et je peux seulement encore une fois ajouter que, je crois, on ne peut pas trop parler de ces choses de forme. C'est assez difficile de se faire comprendre. Il faut faire les choses, après on peut un peu les expliquer, on peut donner des introductions de ce qu'on a voulu exprimer mais, je crois c'est assez difficile de donner les recettes ou des directives, des choses très précises à ce sujet, et j'espère que je peux vous montrer peut-être un peu ce qu'on a voulu faire au point de vue art, au point de vue architecture, en vous démontrant ces diapositives, je crois qu'encore là c'est assez difficile.

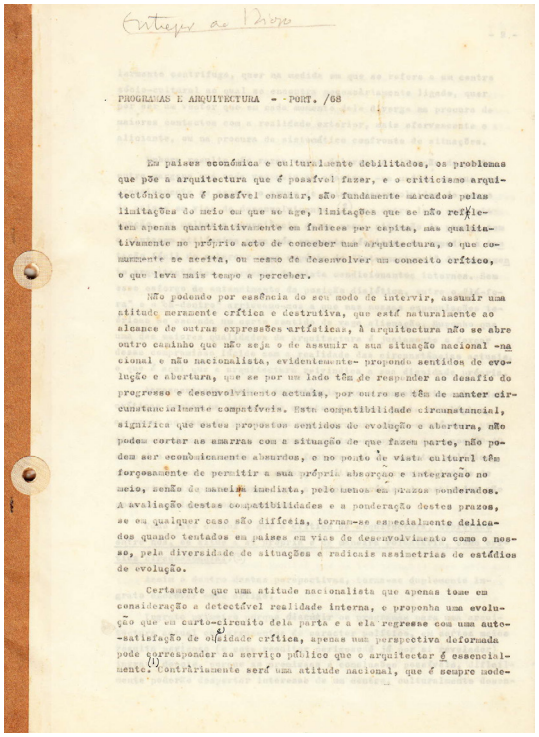
Seulement un mot, peut-être, je peux dire avant, parce que c'est peut-être ça ce qui est un peu (…) les tendances générales de notre temps au point de vue esthétique, au point de vue formes, je crois que c'est aujourd'hui nécessaire de créer des églises, des espaces, dune grande simplicité. Je crois c'est objectivement aujourd'hui nécessaire de trouver une architecture simple, même presque pauvre, qu'il faut créer des **espaces d'une grande silence**, où tous les effets sont éliminés, les effets brutales sont éliminés et je crois même, au moins pour le moment, c'est nécessaire d'éliminer des décorations trop actives, et ça s'impose en avant. Mais pourquoi? Même là peut expliquer cette tendance dans la architecture moderne et dans la l'architecture sacrée. Aujourd'hui…

Notas:

[1] Cingria, Alexandre; "La décadence de l'art sacré", Les Cahiers Vaudois 1917, Lausanne (Paris, éditions de l'Art Catholique 1930 version corrigé et augmenté de notes)

[2] Hans Urs von Balthasar (1905-1988) teólogo suíço.

Anexo 8



PROGRAMAS E ARQUITECTURA - PORT. /68

Em países económica e culturalmente debilitados, os problemas que põe a arquitectura que é possível fazer, e o criticismo arquitectónico que é possível ensaiar, são fundamente marcados pelas limitações do meio em que se age, limitações que se não reflectem apenas quantitativamente em índices per capita, mas qualitativamente no próprio acto de conceber uma arquitectura, o que comummente se aceita, ou mesmo de desenvolver um conceito crítico, o que leva mais tempo a perceber.

Não podendo por essência do seu modo de intervir, assumir uma atitude meramente crítica e destrutiva, que está naturalmente ao alcance de outras expressões artísticas, à arquitectura não se abre outro caminho que não seja o de assumir a sua situação nacional -nacional e não nacionalista, evidentemente- propondo sentidos de evolução e abertura, que se por um lado têm de responder ao desafio do progresso e desenvolvimento actuais, por outro se têm de manter circunstancialmente compatíveis. Esta compatibilidade circunstancial, significa que estes propostos sentidos de evolução e abertura, não podem cortar as amarras com a situação de que fazem parte, não podem ser economicamente absurdos, e no ponto de vista cultural têm forçosamente de permitir a sua própria absorção e integração no meio, senão de maneira imediata, pelo menos em prazos ponderados. A avaliação destas compatibilidades e a ponderação destes prazos, se em qualquer caso são difíceis, tornam-se especialmente delicados quando tentados em países em vias de desenvolvimento como o nosso, pela diversidade de situações e radicais assimetrias de estádios de evolução.

Certamente que uma atitude nacionalista que apenas tome em consideração a detectável realidade interna, e proponha uma evolução que em curto-circuito dela parta e a ela regresse com uma auto-satisfação de obesidade crítica, apenas uma perspectiva deformada pode corresponder ao serviço público que o arquitectar é essencialmente. (1) Contrariamente será uma atitude nacional, que é sempre modelarmente

Artigo
"Programas e Arquitectura" (1968)
arq. Pedro Vieira de Almeida
Redigido para a revista italiana *Chiesa e Quartiere*

Documento não publicado
Transcrição do documento
Arquivo SNIP

Em países económica e culturalmente debilitados, os problemas que põe a arquitectura que é possível fazer, e o criticismo arquitectónico que é possível ensaiar, são fundamente marcados pelas limitações do meio em que se age, limitações que se não reflectem apenas quantitativamente em índices per capita, mas qualitativamente no próprio acto de conceber uma arquitectura, o que comummente se aceita, ou mesmo se desenvolver um conceito crítico, o que leva mais tempo a perceber.

Não podendo por essência do seu modo de intervir, assumir uma atitude meramente crítica e destrutiva, que está naturalmente ao alcance de outras expressões artísticas, à arquitectura não se abre outro caminho que não seja o de assumir a sua situação nacional – nacional e não nacionalista, evidentemente – propondo sentidos de evolução e abertura, que se por um lado têm de responder ao desafio do progresso e desenvolvimento actuais, por outro se têm de manter circunstancialmente compatíveis. Esta compatibilidade circunstancial, significa que estes propostos sentidos de evolução e abertura, não podem cortar as amarras com a situação de que fazem parte, não podem ser economicamente absurdos, e no ponto de vista cultural têm forçosamente de permitir a sua própria absorção e integração no meio, senão de maneira imediata, pelo menos em prazos ponderados. A avaliação destas compatibilidades e a ponderação destes prazos, se em qualquer caso são difíceis, tornam-se especialmente delicados quando tentados em países em vias de desenvolvimento como o nosso, pela diversidade de situações e radicais assimetrias de estádios de evolução.

Certamente que uma atitude nacionalista que apenas tome em consideração a detectável realidade interna, e proponha uma evolução que em curto-circuito dela parta e a ela regresse com uma auto-satisfação de obesidade crítica, apenas uma perspectiva deformada pode corresponder ao serviço público que o arquitectar é essencialmente.[1] Contrariamente será uma atitude nacional, que é sempre modelarmente centrífuga, quer na medida em que se refere a um centro sócio-cultural do qual se encontra necessariamente ligado, quer por ser um vector que em cada momento dele diverge na procura de maiores contactos com a realidade exterior, mais efervescente e aliciante, ou na procura de sistemático confronto de situações.

Embora resulte não raras vezes dolorosa a situação de ponte entre margens que cada vez mais se afastam, - na medida em que progressivamente se separa o grupo e países desenvolvidos do grupo de países em vias de desenvolvimento,[2] por outro lado esta situação, ou melhor a consciência desta mesma situação de ponte, tem a vantagem utilíssima para nós enquanto técnicos, de impedir a tentação fácil de embarcar numa espécie de "Internacional" do pensamento arquitectónico, perdendo de vista condicionantes internos. Sem esse esforço de entendimento da posição dialética, entre o 'lá fora' e o 'cá-dentro' arriscamo-nos a que nas nossas especulações teóricas se esconda um certo sentido de vaga alienação. Suponho que uma das maiores qualidade da arquitectura é justamente o forçar desse compromisso lúcido com a realidade das circunstâncias actuais, e que é aqui que a arquitectura reivindica a sua dignidade própria.

Acrescentando ainda à importância que a consciência e lucidez críticas ganham na permanente construção dessa ponte ideológica, aparecem no caso de países com uma estrutura socio-económica, praticamente decalcada das estruturas centro-europeias dos anos 30-40 como é o caso português, outros factores já de carácter político, que atiram para esse mesmo esforço crítico a responsabilidade de sobrevivência profissional, que a simples prática de estirador não pode de qualquer modo facultar.

Tudo isto conduz a que a crítica de arquitectura, sobretudo entre nós, se situe a si própria e de maneira voluntária, como crítica circunstancial.[3]

Assim e dentro destas perspectivas, torna-se duplamente ingrato escrever este artigo.

Ingrato primeiro porque discutir os programas para uma arquitectura actual com argumentos de carácter político, em certos meios resulta perigoso (e este resultar perigoso é já por si revelador) ingrato depois, porque as premissas e conclusões possíveis, dificilmente poderão despertar interesse de um centro, culturalmente desenvolvido como é o italiano. De facto e pensando em termos gerais, o problema que se põe desde logo é saber de que maneira uma intervenção teórica geograficamente definida e épocalmente datada, poderá contribuir para uma crítica europeia que se locomove noutros limites topológicos e noutro tempo histórico.

No entanto e para além de tudo não desespero de que em alguma coisa possa fazer. Não creio fatal que resultem culturalmente marginais os esforços críticos empregues, até porque as contradições sócio-culturais do meio em que se é forçado trabalhar, por um lado agudizam toda a problemática no que diz respeito a uma urgência e radicalismo da intervenção que se torna necessária, favorecem a percepção de algumas deficiências de método, e tornam patentes os "critical paths" de uma ineficácia profissional, tecnológica e "escapista"; e por outro lado, essas mesmas contradições favorecem também uma distanciação, em relação ao borbulhar efervescente dos movimentos de vanguarda, permitindo uma visão globalizante e até certo ponto equilibrada.

Evidentemente, com isto não pretendo fazer a apologia do atraso mas tão-somente tirar dele enquanto facto real, as conclusões que parecem legítimas, e ainda fundamentar nele, um plano de acção futura.

Não poderemos certamente reivindicar grande coisa na originalidade da contribuição possível, válida ao nível internacional quer no plano teórico, quer prático. Podemos e reivindicamos, o reconhecimento do esforço pela coerência do pensar nos parâmetros que nos situam, e de certa maneira exigimos que a nossa coerência de hoje seja aceite como penhor da nossa capacidade de coerência futura.

Apenas agora, depois de esclarecidos estes pontos prévios no que respeita ao âmbito e enquadramento da nossa atividade crítica, é possível abordar o tema central que me foi proposto para este artigo que é o da maleabilidade, e das relações entre arquitectura e o programa. O tema é vasto e nele se pode incluir, praticamente tudo o que na arquitectura é motivo de controvérsia desde as grandes opções morais até específicos problemas de pré-fabricação. Vou orientar este esboço de trabalho apenas para dois pontos: um primeiro que diz respeito intrinsecamente à maleabilidade enquanto conceito crítico outro que é dela consequência pelo menos em parte.[4]

Parece-me que tal como se tem vindo a pôr o problema da maleabilidade na arquitectura de hoje se pode definir a dois planos: ou a maleabilidade pensada em termos de arquitectura construída permitindo sucessivos aumentos e adaptações ao longo do tempo, ou a maleabilidade na diferente utilização de um edifício voluntariamente multimodo.

maleabilidade de construção
maleabilidade de utilização

[quadro I]

Consideremos primeiro, o da maleabilidade na própria construção em si. Dentro deste plano ainda poderíamos querendo, encontrar duas direcções principais de investigação e proposta: ou a procura de grandes macro-estruturas que absorvem um elevado grau de alterações discretas sem que estas comprometam o princípio geral, como é o exemplo dos metabolistas e em parte do archigram, as visões de Yona Friedman e de toda uma série de utopistas, ou a definição de uma maleabilidade através da fixação de rígidos prazos limite para o uso considerado socialmente rentável, prevendo a irremediável demolição e substituição dos edifícios por outros com critérios actualizados.

Chamando à primeira direcção maleabidade de estrutura e à segunda maleabilidade de reposição poderia continuar a desenvolver o quadro anterior obtendo um outro quadro mais completo.

maleabilidade de construção	maleabilidade de estrutura
	maleabilidade de reposição
maleabilidade de utilização	

[quadro II]

As características destas duas vias de maleabilidade de construção – m. de estrutura e m. de reposição - são muito diferentes: a primeira preocupada com a construção de infraestruturas com certa duração no tempo, tem um marcado sentido internacional na investigação, e por natureza, as suas propostas revestem-se de não menos marcado utopismo. Os pontos de balizagem do seu campo serão a preocupação tecnicista, um gosto formalista

acentuado, o idealismo, a tendência para uma perigosa despolitização na intervenção directa;[5] a segunda, a m. de reposição, preocupada com o construir de células habitáveis (habitar em sentido lato) com tempo de utilidade definido, respeitando um determinado estádio social, e ritmo de evolução previsível, investigando graus de satisfação e necessidade: por tudo isto com um marcado sentido regional, realista na intervenção proposta, exigindo menor grau tecnológico e apenas na medida em que o meio pode ser solicitado.

Ainda um ponto, e fundamental, faz divergir estas duas vias: a importância relativa dada ao aspecto sintático que na m. de estrutura até para reforçar o necessário poder de impacto da proposta de uma nova imagem, ganha uma auto-suficiência que se justifica pelo próprio interesse que desperte.

Querendo podíamos então completar o quadro proposto com algumas características das duas alíneas. [quadro III]

Claro que este académico arrumar de características apenas interessa como análise de casos extremos, que na realidade nos aparecem graduados de umas e outras; análise que sabemos comportar os perigos que as análises sempre comportam, que é o de serem traumatizantes do real que pretendem analisar.

Admitindo que qualquer das modalidades existia em estado puro nenhuma delas está isenta de ratoeiras e de poder conduzir a situações de impasse, quando assumidas com exclusividade.

Se a m. de estrutura, proposta pelos criadores de "cidades do sol" actuais, pela sua maneira idealista de aderência a uma ideologia, se pode alienar num internacionalismo não ajustado a uma intervenção quotidiana, o populismo estreito mesmo paternalista, "cientificamente" justificado em bases sociológicas ou até políticas[6] pode ser e já tem sido na realidade um dos maiores enganos de uma m. de reposição.

Por outro lado o realismo que enquadra esta mesma maleabilidade pode conduzir a uma exagerada justeza a habitação, sociologicamente controlada em limiares mínimos, e com demasiada densidade de intenções, justeza que acaba por resultar deprimente e originar aquilo que se poderia designar por claustrofobia sociológica que entre nós já foi possível determinar criticamente, quer em habitação económica[7] quer em organismos de equipamento coletivo.[8]

A possibilidade, e necessidade até, da concomitância destes dois pólos que se entre-justificam e corrigem numa dialética de uma vida profissional ativa e interveniente ao plano nacional, é o que me parece não ter sido convenientemente entendido em alguns meios nomeadamente dentro da profissão, o que retira a qualquer deles a perspetiva histórica, que permanece a condição necessária de uma consciência no intervir.

Em países receosos de excessiva (?) autonomia por parte dos utilizadores é melhor aceita qualquer das fórmulas duma maleabilidade de construção a primeira pela utopia da proposta[9] e a segunda por ser naturalmente de cúpula de que resulta serem ambas facilmente controláveis por uma administração central. A maleabilidade de utilização embora possa ser programável tem maior poder de improvisação e espontaneidade, é consequentemente mais estruturalmente democrática e por isso também vista com maior prudência e desconfiança por parte dos poderes legítima ou ilegitimamente estabelecidos; prudência e confiança que crescem na razão directa da ilegitimidade desses mesmos poderes. É que menos enquadrado por problemas económicos, ditos

		características gerais	**enquadramento formal**	**enquadramento social**	
maleabilidade de construção	maleabilidade de estrutura	macro estruturas absorvendo as alterações possíveis mas estáveis em si mesmas	dominante sintática-semântica	tecnicismo exarcebado	*soluções globalisantes*
			sentido de linguagem internacional	vanguardismo	
		sentido frequentemente monumental	utopia como elemento actuante	despolitização	
	maleabilidade de reposição	pequenas células destinadas a extremo consumo	dominante semântica-pragmática	certo carácter opcional	*soluções parcelares*
			sentido de vocabulário regional	realismo	
		menos acesível a significações simbólicas	sociologia como elemento actuante	compromisso político	

[quadro III]

objectivos e "técnicos", a maleabilidade de utilização é uma maleabilidade eminentemente pedagógica, de pedagogia mais dedicada e ao tempo mais sólida, de maior realismo e ao mesmo tempo também de maior idealismo, de maior generosidade e de maior risco, que é pedagogia da própria liberdade.

Levando a análise mais longe podemos encontrar também aqui, como fizemos para a maleabilidade de construção, duas vias que convém metodologicamente examinar em separado: maleabilidade por evolução e maleabilidade por mutação semântica.

maleabilidade de utilização	maleabilidade por evolução semântica dentro do mesmo sistema
	maleabilidade por mutação do próprio sistema

[quadro IV]

A primeira m. por evolução semântica verifica-se sempre que utilizamos com sentido actual edifícios do passado sem que haja alteração de fim a que foram destinados como por exemplo ouvir num teatro barroco ou participar em actos de culto numa igreja do século XV digamos por exemplo na igreja dos Jerónimos em Lisboa. É evidente que existe nesta paróquia de vanguarda uma larga clivagem senão mesmo fractura, entra o que ali se propõe e o que a arquitetura de Boytac e Castilho culturalmente propunha na época em que a igreja foi levantada.[10] No entanto não se pode afirmar ter havido alteração do fim a que o edifício foi destinado.

Da m. por mutação do próprio sistema, existem casos típicos embora não voluntários nem controlados ou sequer previsíveis no projecto,[11] como o aproveitamento das ruínas de claustros e pátios de castelos, conventos e palácios do século XI ou do século XII para fazer executar música de Corelli, Brahams ou Stockhausen ou ainda no aproveitamento para igrejas provisórias do espaço previamente destinado a garagens ou armazéns. Neste caso a malha semântica de utilização sobrepõe-se à obra construída e dá-lhe sentido inteiramente novo. No primeiro exemplo apontado, a mutação é menos nítida porque as ruínas são escolhidas exactamente pelo seu valor evocativo e imagético e portanto algo bastante forte permanece na estrutura semântica anterior; o segundo exemplo é mais significativo de uma nítida m. por mutação.

Assentemos por hipótese de trabalho – hipótese em que acredito para além do simples carácter metodológico – que a maleabilidade de utilização com os riscos que comporta, ou até justamente por comportar esses riscos, é aquela sobre que convém debruçar actualmente, sobretudo em países dentro da malha sócio-política em que Portugal se situa.

Quando em 1966 fui convidado pelo Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado a criticar em sessão pública o "Programa tipo" para a construção das Novas Igrejas Paroquiais, pus em dúvida justamente a possibilidade de uma unificação programática como ali se propunha, dadas as naturais assimetrias culturais e necessariamente cultuais da nossa população. Ao contrário e em nome de uma maleabilidade de utilização que suponho realista, eu defendia que inversamente do "Programa tipo" que falava de "uma igreja como um gesto único carregado de sentido" eu preferia que a igreja fosse o somatório de vários gestos sobrepostos, carregados de sentido – o que seria uma proposta para leituras e vários níveis – ou então que o sentido único para que se apelava se referisse à liberdade mesma do crente.

Em termos mais gerais eu diria que num programa de uma Igreja como num programa qualquer de carácter colectivo aquilo a que se chama o carácter icónico de sinais propostos me parece menos adequado. Ou quanto muito será adequado se a estrutura semântica que lhe corresponde for a própria liberdade na maneira de entender e estar presente. No limite desta via de livre utilização está precisamente a maleabilidade por mutação do sistema semântico.

Neste problema actualíssimo de liberdade da assembleia, as igrejas adaptadas que vão ocupar espaços não aderentes ao programa, propõem uma nova relação, igreja-edifício, igreja-assembleia que convém analisar.

Na medida em que a primeira deixe de corresponder à ideia símbolo deixe de materializar a estruturação da segunda, vai-se exigir uma muito maior consciência e responsabilização desta. Uma assembleia que não é acompanhada pelo edifício que a reveste tem de procurar as forças de coesão dentro de si própria o que vem a dar grande valor aos actos humanos como tais.

Por isto estas igrejas adaptadas constituem exemplos de uma arquitectura religiosa de vanguarda no melhor sentido. Mas este desfasamento entre uma massa utilizadora e um edifício que quase lhe é indiferente, se é voluntariamente procurado no acto de conceber uma arquitectura, pode no limite pôr em causa a arquitectura em globo como uma coisa significante; criar-se-ia então o que talvez fosse um exemplo acabado de anti-arquitectura.

Por outro lado esta possível criação de espaços não designantes (e o consequente desenvolvimento

de uma anti-arquitectura) é uma arma de dois gumes, que pode ser perigosamente aproveitada e ainda extremamente perturbadora para uma sua correcta interpretação. Parece-me ter sido esse o caso de uma das obras do arquitecto português Siza Vieira – a cooperativa de Lordelo – obra aliás publicada internacionalmente, e parece-me ser essa a maior dúvida que se pode pôr a uma actual necessidade de tornar a-significante o espaço das Igrejas que se estão neste momento a projectar. E nas condições reais da vida portuguesa, creio legítimo perguntar se é possível para já a renovação de mentalidade que estes espaços a-significantes exigem, mesmo ao nível do clero; quero dizer que o espaço não significativo pode ser utilizado da pior maneira como seja o dar inteira cobertura e até apoio, à possibilidade de permanência de um culto estagnante senão retrógrado. Estou convencido de que aquilo que é possível propor em Portugal com um mínimo de eficácia pedagógica é a valorização de um espaço perdido que corresponde no fundo a uma sã e necessária pedagogia da própria liberdade.[12]

Enquanto conceito isolável suponho que o "espaço perdido" tem vindo a ganhar profundo significado em vários campos, e creio que não só no nosso micro clima cultural embora a sua aplicabilidade entre nós seja nitidamente oportuna e até urgente. Apesar disso não creio que seja no nosso país – et pour cause – que possamos encontrar exemplos claros do seu desenvolvimento.

Em si o espaço perdido não constitui inteiramente conceito novo; o que parece revestir-se de alguma originalidade é a sua possível valorização feita a partir dos dados críticos actuais de uma arquitectura também actual, ou de uma leitura actual – afinal a única possível – de arquitecturas do passado.

Em 1965 na altura em que tentei determinar a possibilidade de o propor como categoria crítica pareceu-me poder detectar uma renovação do conceito de espaço perdido quer como tendência ao nível da criação quer como necessidade ao nível do consumo; para o definir procurei servir-me dos exemplos da evolução próxima em habitação económica, em escolas e em igrejas.

Pensava então e continuo passados estes três anos a pensar ainda hoje, que para que a valorização ou revalorização de um conceito crítico, possa ter alguma operacionalidade enquanto instrumento de análise e proposta (e não resulte simples jogo formal de ensimesmado grupo de estetas) ele tem de ser isolado, e verificada a sua existência mesmo que seja apenas de maneira latente, em exemplos concretos, e nesses exemplos ainda verificado em dois planos: o plano formal e o plano funcional.

No fundo esta tentativa corresponde a percorrer exactamente em sentido contrário o caminho que foi percorrido pelo racionalismo. Trata-se de encontrar uma justificação funcional, portanto social, portanto económica, portanto moral, para o espaço perdido.

Enquanto foram considerados como noções equivalentes, espaço-perdido e espaço-inútil, certamente que o espaço-perdido tinha, e com evidente coerência de ser rejeitado: "Il faut réagir contre l'ancienne maison qui mésusait l'espace" escreve le Corbusier no "Vers un architecture, e G. C. Argan anos mais tarde esclarece que para Gropius, "qualquer fracção de espaço que não seja efectivamente habitada, medida à escala de um acto humano preciso não poderá senão perturbar a percepção do espaço, e a limpidez das sensações".

Embora surgida directamente do conjunto de problemas levantado pela habitação económica e desvalorização crítica do "espaço-perdido" pelo compromisso social que pressuponha, pelo ascetismo sintático de que se rodeava, ganha uma dimensão moral que favoreceu a sua transposição para outros campos de intervenção arquitectónica, em que porventura a sua oportunidade era menor, senão mesmo nula. Isso aconteceu concretamente com os espaços públicos de uma maneira geral, e também aconteceu por natural osmose na concepção de igrejas, que entretanto tinham vindo a ser postas em causa, pelos problemas específicos e urgentes de uma pastoral sub-urbana e de periferia. Assim acabou por se tentar estabelecer em relação às igrejas uma apertada malha funcionalista, que se parece particularmente inoportuna dado que a noção de "espaço-perdido" está ligada a uma tradição cristã de maneira profunda, ainda que muitas vezes ou quase sempre não consciente, ou sequer pressentida.

Escreveu B. Zevi que o transportar de colunatas gregas para o interior de edifícios (intervenção romana) significava para além de uma transformação plástica a possibilidade de "deambular" e percorrer o espaço interior, e que aquilo que marcou o nascer de uma arquitectura de informação cristã teria sido o polarizar desse espaço dando-lhe uma acentuação direcional que acompanha e sublinha o ritmo de um itinerário.[13] Ora este itinerário para que seja experienciável exige não só uma determinada ordenação do conjunto que o possibilite, mas até uma dotação de área, que ultrapassa de longe a estritamente exigida para o aglomerar massivo de uma assembleia.

Concorrente com estas necessidades qualitativas e quantitativas do espaço, os volumes de apoios da estrutura das naves, nunca deixaram de formar cortina e de reduzir radicalmente o espaço útil, – (considerando este como espaço de onde se vê o altar).

O contacto, de séculos, com esta limitação

construtiva obrigou por um lado ao seu controle expressivo, e por outro, condicionou um tipo de comportamento ambíguo que nas catedrais tem o seu máximo desenvolvimento – Fulcanelli[14] acerca delas escreve que: "On y peut discerner, outre l'inspiration ardente née d'une foi robuste, les mille préoccupations de la grande âme populaire, l'affirmation de sa conscience, de sa volonté propre, l'image de sa pensée dans ce qu'elle a de complexe, d'abstrait, d'essentiel de souverain". E depois explica "On y tiens des assemblées politiques sous la présidence de l'évêque : on y discute le prix du grain et du bétail; les drapiers y fixent le cours des étoffes ; on y accourt pour quérir le réconfort solliciter le conseil, implorer le pardon. Et il n'est guère de corporations qui n'y fassent bénir le chef-d'œuvre du nouveau compagnon et ne s'y réunissent, une foi l'an, sous la protection de leur patron"… "la cathédrale est le refuge hospitalier de toutes les infortunes. Les malades qui venaient à Notre-Dame de Paris implorer Dieu pour le soulagement de leur guérison complète. On leur affectait une chapelle située vers la seconde porte qui était éclairée par six lampes. Ils y passaient les nuits. Les médecins y donnaient leurs consultations, à l'entrée même de la basilique, autour du bénitier"… "C'est la cité dans la cité, le noyau intellectuel, l'apothéose de le pensée, du savoir, et de l'art".

Mais tarde já no renascimento são conhecidas as percentagens de espaço útil por exemplo na planta de Bramante para S. Pedro de Roma, que é apenas 34% ou ainda S. Maria de Carigiano (Génova) em que desce a 24%.

Liliana Grassi num artigo relativamente recente da Ch+Q[15] faz sobre as igrejas de planta rectangular e nave única, que caracterizaram a contra reforma, algumas observações que à primeira vista parecem estar em contradição com o que atrás se afirma em relação às catedrais. Neste artigo, escreve que a planta rectangular com uma só nave "inizia la rottura con gli schemi iconografici piu consueti delle basiliche constantiniane. Tale soluzione annulla la sfumata penombra dello spazio paleo-cristiano; l'organismo deviene semplice elementare; uno spazio senza mistero sembrerebbe l'inizio di una lacizazzione dall'architettura".

Creio que a contradição é apenas aparente. De facto o carácter laicizante e funcional das igrejas da contra-reforma põe-se na exacta medida de uma voluntária massificação da assembleia, com um mínimo de risco de um livre-exame, portanto com o maior controle por parte da hierarquia, e a maior passividade por parte do conjunto de fiéis. Poderia dizer que aqui se trata de uma laicização estrutural, controlada institucionalizada.

Diferentemente sucede nas catedrais. Nestas a laicização provém da utilização livre do espaço, provém directamente da "grande alma popular" como afirmação de "consciência" e "vontade própria". Estas são as vantagens e riscos de organismos não rigorosamente ajustados no plano funcional; mais misteriosos no jogo de luz e sombra, mais dinâmicos na proposta de itinerários interiores, mais livres para uma utilização livre, as catedrais são exemplos de organismos abertos e maleáveis, mas também, por isso mesmo, são organismos mais sensíveis e delicados, e ainda por isso mesmo – e este aspecto definitivamente importa – mais eficazes.

Ora deste tipo de maleabilidade que as catedrais dão prova, é responsável precisamente o espaço perdido.

Determinado enquanto conceito por exclusão daquilo que ao tempo se considerava valer a pena conhecer e analisar, que era o espaço estritamente útil – espécie de colant funcional – o espaço perdido tomado como sintoma de desperdício e inutilidade, foi rejeitado em bloco sem mais preocupação; porém no momento em que se tentar recuperar a sua intervenção como instrumento crítico e criativo, exige-se que sobre ele se processe uma análise que lhe perceba a estrutura íntima e as possibilidade expressivas latentes, análise que ainda hoje não está feita com rigor.

De imediato se pode entretanto dizer que se torna necessário como condição de vida reaprender a "mésurer l'espace", o que significa não aceitar que para que um espaço seja efectivamente habitado ele tenha de corresponder a um "espaço medido à escala de um acto humano preciso"; pelo contrário temos de reconhecer que é esse espaço de acção ambígua que importa valorizar. No entanto cabe aqui uma prevenção. É que o espaço-perdido se não confunde com a criação de espaços não designantes a que me referi anteriormente e de que disse poderem originar perturbações externas na sua correcta interpretação. O espaço perdido é sempre um espaço marginal um espaço complementar. Por si, não pode tornar-se nuclear da arquitectura; se o fizer perde enquanto elemento crítico aquilo que nele é fundamental que é o sentido pedagógico, prospectivo e comprometido.

Assim e quanto ao que suponho, é ao espaço perdido que se aplica a frase que U. Eco escreveu referindo-se à obra aberta em geral, mas que aplicada especificamente em relação à arquitectura ganha agora e aqui especial acuidade: "On attend on souhaite une solution, mais elle doit naître d'une prise de conscience du publique: l'ouverture devient instrument de pédagogie révolutionnaire". Esperemos que assim seja.

Por um lado a necessidade de uma maleabilidade de estrutura e por outro as limitações de um público considerado enquanto massa, constituem

dois sectores que ao nível da criação e ao nível do consumo, levantam em conjunto um problema novo, no campo da crítica arquitectónica. Esse problema corresponde à dessincronização de ritmos internos de consumo, e tem consequências como é natural, na própria concepção da obra de arquitectura, consequências que embora não estejam explicitamente enunciadas, estão implicitamente afloradas em alguns exemplos.[16] Podemos analisar em separado cada um daqueles sectores convergentes.

[A]

Os programas maleáveis ou (e) incompletos, ou até inexistentes, têm levantado a recente atenção dos arquitectos, sobretudo quando debruçados sobre o planeamento e construção daqueles edifícios típicos de uma arquitectura indeterminada, sejam escolas, universidades ou hospitais. Creio que nestes últimos, as propostas são especialmente significativas até por ser neles que mais cedo surgiu o problema da indeterminação, e também por ser em edifícios hospitalares que esse problema se tem vindo a tornar, cada vez mais estrutural.

John Weeks, arquitecto para quem este problema é familiar escreve que: "A building for an indeterminate brief cannot adhere to a finite geometric control system. The ideal of unity through constant relationships cannot be achieved" por isto "the problema of growth and change call for new architectural solutions".[17] Em intervenção posterior, John Weeks abordando concretamente o problema hospitalar, acentua que a resposta à indeterminação envolve "the breakdown of our traditional of a work of architecture as a determinable and finite thing". [18] Parece portanto legítimo pensar, que estamos no limiar de uma mudança do tipo de soluções capazes de responder aos problemas de indeterminação. Note-se no entanto que esta mudança de perspectiva nada tem de carácter de arquitectura de ficção, carácter que quanto a mim determina os limites de propostas tais como a metabolista ou a archigramática. Trata-se aqui de uma alteração de perspectiva que é perfeitamente possível, e mais que possível é exigível para hoje, e ainda mais do que exigível tem de ser imediata.

Neste exemplo dos edifícios hospitalares, exemplo típico de uma maleabilidade de estrutura, não aparecem características negativas (que generalizadamente apontei como possíveis) de ser uma intervenção desresponsabilizada e escapista no plano nacional directamente político, embora conserve outras características como a de um largo sentido internacionalista de procura e investigação.

A única maneira de responder a esta nova frente de enquadramento crítico da arquitectura é como propõe Weeks aceitar a indeterminação como princípio, até como princípio sintático. O caso concreto que lhe serve de exemplo – o hospital de Nuffield – é característico dessas opções primeiras não só na abordagem do problema, não só na sua expressão formal, mas até na organização de métodos de trabalho adequados, dentro dos próprios ateliers dos arquitectos. De todas as decisões que acompanham o projecto, a que me interessa aqui referir é a da inteira separação entre o estudo e desenvolvimento do interior e o tratamento das superfícies exteriores.[19]

Se no exemplo de Nuffield esta independência resulta de facto de opções funcionais estritas, esta mesma independência tem sido em outros casos, encarada aparentemente com menor objectividade crítica. No entanto estes casos não resultam menos significativos pelo contrário.

A independência o deslocamento entre os alçados e a ocupação do interior que se passa no exemplo de Nuffield ao nível da criação arquitectónica tem exacta contrapartida, ao nível da leitura. É este nível (nível de leitura) que constitui o segundo sector convergente.

[B]

Creio poder dizer que o espaço-interno da arquitectura, sob que nos demoramos em pesquisas teóricas e práticas não é minimamente consumido ao nível da massa, até porque o consumidor anónimo não o pode apreender enquanto poética, nem sequer dele se apercebe, enquanto conceito isolável. De aqui resulta que a intervenção do espaço da arquitectura, tal como os arquitectos admitem criticamente existir, esteja talvez mais próximo de uma intervenção sub-liminar e de aí até à dificuldade da sua análise e avaliação.

Aquilo que na arquitectura pode ser objecto de consumo massivo é o involucro, e a fachada, ou quanto muito o volume.

Nikolau Pevsner[20] insurgiu-se contra aquilo a que chamou o neo-fachadismo como o regresso ilógico e anti-histórico a uma arquitectura de fachada e de aparência exterior afirmando que assim se trai o que Gropius chamava a responsabilidade social do arquitecto, responsabilidade que entretanto se tornou cada vez maior. Pevsner exemplificando, referia-se a Idlewild [airport] e a Ronchamp, que são edifícios isolados e perfeitamente particularizados no programa, mas seguidamente refere-se também a Chandigarh e aqui o exemplo é mais revelador e generalizável. Não creio porém que Pevsner tenha inteira razão. Acontece que não é gratuitamente que a fachada se tem vindo a destacar e isolar como elemento da arquitectura integrado num contexto urbano. Esse isolamento e destaque processa-se

quer por necessidade de representatividade, quer por necessidades funcionais. Não se trata já de uma descrença do tipo miesiano nos conteúdos da arquitectura, mas de um deslocamento entre esses conteúdos e os continentes considerados significativos sobretudo como peças no plano urbano.

Verifica-se que existe um desfasamento entre um espaço proposto em obra que é susceptível de lenta absorção, e ainda mais lento consumo, e uma volumetria com muito maior capacidade de envelhecimento e uso. Esta diferença de velocidade angular dos anéis constituintes da sua totalidade tende a desfazer a unidade orgânica do conceito de estrutura arquitectónica, separando-a em partes não já integradas mas aditivas.

Podemos agora dizer, que ao nível da concepção tudo o que respeita à maleabilidade, e ao nível da leitura tudo o que respeita ao uso e consumo da arquitectura construída, constituem os factores convergentes que propõem um problema crítico novo, que se define por uma profunda mutação no conceito de unidade arquitectónica enquanto linguagem.

Esta mutação, se vier a tomar proporções mais largas e incidências mais agudas, talvez force a criar sistemas não integrados de crítica arquitectónica, que ajudem a enquadrar e definir precisamente, os limites e consequências de uma tal evolução.

Concretamente, e naquilo que em matéria de planeamento de igrejas esta nova situação possa interferir, poder-se-ia prever como talvez paradoxal consequência, o renovar do interesse por um elemento que tem vindo a desvalorizar-se e a perder a sua carga significativa, que é a torre-campanário, e atribuir-lhe uma função vital quer como "sinal" exterior quer como elemento de um sistema de referencia e orientação urbanas.[21] Se quisesse propor um problema que me pareça fundamental para o estudo de igrejas actuais apontaria precisamente esse, da nova definição em termos sintáticos, rigorosamente de hoje, dos sinais identificadores de um lugar de culto.

Talvez que este problema tenha brevemente solução, entretanto e para já é um problema em aberto.

[1] Digo essencialmente e não exclusivamente. A necessidade de considerar que a arquitectura é essencialmente um serviço público, é um caso típico de uma situação crítica particularizada no tempo e no lugar. Pode ser que em outros países a opção que Zevi expõe nos editoriais breves da "L'architectura" – entre arquitectura considerada como arte – referindo-se aos problemas levantados pelo livro de U. Eco, seja diferentemente doseada, mas em Portugal e hoje, o aspecto do serviço público (até enquanto arte) é, o que mais importa fazer ressaltar.

[2] Recentemente foram fornecidos pela AIDA (Agência Internacional de Desenvolvimento Americano) números referentes ao crescimento de rendimento por habitante no sexénio 60-66 que permitem quantificar esse afastamento, de maneira desoladora.
Noruega, Alemanha e França com taxas de crescimento respectivamente de 4,5 – 3,3 – 3,8 têm rendimentos per capita acima dos US $ 2.000. A Itália com taxa de crescimento de 4,3 tem rendimento p.c. de US $ 1.186, Portugal tem a taxa de crescimento de 4,8 e o rendimento p.c. de US$ 485. Por outro lado a despesa nacional é também relevante: enquanto a Inglaterra, França e Alemanha se situam neste capítulo acima dos US $ 24, Grécia, Portugal, Espanha e Turquia não ultrapassam o US $ 1.
Recentemente e a propósito do pequeno "Brain-storm" provocado pela publicação do "Le Défi Americain" o economista Francisco Pereira de Moura escreveu num artigo significativamente chamado "E o desafio... europeu?" publicado na "Capital": "Qualquer tentativa de focagem do esquema traçado por Schreiber até à escala portuguesa, conduz-nos seguramente aos domínios da ficção científica, tamanha é a desproporção de situações, e virtualidade. Estará aí por ventura a razão do êxito do livro no nosso meio – é inofensivo – tanto no plano das orientações individuais, como no terreno mais vasto dos projectos e compromissos da sociedade". Depois explica que as verbas gastas pelos E.U. em investigação científica nada nos dizem porque "o que se põe em causa não é o volume da despesa mas a própria necessidade e possibilidade de entre nós fazer investigação científica". "Os números americanos acerca do ensino permitem-nos a indiferença" e termina: "Porque não aceitar o desafio europeu, em vez de andarmos a narcotizar-nos com o desafio americano?".
No prefácio de Vasco Vieira de Almeida para a tradução portuguesa do "Le Défi Americain" aparece expressa a mesma ideia: "Para os países mediterrâneos a pressão americana e a resposta da estratégia da concorrência pode portanto implicar antes de mais um perigo europeu – o de uma satelização de segundo grau em relação aos estados individuais do Velho Continente".

[3] A circunstancialidade crítica assumida enquanto tal, é a única forma de não ser sub-desenvolvida a crítica, em países marcados pelo sub-desenvolvimento.
"Il n'y a pas de Conception sous-developpée" afirma o arq. H. Chomette analisando o problema do habitat africano, na "Revue Africaine d'Architecture et Urbanisme".
Conviria aqui distinguir: Não há concepções sub-desenvolvidas se considerarmos que o não são pelo facto de serem adequadas. Mas noutro prisma podemos dizer que as concepções sub-desenvolvidas são precisamente as que correspondem a esquemas de sub-desenvolvimento. Melhor dizendo são concepções orientadas para situações de sub-desenvolvimento.
Trata-se aqui de uma designação que não arrasta juízos de valor. Certamente, aquilo que seria uma concepção tecnicamente sub-desenvolvida em países economicamente sub-desenvolvidos seria tentar uma cópia provinciana e servil de soluções estranhas. Não seria difícil encontrar exemplos.

[4] Entre os problemas necessariamente não tratados, gostaria de apontar, apenas como anexo um terceiro que me parece típico daquele género de mutações críticas que surgindo especialmente agudos em meios sub-desenvolvidos, podem, caso se confirmem enquanto tendência, vir a interferir nas noções correntes da arquitectura, mesmo no plano extra-nacional. Refiro-me ao tipo de relação entre arquitectura e programa que se pode designar por formulação espacial de um programa ou formulação programática de um espaço, como duas faces de uma mesma

moeda, e que hoje já se pode considerar adquirido no plano crítico. Se por um lado aquela relação toma muita acuidade em países em vias de desenvolvimento, por outro, nesses mesmos países o compromisso que a f.e.p. ou a f.p.e. propõem, acabam por ser compromissos de via reduzida e logo insuficientes. Torna-se necessário que os arquitectos não só pensem o programa da arquitectura para trás indo encontrar as implicações espaciais imediatas da formulação de um programa mas que nesse caminho vão mais longe e discutam a validade das próprias bases desses programas considerados com as circunstâncias económicas e políticas que os envolvem.

Outro aspecto surge entre nós, e que é ainda mais relevante referir, por tender a alterar a própria noção do arquitectar. O entendimento e definição das relações críticas função-espaço e espaço-função, se enraízam e dão fundações mais firmes à arquitectura, também contribuem para que ela continue a ser pensada como uma bolsa onde vão convergir vários fluxos de informação e análise – como as psicologias, as sociologias, as economias – , e que estes fluxos atingem um ponto de "coisificação" exatamente na arquitectura construída. Assim, a arquitectura construída funcionaria como sectorial limite de somatório de atividade de análise e crítica. Certamente que a arquitectura é um momento de síntese e que nela o enquadramento no eixo das sincronias é especialmente determinante.

Mas ao que me parece é esta noção de sincronia tomada quase com exclusividade, que se torna necessário agora destruir ou pelo menos esbater. Acentuar o eixo diacrónico suponho que é especialmente útil nesta fase de evolução, sem que isto represente menor compromisso com a realidade circundante pelo contrário:

[5] Esta despolitização apresenta várias facetas. As macro-estruturas não são necessariamente utópicas nem as utopias são necessariamente despolitizadas. No entanto e naquilo que se refere à intervenção dos arquitectos, o risco é real embora não seja fatal a sua concretização; quer dizer que a despolitização permanece certamente enquanto risco-limite, e que em relação a ele nos cumpre estar atentos. Ainda outro risco a que é necessário prestar não menor atenção: a politização por parte da administração central (e por necessidade de propaganda) das intervenções que a si mesmo queriam puramente técnicas. Será necessário exemplificar?

[6] Este perigo é entre nós extremamente agudo. É no plano nacional o limite de quaisquer experiências de desenvolvimento comunitário ou cooperativo, ou de qualquer planeamento mesmo de sector restrito.

[7] O excesso de intenções que originou a claustrofobia sociológica necessariamente que surgiu apenas nas obras dos arquitectos mais conscientes e lúcidos. É o caso por exemplo das torres projectadas por Bartolomeu Costa Cabral e Nuno Portas para o bairro Olivais II.

Este problema não era possível na obra de outros arquitectos exactamente na medida do seu desconhecimento da problemática da habitação social. Raros os exemplos em que o problema além de conhecido foi dominado por inteiro; parece justo salientar aqui as torres de Nuno Teotónio Pereira e A. Pinto de Freitas para Olivais I.

[8] Tal como para a habitação económica a claustrofobia programática só é possível em arquitectos de compromisso consciente, tal é o caso de Siza-Vieira e do seu projecto para o centro Paroquial de Matosinhos que tive oportunidade de analisar integrado no conjunto da sua obra para a revista espanhola "Hogar y Arquitectura" nº68 de Janeiro /67. Posteriormente Siza Vieira discordou dessa interpretação em carta publicada em paralelo com a crítica à sua obra quando da reimpressão de ambas na revista portuguesa "Arquitectura" nº96 de Março-Abril de 68.

[9] Ver atrás a nota II e o comentário de Francisco Moura ao livro de Schreiber e ainda a nota 5.

[10] Boytac e Castilho são apenas os primeiros da série de arquitectos que levantou os Jerónimos. Cito-os a eles em especial porque a grande possibilidade de uma leitura actual e emocionante da igreja reside na sua contribuição. Os arquitectos dos Jerónimos foram: Boytac (1502 a 1515), João de Castilho (1517 ...), Diogo de Torralva (meados do séc. XVI), Jerónimo de Ruão (1571 a 1572).

[11] No fundo o não ser voluntário nem controlado ou sequer previsível é condição necessária de uma m. por mutação.

[12] B. Zevi nos "Editoriais breves" da "L'Architettura" (nº120 Out.65) refere-se a um espaço-perdido, que no entanto não faz corresponder a um conceito determinado mas a uma situação de perda de consciência das bases críticas da ideia de espaço em arquitectura.

Também Giorgio Trebbi escreve para o nº44 da Ch+Q de Dezembro de 67 um editorial com o título "Alla ricerca dello spazio perdutto". O espaço-perdido é para Trebbi todo o espaço de vida que actualmente se encontraria em crise de valores e coerência humana. De certa maneira é a um espaço pré-arquitectónico que se refere.

O espaço-perdido que tentei propor em Janeiro de 65 pretende ser um conceito crítico específico com uma rede de valores histórica social e culturalmente isoláveis. Funcional, o espaço perdido equivale nesta acepção a funções perdidas.

Como escreveu o próprio Trebbi no citado editorial da Ch+Q – "Forse nessunn termine é atto come questo (o espaço) a rendere una complessa eterogeneitá di significati e a svelare tendenze confluenti anche se di lenat e faticosa maturazione".

[13] A originalidade desta polarização do espaço de informação cristã, apensas prudentemente se poderá associar com um sentido de tempo linear orientado irreversível, Agostiniano, que de facto é a concepção anterior, e já presente no pensamento grego antigo. V. por exemplo "Progresso Técnico e 'blocagem' social na cidade antiga" por Vasco Magalhães Vilhena pag.18 – nota. Edição Seara Nova

[14] Le Mystere des Catedrales; Editions Jean-Jacques Pauvert pags. 49-50-52

[15] Chiesa e Quartiere nº35; Iconologia dele Chiese Monastiche Femminili Dall'Alto Medievo – ai secoli XVI-XVII

[16] Deixa-se aqui de parte certas implicações desta situação como e imediatamente, a atitude tomada e a tomar, perante a imagem e adequação da cidade à vida hodierna, e o problema da renovação e salvaguarda dos centros e sítios históricos.

[17] Indeterminate architecture – Transitions of the Bartlet Society

[18] Hospitals for 1970s – RIBA Journal V.71 nº12 Dez.64

[19] O arranjo e composição dos alçados "relates only to structural necessity and not at all to the plans"; RIBA Journal art. cit.

[20] Voltamos a uma arquitectura de fachada? "Arquitectura 63" Barcelona, reproduzido em L'A.96

[21] Sinal orientador no sentido de Kevin Lynch.

Síntese das principais actividades realizadas e participadas pelo Movimento de Renovação da Arte Religiosa, da sua criação ao ocaso.

A síntese apresentada resulta da leitura dos boletins do MRAR
(1ª série 1957-1958, 2ª série 1961-1966, 3ª série 1967-1968)
e da tese de doutoramento em Arquitetura - Teoria e História:
João Alves da Cunha "O MRAR e os anos de ouro da Arquitetura Religiosa em Portugal no século XX, a ação do Movimento de Renovação da Arte Religiosa nas décadas de 1950 e 1960" FAUTL, Lisboa 2013.
Foram consideradas as sub-divisões temporais deste estudo.

1951		
	audiência com o Cardeal Cerejeira (21.Jul)	Nuno Teotónio Pereira, João de Almeida, António Freitas Leal, João Correia Rebelo, José Pedro Martins Barata, Henrique Albino, João Braula Reis e pe. António Reis Rodrigues (assistente da JUC)
	abaixo-assinado *"Somos habitantes de Alvalade e futuros paroquianos de S. João de Brito"*	
1953		
abril		
		
exposição	Arquitectura Religiosa Contemporânea (1ª edição) Lisboa, Galeria de S. Nicolau (6.Abr-10.Mai)	*organização:* Nuno Teotónio Pereira, João de Almeida, António Freitas Leal, João Correia Rebelo, José Maya Santos, Henrique Albino, João Braula Reis.
junho		
		
exposição	Arquitectura Religiosa Contemporânea (2ª edição) Porto, Escola Superios de Belas Artes (13-28.Jun)	
conferência	Moderna Arquitectura Religiosa na Suíça	João de Almeida
1954-1956	***em organização***	
1954		
janeiro		
		
exposição	Arquitectura Religiosa Contemporânea (3ª edição) Ponta Delgada, Museu de Carlos Machado (30.Jan-Fev)	
conferência	Moderna Arquitectura Religiosa na Suíça Ponta Delgada, Liceu (7.fev) p/ João Correia Rebelo	João de Almeida
fevereiro		
estatutos	aprovação condicionada dos Estatutos do MRAR por despacho minesterial (25.Fev)	

março

	A Cultura Contemporânea perante o Pensamento Católico Coimbra, Centro Académico de Democracia Cristã (29.Mar)	*organização*: JUC
conferência	A arte moderna ao serviço da Igreja	Madalena Cabral

abril

conferência	A arte moderna ao serviço da Igreja Lisboa, Sala Algarve da Sociedade de Geografia (1.Abr) Lisboa, Centro Nacional de Cultura (-.Abr)	Madalena Cabral
	A Cultura Contemporânea perante o Pensamento Católico Porto, Salão Nobre da Escola Superior de Belas Artes (30.Abr)	*organização*: JUC
conferência	A arte moderna ao serviço da Igreja	Flórido Vasconcelos

novembro



exposição	Arquitectura Religiosa Contemporânea (4ª edição) Braga, Magistério Primário (20-28.Nov)	
conferência	Moderna Arquitectura Religiosa na Suíça Braga, Magistério Primário (20.Nov), p/José Maya Santos Santo Tirso, Instituto Nun'Álvares, p/ José Maya Santos	João de Almeida

dezembro

formação	1º Encontro do MRAR Adaptação das igrejas antigas às necessidades actuais Lisboa, Instituto do Serviço Social (4-5.Dez)	
conferências	Exigências da paróquia moderna	pe. Teodoro M da Silva
	O príncipio e a natureza da Liturgia	pe. António dos Reis Rodrigues
	A formação espiritual do artista	pe. Gustavo de Almeida
	Liturgia e Arte	pe. José Ferreira
debate	Adaptação das igrejas antigas às exigências actuais	arq. António Freitas Leal



exposição	Arquitectura Religiosa Contemporânea (5ª edição) Coimbra, Salão Nobre da Câmara Municipal (4-11.Dez)	
concurso	Presépios	
	Estampas de natal	António Lino

1955

janeiro



exposição	Arquitectura Religiosa Contemporânea (6ª edição) Funchal, Junta Geral do Distrito Autónomo	
conferência	Etapas da Arquitectura Religiosa Moderna Funchal, Junta Geral do Distrito Autónomo (3.Jan)	arq. António Freitas Leal

fevereiro

estatutos	Pedido de aprovação dos estatutos carta ao ministro da educação (4.Fev)	

março



exposição	Arquitectura Religiosa Contemporânea (7ª edição) Moçambique, Lourenço Marques, átrio da Câmara Municipal	
conferência	inauguração (14.Mar) p/ arq. Nuno Craveiro Lopes	João de Almeida

maio

formação	1º Encontro para Universitários MRAR Lisboa, Externato dos Maristas (30.Mai-1.Abr)	
conferências	A Arte Moderna e o Cristão	João de Almeida
	Estado actual da Arquitectura Religiosa	arq. António Freitas Leal
	A arte e a sociedade	Rogério Fernandes
	A responsabilidade do universitário perante o problema da arte cristã em Portugal	Flórido Vasconcelos
conferência	O altar, seu espaço e as suas relações com a assembleia Lisboa, Casa de S. Mamede (13.Mai)	pe. José Felicidade Alves

junho

formação	2º Encontro do MRAR Problemas da Igreja Paroquial Lisboa, Casa da Imprensa (10-11.Jun)	
conferências	A paróquia moderna	pe. Gustavo de Almeida
	Paróquia e urbanismo	arq. Nuno Teotónio Pereira arq. José Pedro Martins Barata
	A celebração eucarística e a estrutura da assembleia litúrgica	pe. Adelino Gomes
	O altar	D. Tomás Gonçalinho de Oliveira osb.
	O canto na igreja	pe. José Ferreira
	A decoração na igreja	arq. António Freitas Leal

setembro



exposição	Arquitectura Religiosa Contemporânea (8ª edição) Moçambique, Beira	
congresso	I Congresso Nacional de Arquitectura Sacra	
exposição	I Exposição Nacional de Arquitectura Sacra 1945-1955 Itália, Bolonha (23-25.Set)	*participação:* António Lino

dezembro

	Estampa de Natal	Jorge Vieira

1956

março



exposição	Arte Sacra Moderna Lisboa, Galeria Pórtico (26.Mar-7.Abr)	*organização:* pe. António Reis Rodrigues, António Freitas Leal, Madalena Cabral, José Escada
música	Evolução da forma musical (2.Abr) audição de gravações de música polifónica antiga e da Missa de Igor Stravinsky	
conferência	Arquitectura religiosa moderna na Suíça e Alemanha (4.abr)	João de Almeida
cinema	projecção de filmes (6.Abr) "Miserere" 1951 "L'Evangile de la Pierre" 1948 "Images Médievales" 1949	comentários: Nuno Portas
música	sessão fonográfica - Arthur Honnegger	João Pais

abril

formação	2º Encontro para Universitários MRAR Lisboa, Casa de S. Mamede (27-29.Abr)	
conferência	Exigências da arte sacra	est. arq. Luísa Ribeiro Gomes
visita	Sé, S. Vicente e Sta. Engrácia	Flórido de Vasconcelos
debates	Conceito de espaço em arquitectura	arq. estag. Fernando Condesso
	Arte e Sociedade	pe. Manuel Antunes sj.
conferência	A verdade, o Bem e a Beleza em Deus	pe. Honorato Rosa
debate	Formação cultural do artista de hoje	José Escada
cinema	projecção de filmes "Miserere" 1951 "L'architecte maudit: Claude-Nicolas Ledoux" 1954 "Les cathedrales de France au rythme des saisons" 1954	
conferência	Características da arquitectura meridional	arq. António Freitas Leal
debate	Relações entre estudantes e profissionais	Maria Luísa Marinho Leite

maio



exposição	Arte Sacra (re-edição) Lisboa, Seminário dos Olivais (7.Mai - -)	
estatutos	Estatutos MRAR *sócios fundadores:* António Freitas Leal, cónego António Reis Rodrigues, Henrique Albino, João Correia Rebelo, João Braula Reis, João de Almeida, José Maya Santos, Maria José de Mendonça, Madalena Cabral, Nuno Teotónio Pereira	

julho

	1ª Exposição Internacional de Arte Sacra de Salzburgo Áustria, Salzeburgo	*participação:* João de Almeida

setembro

	Congresso internacional de Liturgia Itália, Assis (18-22.Set)	
	Reunião do Secretariado Internacional dos Artistas Católicos (SIAC) Itália, Veneza	*participação:* José Maya Santos

novembro

assembleia	1ª Assembleia Geral MRAR Lisboa (26.Nov)	
eleição	*Direcção:* Nuno Teotónio Pereira (presidente), Flórido de Vasconcelos (secretário), João Correia Rebelo/ Diogo Lino Pimentel (tesoureiro) *Assembleia Geral:* Maria José de Mendonça (presidente), António Lino e José Maya Santos (secretários)	
conferência	Arquitectura religiosa italiana Lisboa, Museu Nacional de Arte Antiga (30.Nov)	José Maya Santos

dezembro

	Estampa de Natal	Jorge Vieira

1957-1958 ***Afirmação***

1957

janeiro

visita	Igreja de Santo António de Moscavide Moscavide (5.Jan)	arq. António Freitas Leal
	audiência Cardeal Cerejeira Lisboa (9.Jan)	
publicação	Boletim (1ª série, nº1)	

abril

formação	3º Encontro MRAR Porto, Casa de Sta. Filomena (26-28.Abr)	
conferências	Visão cristã da Arte Sacra	Diogo Lino Pimentel
	Panorama internacional da arquitectura religiosa moderna	Luiz Cunha
visita	igreja matriz de Matosinhos	Álvaro Siza
cinema		equipa cinema JUC
conferências	Fenomenologia da Arte Cristã	Fernando Condesso
	A importância do silêncio e da meditação para o Artista	Réne Cadete de Oliveira
debate	Perspectivas actuais das artes plásticas	arq. António Freitas Leal
conferências	O movimento 'art noveau' em Portugal	dr. Manuel P. Rio de Carvalho
debates	O artista cristão na sociedade	arq. Fernando Távora
	Problemas de orgânica interna do MRAR	
	Reunião do Secretariado Internacional dos Artistas Católicos (SIAC) Itália, Roma	*participação:* pe. Manuel M. Atanásio

maio

publicação	Boletim (1ª série, nº2)	

novembro

assembleia	2ª Assembleia Geral MRAR Lisboa (12.Nov)	

dezembro

publicação	Boletim (1ª série, nº3)	
	Estampa de Natal	Jorge Vieira

1958

janeiro

formação	Curso Arquitectura Sacra Lisboa, Casa de S. Mamede (2-5.Jan)	
conferências	Esta é a casa de Deus e porta do céu	pe. José Felicidade Alves
	Visão sumária do mistério da Liturgia	pe. José Ferreira
	Características da arquitectura religiosa meridional	arq. Fernando Távora
	Alguns problemas da iconografia cristã	cónego A. Gregório Neves
	A arquitectura religiosa cristã e a sua evolução	arq. Hermann Baur
visita	Jerónimos, Sé, São Vicente e Santa Engrácia	arq. Fernando Távora, arq. António Freitas Leal pe. Manuel Mendes Atanásio
conferências	Liturgia da celebração eucarística	pe. José Ferreira
	A organização do espaço da igreja	arq. Hermann Baur
	Evolução da música sacra do séc XII ao XX	dr. Gil Miranda
	Dimensões pastorais de uma paróquia urbana	pe. Manuel Falcão
	Análise aos principais elementos ordenados ao culto	arq. Hermann Baur
visita	Nossa Senhora de Fátima e Moscavide	

abril

	Homenagem a George Roault Lisboa, Faculdade de Letras (30.Abr)	
publicação	Boletim (1ª série, nº4)	

novembro

assembleia	3ª Assembleia Geral MRAR Lisboa (12.Nov)	
eleição	*Direção:* António de Freitas Leal (presidente), Sebastião Formosinho Sanchez (secretário) e Madalena Cabral (tesoureiro). *Assembleia Geral:* António Lino (presidente), Flórido de Vasconcelos e João Braula Reis (secretários).	

dezembro

	3º Encontro para Universitários MRAR Lisboa, Casa da Imprensa (6-8.Dez)	*organização*: MRAR/JUCF
cine		
conferências	A arte e Cultura	João de Almeida
	A formação do artista do nosso tempo	arq. António Freitas Leal
	Algumas preocupações estéticas permanentes no pensamento dos artistas	dr. Artur de Gusmão
	Formação pessoal do artista	Lagoa Henriques
	Características da expressão artística	dr. Carlos Alberto Ferreira de Almeida

1959-1960 ***Silêncio***

1959

fevereiro

conferência	Le renouveau de l'art religieux en France Lisboa, Sociedade Nacional de Belas Artes (23.Fev)	Joseph Pichard

junho



exposição	Arquitectura Religiosa Contemporânea (9ª edição) Angola, Luanda, Instituto de Angola (inaug. 1.Jun)	Francisco Pereira da Costa



exposição	Arte Sacra Moderna (1ª edição) Porto, Paço Episcopal (20.Jun-10.Jul)	
conferências	A Arte entre a Igreja e o Tempo (20.Jun)	Nuno Portas
	Arte Sacra na Europa Central (22.Jun)	pe. João de Almeida
visitas	visita guiada (29.Jun)	Madalena Cabral
	visita guiada (2.Jul)	Flórido Vasconcelos

julho

	I Encontro Nacional das Comissões Diocesanas de Arte Sacra Aveiro, Seminário (8-10.Jul)	organização: MRAR Comissão de Arte Sacra de Aveiro Centro de Ação Pastoral de Aveiro
conferências	O valor das formas no culto	pe. Adelino Gomes
	O centro paroquial	pe. Fernando Micael
debate	O panorama actual da arquitectura religiosa corrente em Portugal	pe. Adelino Gomes, arq. Nuno Teotónio Pereira arq. António Freitas Leal
conferências	A igreja antiga e as exigências actuais	Avelino Rodrigues
	A decoração do templo	pe. João de Almeida
	A igreja paroquial no contexto urbano	pe. Manuel Falcão
	O Templo actual e a evolução da Liturgia	pe. José Ferreira
visita	Exposição de Arte Sacra no Porto	
conferências	O edifício sagrado nas grandes linhas de evolução da arquitectura moderna	Luíz Cunha
	Problemas da paróquia operária	pe. Aleixo Cordeiro
	Problemas da paróquia rural	pe. Albano Vaz Pinto
	Encerramento	pe. Domingos Pinho Brandão

novembro

assembleia	4ª Assembleia Geral MRAR Lisboa (10.Nov)	
manifesto	Sobre as hipóteses para a reconstrução de S.Domingos (após o incêndio de 13.Ago)	

1960

fevereiro

visita	O miserere de Georges Rouault Lisboa, Palácio Foz (19.Fev)	Vitorino Nemésio

março



exposição	Arte Sacra (2ª edição - reduzida) Guimarães, Museu Alberto Sampaio (12.Mar)	*coordenação:* Maria Luísa Marinho Leite, Maria Alice, Luíza Brandão, Diogo Alcoforado e Luíz Cunha
conferências	A arte regressa à Igreja (12.Mar)	Luíz Cunha
	A arte regressa à Igreja (19.Mar)	pe. João de Almeida

abril



exposição	Arte Sacra (3ª edição - reduzida) Aveiro, Museu de Santa Joana Princesa (29.Abr)	*coordenação:* Anselmo Gomes Teixeira, Luíz Cunha, Maria Luísa Marinho Leite
conferência	Justificação de uma Arte Moderna na Igreja (19.Abr)	Flórido Vasconcelos

outubro

conferência	Os problemas relacionados com a construção de novas igrejas Lisboa, Instituto Superior Técnico (10.Out)	cardeal Giacomo Lercaro

dezembro

	Estampa de Natal	Diogo Alcoforado

1961-1964 ***Recuperação***

1961

fevereiro

assembleia	5ª Assembleia Geral MRAR Lisboa, Irmandade de S. José dos Carpinteiros (24.Fev)	
eleição	*Direção:* Nuno Teotónio Pereira (presidente), António de Freitas Leal (secretário) e Maria José de Mendonça (tesoureiro) *Assembleia Geral:* Sebastião Formosinho Sanchez (presidente)	

abril		
semana de estudos	1ª Semana de Estudos Instituto Açoriano de Cultura (8.Abr)	
conferência	Possibilidades de uma arquitectura religiosa moderna	João Correia Rebelo
junho		
reunião de formação e convívio	igreja Na. Sra. da Piedade, Vidais, Caldas da Rainha capela de Figueira, Algarve Lisboa (27.Jun)	arq. António Freitas Leal
publicação	Boletim (2ª série, nº1, Jun)	
julho		
reunião de formação e convívio	igreja de Rio Maior Lisboa (25.Jun)	Sebastião Formosinho Sanchez
publicação	Boletim (2ª série, nº2, Jul)	
agosto		
publicação	Boletim (2ª série, nº3, Ago)	
setembro		
publicação	Boletim (2ª série, nº4, Set)	
outubro		
encontro	I Encontro de Outono Torres Vedras, Hotel das Termas dos Cucos (29.Out-1.Nov)	
debate	O artista e a comunidade	pe. Manuel Antunes sj.
conferência	Comunidade e expressão	prof. Vitorino Nemésio
retiro	Situação do cristão no mundo perante as tarefas temporais	pe. João de Almeida
visita	Sta. Maria do Castelo, na Lourinhã, de S. Leonardo e de N. Sra da Conceição, na Atouguia da Baleia, de S. Pedro, em Dois Portos, e ao Santuário de N. Sra dos Remédios, em Peniche	
conferência	Arquitectura maneirista na Índia e no Brasil	dr. Mário Tavares Chicó
retiro	Presença de Deus na História e de Cristo na Igreja; Conhecimento pessoal de Cristo	fr. José Manuel de Aguilar op. fundador do Movimiento Arte Sacro (MAS-Espanha)
debate	O sagrado e o profano em arte	pe. João Cabral sj.
visita	Cardeal Cerejeira	
diapositivos	Arte Sacra Espanhola	
retiro	Caridade Fraterna	pe. João de Almeida
publicação	Boletim (2ª série, nº5, Out)	
novembro		
reunião de estudo	Ante-projeto do convento para a Congregação das Irmãs Franciscanas de Calais, Gondomar Lisboa (28.Nov)	arq. Fernando Távora
publicação	Boletim (2ª série, nº6, Nov)	
dezembro		
exposição	A Virgem Maria e os artistas de hoje	*organização*: MRAE/LCF *não realizada*
publicação	Boletim (2ª série, nº7, Dez)	

1962

janeiro

reunião de estudo	Ourivesaria Sacra em Portugal Lisboa, sede MRAR (30.Jan)	dr. João Couto
publicação	Boletim (2ª série, nº8, Jan)	

fevereiro

exposição	Arte Sacra (arquitectura, pintura, escultura, ourivesaria e paramentaria) Lisboa, sede JUC (2-4.Fev)	*organização:* MRAR/JUC-ESBAL
conferências	Arte Sacra - discussão dos painéis	pe. João de Almeida
	Arquitectura e arquitectura sacra	Nuno Portas
	Problemas gerais da música sacra	Francisco Cardoso d'Orey
exposição	Arte Sacra (arquitectura, pintura, escultura, ourivesaria e paramentaria) Lisboa, Faculdade de Medicina (Fev)	*organização:* MRAR/JUC-ESBAL
diapositivos	projecção de slides - Arquitectura sacra contemporânea	Diogo Lino Pimentel
filme	Pintura e escultura sacra - Turismo francês	
reunião de estudo	Ante-projecto da capela do convento dominicano de Nossa Senhora do Rosário, Fátima Lisboa (27.Fev)	arq. Luíz Cunha
publicação	Boletim (2ª série, nº9, Fev)	

março

reunião de estudo	Primeiros estudos para a igreja de S. Jorge de Arroios, Lisboa Lisboa (27.Mar)	arq. Manuel Alzina de Menezes arq. Erich Corsépius
publicação	Boletim (2ª série, nº10, Fev)	

abril

assembleia	6ª Assembleia Geral MRAR Lisboa, sede MRAR (12.Abr)	
publicação	Boletim (2ª série, nº11, Abr)	

maio

reunião de estudo	Ourivesaria Sacra Moderna Lisboa (3.Mai)	pe. João de Almeida
concurso	anteprojectos para a igreja do Sagrado Coração de Jesus e seus anexos Lisboa (31.Mai)	

junho

reunião de estudo	Apresentação de projectos Lisboa, Sociedade Nacional de Belas Artes (19.Jun)	arq. Hermann Baur
publicação	Boletim (2ª série, nº12, Mai-Jun)	

julho

reunião de estudo	Paramentaria antiga em Portugal Lisboa (24.Jun)	Maria José Mendonça

agosto

	Arquitectura e Arte Religiosa Moderna Angra do Heroísmo, Salão da Junta Geral (30.Ago)	
conferências	História do movimento de arquitetura religiosa moderna	arq. João Correia Rebelo
	Renovação de alfaias e paramentaria	arq. Nuno Teotónio Pereira
	Adaptação das igrejas antigas às exigências da espiritualidade litúrgica moderna	arq. Nuno Teotónio Pereira
publicação	Boletim (2ª série, nº13, Jul-Ago)	

setembro

	Arquitectura e Arte Religiosa Moderna	arq. João Correia Rebelo arq. Nuno Teotónio Pereira
	Horta, Sociedade "Amor da Pátria" (4.Set) Ponta Delgada, Claustro do convento de Santo André (8.Set)	

outubro

		
exposição	Anteprojetos concorrentes no concurso da nova igreja do Sagrado Coração de Jesus Lisboa, Sociedade Nacional das Belas Artes (13-22.Out)	
	apresentação e discussão do projecto vencedor (22.Out)	arq. Nuno Teotónio Pereira
publicação	Boletim (2ª série, nº14, Set-Out)	

novembro

reunião de estudo	Ante-projecto futura igreja do Sagrado Coração de Jesus - Lisboa. Lisboa (6.Nov)	arq. Nuno Teotónio Pereira
encontro	II Encontro de Outono	
	Colares, Casa de retiros de Sto. Inácio - Rodízio (24-26.nov)	*organização:* pe. João de Almeida, Diogo Lino Pimentel e Maria do Carmos Matos
conferência	"A estrutura da celebração litúrgica"	pe. José Ferreira
trabalho de grupos	Organização e equipamento do espaço da celebração litúrgica, Decoração e iconografia	pe. João de Almeida
	Função e forma da veste sagrada: princípios, evolução histórica e soluções actuais	Madalena Cabral
	Estrutura e função dos cânticos litúrgicos na tradição da Igreja; Perspectivas actuais da música sacra; Função, localização e organização pastoral dos diferentes tipos de grupos corais	pe. José Ferreira
música	Audição de música sacra	Francisco d'Orey
publicação	Boletim (2ª série, nº15, Nov)	

dezembro

reunião de estudo	Ante-projecto futura igreja do Sagrado Coração de Jesus - Lisboa. Lisboa (4.Dez)	arq. Nuno Teotónio Pereira
publicação	Boletim (2ª série, nº16, Dez)	

1963

janeiro

reunião de estudo	Coro e órgão Lisboa (8.Jan)	pe. Avelino Rodrigues Francisco Fernandes
assembleia	7ª Assembleia Geral MRAR Lisboa (22.Jan)	
eleição	*Direção:* Sebastião Formosinho Sanchez (presidente), Diogo Lino Pimentel (secretário) e Erich Corsépius (tesoureiro). *Assembleia Geral: Nuno Teotónio Pereira* (presidente)	
publicação	Boletim (2ª série, nº17, Jan)	

fevereiro

reunião de estudo	Paramentaria moderna Lisboa (5.Fev)	Madalena Cabral
conferência	Exigências espaciais da celebração litúrgica Santo Tirso (15.Fev)	D. Tomás Gonçalinho de Oliveira osb.
publicação	Boletim (2ª série, nº18, Fev)	

março

reunião de estudo	Música Sacra Portuguesa - audição Lisboa, Salão Paroquial de Santa Isabel (5.Mar)	
publicação	Boletim (2ª série, nº19, Mar)	

abril

reunião de estudo	Igreja bairro Sacor Lisboa (2.Abr)	arq. Eduardo Hilário arq. Alberto Camacho
publicação	Boletim (2ª série, nº20, Abr)	

maio

reunião de estudo	Paróquia experimental do Padrão da Légua - sociologia religiosa Lisboa, Salão Paroquial de Santa Isabel (14.Mai)	arq. Fernando Abrunhosa de Brito pe. Leonel de Oliveira

junho

reunião de estudo	Contributo do canto sagrado para uma renovação pastoral ao nível das paróquias Lisboa, Salão Paroquial de Santa Isabel (25.Jun)	pe. José Ferreira
publicação	Boletim (2ª série, nº21, Mai-Jun)	

agosto

publicação	Boletim (2ª série, nº22, Jul-Ago)	

novembro

encontro	III Encontro de Outono Lisboa, Centro de Retiros do Patriarcado, Quinta do Marquês de Fontes, Buraca (1-3.Nov)	*organização:* pe. Avelino Rodrigues, Maria do Carmo Matos, Madalena Cabral, Diogo Lino Pimentel, Francisco Fernandes e Manuel Costa Cabral
retiro	Aliança de Deus com os homens, o Espírito Santo e a Santidade	pe. João de Almeida
conferências	O Baptismo como Sacramento de inserção da pessoa na comunidade cristã	pe. José da Felicidade Alves
	Teoria dos símbolos	pe. João Resina
	Liturgia baptismal e baptistério	pe. José Ferreira
Slides	Baptistérios	pe. João de Almeida
	Ferdinand Gehr	Diogo Lino Pimentel
conferência	Arquitectura Sacra Bragança, Paço Episcopal (21-22.Nov)	pe. João de Almeida
publicação	Boletim (2ª série, nº23, Out-Nov)	

dezembro

reunião de estudo	Escultura Lisboa, Casa de S. Mamede (17.Dez)	Lagoa Henriques

1964

janeiro

publicação	Boletim (2ª série, nº24, Dez.63-Jan.64)	

fevereiro

reunião de estudo	Igreja de S. Tiago, Almada Lisboa, Casa de S. Mamede (18.Fev)	arq. Nuno Teotónio Pereira Luís Moreira

março

publicação	Boletim (2ª série, nº25, Fev-Mar)	

abril



exposição	Novas Igrejas na Alemanha Lisboa, Sociedade Nacional de Belas Artes (2-26.Abr)	
assembleia	8ª Assembleia Geral MRAR Lisboa (10.Abr)	
	Encontro MRAR Porto Porto, Hotel da Granja (17-19.Abr)	*organização:* Luiz Cunha, Maria Luísa Marinho Leite, Carlos Carvalho Dias e Manuel Aguiar
conferência	Arte Sacra e Litúrgica	pe. João de Almeida
meditação	Sermão da Montanha	pe. Leonel de Oliveira
conferência	Assembleia Cristã	pe. José Felicidade Alves
slides	Arte Sacra antiga e moderna	pe. João de Almeida.
meditação		pe. Albino Carvalho Moreira
debate	Arte Sacra portuguesa moderna	arq. Luíz Cunha
reunião de estudo	Igreja da Sagrada Família, Tabaqueira Lisboa (28.Abr)	Jorge Viana

maio

reunião de estudo	Ante-projecto igreja de Paço de Arcos Lisboa (26.Mai)	pe. João de Almeida
publicação	Boletim (2ª série, nº26, Abr-Mai)	

junho

	Congresso Mariano Sameiro (5.Jun)	
conferência	Templos e Arte na Igreja de Cristo	arq. António Freitas Leal arq. Diogo Lino Pimentel



exposição	Paramentaria Moderna Lisboa, Sé (22.Jun-4.Jul)	*organização:* MRAR/ FCG

julho

visita	Diocese do Funchal - Construção urgente de novas igrejas (paróquias criadas em 1961) a pedido do bispo D. Frei David de Sousa ofm	arq. António Freitas Leal arq. Diogo Lino Pimentel
conferências	Arte Sacra Moderna Funchal, Seminário Maior (23-24.Jul)	arq. António Freitas Leal arq. Diogo Lino Pimentel
publicação	Boletim (2ª série, nº27, Jun-Jul)	

agosto

visita	Suíça pe. João de Almeida, Nuno Teotónio Pereira, Diogo Lino Pimentel, Nuno Portas, Luíz Cunha	

outubro



exposição	Anteprojectos apresentados a concurso da Sé Catedral de Bragança Bragança (inaug. 22.Out) Lisboa, Sociedade Nacional das Belas Artes (inaug. 21.Nov) Porto, Escola Superior de Belas Artes (inaug. 19.Abr.1965)	

novembro

reunião de estudo	Convento de La Tourette Lisboa, Sociedade Nacional das Belas Artes (24.Nov)	pe. Lecapitaine op. prof. de teologia naquele convento
reunião de estudo	Sé de Bragança Lisboa, Sociedade Nacional das Belas Artes (26.Nov)	

1965-1967 ***Crise e reformulação***

1965

janeiro

reunião de estudo	Análise comparada dos 5 primeiros trabalhos - Sé de Bragança Lisboa, Casa de S. Mamede (Jan)	frei. José Mattoso osb.
reunião de estudo	Ecumenismo Monte Athos (diapositivos) Lisboa (25.Jan)	pe. Fernando Micael Luís Noronha da Costa

março

assembleia	9ª Assembleia Geral MRAR Lisboa (29.Mar)	
eleição	*Direção: Sebastião* Formosinho Sanchez (presidente), António de Freitas Leal (secretário) e Maria do Carmo Ribeiro Matos (tesoureiro) *Assembleia Geral:* Érich Corsépius (presidente)	

abril

visita	igrejas de Na. Sra da Piedade (Vidais, Caldas da Rainha) N. Sra do Rosário, convento dos Dominicanos (Fátima) Caldas da Rainha e Fátima (23.Abr)	
congresso internacional	O edifício como lugar de comunitário de acção litúrgica Itália, Assis (22-24.Abr)	
conferências	Condições de inserção do edifício no espaço social urbano Programa para a construção de novas igrejas	pe. João de Almeida arq. Diogo Lino Pimentel pe. João de Almeida arq. Diogo Lino Pimentel

junho		
reunião de estudo	Arquitectura erudita no meio rural, igrejas para a Madeira Lisboa (22.Jun)	arq. António Freitas Leal arq. António Flores Ribeiro
outubro		
reunião de estudo	Ante projecto do complexo paroquial de Na. Sra. de Fátima, Macau Lisboa (5.Out)	arq. Manuel Vicente
dezembro		
publicação	Boletim (2ª série, nº28, Jul.64-Dez.65)	
1966		
janeiro		
reunião de estudo	igrejas de Na. Sra do Rosário, convento dos Dominicanos, Fátima; S. Mamede de Negrelos, Santo Tirso; Na. Sra de Fátima, Póvoa do Valado, Aveiro (a construir) Lisboa (11.Jan)	arq. Luíz Cunha
fevereiro		
reunião de estudo	Ante-projecto igreja Sr. dos Mares, Nazaré Lisboa, Casa de S. Mamede (17.Fev)	arq. Fernando Távora
março		
assembleia	Assembleia Geral MRAR Lisboa (15.Mar e 1.Abr)	
reunião de estudo	O artista na sociedade actual Lisboa, Centro Nacional de Cultura (25.Mar)	José Augusto França
publicação	Boletim (2ª série, nº29, Jan-Mar)	
abril		
reunião de estudo	Remodelação de igrejas (23.Abr)	*não realizada*
maio		
reunião de estudo	Igreja na cidade (9.Mai)	*não realizada*
assembleia	Assembleia Geral MRAR Lisboa (17.Mai)	
junho		
publicação	Boletim (2ª série, nº30, Abr-Jun)	
setembro		
encontro	O artista perante a sociedade actual Coimbra, Cernache (9-16.Set)	*não realizado*
conferências	Consequências sociais	dr. Melo e Sousa
	O desenvolvimento económico	dr. Xavier Pintado
	Consequências religiosas	pe. Micael Pereira
	Planeamento Regional	arq. José Pedro Martins Barata
	Evolução Urbana	arq. Fernando Távora

outubro

assembleia	Assembleia Extraordinária MRAR	
	Lisboa (26.Out)	
eleição	*Direcção:* Nuno Portas (presidente), Diogo Lino Pimentel (secretário)	
	e Maria do Carmo Matos (tesoureiro)	
	Vogais: Eduardo Nery, pe. João de Almeida, pe. Fernando Micael, pe. Avelino Rodrigues	

novembro

reunião de estudo	Novos Problemas do MRAR	
	Lisboa, Sociedade Nacional das Belas Artes (18.Nov)	
conferências	Presença da Igreja na sociedade portuguesa em trânsito	pe. Fernando Micael
	A arte religiosa como serviço e como expressão artística	Eduardo Nery
	Os edifícios sagrados da Igreja post-conciliar	pe. Avelino Rodrigues
		arq. Diogo Lino Pimentel
debate		arq. Nuno Portas

dezembro

	A Igreja na sociedade urbana	pe. Fernando Micael
	Lisboa, Sociedade Nacional das Belas Artes (16.Dez)	

1967

janeiro

reunião de estudo	Novos Problemas do MRAR	
	Lisboa (20.Jan)	
conferência	Novos sentidos da imagem nas artes actuais	Fernando Peres
debates	Crise de semântica da pintura contemporânea	José Augusto França
	Presença da imagem na paisagem	arq. Nuno Portas

fevereiro

reunião de estudo	Novos Conceitos de Igrejas	
	Lisboa, Sociedade Nacional das Belas Artes (17.Fev)	
conferência	Novos problemas do espaço arquitectónico	arq. Pedro Vieira de Almeida
	Crítica ao programa-tipo à luz da evolução pós-conciliar	pe. Felicidade Alves

março

	A reintegração artística dos monumentos antigos	pe. Avelino Rodrigues
	(17.Mar)	

abril

reunião de estudo	igrejas de	arq. Pedro Vieira de Almeida
	Santiago, Almada (Nuno Teotónio Pereira, Luís Moreira, Nuno Portas)	
	N. Sra da Conceição, Queluz (José Maya Santos)	
	Sagrada Família, Paço de Arcos (João de Almeida)	
	N. Sra da Conceição, Rio Maior (José Luis Zúquete e José Bruschy)	
	Seminário Dominicano do Olival (Diogo Lino Pimentel)	
	e os ante-projetos das igrejas	
	St. António dos Cavaleiros, Loures (Diogo Lino Pimentel)	
	Nevogilde, Porto (Luíz Cunha).	
	Lisboa (28.Abr)	

1968-1969 *Ocaso*

1968

reunião de estudo	Estudo de projectos de igrejas urbanas recentes: S. Lázaro, Braga (José Maya Santos), Sagrado Coração de Jesus, Lisboa (Nuno Teotónio Pereira e Nuno Portas) St. António dos Cavaleiros, Loures (Diogo Lino Pimentel) Sé de Bragança (Francisco Figueira, Luis Vassalo Rosa e António Alfredo)	*não realizada*
reunião de estudo	Estudo de critérios e formas de intervenção em igrejas antigas para actualização litúrgica e ambiencial (análise de experiências em Lisboa e Porto)	*não realizada*
reunião de estudo	Produção de imagens e outros modos de participação do artista plástico na arquitectura religiosa (análise da evolução em Portugal e de experiências actuais)	*não realizada*
reunião de estudo	Equipamento religioso para as populações marginais (o processo para a criação de espaços para a vida religiosa em bairros de lata, clandestinos, etc.)	*não realizada*

maio

publicação	Boletim (3ª série, nº1, Jan.67-Mai.68)	

junho

conferência	Problemas actuais da arquitectura de igrejas Lisboa, Sociedade Nacional das Belas Artes (5.Jun)	arq. Glauco Gresleri não realizada

1969

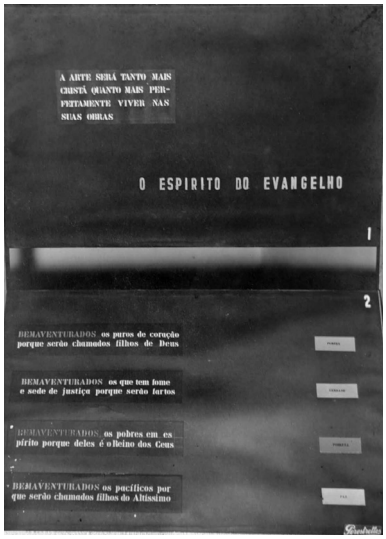
	Carta de "congelamento" do MRAR (6.Ago)	Nuno Portas, Diogo Lino Pimentel, Maria do Carmo Matos e pe. Avelino Rodrigues



folheto da exposição
(re-edição Luanda: Instituto de Angola, 1958)
Arquivo FCG-MRAR

Painéis da
"Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea" (1953)
(Lisboa: Galeria de S. Nocolau.1953)

transcrição dos conteúdos dos painéis expositivos
identificação das obras apresentadas e seus autores
Arquivo FCG-MRAR



1
2

painel 1
A Arte será tanto mais cristã quanto mais perfeitamente viver as suas obras

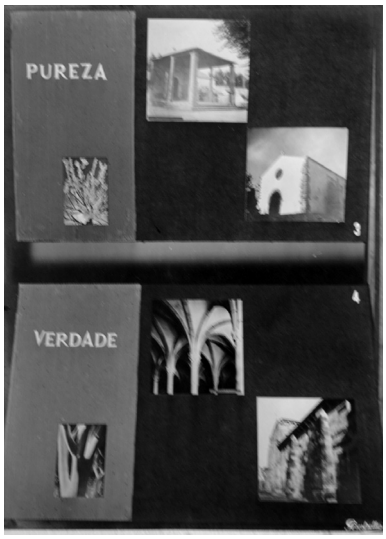
O Espírito do Evangelho

painel 2

Bem aventurados os puros de coração	
porque serão chamados filhos de Deus	Pureza
Bem aventurados os que têm fome e sede de justiça	
porque serão fartos	Verdade
Bem aventurados os pobres de espírito	
porque deles é o Reino dos Céus	Pobreza
Bem aventurados os pacíficos	
porque serão chamados filhos do Altíssimo	Paz

painel 3
Pureza

1. capela do Espírito Santo (Fundão, séc. XVI)
2. ermida de N.ª S.ra de Guadalupe (Vila do Bispo, séc. XIII)



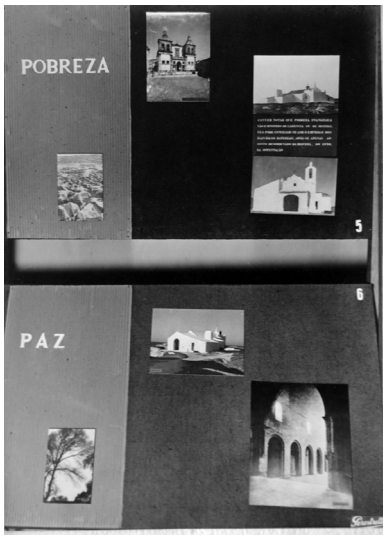
painel 4
Verdade

1. refeitório do mosteiro de Alcobaça
2. igreja de S. Pedro de Rates

painel 5
Pobreza

1. igreja de S.ta Maria da Graça (Setúbal)
2. ermida de S.to Estêvão (Baleal)
3. igreja de Santa Margarida (Peroguarda, Beja)

3
4

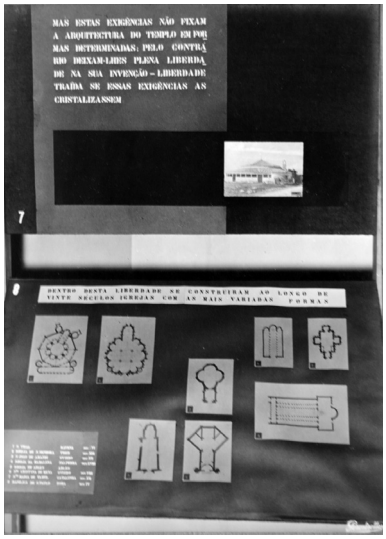


Convém notar que pobreza evangélica não é sinónimo de carência ou miséria ela pode conciliar-se com o emprego dos mais ricos materiais, opõe-se apenas ao gosto desordenado da riqueza, do luxo, da ostentação

painel 6
Paz

1. ermida de S.to Estêvão (Baleal)
2. abadia de Sénanque (França)

5
6



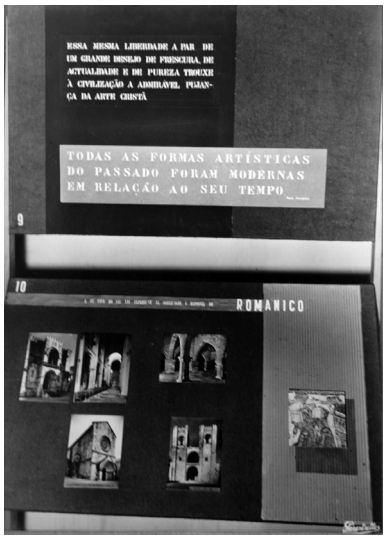
7
8

painel 7
Mas estas experiências não fixam a arquitectura do templo em formas determinadas: pelo contrário deixam-lhes plena liberdade na sua invenção – liberdade traída se essas exigências as cristalizassem

1. ermida de Janas

painel 8
Dentro desta liberdade se constroem ao longo de vinte séculos igrejas com as mais variadas formas

1. S. Vital, Ravena
2. basílica Menor, Trier (séc.XIII)
3. (...),
4. (...), Falperra
5. (...), Arles
6. Sta. Cristina de Lena, Oviedo
7. (...), Catalunha
8. basílica de S. João de Latrão, Roma



9
10

painel 9
Essa mesma liberdade a par de um grande desejo de frescura, de actualidade e de pureza trouxe à civilização a admirável pujança da arte cristã.

"Todas as formas artísticas do passado foram modernas em relação ao seu tempo" Cardeal Cerejeira

painel 10
A fé viva do séc. XII exprime-se na sobriedade e harmonia do Românico

1. Sé Velha, Coimbra
2. S. Pedro de Lourosa, Arganil
3. S. João do Alporão, Santarém
4. Sé, Lisboa



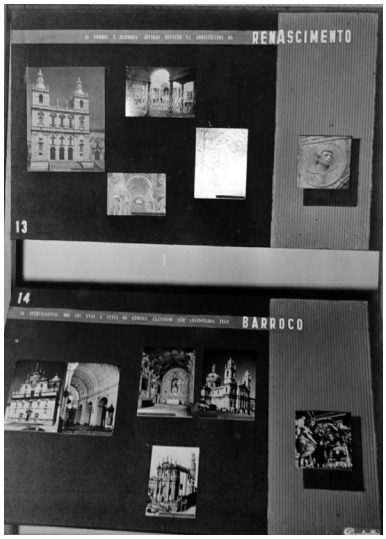
11
12

painel 11
O refinamento da cultura medieval manifesta-se na elegância do Gótico

1. Notre Dame, Paris
2. Igreja da Graça, Santarém
3. S. João de Alporão, Santarém (interior)
4. Mosteiro de Alcobaça

painel 12
Ao clima das descobertas desenvolve-se em Portugal a exuberância decorativa do Manuelino

1. mosteiro dos Jerónimos, Lisboa (interior)
2. igreja de Jesus, Setúbal (interior)
3. igreja matriz da Golegã (interior)
4. igreja matriz da Golegã (exterior)
5. mosteiro dos Jerónimos, Lisboa (portal)

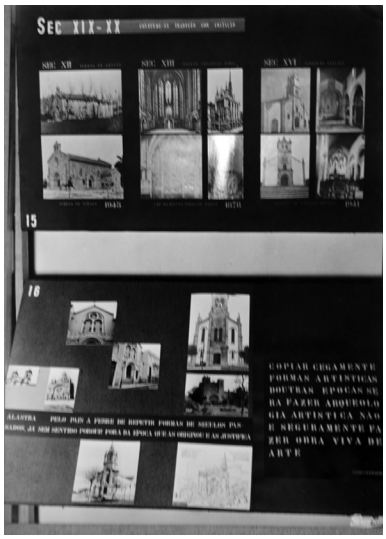


painel 13
As formas e harmonia antigas revivem na arquitectura do Renascimento

1. Mosteiro de S. Vicente Fora, Lisboa (exterior)
2. Capela Nossa Senhora da Conceição, Tomar (interior)
3. Capela do Convento do Bom Jesus de Valverde, Évora (interior)
4. (...)

painel 14
Na efervescência dos séc. XVII e XVIII os cânones clássicos são abandonados pelo Barroco

1. Sé Nova, Coimbra (ext)
2. Sé Nova, Coimbra (int)
3. Santo António, Lagos (int)
4. Basílica da Estrela, Lisboa (ext)
5. Igreja dos Clérigos, Porto (ext)



painel 15
Séc. XIX-XX Confunde-se tradição com imitação

séc.XII Igreja de Arnoso
1945 Igreja de Vidago

séc.XIII Saint Chapellle, Paris
1878 capela do Divino Coração, Porto

séc XVI igreja da Atalaia
1944 igreja do Entroncamento

painel 16
Alastra pelo país a febre de repetir formas de séculos passados, já sem sentido porque fora da época que as originou e as justifica

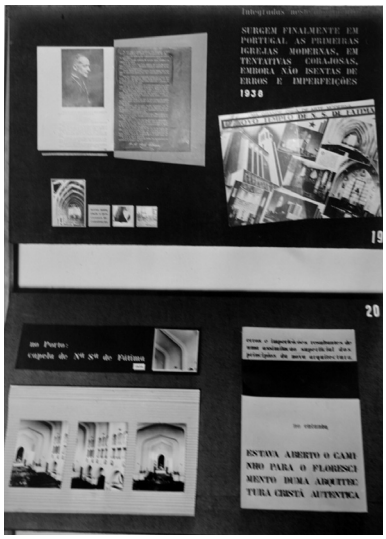
"Copiar cegamente formas artísticas doutras épocas será fazer arqueologia artística não seguramente fazer obra viva de arte"
Cardeal Cerejeira

1. ---
2. basílica Santa Luzia (Viana do Castelo 1899-1943)
Miguel Ventura Terra
3. capela do Coração de Jesus e Maria Imaculada
Rua Capitão Renato Baptista, Lisboa
4. igreja de S. Tiago (Amorim, 1922)
Adães Bermudes
5. convento de N.ª S.ra das Relíquias (Vidigueira, 1863)
(autoria desconhecida)
6. igreja de (Espinho 1930-5-)
Adães Bermudes
7. santuário de N.ª S.ra da Assunção, (Santo Tirso, 1928-1934)
Ernesto Korrodi



painel 17
Mas, a despeito de atitudes paralisantes, os novos dados
da vida, da técnica, do pensamento,
fazem nascer uma nova arquitectura

1. *villa Savoy, (Poissy, França, 1931) Le Corbusier*
2. *Kensal house (Londres, Reino Unido, 1938) Maxwell Fry*
3. *escola Bauhaus (Dessau, Alemanha 1926) Walter Gropius*
4. *sanatório de Paimion (Finlândia,1933) Alvar Aalto*
5. *---*
6. *casa del Fascio (Como, Itália 1936) Terragni*



painel 18
Nascida das exigência do movimento litúrgico e dos novos princípios da arquitectura funcional secular, surge na Europa central a nova arquitectura religiosa. Caracterizam-na fundamentalmente:

- a transformação do espaço interior da igreja, tendendo a assegurar e a exprimir a participação cada vez mais íntima dos fiéis nos serviços litúrgicos

- o emprego racional das técnicas actuais e a aceitação das novas forma que elas impõem

1. *St. Fronleichnam (Aachen, Alemanha 1930) Rudolf Schwarz*
2. *St. Karl (Luzerna, Suíça 1933-1934) Fritz Metzger*
3. *Notre-Dame de Raincy (Paris, França 1922-1923) August Perret*

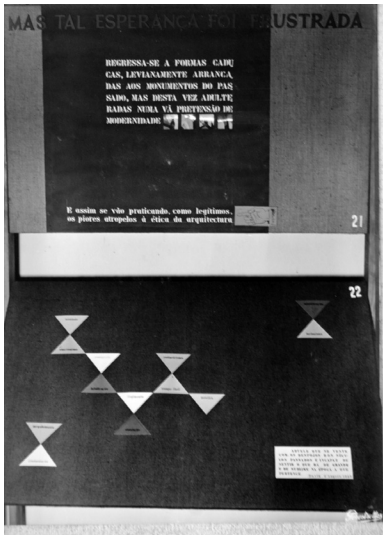
painel 19
Integradas neste movimento surgem finalmente em Portugal
as primeiras igrejas modernas, em tentativas corajosas embora
não isentas de erros e imperfeições - 1938

1. *Revista Oficial do Sindicato dos Arquitectos, (Nov.-Dez.1938)*
   "Sua eminência o cardeal"
2. *O Século ilustrado, (Jan.1939)*
   "O novo templo de Nossa Senhora de Fátima"

3. *igreja de N.ª S.ra de Fátima (Lisboa,1933-1938)*
   Pardal Monteiro

painel 20
Erros e imperfeições resultantes de uma assimilação superficial dos princípios de uma nova arquitectura. No entanto, estava aberto o caminho para o florescimento duma arquitectura cristã autêntica

1. *capela de N.ª S.ra de Fátima (Porto, 1935)*
   ARS



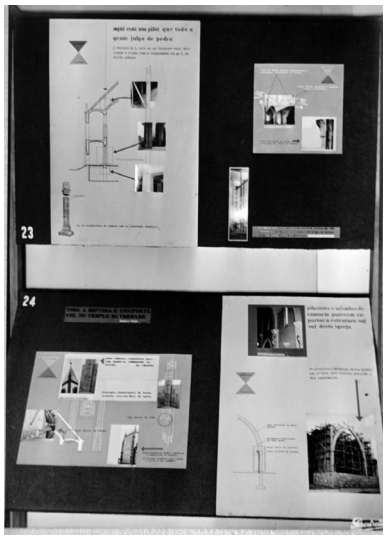
painel 21
Mas tal esperança foi frustrada. Regressa-se a formas caducas, levianamente arrancadas aos monumentos do passado, mas desta vez adulteradas numa vã pretensão de modernidade

Pormenores da igreja de S. João de Deus (Lisboa)

e assim se vão praticando, como legítimos, os piores atropelos à ética da arquitectura

painel 22
"Aquele que se veste com os despojos dos séculos passados é incapaz de sentir o que há de grande e de sublime na época a que pertence"
David d'Angers (1948)

megalomania | dissimulação
falsidade | anacronismo; cenografia | falsificação; fingimento | simulação; rotineirismo | tromp d'oeil; mentira
mistificação | farisaísmo



painel 23
Aqui está um pilar que toda a gente julga ser de pedra,
é preciso ir à cave ou ao telhado para descobrir o lugar pois
o verdadeiro pilar é de betão armado

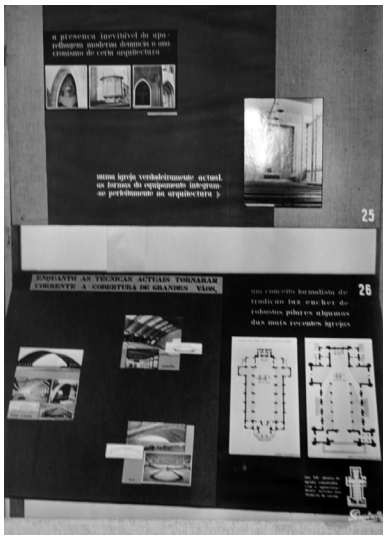
cortes e fotografias do interior de S.to Condestável

na sã arquitectura de estrutura não se admitem disfarces

igreja de Todos os Santos, Basileia, Hermann Baur

painel 24
"Toda a mentira é insuportável no templo da verdade."
Maurice Denis

falsidade | cenografia
Estes robustos contrafortes parecem apoiar-se solidamente no terreno, no entanto, elementos clandestinos de betão armado servem-lhes de apoio. *igreja de S.to Condestável*
Pilastras e mísulas de cantaria parecem suportar a estrutura ogival desta igreja, no entanto a falsidade dessa aparência esteve bem patente durante a sua construção. *igreja de S. João de Deus*



painel 25
A presença inevitável da aparelhagem moderna denuncia o anacronismo de certa arquitectura.

1. 2. 3. igreja de S.to Condestável

Numa igreja verdadeiramente actual, as formas do equipamento integram-se perfeitamente na arquitectura

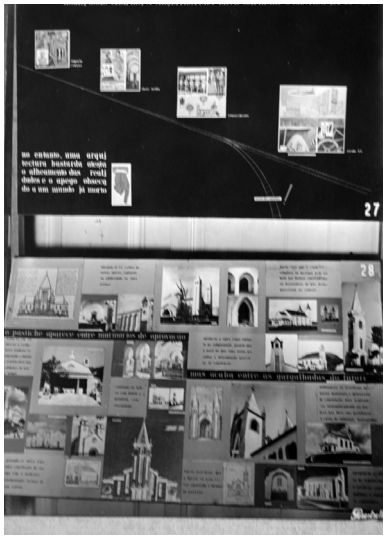
4. igreja de Todos os Santos, Basileia, Hermann Baur

painel 26
Enquanto as técnicas actuais tornaram corrente a cobertura de grandes vãos - betão armado | madeira | aço
um conceito formalista faz encher de robustos pilares algumas das mais recentes igrejas
comparação das áreas sem visibilidade do altar

igreja de S.ta Rita, Bombarral - 44% igreja do S.to Condestável, Lisboa - 41%

Séc.XII – planta de igreja construída com o aproveitamento máximo das técnicas de então

sé do Porto

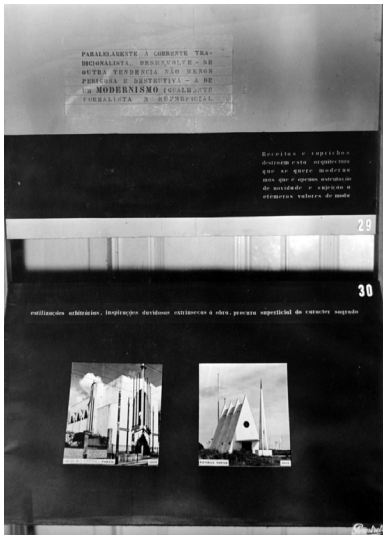


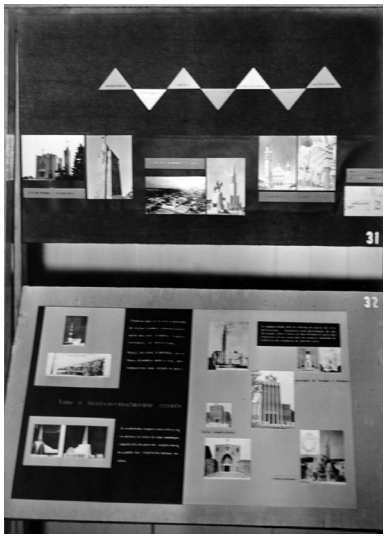
painel 27
Hoje, como sempre, a arquitectura deve exprimir o sentido da época. No entanto, uma arquitectura bastarda atesta o alheamento das realidades e o apego obcecado a um mundo já morto

painel 28
O pastiche aparece entre murmúrios de aprovação mas acaba entre gargalhadas do futuro

Teima-se em esquecer a verdadeira tradição renunciando a inserir a arquitectura nas realidades do nosso tempo.
Pretende-se obter uma falsa conciliação do antigo com o moderno amalgamando formas já sem sentido.
Ultrajam-se os estilos de outras épocas, copiando
ou adulterando as suas formas.
Confunde-se beleza com fausto e grandeza com enormidade.
Aponta-se a ogiva como símbolo de religiosidade,
quando ela não é mais do que forma peculiar
e determinado processo de construção
Faz-se acreditar que a Igreja só pode viver
agarrada a formas do passado.
Faz-se crer que o carácter religioso ou nacional pode ser dado por formas construtivas ou decorativas de que desapareceram as causas.
Utilizam-se os benefícios dos novos materiais e processos de construção mas ocultam-se sistematicamente as formas que lhes são peculiares à custa de ruinosas mascaradas.

1. Igreja de S. João de Brito
(Lisboa, 1951-55) Vasco Regaleira
2. Capela das Escravas do Sagrado Coração de Jesus
(Lisboa, 1944-1947) Rebelo de Andrade
3. Igreja de S. João de Deus
(Lisboa, 1950-1953) António Lino
4. Igreja de N.ª S.ra da Conceição
(Caldas da Rainha, 1950-1951) Vasco Regaleira
5. Igreja de Moitas Venda (Alcanena)
6. Capela de N.ª S.ra dos Milagres (S. João da Madeira, 1934-1938)
7. Basílica de N.ª S.ra do Rosário
(Fátima, 195-), Gerardus van Krieken
8. Capela de S.ta Teresa e S. João
(Caldas de Monchique, 1940-1945) Rebelo de Andrade
9. Igreja das Minas de S. Domingos (1951)
10. Convento de Cristo Rei
(Porto,1950-54) Manuel Passos Júnior e Eduardo Martins
11. Capela de S.to António
(S. João da Madeira, 1935) João Queiroz
12. Igreja do Santíssimo Salvador do Mundo
(Bombarral, 1950-53) Fernando de Barros Santa Rita
13. Igreja de S.to Condestável
(Lisboa 1946-51)Vasco Regaleira
14. Capela de N.ª S.ra do Ar, Lajes (Lages, 1949-1953)
15. Igreja de N.ª S.ra do Rosário de Fátima
(Parede, 1953) Rebelo de Andrade
16. Igreja de N.ª S.ra da Esperança
(Pataias,1948-1952) Fernando de Barros Santa Rita
17. Sé de Bissau (Guiné) João Simões, Vasco Regaleira
18. Capela da Escola Agro-Pecuária do Tchivinguiro
Vasco Regaleira





painel 29
Paralelamente à corrente tradicionalista..
desenvolve-se outra tendência não menos perigosa e destrutiva – a de um Modernismo igualmente formalista e superficial.

Receitas e caprichos destroem esta arquitectura que se quer moderna mas que é apenas ostentação de novidade e sujeição a efémeros valores de moda

painel 30
Estilizações arbitárias, inspirações duvidosas extrínsecas à obra, procura superficial do carácter sagrado

1. igreja de N.ª S.ra de Fátima (Porto)
2. capela de S. Gabriel (Vendas Novas)

painel 31
mediocridade | extravagância | afectação | (...) | espírito de riqueza | (...) | superficialidade

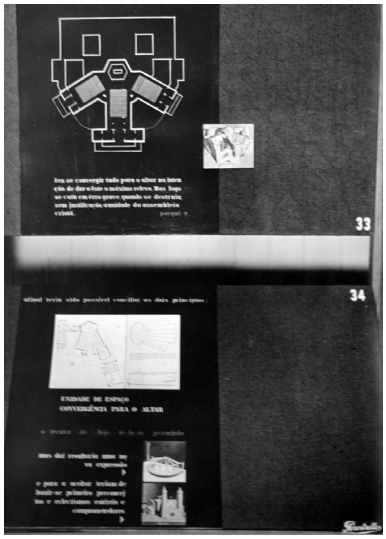
1. N.ª S.ra da Penha (Guimarães, 1947)
Marques da Silva
2. Catedral de Lourenço Marques, (Moçambique, 1944)
Freitas e Costa
3. Igreja de N.ª S.ra da Conceição (Porto, 1947)
D. Paul Bellot e Rogério de Azevedo
4. Projecto para capela, Moçâmedes
autoria desconhecida

painel 32
Isto é fundamentalmente errado
Também aqui se acerta a primazia de certas formas convencionais para dar aos templos "espiritualidade" ou "misticismo"
Depois da ogiva, a parábola, ou os fusos apontados para o céu que traduziriam uma atitude de prece.
A verdadeira arquitectura não se serve destas receitas de uma simbologia especial, ela procede organicamente a partir das exigências internas da obra.

A simplicidade não se obtém por meio de simplificações impostas pela pretensão de modernizar. Ela é fruto de um verdadeiro processo orgânico, só se consegue por esforço humilde de selecção, de renúncia, de purificação.

Anarquia de formas e volumes
Falsa simplicidade
Exibicionismo

Igreja de St. Antonius, Seraing, Bélgica (Stan Leurs, 1930)
Igreja de St. Jeanne D'Arc, Gennevilliers, França (Marcel Flavier,1933)
Igreja de St. Jeanne D'Arc, Nice, França (Jacques Droz,1933)



painel 33
Fez-se convergir tudo para o altar na intenção de dar a este o máximo relevo. Mas logo se caiu em erro grave, quando se destruiu sem justificação a unidade da assembleia cristã. Porquê?
planta e fotografia da maquete da igreja de S. João de Deus (Lisboa)

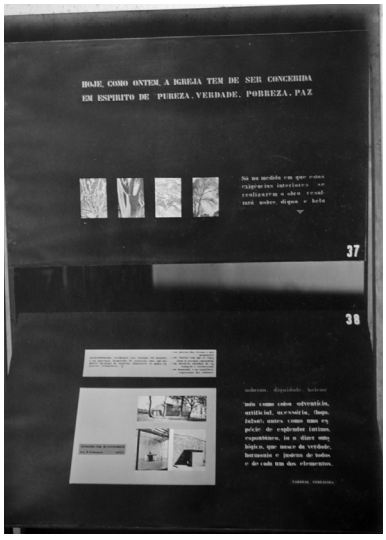
painel 34
Afinal teria sido possível conciliar os dois princípios:
unidade de espaço, convergência para o altar
igreja de St. Franciskus (Basileia, Suíça, 1950) Fritz Metzger

A técnica de hoje tê-lo-ia permitido.
Mas daí resultaria uma nova expressão.
E para a aceitar teriam de banir-se primeiro preconceitos e ecletismos estérieis e comprometedores.



painel 35
Da colaboração de grandes artistas plásticos nascerá decerto uma grande obra.
Mas se não coordenado – e é o caso de Assy – essa obra não será obra de arquitectura. Sem unidade assemelha-se mais a museu que a igreja.
igreja de Notre Dame du Passy (França)

painel 36
Outro caso que merece referência especial: capela de Vence, de Matisse. Se bem que imponha reservas como obra de arquitectura – foi um pintor, não um arquitecto, quem a concebeu – ela é incontestavelmente, pela admirável qualidade do desenho e da pintura, pela harmonia da luz e da cor, uma das obras mais notáveis do nosso tempo.
capela de Vence (França)



painel 37
Hoje, como ontem, a Igreja tem de ser concebida em espírito de pureza, verdade, pobreza, paz

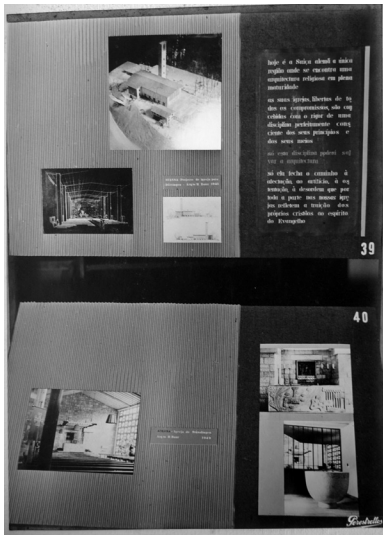
Só na medida em que estas exigências interiores se realizarem a obra resultará nobre, digna e bela.

painel 38
Progressivamente são exemplo de humildade (...) experiência evangélica
Na pobreza dos (...) e das proporções
Na clareza com que se (...)
Na ausência de virtuosismos
Na harmonia e no equilíbrio ... dos volumes
(...)

Nobreza | Dignidade | Beleza

"não como coisa adventícia artificial, acessória, (logo falsa),
antes como uma espécie de esplendor íntimo espontâneo,
ia a dizer ontológico, que nasce da verdade, harmonia e
justeza de todos e de cada um dos elementos."
Cardeal Cerejeira 1953

capela de St. Albert (Kreuzau-Leversbach,1932), Rudolf Schwarz



39
40

painel 39
Hoje é a Suíça alemã a única região onde se encontra uma arquitectura religiosa em plena maturidade.
As suas igrejas, libertas de todos os compromissos, são concebidas com o rigor de uma disciplina perfeitamente consciente dos seus princípios e dos seus meios.
Só esta disciplina poderá salvar a arquitectura.
Só ela fecha o caminho à afectação, ao artifício, à ostentação, à desordem que por toda a parte nas nossas igrejas reflectem a traição dos próprios cristãos ao espírito do Evangelho.

projecto de concurso igreja Riehen-Basileia (Hermann Baur)
publicado na L'Art Sacré (Jan.-Fev.1947), pp.26-27

painel 40

igreja de St. Peter und Paul (Stüsslingen, Suíça 1949)
Hermann Baur

painel 41

igreja de St. Michaels (Basileia, Suíça 1950)
Hermann Baur



41
42

painel 42
"A glória de Deus não consiste na riqueza e na enormidade, mas na perfeição da obra pura.
Se as nossas igrejas fossem assim, poderiam recomeçar a ensinar ao mundo que muito pouco chega para o essencial."
Fr. M. Alain Couturier

1. capela japonesa
2. igreja católica Guthirtkirche (Aarburg), Otto Dreyer

igrejas estão dentro da linha da verdadeira tradição,
não pelas formas que força (...) outras, mas pela presença, das constantes da arquitetura cristã: pureza, verdade, pobreza, paz.

3. igreja de Bethoncourt (), Jacques Gauthier

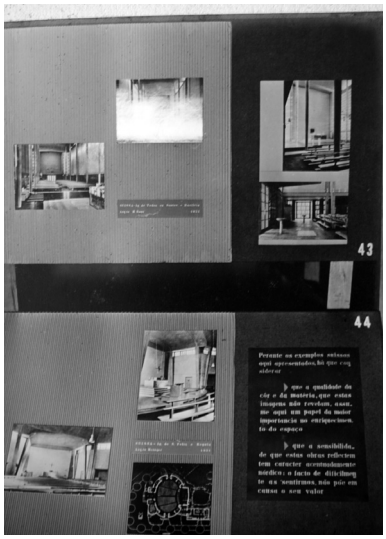
Alemanha, projecto de igreja paroquial
A planta, com assembleia envolvendo o espaço do altar, exprime bem as novas realidades litúrgicas.
Notar a excelentes qualidade e harmonia dos volumes.

4. igreja St. Elisabeth (Opladen, Alemanha)
Emil Steffan projecto

Sentido das realidades
adaptação às condições do meio
emprego dos materiais mais adequados
humildade perante as exigências internas da obra

condições para uma verdadeira renovação da arquitectura

5. capela dos Alpes (França)



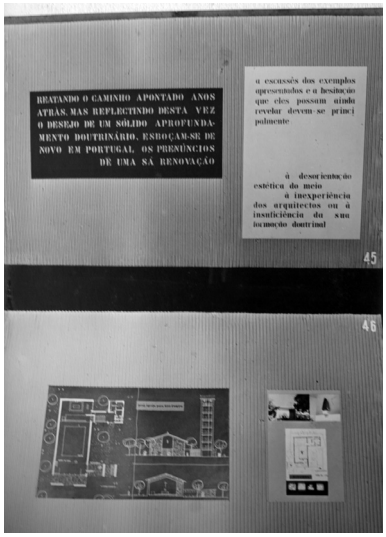
43
44

painel 43
igreja Allerheiligen (Basileia, Suíça,1951)
Hermann Baur

painel 44
Perante exemplos suíços aqui apresentados, há que considerar:

- que a qualidade da cor e da matéria, que estas imagens não revela, assumem aqui um papel da maior importância no enriquecimento do espaço;
- que a sensibilidade que estas obras reflectem tem carácter acentuadamente nórdico: o facto deww dificilmente as sentirmos, não põe em causa o seu valor.

igreja de S. Félix und Regula (Zurique, Suíça, 1945-1950)
Fritz Metzger

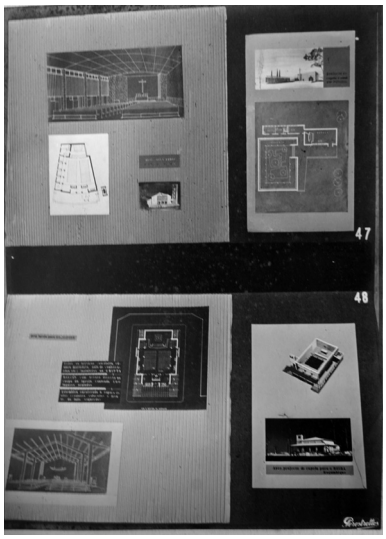


45
46

painel 45
Reatando o caminho apontado anos atràs, mas reflectindo
desta vez o desejo de um sólido aprofundamento doutrinário,
esboçam-se de novo em Portugal os prenúncios de um sá renovação.

A escassês dos exemplos apresentados e a hesitação que eles possam ainda revelar devem-se principalmente:
à desorientação estética do meio,
à inexperiência dos arquitectos ou à insuficiência da sua formação doutrinal.

painel 46
1. proj. Igreja de Rio-Torto,
João Braula Reis
2. capela na Rinchoa (demolida)
João Braula Reis



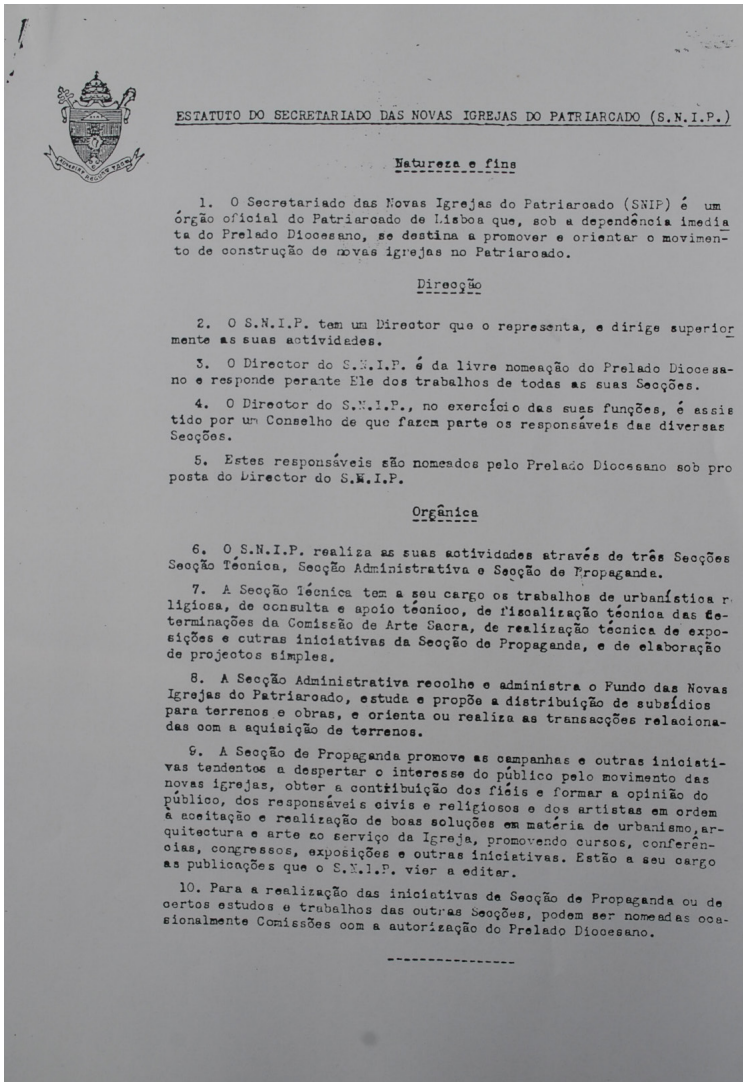
47
48

painel 47
1. proj. Igreja Águas de Penamacor
Nuno Teotónio Pereira
2. proj. de capela e ossário Funchal
Raúl Chorão Ramalho

painel 48
todos os serviços: sacristia, câmara mortuária, sala de catequese instaladas na cripta
balcão com acesso directo ao corpo da igreja
contendo 100 lugares sentados
Assembleia envolvendo o espaço do altar
(cantores colacados à frente, do lado esquerdo)

1. proj. igreja para Moscavide (1ª versão)
João de Almeida e António Freitas Leal
2. ante-proj. capela para a Beira (Moçambique)

Estatutos do
Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado (1961)
(Lisboa: Paço de Santana 6.Jan.1961)



ESTATUTO DO SECRETARIADO DAS NOVAS IGREJAS DO PATRIARCADO (S.N.I.P.)

Natureza e fins

1. O Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado (SNIP) é um órgão oficial do Patriarcado de Lisboa que, sob a dependência imediata do Prelado Diocesano, se destina a promover e orientar o movimento de construção de novas igrejas no Patriarcado.

Direcção

2. O S.N.I.P. tem um Director que o representa, e dirige superiormente as suas actividades.

3. O Director do S.N.I.P. é da livre nomeação do Prelado Diocesano e responde perante Ele dos trabalhos de todas as suas Secções.

4. O Director do S.N.I.P., no exercício das suas funções, é assistido por um Conselho de que fazem parte os responsáveis das diversas Secções.

5. Estes responsáveis são nomeados pelo Prelado Diocesano sob proposta do Director do S.N.I.P.

Orgânica

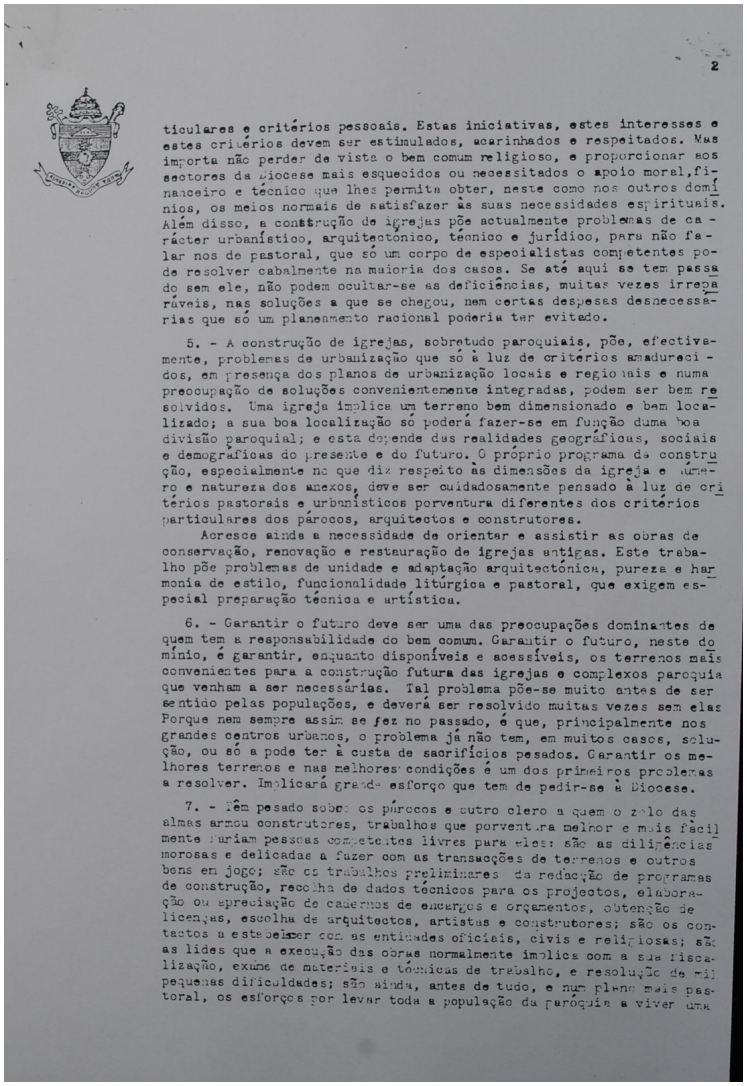
6. O S.N.I.P. realiza as suas actividades através de três Secções Secção Técnica, Secção Administrativa e Secção de Propaganda.

7. A Secção Técnica tem a seu cargo os trabalhos de urbanística religiosa, de consulta e apoio técnico, de fiscalização técnica das determinações da Comissão de Arte Sacra, de realização técnica de exposições e outras iniciativas da Secção de Propaganda, e de elaboração de projectos simples.

8. A Secção Administrativa recolhe e administra o Fundo das Novas Igrejas do Patriarcado, estuda e propõe a distribuição de subsídios para terrenos e obras, e orienta ou realiza as transacções relacionadas com a aquisição de terrenos.

9. A Secção de Propaganda promove as campanhas e outras iniciativas tendentes a despertar o interesse do público pelo movimento das novas igrejas, obter a contribuição dos fiéis e formar a opinião do público, dos responsáveis civis e religiosos e dos artistas em ordem à aceitação e realização de boas soluções em matéria de urbanismo, arquitectura e arte ao serviço da Igreja, promovendo cursos, conferências, congressos, exposições e outras iniciativas. Estão a seu cargo as publicações que o S.N.I.P. vier a editar.

10. Para a realização das iniciativas da Secção de Propaganda ou de certos estudos e trabalhos das outras Secções, podem ser nomeadas ocasionalmente Comissões com a autorização do Prelado Diocesano.



2

ticulares e critérios pessoais. Estas iniciativas, estes interesses e estes critérios devem ser estimulados, acarinhados e respeitados. Mas importa não perder de vista o bem comum religioso, e proporcionar aos sectores da Diocese mais esquecidos ou necessitados o apoio moral, financeiro e técnico que lhes permita obter, neste como nos outros domínios, os meios normais de satisfazer às suas necessidades espirituais. Além disso, a construção de igrejas põe actualmente problemas de carácter urbanístico, arquitectónico, técnico e jurídico, para não falar nos de pastoral, que só um corpo de especialistas competentes pode resolver cabalmente na maioria dos casos. Se até aqui se tem passado sem ele, não podem ocultar-se as deficiências, muitas vezes irreparáveis, nas soluções a que se chegou, nem certas despesas desnecessárias que só um planeamento racional poderia ter evitado.

5. - A construção de igrejas, sobretudo paroquiais, põe, efectivamente, problemas de urbanização que só à luz de critérios amadurecidos, em presença dos planos de urbanização locais e regionais e numa preocupação de soluções convenientemente integradas, podem ser bem resolvidos. Uma igreja implica um terreno bem dimensionado e bem localizado; a sua boa localização só poderá fazer-se em função duma boa divisão paroquial; e esta depende das realidades geográficas, sociais e demográficas do presente e do futuro. O próprio programa da construção, especialmente no que diz respeito às dimensões da igreja e número e natureza dos anexos, deve ser cuidadosamente pensado à luz de critérios pastorais e urbanísticos porventura diferentes dos critérios particulares dos párocos, arquitectos e construtores.

Acresce ainda a necessidade de orientar e assistir as obras de conservação, renovação e restauração de igrejas antigas. Este trabalho põe problemas de unidade e adaptação arquitectónica, pureza e harmonia de estilo, funcionalidade litúrgica e pastoral, que exigem especial preparação técnica e artística.

6. - Garantir o futuro deve ser uma das preocupações dominantes de quem tem a responsabilidade do bem comum. Garantir o futuro, neste domínio, é garantir, enquanto disponíveis e acessíveis, os terrenos mais convenientes para a construção futura das igrejas e complexos paroquiais que venham a ser necessárias. Tal problema põe-se muito antes de ser sentido pelas populações, e deverá ser resolvido muitas vezes sem elas. Porque nem sempre assim se fez no passado, é que, principalmente nos grandes centros urbanos, o problema já não tem, em muitos casos, solução, ou só a pode ter à custa de sacrifícios pesados. Garantir os melhores terrenos e nas melhores condições é um dos primeiros problemas a resolver. Implicará grande esforço que tem de pedir-se à Diocese.

7. - Vêm pesado sobre os párocos e outro clero a quem o zelo das almas arrou construtores, trabalhos que porventura melhor e mais fàcilmente fariam pessoas competentes livres para eles: são as diligências morosas e delicadas a fazer com as transacções de terrenos e outros bens em jogo; são os trabalhos preliminares da redacção de programas de construção, recolha de dados técnicos para os projectos, elaboração ou apreciação de cadernos de encargos e orçamentos, obtenção de licenças, escolha de arquitectos, artistas e construtores; são os contactos a estabelecer com as entidades oficiais, civis e religiosas; são as lides que a execução das obras normalmente implica com a sua fiscalização, exame de materiais e técnicas de trabalho, e resolução de mil pequenas dificuldades; são ainda, antes de tudo, e num plano mais pastoral, os esforços por levar toda a população da paróquia a viver uma

obra que é dela e para ela, que é de Deus e para Deus, que é de edificação espiritual não menos que material. Todos estes trabalhos têm pesado e por vezes esmagado os párocos do Patriarcado a quem a Diocese e os fiéis devem as suas homenagens de gratidão. É porém de justiça, caridade e prudência libertá-los quanto possível de ocupações e preocupações que técnicos responsáveis possam tomar sobre si, para que se entreguem mais a fundo às actividades especificamente sacerdotais.

8. - No que particularmente respeita à arquitectura sacra, é lícito pedir muito mais aos arquitectos e aos artistas do que têm dado nestes últimos anos de construção de igrejas em Portugal. Assim, pede-se-lhes maior sensibilidade às realidades transcendentes que uma igreja supõe e serve; pede-se-lhes um conhecimento mais perfeito da Liturgia e da Pastoral e das suas exigências funcionais; pede-se-lhes uma compreensão mais viva do valor social e pedagógico da obra de arquitectura sacra; pede-se-lhes um sentido mais apurado do que é permanente e actual na verdadeira tradição litúrgica e artística da Igreja. Por outro lado, reconhece-se a necessidade duma educação do sentido religioso e do gosto artístico dos fiéis para que possam aceitar, compreender e até exigir obras de autêntica arte sacra moderna. Formar artistas e educar o povo é trabalho fundamental que importa organizar e para o qual, por graça de Deus, hoje a Igreja está mais bem apetrechada no Patriarcado do que em tempos passados.

9. - Estas considerações justificam a necessidade da criação dum Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado que, à semelhança dos organismos similares existentes em dioceses estrangeiras com os mesmos problemas, estimule, coordene, oriente e acompanhe as iniciativas e actividades relacionadas com p planeamento e construção de lugares de culto e de outros edifícios necessários à vida da Igreja diocesana. Há muito que se vem fazendo sentir a sua falta. Porém, só agora, com o amadurecimento da ideia e a formação de um grupo de sacerdotes e leigos competentes e dedicados, é possível dar-lhe corpo. A este Secretariado, bem como à Comissão de Arte Sacra que em breve será reorganizada em moldes de actuação eficaz, ficará confiado papel fundamental na solução de um dos mais graves problemas que pesam sobre a Igreja do Patriarcado de Lisboa.

10. - O Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado não poderá suprir as iniciativas e os esforços que até aqui têm realizado, sem ele, a obra admirável de construção acima referida. Tais iniciativas e esforços têm mesmo de multiplicar-se, contando agora com a orientação e o apoio do Secretariado. Só assim os fiéis do Patriarcado poderão vir a ter, em mais curto prazo, as igrejas de que precisam. Quer isto dizer que ao Clero e aos fiéis se vai pedir um acréscimo de interesse, generosidade e sacrifício que, porém, a cada um será menos pesado na medida em que todos se integrarem no movimento comum. Uma das finalidades do Secretariado é mesmo tornar este movimento verdadeiramente diocesano - haveria talvez de dizer nacional - para que os encargos que pesam sobre as populações sem igreja possam ser aliviados pelas que já a possuem. Este movimento de solidariedade diocesana poderá levar até às paróquias mais ricas ao apadrinhamento de outras mais necessitadas.

Assim, movidos pelas razões que acabam de expor-se e animados pela glória de Deus e salvação das almas, Havemos por bem:

1º. criar o SECRETARIADO DAS NOVAS IGREJAS DO PATRIARCADO;

2º. dar-lhe o Estatuto que se segue;

3º. nomear seu Director o Revº Padre Manuel Franco Falcão;

4º. instalar a sua sede no Paço de São Vicente, em Lisboa.

Seja este Nosso Decreto devidamente registado no respectivo Livro da Chancelaria Patriarcal.

Dado em Lisboa, do Nosso Paço de Sant'Ana, no dia 6 de Janeiro de 1961.

+ M. Card. Patriarca

Por Mandado de Sua Eminência

Chanceler

Anexo 12



Com relativa frequência chegam ao Secretariado de Informação Religiosa ou ao B.I.P. cartas de pessoas empenhadas na construção de igrejas ou capelas, sobretudo párocos, com o pedido de informações sobre projectos, arquitectos, comparticipações, etc. Na medida do possível, e recorrendo quase sempre ao Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado, instalado a paredes meias com o S.I.R.-B.I.P., temos procurado satisfazer tais pedidos. Certos de que muitos outros interessados se debatem com a falta de orientações que lhes permitam resolver com maior facilidade e segurança os problemas da construção de um novo lugar de culto, resolvemos publicar neste número do B.I.P., de colaboração com o Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado um programa-base de construção de igrejas enriquecido com ilustrações e completado com várias considerações de ordem pastoral e de urbanismo religioso.

PROGRAMA DE CONSTRUÇÃO DE NOVAS IGREJAS

INTRODUÇÃO

O programa

1. Este *programa-base*, a completar com os dados específicos (1) relativos a cada caso concreto, foi redigido tendo em vista uma igreja sede de paróquia (2). Nele se definem os diversos elementos que constituem o complexo paroquial. A definição desses elementos é acompanhada de resumida fundamentação teológica, litúrgica e pastoral, que assim completa a sua simples enumeração. Desta maneira se solicita do projectista um esforço de análise, de crítica e de interpretação do próprio programa, e de reinvenção de soluções para exigências até aqui ignoradas, tidas em menor consideração ou mal resolvidas.

A elaboração do programa

2. O programa de uma igreja deve responder às exigências pastorais que levam à sua construção. Compete por isso defini-lo, em primeiro lugar, ao pároco ou reitor, com a colaboração da comunidade a que se destina. Na sua elaboração deve também entrar como elemento activo o projectista. Uma vez redigido, é ainda de admitir a conveniência ou necessidade de ajustamentos ou alterações, sempre que determinada linha de solução, dificuldades de articulação ou a própria expressão arquitectónica o justifiquem. No entanto, as alterações ao programa deverão ter o consentimento da entidade paroquial responsável. Se for exigida por regulamento local a prévia aprovação do programa pela autoridade diocesana, também as alterações deverão por ela ser aprovadas (3).

B. I. P. — 46-47 97 — 25

Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado
Programa de construção de Novas Igrejas
em "Boletim de Informação Pastoral", ano VIII, nº 46-47, (Abr.-Jun.1966), pp.25-38.

Com relativa frequência chegam ao Secretariado de Informação Religiosa ou ao B.I.P. cartas de pessoas empenhadas na construção de igrejas ou capelas, sobretudo párocos, com o pedido de informações sobre projectos, arquitectos, comparticipações, etc. Na medida do possível e recorrendo quase sempre ao Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado instalado a paredes meias com o S.I.R.-B.I.P., temos procurado satisfazer tais pedidos. Certos de que muitos outros interessados se debatem com a falta de orientações que lhes permitam resolver com maior facilidade e segurança os problemas da construção de um novo lugar de culto, resolvemos publicar neste número do B.I.P., de colaboração com o Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado um programa base de construção de igrejas enriquecido com ilustrações e completado com várias considerações de ordem pastoral e de urbanismo religioso.

O programa

1. Este programa-base, a completar com os dados específicos (1) relativos a cada caso concreto, foi redigido tendo em vista uma igreja sede de paróquia (2). Nele se definem os diversos elementos que constituem o complexo paroquial. A definição desses elementos é acompanhada de resumida fundamentação teológica, litúrgica e pastoral, que assim completa a sua simples enumeração. Desta maneira se solicita do projectista um esforço de análise, de crítica e de interpretação do próprio programa, e de reinvenção de soluções para exigências até aqui ignoradas, tidas em menor consideração ou mal resolvidas.

A elaboração do programa

2. O programa de uma igreja deve responder às exigências pastorais que levam à sua construção. Compete por isso defini-lo, em primeiro lugar, ao pároco ou reitor, com a colaboração da comunidade a que se destina. Na sua elaboração deve também entrar como elemento activo o projectista. Uma vez redigido, é ainda de admitir a conveniência ou necessidade de ajustamentos ou alterações, sempre que determinada linha de solução, dificuldades de articulação ou a própria expressão arquitectónica o justifiquem. No entanto, as alterações ao programa deverão ter o consentimento da entidade paroquial responsável. Se for exigida por regulamento local a prévia aprovação do programa pela autoridade diocesana, também as alterações deverão por ela ser aprovadas (3).

3. A igreja é um edifício sagrado, isto é, um edifício que, pela consagração ritual, foi retirado dos usos profanos para ser destinado a usos exclusivamente sacros. Por isso, enquanto obra de arquitectura sacra a igreja, além das qualidades próprias de uma arquitectura autêntica, deverá traduzir, em linguagem especificamente arquitectónica mais do que pelo recurso ao simbolismo convencional de certas formas ou a artifícios de decoração o seu carácter sagrado.

4. Como obra de arquitectura para que o seja, não poderá deixar de ser moderna. Para tanto não bastará que adopte o vocabulário, os materiais e os processos de construção da moderna arquitectura civil, como não bastará que responda às necessidades de uma liturgia actual. Não é o puro funcionalismo litúrgico que se pede, mas sim coerente e adequada interpretação em termos de arquitectura, dessa mesma liturgia e da espiritualidade e forma de sentir comum do cristão autêntico dos nossos dias. Mais ainda, é pedido que o próprio edifício fomente uma verdadeira piedade cristã, que ele seja só por si apelo

e incentivo a uma vida cristã autêntica, a uma via fundada no exercício da caridade.

5. Cabe ainda prevenir contra uma tentação frequente e facilmente explicável. Porque a arquitectura em geral, e por maioria de razão a arquitectura sacra, é serviço da comunidade, é de renunciar a expressões demasiado individuais capazes de chocarem a sensibilidade das pessoas ou até de simplesmente impedirem o ambiente "familiar" e acolhedor que esperam, que têm necessidade e direito de encontrar na sua igreja. É um apelo à simplicidade e à compreensão do projectista posto perante um tema que tantas obras equívocas têm ultimamente desfigurado.

6. E tendo referido a exigência de uma ambiente "familiar" e acolhedor para a nova igreja, torna-se necessário dizer algo mais sobre esse ambiente. As acções litúrgicas são designadas no texto da Constituição conciliar sobre a Sagrada Liturgia por celebrações. O próprio termo indica o carácter festivo de tais acções . Na igreja celebra-se a "Páscoa de Cristo"; a Eucaristia é o memorial da paixão e morte que antecederam a ressureição de Cristo, nelas já pressuposta. A natureza de tal celebração exige a consonância do ambiente que constitui o seu quadro normal. Certo desejo de austeridade e despojamento que este programa pode suscitar, até como resposta a um modo de sentir comum actual, não significará total despimento e radical ausência de elementos decorativos. Porque o carácter da celebração litúrgica é festivo, como se disse, e porque nunca será demais acentuar a nossa condição de homens salvos pela morte e ressurreição de Cristo, cuja evolução será motivo da maior alegria, considera-se desejável que o ambiente da nova igreja se impregne de um verdadeiro sentido de alegria, para o que poderão ter grande importância o recurso à pintura, a distribuição dominada da luz natural, a própria acústica, etc., com a condição de que tais meios se conjuguem entre si e se integrem com tudo o mais, com vista à unidade arquitectónica do edifício, por forma que tudo seja um grande gesto único carregado de sentido.

7. A esse sentido não deverá ainda ser alheio o que poderá designar-se por «aspiração escatológica», isto é, o sentirmo-nos como povo peregrino que aspira à «vida do Mundo que há-de vir» (cf. Texto do Credo), o que noutras épocas deu origem ao uso da orientação nascente-poente da igreja e da própria assembleia, como sinal dessa mesma realidade. Nisto, como em tantos outros casos, há que redescobrir uma linguagem acessível e capaz em termos actuais de desvendar o que não baste ou não possa ser discursivamente comunicado.

8. Finalmente, ter-se-á em atenção que se deseja uma igreja pobre, no sentido evangélico do termo, o que exclui qualquer aspecto de indigência, ainda que haja de ter-se em vista a maior economia da construção. Pelo contrário, isso implicará que uma nova igreja seja testemunho de amor e de verdade, pelo que deverão evitar-se todas as falsidades construtivas, tão correntes na construção dos nossos dias.

Implantação da igreja

9. O terreno destinado à igreja é, para o projectista, um dado fundamental (4). A igreja é um edifício, e como tal deverá inserir-se num aglomerado. No modo de inserir-se urbanístico começa o fazer de uma igreja. A sua implantação no terreno disponível é a primeira opção que o projectista tem de fazer em termos de arquitectura. Para isso deve considerar que o modo de presença da igreja-edifício na cidade de hoje deverá ser expressão do modo de presença da Igreja no mundo actual. À semelhança de Cristo, «que não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida para resgaste de muitos» (Mat.29, 28), a Igreja apresenta-se como servidora. Ela não se impõe, mas simplesmente se propõe ao mundo. Também a igreja-edifício não deverá impor-se, mas simplesmente propor-se, inserindo-se discretamente no contexto urbano. Não será assim a monumentalidade ostensiva que a deve caracterizar mesmo que a localização porventura permita ou favoreça soluções monumentais. Também não será como «ornamento» urbano que ela se apresentará. Mas dentro de uma conveniente discrição, a sua presença deve ser marcada pela dignidade e distinção.

Percurso de entrada

10. Falando de acessos, de preferência a falar de entradas, pretende-se vincar a noção de percurso, de preferência à de porta de entrada. Seria demasiado limitativo estabelecer em abstracto a melhor forma de entrar na igreja. Mas interessa por outro lado definir um modo de passar da rua ao interior da igreja; que tal passagem seja gradual, põe-se como exigência psicológica; que tal passagem seja significativa, põe-se como exigência litúrgica; que tal passagem seja convidativa, poder-se-ia mesmo dizer convocativa, é exigência pastoral. Deste modo, deve recorrer-se a meios capazes de constituírem um percurso gradual, significativo e convidativo. O sistema adro-nártex não é o único capaz, e em certos caos será mesmo incapaz. A solução dependerá, como é evidente, da solução global de todo o

conjunto. Convirá que esse percurso inclua um espaço de convívio, de encontro dos paroquianos, ou que todo ele realize tal possibilidade.

ORGANIZAÇÃO INTERNA DO ESPAÇO
11. Espaço da celebração (...)
12. Lugares dos fiéis (...)
13. Lugares dos cantores (...)
14. Lugar da presidência (...)
Liturgia da palavra e liturgia eucarística (...)
15. (...)
16. O ambão (...)
17. O altar (...)
18. O santuário (...)
19. A comunhão (...)
20. Santíssimo Sacramento (...)
Liturgia baptismal
21. (...)
Sacramento da penitência (...)
22. (...)
Culto dos santos
23. (...)
Elementos complementares
24. Altares secundários (...)
25. Capela mortuária (...)

Sinos
26. Os sinos, que exercem na Liturgia romana e na vida das comunidades cristãs funções de relevo, devem colocar-se em condigna torre sineira ou estrutura equivalente, de preferência na frente da igreja ou em situação destacada e avançada significativa da sua função de apelo e mensagem. Tais sinos devem separar-se de outros que porventura formem carrilhões ou se destinem ao relógio da torre, e não podem substituir-se por aparelhagem sonora que lhes imite o som. O seu comando, mecânico ou eléctrico, deve ser facilmente acessível.

Órgão
27. Apesar do seu preço elevado, não deverá renunciar-se facilmente à instalação de um órgão verdadeiro numa nova igreja paroquial, sobretudo se se trata de uma paróquia mais importante. A sua localização deve permitir uma adequada articulação com o espaço reservado para os cantores.

ANEXOS
Zona da sacristia
28. Embora anexo, a sacristia é parte da igreja. Significa que se rejeitam as soluções em que a sacristia é um espaço "aproveitado" à maneira de arrecadação. Nela se paramentam o celebrante e os ministros, a quem se reserva a sua utilização. É lá que se preparam para a celebração, não só paramentando-se, mas recolhendo-se também em clima de oração.
Nela se localizam o arcaz ou armário e o lavabo.
A sacristia deve comunicar directamente com a igreja, tendo em conta os cortejos de entrada
e saída dos ministros sagrados nas diversas celebrações. Por outro lado deve ter comunicação fácil com os outros anexos. Estes porém deverão ter os seus acessos próprios, para que a sacristia se não torne em nenhum caso lugar de passagem.

29. Desta mesma zona farão parte ainda uma ou mais salas destinadas aos sacristães, irmandades ou meninos de coro, bem como para arrumos, arranjo de flores (o que implica a existência de uma bancada com pia e torneira de água), arranjo de velas e lamparinas, etc.

Zona do cartório
30 Esta zona será constituída por uma ou mais salas destinadas ao serviço de cartório, gabinete de trabalho para o pároco, coadjutores, etc., conforme as necessidades e a articulação destas instalações com as do centro paroquial.

31. Servindo este núcleo de anexos, deverão prever-se instalações simples. Estas duas zonas, que poderão ficar próximas ou contíguas (ainda que não obrigatoriamente), deverão ter comunicação com o exterior, através de uma pequena zona de espera. Em princípio, haverá conveniência em que a zona de cartório constitua nó de ligação entre a igreja e o centro paroquial, no caso deste se ligar ao corpo da igreja.

Centro Paroquial
32. O Centro Paroquial é o complemento cada vez mais necessário da igreja paroquial. Na igreja-templo, a comunidade paroquial reúne-se num ambiente sagrado, para celebrações litúrgicas ou actos de culto em forma comunitária ou privada. No centro paroquial, essa mesma comunidade toma consciência da sua própria existência como comunidade cristã, cujos membros se edificam mutuamente pelo exercício da caridade, e realizam comunitariamente a obra de evangelização do mundo em que vivem.
O centro paroquial é também "casa da família paroquial", tal como a igreja. É um centro de convívio. É um centro de formação cristã. É um centro de exercício da caridade cristã. Por isso
ele é complemento necessário da igreja-templo, é o seu indispensável prolongamento.

33. As instalações que o compõem variarão muito de caso para caso e de época para época. O centro paroquial é resposta a um programa pastoral que

forçosamente variará com o tempo e com o lugar (9). Duas exigências fundamentais se põem:

a) A perfeita integração de todas as instalações de modo que os vários sectores de vida resultem eles próprios integrados, como o viver de uma família o que significa articulação de serviços e não estanquicidade entre eles. Será ideal prever um ponto por onde todos passem, em que todos se encontrem, um nó de onde partam todas as circulações, não mero ponto de passagem mas verdadeiro ponto de encontro e mesmo de estar.

b) A maior maleabilidade possível na sua utilização. A comunidade paroquial evolui e com ela evoluem as suas exigências e necessidades, com ela evolui o programa pastoral a que o centro terá de responder. Isto implicará, não só a multifuncionalidade das diversas instalações, mas até, em muitos casos, a necessidade de mudar, suprimir ou juntar sectores de actividade.

34. À semelhança do que atrás se disse para a igreja, também para o centro se pede uma expressão acolhedora, de grande simplicidade, sem nada de retórico ou de ostentação. É a casa de "uma família", cuja vida se caracterizará pelo convívio fraterno e simples inspirado pelo exercício da caridade.
O centro paroquial poderá estar directamente ligado à igreja, perto mas desligado, ou mesmo longe dela, e isto quer por exigências do terreno ou construções pré-existentes, quer mesmo por razões de ordem pastoral.

Residência paroquial
35. Onde for aconselhável e possível, deve prever-se a construção da residência paroquial, modesta e condigna, que não destoe do nível das casas de habitação locais, perto mas separada da igreja, segundo um programa criteriosamente estabelecido. É geralmente desaconselhável, por razões pastorais e psicológicas, integrá-la em edifício do complexo paroquial. No caso de tal acontecer deve garantir-se acesso claramente separado.

Notas:
(1) Entre outros: a capacidade (número de lugares sentados e de pé), número de altares, confessionários, imagens, etc.; dependências; particularidades a ter em conta; condicionamentos locais; etc.

(2) As devidas adaptações são de fazer nos casos de capela, igreja-santuário, catedral, etc.

(3) Nalgumas dioceses esta matéria está mais ou menos regulamentada. No Patriarcado foi publicado um pormenorizado "Regulamento de Construção e Restauro de Igrejas" (30.6.1964). Contém três partes: 1. Construção de igrejas, residências paroquiais etc. (aquisição de terrenos, licença para construção, elaboração do programa, aprovação do projecto, primeira pedra e inauguração); 2. Restauro de lugares de culto; 3. Imagens e objectos de culto.

(4) A localização de uma igreja e a consequente escolha ou aquisição do terreno são da maior importância do ponto de vista pastoral. Precedem normalmente os trabalhos de programação e projecto. Aconselha a experiência que não se passe *a fase de projecto sem estar completamente resolvido o problema do terreno: sua delimitação, sua posse assegurada por escritura, seus condicionamentos, etc. Ver nas págs.28-29 algumas considerações sobre o assunto.

(5) São tradicionais nas nossas igrejas os bancos corridos. A distância de banco a banco deverá ser de 1.00 m (mínimo de 0.90 m), e os lugares sentados poderão calcular-se com base em duas pessoas por metro quadrado. Os lugares de pé podem calcular-se à razão de 4 pessoas por metro quadrado.

(6) Em número a ser definido no programa da construção.

(7) Salva sempre a devida proporção com o espaço circundante, poderão dar-se como ordem de grandeza as seguintes dimensões em metros: 1.70 a 2.00 de comprimento, 1.00 de largura, e 0.90 a 0.95 de altura acima do supedâneo.

(8) Esta solução do sacrário num pequeno altar próprio integrado no espaço do santuário, parece a melhor para o caso considerado de igrejas paroquiais de dimensões médias. Por isso se preconiza neste "programa-base". No entanto não são de rejeitar as outras soluções possíveis, porventura até de adoptar em casos especiais ou por exigência da autoridade diocesana: a colocação do sacrário sobre o altar da celebração (normalmente com prejuízo da celebração da missa de face para o povo), ou então num altar em espaço próprio, à maneira de capela do Santíssimo. As soluções do sacrário numa coluna ou nicho, bem como embebido no altar ou adossado lateralmente a ele, são de reprovar ou desaconselhar.

(9) O centro paroquial deve basear-se num programa bem pensado de acção pastoral, e assim, consoante os casos, pode surgir como centro predominantemente de convívio, cultura, apostolado, assistência, etc. Na definição do programa de construção devem ter-se mais em conta as necessidades e possibilidades reais da população paroquial, do que as capacidades e preferências subjectivas do pároco, que hoje é um e amanhã será outro.

Anexo 13



Ig. de S. Tiago
Sesimbra
Projecto do SNIP

Neste momento de renovação, ou antes, de aggiornamentos, a que a reforma litúrgica conciliar veio dar impulso e orientação decisiva, além de se construirem novas igrejas, torna-se necessário remodelar as antigas, adequando-as às novas necessidades e exigências. Tarefa delicada, em que o respeito pelo que existe não deve impedir o acto criador, sem o qual tudo o que se faça será mesquinho e indigno.

Trabalho em que se exige sensibilidade, amar pelo que é antigo, e capacidade imaginativa.

Temos já belos exemplos de remodelação em igrejas do Patriarcado: Sta Isabel, Lumiar, S. Tiago de Sesimbra, Alfeizerão, Fátima em Lisboa, e muitas outras. Algumas vezes, também nestes casos, a solução provisória serve de ensaio, ou é o recurso possível enquanto se não faz a obra definitiva.

Toda esta actividade que aqui se resume, é expressão duma diocese que se renova pelo esforço comum. Párocos e comissões, de colaboração com o Secretariado das Novas Igrejas, assumem a responsabilidade de tais obras e lutam por elas. Ao Secretariado cabe o planeamento, a programação, o estar alerta para que se adquiram terrenos a tempo nas zonas a urbanizar e, por vezes, executar também projectos, embora hoje se possa já contar com um bom número de arquitectos conhecedores dos problemas postos em matéria de arquitectura sacra.

Mas de nada servirá o esforço de alguns e o saber de quem projecta, se o movimento de construção de novas igrejas não for um movimento diocesano, no qual todos tomem parte, exigindo qualidade de arquitectura e adequação aos fins em vista, em vez de exibicionismo e monumentalidade; em que todos tomem parte, contribuindo para o esforço pastoral em curso, tentando compreender a Igreja dos nossos dias e os problemas que se lhe põem para ser verdadeiramente servidora de Deus e dos homens.

PROJECTOS REALIZADOS PELO SNIP
1966/1967

DE CONSTRUÇÃO

Olivais-Sul; Turquel; Valada do Ribatejo; Famalicão; Casalinhos de Alfaiata; Escola Técnica das Caldas da Rainha (capela); Casais de Martanes; Barril; Liceu Nacional de Setúbal (capela); Liceu Padre António Vieira (capela); Hospital de S. Maria (capela); Talaide; Fonte da Bica; Casais Lagartos; Alfeizerão; Fanhais; Charneca do Lumiar; Galinheiras; Penalva e Feijó.

DE ADAPTAÇÃO E RESTAURO

IGREJAS

Aldeia Gavinha, Ajuda, S. Julião de Setúbal, Amora, Corroios, Sesimbra, Valada do Ribatejo, S. Mamede da Ventosa, Quinta do Anjo, Ponte do Rol, S. Domingos de Rana, Freiria, Igreja de Fátima, A-dos-Francos, Alfeizerão, Valado de Frades, Montijo, Lourinhã, S. Domingos de Benfica, Frielas, S. Simão (V. Fresca de Azeitão), S.ª Tiago de Palmeia, Sto Amaro (Loures), A-dos-Cães, Alcobertas, Ereira, Baixa da Banheira, Bárrio, Barreiro.

CAPELAS

Manique (capela das Neves), Tercena, Usseira, Asilo de Carnide, Centro Paroquial do Restelo, Colégio de S. Vicente de Paulo, Hospital do Telhal, Casa de Retiros da Buraca, Bairro da Liberdade, Seminário de Almada, Seminário de Penafirme.

ESTUDOS DE URBANIZAÇÃO

Algés de Cima; Algés (Parque Anjos); Cruz Quebrada; Abábada; Nova Oeiras; Nossa Senhora da Conceição em Setúbal; Barril; Sta Joana Princesa em Lisboa; etc.

FUNDO DAS NOVAS IGREJAS
(1960 — 1967)

RECEITA

Peditórios e donativos vários	6.412.674$20
Empréstimos reembolsados	869.922$70
Total	7.282.596$90

DESPESAS

Empréstimos	3.085.352$10
Subsídios	3.335.195$30
Administração apoio técnico	747.392$10
Total	7.167.939$50

NO PRIMEIRO DOMINGO DO ANO
7 de Janeiro de 1968
OFERTÓRIO PARA AS NOVAS IGREJAS

SECRETARIADO DAS NOVAS IGREJAS DO PATRIARCADO
Edifício de S. Vicente de Fora, Lisboa-2
Telefone 86 17 84

TIP. ANUÁRIO — 375 000 ex. - Dezembro de 1967

1968

novas igrejas do patriarcado



Construir igrejas majestosas foi, noutros tempos, uma das formas mais expressivas de glorificar a Deus. A catedral ou a grande basílica, edificadas por gerações sucessivas no coração das velhas cidades, mais do que um espaço para congregar e abrigar os que oravam, eram a sua própria oração feita monumento.

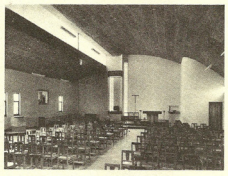
Hoje, a renovação litúrgica pôs em relevo uma nova dimensão da oração da Igreja, a que esses tempos não foram muito sensíveis: a da participação consciente e activa de todos os fiéis na liturgia. Por outro lado, sente-se hoje que a oração litúrgica se deve projectar na vida, numa irradiação de fé e caridade, o que, no mundo moderno, significa espírito de verdade e de justiça, contributo para o desenvolvimento dos povos e luta pela paz verdadeira...

Por isso, as novas igrejas, já não serão monumentais e majestosas como as de outros tempos, que isso seria contradizer a própria realidade da Igreja dos nossos dias. Serão *a casa* que congrega e abriga o «Povo de Deus», reunido para a oração que é a Igreja actuando como servidora dos homens. Exprimir e servir essa realidade, é o que se pede à arquitectura sacra de hoje.

No Patriarcado, novos bairros e povoações inteiras, abrangendo milhares de cristãos, não dispõem ainda duma igreja, dum lugar de culto e oração, no qual se reunam para a missa, para escutarem a palavra de Deus, para receberem os sacramentos, para conviverem e organizarem as suas actividades de apostolado, formação, caridade e ensino.

No *primeiro domingo de Janeiro de 1968*, a todas as missas celebradas no Patriarcado, serão recolhidos os contributos em dinheiro de toda a diocese para o Fundo das Novas Igrejas. Destina-se este fundo, através da manutenção de serviços, de subsídios e empréstimos, a conseguir que, onde quer que façam falta, surjam as igrejas e capelas necessárias, ou se adaptem as existentes carecidas de restauro ou remodelação.

Estamos no «Ano da Fé». Que a generosidade do nosso contributo seja expressão da consciência de que ele é uma forma de ajudar eficazmente a manter e desenvolver a fé cristã na diocese a que pertencemos.



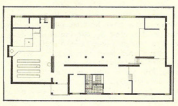
Capela provisória
de Olivais Sul
Projecto do SNIP

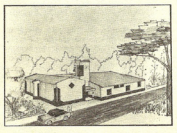
A capela provisória, além de resolver a curto prazo e economicamente um problema premente, tem a vantagem de nos habituar à ideia do essencial. Igreja provisória, qualquer que seja a forma que assuma, significa a possibilidade de reunião da comunidade cristã. Significa dispôr das instalações indispensáveis para o serviço que a Igreja se propõe prestar aos homens: anunciar a «Boa-Nova», renovar o Sacrifício redentor de Cristo, estabelecer relações de caridade entre as pessoas, ensinar, formar, acolher, etc.

Nas igrejas provisórias, tudo isso toma certa feição de «coisa a construir», e por isso mesmo exige sentido pastoral autêntico, renúncia à fruição da obra feita e acabada, procura do essencial. Sabe-se que se está a dar um primeiro passo no longo caminho de mãos dadas para Deus. Com o tempo vem o desejo dos outros passos, vem a segurança para os dar, vem a capacidade de testemunhar e comportilhar, vem o desejo de melhor servir, e só depois vem o desejo comum de construir a igreja definitiva, já não tanto como objectivo, mas como meio e instrumento necessário a esse viver cristãmente, que é afinal pôr em acto o Evangelho.

Nos últimos anos, algumas comunidades se têm assim formado.

Podemos citar o caso da Damaia, às portas de Lisboa. Ou o caso da Venda Nova, mesmo ao lado, que utiliza parte de um prédio condenado a demolição, e pensa agora em construir também a sua capela provisória. Ou ainda os do bairro novo de Olivais-Sul, de cuja capela provisória se dá uma imagem, de Paço de Arcos, e de Olival Basto, três casos diferentes na solução concreta, mas iguais no desejo de, sem esperar pela igreja definitiva, se fazer obra viva de construção da comunidade cristã local.



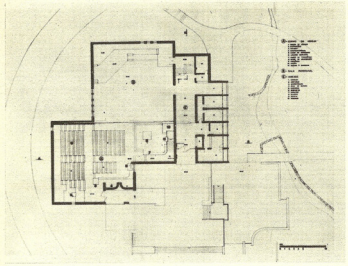


Capela — Salão tipo
Projecto do SNIP

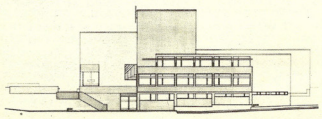
Aquilo a que se poderia chamar a capela-salão, mas que verdadeiramente é a casa em que se reune determinada comunidade cristã, seja para a oração, seja para actividades de tipo formativo, cultural, ou mesmo de convívio, também essa capela-salão parece ser uma solução verdadeiramente actual e adequada a certos meios. Onde antes se construíria simplesmente uma capela, servindo apenas a uma parte da actividade religiosa do lugar — a oração em comum —, propõe-se agora a construção de um edifício que, com a mesma área, e custando por isso o mesmo, serve não só como lugar de culto, mas também como local de reuniões, de cursos, de convívio, de festas, de jogos, de carequese, etc. Também deste tipo de instalações damos aqui uma ilustração. Está uma em construção no lugar de Feijó, do concelho de Almada, outra na Fonte da Bica, ao pé de Rio Maior, outra ainda prestes a começar num lugar da freguesia dos Vidais, e espera-se terreno para construir outra no Bairro das Galinheiras, nos arredores de Lisboa. São construções simples, dignas, funcionais, e sobretudo muito maleáveis na sua utilização.

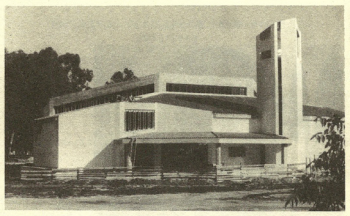
O mesmo conceito que presidiu à criação dessas capelas-salão, poderá ser extensivo a igrejas paroquiais. E não é só questão de economia, ainda que este modo de conceber igrejas passa economizar cerca de mil contos em relação ao que até aqui se fazia, e que normalmente era uma igreja e ao lado um salão. Parte da igreja poderá ser esse salão, que ora se integra no espaço sagrado para as funções litúrgicas, aumentando a sua capacidade, ora se poderá isolar para actividades não litúrgicas. Esta dupla utilização, além da economia que representa, poderá até acentuar que tanto umas actividades como as outras se realizam em nome de Cristo, pela mesma comunidade, no mesmo espírito de serviço e amor de Deus e dos homens.

É exemplo deste tipo de igreja paroquial a que está a ser projectada para o novo bairro de Santo António dos Cavaleiros, na freguesia de Loures.



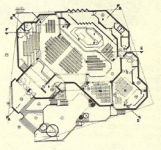
Igreja Paroquial de St.ª António
dos Cavaleiros
Loures
Projecto de CANON, LDA.



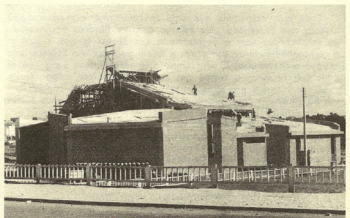


Igreja Paroquial de Rio Maior — Arq.tos Ziquete e Bruschy

Com os exemplos dados, não se pretende significar que já não haja lugar para outros tipos de igreja, mais dentro da linha tradicional. Há de facto. Não é de um dia para o outro que se muda tudo e se pode declarar ultrapassado um critério que deu provas e que foi útil e adequado. Pois igrejas destes também as há actualmente em projecto ou em construção no Patriarcado. São exemplos as novas igrejas de Queluz, de Almada, do Sagrado Coração de Jesus em Lisboa, de Rio Maior, de Paço de Arcos e outras. Todas elas são bons exemplos de arquitectura moderna, correspondendo a comunidades paroquiais cuja igreja se tornou pequena, e que não dispõem das indispensáveis instalações e que se tem chamado o centro paroquial.



Planta da Ig. de Paço d'Arcos
Projecto de Arq.º João de Almeida



Igreja de Queluz — Projecto de Arq.ª Maya Santos

Boletim da campanha 'Novas igrejas do Patriarcado' (1968)
Arquivo SNIP



REMODELAÇÃO DAS IGREJAS ANTIGAS

Uma liturgia que se renova obriga muitas vezes a fazer obras em igrejas antigas. Separar o altar da parede do fundo; dar novo relevo e enquadramento ao baptistério; conseguir uma disposição da assembleia mais envolvente do altar e mais adequada à participação pretendida; dar melhores condições de iluminação natural e artificial; aumentar a capacidade da igreja, etc., são motivos de grande número de obras últimamente levadas a efeito no Patriarcado, umas com carácter experimental ou provisório, outras como solução definitiva.

Algumas são obras de grande responsabilidade e delicadeza, por se tratar de igrejas de grande valor artístico que deve e pode sempre respeitar-se.

Também este é um imenso campo de trabalho, tão importante e decisivo como o da construção de novas igrejas.

Um dos aspectos mais importantes neste campo e que tem sido talvez o menos atendido, é o das condições acústicas das nossas igrejas. Pode-se dizer que na maioria delas só com grande esforço se entende o leitor ou o prègador. O mesmo é dizer que a maioria das pessoas **não dá atenção** à Palavra de Deus, não porque não queiram, mas porque não conseguem. Algumas comunidades já se aperceberam dessa grave situação, e daí têm resultado também estudos de correcção acústica e de melhoria de condições dos sistemas de amplificação sonora, que representam também muitas vezes despesas importantes.

ESTUDO DE REMODELAÇÃO DA ZONA DO ALTAR DE UMA IGREJA ANTIGA SNIP

Para além do ofertório individual do próximo dia 9 de Março, espera-se que as comunidades paroquiais mais ricas em todos os sentidos da palavra se ofereçam para assumir, como coisa sua, a construção de uma igreja ou capela para um lugar ou paróquia mais pobre em recursos financeiros.

O Secretariado das Novas Igrejas poderá ser o ponto de encontro dos que querem e podem dar e dos que precisam de receber ajuda. Esperemos que aí se encontrem paróquias diversas, conscientes de serem uma só IGREJA, e que desse encontro resulte a solução de tantos problemas que de outro modo se arrastarão por largos anos com inevitável prejuízo para a vida cristã no Patriarcado.

PROJECTOS REALIZADOS PELO S. N. I. P. — 1968

EM CONSTRUÇÃO:

Fonte da Bica, Feijó, Gouxaria, Valada do Ribatejo, Turquel, Casal do Rei.

PROJECTOS EM CURSO OU REALIZADOS:

Apelação, S. Francisco (Alcochete), Alvide, Barril, Campelos, Campolide (capela de Sete Moinhos), Galinheiras (Charneca do Lumiar), Runa, Lavradio.

ADAPTAÇÕES E RESTAUROS EM IGREJAS E CAPELAS:

Igreja da Amadora, Capela do Alfeite, Igreja de Alcântara, Capela de A-dos-Cães (Alcabideche), Igreja de Baixa da Banheira, Capela do Colégio do Bom Sucesso (Lisboa), Igreja do Barreiro, Capela da Charneca, Capela das Escravas da SS. Eucaristia, Igrejas de Évora de Alcobaça, de S. Sebastião de Setúbal, de S. Bartolomeu da Charneca, de Santa Iria da Azoia, dos Riachos, da Meia Via, de Moita dos Ferreiros, da Misericórdia de Pernes, de Ponte do Rol, Capela de Pedrulhos e Igreja de Vilar do Monte.

FUNDO DAS NOVAS IGREJAS — 1968

RECEITA

Peditório e donativos vários	502.173$80
Empréstimos reembolsados	70.932$90
TOTAL:	573.106$70

DESPESA

Subsídios	399.700$00
Administração e apoio técnico	181.253$70
TOTAL:	580.953$70

GABINETE DE ESTUDOS DO S.N.I.P.

(Movimento de 1968)

RECEITA:

Saldo do ano anterior:	1.390$10
Do Fundo das Novas Igrejas:	35.700$00
De trabalhos executados:	100.192$10
Diversos:	765$30
TOTAL:	138.047$50

DESPESA

Despesa c/Pessoal:	108.797$50
Material de desenho	2.966$40
Trabalhos extraordinários	5.436$50
Deslocações	4.753$00
Diversos	17.378$50
TOTAL:	139.329$90

FACTURAÇÃO DE TRABALHOS REALIZADOS ATÉ 1968 (Não recebida) ... 86.254$50

NO PRÓXIMO DOMINGO
9 de Março de 1969

OFERTÓRIO PARA AS NOVAS IGREJAS

SECRETARIADO DAS NOVAS IGREJAS DO PATRIARCADO

Edifício de S. Vicente de Fora, Lisboa - 2
Telefone 86 17 84

Tip. União Gráfica — 300.000 ex. — Fevereiro de 1969

A multiplicação dos casos em que a criação de uma nova paróquia ou a abertura de um lugar de culto se tornam prementes, juntamente com a míngua de recursos da Diocese e a abertura dos espíritos a uma solidariedade diocesana de projecção prática, leva-nos a sugerir **um sistema de entreajuda responsável em meios e pessoal, que mobilize para a solução, de necessidades pastorais urgentes, as comunidades paroquiais mais ricas em todos os sentidos da palavra.** Estamos certos de que não faltarão os oferecimentos espontâneos e as respostas generosas a apelos concretizados.

(Da Carta Pastoral do Clero do Patriarcado, do Sr. Cardeal Patriarca em 22/1/69)

NOVAS IGREJAS DO PATRIARCADO 1969

No domingo, dia 9 de Março de 1969, **em todas as missas celebradas no Patriarcado, serão recolhidos os contributos em dinheiro de toda a Diocese, para o Fundo das Novas Igrejas.**

Mas a Campanha das Novas Igrejas não pode terminar com esse ofertório, que constitui uma pequena ajuda para a manutenção de serviços e concessão de pequenos subsídios ou empréstimos relacionados com a construção ou conservação de igrejas e capelas. É esse o sentido do apêlo do nosso Bispo.

ENTREAJUDA QUE MOBILIZE PARA A SOLUÇÃO DE NECESSIDADES PASTORAIS URGENTES ÀS COMUNIDADES PAROQUIAIS MAIS RICAS EM TODOS OS SENTIDOS DA PALAVRA

Dispor de uma igreja, seja ela antiga, nova, grande, pequena, redonda ou quadrada, é uma necessidade comum da vida religiosa das comunidades. A igreja é a casa do «Povo de Deus», na qual os homens se reunem para a oração e para a Eucaristia.

Aconteceu, como todos sabemos, que nem todas as comunidades dispõem dessa igreja. Nuns casos, a igreja nunca existiu naquela zona que dantes era campo ou horta e hoje é subúrbio de cidade. Noutros casos, a igreja antiga, já de si acanhada, foi ruindo aos poucos e teve de ser abandonada. Noutros casos ainda, são lugares afastados 5 ou 6 km. da sede da freguesia, e quantas vezes por caminhos maus senão mesmo impraticáveis. Todos podemos imaginar a multiplicidade de situações que de comum têm a necessidade dum local de reunião e oração.

Na nossa Diocese, como possìvelmente em todas, há paróquias **ricas** e paróquias **pobres**, tal como há bairros ou lugares **ricos** e bairros ou lugares **pobres.** As paróquias **ricas** podem construir igrejas e capelas, e as paróquias **pobres** só excepcionalmente o conseguem fazer.

É uma situação absurda mas real! Parece que não seria muito difícil organizar as coisas de modo a que as igrejas e capelas fossem construídas onde fazem falta e são necessárias, independentemente dos recursos ou falta de recursos locais. Para tanto, bastaria que as fronteiras que definem as paróquias não constituíssem barreiras entre elas; bastaria que cada um de nós se sentisse solidário e capaz de contribuir **para a construção duma** igreja ou capela que, não sendo **nossa** no sentido bairrista, é **nossa** no sentido eclesial; bastaria que **colaborássemos** em vez de **rivalizarmos;** bastaria que uma nova igreja representasse para nós um serviço pastoral, mais do que um monumento que toma o nosso bairro ou o nosso lugar mais importante ou mais bonito do que o bairro ou lugar vizinho; bastaria... que o quisêssemos fazer!

O que se diz a propósito de igrejas, também se poderá dizer a propósito de tudo o mais: escolas, postos médicos, sustentação do clero e recursos de toda a ordem. Mas aqui é de igrejas e capelas que nos ocupamos.

IGREJA PARA UMA PAROQUIA SEM RECURSOS QUE AGUARDA A AJUDA DUMA COMUNIDADE PAROQUIAL MAIS RICA EM TODOS OS SENTIDOS DA PALAVRA

MULTIPLICIDADE DE SOLUÇÕES

O facto de se encararem novas soluções, não significa que se abandonem as tradicionais.

O mais importante é admitir que haverá múltiplas formas de construir igrejas, cada uma delas adequada às condições e situações do tempo e do lugar em que é construída.

Para um dado lugar será uma capela-salão, para outro uma igreja isolada, para outro ainda a igreja ocupará parte de um edifício de habitação. Num caso serão necessários diversos centros de vida religiosa mais ou menos disseminados, noutro apenas faz falta um centro de catequese e reuniões, ou uma capela mortuária. Numa terra é a antiga igreja que se transforma em salão e centro de convívio, porque como igreja se tornou pequena ou inadequada, e noutra é a residência paroquial demasiado grande que é posta ao serviço da comunidade como centro paroquial.

Não há uma fórmula única que responda a todas as necessidades; cada caso tem a sua solução, e para novas necessidades há muitas vezes que **inventar** soluções novas.

IGREJA DE FAZENDAS DE ALMEIRIM ARQ. F. FIGUEIRA

ESTUDO PARA NOVO PROJECTO-TIPO DE CAPELA-SALÃO Aos. G. VENADE P. V. ALMEIDA

ESTUDO DE IGREJA E CENTRO PAROQUIAL PARA LAVRADIO PROJECTO DO SNIP

NOVOS CONCEITOS E NOVAS SOLUÇÕES

UM TRABALHO DE ESTUDO, INVESTIGAÇÃO E MENTALIZAÇÃO QUE CONTINUA

A imensa desproporção entre o número de igrejas que seria necessário construir no Patriarcado, e os recursos financeiros disponíveis para o fazer, leva a pensar que é urgente encontrar vias de solução diferentes daquelas até aqui procuradas.

A proposta concretizada pelo SNIP no decorrer de 1968 de se construirem capelas-salão ou igrejas-salão, visava predominantemente maior economia de terreno e construção, sem abdicar de um programa de instalações tendo em atenção os mais diversos aspectos da vida religiosa dos grupos paroquiais ou locais.

Durante o ano de 1969, a experiência da capela-salão será aprofundada e aperfeiçoada. Um novo projecto-tipo está em estudo. Entretanto, algumas destas capelas já construídas servirão para fazer a crítica da proposta original.

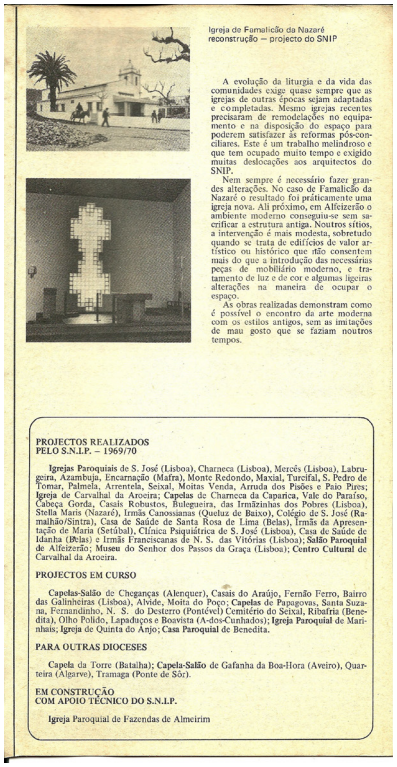
No entanto, a procura e estudo de novas soluções deve continuar. Assim, no decorrer deste ano serão feitos os primeiros ensaios entre nós de integração de igrejas em edifícios de habitação, em zonas de características vincadamente urbanas. Com isto se poderão conseguir, pela valorização do terreno disponível, os recursos necessários à construção da igreja. Noutros casos, mediante acordos oportunamente estabelecidos, as entidades que cedem o terreno podem ir mais longe e ceder também a estrutura e obra de toscos da futura igreja.

Este caminho irá contra hábitos e preconceitos, mas é um risco a correr, sob pena de nos vermos forçados a cruzar os braços, a desistir. Por outro lado, estamos certos de que quem veja a igreja não tanto como **objecto que enfeita as cidades** mas principalmente como a **casa da assembleia cristã,** dará todo o seu apoio às iniciativas que surjam nessa linha, que não exclui necessàriamente o sinal externo de símbolo e presença da igreja na cidade.

ESTUDO DE INTEGRAÇÃO DE UMA IGREJA NUM BLOCO DE HABITAÇÕES

Boletim da campanha 'Novas igrejas do Patriarcado' (1969)

Arquivo SNIP



Igreja de Famalicão da Nazaré
reconstrução — projecto do SNIP

A evolução da liturgia e da vida das comunidades exige quase sempre que as igrejas de outras épocas sejam adaptadas e completadas. Mesmo igrejas recentes precisaram de remodelações no equipamento e na disposição do espaço para poderem satisfazer as reformas pós-conciliares. Este é um trabalho melindroso e que tem ocupado muito tempo e exigido muitas deslocações aos arquitectos do SNIP.

Nem sempre é necessário fazer grandes alterações. No caso de Famalicão da Nazaré o resultado foi praticamente uma igreja nova. Ali próximo, em Alfeizerão o ambiente moderno conseguiu-se sem sacrificar a estrutura antiga. Noutros sítios, a intervenção é mais modesta, sobretudo quando se trata de edifícios de valor artístico ou histórico que não consentem mais do que a introdução das necessárias peças de mobiliário moderno, e tratamento de luz e de cor e algumas ligeiras alterações na maneira de ocupar o espaço.

As obras realizadas demonstram como é possível o encontro da arte moderna com os estilos antigos, sem as imitações de mau gosto que se faziam noutros tempos.

PROJECTOS REALIZADOS PELO S.N.I.P. – 1969/70

Igrejas Paroquiais de S. José (Lisboa), Charneca (Lisboa), Mercês (Lisboa), Labrugeira, Azambuja, Encarnação (Mafra), Monte Redondo, Maxial, Turcifal, S. Pedro de Tomar, Palmela, Arrentela, Seixal, Moitas Venda, Arruda dos Pisões e Paio Pires; **Igreja** de Carvalhal da Arceira; **Capelas** de Charneca da Caparica, Vale do Paraíso, Cabeça Gorda, Casais Robustos, Bulogueira, das Irmãzinhas dos Pobres (Lisboa), Stella Maris (Nazaré), Irmãs Canossianas (Queluz de Baixo), Colégio de S. José (Ramalhão/Sintra), Casa de Saúde de Santa Rosa de Lima (Belas), Irmãs da Apresentação de Maria (Setúbal), Clínica Psiquiátrica de S. José (Lisboa), Casa de Saúde de Idanha (Belas) e Irmãs Franciscanas de N. S. das Vitórias (Lisboa); **Salão Paroquial** de Alfeizerão; **Museu** do Senhor dos Passos da Graça (Lisboa); **Centro Cultural** de Carvalhal da Arceira.

PROJECTOS EM CURSO

Capelas-Salão de Cheganças (Alenquer), Casais do Araújo, Fernão Ferro, Bairro das Galinheiras (Lisboa), Alvide, Moita do Poço; **Capelas** de Paguevos, Santa Suzana, Fernandinho, N. S. do Desterro (Pontével) Cemitério do Seixal, Ribafria (Benedita), Olho Polido, Lapadaços e Boavista (A-dos-Cunhados); **Igreja Paroquial** de Marinhais; **Igreja** de Quinta do Anjo; **Casa Paroquial** de Benedita.

PARA OUTRAS DIOCESES

Capela da Torre (Batalha); **Capela-Salão** de Gafanha da Boa-Hora (Aveiro), Quarteira (Algarve), Tramaga (Ponte de Sôr).

EM CONSTRUÇÃO COM APOIO TÉCNICO DO S.N.I.P.

Igreja Paroquial de Fazendas de Almeirim

SECRETARIADO DAS NOVAS IGREJAS
(Movimento de 1969)

RECEITA:

Saldo do ano anterior	289$50
Do Fundo das Novas Igrejas	130.861$10
Subsídios e Donativos	180.073$90
De trabalhos executados	174.435$70
Diversos	4.954$70
TOTAL	490.614$90

DESPESA:

Despesa c/Pessoal	124.040$00
Material de Desenho	5.281$90
Trabalhos extraordinários	170.952$00
Deslocações	13.349$60
Subsídios	80.565$00
Diversos	29.441$30
TOTAL	423.629$80

(Movimento de 1970)

RECEITA:

Saldo do ano anterior	66.985$10
Do Fundo das Novas Igrejas	250.000$00
Subsídios e Donativos	95.017$00
De trabalhos executados	175.139$30
Diversos	4.395$90
TOTAL:	591.537$30

DESPESA:

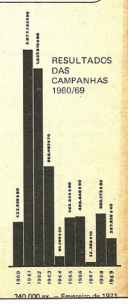
Despesa c/Pessoal	187.815$00
Encargos Sociais	7.706$00
Material de Desenho	10.481$70
Trabalhos extraordinários	188.823$90
Deslocações	11.720$50
Subsídios	98.319$00
Diversos	49.432$80
TOTAL:	554.298$90

FACTURAÇÃO DE TRABALHOS REALIZADOS
ATÉ 31/12/70 (Não recebida) ..... 139.296$60

FUNDO DAS NOVAS IGREJAS

Deficit do Fundo em 31 de Dez. de 1968	257.071$90
Até 31 de Dezembro de 1969:	
Despesa: Subsídios a Igrejas	120.000$00
Ao S.N.I.P.	130.861$10
Total	250.861$10
Receita: do Ofertório	288.034$20
Saldo neste ano	37.173$10
Deficit do Fundo em 1969	219.898$80
Até 31 de Dezembro de 1970:	
Despesa: Subsídios a Igrejas	558.000$00
Ao S.N.I.P.	250.000$00
Total	808.000$00
(Receita: do Ofertório (sem Campanha)	50.758$90
Deficit neste ano	757.241$10
Deficit total do Fundo em 1970	977.139$90

RESULTADOS DAS CAMPANHAS 1960/69



União Gráfica — 340.000 ex. — Fevereiro de 1971



Construir uma igreja – aspiração de muitos, que outros não compreendem. É aspiração dos cristãos que sentem a falta de lugares onde possam reunir-se para encontrar-se com Deus e para conviver na caridade, lugares onde possam acolher os irmãos deslocados das suas comunidades de origem e onde possam organizar serviços de apoio às necessidades que os rodeiam.

É certo que em muitos aglomerados faltam outras coisas que se julgam mais urgentes: a escola, o mercado, o posto médico, a creche ou o jardim-infantil. Para muitos, a igreja é um luxo, quando faltam estas coisas.

Mas quando se faz uma igreja, quer-se também dar alma nova a toda a comunidade e educá-la no esforço colectivo para outras iniciativas concretas. Os próprios edifícios religiosos têm sido em muitos lugares a primeira instalação e o ponto de partida de vários serviços culturais e assistenciais que são depois aperfeiçoados e inseridos em organizações mais vastas.

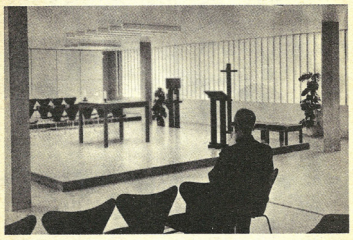
Vale a pena construir edifícios assim, ao serviço da comunidade, integrados num movimento de Igreja cada vez mais vivo. É claro que tudo depende da presença que a Igreja tiver na vida dos homens do nosso tempo, porque não basta construir um templo, é preciso fazer ouvir a Palavra.

O pior é que as faltas mais graves se verificam justamente nas povoações com menos possibilidades económicas e onde a comunidade cristã não está instalada em bases seguras. Quer dizer: as paróquias mais ricas e também mais cristãs não precisam de construir igreja porque já a têm; as paróquias pobres, que não têm igreja, também não têm dinheiro nem número suficiente de cristãos organizados. Como tem dito o Sr. Cardeal Patriarca, não há maneira de vencer o problema senão através de um "sistema de entreajuda responsável" que leve as freguesias mais ricas, que não precisam de igreja, a ajudar as mais pobres que precisam de igreja e não têm dinheiro.

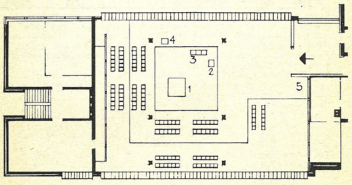
Este apêlo do Sr. Cardeal Patriarca foi dirigido nomeadamente às freguesias de S. João de Deus, S. João de Brito, Estrela, Santa Isabel, Benfica e Belém. Esta última freguesia encarrega-se de ajudar a construir a igreja de Apelação (Concelho de Loures). E é de esperar que o seu exemplo frutifique.

Para além deste sistema estruturado de solidariedade diocesana, o ofertório do dia 14 de Março será uma ajuda imprescindível para estimular algumas realizações mais urgentes e para permitir a continuação do Secretariado das Novas Igrejas que neste campo tantos serviços tem prestado ao Patriarcado de Lisboa.

A mesma Igreja – Povo de Deus manifesta-se na vida das várias comunidades locais, como estas a vivem e são capazes de a exprimir. De lugar para lugar os problemas são diferentes e as soluções também. No entanto, todas têm de comum a necessidade de um local de encontro e reunião, de um local de oração em assembleia: a igreja. Diferentes na forma, nas dimensões ou mesmo na sua expressão, todas as igrejas respondem a uma mesma aspiração. Os exemplos que aqui se mostram, são testemunho dessa diversidade de soluções que convergem na unidade das aspirações.



Sala-Capela na Holanda — Arq. Paul Felix

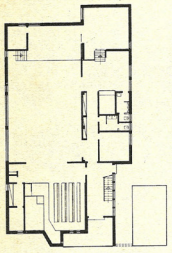


À medida que as paróquias crescem, logo se pensa em aumentar a igreja paroquial existente ou em construir uma nova igreja para nela concentrar todos os serviços exigidos pelas novas necessidades. Tem-se ainda a ideia de que a única solução é reunir, numa "cidadela paroquial", tudo aquilo de que a comunidade precisa. E então continuam a aparecer os programas vastíssimos e dispendiosos. Em vez disso, o SNIP começou a sugerir, para as paróquias grandes das cidades, a abertura de simples salas espalhadas pelo território da paróquia, nas quais poderiam encontrar-se, com mais facilidade e mais espontaneidade, os grupos locais e as pequenas comunidades de vizinhança. A sala armada em capela que a foto documenta, pode ser lugar da Eucaristia, de reunião e convívio, de catequese e evangelização e até de actividades culturais e festivas. Tudo depende de uma pastoral adequada.

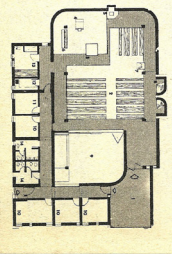
Estas pequenas células pastorais, ligadas ao grande centro que é a igreja paroquial, seriam pastoralmente mais aconselháveis e muito mais económicas do que uma nova igreja. Consoante os casos, admite-se que possam instalar-se em casas alugadas ou em regime de propriedade horizontal.



Capela para Chegangas/Alenquer
projecto do SNIP







A Capela é sinal de presença de Deus entre os que se reunem em Seu Nome. Reunimo-nos para a celebração da Eucaristia, para conviver, para conversar sobre os nossos problemas e sobre os problemas da nossa terra. Precisamos de espaço para cursos e reuniões de adultos, telescola, salas de estudo, catequeses, jardins infantis. Reunimo-nos em Seu Nome, para dar e receber, segundo o mandamento novo do Amor.

A ideia da capela-salão surgiu quando foi preciso resolver o problema de Fonte da Bica (Rio Maior). A população compreendeu que o edifício era necessário para a missa e para outras formas de vida da comunidade. Fazer muitas salas era caro e não era preciso. O melhor era fazer salas que servissem para várias coisas.

O projecto-tipo estudado pelo SNIP é susceptível de diversas variantes, quanto à configuração externa, de acordo com as necessidades do lugar, às condições de terreno ou o esquadramento urbanístico. Mas a planta é fundamentalmente a mesma: um pequeno espaço exclusivamente litúrgico que pode abrir-se, através de uma porta de correr, para um grande salão polivalente quando seja preciso maior espaço para grandes assembleias (domingos e festas). Este salão, que normalmente pode funcionar como centro de convivência, tem várias salas anexas, uma das quais em plano mais elevado que tanto pode servir de palco como de sala independente e até de espaço complementar para grandes assembleias litúrgicas.

Por vezes é o espaço-igreja que predomina: a sua dimensão é maior e ainda pode ser prolongada pela sala polivalente; outras vezes, domina a zona de serviços. Como se vê, entre a igreja tradicional e a *sala da comunidade que também serve de igreja*, são possíveis muitas formas de transição. Não se aponta uma receita única, uma fórmula ideal que tudo resolva. Estar atento a cada caso, sentir as aspirações, possibilidades e dificuldades de cada lugar – é o que se pede a quem tem de construir igrejas hoje. É um convite à imaginação que não exclui a adopção de princípios comuns que podem sempre ser expressos por diferentes formas. Arquitectos e populações têm de libertar-se da rotina, quer se trate da rotina tradicional, quer se trate das rotinas disfarçadas de modernidade. Exigem-se soluções vivas para comunidades vivas, tanto no projectar como no utilizar.

Pode dizer-se que apesar de se ter falado tanto de "polifuncionalidade", ainda não houve coragem para uma verdadeira utilização polivalente dos edifícios religiosos. Fàcilmente se aceita que num salão de festas se possa celebrar missa; mas resiste-se à ideia de aproveitar os espaços litúrgicos para assembleias não "religiosas".

Só o amadurecimento da vida pastoral permitirá a animação destes espaços que foram pensados para o mais completo aproveitamento.

Igreja para a Torre/Leiria
projecto do SNIP



Igreja para Olivais-Sul/Lisboa
Arq. Pedro Vieira de Almeida

Igreja para Algés — Arq. Flores Ribeiro





Igreja de Paço d'Arcos
Arq. João de Almeida

Nas cidades ou nas povoações muito grandes, continua a ser necessário construir algumas igrejas grandes, onde seja possível reunir assembleias numerosas. Nem todos os espaços religiosos têm de ser assim. Por isso é que se fala em capelas-salão, igrejas encravadas em edifícios de vários andares, e salas dispersas em vários edifícios espalhadas pela paróquia.

Mesmo que não seja aconselhável que todos os edifícios religiosos sejam igrejas destacadas, por vezes é preciso fazê-las. São também uma maneira de afirmar a presença da Igreja e contribuem para dar uma facета diferente e mais bela ao ambiente das nossas cidades. Se tudo fossem fábricas, prédios e garagens, todos iguais uns aos outros, as cidades modernas não seriam habitáveis.

Num grande bairro residencial de Lisboa, Olivais/Sul, uma pequena capela provisória tem servido a uma população de cerca de 40 000 pessoas.

Por concurso entre 5 arquitectos, foi escolhido um projecto: aquele que se julgou melhor servir às exigências actuais e com maiores possibilidades de responder às futuras.

O arquitecto não só propôs um novo conceito de igreja, como um novo conceito de edifício, caracterizado pela sua capacidade de adaptação a múltiplas formas de ser utilizado, e também pela existência de *ruas* interiores, ao longo das quais se irão preenchendo os espaços, com salas, gabinetes, pátios ou o que se quizer, e à medida que for sendo necessário.

Renovação de conceitos por forma a que a igreja-edifício corresponda melhor à igreja-comunidade, que se vai também renovando, é uma responsabilidade a que não devemos furtar-nos. Responsabilidade que é dos párocos, das Comissões locais, de quem projecta, de quem promove, de todos os que intervêm na construção das igrejas para o nosso tempo.

Nas cidades ou nas zonas rurais, os problemas que se põem à construção de igrejas não são maiores nem menores. São apenas diferentes. As populações das paróquias das cidades são da ordem das dezenas de milhares de pessoas. As igrejas são necessàriamente grandes e por isso caras. Os terrenos livres são poucos; o seu custo é elevado, quando tenha que ser comprado.

A igreja da aldeia, pelo seu volume em relação às construções que a envolvem, é normalmente um edifício destacado. Na cidade, mesmo que a igreja seja grande, é normalmente abafada pelo volume muito maior dos edifícios de muitos andares que a rodeiam.

Muitas outras circunstâncias fazem que sejam diferentes os problemas que num e noutro caso se põem. Daí que seja natural adoptarem-se diferentes soluções. Igrejas integradas em edifícios de habitação, como as que estão em projecto para Algés e Linda-a-Velha, são uma das soluções que resolvem problemas de terreno, de custo de construção, de mobilização de fundos. E o edifício manifesta melhor a forma de presença da Igreja-Povo no meio da cidade.

Paço d'Arcos — Baptistério



Boletim da campanha 'Novas igrejas do Patriarcado' (1971)
Arquivo SNIP



IGREJA DA CRUZ QUEBRADA
Projecto do **Arq.º Martins Cabido**

Uma igreja paroquial em construção nos arredores de Lisboa, ocupa um terreno entre edifícios de habitação. Já assim se fizeram outras há dois séculos. Ùltimamente queriam-se as igrejas isoladas.
Na Cruz Quebrada retoma-se assim uma tradição, com a vantagem de se poupar terreno e da igreja resultar mais próxima e integrada.

PROJECTOS REALIZADOS PELO S. N. I. P.

1971

Capelas-Salão de Chegaraças (Alenquer), Casais do Araújo, Fernão Ferro, Bairro das Galinheiras (Lisboa), Moita do Poço, Achada (Mafra); **Igrejas-Salão** de Apelação e Pero Pinheiro; **Igrejas Paroquiais** de S. Martinho (Sintra), Enxara do Bispo, Loures, Alcobaça, Arrentela; **Capelas** de N. S. do Desterro (Pontével), Cemitério do Seixal, Ribafria (Benedita), Casais Robustos, St.º André (Rio Maior), Maçussa; Casa Paroquial da Benedita, Casa de Retiros do Bom Pastor, Museu do Senhor dos Passos da Graça (Lisboa), Colégio das Escravas do Sagrado Coração de Jesus (Lisboa), Casa de Repouso de St.ª Rosa de Lima (Belas).

PROJECTOS EM CURSO

Igrejas Paroquiais de S. Vicente de Paul, Vale de Figueira, Pinhal Novo, S. Vicente de Paulo (Lisboa), Santa Maria de Belém (Lisboa), Arruda dos Pisões, S. Pedro de Tomar, Alverca do Ribatejo, Alcanhões, Casével; **Igrejas** de N. S. da Vitória (Lisboa), Sobreiro (Mafra); **Capela-Salão** de Casais Martanes; **Capelas** de Vala Marinhas (Rio Maior), Monte Bois (Alcobaça), Cardais da Brogueira, Fernandinho; Santuário de Cristo-Rei, Centro Paroquial da Abóboda.

PARA OUTRAS DIOCESES

Igrejas-Salão de Arrimal (Leiria) e Ponte de Vagos (Aveiro).

SECRETARIADO DAS NOVAS IGREJAS
(Movimento de 1971)

RECEITA:

Saldo do ano anterior	**37.238$40**
Do Fundo das Novas Igrejas	250.000$00
Subsídios e Donativos	37.139$00
De Trabalhos Executados	420.064$40
De Trabalhos Extraordinários	39.230$00
Diversos	2.355$70
TOTAL	786.027$50

DESPESA:

Despesas c/Pessoal	381.213$00
Encargos Sociais	10.663$00
Material de Desenho e Expediente	28.384$20
Trabalhos Extraordinários	161.725$90
Campanhas	102.291$50
Deslocações	6.438$00
Subsídios a Paróquias	17.149$80
Diversos	29.558$00
TOTAL	737.423$40
Saldo para o ano de 1972	**48.604$10**

FACTURAÇÃO DE TRABALHOS REALIZADOS
ATÉ 31/12/71 (Não recebida) ..... 124.834$90

FUNDO DAS NOVAS IGREJAS

«Deficit» do Fundo em 31 de Dezembro de 1970 ..... 977.139$90

Até 31 de Dezembro de 1971

Despesa: Subsídios a Igrejas	784.500$00	
Ao S. N. I. P.	250.000$00	
	1.034.500$00	
Receita: Do Ofertório	542.514$00	
Deficit neste ano	491.986$00	
«Deficit» total do Fundo em 1971		1.469.125$90

CAMPANHA DE ENTREAJUDA
em 1971

Paróquia de Belém: 300.000$00 dos 500.000$00 prometidos
Paróquia da Estrela: 100.000$00 dos 250.000$00 prometidos

Estes donativos destinam-se à construção, já iniciada, da Igreja Paroquial de Apelação.

União Gráfica
200 000 ex. — Fevereiro de 1972



Os cristãos que no domingo se reúnem na sua igreja ou capela sabem quanto vale poderem ter o espaço que os acolhe para as celebrações da Palavra, da Eucaristia, dos outros Sacramentos e também para as actividades de formação, catequização, convívio e assistência.

Mas não podemos esquecer os outros grupos de cristãos que, em certas zonas rurais e em bairros novos, sobretudo nos mais pobres, não têm este equipamento e, por isso, dificilmente se podem reunir.

E como pode viver o Povo de Deus se não tiver a sua reunião?

É um problema que diz respeito a toda a Igreja, neste caso à Diocese, e que tem de ser resolvido pelos cristãos conscientes das suas responsabilidades. Quem são estes cristãos? Normalmente são aqueles que pertencem a paróquias onde este problema já foi resolvido.

Mas não haverá outras tarefas talvez mais importantes e urgentes? Todos sabemos que sim. Mas uma coisa não impede a outra.

Em primeiro lugar, há comunidades que precisam de igreja e a querem e podem fazer. Além disso, os que sentem que há outras coisas mais importantes, podem e devem fazê-las, quer se construam igrejas, quer não. Em terceiro lugar, a vida da Igreja processa-se a um ritmo de reunião geral semanal que não dispensa lugares de encontro. Finalmente, a igreja não é apenas um lugar de culto: com os seus anexos, ela constitui um equipamento oferecido à colectividade para a sua vida cultural, formativa e de convívio.

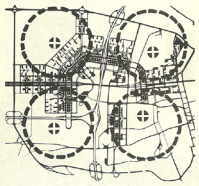
É neste sentido que a Diocese de Lisboa continua empenhada em resolver o problema dos edifícios para a pastoral e lança a Campanha das Novas Igrejas, destinada a esclarecer ideias e recolher os fundos necessários para as necessidades mais urgentes.

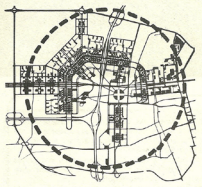
DOMINGO DIA 5 DE MARÇO
OFERTÓRIO PARA O FUNDO DAS NOSSAS IGREJAS

O SNIP tem procurado e já encontrou algumas soluções modestas e económicas e concebidas de tal maneira que possam vir a ser aproveitadas para o que for mais necessário no futuro.

Em campanhas anteriores, deu-se conta deste trabalho: as capelas-salão, a capela provisória, a igreja instalada num andar de um prédio de habitação, sem esquecer outros projectos de obras mais importantes, como o que foi concebido para Olivais-Sul (construção evolutiva e polivalente).

Conservar e adoptar igrejas antigas, resolver os problemas pendentes de igrejas novas já iniciadas, discutir e arrumar ideias, contribuir para a programação diocesana neste sector — tudo isto é função do SNIP.





Duas soluções para um mesmo problema: a divisão paroquial dum novo bairro.

Na solução tradicional, a 4 paróquias não excedendo os 15.000 habitantes cada uma, correspondiam 4 igrejas paroquiais.

Uma nova via de solução, mais realista, propõe apenas 1 paróquia, com 1 igreja e uns tantos centros de apoio, equipados com pequenas capelas e locais de convívio e reunião, espalhados pelo território e fàcilmente acessíveis. Resulta assim, maior economia de recursos, de clero e de deslocações para os paroquianos.

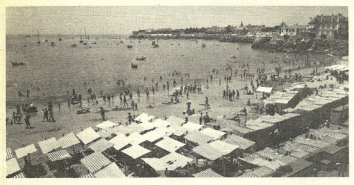
Ao longo do último ano, além dos trabalhos realizados, surgiram duas ideias, que precisam de ser amadurecidas, mas já se apresentam: a descentralização dos serviços paroquiais em zonas citadinas e os recintos para a pastoral de férias.

Nas grandes cidades e em algumas povoações importantes, o que faz mais falta não é uma igreja nova (já existe uma ou várias novas ou antigas), mas sim os espaços menores para os serviços paroquiais e as actividades religiosas da semana.

Se a população cresceu e foi preciso desmembrar a paróquia antiga, será necessário equipar, da mesma maneira, a nova unidade paroquial? Talvez não.

Sugere-se que a vida litúrgica dos domingos continue a celebrar-se na igreja da antiga paróquia-mãe, ao passo que a vida de semana e alguns serviços paroquiais (como as missas, a catequese e as reuniões) podiam distribuir-se por dois ou três andares situados em vários pontos do território da nova paróquia.

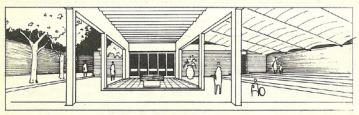
Vantagens desta solução: em vez de se gastarem milhares de contos (e não há dinheiro), a despesa fica reduzida a menos de um quarto; os locais ficam mais perto da residência das pessoas e das escolas; o dinheiro investido nunca se perde porque, se for preciso, o edifício pode vender-se para outras coisas. A solução é mais modesta e está mais de acordo com o espírito novo dos nossos tempos. Por outro lado, permite também uma pastoral de grupos especializados (jovens, grupos de trabalho ou estudo, assistência, etc.) por vezes incompatível com a centralização das instalações.

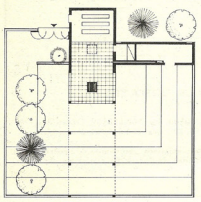


As praias e outras estâncias de turismo precisam de espaços grandes no Verão, mas, no resto do ano, a população residente é pequena. Não vale a pena construir uma igreja grandiosa só para os turistas.

Propõe-se que, em colaboração entre os turistas e a população local, se instalem espaços polivalentes, que sirvam para as reuniões de vários tipos, desde as assembleias religiosas às actividades festivas. Não se trata pròpriamente de uma igreja, mas de um recinto vedado, parcialmente coberto. Esta parte coberta seria suficiente para as necessidades permanentes da comunidade local.

É uma ideia que, uma vez realizada e enquadrada numa autêntica pastoral de tempos livres, satisfaria a toda a gente e até constituiria um serviço público prestado pela Igreja à colectividade e, portanto, um testemunho positivo de vida cristã.



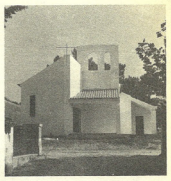


As gravuras dão uma sugestão do que poderia ser um conjunto de instalações servindo uma pastoral de férias.

Recinto murado, parcialmente coberto, próprio para missas campais, mas dispondo também de um núcleo de igreja ou pequena capela e seus anexos.

É uma ideia que merece desenvolvimento através de um projecto que atenda às mais estritas condições de economia.

CAPELA DE FANHAIS
Projecto do SNIP

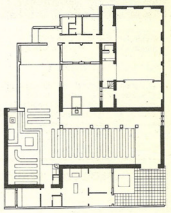


O dever de experimentar novas soluções que melhor respondam às exigências duma pastoral actualizada não implica o total abandono de soluções de tipo mais tradicional: pequenas capelas rurais, igrejas maiores na linha das capelas-salão.

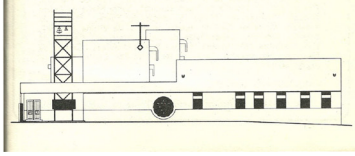
Nisto de construir igrejas, não há receitas únicas, há sim múltiplas soluções para as múltiplas exigências da vida religiosa das comunidades. Mas todas terão algo em comum: a negação da mediocridade, a procura da maior dignidade, duma dignidade compatível com a economia dos recursos que o bom senso determina.

Por outro lado, da remodelação duma igreja velha e sem interesse, pode surgir uma solução inovadora.

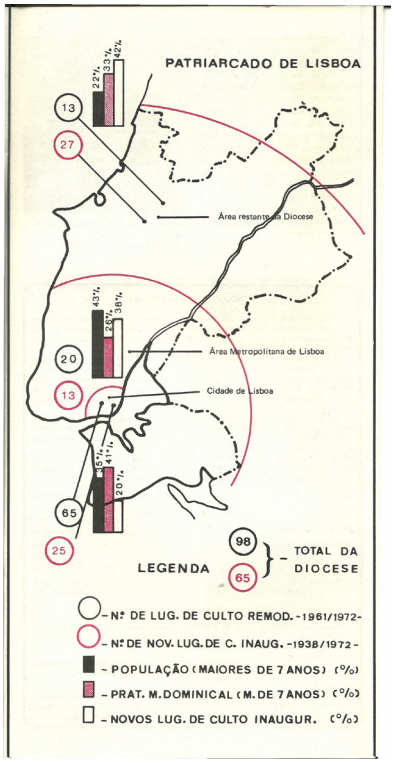
E à renovação do edifício corresponderá renovação da própria comunidade que, de envelhecida e tantas vezes caída nas rotinas, poderá despertar para modos mais vivos e actuantes de viver e anunciar o Evangelho.

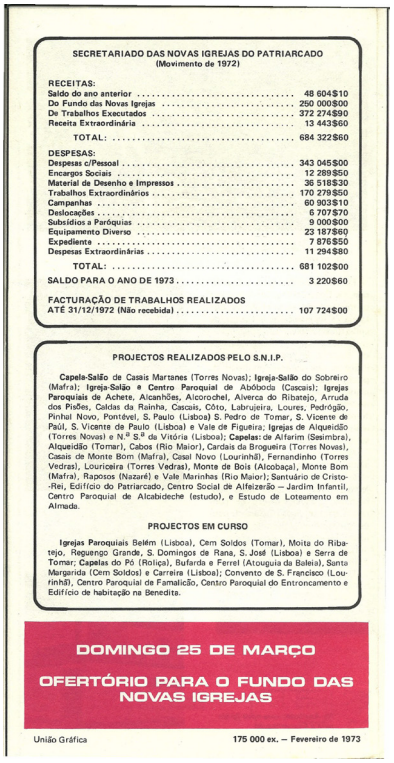


REMODELAÇÃO DA IGREJA
DE QUINTA DO ANJO
Projecto do SNIP



Boletim da campanha 'Novas igrejas do Patriarcado' (1972)
Arquivo SNIP





SECRETARIADO DAS NOVAS IGREJAS DO PATRIARCADO
(Movimento de 1972)

RECEITAS:

Saldo do ano anterior	48 604$10
Do Fundo das Novas Igrejas	250 000$00
Do Trabalhos Executados	372 274$90
Receita Extraordinária	13 443$60
TOTAL:	684 322$60

DESPESAS:

Despesas c/Pessoal	343 045$00
Encargos Sociais	12 289$50
Material de Desenho e Impressos	36 518$30
Trabalhos Extraordinários	170 279$50
Campanhas	60 903$10
Deslocações	6 707$70
Subsídios a Paróquias	9 000$00
Equipamento Diverso	23 187$60
Expediente	7 876$50
Despesas Extraordinárias	11 294$80
TOTAL:	681 102$00
SALDO PARA O ANO DE 1973	3 220$60
FACTURAÇÃO DE TRABALHOS REALIZADOS ATÉ 31/12/1972 (Não recebida)	107 724$00

PROJECTOS REALIZADOS PELO S.N.I.P.

Capela-Salão de Casais Martanes (Torres Novas); **Igreja-Salão** do Sobreiro (Mafra); **Igreja-Salão e Centro Paroquial** de Abóboda (Cascais); **Igrejas Paroquiais de Achete**, Alcanhões, Alcorochel, Alverca do Ribatejo, Arruda dos Pisões, Caldas da Rainha, Cascais, Cóto, Labrujeira, Loures, Pedrógão, Pinhal Novo, Pontével, S. Paulo (Lisboa) S. Pedro de Tomar, S. Vicente de Paúl, S. Vicente de Paulo (Lisboa) e Vale de Figueira; **Igrejas de Alqueidão** (Torres Novas) e N.ª S.ª da Vitória (Lisboa); **Capelas:** de Alfarim (Sesimbra), Alqueidão (Tomar), Caboa (Rio Maior), Cardais da Broqueira (Torres Novas), Casais de Monte Bom (Mafra), Casal Novo (Lourinhã), Fernandinho (Torres Vedras), Lourideira (Torres Vedras), Monte de Bois (Alcobaça), Monte Bom (Mafra), Raposos (Nazaré) e Vale Morinhas (Rio Maior); Santuário de Cristo-Rei, Edifício do Patriarcado, Centro Social de Alfeizerão – Jardim Infantil, Centro Paroquial de Alcabideche (estudo), e Estudo de Loteamento em Almada.

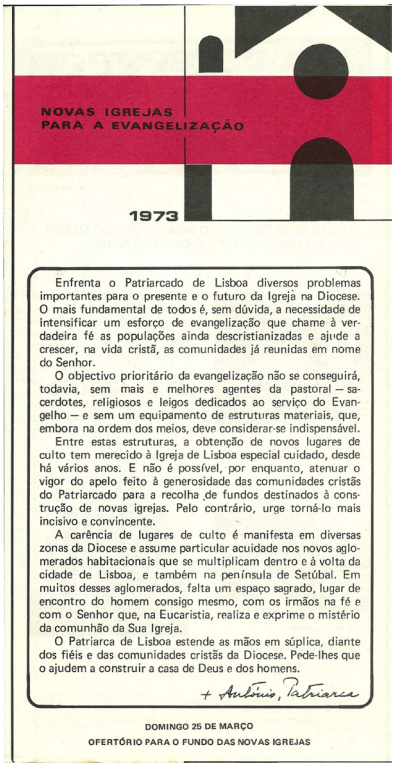
PROJECTOS EM CURSO

Igrejas Paroquiais Belém (Lisboa), Cem Soldos (Tomar), Moita do Ribatejo, Reguengo Grande, S. Domingos de Rana, S. José (Lisboa) e Serra de Tomar; **Capelas** do Pó (Roliça), Bufarda e Ferrel (Atouguia da Baleia), Santa Margarida (Cem Soldos) e Carreira (Lisboa); Convento de S. Francisco (Lourinhã), Centro Paroquial de Famalicão, Centro Paroquial do Entroncamento e Edifício de habitação na Benedita.

DOMINGO 25 DE MARÇO

OFERTÓRIO PARA O FUNDO DAS NOVAS IGREJAS

União Gráfica — 175 000 ex. — Fevereiro de 1973



NOVAS IGREJAS PARA A EVANGELIZAÇÃO

1973

Enfrenta o Patriarcado de Lisboa diversos problemas importantes para o presente e o futuro da Igreja na Diocese. O mais fundamental de todos é, sem dúvida, a necessidade de intensificar um esforço de evangelização que chame à verdadeira fé as populações ainda descristianizadas e ajude a crescer, na vida cristã, as comunidades já reunidas em nome do Senhor.

O objectivo prioritário da evangelização não se conseguirá, todavia, sem mais e melhores agentes da pastoral – sacerdotes, religiosos e leigos dedicados ao serviço do Evangelho – e sem um equipamento de estruturas materiais, que, embora na ordem dos meios, deve considerar-se indispensável.

Entre estas estruturas, a obtenção de novos lugares de culto tem merecido à Igreja de Lisboa especial cuidado, desde há vários anos. E não é possível, por enquanto, atenuar o vigor do apelo feito à generosidade das comunidades cristãs do Patriarcado para a recolha de fundos destinados à construção de novas igrejas. Pelo contrário, urge torná-lo mais incisivo e convincente.

A carência de lugares de culto é manifesta em diversas zonas da Diocese e assume particular acuidade nos novos aglomerados habitacionais que se multiplicam dentro e à volta da cidade de Lisboa, e também na península de Setúbal. Em muitos desses aglomerados, falta um espaço sagrado, lugar de encontro do homem consigo mesmo, com os irmãos na fé e com o Senhor que, na Eucaristia, realiza e exprime o mistério da comunhão da Sua Igreja.

O Patriarca de Lisboa estende as mãos em súplica, diante dos fiéis e das comunidades cristãs da Diocese. Pede-lhes que o ajudem a construir a casa de Deus e dos homens.

+ António, Patriarca

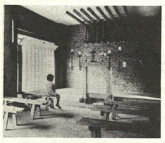
DOMINGO 25 DE MARÇO

OFERTÓRIO PARA O FUNDO DAS NOVAS IGREJAS



Fazei isto em memória de Mim

LUGAR DE ENCONTRO DO HOMEM CONSIGO MESMO COM OS IRMÃOS NA FÉ E COM O SENHOR



Lugar de silêncio... Bolonha. Solução modesta de adaptação de um pequeno espaço

Palavras do Patriarca de Lisboa que definem o que hoje se exige a uma igreja: que seja lugar de encontro. Daqui nasce o programa para as igrejas que havemos de construir nos próximos anos.

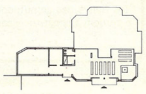
Para encontro do Homem consigo mesmo, pede-se à igreja que seja lugar de silêncio e meditação.

Para encontro do Homem com os seus irmãos, a igreja será assembleia, lugar de diálogo e colaboração entre pessoas e grupos.



Bairro de Galinheiras. Suburbio de Lisboa. A Capela-Salão realiza a possibilidade de encontro.





Em S. Pedro do Estoril, enquanto a Igreja nova não pode ser construída, a solução provisória indica novos caminhos para o encontro da Comunidade.



À saída da nova igreja de Arroios, encontro do pároco com os paroquianos e destes entre si.

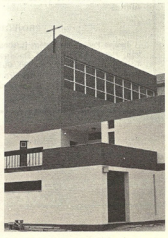
Para o encontro com o Senhor que, na Eucaristia realiza e exprime o mistério da comunhão da Sua Igreja, a igreja-edifício é lugar de culto da assembleia litúrgica.

É desse lugar simultâneamente de silêncio, diálogo e celebração litúrgica que carecem milhares de pessoas que habitam e trabalham na grande cidade e seus subúrbios, ou na vila que progressivamente se vai tornando cidade ou ainda na aldeia mais isolada que, em muitos casos se vai despovoando.

Muitas podem ser as formas de ajudar essas populações e uma delas será a de fornecer serviços: projectos, novas soluções mais económicas, estabelecimento de contactos com serviços oficiais ou com os promotores privados; fornecer ideias baseadas na experiência de outras comunidades, informar, esclarecer...

Estes são os meios próprios do S.N.I.P. Para isso ele foi criado e isso tem feito.





Na Apelação, uma nova Igreja para a Evangelização.

Outra forma de ajuda será o apoio financeiro: subsídios, empréstimos ou avales.

Estes são meios de que o S.N.I.P. não dispõe. Basta ver as contas que anualmente têm sido publicadas. Para isso instituiu o Patriarcado o Fundo das Novas Igrejas, para o qual reverte o resultado dos ofertórios gerais das campanhas feitas. Também dele se têm dado contas. É também esse mesmo Fundo que subsidia o próprio S.N.I.P. para que possa desenvolver o trabalho que lhe compete e que nem sempre é remunerado porque muitas vezes isso não é possível.



Adaptação de um antigo cinema – uma nova igreja na cidade. S. João Evangelista, em Lisboa.

FUNDO DAS NOVAS IGREJAS

Foi criado este Fundo na mesma data da criação do Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado. Além de outras dotações e donativos que poderiam advir de várias procedências, constitui sua principal receita o ofertório especial da Diocese para este fim, realizado todos os anos.

A terminar com o ofertório em favor deste Fundo lança o S.N.I.P. em cada ano uma Campanha de informação e apelo a toda a Diocese. Passado o entusiasmo dos três anos iniciais e porque há numerosas comunidades que entretanto se empenharam na resolução do seu problema nesta matéria, tem-se este ofertório traduzido últimamente em quatro ou cinco centenas de contos que pouco permitem realizar.

Como se pode verificar pelas contas deste Fundo que cada ano se publicam, em razão das grandes e urgentes necessidades a que foi e continua a ser preciso acorrer, tem a administração central da Diocese sido obrigada a dotar este Fundo com recursos que o tornam largamente devedor.

Neste momento não é possível continuar a haver dotações destas e as necessidades continuam a aumentar. Terá de se diminuir o ritmo ou de receber maiores ajudas. A seguir se publicam as contas referentes ao ano de 1972.

"Deficit" do Fundo em 31 de Dezembro de 1971 ..... 1.469.125$90

Até 31 de Dezembro de 1972

Receita: Do ofertório	485.801$40
Despesa: Subsídios a Igrejas	103.286$30
Ao S.N.I.P.	250.000$00
TOTAL	353.286$30
Saldo neste ano:	132.515$10
"Deficit" total do Fundo em 1972	1.336.610$80

CAMPANHA DE ENTREAJUDA EM 1972

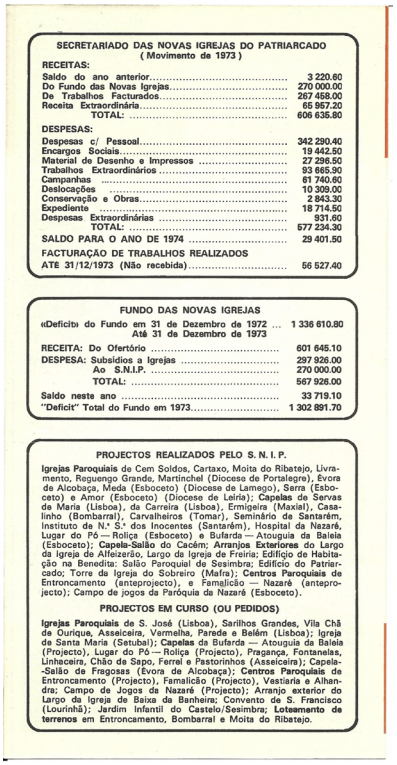
1. Paróquia de Belém: os restantes 200.000$00 prometidos.
   Paróquia da Estrela: os restantes 150.00$00. prometidos.
   Paróquia de Santa Isabel: 130.000$000.

   (Estes donativos foram todos aplicados na construção, já concluída, da Igreja Paroquial da Apelação).

2. Foi lançada a iniciativa de recolha de objectos e alfaias litúrgicas que não sendo necessárias numa igreja possam servir e ajudar outra igreja. A correspondência foi muito reduzida mas continua aberta esta nova forma de entreajuda.

Boletim da campanha 'Novas igrejas do Patriarcado' (1973)

Arquivo SNIP



SECRETARIADO DAS NOVAS IGREJAS DO PATRIARCADO
(Movimento de 1973)

RECEITAS:

Saldo do ano anterior	3 220.60
Do Fundo das Novas Igrejas	270 000.00
De Trabalhos Facturados	257 458.00
Receita Extraordinária	65 957.20
TOTAL:	606 635.80

DESPESAS:

Despesas c/ Pessoal	342 290.40
Encargos Sociais	19 442.50
Material de Desenho e Impressos	27 296.50
Trabalhos Extraordinários	93 665.90
Campanhas	81 740.60
Deslocações	10 309.00
Conservação e Obras	2 843.30
Expediente	18 714.50
Despesas Extraordinárias	931.60
TOTAL:	577 234.30
SALDO PARA O ANO DE 1974	29 401.50

FACTURAÇÃO DE TRABALHOS REALIZADOS

ATÉ 31/12/1973 (Não recebida)	56 527.40

FUNDO DAS NOVAS IGREJAS

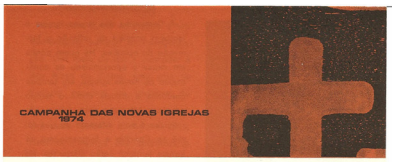
«Deficit» do Fundo em 31 de Dezembro de 1972 ... Até 31 de Dezembro de 1973	1 336 610.80
RECEITA: Do Ofertório	601 645.10
DESPESA: Subsídios a Igrejas	297 926.00
Ao S.N.I.P.	270 000.00
TOTAL:	567 926.00
Saldo neste ano	33 719.10
"Deficit" Total do Fundo em 1973	1 302 891.70

PROJECTOS REALIZADOS PELO S. N. I. P.

Igrejas Paroquiais de Cem Soldos, Cartaxo, Moita do Ribatejo, Livramento, Reguengo Grande, Martinchel (Diocese de Portalegre), Évora de Alcobaça, Meda (Esboceto) (Diocese de Lamego), Serra (Esboceto) e Amor (Esboceto) (Diocese de Leiria); **Capelas** de Servas de Maria (Lisboa), da Carreira (Lisboa), Ermigeira (Maxial), Casalinho (Bombarral), Carvalheiros (Tomar), Seminário de Santarém, Instituto de N.ª S.ª dos Inocentes (Santarém), Hospital da Nazaré, Lugar do Pó — Roliça (Esboceto) e Bufarda — Atouguia da Baleia (Esboceto); **Capela-Salão** do Cacém; **Arranjos Exteriores** do Largo da Igreja de Alfeizerão, Largo da Igreja de Freiria; Edifício de Habitação na Benedita: Salão Paroquial de Sesimbra; Edifício do Patriarcado; Torre da Igreja do Sobreiro (Mafra); **Centros Paroquiais** de Entroncamento (anteprojecto), e Famalicão — Nazaré (anteprojecto); Campo de jogos da Paróquia da Nazaré (Esboceto).

PROJECTOS EM CURSO (OU PEDIDOS)

Igrejas Paroquiais de S. José (Lisboa), Sarilhos Grandes, Vila Chã de Ourique, Asseiceira, Vermelha, Parede e Belém (Lisboa); Igreja de Santa Maria (Setubal); **Capelas** da Bufarda — Atouguia da Baleia (Projecto), Lugar do Pó — Roliça (Projecto), Pragança, Fontanelas, Linhaceira, Chão de Sapo, Ferrel e Pastorinhos (Asseiceira); Capela-Salão de Fregosas (Évora de Alcobaça); **Centros Paroquiais** de Entroncamento (Projecto), Famalicão (Projecto), Vestiaria e Alhandra; Campo de Jogos da Nazaré (Projecto); Arranjo exterior do Largo da Igreja de Baixa da Banheira; Convento de S. Francisco (Lourinhã); Jardim Infantil do Castelo/Sesimbra; **Loteamento de terrenos** em Entroncamento, Bombarral e Moita do Ribatejo.



A Campanha das Novas Igrejas é um apêlo à participação de todos nas aspirações e dificuldades de alguns.

Nas aspirações e dificuldades daqueles que, não dispondo de uma igreja, ou dispondo de uma igreja demasiado pequena, estragada e não tendo quaisquer outras instalações além da nave e capela-mor, lutam pela construção de uma nova igreja ou pela remodelação e ampliação da antiga, com espaço para convívio, reuniões, catequese e outras actividades.

Neste momento estão em construção cerca de 20 igrejas ou capelas no Patriarcado. São 20 comunidades empenhadas em esforço colectivo. Esforço não só de angariação de fundos, mas também de trabalho, organização, pastoral, para resolver problemas técnicos, burocráticos, administrativos, de luta contra derrotismos e críticas nem sempre esclarecidas.

Outras 70 comunidades do Patriarcado aguardam a sua hora de começar.

A campanha é um apelo à solidariedade com esses. A solidariedade dos que já não têm ou nunca tiveram problemas desses, com os que neles estão profundamente empenhados.

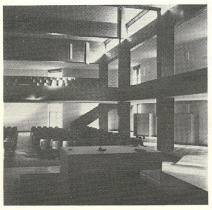
DOMINGO 17 DE MARÇO
OFERTÓRIO PARA O FUNDO DAS NOVAS IGREJAS



A Campanha das Novas Igrejas é também ocasião de reflexão e formação de opiniões. Há quem ponha em causa a oportunidade da construção de novas igrejas, em tempos confusos e difíceis como o tempo presente. Há quem sinta que a vida religiosa é hoje diferente do que foi até ao Concílio e forçosamente as igrejas também serão diferentes. Há quem diga que nada deve mudar, nem a forma das igrejas nem o modo de as utilizar. Pois discuta-se nesta oportunidade! Porque as igrejas que hão-de ser construídas se-lo-ão de determinado modo e não de outro, por decisão de quem delas precisar. Ao Secretariado das Novas Igrejas caberá dar apoio, esclarecimento e orientação técnica. Não cabe tomar decisões em nome dos interessados que somos todos nós diocesanos do Patriarcado de Lisboa. A responsabilidade é grande e exige reflexão.

S. Domingos de Benfica/Lisboa
arq. Alberto Camacho



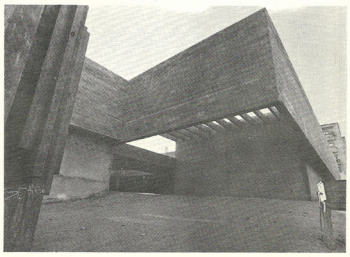


Uma nova igreja ou capela é um instrumento material de evangelização. Um meio de dar a conhecer a Boa Nova de Cristo, para que os homens cresçam na vivência do Evangelho, mais conscientes da sua dignidade, direitos e dependências; mais conscientes das carências e injustiças que afectam a vida dos que são seus irmãos; mais conscientes de como o caminho para Cristo é o caminho da paz e alegria, da plena realização humana que todos os egoísmos e injustiças impedem e destroam.

Se as novas igrejas não forem ponto de encontro dos homens entre si e com Cristo, de nada servirão. Se forem instrumento necessário para esse encontro justificarão todo o esforço na sua construção.



Damaia/ Arq. Nuno San Payo

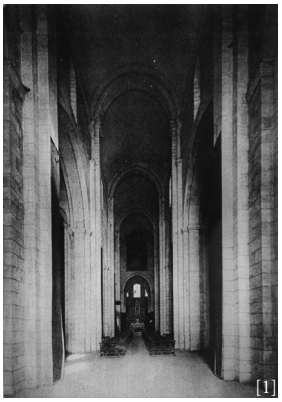


Boletim da campanha 'Novas igrejas do Patriarcado' (1974)
Arquivo SNIP

Anexo 14

Diapositivos
"Espírito na Arquitectura" (1935)
arq. Raúl Lino
Conferência (Rio de Janeiro: 30.Mai.1935)
publicada em Auriverde Jornada (1937), pp.165-235.

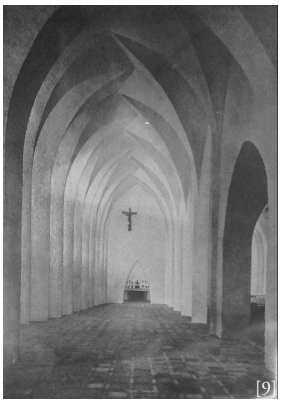
Colecção integral, parcialmente publicada
Digitalização, identificação e georferenciação das obras apresentadas
Arquivo Raúl Lino, espólio familiar

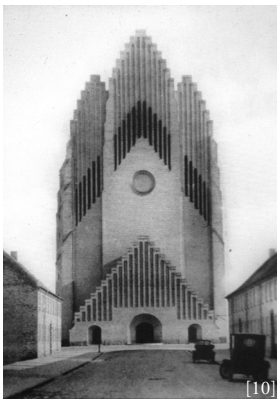

[1]


[2]

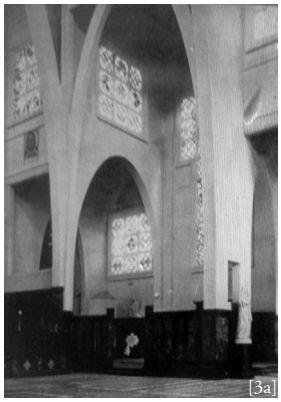
[1]	catedral de Saint-Trophime Arles, França (século XII-XIX) 43°40'36.00"N, 4°37'42.50"E	177-179
[2]	Wiesenkirche ou St. Maria zur Wiese Soast, Alemanha (séc.XIV-XIX) 51°34'30.00"N, 8° 6'33.50"E	179-181
[3] a b [4]	igreja católica de S. Jean Baptiste Molenbeek - Bruxelas, Bélgica (1931) arq. Joseph Diongre 50°51'25.00", 4°20'24.50"E	181-185
[5]	igreja católica Christkönig Leuna - Merseburg, Alemanha (1929-30) arq. Bernard Lipps Meier 51°19'25.80", 12° 1'50.00"E	185-186
[6] [7]	igreja católica Balatonboglár, Hungria (1931-32) arq. Kotsis Iván 46°46'44.00"N, 17°39'26.50"E	186-187
[8]	igreja anglicana St. Saviour Eltham - Londres Sul , Inglaterra (1932-33) arq. Welch & Lander and N.F. Cachemaille-Day 51°26'52.50"N, 0° 2'11.50"E	187-188
[9]	igreja católica St. Johannes der Tufer Neu Ulm, Alemanha (1921-26) arq. Dominikus Böhm 48°23'42.00"N, 10° 0'1.00"E	188-190
[10]	igreja Grundtvigs Minde-Kirke Grundtvig – Copenhaga, Dinamarca (1921-40) arq. Jensen-Klint 55°42'59.50"N, 12°32'2.00"E	190-191
[11]	igreja evangélica Hohenzollernplatz "Kraftwerk Gottes" Wilmersdorf - Berlim, Alemanha (1930-33) arq. Ossip Klarwein e arq. Fritz Höger 52°29'39.00"N, 13°19'37.00"E	191-192
[12]	crematório Freiberg, Alemanha (Georg Salzmann 50°55' 4.50"N, 13°21'24.00"E	192-193
[13]	crematório Meißen, Alemanha (1901-15) 51° 9'47.00"N, 13°27'45.00"E	
[14]	igreja evangélica Alemã Palhavã - Lisboa, Portugal (1933) arq. Otto Bartning c/ arq. Tertuliano Lacerda Marques ? 38°44'18.50"N, 9° 9'40.50"W	194-195
[15]	igreja da Hersteld Apostolische Gemeente Siedlung Kiefhoek - Roterdão, Holanda (1929) arq. J.P. Oud 51°53'39.00"N, 4°30'25.50"E	195-197

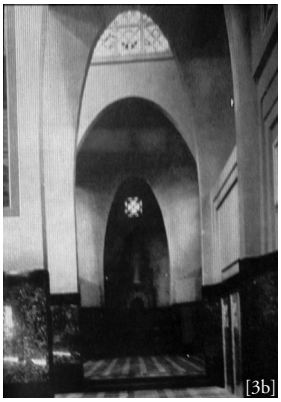

[5]


[9]

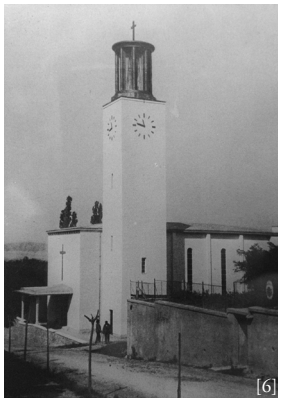

[10]

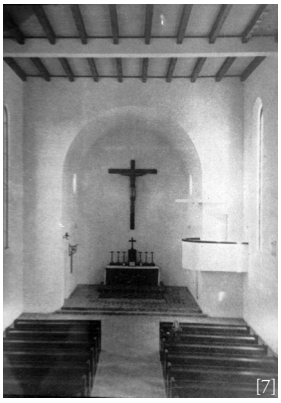

[13]

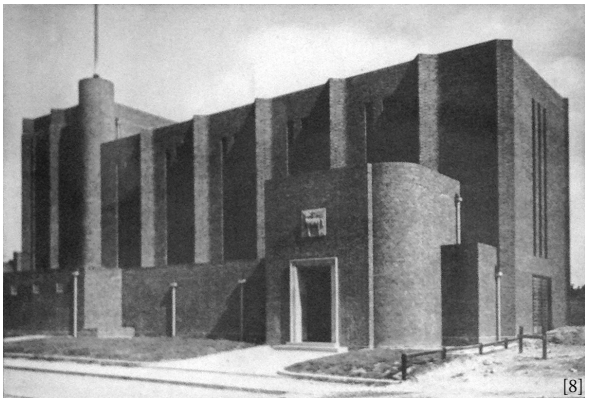

[3a]

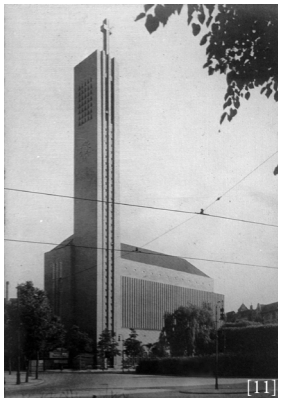

[3b]


[4]


[6]

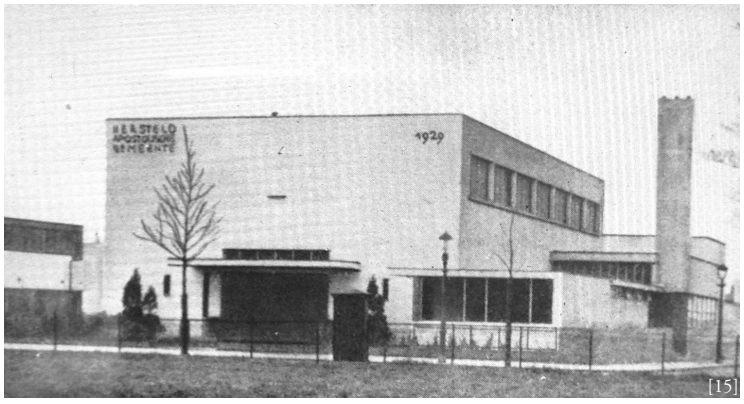

[7]


[8]

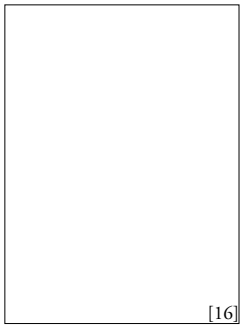

[11]


[12]


[14]



[15]


[16]


[17]


[18]


[19]

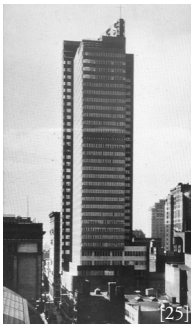

[20]


[21]

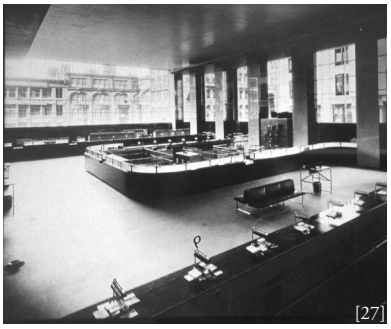

[22]


[23]


[24]


[25]


[26]


[27]


[28]

[16] em falta

[17] Palácio da Justiça;
Roma, Itália (1888-1910)
Arq. Guglielmo Calderini

[18] Kvarteret Marmorn;
Estocolmo, Suécia (1931)
Arq. Sven Wallander

[19] Columbushaus;
Potsdamer Platz - Berlim, Alemanha (1932)
Arq. Erich Mendelsohn

[20] Embaixada Alemã;
S.Petersburgo, Rússia (1911-13)
Arq. Peter Behrens

[21] a [24] Piazza della Vittoria;
Brescia, Itália (1927-32)
arq. Marcello Piacentini

[25] a [28] PSFS - Philadelphia Saving Fund Society
Filadélfia, Pensilvânia EUA (1932)
arq. Howe & Lescaze



Documentário cinematográfico
"Lisboa de hoje e de amanhã" (1948)
António Lopes Ribeiro

imagens de: Artur Costa de Macedo, Salazar Diniz, Manuel Luiz Vieira
direcção musical: Jaime Silva, filho
registo de som e laboratório: Lisboa Filme
sequência, montagem e locução: A. Lopes Ribeiro
duração: 39'36"

Guião
Transcrição parcial

"Lisboa a capital do império português, engrandecida através dos seus oito séculos de história propõe, como qualquer grande cidade do mundo, quatro ordens de problemas que aos serviços municipais incumbe resolver da melhor maneira. A sua população, que cresceu extraordinariamente nos últimos 30 anos, tem que residir, de circular, de trabalhar, de receber instrução e recreio.

A solução desses problemas está hoje sujeita a um plano director que os coordena harmonicamente entre si, não só no presente mas na previsão do futuro. Na base desse plano director está a já histórica planta da cidade na escala 1:5000 sobre a qual o engenheiro Duarte Pacheco, quando presidente da Câmara Municipal de Lisboa, traçou as primeiras grandes linhas a que deviam obedecer a acomodação e expansão da capital.

Os problemas da habitação foram complicados pela ocorrência de duas grandes guerras mundiais, no curto período de vinte e cinco anos.

Da aglomeração excessiva nas cidades resultam a promiscuidade, a insalubridade e outros flagelos que é necessário combater, principalmente junto dos habitantes com menos recursos. Que meios se empregaram?

Primeiramente a construção, dentro dos limites da capital, em lugares higiénicos e de fácil acesso, de bairros provisórios de casas desmontáveis como este que se ergueu na Quinta das Furnas, a Sete Rios.

Esses bairros são verdadeiras escolas para aprender a morar, incutem nos seus habitantes o gosto pela casa própria, independente, com o seu quintal privativo, fácil logradouro e serviços sociais organizados. As crianças ali nascidas já não conheceram o horror dos bairro de lata. Têm a sua creche, o seu centro social, a sua igreja, as suas escolas, uma para os rapazes outra para as raparigas.

Como o da quinta das Furnas é o bairro da Quinta da Calçada, entre Palma de Cima e o Paço do Lumiar e o da Bela Vista na orla do parque Florestal de Monsanto, a Benfica.

Mas na quinta do Jacinto, em Alcântara, já se ensaiou a construção das chamadas casas tipo 0, de pedra e cal, que hão de vir a substituir as casas de lusalite. E no Caramão da Ajuda é todo um grande bairro com muitas centenas de casas que se constrói activamente para abrigar as famílias que moravam nos prédios que é necessário demolir no centro da cidade. Algumas dessas casas são construídas por um moderníssimo processo que permite erguer duas casas por dias, é um processo de cofragem – nos moldes de madeira é vazado um concreto especial que seca muito rapidamente. As paredes ficam porosas o que forma caixa de ar. Naquele local privilegiado, ainda há poucos meses só se viam alguns casebres como estes, agora as casas que enchem toda aquela encosta da Ajuda são assim, em vez das alfurjas da mouraria sem ar e sem luz, é diante do cenário magnífico do Tejo que passam a morar em preços módicos alguns milhares de pessoas.

Muitos outros roles de casas económicas se encontram espalhados por toda a área de Lisboa: o Bairro de Caselas – junto da auto-estrada, o Bairro do Alto da Ajuda com os seus quintais murados e as suas casas, tão bonitas que quem lá mora cuida delas com desvelado amor florindo as janelas e cobrindo as paredes com trepadeiras.

E cada bairro tem as suas escolas como não podia deixar de ser.

De um e do outro lado do vale de Alcântara, separados pelo aqueduto das Águas Livres, vemos o Bairro da Calçada dos Mestres e o da Serafina. O da Serafina tem um balneário que é o edifício que se vê ao fundo.

O maior bairro económico de Lisboa é o da Encarnação, com cerca de 1500 moradias. Estão assegurados em cómodos autocarros os transportes para os bairros mais distantes.

No entanto é à iniciativa particular que incumbe principalmente a construção das casas de Lisboa. Mas a força das circunstâncias originadas pelas duas guerras elevando o valor dos terrenos, o custo dos materiais e da mão de obra, desviou os particulares da construção de casas económicas ou mesmo de casas compatíveis com os proventos das classes médias. Por toda a parte se ergueram belos prédios de rendas elevadíssimas . Mas há que reconhecer que eles também eram necessários para o embelezamento de uma cidade arquitectonicamente muito pobre até há poucos anos. Hoje já não faltam conjuntos admiráveis.

(...)

Constrói-se com frenesim – não há desemprego na construção civil. Os prédios novos acusam logo nas fachadas a colaboração dos arquitectos - profissão que as câmaras municipais e o governo do Estado Novo têm dignificado e feito prosperar. Mas a Câmara não descurou o problema das rendas.

A 7 de Maio de 1945 era publicada a Lei 2007 que estabelece as bases para a construção de casas de renda económica. Logo em Outubro do mesmo Ano a câmara municipal promove a aprovação do bairro de Alvalade, zona compreendida entre o Campo Grande, a Avenida Alferes Malheiro (hoje Avenida do Brasil) e Almirante Reis. A 7 de Abril de 1947 sai o decreto-lei que estabelecia o princípio das rendas limitadas. E logo um mês depois, a câmara municipal punha em praça os primeiros cinquenta lotes de terreno para casas de renda limitada.... e todos podemos vê-las erguerem-se dia a dia, dos caboucos aos telhados, num ritmo impressionante. Estão já praticamente concluídos 1500 fogos, em 225 prédios. Há 790 obras em curso no futuro centro comercial de Alvalade, 550 habitações e 240 lojas. As Caixas de Previdência verteram ali um capital de 120 000 contos que beneficiará, antes de mais ninguém, os seus próprios sócios. A iniciativa municipal das casas para trabalhadores encontra eco animador nas grandes empresas particulares, as companhias reunidas do gás e da electricidade vão construir cem casas no Caramão da Ajuda, a companhia das Águas duzentas nos Olivais, e há requerimentos de outras empresas e de cooperativas que ainda não foi possível satisfazer mas de que terão a sua vez. O sítio de Alvalade é a prova evidente que a câmara municipal tem um política da habitação que sairá vencedora. Dentro de quatro ou cinco anos toda estará ocupada podendo abrigar em óptimas condições 50 000 pessoas.

(...)

Lisboa é uma cidade em órbita. Desenvolve-se e alinda-se dia a dia sem interrupção. Novos edifícios, novas ruas, novos jardins multiplicam-se por toda a parte). Das casas económicas às moradias de luxo, aos prédios monumentais; Lisboa renova-se. Lisboa expande-se. Lisboa é cada vez mais Lisboa, mais digna do seu nome universal, mais apta a confirmar os versos de Camões:

'E tu nobre Lisboa que no mundo.
Facilmente das outras és princesa.'

A obra da câmara municipal está à vista de todos. Continua e continuará sem tréguas, sem descanso, em prol da Lisboa de hoje e de amanhã."









Filme
"Cristo sobre o Tejo" (195-)
Armando da Silva Brandão

texto: monsenhor Moreira das Neves (1906-1992)
locutor: Raúl Feio
imagens: Abel Escoto
registo de som: Augusto Lopes
laboratórios: Ulyssea Filme
duração: 9"27'

Guião
Transcrição parcial

Ainda que não haja notícia da estreia ou referência ao filme "Cristo sobre o Tejo" no prontuário de cinema português, apontamos como hipótese a produção datar da segunda metade dos anos cinquenta, podendo estar a encomenda associada à construção/ inauguração do monumento a Cristo-Rei.
A natureza diferenciada dos dois tipos de películas usadas no suporte original do filme e o registo de imagens do monumento ainda em construção reforçam a certeza de se tratar de uma obra realizada após o ano de 1956. Note-se que no filme aparece a maquete do projecto do arquitecto António Lino e engenheiro Francisco de Mello e Castro. Da obra construída apenas há registo do pedestal completo, estando em falta grande a imagem de Cristo-Rei, executada pelos anos 1957-1958, pelos mestres-escultores Francisco Franco e Leopoldo de Almeida.

"Por mais nuvens que pairem no céu, Portugal jamais deixa de confiar no sinal da cruz, símbolo eterno da Fé, da Esperança e do Amor.

A cruz afirma a presença de Cristo na sua missão de Bom-Pastor, todos os dias velando pelo seu rebanho.

Foi à sombra da cruz que Portugal se fez independente e sonhou alagar-se em corpo e alma - no espaço e no tempo construir catedrais, moradas de Deus e baluartes do espírito, e ergueu castelos, defesa da terra e da gente.

Junto ao mar a cruz é um farol apontando os horizontes e as estradas de água, em que o nosso génio se abriu ao sol das sete partidas.

'Lá onde a terra se acaba e o mar começa', uma cruz basta para dizer na História quem é Portugal.

Em 20 de Abril de 1940 nesse alto sagrado da Serra de Aire, perante a ameaça da invasão da península, sua eminência o cardeal Cerejeira, em nome de todos os bispos de Portugal fez o voto:

> Ó Jesus, nós os pastores por Vós escolhidos
> confiando na Vossa palavra - 'Pedi e dar-se-vos-á' -
> Fazemos o voto de tomar nas nossas mãos
> Patrocinando com a nossa autoridade e influência
> A construção do Monumento em honra da
> Realeza do vosso divino coração
> A elevar na cabeça do mundo português.
> Apresentamo-vos esta súplica e este voto
> Por intermédio do coração imaculado de Maria,
> vossa Mãe e nossa Mãe.
> Ámen

E Portugal não perdeu a graça da alegria e da paz, continuou a trabalhar na tranquilidade da ordem e no culto das virtudes familiares.

Ao enlevo da terra florida, na mais cândida oferenda lírica, juntava o mais singelo transporte das almas.

Nem as árvores interromperam na primavera o seu noivado cor de rosa.

Nem as crianças viram mutilados os seus sonhos de inocência na relva dos jardins.

Não se quebrou nos campos o ritmo heróico das sementeiras.

Não se rasgaram na loucura dos ventos as velas brancas dos moinhos.

Não pararam nas correntes dos rios as rodas das azenhas entre o epitalâmio das árvores e o salmo das águas.

Sempre que lá fora se desencadeavam as tempestades do ódio, o Povo português orava e cantava, como se fosse de povo escolhido a sua missão de apóstolo.

Avé, Avé, Avé Maria!
Avé, Avé, Avé Maria!

A Virgem Maria
Cercada de luz,
Nossa Mãe bendita
E Mãe de Jesus

Operado o milagre era preciso cumprir a promessa:

Tinha de levantar-se um monumento a Cristo Rei!

Em Junho de 1950 era colocada e benzida a primeira pedra.

Em Fevereiro de 1951 escavavam-se num cerro de Almada os alicerces.

E pouco a pouco, pedra a pedra, dia a dia o monumento foi alçando o seu perfil sobre o Tejo das naus. Cada bloco de cimento representa a colaboração de milhares de portugueses, numa obra feita de obscuros e silenciosos sacrifícios.

Nessa obra audaciosa, de ambição e de técnica, impera afinal o mesmo espírito de fé que semeou Portugal de rústicas ermidas.

No monumento a Cristo-Rei reflectir-se-á o mesmo cristão atrevimento que outrora ergueu o mosteiro de Alcobaça.

Surgindo da ansiedade das horas incertas, o voto de um rei lavrou as rendas góticas da Batalha.

A gratidão de um povo, que encontrara no mar o rumo certo do seu destino, levantou os claustros e os pórticos manuelinos dos Jerónimos.

A cúpula da Estrela, símbolo de mais uma promessa cumprida, coroa a primeira basílica do mundo erguida em louvor do Coração de Jesus.

A marcha do tempo não consegue também apagar a memória de heróis que foram santos, de santos que foram heróis.

É ainda Portugal que se orgulha de possuir o único seminário que no mundo se consagrou a Cristo Rei.

Pelo monumento nacional a Cristo-Rei é Portugal do século XX que prevalece na majestade de um símbolo, fiel ao génio e votos dos antepassados que dele fizeram o que é e o tornaram capaz de ser cada vez maior.

Dominando Lisboa é a pátria inteira que a imagem de Cristo abraça e protege, olhando-a das alturas azuis,
onde a terra se acaba e o céu começa,
lá onde ??? nossa fé,
numa hora de angústia e de esperança."

Arquivo RTP – a cores

"Juntaram-se centenas de milhares de pessoas que à chegada do chefe de estado, como já o tinham feito ao presidente do conselho, irromperam em aplausos e aclamações.

Pouco depois uma revoada de seis mil pombos e uma chuva de milhões de pétalas lançadas do topo do pedestal, anunciaram o momento da bênção do monumento.
Lá no alto Cristo-Rei, de braços abertos, parecia receber as súplicas do povo.
'Portugal foi ouvido. O voto está cumprido!' - afirma sua eminência na sua vibrante alocução.
Algo de inesperado se ia a verificar depois:
Uma das pombas brancas que se encontrava refugiada entre as rosas do andor da virgem de Fátima, levantou voo e foi poisar na tribuna presidencial.

A multidão agitando pequenas bandeira com a cruz de Cristo dá largas ao seu regozijo e canta em coro, impressionante, o Hino Nacional.
Lá no alto, a imagem de Cristo Rei, grato por tão grande manifestação de fé, disser-ia que a todos queria envolver no mesmo abraço de protecção e generosidade para Portugal inteiro, para todos os portugueses espalhados pelo mundo - um abraço que é bênção, perene solicitude, atenção vigilante, defesa invencível, penhor da continuidade da Pátria, certeza da sua imortalidade.
Olhando o Tejo, donde a sua Cruz ganhou o Mundo, Cristo há de continuar a apontar a Portugal a Rota das glórias e da vitória."









Listagem de Obras

Anexo 16

Durante a pesquisa de doutoramento foi realizada uma exaustiva listagem de autores e obras relacionados com o campo da arquitectura religiosa. A par de alguns dos dados anteriormente recolhidos por Alberto Estima e João Alves da Cunha para as suas investigações académicas, e com base em arquivos, em notícias de jornal, muitos depoimentos de autores, párocos e paroquianos intervenientes nos processos de construção ou renovação das igrejas, reuniu-se uma base de dados alargada.
Nem todas as obras listadas serão de relevância, mas no seu conjunto permitem-nos uma tomada de consciência sobre a dimensão, distribuição geográfica e autoria das edificações religiosas, com maior incidência nas décadas de 1950 a 1970. Foram incluídas algumas obras que não pertencem a este período, mas que ajudam a melhor balizar o percurso dos respectivos autores. Os autores encontram-se seriados por ano de nascimento e ordem alfabética. Estando a informação das obras dispersa e pouco acessível, apesar da extensão partilhamos esta listagem, pretendendo com ela contribuir para futuros estudos que não dispensam a validação de cada uma das entradas, uma vez que em muitos casos não elas não puderam ser confirmadas por documentação escrita.

Raul Lino (1879-1974)

1942 - 56	catedral de Nampula, Angola proj: 1942 | const: 1944 inaug: 23.Ago.1956
1950	igreja São Pedro de Moel, Marinha Grande ante-proj: 1950 *(não construída)*
1956	dispensário da Igreja paroquial de Benfica, Lisboa proj: 1956 *(não construída)*
1970	igreja Ribeira de Palheiros, Lourinhã proj: 1970

Rebelo de Andrade
Carlos Rebelo de Andrade (1887-1971)
Guilherme Rebelo de Andrade (1891-1969)

1940 - 45	capela de Sta. Teresa e S. João, Caldas de Monchique proj: 1940 | 1ª pedra: 1941 | inaug: 15.Set.1945
1944 - 47	capela das Escravas do Sagrado Coração de Jesus, Lisboa 1ª pedra: 25.Mar.1944 | 30.Abr.1947
1952	capela do Bairro Nossa Senhora da Piedade, Cova da Piedade, Almada bairro: 1948 | inaug: 27.Abr.1952.
1953	igreja Nossa Senhora de Fátima, Parede inaug: 1.Mar.1953

Fernando de Barros Santa-Rita (1891-977)

1944 - 53	igreja do Santíssimo Salvador do Mundo, Bombarral ant-proj: Jan.1944 | proj:1947-48 | 1ª pedra: 23.Jul.1950 | inaug: 5.Jul.1953
	igreja de Pataias
	reparação e reintegração Igreja de Santo Agostinho, Leiria
1965	igreja Gondemaria, Vila Nova de Ourém inaug: 1965

João Marcelino Queiroz (1892-1982)

1935	capela de St. António, São João da Madeira inaug: 13.Out.1935
1941 - 45	capela Nossa Senhora da Boa Viagem, Praia de Esmoriz 1ª pedra: 1941 | inaug: 1945

José Ferreira Peneda (1893 -1940)

1936 - 37	igreja de Santo António das Antas, Porto proj: 1936 | 1ª pedra: 13.Jun.1936 | inaug: 13.Jun.1937 (cripta) | *obra abandonada*

Carlos João Chambers Ramos (1897-1969)

1947	capela da Leprosaria Rovisco Pais, Tocha

Eugénio Correia (1897 - 1987)

19-- seminário de Vila Real

1952 igreja S. Isidro, Pegões, Montijo
const: 1952

João Ângelo Cottinelli Telmo (1897-1948)

1932 igreja, Entroncamento *(não construído)*
proj: 1932

Porfírio Pardal Monteiro (1897-1957)

1923 - 28 templo adventista, Lisboa
proj: 1923 | inaug: 1928

1932 - 37 seminário dos Olivais, Lisboa
proj: 1932 | 1ª pedra: 1933 | cons: 1932 | inaug: 1937

1933 - 38 igreja Nossa Senhora de Fátima, Lisboa
proj: 1933 | 1ª pedra: 13.Mai.1935 | inaug: 14.Abr.1938/13.Out.1938 |
colab: arqs. Rodrigues de Lima e Faria da Costa

1935 - 38 seminário de São Paulo, Almada *(remodelação)*

1954 - 56 seminário de Santarém *(remodelação, não construído)*

1954 igreja Nossa Senhora Assunção Urmeira, Lisboa
inaug: 8.Mai.1954

Vasco de Morais Palmeiro Regaleira (1897-1968)

casas religiosas

1944 - 45 casa das irmãs Doroteias, Fátima

1948 - 90 carmelo da Sagrada Família, Torre de Moncorvo
1a pedra: 15.Mar.1948| inaug: 1.Jun.1950 (1ª missa), 28.Dez.1974 (Igreja) | 1990 (conclusão)

1951 casa das irmãs Dominicanas, Fátima
inaug: 13.Out.1951

1952 casa Provincial das irmãs Doroteias - Quinta da fonte, Linhó (ampliação)

seminários

c.1940 seminário, Convento Franciscano da Portela, Leiria (conclusão)
obra iniciada em 1902 por Nicola Bigaglia, completada em 1940 por VR

1946 - 52 seminário das Missões (missionários da consolata)
1ª pedra: 20.Jun.1946 | inaug: 13.Nov.1948 (1ª fase), 6.Jan.1951 (capela), Dez.1952 (conclusão)

1953 - 55 seminário Maior, Portalegre
obs: Terreno adquirido por D. António Ferreira Gomes
1ª pedra 8.Dez.1953 | inaug: 23.Out.1955

1953 - 66 seminário do Verbo Divino, Fátima
1ª pedra: 13.Mai.1953 | inaug: 1.Mai.1956 (1ª fase), 30.Set.1958 (Capela), 2.Dez.1966 (2a fase)

colégios

1936- colégio Santa Doroteia, Lisboa (projecto incompleto)
colab: Jorge Segurado

1939 - 41 colégio Rainha Santa Isabel, Coimbra (S. José de Cluny)
1ª pedra: 14.Jun.1939 | const: 1939-41 | inaug: 4.Jul.1941

1943 colégio S. José de Cluny, Luanda
(2º estudo – versão construída)

1945 - 53 casa de São Vicente de Paulo, Lisboa
1ª reunião: 8.Mai.1945 | inaug: 8.Set.1949 (pavilhão central) |
1ª pedra: 4.Mai.1949 (capela) | inaug: 13.Dez.1953 (capela)

1948 - 51 colégio Sagrado Coração de Maria, Fátima
1ª pedra: 1.Jun.1948 | inaug: 29.Abr.1951

igrejas e capelas

1927 ermida do Lobito, Angola

1929 capela da Quinta de Santo António da Serra, Sintra

1940 pavilhão e Capela das missões católicas, Lisboa
Exposição do Mundo Português, 1940

1946 - 51 igreja Santo Condestável, Lisboa
proj: 1946 |1ª pedra: 27.Mai.1948 | inaug: 14.Ago.1951

1950 - 51 igreja Nossa Senhora da Conceição, Caldas da Rainha
1ª pedra: 20.Ago.1950 | inaug: 21.Out.1951

1951 - 55 igreja São João de Brito, Lisboa
Arranjos Exteriores; 1956 - Gonçalo Ribeiro Teles
Proj: 1ª versão: 5.Jul.1951 | const. 1952 | inaug: 2.Out.1955

1953 igreja matriz de Alcoentre, Azambuja (restauro)
inaug: 18.out.1953
1953 - 59 igreja Nossa Senhora da Purificação, Aveiras de Cima
const: 1953 | inaug: 20.Dez.1959
1955 - 58 igreja São João Baptista, Coruche
1ª pedra: 27.Mar.1955 | inaug: 23.Nov.1958
1956 igreja Nossa Senhora de Fátima, Carregado - Alenquer
inaug: 26.Ago.1956
1956-58 igreja Nossa Senhora da Conceição, Amadora
1ª pedra: 30.Dez.1956 | inaug: 12.Jul.1958
c.1958 igreja Senhor dos Mares, Nazaré *(não construída)*
1963 igreja da Sagrada Família, Bairro da Tabaqueira, Albarraque - Sintra *(não construída)*
proj: Mai.1963

Jorge Segurado (1898-1990)
1951 capela S. Gabriel, Marconi, Vendas Novas
1a pedra: 19.Jul.1951
1959 - 61 capela bairro António Oliveira Salazar (SACOR), Bobadela *(não construído)*
ante-proj: Abr.1959 | proj: Jun.1961

António Maria Veloso dos Reis Camelo (1899-1985)
1944 igreja Barranco do Velho, Loulé
inaug: 1944
1967 igreja Vale Covo
inaug: 9.Mar.1967

Luís Benavente (1902-1993)
1947 igreja Caramão da Ajuda, Lisboa *(não construída)*
proj: Mar-Abr.1947
1948 - 51 capela de Santo Eugénio, Roma
proj: 1948 | inaug: 2.Jun.1951 | assist. lit.: Mons. Pereira dos Reis
1949 - 58 igreja Nossa Senhora da Paz, Benavente
proj: 1949 | 1ª pedra: 28.Set.1950 | inaug: 17.Ago.1958

António Júlio Teixeira Lopes (1903-1971)
1943 aldeia do Gaiato Paço de Sousa
início da construção: 27.Mai.1943
1951 casas do património dos pobres, Paços de Sousa
início da construção: Fev.1951
1954 - 56 casa do Gaiato Paço de Sousa
1956 casa do Gaiato de Beire
inaug: 12.Jul.1956 (capela)
1957 calvário de Beire (c/ arq. Alberto França)
inaug: 16.Jul.1957

ARS (1933-1954)
António Fortunato Cabral (1903-1978)
Mário Cândido de Morais Soares (1908-1975)
Fernando Manuel Corrêa da Silva Cunha Leão (1909-1990)
1934 - 36 igreja Nossa Senhora de Fátima, Porto
proj: Set.1934 | inaug: 11.Fev.1936 | obs: Companhia de Jesus, Expo 53
1936 Instituto Nuno Álvares, Santo Tirso
proj: 1936 (ARS) | obs: arranjo e decoração Capela, Companhia de Jesus
1940 capela Rua da Firmeza, Porto *(não construído)*
proj: 1940 | obs: ordem redemptorista
1941 - 64 igreja paroquial de Crestuma, Vila Nova de Gaia
proj: 1941 (ARS) | 1953 (sipa) | inaug: 25.Ago.1963 - 14.Set.1964 |
1942 - 51 seminário Diocesano, Aveiro
proj: 1942-51 (ARS) |
1944 Instituto Missionário, Seminário da Ordem, Cernache, Coimbra *(não construído)*
proj: 1944 | obs: Companhia de Jesus
1945 igreja da Torreira, Murtosa
proj: 1945 (ARS)
1947 igreja paroquial Costa de Lavos, Figueira da Foz
proj: 1947 (ARS)

1947 Instituto Sagrado Coração de Maria, Rua Fernandes Tomás, Porto *(não construído)*
proj: 1947 (ARS)
1948 - 52 Noviciado e Juniorado da Casa da Torre, Soutelo, Braga
proj: 1948-50 (ARS) | inaug: 1951-52 | obs: Companhia de Jesus
1949 centro paroquial de Ramalde, Porto *(não construído)*
proj: 1949 (ARS)
1953 - 63 igreja São Pedro da Cova, Gondomar
proj: já há projecto na exposição de 1953 | 1954 ARS | demol: 20.Dez.1954 | 1ª pedra: 16.Out.1955 | inaug: 8.Dez.1957 (cripta), 22.Set.1963 (Igreja) | obs: projecto terminado por Benjamim do Carmo
19-- igreja N.ª Sr.ª de Fátima, Matosinhos *(não construído)*
c. 1957 - 64 igreja paroquial da Palhaça
1ª pedra: 18.Ago.1957 | inaug: 15.Ago.1964
c. 1958 - 66 igreja paroquial de S. Bernardo, Aveiro

Ernesto Camilo Korrodi (1905-1985)
19-- Santíssimo Sacramento, Porto

Bruno Alves Reis (1906-1984)
1953 - 56 igreja Santo Amaro, Matosinhos
1ª pedra: 01.Mar.1953 | inaug: 22.Jan.1956

Álvaro da Fonseca (1907-1972)
1953 - 62 S. José, Coimbra
proj: 1953 | 1ª pedra: 19.Mar.1954 | inaug: 19.Mar.1962
1964 - 66 centro paroquial de assistência e formação D. Manuel Trindade Salgueiro, Ílhavo
const: 1964 | inaug: 2.Jan.1966

Mário Augusto Ferreira de Abreu (1908-1969)
capela Grijó, Vila Nova de Gaia
colégio Beneditino, Lamego
1963 - 65 capela Nossa Senhora do Carmo, Caldas da Saúde, Santo Tirso
proj: 1963 | inaug: 16.Jul.1965

Mário Cândido de Morais Soares (1908-1975)
1960 patronato de Santa Teresinha, Porto
inaug: 26.Jun.1960
1961 centro Social do Barredo, Porto
inaug: Dez.1961
1967 - 89 igreja Senhora do Porto, Porto
proj: Jun.1967 | inaug: 18.Jun.1989 | colab: Vasco Morais Soares

Manuel da Silva Passos Júnior (1908 -)
1945 capela de Gondarém, Porto
proj: 1945 (lic. camarária)
1950 - 54 convento Dominicano de Cristo Rei, Porto
ante-proj: Fev.1950 | 1ª pedra: 28.Ago.1950 | inaug: 25.Mai.1954
obs: co-autoria com Eduardo Martins

António Lino (1909 - 1961)
1938 - 59 monumento de Cristo Rei
1os estudos: 1938 |1ª pedra: 18.Dez.1949 | inaug:17.Mai.1959
c.1950 colunata Basílica de Fátima
1950 - 53 igreja S. João de Deus, Lisboa
proj: Abr.1950 | 1ª pedra: 24.Abr.1950 | inaug: 8.Mar.1953 |
colab: pintor Domingos Rebelo (pai de João Correia Rebelo)
1961 igreja Ulme, Chamusca
inaug: 1.Nov.1961

João Simões (1908-1993)
1945 Sé, Bissau (reformulação)
1954 - 62 Cidade universitária, Lisboa
colab: João Simões em co-autoria com Norberto Correa
1959 estudo para o programa do Centro Perpétuo Socorro, Porto
proj: Jun.1959

1961 - 64 igreja Nossa Senhora Auxiliadora, Lisboa
1ª pedra: 8.Dez.1961 | inaug: 30.Jan.1964 | colab: João Simões | obs: salesianos

Francisco Keil do Amaral (1910-1975)
1944 - 47 capela-ossário Parque florestal de Monsanto, Lisboa *(não construída)*
proj: 1947
1972 igreja Senhora da Alegria, Vilamoura
inaug: 1972

Inácio Peres Fernandes (1910-1975)
1943 - 49 igreja, Riachos, Torres Novas
proj: 1943 | 1ª pedra: 18.Mar.1945 | inaug: 11.Dez.1949
1955 igreja, Silveira
inaug: 16.Out.1955

Januário Godinho de Almeida (1910-1990)
1945 - 47 igreja S. José, Coimbra *(não construída)*
estudos: 1945 | ante-projecto:1947
1958 - 60 capela Hidro-eléctica do Cávado, Pisões
proj:1958 | obs: ass. por A. Almeida, coord. Januário Godinho
1964 - 68 capela Furadouro, Ovar
1ª pedra: 4.Ago.1955 | proj: 1964 (revisão) | const: Jun.1966 a Jul.1968 | inaug: 28.Jul.1968
1966 - 69 igreja do Louro e centro pastoral, Famalicão
1979 capela, Válega, Ovar
1a pedra: 8.Dez.1972 | inaug: 26.Jul.1981

José António Martins Sequeira Braga (1913-1980)
1943 - 57 igreja Moreira de Cónegos, Guimarães
const: 1943 | inaug: 1951 (1ª missa), 28.Jul.1957
1954 - 68 igreja Joane, Vila Nova de Famalicão
1ª pedra: 1954 | const: 1954-68 | inaug: 1968 (1ª missa), Set.2003 | colab: arq. Albano Seabra Moura.

Eduardo Read Henriques Teixeira (1914-1996)
1962 -67 igreja Ribeira Chã, Açores
1ª pedra: 1962 | inaug: 1.Mai.1967
capela do Hospital do Ultramar (hospital Egas Moniz), Lisboa

Lucínio Guia da Cruz (1914-1999)
1950 - 52 igreja e seminário Torre d'Aguilha, Carcavelos
missionários do Espírito Santo
1950 - 55 igreja e colégio S. João de Brito, Lisboa
(1ª fase)1ª pedra: 7.Out.1950 | inaug: 6.Out.1951
(igreja) 1ª pedra: 8.Dez.1953 | inaug: 7.Out.1955
(2ª fase) inaug: 3. Abr.1965
1952 - 61/2 Nossa Senhora de Fátima, Huambo, Angola
1ª pedra: 25.Jan.1952
1953 Seminário de Luanda, Angola
1953 - 55 igreja Nossa Senhora da Encarnação, Benedita, Alcobaça
1ª pedra: 25.Out.1953 | inaug: 14.Ago.1955
1956 - 61 igreja Santa Bárbara, Martiqueira
1ª pedra: 16.Ago.1956 | inaug: 13.Ago.1961
1970 igreja Nossa Senhora de Monserrate, Ribamar
inaug: 8.Dez.1970
1977 igreja Nossa Senhora da Guia, Lourinhã

Raúl Chorão Ramalho (1914-2001)
1949 - 59 igreja Porto da Cruz, Madeira
proj: 1949, 1958 (igreja) 1959 (residência paroquial)
obs: c/ Alberto José Pessoa
1950 - 58 capela e Ossário do Cemitério de Nossa Senhora das Angústias,Funchal
proj: 1950 (ante-projecto)
1955 - 57 Imaculado Coração de Maria, Madeira
Proj: 1955 (ante-proje), 1957 (proj)
1956 concurso: igreja do agrupamento de Casas económicas de Benfica, Lisboa
obs: *3º classificado, não construída*

Agostinho Ricca Gonçalves (1915-2010)

1944 concurso: igreja de Santo António das Antas, Porto
obs: proj. abandonado

195- - 64 igreja Monte da Virgem, Vila Nova de Gaia *(não construída)*
proj: c. 1955 (ante-projecto)| colab: Benjamim do Carmo
proj:1964

1974 - 81 igreja Nossa Senhora da Boavista, Porto
proj:1974 (ante-projecto) | 1ª pedra: Dez.1977 (1ª fase, igreja), 31.Mai.1986 (2ª fase)
inaug: 31. Mai.1981 (igreja), 25.Mai.1991 (2ªfase), 31.Mai.1997 (3ªfase)

1986 - 93 santuário de Santo António, Vale de Cambra
proj: 1983-1989 | inaug. 1993

Frederico George (1915-1994)

1962 igreja evangélica, Alcácer do Sal

1971 igreja São Sebastião da Pedreira (ante-proj.), Lisboa
proj: 1971 (notícia) | colab: F. Berger e Mata Antunes

Samuel Tavares Quininha (1915-1996)

c.1960 centro Paroquial de Santa Isabel, Lisboa

António Agnelo Teixeira Barbosa de Abreu (1916-1993)

1953 - 54 igreja de Cedofeita, Porto *(não construída)*
ante-proj: Dez.1953 | proj: 1954 (desenhos e perspectivas)
colab: eng. Antão Almeida Garrett

1953 - 63 Senhora da Hora, Matosinhos
proj: Fev.1953 (ante-projecto), 1954-55 (revisão do proj) | 1ª pedra: 2.Mai.1953|
inaug: Mai.58 (cripta), 11.Fev.1963 (igreja)
colab: arq. Manuel Armando d'Ávila Pereira

1959 - 60 Sé de Vila Real
proj: Out.1959 (ante-projecto), Abr.1960 (variante)

igreja da Lixa, Felgueiras

Carlos Henrique da Silva Neves (1916-1960)

1950 - 52 Casa paroquial Carvalhido, Porto
proj: 1950| inaug: 7.Dez.1952

Manuel Coutinho Raposo (1916-1999)

1955 Igreja São Pedro de Moel, Marinha Grande

Fernando de Sousa Oliveira Mendes de Nápoles Tudela (1917-2006)

1944 - 54 igreja Santo António, Porto
proj: 20.Mar.1944 concurso | Mai.1946 CODA | 1ª pedra: 13.Jun.1948 | inaug: 6.Jun.1954

1951 - 53 igreja dos Redentoristas, Porto
obs: co-autoria com Fernando Barbosa
proj: 1951 | inaug: 11.Abr.1953

1953 igreja Nossa Senhora do Perpétuo, Guimarães
const: 1953 |
obs: co-autoria com Fernando Barbosa | obs: redentoristas

Ruy Jervis de Athouguia (1917-2016)

1963 - 65 Centro cívico e comercial Solátia, Carnaxide, Loures
proj: 1963-65

1977 Concurso: Santuário de Fátima

Fernando Augusto Peres Guimarães (1918-2016)

1950 - 51 Igreja de Santo Eugénio (bairro da Encarnação), Lisboa
1ª pedra: 18.Jun-Out.1950 | inaug: 02.Jun.1951

António Filomeno da Rocha Carneiro (1919-2002)

1956 - 64 igreja de São Lourenço, Bustos
1ª pedra: 9.Ago.1956 | inaug: 8.Dez.1964

Alberto Manuel Barbosa Pereira da Cruz (1920-1990) e Elísio Summavielle Soares

1961 igreja de Santo António, Vendas Novas
proj: Set.1961 | 1ª pedra: 13.Nov.1961

Eugénio Alves de Sousa (1921-2012)

1965 - 79 igreja S. Martinho de Cedofeita, Porto
proj: 20.Jan.1965 , 1972 (2ª fase – aproveitamento da pré existência auditório e centro pastoral)
const: 1966
inaug: 1968 (1ª missa cripta) | 30.Mar.1972 (1ª missa) | 11.Nov.1979 | 11.Nov1991 (torre sineira)

Joaquim Cabeça Padrão (1921-1993)

1966 - 70 igreja de Santa Maria, Barreiro
const: 1966 | inaug: 18.Jan.1970

Manuel Gomes da Costa (1921-2016)

1956 Igreja de Santa Luzia, Tavira

1957 - 62 Casa de Retiros e Colónia de Férias, Alcantarilha, Silves

1960 - 65 Colégio da Senhora do Alto, Faro

Armando Alves Martins (1922-2015)

1957 Capela do Quartel de Infantaria de Beja
pintura mural e vitrais (datados de 1957) de Querubim Lapa

1967 - 69 Casa de Saúde de Santa Isabel, Condeixa (irmãs hospitaleiras)
1ª pedra 17.Ago.1967 | inaug: 10.Fev.1969.

1971 Igreja de Vidual (Pampilhosa da Serra)

1971 - 74 Capela de Nossa Senhora da Piedade, Tovim do Meio (Coimbra)
proj: 1971 | obra: 1972-1974 | inaug: 29.Out.1974

c. 1970 Igreja de Santiago da Guarda (Ansião)

c. 1970 Capela de Gavinhos (Figueira de Lorvão)

Capela de Nossa Senhora da Guia (Fajão, Pampilhosa da Serra)

Francisco Carlos de Azeredo Pinto Melo e Leme (1922-1993)

1954-59 igreja Oldrões, Penafiel
1ª pedra: 26.Set.1954 | inaug: 11.Jan.1959
obs: co-autoria Francisco Carlindo Pitrez

Nuno Teotónio Pereira (1922-2016)

1948 - 52 igreja Sagrado Coração de Jesus, Covilhã
proj: 1948 | inaug: 1952

1949 - 57 igreja paroquial, Águas de Penamacor
proj: 20.Jul1949 (MD do ante-projecto) | inaug: 1957

1957 - 61 centro social Alto da Serafina

igreja provisória do Bairro da Liberdade – Campolide, Lisboa
proj: 26.Abr.1957 (MD projecto)| 1ª pedra: 20.Jul.1958 | inaug: 24.Jul.1961
colab: João Braula Reis

1959 - 68 mosteiro de Santa Maria do Mar Sassoeiros, Carcavelos
colab: Nuno Portas, Pedro Vieira de Almeida

1962 - 70 igreja do Sagrado Coração de Jesus, Lisboa
proj: 1962 (1º prémio concurso) | 1ª pedra: 22.Mai.1966 | inaug: 19.Jun.1970,
concurso: Nuno Teotónio Pereira, Nuno Portas, Vítor Figueiredo e Vasco Lobo
colaboração arquitetos tirocinantes Luís de Almeida Moreira e Pedro Vieira de Almeida

1962 - 70 igreja de S. Tiago, Almada
enc:1962 - elaboração do programa e adjudicação | proj: 1963 (ante projecto) | 1964-65 (suspensão dos trabalhos) 1966 - entrega do projecto geral, const: 1967 - adjudicação da 1a empreitada,
inaug: 1970 (igreja), 1971-1972 (trabalhos de acabamento) |
colab: João Rebelo, Almeida Moreira, Luís de Almeida, Nuno Portas

1967 - 70 centro paroquial de S. Sebastião da Pedreira, Lisboa
encomenda: 20.Jul.1967 | estudo base: 18.Ago.1967 | suspensão: 23.Jun.1970

1967 - 69 Igreja de Santo André, Boidobra, Covilhã

1970 - 75 urbanização do Restelo, Lisboa
colab: Nuno Portas, Gonçalo Ribeiro Telles, Pedro Botelho, João Paciência |
obs: o plano contempla Igreja, associada à zona central

1975 - 86 igreja Santo André de Boidobra, Covilhã
colab: João Correia Rebelo (responsável pela 2ª versão *não construída*)

Octávio Lixa Filgueiras (1922-1996)

Residência paroquial Alpendurada

1953 - 58 igreja de S. Miguel (Alto da Lixa), Freixo de Cima, Amarante
proj: Jan.1953 | const: 1958

1953 - 82 igreja matriz Cepelos, Vale de Cambra
ante-proj: Nov.1953 | proj: Ago.1956 | demol: Mai.1959
inaug: 6.Jan.1960 (cripta) | 26.Dez.1982 (igreja)

1954 capela de Sto. António de Escapães, Vila da Feira
proj: 23.Jul.1954 (MD)

1957 - 58 missão Nª Senhora da Inhassunge, Moçambique
encomenda: 1956 | proj: 1957, 1958 (execução)

1959 seminário redentorista Cristo Rei, Vila Nova de Gaia *(não construído)*
ante-proj: 1959

1965 capela nossa Senhora da Luz, Ferreira, Paços de Ferreira
proj: Dez.1965 *(obra abandonada)*

1967 - 68 patronato da Sopa da Divina Providência, Devesas, Vila Nova de Gaia

Pedro Maria Carvalhais e Meneses da Costa e Almeida (1922-)

1959 igreja de Ermesinde *(não construída)*
proj: 1959 ante-projecto

1960 igreja Várzea do Douro
proj: 7.Jul.1960 MD | const: entre 1962-65 | inaug: 28.Mai.1968

Sebastião Formosinho Sanchez (1922-2004)

1961 igreja Rio Maior *(não construída)*

1964 concurso: Sé de Bragança (2º classificado) c/ Diogo Lino Pimentel

1966 - 85 igreja Nossa Senhora da Conceição, Setúbal

Vitor Palla e Carmo (1922-2006)

Joaquim Bento de Almeida (1918-1997)

1951 - 54 Igreja Pontinha

Fernando Távora (1923-2005)

1952 remodelação do Instituto Nun'Alvares, SantoTirso

1961 - 71 convento das irmãs franciscanas de Calais, Gondomar

1963 - 65 capela e pavilhão do Instituto Nun'Alvares, Santo Tirso

1966 igreja Sr. dos Mares, Nazaré *(não construída)*
enc: 1963 (sugestão) -1964 | proj: Jan.1966 (ante-projecto) | colab: Joaquim Sampaio

1967 - 71 igreja São João de Ovar *(não construída)*
proj: Ago.1967 (ante-projecto) ; Jan.1969 (execução); 1971 (revisão do programa)

1967 - 08 igreja São João de Ver, Santa Maria da Feira
proj: 1967 | 1ª pedra: 9.Jun.1968 | const: 2005 | inaug: 2008 | colab: Alberto Neves

Francisco Pereira da Costa (1923-)

1952 - 54 Loivos, Vidago, Chaves

João Correia Rebelo (1923-2006)

1954 capela para o Bairro Vitória, Ponta Delgada *(não construída)*

1956 concurso: igreja do agrupamento de Casas económicas de Benfica, Lisboa
obs: *3º classificado*, *não construída*

1955 - 56 colégio São Francisco Xavier, Ponta Delgada
proj: 1955-58 | colab: Manuel Alzina Menezes

1957 projecto-tipo salão paroquial, Remédios, Bretanha
obs: foi inaugurado um em Remédios 1967 (Bretanha, S. Miguel)

1958 - 61 seminário Colégio Santo Cristo, Ponta Delgada
const: 1962-66

1962 concurso: Sagrado Coração de Jesus, Lisboa *(desclassificado)*

Fernando Seara (1925-)

1953 - 55 capela da Afurada I
trab. acad: 1953 | proj:1954 | 1ª pedra: 22.Abr.1954 | inaug: 10.Jul.1955

1956 - 66 igreja de Rebordosa
ante-proj: Out.1956 | CODA: Mai.1957 | proj: Mar.1958 | const:1967

1957 - 61 igreja de Nossa Senhora da Medalha Milagrosa, Chaves
(padres Lazaristas - Congregação da Missão)
1a pedra: Out.1957 (casa) | Igreja . 16.Mai.1960 | inaug: 31.Mai.1961
Manuel da silva nogueira (esculturas sta cruz do bispo)

1957 Folgosa da Maia *(ampliação)*

1963 capela da Afurada II *(não construída)*
proj: Set.1963 | obs: a edificar no lugar da antiga capela de S. Pedro

1964 - 73 igreja Paradela do Vouga
encomenda: Jan.1964 | demolição: Abr.1968 | construção: Mai.1968 | inaug: 3.Jun.1973

Fernando Lopes Schiappa e Silva de Campos (1926-)

1956 concurso: Igreja do agrupamento de Casas económicas de Benfica, Lisboa
obs: 1º classificado *(não construída)*

1960 - 77 capela Nossa Senhora de Monserrate, Meia Via, Torres Novas
const: 5.Set.1960 | inaug: 15.Ago.1977

Júlio Gil (1924-2004)

1960 igreja Nossa Senhora de Fátima, Baixa da Banheira, Moita
inaug: 12.Jun.1960

Manuel Carlos Duarte Silva Nunes de Almeida (1924-2014)

1956 - 58 capela do bairro residencial da Hidro-Eléctrica do Douro, Picote
proj: Dez.1957 CODA | inaug: 1958 (1ª missa), 12.Jun.1960

Jorge Viana (1924-2010)

1965 - 69 igreja da Sagrada Família, Tabaqueira, Albarraque, Rio de Mouro, Sintra
inaug: 20.Abr.1969

Eduardo Valente Esteves Hilário (1924-)

1964 igreja da Sagrada Família (bairro SACOR), Bobadela
inaug: 22.Jul.1965 | colab: Alberto Camacho

igreja de S. Miguel, Sintra
colab: Olga Cadaval

Alfredo Moreira da Silva (1925-2013)

1963 - 68 igreja S. Vicente Alfena, Ermesinde
proj: 1963 (estudos)| 4.Mai.1964 (proj MD)
1ª pedra: 23.Ago.1964 inaug: 28.Ago.1966 (1ª missa) | 27.Ago.1967 (bênção) | 25.Ago.1968 (sagração)

1966 seminário do padre Dehon, Gondomar

1969 - 88 igreja São Bartolomeu de Fontiscos, Santo Tirso
proj: Dez.1969-Dez.1971 (MD) | 1ª pedra: 1973 (1ª fase), 7.Mar.1981 (2ª fase) | inaug: 6.Mar.1988

1969 - 73 centro social e paroquial, Alfena
1ª pedra: 24.Ago.1969 | inaug: 13.Mai.1973

1970 - 88 igreja nova de São Martinho de Aldoar, Porto
encomenda: Out.1970 | 1ª pedra 3 de Dez.1972 | inter: Jul.1973-Jul.1985 | inaug: 28.Mar.1988

1978 - 83 centro de culto Senhora do Amparo, Alfena
1ª pedra: 16.Jul.1978 | inaug: 29.Mai.1983

1984 - 93 centro de culto Senhora da Paz, Alfena
1ª pedra: 21.Out.1984 | inaug: 1.Mai.1993

2009 seminário, Viana do Castelo

José Carlos Loureiro (1925-)

1973 ampliação da Igreja de Valbom, Gondomar

1977 concurso: Santuário de Fátima
obs: 1ºclassificado

Albano Seabra Moura (1926-)

1976 - 80 igreja Nossa Senhora de Fátima, Cruz de Pau, Matosinhos
estudo prévio: Mai.1976 | proj: Set.1976
1ª pedra: 03.Jun.1976 | inaug: 14.Dez.1980

1982-83 centro Paroquial da Sagrada Família, Guifões, Matosinhos
proj: 1982 | inaug: 1983

Albertino Galvão Roxo (1926-)

1959 - 60 São José Operário, Castelo Branco
1a pedra: 1.Mar.1959 | inaug: 15.Mai.1960

1958 - 63 Matriz de Erada, Covilhã
enc: 1958 | inaug: 27.Jan.1963

Manuel Norberto Corrêa (1926-)

1958 - 68 seminário, igreja e externato - Província Portuguesa da Ordem Franciscana, Lisboa

1963 - 70 igreja Santos Reis Magos (Campo Grande), Lisboa *(não construída)*
proj: Ago.1967

1972 - 74 Serrasqueira, Castelo Branco *(não construída)*

Nuno San Payo (1926-2014)

1967 - 68 centro paroquial N.ª Srª das Dores (comunidade católica alemã), Lisboa
cedência terreno: 19.Abr.1967

1968 - 81 igreja do Santíssimo Redentor da Damaia, Amadora
concurso: 1968 |proj: 7.Ago.1969 (lic.)
1ª pedra: 25.Jul.1971 | 1ª missa: Out.1974 | inaug: 28.Jul.1981

António Freitas Leal (1927-)

1953 - 56 Igreja de Santo António, Moscavide
proj: 1953 aprovação camarária: 15.Mar.1956 | inaug: 9.Dez.1956

1956 concurso: igreja do agrupamento de Casas económicas de Benfica, Lisboa
obs: não premiado *(não construído)*

1956 - 61 capela de N.ª S.ra de Fátima, Figueira, Vila do Bispo

1958 - 63 capela de N.ª S.ra da Piedade, Vidais, Caldas da Rainha

1960 igreja de Santa Isabel, Lisboa (remodelação)

1962 concurso: igreja do S. Coração de Jesus, Lisboa *(não construída)*
obs: 5ºclassificado, equipa com António Freitas Leal, Diogo L. Pimentel e Maria do Carmo Matos.

1963 - 66 Igreja dos Congregados, Braga *(remodelação)*

1964 Igreja de São João Baptista, Lisboa *(remodelação, com A. Flores Ribeiro)*

1964 - 84 Igreja N. Sra. da Vitória e Santa Rita, Funchal, Madeira

1966 Igreja do Loreto, Calheta, Madeira *(não construída)*

1966 Igreja de N. Sra. de Fátima, Funchal, Madeira *(não construída)*

1966 - 84 Igreja de S. Francisco, Calheta, Madeira

João Maria Braula Reis (1927-1989)

Igreja de Rio Torto, Gouveia *(não construída)*

1951 Igreja da Rinchoa, Sintra *(demolida)*
obs: publicado na revista arquitetura 1951

Alto da Serafina

1958 - 59 centro paroquial de Nossa Senhora do Amparo de Benfica (1ª fase)

João Vasco de Paiva Raposo de Almeida (1927-)

1953 - 56 igreja Santo António, Moscavide
enco: 1953 | aprov cam: 15.Mar.1956 | inaug: 9.Dez.1956 | arqs: João de Almeida, António Freitas Leal

1953 capela Beira, Moçambique *(não construída)*

1959 - 60 igreja Várzea do Douro *(trabalho académico ESBAP – não construído)*

1964 - 69 Senhor Jesus dos Navegantes, Paço d'arcos
ante-projecto: 1964 | projecto: 1967 | inaug: 24.Ago.1969
arqs: João de Almeida, José Almada Negreiros e Pedro Ferreira Pinto

1981 - 86 Sagrada Família, Calhariz de Benfica
Programa Base: Out.1981 | estudo prévio: Abr.86 | arqs: João de Almeida, Pedro Ferreira Pinto |
obs: no programa base colaborou: Nuno Leonidas, Sebastião Formosinho Sanchez

Vasco Gonçalves de Maceira Mendes (1927-1964)

1963 - 65 Capela Bairro da Pasteleira, Porto
Proj: 1963 | Inaug: 29.Jun.1966

1966 Capela Bairro do Cerco, Porto
1ª pedra: 26.Jul.1965| Inaug: 1.Nov.1966

José Maya dos Santos (1928-2010)

1958 - 64 Barco, Fundão
proj: 1958 | const: Jun.1962-64

1964 concurso: Sé de Bragança *(4º classificado)*

1966 - 72 N.ª S.ra da Conceição, Queluz

1967 - 82 S. Lázaro, Braga
proj: 1967 | inaug: 17.Abr.1982

José Pires Branco (1928-)

1963 - 72 Estreito
enc: 1963 | inaug: 1972

Manuel Gil Seguro Graça (1928-)

1969 St. Paul's Church, Estoril
inaug: 25.Jan.1969 | demol: 1967

Alberto Camacho (1929-)

1965 Sagrada Família (bairro SACOR), Bobadela
inaug: 22.Jul.1965 | obs: Eduardo Valente Esteves Hilário (co-autor)

1969 - 73 S. Domingos de Benfica, Lisboa
ante-proj: Jul.1969 | proj: Maio.1971 | 1ª pedra: 3.Jun.1972 | inaug: 4.Nov.1973

Erich Corsépius (1929-2009)

1962 concurso: Sagrado Coração de Jesus, Lisboa *(4º classificado)*

1960 - 72 igreja S. Jorge de Arroios, Lisboa
encom: 1960 | proj: 1962-1964 e 1966
demol: 1969 | inaug: 8.Dez.72
centro paroquial de Nossa Senhora do Amparo de Benfica (2ª fase)

1964 concurso: Sé de Bragança *(4º classificado)*

João Pedro Mota Lima (1929-2012)

1960 - 68 Santa Eufémia, Leiria
encomenda: Nov.1960 | ante-proj: 1961 |1ª pedra: 30.Jan.1966 | inaug: 8.Dez.1968 |

1964 - 68 Na. Sra. da Natividade, Rio de Couros, Ourém
const: 1964-68

1973 - 86 São Miguel das Areias, Coimbrão, Leiria
1ª pedra: 14.Jan.1973 | inaug: 15.Agos.1986

Mário Emílio Ferreira Mendes dos Santos Azevedo (1929-)

1969 - 73 Igreja de Lever, Vila Nova de Gaia
proj: Fev.1969 | inaug: 21.Jun.1973

1981 - 84 Igreja de Milhundos, Penafiel
1ª pedra: 13.Dez.1981 | inaug: 7.Out.1984

Luiz Cunha (1933-)

1959 - 65 igreja São Mamede de Negrelos, Santo Tirso
proj: 1959 - 1961 | inaug: 29.Ago.1965
colab: Pedro Ferreira Pinto

1962 - 65 capela da Na. Sra. Do Rosário, Convento Dominicano, Fátima

1962 - 70 Centro Caridade N.ª S.ra Perpétuo Socorro, Porto
proj: 1962 | inaug: 1966 (1ª Fase - garagem, salão de festas), 1970 (2ª Fase - edifício principal)

1964 - 68 igreja N.ª S.ra de Fátima, Póvoa do Valado, Aveiro
proj: 1964 (MD) | colab: Francisco Xavier Olazabal

1966 - 72 igreja Sagrado Coração de Jesus, Carvalhido, Porto
proj: 1966 | 1ª pedra: 30.Jun.67 | const: até 1972 | inaug: 1.Jan.69 (cripta), 25.Jun.1976 (igreja)

1968 - 72 igreja S. Miguel, Nevogilde, Porto
proj: 1968-70 | const: 1972

1969 - 71 igreja Pindelo, Oliveira de Azeméis *(não construída)*

1971 - 76 igreja Santa Joana Princesa, Aveiro
proj: Fev.71 | 1ª pedra: 30.Jul.72 | const: Nov.73 a Set.76

1980 igreja Lajedo, Ponta Delgada, S. Miguel *(não construída)*

1981 - 92 igreja Cristo Rei, Portela de Sacavém
proj: 1981-1983 | 1ª pedra: 21.Jun.87 | const: 1988-92 | inaug: 15.Nov.92

Pedro Vieira de Almeida (1933-2011)

1964 concurso: Sé de Bragança *(3º classificado)*

1970-89 concurso: igreja de Olivais Sul, Lisboa (1º classificado)
proj: Fev.1970 (concurso) | 1ª pedra: 6.Jan.1980 | inaug: 18.Abr.1988

1986-89 Santa Teresinha do Menino Jesus, Brandoa, Amadora
1ª pedra: 12.Out.1986 | inaug: 1.Out.1989 | alterada: 2014

Álvaro Siza (1933-)

1956 - 59 centro paroquial, Matosinhos
proj: 1956 | 1ª pedra: 22.Jan.1956 a par da bênção da Capela Sto. AMaro | inaug: 1959

197- igreja de Rio Tinto *(não construída)*

António Flores Ribeiro (1934-)

1968 - 75 igreja Runa, Torres Vedras

1969 - 77 igreja Cristo Rei, Algés
esboceto: Set.1969 | proj: 3.Fev.1971 (MD) | inaug: 20.Nov.1977

1971 igreja de Famalicão da Nazaré, Alfeizeirão

1979 - 81 igreja de Pedra, Torres Vedras

1980 - 83 igreja de Ramalhal, Torres Vedras

c.1980 Santa Catarina, Caldas da Rainha

Diogo Lino Pimentel (1934-)

1962 concurso: Sagrado Coração de Jesus, Lisboa *(5º classificado)*

1963 - 65 Lentisqueira, Mira
inaug: 22.Ago.1965

1964 concurso: Sé de Bragança *(2º classificado)*
colab: Sebastião Formosinho Sanchez

1964 - 65 capela do seminário do Olival, Ourém

1966 - 82 igreja Santo António dos Cavaleiros, Loures
proj: 1966 (1ª versão), 1966-1971 (2ª versão)
1ª pedra: 24.Fev.1980 | inaug: 10.Out.1982
colab: Teresa Capucho

1970 capela salão da Torre, Reguengo do Fetal
proj: 30.Jan.1970 - Memória Descritiva

1972 - 75 capela salão Santa Susana, S. João das Lampas, Sintra
proj: 21.Abr.1972 | inaug: 19.Mai.1975

1977 concurso: Santuário de Fátima *(não construído)*

1980 - 02 igreja Santa Joana Princesa, Alvalade, Lisboa
inaug: 30.Mai.2002 | colab: Rita Falcão e Hugo Venade

Fernando Abrunhosa de Brito (1934 -2016)

1962 - 63 capela do Seminário Maior, Porto
proj: 1962 | inaug: 11.Fev.1963

1965 seminário do Bom Pastor, Ermesinde

1966 - 69 seminário da Boa Nova, Valadares

1965 igreja de Sever do Vouga

1966 igreja Calvão, Vagos

1966 igreja Couto de Esteves, Sever do Vouga

1967 sé de Aveiro

1968 - 74 igreja Gafanha do Carmo
const: 1968 - 1974 | inaug: 17.Nov.1974

Francisco Figueira (1934 - 2009)

1970 Chainças, Abrantes
const: 1970

Luís Joaquim Carrega Marçal Grilo (1934 -)

1978 igreja de S. Tiago, Castelo Branco

198- igreja das termas, Monfortinho

José Bruschy (1935-) e José Zuquete

1962 concurso: Sagrado Coração de Jesus, Lisboa *(não premiado)*

1965 igreja Sagrada Família, Bobadela
inaug: 22.Jul.1965

1966 - 68 igreja Matriz de Rio Maior, Rio Maior
inaug: 26.Mai.1968

Luís Vassalo Rosa (1935-)

1964 concurso: sé de Bragança *(Concurso: 1º classificado)*

Germano Lopes Venade (1936-)

1969 - 75 capela salão Marinhais, Salvaterra de Magos
proj: Mar.1969 (ante-proj), (proj) | inaug: 27.Abr.1975
colab: Pedro Vieira de Almeida (Mar.1969)

1969 capela salão Moita do Poço, Alcobaça *(não construída)*

1970 concurso: igreja Olivais Sul *(não construída)*

João Hermenegildo Ferreira de Almeida Pestana (1936-)

1952 - 1955 igreja para o bairro Gomes da Costa, Porto – trabalho académico

196- - 1977 igreja de Ermesinde
ante-projecto: anterior a 1964 segundo o autor | demolição: Abr.1968
inaug: 1969 (cripta) verão 1977 (Igreja) | bênção: 11.Ago.2002

outros arquitectos

António Couto Martins

1947 - 49 igreja Sagrada Família, Caselas, Lisboa
proj: 1947 | inaug: 27.Abr.1949

Geraldes Cardoso

1951 igreja Abrigada, Alenquer
inaug: 25.Nov.1951

João António Aguiar

c.1940 igreja de S. Pedro do Estoril

1952 - 57 igreja Carvalhal, Sertã
const: 1952 | inaug: 11.Ago.1957

José Lapa

1956 igreja de Nossa Senhora de Fátima, Póvoa de Santa Iria, Vila Franca de Xira

Nereus Fernandes

1956 - 73 santuário da Mãe Soberana, Loulé
concurso: 1956-57 | proj: 1973 | const: 1973
alterado pelo arq. António Fernandes Santos (198-)

1966 igreja de Marinhais, Salvaterra de Magos
ante-proj: 1950 *(não construída)*

Anexo 17

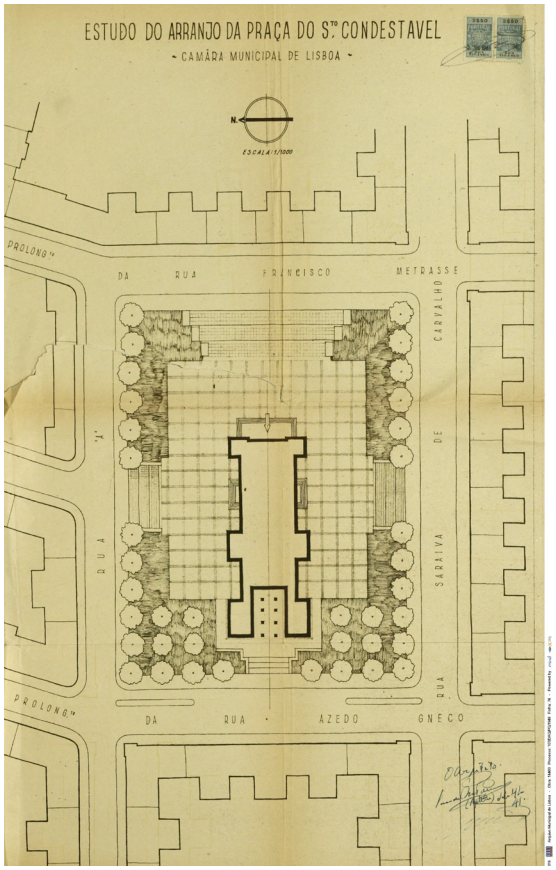
Peças desenhadas

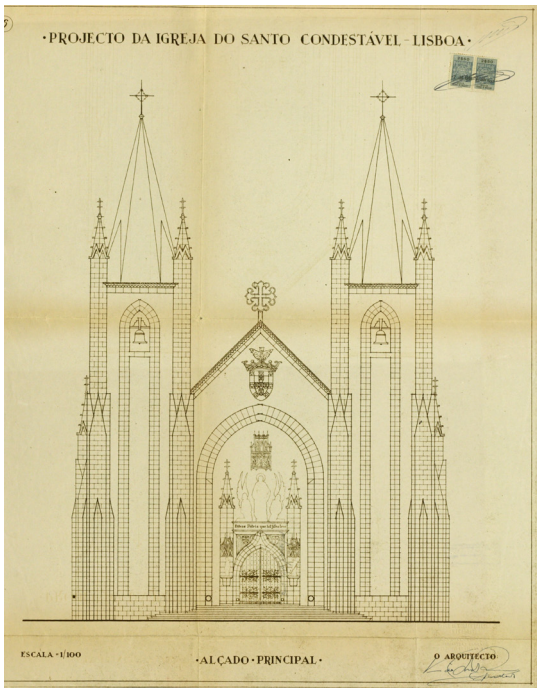
Igreja Santo Condestável (1946 - 1951)

(Lisboa: Campo de Ourique)

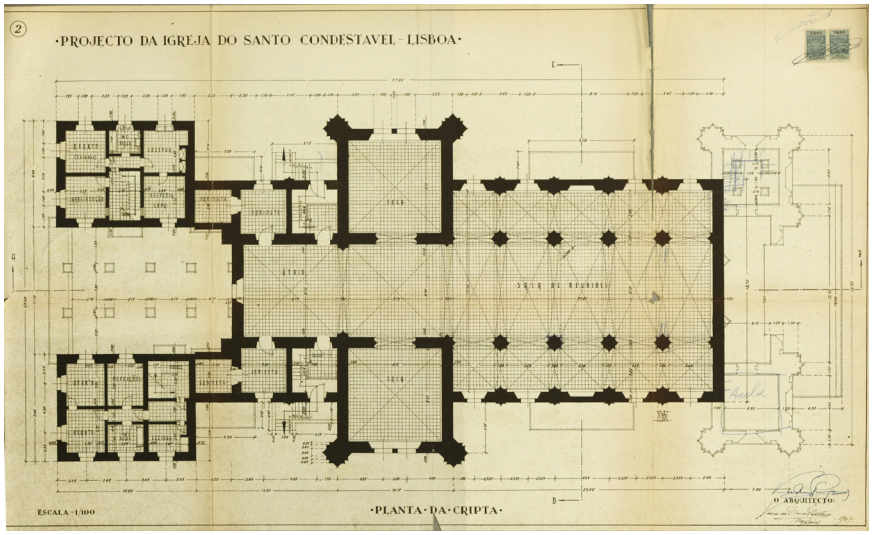
arq. Vasco Regaleira

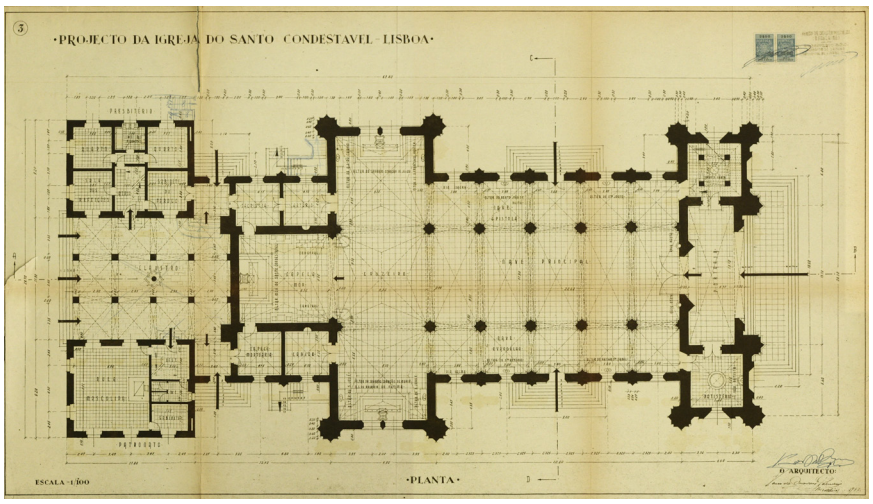
Arquivo AML

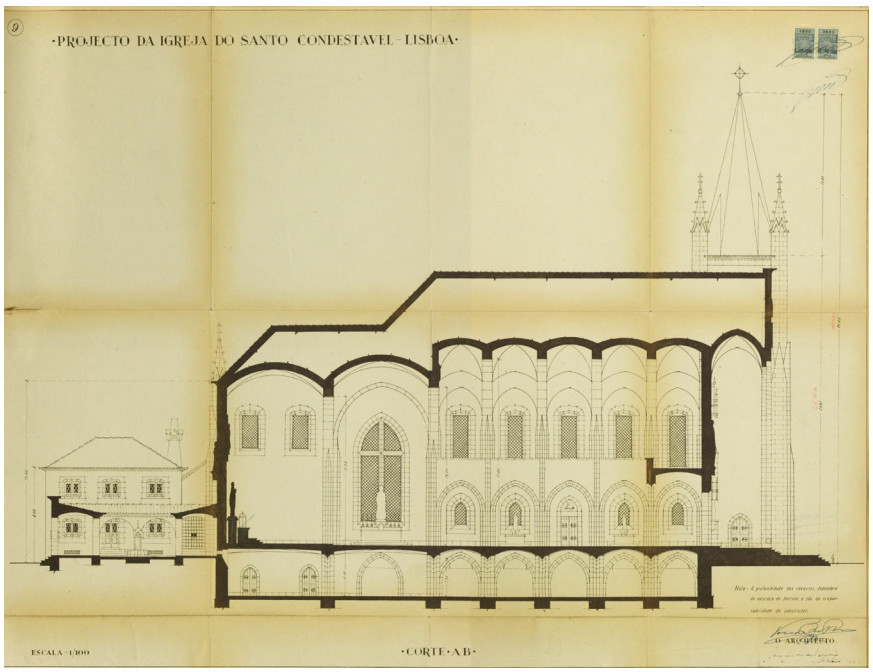







2
·PROJECTO DA IGREJA DO SANTO CONDESTAVEL - LISBOA·
ESCALA-1/100
·PLANTA·DA·CRIPTA·
O ARQUITECTO


3
·PROJECTO DA IGREJA DO SANTO CONDESTAVEL - LISBOA·
ESCALA-1/100
·PLANTA·
O ARQUITECTO


9
·PROJECTO DA IGREJA DO SANTO CONDESTAVEL - LISBOA·
ESCALA-1/100
·CORTE·A·B·
O ARQUITECTO

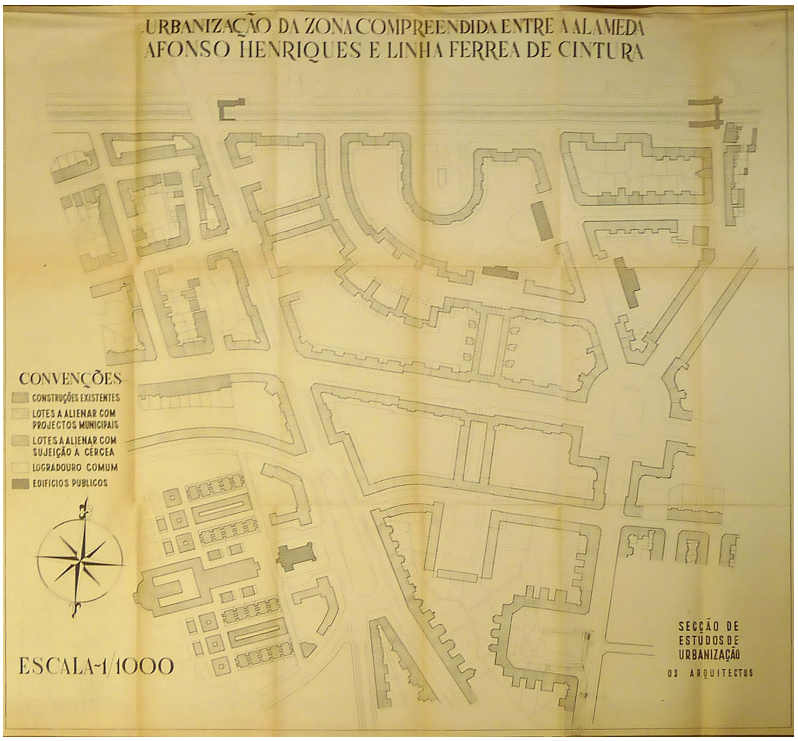
Peças desenhadas

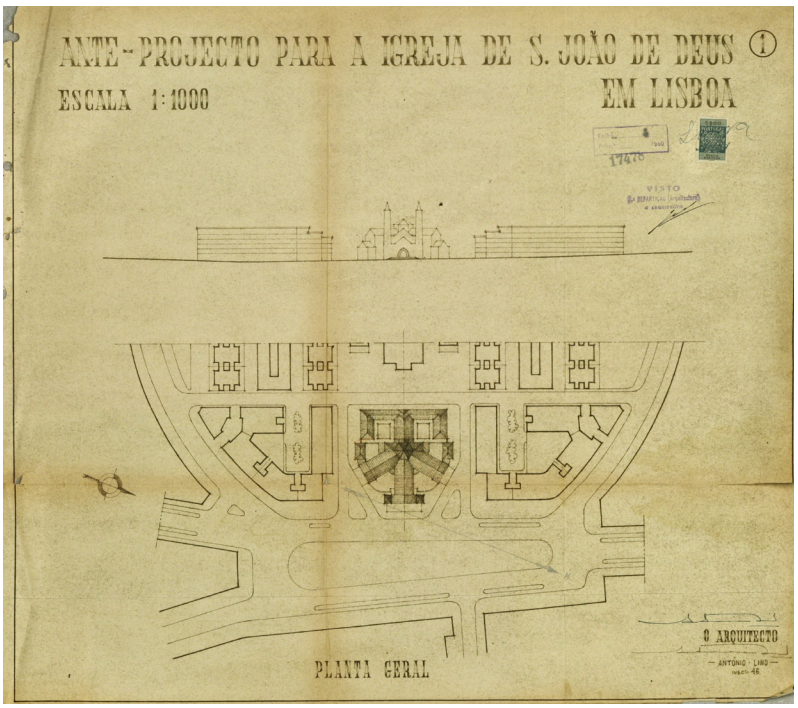
Igreja S. João de Deus (1950 - 1955)

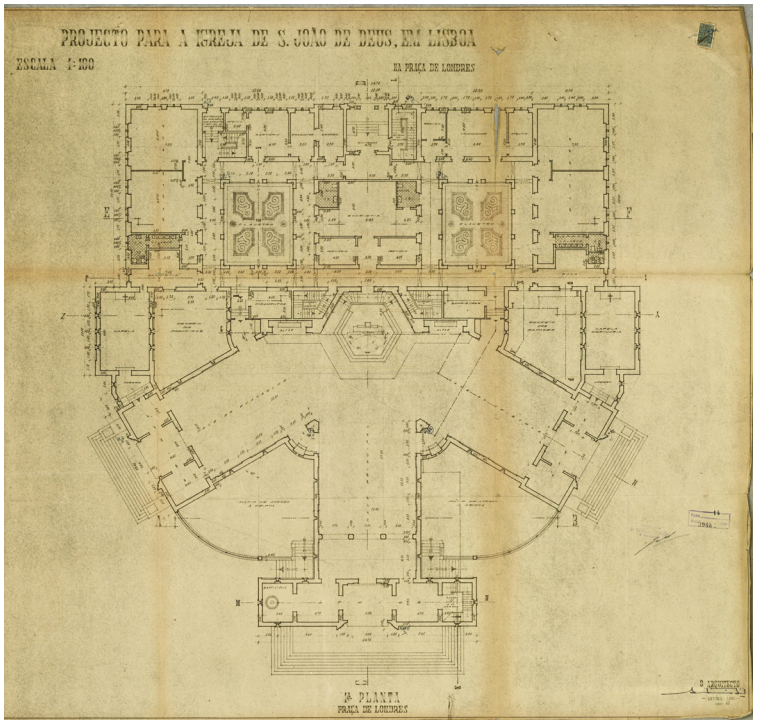
(Lisboa: Praça de Londres)

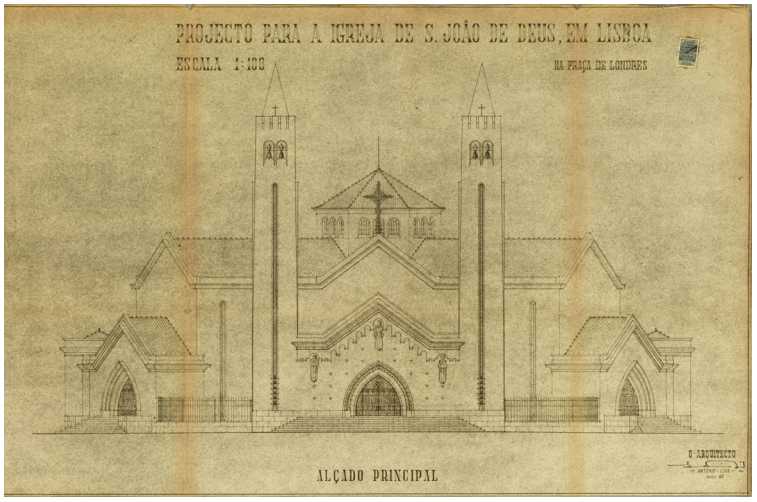
arq. António Lino

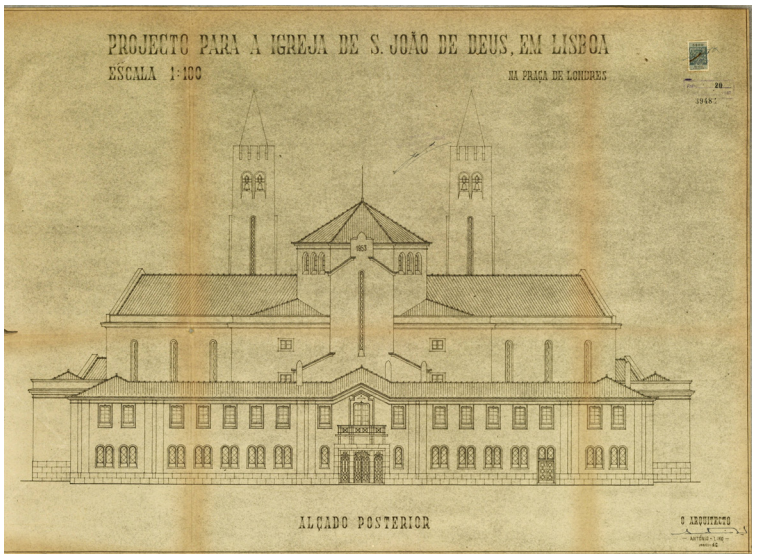
Arquivo AML e SNIP






PROJECTO PARA A IGREJA DE S. JOÃO DE DEUS, EM LISBOA
ESCALA 1:100
NA PRAÇA DE LONDRES
1ª PLANTA
PRAÇA DE LONDRES
O ARQUITECTO


PROJECTO PARA A IGREJA DE S. JOÃO DE DEUS, EM LISBOA
ESCALA 1:100
NA PRAÇA DE LONDRES
ALÇADO PRINCIPAL
O ARQUITECTO


PROJECTO PARA A IGREJA DE S. JOÃO DE DEUS, EM LISBOA
ESCALA 1:100
NA PRAÇA DE LONDRES
ALÇADO POSTERIOR
O ARQUITECTO

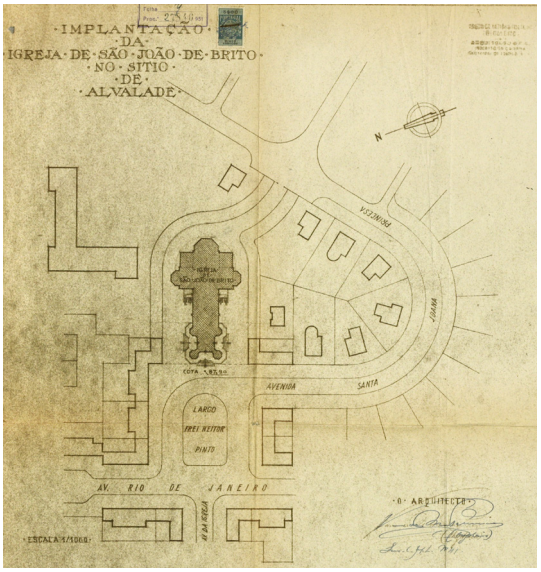
Peças desenhadas

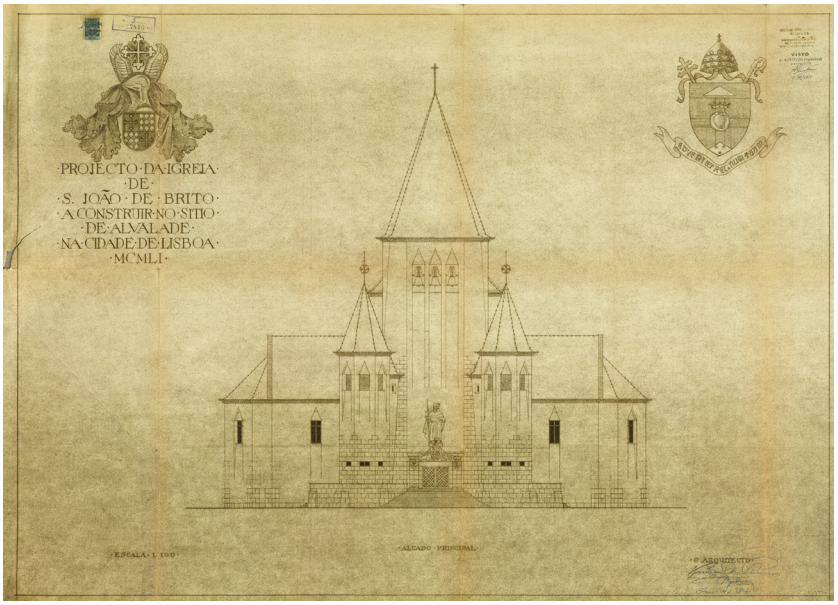
Igreja S. João de Brito (1951)

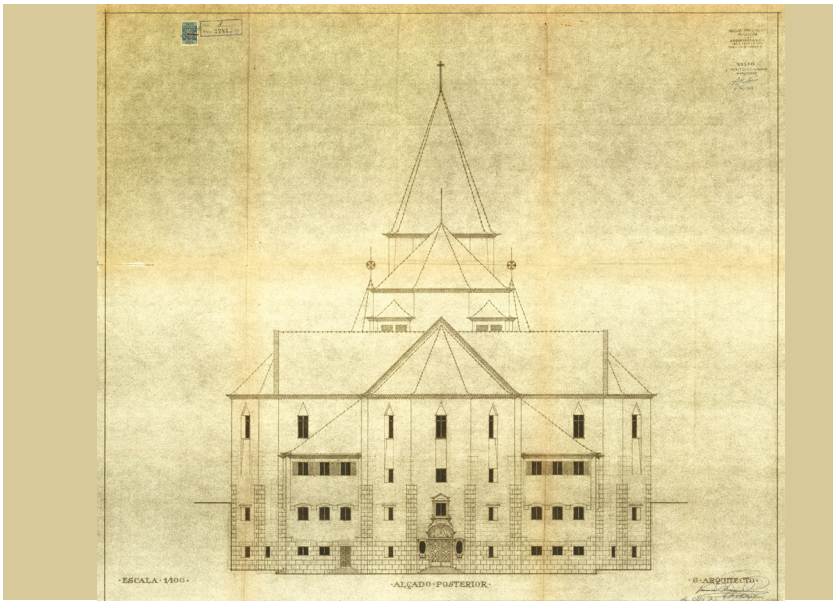
(Lisboa: Alvalade)

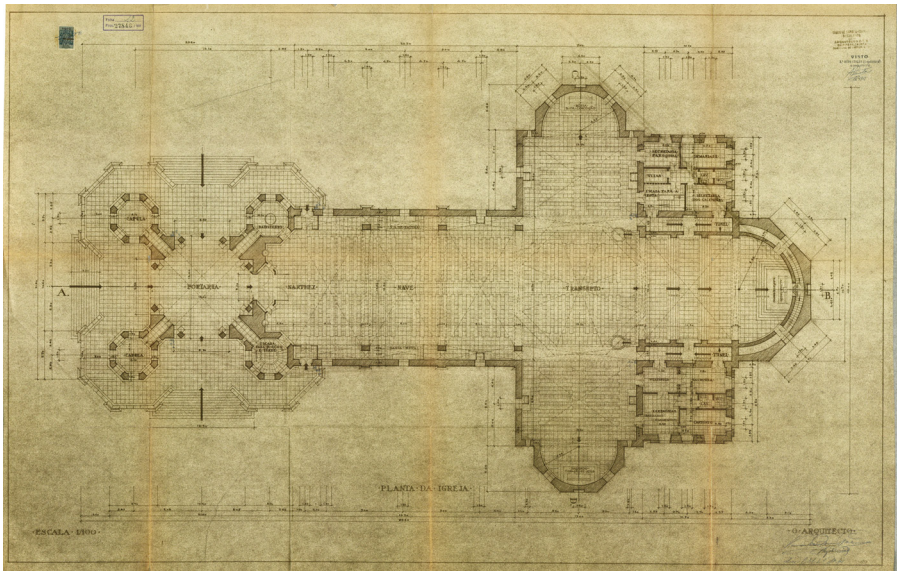
arq. Vasco Regaleira

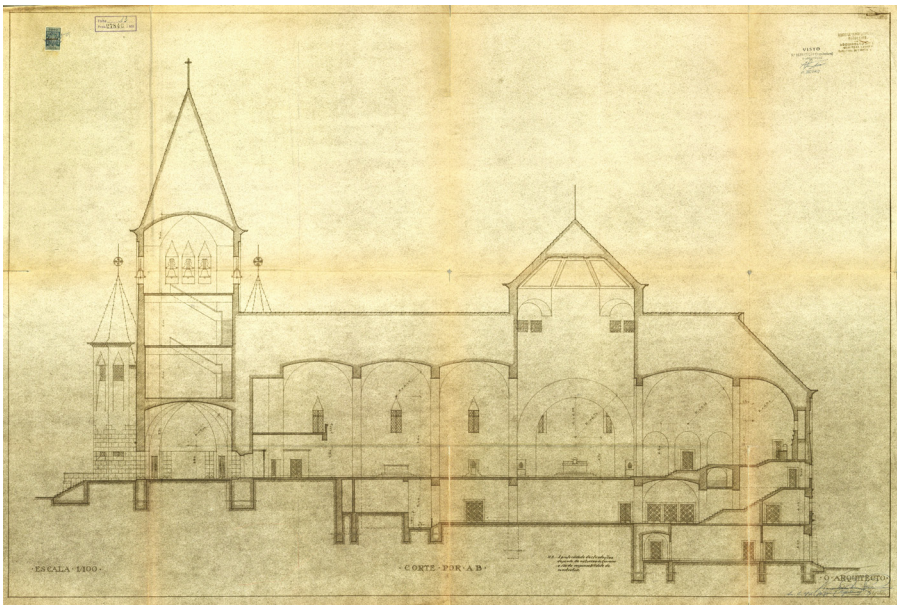
Arquivo AML

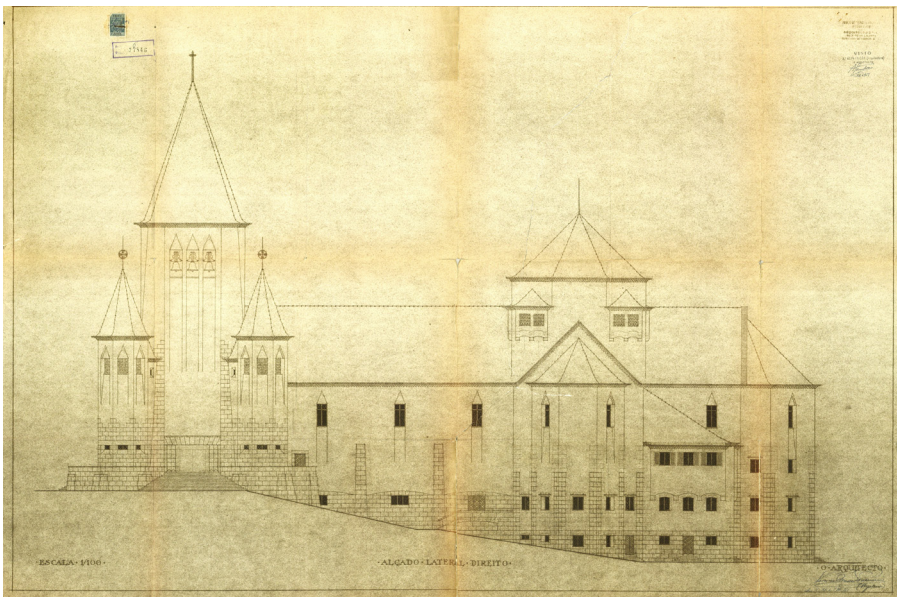







PLANTA DA IGREJA
ESCALA 1/100
O ARQUITECTO


ESCALA 1/100
CORTE POR A B
O ARQUITECTO


ESCALA 1/100
ALÇADO LATERAL DIREITO
O ARQUITECTO

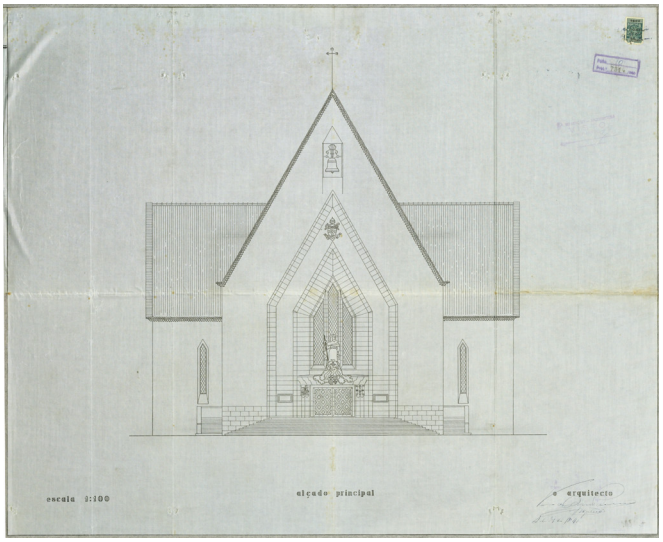
Peças desenhadas

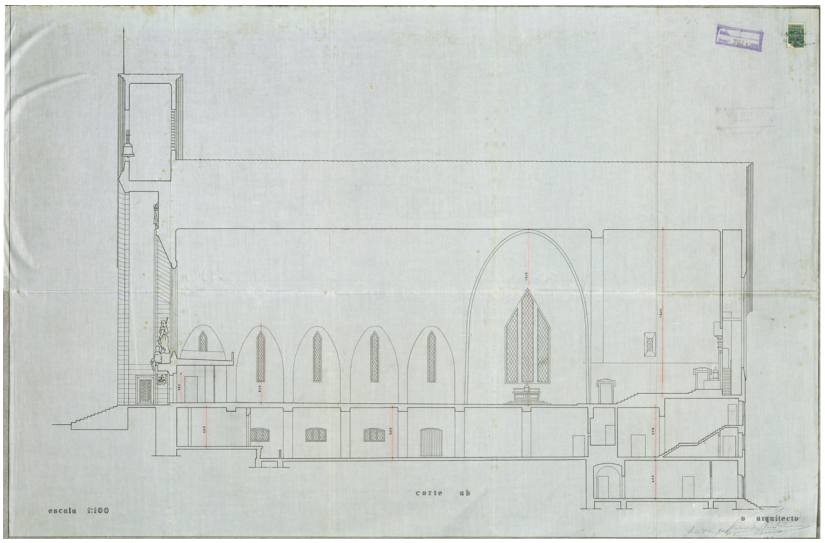
Igreja S. João de Brito (1960)

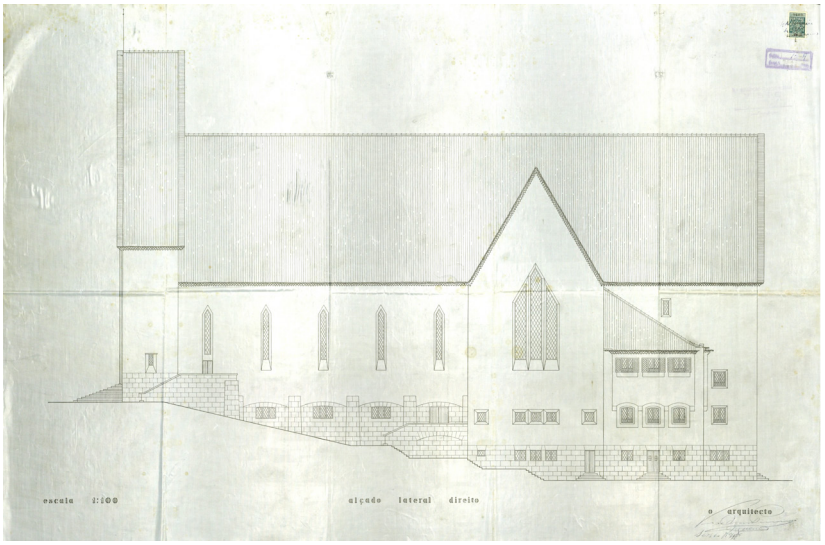
(Lisboa: Alvalade)

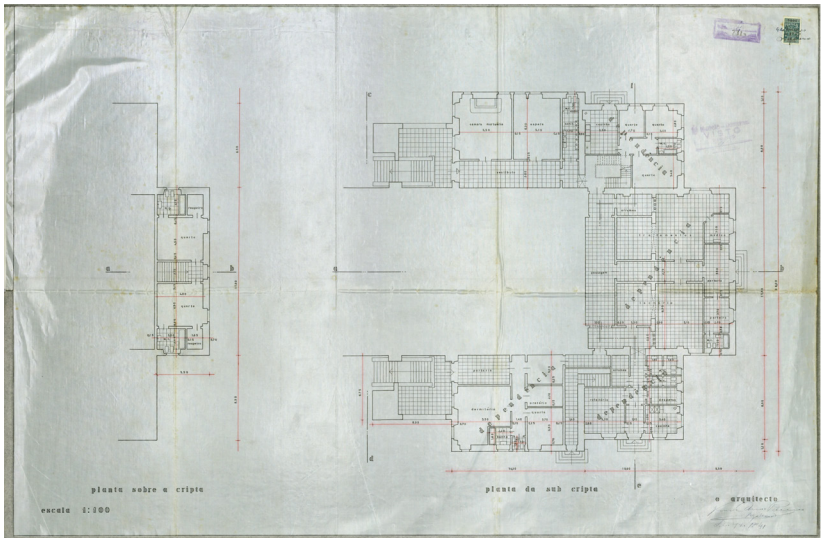
arq. Vasco Regaleira

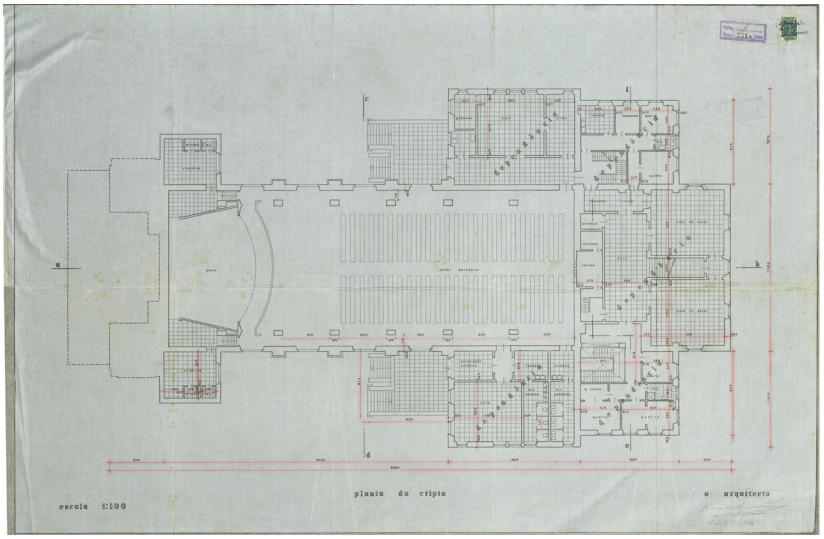
Arquivo AML - telas finais

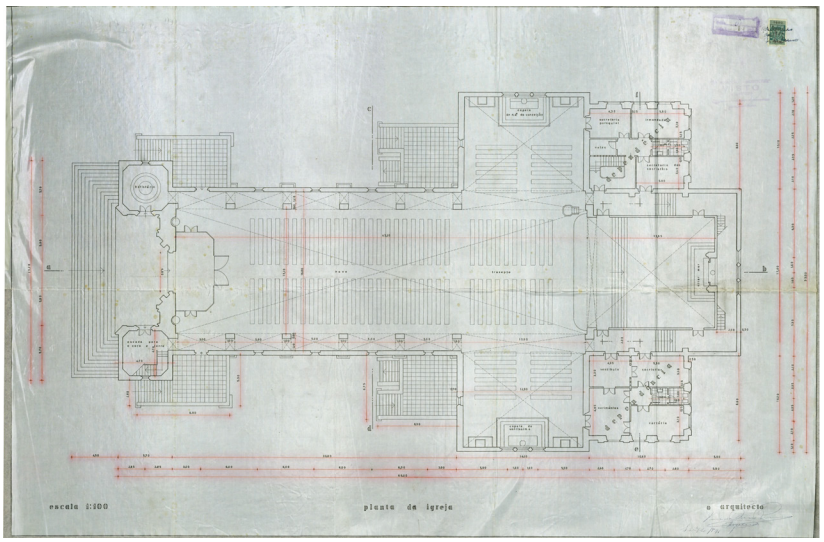




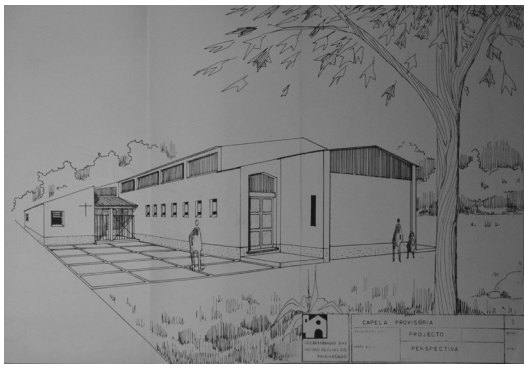


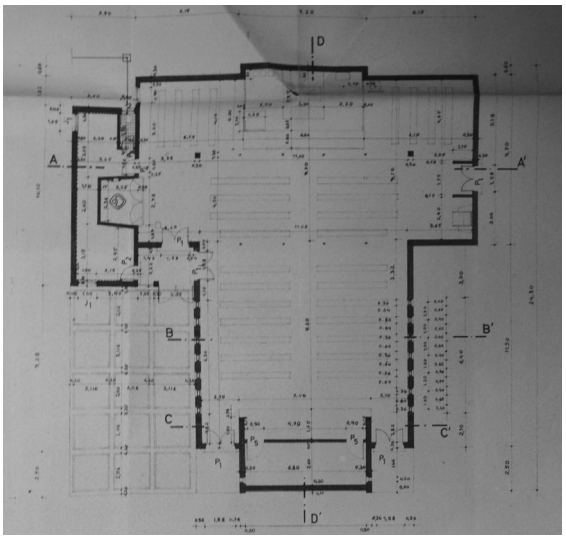

planta sobre a cripta
escala 1:100
planta da sub cripta
o arquitecto

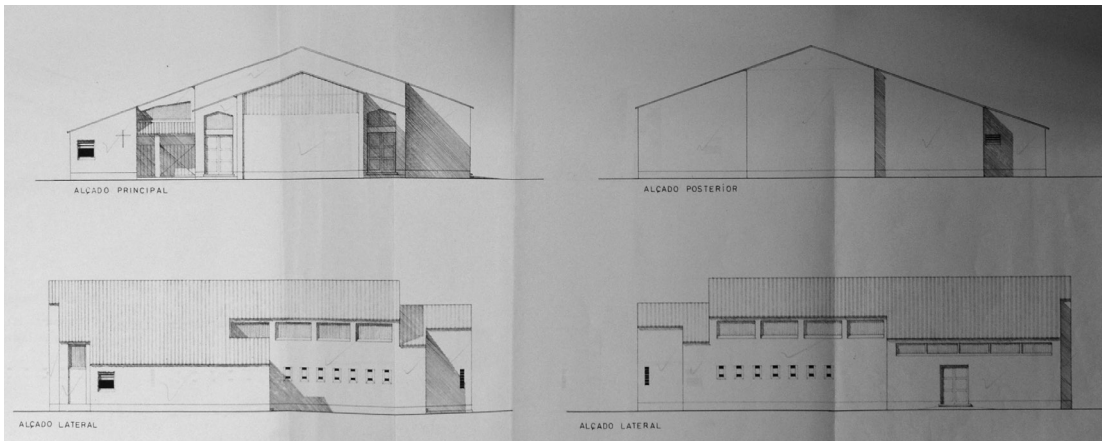

escala 1:100
planta da cripta
o arquitecto

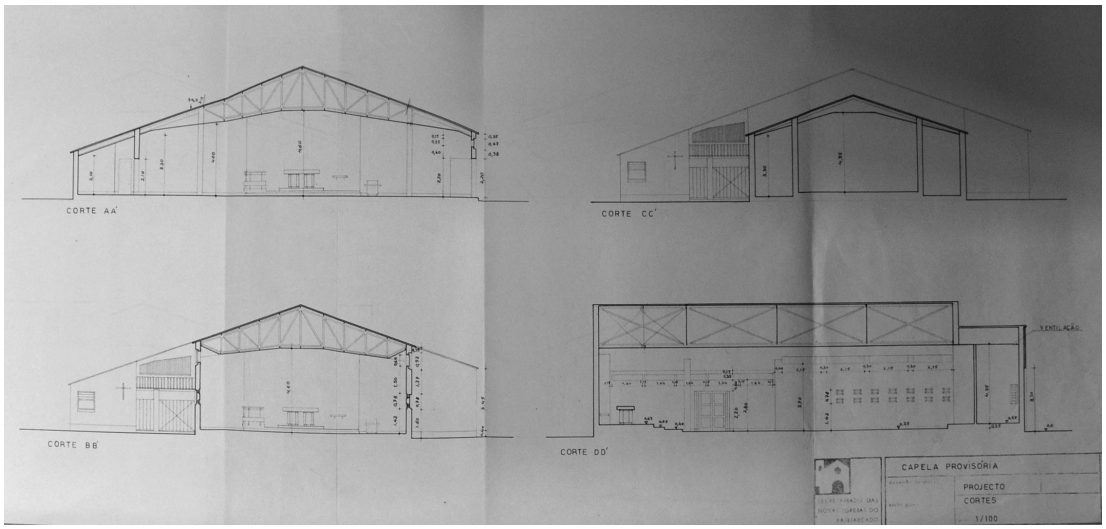

escala 1:100
planta da igreja
o arquitecto

Peças desenhadas
Capela provisória I (c.1960)
(localização desconhecida)
Arquivo SNIP

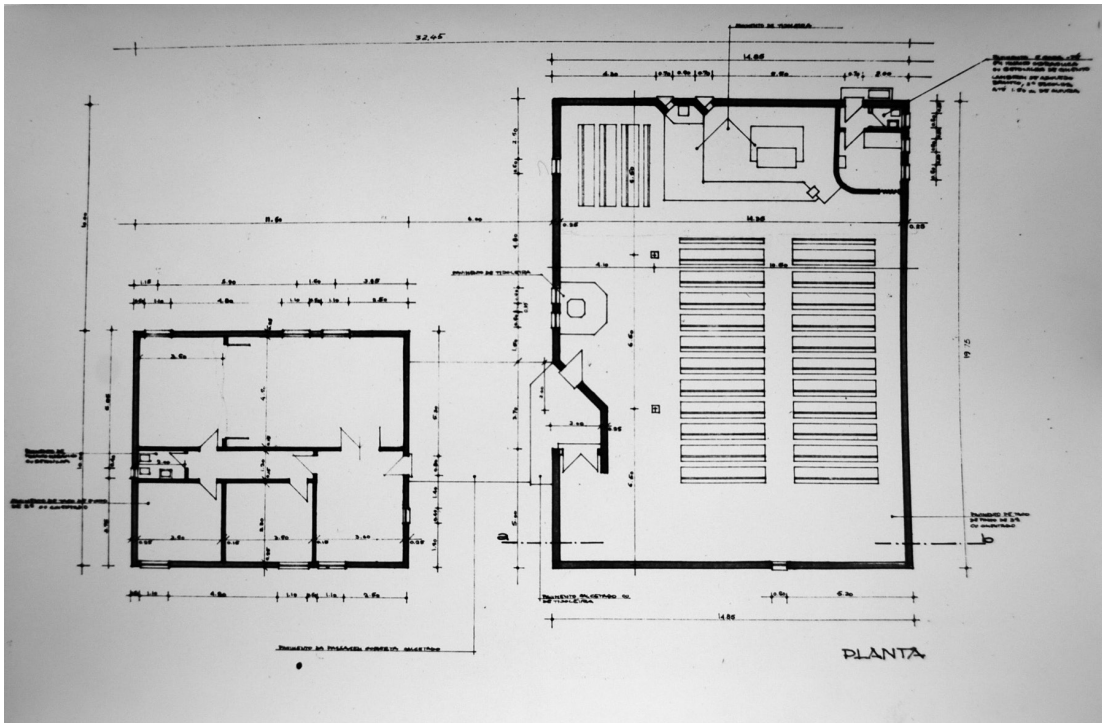


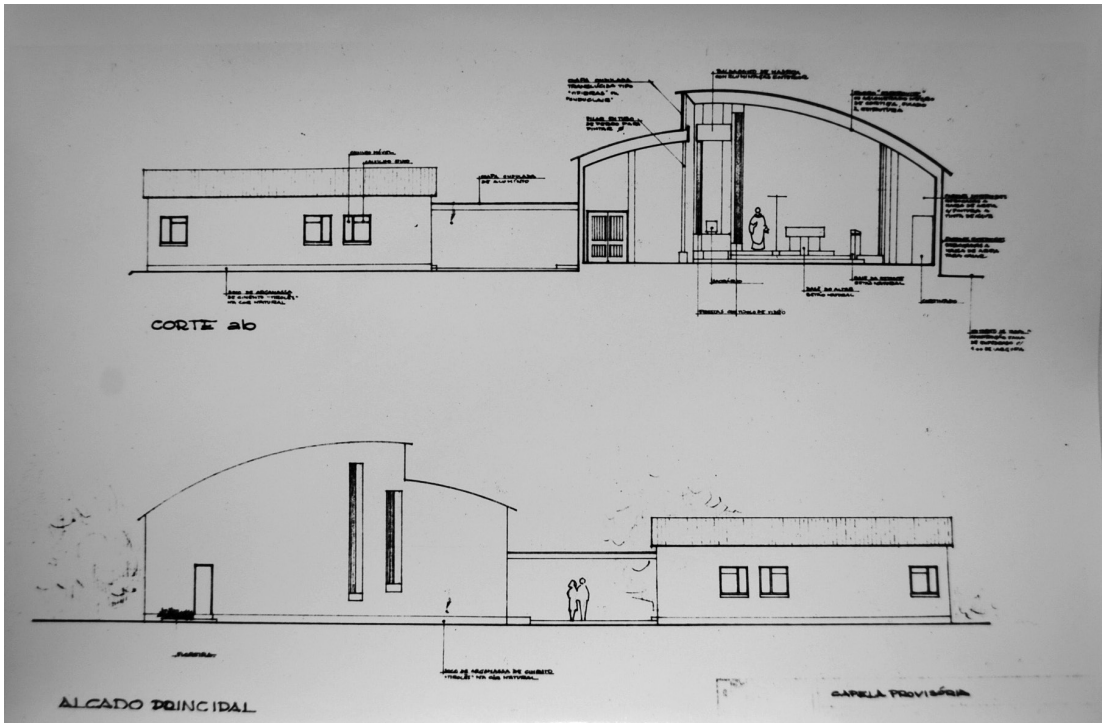




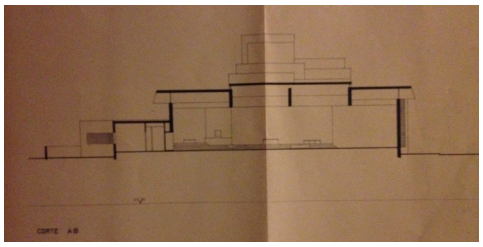


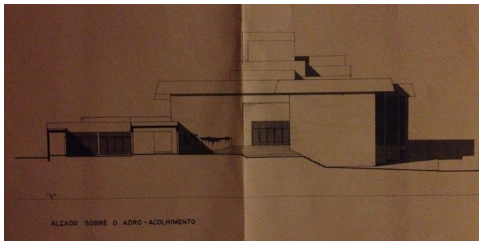
Peças desenhadas
Capela provisória II (1965)
(Lisboa: Olivais Sul)
arq. Diogo Lino Pimentel
Arquivo SNIP

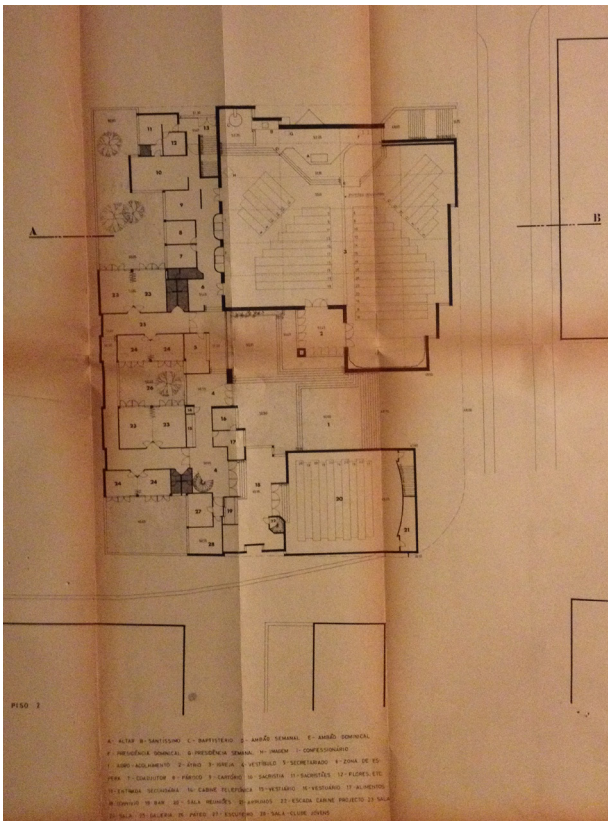


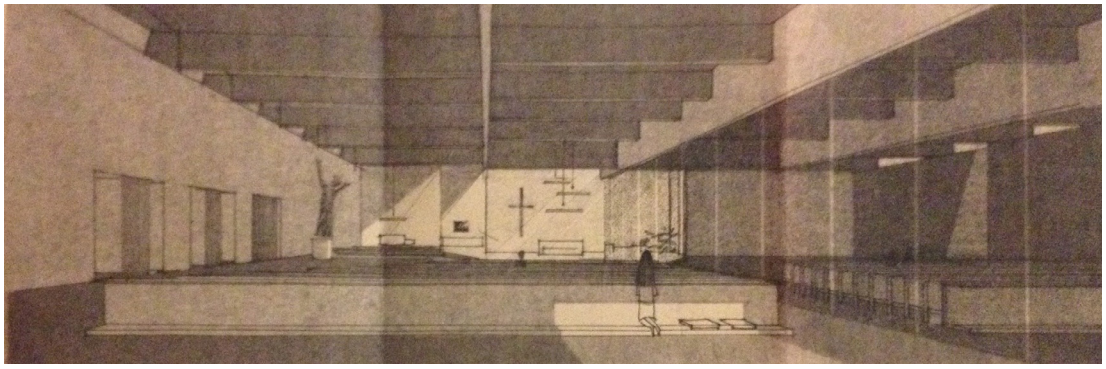


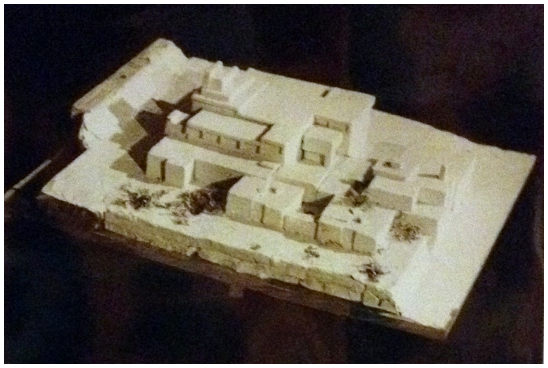
Peças desenhadas e maquete
Concurso igreja Damaia (1968)
(Amadora: Damaia)
arq. Filipe Mário Lopes
Espólio particular

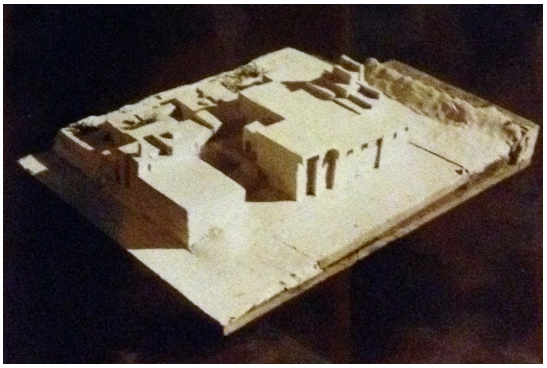












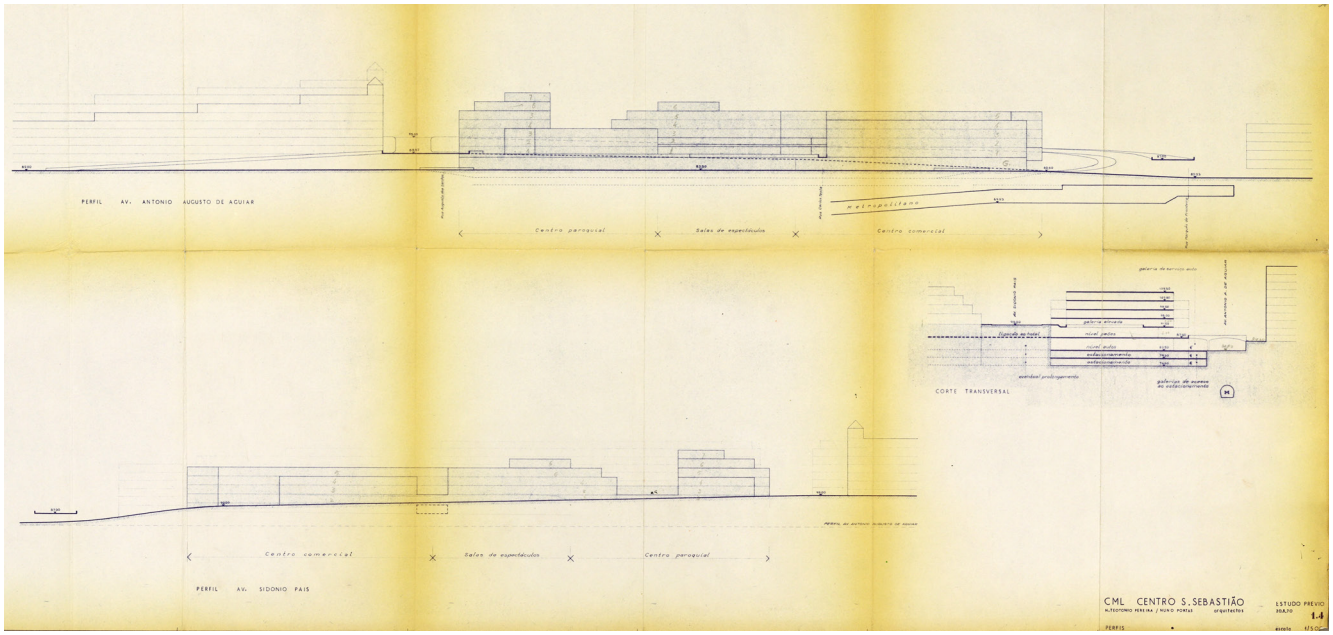
Peças desenhadas

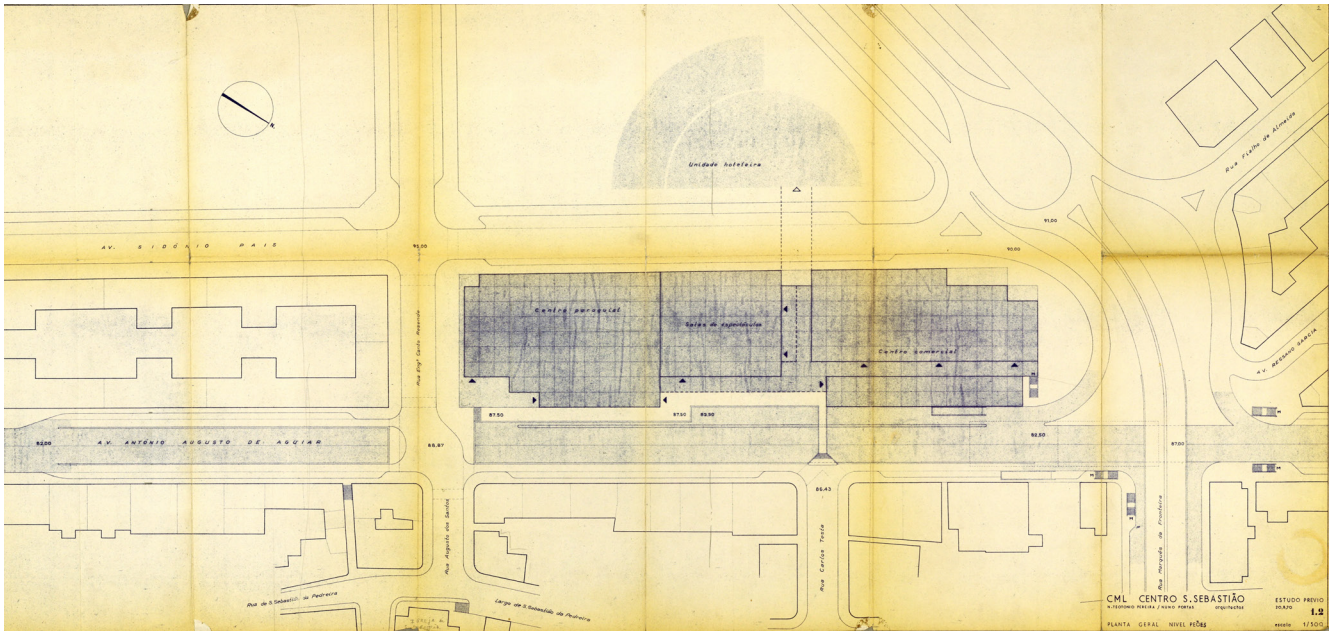
Centro S. Sebastião (1970)

(Lisboa: S. Sebastião da Pedreira)

arqs. Nuno Teotónio Pereira e Nuno Portas

Arquivo AML

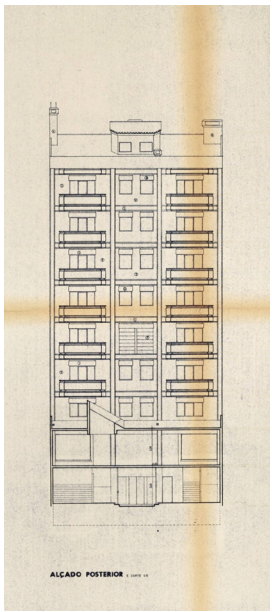


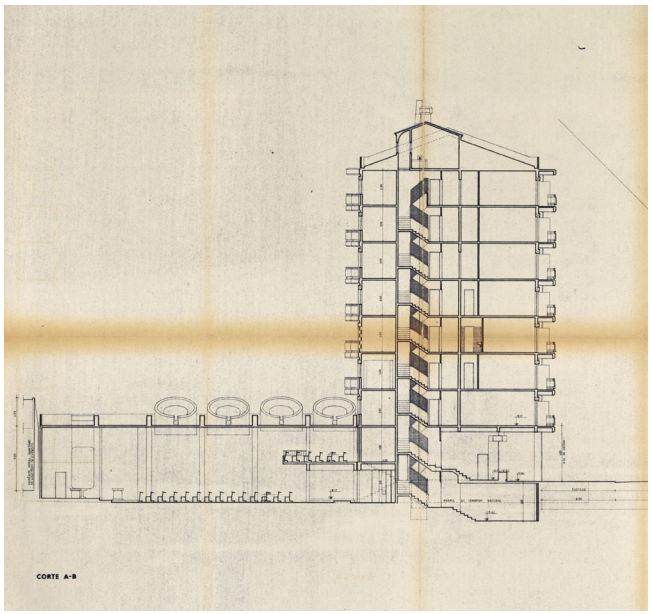


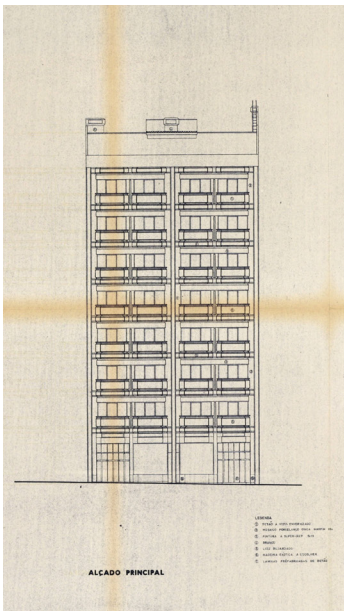
Peças desenhadas
Seminário Seráfico dos
Frades Menores Capuchinhos (1969-1972)
(Lisboa: Calhariz de Benfica)
arq. Joel Santana
arquivo AML

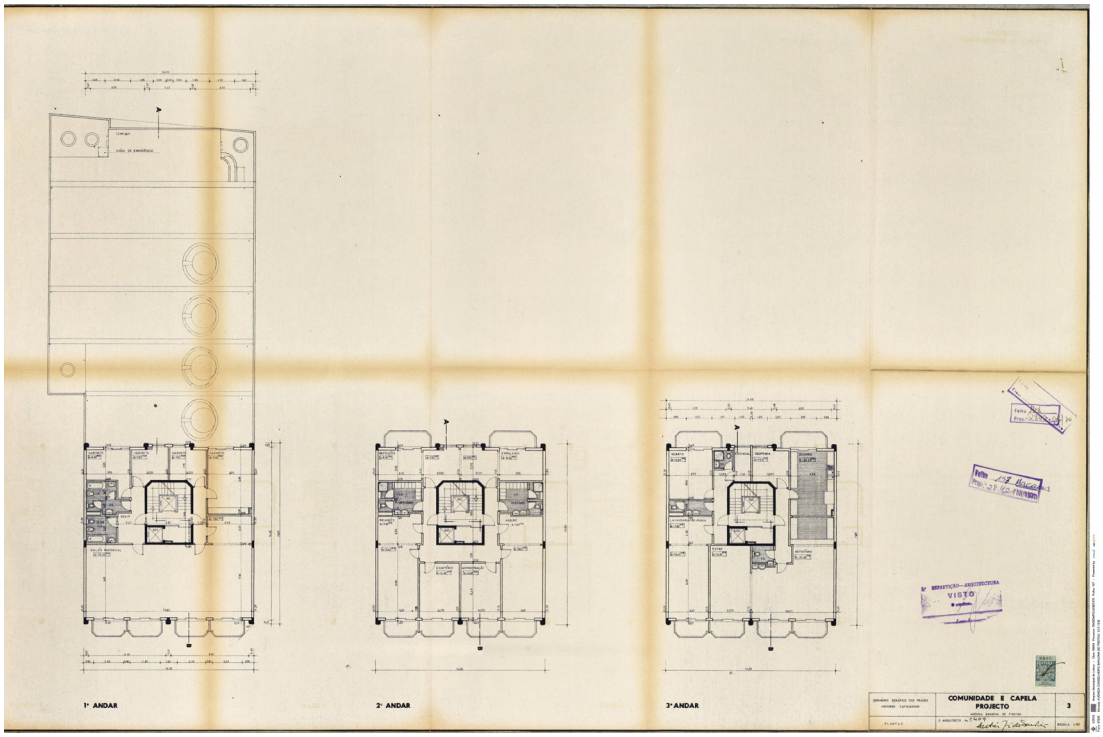
No final da década de 1960, perante a forte pressão imobiliária estando já previsto o desdobramento da paróquia de S. Domingos de Benfica, a comunidade de capuchinhos, proprietária desde 1955 de uma casa com quintal em Calhariz Benfica, alianou-a a uma firma construtora em troca do seu seminário, a construir em parte do terreno.
O plano de urbanização vigente previa a construção de três lotes de habitação plurifamiliar, de rés do chão e 7 pisos. Após negociações com a CML no sentido de compatibilizar o plano com a intenção da comunidade de construir a sua morada na área da cidade em que desenvolviam a assistência pastoral desde 1955 a pedido do cardeal Cerejeira, os capuchinhos viram aprovada a construção.
O projecto dos três lotes contíguos da avenida Conselheiro Barjona de Freitas foi entregue ao arquitecto Joel Santana, funcionário da CML contratado pela firma construtora. O número 12, propriedade dos Capuchinhos, em quase nada difere dos blocos adjacentes.

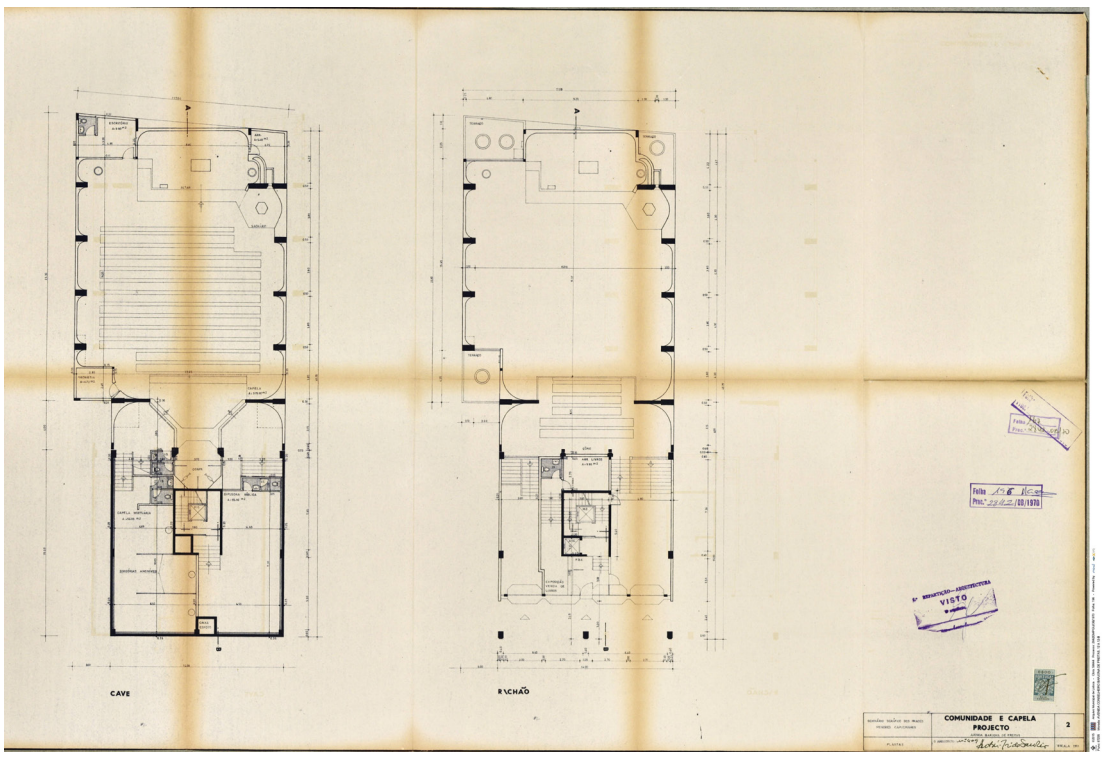
Exteriormente são iguais – fachada marcada pela repetição de varandas modulares em betão aparente – e apenas ao nível da galeria do rés-do-chão se identificam as diferenças – as portas de acesso ao parqueamento automóvel foram substituídas por umas de vidro, que dão acesso à igreja e à capela mortuária. O acesso aos serviços paroquiais e espaços da comunidade religiosa é feito por uma vulgar caixa de acessos verticais, a meio do edifício. Não fosse o 'lettering' publicitário, dificilmente se identificaria aquele espaço de culto de 500 lugares, construído maioritariamente na área tardoz do edifício.Para além dos espaços de acolhimento do piso térreo, o primeiro piso foi ocupado pelo diaconato e serviços paroquiais (cartório, salas de reunião e de catequese). Os restantes pisos do edifício foram adaptados de modo a albergar comodamente os clérigos e os seus serviços (capela privativa, biblioteca, cúria e escritórios).
A construção durou dois anos e a igreja foi inaugurada a 3 de Dezembro de 1972, já no pontificado do cardeal D. António Ribeiro.








1º ANDAR
2º ANDAR
3ºANDAR
COMUNIDADE E CAPELA
PROJECTO
3


CAVE
R/CHÃO
COMUNIDADE E CAPELA
PROJECTO
2

Anexo 18

	Freguesias Decreto de Lei 42 142 (7.fev.1959)	**Paróquias** Decreto Patriacal (25.mar.1959)
1	Santa Justa	1 Santas Justa e Rufina Convento de S. Domingos
2	São Nicolau	2 São Nicolau e São Julião
3	Mártires	3 Nossa Senhora dos Mártires
4	Sacramento	4 Santíssimo Sacramento
5	Encarnação	5 Nossa Senhora da Encarnação
6	São Paulo	6 São Paulo
7	Santa Catarina	7 Santa Catarina do Monte Sinai Convento SS. Sacramento dos Paulistas
8	Mercês	8 Nossa Senhora das Mercês Convento Nossa Senhora de Jesus da Ordem 3ª de S. Francisco
9	São Mamede	9 São Mamede
10	Coração de Jesus	10 SS. Coração de Jesus
11	São José	11 São José
12	Pena	12 Nossa Senhora da Pena
13	Anjos	13 Nossa Senhora dos Anjos
14	Socorro	14 Nossa Senhora do Socorro Colégio de Santo Antão
15	S. Cristóvão e S. Lourenço	15 São Cristóvão e São Lourenço
16	Madalena	16 Santa Maria Madalena
17	Sé	17 Santa Maria Maior da Sé Patriacal
18	Castelo	18 Santa Cruz do Castelo
19	Santiago	19 São Tiago e São Martinho
20	São Miguel	20 São Miguel
21	Santo Estevão	21 Santo Estevão
22	São Vicente de Fora	22 São Vicente, São Tomé e Salvador Convento de S. Vicente
23	Graça	23 Santo André e Santa Marinha à Graça Convento Agostinho da Graça
24	Santa Engrácia	24 Santa Engrácia Convento dos Barbadinhos
25	Santos-o-Velho	25 Santos Veríssimo, Máxima e Júlia
26	Lapa	26 Nossa Senhora da Lapa à Estrela Basílica do Sagrado Coração de Jesus à Estrela
27	Santa Isabel	27 Santa Isabel
28	Santo Condestável	28 Santo Condestável (1934) 1951 - Sto. Condestável (Vasco Regaleira)
29	Prazeres	29 Nossa Senhora dos Prazeres 1964 - N. Sra. da Auxiliadora (João Simões)
		30 São Francisco de Paula Convento dos frades mínimos de S. Francisco de Paula
30	Alcântara	31 São Pedro em Alcântara

Freguesias Decreto de Lei 42 142 (7.fev.1959)	**Paróquias** Decreto Patriacal (25.mar.1959)
31 Ajuda	32 Nossa Senhora da Ajuda Convento da Boa Hora
32 Santa Maria de Belém	33 Santa Maria de Belém Mosteiro dos Jerónimos
33 São Francisco Xavier	34 São Francisco Xavier 2011 - igreja S. Francisco Xavier (Troufa Real)
34 São Sebastião da Pedreira	35 São Sebastião da Pedreira proj.1971 (Nuno Teotónio) # proj. 1973 (Frederico George)
35 Nossa Senhora de Fátima	36 Nossa Senhora de Fátima (1938) 1938 - N. Sra. de Fátima (Pardal Monteiro)
	*37 Nossa Senhora das Dores ao Rego
36 Campolide	38 Santo António de Campolide (1938) prov. Colégio jesuítas Campolide
	39 São Vicente de Paulo 1961 (prov. Teotónio Pereira)
37 São Domingos de Benfica	40 São Domingos de Benfica prov. Convento S. Domingos de Benfica # 1973 (Alberto Camacho)
38 Benfica	41 Nossa Senhora do Amparo de Benfica
39 Carnide	42 São Lourenço de Carnide
40 Alvalade	43 Santa Joana Princesa 2002 - Sta. Joana Princesa (Diogo Lino Pimentel)
	*44 Santo Anjo de Portugal e Entre-Campos
41 S. João de Brito	45 São João de Brito (1955) S. João de Brito (Vasco Regaleira)
42 Campo Grande	46 Santos Reis Magos do Campo Grande proj. 1972 (Norberto Corrêa) # ampl. (Valssasina)
43 Lumiar	47 São João Baptista do Lumiar
44 Ameixoeira	48 Nossa Senhora da Encarnação da Ameixoeira
45 Charneca	49 São Bartolomeu da Charneca
46 S. Jorge de Arroios	50 São Jorge de Arroios 1972 (Erich Corsépios e Alzina Menezes)
	*51 Imaculado Coração de Maria
47 S. João de Deus	52 São João de Deus (1953) 1953 - S. João de Deus (António Lino)
48 S. João	53 São João Evangelista 1968 ? - adaptação Cine Max (?)
	54 São Francisco de Assis prov. Convento de Santos-o-Novo
49 Penha de França (1938)	55 Nossa Senhora da Penha de França (1937) Convento de N. Sra. de Penha de França
50 Alto do Pina	*56 Santa Teresa do Menino Jesus ao Alto do Pina
51 Beato	57 São Bartolomeu do Beato Convento dos Agostinhos Descalços do Beato
	58 Espírito Santo prov. Convento de Chelas
52 Marvila	59 Santo Agostinho a Marvila prov. Convento de Marvila
53 Santa Maria dos Olivais	60 Santa Maria dos Olivais
	61 Santo Eugénio do Bairro da Encarnação 1949 - Sto. Eugénio (Fernando Peres Guimarães)

freguesias e paróquias criadas no séc XX, antes de 1959
freguesias e paróquias civis criadas em 1959
* paróquias extintas

igreja que estudaram substituição
igrejas que estudaram demolição
igrejas construídas após demolição

Anexo
19

The church in the city:

The churchyard in Parish Church Complexes - 3 Case Studies

EURAU'12

ABSTRACT. Although architectural discussion around religious buildings has been dominated by the reform of liturgy in the 20th century, the activity resulting from the new interpretation of the church's role in present day cities produced changes in the buildings' morphology and typology. This study addresses the importance of the public space, the parish churchyard, as a link between the city and the church, between the street and the building. In this contribution we make a comprehensive critical reading of three Portuguese case studies: a churchyard in a block crosswalk (Sagrado Coração de Jesus, Lisbon), an enclosed churchyard (Santo António, Portalegre) and a churchyard as a cornerstone, which roots the fragments in the surrounding city (Santa Maria, Marco de Canaveses).

KEYWORDS. church, city, churchyard, religious architecture, public space

João Luís Marques

FAUP – Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

FCT - Fundação para a Ciência e Tecnologia (ref. bolsa - SFRH/BD/76479/2011)

travessa Quinta do Rio Frio, 1, 2350-761 Torres Novas (PT),
joaoluismarques@gmail.com

Sendo o espaço público um lugar de representação da sociedade democrática, onde se manifestam e tomam palavra indivíduos, grupos e associações, também as Igrejas tomam lugar nesta construção conjunta, contribuindo com todos os demais para a construção da cidade, numa perspectiva filosófica designada - construção do bem comum. [1]

A construção da igreja cristã é expressão arquitectónica deste desejo. Ainda que "Deus não habite em templos construídos pela mão do homem" (Act 17,24) a comunidade cristã necessitou de os construir no mundo em que habita, procurando um espaço celebrativo que fosse resposta à sua dimensão espiritual e comunitária. Podemos dizer que esta faze parte, numa perspetiva alargada, da memória coletiva da cultura ocidental. [2]

A ela está associado um lugar de destaque na malha urbana, um lugar de exceção de arquitetura singular. Muitas das igrejas construídas fazem parte do património histórico e da identidade de cidades. Ao longo da história da cidade europeia as igrejas geraram crescimento e consolidação urbanas à sua volta. A relação próxima com o poder e influência da Igreja na sociedade permitiu que esta marcasse presença física em toda a cidade, construindo espaços de culto em praças, largos e ruas.

O longo processo de laicização contribuiu para um novo estatuto da Igreja, que a coloca como mais uma instituição na cidade plural, caracterizada pela diversidade, cruzamento de cultura e valores. A experiência religiosa e espiritual passou a fazer parte, cada vez mais, da esfera da vida íntima e privada. Consequentemente a igreja construída foi perdendo o seu lugar de destaque na "praça pública". Ainda que presente na cidade moderna, esta não tem o protagonismo que teve durante séculos de história e tradição.

Não sendo mais a cidade sua pertença, coube à Igreja procurar o seu "novo" lugar na cidade, fosse ele numa paróquia na dita cidade consolidada, num bairro periférico, ou na condição urbana de cidade fragmentada.

Aos arquitetos coube a tarefa de criar e conquistar esse "lugar novo", que transportasse a memória coletiva da história e tradição. Mas como articular este edifício com a cidade que hoje o envolve?

O adro foi e é peça chave nesta transição entre a cidade e a igreja, na mediação entre a rua e o edifício.

Na etimologia da palavra portuguesa adro está a latina - *atrium*. Trata-se pois de um espaço de acolhimento e de distribuição. A mesma palavra nas suas variantes latinas: *atrio* (espanhol), *parvis* (francês), *sagrato* (italiano) permitem lançar outras pistas de entendimento sobre a natureza deste espaço de uso público: átrio, paraíso, sagrado. Se por um lado é lugar de acolhimento e encontro, lugar de sociabilização é, simultaneamente, lugar litúrgico.

No adro, as dimensões litúrgica (culto) e de serviço à cidade (pastoral) confrontam-se e dialogam. Em conjunto, o complexo paroquial, pretende ser rosto construído da progressiva abertura da Igreja ao mundo, expressa pelo concílio Vaticano II.[3] A igreja, entendida como objeto arquitetónico isolado, perde protagonismo em prol de uma maior integração na cidade.

O adro é plataforma aglutinadora do(s) edifício(s) que compõem o complexo paroquial. Um espaço capaz de organizar hierarquicamente diferentes volumes, estabelecendo uma unidade entre si e na relação com as construções vizinhas.

Valerá então a pena olhar para diferentes formas de adro, e perceber como se ordenam e acolhem a quem se aproxima seja por "necessidade, interesse ou pela simples curiosidade".

Por um lado encontramos sistemas abertos e permeáveis, onde o limite da intervenção é pouco definido, procurando uma real integração na rede de espaço público urbano. Por outro lado, identificamos também sistemas fechados, bem delimitados, que se voltam para o interior do edificado buscando uma autonomia e uma ordem difícil de encontrar na articulação com a cidade real, construída e vivida. [4]

O problema do adro aqui apresentado não é novo na história da urbanística e da arquitectura, contudo a transformação da cidade contemporânea e do seu espaço público juntamente com as alterações morfológicas e tipológicas das igrejas torna o olhar sobre o tema pertinente e merecedor de análise. Como é desenhado este espaço de mediação? Que peso tem o projecto de arquitectura dos edifícios para a definição do desenho de espaço público?

Sugerimos portanto uma breve leitura de três adros projetados e construídos a par de complexo paroquiais, em Portugal, na segunda metade do século XX. As diferentes situações urbanas que os envolvem, o modo como os arquitetos os desenharam, as relações que procuraram evidenciar, o destaque que deram aos elementos que o compõem, permitirão identificar linhas de investigação condizentes e contemporâneas com outras desenvolvidas ao nível internacional. Uma proposta de leitura crítica que torna evidente a evolução histórica que sabemos, à partida, feita de momentos de avanços e recuos, sempre marcada pela experimentação.

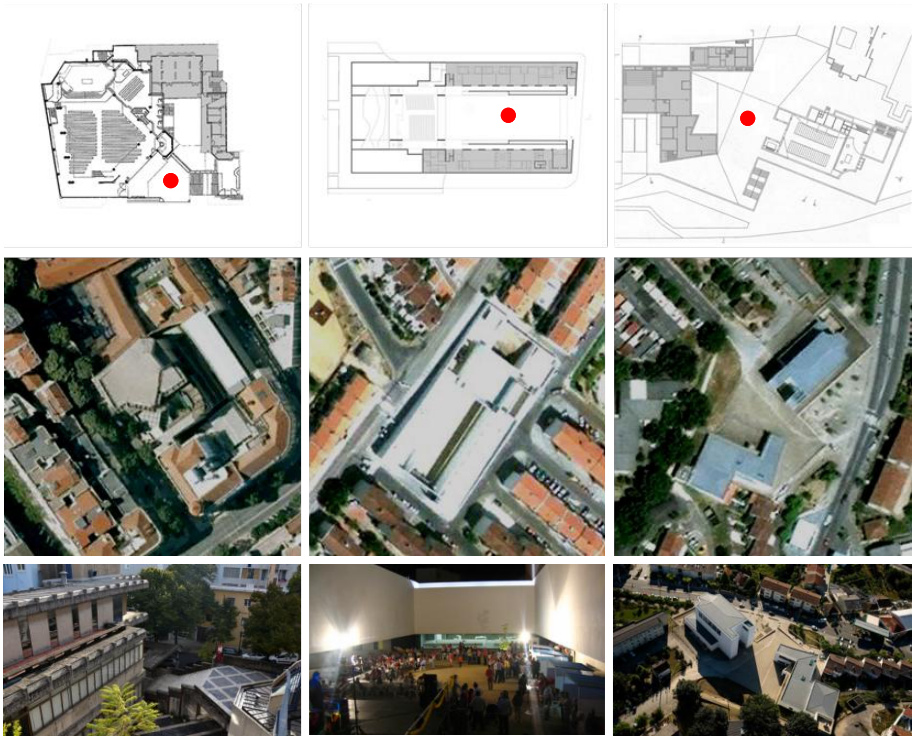


Fig.1

1. Do cimo do parque ao quarteirão, um adro no atravessamento [5]

"Uma reflexão sobre o programa colocava em primeiro plano o problema da presença urbana da igreja: de um dos pólos não se podia iludir que ao novo edifício se atribuía uma projecção mais vasta do que os limites da paróquia residencial, o que desde logo sugeria a procura de uma situação evidente de um destaque volumétrico do templo. Por outro lado, a regularidade do traçado urbano da zona pedia uma rotura na continuidade da construção marginal que deixasse verter o espaço público da rua por um "centro paroquial" que se deseja aberto e atractivo." [6]

Neste excerto da memória descritiva do ante-projecto levado a concurso pelo atelier de Nuno Teotónio Pereira, ainda que falasse de "templo", era certo que aquele que propunham nada tinha a ver com a nova catedral de Lisboa, sonhada mas nunca construída, a erguer ao cimo do parque Eduardo VII dominando a capital. Aliás é contra esta ideia, que um grupo de mentes progressistas envolvidas com o Movimento de Renovação de Arte Religiosa (MRAR), leva à discussão e à criação de um concurso (1961-62) para uma nova "igreja e seus anexos", num quarteirão junto ao novo centro de negócios e serviços que se estava a desenvolver junto à rotunda do Marquês de Pombal.[7]

Ainda que o concurso fosse motivado por uma vontade de rever o tema da "arquitetura religiosa" não deixa de ser curioso verificar que a avaliação das propostas incidiu primeiramente nas questões urbanas, nomeadamente na relação do edificado proposto com a rua e com os edifícios vizinhos do quarteirão.[8] A forma quadrangular e dimensão exígua do lote para a área de construção proposta, o desnível topográfico acentuado (com 10metros de diferença entre ruas) tornaram o concurso desafiante.

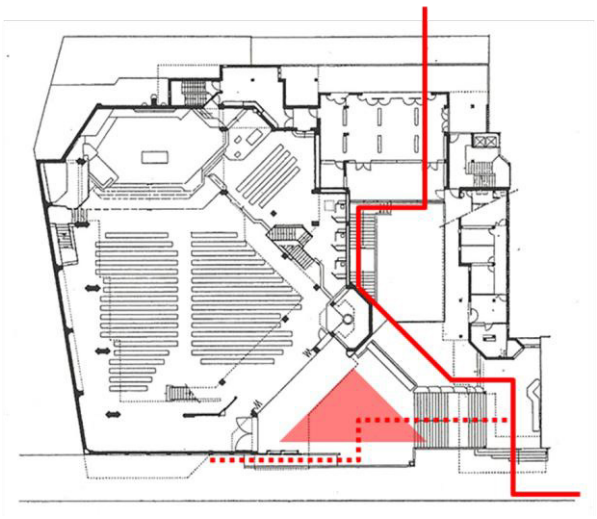


Fig.2

A proposta vencedora de Teotónio Pereira e Nuno Portas, explora o atravessamento público do interior do quarteirão, animado por uma sucessão de espaços exteriores, cobertos e descobertos, escadas e patamares, onde é feito o acesso aos diferentes pisos do equipamento paroquial. O programa elaborado abrangia uma diversidade tal de valências, dos espaços de assistência aos de formação que seriam garantia de uso e vitalidade do complexo, um *"minicentro urbano, aberto e não marcadamente religioso".*[9] O desenho do espaço público está intrinsecamente ligado ao projeto de arquitetura do edifício, funcionando, todo ele, como organismo de distribuição. Os espaços exteriores, tal como os interiores pressupunham *"o dinamismo e mobilidade dos utilizadores.(…) Os elementos arquitectónicos foram pensados para destacar e enfatizar a presença humana."* O projecto de arquitectura procurava então *"favorecer, estimular e ajudar a esse comportamento"* que se desejava participado, conferindo à obra o *"sentido de abertura à cidade, (…) de vida intensa e multiforme".* [10]

O adro surge amarrado ao percurso de atravessamento e elevado em relação à rua. Ainda que tenha sido idealizado como uma zona estanque, e portanto independente do percurso que une as diferentes cotas, a introdução da rampa estreita que conduz o peão da rua diretamente ao adro, integrou o adro num percurso secundário que liga ao principal de atravessamento do quarteirão. [11]

Do lado oposto à rampa, o estreito topo do edifício paroquial, recuado em relação à rua, não só resolve a empena da construção vizinha, como desenha o pórtico de entrada de todo o complexo que, nesta frente, é dominado pelo imponente corpo da igreja. Uma entrada coberta e baixa ao nível da rua, reforça a ideia de acolhimento.[12] Logo à entrada o percurso bifurca dando origem a uma larga escadaria, revestida a mármore branco, que conduz ao adro situado à cota superior. Uma outra mais estreita conduz à rua situada na cota inferior.

O adro de geometria triangular, define três frentes de relação. A primeira e mais directa é de nível com a igreja, marcada pelo rasgamento da porta em toda a sua largura, coberta por uma pala. A porta de fole permite o prolongamento do espaço público para o espaço interior litúrgico.

As outras duas frentes de relação do adro são elevadas, uma em relação ao passeio público e outra em relação ao percurso de atravessamento. A colocação elevada do adro, permite tirar partido do perfil arborizado da rua – o adro fecha-se sobre esta graças à copa das tílias que ladeiam o eixo viário. Desta forma a caracterização do espaço público pré-existente não só foi respeitada como aproveitada para a definição/caracterização do novo espaço público proposto. O tratamento dos diferentes pavimentos espelha o cuidado na hierarquização das diferentes zonas. O atravessamento sugere continuidade com o passeio público recorrendo à calçada em micro cubo, enquanto o adro foi lajeado a mármore. A amarração à cidade existente não se reduziu a meras relações com o edificado envolvente.

Se na rua principal é possível descortinar algo sobre a natureza programática do equipamento, é graças ao modo como formalmente se caracterizam cada um dos volumes que delimitam o adro, e não à presença de símbolos religiosos na cobertura, pouco visíveis ao nível do peão.

Na rua de trás (à cota baixa), um vulgar edifício de escritórios esconde todo o complexo paroquial. O seu piso térreo parcialmente vazado permite ligar ao atravessamento público num ambiente de penumbra e "*gradação de intimidade dos espaços exteriores que introduzem uma progressiva calma no bulício do trânsito, preparando o acto de entrar*" [13]. Entrada esta realizada a partir do adro, o grande vazio descoberto e iluminado. Aqui podemos estabelecer uma ligação com as propostas contemporâneas à da igreja do Sagrado Coração de Jesus, nomeadamente na obra brutalista de Walter Forderer desenvolvida na Suíça, nas

mesmas décadas 60-70, que também explora os percursos de acolhimento, intimistas, desnivelados e não lineares que conduzem ao adro descoberto e iluminado.[14] O mesmo tema da igreja implantada entre duas ruas num percurso de circulação vertical seria explorado por outro arquitecto suíço, Hermann Baur, em St. Michael, Ennetbaden 1960-66. A referência à arquitectura italiana é outra fonte reconhecida pelos autores. Na década de 50, a obra de Ludovico Quaroni já tinha despertado o interesse dos arquitetos portugueses, Nuno Teotónio Pereira e Nuno Portas, aquando da sua visita ao norte de Itália. À data visitaram a igreja Sacra Famiglia, Génova 1956-1959 que foi inspiração forma para a obra de Lisboa.

O espaço público proposto resulta de um entendimento sobre o modo e o lugar do equipamento religioso na cidade – uma igreja aberta para um adro integrado num cruzamento de percursos. É o forçar da situação de gaveto para um interior de quarteirão.

2. Num gaveto um adro fechado, a natureza revelada [15]

A construção do complexo paroquial foi pretexto para poder oferecer ao bairro dos Assentos um espaço público que faltava no plano idealizado em meados da década de 70, para a zona residencial então periférica da cidade de Portalegre.

Se por um lado a amplitude e diversidade do programa a alojar poderia pressupor uma enorme potenciação social do espaço a criar, a escolha tipológica e a sua concretização formal apontam num outro sentido.

A solução adoptada, procura reinterpretar o modelo conhecido da história da arquitectura, a basílica antecedida por um pátio exterior encerrado. [16]

Pelo exterior, um compacto e enigmático volume branco sem vãos rasgados sobre as ruas e sem qualquer referência à natureza religiosa do edifício. Uma presença urbana forte, característica de um equipamento público que não se deixa passar desapercebido no bairro. Note-se, por exemplo, a força dos 85 metros de extensão do muro cego "caiado", reforçada pela interrupção do alinhamento arbóreo (pré-existente) na rua principal.

Ainda que não ocupe uma posição central no bairro, junto de outros equipamentos públicos (escolas, piscina, zona comercial), o complexo paroquial ocupa um lote que goza de uma situação urbana de exceção, um gaveto. Contudo a solução arquitetónica adotada não tira partido desta localização de cruzamento, não aproveita a esquina como momento de convite à entrada no complexo.

O lote rectangular, murado em todo o seu perímetro está cuidadosamente implantado, alinhando cérceas, volumetrias, respeitando as pré-existências edificadas, completando o quarteirão de moradias em banda, procurando o equilíbrio entre o edificado. [17]

O acesso ao pátio interior é feito pelo lado mais estreito do lote, estando de nível com uma rua de carácter secundário no bairro. A entrada para o pátio, que é simultaneamente o adro, é marcada pelo recuar de parede suspensa, que gera um momento de alargamento do passeio público. Aí foi colocado um conjunto de portões metálicos pivotantes, a toda a largura do adro, que por motivos de segurança e manutenção daquele espaço, forma feitos a pedido do dono da obra. A visibilidade do adro foi, no entanto, garantida. Infelizmente, esta solução barrou o acesso pedonal ao interior do edifício quando não há celebrações religiosas, acentuado a natureza privada daquele espaço que, de princípio, se queria aberto ao público.

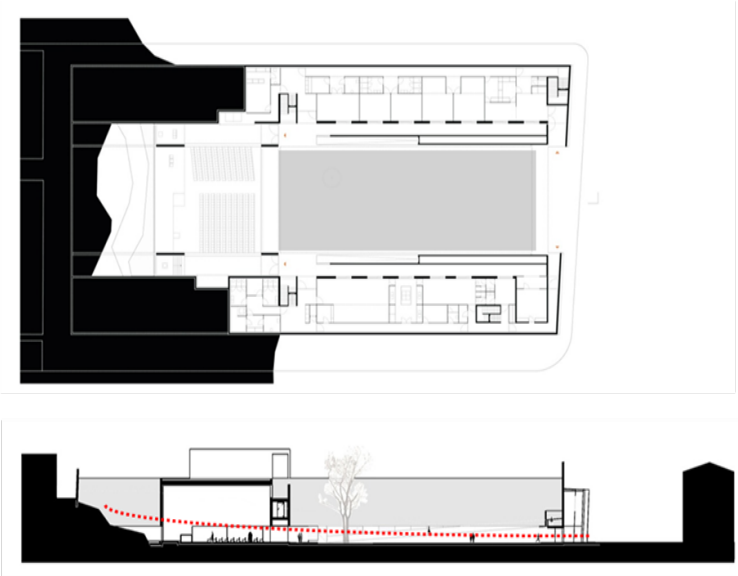


Fig. 3

O tratamento daquele pátio interior e da sequência de momentos que propõe, convida a uma experiência contemplativa:

"O espaço principal é um contínuo que nos leva desde a rua até à rocha quartzítica, posta a nu pelo terreno aplanado. Primeiro, o pórtico de entrada. Depois o pátio-adro flanqueado pelas duas rampas e pelas alas onde se distribuem os centros comunitário e paroquial. Ao fundo, o espaço central da igreja, que um envidraçado torna inesperadamente transparente. Por último, o pátio exterior construído com a rocha existente, o ar, a luz zenital, água e plantas. Um espaço exterior aberto à contemplação". [18]

Ao valorizar a contemplação, não resolve a sua articulação com a cidade real, escondendo o edificado construído à sua volta. É o espaço ordenado e controlado só possível porque se encerra em si. As paredes brancas que ocultam os centros comunitário (infantário e centro de dia) e da paróquia, juntamente com a da entrada e a da igreja uniformizam os 4 alçados interiores do adro, criando como que uma sala do bairro, sem teto. Aliás este espaço já acolheu festas, procissões, etc. Dada a sua linguagem minimal, as paredes juntamente com única árvore plantada naquele pátio-terreiro, acentuam o carácter cenográfico do acesso à igreja. Só é possível identificar a igreja graças à sua transparência do seu envidraçado, que a revela.[19] Ao fundo de tudo, há uma cruz de madeira chumbada num rochedo que as escavações da obra revelaram. Um rochedo preservado, uma natureza revelada em jeito de símbolo para fazer face à "*banalidade*" do bairro, que o autor refere. O arquiteto quis compor um quadro natural em jeito de retábulo para a igreja, mas também um quadro para adro, graças ao seu envidraçado transparente.[20]

O desenho de espaço público encerrado, o adro aqui proposto, não resulta do diálogo com a envolvente existente. Ao invés, procura criar no interior um diálogo com uma outro tipo de realidade "pré-existente", a natureza esquecida e escondida, revelada pelo projecto – a rocha escavada!

3. Na fragmentação, uma malha cosida pelo adro [21]

A antiga quinta agrícola dos Murteirados, hoje situada dentro do perímetro urbano do Marco de Canaveses, nunca foi alvo de um estudo do tipo "plano de pormenor". Assim foi sendo loteada e edificada de acordo com as necessidades da cidade, que ao longo dos últimos 40 anos, aí construiu: habitação de custos controlados, equipamentos de ensino, lar de idosos, quartel dos bombeiros e mais recentemente o complexo paroquial de Santa Maria.

O lote de 5500m2, adquirido pela paróquia situa-se sobre uma curva da movimentada estrada que atravessava a cidade, hoje sua rua. Era um terreno difícil, dada a topografia inclinada, o carácter fragmentado das construções vizinhas e a relação com a estrutura viária. Por tudo isto, Siza reconhece que até gostaria de ter projectado a igreja numa *"zona habitada intensamente, no centro … era um conceito diferente de colocação na cidade"*[22] contudo, aquele programa permitia-lhe pensar numa possibilidade de ordenação daquela área urbana fragmentada e arquitetonicamente tão pouco interessante.

Uma análise da envolvente permitiu identificar o ponto de amarração necessário, o lar de idosos, "um volume muito firme na sua implantação" que se revelou essencial para a criteriosa colocação dos que compõem o complexo paroquial (a igreja, o centro e casa paroquial). [23]

A elevação do adro em relação à rua movimentada e a presença dominante do corpo da igreja, permite estabelecer um paralelo com o projeto do Sagrado Coração de Jesus, passados perto de 25 anos.

"Uma igreja é um edifício público institucional, mas não ao nível dos outros. Goza de uma certa autonomia no tecido urbano. Deve, de uma maneira ou doutra, destacar-se dele. Isso não quer dizer que tenha de ser mais alto do que os outros, mais dominante, mesmo se no caso do Marco o é, como aliás o é um edifício vizinho que não é religioso."[24]

O volume proposto para o centro paroquial procura uma presença próxima da escala das moradias unifamiliares vizinhas, servindo inclusivamente de remate a estas construções. O facto da igreja e complexo paroquial partilharem de uma mesma linguagem formal, ainda que com escalas bem diferentes, faz com que o conjunto ganhe uma identidade una.

Ao fragmentar o programa em volumes autónomos, Siza responde simultaneamente a duas premissas, como ele próprio explica:

"Fragmentar a Igreja é 2 coisas: incluí-la no tecido da cidade que tem essa mesma fragmentação e também dar conformação a um espaço espacialmente adstrito (o adro). A grande porta também tem a ver com isso."[25]

O adro é, simultaneamente, momento de tensão e de equilíbrio entre os dois corpos que o definem, é o vazio necessário para que haja diálogo entre as partes, *"para compensar a concentração de volumes*".[26] O espaço público gerado entre eles, o adro de geometria irregular, foi desenhado com um enorme detalhe e controlo. Um olhar atento permite identificar três partes diferenciadas que o compõem.

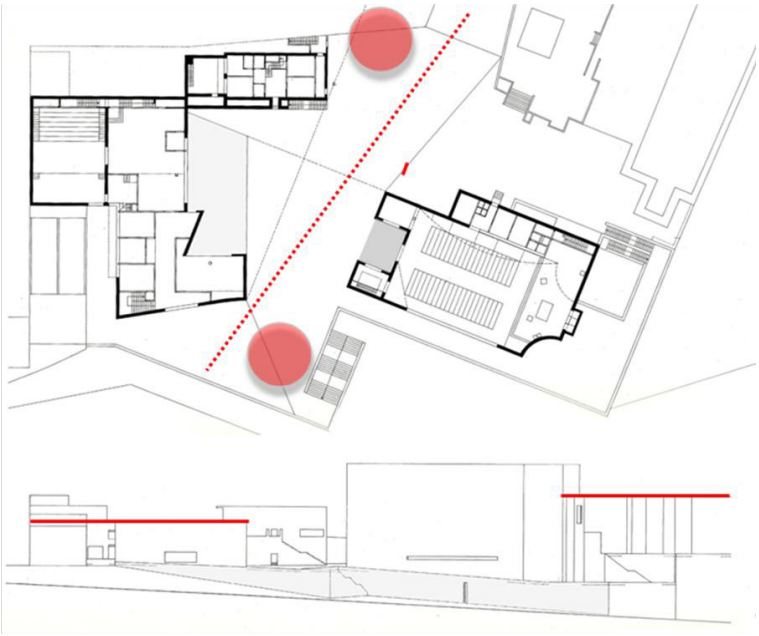


Fig. 4

Uma é o pátio do centro paroquial, uma plataforma de nível definida pelo grande U do edifício. Um espaço de forte relação com a vida do centro paroquial que é rasgado por envidraçados ao nível do rés-do-chão permitindo uma forte relação interior/exterior. Depois, uma guia que se transforma em banco, ao jeito de mobiliário urbano informal, resulta do controlo da pendente do terreno. Este banco voltado para a fachada da igreja separa o pátio descrito do segundo espaço, a grande praça. O vazio da praça coincide com o antigo percurso que cruzava o terreno e que foi, propositadamente, mantido pelo arquiteto. Desta forma foi garantida a utilização e passagem da população pelo adro, respeitando um uso anterior à construção do complexo. Um cruzeiro em pedra para pontuar e evidenciar o carácter religioso deste espaço público chegou a ser esquissado, contudo nunca foi executado. Igualmente não concretizada foi a plantação de duas árvores que encerrariam visualmente o grande espaço central, tornando-o um espaço mais resguardado.[27] A fragmentação do programa em torno de vazio pontuado pela presença destes elementos, árvores e cruzeiro, remete uma vez mais para a composição tradicional do adro rural da cultura portuguesa. Por último, o espaço mais regular e pequeno, o mais íntimo - o da entrada da igreja frente à sua grande porta, ladeada pelo batistério e pela torre sineira. Uma pequena área de lajeado de granito bujardado contrasta com a calçada do adro em micro-cubo. A rotação da porta sobre este pequeno espaço descrito sugere a abertura da Igreja à Cidade, enquanto a dimensão e proporção da porta (3x10m) garante a continuidade espacial interior/exterior. [28] Tanto na obra de Lisboa como na de Portalegre esta continuidade espacial do adro com o espaço litúrgico era garantida controlando os vãos horizontais rasgados a toda a largura do espaço interior, fossem eles a porta de fole ou o vão fixo envidraçado.

A proposta do espaço público de Siza comtempla para além de tudo isto apresentado, uma pequena zona de acolhimento arborizada ao nível da rua articulada com uma escada que conduz à plataforma do adro. Ainda são de referir os percursos à volta da igreja, o jardim e pátio situados junto à capela mortuária.

Ao contrário do caso anteriormente exposto de Portalegre, no Marco uma envolvente igualmente desinteressante não deu origem a uma solução encerrada, sendo o adro apenas uma parte da proposta de espaço público.

Em suma, o esforço na justa implantação dos volumes, na geometria adoptada e na reinterpretação do tradicional desenho do adro resultou na consolidação da malha urbana pré-existente. Dialogando com a envolvente garantiu um equilibrado enquadramento do conjunto, enquanto parte constituinte da paisagem urbana. O projecto de espaço público surge assim amarrado ao lugar que ocupa e, com poética, tira partido dele.

Nestes três exemplos, o adro foi peça chave na transição entre a cidade e a igreja. O adro, espaço público desenhado com o edifício ou pelo conjunto edificado, materializa o limiar, a passagem da rua para o edifício. O desenho deste limite, o vão da grande porta ou do grande envidraçado, rasga a fronteira entre o exterior e interior. Abre-se assim o "dentro" da igreja à cidade, como lugar público de convite ao silêncio.

Bibliografia

PORTAS, Nuno. *A arquitectura para hoje*. Augusto Sá Costa Lda, Lisboa, 1964.

RICHTER, Klemens. *Espaços de igrejas e imagens de igreja*. Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1998.

SIZA, Álvaro; HIGINO, Nuno. *Igreja de Santa Maria / The Church of Saint Mary*. Paróquia de Santa Maria de Fornos, Marco de Canaveses, 1998.

STOCK, Wolfgang Jean. *European Church Architecture 1950-2000*. Prestel, Munique, 2002.

TOSTÕES, Ana, *Os verdes anos da Arquitectura Portuguesa*. FAUP publicações, Porto, 1997.

TOSTÕES, Ana, (coord) *Arquitectura e cidadania: atelier Nuno Teotónio Pereira*. Lisboa, Quimera, 2004.

CARRILHO DA GRAÇA, João Luís. *Igreja de Santo António, Portalegre*. http://www.snpcultura.org/obs_13_igreja_santo_antonio_portalegre.html [página consultada em Junho, 2012].

VIERA DE ALMEIDA, Pedro. *Igrejas: Sagrado Coração de Jesus e Paroquial de Almada.* in Arquitectura, nº 123, 1971.

SIZA, Álvaro. *A igreja*. in Imaginar a evidência, Lisboa, Edições 70, 2000.

SIZA, Álvaro. *Uma questão de medida* / entrevista .Dominique Machabert, Laurent Beaudouin; tradução de Vera Cabrita. Caleidoscópio, 2009

PEREIRA, Nuno Teotónio *Memória descritiva do ante-projecto levado a concurso* - revista Arquitectura nº 76, Outubro 1962

João Luís Marques nasce em 1981 e licencia-se pela Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto em Março de 2006, defendendo a prova final intitulada "Na casa de meu Pai há muitas moradas - reflexões em torno da organização do espaço litúrgico numa igreja em mudança, experiências portuguesas do séc.XX". Estuda no ano lectivo 2003/2004 no Istituto Universitario di Architettura di Venezia, ao abrigo do programa Erasmus; no ano seguinte estagia no escritório de Carlos Ferrater, em Barcelona. Inicia a sua actividade profissional, no Porto, colaborando nos seguintes escritórios: Camilo Cortesão e Arquitectos Associados (2006/2007), Serôdio Furtado & Associados Arquitectos (2007/2009), Correia Ragazzi arquitectos (2009). Enquanto profissional liberal independente desenvolve projetos de arquitetura.

Em 2010, integrou o programa de doutoramento em Arquitectura na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto: perfil - Teoria, Projeto e História, área de investigação – arquitetura religiosa. É investigador bolseiro da FCT - Fundação para a Ciência e Tecnologia (SFRH/BD/76479/2011) desde 2012 e seu campo de estudo centra-se na relação igreja e cidade.

---

[1] Cf. JOBIN, Guy. A igreja como espaço público: representações e situações de palavra. Fundação Spes, Porto, 2012.

[2] Cf. RICHTER, Klemens. Espaços de igrejas e imagens de igreja. Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1998.

[3] A propósito do Concílio Ecuménico Vaticano II (1962-65) destacam-se alguns documentos. Se a transformação do espaço litúrgico está intimamente ligada com o novo entendimento da Liturgia, ver documento "Sacrosanctum Concilium", a constituição pastoral sobre a igreja no mundo atual "Gaudium et Spes" é chave de leitura para o tema em estudo, da relação Igreja Mundo e consequentemente sobre a presença da igreja no espaço público.

[4] Note-se que e o adro e restantes zonas envolventes exteriores do complexo paroquial são, hoje, espaços de uso público promovidos e geridos por uma entidade privada. Temas como o da permeabilidade e da segurança são considerados, interferindo com a vontade dos projectistas, condicionando o desenho de projecto.

[5] **Sagrado Coração de Jesus** - Lisboa (coord: 39º43" 29""N 9º08"49""W)
1962 projecto a concurso; 1971 dedicação da igreja (19 Junho); 1976 inauguração do centro paroquial/ comunitário
Autoria: Nuno Teotonio Pereira, Nuno Portas

[6] Cf. PEREIRA, Nuno Teotónio *Solução de Conjunto*. Memória Descritiva in catálogo Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Exposição dos projectos levados a concurso na Sociedade Nacional de Belas Artes, Lisboa, Outubro de 1962

[7] A leitura dos 14 projectos levados a concurso permitiriam só por si inventariar os diferentes entendimentos sobre o modo de articular este programa com a cidade . Cf. revista Arquitectura nº 76, Outubro 1962, p.13-30

[8] Cf. actas do júri, 14 de Julho 1962, catálogo "Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Exposição dos projectos levados a concurso" na Sociedade Nacional de Belas Artes, Lisboa, Outubro de 1962

[9] Cf. RODRIGUES, Avelino cita Nuno Portas, ARA – Arte Religioso Actual, Ano VII, nº26, Outubro - Dezembro 1970

[10] Cf. RODRIGUES, Avelino cita Nuno Teotónio Pereira, ARA – Arte Religioso Actual, Ano VII, nº26, Outubro - Dezembro 1970

[11] Cf. Boletim movimento de renovação da arte religiosa, 2ª série nº 15, Novembro 1962 – contém o resumo do debate da reunião de estudo em que foi equacionada a introdução de uma "pequena rampa", que facilitasse o acesso, de pessoas doentes e idosas, à igreja que, por razões de presença urbana se situava num "nível francamente elevado" em relação à rua.

[12] A propósito do tema das zonas de acolhimento (adros elevados, zonas cobertas, etc) valerá a pena olhar para as obras de Hermann Baur - arquitecto suíço e consultor externo do júri do ante-projecto para a "Igreja do Sagrado Coração de Jesus e seus anexos".

[13] Cf. VIEIRA DE ALMEIDA, Pedro. *A Igreja do Sagrado Coração.* In jornal A Capital, suplemento Literatura e Arte, 22 de Julho 1970

[14] Vejam-se as obras de Walter Foreder: St. Johannes, Luzern 1965-1970, Heiligkreuzkirche, Chur 1966-1969.

[15] **Santo António** - Portalegre (coord: 39º16"48""N 7º25"39""W)
1993 Projecto; 2008 Dedicação da igreja (13 Junho)
Autoria: João Luís Carrilho da Graça

[16] Carrilho da Graça refere a importância da basílica de Sant'Ambrogio, em Milão: *"Há uma igreja Milão Santo Ambrogio, que na altura em que eu estava na escola era muito referida por Aldo Rossi pelos arquitectos da tendenza que tem a frente assim e dessa frente saem duas "loggias" um espaço de entrada e acesso que é um pouco como esta da igreja de Portalegre… e eu lembrava-me dessa igreja."* Entrevista a Carrilho da Graça realizada em Lisboa a 2 de Novembro de 2011.

[17] Cf. CORREIA, Graça. *João Luís Carrilho da Graça : Chiesa e Centro Parrocchiale, Portalegre : uno spazio tra piani sospesi.* In Casabella nº775, Março 2009, p.79 - "*Num quarteirão de grande pendente orientada a sul, trata de rematar as construções existentes, perpendiculares ao declive, através de dois corpos que procuram a escala das ruas na relação volumétrica com as mesmas e configuram, com a igreja que os une, um adro."*

[18] Cf. CARRILHO DA GRAÇA, João Luís. *A igreja de Santo António, Portalegre* http://www.snpcultura.org/obs_13_igreja_santo_antonio_portalegre.html

[19] Note-se que nos primeiros estudos de projecto a intenção era a criação de uma porta de madeira que permitisse o prolongamento do espaço de culto para o exterior, em ocasiões festivas.

[20] Tal como o "bosque desabitado" de que fala Luís Santa Maria a propósito da capela de Otaniemi. Cf. SANTA MARIA, Luís. *Tierra Espaciada: El árbol, el camino, el estanque: ante la casa*. Tese de doutoramento

[21] **Santa Maria** - Marco de Canaveses (coord:41º11"18""N 8º04"44""W)
1990 Projecto; 1996 Dedicação da igreja (7 Jullho); 2007 Inauguração do Centro Paroquial; Casa Paroquial (sem data prevista para construção)
Autoria: Álvaro Siza Vieira

[22] Entrevista a Álvaro Siza realizada no Porto a 3 de Dezembro de 2011.

[23] A casa paroquial não chegou a ser construída. Para Siza esta é de grande importância para a delimitação do adro e para a definição dos acessos pedonais.

[24] Cf. SIZA, Álvaro. *No convento de La Tourette - Onde se falou da igreja do Marco de Canaveses*. In Uma questão de medida, entrevista de Dominique Machabert, Fevereiro 1997

[25] Entrevista a Álvaro Siza realizada no Porto a 3 de Dezembro de 2011. Ainda a propósito da fragmentação veja-se o projecto para a Faculdade de Arquitectura, Porto. Também a solução deste projecto passa pela "fragmentação" do programa que procura assim responder de melhor forma à sua envolvente urbana.

[26] Ibid.

[27] Estas intenções de projecto encontram-se em esquiços de Siza publicados Cf. SIZA, Álvaro; HIGINO, Nuno. *Igreja de Santa Maria / The Church of Saint Mary*. Paróquia de Santa Maria de Fornos, Marco de Canaveses, 1998.

Fig.1 Quadro síntese - Os três complexos paroquiais (da esquerda para a direita, por coluna): Sagrado Coração de Jesus 1962-1976, Santo António 1993-2008, Santa Maria 1990-2007. Plantas gerais (destacando a cinza os centros paroquiais e a vermelho o adro). Vistas aéreas (fotografias do Google Earth, 2012). Aspectos dos adros (fotografia do autor, arquivo JLCG, Fernando Guerra)

Fig.2 Sagrado Coração de Jesus - análise do autor sobre a planta
A linha vermelha indica o percurso de atravessamento que une as duas ruas.
O ponteado indica o percurso secundário que atravessa o adro, assinalado pela mancha.

Fig.3 Santo António - análise do autor sobre planta e corte
O ponteado indica o "contínuo" referido pelo autor do projecto que une a rua à rocha, passando pelo pátio encerrado, o adro (assinalado a cinza).

Fig.4 Santo Maria - análise do autor sobre planta e alçado
O ponteado indica o direção do percurso pré-existente no terreno.
À esquerda, o pátio do centro paroquial (mancha cinza clara). À direita, o espaço lajeado à entrada da igreja (mancha cinza escura).
Os dois círculos e a linha indicam a localização proposta para as árvores e para o cruzeiro, conforme os esquiços e entrevista realizada (3 de Dezembro de 2011).
No alçado são evidenciadas as relações altimétricas concordantes com as construções vizinhas.

Entre lo provisional y lo definitivo. Experiencias de las capillas-salón del Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado de Lisboa

Between the Provisory and the Permanent. Chapel-halls Experiences by the Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado de Lisboa

João Luís Marques · Universidade do Porto

RESUMEN

El presente artículo pretende destacar el trabajo desarrollado entre los años 1960 y 1980 por el *Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado de Lisboa* (SNIP). El SNIP desarrolló un gabinete de pequeños proyectos para las comunidades suburbanas y rurales con pocos recursos económicos. Para esta misión pastoral, el SNIP apostó en las capillas-salón: «proyectos-tipo» de bajo coste en su construcción, que respondían a las diversas necesidades de las pequeñas comunidades. Estas soluciones adaptables fueron testigos de una iglesia «sierva y pobre». Estas experiencias se convirtieron en un laboratorio para la síntesis del programa de arquitectura litúrgica y pastoral, explorando la unidad tipológica y probando modelos de flexibilidad.

ABSTRACT

This article aims to highlight the work of the *Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado de Lisboa* (SNIP) in the 1960s and 1970s. SNIP developed a small architectural office, which acted as a lab for the synthesis of liturgical and pastoral programmes. Their main achievement was the case studied chapel-hall: a low cost project, which responded to different needs of local communities with low resources. These adaptable solutions featured a modest chapel for daily use and a multipurpose room (e.g for education or training) for enhanced capacity during special occasions. They provided an opportunity to explore both unity and flexibility.

PALABRAS CLAVE

Lisboa; capillas-salón; pastoral; comunidad; polivalencia; flexibilidad.

KEYWORDS

Lisbon; chapel-halls; pastoral; comunity; multipurpose; flexibility.

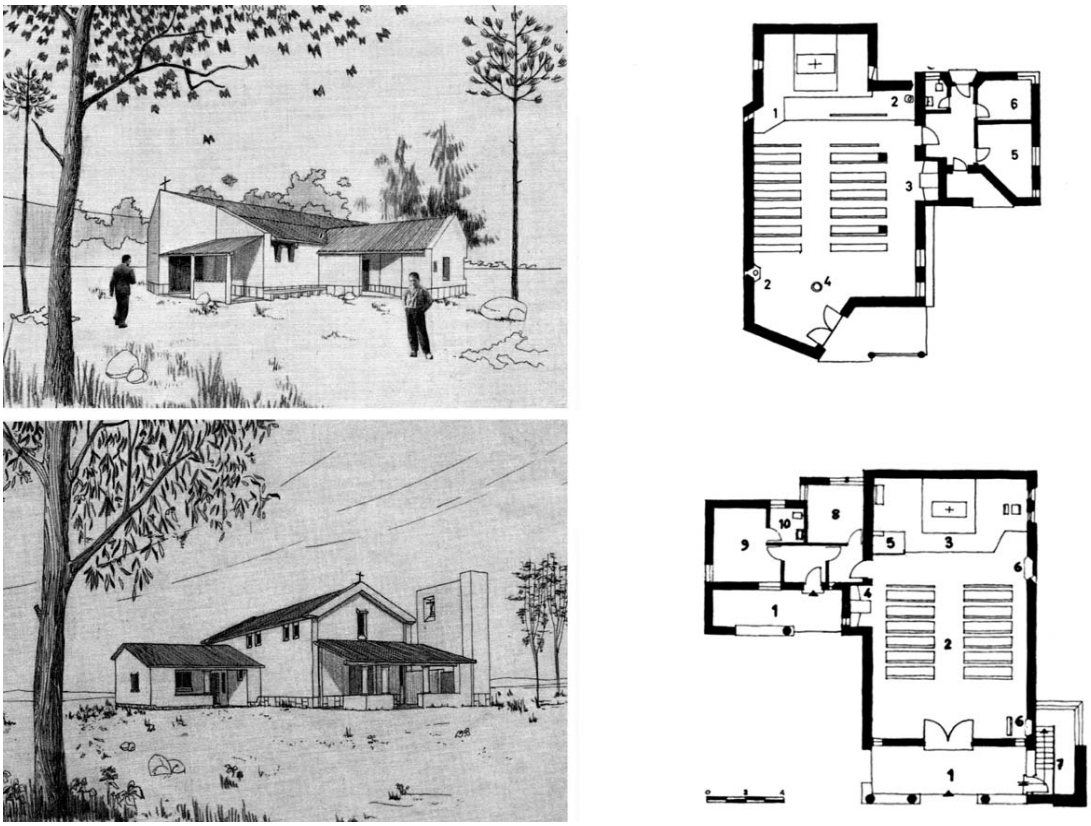


Fig. 01. Capilla Fontaínhas, Santarém; capilla Malásia, Caldas da Rainha, 1962.

Un año después de la creación de la *Secretaria das Novas Igrejas do Patriarcado* (SNIP, 1961), se publicaron en el boletín *Novas Igrejas* los dos primeros proyectos de capillas que deberían ser construidas en pequeños pueblos[1] (Fig. 01). Las propuestas iban al encuentro de una pastoral de proximidad, dotada de pequeños espacios dedicados al culto (60 lugares), con sacristía y una pequeña sala para catequesis. En un tiempo en que la población rural tenía poca movilidad, la Iglesia católica intentó combatir el aislamiento de estos pueblos, muchas veces distantes y con difíciles accesos a su sede parroquial. La Iglesia reforzaba la descentralización de su presencia en el territorio, basado en el redescubrimiento del valor de las pequeñas comunidades de vecinos que complementaban las parroquias tradicionales. El modelo base más divulgado expresa el intento del SNIP de proponer una arquitectura bien integrada en el entorno rural, recordando las capillas tradicionales de la región *saloia*[2]. Estos proyectos trataban de cumplir con la *arquitectura auténtica*, defendida y reclamada en Portugal por el *Movimento de Renovação de Arte Religiosa* (MRAR, 1952). Se buscaba un lenguaje arquitectónico capaz de traducir el carácter sagrado sin recurrir «al simbolismo convencional de ciertas formas de decoración o artificios»[3].

Sin embargo, la misión principal del SNIP quedó lejos de agotarse en la preparación de proyectos para pequeñas capillas; las nuevas iglesias parroquiales también fueron estudiadas[4]. La lucha por una *arquitectura auténtica* salió reforzada, y en 1966, en el *Boletim de*

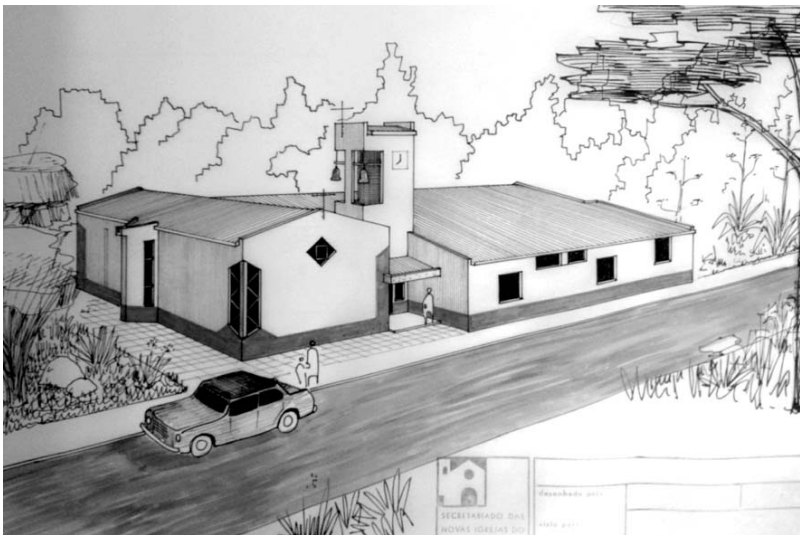


Fig. 02. Capilla Fonte da Bica, Rio Maior, 1967/77.

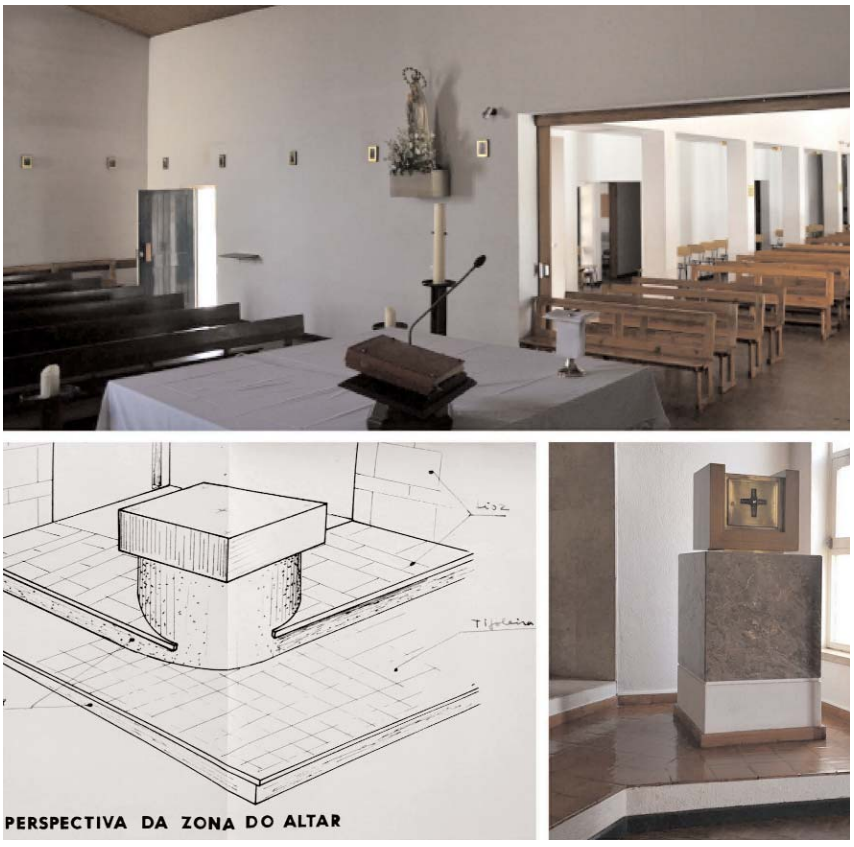
Informação Pastoral, el SNIP publicó un artículo que advertía de la importancia de la definición de un programa realista, basándose en el conocimiento de la realidad socio-religiosa[5]. El artículo alertaba de la necesidad de realizar un adecuado dimensionamiento de la iglesia capaz de responder a las afluencias variables de fieles (días laborables, domingos y festivos). Señalaba la necesidad de trabajar la elasticidad de la iglesia, una tarea que debería ser adjudicada a un arquitecto al que se pediría «un esfuerzo de análisis, crítica e interpretación del propio programa y reinvención de soluciones para unas exigencias hasta ahora ignoradas». Así, la arquitectura se ve como una disciplina con «misión prospectiva, capaz de acelerar el movimiento de renovación cultural, sin la cual la Iglesia sería incapaz de comunicarse con el mundo en el que opera y al que tiene la intención de servir»[6]. Por cierto: esta idea de servicio se hizo evidente en la propuesta de programa, como se puede ver en la sección dedicada a la implementación del edificio religioso: «la presencia de la iglesia en la ciudad, hoy en día, debe ser una expresión de la modalidad de la presencia de la Iglesia en el mundo actual. Al igual que Cristo 'que no vino para ser servido, sino para servir y para dar su vida en rescate por muchos' (Mt 20, 28), la Iglesia se presenta como servidora. Esto no se impone, sino que simplemente se propone al mundo»[7].

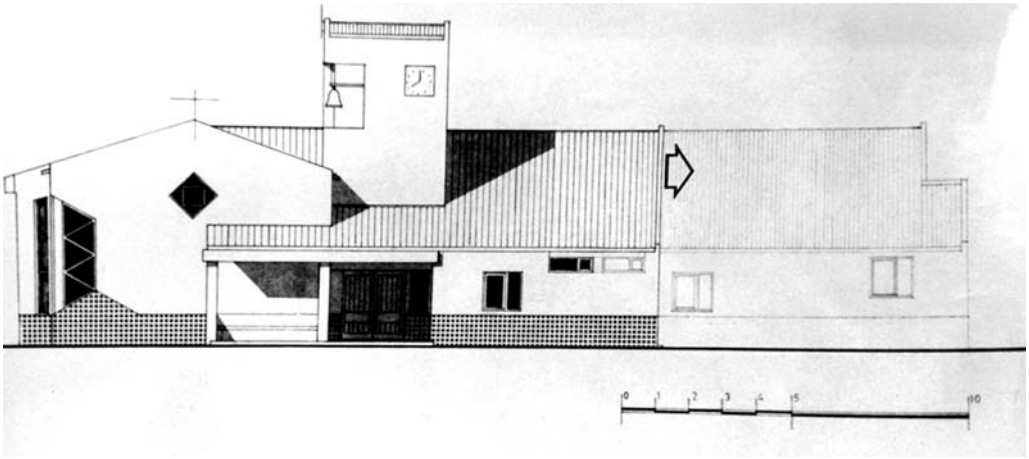
El proyecto de construcción de una iglesia-servidora, materializada en «casas para la comunidad», fue motivo para el trabajo pastoral: «una oportunidad única para despertar y desarrollar el espirito comunitario y también para hacer la iniciación litúrgico-pastoral en lo que es la iglesia y en lo que en ella ocurre, así como para hacer descubrir, asimismo, los valores y carencias de la comunidad que se revela al reunirse en un esfuerzo conjunto»[8]. Este es el marco teórico —desarrollado para un programa abierto de nuevas iglesias parroquiales— que fue probado y aplicado inicialmente en las zonas rurales y suburbanas[9]. La fórmula encontrada fue la de «capilla-salón», un edificio capaz de responder a las diversas necesidades de la comunidad con carencias de espacios de naturaleza diversa.

Entre 1967 y 1979 se proyectaron en el SNIP treinta y cinco capillas-salón. Éstas seguían proyectos tipo, que combinaban un pequeño espacio litúrgico con otro de naturaleza polivalente, garantizando una rápida implementación y control de costes. Siguiendo modelos extranjeros —como las campañas de cardenal Lercaro en Bolonia—, se creó en Lisboa un fondo diocesano interparroquial de préstamos, que permitía a las comunidades con menos recursos económicos financiarse para la construcción, entre otras obras, de capillas-salón[10].

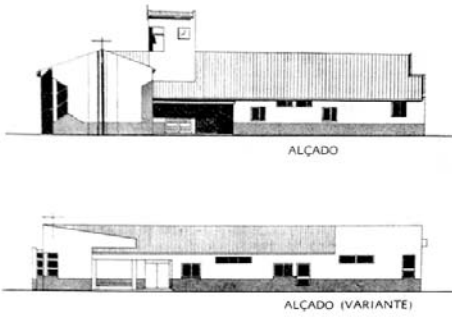


Fig. 03 y 04. Capilla Alvide, Cascáis, 1969/75.











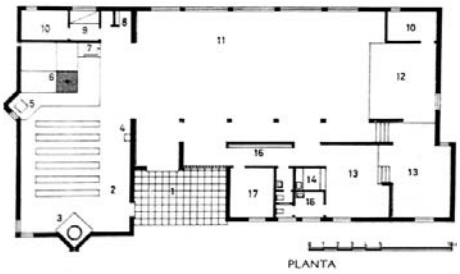


Fig. 05. Capilla-salón: alzado con posibilidad de ampliación, sin fecha.
Fig. 06. Capilla Campelos, Torres Vedras, 1970/76.
Fig. 07. Capilla Galinheiras, Lisboa, 1967/71.
Fig. 08. Alzados y plantas de las capillas modelos A y C, sin fecha.

MODELOS A Y C

La primera capilla-salón surgió en un pueblo situado a 4 km. de la sede parroquial y a 80 km. de Lisboa: Fonte da Bica. Aunque en los primeros estudios de 1964 se propuso la construcción de una capilla sencilla, en 1967, el SNIP propuso a la comunidad un programa más amplio. El resultado fue un proyecto participado por todos, arquitectos, sacerdote y comunidad, en la discusión pastoral de la primera capilla-salón que se construyó (Fig. 02). «Donde antes simplemente se construiría una capilla, sirviendo sólo a una parte de la actividad religiosa del lugar —la oración en común— se propone ahora la construcción de un edificio que, con la misma superficie y coste, sirva no sólo como lugar de culto, sino también como lugar de encuentros, cursillos, convivencias, fiestas, juegos, catequesis, etc.»[11].

Este tipo de edificio se puede leer como resultado de la yuxtaposición de dos volúmenes perpendiculares: el más pequeño exclusivamente litúrgico y el otro para desarrollar actividades recreativas: salón, salas de reuniones y otras instalaciones de apoyo, como el bar. Gracias a la gran puerta corredera, la asamblea se puede extender por el salón en días de mayor afluencia[12] (Fig. 03). La organización formal de la asamblea en L y el presbiterio recuerdan a la iglesia alemana de Santa Ana, en Duren (Rudolf Schwarz, 1951/56), cuya nave fue publicada por el SNIP en 1961 como ejemplo de unidad y convergencia de la asamblea en el altar[13]. Pero en la capilla-salón, la unidad espacial no está del todo conseguida, debido a la discontinuidad del techo, reforzada por la pared de separación entre los dos volúmenes.

La distribución y el diseño de los elementos que componen el presbiterio, ubicado en el cruce de las dos naves que componen la L, refleja la atención dedicada a la funcionalidad del espacio litúrgico que focalizó parte de la investigación arquitectónica de los años 60. Se destaca la opción por un altar cuadrado que permite la celebración en los dos sentidos de la asamblea (Fig. 04). Buscando satisfacer las necesidades y respetando las posibilidades económicas de las diferentes comunidades, el salón podría extenderse hasta doscientas plazas (Fig. 05). Sin embargo, tanto el salón como el presbiterio mantienen en esencia el mismo diseño. Para garantizar la diversidad de uso y la polivalencia del espacio, el salón estaba equipado con sillas independientes.

El acceso al interior del edificio se realiza a través de un porche, lugar de acogida dibujado a escala familiar: una entrada para la *casa de la comunidad*. El banco que a veces existe en el exterior expresa la voluntad de transformar un espacio de paso en espacio de encuentro. El porche, en sus distintas versiones tiene dos entradas independientes: una principal para el salón (puerta de dos hojas) y una con carácter secundario para la capilla (puerta de una hoja)[14]. Esta opción de proyecto revela la comprensión de la función principal del edificio, que en algunos casos fue designada como *salón-capilla*.

En las variantes rurales, la identidad religiosa de la construcción quedaba definida por la presencia del campanario y por el nuevo *rosetón* (cuadrado) alineado con la cumbrera del tejado, coronada por una pequeña y discreta cruz metálica. Los elementos de mortero de cemento en color natural que contrastaban con las paredes blancas —representativos de un lenguaje moderno— fueron pintados en color ocre o cobalto, contribuyendo a conseguir una imagen aún más tradicional (Fig. 06).

MODELO D

En las variantes urbanas, construidas en barrios marginales, la opción era más radical: el tejado a dos aguas dio lugar a una cubierta en fibrocemento, el campanario fue abandonado, pero la organización interna se mantuvo. En la periferia de Lisboa, caracterizada por numerosas construcciones ilegales, las capillas-salón fueran pioneras en la creación de centralidades, incluso antes que las escuelas, centros de salud, etc. Se buscaba ir más allá de las iglesias provisionales dedicadas únicamente a la celebración de la liturgia: una obra de referencia pastoral y social, soportada por una tipología arquitectónica necesaria, útil y versátil, en ocasiones compartida por comunidades más ricas del centro ciudad (Fig. 07).

En resumen, el proyecto era «tipo», pero precisamente por eso, también adaptable y por lo tanto «susceptible de variantes en cuanto a la configuración externa, de acuerdo con las necesidades del lugar, las condiciones del terreno o del entorno urbano»[15] (Fig. 08).

MODELO H

El éxito de las capillas ya descritas —modelos A y C— condujo a la voluntad de adaptarlas a la escala de



Fig. 09. Capilla da Apelação, Loures, 1971/72.

En la otra página:
Fig. 10. Capilla Bairradas, Caldas da Rainha, 1979.
Fig. 11. Boletín «Novas Igrejas do Patriarcado», 1971.
Fig. 12. Iglesia de Terrugem, Sintra (siglo XVI-XVIII); capilla de Santa Susana, Sintra, 1972/75.

ción de la capilla-salón, mientras que en la planta baja el área correspondiente al espacio litúrgico daba lugar a las capillas funerarias y la del salón a una área de almacén.

Los años pasaron y las comunidades, tan pronto como pudieron, convirtieron el almacén en un salón, anulando el propósito de espacio flexible (Fig. 09).

Durante la década de 1970 y principios de la siguiente, los salones se utilizaron con regularidad para otros fines no litúrgicos. A medida que los pueblos se fueron dotando de espacios culturales alternativos, se perdió la vitalidad del espacio polivalente. Si en un primer momento la construcción de los edificios religiosos fue sinónimo de la participación activa de las comunidades, después de que el trabajo hubiera sido terminado la fragilidad de la dinámica comunitaria quedó de manifiesto. Este fenómeno tuvo una traducción inmediata en la dificultad de mantenimiento, gestión y animación de los espacios propuestos. El espacio flexible que también podía ser iglesia paso a ser iglesia de modo permanente. De hecho, las sillas dieron lugar a bancos separados por un pasillo central, haciendo del salón, iglesia.

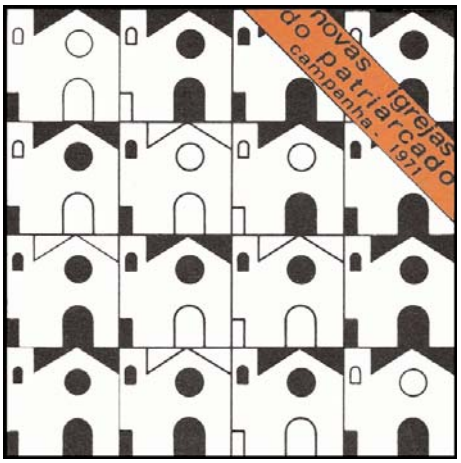
MODELO B

Los caminos propuestos iban contra muchos hábitos y prejuicios arraigados, pero los arquitectos colaboradores del SNIP compartían la firme convicción de que la iglesia no podía ser vista «como un objeto que adorna las ciudades, sino sobre todo como la casa de la asamblea cristiana (...) no excluyendo necesariamente el signo externo de símbolo de la presencia de la iglesia en la ciudad»[17]. Tal vez por esto, en los años 70 se desarrolló otro modelo de capilla-salón, una propuesta aún más audaz y más comprometida con la tradición que las soluciones ya descritas (Fig. 10). Exteriormente la capilla era fácilmente reconocible: un campanario con una cruz y un porche precedían a la nave, de longitud variable. Para el interior se propuso la instalación de una puerta plegable que cerraría el presbiterio salvaguardando «la dignidad sacra» de la capilla, cuando el edificio fuera utilizado para fines socioculturales[18]. Se exploró la utilización polivalente de la nave de la asamblea y simultáneamente la máxima reducción del espacio litúrgico a su área mínima, el presbiterio. De alguna manera, la discusión de la flexibilidad de las iglesias provisionales de Otto Bartning construidas después de la II Guerra Mundial, publicadas en la revista francesa *L'Art Sacré*[19] fue retomada en iglesias de carácter definitivo. Curiosamente, de las nueve capillas construidas no hay noticia que ninguna haya materializado dicha puerta...

MODELO G

Consciente de la importancia de la diversidad de soluciones posibles y refutando la existencia de un único modelo satisfactorio, el SNIP lanzó otra propues-

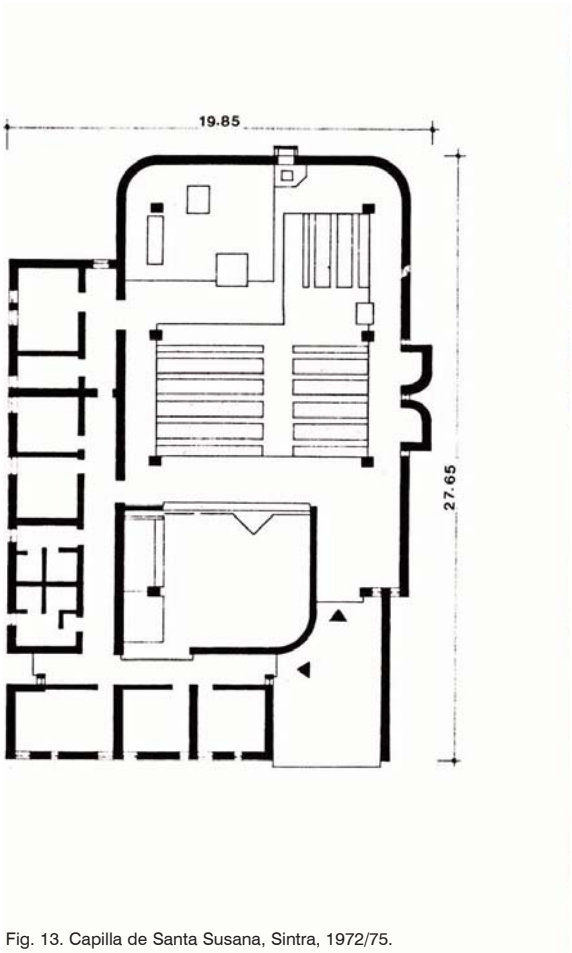



novas igrejas
do patriarcado
campanha - 1971









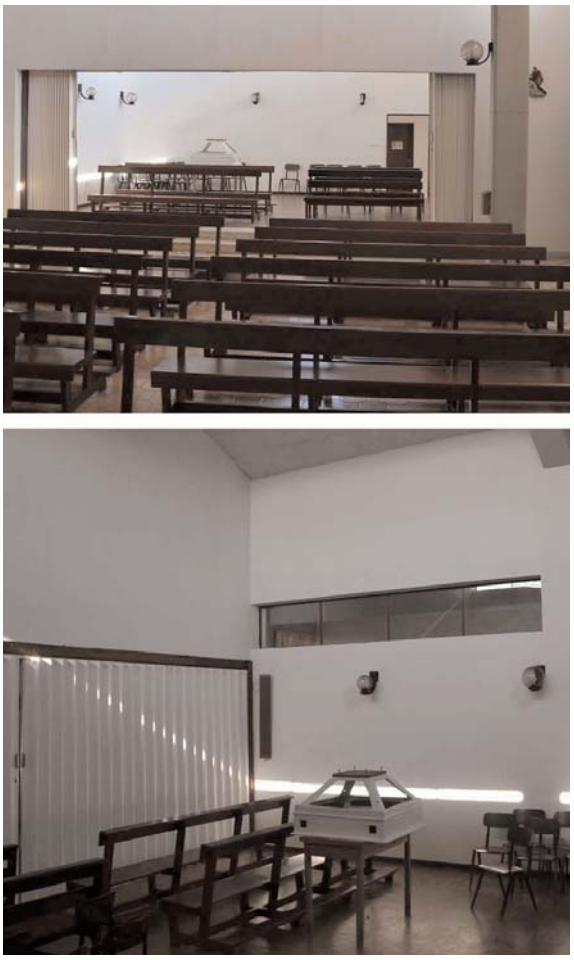


Fig. 13. Capilla de Santa Susana, Sintra, 1972/75.

ta (Fig. 11). Desde el exterior el modelo G se presenta como un volumen compacto a dos aguas coronado por una cruz, abrazado por un cuerpo más bajo en L. «Sin pretender hacer 'arquitectura regional de gusto popular', actitud estéril y por lo general sin éxito, hubo (...) la preocupación de integrar los elementos característicos de las muchas y bonitas iglesias y capillas de la región»[20]. El cuerpo más bajo —una reinterpretación formal del porche tradicional— alberga ahora las salas para grupos y otras dependencias (Fig. 12).

A semejanza de otros modelos presentados, el acceso al interior de este pequeño complejo se hace por un porche de carácter doméstico. El tratamiento diferenciado de las puertas refuerza lo que la lectura volumétrica del conjunto anticipaba: la importancia del espacio litúrgico frente a las salas de reunión. La asamblea se organiza en torno al altar y el salón se reemplaza por una «sala multifuncional que sirve de extensión en las ocasiones de mayor afluencia»[21]. En este modelo, el área más grande se dedica a la propia capilla, a diferencia de los primeros modelos presentados (Fig. 13).

Aunque el campanario no formara parte del proyecto original del modelo G, fue construido posteriormente por separado, a petición de algunas comunidades que buscaban un símbolo de referencia cristiana en el paisaje.

CONCLUSIÓN

Con la presentación de algunos de los modelos de las capillas-salón y sus variantes, hemos querido evidenciar el modo en que se ha tratado la síntesis/adición de los espacios litúrgicos y pastorales, ora valorando mas la liturgia, ora valorando mas la pastoral. La urgencia y la rapidez con la que fueron construidas las capillas-salón en las décadas de los años 60 y 70, las hicieron laboratorios de experimentación, probando la flexibilidad y polivalencia del espacio religioso. Algunos de los complejos parroquiales construidos en Lisboa durante las siguientes décadas, aparecen en continuidad con las propuestas presentadas, también éstas basadas en una pastoral madura arraigada en la vida comunitaria[22].

«Se puede decir, que aunque se haya hablado tanto de 'polifuncionalidad', todavía no hay coraje para un verdadero uso polivalente de los edificios religiosos. Aceptamos con facilidad que en un salón de fiestas se pueda celebrar misa, pero se resiste a la idea de utilizar los espacios litúrgicos para asambleas no 'religiosas'»[23]. La crítica hecha hasta entonces sigue vigente hoy, en un momento en que la experiencia religiosa y espiritual forma parte, cada vez más, de la esfera de la vida íntima y privada.

PROCEDENCIA DE LAS IMÁGENES

Fig. 01. Archivo SNIP (Secretariado da Novas Igrejas do Patriarcado [de Lisboa]). *Novas Igrejas* 5/6 (1962).

Fig. 02. Archivo Diocesano de Santarém.

Fig. 03. Fotografías del autor en el estado actual (2013).

Fig. 04. Fotografías del autor en el estado actual (2013); archivo SNIP_6.1.5.

Fig. 05. Archivo SNIP (sin fecha).

Fig. 06. Fotografías del autor en el estado actual (2013).

Fig. 07. Archivo SNIP_1.37.1.

Fig. 08. Archivo SNIP. *BIP-Boletim de Informação Pastoral* 56/57 (1969).

Fig. 09. Archivo SNIP_7.1 (sin fecha).

Fig. 10. Archivo SNIP_17.12.2.

Fig. 11. Archivo SNIP (1971).

Fig. 12. Archivo SIPA (Sistema de Informação para o Património Arquitectónico), IPA.00006099; foto 00504652 y 00531576; fotografías del autor en el estado actual (2013).

Fig. 13. Archivo SNIP_11.8.1; fotografías del autor en el estado actual (2013).

NOTAS

(1) Cf. «Capela para o lugar das Fontaínhas, Santarém», *Novas Igrejas* 5/6 (1962): 18-19; «Capela para o lugar da Malásia, Caldas da Rainha», *Novas Igrejas* 5/6 (1962): 20-21.

(2) La región *saloia* corresponde a los municipios con características rurales alrededor de Lisboa.

(3) «Programa de construção de novas igrejas», *Boletim Informação Pastoral* 46/47 (1966): 26.

(4) Cf. «Fuera de la capital son necesarias para responder a las necesidades, en algunos casos urgentes, de las poblaciones, mas de cuarenta y seis iglesias parroquiales, sin contar con las nueve que será necesario ampliar o sustituir por ser insuficientes (....) una encuesta reciente revela que para las exigencias de una pastoral misionera se requieren ciento quince capillas diseminadas por el vasto territorio de la diócesis» (Cardenal Cerejeira, «Decreto da criação do Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado de Lisboa», *Novas Igrejas* 1 (1961): 4-6.

(5) Cf. «Problemas que se põem na construção de igrejas: o aproveitamento pastoral», *Boletim Informação Pastoral* 46/47 (1966): 28-29.

(6) «Novos Conceitos de Igrejas», *Boletim Informação Pastoral* 56/57 (1969): 28.

(7) «Programa de construção», 27.

(8) «Problemas que se põem», 29.

(9) Las memorias descriptivas de los proyectos de las capillas-salón tipo A y C, integran parte del texto del «Programa de construção...»: consideraciones generales sobre el centro parroquial.

(10) Cf. Cardenal Patriarca de Lisboa, *Carta Pastoral ao Clero do Patriarcado*, 22 de enero de 1969.

(11) Cf. *Novas Igrejas* 11 (1968), sin paginar.

(12) Cf. «Igreja-Salão da Achada, Mafra. Memória Descritiva. Projecto-Tipo Ref. II A1», SNIP (25 de mayo de 1971), P. 9.10.1; cf. «Igreja-Salão do Barril, Mafra. Memória Descritiva. Projecto-Tipo Ref. IIC1», SNIP (9 de noviembre de 1971), P. 9.5.1.

(13) Cf. «O espaço da celebração litúrgica», *Novas Igrejas* 4 (1961): 6-15.

(14) Mas allá de su dimensión menor, la ubicación de la puerta de la capilla, no axial al altar y lateral a la fachada principal, le confiere un carácter secundario.

(15) *Novas Igrejas* 14 (1971), sin paginar.

(16) Las fechas de los primeros proyectos de capillas-salón son: modelo A (1967), modelo C (1970) y modelo H (1971).

(17) *Novas Igrejas* 12 (1969), sin paginar.

(18) «Capela de Louriceira, Torres Vedras. Memória Descritiva. Projecto-Tipo Ref. IIB1», SNIP (25 de enero de 1972).

(19) Cf. «Détruisez le Temple… Le problème des églises provisoires», *L'Art Sacré* 9/10 (1958); Otto Bartning, «Une expérience allemande», *L'Art Sacré* 9/10 (1958): 22-28.

(20) «Memória Descritiva. Projecto-Tipo Ref. IIG»; *Capela de Arrimal. Porto de Mós* (SNIP, 30 de enero de 1970).

(21) Loc. cit.

(22) Pueden verse los siguientes proyectos de este tipo: Alberto Camacho, São Domingos de Benfica, Lisboa, 1973; Diogo Lino Pimentel, Santo Antonio de Cavaleiros, Loures, 1982; Pedro Vieira de Almeida, Nossa Senhora da Conceição de Olivais Sul, Lisboa, 1988.

(23) *Novas Igrejas* 14 (1971), sin paginar.

Senhora da Boavista, a Church by Agostinho Ricca for the 21st Century

João Marques
CENTRO DE ESTUDOS DE ARQUITECTURA E URBANISMO, FACULTY OF ARCHITECTURE,
UNIVERSITY OF PORTO, PORTUGAL

This work focuses on a pilot district, designed and built by private enterprise in Porto (Portugal) from 1962, at a time when the city grew in several expansion bubbles, particularly as a result of a large-scale housing plan promoted by the municipality.
It is a project of modern design for a neighbourhood of the emerging upper middle class, jointly conceived by one single architect, consisting of housing, offices, shops, a luxury hotel, a swimming pool, a cinema, a church and parish centre and a kindergarten (not built), all arranged around a central garden.
The project for the church, designed in detail from 1974, would only be completed at the end of the 1990s, with the construction of the parish and social centre. This clearly post-conciliar church abandoned the longitudinal plant to build a cozy, familiar and flexible space, with an architectural language marked by the dominant concrete, softened by stained glass, wood and white marble.
Recent work on the archive of the architect Agostinho Ricca (1915-2010) allowed a deeper reading of this global project by making evident the care taken from the initial studies, throughout the development of the project (which involved many recognized artists) and until the construction phase.
The project was developed at different scales, from the urban area to furniture design, from the choice of the church location to the mobile altar proposal. The sliding doors in the church allow the use of the Sunday liturgical space for concerts and conferences. The originally requested auditorium gave way to a multipurpose room used nowadays as recreation space for children of catechesis. These are some of this building's keys to success, which were to the profit of the whole community.
The different choices in the course of the project reflect a deep understanding of the architectural discussion in that period. Having visited modern churches in central and northern Europe, Ricca refused the huge structures of traditional parish centres.
It is worth noting that the present church, the most flexible public building from the ensemble, is the only one that remains in use nowadays. This paper aims to reveal the success of this project of Portuguese religious architecture of the second-half of the 20th century, which is still capable of serving the population at the beginning of the 21st century.

1. FRAMEWORK

The modernist architect Agostinho Ricca (1915-2010), student and teacher at the Fine Arts School of Porto, designed the Our Lady of *Boavista* church (Porto 1974-1999), when he was 60 years old.

In the late 1950s, the expansion towards the outskirts of the city was the highest priority. The city suffered from a general housing shortage and poor housing conditions. This was the background for the changes that began to take place in more remote areas of the city, with small detached family houses giving way to new housing blocks. This important moment caught the attention of the Bishop[1] as the opportunity for the church to henceforth play an active role in the city's life by helping create a more coherent social urban grid. The city master plan of 1962

forecasted more religious facilities to be built. A few years later, new churches and parish houses were commissioned according to the renewal principles of the Vatican II Council[2].

To the west of the city, following the construction of the freeway leading to the then recent *Arrábida* bridge, new land became available for housing.

2. THE PROJECT

"Graham", as the site is known, was an old textile industrial estate that operated until the late 1950s. The Dehonian community settled then in the old factory site converted into a seminary[3]. With the *Boavista* project came the opportunity to integrate an emerging upper-middle class matrix into a new area, basing it upon a diverse and generous design programme. In 1959 Ricca was invited by banker Cupertino de Miranda to review the initial neighbourhood proposal[4], and submit his own design. He proposed a long office and housing block in the west area of the site, devoting the eastern sector to leisure, a hotel and other facilities. This proposal is evidence of how far we'd come since the times of the council housing estates.

The above-mentioned seminary received, during the 1960s, many Italian priests, among them priest Giulio Carrara, later responsible for commissioning the *Boavista* church in 1974[5].

Ricca's original scheme comprised two main volumes, courtyards and a detached clock tower. The main square beside the church did not form a churchyard. The church wasn't meant to be the main feature of the public space. Instead, buildings such as the cinema, the hotel and the residents' club were the key pieces, and it isn't without some grief that we see them in a derelict state today.

The church project would only be completed at the end of the 1990s with the construction of the parish and social centre. We obtained a better grasp of the history of the design development by going through over 220 drawings in the architect's archive. The church became a very discreet beautiful building, set back from the hotel street facade and lower than the surrounding ones.

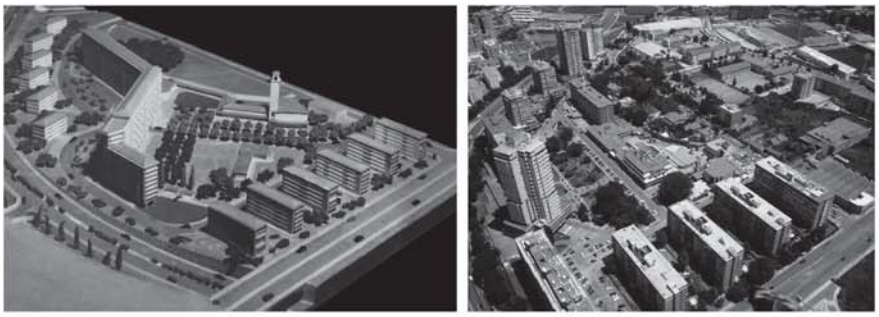


FIGURE 1. **Agostinho Ricca, Boavista Neighbourhood, Porto, Portugal, initial proposal model and aerial view. © Agostinho Ricca Archive, Teófilo Rego 1950s, Luís Ferreira Alves 1990s.**



FIGURE 2. **Agostinho Ricca, *Nossa Senhora da Boavista* church, Porto, Portugal © Ricca Archive, Teófilo Rego 1980s.**

The first church proposal was a lower building, with few openings. Identically, the parish house was almost completely self-enclosed. Archive sketches illustrate that a more open elevation was proposed to the internal area of the site, making it strongly resemble a house. It's safe to say that Ricca conceived this building as he would design a house[6].

Some religious buildings lack the sense of domestic feeling and unity that the Church seeks to transmit. Ricca had this in mind. The entrance is a welcoming space, with a seat and a low canopy over marble flooring. In the interior, the dining room communicates with the outside garden and there's even a fireplace, which Ricca always included in his housing projects. All of these details bear meaning in architecture.

Ricca integrated knowledge acquired abroad, when he visited many kindergartens and community buildings, into the design of the Sunday school rooms. In the central meeting area, a foyer covered by pyramid-shaped roof lights, is similar to the ones in the Residential Club/Hotel[7].

3. THE CHURCH, THE CORE OF THIS LARGE HOME...

The *Boavista* church wasn't the first church committed to[8]. From books and magazines, like *L'Architecture d'Aujourd'Hui* and *Werk*, he collected examples of what was being built throughout Europe. His personal library is a mirror of his refined taste and reveals the reason why he travelled so frequently.

Ricca, particularly interested in the worship space, whether Catholic or Protestant, in his first long professional trip abroad in 1949, visited modern Swiss churches, like those in Altstetten and Basel (*Johanneskirche*)[9]. In the 1960s he found in Justus Dahinden's work the meaningful qualities that meant so much to him: the communal spaces organized around the altar and the predominant presence of concrete, timber, and light. These were key elements that he applied in the *Boavista* church and were also present in the two other later churches he designed[10].

In his project description one reads:

> *We want to build a church that, despite looking different from the traditional buildings of its kind, would still be unequivocally recognized as a space for worship and prayer, full of mystical sense. Eventually, this came to influence the general scheme proposed. We had to choose materials that helped to carry the message through.*[11]

The Committee for Sacred Art reviewed the first design, issuing some concerns regarding the building's identity, the welcoming areas, the flexible use of the space and internal organization. The committee stated that a small cross should be added to the façade and the choir balcony should be deleted. The deep chancel that resembled too much a theatre stage was mitigated, as a compromise to get the community closer and more participative in liturgical ceremonies. The altar wasn't aligned with the centre of the congregation and there was no central aisle dividing the community. This was introduced later on, in the construction phase. Ricca also designed the church furniture. The seats distributed in a shell-like layout reflected a feeling of communion. The separation of the main liturgical hall from the holy chapel was an idea of the committee and Ricca's design responded in a functional way, proposing the separation by folding doors. The parish hall and services located in the crypt weren't approved. Like the liturgical areas they should have natural light and ventilation.

Ricca reviewed the project accordingly, as demonstrated by sketches and drawings. All those changes brought the design closer to the final built work.

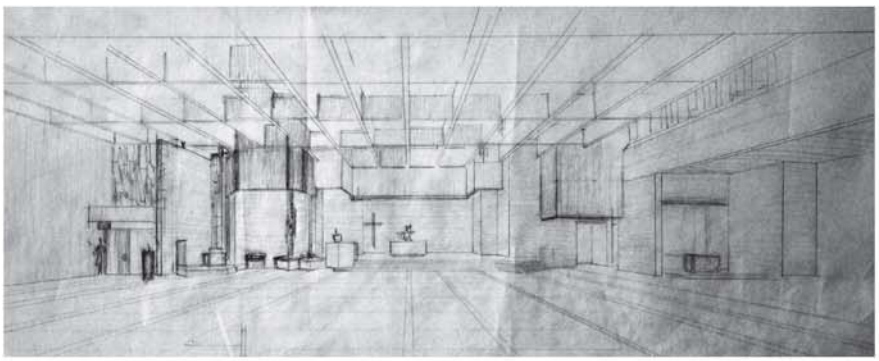


FIGURE 3. **Agostinho Ricca, Nossa Senhora da *Boavista* church, Porto, Portugal, interior perspective. © Agostinho Ricca Archive, Agostinho Ricca 1975.**

It's worth noting how Ricca integrated into the design the ideas of welcoming and mystery we mentioned before. The entrance to the church is not a straightforward transition. One must go up a few steps, then through a sheltered link connection that prepares the visitor to enter the liturgical space. Once inside, our eyes fix on the stained glass window and then shift towards the altar. The dense and comfortable carpet in the central aisle invites one to walk up to the altar, thus uniting the timber hall's floor with the marble of the chancel.

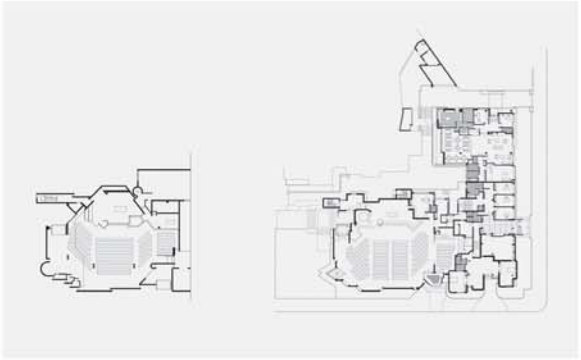


FIGURE 4. **Agostinho Ricca, Nossa Senhora da *Boavista* church, Porto, Portugal, plans – 1st and final solutions. © Agostinho Ricca Archive, Helena Peixoto 2013.**

Ricca conceived the neighbourhood, drawing each of the buildings. In the church project he went through all scales, from the building to the furniture.

For the holy chapel he detailed the altar, a marble block reminiscent of an ancient ceremonial stone. This piece contrasts with the main altar – a sculptural piece in copper, like the ambo, very rich in detail. Concerned about a more functional side, Ricca added a set of wheels to allow it to be moved, in case the main room was used for functions other than liturgical services, thus answering the committee's request for a more flexible use of the space.

The attention given to detail in this building is impressive. Notice the presence of the white linens in the composition and how they fold over the softened edges of the altar, elegantly and enhanced by the natural light.

A poetic feeling comes to our minds when thinking of such an image, recalling Gaston Bachelard's words:

> *...Everything breathes anew,*
> *the cloth is white,*
> *the cloth, this handful of whiteness was enough to anchor the house in its centre"*[12]

30 years after Ricca began designing the Boavista church, already in his 1990s, work was yet to be completed. The pipe organ was missing[13]. Ricca then sketched what it should look like. Being as much passionate for music as for architecture, he dreamed of a pipe organ occupying a high noble space in the room – after all, music was an inseparable component of architecture, as he pointed out in 2001 when presenting his book:

> *To Paul Valéry, mute buildings [...] have no Architectonic interest (and, in cities, they are always the majority). Those that "speak" are the ones that adequately serve the purpose they were designed for. But those that "sing", they are the high examples of the great Architecture – that of transcendent beauty*[14].

REFERENCES

BACHELARD, Gaston, *La Poétique de L'espace*, Paris, Presses Univ. de France, 1958.
COMMITTEE FOR SACRED ART, *Parecer sobre o Ante-projecto*, Porto 22h March 1974, Porto Diocese Archive.
MARQUES, João Luís, *"Viagens e Memórias. Arquitecturas do 'Centro'"*, *Agostinho Ricca: Arquitectura, Obra e Desenho*, Lisboa, Uzzina Books, 2015, 28-31.
PEIXOTO, Helena, *A Luz nas Três Igrejas de Agostinho Ricca*, (supervisors: João Luís Marques and José Alberto Lage), Porto, FAUP, 2013.
RICCA, Agostinho, *Memória Descritiva*, Porto, Porto Diocese Archive, 14h June 1974.
RICCA, Agostinho, *"Somente duas Palavras [2001]"*, *Agostinho Ricca: Arquitectura, Obra e Desenho*, Uzzina Books, 2015, 142-143.
"Seminário Apostólico Padre Dehon", *Voz do Pastor*, Ano XLII, No. 9, Porto, 24th March 1962, 1.
"Visita do Superior Geral ao Seminário Padre Dehon", *Voz do Pastor*, Ano XLIII, n. 11, Porto, 6th April 1963, 5.

NOTES

Assignment co-financed by the European Regional Development Fund (ERDF) through the COMPETE 2020 – Operational Programme Competitiveness and Internationalization (POCI) and national funds by the FCT under the POCI-01-0145-FEDER-007744 project.

1 D. Antônio Ferreira Gomes (1952-82) and the apostolic administrator D. Florentino de Andrade e Silva (1959-69).

2 11 of the now existing 26 parish churches in Porto were inaugurated in the second half of the 20th century: 5 replaced smaller churches, 2 were provisional chapels in council housing estates and 4 were built in new areas of the expanding city, being handed over to religious orders: Dominicans, Capuchins, Claretians and Dehonians (*Nossa Senhora da Boavista*).

3 *"Seminário Apostólico Padre Dehon"*, *Voz do Pastor*, Ano XLII, n. 9, Porto, 24th March 1962, 1.

4 The first proposal for this site was a design by Nikita Gröer (son of the polish urbanist Ettiene Gröer) and it consisted of a series of blocks perpendicular to the adjacent *Boavista* avenue. A long 10 storey building divided the site in two. To the north, a series of smaller parallel blocks was proposed at an angle with the freeway. To the south, the school, the kindergarten, the restaurant and the commercial services were connected to the church, which was the scheme's most predominant building.

5 The italian priest Giulio Carrara (1930-) was ordained in Bologna in 1958 at Cardinal Lercaro's time, to whom building churches on the outskirts was an opportunity not to be overlooked.

6 An archival picture of a house that Ricca designed in the early 1950s can be used to analyze the general principles that the architect employed in his work, which he continued integrating in many projects since, the church being no exception. There's a large garden, extending all the way to the walls of the house, a terrace over an extension of a lower single storey volume, and an inviting and welcoming porch. These very elements can be found in the church and parish house project. It seems that the garden is missing but drawings reveal a garden, which hasn't been built. Although the inner garden wasn't built, green spaces surround the building, which soften the junction of the concrete walls with the ground.

7 Recently rehabilitation works replaced this glass structure, ignoring the architectural value and the unity of the buildings.

8 In the research process we identified *Monte da Virgem* church (Vila Nova de Gaia) a 1940s project with clear affinity with G. Muzio churches, with whom A. Ricca worked in the city council master plan office. Later versions, from the 1960s, show a spine scheme with a double-pitched roof and exposed masonry walling. Ricca aimed to merge together traditional construction techniques with a modern way of design, something that the architects of the Portuguese Movement for Renovation of Religious Art were also exploring at that time. A. Ricca was not a member of this movement.

9 Cf. João Luís Marques, *"Viagens e Memórias. Arquitecturas do 'Centro'"*, *Agostinho Ricca: Arquitectura, Obra e Desenho*, Lisboa, Uzzina Books, 2015, 28-31.

10 St. Antônio Sanctuary, Vale de Cambra (1986-93), Sagrada Família Church, Chaves (1994-).

11 Agostinho Ricca, *Memória Descritiva*, Porto, Oporto Diocese Archive, 14h June 1974.

12 Gaston Bachelard, *La Poétique de l'Espace*, Paris, Presses Univ. de France, 1958, 62. Free translation.

13 The existing pipe organ does not correspond to Ricca's design. It was built in 2004 by a Spanish organ maker Joaquín Lois Cabello from Tordesilhas.

14 Agostinho Ricca, *"Somente duas Palavras [2001]"*, *Agostinho Ricca: Arquitectura, Obra e Desenho*, *op. cit.*, 143.

CRÉDITOS DAS IMAGENS

v
Fernando Abrunhosa de Brito, Glauco Gresleri (col. Particular)

viii
Madalena e Maria Sanches Marques (2017)

viii
a. *L'Art Sacré*, nº1, (Jul.Set.1945).

xx
b. *Arquivo MRAR*

xxiv
c. *Arquitectura Popular em Portugal (1961), vol.1, p.190.*

Capítulo 1 'Arte Viva'

1.
a. Alfredo Guimarães, *Cardeal Cerejeira no Brasil*, Federação (Rio de Janeiro: Editorial Alba Limitada, 1935), capa.
b. *Espólio 'Restos de Colecção'.*
c. *Arquivo Público do Distrito Federal.* [excerto]

2.
a. MRAR, «Boletim - movimento de renovação da arte religiosa», nº 4, (Abr.1958).
b. *Chiesa e Quartiere*, nº 6, (Jun.1958), capa.

3.
a. «O cardeal construtor de igrejas», *Flama*, nº195, (30.Nov.1951), pp.12-13.
b. *Arquivo AML*, PT/AMLSB/JBG/S01193.
c. D. Manuel Gonçalves Cerejeira, *Obras Pastorais, Quarto Volume 1948-1953* (Lisboa: União Gráfica, 1954), capa.

4.
a. *Revista oficial do sindicato nacional dos Arquitectos*, (Nov.1938), capa.
b. Pardal Monteiro. Fotobiografias do século XX, (Lisboa: Círculo de Leitores, 2009).

5.
a. Postal ilustrado (col. Particular).
b. Postal ilustrado (col. Particular).
c. Horácio Novais, *Arquivo FCG*, CFT164 01155.ic.

6.
a. Postal ilustrado (col. Particular).
b. c. José Ângelo Cottinelli Telmo, «Projecto duma igreja», *A Arquitectura Portuguesa e a Cerâmica e Edificação*, nº 2, (Fev.1933), p.12 e 9.

7.
a. b. «A exposição de construção colonial», *A Arquitectura Portuguesa e a Cerâmica e Edificação*, nº117, (Dez.1944), p.8 e capa.
c. *Arquivo FCG-RL*, RLA 405.2.
d. «Portugal Missionário», em *Cadernos do Ressurgimento Nacional* (Lisboa: Edições Secretariado Nacional de Informação SNI, c. 1945), capa.

8.
a. Postal ilustrado (col. Passaporte-Loty).
b. *Arquivo AML*, PT/AMLSB/JBN/004741.
c. A*rquivo AML*, PT/AMLSB/JBN/004739.

9.
a. *Arquivo AML*, PT/AMLSB/PAS/001828.
b. *Arquivo AML*, PT/AMLSB/JBN/004573.
c. *Arquivo Paróquia São João de Deus* (Lisboa).

10.
a. *Portugal aos pés de Cristo Rei* (Lisboa: Litografia Celta, 1959), capa e páginas centrais.
b. Mário Novais, *Arquivo FCG-MN.*
c. Armando da Silva Brandão, *Cristo sobre o Tejo* (Portugal: Ulyssea Filme, 1950).

11.
a. Postal ilustrado (col. Particular).
b. *Kirchenbau und Politik. Deutsche evangelische Kirchen auf der Iberrischen Halbinsel 1900-1945* (Petersberg: Michael Imhof Verlag, 2003), p.239.
c. [TENT:n124], Archief Tentoonstellingsraad, Nederlands Architectuurinstituut.

12.
a. *Arquivo SIPA.*
b. Postal ilustrado (col. Particular).
c. d. e. f. Postais ilustrados (ed. Mosteiro de Singeverga).

13.
a. «Arquitectura Religiosa Moderna em Portugal», *Arquitectura*, nº60, (Out.1957), p.25.
b. *Arquivo FCG-MRAR.*
c. Carlos Antero Ferreira, *Betão aparente em Portugal* (Lisboa: Associação Técnica da Indústria do Cimento, 1972), p.27.
d. Postal ilustrado (col. Particular).

14.
a. b. *Arquivo FCG-Biblioteca de Arte.*
c. *Arquivo FML-TR*, PT-FML-TR-PES-11-004.
d. Armando Maia Serôdio (1959) *Arquivo AML*, PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/SER/I00343.
e. «painel nº33 EARC», *Arquivo FCG-MRAR*, 1953. [excerto].

15.
a. c. «Construção e inauguração dum novo santuário ao Imaculado Coração de Maria em

Alimonde - Bragança», *Mensageiro de Bragança*, (9. Ago.1963), pp. 2 e 4. publicadas em João Cepeda, *Nadir Afonso arquitecto* (Casal de Cambra - Sintra: Caleidoscópio, Fundação Nadir Afonso, 2013), pp.184 e 186.
b. Postal ilustrado (col. Particular).
d. *Arquitectura*, nº 60, (Out.1957), p.31
e. Sofia Nunes Vechina, «Arquitetura Religiosa de Januário Godinho em Ovar e Válega», *Revista da Faculdade de Letras. Ciências e Técnicas do Património. Porto,* vol. IX-XI, (2010-2012), pp. 451.

16
a. Postal ilustrado (col. Particular).
b. «Da cidade à arquitectura: enquadramento no tempo e no espaço», em *Igreja de Nossa Senhora de Fátima em Lisboa 75 anos* (Lisboa: Printer Portuguesa, 2013), p.38.
c. Postal ilustrado (col. Particular).
d. *Arquivo AML*.
e. Postal ilustrado (ed. E.S. - col. Particular) [excerto].
f. Postal ilustrado (col. Particular).

17.
a. Poster, *Arquivo FCG-MRAR*, recorte de imprensa «A igreja de S. João de Brito», *Novidades* (26.Ago.1961).

18.
a. «painel nº5 EARC», *Arquivo FCG-MRAR*, 1953. [excerto].
b. *Arquivo IARP* (1955), PT-OA-IARP-LRA-PNI02-002.
c. *Cahiers de L'Art Sacré*, nº1, (Jul.1945), contracapa.

19.
a. «painel nº15 EARC», *Arquivo FCG-MRAR*, 1953.
b. *Cahiers de L'Art Sacré nº1*, (Jul.1945), pp.4-5.

20.
a. b. c. d. e. *Espólio da Quinta da Cardiga*, reunido por Luís Baptista.

21.
a. *Espólio Família Frade Pereira,* reunido por Tomás Crespo.

22.
a. Fotografias do autor (2017).

23.
a. b. Foto Beleza (1942), *Espólio Fotográfico Português*, FDM04066/67.
c. Postal ilustrado (Foto Adriano Famalicão, Edição de Sousa Lopes).

24.
a. Postal ilustrado (Edit Bernard, Le Raincy).
b. d. f. «painel nº18 EARC», *Arquivo FCG-MRAR*, 1953. [excertos].
c. Postal ilustrado (col. Particular).
e. Postal ilustrado (Photoglob - Wehrli AG., Zurich).

25.
a. «painel nº28 EARC», *Arquivo FCG-MRAR*, 1953.

26.
a. *Arquivo AMP*, LO-1954-0049-0077.
b. *Arquivo AMP*, LO-1954-0049-0069.
c. Teófilo Rego, *Arquivo FML-T*R, PT-FML-TR-COM-833-002.
d. *Espólio da Província Portuguesa da Ordem de S. Domingos*, reunido por frei José Carlos Lopes Almeida.

27.
a. *Arquivo AML*, PT/AMLSB/JBN/005083,.
b. Postal ilustrado (Ed. D'art, Guy), 1956.
c. João Carvalho (www.wikilovesmonuments.org.pt).
d. Espólio 'A.D.A. panoramio'

28.
a. João Correia Rebelo, manifesto 'Sr. Ministro' ... 'Sr. Prior' (Ponta Delgada: 1956).
b. «A igreja de S. Gabriel», *Novidades*, (2.Ago.1951), p.1.
c. *Arquivo SNIP*.

29.
a. «Da arte moderna e seus desvairos», *Flama*, nº314, (12.Mar.1954), pp.12-13.
b. «S. João de Deus, a nova e monumental igreja de Lisboa», *Flama*, nº261, (6.Mar.1953), pp.12-13.
c. «Templo-Monumento ao Santo Condestável», *Flama*, nº181, (24.Ago.1951), p.3.

30.
a. Postal ilustrado (Cramers Kunstanstalt, Dortmund).
b. «Allemagne 1950», *L'Art sacré*, nº3-4, (Nov.-Dez.1950), pp.20-21 .

31.
a. Ana Tostões, *Arquitectura e Cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira,* (Lisboa: Quimera, 2004), p.160. *Espólio "águas de penamacor"*
b. «Chroniques Toujours la Pauvreté», *L'Art Sacré*, nº5-6, (Nov.-Dez.1950), p.23.
c. Rudolf Schwarz, *Kirchenbau* (Heidelberg: F. H. Kerle Verlag, 1960)

32.
a. *Arquivo AMC* (c.1930), PT/CMCSC-AHMCSC/AEMP/HPL/A/001/001 LV 001/0642.

b. c. João da Cruz Viegas (1949) em Guilherme Cardoso, Jorge Miranda, e Carlos Teixeira, *Registo Fotográfico de Alcabideche e alguns apontamentos históricos* (São Domingos de Rana: Junta de Freguesia de Alcabideche, 2003), p.158.
d. Fotografia do autor (2012).

33.
a. b. *Arquivo SIPA,* Quinta da Torre, 00009053.
c. Postal ilustrado.
d. e. Fernando Cerqueira Barros e Fabíola Franco Pires, *A «Obra da Rua» no concelho de Paredes* (Porto: Fundação da Juventude, Ordem dos Arquitectos, 2012).

34.
a. b. c. *Espólio Ilfoto*, Covilhã.
d. *Espólio Jaime Martins Barata.*
e. Postal ilustrado (Edição Ideal da Beira).
f. Manifesto (Ponta Delgada, 1956) arq. João Correia Rebelo.

35.
a. b. c. *Arquivo CDFAUP-CC,*
CC 004_B32, CC 004_A03, CC 004_A14.
d. *Arquivo SNIP.*
e. Postal ilustrado (col. Particular).

Capítulo 2 'Formar Comunidades'

1.
a. *Arquivo AML*, PT/AMLSB/PAS/002824.
b. *Arquivo AML.*

2.
a. *Mundo Português imagens de uma exposição histórica 1940* (Edições Secretariado Nacional de Informação SNI, 1956), p.s/n.
b. Postal ilustrado (Neogravura L.da – Lisboa).
c. d. Cunha e Costa, Postal ilustrado, Secção Colonial da Exposição do Mundo Português. (Neogravura L.da – Lisboa).
e. «Arquitectura religiosa: uma capela no Alentejo», *Arquitectura*, nº26, (Dez.1935), p.169.
f. *Arquivo AML*,
PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/EDP/001770.
g. h. *Arquivo FCG-MN*, CFT003.3735-3770 [excerto].

3
a. *Arquivo FML-TR*, PT-FML-TR-COM-205-008.
b. *Arquivo FML-TR*, PT-FML-TR-PES-11-008.
c. Foto Alvão
d. *Moderno Escondido. Arquitectura das Centrais Hidroeléctricas do Douro 1953-1964* (Porto: FAUP publicações, 1997), p.94.
e. *Arquivo FCG-MN*, CFT003.76363.
f. *Arquivo FCG-MN*, CFT003.65217.
g. *Arquivo SIPA*, 00138591.
h. *Arquivo SIPA*, 00138604.

4.
a. *Revista Municipal CML*, nº57, (1958), suplemento.
b. Salvador de Almeida Fernandes, *Arquivo AML*, PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/SAL/I00076.
c. Eduardo Portugal, *Arquivo AML*, PT/AMLSB/EDP/S01170.

5.
a. *Revista Municipal CML*, nº5, (1940), suplemento.
b. Holstein Beck (1940), *Arquivo AML*, PT/AMLSB/BEK/008/003587.
c. *Arquivo AML.*

6.
a. Eduardo Portugal (1951), *Arquivo AML*, PT/AMLSB/POR/057703.
b. Paulino Montez, «Plano do Bairro da Encarnação», *Estudos de Urbanismo em Portugal - Lisboa, extensão Nordeste da cidade*, nº5-7, (1958), capa [excerto].
c. *Arquivo SNIP* [excerto].

7.
a. «A população do Bairro da Serafina recebeu com grande entusiasmo o Chefe do Estado», *Diário de Notícias*, (24.Jul.1961), p.1.
b. *Arquivo SNIP.*
c. Rómulo de Carvalho, *Memória de Lisboa* (Lisboa: Relógio de Água, 2000).

8.
a. *Arquivo SNIP.*

9.
a. Postal ilustrado (Edição dos Estúdios Fotográficos da Amadora).
b. *Arquivo SNIP.*
c. *Arquivo SNIP.*

10.
a. Manuel Franco Falcão, «Sondagem à assistência à missa dominical no Patriarcado de Lisboa», *Novellae Olivarum - revista dos alunos do seminário de Cristo Rei - Olivais*, ano XIV, número especial, (Jul.1956), suplemento.

11.
a. *Arquivo SNIP.*
b. c. d. Postais ilustrados (col. Particular.)
e. Postal ilustrado (Edição do secretariado paroquial da Benedita – Alcobaça, 1955).

12.
a. *Introducing Portugal, Arquivo TFA,* (Europa Telefilm, 1956).
b. *Portugal, Arquivo TFA,* (Trans World Airlines, 1962).
c. «Avenidas Novas», *Flama*, nº672, (20.Jan.1961), p.13.

13.
a. b. Augusto Vieira da Silva, *As freguesias de Lisboa* (Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1943), p.16 e capa.
c. D. Manuel Gonçalves Cerejeira, *Decreto Patriarcal «Remodelação Paroquial da Cidade de Lisboa»*, (25.Mar.1959).

14.
a. *Arquivo AML*,
PT-AMLSB-CMLSB-UROB-PU-10-209-01, f.38.

15.
a. b. Glauco Gresleri, «Come nasce una nuova parrochia », *Chiesa e Quartiere*, nº3-5, (Out.1956), pp.42-43.

16.
a. *Arquivo SNIP*.

17.
a. *Arquivo AML*,
PT/AMLSB/CMLSB/UROB-PU/10/145, p.51.
b. *Arquivo AML*,
PT/AMLSB/CMLSB/UROB-PU/10/145, p.49.

18.
a. Postal ilustrado (Edição comemorativa d0 50º aniversário da fundação, Colégio de Maria Ss.ma Imaculada, Campolide - Lisboa, 1908).
b. Mário Novais, *Arquivo FCG-MN*, CFT003.653.
c. Eduardo Portugal, *Arquivo AML*,
PT/AMLSB/POR/019588.
d. Amadeu Ferrari, *Arquivo AML*,
PT/AMLSB/FER/008246.
e. Joshua Benoliel, *Arquivo AML*,
PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/JBN/001320.
f. Postal ilustrado.
g. Armando Maia Serôdio (1961), *Arquivo AML*,
PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/SER/I02910.

19.
a. J.P.R., Postal ilustrado (Postalfoto, Lisboa).
b. Eduardo Portugal, *Arquivo AML*,
PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/EDP/001720.
c. Foto Cabaço, *Arquivo AMC* [excerto].

20.
a. Artur Pastor, *Arquivo AML*,
PT/AMLSB/ART/000424.
b. *Arquivo AML*.
c. *Arquivo SNIP* [excerto].

21.
a. c. Armando Serôdio, *Arquivo AML*,
PT/AMLSB/SER/I00696.
b. *Arquivo FCG-MRAR*.

22.
a. Artur João Goulart (1964), *Arquivo AML*,
PT/AMLSB/AJG/S01199.
b. João Hermes Cordeiro Goulart (1968), *Arquivo AML*, PT/AMLSB/JHG/S02091.
c. *Arquivo SNIP*.
d. «Duas capelas provisórias em Lisboa», *Novas Igrejas*, nº2-3, (Out.-Dez.1961), p.11.

23.
a. *Arquivo AML*, PT/AMLSB/ABR/000041.
b. *Espólio Schönstatt Portugal.*
c. *Arquivo AML*.
d. *Espólio Radiocruzeiro.*

24.
a. b. *Arquivo AML*, PT/AMLSB/CMLSB/UROB-PU/10/167.
c. Fernando Schiappa de Campos (1956) em João Alves da Cunha, «MRAR e os anos de ouro (...) 1950 e 1960» (Universidade de Lisboa, 2014), vol.II, p.360.

25.
a. António Lopes Ribeiro, *Lisboa de hoje e de amanhã* (Portugal: Lisboa Filme, 1948). [Montagem de fotogramas].
b. *Arquivo da Paróquia S. Domingos de Benfica* (Lisboa, c. 1980).
c. *Arquivo da Paróquia S. Domingos de Benfica* (Lisboa , 3.Jun.1972).

26.
a. «"Dossier" Restelo. Plano de Pormenor (CML1971). Justificação», *Arquitectura*, nº130, (Mai.1974), p.13.
b. c. «"Dossier" Restelo 1973. Projecto para a Área Central. Justificação», *Arquitecturas*, nº130, (Mai.1974), p.19.

27.
a. Armando Serôdio (1959), *Arquivo AML*,
PT/AMLSB/SER/I00344.
b. Judah Benoliel, *Arquivo AML*,
PT/AMLSB/JBN/004894.
c. *M. Norberto Corrêa - Arquitectura e Urbanismo* (Uzina Books, 2013), p.76.
d. Raul Lino, *Arquivo FCG*, RLDA 560.0.
e. João Geraldes Brito (1970), *Arquivo AML*,
PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/JBG/S01333.

28.
a. José Artur Leitão Barcia, *Arquivo AML*,
PT/AMLSB/BAR/000869.
b. Postal ilustrado (Edição Paróquia de Arroios, Lisboa 1972).
c. *Arquivo AML*.

d. «Concurso de anteprojectos para a Igreja Paroquial do Sagrado Coração de Jesus e seus anexos», *Arquitectura*, nº76, (Out.1962), p.22.
e. Recorte de imprensa, *Arquivo SNIP*.

29.
a. d. e. Sebastião Formosinho Sanches, «Estudo aprovado pela CML (1962)», *Arquivo SNIP*, 1962.
b. Ana Tostões (coord), *Arquitectura e Cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira,* (Lisboa: Quimera, 2004), p.198.
c. «Concurso de anteprojectos para a Igreja Paroquial do Sagrado Coração de Jesus e seus anexos», *Arquitectura*, nº76, (Out.1962), p.17.
f. *Arquivo SNIP*.

30.
a. Luiz Cunha, «Meditação sobre as metrópoles de amanhã», *Arquitectura*, nº76, (Out.1962), p.2-3.

31.
a. Planta da Divisão religiosa do Plano Director da região de Lisboa (1964). *Arquivo SNIP*.

32.
a. *Espólio Espaço e Memória – Associação Cultural de Oeiras*.
b. Gonçalo Ribeiro Telles, em *Luís Cristino da Silva [arquitecto]* (Lisboa: FCG - CAM, 1998), p.149.
c. Luís Cristino da Silva, *Arquivo FCG-CS*, LCSDA54.518.

33.
a. b. c. *M. Norberto Corrêa - Arquitectura e Urbanismo* (Uzina Books, 2013), pp. 45, 51.

34.
a. *Arquivo AMO*, PT-MOER-MO-NF-004-01-000542B.
b. «SOLÁTIA Sociedade Nacional de Investimentos Imobiliários SARL», *Diário de Lisboa*, (29.Jan.1965), p.26.
c. Amadeu Ferrari, *Arquivo AML*, PT/AMLSB/FER/006228.
d. «Uma cidade-satélite vai aparecer em Carnaxide a seis minutos de Lisboa...», *Diário de Lisboa*, (23.Mai.1964). [recorte de imprensa]

35.
a. Ruy Jervis Athouguia. *Arquivo AML*, PT-AMLSB-RJA-12-03, f.7 e 15.

36.
a. b. Ruy Jervis Athouguia. *Arquivo AML*, PT-AMLSB-RJA-12-03, f.2 e 17 [excerto].

37.
a. c. Ruy Jervis Athouguia, *Arquivo AML*, PT-AMLSB-RJA-03-025, f.163 e 77.
b. Ruy Jervis Athouguia, *Arquivo AML*, PT-AMLSB-RJA-12-03, f.26.

38.
a. b. c. «Concurso Centro Cívico Carnaxide [separata]», *Jornal Arquitectos*, nº24-25, (Jan.-Fev.1984), p.S1 e S2.
d. Ana Tostões (coord.), *Arquitectura e Cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira*, (Lisboa: Quimera, 2004), p.215.

39.
a. b. Gaston Bardet, «L'Église dans la cité», *Cahiers de L'Art Sacré*, nº1, (Jul.1945), pp.19-20.
c. Gaston Bardet, «L'église dans la cité», *Chiesa e Quartiere*, nº 1-2, (Jan.-Fev.1956), p.10.

40.
a. J. Tyrwhitt, J. L. Sert, E. N. Rogers, *The Heart of the City: towards the humanisation of urban life*, (Nova Iorque: Pellegrini and Cudahy, 1952), capa.
b. «Parroisses pour notre temps», *Informations Catholiques Internationales*, nº 4, (15.Jul.1955), capa.
c. *Dieci Anni di Architettura Sacra in Italia 1945-1955* (Bolonha: Ufficio Tecnico Organizzativo Arcivescovile, 1956), capa.
d. Sigfried Giedion, *Arquitectura e Comunidade* (Lisboa: Livros do Brasil, 1955), capa.

41.
a. b. c. *Arquivo SNIP*.

42.
a. João José Mendonça Cortes, «Planta da cidade do Porto referida ao anno de 1903», Biblioteca Nacional Digital.
b. Foto Beleza, Postal Ilustrado (Compa Editora do Minho – Barcelos).
c. Teófilo Rego, *Arquivo FML-TR*, PT-FML-TR-COM-113-126.
d. Teófilo Rego, *Arquivo AMP*, F-NP/CMP/7/3226.
e. Postal ilustrado (col. Particular).

43.
a. Alexandra Trevisan da Silveira Pacheco, «Influências internacionais na arquitectura moderna no Porto (1926-1956)» (Universidad de Valladolid, 2013), p.134.
b. Teófilo Rego, *Arquivo FML-TR*, PT-FML-TR-PES-16-069.
c. *Espólio "Monumentos Desaparecidos"*.
d. Teófilo Rego, *Arquivo FML-TR*, PT-FML-TR-PES-11-006.

44.
a. Miguel Resende, «Plano parcial de urbanização (...) em Ramalde», *Arquivo AMP,* (Abr.1948) *Arquivo AMP*, D-CMP-03-526-013.
b. ARS, *Arquivo FML-TR*, PT-FML-TR-COM-58-002.
c. Miguel Resende, «Planta (...) zona residencial e Fabril», *Arquivo AMP,* (Abr.1948), D-CMP-03-526-012.

45.
a. b. Antão de Almeida Garrett, «Plano Regulador da Cidade do Porto», *separata da revista «Civitas»,* vol. VIII, nº 2 (Porto, Julho de 1952), p.s/n.
c. Gaston Bardet, «L'Église dans la cité», *Cahiers de L'Art Sacré*, nº1, (Jul.1945), pp.20.

46.
a. Carlos Moreira Azevedo (coord.) *História Religiosa de Portugal - Religião e secularização (vol.3)*, (Círculo de Leitores, 2002), p.266.
b. c. Alvão (1949), *Arquivo AMP*, F.ALB:8.

47.
a. P. Américo Monteiro de Aguiar, *O Barredo – lugar de mártires, de heróis, de santos* (Paço de Sousa, 1952), capa.
b. c. d. e. Foto Antony em P. Américo Monteiro de Aguiar, *O Barredo – lugar de mártires, de heróis, de santos* (Paço de Sousa, 1952), pp.25, 41, 57, 73.

48.
a. «A procissão fluvial e a benção da nova igreja da Afurada», *A Voz do Pastor*, (16.Jul.1955), p.1.
b. Tavares da Fonseca, *Arquivo CPF*, PT-CPF-TAV-VA-0047-000253 [excerto].

49
a. *Arquivo da Paróquia Senhora da Hora* (Matosinhos).
b. Ilda Fernandes, *Senhora da Hora. Comemorações dos 80 anos da paróquia* (Paróquia da Senhora da Hora, 2000), p.236.
c. Teófilo Rego, *Arquivo FML-TR*, PT-FML-TR-COM-399-137-141, PT-FML-TR-COM-399-136-141.

50.
a. b. *Arquivo ADP* (Senhora da Hora, Matosinhos)
c. «Fetiar-und-Regula-Hirche in Zürich», *Das Werk : Architektur und Kunst*, (Ago.1951), p.228.

51.
a. b. c. e. *Arquivo ADP* (Cedofeita, Porto).
d. *Arquivo FML-TR*, PT-FML-TR-COM-423-009-141.

52.
a. c. *Arquivo ADP* (Cedofeita, Porto).
b. Orlando Mota e Costa, *Igreja Paroquial de São Martinho de Cedofeita* (Porto: Igreja paroquial de S. Martinho de Cedofeita, 2007), p.34.

53.
a. Teófilo Rego, *Arquivo TR-FML*, PT-FML-TR-COM-549-002.
b. Teófilo Rego, *Arquivo FML-TR*, PT-FML-TR-COM-423-008.
c. Luiz Cunha, «Igreja de Nevogilde », *Arquitectura*, nº124, (Mai.1972), p.20. [editada].
d. Teófilo Rego, *Arquivo SNIP* [editada].
e. Teófilo Rego, *Arquivo ADP* [editada].

54.
a. b. c. d. Robert Auzelle, *Plano Director da Cidade do Porto* (Porto, 1962), mapas 8.2.1.1.; 3.2.4.1.; 3.2.1.1; 3.2.1.2. [excertos].

55.
a. *Arquivo AMP,* F-P/CMP/10/370(29).
b. Alvão em Instituto do Trabalho e Previdência, *Bairros de Casas Económicas 1934-1940* (Porto: Secção das Casas Económicas, 1940), p.s/n.
c. *Arquivo da Paróquia do Amial* (Porto).

56.
a. *Arquivo AMP* (Capela de Requesende, 1903).
b. *d. Arquivo ADP* (Senhora do Porto, 1967).
c. *Inventário Artístico de Portugal - Cidade do Porto* (Lisboa: Academia Nacional de Belas-Artes, 1995), p.s/n.

57.
a. *Arquivo AMP*, F-NP-CMP-07-01018.
b. Teófilo Rego, *Arquivo FML-TR*, PT-FML-TR-COM-205-015.
c. *Arquivo AMP,* F-NP/CMP/7/615.
d. João Alves Dias, *Nos Alvores da Obra Diocesana* (Porto: Obra Diocesana de Promoção Social, 2013), p.72.

58.
a. Gabinete de Urbanização CMP, «Plano Parcial de Urbanização da Zona da Pasteleira», *Arquivo DGT,* (1957).
b. *Espólio Domus Social, Arquivo AMP.*
c. *Arquivo AMP,* F-NP/CMP/7/314.
d. *Espólio "Do Porto e não só".*

59.
a. *Arquivo AMP*, F-NP-CMP-07-00721 e F-NP-CMP-07-00722.
b. Bernardo Chamusca, *Paróquia de Nossa Senhora da Ajuda* (Porto, 1992), pp.29, 75, 118, 123,
c. *Arquivo AMP*, DMESG-7828-0070 e DMESG-7828-0071.

Capítulo 3 'Equacionar Programas'

1.
a. Augustina Bessa-Luís et al., *Paróquia do Santíssimo Sacramento, História e Vida pastoral* (Porto: Paróquia do Santíssimo Sacramento, 2009).
b. *Espólio OLF* (Devesas).
c. *Arquivo CCNSPS*.

2.
a. *Arquivo AMP* (1962), F-NP/CMP/7/558.
b. *Arquivo AMP* (1963), F-NP/CMP/4/2000.

3.
a. *Arquivo SIPA (1958)*, IPA.00000219-00047607.
b. *Arquivo AMP* (1963), F-NP/CMP/4/1868.
c. *Arquivo AMP* (1967), F-NP/CMP/7/1026.

4.
a. e. *Arquivo CCNSPS*.
b. Luíz Cunha (1962), *Arquivo CCNSPS*.
c. *Centro de amor na cidade da caridade* (Porto: Centro de Caridade do Perpétuo Socorro, 1974).
d. f. Teófilo Rego, *Arquivo CCNS*.
«Inaugurada uma capela no Bairro do Viso», *Jornal de Notícias*, (27.Nov.1967).

5.
a. b. c. d. e. f. Teófilo Rego, *Arquivo CCNSPS*.

6.
a. Teófilo Rego, *Arquivo FML-TR*, PT-FML-TR-COM-552-003.
b. Teófilo Rego, *Arquivo FML-TR*, PT-FML-TR-COM-552-005.
c. Teófilo Rego, *Arquivo FML-TR*, PT-FML-TR-COM-552-011.
d. «Razões para a construção da nova igreja de S. Pedro da Cova», *O Poço, boletim paroquial de S. Pedro da Cova*, nº especial 50º aniversário, 2013, p.s/n.

7.
a. «Os católicos e o cinema», nº1, (1957).
b. Fotografia do autor (2012).
c. Domingos de Pinho Brandão, *São Miguel de Nevogilde. A sua igreja breves apontamentos sobre a história da freguesia* (Porto, 1983), p.s/n.
d. Carlos Antero Ferreira, *Betão aparente em Portugal* (Lisboa: Associação Técnica da Indústria do Cimento, 1972), p.s/n.
e. Teófilo Rego, A*rquivo FML-TR*, PT-FML-TR-PES-10-005.

8.
a. «Em Matosinhos - benção da capela de Santo Amaro e lançamento das primeiras pedras para o salão paroquial e um bairro para pobres», *A Voz do Pastor*, (28.Jan.1956), p.2.
b. c. d. *1951-1976, 25 anos ao serviço da paróquia de Matosinhos* (Paróquia de Matosinhos, 1976), pp.s/n.

9.
a. Nuno Portas, «3 obras de Álvaro Siza, III - Centro de Assistência Paroquial de Matosinhos», *Arquitectura*, nº68, (Jul.1960), pp.28-29 e 30.

10.
a. *João Correia Rebelo um arquitecto moderno nos Açores* (Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano de Cultura, 2002), p.56.
b. Google Street View.
c. d. e. *Espólio 'Associação Juvenil dos Remédios'*.

11.
a. Teófilo Rego (c.1950), *Arquivo AMP*, F-P/CMP/10/451(1).
b. Foto Beleza (c.1952).
c. *Carvalhido - 25 anos duma paróquia* (Porto: Paróquia do Carvalhido, 1967), p. desdobrável s/n.
d. *Betão aparente em Portugal* (Lisboa: Associação Técnica da Indústria do Cimento, 1972).

12.
a. Fotografias do autor (2015).

13.
a. Gonçalo Ribeiro Telles, *Arquivo AML*, PT-AMLSB-CMLSB-UROB-PU-10-209-01, f.31.
b. Vasco Regaleira, *Arquivo AML*, Obra 33986 - Proc 7314-DAG-PG-1960, f.7.

14.
a. b. c. «Reconstruire les églises - II Le plan de l'église et du centre paroissial», *Cahiers de L'Art Sacré*, 4 (Jan.-Mar.1946), capa, pp.27 e 31.

15.
a. [SNIP], «Programa de construção de novas igrejas», *Boletim de Informação Pastoral*, nº46-47, (Abr.-Jun.1966), pp.25-38.

16.
a. b. *Arquivo SNIP* (S. Sebastião da Pedreira, Lisboa).

17.
a. *Arquivo SNIP* (S. Sebastião da Pedreira, Lisboa).
b. Ana Tostões (coord.), *Arquitectura e Cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira*, (Lisboa: Quimera, 2004).

18.
a. b. *Frederico George, ver pelo desenho.* (Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1993), pp.159, 161.
c. Ana Tostões (coord.), *Arquitectura e Cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira*, (Lisboa: Quimera, 2004), p.215.

19.
a. b. c. d.«Centro de S. Sebastião – uma iniciativa da Câmara Municipal de Lisboa» (Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1971), pp.3, 5, 8, 9.

20.
a. b. Boletim do MRAR, (Jan.1967-Mai.1968), p.3 e envelope.

21.
a. b. *Arquivo SNIP* (Cartazes Campanha novas igrejas do Patriarcado).

22.
a. b. *Dieci Anni di Architettura Sacra in Italia 1945-1955* (Bolonha: Ufficio Tecnico Organizzativo Arcivescovile, 1956), pp.99,115.
c. Giorgio Trebbi, «Cronache», *Chiesa e Quartiere*, nº3-5, (Out.1956), p.4.
d. Renzo Renzi, Dove dio cerca casa (Itália: Columbus Film, 1955).

23.
a. [SNIP], «A igreja na cidade», *Novas Igrejas*, nº1, (Jan.-Mar.1961), pp.14-17.

24.
a. [SNIP], *Boletim da campanha - novas igrejas do patriarcado*, 1968.

25
Desenho do autor.

26.
a. c. e. Sergio Fernandez, *Recuperação de aldeias. Equipamento Cultural. Rio de Onor, Bragança, prova CODA* (Porto: ESBAP, 1964), f.4, 7.
b. f. [SNIP] «Projectos-tipo executados pelo Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado», *Arquivo SNIP*, 1972, IIA1 e IIG1.
d. *Arquivo AMP*, DMESG-7828-0070.

27.
a. *Arquitectura*, nº104 (Jul.-Ago.1969), p.104.
b. c. *Arquivo SNIP* (Sto. Ant. de Cavaleiros, Loures).

28.
a. b. c. *Arquivo SNIP* (Runa, Torres Vedras).

29.
a. b. *Arquivo SNIP* (Algés, Oeiras).

30.
a. Fotografias do autor (2014).
b. *Arquivo SNIP* (Algés, Oeiras).

31.
a. b. Glauco Gresleri, «Chiese di oggi: strutture nuove per una pastorale tradizionale o strutture nuove per una pastorale nuova?», *Arquivo SNIP*, 1968, pp.43-44.
c. *Arquivo SNIP* (Chelas, Lisboa).

32.
a. b. c. Postais ilustrados (col. Particular).
d. *Arquivo FCG-RL*, RLDA 516.0-516.4.

Capítulo 4 'Debate - Publicações e Concursos'

1.
a. *Chiesa e Quartiere*, nº 1-2, (Jan.-Fev.1956), capa.
b. *Espólio Diogo Lino Pimentel*, *Arquivo SNIP*.
c. *Espólio Diogo Lino Pimentel*, *Arquivo SNIP*.

2.
a. Pina Ciampi, ed., *Architettura e Liturgia* (Assis: Edizioni Pro Civitate Christiana, 1965).
b. c. BVI, (Bolonha:1961).
d. Glauco Gresleri (Jul.2013), Colecção Particular.

3.
Pedro Vieira de Almeida, «A exposição das novas igrejas na Alemanha», *Colóquio – Revista de Artes e Letras,* nº29, (Jun.1964), pp.32-33.

4.
a. *ARA arte religioso actual, publicacion del Movimiento Arte Sacro* , nº26, (Out.-Dez.1970).

5.
a. Pedro Vieira de Almeida (1968), *Arquivo SNIP*.

6.
a. Leite Rosa, «Santa Margarida uma cidade militar», *Flama*, nº294, (23.Out.1953).

7.
a. «Lugares de culto provisórios numa cidade italiana - Bolonha», *Novas Igrejas - boletim trimestral do Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado*, nº2-3, (Abr.-Set.1961), pp.6-9.

8.
a. «painel nº26 EARC», *Arquivo FCG-MRAR*, 1953.
b. Pedro Vieira de Almeida, «O espaço perdido - proposta para a sua revalorização crítica - edifícios de culto», *Jornal de Letras e Artes Letras e Artes*, (4.Ago.1965), pp.8-9.

9.
a. *Aldo van Eyck Archive* publicada em Jose Fernández-Llebrez Muñoz, «La dimensión humana de la Arquitectura de Aldo van EyckEscrita y Construida: Reconocimiento de sus ideas y Estudio de su iglesia en La Haya» (Universidad Politécnica de Valencia, 2013), p.176.

10.
a. «Capela provisória da Damaia», *Boletim de Informação Pastoral*, nº41-42, (Set.- Nov.1965), p.31.

11.
a. b. Google Aerial View.

12.
a. «Lusalite é evolução [publicidade]», *Binário - revista mensal de arquitectura, construção, equipamento*, nº196, Janeiro de 1975, pp.15.
b. *Arquitectura Popular em Portugal (1961).*
c. *Arquivo da Paróquia Santíssimo Redentor* (Damaia).

13.
a. Nuno San-Payo, «Centro paroquial da Damaia», *Binário*, nº196, (Jan.1975), pp.19-20.

14.
a. c. Jorge Alves (Estúdios Grafis) em Nuno San-Payo, «Centro paroquial da Damaia», *Binário* nº196, (Jan.1975), pp.16 e 17.
b. [SNIP], *Boletim da campanha - novas igrejas do patriarcado.*

15.
a.Paulino Montez, «Plano de um aglomerado de habitações», *Estudos de Urbanismo em Portugal - Lisboa, extensão Nordeste da cidade*, 5-7, 1958.
b. Maria Catarina Santos, «Reurbanização dos modelos de ocupação da cidade o eco em Olivais Sul [mestrado integrado em planemento urbano]» (Universidade Técnica de Lisboa, 2014), p.80.
c. *Arquivo AML*
d.«Olivais Sul em discussão », *Arquitectura*, nº127-128 (Abr.-Jun.1973), p.59.

16.
a. «Olivais - Sul», *Revista Municipal CML,* nº97, (Abr-Jun.1963), p.94.
b. c. *Arquivo SNIP* (Olivais Sul).

17.
a. b. *Arquitectura*, nº 103, (Mai.-Jun.1968), pp. 113 e capa.

18.
a. b. «Olivais - Sul», *Revista Municipal CML,* nº97, (Abr-Jun.1963), p.95 e 84.

19.
a. Filipe Mário Lopes (1970), *Arquivo SNIP* (concurso Olivais).

20.
a. Germano Venade (1970), *Arquivo SNIP* (concurso Olivais).

21.
a. Fernando Abreu (1970), *Arquivo SNIP* (concurso Olivais).

22.
a. Manuel Vicente (1970), *Arquivo SNIP* (concurso Olivais).

23.
a. Manuel Vicente (1970), *Arquivo SNIP* (concurso Olivais).
b. Manuel Vicente (1970), *CDFAUP-MV*.

24.
a. b. *Arquivo ADS* (Marinhais).
c. *Arquivo SNIP.*

25.
a. Pedro Vieira de Almeida (1970), *Arquivo SNIP* (concurso Olivais).

26.
a. Pedro Vieira de Almeida (1970), *Arquivo SNIP* (concurso Olivais).

27.
a. Pedro Vieira de Almeida (Dez.1972), *Arquivo AML.* Obra 59510 Proc 1728_OB_1974-f. 22.

28.
a. Pedro Vieira de Almeida (Dez.1972), *Arquivo AML.* Obra Proc 1728_OB_1974-fl-34, 42, 200, 202.

Capítulo 5 'Escola - Atelier - Igreja e Cidade'

1.
a. *Arquivo FML-TR*, PT-FML-TR-COM-1875-001.
b. *Espólio António Corte Real.*
c. *Espólio particular.*
d. *Arquivo AMG* (Rechousa,1935).
e. f. g. *Espólio particular.*
h. Fotografia do autor.
i. *Espólio Fernando Seara.*
j. *Espólio João Hermenegildo Pestana.*
k. *Espólio Alfredo Moreira da Silva.*
l. *Espólio José Pulido Valente.*

2.
a. *Arte Portuguesa - Boletim da Escola Superior de Belas Artes do Porto*, nº2-3, (1951-1952 e 1952-1953), capa, pp.11, 20-22.

3.
a. Foto Cine-Alegre, *Arquivo AMG*, FCA-777-013.
b. Teófilo Rego (Abr.1954), *Arquivo FML-TR*, PT-FML-TR-COM-70-049.
c. Arquivo JN (Jul.1961).

4.
a. b. c. Espólio Fernando Seara.
c. Espólio Fernando Seara (10.Jun.1955).

5.
a. Teófilo Rego, *Arquivo FML-TR*, PT-FML-TR-PES-30-002.
b. Teófilo Rego, *Arquivo FML-TR*, PT-FML-TR-PES-30-001.
c. *Arquivo FML-TR*, PT-FML-TR-COM-72-046.

6.
a. b. Luiz Cunha, Fernando Seara e Villares Braga (1952-1953), *Arquivo ISCTE-IUL*.

7.
a. *Arquivo* FIMS/MSMS/foto1643.
b. *Arquivo* FIMS/MSMS/foto1642.
c. *Arquivo* FIMS/MSMS/foto1782.
d. *Arquivo* FIMS/MSMS/foto1702.
e. *Arquivo* FIMS/MSMS/foto1793.
b. *Arquivo* FIMS/MSMS/foto1631.

8.
a. *Arquivo* FIMS/MSMS/foto1621.
b. *Arquivo AR* (Pessoal, 1957)

9.
a. b. *Arquivo AMP* (1942), D-CMP/13(23); D-CDT/B4-50; D-CDT/B4-51.
c. *Arquivo AR* (Antas, 1944)

10.
a. b. Postais ilustrados (col. Particular)
c. d. *Arquivo AR* (Viagens, 1949)

11.
a. *Arquivo VNG* (Monte da Virgem, 1931)
b. *Arquivo AR* (Monte da Virgem, 195-)
c. f. *Arquivo AR* (Monte da Virgem, 1964)

12.
a. c. e. *Arquivo AR* (Monte da Virgem, 195-)
b. d. f. Postais ilustrados (col. Particular)

13.
a. b. c. d. *Arquivo AR* (Monte da Virgem, 1964)

14.
a. b. c. *Arquivo AR* (Monte da Virgem, s/data)
d. *Arquivo AR* (Vale de Cambra, 1986)

15.
a. *Arquivo FML-TR*, PT-FML-TR-COM-98-004.
b. *Arquivo FML-TR*, PT-FML-TR-COM-381-101.

16.
a. *Arquivo FML-TR*, PT-FML-TR-COM-381-014.
b. Luís Ferreira Alves (2013), *Arquivo AR,* LFA_20131211_020.
c. *Arquivo AR* (NS Boavista, 1974)
d. *Arquivo AR* (NS Boavista, 1999)

17
a. CMP (Mai.1950), *Arquivo da Paróquia de Cristo Rei* (Porto).
b. *Civitas revista da CMP*, VII, (Jan.-Jun.1951), p.123.
c. Foto Alvão, *Arquivo CPF*.
d. CMP (c.1945), *Arquivo AMP*, D-CMP-05-099-021.
e. CMP (Mar.1947), *Arquivo AMP*, D-CMP-03-521-068.
f. CMP (Out.1949), *Arquivo AMP*, D-CMP-04-70-005.

18.
a. «Igrejas Modernas, S. João de Ver », *Ora et Labora*, nº4, 1978, p.285.
b. Teófilo Rego, *Arquivo FML-TR*, PT-FML-TR-COM-460-007.

19. Boletim do MRAR, 2ª série, nº30, (Abr.-Jun.1966)

20.
a. *Arquivo* FIMS/FT/0150-pd0032 (Ago.1967).
b. *Arquivo* FIMS/FT/0144-pd0023 (Mai.1967).
c. *Arquivo* FIMS/FT/0134-pd0006 (Jan.1966).

21.
a. *Civiltà delle Machine*, ano IV, nº2 (Mar.-Abr.1956), capa .
b. Francisco Guedes, João Godinho e Ricardo, «Estudo do Quarteirão 1 Barredo - Arquitectura Analítica», *CDFAUP*, 1964-1965.
c. Fernando Távora (coord.), *Estudo de renovação urbana do Barredo.* (Porto: Câmara Municipal do Porto, 1969), f.4.

22.
a. «O contributo do cristãos para a vida social e política», *Voz Portucalense*, nº30, (27.Jul.1974), p.1.
b. «Serviço de Apoio Ambulatório Local (SAAL) Uma maneira nova de remediar os problemas mais graves da habitação», *Voz Portucalense*, nº6, (8.Fev.1975), pp. centrais.

23.
a. *Espólio OLF* (Trabalho académico 1951).

24.
a. b. c. Octávio Lixa Filgueiras, *Urbanismo: Um tema rural, prova CODA* (Porto: ESBAP, 1953), capa, [geo. física, 4], [org. do aglomerado 37].

25.
a. c. Groupe CIAM Porto, «Habitat Rural nouvelle communauté agricole (CIAM 10)», *CDFAUP-VL*, 1956, painel nº2 e 4 [excerto].

b. Maristella Casciato, «Neorealism in italian architecture», em *Anxious Modernisms Experimentation in Postwar Architectural Culture*, ed. Sarah Williams Goldhagen e Rejean Legault (CCA - Canadian Centre for Architecture, MIT - Massachusetts Institute of Technology Press, 2001), pp.39 e 41.

26.
a. *Espólio OLF* (Cepelos, 1953).
b. *Espólio OLF* (Alto da Lixa, 1953).

27.
a. Luíz Cunha, Arquitectura religiosa moderna (Porto: Imprensa Portuguesa, 1957), pp.78-79.
b. *Espólio OLF* (Escapães, 1954)

28.
a. Manuel Cabral Teles (1959-1960), *Arquivo FML-TR*, PT-FML-TR-COM-2113-004.
b. João de Almeida (1959-1960), *Arquivo FML-TR*, PT-FML-TR-COM-72-091.
c. José M. Lopes da Costa (1959-1960), *Arquivo FML-TR*, PT-FML-TR-COM-2113-025.

29
a. Octávio Lixa Filgueiras (c.1960), *Arquivo CPF*, PT/CPF/OLF/0027/000010, PT/CPF/OLF/0027/000009.
b. João de Almeida (ESBAP, 1959-1960), *Arquivo FML-TR*, PT-FML-TR-COM-2113-030. PT-FML-TR-COM-2113-017. PT-FML-TR-COM-2113-049. PT-FML-TR-COM-2113-016. PT-FML-TR-COM-2113-048. PT-FML-TR-COM-2113-050.

30.
a.José Carlos Magalhães Carneiro (ESBAP, 1959-1960), *Arquivo FML-TR*, PT-FML-TR-COM-2113-008. PT-FML-TR-COM-2113-033. PT-FML-TR-COM-2113-034.
b. José Maria Lopes da Costa, (ESBAP, 1959-1960), *Arquivo FML-TR*, PT-FML-TR-COM-2113-021.PT-FML-TR-COM-2113-035. PT-FML-TR-COM-2113-036.

31.
a. José Pulido Valente, (ESBAP, 1959-1960), *Arquivo FML-TR*, PT-FML-TR-COM-2113-027. PT-FML-TR-COM-2113-040. PT-FML-TR-COM-2113-041. PT-FML-TR-COM-2113-038.
b. Manuel Cabral Teles, (ESBAP, 1959-1960), *Arquivo FML-TR*, PT-FML-TR-COM-2113-029. PT-FML-TR-COM-2113-046. PT-FML-TR-COM-2113-047.

32.
a. Google Street View.
b. Pedro Almeida, Igreja paroquial de Várzea do Douro, prova CODA (Porto: ESBAP, 1963), f.2 e 7.
c. Arquivo Diocesano do Porto (Várzea do Douro).

33.
a. João Andresen, *Para uma cidade mais humana* (Porto: Imprensa Social, 1962).
João Andresen, «concurso de provas públicas para provimento dum lugar de professor do 2º grupo (urbanologia)», em *Boletim especial da Escola Superior de Belas-Artes do Porto 1962-1963* (Porto: ESBAP, 1963), p.111.

34.
a. Octávio Lixa Filgueiras, *Da função social do arquitecto, para uma teoria da responsabilidade numa época de encruzilhada.* (Porto: Edições Sousa de Almeida L.da, 1962).
b. Fernando Távora, *Da organização do espaço (1962)* (Porto: FAUP publicações, 1996).

35.
a. *Espólio OLF* (Concurso, 1962).
a. Arquitectura Popular em Portugal (1961), 3ª ed. (Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988) vol.1.

36.
a. b. Arquitectura Popular em Portugal (1961), 3ª ed. (Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988) vol.1, pp.92-93 e pp.304-305.
c. Arquitectura Popular em Portugal (1961), 3ª ed. (Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988) vol.2, pp.110-111.

37.
a.b. *Espólio FAB* (Seminário Maior, diapositivos)
c. *Espólio FAB* (Sever do Vouga, diapositivos)
d. *Espólio FAB* (diapositivos)

38. Fernando Abrunhosa de Brito, *Unidade de promoção e integração social entre povos de fixação recente, prova CODA* (Porto: ESBAP, 1967).

39. *Espólio FAB* (Padrão da Légua, diapositivos)

40.
a. b. c. [SNIP], «A experiência do Padrão da Légua», *Novas Igrejas*, nº 2-3, (Abr.-Set.1961), pp.12-13.
d. *Tempos e Festas*, nº1, (Maio.1962), p.4.
e. f. *Espólio FAB* (Padrão da Légua, diapositivos)

41.
a. *Espólio FAB* (Padrão da Légua, diapositivos)

42.
a. c. *Espólio FAB* (Padrão da Légua, diapositivos)
b. d. *Tempos e Festas*, 1962.
e. Pedro Bragança (2014)

43.
a. Fernando Abrunhosa de Brito, *Unidade de promoção e integração social entre povos de fixação recente, prova CODA* (Porto: ESBAP, 1967), f.18.

44.
a. b. c. d. Fernando Abrunhosa de Brito, *Unidade de promoção e integração social (...), prova CODA* (Porto: ESBAP, 1967), ff.2, 5, 7, 11, 12.

45.
a. b. *Espólio Leonel Oliveira*
c. *Espólio FAB* (Calvão, diapositivo)

46
a. *Arquivo da paróquia Padrão da Légua* (Matosinhos)
b. c. d. *Espólio Leonel Oliveira*

Provas CODA disponibilizadas pela plataforma digital *ADUP – Arquivo Digital da Universidade do Porto.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A

«A exposição de construção colonial». *A Arquitectura Portuguesa e a Cerâmica e Edificação*, ano XXXVII, 3ª série, nº117, Dezembro de 1944.

«A igreja de S. Gabriel». *Novidades*, 2 de Agosto de 1951.

«A Igreja de S. Martinho de Cedofeita». *Boletim da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais*. nº 2, Dezembro de 1935.

«A Igreja do bairro da Pontinha é hoje inaugurada». *Diário de Notícias*, 9 de Janeiro de 1955.

«A nossa Casa Paroquial». *Mensageiro do Carvalhido - boletim mensal da paróquia do Carvalhido*, ano II, nº17, Maio de 1952.

«A nova Igreja do Bairro da Serafina e o Centro Paroquial foram inaugurados solenemente com a presença do Chefe do Estado». *Novidades*, 24 de Julho de 1961.

«A população do Bairro da Serafina recebeu com grande entusiasmo o Chefe do Estado». *Diário de Notícias*, 24 de Julho de 1961.

«A procissão fluvial e a benção da nova igreja da Afurada». *A Voz do Pastor*, 16 de Julho de 1955.

«A verdade sobre os padres operários». *Novellae Olivarum - revista dos alunos do seminário de Cristo Rei – Olivais*, ano X, nº100, Dezembro de 1952.

«Ao encontro dos problemas do Barredo». *A Voz do Pastor*, 8 de Novembro de 1961.

Afonso, João. «Um imensa simplicidade. A cidade que se constrói na Rua da Alegria». Em *Arquitectura e Cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira*. Lisboa: Quimera, 2004.

Aguiar, Américo Monteiro de. «Aqui fala Pe. Américo». *Mensageiro do Carvalhido - boletim mensal da paróquia do Carvalhido*. ano I, nº12, Dezembro de 1950.

———. *O Barredo – lugar de mártires, de heróis, de santos*. Paço de Sousa, 1952.

———. *Ovo de Colombo*, 1954.

Aguilar, José Maria. «Introducion", ARA (Out.-Dez.1970)». *ARA arte religioso actual, publicacion del Movimiento Arte Sacro*, Dezembro de 1970.

[Alfa]. «A moderna igreja de S. João de Ovar». *Notícias de Ovar - semanário nacionalista e regional*, 21 de Setembro de 1967.

Almeida, António de. «O significado de uma exposição». *A Arquitectura Portuguesa e a Cerâmica e Edificação*, Dezembro de 1944.

Almeida, Gustavo de. «A Galeria de S. Nicolau». *Novidades – Letras e Artes*, 3 de Maio de 1952.

Almeida, João Miguel. *A oposição católica ao Estado Novo 1958-1974*. Edições Nelson de Matos, 2008.

Almeida, Manuel Nunes. *Capela no bairro do estaleiro dum aproveitamento hidro-eléctrico [Picote], prova CODA*. Porto: ESBAP, 1957.

Almeida, Pedro. «Memória Descritiva e Justificativa da igreja paroquial de Várzea do Douro», 7 de Julho de 1960.

———. *Igreja paroquial de Várzea do Douro, prova CODA*. Porto: ESBAP, 1963.

Almeida, João de. «Afinidades - entrevista de Maria João Seixas». Portugal: RTP, 2016.

———. «Documentário eclesiástico sobre a construção de Igrejas». *Novellae Olivarum - revista dos alunos do seminário de Cristo Rei – Olivais*, ano XIII, nº121, Dezembro de 1955.

———. «O sentido da moderna arquitectura Suíça». *Arquivo FCG-MRAR*, 1953.

———. «Um homem com muitas vidas - entrevista conduzida por Henrique Monteiro e João Garcia». *Expresso*, 8 de Maio de 2015.

Almeida, Pedro Vieira de. «A exposição das novas igrejas na Alemanha». *Colóquio – Revista de Artes e Letras*, nº29, Junho de 1964.

———. «Depoimento (23.Junho2010)». Em *MRAR e os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal no século XX [Volume II - anexos] de João Alves da Cunha*, 105–106. Lisboa: FAUTL, 2014.

———. «Igrejas - actualidade crítica de um programa talvez não actual». *A Capital*, 5 de Março de 1969.

———. «Memória descritiva, igreja de Olivais-Sul». *Arquivo AML*, 1974.

———. «Memória Descritiva e Justificativa [concurso de esbocetos para a nova Igreja de Olivais-Sul]». *Arquivo SNIP*, 1970.

———. «Novos problemas do espaço arquitectónico». *Boletim - movimento de renovação de arte religiosa*. Lisboa, Maio de 1968.

———. «O espaço-perdido - Proposta para a sua revalorização crítica». *Jornal de Letras e Artes*, 27 de Janeiro de 1965.

———. «O espaço-perdido - Proposta para a sua revalorização crítica - evolução dos edifícios escolares».

Jornal de Letras e Artes, 17 de Fevereiro de 1965.
———. «O espaço-perdido - Proposta para a sua revalorização crítica - habitação». *Jornal de Letras e Artes Letras e Artes*, 26 de Maio de 1965.
———. «O espaço perdido - proposta para a sua revalorização crítica - edifícios de culto». *Jornal de Letras e Artes Letras e Artes*, 4 de Agosto de 1965.
———. «Programas e Arquitectura», 1968.
Almeida, Pedro Vieira de, e Alexandra Cardoso. *Octávio Lixa Filgueiras 1922-1996*. Porto: Centro de Estudos Arnaldo Araújo - Escola Superior Artística do Porto, 2007.
Andrade, Caetano. «Arquitectura Religiosa [recorte]». *Arquivo FCG-MRAR [publicação periódica não identificada]*, 1953.
Andresen, João. «Concurso de provas públicas para provimento dum lugar de professor do 2º grupo (urbanologia)». Em *Boletim especial da Escola Superior de Belas-Artes do Porto 1962-1963*. Porto: Escola Superior de Belas Artes, 1963.
———. *Para uma cidade mais humana*. Porto: Imprensa Social, 1962.
«Ao encontro dos problemas do Barredo - Que vai fazer o centro social?». *A Voz do Pastor*, ano XLI, nº42, 8 de Novembro de 1961.
«Ao lado da Sé - igreja do bispo - o Paço Episcopal». *A Voz do Pastor*, ano XXXVII, nº16, 20 de Abril de 1957.
Araújo, Joaquim. *História da Afurada*. Junta de Freguesia de S. Pedro da Afurada, 1992.
Arquitectura Popular em Portugal (1961). 3ª ed. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988.
«Arquitectura religiosa: uma capela no Alentejo». *Arquitectura*, ano VIII nº26, Dezembro de 1935.
«Arquitectura Religiosa Contemporânea». *Arte Portuguesa. Boletim da Escola Superior de Belas Artes do Porto*, nº2 e 3, anos lectivos de 1951-1952 e 1952-1953.
«Assy». *L'Art sacré*, nº1-2, Setembro-Outubro de 1950.
Athouguia, Ruy Jervis. «[Apontamentos do projecto para o centro cívico e comercial Solátia em Carnaxide]». *Arquivo AML*, 1963-1965.
———. «CV por R.J.A». Em *Ruy D'Athouguia, a modernidade em aberto*. Caleidoscópio, 2008.
———. «Notas de livros. Les dimensions et la structure sociale d'une ville». *Arquivo AML*, 1963-1965.
«Audincourt». *L'Art Sacré*. nº3-4, Novembro-Dezembro de 1951.
«Autenticamente Moderna? O nosso parecer». *Boletim de Informação Pastoral*, nº31, Maio-Junho de 1964.
Auzelle, Robert. *Plano Director da Cidade do Porto*. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1962**.**
Avillez, Maria João. *Francisco Sá Carneiro: Solidão e Poder*. Lisboa: Oficina do Livro, 2010.

B

Babo, Francisco. «Toca a reunir: A construção de novas paróquias - urgente fenónomeno de cissiparidade». *A Voz do Pastor*, ano XLIV, nº39, 17 de Outubro de 1964.
———. «Caritas Nunquam Excedit Centro de Caridade». *Novidades*. 7 de Maio de 1959.
———. «Toca a reunir: parcelamento e emparcelamento das paróquias a bem da Igreja». *A Voz do Pastor*, ano XLIV, nº50, 4 de Janeiro de 1964.
Bakema, Jaap Berend. «Rapporti tra uomini e cose». Em *Il Cuore della Città: per una vita più umana delle comunità*, 67–68. Milão: Hoepli, 1954.
Bandeirinha, José, ed. *Fernando Távora Modernidade Permanente*. Guimarães: Casa da Arquitectura, 2012.
Banham, Reyner. *The Architectural Review*, vol. CXXVIII, nº766, Dezembro de 1960.
Baptista, Luís. «Alguns elementos para a história da igreja no Entroncamento». Em *Comemorações 50º aniversário da igreja da Sagrada Família do Entroncamento*, 32-41. Entroncamento: Paróquia do Entroncamento, 1990.
Barata, Maria do Rosário Themudo. «Manuel Mendes Atanásio». *Clio - revista do Centro de História da Universidade de Lisboa*, vol I, 1996.
Bárbara, Artur Santa. «A Igreja da Avenida da Igreja». *Flama revista semanal de actualidade*, ano XII, nº393, 16 de Setembro de 1955.
———. «Arquitectura Moderna – Está aqui um modelo inspirador da Universidade Católica em Portugal?». *Flama revista semanal de actualidade*. ano X, nº289, 18 de Setembro de 1953.
———. «O congresso internacional dos arquitectos». *Flama revista semanal de actualidade*, ano X, nº293, 16 de Outubro de 1953.
———. «Que pensa da arte moderna?». *Flama revista semanal de actualidade*, ano XVI, nº238, 18 de Março de 1960.
———. «S. João de Deus, a nova e monumental igreja de Lisboa». *Flama revista semanal de actualidade*. ano IX, nº261, 6 de Março de 1953.

Barbosa, Cassiano. *ODAM Organização dos Arquitectos Modernos. Porto 1947-1952*. Porto: Edições ASA, 1972.
Barbosa de Abreu, António. «Memória descritiva e justificativa da igreja paroquial de Senhora da Hora». *Arquivo da Paróquia*. 19 de Setembro de 1955.
———. «Notas sobre casas de estudantes, Anteprojecto de uma Casas de Estudantes para a Universidade do Porto». *Engenharia - publicação dos alunos da Faculdade de Engenharia*. Porto, ano II, nº6, Abril de 1947.
———. *Tendências na planificação das áreas centrais*. Porto: Ministério das Obras Públicas - Direcção Geral dos Serviços de Urbanização - Centro de Estudos de Urbanismo, 1961.
Bardet, Gaston. «L'Église dans la cité». *Cahiers de L'Art Sacré nº1*, Julho de 1945.
———. «L'église dans la cité». *Chiesa e Quartiere*, nº1-2, Janeiro-Fevereiro de 1956.
Barreto, Álvaro Salvação. «[Carta dirigida ao Cardeal Patriarca]». *Arquivo AML*, 4 de Março de 1946.
Barros, Fernando Cerqueira, e Fabíola Franco Pires. *A «Obra da Rua» no concelho de Paredes*. Porto: Fundação da Juventude, Ordem dos Arquitectos, 2012.
Baur, Hermann. «A arquitectura religiosa cristã e a sua evolução - conferência». *Curso de arquitectura sacra, Movimento de Renovação de Arte Religiosa*. 3 de Janeiro de 1958.
«Bênção da capela da Curraleira». *Novidades*, 15 de Abril de 1961.
Bento d'Almeida, Patrícia Beirão da Veiga. «Bairro(s) do Restelo. Panorama Urbanístico e Arquitectónico [tese de doutoramento em História de Arte Contemporânea, FCSH]». Universidade Nova de Lisboa, 2013.
Bessa-Luís, Augustina, Germano Silva, Gabriel de Sousa, e Carlos A. Moreira Azevedo. *Paróquia do Santíssimo Sacramento, História e Vida pastoral*. Porto: Paróquia do Santíssimo Sacramento, 2009.
Bettazzi, M. Beatrice. «Atlante di "Chiesa e Quartiere" la redazione, il lavoro intelletuale e le confluenze esterne». Em *Chiesa e Quartiere - storia di una rivista e di un movimento per l'architettura a Bologna*, 258-289. Bolonha: Editrice Compositori, 2004.
Bolas, Isabel. «A "Monarquia de Maceira-Liz": entre o II Reich, a República de Weimar e o Estado Novo. A Empresa de Cimentos de Leiria – A Fábrica e o Bairro do Pessoal de Maceira-Liz _ 1918-1944 [tese de mestrado em Planeamento e Projecto do Ambiente Urbano, FAUP]». Universidade do Porto, 2009.
Bragança, Pedro. «Lugares de habitar entre a terra e o mar; apontamentos sobre temas do território entre Douro e Minho [dissertação de mestrado, FAUP]». Universidade do Porto, 2014.
Branco, José da Paz. «Abobadilhas alentejanas». Em *Manual do pedreiro*. Lisboa: LNEC - Laboratório Nacional de Engenharia Civil, 1981.
Brandão, Armando da Silva. *Cristo sobre o Tejo*. Portugal: Ulyssea Filme, 1950.
Brandão, Domingos de Pinho. *São Miguel de Nevogilde. A sua igreja breves apontamentos sobre a história da freguesia*. Porto, 1983.
———. «Seminário Maior do Porto». *A Voz do Pastor*. 20 de Novembro de 1954.
«Brasília nasceu Cristã». *Boletim de Informação Pastoral*, Março-Maio 1960.
Brites, Joana Costa. «Construir a História: a sede do CADC de Coimbra». *Lusitania Sacra*, nº19-20, 2007-2008.
———. «Um uníssono a quatro vozes: arquitectura(s) do Estado Novo na Praça do Munícipio da Covilhã». *Monumentos*, Julho de 2009.
Brito, Fernando Abrunhosa de. «A capela do Seminário de Nossa Senhora da Conceição - Porque foi assim?» *A Voz do Pastor*, 2 de Fevereiro de 1963.
———. «Arranjo interior da capela do seminário-maior do Porto». *Arquitectura - revista de arte e construção*, nº82, Junho de 1964.
———. «Remodelação da capela do seminário maior do porto». *Binário - revista mensal de arquitectura, construção, equipamento*, Junho de 1965.
———. «Resenha histórica da obra da paróquia experimental no Padrão da Légua desde o início até ao segundo aniversário da capela». *Tempos e Festas*, Maio de 1962.
———. «Ricca, de contraste». Em *Agostinho Ricca - arquitectura, obra, desenho*, 194–95. Porto: Uzina Books, 2015.
———. *Unidade de promoção e integração social entre povos de fixação recente, prova CODA*. Porto: ESBAP, 1967.
Brito, Ricardo de. «A presença e o papel da religião nas comemorações centenárias de 1940». *Lusitania Sacra*, Julho-Dezembro de 2011.

C

Campos, Fernando Vieira. *Projecto de uma igreja de missão [Inhassunge], prova CODA*. Porto: ESBAP, 1957.

Campos, Abel de. «Um pouco de história»,. *Voz de Cristo-Rei*, nº1, Outubro de 1980.

«Capela provisória da Damaia». *Boletim de Informação Pastoral*, anoVII nº41-42, Setembro-Novembro de 1965.

Capellades, Marie-Robert. «L'église dans la cité». *L'Art sacré,* nº5-6, Janeiro-Fevereiro de 1959.

Cardoso, Geraldes, Tomaz de Sousa Eiró, e [Gabinete de Estudos de Urbanização da CML]. «Terrenos para as igrejas das novas paróquias de Lisboa». *Arquivo SNIP*. Abril de 1959.

Carmo, Octávio. «Movimento de Renovação da Arte Religiosa: o espírito de uma experiência inovadora [Dissertação para exame final de Licenciatura em Teologia]». Universidade Católica Portuguesa, 2002.

Carvalhido - 25 anos duma paróquia. Porto: Paróquia do Carvalhido, 1967.

Carvalho, F. M. «Pensando em Romano Guardini». *Novellae Olivarum - revista dos alunos do seminário de Cristo Rei - Olivais*, ano XI, nº106, Junho de 1953.

Carvalho, Rita Almeida de. «A Concordata de Salazar Portugal-Santa Sé 1940 [tese de doutoramento em História Contemporânea institucional e política em Portugal]». Universidade Nova de Lisboa, 2009.

Casciato, Maristella. «Neorealism in italian architecture». Em *Anxious Modernisms Experimentation in Postwar Architectural Culture*, editado por Sarah Williams Goldhagen e Rejean Legault, 25–53. CCA-Canadian Centre for Architecture, MIT-Massachusetts Institute of Technology Press, 2001.

Castanheira, José Pedro. «Cerejeira foi "um bispo moderno"». *Expresso*. 10 de Março de 2010.

Castanheira, José Pedro, e Cândida Santos Silva. «Prisão, tortura, fé, amor e arte: a vida preenchida de Nuno Teotónio Pereira». *Expresso*, 20 de Janeiro de 2016.

Castro, Celestino. «entrevista conduzida por Pedro Noronha)». *a obra nasce - revista de arquitectura da universidade Fernando Pessoa*, nº5, 6 de Janeiro de 2007

Castro, Maria de. «Recordar é viver "Capelinha de Sonho"». *Flama revista semanal de actualidade*, ano VII, nº129, 25 de Agosto de 1950.

«Catedral de Lisboa com vista para o Tejo». *Agência Ecclesia*, 2005.

«Centro de amor na cidade da caridade». Porto: Centro de Caridade do Perpétuo Socorro, 1974.

«Centro de S. Sebastião – uma iniciativa da Câmara Municipal de Lisboa». Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1971.

Cepeda, João. *Nadir Afonso arquitecto*. Casal de Cambra - Sintra: Caleidoscópio, Fundação Nadir Afonso, 2013.

Cerejeira, D. Manuel Gonçalves. «[Prefácio]». Em *Novas igrejas na Alemanha*. Munique-Zurique: Editorial Schnell & Steiner, 1964.

———. «A condição de cristão na construção histórica do Mundo (29 de Novembro de 1958)». Em *Obras Pastorais, quinto volume 1954-1959*. Lisboa: União Gráfica, 1960.

———. «Ainda o problema do Clero. Resultados, necessidades, previsões (1 de Novembro de 1948)». Em *Obras Pastorais, quarto volume 1948-1953*, 49–77. Lisboa: União Gráfica, 1954.

———. «Architettura e Liturgia, pastorale sull'arte sacre». *Chiesa e Quartiere*, nº6, Junho de 1958.

———. «As igrejas novas do Patriarcado (2 de Outubro de 1955)». Em *Obras Pastorais, quinto volume 1954-1959*. Lisboa: União Gráfica, 1960.

———. «Carta Pastoral sôbre o problema do Clero (8 de Dezembro de 1935)». Em *Obras Pastorais, primeiro volume 1928-1935*, 143–71. Lisboa: União Gráfica, 1936.

———. «Cartaz "3ª Campanha das Novas Igrejas do Patriarcado"». *Arquivo SNIP*, Janeiro de 1963.

———. *Decreto patriacal de 25 de Março «Remodelação Paroquial da Cidade de Lisboa»*, 1959.

———. «Documento de criação da Comissão de Arte Sacra». *Arquivo SNIP*, 2 de Abril de 1963.

———. «Dr. Gustavo de Almeida para a revista "Natal" (Junho de 1965)». Em *Obras Pastorais, sétimo volume 1964-1970*, 316–318. Lisboa: União Gráfica, 1970.

———. «Estatutos do Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado». *Arquivo SNIP*. 6 de Janeiro de 1961.

———. «Na Hora da despedida, a minha herança». *Arquivo Cardeal Cerejeira*. 29 de Junho de 1971.

———. «Na inauguração da igreja de Nossa Senhora de Fátima (13 de Outubro de 1938)». Em *Obras Pastorais, segundo volume 1936-1942*. Lisboa: União Gráfica, 1961.

———. «Na inauguração da igreja de Riba d'Ave (2.Jun.1950)». Em *Obras Pastorais, quarto volume 1948-1953*, 267–70. Lisboa: União Gráfica, 1954.

———. «O grave problema das igrejas no Patriarcado de Lisboa (15 de Dezembro de 1959)». Em *Obras Pastorais, quinto volume 1954-1959*. Lisboa: União Gráfica, 1960.

———. «Pastoral sobre Arte Sacra, suplemento». *Boletim - movimento de renovação da arte religiosa*, 1ª série, nº4, Abril de 1958.

———. «Pastoral sobre arte sacra (8 de Março de 1953)». Em *Obras Pastorais, quarto volume 1948-1953*. Lisboa: União Gráfica, 1954.
———. «Pastoral sobre Arte Sacra». *Lumen, revista de cultura para o clero*. vol. XVII, fasc. V, 1953.
———. «Pastoral sobre problemas de arte sacra - Cada igreja significa e realiza a unidade do povo católico». *Novidades*. ano LXVIII, nº187, 8 de Março de 1953.
———. «Povoação sem igreja não é portuguesa: é pagã». *A Voz do Pastor*, ano XXXV, nº40, 8 de Outubro de 1955.
———. «Presenza Cristiana nella metropoli portoghese». *Chiesa e Quartiere*, nº13, Março de 1960.
———. «Sua eminência o cardeal patriarca» *revista oficial do sindicato nacional dos Arquitectos*, nº7, Novembro-Dezembro de 1938.
Chamusca, Bernardo. *Obra Diocesana de Promoção Social - 40 anos*. Porto: Obra Diocesana de Promoção Social, 2007.
Chombart de Lauwe, Paul. *Famille et Habitacion. I. Science humaines et conceptions de l'habitation (12ª edição)*. Centre National de la Recherche Scientifique, 1967.
———. «Sociologia da habitação». *Arquitectura*, Julho de 1960.
«Chroniques Toujours la Pauvreté». *L'Art Sacré*, nº5-6, Novembro-Dezembro de 1950.
Cia, Marinho Apezteguia. «Pensamento e Acção». Em *Centro de amor na cidade da caridade*. Porto: Centro de Caridade do Perpétuo Socorro, 1974.
[CIAM]. «Discussione sulle piazze italiani». Em *Il Cuore della Città: per una vita più umana delle comunità*, 74–80. Milão: Hoepli, 1954.
[CIAM Porto]. «Habitat Rural nouvelle communauté agricole ». *Arquivo CDFAUP-VL*, 1956.
Clemente, D. Manuel. «Vida paroquial em Lisboa ao longo do século XX». Em *Igreja e Sociedade Portuguesa, do Liberalismo à República*, 417–445. Porto: Porto Editora, 2012.
Clemente, D. Manuel, e Paulo F. Oliveira Fontes. «Vitalidade do catolicismo nos séculos XIX e XX». Em *História Religiosa de Portugal*, editado por Carlos Moreira Azevedo. Lisboa: Círculo de Leitores, 2002.
[CML] «Acta nº213 reunião da Câmara 22 de Julho de 1954». Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1954.
[CMP] «Acta da Comissão Municipal de Arte e Arqueologia CMP (27.Dez.1941)». Em *Influências internacionais na arquitectura moderna no Porto (1926-1956)*. Universidad de Valladolid, 2013.
———. «Acta Camarária (16 de Julho de 1964)». *Boletim da Câmara Municipal do Porto*, nº 1476, ano XXIX, vol. LXXXVII, 25 de Julho de 1964.
———. *Relatório e Contas da Gerência referentes a 1964*. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1964.
———. *Relatório e Contas de Gerência referentes a 1962*. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1962.
Cobián, Esteban FernánDezembro «Cóbian, Dove Dio cerca casa. Donde Dios busca casa (Renzo Renzi, 1955)». Em *Más allá del edificio sacro: arquitectura y evangelización. Actas del Congreso Internacional de Arquitectura Religiosa Contemporánea 3*, 278–81, 2013.
———. *El espacio sagrado en la arquitectura española contemporánea*. COAG Colexio Oficial de Arquitectos de Galicia, 2005.
Coelho, Hugo Rafael Morais. «Portela um modelo na difusão da periferia: estudo do desenvolvimento da urbanização da Portela da autoria do arquitecto Fernando Silva [trabalho académico]». Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa - Instituto Universitário de Lisboa, 2010.
[Comissão Diocesana de Arte Sacra Porto]. «Parecer ao ante projecto da igreja paroquial de Senhora da Hora». 19 de Fevereiro de 1953.
Comissão Executiva da Exposição de Obras Públicas. *15 Anos de Obras Públicas (1932-1947)*. Lisboa: Ministério das Obras Públicas e Comunicações, 1949.
«Comunidades Base». *Voz Portucalense*, Novembro de 1973.
«Concurso Centro Cívico Carnaxide [separata]». *Jornal Arquitectos*, nº 24-25, Janeiro-Fevereiro de 1984.
«Concurso de anteprojectos para a Igreja Paroquial do Sagrado Coração de Jesus e seus anexos». *Arquitectura - arquitectura, planeamento, design, artes plásticas*, nº 76, Outubro de 1962.
«Concurso de anteprojectos para a Igreja Paroquial do SS. Coração de Jesus e seus anexos - respostas às perguntas formuladas pelos concorrentes». *Arquivo FCG-MRAR*, 31 de Janeiro de 1962.
Contemporany Portuguese Architecture. Washington DC: The Smithsonian Institution, 1958.
Contigiani, Raffaele. «La chiesa, l'uomo e la collettività nella struttura del quartiere residenziale: rapporti spaziali e sociali (concorso nazionale per una monografia, 2º premio ex-aequo)». Em *Dieci Anni di Architettura Sacra in Italia 1945-1955*. Bolonha: Ufficio tecnico organizzativo arcivescovile, 1956.
Corsépius, Erich. «Igreja paroquial de S. Jorge de de Arroios, Lisboa». *Binário - revista mensal de arquitectura, construção, equipamento*, nº176, Maio de 1973.
Costa, Alexandre Alves. *João Queiroz, um arquitecto tranquilo*. Porto: Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva, 2015.

Costa, Bernardino. «O Movimento litúrgico e a redescoberta da qualidade teológica da liturgia. António Coelho e a dimensão teológica do Mistério celebrado». *Didaskalia xl*, 2010.
Costa, António Manuel Ribeiro Pereira da. «Museologia da Arte Sacra em Portugal 1820-2010 – Espaços, Momentos, Museografia. [tese de doutoramento em História, museologia e património cultural, FLUC]» Universidade de Coimbra, 2011.
Coutinho, Bárbara. «Carlos Ramos». *Instituto Camões*.
Couturier op. «Carta dirigida a Le Corbusier (28 de Julho de 1953)». Em *Le Corbusier Le Couvent de La Tourette*. Marselha: Éditions Parenthèses, 1987.
Crespo, Frei João Diogo. «O cardeal construtor de igrejas». *Flama revista semanal de actualidade*, ano VIII, nº195, 30 de Novembro de 1951.
Cunha, Luiz. *Arquitectura religiosa moderna*. Porto: Imprensa Portuguesa, 1957.
———. «As três artes». Em *Arquitectura religiosa moderna*, 39–45. Porto: Imprensa Portuguesa, 1957.
———. «Centro de Caridade no Porto». *Binário - revista mensal de arquitectura, construção, equipamento*, nº153, Junho de 1971.
———. «Depoimento (Fevereiro-Abril de 2009)». Em *MRAR e os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal no século XX [Volume II - anexos] de João Alves da Cunha*, 88–91. Lisboa, 2014.
———. «Inauguração do Museu de Arte e Arqueologia do Seminário Maior do Porto». *Boletim - movimento de renovação da arte religiosa*. Abril de 1958.
———. «Plano de pormenor do Polo II da Universidade do Porto». *Jornal Arquitectos*, nº 154, Dezembro de 1995.
———. «Meditação sobre as metrópoles de amanhã ». *Arquitectura*, nº76, Outubro de 1962.
———. *Santuário de Nossa Senhora da Piedade «Mãe Soberana [Loulé], prova CODA*. Porto: ESBAP, 1957.
Cunha, João Alves da. «A Igreja de Santo António de Moscavide: história de um caminho não percorrido». *Didaskalia xl*, nº40, 2010.
———. «MRAR e os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal no século XX - a ação do Movimento de Renovação da Arte Religiosa nas décadas de 1950 e 1960 [tese de doutoramento em Arquitectura - Teoria e História, FAUL]». Universidade de Lisboa, 2014.
———. «O caso do concurso da Sé de Bragança (1964)». *Monumentos*, nº 31, 2011.
———. *The Amoreiras Chapel in the Amoreiras Shopping, Lisbon*. Editado por Claudia Manenti. *La Chiesa nella città a 50 anni dal Concilio Vaticano II*. Bolonha: Bononia University Press, 2016.
Cruz, Lucínio. «[Memória Descritiva e Justificativa da igreja]». *Jornal Letras e Artes*, 25 de Outubro de 1953.

D

Decreto-lei nº 28 912 de 12 de Agosto do Ministério das Obras Públicas e Comunicações, 1938.
Decreto-lei nº 42 142 de 7 de Fevereiro do Ministério do Interior, Direcção-Geral de Administração Política e Civil, 1959.
Dedicação e bênção da igreja de S. João de Ver. Paróquia de S. João de Ver, 2009.
Denis, Maurice. «Les Nouvelles Directions de l'Art Chrétien (Fevereiro de 1919)». Em *Nouvelles Théories sur l'art moderne sur l'art sacré 1914-1921*, 194–243. Paris: L.Rouart et J. Watelin, 1922.
«Desde domingo passado o Seminário Maior do Porto tem um museu». *A Voz do Pastor*, 15 de Março de 1958.
«Détruisez le Temple… le próbleme des églises provisoire»; *L'Art Sacré*, nº9-10, Maio-Junho de 1958.
Diamantino, Gomes. «Necessidade imperativa do Salão Paroquial». *Lumen - Revista de Cultura para o Clero*, vol.XI, fasc.XI, Novembro de 1947.
Dias, Carlos Carvalho. «A II Exposição Magna da Escola Superior de Belas Artes do Porto». *Flama revista semanal de actualidade*, ano X, nº297, 13 de Novembro de 1953.
Dias, João Alves. «entrevista conduzida por André Rubim Rangel». *Espaço Solidário*, nº 7, Maio-Junho de 2007.
———. *Nos Alvores da Obra Diocesana*. Porto: Obra Diocesana de Promoção Social, 2013.
Direcção Geral do Ensino Superior e das Belas-Artes. «Edital - Concurso de provas públicas para o provimento de um lugar de professor do 1º grupo da Escola Superior de Belas Artes do Porto», *Espólio OLF*. 23 de Janeiro de 1960.
«Directivas para a construção das igrejas segundo o espírito da liturgia romana». *Ora et Labora - revista litúrgica beneditina*. Singeverga, ano II, nº 2, Outubro de 1955.
«Directivas para a construção das igrejas segundo o espírito da liturgia romana». *Novellae Olivarum - revista dos alunos do seminário de Cristo Rei - Olivais*. Lisboa, ano XIII, nº121, Janeiro de 1955.
«"Dossier" Restelo. Plano de Pormenor (CML1971). Justificação». *Arquitectura - arquitectura, planeamento, design, artes plásticas*, nº130, Maio de 1974.

«"Dossier" Restelo 1973. Projecto para a Área Central. Justificação.» *Arquitectura - arquitectura, planeamento, design, artes plásticas*, nº130, Maio de 1974.
«Duas capelas provisórias em Lisboa [Bairro da Liberdade, Curraleira]». *Novas Igrejas - boletim trimestral do Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado*, nº 2-3, Outubro-Dezembro de 1961.
Dudley, Carl. *Portugal (TWA -Trans World Airlines)*. Portugal, 1962.

E

E a semente deu fruto... Algumas referências sobre 25 anos de história. Amadora: Comunidade Paroquial do Santíssimo Redentor Damaia, 1994.
Eesteren, Cornelis van. «Olanda: Nagele. Un nuovo villagio agricolo.» Em *Il Cuore della Città: per una vita più umana delle comunità*, 108–9, 1954.
«Em ordem à construção e adaptação de igrejas: O que é e para que serve uma igrejas». *Boletim de Informação Pastoral*, nº 12, Março-Maio de 1961.
«Emil Steffan (Allemagne 1950)». *L'Art Sacré*, nº3-4, Novembro-Dezembro de 1950.
Ensino primário elementar - O livro da primeira classe. Ministério da Educação Nacional, sem data.
[Equipa Pastoral]. «Carta à comunidade da "Paróquia do Senhor Jesus do Padrão da Légua"», Setembro de 1974.
[ESBAP]. *Arte Portuguesa. Boletim da Escola Superior de Belas Artes do Porto*, nº2-3, 1951-1952 e 1952-1953.
———. *Boletim especial da Escola Superior de Belas-Artes do Porto 1962-1963*. Porto: Ministério da Educação Nacional, Direcção Geral do Ensino Superior e das Belas Artes, 1963.
———. «[Catálogo] *Exposição Magna da Escola Superior de Belas Artes do Porto*». Porto: Ministério da Educação Nacional, Direcção Geral do Ensino Superior das Belas Artes.
II Exposição Magna da Escola Superior de Belas Artes do Porto (Outt.1953) | *IV Exposição Magna da Escola Superior de Belas Artes do Porto* (Out.1955) | *V Exposição Magna da Escola Superior de Belas Artes do Porto* (Out.1956) | *VII Exposição Magna da Escola Superior de Belas Artes do Porto* (Dez.1958) | *VIII Exposição Magna da Escola Superior de Belas Artes do Porto* (Dez.1959) |*IX Exposição Magna da Escola Superior de Belas Artes do Porto* (Out.1960) | *XI Exposição Magna da Escola Superior de Belas Artes do Porto (Out.1962)* | *XIII Exposição Magna da Escola Superior de Belas Artes do Porto* (Dez.1964) | *XV Exposição Magna da Escola Superior de Belas Artes do Porto* (Out.1966) | ***XVI*** *Exposição Magna da Escola Superior de Belas Artes do Porto* (Fev.1968).
«Escola de Belas-Artes do Porto concorre à Bienal de S. Paulo». *Diário do Norte*, 13 de Agosto de 1953.
Estima, Alberto Jorge. «Arquitectura Religiosa em Portugal na Época Contemporânea: 1936-1996 [tese de doutoramento em História da Arte, FLUP]». Universidade do Porto, 2005.
«Eupalinos. L' Âme et la Danse. Dialogue de l'Arbre de Paul Valery». *'os meus livros', Fernando Távora – dos livros, das leituras, da coleção*, 6 de Junho de 2013.
«Exposições e Manifestações Culturais e Religiosas». *Revista Municipal - publicação cultural da Câmara Municipal de Lisboa*, nº33, Abril-Junho, 1947.
Eyck, Aldo van. «The Otterlo circles (1959)». Em *Aldo van Eyck - Works*, 12–13. Basel: Birkhauser Publisher, 1999.

F

Falcão, Manuel Franco. «5ª Conferência Internacional de Sociologia Religiosa ». *Novellae Olivarum - revista dos alunos do seminário de Cristo Rei - Olivais*, ano XIV, nº135, Outubro de 1956.
———. «Carta dirigida ao pe. Martins». *Arquivo SNIP*. 8 de Março de 1962.
———. «Carta dirigida ao Mons. Mário Correia [pároco de S. Sebastião da Pedreira]». *Arquivo SNIP*, 13 de Novembro de 1963.
———. «Factores de influência no comportamento espiritual das comunidades humanas». *Novellae Olivarum - revista dos alunos do seminário de Cristo Rei - Olivais*, ano XV, nº 145, Outubro de 1957.
———. «Sondagem à assistência à missa dominical no Patriarcado de Lisboa». *Novellae Olivarum - revista dos alunos do seminário de Cristo Rei – Olivais*, ano XIV número especial, Julho de 1956.
«Faltam igrejas no Patriarcado. Problema Insolúvel». *Boletim de Informação Pastoral*, nº10, Novembro-Dezembro de 1960.
Fernandes, António Teixeira. «A Igreja e a "questão social" na cidade do Porto». Em *A habitação social na transformação da cidade, sobre a génese e efeitos do «Plano de Melhoramentos para a Cidade do Porto» de 1956*, editado por Vírgilo Borges Pereira. Porto: Afrontamento, 2016.
———. *Dom Florentino de Andrade e Silva – contemplação, pensamento e acção*. Ed. Comporto Edições, 2005.

———. *Para a História da Diocese do Porto. Dom Florentino de Andrade e Silva*. Câmara Municipal de Santa Maria da Feira, 2002.
Fernandes, Eduardo Jorge Cabral dos Santos. «A Escolha do Porto: contributos para a actualização de uma ideia de Escola [tese doutoramento em Arquitectura, EAUM]». Universidade do Minho, 2010.
Fernandes, José Manuel. *Arquitectos Segurado*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2012.
———. «Arquitectura religiosa». Em *A Igreja e a Cultura Contemporânea em Portugal*, editado por Manuel Braga da Cruz e Natália Correia Guedes, 11–41. Universidade Católica Editora, 2000.
———. «Da cidade à arquitectura: enquadramento no tempo e no espaço». Em *Igreja de Nossa Senhora de Fátima em Lisboa 75 anos*. Lisboa: Printer Portuguesa, 2013.
———. *Igrejas do Século XX - Arquitecturas na Região de Lisboa*. Caleidoscópio, 2015.
Fernandes, José Manuel, e João Salvado Ribeiro, eds. *A Igreja do Bairro da Tabaqueira - uma obra de Jorge Viana*. Oeiras, 2012.
Fernandez, Sergio. *Recuperação de aldeias. Equipamento Cultural. Rio de Onor, Bragança, prova CODA*. Porto: ESBAP, 1964.
Ferreira, Bruno André Macedo. «[in]formar a Cidade Contemporânea: a criação de uma imagem/modelo de periferia com a obra do arquitecto Fernando Silva [Tese de mestrado integrado em Arquitectura]». Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa - Instituto Universitário de Lisboa, 2010.
Ferreira, Carlos Antero. *Betão aparente em Portugal*. Lisboa: Associação Técnica da Indústria do Cimento, 1972.
Ferreira, Manuel de Pinho. *A Igreja e o Estado Novo na obra de D. António Ferreira Gomes*. Porto: Fundação SPES, 2004.
Ferreira, Santos de. «Da arte moderna e seus desvairos». *Flama revista semanal de actualidade*, ano X, nº314, 12 de Março de 1954.
«Festa inaugural da Capela do Seminário». *A Voz do Pastor*, 9 de Fevereiro de 1963.
Figueiredo, João Correia de Magalhães. «Bairro dos Olivais. Estudo dos arruamentos principais.» *Arquivo AML*, Junho de 1950.
«Figuras e Factos, Dilatando a nossa fé no Império». *Flama revista semanal de actualidade*, ano VII, nº145, 15 de Dezembro de 1950.
Filgueiras, Octávio Lixa. «A escola do Porto 1940/69». Em *Carlos Ramos, exposição retrospectiva da sua obra*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986.
———. «A renovação da arte sacra em Portugal - concurso de anteprojectos para a Igreja do Sagrado Coração de Jesus (...) - declarações do júri [Octávio Filgueiras]». *Jornal de Letras e Artes*, 1 de Agosto de 1962.
———. *Da função social do arquitecto, para uma teoria da responsabilidade numa época de encruzilhada*. Porto: Edições Sousa de Almeida L.da, 1962.
———. «Esquema da lição do candidato nº1 – Concurso de provas públicas para provimento de um lugar do primeiro grupo». *Espólio OLF*, 1962.
———. «Memória descritiva [igreja matriz de Cepelos]». *Espólio OLF*. Agosto de 1956.
———. «Memória descritiva [igreja S. Miguel - Freixo de Cima - Alto da Lixa]». *Espólio OLF*. sem data.
———. *Sobre doze séculos de arquitectura moderna*. Porto: Centro Técnico da Indústria da Madeira, 1956.
———. *Urbanismo: Um tema rural, prova CODA*. Porto: ESBAP, 1953.
Floristán, Casiano. *Para compreender a paróquia*. Gráfica de Coimbra, 1995.
Fonseca, Fernando Abreu Marques da. «Memória Descritiva e Justificativa [concurso de esbocetos para a nova Igreja de Olivais-Sul]». *Arquivo SNIP*, Janeiro de 1970.
Fontes, Paulo F. Oliveira. «Denúncia da "miséria imerecida do mundo rural"». Em *Elites católicas em Portugal: o papel da Ação Católica (1940-1961)*, 740–51. Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2011.
Fontoura, Álvaro da. «A habitação das classes trabalhadoras - breve contribuição para o seu estudo». *Boletim Cultural e Estatístico - Câmara Municipal de Lisboa*, vol I, nº1, Janeiro-Março de 1937.
França, José Augusto. «Sobre a demolição da igreja de S. Julião na "Baixa Pombalina"». *Arquitectura - arquitectura, planeamento, design, artes plásticas*, nº 130, Maio de 1974.
França, Tomaz da Costa, e [Direcção dos Serviços de Urbanização e Obras da CML]. «Informação nº 2795, da 1ª repartição (urbanização e expropriações)». *Arquivo AML*. 25 de Julho de 1951.
Freire, José Geraldes. «Bispo de Portalegre (1948-1952)». Em *Escritos Pastorais de Portalegre (1948-1952)*. Porto: Fundação SPES, 2001.
Freitas, Emanuel Gaspar de. *A Obra de Raúl Chorão Ramalho no Arquipélago da Madeira*. Caleidoscópio, 2010.
Freitas Morais. «A nova igreja». *A Paróquia, boletim de S. Sebastião da Pedreira*, nº14, Novembro de 1971.

Fundação Cardeal Cerejeira. «Bastará dar uma casa a quem a não tem?». *Boletim de Informação Pastoral*, ano VII, nº 39, Junho de 1965.
Furtado, José. «Penamacor: A igreja que os Megre deram ao povo de Águas - semanário regionalista da Beira Baixa». *Reconquista*, 1 de Junho de 2016.

G

[Gabinete de Estudo]. «Nova Divisão Paroquial na Cidade do Porto». *Arquivo ADP*, sem data.
[Gabinete de Estudo do Plano de Urbanização CMP]. «Bairro de Rebordões (Triana)». *Arquivo AMP*, 1941.
[Gabinete Técnico de Habitação da CML]. «O Plano de Chelas». *Arquitectura - revista de arte e construção*, nº95, Janeiro-Fevereiro de 1967.
Galamba, Carlos. «Os nossos pobres». *Novellae Olivarum - revista dos alunos do seminário de Cristo Rei – Olivais*, ano XI, nº109, Novembro de 1953.
Garrett, Antão de Almeida. «História da evolução dos Planos Gerais de Urbanização da Cidade do Porto». *Boletim da Secção de Planeamento Urbanístico*. Porto, Junho de 1974.
———. «Plano Regulador da Cidade do Porto». separata da revista «Civitas», vol.VIII, nº2. Porto, Julho de 1952.
———. «Queremos levantar casas sadias que preguem tanto como as palavras - discurso». *A Voz do Pastor*, 10 de Março de 1956.
Giedion, Sigfried. «A re-formação da consciência colectiva». Em *Arquitectura e Comunidade*. Lisboa: Livros do Brasil, 1955.
———. «Acerca de uma nova monumentalidade (1943)». Em *Arquitectura e Comunidade*. Lisboa: Livros do Brasil, 1955.
———. *Arquitectura e Comunidade*. Lisboa: Livros do Brasil, 1955.
———. «Il Cuore della città: riassunto». Em *Il Cuore della Città: per una vita più umana delle comunità*, 159–63. Milão: Hoepli, 1954.
Giedion, Sigfried, Fernand Léger, e Josep Lluís Sert. «Nove pontos sobre monumentalidade, uma necessidade humana (Nova Iorque, 1943)». Em *Arquitectura e Comunidade*. Lisboa: Livros do Brasil, 1955.
Goitia, Fernando Chueca. *Invariantes Castizos de la Arquitectura Española*. Madrid: Dossat, 1947.
Gomes, Adelino. «A JUC, o jornal Encontro e os primeiros inquéritos à juventude universitária». *Sociologia, problemas e práticas*, nº 49, 2005.
Gomes, D. António Ferreira. «A grande chaga do nosso tempo, que é o proletarismo, temos de a curar». *A Voz do Pastor*, 10 de Setembro de 1955.
———. «A "Miséria Imerecida" do nosso Mundo». *A Voz do Pastor*, 4 de Maio de 1957.
———. «A primeira alocução do nosso Venerando Prelado». *A Voz do Pastor*, 1 de Novembro de 1952.
———. «Às comunidades cristãs do Padrão da Légua». 6 de Dezembro de 1974.
———. «Benção da primeira pedra para o bairro de Pio XII [1956]». Em *Endireitai as veredas do Senhor! Alguns documentos pastorais do bispo do Porto de 1952 até 1959*. Porto: Livraria Figueirinhas, 1971.
———. «Carta de Despedida (2 de Outubro de 1952)». Em *Escritos Pastorais de Portalegre (1948-1952)*. Porto: Fundação SPES, 2001.
———. «Carta Pastoral 1950». Em *Escritos Pastorais de Portalegre (1948-1952)*. Porto: Fundação SPES, 2001.
———. «Fala o Pastor, a maior Reforma na Igreja desde há muitos séculos». *A Voz do Pastor*, 2 de Outubro de 1954.
———. «Homília na erecção da paróquia N.a S.a da Ajuda». *Igreja Portucalense*, 28 de Janeiro de 1973.
———. «Não falte, em cada bairro, o lugar do culto». *A Voz do Pastor*, 17 de Setembro de 1955.
Gomes, Jesué Pinharanda. *Santo António dos Cavaleiros. monografia histórica*. Loures: Paróquia de Santo António dos Cavaleiros, 1992.
Gonçalves, Avelino. «Sentido de uma iniciativa». *Flama revista semanal de actualidade,* ano V, nº59, 22 de Abril de 1949.
Gonçalves, José Fernando. «Agostinho Ricca 1915-2010». Em *Agostinho Ricca - arquitectura, obra, desenho*, 163–70. Porto: Uzina Books, 2015.
Gonçalves, Susana. «Igreja Nossa Senhora da Conceição há 60 anos ao serviço da comunidade». *Gazeta das Caldas*. 14 de Outubro de 2011.
Grande Parque Residencial da Boavista [brochura comercial]. Porto: Sociedade de Construções William Graham, sem data.
Gresleri, Glauco. «Carta dirigida a Diogo Lino Pimentel». *Arquivo SNIP*. 7 de Dezembro de 1960.
———. «Carta dirigida a Diogo Lino Pimentel». Arquivo SNIP, 27 de Abril de 1961.

———. «Carta dirigida a Diogo Lino Pimentel». *Arquivo SNIP*. 21 de Maio de 1966.
———. «Carta dirigida a Diogo Lino Pimentel». *Arquivo SNIP*. 19 de Agosto de 1968.
———. «Chiese di oggi: strutture nuove per una pastorale tradizionale o strutture nuove per una pastorale nuova?». *Arquivo SNIP*, Abril-Maio de 1968.
Gresleri, Glauco, M. Beatrice Bettazzi, e Giuliano Gresleri. *Chiesa e Quartiere - storia di una rivista e di un movimento per l'architettura a Bologna*. Bolonha: Editrice Compositori, 2004.
Gresleri, Glauco, e Giuliano Gresleri. *Kenzo Tange e l'utopia di Bologna. Bologna nord. Centro Ecumenico. Fiera district*. Bolonha: Bononia University Press, 2010.
Gröer, Étienne de. «Introdução ao urbanismo». Em *Boletim da Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização*, vol.I, Ministério das Obras Públicas e Comunicações, 1945-1946.
Guerreiro, Paulo Lima. «Viana de Lima e a influência do Movimento Moderno na Arquitectura Portuguesa». E.T.S. de Arquitectura - Universidade da Coruña, 2014.
Guimarães, Alfredo. *Cardeal Cerejeira no Brasil*. Federação. Rio de Janeiro: Editorial Alba Limitada, 1935.

H

Hammond, Peter. *Towards a Church Architecture*. Londres: The Architectural Press, 1962.
Heitor, Teresa Valsassina. «Olivais e Chelas: operações urbanísticas de grande escala», sem data.
Henriques, Ana. «Teotónio Pereira considera que igreja do Restelo é uma aberração». *Público*, 18 de Novembro de 2009.
Henriques, António. «Fernando Peres, a vida nos Monumentos». *Boletim Arquitectos*, Agosto de 2005.

I

IAPXX - Inquérito à Arquitectura do Século XX em Portugal. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2006.
«igrejas». *Arquitectos - revista oficial do sindicato nacional dos arquitectos*, nº14, Setembro de 1942.
Introducing Portugal (NATO - The Atlantic Community series). Portugal: Europa Telefilm, 1956.

J

«João Bentes Pimenta: 'A Igreja aceita de braços abertos a arte do nosso tempo'». *Jornal de Letras e Artes*. 7 de Julho de 1965.
Júnior, Carlos Teixeira da Costa, e [Comissão Municipal de Arte e Arqueologia]. «Parecer ao ante projecto do convento de Cristo-Rei». *Arquivo CMP*. 17 de Junho de 1950.
«Juventude Universitária do Porto, inauguração do novo ano social». *O Comércio do Porto*. 16 de Novembro de 1951.

K

Krüger, Jürgen, e Christiane Tichy. *Kirchenbau und Politik. Deutsche evangelische Kirchen auf der Iberrischen Halbinsel 1900-1945*. Petersberg: Michael Imhof Verlag, 2003.

L

«La chiesa e la cittá». Em *Dieci Anni di Architettura Sacra in Italia 1945-1955*. Bolonha: Ufficio tecnico organizzativo arcivescovile, 1956.
«La pauvreté évangélique Reconstruire les églises IV - l'exemple de la Suisse Alémanique». *L'Art Sacré*, nº1-2, Janeiro-Fevereiro de 1947.
Leal, António Freitas. «Depoimento (Março-Abril de 2009)». Em *MRAR e os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal no século XX [Volume II - anexos] de João Alves da Cunha*, 77–78. Lisboa: FAUTL, 2014.
Leal, João. *Arquitectos, engenheiros, antropólogos:estudos sobre a arquitectura popular no séc. XX (conferência Marques da Silva 2008)*. Porto: Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva, 2009.
Leal, Manuel João de Freitas. «Carta dirigida a Diogo Lino Pimentel». *Arquivo FCG-MRAR*. 8 de Julho de 1969.
Lemos, Artur. «Anos 50: abertura e esperança». Em *Por caminhos não andados - Seminário dos Olivais 1945-1968*. Multinova, 2007.

Lercaro, Giacomo. «A Igreja no Bairro». *Novas Igrejas - boletim trimestral do Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado*, nº4, Outubro-Dezembro de 1961.
———. «Carta dirigida ao Dr. Azeredo Perdigão, presidente da FCG». *Arquivo SNIP*. 11 de Fevereiro de 1966.
———. «I Congresso di Architettura Sacra - prolusione (Università degli studi di Bologna, 23 de Setembro de 1955)». Em *La chiesa nella città - Discorsi e interventi sull' architettura sacra*, 17–26. San Paolo, 1996.
———. «L'Architetto oggi di fronte al tema sacro (Firenze, 11 de Abril de 1957)». Em *La chiesa nella città - Discorsi e interventi sull' architettura sacra*, 27–39. San Paolo, 1996.
———. «separata - Discurso do Cardeal Lercaro no Congresso de Arquitectura Sacra [1955] (trad. António Lino)». *Boletim - movimento de renovação de arte religiosa*, 1ª série, nº2, Maio de 1957.
Lima, João da Silva Torres. *MOJAF - Movimento Juvenil de Ajuda Fraterna (1963-1970)*. Porto: CITCEM - Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, 2013.
Lino, António. «Memória descritiva e justificativa da nova egreja de S. João de Deus na praça de Londres, em Lisboa». *Arquivo AML*. Abril de 1950.
Lino, Raul. «Espírito em arquitectura (30 de Maio de 1935)». Em *Auriverde Jornada*. Lisboa: Valentim de Carvalho, 1937.
———. «Igrejas Modernas». *Diário de Notícias*, 21 de Maio de 1951.
———. *Quatro palavras sobre urbanização*. Lisboa: Valentim de Carvalho, 1945.
Lôbo, Margarida Souza. «Covilhã: planos de urbanização à época de Duarte Pacheco». *Monumentos*, Julho de 2009.
———. *Planos de Urbanização, a época de Duarte Pacheco*. FAUP publicações, 1995.
Lopes, Filipe Mário. «Memória Descritiva e Justificativa [concurso de esbocetos para a nova Igreja de Olivais-Sul]». *Arquivo SNIP*, Janeiro de 1970.
Lopes, Frederico. «Correio da Alemanha: As capelas rolantes e o evangelho na diáspora». *Novidades*, 18 de Janeiro de 1955.
Lopes, Joana. *Entre as brumas da memória. Os católicos portugueses e a ditadura*. Porto: Ambar, 2007.
Lourau, René. «Préalables sociologiques sur les groupes informels: essai d'analyse institutionelle». Em *Les groupes informels dans l'Église [Deuxième colloque du Cerdic - Centre de Recherche et de Documentation des Institutions Chrétiennes]*, editado por René Metz e Jean Schlick, 72–106. Strasbourg: Cerdic-Publications, 13-15 de Maio de 1971.
«Lugares de culto provisórios numa cidade italiana - Bolonha». *Novas Igrejas - boletim trimestral do Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado*, Abril-Setembro de 1961.

M

M. Norberto Corrêa - Arquitectura e Urbanismo. Uzina Books, 2013.
Mafra, Luís Azevedo. *Lisboa no tempo do Cardeal Cerejeira*. Centro de Estudos de História Religiosa, 1997.
Manenti, Claudia. *Luoghi di identità e spazi del sacro nella città europea contemporanea*. Franco Angeli, 2012.
Mariz, Vera Félix. «A capela de Nossa Senhora de Fátima na igreja de Santo Eugénio em Roma "tão linda ideia patriótica e cristã" 1942-1951 [dissertação de mestrado em Arte, Património e Teoria do Restauro]». Universidade de Lisboa, 2010.
Marques, Bernardo Serpa. «O Espaço da diocese do Porto: limites e áreas regionais». Em *I Congresso sobre a Diocese do Porto (5 a 8 de Dezembro de 1998) - Tempos e Lugares de Memória*, editado por Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão, Universidade Católica, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, e - Departamento de Ciências e Técnicas do Património. Porto/Arouca, 2002.
Marques, Joana. *Reconstituição biográfica dos arquitectos representados na exposição de 1953: «Marques da Silva: Exposição conjunta das principais obras do mestre e de alguns dos seus discípulos»*. Porto: Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva, 2015.
Marques, João Luís. «Entre lo provisional y lo definitivo. Experiencias de las capillas-salón del Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado de Lisboa». Em *Más allá del edificio sacro: arquitectura y evangelización. Actas del Congreso Internacional de Arquitectura Religiosa Contemporánea 3*, editado por Esteban Fernández Cobián, 204–213, 2013.
———. «From Bologna to Lisbon - Pastoral and architectural experiments in transit: from the provisional chapel to the church in a housing block». Em *La Chiesa nella città a 50 anni dal Concilio Vaticano II*, editado por Claudia Manenti, 129–131. Bolonha: Bononia University Press, 2016.
———. «História de um projecto igreja Nossa Senhora da Boavista». Em *Agostinho Ricca - arquitectura, obra, desenho*, 152–158. Porto: Uzina Books, 2015.

———. «"igrejas para a comunidade" um projecto do Arquivo de Fernando Távora - igreja paroquial Senhor dos Mares, Nazaré». Em *Sobre o «projecto-de-arquitetura» de Fernando Távora*, editado por Manuel Mendes, 72–95. Porto: Reitoria da Universidade do Porto, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva, 2015.

———. «The church in the city: The churchyard in Parish Church Complexes - 3 Case Studies». Em *Espaço Público e Cidade Contemporânea, 6º European Symposium on Research in Architecture and Urban Design EURAU 12*. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2012.

———. «Viagens e memória. Arquitectura do "centro"». Em *Agostinho Ricca - arquitectura, obra, desenho*, 28–31. Porto: Uzina Books, 2015.

Marques, José Vieira. «Pio XII e o Cinema». *Novellae Olivarum - revista dos alunos do seminário de Cristo Rei - Olivais*, ano XVI, nº 134, Maio de 1956.

Marques, Nuno. «Plano do Vale de Algés». Em *M. Norberto Corrêa - Arquitectura e Urbanismo*. Uzina Books, 2013.

Martin, D. Martin. «Igreja Nossa Senhora de Fátima em Lisboa - elaboração do projecto, construção e a sua importância na Arte moderna (conferência 24 de Maio de 1963)». Em *Igreja de Nossa Senhora de Fátima em Lisboa 75 anos*. Lisboa, 2013.

Martins, Armando Alves. «Arte Religiosa Moderna». *Flama revista semanal de actualidade*. ano VI, nº96, 6 de Janeiro de 1950.

———. «Da arte moderna e seus desvairos». *Correio de Coimbra*, 25 de Março de 1954.

———. «Problema de grande alcance - unidade de habitação de Marselha». *Flama revista semanal de actualidade*, ano VI, nº64, 14 de Outubro de 1949.

Martins, João Paulo. «A renovação da arquitectura religiosa». Em *João Correia Rebelo um arquitecto moderno nos Açores*, 53–69. Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano de Cultura, 2002.

———. «Cottinelli Telmo 1897-1948, a obra do arquiteto [dissertação de Mestrado em História de Arte Contemporânea]». Faculdade de Ciências Sociais e Humana - Universidade Nova de Lisboa, 1995.

Martins, Victorino. «Avenidas Novas». *Flama revista semanal de actualidade*, ano XVII, nº672, 20 de Janeiro de 1961.

Matias, João Carlos Carrinho. *Arripiado, Aldeia do Tejo*. Chamusca: Câmara Municipal da Chamusca, 2003.

«Matosinhos em festa - benção e lançamento da primeira pedra para a Capela de Santo Amaro». *A Voz do Pastor*, ano XXXIII, nº 9, 7 de Março de 1953.

[Matosinhos, Paróquia]. *1951-1976 25 anos ao serviço da paróquia de Matosinhos*. Paróquia de Matosinhos, 1976.

Maurício, Luís Maria dos Anjos, José Marques Murta, Paulo Loureiro Baptista, Albino Mamede Cleto, José Maya Santos, e Diogo Lino Pimentel. «Relatório do júri - Concurso de esbocetos para a nova igreja de Olivais Sul». *Arquivo SNIP*. 28 de Fevereiro de 1970.

Mello, Isabel de. «No Bairro da Liberdade a grande obra social "Educação Popular" no limiar dos vinte anos de caridade intensa». *Flama revista semanal de actualidade*, 10 de Julho de 1953.

Mendes, Manuel. «Alfredo Matos Ferreira, artista de "sexto sentido" (29 de Junho de 2015)». *Punkto*.

———. *Sobre o «projecto-de-arquitetura» de Fernando Távora*. Porto: Reitoria da Universidade do Porto, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva, 2015.

Mendes, Manuel Atanásio. *Arte moderna e arte da Igreja - critérios para julgar e normas de construção*. Coimbra: Ministério das Obras Públicas - Direcção Geral dos Serviços de Urbanização - Centro de Estudos de Urbanismo, 1959.

———. «Introdução». Em *Arte moderna e arte da Igreja - critérios para julgar e normas de construção*. Coimbra: Ministério das Obras Públicas - Direcção Geral dos Serviços de Urbanização - Centro de Estudos de Urbanismo, 1959.

Mendes, Vasco. «Memória descritiva e justificativa [capela P]». Arquivo ADP, 6 de Junho de 1963.

Mendonça, Manuela. *Moscavide, contributos para a sua história nos 50 anos da paróquia de Santo António*. Paróquia de Moscavide, 2006.

Mendonça, Maria José de. *1ª Exposição de Arte Sacra Moderna [catálogo]*. Lisboa: União Noelista Portuguesa, 1945.

———. «Carta dirigida a Diogo Lino Pimentel». *Arquivo SNIP*. 17 de Setembro de 1959.

Miranda, Bernardo. «Liturgia e Arquitectura - pensar um lugar para a liturgia: o aggiornamento como programa? [tese de doutoramento em Arquitectura, FAUP]» Universidade do Porto, 2014.

Miranda, Elisário. «Arquitectura e Liturgia em Portugal (1926-1974), [Provas de aptidão pedagógica e capacidade científica, EAUM]». Universidade do Minho, 2005.

Miranda, Paulo (coord.). «Luis Cunha, Arquitecto/Artista/Professor – Architect/Artist/Professor, edição especial 03.» *Archinews*, 2012.

Moniz, Gonçalo Canto. «O Ensino Moderno da Arquitectura - a Reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69) [tese de doutoramento em Arquitectura, Darq-FCTUC]». Universidade de Coimbra, 2011.

Moniz, Gonçalo Canto, Luís Miguel Correia, e Adelino Gonçalves. «O estudo de renovação urbana do Barredo : a formação social do arquitecto para um território mais democrático». *Estudos do Século XX - Educação e Democracia*, nº14, (2014).

Moniz, Gonçalo Canto, e Nelson Mota. «De Alberti aos CIAM: em Direção a uma Abordagem humanista do ensino da Arquitetura e do habitat». Em *Na génese das racionalidades modernas II - em torno de Alberti e do Humanismo*, editado por Mário Krüger, 371–388. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015.

«Mons. Celso Constantini denuncia os desvios modernistas da Arte Sacra». *Novidades – Letras e Artes*, ano XV, nº21, 8 de Julho de 1951.

Monsaraz, Maria Flávia. «L'Art Sacré». *Boletim - movimento de renovação de arte religiosa*, 1ª série, nº3, Dezembro de 1957.

Monteiro, Pardal. «A igreja de Nossa Senhora de Fátima». *Arquitectos - revista oficial do sindicato nacional dos arquitectos*, nº 7, Novembro-Dezembro de 1938.

Montez, Paulino. «Plano de um aglomerado de habitações». *Estudos de Urbanismo em Portugal - Lisboa, extensão Nordeste da cidade*, nº5-7, 1958.

———. «Plano do Bairro da Encarnação». *Estudos de Urbanismo em Portugal - Lisboa, extensão Nordeste da cidade*, nº5-7, 1958.

Mota, Nelson. «An Archeology of the Ordinary. Rethinking the Architecture of Dwelling from CIAM to Siza [tese de doutoramento]». Delft University of Technology, 2014.

[MOP] «Obras Públicas concluídas em 1952». Em *Boletim do Comissariado do Desemprego*. Lisboa: Ministério das Obras Públicas, anexo nº3, 1953.

———. «Obras Públicas concluídas em 1962». Em *Boletim do Comissariado do Desemprego*. Lisboa: Ministério das Obras Públicas, anexo nº13, 1963.

———. «Obras Públicas concluídas em 1966». Em *Boletim do Comissariado do Desemprego*. Lisboa: Ministério das Obras Públicas, anexo nº 17, 1967.

MRAR. *Boletim - movimento de renovação da arte religiosa*, 1ª série, nº1 a 4, de Maio de 1957 a Abril de 1958

———. *Boletim - movimento de renovação da arte religiosa*, 2ª série, nº1 a 30, de Junho de 1961 a Junho de 1966

———. *Boletim - movimento de renovação da arte religiosa*, 3ª série, nº1, Janeiro de 1967-Maio de 1968.

———. *Boletim - movimento de renovação da arte religiosa*, 1ª série, nº1, Maio de 1957.

———. *Boletim - movimento de renovação da arte religiosa*, 2ª série, nº7, Dezembro de 1961.

———. *Boletim - movimento de renovação da arte religiosa*, 2ª série, nº11, Abril de 1962.

———. *Boletim - movimento de renovação da arte religiosa,* 2ª série, nº28, Julho 1964 Dezembro 1965.

———. «Circular». *Arquivo FCG-MRAR*. 19 de Dezembro de 1957

———. *Estatutos*, 1956.

———. «Exigências da Paróquia Moderna - apontamentos da conferência do pe. Teodoro Marques da Silva». *Arquivo FCG-MRAR*. 4 de Dezembro de 1954.

———. «Programa de construção da nova igreja paroquial de Cedofeita e seus anexos». *Arquivo ADP*, 1963.

Mumford, Eric Paul. *The CIAM Discourse on Urbanism, 1928-1960*. Cambridge: Massachusetts Institute of Technology, 2000.

Mundo Português imagens de uma exposição histórica 1940. Edições Secretariado Nacional de Informação SNI, 1956.

Munier, Albert. *Un projet d'Eglise au XXe siecle*. Paris: Desclée de Brouwer et Cie, 1933.

N

«Nem medo nem pressa». *Boletim de Informação Pastoral*, ano VI, nº30, Março-Abril de 1964.

Nemésio, Vitorino. «[Palestra semanal na Emissora Nacional]». *Arquivo FCG-MRAR*, 21 de Abril de 1956.

Neutra, Richard. «Progetto del Cuore per una comunità in California». Em *Il Cuore della Città: per una vita più umana delle comunità*, 90–93. Milão: Hoepli, 1954.

[Neves, Carlos]. «A Casa da Paróquia do Carvalhido, apreciada através duma entrevista relâmpago com o senhor arquitecto Carlos Neves, autor do projecto». *Mensageiro do Carvalhido - boletim mensal da paróquia do Carvalhido*, ano I, nº3, Março de 1950.

«No Bairro da Serafina os seus moradores e os do Bairro da Liberdade receberam com francas manifestações de simpatia o Sr. Presidente da República». *O Século*.,24 de Julho de 1961.

«Nova igreja da Parede». *Flama revista semanal de actualidade*, ano IX, nº262, 13 de Março de 1953.

«Novos Conceitos de Igreja». *Boletim - movimento de renovação de arte religiosa*, 3ª série, nº1, Janeiro de 1967-Maio de 1968.
«Novos conceitos de igrejas». *Boletim de Informação Pastoral*, ano XI, nº56-57, Janeiro de 1969.
Nunes, Adérito Sedas. «Portugal, sociedade dualista em evolução». *Análise Social*, nº7-8, 1964.
Nunes, Pinho. «Paróquias criadas na diocese do Porto desde há cem anos». *A Voz do Pastor*, ano XXXVIII, nº 21, 24 de Maio de 1958.

O

[Observador]. «Vamos aos cinemas paroquiais!». *A Voz do Pastor*, ano XXXVII, nº40, 5 de Outubro de 1957.
«O Centro de Caridade de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro vai inaugurar uma nova sede para corresponder aos imperativos da sua iniciativa». *Jornal de Notícias*, 18 de Novembro de 1961.
«O centro de catequese e o parque infantil». *A Voz do Pastor*, 23 de Fevereiro de 1963.
«O patronato de Santa Teresinha na paróquia do SS. Sacramento». *A Voz do Pastor*, ano XL, nº25, 2 de Julho de 1960.
«O Senhor Cardeal Patriarca visitou o bairro da Curraleira». *Novidades*, 9 de Julho de 1961.
«Olivais - Sul». *Revista Municipal - publicação cultural da Câmara Municipal de Lisboa*, ano XXIV, nº97, 2º trimeste de 1963.
Oliveira, Maria Manuel. «in memoriam, na cidade [tese de doutoramento em Arquitecura, EAUM]». Universidade do Minho, 2007.
Oliveira, Marta. *Elementos da forma urbana da Afurada*, 2002.
Oliveira, A. Lopes de. «A obra do arquitecto António Lino na nova igreja de S. João de Deus». *Novidades – Letras e Artes*, 8 de Março de 1953.
———. «O sentido arquitectural português na obra de Vasco Regaleira». *Novidades – Letras e Artes*, 19 de Agosto de 1951.
Oliveira, Leonel de. «entrevista conduzida por João Luís Marques». 2012.
———. «simpósio - Padres para este tempo [Fátima, 1993]». Em *Duma só coisa quis saber*, editado por José Rui Teixeira. Maia: Labyrinthus, 2008.
———. «Último período duma experiência pastoral». *Tempos e Festas*, 1962.
———. *Um programa a satisfazer*, sem data.
«Os futuros sacerdotes do Porto estão "á la page"». *A Voz do Pastor*, 8 de Fevereiro de 1958.
«Os problemas sociais do Barredo». *A Voz do Pastor*, ano XLI, nº41, 4 de Novembro de 1961.
«Outras capelas provisórias em Lisboa e seu termo [Curraleira - Alto de S.João, Bairro da Liberdade - S. Vicete Paulo, Olival Basto - Póvoa de Santo Adrião]». *Boletim de Informação Pastoral*, ano VII, nº41-42, Setembro-Novembro de 1965.

P

Pacheco, Alexandra Trevisan da Silveira. «Influências internacionais na arquitectura moderna no Porto (1926-1956) [tese de doutoramento em Arquitectura]». Universidad de Valladolid, 2013.
Pacheco, Filipe. *Resenha histórica da Paróquia do Senhor Jesus do Padrão da Légua (1996-1998)*. Porto: edição de autor policopiada, 1996.
Papa Francisco. «A Alegria do Evangelho. Exortação Apostólica - Evangelli Gaudium - sobre o anúncio do Evangelho no Mundo actual». Roma, 2013.
Papa Paulo VI. *Carta Encíclica - Populorum Progressio*, 1967.
Papa Pio XI. «Abbiamo poco». *Inauguração da nova Pinacoteca Vaticana*. 27 de Outubro de 1932.
Papa Pio XII. «A mensagem de Pio XII aos portugueses por motivo da inauguração da nova igreja no bairro da Encarnação». *Diário de Notícias*, 3 de Junho de 1951.
———. *Encíclica Mediator Dei*, 1947.
«Parroquia de Sever do Vouga (Aveiro)». *ARA arte religioso actual, publicacion del Movimiento Arte Sacro*, ano VII, nº 26, Outubro-Dezembro de 1970.
«Pastoral colectiva sobre o voto do Episcopado Português pela paz em Portugal». Em *Obras Pastorais, segundo volume 1936-1942*, 141–152. Lisboa: União Gráfica, 1961.
Pecklers, Keith F. *The Unread Vision. The Liturgical Movement in the United States of America 1926-1955*. Minessota: The liturgical press, 1998.
Pedrosa, Patrícia Santos. *Cidade Universitária (1911-1950) Génese de uma difícil territorialização*. Lisboa: Edições Colibri, 2009.
Pereira, Fernando J. Micael. «A Igreja na sociedade urbana». *Boletim - movimento de renovação de arte religiosa*, 3ª

série, nº1, Janeiro de 1967-Maio de 1968.
———. «Equipa de Sociologia Religiosa». Em *Por caminhos não andados - Seminário dos Olivais 1945-1968*, 169–178. Multinova, 2007.
Pereira, José Carlos. «O Movimento de Renovação da Arte Religiosa e o papel artístico e pastoral do seu Boletim». *Lusitania Sacra*, 2ª série, nº12, 2000.
———. «O Movimento de Renovação da Arte Religiosa – O complexo paroquial do Sagrado Coração de Jesus». *Revista Arte e Teoria*, nº1, 2000.
Pereira, Nuno Teotónio. «A arquitectura cristã contemporânea (Ala, Janeiro de 1947)». Em *Escritos (1947-1996, selecção)*, 4–13. Porto: FAUP publicações, 1996.
———. «Arquitectura religiosa». *Comércio do Porto*, 8 de Dezembro de 1953.
———. «A transferência de populações do Vale de Alcântara (folheto clandestino 1966)». Em *Escritos (1947-1996, selecção)*, 56–67. Porto: FAUP publicações, 1996.
———. «Algumas observações às críticas apontadas ao projecto da Nova Igreja Paroquial das Águas (8 de Setmbro de 1951». Em Silva, Ana Luísa Sanches. «Movimento para a renovação da arte religiosa: o caso do atelier de Nuno Teotónio Pereira [dissertação mestrado integrado]». Universidade Lusíada de Lisboa, 2015.
———. «Arquitectura religiosa». *Comércio do Porto*, 8 de Dezembro de 1953.
———. «Aspectos sociais na construção do habitat (colóquio no Sindicato Nacional dos Arquitectos sobre os aspectos sociais na concepção do habitat, 14 Fevereiro 1960)». Em *Escritos (1947-1996, selecção)*, 34–39. Porto: FAUP publicações, 1996.
———. «Carta dirigida ao SNIP [anulação do contrato para o projecto da igreja de S. Sebastião da Pedreira]». *Arquivo SNIP*, 2 de Outubro de 1970.
———. «Chegarão 100 anos para acabar com as barracas?» *Público*, 23 de Setembro de 1993.
———. «Depoimento (4 de Fevereiro de 2009)». Em *MRAR e os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal no século XX [Volume II - anexos] de João Alves da Cunha*, 81–83. Lisboa: FAUTL, 2014.
———. «Entrevista conduzida por Nuno Grande», 16 de Maio de 2013.
———. «Experiência de um arquitecto». *Novidades*, 7 de Fevereiro de 1961.
———. «O congresso de 1948: Que fazer com estes 50 anos? (24.Agosto.1998)». *Jornal Arquitectos*, nº 186, Setembro de 1998.
Pereira, Nuno Teotónio [et.al.]. «Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea (Folheto)». Lisboa, Abril de 1953.
Pereira, Nuno Teotónio, e José Pedro Martins Barata. «Paróquia e urbanismo - conferência». *2º Encontro do MRAR - Problemas da Igreja Paroquial*. 10 de Junho de 1955.
Pereira, Nuno Teotónio, e Nuno Portas. «Centro Comercial e Cultural de S. Sebastião. Programa genérico e Solução esquemática. Memória». *Arquivo AML*, 1 de Setembro de 1970.
Pereira, Nuno Teotónio, e Nuno Portas. «Memória Descritiva e Justificativa do Centro Paroquial de S. Sebastião da Pedreira». *Arquivo SNIP*. 18 de Agosto de 1967.
Pereira, Nuno Teotónio, e João Braula Reis. «Memória Descritiva e Justificativa do Centro Social do Alto da Serafina». *Arquivo SNIP*. 26 de Abril de 1957.
Perestrello, Francisco. «A Igreja e a cultura cinematográfica no último meio século». Em *A Igreja e a Cultura Contemporânea em Portugal*, editado por Manuel Braga da Cruz e Natália Correia Guedes. Universidade Católica Editora, 2000.
Pestana, João Hermenegildo, e Alcino Costa. «Memória descritiva e justificativa igreja paroquial de Ermesinde». *Arquivo ADP*. sem data.
«Petit eglise à Vallingby». *L'Architecture d'Aujourd'hui*, nº93, Dezembro de 1959-Janeiro de 1960.
Pimentel, Diogo Lino. «[nossos dias]», 1968.
———. «A renovação do interior duma igreja : Santa Isabel, em Lisboa (António Freitas Leal)». *Arquitectura - revista de arte e construção*, nº89-90, Dezembro de 1965.
———. «Actividades da Secção Técnica do Secretariado. Igrejas novas para o novo bairro dos Olivais (Lisboa)... ». *Novas Igrejas - boletim trimestral do Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado*, nº2-3, Abril-Setembro de 1961.
———. «Carta dirigida ao Centro di Studio e Informazione per l'Architettura Sacra a/c arq. Giorgio Trebbi». *Arquivo SNIP*. 6 de Julho de 1959.
———. «Carta dirigida ao Director-adjunto do Serviço de Belas Artes da FCG». *Arquivo FCG-MRAR*, 14 de Maio de 1969.
———. «Igreja paroquial de Nevogilde, Porto». *Arquivo SNIP*. 17 de Junho de 1968.
———. «Inquérito sobre arquitectura religiosa». *Binário - revista mensal de arquitectura, construção, equipamento*, nº196, Janeiro de 1975.
———. «Lugares de culto em praias - relatório interno». *Arquivo SNIP*, 10 de Abril de 1967.

———. «Relatório referente ao 1º trimestre de estágio junto do "Centro di Studio e Informazione per l"Architettura Sacra». *Arquivo SNIP*. 3 de Dezembro de 1959 a 3 de Março de 1960.
Pimentel, Diogo Lino, e [SNIP]. «Memória descritiva e justificativa [capela provisória para Olivais-Sul]». 8 de Junho de 1965.
Pimentel, Diogo Lino, e João de Almeida. «Condizioni di inserimento dell'edificio nello spazio sociale urbano». Em *Architettura e Liturgia (coord. Pina Ciampi)*, 21–22. Assis: Edizioni Pro Civitate Christiana, 1965.
Pimentel, Irene Flunser. *Cardeal Cerejeira - o Príncipe da Igreja*. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2010.
Pina, Luís de. «II Congresso Nacional do Apostolado da Oração». *Civitas - Revista da Câmara Municipal do Porto*. 1945.
———. «O Porto e S. Domingos». *Cristo Rei, Boletim Religioso da Igreja de Cristo-Rei (Dominicanos)*. ano I, nº1, 22 de Março de 1952.
Pinto, Alberto Reaes. «A primeira experiencia de pré-fabricação pesada em Portugal». *Jornal Arquitectos*, nº 104, Julho-Agosto de 1969.
«Pio XII, o Papa da Pastoral lúcida e realista». *Boletim de Informação Pastoral*, 1959.
Pires, Maria do Carmo Marques. «O Ateliê de Arquitectura/Urbanismo de David Moreira da Silva e Maria José Marques da Silva Martins. Visibilidade da memória. [tese de doutoramento em História de Arte, FLUP]» Universidade do Porto, 2012.
Policarpo, José. «Arte sacra e legislação eclesiástica». *Novellae Olivarum - revista dos alunos do seminário de Cristo Rei - Olivais*, ano XVII, nº174, Dezembro de 1960.
Ponces, Miguel, José Alcobia, Equipa, e J. Armando. «Inquéritos: Paróquia dos Olivais , Bairro da Encarnação, Paróquia de Sacavém, Paróquia de Moscavide». *Novellae Olivarum - revista dos alunos do seminário de Cristo Rei - Olivais*, ano XIII, nº126, Junho de 1955.
Portas, Nuno. «3 obras de Álvaro Siza, III - Centro de Assistência Paroquial de Matosinhos». *Arquitectura*, nº68, Julho de 1960.
———. «Arquitectura Religiosa Moderna em Portugal». *Arquitectura*, nº60, Outubro de 1957.
———. «Desenho da Cidade e Ensino». Em *A Cidade como Arquitectura: apontamentos de métodos e crítica*. Lisboa: Livros Horizonte, 2007.
———. «"Dossier" restelo 1973. Resposta à reportagem crítica em jornal diário. (15 de Novembro de 1973». *Arquitectura - arquitectura, planeamento, design, artes plásticas*, nº130, Maio de 1974.
———. «entrevista conduzida por João Luís Marques», 15 de Novembro de 2011.
———. «entrevista conduzida por Nuno Grande», 16 de Maio de 2013.
———. «Evolução da arquitectura moderna em Portugal (1973)». Em *A arquitectura para hoje*, 149. Lisboa: Livros horizonte, 2008.
———. «O processo SAAL: Entre o Estado e o Poder Local». *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº18/19/20, Fevereiro de 1986.
———. «Olivais - Sul». *Arquitectura*, nº103, 1968.
———. *Ser urbano no caminho de Nuno Portas*. Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2012.
Portas, Nuno, José Manuel Fernandes, e Maria Tavares. «Nuno Teotónio Pereira. Arquitectura e Contexto: uma experiência». Em *Habitação para o maior número. Portugal, os anos de 1950-1980, Lisboa, 2013*, 158. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, 2013.
Portas, Nuno, Nuno Teotónio Pereira, e Gonçalo Byrne. «Centros de compras em Lisboa: estudo para um centro em São Sebastião da Pedreira (Setembro-Outubro)». *Arquitectura*, nº123, Setembro-Outubro de 1971.
Porto, João Lopes. «Professor Engenheiro António Agnelo Teixeira Barbosa de Abreu». Em *Prémio Professor Barbosa de Abreu*, 3–4. Porto: Secção de Construções Civis, Departamento de Engenharia Civil da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, sem data.
«Problemática das capelas provisórias [capelas de recurso, a capela desmontável]». *Boletim de Informação Pastoral*, anoVII, nº41-42, Setembro-Novembro de 1965.
Proença, Álvaro. «A paróquia nos tempos modernos». Em *Benfica através dos tempos*, 508–511. Lisboa: União Gráfica, 1964.
«Programa de Concurso esbocetos igreja de Olivais Sul», *Arquivo SNIP*, 1969.
«Programa de construção da Igreja do SS. Coração de Jesus e seus anexos». *Novellae Olivarum - revista dos alunos do seminário de Cristo Rei - Olivais*, ano XVI, nº148, Janeiro de 1958.
«Programa de construção da igreja paroquial do SS. Coração de Jesus e seus anexos». *Arquivo SNIP*, 1962.
«Projecto de divisão paroquial da cidade de Lisboa». *Arquivo SNIP*, 16 de Agosto de 1957.
«Projectos-tipo executados pelo Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado». *Arquivo SNIP*, 1972.

Q

Quaroni, Ludovico. «Il spazio interno della Chiesa (24.Set.1955)». Em *Dieci Anni di Architettura Sacra in Italia 1945-1955*. Bolonha: Ufficio tecnico organizzativo arcivescovile, 1956.

R

Ramos, Carlos. «Carta dirigida ao Senhor Abade da Freguesia de São Pedro da Afurada [pe. Joaquim de Araújo]». *Arquivo ESBAP*, 18 de Março de 1955.

———. «Exposições Magnas (discurso 29 de Outubro de 1955)». Em *IV Exposição Magna da Escola Superior das Belas Artes do Porto*. Porto: Ministério da Educação Nacional Direcção Geral do Esnsino Superior das Belas Artes, 1955.

———. «Palavras prévias». Em *Sobre doze séculos de arquitectura moderna*. Porto: Centro Técnico da Indústria da Madeira, 1956.

Ramos, Sílvia. «Campo Alegre cidade: da sua longa metamorfose [tese de doutoramento]». Universidade do Porto, em curso.

«Reconstruire les églises I L'esprit et les principes, L'Église dans la Cité». *Cahiers de L'Art Sacré,* nº1, Julho de 1945.

Regaleira, Vasco Palmeira. «Memória descritiva do ante-projecto da igreja do Santo Condestável». *Arquivo AML*. Setembro de 1946.

———. «O que vai ser em Lisboa a igreja de S. João de Brito – Ouvindo o arquitecto Vasco Regaleira». *Novidades – Letras e Artes*. 26 de Agosto de 1951.

Regamey, Pie-Raymond. «Reconstruire les églises - l'exemple de la Suisse Alémanique». *L'Art Sacré*, nº1-2, Janeiro-Fevereiro de 1947.

Rego, António. «A Igreja e a comunicação social em Portugal». Em *A Igreja e a Cultura Contemporânea em Portugal*, editado por Manuel Braga da Cruz e Natália Correia Guedes, 331–377. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2000.

«Regulamento de construção e restauro de igrejas - Patriarcado de Lisboa». *Arquivo SNIP*, 1964.

Reis, João Braula. «Capela na Rinchoa». *Arquitectura*, nº37, Fevereiro de 1951.

Reis, António dos. «Encontro com José Escada, consagrado artista da pintura moderna». *Flama revista semanal de actualidade*, ano XV, nº580, 17 de Abril de 1959.

Renzi, Renzo. *Dove dio cerca casa*. Itália: Columbus Film, 1955.

Resende, Miguel. «XX Congresso Internacional de Habitação e Urbanismo (Amesterdão, Jan.1951)». *Civitas - Revista da Câmara Municipal do Porto*, ano VII, 2º semestre, 1951.

Ribeiro, António Lopes. *Lisboa de hoje e de amanhã*. Portugal: Lisboa Filme, 1948.

Ribeiro, D. António. «Apelo do Cardeal Patriarca de Lisboa ao Povo de Deus do Patriarcado». Em *Boletim da campanha - novas igrejas do patriarcado*, 1978.

Ribeiro, J. «Breves anotações sobre Arquitectura Religiosa». *A Arquitectura Portuguesa e a Cerâmica e Edificação*, ano XXIX, 3ª série, nº13-14, Abril-Maio de 1936.

Ricca, Agostinho. «Conversas sobre a Escola e Arquitectura (conduzida por Cláudio Ricca e Júlio de Matos, 1975)». Em *Agostinho Ricca - arquitectura, obra, desenho*. Porto: Uzina Books, 2015.

———. «Memória descritiva [Monte da Virgem]». *Arquivo AMG*, Fevereiro de 1964.

———. «Memória descritiva do Ante projecto Igreja Nossa Senhora da Boavista». *Arquivo AR*, 1974.

Richter, Klemens. *Espaços de igrejas e imagens de Igreja*. Gráfica de Coimbra, 2005.

Rocha, António Mendes. «carta dirigida ao presidente da Câmara Municipal de Lisboa». 30 de Maio de 1979.

Rodrigues, Avelino. «O Seminário dos Olivais e a renovação da arte sacra em Portugal». Em *Por caminhos não andados - Seminário dos Olivais 1945-1968*, 153–168. Multinova, 2007.

———. «Renovacion del arte religioso en Portugal». *ARA arte religioso actual, publicacion del Movimiento Arte Sacro*, ano VII, nº 26, Outubro-Dezembro de 1970.

Rodrigues, Elias Cachado. «Memória Descritiva e Justificativa do Projecto Base, Igreja e Centro Paroquial - Centro Cívico de Carnaxide». *Arquivo SNIP*. 20 de Janeiro de 1988.

Rodrigues, Pedro Brandão. *Salazar - Cerejeira a «força» da Igreja*. Editorial Notícias, 2002.

Rosas, Fernando. *Salazar e o poder - a arte de saber durar*. Lisboa: Tinta da China, 2012.

«Ruy de Andrade». *A Hora*, nº55 e 56, 1968.

S

Salão-Capela do centro social da Musgueira - reportagem Raquel Marques Cruz. Portugal: TVI, 2011.

«Salão ou centro paroquial?» *Boletim de Informação Pastoral*, ano V, nº1, Janeiro-Março de 1962.

Salazar, António Oliveira. «O meu depoimento - Palácio da Bolsa, 7 de Janeiro de 1949». Em *Discursos e notas políticas IV 1943-1950*. Coimbra: Coimbra Editora L.da, 1951.

Salgueiro, Teresa Barata. *A Cidade em Portugal. Uma Geografia Urbana*. Porto: Afrontamento, 1992.

San Payo, Nuno. «Centro paroquial da Damaia». *Binário - revista mensal de arquitectura, construção, equipamento*, nº196, Janeiro de 1975.

———. *Um Dia Com o Arquitecto Nuno San Payo*. Portugal: RTP, 1971.

Santos, B. «Os nossos pobres». *Novellae Olivarum - revista dos alunos do seminário de Cristo Rei - Olivais*, ano XII, Julho de 1954.

Santos, José Maya. «A igreja de Pegões». *Boletim - movimento de renovação de arte religiosa*, 1ª série, nº4, Abril de 1958.

Santos, Luís Reis. «Um novo templo em Lisboa». *Panorama - revista portuguesa de arte e turismo*, ano V, nº32-33, 1947.

Santos, Cristóvão dos. «Lisboa cristã prepara o futuro, a nova igreja paroquial de S. Sebastião da Pedreira ficará ao cimo e ao lado do parque Eduardo VII [recorte de imprensa]». *Arquivo SNIP*, 15 de Dezembro de 1967.

Schwarz, Rudolf. *Kirchenbau*. Heidelberg: F. H. Kerle Verlag, 1960.

Seara, Fernando. «Memória descritiva [reconstrução da Capela da Afurada]». *Arquivo ADP*, 14 de Setembro de 1963.

———. *Uma igreja paroquial para Rebordosa, prova CODA*. Porto: ESBAP, 1957.

«Sede Paroquial de Obras e Serviços, ideias gerais de programa». *A Voz do Pastor*, ano XXXVI, nº4, 28 de Janeiro de 1956.

«Seminário Apostólico Pe. Dehon». *A Voz do Pastor*, 24 de Março de 1962.

Sergi, Donato. «Carta dirigida ao SNIP». *Arquivo SNIP*, 15 de Dezembro de 1971.

Sert, Josep Lluís. «Centri per la vita della comunità». Em *Il Cuore della Città: per una vita più umana delle comunità*. Milão: Hoepli, 1954.

«Sessão extraordinária da Câmara Municipal do Porto que prestou homenagem ao falecido presidente e seu motorista [recorte de imprensa]», *Arquivo CCNSPS*, Março 1969.

Silva, António José. «Carta dirigida a Fernando Távora». *Arquivo FIMS-FT*, 6 de Outubro 1967.

Silva, Carlos Nunes. *Política urbana em Lisboa 1926-1974*. Lisboa: Livros Horizonte, 1994.

Silva, D. Florentino de Andrade e. «Carta do Sr. Bispo ao Pe. Leonel (25 de Abril de 1962)». *Tempos e Festas*, nº1, 1962.

Silva, Alfredo Moreira da. «Relatório de estágio». *Espólio Alfredo Moreira da Silva*, Novembro de 1990.

Silva, Fernando Nunes da, e Margarida Pereira. «Ilusões e desilusões das periferias na área Metropolitana de Lisboa». *Sociedade e Território*, nº 5, Novembro de 1986.

Simões, João. «Estudo para o Centro de Caridade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, a construir num terreno, na cidade do porto». *Arquivo CCNSPS*. 2 de Julho de 1959.

«Singeverga, um mosteiro novo que se funda». *Flama revista semanal de actualidade*, ano XV, nº537, 20 de Junho de 1958.

Smith, George Kidder. *Switzerland builds: its native and modern architecture*. London: The Architectural Press, 1950.

Smith, Robert Chester. «A arte barroca de Portugal e do Brasil». *Panorama - revista portuguesa de arte e turismo*, ano VII, nº38, 1949.

SNIP. «A igreja na cidade *Novas Igrejas - boletim trimestral do Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado*», nº1, Janeiro-Março de 1961.

———. «Autorização para encomenda e pagamento de projecto. Tipo Obra: Pojecto-tipo para capela salão». *Arquivo SNIP*, 1969.

———. «A experiência do Padrão da Légua». *Novas Igrejas - boletim trimestral do Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado*. nº2-3, Abril-Setembro de 1961.

———. «A igreja na cidade». *Novas Igrejas - boletim trimestral do Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado*, nº1, Janeiro-Março de 1961.

———. «A Paróquia do SS. Coração de Jesus vai construir uma nova e grande igreja». *Novas Igrejas - boletim trimestral do Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado*, nº2-3, Abril-Setembro de 1961.

———. *Boletim da campanha - novas igrejas do patriarcado*, 1968.

———. *Boletim da campanha - novas igrejas do patriarcado*, 1969.

———. *Boletim da campanha - novas igrejas do patriarcado*, 1971.

———. *Boletim da campanha - novas igrejas do patriarcado*, 1972.

———. *Boletim da campanha - novas igrejas do patriarcado*, 1973.
———. *Boletim da campanha - novas igrejas do patriarcado*, 1974.
———. *Boletim da campanha - novas igrejas do patriarcado*, 1980.
———. «Elucidário para a concepção de igrejas e centros paroquiais (separata)». *Vida Católica - órgão oficial do Patriarcado de Lisboa*. II série, ano III, nº 9, Setembro-Dezembro de 1988.
———. «Elucidário para a concepção de igrejas e centros paroquiais (separata)». *Vida Católica - órgão oficial do Patriarcado de Lisboa*, III série, ano XIV, nº41, Maio-Agosto de 2012.
———. «Exposição ao Conselho Presbiteral». *Arquivo SNIP*, 1 de Julho de 1969.
———. «Formação de comunidades paroquiais». *Novas Igrejas - boletim trimestral do Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado*, nº2-3, Abril-Setembro de 1961.
———. «Igreja e comunidade». *Novas Igrejas - boletim trimestral do Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado*, nº2-3, Abril-Setembro de 1961.
———. «Igrejas para novos tempos». *Arquivo SNIP*, 24 de Janeiro de 1972.
———. *Novas Igrejas - boletim trimestral do SNIP*, nº1, Janeiro-Março de 1961.
———. *Novas Igrejas - boletim trimestral do SNIP*, nº2-3, Abril-Setembro de 1961.
———. *Novas Igrejas - boletim trimestral do SNIP*, nº4, Outubro-Dezembro de 1961.
———. *Novas Igrejas - boletim trimestral do SNIP*, nº5-6, 1962.
———. «Programa de construção de novas igrejas». *Boletim de Informação Pastoral*, ano VIII, nº46-47, Abril-Junho de 1966.
———. «Razão e vantagem das igrejas provisórias». *Novidades*, 9 de Janeiro de 1968.
Soares, Duarte Morais. «ARS – Arquitectos [dissertação]». ESAP Escola Superior Artística do Porto, 2004.
Soares, Mário de Morais. «Memória Descritiva e Justificativa [Senhora do Porto]». *Arquivo ADP*, 13 de Junho de 1967.
Soares, Marisa. «A "igreja-foguetão" de Miraflores vai finalmente levantar voo». *Público*, 30 de Maio de 2015.
Sola-Morales, Ignasi de. «Arquitectura y existencialismo (Outubro de 1991)». Em *Topografia de la arquitectura contemporânea*. Barcelona: Gustavo Gili, 2003.
Soromenho, Ana. «No mundo de Le Corbusier, o arquiteto estrela». *Expresso*, 29 de Agosto de 2015.
Sousa, Agostinho de Jesus de. «Carta de S. Ex.ª Rev.ma o Senhor Bispo do Porto». *Mensageiro do Carvalhido - boletim mensal da paróquia do Carvalhido*, ano I, nº12, Dezembro de 1950.
Sousa, Cardoso de. «Centro de Caridade de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro». *Diário do Norte*, 11 de Novembro de 1969.
Sousa, Eugénio Alves de. «Memória Descritiva e Justificativa [igreja de S. Martinho de Cedofeita]». *Arquivo ADP*. 20 de Janeiro de 1965.
Sterken, Sven. «God Comes Along by Bus. The Chapel Truck Action of the Eastern Priests Relief Organization, 1950-1970». Em *Más allá del edificio sacro: arquitectura y evangelización. Actas del Congreso Internacional de Arquitectura Religiosa Contemporánea 3*, editado por Esteban Fernández Cobián, 96–105, 2013.
Stilwell, Peter. «Lisboa: Capela de centro comercial oferece silêncio entre compras e trabalho». *Agência Ecclesia*, 17 de Março de 2012.
Stock, Wolfgang Jean. *European Church Architecture, 1900-1950*. Prestel Publishing, 2006.
«Straordinaria opera Sociale della Provincia di Lisbona». *Orbis*, nº18, Novembro de 1970.
Strauven, Francis. «Ideas and controversies in Dutch CIAM 1948-53». Em *Aldo van Eyck - The shape of relativity*, 213–237. Amesterdão: Architectura & Natura, 1998.

T

Tamen, Pedro. «Prefácio - O que não parece é». Em *Entre as brumas da memória. Os católicos portugueses e a ditadura*. Porto: Ambar, 2007.
Tavares, Amândio. «Relatório». *Anuário da Universidade do Porto 1946-47*. Porto, 1948.
Távora, Fernando. «['o meu caso'] 1944». Em *Fernando Távora - Prólogo, Minha Casa, Palavra*, editado por Manuel Mendes. Porto: Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva, 2013.
———. «A lição das constantes». *Lusíada - revista ilustrada de cultura*, volume 1, número 2, Novembro de 1952.
———. «Características da arquitectura religiosa meridional - conferência». *Curso de arquitectura sacra, Movimento de Renovação de Arte Religiosa*. 3 de Janeiro de 1958.
———. *Da organização do espaço (1962)*. Porto: FAUP publicações, 1996.
———. *Diário de «bordo» (1960)*. Porto: Associação Casa da Arquitectura, 2012.

———. «Entrevista a Fernando Távora». *Arquitectura*, Setembro-Outubro de 1971.
———. «Memória Descritiva e Justificativa da igreja paroquial São João de Ovar». *Arquivo FIMS-FT*, Janeiro de 1969.
———. «Memória Descritiva e Justificativa da igreja paroquial São João de Ver». *Arquivo FIMS-FT*, Dezembro de 1966.
———. «Memória Descritiva e Justificativa do anteprojecto para a igreja paroquial Senhor dos Mares, Nazaré». *Arquivo FIMS-FT*, Janeiro de 1966.
———. «O Porto e a Arquitectura moderna». *Panorama - revista portuguesa de arte e turismo*, II série, nº4, 1952.
Távora, Fernando (coord.). *Estudo de renovação urbana do Barredo*. Porto: Câmara Municipal do Porto, Maio de 1969.
Teixeira, José Rui. «Leonel Oliveira, presbítero da Igreja [prefácio]». Em *Leonel Oliveira, Duma só coisa quis saber*, 9–15. Maia: Cosmorama Edições, 2013.
Telles, Gonçalo Ribeiro. «O meu primeiro encontro com o Mestre Cristino da Silva». Em Luís Cristino da Silva [arquitecto], 149. Lisboa: FCG - Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão, 1998.
Telmo, Cottinelli. «A arquitectura e as obras públicas». Em *15 Anos de Obras Públicas (1932-1947) – 1º volume*, 27–28. Lisboa: Ministério das Obras Públicas e Comunicações, 1949.
———. «Introdução - arquitectura em Inglaterra». *Arquitectos - revista oficial do sindicato nacional dos arquitectos*, nº14, Setembro de 1942.
Telmo, José Ângelo Cottinelli. «Projecto duma igreja». *A Arquitectura Portuguesa e a Cerâmica e Edificação*, ano XXVI, 4º ano da 2ª série, nº 2, Fevereiro de 1933.
«Templo-Monumento ao Santo Condestável». *Flama revista semanal de actualidade*, ano VIII, nº181, 24 de Agosto de 1951.
Tenreiro, José Pedro. «O grupo ODAM: organização dos arquitectos modernos, a construção do racionalismo portuense. [prova final, FAUP]» Universidade do Porto, 2008.
Terreiro, Álvaro. *Bodas de Ouro da paróquia de São Vicente de Paulo. A caridade evangelizadora tem rosto*. Fábrica da Igreja Paroquial de São Vicente Paulo, 2009.
Tostões, Ana. «"A arquitectura é" ou a afirmação da arquitectura moderna». Em *João Correia Rebelo um arquitecto moderno nos Açores*, 19–28. Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano de Cultura, 2002.
———. «Arquitectura portuguesa do século XX». Em *História da Arte Portuguesa (3º volume)*. Círculo de Leitores, 1995.
———. *Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50*. Porto: FAUP publicações, 1997.
———. *Arquitectura e Cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira*. Lisboa: Quimera, 2004.
Torres, Nuno Pinheiro. *Relatório e Contas de Gerência referentes a 1962*. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1962.
Trebi, Giorgio, e Glauco Gresleri. «Comunicazione degli architetti del Centro di Studio e Informazione pe l'Architettura Sacra di Bologna al Convegno d'Arte Sacra di Basilea». *Arquivo SNIP*, 18-21 de Setembro de 1964.
Tudela, Fernando. *Igreja Paroquial Santo António das Antas [Porto]- prova CODA*. Porto: EBAP,1946.
Tyrwhitt, J. «Il Cuore e la costellazione urbana». Em *Il Cuore della Città: per una vita più umana delle comunità*. Milão: Hoepli, 1954.

U

«Uma obra de solidariedade humana - o centro social do Barredo». *A Voz do Pastor*, ano XLI, nº 40, 28 de Outubro de 1961.
«Um grande dia. A primeira visita pastoral do Senhor Bispo do Porto. A solene inauguração da nossa Casa Paroquial». *Mensageiro do Carvalhido - boletim mensal da paróquia do Carvalhido*, ano III, nº36, Dezembro de 1952.
«Un concours entre Metzger et Baur». *L'Art sacré*, nº1-2, Janeiro-Fevereiro de 1947.
Urbano, Luís. «Entre dois mundos - Arquitectura e Cinema em Portugal, 1959-1974 [tese de doutoramento em Arquitectura, FAUP]». Universidade do Porto, 2014.

V

Valente, José Pulido. *A Minha Arquitectura - O meu plano de urbanização para o país*. Porto: edição de autor, 2015.
Valery, Paul. «Aphorismes». *La Nouvelle Revue Française*, Setembro de 1930.

Varela, Júlia Zurbach. «Celestino Castro: militância, moderno e realismo [prova final FAUP]». Universidade do Porto, 2007.
Varzim, Abel. «Intervenção na Assembleia Nacional nº 71»,. *Diário das Sessões*, 9 de Fevereiro de 1940.
Vasconcelos, Flórido de. «A nova Igreja do Santo Condestável – uma obra impura». *Cidade Nova*, nº5, Maio de 1951, pp. 309–310.
Vechina, Sofia Nunes. «Arquitetura Religiosa de Januário Godinho em Ovar e Válega». *Revista da Faculdade de Letras. Ciências e Técnicas do Património. Porto, vol. IX-XI, 2010-2012*.
Venade, Germano. «Capela-Salão de Marinhais, Memória descritiva», *Arquivo ADS*, 11 de Julho de 1969.
———. «Capela para Moita do Poço, Memória descritiva», *Arquivo ADS,* 15 de Outubro de 1969.
———. «Igreja em Marinhais». *Binário - revista mensal de arquitectura, construção, equipamento*, nº196, Janeiro de 1975.
———. «Memória Descritiva e Justificativa [concurso de esbocetos para a nova Igreja de Olivais-Sul]». *Arquivo SNIP*, Janeiro de 1970.
Venade, Germano, e Pedro Vieira de Almeida. «Capela-Salão Tipo, Marinhais, Memória descritiva (ante-projecto)», *Arquivo ADS,* 5 de Março de 1969.
Vicente, Manuel. «A Macau de Manuel Vicente (conversa com Manuel Graça Dias)». RTP, 2011.
———.«Carta dirigida ao Presidente da Comissão de Construção de Igrejas e Capelas de Olivais Sul, pe. Luís Maria dos Anjos Maurício». *Arquivo SNIP*. 24 de Outubro de 1969.
———. «Memória Descritiva e Justificativa [concurso de esbocetos para a nova Igreja de Olivais-Sul]». *Arquivo SNIP*, Janeiro de 1970.
———. «Processo [concurso de esbocetos para a nova Igreja de Olivais-Sul]». *Arquivo CD-FAUP*, Janeiro de 1970.
Vila, Romero. «As igrejas da Zambézia são evocações das capelas e igreja de Portugal». *Flama revista semanal de actualidade*. ano XIV, nº496, 6 de Setembro de 1957.
———. «Carta dirigida a Octávio Filgueiras». *Espólio OLF*. 27 de Agosto de 1956.

W

Williamson, G. Scott. «L'individuo e la comunità». Em *Il Cuore della Città: per una vita più umana delle comunità*, 30–35. Milão: Hoepli, 1954.
Winninger, Paul. *Construire des églises: les dimensions des paroisses et les contradictions de l'apostolat dans les villes*. Paris: Les Editions du Cerf, 1957.